PATRÍSTICA

SANTO AGOSTINHO

Comentário aos Salmos

(Enarrationes in psalmos)

Salmos 1-50

SANTO AGOSTINHO

COMENTÁRIO AOS SALMOS

(Enarrationes in psalmos)

Salmos 1-50

Índice

APRESENTAÇÃO

Surgiu, pelos anos 40, na Europa, especialmente na França, um movimento de interesse voltado para os antigos escritores cristãos e suas obras conhecidos, tradicionalmente, como "Padres da Igreja", ou "Santos Padres". Esse movimento, liderado por Henri de LUBAC e Jean DANIÉLOU, deu origem à coleção "Sources Chrétiennes", hoje com mais de 300 títulos, alguns dos quais com várias edições. Com o Concílio Vaticano II, ativou-se em toda a Igreja o desejo e a necessidade de renovação da liturgia, da exegese, da espiritualidade e da teologia a partir das fontes primitivas. Surgiu a necessidade de "voltar às fontes" do cristianismo.

No Brasil, em termos de publicação das obras destes autores antigos, pouco se fez. Paulus Editora *procura, agora, preencher este vazio existente em língua portuguesa. Nunca é tarde ou fora de época para se rever as fontes da fé cristã, os fundamentos da doutrina da Igreja, especialmente no sentido de buscar nelas a inspiração atuante, transformadora do presente. Não se propõe uma volta ao passado através da leitura e estudo dos textos primitivos como remédio ao saudosismo. Ao contrário, procura-se oferecer aquilo que constitui as "fontes" do cristianismo para que o leitor as examine, as avalie e colha o essencial, o espírito que as produziu. Cabe ao leitor, portanto, a tarefa do discernimento.* Paulus Editora *quer, assim, oferecer ao público de língua portuguesa, leigos, clérigos, religiosos, aos estudiosos do cristianismo primevo, uma série de títulos, não exaustiva, cuidadosamente traduzidos e preparados, dessa vasta literatura cristã do período patrístico.*

Para não sobrecarregar o texto e retardar a leitura, procurou-se evitar anotações excessivas, as longas introduções estabelecendo paralelismos de versões diferentes, com referências aos empréstimos da literatura pagã, filosófica, religiosa, jurídica, às infindas controvérsias sobre determinados textos e sua autenticidade. Procurou-se fazer com que o resultado desta pesquisa original se traduzisse numa edição despojada, porém, séria.

Cada autor e cada obra terão uma introdução breve com os dados biográficos essenciais do autor e um comentário sucinto dos aspectos literários e do conteúdo da obra suficientes para uma boa compreensão do texto. O que interessa é colocar o leitor diretamente em contato com o texto. O leitor deverá ter em mente as enormes diferenças de gêneros literários, de estilos em que estas obras foram redigidas: cartas, sermões, comentários bíblicos, paráfrases, exortações, disputas com os heréticos, tratados teológicos vazados em esquemas e categorias filosóficas de tendências diversas, hinos litúrgicos. Tudo isso inclui, necessariamente, uma disparidade de tratamento e de esforço na compreensão de um mesmo tema. As constantes, e por vezes longas, citações bíblicas ou simples transcrições de textos escriturísticos, devem-se ao fato que os Padres escreviam suas reflexões sempre com a Bíblia numa das mãos.

Julgamos necessário um esclarecimento a respeito dos termos patrologia, patrística e

padres ou pais da Igreja. O termo patrologia designa, propriamente, o estudo sobre a vida, as obras e a doutrina dos pais da Igreja. Ela se interessa mais pela história antiga incluindo também obras de escritores leigos. Por patrística se entende o estudo da doutrina, as origens dessa doutrina, suas dependências e empréstimos do meio cultural, filosófico e pela evolução do pensamento teológico dos Pais da Igreja. Foi no século XVII que se criou a expressão "teologia patrística" para indicar a doutrina dos Padres da Igreja, distinguindo-a da "teologia bíblica", da "teologia escolástica", da "teologia simbólica" e da "teologia especulativa". Finalmente, "Padre ou Pai da Igreja" se refere a um escritor leigo, sacerdote ou bispo, da antiguidade cristã, considerado pela tradição posterior como testemunho particularmente autorizado da fé. Na tentativa de eliminar as ambiguidades em torno desta expressão, os estudiosos convencionaram em receber como "Pai da Igreja" quem tivesse estas qualificações: ortodoxia de doutrina, santidade de vida, aprovação eclesiástica e antiguidade. Mas, os próprios conceitos de ortodoxia, santidade e antiguidade são ambíguos. Não espere o leitor encontrar neles doutrinas acabadas, buriladas, irrefutáveis. Tudo estava ainda em ebulição, fermentando. O conceito de ortodoxia é, portanto, bastante largo. O mesmo vale para o conceito de santidade. Para o conceito de antiguidade, podemos admitir, sem prejuízo para a compreensão, a opinião de muitos especialistas que estabelece, para o Ocidente, a Igreja Latina, o período que, a partir da geração apostólica, se estende até Isidoro de Sevilha (560-636). Para o Oriente, a Igreja grega, a antiguidade se estende um pouco mais até a morte de s. João Damasceno (675-749).
Os "Pais da Igreja" são, portanto, aqueles que, ao longo dos sete primeiros séculos, foram forjando, construindo e defendendo a fé, a liturgia, a disciplina, os costumes, e os dogmas cristãos, decidindo, assim, os rumos da Igreja. Seus textos se tornaram fontes de discussões, de inspirações, de referências obrigatórias ao longo de toda tradição posterior. O valor dessas obras que agora Paulus Editora *oferece ao público pode ser avaliado neste texto: "Além de sua importância no ambiente eclesiástico, os Padres da Igreja ocupam lugar proeminente na literatura e, particularmente, na literatura greco-romana. São eles os últimos representantes da Antiguidade, cuja arte literária, não raras vezes, brilha nitidamente em suas obras, tendo influenciado todas as literaturas posteriores. Formados pelos melhores mestres da Antiguidade clássica, põem suas palavras e seus escritos a serviço do pensamento cristão. Se excetuarmos algumas obras retóricas de caráter apologético, oratório ou apuradamente epistolar, os Padres, por certo, não queriam ser, em primeira linha, literatos, e sim, arautos da doutrina e moral cristãs. A arte adquirida, não obstante, vem a ser para eles meio para alcançar este fim. (...) Há de se lhes aproximar o leitor com o coração aberto, cheio de boa vontade e bem disposto à verdade cristã. As obras dos Padres se lhe reverterão, assim, em fonte de luz, alegria e edificação espiritual" (*B. Altaner; A. Stuiber, *Patrologia,* S. Paulo, Paulus, 1988, pp. 21-22).

A Editora

INTRODUÇÃO

Numa tradução fiel e redação excelente, *Paulus Editora* apresenta ao público brasileiro e a todos os leitores de língua portuguesa, o *Comentário aos Salmos* (*Enarrationes in psalmos*) de Santo Agostinho. Os salmos têm sido e continuam sendo fonte riquíssima da inspiração de um dos legados bíblicos mais fecundos para a espiritualidade da civilização ocidental. Seu emprego entre os cristãos se constata desde os primórdios, criando uma das tradições mais firmes e inquestionáveis da vida cristã. Talvez o pouco peso do contexto histórico, o refletir os verdadeiros sentimentos humanos de angústia, de alegria, de tristeza, de sofrimento, de abandono ou de triunfo, de vitória, de esperança, tornam os salmos sempre atuais e facilitam sua leitura, compreensão e acomodação tanto na vida pessoal do fiel quanto na vida da comunidade. Essa falta de concretude histórica, a generalidade das emoções, tornam os salmos aplicáveis a uma larga variedade de situações, contribuindo para que sejam fonte inesgotável de inspiração para milhares de gerações, até nossos dias.

1. Os salmos na vida judaica antiga

Os judeus dão aos salmos o nome de *tehillim*, cântico de louvor, ou *tefillot*, preces. Nos LXX, *psalmós* é a tradução de *mizmor*, que significa cântico acompanhado de um instrumento de cordas. *Psalmós*, que se traduziu para o latim tardio por *psalmus*, significa, de fato, "cantar ao som da cítara", vibrar as cordas de um instrumento, tocar um instrumento de cordas. Fora da coleção dos 150 salmos, que forma o "Livro dos Louvores", encontram-se cânticos e hinos semelhantes como em Ex 15,1-19: Hino ao Deus libertador; 1Sm 2,1-10: Oração de Ana, esperança de um reino justo, onde Lucas se inspirou para compor o Magníficat; Is 38,10-20: Cântico de Ezequias, rei de Judá, por ocasião da cura que obteve; Jn 2,3-9: Oração que Jonas dirige a Javé, do ventre do peixe que o havia engolido; Hab 3,2-19: Oração do profeta cheio de esperança na intervenção de Javé.

Nos salmos, Israel canta incessantemente o nome de Javé. O louvor é confissão das grandezas de Deus: o espetáculo da natureza; a atividade divina no mundo e na história; perigos, tentações e alegrias que invadem a vida do justo; a realeza de Javé, a soberania de Deus que rege o mundo e a história de Israel.

Como se vê, os temas que se encontram nesta coletânea de poesia lírica-religiosa do Antigo Testamento são abundantes. Contudo, tradicionalmente, são divididos em quatro categorias principais, conforme o conteúdo e a forma: hinos de exaltação, lamentações individuais ou coletivas, ação de graças e salmos imprecatórios.

Os hinos de exaltação ou salmos de louvor decantam a bondade, a grandeza, a justiça, a força e a ação-presença de Javé na natureza e na história de Israel. Já os salmos de lamentações são destinados para os dias de jejum e de penitência (Sl 44; 60; 74; 79; 80).

São numerosas as lamentações individuais nas quais o poeta-compositor pede a Deus a libertação ou a salvação ou, então, perdão dos pecados. No Templo, o cântico dos salmos acompanha principalmente o sacrifício de louvor, sacrifício pacífico seguido de uma refeição sagrada, muito alegre.
Especialmente a partir da construção do Templo, o louvor aparece ligado à liturgia, à participação viva do povo, alegre, sobretudo por ocasião das festas anuais, da sagração do novo rei, da comemoração de uma vitória. As aclamações traduzem o entusiasmo da assembleia: Amém, Aleluia, os estribilhos "Pois eterno é seu amor", o perfume do incenso, a música e os cânticos. É sem dúvida para fins de louvor cultual que foram compostos numerosos salmos que se encontram nos três grupos tradicionais: o "Pequeno Hallel" (Sl 113 a 118), o "Grande Hallel" (Sl 136), o "Hallel final" (146-150). Compostos também para solenidades do culto, salmo de romaria e de entrada.
Alguns salmos pertencem à literatura sapiencial; outros, como 37 e 73, tratam do problema da retribuição. Contudo, entre os salmos, o que sempre causou estranheza e dificuldades para a interpretação e a adaptação à vida cristã, foram os salmos imprecatórios. Oprimido ou perseguido pelos inimigos, o salmista prorrompe em veementes maldições contra seus adversários (5,11; 7,10.16; 35,4-6, por exemplo), ou contra os inimigos de Israel (79,6.12; 83,10-19; 129,5-8). Dessa forma, os salmos constituem-se na grande síntese dos temas, dos sentimentos e das emoções do povo israelita. Se há uma diversidade de temas, há, por outro lado, uma unidade de estilo poético, de espírito: são o espelho da alma religiosa de Israel com a qual milhares de gerações se identificaram.

2. Autores e tempo de composição

Criou-se o hábito, na Igreja, de se atribuir a autoria dos salmos ao rei Davi. Mas, hoje está demonstrado que o livro dos salmos reúne peças que foram compostas ao longo de setecentos anos; como, então, determinar seus autores? As disciplinas históricas próximas das ciências do homem e da literatura esclarecem os acontecimentos e os ambientes culturais nos quais os salmos tiveram origem. Alguns salmos empregam conceitos arcaicos, pré-monoteístas (89,5-10, por exemplo). Alguns julgam que sua composição ter-se-ia efetuado na época pós-exílica. Outros analistas admitem a possibilidade de existirem salmos pré-israelitas, ulteriormente retocados e readap-tados à fé javista. No Texto Masorético, 73 salmos são atribuídos a Davi, 12 a Asaf, 11 aos filhos de Coré, 1 a Moisés, 1 a Salomão, 1 a Heman e 50 são anônimos.
Se Davi não pode ser tomado como o autor absoluto dos salmos, não se pode negar sua influência sobre este gênero de oração. Davi era conhecido não só como valente guerreiro, mas também como poeta-trovador e músico (cf. 1Sm 16,16-23; 1Cr 23-29; Am 6,5). Além de reorganizar o exército e a administração pública, regularizou o culto, organizou, classificou e estabeleceu funções específicas para o clero e os levitas. Não é difícil, portanto, admitir que tenha composto cânticos para o culto. Dos 73 salmos que lhe são atribuídos, nem todos são propriamente de sua autoria. São-lhe atribuídos à

maneira de patrocínio, de patrono. Alguns salmos são reconhecidos como obra das corporações de profissionais do Templo, especialmente os que se referem ao monte Sião ou ao Templo. Um grande número de salmos foi revisto, completado ou adaptado ao uso litúrgico. Assim, os títulos, diferentes do texto hebraico e nas diversas versões, advêm, provavelmente, dos últimos colecionadores e não dos próprios autores.

3. *Os salmos na vida de santo Agostinho*

A leitura e a meditação dos salmos estiveram presentes na vida de Agostinho desde o início de seu catecumenato. Encontrando certa dificuldade de compreensão na leitura dos textos do profeta Isaías, o bispo de Milão, Ambrósio, indicou-lhe os salmos: "Comuniquei por carta a teu santo bispo Ambrósio os meus erros passados e a minha intenção presente, pedindo-lhe que me sugerisse qual dos teus livros eu deveria de preferência ler, a fim de melhor me preparar para receber tão grande graça. Prescreveu-me a leitura do profeta Isaías (...). Achando, no entanto, incompreensível o início, e julgando fosse todo assim, suspendi a leitura, com a intenção de retomá-la quando estivesse exercitado na palavra do Senhor" (*Conf.* IX, 5,13). "Quanto te invoquei, ó meu Deus, ao ler os salmos de Davi, cânticos de fé, hinos de piedade contrastantes com qualquer sentimento de orgulho, eu, novato ainda no caminho do teu verdadeiro amor, catecúmeno em férias (...). Quantas exclamações me inspirava a leitura desses salmos, e como eles me inflamavam no teu amor! Desejava ardentemente recitá-los, se possível, para todo o mundo, a fim de rebater o orgulho do gênero humano. E, no entanto, são cantados no mundo inteiro, e nada pode furtar-se ao teu calor" (*Conf.* IX, 4,8).
Agostinho encontrava, na leitura dos salmos, as luzes que lhe iluminavam os mistérios divinos, provocavam seus afetos, suas alegrias, suas esperanças de catecúmeno. Desse modo, o *Comentário aos Salmos* será obra de toda a vida de Agostinho. A leitura dos salmos ainda como catecúmeno o cativou e, apenas ordenado sacerdote, começou a expor os salmos sem ordem determinada. Mesmo que não pudesse pregar ao povo, não deixou de escrever um comentário sobre cada um dos salmos; como se sabe, nem todos os comentários foram expostos aos fiéis na forma de sermão. Como pastor, compreendeu bem cedo a utilidade pastoral dos salmos. Esta parece ter sido a norma que o orientou a levar a termo, com enorme esforço e dedicação exclusiva, o comentário, conforme escreve a seu amigo Evódio: "Ditei a exposição de três novos salmos, o 67, 71 e 77, com bastante amplidão. Todos esperam e exigem com afinco os que ainda não ditei nem estudei. Não quero que me afastem desta tarefa e me retardem em qualquer outras questões que me apareçam. Nem sequer quero continuar agora os livros *Sobre a Trindade* que há tempos trago entre as mãos e que ainda não concluí" (*Epist.* 169,1).
Mas a dimensão e o alcance pastoral dos salmos ficam claros neste texto das *Confissões* quando revela as tentações do ouvido: "Ainda agora encontro algum descanso nos cânticos vivificados pelas tuas palavras (...) É verdade que essas melodias exigem não pequeno lugar em seu coração (...) Se aquelas palavras são cantadas assim, nossas almas são impelidas a um fervor de piedade mais devoto e ardente (...). Outras vezes, pelo

contrário, (…) exagerando em precaver-me desse perigo, peco por excessiva severidade, a ponto de querer privar meus ouvidos, e consequentemente os de toda a Igreja, das suas melodias usadas para acompanhar o Saltério de Davi. Nessas condições, me parece mais seguro seguir o costume de Atanásio, bispo de Alexandria: segundo ouvi dizer, ele fazia ler os Salmos com modulação de voz tão discreta, que mais parecia uma recitação que um canto. Todavia, quando me lembro das lágrimas derramadas ao ouvir os cânticos de tua Igreja nos primórdios de minha conversão à fé, e ao sentir-me agora atraído, cantados em voz límpida e modulação apropriada, reconheço de novo a grande utilidade deste costume. Assim oscilo entre o perigo do prazer e a constatação de seus efeitos salutares. (…) Inclino-me a aprovar o costume de cantar na igreja, para que os espíritos mais fracos possam, através do prazer dos ouvidos, elevar-se na devoção" (*Conf.* X, 23, 49.50).

Nesse texto, destacam-se três itens importantes que gostaríamos de apontar. O primeiro diz respeito ao drama interno de Agostinho, que oscilando entre o perigo de ceder às tentações do deleite, transformando o uso litúrgico do cântico dos salmos numa ocasião de pecado, e a eficácia pastoral dessa prática, opta por esta última. O segundo revela o uso já difundido desta prática do cântico dos salmos, fazendo referência à igreja de Alexandria e às decisões do bispo Atanásio que a dirigia. Por fim, o terceiro fala sobre as origens do emprego do cântico pelos fiéis, nos primórdios de sua conversão, na cidade de Milão. De fato, no livro das *Confissões* IX, 7,15, relata a maneira como se introduziu o costume de cantar os salmos e hinos na igreja de Milão, por obra de Ambrósio: "Não havia muito tempo que a igreja de Milão começara a adotar o consolador e edificante costume de celebrar com grande fervor os ritos com o canto dos fiéis, que uniam num só coro as vozes e o coração. (…) A multidão dos fiéis velava na igreja, pronta a morrer com seu bispo (…). Foi então que começou o uso de cantarem hinos e salmos como os orientais, a fim de que os fiéis não se acabrunhassem com o tédio e a tristeza. Esse uso subsiste até hoje e foi imitado pela maior parte das comunidades de fiéis, espalhados por todo mundo".

Dado que o saltério estava entre os livros das Escrituras mais lidos, ao lado dos Evangelhos e das Cartas dos apóstolos, Agostinhho intenciona dar a conhecer aos fiéis que já conheciam as letras dos salmos, o seu sentido espiritual, o que não estava ao alcance de todos. Por isso os fiéis instavam para que ele lhes apresentasse o *Comentário aos Salmos.*

4. *O Comentário aos Salmos*

Ao inciar seu *Comentário aos Salmos,* Agostinho se colocava dentro de uma sólida tradição patrística, pois grande parte dos Padres da Igreja e escritores eclesiásticos haviam elaborado comentários totais ou parciais aos salmos. Orígenes, Atanásio, Basílio, Ambrósio, Gregório de Nissa, Dídimo, Diodoro de Tarso, Teodoro de Mopsuéstia, Eusébio de Cesareia e Jerônimo, para citar os mais conhecidos, dedicaram seu tempo e conhecimentos no comentário aos salmos; nenhum, porém, alcançou o êxito do

comentário de Agostinho.
O *Comentário* nasce no contexto litúrgico, mesmo as partes que foram apenas redigidas e nunca pregadas. É ali que os salmos são lidos, cantados, apreciados, comentados e meditados. Por essa razão, não se encontra no *Comentário* uma elaboração teológica sistemática, mas sente-se nele a fala do pastor, o pregador popular, o catequista. Comentando os salmos, tem ocasião de tocar em todas as grandes questões de seu tempo: teológicas, bíblicas, morais, espirituais. Ao longo do comentário vão surgindo todas as classes da sociedade: o escravo, o bêbado, o bispo, o monge, a virgem. Problemas da vida matrimonial, dos jovens, dos espetáculos, dos clérigos e da vida monástica. A todos quer convencer que se pode ser perfeito no próprio estado em que cada um se encontra, desde que pertencendo a Cristo e aceitando a vontade de Deus. A graça coroará a obra do esforço e do trabalho de cada um. Indica solução para os problemas da fé, para o drama da existência humana: amarrar-se a Cristo, à cruz, meditar as tribulações de Cristo, tomar como bandeira a ressurreição. Esta é a única saída deste vale em que caiu a existência humana.
Assim, o *Comentário* serve para instruir os fiéis, isto é, dar-lhes a inteligência do texto e informá-los de uma problemática bem mais ampla e complexa. Despojado de polêmica, de inspiração inteiramente pastoral, não tem a profundidade das obras dogmáticas e nem sua aridez e dificuldades de compreensão. Ele mesmo reconhece, numa carta a Evódio, que o tratado *Sobre a Trindade* é árido e de proveito para poucos: "Estes escritos dão-me demasiada fadiga, e me imagino que são poucos os que haverão de entendê-los" (*Epist*. 169,1). Poucos leitores serão capazes de acompanhar suas reflexões sobre a Trindade.
No *Comentário aos Salmos,* Agostinho buscava sempre uma passagem paralela nos Evangelhos ou nas Cartas dos Apóstolos à qual fazia referência. Neles, tem ocasião de pôr em prática todas as normas que havia traçado, anteriormente, em sua obra sobre *A doutrina cristã*, para a interpretação das Escrituras.
Sua exegese não é extraordinária. Não vai além dos moldes da exegese de seu tempo, carregada sempre da dupla influência de sua formação escriturística: do maniqueísmo e de Ambrósio. Seus comentários não são, por isso obra de especialista nem dirigidos a especialistas. Agostinho, portanto, não elabora obra de cientista bíblico, mas de pastor que visa diretamente a alimentar o seu rebanho. Sua tarefa consistia em fazer ver, ao homem pecador, desesperançado, filho de um império que ruía, a possibilidade de salvação.
Embora defensor do sentido literal, sabe que isto diz muito pouco ao espírito dos fiéis. Como as Escrituras, especialmente os salmos, devem produzir um efeito espiritual e como tudo no Antigo Testamento era figura, anúncio do Novo, após aclarar o sentido literal do texto, Agostinho desenvolve o sentido espiritual ou figurado dos salmos. Trata mais de afirmar a fé, nutrir a esperança, do que fazer estudos sobre o estilo, o gênero literário, a estrutura dos salmos. O crente que nos salmos geme, sente-se em cativeiro, sente-se perseguido, ameaçado, enfermo, suplica cura, alívio, libertação. Por essa razão, no *Comentário* sobressaem três aspectos que a graça produz no crente: libertação, cura e

deleite. No comentário ao Sl 102, Agostinho sublinha seis benefícios da graça: perdão dos pecados; a cura das enfermidades da alma; a libertação da morte eterna; a coroa da vitória; a satisfação dos desejos de bem e a renovação da juventude; desveste a alma das obras do velho homem e a veste com as do novo.

Mas o que Agostinho destaca com maior frequência é a presença de Cristo nos salmos. Cristo aparece, para ele, em cada salmo. É Cristo quem fala nos salmos. Os textos que não se aplicam diretamente ao Cristo real, cabeça, aplicam-se a seu corpo, a Igreja, a seus membros. Insiste na unidade de Cristo com todos os membros e dos membros entre si. Por isso, para ele, Cristo e a Igreja são uma única realidade, uma só alma, uma só pessoa. É sempre a voz de Cristo que se ouve nos salmos, voz que repercute em seu Corpo, a Igreja, na humanidade redimida.

BIBLIOGRAFIA

APARICIO, A. — GARCIA PAREDES, J.C.R. *Los salmos, oración de la comunidad.* Madrid, Instit. Teol. de Vida Religiosa, 1981.

BODY, E. "Saint Augustin. Les Enarrationes sur les Psaumes", *Revue Augustinienne 3*, 1903, p. 418-436.

CAMPÁNAGA, V. "La doctrina agustiniana de la gracia en los Salmos", *Augustinus* 5, 1960, p. 329-360.

CELLERUELO, L. "San Agustin y la Biblia". Introducción general al vol. 15 de las *Obras de San Agustin*. Madrid, BAC, 1957.

DE BRUYNE, D. "S. Augustin, reviseur de la Bible. II. Psaumes", *Miscellanea Agostiniana II*, Roma, 1931, p. 544-578.

DEÇAMARE, J. "Lorque saint Augustin explique les Psaumes", *La Vie Spirituelle* 82, 1950, p. 115-135.

HUMEAU, G. *Les plus belles homilies de saint Augustin sur les Psaumes,* Paris, 1947.

KANNENGEISSER, C. "Enarratio in psalmum CXVIII: science de la révélation et progrès spiituel", *Recherches Augustiniennes* II, Paris, 1962, p. 359-381.

RONDEAU, M. J. *Les commentaires patristiques du Psautier,* OCA 219, ROMA, 1982.

SALMON, P. "Il testo e l'interpretazione dei salmi al tempo di S. Agostino", *Rivista Biblica 2,* 1954, p. 97-118; 193-219.

SOLMS, E. (org.) *La tradition médite le Psautier chrétien,* Paris, 1973.

WILMART, A. "La tradition des grands ouvrages de S. Augustin IV. Les Enarrationes", *Miscellanea Agostiniana* II, Roma, 1931, p. 295-315.

SALMO 1

COMENTÁRIO

1 [1] “Feliz o homem que não entrou no conselho dos ímpios”. Trata-se de nosso Senhor Jesus Cristo, homem e Senhor[1]. “Feliz o homem que não entrou no conselho dos ímpios”, como o homem terreno, que consentiu na sugestão da mulher, enganada pela serpente, e desobedeceu aos preceitos de Deus. “Não se deteve no caminho dos pecadores”. Cristo, de fato, veio pelo caminho dos pecadores, ao nascer como os pecadores, mas não se deteve, porque não o retiveram as seduções do mundo. “Nem se sentou em cátedra pestífera”. Recusou o reinado terrestre e a soberba, com razão considerada cátedra pestilencial, pois quase não existe quem esteja isento da ambição de dominar e do desejo de glória humana. A peste é epidemia que em larga escala se propaga e atinge a todos, ou quase todos. Em sentido acomodatício, cátedra pestífera representaria antes uma doutrina perniciosa, a corroer como gangrena (2Tm 2,17). Em seguida, observemos a ordem das palavras: “entrou, se deteve, sentou-se”. Entrou quem de Deus se afastou; deteve-se quem se deleitou no pecado; sentou-se o obstinado na soberba, que não retrocedeu enquanto não foi libertado por quem não entrou no conselho dos ímpios, não se deteve no caminho dos pecadores, nem se sentou em cátedra pestífera.

2 [2] “Mas aderiu à lei do Senhor e dia e noite a meditará”. “A lei não é destinada ao justo”, diz o Apóstolo (1Tm 1,9). Difere estar dentro da lei e estar sob a lei. Quem se acha dentro da lei, age conforme a lei; quem esta sob a lei é coagido por ela. O primeiro é livre, o segundo é escravo. Por conseguinte, uma coisa é a lei escrita, imposta ao escravo e outra, a lei apreendida pelo intelecto de quem pode dispensar a letra. “Dia e noite a meditará”, sem interrupção; ou então, por “dia” entende-se a alegria e por “noite” as tribulações. Pois, foi dito: “Abraão exultou por ver o meu dia” (Jo 8,56); e diz-se da tribulação: “Até de noite adverte-me o coração” (Sl 15,7).

3 [3] “Será como a árvore plantada à beira das águas correntes”, isto é, ao lado da própria Sabedoria, que se dignou assumir a natureza humana, para nossa salvação. O próprio homem seria a árvore plantada à beira das águas correntes. Pode-se adotar esta interpretação também para uma passagem de outro salmo: “O rio de Deus encheu-se de água” (Sl 64,20). Talvez se refira ao Espírito Santo, conforme a palavra: “Ele vos batizará com o Espírito Santo” (Mt 3,11). E ainda: “Se alguém tem sede, venha a mim e beba” — (Jo 7,37). E: “Se conhecesses o dom de Deus e quem é que te diz: Dá-me de beber, tu é que lhe pedirias e ele te daria água viva, e quem dela beber, nunca mais terá sede. Pois tornar-se-á nele uma fonte de água que jorra para a vida eterna” (Jo 4,10.13.14). Ou talvez, “à beira das águas correntes”, isto é, os pecados dos povos,

porque no Apocalipse (Ap 17,15), águas significam os povos. Não é absurdo entender por correntes uma queda, referente a delito. A árvore, a saber, nosso Senhor, "produzirá fruto", estabelecerá igrejas, formadas de águas correntes, os povos pecadores, que ele atrai ao caminho, às raízes de sua doutrina. "Em tempo oportuno", depois de glorificado pela ressurreição e ascensão ao céu. Então ele produziu o fruto das Igrejas, após ter enviado o Espírito Santo aos apóstolos, fortificando-lhes a confiança e destinando-os aos povos. "Sua folhagem não murchará", sua palavra não será vã, "toda carne é feno e toda a sua graça como a flor do feno; secou o feno murchou a flor, mas a palavra do Senhor subsiste para sempre" (Is 40,6-8). "Tudo o que fizer há de prosperar", tudo o que aquela árvore produzir. Tudo, frutos e folhas, isto é, obras e palavras.

4 [4] "Bem diversa será a sorte dos ímpios, poeira que o vento carrega da superfície da terra". Terra aqui significa a estabilidade em Deus, de acordo com a palavra: "O Senhor é a porção de minha herança. A minha herança é excelente" (Sl 15,5.6). "Confia no Senhor, segue seus caminhos e ele te exaltará, dando-te a terra" (Sl 36,34). Tal comparação é aduzida porque a terra visível nutre e contém o homem exterior; o mesmo acontece à terra invisível em relação ao homem interior. Da superfície desta terra, o vento carrega o ímpio, quer dizer, a soberba que incha. Dela se precavendo, pede quem se inebriava com a abundância da casa de Deus e bebia da torrente de suas delícias: "Não me pisoteie a soberba" (Sl 35,9.12). A soberba carregou desta terra aquele que asseverou: "Porei meu trono no aquilão, e serei semelhante ao Altíssimo" (Is 14,13.13). Da superfície desta terra o vento carregou também aquele que, tendo consentido e provado do fruto proibido para se tornar como Deus, escondeu-se da face de Deus (Gn 3,6.8). Pode-se entender especialmente ser essa terra relativa ao homem interior, e ter sido o homem de lá expulso por causa da soberba, conforme está escrito: "De que se orgulha quem é terra e cinza, um ser que, vivendo, lança fora as vísceras"? (Eclo 10,9.10) Não é absurdo afirmar que ele mesmo se lançou para fora do lugar de onde fora expulso.

5 [5] "Os ímpios não se levantarão no juízo", porque como a poeira serão carregados da superfície da terra. Com razão se afirma serem os soberbos privados do que ambicionam, o poder de julgar. Torna-se isso mais compreensível na frase seguinte: "Nem os pecadores no conselho dos justos". Costuma-se repetir assim, de modo mais explícito, o que já fora declarado. Pecadores são os ímpios. Acima se encontra: "no juízo". Aqui, "no conselho dos justos". Ou certamente, se ímpios e pecadores não se identificam, porque todo ímpio é pecador, todavia nem todo pecador é ímpio. "Os ímpios não prevalecerão no juízo", quer dizer, ressurgirão, mas não para serem julgados, porque já estão condenados a penas bem determinadas. Os pecadores, porém, não ressurgem na assembleia dos justos para julgar, mas provavelmente para serem julgados, conforme se disse a respeito deles: "O fogo provará o que vale o trabalho de cada um. Se a obra subsistir, o operário receberá uma recompensa. Aquele, porém, cuja obra for queimada perderá a recompensa. Ele mesmo, entretanto, será salvo, mas como que através do fogo" (1Cor 3,13-15).

6 [6] “Porque o Senhor conhece o caminho dos justos”. Como se afirma que a medicina conhece a saúde e não as doenças, embora as doenças sejam descobertas pela arte médica, assim é possível dizer que o Senhor conhece o caminho dos justos e ignora o dos ímpios. O Senhor nada ignora; no entanto, declara aos pecadores: “Nunca vos conheci” (Mt 7,23). Foi dito que “o caminho dos ímpios leva à perdição”, como se dissesse: O Senhor não conhece o caminho dos ímpios. Mas explicitamente se diz que ser ignorado pelo Senhor equivale a perecer, e ser conhecido por ele significa permanecer. O ser relaciona-se com a ciência de Deus, o não ser ao desconhecimento da parte dele, porque o Senhor diz: “Eu sou aquele que é”. E: “Eu sou me enviou até vós” (Ex 3,14).

1 Retract. 5, 18,11

SALMO 2

COMENTÁRIO

1 [1.2] "Por que as nações se agitaram e os povos tramaram em vão? Os reis da terra se sublevaram e os príncipes unidos conspiraram contra o Senhor e o seu Cristo". "Por que" em vez de "em vão". Pois, eles não conseguiram realizar o intento de pôr termo à vida de Cristo. Trata-se dos perseguidores do Senhor, citados também nos Atos dos Apóstolos (At 4,26).

2 [3] "Quebremos suas cadeias e sacudamos o seu jugo". Embora possa ter outro sentido, aplica-se melhor às pessoas das quais se disse que tramaram em vão. "Quebremos suas cadeias e sacudamos o seu jugo". Cuidemos de que a religião cristã não nos prenda nem nos seja imposta.

3 [4] "Rir-se-á deles o que habita nos céus. Deles zombará o Senhor". É repetição. Ao invés de dizer "o que habita nos céus", da segunda vez encontra-se "o Senhor". Em lugar de "rir-se-á" temos "zombará". Não se tomem carnalmente essas expressões, como se Deus se risse, ou zombasse, torcendo a boca ou o nariz. Mas, hão de ser entendidas no sentido da força concedida por Deus a seus santos. Estes, olhando o futuro, isto é, o nome de Cristo e o seu domínio estendido aos vindouros e alcançando todas as gentes, compreendam que aqueles tramaram em vão. Tal capacidade de previsão constitui a irrisão e zombaria da parte de Deus. "Rir-se-á deles o que habita nos céus". Se os céus são as almas santas, por meio delas, Deus, que conhece o futuro, rir-se-á e zombará deles.

4 [5] "Então há de ameaçá-los em sua ira, aterrorizá-los em seu furor". Mostrando mais claramente como lhes falará, declarou: "Aterrorizá-los-á", de modo que "sua ira" seja idêntica a "seu furor". Ira e furor do Senhor não são perturbação da mente e sim força vindicativa, inteiramente justa, pois serve-o submissa toda a criação. Principalmente se considere e mantenha o que consta nos escritos de Salomão: "Senhor poderoso, julgas com tranquilidade, e tudo dispões com grande indulgência" (Sb 12,18). A ira de Deus, portanto, é a comoção da alma, conhecedora da lei de Deus, ao ver o pecador transgredir a mesma lei. Grande é a reivindicação desta comoção das almas justas. Ainda é possível entender a ira de Deus como o próprio obscurecimento da mente dos transgressores da lei de Deus.

5 [6] "Eu, porém, fui por ele constituído rei em Sião, sua montanha santa, para pregar o mandamento do Senhor". Trata-se, evidentemente, da pessoa de nosso Senhor Jesus Cristo. Se conforme a opinião de alguns a palavra Sião significa contemplação, a nada mais devemos aplicá-la do que à Igreja, onde cotidianamente a atenção do espírito se

eleva à contemplação da glória de Deus, segundo diz o Apóstolo: "E nós todos que, com a face descoberta, contemplamos a glória do Senhor (2Cor 3,18). O sentido é, portanto, o seguinte: Eu, porém, fui por ele constituído rei de sua santa Igreja, denominada monte, devido à elevação e à firmeza. "Fui por ele constituído rei", eu cujas cadeias eles pretendiam quebrar e cujo jugo queriam sacudir. "Para pregar o mandamento do Senhor". Quem não o percebe, se isto continuamente acontece?

6 [7] "Disse-me o Senhor: Tu és meu Filho, eu hoje te gerei". Embora pareça a profecia referir-se ao dia do nascimento de Jesus, enquanto homem, no entanto, têm sentido divino as palavras: Eu hoje te gerei, pois "hoje" significa o presente e na eternidade não há passado, como se algo ainda não existisse, mas apenas no presente, porque aquilo que é eterno existe sempre. Por isso, a autêntica fé católica prega a geração eterna do poder e da sabedoria de Deus, que é o Filho unigênito.

7 [8] "Pede-me e dar-te-ei as nações por herança". Isto já no tempo lhe acontece, enquanto homem, que se ofereceu em sacrifício, como substituição de todos os sacrifícios, e que também intercede por nós (Rm 8,34). Assim a palavra pede-me refere-se a toda a economia temporal, realizada em prol do gênero humano, a saber, que as nações se unam sob o nome de cristãs e por conseguinte sejam redimidas da morte e possuídas por Deus. "Dar-te-ei as nações por herança", e possuí-las-ás para a salvação delas e colherás frutos espirituais. "E como propriedade os confins da terra". Repete-se. Confins da terra em vez de nações: mas, com maior clareza, para entendermos todas as nações. A propriedade, porém, chama-se acima herança.

8 [9.10] "Hás de governá-las com cetro de ferro", com justiça inflexível. "E esmigalhá-las qual vaso de argila", isto é, esmagarás as ambições terrenas, as preocupações lamacentas do velho homem, tudo o que do limo do pecado foi contraído e implantado. "Agora, ó reis, entendei". Agora, quer dizer, já renovados, já estraçalhados os revestimentos de barro, isto é, os recipientes carnais do erro, pertencentes à vida passada. Agora entendei. Já sois reis, capazes de reger tudo o que em vós existe de servil e animal, e aptos para a luta, mas não como quem fere o ar, e sim tratando duramente os vossos corpos e reduzindo-os à servidão (1Cor 9,26.27). "Instruí-vos, ó juízes da terra". Nova repetição: "Instruí-vos" em lugar de "entendei"; "ó juízes da terra" em vez de "ó reis". A expressão juízes da terra significa os espirituais. Julgamos o inferior a nós e tudo o que está abaixo do homem espiritual denomina-se, com razão, terra, porque atingido pela nódoa terrena.

9 [11] "Servi ao Senhor com temor", a fim de não se transformar em soberba a interpelação: reis, juízes da terra. "E exultai diante dele com temor". É ótimo o acréscimo: exultai, para não parecer equivalente a infelicidade a frase: "Servi ao Senhor com temor". De outro lado, evitando uma efusão temerária, acrescentou o salmista, "com temor", como precaução e guarda circunspecta da santificação. É ainda possível o sentido seguinte: "Agora, ó reis, entendei", a saber, agora que fui constituído rei, não vos entristeçais, ó reis da terra, como se vos tivesse sido arrebatado um bem próprio. Ao

contrário, entendei e instruí-vos. Ser-vos-á proveitosa a sujeição àquele que vos dá entendimento e instrução. Não vos convém dominar temerariamente; mas servi ao Senhor de todos com temor, e exultai por causa da bem-aventurança segura e genuína, precavidos e bem avisados, para de lá não cairdes pela soberba.

10 [12] "Abraçai a disciplina, para não se irritar o Senhor e não perecerdes no caminho da justiça". É o mesmo que acima: "entendei e instruí-vos". Entender e ser instruído é igual a abraçar a disciplina. No entanto, a locução "abraçai" bem indica certo refúgio e defesa contra tudo o que poderia causar dano, se não se abraçasse com grande cuidado. "Para não se irritar o Senhor" foi dito condicionalmente; não quanto à visão do profeta, que é segura, mas relativamente àqueles que são admoestados; pois se costuma duvidar da ira de Deus quando não claramente revelada. Deviam eles dizer a si mesmos: Abracemos a disciplina para não se irritar o Senhor e não perecermos no caminho da justiça. Acima foi exposto como tomar a expressão: "Não se irritar o Senhor. E não perecerdes no caminho da justiça". Eis o grande castigo, temido por aqueles que prelibaram a doçura da justiça. Quem se desvia do caminho da justiça, há de vagar na maior miséria pelas sendas da iniquidade.

11 [13] "Quando em breve se inflamar a sua cólera, felizes todos os que nele confiam", isto é, quando vier o castigo preparado para os ímpios e pecadores, não atingirá os que confiam no Senhor e ainda lhes será de grande utilidade, instruindo-os e exaltando-os em vista do reino. Não afirmou: "Quando em breve se inflamar a sua cólera, estarão em segurança todos os que nele confiam", como se dissesse apenas que não serão punidos, mas denominou-os felizes. Representa isso o resumo e o cúmulo de todos os bens. A meu ver, em breve, significa algo de repentino, que advirá enquanto os pecadores estiverem pensando que será remoto e em futuro longínquo.

SALMO 3

COMENTÁRIO

1 [1]"Salmo de Davi, quando fugia de seu filho Absalão". A locução: "Adormeci, caí em sono profundo. Despertei porque o Senhor me acolherá" persuade-nos a aplicar este salmo à pessoa de Cristo. De modo mais adequado se refere à paixão e ressurreição do Senhor do que à história de Davi a fugir do filho, em guerra contra ele (2Sm 15,17). Estando escrito a respeito dos discípulos de Cristo: "Os amigos do esposo não jejuam enquanto o esposo está com eles" (Mt 9,15), não é de admirar que esse filho desnaturado represente o discípulo impiedoso que o traiu. Embora seja possível o sentido histórico relativo à fuga de Cristo da presença do traidor, quando havendo Judas saído ele se apartou com os demais para o monte, no entanto, espiritualmente o Filho de Deus, isto é, a virtude e a sabedoria de Deus, abandonou o espírito de Judas e o diabo o invadiu totalmente, conforme está escrito: "O diabo entrou em seu coração" (Jo 13,2). Com razão entende-se ter Cristo fugido dele. Não quer dizer que Cristo cedeu ao diabo, mas quando Cristo se afastou, o diabo se apossou de Judas. Penso que neste salmo seu afastamento se denomina fuga por causa da pressa com que se realizou. A palavra aparece na declaração do Senhor: "Faze depressa o que tens de fazer" (Jo 13,27). Nós também costumamos dizer: Fugiu-me, quando não nos lembramos de alguma coisa; e de um homem muito douto afirmamos: Nada lhe escapa. A verdade, portanto, fugiu da mente de Judas, ao deixar de iluminá-lo. O nome de Absalão na opinião de alguns se traduz por: paz do pai. Pode causar estranheza o significado de paz do pai, seja na história dos Reis, onde vemos Absalão guerreando contra o pai, seja na história do Novo Testamento, pois Judas traiu o Senhor. Mas, lendo com atenção, verifica-se que naquela guerra Davi foi pacífico em relação ao filho, cuja morte chorou com grande dor, exclamando: "Absalão, meu filho, por que não morri eu em teu lugar!" E na história do Novo Testamento, embora estivesse o traidor agitado pela luta interna de um desígnio criminoso, bem se percebe ter nosso Senhor lhe oferecido a paz, por meio daquela tão grande e admirável paciência, com a qual por tanto tempo o suportou, como se fosse homem de bem, apesar de não ignorar seus planos, e quando o admitiu à ceia, onde lhe confiou e entregou aos discípulos o mistério de seu corpo e de seu sangue, e finalmente recebeu um beijo no próprio ato da traição (Mt 26,49). Absalão é paz do pai, porque o pai possuía a paz; ele, não.

2 [2.3] "Senhor, como se multiplicaram os que me afligem!" São tantos que não faltou, nem mesmo do número dos discípulos, quem aumentasse o número dos perseguidores. "Numerosos são os que se insurgem contra mim! São muitos a dizer a minha alma: Para ele não há salvação junto de Deus". É óbvio que não o matariam se não houvessem perdido a esperança de que ele ressuscitaria. Em tal sentido são válidas as palavras: "Se

és Filho de Deus, desce da cruz” (Mt 27,40) e: “A outros salvou, a si mesmo não pode salvar!” (Jo 27,42). Nem Judas, portanto, o trairia, se não fosse do número dos que desprezaram a Cristo, dizendo: “Para ele não há salvação junto de Deus”.

3 4 “Tu, porém, Senhor, és o meu abrigo”. Dirige-se a Deus, enquanto homem, porque o Verbo se fez carne assumindo a natureza humana. “Minha glória”. Declara também que Deus é sua glória, aquela que o Verbo recebeu de tal modo que, com ele, se tornasse Deus. Aprendam os soberbos que não ouvem de bom grado que se lhes pergunte: “Que é que possuis que não tenhas recebido? E, se o recebeste, por que haverias de te ensoberbecer como se não tivesses recebido? (1Cor 4,7). E ergues a minha cabeça”. A meu ver, cabeça é aqui o espírito humano, chamado, com justeza, cabeça da alma, a qual aderiu e se uniu a excelente supereminência do Verbo, que assumira a natureza humana, de tal sorte que não foi deposta nem diante da grande humilhação da paixão.

4 5 “Clamei ao Senhor com minha voz”. Não a voz do corpo, que se emite golpeando ruidosamente o ar, mas a do coração, silenciosa perante os homens, todavia clamorosa diante de Deus. Por meio desta voz Susana foi atendida (Dn 13,44). Com tal voz o próprio Senhor ordenou que se ore de portas fechadas, isto é, no segredo do coração, sem ruído (Mt 6,6). Não é exata a afirmação de que rezamos menos quando nenhuma palavra proferimos corporalmente, porque se rezarmos no coração calados, mas com pensamentos interpostos, alheios ao afeto do orante, ainda não podemos dizer: “Elevei ao Senhor minha voz”. Tem o direito de proferi-lo apenas a alma que, sozinha, e sem levar para a oração nada de carnal e de preocupações materiais, falar ao Senhor lá onde só ele ouve. Isso se chama clamor, devido a sua intensidade. “E ele me ouviu de seu monte santo”. O profeta dá ao Senhor o nome de monte, na passagem onde está escrito que a pedra deslocada, sem intervenção de mão alguma, cresceu até o tamanho de um monte (Dn 2,35). Mas isto não se pode referir a sua pessoa, a menos que tenha querido afirmar: De mim, como de seu monte santo, ouviu-me, desde que habitava em mim, isto é, no próprio monte. Seria, contudo, mais simples e fluente entender que Deus o ouviu por causa de sua justiça; pois era justo que Deus ressuscitasse dos mortos o inocente, ao qual o bem fora retribuído com o mal, e desse aos perseguidores a condigna paga. Lemos, de fato: “A tua justiça é como as montanhas de Deus” (Sl 35,7).

5 6 “Adormeci, caí em sono profundo”. Pode-se observar com acerto ter sido escrito “eu” para denotar ter ele suportado a morte voluntariamente, segundo a palavra: “O Pai me ama, porque dou a minha vida para retomá-la. Ninguém ma arrebata, mas eu a dou livremente. Tenho poder de retomá-la” (Jo 10,17.18). Não fostes vós, disse ele, que me prendestes e matastes contra a minha vontade, mas “eu adormeci, caí em sono profundo. Despertei, porque o Senhor me acolherá”. Inumeráveis passagens das Escrituras trazem sono ao invés de morte, segundo diz também o Apóstolo: “Irmãos, não queremos que ignoreis o que se refere àqueles que adormeceram” (1Ts 4,12). É desnecessário procurar a razão por que se acrescentou “caí em sono profundo”, se já fora dito “adormeci”. As Escrituras empregam tais repetições. Já mostramos muitas no salmo segundo. Alguns

códices trazem "adormeci, dormi", e outros ainda empregam termos diferentes, numa tentativa de traduzir do grego: *egò dé ekoiméthen kaì hípnosa*. A não ser que se conceba o adormecer para o moribundo e o sono para a morte, de tal forma que o adormecer seja a passagem ao sono, como o acordar é a passagem para o estado de vigília. Não julguemos vãos ornamentos de linguagem estas repetições nos livros divinos. Com acerto, portanto, interpreta-se "adormeci, caí em sono profundo" da seguinte maneira: Permiti que me sobreviesse a paixão e se seguisse a morte. "Despertei, porque o Senhor me acolherá". Note-se que numa só frase os verbos estão no pretérito e no futuro, pois disse: "Despertei" no passado, e: "me acolherá", no futuro. Na verdade, eu não ressuscitaria sem aquele apoio. Nas profecias, porém, o futuro se mistura perfeitamente com o passado, para significar ambos, uma vez que as coisas profetizadas, segundo o tempo são futuras; no intelecto dos profetas, contudo, são tidas por realizadas. Mesclam-se igualmente com verbos no presente, os quais, quando ocorrem, serão tratados em seu lugar.

6 [7] "Não temerei a multidão que me cerca". Consta no Evangelho ter sido grande a multidão ao redor do Senhor, padecente e crucificado (Mt 27,39ss). "Ergue-te, Senhor! Salva-me, ó meu Deus"! Não é a um Deus adormecido ou prostrado que se clama: "Ergue-te"! Mas, é costume das Sagradas Escrituras atribuir a Deus aquilo que ele faz em nós, embora não em todas as passagens, e sim onde tal se pode dizer de maneira conveniente. Por exemplo, diz-se que ele fala, quando por sua graça falam os profetas, ou os apóstolos, ou algum pregador da verdade. Daí a palavra: "Procurais uma prova de que é Cristo que fala em mim" (2Cor 13,3). Não declara: Falo quando ele me ilumina e ordena, mas atribui a própria fala àquele por cujo dom falava.

7 [8] "Feriste a todos os que sem motivo me hostilizam". Não se considere uma frase só: "Ergue-te, Senhor! Salva-me, ó meu Deus, porque feriste a todos os que sem motivo me hostilizam". Não o salvou porque feriu os inimigos; ao invés, salvou-o e depois os feriu. Liga-se, portanto, ao que segue, de sorte que o sentido é o seguinte: "Feriste a todos os que sem motivo me hostilizam. Quebraste os dentes aos pecadores", isto é, quebraste os dentes aos pecadores, porque feriste a todos os que me hostilizam. O castigo dos inimigos consistiu em terem os dentes quebrados, quer dizer, as palavras dos pecadores, que dilaceravam com injúrias o Filho de Deus, foram anuladas, reduzidas a pó. Por dentes entendamos as palavras maldizentes, às quais se refere o Apóstolo: "Mas se vos mordeis, cuidado, não aconteça que vos elimineis uns aos outros" (Gl 5,15). É possível também dar a dentes dos pecadores a acepção de príncipes dos pecadores, por cuja autoridade alguém se separa da sociedade dos honestos e se incorpora de certo modo aos que vivem mal. Opostos a tais dentes são os da Igreja, por cuja autoridade os fiéis se apartam do erro dos gentios e de várias seitas e se transferem para a Igreja, Corpo de Cristo. Com estes dentes, Pedro recebeu a ordem de comer dos animais imolados (At 10,13), isto é, de matar nos gentios o que eles eram e transformá-los no que era o próprio Pedro. Destes dentes da Igreja se disse: "Teus dentes são como um rebanho tosquiado que sobe do lavadouro, cada ovelha com seus gêmeos, nenhuma delas sem

cria" (Ct 4,2; 6,5). São os que mandam com retidão e vivem conforme o que ordenam; praticam o preceito: "Brilhem vossas obras diante dos homens, para que glorifiquem vosso Pai que está nos céus" (Mt 5,16). Impressionados pela autoridade daqueles, por cujo intermédio Deus fala e opera, os homens acreditam; separados do século, ao qual se haviam conformado, passam a ser membros da Igreja. Com razão, esses intermediários chamam-se dentes semelhantes a ovelhas tosquiadas: largaram o peso das preocupações terrenas e subindo do lavadouro, da ablução das imundícies do século, pelo sacramento do batismo, dão à luz gêmeos. Praticam, efetivamente, os dois preceitos, dos quais se afirmou: "Desses dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas" (Mt 22,40), amando a Deus de todo o coração, de toda a alma e de todo o espírito, e ao próximo como a si mesmos. Entre eles não existe estéril, visto produzirem tais frutos para Deus. Neste sentido se entende: "Quebraste os dentes aos pecadores", a saber, aniquilaste os príncipes dos pecadores, ferindo a todos os que me hostilizavam sem motivo. Segundo a narrativa evangélica, perseguiram-no os príncipes, enquanto a multidão de posição inferior o honrava.

8 [9] "Do Senhor vem a salvação. Sobre o teu povo, a tua bênção". Em uma só sentença mostrou aos homens o que devem crer e orou pelos fiéis; pois ao asseverar "do Senhor vem a salvação", dirige-se aos homens. Se prossegue: "Sobre o teu povo, a tua bênção", não se refere tudo aos homens, mas se volta para o próprio Deus, em favor do povo ao qual foi afirmado: "do Senhor vem a salvação". Disse, portanto, apenas o seguinte: Ninguém presuma de si mesmo, porque a salvação da morte do pecado provém do Senhor; pois, "Infeliz de mim! Quem me libertará deste corpo de morte? A graça de Deus, por Jesus Cristo, Senhor nosso (Rm 7,24.25). Tu, porém, Senhor, abençoa o teu povo, que de ti espera a salvação.

9 Este salmo é aplicável ainda à pessoa de Cristo de outro modo, isto é, que fala como um todo. Todo, digo, com o Corpo do qual ele é a Cabeça, segundo a palavra do Apóstolo: "Vós sois o corpo de Cristo e sois os seus membros" (1Cor 12,27); portanto, ele é a Cabeça deste corpo. Por esta razão, diz o Apóstolo em outra passagem: "Seguindo a verdade em amor, cresceremos em tudo em direção àquele que é a Cabeça, Cristo. É por ele que todo o corpo é coordenado e unido" (Ef 4,15.16). Falam pois, segundo o Profeta, simultaneamente a Igreja e sua Cabeça, no meio das procelas das perseguições em todo o orbe da terra, conforme sabemos já haver acontecido: "Como, Senhor, se multiplicaram os que me afligem! Numerosos os que se insurgem contra mim!" querendo exterminar o nome dos cristãos. "São muitos a dizer a minha alma: Para ele não há salvação junto de Deus". Não contariam arruinar a Igreja, largamente difundida, se acreditassem estar ela sob os cuidados de Deus. "Tu, porém, Senhor, és o meu abrigo", a saber, em Cristo. Pois, naquela natureza humana também a Igreja foi assumida pelo Verbo, que se fez carne, e habitou entre nós (Jo 1,14). Também nos fez sentar com ele nos céus (Ef 2,6). A Cabeça precede, seguem-se os demais membros. "Quem nos separará do amor de Cristo" (Rm 8,25)? Com toda razão exclama igualmente a Igreja: "Tu és o meu abrigo, a minha glória". Não atribui a si mesma a exaltação,

sabendo donde lhe provém tal graça e misericórdia. “E ergues a minha cabeça”, a saber, aquele que, sendo o primogênito dentre os mortos, subiu ao céu. “Elevei a minha voz ao Senhor e ele me ouviu de seu monte santo”. Eis a oração de todos os santos, odor suave que sobe à presença do Senhor. A Igreja, portanto, já é ouvida do próprio monte, que é ainda a sua Cabeça; ou por aquela justiça de Deus, que liberta os seus eleitos e pune os perseguidores deles. Fale igualmente o povo de Deus: “Adormeci, caí em sono profundo. Despertei, porque o senhor me acolherá”, para se unir e aderir a sua Cabeça. Este povo foi interpelado: “Ó tu, que dormes, desperta e levanta-te de entre os mortos, que Cristo te tocará” (Ef 5,14)[1], porque foi tirado do meio dos pecadores, sobre os quais foi dito, em geral: “Quem dorme, dorme de noite” (1Ts 5,7). Prossiga ainda: “Não temerei a multidão que me cerca”, os povos sitiantes, para extinguir, se possível, o nome de cristão. Mas como serão temidos, se o sangue dos mártires em Cristo é óleo que inflama o ardor da caridade? “Ergue-te, Senhor! Salva-me, ó meu Deus”! É o que o corpo pode dizer à Cabeça. O povo se salvou quando a Cabeça se ergueu, subiu ao alto, levou consigo os cativos, distribuiu dons aos homens (Sl 67,19). Afirma-o o Profeta, visando à predestinação, enquanto a messe madura mencionada no Evangelho (Mt 9,37) fez descer nosso Senhor à terra. A salvação desta messe se encontra na ressurreição daquele que por nós se dignou morrer. “Feriste a todos os que sem motivo me hostilizam. Quebraste os dentes aos pecadores”. Já está reinando a Igreja. Os inimigos do nome de cristão foram cobertos de vergonha e estão reduzidas a nada as suas maldições, o seu principado. Acreditai, portanto, ó homens. “Do Senhor vem a salvação. E” tu, Senhor, “faze descer a tua bênção sobre o teu povo”.

10 Cada um de nós também pode dizer, quando a multidão dos vícios e desejos arrasta, sob a lei do pecado, a mente que resiste: “Senhor, como se multiplicaram os que me afligem. Numerosos os que se insurgem contra mim!” Visto que, muitas vezes, devido ao acúmulo de vícios, insinua-se a desesperança da cura, como se os próprios vícios assaltassem a alma, ou ainda agissem também o diabo e seus anjos, com más sugestões, para desesperarmos, é bem verdade que “são muitos a dizer a minha alma: Para ele não há salvação junto de Deus. Tu, porém, Senhor, és o meu abrigo”. A esperança reside em que o Senhor se dignou assumir a natureza humana em Cristo. “A minha glória”, segundo a norma de que ninguém atribua a si mesmo coisa alguma. “E ergues a minha cabeça”. Seja a Cabeça de todos nós, ou o espírito de cada um, que serve de cabeça à alma e à carne. “Pois, a cabeça de todo o homem é Cristo, a cabeça da mulher é o homem” (1Cor 11,3). A mente é exaltada, se lhe é já possível afirmar: “Pela razão sirvo à lei de Deus” (Rm 7,25), de maneira que as outras partes do homem pacificadas se submetam, quando pela ressurreição da carne, a morte for absorvida na vitória (1Cor 15,54). “Elevei a minha voz, clamei ao Senhor”, com aquela voz íntima, muito intensa. “E ele me ouviu de seu monte santo”, daquele monte pelo qual nos socorre, por cuja mediação ele nos atende. “Adormeci, caí em sono profundo. Despertei, porque o Senhor me acolherá”. Qual o fiel que assim não se pode expressar, lembrado da morte causada por seus pecados e do dom da regeneração? “Não temerei a multidão que me cerca”.

Além das tribulações que a Igreja em geral suportou e suporta, cada qual tem as suas tentações, e quando se vê cercado por elas exclama: “Ergue-te, Senhor! Salva-me, meu Deus!” isto é, faze com que me levante. “Feriste a todos os que sem motivo me hostilizam”. Com acerto se afirma a respeito da predestinação que o diabo e seus anjos se enfurecem não só contra todo o corpo de Cristo, mas ainda contra cada um em particular. “Quebraste os dentes aos pecadores”. Todo homem tem seus caluniadores e instigadores de vícios, empenhados em amputá-lo do Corpo de Cristo. “Mas do Senhor vem a salvação”. Precavido contra a soberba diga ele: “A minha alma aderiu a ti” (Sl 62,9). “Sobre o teu povo, a tua bênção”, isto é, sobre cada um de nós.

1 Em vez de (iluminará) Sto. Agostinho lia (tocará) (N. dos Maurinos)

SALMO 4

COMENTÁRIO

1 [1] "Para o fim. Salmo. Cântico de Davi". "A finalidade da lei é Cristo para a justificação de todo o que crê" (Rm 10,4). "Fim", aqui, siginifica perfeição, não aniquilamento. É viável a pergunta se todo cântico é salmo, ou se qualquer salmo é cântico, ou ainda se existem cânticos que não devam ser denominados salmos e salmos aos quais não convém o nome de cânticos. Mas, verifique-se nas Escrituras se cânticos não indicariam alegria, enquanto salmos seriam as composições acompanhadas ao saltério. Narra a história ter o profeta Davi utilizado o saltério (1Cor 13,8 e 16,5), no grande mistério do culto. Não seria oportuno agora dissertar sobre a questão, que exige diuturna pesquisa e longa discussão. Por enquanto vejamos este salmo como palavras do homem-Senhor, após a ressurreição, ou na Igreja, do homem que nele crê e espera.

2 [2] "Ao invocá-lo, ouviu-me Deus, minha justiça". Ao invocá-lo, ouviu-me Deus, do qual procede a minha justiça. "Na tribulação, puseste-me ao largo". Das angústias da tristeza conduziste-me à amplidão das alegrias. "Tribulação e angústia para todo aquele que pratica o mal" (Rm 2,9). Mas quem declara: "Nós nos gloriamos também nas tribulações, sabendo que a tribulação produz a perseverança", até o trecho: "Porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado" (Rm 5,3.5), não sente angústia no coração, embora os perseguidores a incutam de fora. Se a mudança de pessoa: da terceira, "ouviu", imediatamente à segunda, "me dilataste", não foi introduzida para variar e suavizar as expressões, acho estranho que primeiro pareça indicar aos homens que foi ouvido e só depois fazer exigências àquele que o atendeu. A não ser que, após ter declarado como foi ouvido, pelo alívio que teve no coração, preferiu falar com Deus. Deste modo mostrou o que é alívio para o coração, a saber, já ter a Deus infuso em seu coração. Com ele fala em seu íntimo. Isto bem se aplica àquele que, acreditando em Cristo, foi iluminado. Não vejo, porém, como possa convir ao homem-Senhor, assumido pela Sabedoria de Deus, pois não foi em tempo algum abandonado por ela. Mas, como a sua própria súplica é antes indício de nossa fraqueza, assim deste repentino alívio do coração pode o mesmo Senhor falar em lugar dos fiéis, cujas vezes ele fez também quando disse: "Tive fome e não me destes de comer, tive sede e não me destes de beber" (Mt 25,35) etc. Por isso, igualmente, pode dizer aqui, "me dilataste", em lugar de um dos pequeninos que são seus, dirigindo-se a Deus, cuja caridade foi difundida em seu coração pelo Espírito Santo, que nos foi dado. "Compadece-te de mim, e ouve a minha oração". Por que roga novamente, se já declarou que foi ouvido e aliviado? Será por nossa causa, uma vez que foi declarado: "E se esperamos o que não vemos, é na perseverança que o aguardamos" (Rm 8,25), ou para que se complete no fiel o que foi começado?

3 [3] “Filhos dos homens, até quando tereis o coração empedernido?” Se ao menos só até o advento do Filho de Deus perdurasse o vosso erro. Por que depois ainda tendes o coração empedernido? Quando haveis de pôr termo às mentiras, se mesmo na presença da verdade não o conseguis? “Por que amais a ilusão e procurais a mentira?” Por que buscais a felicidade em futilidades? Só a verdade, que torna verdadeiras todas as coisas, faz-nos felizes. A vaidade é dos frívolos, e tudo é vaidade. Que proveito tira o homem de todo o trabalho com que se afadiga debaixo do sol? (Ecl 1,2.3). Por que vos deterdes no amor às coisas temporais? Qual o motivo de irdes atrás de coisas ínfimas, isto é, de vaidade e mentira, como se fossem o principal? Desejais que permaneçam convosco todas essas coisas que passam como sombras.

4 [4] “E compreendei que o Senhor fez maravilhas em seu santo”. Qual santo senão aquele que Deus ressuscitou da região dos mortos e colocou no céu à sua direita? O gênero humano é convidado a “finalmente” se converter do amor deste mundo para o Senhor. Se alguém ficar intrigado com o acréscimo da conjunção “e” ao verbo “compreendei”, não lhe será difícil descobrir nas Escrituras a frequência desta espécie de locução na língua em que os profetas falaram. Muitas vezes se encontra este início: E o Senhor lhe falou. E foi-lhe dirigida a palavra do Senhor. Se a sentença anterior não se liga à subsequente, a conjunção talvez insinue de modo admirável que a enunciação da verdade pela voz se une à visão do coração. A frase anterior “Por que amais a ilusão e procurais a mentira?” poderia equivaler a: Não ameis a vaidade nem busqueis a mentira. Dito isso, segue-se com plena exatidão: “E compreendei que o Senhor fez maravilhas em seu santo”. Mas a interposição do “diapsalma” impede a junção desta frase com a anterior.
“Diapsalma” pode vir do hebraico, conforme opinião de alguns, e significa: faça-se; ou do grego, e marca intervalo na salmodia. Denomina-se salmo o que é cantado, e diapsalma, a pausa na salmodia. Como simpsalma significa a união das vozes no canto, diapsalma representaria a separação entre elas, certa pausa, interrupção. Seja isso, aquilo ou ainda outra coisa, há muita probabilidade de que onde se achar intercalado o diapsalma não se deve continuar, nem unir o sentido.

5 “O Senhor me ouvirá, quando a ele clamar”. Creio tratar-se de uma exortação a implorarmos o auxílio de Deus com grande ardor do coração, com clamor íntimo e espiritual. É mister congratular-nos com as luzes recebidas nesta vida; e cabe-nos suplicar o repouso depois dela. Por isso, quer se aplique ao fiel evangelizador, quer ao próprio Senhor, entenda-se: O Senhor vos ouvirá quando a ele clamardes.

6 [5] “Irai-vos e não pequeis”. É possível ocorrer a pergunta: Quem será digno de ser ouvido, ou como não clamará o pecador em vão ao Senhor? Por isso diz o salmista: “Irai-vos e não pequeis”. Há dois modos de se entender isso. Ou: Mesmo se vos irardes, não pequeis, isto é, apesar de surgir a emoção, que não está em vosso poder em consequência do pecado, ao menos a razão e o espírito não consintam, eles que foram regenerados interiormente segundo Deus, de modo que pela mente sirvamos à lei de

Deus, se ainda pela carne servimos à lei do pecado (Rm 7,26). Ou então: Fazei penitência, isto é, irai-vos contra vós mesmos por causa dos pecados passados e doravante deixai de pecar. "O que dizeis em vossos corações". Subentende-se: Dizei-o, de sorte que a frase integral seria: O que dizeis, proferi-o em vossos corações, isto é, não sejais o povo do qual se afirmou: "Honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim (Is 29,13). Tende compunção em vossos leitos". É repetição do que foi dito supra: "Em vossos corações". São os aposentos, dentro dos quais o Senhor nos exorta a orarmos com as portas fechadas (Mt 6,6). "Tende compunção", porém, ou se refere à dor da penitência, de sorte que a alma, castigando-se a si mesma, se arrependa a fim de não ser condenada no juízo de Deus e atormentada, ou é relativo ao despertar e usa de um estímulo para vermos bem despertos a luz de Cristo. Alguns, todavia, preferem a leitura: "abri-vos" e não: "arrependei-vos", porque no saltério grego acha-se *katanoígete*, em referência à abertura do coração necessária para se receber a efusão da caridade, realizada pelo Espírito Santo.

7 [6] "Oferecei um sacrifício de justiça e esperai no Senhor". A mesma coisa encontra-se em outro salmo: "Sacrifício a Deus é o espírito contrito" (Sl 50,10). Não é absurdo considerar aqui sacrifício de justiça o efetuado através da penitência. Que de mais justo do que aborrecer antes os próprios pecados do que os alheios, e castigando-se a si mesmo, sacrificar-se a Deus? Ou sacrifício de justiça seriam as obras justas depois da penitência? Pois o "diapsalma" intercalado talvez insinue com justeza a passagem de uma vida velha a uma vida nova, de tal maneira que extinto ou enfraquecido pela penitência o velho homem, se ofereça a Deus um sacrifício de justiça, segundo a regeneração do homem novo, quando a própria alma, já purificada, a si mesma se oferta e coloca sobre o altar da fé, para ser consumida pelo fogo divino, o Espírito Santo. O sentido seria então: "Oferecei um sacrifício de justiça e esperai no Senhor", isto é, vivei com retidão e esperai o dom do Espírito Santo, a fim de que a verdade, na qual acreditastes, vos ilumine.

8 [7] Mas, "esperai no Senhor" é frase incompleta. O que se espera senão os bens? Cada qual deseja obter de Deus o bem que ama; é difícil, contudo, encontrar quem ame os bens interiores, pertencentes ao homem interior, únicos dignos de serem amados; e os demais devem ser utilizados segundo a necessidade e não por prazer. Por isso, o salmista tendo dito admiravelmente: "Esperai no Senhor", acrescentou: Muitos dizem: "Quem nos dará a felicidade?" Tal palavra, tal interrogação é de todos os dias da parte dos estultos e maus. Ou é dos desejosos da paz e tranquilidade da vida no século, que não as encontram por causa da perversidade do gênero humano; em sua cegueira ousam acusar a ordem do universo, enquanto envolvidos no que merecem, julgam os tempos atuais piores do que os passados. Ou é dos ainda hesitantes ou desesperados em relação à vida futura, a nós prometida, que dizem muitas vezes: Quem sabe se é verdade, ou quem voltou dos infernos para contar essas coisas? Esplêndida e brevemente mostrou o salmista, mas somente aos que veem interiormente, quais os bens desejáveis, respondendo à interrogação: "Quem nos dará a felicidade? Está assinalada em nós,

Senhor, a luz de tua face". Esta luz constitui o bem total e verdadeiro do homem, vista não com os olhos, mas com o intelecto. "Assinalada em nós". Como o cenário é cunhado com a efígie do rei, o homem foi feito à imagem e semelhança de Deus (Gn 1,26), mas pecando corrompeu-a. É, portanto, seu bem verdadeiro e eterno ser assinalado, ao renascer. Conforme a opinião prudente de alguns, penso que foi por isto que o Senhor, tendo observado a moeda de César, disse: "Dai a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus" (Mt 22,21), como se quisesse declarar: César exige de vós o cunho de sua imagem; o mesmo reclama Deus. Como se restitui a moeda a César, se restitua a Deus a alma iluminada e assinalada pela luz de sua face. "Tu me deste alegria ao coração". Por conseguinte, aqueles que ainda têm o coração empedernido, amam a vaidade e procuram a mentira, não busquem a alegria fora de si, e sim no interior, onde está assinalada a luz da face de Deus. Cristo habita no homem interior (Ef 3,17), diz o Apóstolo. A esse homem cabe a verdade, pois Cristo afirmou: "Eu sou a Verdade" (Jo 14,6). E ao falar Cristo no Apóstolo, que perguntava: "Procurais uma prova de que é Cristo que fala em mim?" (2Cor 13,3), não se dirigia a ele exteriormente, mas no próprio coração, a saber, naquele recinto onde se deve orar (cf. Mt 6,6).

9 [8.9] Os homens, certamente muito numerosos, que andam à busca de bens temporais, apenas souberam dizer: "Quem nos dará a felicidade?" porque não sabem ver os bens verdadeiros e certos dentro de si mesmos. Por conseguinte, ainda se diz a seu respeito: "No tempo de seu trigo, vinho e óleo se multiplicaram". Não é supérfluo o acréscimo da palavra "seu". Há também um trigo de Deus, na verdade, o pão vivo descido do céu (Jo 6,51); existe igualmente um vinho de Deus, pois "inebriar-se-ão na abundância de tua casa" (Sl 35,9). Existe ainda um óleo de Deus, do qual se disse: "Ungiste com óleo a minha cabeça" (Sl 22,5). Todavia, os muitos que dizem: "Quem nos dará a felicidade?" e não veem o reino dos céus dentro de si mesmos (Lc 17,21), "no tempo de seu trigo, vinho e óleo se multiplicaram". Multiplicação nem sempre significa abundância. Por vezes significa penúria. A alma entregue aos prazeres temporais arde de desejos insaciáveis e dissipada em inúmeros e atribulados pensamentos, acha-se impedida de ver o bem em sua simplicidade. Assim acontece à alma da qual se diz: "Um corpo corruptível pesa sobre a alma — tenda de argila — oprime a mente pensativa" (Sb 9,15). Esta alma, pelas vicissitudes dos bens temporais, isto é, no tempo de seu trigo, vinho e óleo, cheia de inumeráveis fantasias, sente-se de tal modo dispersa que fica impossibilitada de praticar o preceito: "Pensai no Senhor com retidão, procurai-o com simplicidade de coração" (ib. 1,1). Tal dispersão opõe-se diametralmente àquela simplicidade. Por isso, deixando de lado tantos homens, dissipados devido à ambição dos bens temporais, que perguntam: "Quem nos dará a felicidade?", felicidade esta que não há de ser procurada exteriormente com os olhos e sim no íntimo do coração simples, o fiel exultante profere: "Em paz, logo adormecerei e descansarei em profundo sono". Destes espera-se, com razão, afastamento espiritual completo das coisas passageiras e esquecimento das misérias deste mundo, significadas de maneira conveniente e profética com os termos adormecer e sono, lá onde a paz suprema não é interrompida por tumulto

algum. Tal meta não se alcança nesta vida, mas na outra. Mostram-no os próprios verbos no futuro. Não se disse: Adormeci e dormi profundamente, ou: Adormeci e durmo profundamente, e sim: “Adormecerei e descansarei em profundo sono”. Então este corpo corruptível se revestirá de incorruptibilidade, e este corpo mortal estará revestido da imortalidade; então a morte será absorvida pela vitória (1Cor 15,54). Daí se declarar: “E se esperamos o que não vemos, é na perseverança que o aguardamos” (8,25).

10 [10] Por isso, se acrescenta no final com toda conveniência: “Por que tu, Senhor, de modo singular me firmaste na esperança”. Não disse: firmarás, mas “firmaste”. Para quem já possui tal esperança, virá sem dúvida também o que se espera. E com justeza se afirma: “de modo singular”. Provavelmente tais palavras foram aduzidas contra os muitos que no tempo de seu trigo e óleo dizem: “Quem nos dará a felicidade?” Desaparece esta multiplicidade e subsiste a unidade entre os santos de que falam os Atos dos Apóstolos: “A multidão dos fiéis era um só coração e uma só alma” (At 4,32). Devemos, portanto, chegar à unidade e ser simples, isto é, separados da multidão e da turba das coisas que nascem e morrem, ser amantes da eternidade e da unidade, se queremos aderir ao nosso único Deus e Senhor.

SALMO 5

COMENTÁRIO

1 [1] O salmo intitula-se: “Em favor daquela que recebe a herança”. Entende-se ser, portanto, a Igreja, que recebe a herança da vida eterna, por nosso Senhor Jesus Cristo, a fim de possuir o próprio Deus. Aderindo a ele torna-se bem-aventurada, segundo a palavra: “Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra” (Mt 5,5). Que terra, senão aquela da qual se diz: “Tu és meu abrigo, minha herança na terra dos vivos” (Sl 141,6). Ou a passagem ainda mais clara: “O Senhor é a porção de minha herança e de meu cálice” (Sl 15,5). A Igreja, por sua vez, chama-se herança de Deus, segundo a palavra: “Pede-me e dar-te-ei as nações por herança” (Sl 2,8). Deus é, portanto, denominado nossa herança, porque ele nos alimenta e mantém. E nós somos chamados herança de Deus, porque ele nos administra e governa. Neste salmo, por este motivo, encontra-se a voz da Igreja, chamada a herança, para se tornar ela mesma herança do Senhor.

2 [2] “Escuta, ó Senhor, minhas palavras”. Aquela que é chamada invoca o Senhor, para que auxiliada, por ele, vá além da maldade deste século e chegue até ele. “Entende o meu clamor”. Mostra muito bem qual é este clamor, que chega a Deus do íntimo do coração, sem ruído material; pois a voz corporal é ouvida, a espiritual, porém, é entendida. Este é também o modo de Deus ouvir, não com ouvido carnal, mas pela presença de sua majestade.

3 [3] “Fica atento à voz de minha prece”, voz suplicante a Deus, para que a escute. O salmista já insinuará qual é, dizendo: “Entende o meu clamor. Fica atento à voz de minha prece, meu rei e meu Deus”. O Filho é Deus, o Pai é Deus, e o Pai e o Filho simultaneamente são um só Deus; e se interrogarmos a respeito do Espírito, só obteremos a resposta de que é Deus. Se nomearmos juntos o Pai e o Filho e o Espírito Santo, não entendamos senão um só Deus. No entanto, a Escritura costuma dar ao Filho o nome de rei. Segundo, pois, a palavra: “Por mim se vai ao Pai” (Jo 14,6), com acerto se diz primeiro: “meu rei”, e em seguida: “meu Deus”. Também não disse: Ficai atentos, mas: “Fica atento”. A fé católica não anuncia dois ou três deuses, e sim a Trindade, um só Deus; nem que a mesma Trindade possa uma vez ser o Pai, outra o Filho, outra o Espírito Santo, como Sabélio opinou; mas, que o Pai é só Pai, o Filho é só Filho e o Espírito Santo é só Espírito Santo, e esta Trindade é um só Deus. Quando o Apóstolo dizia: “Tudo é dele, e por ele e para ele” (Rm 11,36), acredita-se que aludia à própria Trindade. E não acrescentou: A eles a glória, e sim: “A ele a glória”.

4 [4] “Senhor, implorar-te-ei. Desde a manhã ouvirás minha voz”. O que ele quer dizer? Acima pediu: “ouve”, como se desejasse ser ouvido no presente, e agora afirma: “desde

a manhã ouvirás” e não: ouves. E também: “implorar-te-ei” e não: eu te imploro; em seguida, igualmente: “de manhã estarei de pé diante de ti e verei” e não: estou e vejo. A menos que sua oração anterior mostre o que invoca. Às escuras, no meio das procelas deste século, sente que não vê aquilo que deseja, e no entanto não desiste de esperar. “Ver o que se espera, não é esperar” (Rm 8,24). Sabe, contudo, por que razão não vê. A noite ainda não passou, isto é, as trevas em consequência dos pecados. Diz, portanto, “Senhor, implorar-te-ei”, por seres tu, a quem imploro, tão grande, “de manhã ouvirás minha voz”. Impossível seres visto por aqueles perante cujos olhos ainda não terminou a noite dos pecados. Passada a noite de meu erro, e dissipadas as trevas ocasionadas por meus pecados, ouvirás a minha voz. Por que acima não disse: ouvirás, e sim “ouve?” Será que depois de ter clamado: “ouve” e não ter sido atendida, sentiu o que precisa superar para ter a possibilidade de ser ouvida? Ou acima foi ouvida, mas ela não percebe ainda que foi atendida, por não ver quem a atendeu; e se agora diz: “de manhã ouvirás”, quis dizer: de manhã perceberei que fui atendida? Tal como na expressão: “Ergue-te, Senhor!” (Sl 3,7), isto é, faze com que me erga. Aplica-se, contudo, à ressurreição de Cristo. Quanto à seguinte expressão: “E o Senhor vosso Deus vos experimenta, para saber se de fato o amais” (Dt 13,4), certamente não se pode entender senão: Para que saibais através dele, e se vos manifeste quanto progredistes no seu amor.

5 [5-7] “De manhã estarei de pé diante de ti e verei”. O que significa “estarei de pé” senão: não estarei jogado por terra? Jazer por terra é repousar na terra, procurar a felicidade nos prazeres terrenos. “Estarei de pé e verei”. Não nos apeguemos, pois, às coisas terrenas, se queremos ver a Deus, que só corações puros podem contemplar. “Não és um Deus a quem agrade a iniquidade. Não habitará o mau contigo, nem permanecerão os injustos diante de teus olhos. Detestas a todos os obreiros da iniquidade e destróis o mentiroso. O Senhor abominará o sanguinário e o doloso”. Iniquidade, malignidade, mentira, homicídio, fraude e outras coisas semelhantes são a noite, após a qual vem a manhã, quando se vê a Deus. Expus o motivo de estar de pé pela manhã e ver: “Não és um Deus a quem agrade a iniquidade”. Se Deus amasse a iniquidade, poderia ser visto pelos iníquos; e não seria visto de manhã, isto é, após ter passado a noite da iniquidade.

6 “Não habitará o mau contigo”, quer dizer, não verá de forma a aderir. Por isso, se segue: “Nem permanecerão os injustos diante de teus olhos”. Os olhos deles, isto é, suas mentes repelirão, reverberando-a, a luz da verdade, por causa das trevas do pecado. Habituados a estas, não suportam o julgar do reto entendimento. Por isso, os que veem apenas algumas vezes, isto é, os que entendem a verdade, todavia continuam injustos, nela não permanecem, pois amam aquilo que os aparta da verdade. Levam consigo a sua noite, a saber, não somente o hábito, mas ainda o amor ao pecado. Se esta noite passar, se desistirem de pecar e afugentar o amor e o hábito de pecar, faz-se manhã. Então, não só entendem, mas ainda aderem à verdade.

7 “Odeias a todos os obreiros da iniquidade”. Ódio em Deus tem o sentido desta expressão: Todo pecador odeia a verdade. Parece igualmente que a verdade odeia aqueles que ela não permite permanecerem em si. Não permanecem, porém, os

incapazes de suportá-la, “destróis o mentiroso”. Mentira é o oposto da verdade. Mas, para não se julgar que existe substância ou natureza contrária à verdade, entenda-se que a mentira pertence ao que não é, não ao que é. Se falamos aquilo que é, dizemos a verdade. Se dizemos ser o que não é, é mentira. Por isso, “destróis o mentiroso”, que se aparta do que é e desvia-se para o que não é. Muitas mentiras, de fato, parecem ditas para a salvação ou o bem de alguma pessoa, não provenientes de malícia e sim de bondade. Foi o caso das parteiras, citadas no Êxodo, que deram resposta falsa ao faraó (Ex 1,19), para não serem mortos os meninos israelitas. Mas aqui também não se louva a ação, e sim o motivo da mentira. Mentir apenas desta maneira merece algumas vezes escusa de qualquer mentira. Nos perfeitos, contudo, nem este tipo de mentira se tolera. A estes se ordena: “Seja o vosso ‘sim’, sim, e o vosso ‘não’, não. O que passa disto vem do Maligno” (Mt 5,37). Com razão, está escrito em outra passagem: “A boca mentirosa mata a alma” (Sb 1,11), para não pensar alguém que o homem perfeito e espiritual deve mentir por causa desta vida temporal, cuja perda não mata sua alma, nem a de qualquer outro. Mas, uma coisa é mentir, outra ocultar a verdade, pois difere dizer o que é falso e calar a verdade. Se alguém, acaso, não quer entregar um homem à morte visível, oculte a verdade, mas não profira mentira. Não entregue, nem minta, para não matar a sua própria alma, por causa do corpo de outrem. Se, porém, nem isto pode, ou for necessário proferir somente essa espécie de mentira, se quer se ver livre também desta única restante e receber a força do Espírito Santo, despreze qualquer tipo de sofrimento em prol da verdade. Duas são as espécies de mentira que não constituem culpa grave, mas não são isentas de culpa, a saber, mentir por gracejo, ou para o bem de outrem. O primeiro, o gracejo, não é muito prejudicial, porque não engana. Sabe o outro que é alvo de um gracejo. O segundo é mais leve, por incluir certa benevolência. Não é mentira o que não provém de duplicidade. Por exemplo, confia-se uma espada a alguém que promete devolvê-la ao dono quando a pedir; se acaso o dono, estando furioso, reclamar sua espada, é claro que não deve recebê-la de volta, enquanto não recuperar a razão, para não matar a si ou a outrem. O primeiro não agiu com duplicidade, porque ao receber a espada e prometer devolução ao ser reclamada, não pensou na possibilidade de ser exigida pelo dono, em estado furioso. O Senhor também ocultou a verdade, quando disse aos discípulos ainda incapazes de ouvi-la: “Tenho ainda muito a vos dizer, mas não podeis agora compreender” (Jo 16,12); e o apóstolo Paulo ao declarar: “Quanto a mim, irmãos, não vos pude falar como a homens espirituais, mas tão-somente como a homens carnais” (1Cor 3,1). Evidencia-se não haver culpa de muitas vezes em calar a verdade. Todavia, mentir não é lícito aos perfeitos.

8 [7.8] “O Senhor abominará o sanguinário e o doloso”. Esta frase pode, com acerto, ser tomada como repetição do que foi dito acima: “Odeias a todos os obreiros da iniquidade. Destróis o mentiroso”. Refira-se “sanguinário a quem pratica a iniquidade”. “Doloso”, porém, à mentira. Dolo consiste em fazer uma coisa e fingir outra. O salmista usou um termo adequado: “abominará”. É costume chamar de abomináveis os deserdados. Este salmo, no entanto, é “em favor daquela que recebe a herança”, a qual introduz aqui a

exultação de sua esperança, dizendo: "Eu, porém, cercado pela multidão de tuas misericórdias, entrarei em tua casa. Pela multidão das misericórdias" talvez se refira à multidão dos perfeitos e bem-aventurados, de que constará aquela futura cidade, agora gerada e progressivamente dada à luz pela Igreja. Quem negaria serem com razão os numerosos regenerados e perfeitos denominados "multidão das misericórdias" de Deus, desde que foi dito com toda verdade: "Que é o homem para dele te lembrares, ou o filho do homem para o visitares" (Sl 8,5)? Entrarei na tua casa, a meu ver como a pedra entra no edifício. Que é a casa de Deus senão o templo de Deus, do qual se disse: "O templo de Deus é santo e esse templo sois vós" (1Cor 3,17)? Pedra angular deste edifício é aquele que a coeterna Virtude do Pai e Sabedoria de Deus assumiu.

9 "Adorarei diante de teu santo templo, cheio de temor. Diante do templo", quer dizer, perto do templo. Pois não disse: adorarei em teu templo santo, mas: "Adorarei diante de teu santo templo". Entenda-se não se tratar da perfeição, mas do progresso no caminho da perfeição; a locução: "entrarei em tua casa" significaria a perfeição. Mas, para tal acontecer, antes… "adorarei diante de teu santo templo". Talvez por essa razão acrescentou cheio de temor, o qual é grande auxílio aos que caminham para a salvação. Naquele que a alcançar, realizar-se-á o que foi dito: "O perfeito amor lança fora o temor" (1Jo 4,18), pois já não temem o amigo aqueles aos quais foi dito: "Não mais vos chamo servos, mas eu vos chamo amigos" (Jo 15,15), quando tiverem obtido o que lhes fora prometido.

10 [9-10] "Senhor, guia-me, em tua justiça, por causa de meus inimigos". O salmista assaz declarou estar a caminho, isto é, progredindo em direção à perfeição, não ainda na própria perfeição, enquanto ainda deseja ardentemente ser conduzido até ela. "Em tua justiça", não naquela que imaginam os homens. Pagar o mal com o mal, parece justiça; mas não é a justiça de Deus, de quem se disse: "Faz nascer o sol igualmente sobre os maus e os bons" (Mt 5,45). Ao punir os pecadores, Deus não lhes inflige mal proveniente de si próprio, mas abandona-os aos males derivados deles mesmos: "Eis que o mau gerou a injustiça, concebeu o trabalho e pariu a iniquidade. Abriu uma fossa, escavou-a e cairá na fossa que abriu. Seu trabalho recair-lhe-á na própria cabeça e a sua maldade descer-lhe-á sobre a fronte" (Sl 7,15-17). Quando Deus castiga, pune como faz o juiz àqueles que menosprezam a lei, não lhes infligindo por si mesmo o mal, mas expulsando-os para o lugar de sua própria escolha, a fim de que se consuma a miséria em grau extremo. O homem, porém, ao pagar o mal com o mal, levado por mau desejo, já se tornou mau, querendo punir o mal.

11 "Em tua presença dirige o meu caminhar". É bem claro. Recomenda-o enquanto é tempo. Tal caminho não atravessa lugares terrenos, mas consta de afetos da alma. "Em tua presença dirige o meu caminhar", isto é, lá onde não se encontra observador humano, pois os homens não são dignos de crédito se louvam ou criticam. Ninguém pode absolutamente julgar a consciência alheia, por onde passa o caminho para Deus. Assim acrescenta: "Porque não há verdade em sua boca", nos lábios daqueles que não merecem crédito quando julgam. Refugiemo-nos, pois, no íntimo de nossa consciência e

na presença de Deus. "Seu coração é só vaidade". Como pode haver verdade na boca daqueles cujo coração se engana a respeito do pecado e da pena do pecado? Por conseguinte, os homens são novamente interpelados por aquela voz: "Por que amais a ilusão e procurais a mentira?" (Sl 4,3)

12 [11] "Sua garganta é um sepulcro escancarado". Pode ser referência à voracidade, que é causa frequente de mentirem os homens, com adulação. E está expresso de modo admirável "sepulcro escancarado", porque tal voracidade permanece sempre ávida, ao contrário dos sepulcros, que se fecham após receberem os cadáveres. É possível também entender-se que eles atraem a si com mentiras e vis lisonjas aqueles que seduzem ao pecado e devoram, induzindo-os a levar vida igual a sua. Como esses morrem assim pelo pecado, com razão os sedutores são denominados sepulcros escancarados, porque também eles de certo modo estão mortos, privados da vida da verdade, e recebem em si os que eles mataram com palavras mentirosas e coração fútil, tornando-os semelhantes a si. "Para enganar empregavam as suas línguas", línguas más. Parece ser este o significado de "suas". Os maus têm más línguas; falam o mal, quando proferem mentira. O Senhor lhes diz: "Como podeis falar coisas boas, se sois maus?" (Mt 12,34)

13 "Julga-os, ó Deus. Malogrem os seus ardis". É profecia, não maldição. O salmista não deseja que aconteça, mas discerne o que há de suceder. Realiza-se, mas não porque ele aparentemente o desejou, e sim porque eles são tais que sucederá conforme merecem. Assim também é com o que diz em seguida: "Alegrem-se todos os que em ti esperam". É um dito de certa maneira profético, porque vê que eles se alegrarão. Igualmente em profecia foi escrito: "Desperta teu poder e vem" (Sl 79,3), porque o profeta via que ele haveria de vir. Embora se possam também entender as palavras: "Malogrem os seus ardis", acreditando-se ter o salmista desejado o melhor, que desistam de seus ardis e já não planejem maldades. Mas as palavras seguintes não permitem tal interpretação: "Expulsa-os", porque de modo algum se há de tomar em bom sentido que alguém seja repelido por Deus. Entenda-se, portanto, como profecia, e não malevolência. Foi assegurado que necessariamente tal coisa adviria aos que perseverassem nos pecados mencionados. "Malogrem seus ardis", diz o salmista. Desistam de seus planos, que os acusam, e também o atesta sua consciência, conforme declara o Apóstolo: "Acusam-nos, ou defendem-nos seus pensamentos, na revelação do justo juízo de Deus" (Rm 2,15.16).

14 "Por seus numerosos crimes expulsa-os, repele-os para longe. Por seus numerosos crimes sejam em igual medida repelidos". Os ímpios são excluídos da herança que se possui entendendo e vendo a Deus, assim como os olhos mórbidos fogem do fulgor da luz, pois constitui para eles sofrimento o que para os outros é alegria. Eles, portanto, de manhã não estarão de pé, nem verão. Tal exclusão se torna castigo tão grande quanto é grandioso o prêmio, do qual se diz: "Para mim só há um bem: é estar unido a Deus" (Sl 78,28). O oposto deste castigo é a palavra: "Entra na alegria de teu Senhor" (Mt 25,23), bem como semelhante a esta expulsão é: "Lançai-o lá fora nas trevas" (Mt 25,30).

15 "Porque, Senhor, te causaram amargura". Disse ele: "Eu sou o pão que desceu do céu" (Jo 6,51); e "Trabalhai pelo alimento que permanece" (ib 27); e "provai e vede

quão suave é o Senhor" (Sl 33,9). Para os pecadores é amargo o pão da verdade; por isso, odeiam a boca que profere a verdade. Amarguram a Deus os que, pecando, contraíram uma doença tal que não suportam o alimento da verdade, fel para eles, alegria das almas sadias.

16 [12] "Mas alegrem-se todos os que em ti esperam", que provaram quão suave é o Senhor. "Exultarão eternamente e habitarás no meio deles". Haverá, portanto, eterna exultação quando os justos se tornarem templo de Deus e for sua alegria aquele que neles habita. "E gloriar-se-ão em ti os que amam teu nome", tendo presente para sua fruição o bem que amam. E com razão se diz "em ti", enquanto são possuidores da herança referida no título do salmo, e eles mesmos constituem a herança daquele a quem alude a palavra "habitarás no meio deles". Deste bem acham-se privados os que Deus repele por seus numerosos crimes.

17 [13] "Porque abençoarás o justo". A bênção consiste em gloriar-se em Deus e ter a Deus habitando em si. Esta santificação é concedida aos justos; mas para que se justifiquem precede o chamado, proveniente não dos méritos e sim da graça de Deus. "Todos pecaram e estão privados da glória de Deus" (Rm 3,23). "Os que chamou, também os justificou; e os que justificou, também os glorificou" (ib 8,30). Uma vez que o chamado não deriva de nossos méritos, mas da benevolência e misericórdia de Deus, acrescentou: "Senhor, como um escudo, nos cercaste de benevolência". A boa vontade de Deus precede a nossa, chamando os pecadores à penitência. Tais armas vencem o inimigo, contra o qual se diz: "Quem acusará os eleitos de Deus?" e: "Se Deus está conosco, quem estará contra nós" (ib 8,31,33). "Se quando éramos inimigos, Cristo morreu por nós, com muito mais razão, estando já reconciliados, seremos salvos da ira por ele" (ib 5,9.10). Eis o escudo invencível, que repele o inimigo a sugerir desespero da salvação, através de multidão de tribulações e tentações.

18 Todo o texto do salmo, portanto, é uma oração para ser ouvida, desde: "Escuta, ó Senhor, minhas palavras" até: "meu rei e meu Deus". Em seguida, a explanação dos impedimentos à visão de Deus, para o salmista saber que a oração foi ouvida, desde: "Senhor, implorar-te-ei, desde a manhã me ouvirás" até: "O Senhor abominará o sanguinário e o doloso". Em terceiro lugar, o salmista espera que haverá de estar futuramente na casa de Deus e agora se aproxima com temor, antes da consumação, que há de lançar fora o temor, desde a passagem: "Eu, porém, cercado pela multidão de tuas misericórdias" até: "Adorarei em teu santo templo, cheio de temor". Em quarto lugar, entre obstáculos palpáveis, o salmista, progredindo e adiantando-se, reza para ser ajudado no seu íntimo, que nenhum homem vê, para não se deixar arrastar pelas más línguas, e isto de onde está escrito: "Senhor, guia-me em tua justiça, por causa de meus inimigos" até: "Para enganar empregavam as suas línguas". Em quinto lugar, é profecia a respeito do castigo reservado aos ímpios, do qual o justo escapará com dificuldade, e do prêmio a ser obtido pelos justos, que sendo chamados vieram e tudo suportaram virilmente até chegarem ao termo, desde: "Julga-os, ó Deus", até o fim do salmo.

SALMO 6

COMENTÁRIO

1 [1] “Salmo de Davi. Para o fim. Entre os hinos sobre o oitavo”. “Oitavo”, expressão obscura; as outras palavras do título são mais claras. Opinam alguns tratar-se do dia do juízo, do tempo da vinda de nosso Senhor, para julgar os vivos e os mortos. Acredita-se que tal vinda, contando os anos desde Adão, se dará após sete mil anos, de sorte que os sete mil anos passarão como sete dias. Em seguida, virá outra época, que constituirá o oitavo dia. A palavra do Senhor: “Não vos compete conhecer os tempos e os momentos que o Pai reservou a seu poder” (At 1,7), e: “Daquele dia e da hora, ninguém sabe, nem os anjos dos céus, nem o Filho, mas só o Pai” (Mt 24,36), e o que está escrito: “O dia do Senhor virá como ladrão” (1Ts 5,2), mostra que ninguém há de arrogar-se o conhecimento da data, calculando os anos. Se for dentro de sete mil anos que há de vir aquele dia, qualquer pode saber a ocasião da vinda, computando os anos. Como, então, nem o Filho o sabe? Assim foi afirmado, não porque o Filho mesmo não o saiba, e sim porque os homens não obterão esse conhecimento por meio do Filho, segundo a locução: “O Senhor vosso Deus vos experimenta para saber” (Dt 13,3), isto é, para que saibas. “Ergue-te, Senhor” (Sl 3,7), quer dizer, levanta-nos. Se, pois, assevera-se que o Filho desconhece o dia, não porque o ignore, mas porque faz com que o desconheçam aqueles aos quais não convém saber, isto é, não o mostra, não sei que presunção é esta de marcar, com toda a certeza, o dia do Senhor, após sete mil anos!

2 Ignoremos de boa mente aquilo que Deus não quis que soubéssemos e procuremos o significado deste título: “Sobre o oitavo”. É possível, sem nenhum cálculo temerário de anos, entender-se o dia do juízo como sendo o oitavo, porque depois do fim deste mundo, as almas dos justos, havendo recebido a vida eterna, já não estarão sujeitas ao tempo. Como o tempo decorre com a repetição desses sete dias, talvez se denomine oitavo aquele que não depende de tal sucessão. Existe outra possibilidade de se aceitar que aqui razoavelmente oitavo seja o juízo, a sobrevir após duas gerações: uma relativa ao corpo, outra atinente à alma. Pois, de Adão a Moisés o gênero humano viveu conforme o corpo, quer dizer, segundo os ditames da carne, também chamada homem exterior e homem velho (Ef 4,22), e ao qual foi dado o Antigo Testamento, a fim de que por meio de ações ainda carnais, embora religiosas, prefigurasse as futuras, espirituais. Por todo o tempo em que se vivia segundo o corpo, “reinou a morte”, como assegura o Apóstolo, “também sobre aqueles que não pecaram”. Ela reinou, porém, “à imitação da transgressão de Adão”, conforme diz o mesmo Apóstolo; porque “até Moisés” (Rm 5,14), entenda-se, até as obras da lei, aqueles sacramentos, observados carnalmente, mantinham obrigados, por causa de certo mistério, mesmo os homens submissos a um só Deus. Desde a vinda do Senhor, quando se passou da circuncisão da carne à do coração, realizou-se o chamado à vida segundo a alma, conforme o homem interior, também

denominado homem novo, devido à regeneração e à renovação de costumes espirituais. É evidente que o número quaternário pertence ao corpo, por causa dos quatro elementos bem conhecidos de que consta e de suas quatro qualidades: secura, umidade, calor e frio. Igualmente é beneficiado por quatro estações: primavera, verão, outono, inverno. São coisas bem conhecidas. Em outro lugar tratamos de maneira mais sutil, embora obscura, a relação do número quatro ao corpo. Neste sermão o evitamos, querendo adaptá-lo aos menos eruditos. Entende-se que o número ternário é atinente à alma, porque o mandamento de amar a Deus de todo o coração, de toda a alma e de todo entendimento (Dt 6,5; Mt 22,31) é tríplice. Não convém tratar de cada um desses pontos a propósito do saltério, e sim em torno do evangelho. No momento parece suficiente o supramencionado para atestar que o número ternário se relaciona à alma. Depois do número referente ao corpo, pertencente ao homem velho e ao Antigo Testamento, após também o da alma atinente ao homem novo e ao Novo Testamento, bem como decorrido o número setenário, pois eles todos são temporários, e tendo sido distribuído o quaternário para o corpo e o ternário para a alma, virá o oitavo dia, o do juízo, que repartirá segundo o mérito, e já não levará os justos às obras temporais, e sim à vida eterna, enquanto condenará eternamente os ímpios.

3 [2] A Igreja, receosa de tal condenação, reza neste salmo: "Senhor, não me repreendas em tua ira". O Apóstolo fala também em ira do juízo, ao declarar: "Estás acumulando ira para o dia da cólera e do justo juízo de Deus" (Rm 2,5). Quem deseja ser curado nesta vida, não quer ser arguído naquele dia. "Corrige-me, mas não em teu furor. Corrige-me" parece mais brando, uma vez que atende à emenda. Quanto àquele que é arguído, isto é, acusado, receia-se que por fim sofra condenação. Como, porém, o furor aparenta ser mais do que a ira, talvez cause estranheza estar o mais suave, a correção, ao lado do mais duro, o furor. Mas, penso que as duas palavras significam o mesmo, porque em grego *thimós*, que se acha no primeiro versículo, é idêntico a *orgé*, no segundo. Os latinos, querendo empregar as duas palavras, procuram um sinônimo de ira e usaram furor. Por conseguinte, os códices divergem. Uns trazem primeiro ira, em seguida furor; outros, primeiro furor, depois ira; outros, em vez de furor trazem indignação ou bílis. Seja como for, trata-se de emoção que provoca imposição de castigo. Não é atribuível tal emoção a Deus, como à alma. Dele se disse: "Tu, Senhor das virtudes, julgas com calma" (Sb 12,18). Se está calmo, não se acha perturbado. Em Deus, que é juiz, não há perturbação. Todavia, os atos de seus servos, efetuados por meio das leis que são suas, chamam-se sua ira. A alma suplicante não somente não quer ser arguída com tal ira, mas nem sofreu tal correção, isto é, aceitar esta emenda ou instrução. No grego encontra-se *paideúses*, sejas instruído. São arguídos no dia do juízo todos os que não têm Cristo por fundamento. São corrigidos, purificados, os que edificam sobre esse fundamento com madeira, feno, palha; sofrerão perda, mas serão salvos, de certa maneira através do fogo (cf. 1Cor 3,11). Qual, portanto, o pedido de quem não quer ser arguído, ou corrigido, no momento da ira do Senhor? Qual senão o de ser curado? Na saúde não se cogita, com receio da morte, nem da mão do médico que cauteriza e corta.

4 3.4 Continua, dizendo: “Tem piedade de mim, Senhor, estou enfraquecido. Cura-me, Senhor, porque estão abalados os meus ossos”, o sustentáculo ou a força de minha alma: é isso o que quer dizer ossos. A alma afirma ter abalada a sua força, ao falar em ossos. Não se pense que tenha ossos, como vemos no corpo. É explanação o acréscimo: “Minha alma está muito perturbada”, a fim de não se interpretar como sendo referência ao corpo, porque disse ossos. “E tu, Senhor, até quando?” Quem não vê tratar-se da alma em luta com suas moléstias, muito tempo sem assistência do médico, a fim de se convencer dos males em que se precipitou ao pecar? Se a cura é fácil, não se tomam muitas precauções. A dificuldade da cura torna maiores os cuidados com a saúde recuperada. Não se julgue cruel Deus, a quem se diz: “E tu, Senhor, até quando?” Ao contrário, é bom conselheiro da alma a respeito do mal ocasionado por ela a si própria. Esta alma ainda não reza tão perfeitamente que se lhe possa declarar: “Estarás falando ainda, e direi: Eis-me aqui!” (Is 65,24; 52,6). Se os que se convertem suportam tamanha dificuldade, é para que simultaneamente se reconheça o grande castigo preparado para os ímpios, que recusam se converter a Deus, como se lê em outra passagem: “Se o justo com dificuldade consegue salvar-se, em que situação ficará o ímpio e pecador” (1Pd 4,18)?

5 5 “Volta-te para mim, Senhor, livra a minha alma”. Convertendo-se, a alma pede a Deus que também se volte para ela, conforme se diz: “Retornai a mim — oráculo do Senhor — e eu retornarei a vós” (Zc 1,3). A locução “volta-te, Senhor”, acaso deve ser entendida como: Faze com que me volte, porque sente dificuldade e luta na própria conversão? Pois, nossa perfeita conversão encontra a Deus sempre pronto, conforme diz o profeta: “Certa, como a aurora, é sua vinda” (Os 6,3ss). A causa de o perdermos não está na ausência daquele que se acha presente em todo lugar, e sim em nosso afastamento dele. “Ele estava no mundo e o mundo foi feito por meio dele, mas o mundo não o conheceu” (Jo 1,10). Se estava neste mundo e o mundo não o conheceu, foi porque nossa impureza não suporta a sua presença. Quando, porém, nos voltamos para ele, quando remodelamos nosso espírito, mudando de vida, percebemos ser duro e laborioso retornar das trevas das concupiscências terrenas à serenidade e tranquilidade da luz divina. E em tal dificuldade dizemos: “Volta-te, Senhor”, ajuda-nos a completar nossa conversão, que te encontras preparado e disposto a oferecer-te aos que te amam, para sua fruição. Por conseguinte, depois de haver dito: “Volta-te, Senhor”, acrescentou: “Livra minha alma”, como se ela, na própria conversão se sentisse presa das perplexidades deste século e sofresse uma espécie de picadas de espinhos, desejos dilacerantes. “Salva-me, Senhor, por tua misericórdia”. Percebe não ser curada por seus próprios méritos, visto ser justa a condenação do pecador que transgrediu o preceito dado. Cura-me, portanto, não devido a meus méritos, e sim por causa de tua misericórdia.

6 6 “Porque após a morte não há quem se lembre de ti”. O salmista compreende igualmente que agora é tempo de conversão, uma vez que passada a vida só resta a

retribuição pelos méritos. “No inferno quem te confessará?” Confessou no inferno aquele rico que, na parábola do Senhor, viu Lázaro no repouso, enquanto ele mesmo se doía no meio de tormentos. Confessou a tal ponto que desejava exortar os seus a se absterem de pecados, por causa dos castigos que não acreditavam haver no inferno (Lc 16,23-31). Confessou, mas inutilmente, serem justos os tormentos, mostrando desejo de que os seus fossem instruídos para neles não incidirem. O que significa, então: “No inferno quem te confessará?” Acaso inferno representa o lugar onde, após o juízo, serão precipitados os ímpios, e onde, por causa das trevas profundas, não verão luz alguma de Deus, ao qual confessem por determinado motivo? Pois, este rico, erguendo os olhos, apesar de separado de Lázaro por abismo horrível e profundo, pôde vê-lo no repouso. Comparando-o consigo, foi constrangido a confessar ter merecido seu castigo. Outra explicação existe ainda. Denomina-se morte o pecado cometido por desprezo da lei divina, de sorte que chamemos morte o aguilhão da morte, o qual a ela conduz, porque “o aguilhão da morte é o pecado” (1Cor 15,56). Nesse tipo de morte, esquecimento de Deus é desprezar a sua lei e os seus preceitos. Diria ser inferno a cegueira da alma que surpreende e envolve o pecador, isto é, o moribundo. “Como se recusaram a procurar uma noção exata de Deus, Deus entregou-os a um sentimento depravado” (Rm 1,28). A alma suplica livrar-se desta morte e deste inferno, quando se empenha em converter-se a Deus, mas sente dificuldades.

7 [7] Por esta razão, desculpa-se o salmista: “Estou esgotado de tanto gemer”. E como pouco tem adiantado, acrescenta: “Todas as noites lavarei com pranto meu leito”. Leito aqui é o lugar onde a alma doente e fraca descansa, isto é, o prazer corporal e mundano. Lava com lágrimas tal deleite aquele que se esforça por se furtar a ele. Verifica que condenou as concupiscências carnais e no entanto a fraqueza perdura, por causa do deleite, e nela jaz de bom grado, sem poder erguer-se, se não for curado. O salmista talvez tenha adotado a expressão “todas as noites” por causa de alguém cujo espírito está pronto e percebe algo da luz da verdade, todavia descansa às vezes por fraqueza da carne, no deleite deste século e sofre as vicissitudes do afeto, como se fossem dias e noites. Por exemplo, ao dizer: “Pela razão sirvo a lei de Deus”, trata-se do dia. De outro lado, quando diz: “Pela carne sirvo a lei do pecado” (Rm 7,25) refere-se mais à noite, até passarem todas as noites e chegar o dia único, do qual se diz: “De manhã estarei de pé diante de ti e verei” (Sl 5,4). Então, o salmista estará de pé; jaz agora no leito, que ele lavará todas as noites, a fim de impetrar através de tantas lágrimas da misericórdia de Deus o remédio eficaz. “Minha cama regarei com lágrimas”, é repetição. Com a expressão “lágrimas”, mostra como fará o que afirmou acima “lavarei”. Tomamos a palavra “cama” no mesmo sentido que o termo “leito”, supramencionado. Embora “regarei” tenha sentido mais lato do que “lavarei”, porque se pode lavar superficialmente alguma coisa, enquanto a irrigação penetra muito e significa o pranto até o íntimo do coração. A diversidade de tempos verbais: no pretérito — “Estou esgotado de tanto gemer”; no futuro — “Todas as noites lavarei com pranto meu leito,” e ainda no futuro — “Minha cama regarei com lágrimas”, manifestam o que concluir quem tiver debalde se

cansado de gemer. Seria como declarar: Não me adiantou fazer isto, então vou fazer aquilo.

8 [8.9] “Tenho os olhos turvados de ira”. Ira do salmista ou de Deus, sem a qual pede seja arguído ou corrigido? Mas, se ela significa o dia do juízo, como entendê-la agora? Seria o início dela, uma vez que os homens sofrem aqui dores e tormentos, e principalmente falhas no entendimento da verdade, como a supramencionada palavra: “Deus os entregou a sua mente depravada” (Rm 1,28)? Eis o que é cegueira da mente. Quem a ela for entregue é excluído da luz interior de Deus; todavia não inteiramente nesta vida. Existem as trevas exteriores (Mt 25,30), pertencentes ao dia do juízo, de sorte que ficará completamente afastado de Deus quem não tiver querido corrigir-se enquanto for tempo. O que representa estar completamente longe de Deus senão total cegueira? Na verdade, Deus habita uma luz inacessível (1Tm 6,16), onde penetram aqueles que ouvirão: “Entra na alegria de teu Senhor” (Mt 25,21.23). Por conseguinte, o pecador suporta nesta vida o começo de tal ira. Temendo o dia do juízo, emprega esforços e suplica com lamentos não ser arrastado inteiramente ao castigo, cujo início tão pernicioso agora experimenta. Por essa razão não diz: Estão extintos, mas: “Tenho os olhos turvados de ira”. Não é de admirar que afirme ter os olhos turvados por sua própria ira. Talvez seja esta a razão de se dizer: “Não se ponha o sol sobre a vossa ira” (Ef 4,26). A mente julga sofrer o ocaso do sol interior, a sabedoria de Deus, cuja visão a sua perturbação impede.

9 “Envelheci em meio de todos os meus inimigos”. Falara apenas de ira, se é que tratava de sua própria ira. Considerando, porém, os outros vícios, percebeu estar cercado deles todos. Como estes vícios fazem parte da antiga vida e do velho homem, que havemos de despir para nos revestirmos do novo (Cl 3,9.10), com razão se afirmou: “Envelheci em meio de todos os meus inimigos”, os próprios vícios, ou os homens que recusam voltar-se para Deus. Estes, mesmo que procurem desconhecer, tolerar, viver em certa concórdia, em frequentes conversas, sem discussões, juntos nos banquetes, casas e cidades, no entanto, por divergência de propósitos, são inimigos dos que se convertem para Deus. Uns amam, ambicionam este mundo: os outros anseiam por se libertar dele. Quem não vê que os primeiros são inimigos dos segundos? Se o conseguirem, arrastam-nos consigo para os castigos. É grande dom ouvir diariamente essas conversas e não se extraviar dos preceitos de Deus. Muitas vezes o espírito, no esforço de caminhar para Deus, abalado, trepida no caminho. Amiúde, por causa disso, deixa de cumprir um bom propósito, para não ofender aqueles com os quais convive e que amam e seguem outros bens, perecíveis e passageiros. As pessoas sadias deles se separam, não pelo lugar, e sim pelo ânimo, pois os corpos estão circunscritos ao lugar, enquanto o lugar da alma é o seu afeto.

10 Após labuta, gemidos, lágrimas frequentes e copiosas, é impossível não surta efeito o pedido tão veemente dirigido àquele que é a fonte de todas as misericórdias. Por isso, com acerto se afirma: “O Senhor está perto do coração atribulado” (Sl 33,19). Após tantos obstáculos, acrescenta a alma piedosa, ou talvez também a Igreja, assinalando que foi atendida: “Apartai-vos de mim obreiros de iniquidade, porque o Senhor escutou a voz

de meu pranto". Ou se trata de profecia, porque os ímpios se afastarão, serão separados dos justos, no dia do juízo, ou agora na eira limpa, apesar de juntos nas mesmas reuniões, os grãos já estão separados das palhas, apesar de escondidos entre elas. Por conseguinte, podem estar juntos, mas juntos não serão arrebatados pelo vento.

11 [10] "Porque o Senhor escutou a voz do meu pranto; ouviu o Senhor os meus pedidos. O Senhor acolheu a minha prece". A assídua repetição de uma sentença é desnecessária numa narração, mas demonstra o afeto de alguém que está radiante. Costumam assim falar os que se alegram, porque não lhes basta proferir uma só vez o motivo de sua alegria. Aqui, é fruto do gemido do aflito e das lágrimas, que lavam o leito e regam a cama, porque os "que semeiam entre lágrimas, ceifarão com alegria" (Sl 125,5), e "Bem-aventurados os que choram porque serão consolados" (Mt 5,5).

12 [11] "Envergonhem-se e apavorem-se todos os meus inimigos". Afastai-vos de mim, todos, disse o salmista mais acima. Tal pode acontecer mesmo nesta vida, conforme foi exposto. Mas dizer: "Envergonhem-se e apavorem-se", não vejo como possa suceder, senão no dia em que forem manifestos os prêmios dos justos e os suplícios dos pecadores. Agora, os ímpios não se coram, nem deixam de zombar de nós; e por vezes com suas irrisões conseguem que os fracos se envergonhem do nome de Cristo. Daí a palavra: "Se alguém se envergonhar de mim diante dos homens, também eu me envergonharei dele diante de meu Pai" (Lc 9,26). Todo aquele, portanto, que decidir cumprir os sublimes preceitos de repartir com os pobres os seus bens, para sua justiça permenecer para sempre (Sl 111,9), e tendo vendido todas as suas posses terrenas e distribuído o resultado aos necessitados, quiser seguir a Cristo, dizendo: "Nós nada trouxemos para o mundo, nem coisa alguma dele podemos levar. Se, pois, temos alimento e vestuário, contentemo-nos com isso" (1Tm 6,7.8), incide na mordacidade sacrílega dos ímpios e os que não querem ser curados chamam-no de louco. Com frequência, para não receber tal denominação da parte de homens já desesperançados, hesita e adia a realização do preceito do mais fiel e poderoso dos médicos. Agora, pois, os ímpios não se podem envergonhar. Seria desejável que também nós, por causa deles, não nos envergonhássemos, para não sermos dissuadidos, impedidos ou retardados no caminho encetado. Mas, virá tempo em que eles se envergonharão, dizendo, conforme está escrito: "Este é aquele de quem outrora nos ríamos, de quem fizemos alvo de ultraje, nós insensatos! Considerávamos a sua vida uma loucura e seu fim infame. Como agora o contam entre os filhos de Deus e partilha a sorte dos santos? Sim, extraviamo-nos do caminho da verdade; a luz da justiça não brilhou para nós, para nós não nasceu o sol. Cansamo-nos nas veredas da iniquidade e da perdição, percorremos desertos intransitáveis, mas não conhecemos o caminho do Senhor! Que proveito nos trouxe o orgulho? De que nos serviram riqueza e arrogância? Tudo isso passou como uma sombra" (Sb 5,3-9).

13 Quanto à palavra: "Convertam-se e sejam confundidos", quem não acha muito justo o castigo de se voltarem para sua própria confusão, os que não quiseram converter-se em

vista da salvação? Em seguida, acrescentou o salmista: "Bem depressa". Quando se for desistindo de esperar o dia do juízo e se disser: Paz! Então, lhes sobrevirá repentina destruição (1Ts 5,3). Seja quando for, virá muito rapidamente o que não era mais esperado. Só a esperança de viver faz com que se considere longa a vida, pois nada parece mais rápido do que tudo aquilo que já passou. Quando vier o dia do juízo, então os pecadores perceberão não ser longa a vida que passa. De modo algum há de parecer-lhe tardio o que vier para os que não o desejam, ou antes, para os incrédulos. Aqui é possível ainda a seguinte interpretação: Deus ouviu a alma que gemia e assiduamente chorava, por isso livrou-se dos pecados e dominou todos os perversos movimentos do desejo carnal, conforme ela mesma diz: "Apartai-vos de mim, obreiros de iniquidade, porque o Senhor escutou a voz de meu pranto". Ao lhe suceder tal coisa, não é de admirar que se torne tão perfeita que ore pelos próprios inimigos. A frase: "Envergonhem-se e apavorem-se todos os meus inimigos" pode referir-se à penitência dos pecados, impossível de realizar-se sem confusão e comoção. Nada, por conseguinte, impede interpretar-se: "Convertam-se e envergonhem-se" no sentido de: convertam-se para Deus e se envergonhem os que se gloriaram algumas vezes enquanto estavam nas anteriores trevas dos pecados, como pergunta o Apóstolo: "E que fruto colhestes então daquelas coisas de que agora vos envergonhais" (Rm 6,21)? O acréscimo: "Bem depressa" ou deve relacionar-se ao afeto de quem o deseja ou ao poder de Cristo, o qual converte, com grande rapidez, à fé do Evangelho, os povos que, por causa de seus ídolos, perseguiam a Igreja.

SALMO 7

COMENTÁRIO

1 [1] “Salmo cantado por Davi ao Senhor, devido às palavras de Cusi, filho de Jémini”. No segundo livro de Samuel (2Sm 16) é fácil descobrir a história que ocasionou esta profecia. Ali, Cusi, amigo do rei Davi, passou para as fileiras de Absalão, filho deste, que guerreava o pai, a fim de sondar-lhe os planos e revelar o que ele urdia contra o pai, instigado por Aquitofel, o qual traíra a amizade a Davi e dava ao filho, contra o pai, os conselhos que podia. Neste salmo, não se há de levar em consideração a própria história, cujo véu misterioso o profeta adotou; mas, se passamos a Cristo, o véu é retirado (2Cor 3,16). Em primeiro lugar, interroguemos qual o sentido desses nomes. Não faltaram intérpretes que, investigando o sentido espiritual, não o carnal, literal desses nomes, afirmaram que Cusi significa silêncio; Jémini, direita; Aquitofel, ruína do irmão. Com tais interpretações, novamente se nos apresenta o traidor Judas, do qual Absalão é imagem, porquanto seu nome significa paz do pai. Seu pai se manteve em paz para com ele, enquanto ele nutria a guerra no coração, com seus ardis, conforme expusemos no comentário ao salmo terceiro. No evangelho lemos que os discípulos foram chamados filhos de nosso Senhor Jesus Cristo (Mt 9,14); igualmente foram denominados irmãos, pois disse o Senhor ressuscitado: “Vai a meus irmãos e dize-lhes” (Jo 20,17), e o Apóstolo chama a Cristo de “primogênito entre muitos irmãos” (Rm 8,29). Com acerto, ruína do irmão, significado de Aquitofel, como acima dissemos, representa a ruína do discípulo traidor. Por Cusi, que significa silêncio, se entende que nosso Senhor combateu contra aquelas fraudes em silêncio, isto é, em profundo segredo. Devido a este plano secreto, a cegueira sobreveio em parte a Israel, que perseguia o Senhor, e isto até que entrasse a plenitude das nações, e assim se salvasse todo Israel. Tendo penetrado neste profundo segredo e grande silêncio, exclamou o Apóstolo, como que tomado de vertigem diante deste abismo: “Ó abismo da riqueza, da sabedoria e da ciência de Deus! Como são insondáveis seus juízos e impenetráveis seus caminhos! Quem, com efeito, conheceu o pensamento do Senhor? Ou quem se tornou seu conselheiro” (Rm 11,33.34)? Assim o Apóstolo não tanto faz uma exposição daquele profundo silêncio, antes o propõe à admiração. Ocultando neste silêncio o mistério da venerável paixão, o Senhor transformou a ruína voluntária do irmão, isto é, o abominável crime do traidor, em plano misericordioso e providencial. O Senhor destinou, em sua providência, a ação do traidor que visava perversamente a ruína de um só homem, à salvação de todos os homens. A alma perfeita, portanto, que já é merecedora de conhecer o segredo de Deus, canta o salmo ao Senhor. Canta “devido às palavras de Cusi”, porque mereceu conhecer as palavras daquele silêncio. Para os infiéis e perseguidores aquilo é silêncio e segredo. Para os seus, porém, aos quais foi dito: “Não mais vos chamo servos, porque o servo não sabe o que seu amo faz; mas eu vos chamo amigos, porque tudo o que ouvi do Pai eu

vos dei a conhecer” (Jo 15,15), para os amigos, não há silêncio, mas palavras de silêncio, isto é, a razão explicada e manifesta daquele silêncio. Tal silêncio, isto é, Cusi, se chama filho de Jémini, a saber, da direita. Não convinha esconder aos santos o que era feito em seu favor. E, no entanto, “não saiba a tua mão esquerda o que faz a tua direita” (Mt 6,3). Canta, portanto, em profecia a alma perfeita, à qual o segredo foi manifestado, “devido às palavras de Cusi”, isto é, ao conhecimento do mesmo segredo. O Deus da direita operou este segredo, favorecendo-o e sendo-lhe propício. Esta a razão por que tal silêncio se chama filho da direita, quer dizer, “Cusi, filho de Jémini”.

2 [2.3] “Senhor, meu Deus, em ti esperei; salva-me de todos os meus perseguidores e livra-me”. Fala o salmista como alguém já perfeito, e que superou toda a luta e oposição dos vícios, restando-lhe apenas vencer o diabo invejoso: “Salva-me de todos os meus perseguidores, e livra-me para que ninguém qual leão arrebate a minha alma”. Declara o Apóstolo: “O vosso adversário, o diabo, vos rodeia como um leão a rugir, procurando quem devorar” (1Pd 5,8). Por este motivo, havendo dito no plural: “Salva-me de todos os meus perseguidores”, passa para o singular: “para que ninguém qual leão arrebate a minha alma”. Não disse: não arrebatem, sabendo qual o inimigo que persistirá e se oporá violentamente à alma perfeita. “Sem haver quem a resgate ou salve”, quer dizer: não arrebate ele, quando tu não resgatas, nem salvas. Se, por conseguinte, Deus não resgata nem salva, ele arrebata.

3 [4.5] Como evidência de que assim nem salva alma já perfeita, que se há de precaver só das insídias muito fraudulentas do diabo, vê como prossegue: “Senhor meu Deus, se fiz tal coisa”. O que é que ele denomina “tal coisa?” Acaso deve-se entender o pecado, em geral, uma vez que não cita a espécie de pecado? Se esta explicação desagrada, aceitemos que “tal coisa” se refere ao que segue, como se perguntássemos: O que significa “tal coisa?” A resposta seria: “Se manchei as mãos com a iniquidade”. Já se torna evidente que se trata de todo pecado ao dizer: “Se paguei com o mal aos que me retribuíram com o mal”. Não pode dizê-lo com toda verdade senão quem for perfeito. Disse o Senhor: “Deveis ser perfeitos como o vosso Pai celeste é perfeito. Ele faz nascer o seu sol igualmente sobre maus e bons e cair a chuva sobre justos e injustos” (Mt 5,48.45). É perfeito, portanto, quem não paga com o mal aos que lhe retribuem com o mal. Ao orar a alma perfeita, “devido às palavras de Cusi, filho de Jémini”, isto é, devido ao conhecimento do segredo e silêncio que, por nossa salvação, guardou o Senhor propício e misericordioso, tolerando e suportando com a máxima paciência os ardis do traidor, diga o Senhor e esta alma perfeita, expondo a razão do próprio segredo: Por ti, ímpio e pecador, suportei o traidor com profundo silêncio e grande paciência, a fim de que tuas iniquidades fossem lavadas na efusão do meu sangue; acaso não me imitarás, sem pagar o mal com o mal? Percebendo e entendendo o que em seu favor fez o Senhor, e progredindo na perfeição a exemplo dele, diz a alma: “Se paguei com o mal aos que me retribuíam com o mal”, isto é, se não fiz o que me ensinaste por obras, “sucumba sem razão por mãos de meus inimigos”. É com exatidão que não diz: Se paguei com o mal aos que me faziam o mal, mas: “Aos que me retribuíam” com o mal. Quem retribui já

recebeu alguma coisa. Paciência maior é não pagar o mal com o mal ao beneficiado que pagou o bem com o mal do que àquele que anteriormente não recebeu benefício algum e quer prejudicar. "Se, portanto, paguei com o mal aos que me retribuíam com o mal", se não te imitei no silêncio, isto é, na paciência com que agiste em meu favor, "sucumba sem razão por mãos de meus inimigos". Debalde se jacta quem, sendo homem, quer se vingar de outro homem. Quando às claras procura superar a outrem, ocultamente é vencido pelo diabo; tornou-se fútil, por uma alegria vã e soberba, como se lhe tenha sido impossível ser vencido. O salmista, portanto, entende onde está a vitória maior e onde o Pai, que vê nos lugares ocultos, recompensa. Foi instruído a não pagar com o mal aos que lhe retribuem com o mal, a vencer antes a ira do que a um homem, pelas Sagradas Letras, onde está escrito: "Melhor é quem vence a ira do que o conquistador de uma cidade" (Pr 16,32s, seg. LXX). "Se paguei com o mal aos que me retribuíam com o mal, sucumba sem razão por mãos de meus nimigos". Parece juramento execratório, a mais grave espécie de juramento; nele diz o homem: Se fiz isto, sofra aquilo. Mas, uma coisa é o ato de jurar na boca de quem jura, e outra no sentido que lhe dá um profeta. Aqui se enuncia o que, na verdade há de ocorrer àqueles que pagam com o mal aos que retribuem com o mal. Não é uma praga com juramento contra si ou contra outrem.

4 [6] "Persiga o inimigo a minha alma e dela se apodere". O salmista mais uma vez fala do inimigo no singular, revelando progressivamente quem foi que ele acima denominou leão. Este persegue a alma e se puder enganá-la, dela se apodera. Os homens praticam crueldades até matar o corpo, mas não podem apossar-se da alma depois desta morte sensível; o diabo, contudo se apossa das almas que perseguiu e apanhou. "Esmague minha vida contra o pó", isto é, pisando transforme a minha vida em pó, alimento do diabo. Ele foi chamado leão, e também serpente, à qual foi sentenciado: "Comerás poeira"; e ao pecador: "Tú és pó e ao pó tornarás" (Gn 3,14.19). "E reduza a pó a minha glória". É este o pó que o vento arrasta da superfície da terra, a saber, a jactância vã, inepta, orgulhosa e inconsistente dos soberbos, como um montão de poeira, levantado pelo vento. Com justeza diz aqui o salmista glória, que ele não quer seja reduzida a pó. Quer tê-la sólida, diante de Deus, na consciência, onde não pode haver jactância. "Aquele que se gloria, se glorie no Senhor" (1Cor 1,31). Tal solidez é reduzida a pó se alguém por soberba, desprezando os segredos da consciência, onde somente Deus experimenta o homem, quiser gloriar-se junto dos homens. Daí dizer-se em outra parte: "Deus esmagará os ossos dos que agradam aos homens" (Sl 52,6). Quem aprendeu bem ou experimentou os graus dos vícios a serem superados, entende ser o da vanglória o único ou maior, de que hão de se acautelar os perfeitos. O primeiro vício em que a alma caiu é o último que ela vence. "O princípio de todo pecado é o orgulho"; e: "O princípio do orgulho do homem é renegar a Deus" (Eclo 10,15.14).

5 [7] "Ergue-te, ó Senhor, em tua ira". Por que, então, aquele que afirmamos ser perfeito provoca Deus à ira? Não seria, ao invés, perfeito aquele que ao ser apedrejado disse: "Senhor, não lhes imputes este pecado" (At 7,59)? Ou não é contra os homens que o salmista pede isso, e sim contra o diabo e seus anjos, que se apoderaram dos pecadores e

dos ímpios? Não é cruel, portanto, mas misericordioso quem reza contra alguém, para que o Senhor que justifica o ímpio (Rm 4,5) o tire da posse do diabo. Se o ímpio é justificado, de ímpio faz-se justo e passa de posse do diabo a templo de Deus. Como constitui castigo tirar de alguém o domínio de um objeto cobiçado, denomina-se ira de Deus contra o diabo a pena de subtrair-lhe os que estavam sob seu jugo. "Ergue-te, ó Senhor, em tua ira". Aqui parece dizer de modo humano e obscuro: "Ergue-te", como se Deus estivesse dormindo, quando permanece incógnito em seus segredos. "Exalta-te nos confins de meus inimigos". Chama de "confins" a própria posse, onde quer seja exaltado Deus e não o diabo, isto é, honrado e glorificado, ao serem os ímpios justificados e louvarem a Deus. "Levanta-te, Senhor meu Deus, segundo o preceito que estabeleceste", isto é, apresenta-te humildemente, porque preceituaste a humildade. Sê tu o primeiro a cumprir o que mandaste, para que a teu exemplo os vencedores da soberba não sejam possuídos pelo diabo, que persuadiu à soberba contra o teu preceito, dizendo: "No dia em que dele comerdes, vossos olhos se abrirão e vós sereis como deuses" (Gn 3,5).

6 [8] "A assembleia das nações te cercará", em duplo sentido. A assembleia das nações pode estar constituída de fiéis ou de perseguidores. Ambas se formaram através da mesma humildade de nosso Senhor. Desprezando-o, a multidão dos perseguidores o cercou. Desta multidão se disse: "Por que as nações se agitaram e os povos tramaram em vão" (Sl 2,1)? A multidão dos fiéis, porém, cercou-o por sua humildade, de modo que se pode dizer com toda verdade: "A cegueira atingiu uma parte de Israel até que chegue a plenitude dos gentios" (Rm 11,25), e "Pede-me e dar-te-ei as nações por herança, e como propriedade os confins da terra" (Sl 2,8). "Volta às alturas por causa dela", por causa desta assembleia, volta para o alto. O Senhor voltou, quando ressurgiu e subiu ao céu. Assim glorificado, comunicou o Espírito Santo, que não podia ser dado antes de sua glorificação, conforme se lê no evangelho: "Não fora dado o Espírito, porque Jesus ainda não tinha sido glorificado" (Jo 7,39). Tendo regressado, pois, ao alto, por causa da assembleia das nações, enviou o Espírito Santo. Dele repletos, os pregadores do Evangelho encheram de igrejas o orbe da terra.

7 É possível ainda interpretar: "Ergue-te, ó Senhor, na tua ira. Levanta-te nos confins de meus inimigos", do seguinte modo: Ergue-te em tua ira, e não te entendam os meus inimigos. Assim, "Levanta-te" significaria: Coloca-te no alto, para não seres entendido, referindo-se ao supramencionado silêncio. Igualmente em outro salmo fala-se desta exaltação: "Subiu sobre um querubim e voou. Das trevas fez um esconderijo" (Sl 17,11.12). Nesta exaltação, isto é, neste escondimento, enquanto os que te hão de crucificar não te entenderão merecidamente, devido a seus pecados, a assembleia dos fiéis te cercará. Em sua própria humildade, o Senhor foi exaltado, a saber, não foi entendido. A isso se refere a frase: "Levanta-te, Senhor meu Deus, segundo o preceito que estabeleceste"; quer dizer, ao te apresentares humildemente, eleva-te para que os meus inimigos não te conheçam. Os pecadores são inimigos do justo e os ímpios, do homem piedoso. "E a assembleia dos povos te cercará", isto é, pelo fato mesmo de não te conhecerem os que te crucificaram, os povos em ti acreditarão e assim a assembleia

dos povos te cercará. Mas a continuação, se de fato for este o seu sentido, causa mais dor pelo que já se começa a perceber do que alegria pelo que se entende. Segue-se, de fato: "Volta às alturas, por causa dela", desta assembleia do gênero humano que enche as igrejas. Volta às alturas, isto é, novamente deixa de ser entendido. O que significa, então: "por causa dela", senão que também esta te há de ofender, de sorte a predizeres, com verdade: "Mas quando o Filho do Homem voltar, encontrará a fé sobre a terra" (Lc 18,8)? O mesmo se afirma dos falsos profetas, os hereges: "Pelo crescimento da iniquidade, o amor de muitos esfriará" (Mt 24,12). Quando, pois, também nas igrejas, naquela assembleia de povos e nações, onde foi amplamente divulgado o nome dos cristãos, tamanha será a abundância dos pecados já em grande parte percebida, não se prediz aqui a fome da palavra prenunciada por outro profeta? (Am 8,11). Acaso não volta Deus às alturas por causa deste acúmulo de pecados, que rejeita a luz da verdade, de modo que por nenhum ou por bem poucos, dos quais se disse: "Feliz aquele que perseverar até o fim, esse será salvo" (Mt 10,22), é mantida e percebida a fé sincera, purificada da mancha de todas as opiniões depravadas? Não é sem razão que se diz: "por causa desta assembleia volta às alturas", isto é, retira-te novamente para a profundidade de teus segredos, também por causa desta assembleia de povos que tem o teu nome, mas não pratica o que fazes.

8 [9] Mas, quer seja esta ou a anterior exposição a mais adequada, sem prejuízo de outra melhor ou igual, prossegue-se com acerto: "O Senhor julga os povos". Quer haja regressado às alturas, ao subir ao céu depois da ressurreição, porque de lá há de voltar a julgar os vivos e os mortos, quer volte às alturas quando o conhecimento da verdade abandona os cristãos pecadores, a sentença: "O Senhor julga os povos" é exata, porque a respeito da vinda do Senhor está escrito: "Mas quando o Filho do Homem voltar, encontrará a fé sobre a terra" (Lc 18,8)? "O Senhor julga os povos". Quem é o Senhor senão Jesus Cristo? "O Pai a ninguém julga, mas confiou ao Filho todo julgamento" (Jo 5,22). Em vista disto, observe-se como não teme o dia do juízo a alma que reza com perfeição, e com desejo confiante diz na oração: "Venha a nós o teu reino" (Mt 6,10). "Julga-me, Senhor, segundo a minha justiça". No salmo anterior, o enfermo implorava mais a misericórdia de Deus do que lembrava qualquer mérito seu, porque o Filho de Deus veio chamar os pecadores à penitência (Lc 5,32). O salmista acima dissera, portanto: "Salva-me, Senhor, por tua misericórdia" (Sl 6,5), não por causa de meus méritos. Aqui, foi chamado, manteve e observou os preceitos recebidos e ousa dizer: "Julga-me, Senhor, segundo a minha justiça, e conforme a inocência que há em mim". Verdadeira inocência, que nem o inimigo prejudica; por isso, com razão suplica ser julgado conforme sua inocência, porque afirmou com verdade: "Se paguei com o mal aos que me retribuíam com o mal". Quanto ao acréscimo "em mim", pode-se subentender não só a inocência, mas também a justiça, sendo este o sentido: Julga-me, Senhor, segundo a minha justiça, e segundo a minha inocência, justiça e inocência estas em mim existentes. O acréscimo revela que a alma é justa e inocente, não em si mesma, mas por ação de Deus, que esclarece e ilumina. Desta alma declara outro salmo: "Senhor, farás

brilhar a minha lâmpada ” (Sl 17,29); e a respeito de João assevera: “Ele não era a luz, mas veio para testemunhar a luz” (Jo 1,8). “João foi o facho que arde e ilumina” (Jo 5,35). A luz, na qual as almas, como lâmpadas, se acendem, não brilha com fulgor alheio, mas com o seu, a própria verdade. Por isso se diz: “Segundo a minha justiça e segundo a inocência que há em mim”, como se a lâmpada que arde e ilumina dissesse: Julga-me pela chama que há em mim; não aquela que me faz existir, mas a que me faz brilhar, acesa em ti.

9 [10] “Consuma-se, porém, a maldade dos pecadores. Consuma-se”, complete-se, conforme a palavra do Apocalipse: “O justo pratique ainda a justiça e o sujo continue a sujar-se” (Ap 22,11). Parece maldade consumada a dos que crucificaram o Filho de Deus; maior ainda, todavia, é a dos que não querem viver retamente e odeiam os preceitos da verdade, pelos quais morreu o Filho de Deus. “Consuma-se”, pois, “a maldade dos pecadores”; chegue ao cúmulo, a fim de que venha o justo juízo. Mas como não foi dito somente: “O sujo continue a sujar-se”, mas também: “O justo pratique ainda a justiça”, acrescenta-se: “Mas guiarás o justo, ó Deus, que sondas os corações e os rins”. Como pode o justo ser guiado senão no seu interior? Pois, mesmo o que era admirável no começo da era cristã (os santos ainda eram oprimidos pela perseguição dos mundanos) agora (depois que o nome de cristão atingiu posição tão elevada) aumentou a hipocrisia, quer dizer, a simulação daqueles que sob o nome de cristãos preferem agradar mais aos homens do que a Deus. Como, pois, é orientado o justo no meio de tamanha confusão, causada pela simulação, senão quando Deus sonda os corações e os rins, vendo os pensamentos de todos? Estes são designados pela palavra coração e os prazeres, pelo termo rins. Com razão atribui-se aos rins o deleite nas coisas terrenas e temporais, porque no homem é a parte inferior, onde se localiza a volúpia da geração carnal, pela qual nesta vida atribulada e cheia de alegria falaz, se transmite a natureza humana, pela sucessão da prole. Se Deus, portanto, sonda nosso coração, e vê que está o nosso tesouro lá (Mt 6,21), isto é, nos céus, se também sonda os rins e verifica que não cedemos à carne e ao sangue, mas nos deleitamos no Senhor, ele guia o justo, em sua presença, na própria consciência, onde ninguém divisa alguma coisa, exceto ele, que enxerga o pensamento e o deleite de cada um. O fim visado pelos desejos é o deleite: cada qual preocupa-se e cogita como obter o prazer. Quem sonda nosso coração, vê nossas preocupações; igualmente quem sonda os rins, vê a finalidade de nossos cuidados, isto é, o deleite. Quando verifica que nossas preocupações não se inclinam para a concupiscência carnal, nem para a concupiscência dos olhos, nem para a ambição mundana, que passam como sombras (1Jo 2,16,17), mas que se elevam às alegrias dos bens eternos, invioláveis, imutáveis, Deus, que sonda os corações e os rins, guia o justo. Nossas obras, em atos e palavras, podem ser conhecidas dos homens; mas só Deus, que sonda os corações e os rins, sabe com que ânimo são feitas e aonde, por meio delas, desejamos chegar.

10 [11] “Justo auxílio me vem do Senhor, que salva os retos de coração”. Dois são os objetivos da medicina: primeiro, curar a doença; segundo, conservar a saúde. Quanto ao

primeiro, pronunciou-se o salmo precedente: “Tem piedade de mim, Senhor, estou enfraquecido” (Sl 6,3); quanto ao segundo, declara o presente salmo: “Se manchei as mãos na iniquidade, se paguei com o mal aos que retribuíam com o mal, sucumba sem razão nas mãos de meus inimigos”. Naquele, o doente suplica ser libertado; neste, o são pede não ser contaminado. O primeiro reza: “Salva-me por tua misericórdia”; o segundo pede: “Julga-me, Senhor, segundo a minha justiça”. Aquele quer remédio para escapar da doença, este suplica socorro para não recair. Diz aquele: “Salva-me, Senhor, por tua misericórdia”; este declara: “Justo auxílio me vem do Senhor que salva os retos de coração”. Tanto aquela oração como esta salva; mas aquela opera a mudança da doença para a saúde; esta preserva a própria saúde. Naquela, portanto, o auxílio é misericordioso, porque o pecador nenhum mérito possui e almeja ser justificado, acreditando naquele que justifica o ímpio (Rm 4,5); nesta, porém, trata-se de auxílio justo, porque concedido a um justo. Naquela peça, pois, o pecador, segundo declarou: “Estou enfraquecido, salva-me, Senhor, por tua misericórdia”. Nesta, conforme sua afirmação: “Se paguei com o mal aos que me retribuíam com o mal”, o justo diga: “Justo auxílio me vem do Senhor, que salva os retos de coração”. Se ele oferece remédio que cura nossas doenças, quanto mais não dará o que nos conserva sadios? Porque “Cristo morreu por nós quando éramos ainda pecadores. Quanto mais, então, agora, justificados por seu sangue, seremos por ele salvos da ira” (Rm 5,8.9)?

11 “Justo auxílio me vem do Senhor, que salva os retos de coração”. Dirige o justo, Deus, que sonda os corações e os rins, por justo auxílio salva os retos de coração. Mas, se ele sonda corações e rins, sua salvação atinge os retos de coração, e não de rins; porque os pensamentos maus se acham no coração perverso e os bons no coração reto; os deleites pecaminosos, contudo, referem-se aos rins, porque são inferiores e terrenos; os bons, todavia, não são atinentes aos rins, mas ao próprio coração. Por este motivo, não se pode falar de retos devido os rins, como se fala de retos de coração, pois onde já está o pensamento, está o deleite, o que não é possível senão ao se pensar nas coisas divinas e eternas. Disse o salmista: “Tu me deste alegria ao coração, após as palavras: Está assinalada em nós, Senhor, a luz de tua face” (Sl 4,7). Pois as fantasias acerca dos bens temporais que a alma cria, agitada por esperanças vãs e caducas, embora tragam frequentemente, por imaginações fúteis, alegria tresloucada e insana, tal deleite não deve ser atribuído ao coração e sim aos rins. Aquelas imaginações todas derivam de realidades inferiores, isto é, terrenas e carnais. Assim, Deus que sonda corações e rins, se descobre no coração pensamentos retos e nenhum deleite nos rins, oferece justo auxílio aos retos de coração; neles os pensamentos puros se associam aos deleites elevados. Por isso, em outro salmo, tendo dito: “Além disso, até de noite meus rins me censuraram”, acrescenta uma palavra sobre o auxílio: “Via sempre o Senhor diante de mim. Porque está à minha direita, não serei abalado” (Sl 15,7-8). O salmista mostra que sofre da parte dos rins apenas sugestões, não deleitações. Se as tivesse, estaria na verdade abalado. Declarou, contudo: “O Senhor está à minha direita, não serei abalado”, e acrescentou logo: “Por isso se alegrou meu coração” (ib. 9). Os rins puderam excitar, mas não lhe causar prazer. Não foi, portanto, nos rins que houve deleitação, mas lá onde Deus, contra as excitações

dos rins, cuidou de estar à direita, isto é, no coração.

12 [12]"Deus, justo juiz, forte e longânime". Qual Deus é juiz senão o Senhor que julga os povos? Ele é justo, pois recompensa a cada um segundo as obras. Ele é forte, porque, sendo poderosíssimo, tolerou mesmo os ímpios perseguidores, em vista de nossa salvação. É longânime, porque logo após a ressurreição não arrastou ao suplício os perseguidores, mas suportou-os a fim de que um dia se convertessem da impiedade à salvação; e ainda suporta, convidando os pecadores à penitência e reservando o último castigo para o juízo derradeiro. "Não anda irado todos os dias". Talvez seja mais expressivo dizer: "anda irado" do que: "se irrita". Assim é que encontramos em traduções gregas. A ira com que Deus pune não está nele, mas no espírito de seus servos, obedientes aos preceitos da verdade. Por meio destes emitem-se ordens de punir os pecados, também aos ministros inferiores, denominados anjos da ira, aos quais apraz o castigo inflingido aos homens, não por causa da justiça, que não possuem, mas por sua malícia. "Deus", portanto, "não anda irado todos os dias", isto é, não reúne todos os dias os seus ministros para exercerem vingança, pois agora a paciência de Deus convida à penitência; no fim dos tempos brandirá a espada, quando os homens por sua dureza e coração impenitente houverem acumulado ira para o dia da ira e da revelação da justa sentença de Deus (Rm 2,5).

13 [13] "Se não vos converterdes, brandirá a espada". Pode-se entender que o próprio homem-Senhor é a espada de dois gumes, isto é, duplamente afiada, que na primeira vinda não brandiu, mas escondeu de certo modo na bainha da humildade. Brandirá, porém, na segunda vinda, quando há de vir para julgar os vivos e os mortos, no esplendor manifesto de sua glória e fará fulgurar a luz para os justos e o terror para os ímpios. Pois, em outras traduções, em vez de "brandirá a espada" acha-se: "Fará cintilar sua espada de dois gumes". Julgo que tal expressão alude de modo muito adequado à última vinda do Senhor na glória. De sua pessoa entende-se na verdade o que lemos em outro salmo: "Livra dos ímpios, Senhor, a minha alma, a tua espada, dos inimigos de tua mão (Sl 16, 13). Retesou o arco e o ajustou". Não se passe em silêncio, sem mais, o tempo dos verbos. À espada liga-se o futuro: "brandirá; ao arco", o passado: "retesou", e seguem-se verbos no pretérito.

14 [14] "Nele preparou armas mortíferas e fez setas para os ardorosos". A meu ver, arco são as Sagradas Escrituras, onde a força do Novo Testamento, uma espécie de nervos, dobrou e domou a dureza do Antigo Testamento. Daí, quais setas, são enviados os apóstolos, ou lançados os divinos anúncios. Tais setas foram feitas "para os ardorosos", a fim de que, feridos, ardessem no amor divino. Que outra espécie de seta feriu aquela que diz: "Introduzi-me na adega, colocai-me entre os unguentos, cercai-me de doçuras, porque estou ferida de amor" (Ct 2,4, seg. LXX)? Seriam diferentes as setas que inflamam aquele que, desejoso de voltar a Deus e regressar desta peregrinação, pede auxílio contra as línguas enganosas, e é interrogado: "Qual será a tua paga, o teu castigo, ó lingua enganadora? Aguçadas setas de poderosos, com carvões devoradores" (Sl 119,

3.4). Quer dizer, ferido e inflamado por elas, arderás de tanto amor pelo reino dos céus que desprezarás as línguas dos opositores e dos que querem desviar-te desse propósito e rirás de suas perseguições, dizendo: "Quem me separará do amor do Cristo? A tribulação, angústia, perseguição, fome, nudez, perigo, espada? Pois estou convencido de que nem a morte nem a vida, nem os anjos nem os principados, nem o presente nem o futuro, nem os poderes, nem a altura, nem a profundeza, nem nenhuma outra criatura poderá nos separar do amor de Deus manifestado em Cristo Jesus, nosso Senhor" (Rm 8,35.38-39). Desta sorte, fez setas para os ardorosos: pois nas traduções gregas assim se encontra: "Fez setas para os ardorosos". Nos exemplares latinos, porém, na maioria vê-se: "ardentes". Mas quer ardam as próprias setas, quer façam arder, o que não fariam se elas mesmas não ardessem, o sentido não muda.

15 Mas, como o salmista afirma que o Senhor preparou no arco não somente setas, como também "armas mortíferas", pode-se perguntar o que são tais armas mortíferas. Acaso os hereges? Pois estes, projetando-se do mesmo arco, isto é, das mesmas Escrituras, assaltam as almas, não para inflamá-las de caridade, mas para matá-las, envenenando-as, o que é bem merecido. Assim, esta disposição é igualmente atribuível à divina Providência; não que ela suscite pecadores, mas porque esta tudo reconduz à ordem, depois que eles pecaram. Os que leem com má intenção, por causa do pecado e como castigo do mesmo, necessariamente entendem mal. Pela morte desses, quais espinhos, os filhos da Igreja católica são despertados e progridem no entendimento das divinas Escrituras. "É preciso que haja até mesmo cisões entre vós, a fim de que se tornem manifestos entre vós aqueles que são comprovados" (1Cor 11,19), isto é, entre os homens, porque Deus os vê com toda clareza. Ou acaso dispôs Deus as mesmas setas e armas mortíferas para a perdição dos infiéis e fez setas ardentes, ou as fez para os ardorosos, tendo em vista exercitar os fiéis? Não é falsa a afirmação do Apóstolo: "Para uns, odor que da vida leva à vida; para outros, odor que da morte leva à morte. E quem estaria à altura de tal missão" (1Cor 2,16)? Não é de admirar, pois, se os próprios apóstolos são armas mortíferas para os seus perseguidores e setas de fogo para inflamar os corações dos fiéis.

16 [15] Depois desta disposição, virá o justo juízo. A respeito deste, o salmista se exprime de maneira a entendermos que a cada um se torna suplício o seu próprio pecado e a sua iniquidade se converte em castigo. Não pensemos que venha o castigo da tranquilidade e luz inefável de Deus, e sim que ele de tal maneira dispõe acerca dos pecados que os prazeres do pecador se transformam em instrumentos de Deus para punir. "Eis que gera injustiça". O que havia o pecador concebido para gerar a injustiça? "Concebeu o trabalho". Daí, pois, a palavra: "Comerás o teu pão em trabalhos" (Gn 3,17); e também: "Vinde a mim todos os que estais cansados sob o peso do vosso fardo. O meu jugo é suave e o meu fardo é leve" (Mt 11,28.30). O trabalho não pode ser abolido, a menos que ame cada um só o que não lhe pode ser tirado contra a vontade. Pois, se amamos o que a contragosto podemos perder, forçoso é sofrermos miseravelmente por causa disso. E para o obtermos, em meio às angústias e tribulações terrenas, enquanto deseja cada

um arrebatá-las e passar à frente dos outros, ou extorqui-las de alguém, planejam-se injustiças. Com razão, portanto, e em perfeita ordem se afirma que quem concebeu o trabalho deu à luz a injustiça. O que é que dá à luz senão aquilo que foi gerado, embora não tenha gerado aquilo que concebeu? Pois, não nasce o que foi concebido; mas é concebido o sêmen, nasce o que é formado do sêmen. O trabalho é, por conseguinte, o germe da iniquidade; o pecado, porém, é a conceição do trabalho, a saber, aquele primeiro pecado, a apostasia cometida contra Deus (Eclo 10,14). Gerou, portanto, a injustiça quem concebeu o trabalho. "E pariu a iniquidade". Iniquidade é o mesmo que injustiça. Deu, pois, à luz o que gerou. Qual a continuação?

17 [16] "Abriu uma fossa, escavou-a". Abrir uma fossa é, nas coisas terrenas, como se fosse na terra preparar uma armadilha para aquele a quem o injusto quer enganar. Abre-se tal fossa quando alguém consente na má sugestão das ambições terrenas. Escava-se quando, após o consentimento, se insiste em perpetrar a fraude. Mas, como é possível que a iniquidade prejudique o justo contra quem age, e não tanto o coração do injusto donde procede? Quem comete desfalque, por exemplo, enquanto visa a causar dano a outrem, abre em si a ferida da avareza. Quem é tão louco que não percebe a enorme diferença entre o que sofre prejuízo monetário e o que é lesado na inocência? "Cairá na fossa que abriu". É idêntico ao que diz outro salmo: "O Senhor dá-se a conhecer quando faz justiça. O pecador ficou preso nas obras de suas mãos" (Sl 9,17).

18 [17] "Seu trabalho recair-lhe-á na cabeça e a sua maldade descer-lhe-á sobre a fronte". O pecador não quis fugir do pecado, mas tornou-se escravo dele, conforme declara o Senhor: "Quem comete o pecado, é escravo" (Jo 8,34). Sua iniquidade, portanto, estará sobre ele, e a esta o pecador se submete, porque não pôde dizer ao Senhor como os inocentes e retos: "Minha glória. Exaltas a minha cabeça" (Sl 3,4). Assim, ficará em posição inferior, de sorte que a iniquidade fique por cima e sobre ele descerá. Pesa sobre ele, onera-o, não lhe permite voar ao repouso dos santos. Tal acontece se no perverso a razão for serva e a concupiscência dominar.

19 [18] "Confessarei ao Senhor, pela sua justiça". Não se trata aqui da confissão de pecados. Quem assim se exprime, mais acima asseverava com toda verdade: "Se manchei minhas mãos na iniquidade". Mas, trata-se de confissão da justiça de Deus, a respeito da qual assim falamos: Na verdade, Senhor, tu és justo, ao protegeres os justos de tal modo que por ti mesmo os iluminas, e dispões acerca do pecador de sorte que fique assim punida a malícia que é deles, não tua. Essa declaração louva tanto o Senhor que nada podem as blasfêmias dos ímpios, os quais, procurando escusar os próprios crimes, não querem atribuir os pecados à sua própria culpa, isto é, não querem que a culpa seja sua. Por tal motivo, encontram meios de acusar a sorte, ou o fado, ou o diabo, a cujas tentações podemos não consentir, conforme quis nosso Criador; ou inventam que existe outra natureza, não oriunda de Deus, esses infelizes hesitantes e errados, ao invés de louvarem a Deus, pedindo que os perdoe. Não convém seja perdoado senão aquele que confessa: Pequei. Quem vê, pois, Deus classificar os méritos das almas de tal

maneira que, dando a cada um o que é seu, não se altere absolutamente a beleza do universo, em tudo dá louvor a Deus. Esta confissão não é própria de pecadores e sim de justos. Não se trata de confissão de pecados quando o Senhor diz: “Eu te confesso, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas ao sábios e doutores e as revelaste aos pequeninos” (Mt 11,25). Também diz o Eclesiástico: “Confessai o Senhor por todas as suas obras. Assim direis em seu louvor: Todas as obras do Senhor são magníficas” (Eclo 39,14.16). É possível assim interpretar este salmo se alguém, com mente piedosa, auxiliado pelo Senhor, distinguir entre os prêmios dos justos e os suplícios dos pecadores, e como que através destas duas espécies de pessoas, o universo criado por Deus é ornado de maravilhosa beleza, de poucos conhecida. Disse o salmista: Confessarei ao Senhor pela sua justiça, como alguém que não sabe terem sido as trevas feitas por Deus, no entanto, terem sido por ele dispostas em ordem. Pois Deus disse: “Faça-se a luz! E a luz foi feita” (Gn 1,3). Não disse: Façam-se as trevas e as trevas foram feitas; contudo, as dispôs em ordem. Por isso se diz: “Separou a luz e as trevas. Deus chamou à luz dia, e às trevas noite” (ib 4,5). Eis a distinção: fez uma coisa e a pôs em ordem; não fez a outra, no entanto, a ordenou igualmente. Já no profeta se acha que as trevas significam o pecado: “A tua noite resplandecerá como o dia pleno” (Is 58,10) e o Apóstolo declara: “O que odeia o seu irmão está nas trevas” (1Jo 2,11), e principalmente: “Deixemos as obras das trevas e vistamos a armadura da luz” (Rm 13,12). Não quer dizer que as trevas tenham uma natureza. Toda natureza, enquanto tal, forçosamente é um ser. O ser, porém, pertence à luz; o não ser, às trevas. Quem, portanto, abandona quem o criou e se inclina para a criatura, o nada, entenebrece por causa deste pecado; todavia não perece inteiramente, mas ocupa ínfimo lugar. O salmista, após ter proferido: “Confessarei o Senhor”, para não julgarmos ser confissão de pecados, acrescentou no final: “E cantarei salmos ao nome do Senhor, o Altíssimo”. Salmodiar relaciona-se à alegria; a penitência dos pecados, à tristeza.

20 Pode-se também aplicar este salmo à pessoa do homem-Senhor, se relacionarmos as expressões humildes nele empregadas e nossa fraqueza, que ele assumiu.

SALMO 8

COMENTÁRIO

1 [1] "Para o fim. Por causa dos lagares. Salmo de Davi". Nada no texto do presente salmo parece tratar de lagares, que constam do título. Daí se conclui que frequentemente na Escritura uma só e mesma coisa vem sugerida por muitas e várias comparações. Lagares assim podem representar as igrejas, do mesmo modo que eira significa igreja. Na eira, ou nos lagares, de outra coisa não se cuida senão de limpar os frutos, tirando os invólucros, que haviam sido necessários para brotarem, crescerem, e chegarem à maturidade da messe ou à vindima. Esses invólucros ou cascas são retirados, a saber: do trigo as palhas na eira, e das uvas no lagar as grainhas. Assim nas igrejas se separam, por amor espiritual e servindo de intermediários, os ministros de Deus, os bons da multidão dos mundanos, congregados com aqueles que precisavam dessa multidão para nascerem e se tornarem capazes de receber a palavra divina. Trata-se, pois, de se separar os bons dos maus, não pelo lugar, mas pelo afeto, embora vivam juntos nas igrejas pela presença corporal. Virá, porém, o tempo em que se recolherão os grãos de trigo nos celeiros e os vinhos nas adegas. "Recolherá o trigo em seu celeiro; a palha, porém, ele a queimará num fogo inextinguível" (Lc 3,17). Ainda é possível entender o mesmo, por meio da seguinte comparação: Recolherá o vinho nas adegas, e lançará as grainhas aos animais, de sorte que o ventre dos animais sirva de ponto de comparação para as penas da geena.

2 Há outro sentido para a expressão lagares, contanto que não nos afastemos do significado de igrejas. As uvas seriam o Verbo divino. O Senhor é chamado também cacho de uvas, colhido na terra da promissão pelos exploradores enviados pelo povo de Israel, que o trouxeram suspenso do madeiro, à guisa de um crucificado (Nm 13,24). Quando o Verbo divino, para uma enunciação, emprega o som da voz, querendo atingir os ouvintes, neste som, qual grainha, está encerrado o entendimento, o vinho. E assim, esta espécie de uva atinge os ouvidos, qual em dorna de lagar. Ali se faz a separação, de maneira que o som chega ao ouvido e seu sentido é percebido pela memória dos ouvintes, como se fosse uma cuba; de lá passa para a disciplina dos costumes e os hábitos mentais, como da cuba à adega onde, se o vinho não fermentar devido a alguma negligência, fica melhor com o tempo. Fermentou, de fato, nos judeus, e foi este vinagre (Jo 19,29) que deram ao Senhor para beber. Quanto ao vinho que o Senhor há de beber com os seus santos, no reino de seu Pai, produto das vinhas do Novo Testamento (Lc 22,18), tem de ser muito delicioso e forte.

3 É costume aplicar a figura dos lagares também ao martírio. Os restos mortais dos que confessaram o nome de Cristo, calcados pela aflição das perseguições, ficaram na terra, como grainhas; as almas, porém, partiram para o repouso das habitações celestes. Mas esta interpretação também não fica alheia aos frutos das igrejas. Salmodia-se, portanto,

"por causa dos lagares", quer dizer, pelo estabelecimento da igreja, quando nosso Senhor, depois da res-surreição, subiu aos céus. Então enviou o Espírito Santo, e os discípulos, dele repletos, desassombradamente pregaram a palavra de Deus, a fim de congregarem as igrejas.

4 [2] Diz-se, portanto: "Senhor, Senhor nosso, como é admirável teu nome em toda a terra!" Pergunto: Por que é admirável o seu nome em toda a terra? A resposta é a seguinte: "Porque se elevou a tua magnificência acima dos céus". O sentido então seria: Senhor, que és nosso Senhor, como te admiram os habitantes da terra! Porque tua magnificência, da humildade terrena, elevou-se acima dos céus. Apareceu quem eras ao desceres, quando uns viram aonde subias e os demais acreditaram.

5 [3] "Da boca das crianças e lactentes tiraste um louvor perfeito, por causa de teus inimigos". Por crianças e lactentes tomo apenas as mencionadas pelo Apóstolo: "Dei-vos a beber leite, como a criancinhas em Cristo, e não alimento sólido" (1Cor 3,1.2). Eram representadas pelas que precediam o Senhor com louvores, a respeito das quais testemunhou o Senhor, quando, ao pedirem os judeus que as repreendesse, respondeu: "Nunca lestes que: Da boca das crianças e lactentes tirastes um louvor perfeito" (Mt 21,16)? Com justeza não disse: Tiraste um louvor, e sim: "Tiraste um louvor perfeito". Nas igrejas existem os que já não bebem leite, mas tomam alimento sólido. Acerca destes declara o Apóstolo: "É realmente de sabedoria que falamos entre os perfeitos" (1Cor 2,6). Mas as igrejas não se perfazem apenas com esses tais, porque se fossem somente eles, não se cuidaria do bem do gênero humano. Vela-se por estes, porém, quando os ainda incapazes do conhecimento das coisas espirituais e eternas se nutrem da fé na história temporal, realizada em prol de nossa salvação, após a atuação dos patriarcas e dos profetas, pela excelsa Virtude e Sabedoria de Deus e também pelo mistério da natureza humana assumida. Nesta fé está a salvação de cada fiel. Este, aceitando tal autoridade, cumpra os preceitos e assim purificado, arraigado e baseado na caridade, possa com os santos (uma vez que não é mais criancinha nutrida com leite, mas jovem sustentado com alimento sólido) correr, compreender qual seja a largura, o comprimento, a altura e profundidade, e conhecer enfim a supereminente ciência da caridade de Cristo (Ef 3,18.19).

6 "Da boca das crianças e lactentes tiraste um louvor perfeito, por causa de teus inimigos". Devemos tomar em geral por inimigos desta economia de Jesus Cristo, de Jesus Cristo crucificado, todos aqueles que impedem o homem de acreditar em coisas desconhecidas e prometem uma ciência certa, como fazem todos os hereges e os que a superstição dos pagãos denomina filósofos. Não digo que seja censurável a promessa de ciência, mas que eles julguem desprezíveis os degraus salutíferos e necessários da fé, pelos quais importa subir a uma segura meta, que só pode ser eterna. Evidencia-se com isto não terem nem mesmo a ciência que prometem, depreciando a fé, porque ignoram esses degraus tão úteis e necessários. "Da boca das crianças e lactentes nosso Senhor tirou um louvor perfeito", mandando primeiro dizer pelo profeta: "Se não acreditardes,

não entendereis" (Is 7,9, seg. os LXX) e ele mesmo, em pessoa, disse: "Felizes os que não viram e hão de crer" (Jo 20,29). "Por causa de teus inimigos", contra os quais também se diz: "Eu te louvo, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e as revelaste aos pequeninos" (Mt 11,25). Disse: aos sábios, não porque sejam sábios, mas porque julgam sê-lo. "Para abateres o inimigo e o defensor". Quem senão o herege? Este é inimigo e defensor, porque ao atacar a fé cristã, parece defendê-la. Embora igualmente se possa bem aplicar a expressão inimigos e defensores aos filósofos deste mundo, visto que o Filho de Deus é a Virtude e a Sabedoria de Deus, que ilumina todo aquele que se faz sábio pela verdade. Declaram-se eles amantes da verdade e por isso são denominados filósofos. Igualmente por esta razão parecem defendê-la, apesar de serem seus inimigos, uma vez que não cessam de induzir a outros a superstições prejudiciais, que cultuam e veneram os elementos do mundo.

7 [4] "Quando contemplo os céus, lavor de teus dedos". Lemos que pelo dedo de Deus foi gravada a Lei e dada por meio de Moisés, seu santo servo (Ex 31,18; Dt 9,10); muitos entendem por dedo de Deus o Espírito Santo. Por isso, se julgarmos com acerto serem os dedos de Deus os seus ministros, cheios do Espírito Santo, por causa do mesmo Espírito que nele opera, uma vez que compuseram para nós toda a divina Escritura, interpretaremos aqui de modo adequado como céus os livros de ambos os Testamentos. A respeito do próprio Moisés, os magos do faraó, tendo sido por ele vencidos, disseram: "Isto é o dedo de Deus" (Ex 8,15). Embora tenha sido escrito acerca do céu etéreo: "Os céus se enrolarão como um livro" (Is 34,4), todavia, de modo conveniente, por comparação alegórica os livros são denominados céus. "Quando contemplo os céus, lavor de teus dedos", isto é, verei e entenderei as Escrituras, que escreveste por obra do Espírito Santo, através de teus ministros.

8 É cabível, portanto, considerar os céus supramen-cionados como sendo os próprios livros, ao se enunciar: "Porque se elevou a tua magnificência acima dos céus", de modo que o sentido completo seja o seguinte: Porque a tua magnificência se elevou acima dos céus; tua magni-ficência, de fato, excede as palavras das Escrituras. "Da boca das crianças e lactentes tiraste um louvor perfeito", de sorte que começassem pela fé nas Escrituras os que ambicionam chegar ao conhecimento de tua magnificência, mais elevada que as Escrituras, por ultrapassar e superar a mensagem de todas as palavras e línguas. Deus deixou as Escrituras ao nível das crianças e lactentes, conforme se canta em outro salmo: "Inclinou o céu e desceu" (Sl 17,10). E o fez por causa dos inimigos, que em sua loquacidade soberba são inimigos da cruz de Cristo, mesmo quando proferem alguma verdade; mas então não podem ser úteis às crianças e lactentes. Assim se arruína o inimigo e defensor, que aparenta defender a sabedoria ou ainda o nome de Cristo; contudo deste grau da fé, vem a atacar a verdade, que não lhe custa prometer. Fica provado, em consequência, que ele não a possui, porque ataca a escada da fé, ignorando como subi-la. Daí, portanto, eliminar-se o cego e temerário inimigo e defensor, que se apresenta como garantia da verdade, se mostrarmos os céus como obra das mãos de Deus, entendendo as Escrituras e levando-as até à lenta compreensão das crianças.

Estas, através da humildade da fé na história, realizada no tempo, depois de bem nutridas e fortificadas por aquilo que as confirma, são elevadas pelas Escrituras à sublimidade do entendimento das coisas eternas. Estes céus, a saber, estes livros, são obra dos dedos de Deus. Foram compostos por inspiração do Espírito Santo aos santos. Aqueles outros, que cuidaram mais de sua própria glória do que da salvação dos homens, falaram sem possuírem o Espírito Santo, onde se acham as entranhas da misericórdia de Deus.

9 "Quando contemplo os céus, lavor de teus dedos, a luz e as estrelas que criaste". A lua e as estrelas foram colocadas nos céus, porque a Igreja universal, frequen-temente comparada à lua, e as Igrejas particulares, às quais, a meu ver, alude o nome de estrelas, acham-se colocadas nas próprias Escrituras, designadas pelo vocábulo céus. Oportunamente vamos considerar por que a lua significa exatamente a Igreja, em outro salmo, que traz: "Os pecadores armaram o arco, para alvejarem, sob uma lua obscura, os retos de coração" (Sl 10,3).

10 [5] "Que é o homem, para dele te lembrares? Ou o filho do homem para o visitares?" Pode-se perguntar qual a diferença entre homem e filho do homem. Se não houvesse diferença, não se colocaria "homem" ou "filho do homem", com a disjuntiva. Se estivesse escrito: Que é o homem para dele te lembrares, e o filho do homem para o visitares? pareceria repetição da palavra "homem". Aqui, porém, como se encontra: "homem" ou "filho do homem", insinua-se evidentemente que há diferença. Guarde-se bem o seguinte: todo filho do homem é homem, embora nem todo homem possa ser entendido como filho do homem. Adão, em verdade, é homem, mas não filho de homem. Daí, pois, se observa e distingue qual a diferença nesta passagem entre homem e filho do homem. Os portadores da imagem do homem terreno, que não é filho de homem, são chamados homens; os portadores da imagem do homem celeste (1Cor 15,49) melhor se chamam filhos dos homens. Aquele é denominado homem velho; este, homem novo (Ef 4,22.24). Mas, o novo nasce do velho, porque a regeneração espiritual começa pela mudança da vida terrena e secular; por esta razão, este se denomina filho do homem. Nesta passagem, portanto, homem é o terreno e filho do homem, o celeste. Aquele está muito distanciado de Deus, este se acha presente diante de Deus, que por isso se lembra daquele, como quem está distante; a este, presente, visita, iluminando-o com o seu rosto: "A salvação está longe dos pecadores" (Sl 118,155) e: "Está assinalada em nós, Senhor, a luz de tua face" (Sl 4,7). Assim, em outro salmo, associa homens e jumentos, não por atual iluminação interior, mas por multiplicação da misericórdia de Deus, como sua bondade se estende até as coisas ínfimas, diz o Senhor que os homens se salvam com os jumentos, porque a salvação dos homens carnais é carnal, como a dos animais. Mas, separa os filhos dos homens dos homens que associou aos animais. De modo absolutamente mais sublime, por iluminação da própria verdade e certa inundação da água vital, declara que se tornarão bem-aventurados. O salmista diz o seguinte: "Salvaste os homens e os animais, Senhor, assim como se multiplicou a tua misericórdia, ó Deus. Os filhos dos homens se abrigam à sombra de tuas asas. Inebriar-se-ão na abundância de tua casa. Na torrente de tuas delícias lhes dás de beber. Pois em ti está a

fonte da vida e em tua luz contemplamos a luz. Estende a tua misericórdia para os que te conhecem" (Sl 35,7-11). O Senhor, pois, multiplicando sua misericórdia, lembra-se do homem como dos animais. A multíplice misericórdia atinge até os que estão longe. Visita, porém, o filho do homem, abrigado à sombra de suas asas e a ele estende a misericórdia; em sua luz oferece-lhe a luz, desaltera-o em suas delícias e o inebria com a abundância de sua casa, a fim de que esqueça as tribulações e erros da vida passada. A penitência do homem velho gerou em dores e gemidos a este filho do homem, isto é, o homem novo. Este, apesar de novo, ainda se denomina carnal, porque se nutre de leite. Diz o Apóstolo: "Não vos pude falar como a homens espirituais, mas tão-somente como a homens carnais"; e mostrando que já foram regenerados, prossegue: "Como a crianças em Cristo, dei-vos a beber leite, não alimento sólido". Se recai na vida antiga, o que acontece com frequência, ouve a censura de que é homem: "Não sois carnais e não vos comportais de maneira meramente humana" (1Cor 3,1-3)?

11 [6.7] O filho do homem, portanto, foi visitado; em primeiro lugar o próprio homem-Senhor, nascido da Virgem Maria. Dele se afirma por causa da fraqueza da carne, que a Sabedoria de Deus se dignou assumir, e da humilhação da paixão: "Pouco abaixo dos anjos o colocaste". Mas acrescenta-se a glorificação da ressurreição e subida ao céu: "Coroando-o de glória e de honra. Deste-lhe poder sobre as obras de tuas mãos". Apesar de serem os anjos obra das mãos de Deus, aceitamos a verdade de ter sido o Filho unigênito estabelecido até acima dos anjos, mas ouvimos e acreditamos ter sido colocado pouco abaixo dos anjos, pela humildade da geração carnal e da paixão.

12 [8.9] "Tudo lhe submeteste aos pés". Nada excetua, dizendo: "Tudo". E não é lícito entender de maneira diferente, pois ordena o Apóstolo que assim se acredite, dizendo: "Excluir-se-á aquele que tudo lhe submeteu" (1Cor 15,27), e emprega o mesmo testemunho do salmo da epístola aos Hebreus (Hb 2,8), onde procura dar a conhecer ter sido tudo submetido a nosso Senhor Jesus Cristo, sem exceção alguma. No entanto, não parece importante acrescentar: "Ovelhas e bois todos e ainda os animais do campo; as aves do céu e os peixes do mar. Tudo que transita pelos roteiros do mar". Tem-se a impressão de que, omitindo as Virtudes e Potestades celestes e todos os exércitos dos anjos, e ainda os próprios homens, só lhe submeteu os animais. A não ser que ovelhas e bois sejam as almas santas, ou as que frutificam na inocência, ou ainda as que trabalham para que a terra frutifique, isto é, procurando que os homens terrenos se regenerem, em vista de grande fertilidade espiritual. Estas almas santas, portanto, sejam para nós não apenas os homens, mas ainda todos os anjos, se queremos deduzir daí que todas as coisas estão sujeitas a nosso Senhor Jesus Cristo. Nenhuma criatura deixará de estar sujeita àquele ao qual se submetem os primazes, por assim dizer, entre os espíritos. Mas, como provar que ovelhas podem ser também, de modo sublime, não só os homens bem-aventurados, mas ainda os espíritos angélicos criados? Seria talvez por ter o Senhor afirmado que deixou as noventa e nove ovelhas nos montes, isto é, nos lugares mais elevados e desceu por causa de uma só (Mt 18,2)? Se esta única ovelha é a alma humana, decaída em Adão (porque mesmo Eva foi tirada do lado dele) (Gn 2,22), falta-

nos agora tempo para explicar e considerar espiritualmente tudo isso. Resta-nos entender não serem as noventa e nove deixadas na montanha os espíritos humanos, e sim os espíritos angélicos. Quanto aos bois é fácil explanar a sentença, porque os homens são chamados bois na frase: "Não amordaçarás o boi que debulha o grão" (Dt 25,4), uma vez que os homens imitam os anjos, evangelizando a palavra de Deus. Com maior facilidade tomaremos por bois os próprios anjos, mensageiros da verdade, se considerarmos que os evangelistas, que participam do nome dos anjos, foram denominados bois (1Cor 9,9; 1Tm 5,18). "Tudo lhes puseste aos pés", portanto, "ovelhas e bois todos", isto é, todas as criaturas santas e espirituais, entre as quais incluem-se os santos varões da Igreja, a saber, os lagares acima aludidos, também insinuados em outra comparação da lua e das estrelas.

13 "Ainda os animais dos campos". Não é ocioso o acréscimo de "ainda". Primeiro, porque animais do campo podem ser também os bois e as ovelhas. Se as cabras são animais das rochas e lugares escarpados, é certo que as ovelhas são animais do campo. Por isso, apesar de se ler ovelhas e bois todos e animais do campo, com razão se pergunta qual o significado de animais do campo, uma vez que também designariam ovelhas e bois. Mas, o acréscimo de "ainda" obriga a se reconhecer não sei bem qual a diferença. A palavra "ainda" abrange não só os animais do campo, bem como as aves do céu e os peixes do mar, que transitam pelos roteiros do mar. Qual então a diferença? Lembremo-nos dos lagares, com grainhas e vinho; da eira, que contém palha e trigo (Mc 3,12); das redes que apanham peixes bons e maus (Mt 13,47); da arca de Noé, com animais puros e impuros (Gn 7,8). Verás então as igrejas neste interim, desde agora até o último dia do juízo, abrangerem não somente ovelhas e bois, isto é, leigos santos e santos ministros, mas "ainda os animais do campo, as aves do céu e os peixes do mar que transitam pelos roteiros do mar". Animais do campo seriam precisamente os homens entregues ao prazer carnal, que não se elevam a nada de árduo ou penoso. O campo é o caminho espaçoso que conduz à perdição (Mt 7,3); no campo foi morto Abel (Gn 4,8). Assim é provável que alguém, descendo dos montes da justiça de Deus ("A tua justiça", diz o salmo, "é como as montanhas de Deus") (Sl 35,7), e escolhendo as larguezas e facilidades do prazer carnal, seja trucidado pelo diabo. Vê agora as aves do céu, os soberbos, dos quais foi escrito: "Investem com a boca contra o céu" (Sl 72,9). Olha a que altura são carregados pelo vento os que dizem: "Nossa língua é nossa força. Nossos lábios são por nós. Quem nos domina" (Sl 11,5)? Considera também peixes do mar, os curiosos que transitam pelos mares, isto é, procuram nas profundezas deste século as coisas temporais, sulcos no mar que logo se dissipam e apagam ao se juntarem novamente as águas, após terem cedido lugar aos que as atravessam ou aos navios, ou a qualquer espécie de transeuntes ou nadadores. Não disse apenas que andam, mas que "transitam", mostrando o pertinaz empenho dos que anelam pelas coisas fúteis e efêmeras. Essas três espécies de vícios, a saber, o prazer carnal, a soberba e a curiosidade abrangem todos os pecados. A meu ver, é a isto que alude o apóstolo João, quando diz: "Não ameis o mundo, nem o que há no mundo — a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e o orgulho das riquezas" (1Jo 2,15.16). A curiosidade

prevalece sobretudo por meio dos olhos; quanto às outras concupiscências é evidente a que pertencem. Igualmente a tentação do homem-Senhor foi tríplice: em relação a alimento, isto é, a concupiscência da carne, pois o diabo lhe sugere: “Manda que estas pedras se transformem em pães” (Mt 4,3); no atinente à vanglória, quando no monte lhe mostra os reinos da terra, e lhos promete se o adorar; quanto à curiosidade, quando o aconselha a pular do pináculo do templo, para experimentar se os anjos viriam ampará-lo. Por isso, não tendo o inimigo conseguido vencê-lo em nenhuma destas tentações, diz o evangelista: “Depois de tê-lo o demônio assim tentado de todos os modos” (Lc 4,13). Conforme o significado dos lagares, foram submetidas a seus pés não só as uvas, mas também as grainhas, a saber, não só ovelhas e bois, isto é, as almas santas dos fiéis, do povo ou dos ministros; e ainda os animais do prazer, as aves da soberba e os peixes da curiosidade. Vemos agora todas essas espécies de pecadores misturados aos bons e aos santos nas igrejas. Trabalhe o Senhor em suas igrejas e separe as uvas das grainhas. Quanto a nós, esforcemo-nos por ser vinho e ovelhas ou bois; não grainhas, ou animais do campo, ou aves do céu, ou peixes que transitam nos roteiros do mar. Não quero dizer que tais nomes só têm esta explicação, mas esta é conforme o contexto; em outra parte têm sentido diferente. Tal regra vale para toda alegoria: em determinada sentença considere-se qual o objeto da comparação. Foi o método do Senhor e dos apóstolos. Repitamos agora o último versículo, que se encontra também no princípio do salmo e louvemos a Deus, dizendo: “Senhor, Senhor nosso, como é admirável teu nome em toda a terra!” Convém após discurso voltar ao começo, ao qual todo ele se refere.

SALMO 9

COMENTÁRIO

1 [1] O título é: "Para o fim. Pelos segredos do filho. Salmo de Davi". É provável haver indagações a respeito de "segredos do Filho". Como não declarou quem é o filho, entenda-se o próprio Filho unigênito de Deus. Ao se tratar do filho de Davi, o salmo se intitulava: "Quando fugia de seu filho Absalão" (Sl 13,1). Foi nomeado, e por conseguinte era claro de quem se tratava. No entanto, não declarou somente: "do filho Absalão", mas acrescentou: "seu". Aqui, porém, não usou o termo seu; e como se refere longamente aos gentios, não fica bem pensar em Absalão, nem na guerra que aquele filho perdido fez ao pai, em que apenas o povo de Israel estava dividido. Canta-se, pois, este salmo, pelos segredos do Filho unigênito de Deus. Até mesmo o próprio Senhor, ao falar de filho, sem acréscimo, quer indicar a si, o unigênito; diz, por exemplo: "Se, pois, o Filho vos libertar, sereis realmente, livres" (Jo 8,36). Não disse: Filho de Deus, mas proferindo apenas: "Filho", dá a entender de quem é filho. Esta locução adapta-se à excelência daquele de quem falamos; embora não declaremos o nome, subentende-se. Assim, ao dizermos: chove, cai sereno, troveja, etc. Também não acrescentamos quem o faz, porque espontaneamente apresenta-se à mente de todos a excelência do autor, tornando-se desnecessárias as palavras. Quais são, então, os segredos do Filho? Diante de tal expressão, compreende-se em primeiro lugar haver pontos manifestos atinentes ao Filho, distintos dos ocultos. Por este motivo, acreditamos em duas vindas do Senhor, uma passada, que os judeus não compreenderam, e outra futura, que nós e eles aguardamos; e como, incompreendida dos judeus, a vinda foi proveitosa aos gentios, convém pensar que deste advento foi dito: "Pelos segredos do Filho". Então, parte de Israel permaneceu na cegueira, a fim de entrar a plenitude dos gentios (Rm 11,25). Nota-se haver também dois juízos, insinuados nas Escrituras: um oculto, outro às claras. O oculto realiza-se no presente. Dele afirma o apóstolo Pedro: "Com efeito, é tempo de começar o juízo pela casa de Deus" (1Pd 4,17). O juízo oculto, por conseguinte, é o castigo que agora exercita cada qual para sua purificação, ou admoesta a se converter, ou se forem desprezados o chamado e o ensinamento de Deus, cega-o para sua condenação. O juízo manifesto, porém, realiza-se quando o Senhor vier a julgar os vivos e os mortos. Todos confessam ser ele quem atribuirá prêmios aos bons e suplícios aos maus. Mas então esse reconhecimento não servirá de remédio aos maus, e sim de completa condenação. A meu ver, o Senhor tratava desses dois juízos, um oculto outro manifesto, ao asseverar: "Quem crê em mim, passará da morte à vida e não virá a juízo" (Jo 5,24), a saber, o juízo manifesto; pois, passar da morte à vida, através de alguma aflição, com a qual o Senhor flagela aquele que recebe como filho, é juízo oculto. "Quem nele não crer já está condenado" (ib. 3,18), isto é, este juízo oculto está preparado para o juízo manifesto. Encontramos os dois juízos também no livro da Sabedoria, onde está escrito:

“Assim, como a meninos sem razão lhes deste um castigo irrisório. Mas os que recusam a advertência de semelhante correção, sofrerão da parte de Deus um digno castigo” (Sb 12,25.26). Os incorrigíveis, portanto, através deste oculto juízo de Deus, com toda justiça serão punidos no juízo manifesto. Por tal motivo, neste salmo notem-se os segredos do Filho, isto é, sua vinda humilde proveitosa aos gentios e ofuscante aos judeus, e o atual castigo oculto, que não constitui ainda condenação dos pecadores, e sim exercício para os que se converterem, ou advertência para se converterem, ou ainda cegueira, de sorte que se preparem para a condenação os que recusarem se converter.

2 [2] “De todo o coração, te louvarei, Senhor”. Não louva a Deus de todo o coração quem duvida de sua providência em algum ponto, mas louva quem percebe os segredos da sabedoria de Deus, e quão grande é o prêmio invisível daquele que diz: “Nós nos gloriamos também nas tribulações” (Rm 5,3). Ele vê como os tormentos corporais exercitam os convertidos a Deus, ou servem de exortação a se converterem, ou preparam os endurecidos à justa condenação final. Assim todos os acontecimentos pertencem ao regime da divina providência. Os estultos julgam que eles advêm por acaso, às cegas, fora das divinas disposições. “Narrarei todas as tuas maravilhas”. Narra as maravilhas de Deus quem sabe que elas se realizam não só visivelmente nos corpos, mas ainda invisivelmente nas almas, de modo, porém, muito mais sublime e excelente. Pois, os homens terrenos e dados às coisas ocultas, mais se admiram de ter o defunto Lázaro ressuscitado corporalmente do que de ter Paulo, o perseguidor, ressuscitado espiritualmente. Mas, como o milagre visível convida a alma a um esclarecimento, enquanto o invisível ilumina aquela que atendeu ao chamado, narra as maravilhas de Deus a alma que, acreditando nas coisas visíveis, passa a entender as invisíveis.

3 [3] “Em ti exultarei de alegria”. Neste mundo ainda não. Não no prazer do contato corporal, nem nos sabores do paladar e da língua, nem na suavidade dos odores, nem na alegria dos sons passageiros, nem nas formas corporais variegadas, nem nas vaidades do louvor humano, nem no matrimônio e na prole que há de morrer, nem no das riquezas temporais supérfluas, nem nas pesquisas deste mundo, sejam relativas ao que ocupa espaço ou evolui na sucessão do tempo. Mas, “em ti exultarei de alegria”, nos segredos do Filho, onde foi assinalada em nós a luz de tua face, Senhor (Sl 4,7). Porque “tu os defendes sob a proteção de teu rosto” (Sl 30, 21). Exultará, portanto, de alegria em ti, quem narra todas as tuas maravilhas. Narrará todas as tuas maravilhas — de fato agora o dito é profético — aquele que não veio fazer a sua vontade, mas a vontade daquele que o enviou (cf Jo 6,38).

4 [4] Começa agora a aparecer a pessoa do Senhor, a falar neste salmo. Pois, segue-se: “Salmodiarei a teu nome, ó Altíssimo, ao retroceder o meu inimigo”. Quando foi que o inimigo retrocedeu? Acaso ao lhe ser ordenado: “Para trás, Satanás” (Mt 4,10)? Então, efetivamente, o diabo que tentava, ambicionando prevalecer, retrocedeu, sem conseguir enganar ao tentado, sem nada poder contra ele. Para trás ficam os homens terrenos. O homem celeste precedeu, embora tenha vindo posteriormente. O primeiro homem, tirado

da terra, é terrestre. O segundo homem vem do céu (1Cor 15,47). Mas vinha da mesma estirpe o Senhor do qual disse João: “O que veio depois de mim, existia antes de mim” (Jo 1,15). E o Apóstolo se esquece das coisas que ficam para trás e avança para o que está adiante (Fl 3,13). O inimigo, por conseguinte, retrocedeu, não tendo conseguido enganar o homem celeste que tentara, e voltou-se para os terrenos, sobre os quais pode dominar. Por isso, ninguém o precede e fá-lo retroceder, a não ser que, apagando a imagem do homem terreno, reproduza em si a imagem do celeste (1Cor 15,49). Mas, se preferimos tomar por “meu inimigo”, de modo geral, o pecador ou o pagão, não é absurdo. Nem constitui castigo o que foi dito: “Ao retroceder o meu inimigo”, mas benefício incomparável. Que há de mais feliz do que libertar-se da soberba e não querer preceder a Cristo, como se fosse homem sadio, não necessitado de médico, mas preferir ir atrás de Cristo, que chama o discípulo à perfeição, dizendo: “Segue-me” (Mt 19,21)? No entanto, percebe-se ser mais adequada a aplicação ao diabo da palavra: “Ao retroceder o meu inimigo”. O diabo, efetivamente, retrocedeu mesmo na perseguição dos justos e é mais útil enquanto perseguidor do que se fosse à frente, como chefe e príncipe. Salmodie-se, pois, ao nome do Altíssimo, ao retroceder o inimigo, uma vez que é preferível fugir de sua perseguição a segui-lo como guia. Servem-nos de abrigo e esconderijo os segredos do Filho, porque o Senhor se tornou o nosso refúgio.

5 [4.5] “Haverão de fraquejar e perecer perante a tua face”. Quais os que fraquejam e perecem senão os iníquos e os ímpios? “Haverão de fraquejar”, enquanto nada poderão fazer, e “perecer”, porque não serão mais ímpios; “perante a face” de Deus, isto é, o conhecimento de Deus, do mesmo modo que pereceu aquele que afirmou: “Eu vivo, mas já não sou eu que vivo, pois é Cristo que vive em mim” (Gl 2,20). Mas por que razão “haverão de fraquejar e perecer os ímpios perante a tua face?” Porque “defendeste o meu juízo e a minha causa”, diz o salmista, isto é, fizeste meu aquele juízo, onde eu parecia ser julgado, e tornaste minha a causa, que os homens condenaram, apesar de ser eu justo e inocente. Estes fatos cooperaram na luta em prol de nossa libertação. Os marinheiros também chamam de seu o vento que os faz navegar com felicidade.

6 “Sentaste no trono, como justo juiz”. Talvez assim o Filho se dirija ao Pai. Ele também disse: “Não terias poder algum sobre mim, se não te houvesse sido dado do alto” (Jo 19,11), referindo-se à justiça do Pai e aos seus próprios segredos, porque o juiz dos homens, para o bem dos homens, foi julgado. Ou provavelmente ele, enquanto homem, diga a Deus: “Sentaste no trono, como justo juiz”, chamando de trono a sua alma, de sorte que corpo seria a terra, denominada escabelo de seus pés (Is 66,1); porque Deus em Cristo reconciliava consigo o mundo (2Cor 5,19). Seria ainda a Igreja que, já perfeita e sem mácula (Ef 5,27), digna portanto dos segredos do filho, porque o rei a introduziu nos seus aposentos (Ct 1,3), diria a seu esposo: “Sentaste no trono, como justo juiz”, porque ressuscitaste dos mortos e subiste ao céu, e estás sentado à direita do Pai. Se alguém escolher qualquer uma destas opiniões, quanto ao presente versículo, não exorbita da regra da fé.

7 [6] “Repreendeste as nações e o ímpio pereceu”. É preferível considerar isso como dito de nosso Senhor Jesus Cristo, e não que o tenha ele próprio proferido. Quem foi que repreendeu as nações, e então pereceu o ímpio, senão Cristo que após ter subido ao céu, enviou o Espírito Santo? Dele repletos, os apóstolos pregaram corajosamente a palavra de Deus e livremente arguiram os pecados dos homens. Por esta repreensão pereceu o ímpio, sendo justificado e feito piedoso. “Apagaste o seu nome nos séculos e pelos séculos dos séculos”. Foi apagado o nome dos ímpios uma vez que não são ímpios os que acreditam no Deus verdadeiro. O nome deles foi apagado “nos séculos”, isto é, enquanto decorre o século, o tempo. “E pelos séculos dos séculos”. Qual o significado de “séculos dos séculos”, senão da eternidade de que é imagem, sombra o presente século? A vicissitude dos tempos, a lua que mingua e volta a ficar cheia, o sol anualmente a retornar a seu lugar, a primavera, o verão, o outono e o inverno que passam para volver, tudo isso é imitação da eternidade. Mas, século deste século é aquilo em que consiste a eternidade imutável. Como existe verso na alma e verso na voz, e enquanto o primeiro se entende, o segundo se ouve, e aquele modifica a este, aquele opera e permanece na arte, este soa e atravessa o ar, assim a medida do século mutável se determina pelo século imutável, chamado século dos séculos. Por isso, aquele permanece na arte de Deus, isto é, em sua sabedoria e virtude, este se realiza no governo da criação. Se, todavia, não há repetição, depois de “nos séculos” lê-se “pelos século dos séculos”, que não deve ser tomado por aquilo que passa. De fato, nos exemplares gregos encontra-se *eis tón aiona, kaì eis tón aiona tou aionos* muitos dos latinos não traduziram por “nos séculos”, e “pelos séculos dos séculos”, mas “eternamente”, e “pelos séculos dos séculos”, de sorte que “pelos séculos dos séculos” explica o termo “eternamente. Apagaste”, portanto, “o nome dos ímpios eternamente”, porque doravante jamais haverá ímpios. E se neste século não se propaga o nome deles, muito menos pelos séculos dos séculos.

8 [7] “As espadas do inimigo se embotaram para sempre”. “Inimici” aqui não está no plural, mas trata-se do genitivo singular (do inimigo). As espadas que se embotaram pertencem a qual inimigo, senão ao diabo? Por elas se entendem as diversas opiniões erradas, com as quais, à guisa de espadas, ele mata as almas. Empenha-se em vencer tais espadas e estragá-las, o gládio mencionado no salmo sétimo: “Se não vos converterdes, brandirá a espada” (Sl 7,13). Talvez seja no final que se embotarão as espadas do inimigo, porque até lá este consegue alguma coisa. Agora o Senhor age ocultamente; no último juízo, porém, vibrá-la-á às claras e as cidades serão destruídas, porque assim continua: “As espadas do inimigo se embotaram, destruíste as suas cidades”, as cidades onde reina o diabo e onde se realizam os planos dolosos e fraudulentos, como numa cúria. Os serviços de cada um dos membros, satélites ou ministros, assessoram-lhe o governo: os olhos para a curiosidade, os ouvidos para a lascívia ou coisa má ouvida de bom grado, as mãos para a rapina ou outro crime ou ignomínia; e os demais membros igualmente combatem em favor deste governo tirânico, de seus planos perversos. Povo desta cidade seriam as afeições delicadas e movimentos desordenados da alma, que suscitam sedições cotidianas no homem. Onde há rei, cúria, ministros, povo há cidade.

Mas, tais coisas não existiriam nas más cidades, se primeiro não existissem em cada um dos homens, que são elementos e germes das cidades. O Senhor as destrói, quando, expulso o príncipe, do qual foi dito: “Agora o príncipe deste mundo será lançado fora” (Jo 12,31), esses reinos são devastados pela palavra da verdade, os planos malignos se entorpecem, domam-se as afeições torpes, subjulgam-se as funções dos membros e dos sentidos, sendo tudo transferido para a milícia da justiça e das boas obras, segundo a palavra do Apóstolo: “O pecado não impere mais em vosso corpo mortal” (Rm 6,12), etc. Então a alma se tranquiliza e o homem se orienta para o repouso e a felicidade. “Ruiu com estrépito a lembrança deles”, dos ímpios. “Com estrépito”, porque é com ruído que se derruba a impiedade, pois apenas alcança a paz suprema, onde reina silêncio absoluto, quem anteriormente combateu com grande estrépito contra os vícios; ou, “com estrépito” a fim de que a lembraça dos ímpios pereça, terminando até o próprio barulho da amotinação da impiedade.

9 [8.9] “Mas o Senhor permanece eternamente”. Por que as nações se agitaram, e os povos tramaram em vão contra o Senhor e seu Cristo (Sl 2,1)? “O Senhor permanece eternamente. Preparou o tribunal do julgamento. Julgará o mundo inteiro com equidade”. Preparou o seu tribunal ao ser julgado; por aquela paciência o homem adquiriu o céu, e o homem Deus cuidou dos que acreditarem; eis o juízo oculto do filho. Todavia, como há de vir também evidente e manifestamente a julgar os vivos e os mortos, preparou o seu tribunal no juízo oculto. E ele novamente às claras, “Julgará o mundo inteiro com equidade”, isto é, distribuirá a recompensa de acordo com os méritos, pondo os cordeiros à direita e os cabritos à esquerda (Mt 25,33). “Julgará as nações com justiça”. É idêntico ao enunciado supra: “Julgará o mundo inteiro com equidade”. Não como julgam os homens, que não veem os corações se na maioria dos casos absolvem os piores, em vez de condená-los. Mas o Senhor julgará com equidade e justiça, enquanto a consciência dá testemunho, e os pensamentos acusam ou defendem (Rm 2,15).

10 [10] “O Senhor se fez o refúgio do pobre”. Por mais que persiga o inimigo que retrocedeu, como há de prejudicar aqueles de quem o Senhor se fez o refúgio? Assim acontecerá se neste século, que tem o inimigo por magistrado, eles preferirem ser pobres, e nada amarem do que na terra abandonar quem vive ou ama, ou seja, abandonado por quem morre. De tal pobre o Senhor se fez o refúgio, “socorro na ocasião oportuna, na aflição”. Fá-los assim pobres, porque o Senhor açoita todo aquele que reconhece por filho (Hb 12,6). O salmista explicou o que seja “socorro na ocasião oportuna” ao acrescentar: “na aflição”. A alma não se volta para Deus, a não ser que volte as costas ao mundo; nem se aparta deste mundo de melhor forma que nas ocasiões em que se misturam trabalhos e dores aos prazeres fúteis, maus e perniciosos.

11 [11] “Em ti esperem os que conhecem o teu nome”, desistindo de confiar nas riquezas e outros afagos deste mundo. O conhecimento do nome de Deus oportunamente acolhe a alma à busca de onde fixar sua esperança, quando se retira deste mundo. Pois, o nome de Deus agora se divulgou por toda a parte; mas conhecimento do nome é conhecer

quem o possui. O nome não é nome por si mesmo e sim devido àquilo que significa. Foi dito: “Senhor é seu nome” (Jr 33,2). Por isso, quem se submete ao serviço de Deus de bom grado, conhece esse nome, “Em ti esperem os que conhecem o teu nome”. O Senhor diz também a Moisés: “Eu sou aquele que é. Assim dirás aos filhos de Israel: Aquele que é enviou-me” (Ex 3,14). “Em ti”, portanto, “esperem os que conhecem o teu nome”, a fim de não esperarem nas coisas que passam com o correr do tempo, que têm apenas: “será” e “foi”. Nelas o futuro chega e logo se torna passado: espera-se com sofreguidão e perde-se com dor. Na natureza de Deus, porém, não haverá coisa que agora não há, nem houve e agora não há mais; mas é sempre o que é, e ela mesma é a eternidade. Desistam, por conseguinte, de esperar e amar as coisas temporais e deem-se à esperança eterna os que conhecem o nome de quem disse: “Eu sou aquele que é”, e do qual foi declarado: “Aquele que é enviou-me. Porque não desamparaste quem te procura, Senhor”. Os que o procuram, já não buscam as coisas transitórias e caducas, pois “ninguém pode servir a dois senhores” (Mt 6,24).

12 [12] “Cantai hinos ao Senhor que habita em Sião”, diz-se aos que o Senhor não abandona, e que o procuram. O Senhor mora em Sião, que se traduz por: “lugar de observação” e é imagem da Igreja no presente, como Jerusalém é imagem da Igreja futura, da cidade dos santos, já na fruição da vida dos anjos, porque Jerusalém se traduz por: “visão de paz”. A observação precede a visão, como esta Igreja precede aquela prometida, a cidade imortal e eterna. Mas precede no tempo, não em dignidade, porque é mais honroso o fim a que tendemos do que aquilo que fazemos, em vista de merecermos alcançar. Fazemos a observação a fim de obtermos a visão. A mais diligente observação incidiria em erro, se o Senhor não habitasse na Igreja agora existente. A esta Igreja foi dito: “O templo de Deus é santo e esse templo sois vós” (1Cor 3,17) e: “No homem interior, que Cristo habite pela fé em vossos corações” (Ef 3,16). Recebemos, então, ordem de cantar ao Senhor que habita em Sião para louvarmos em concórdia o Senhor que habita na Igreja. “Anunciai entre as nações as suas maravilhas”. Foi feito e não cessará de se fazer.

13 [13] “Pois se lembrou, pedindo conta de seu sangue”. Constitui certa resposta dos enviados a evangelizar àquela ordem: “Anunciai entre as nações as suas maravilhas”, que diriam: “Senhor, quem creu naquilo que ouvimos” (Is 53,1)? e ainda: “Por tua causa somos entregues à morte todos os dias” (Sl 43,22). A continuação é bem adequada. Declara que os cristãos que hão de morrer na perseguição colherão muitos frutos na eternidade, “pois se lembrou, pedindo conta de seu sangue”. Mas qual a razão de preferir dizer: “seu sangue”? Supõe-se que alguém mais ignorante e com fé menor perguntasse: Como anunciarão, se a infidelidade dos gentios se enfurecerá contra eles? E obtivesse a resposta: “Pois se lembrou, pedindo conta de seu sangue”, isto é, virá o último juízo e então se manifestará a glória dos mortos e o castigo dos assassinos. “Lembrou-se”; ninguém pense ter sido usada tal expressão por haver esquecimento em Deus. Todavia, como somente após longo tempo se dará o juízo, foi empregada a palavra conforme o modo de pensar dos fracos, que julgam ter Deus se esquecido, uma vez que não atende

tão depressa como eles querem. A eles também se dirige a frase seguinte: “E não se esqueceu do clamor dos pobres”, isto é, não se esqueceu, como pensais. Tendo ouvido dizer: “Lembrou-se”, replicariam: Portanto, ele se esquecera. Diz então o salmista: “Não se esqueceu do clamor dos pobres”.

14 [14.15] Pergunto, então: Qual o clamor dos pobres que Deus não esquece? Será este: “Tem compaixão de mim, Senhor; vê a minha humilhação, obra dos meus inimigos?” Por que motivo não disse: Tem compaixão de nós, Senhor, vê a nossa humilhação, obra de nossos inimigos, como se fossem muitos pobres a clamar, mas suplica como se fosse um apenas: “Tem compaixão de mim, Senhor?” Acaso não seria porque interpela em favor dos santos Cristo, o único que, antes era rico e se fez pobre por nós? (2Cor 8,9), o mesmo que diz: “Tu me retiras das portas da morte para que eu possa anunciar todos os teus louvores às portas da filha de Sião?” É exaltado o homem, não só aquele que é assumido, a Cabeça da Igreja, mas também qualquer um de nós, os demais membros. É exaltado, eliminando os maus desejos, que são as portas da morte, porque levam à morte. A morte, porém, já se encontra no próprio gozo, quando alguém obtém o objeto de seu desejo, para a própria perdição. A raiz de todos os males é a cobiça (1Tm 6,10); é, por conseguinte, a porta da morte, porque a viúva que vive nos prazeres está morta (ib. 5,6). Chega-se a esses prazeres pelos desejos, que são as portas da morte. São, ao invés, portas da filha de Sião os esforços louváveis pelos quais se alcança a visão da paz na santa Igreja. Nessas portas são bem anunciados os louvores de Deus, e não se lançam as coisas santas aos cães, nem se atiram pérolas aos porcos (Mt 7,6). Os cães preferem ladrar com pertinácia a procurar com empenho os porcos, mas preferem não ladrar, nem procurar revolver-se no lodo dos prazeres. Quando, porém, os louvores de Deus são anunciados através de boas obras, dá-se aos que pedem, manifesta-se aos que buscam e abre-se aos que batem. Ou talvez seriam portas da morte os sentidos corporais e os olhos, que se abriram para o homem no momento em que provou do fruto da árvore proibida (Gn 3,7); ao invés, elevam-se acima deles aqueles aos quais se diz que não atendam às coisas que se veem, mas às que não se veem, pois as coisas que se veem são temporais e as que não se veem são eternas (2Cor 4,18). Portas da filha de Sião são talvez os sacramentos e os elementos da fé, que se abrem aos que batem, querendo chegar aos segredos do Filho? Os olhos não viram, nem ouvidos ouviram, nem o coração humano imaginou o que Deus tem preparado para aqueles que o amam (1Cor 2,9). Até aqui o clamor dos pobres, que o Senhor não esqueceu.

15 [16] E continua: “Exultarei pela tua salvação”, isto é, com felicidade serei cercado por tua salvação, nosso Senhor Jesus Cristo, virtude e sabedoria de Deus (ib. 1,24). Por conseguinte, a Igreja afirma ser na terra afligida, mas salva com a mesma esperança. Enquanto foi oculto o juízo do Filho, ela exclama com a mesma esperança: “Exultarei pela tua salvação”, porque agora é oprimida, cercada pelos gritos, a violência ou o erro dos gentios. “Afundaram-se as nações na corrupção que escavaram”. Note-se como ao pecador é reservado castigo proporcional às suas obras; e os que quiseram perseguir a Igreja se afundaram na corrupção que julgavam causar. Pois, visavam a matar os corpos,

enquanto eles mesmos morriam espiritualmente. “Na armadilha que ocultaram, prenderam-se-lhes os pés”. Armadilha oculta é o pensamento fraudulento. Por pés da alma, com razão, se entende o amor, que no caso de ser mau chama-se cobiça ou luxúria, e se for reto, dileção ou caridade. Move-se a alma pelo amor, lugar para o qual tende. Lugar para a alma não é o espaço, ocupado pelas formas corporais, mas o prazer, onde ela se alegra de ter chegado pelo amor. O prazer pernicioso segue a cobiça, o deleite frutuoso segue a caridade. Daí ser a cobiça denominada raiz (1Tm 6,10). A raiz é certamente os pés da árvore. Também a caridade foi denominada raiz quando o Senhor falou das sementes que secam nos lugares pedregosos, com o calor do sol, porque não têm raízes profundas (Mt 13,5). Com isso, refere-se àqueles que se alegram por receber a palavra da verdade, mas cedem às perseguições, às quais se resiste somente pela caridade. E o Apóstolo declara: “A fim de que, arraigados e fundados na caridade, possais compreender” (Ef 3,17). Por isso, os pés dos pecadores, isto é, o amor é apanhado na armadilha que eles ocultam, porque ao se seguir o deleite à ação fraudulenta, e Deus os entregar à concupiscência de seu coração (Rm 1,24), já os aprisiona o prazer, de sorte que não têm coragem de romper com aquele amor e entregar-se a ocupações úteis. Se o tentarem, aflige-se-lhes a alma, como se quisessem tirar o pé de grilhões. Sucumbindo à dor, não querem abandonar os prazeres perniciosos. “Na armadilha que ocultara”, portanto, isto é, no desígnio fraudulento, “prenderam-se-lhes os pés”, a saber, o amor que através de fraudes chega a uma vã alegria, que leva à dor.

16 [17] “O Senhor dá-se a conhecer quando faz justiça”. Os juízos de Deus são os seguintes: da tranquilidade de sua bem-aventurança, ou dos segredos da sabedoria, onde são recebidas as almas dos bem-aventurados, ele não envia ferro, feras, ou coisa semelhante para atormentar os pecadores. Mas, como são torturados e como o Senhor faz justiça? “O pecador ficou enlaçado nas obras de suas mãos”.

17 [18] Aqui se intercala: “Cântico de pausa”. (Diapsalma). A meu ver, trata-se de alegria oculta, por causa da separação atual, não local, mas afetiva entre pecadores e justos, como os grãos se separam da palha, ainda na eira. Segue-se: “Voltem-se os pecadores para o inferno”, isto é, sejam entregues às suas próprias mãos, enquanto são poupados, e embaracem-se no deleite mortífero. “Todos esses povos que se esquecem de Deus”, porque como não tentaram conhecer a Deus, este os entregou a um sentimento depravado (Rm 1,28).

18 [19] “Mas o pobre não será para sempre esquecido”. Agora parece esquecido, refletindo-se que os pecadores estão repletos de felicidade neste mundo, e os justos estão mergulhados em trabalhos; mas “a paciência dos pobres não será frustrada eternamente”. Por este motivo, agora é preciso que os bons, já distintos pelos propósitos, tenham paciência de suportar os maus, até que sejam também separados no último juízo.

19 [20.21] “Senhor, ergue-te, não prevaleça o homem”. Implora-se pelo juízo futuro, mas

antes que venha, diz-se: “Perante ti sejam julgadas as nações”, isto é, ocultamente, diante de Deus, conforme entenderam uns poucos, santos e justos. “Constitui, Senhor, um legislador sobre eles”. Parece alusão ao Anticristo, do qual diz o Apóstolo: “Quando se manifestar o homem de pecado” (2Ts 2,3). “E saibam todos que são apenas homens”. Os que não quiseram ser libertados pelo Filho de Deus e pertencer ao Filho do homem e ser filhos dos homens, isto é, novos homens, sirvam ao homem, isto é, ao velho homem, “porque são apenas homens”.

SALMO 9 (2ª PARTE)

20 [1.3] Como se acredita que o Anticristo há de chegar a tal cúmulo de vanglória e tanto lhe será permitido fazer contra os homens e os santos de Deus que alguns fracos julgarão descuidar-se Deus dos acontecimentos humanos, o salmista após uma pausa apresenta vozes plangentes a perguntarem por que o juízo é adiado: “Ó Senhor, por que ficas assim tão longe?” Em seguida, quem assim perguntou, como se de repente entendesse, ou soubesse, mas tivesse interrogado para ensinar, prossegue: “E descuras na ocasião oportuna, na tribulação”, isto é, oportunamente desdenhas e mandas tribulações para acender nas almas o desejo de tua vinda. Aos muitos sedentos é mais agradável aquela fonte de vida; por isso o salmista insinua o desígnio de Deus de usar de delongas, dizendo: “Enquanto o ímpio se ensoberbece, abrasa-se o pobre”. É admirável e real nas crianças de futuro promissor com que empenho se inflama o desejo de viver bem quando elas se comparam aos pecadores. Este mistério também se realiza ao permitir Deus que haja hereges. Não que os próprios hereges o tenham em vista, e sim que a divina Providência assim dispõe relativamente a seus pecados. Ela cria a luz e a põe em ordem, mas somente coloca no devido lugar as trevas (Gn 3,4), para que, em contraste, a luz se torne mais agradável. Igualmente em confronto com os hereges é mais aprazível a descoberta da verdade. Por meio de tal confronto, manifestam-se aos homens os que agradam a Deus e só dele são conhecidos.

21 “São colhidos nos pensamentos que urdiram”, isto é, os maus pensamentos deles transformam-se em vínculos. Mas por que se tornam vínculos? “Porque o pecador se gloria nos desejos de sua alma”. A língua dos aduladores prende as almas nos pecados. É aprazível a ação que não receia encontrar repreensor, e até acha quem elogie. “E o iníquo se bendiz”. Daí serem colhidos nos pensamentos que urdiram.

22 [4] “O pecador irritou o Senhor”. Ninguém felicite o homem próspero em seu caminho, que não encontra quem castigue seus pecados e sim quem os elogie; nisto consiste a maior ira do Senhor. O pecador, pois, irritou o Senhor a ponto de suportar esse castigo, a saber, o de não sofrer os flagelos da correção. “O pecador irritou o Senhor; na intensidade de sua cólera nada exigirá”. Muito se encoleriza quando nada exige, parece esquecer e não dar atenção aos pecados, deixando que sejam obtidas riquezas e honras, por meio de fraudes e crimes. Sucederá assim principalmente ao Anticristo, que aparentará diante dos homens ser feliz, a ponto de ser considerado um deus. Mas as

consequências demonstram como é grande tal ira de Deus.

23 [5] “Não há Deus diante dele. Seus caminhos são maculados em todo tempo”. Quem sabe em que consiste a alegria ou o regozijo da alma, avalia o grande mal que há em ser abandonado pela luz da verdade. Os homens consideram mal grave a cegueira dos olhos corporais, mediante a qual a luz material se apaga. Que castigo enorme, portanto, não é o daquele que gozando de prosperidade no meio de seus pecados, chega ao ponto de não ter mais Deus presente e maculam seus caminhos em todo o tempo, isto é, imundos são seus pensamentos e planos! “Teus juízos estão longe de sua face”. Consciente de sua maldade, parece-lhe não sofrer castigo algum e acredita que Deus não julga. Assim os juízos de Deus estão longe de sua face, sendo esta a maior condenação. “Dominará sobre todos os seus adversários”. Engana-se de que haverá de vencer todos os reis e obter sozinho o reino; então também o Apóstolo anuncia a seu respeito: “Tomará lugar no templo de Deus, levantando-se contra tudo o que leva o nome de Deus ou o que se adora” (2Ts 2,4).

24 [6] O pecador, entregue à concupiscência de seu coração e destinado à última condenação, chegará por meio de artifícios malignos ao ápice do domínio vão e inútil. Continua o salmista: “Diz no seu coração: Não serei abalado de geração em geração. Nada de mal me acontecerá”, isto é, minha fama e meu nome não passarão desta geração aos pósteros, a não ser que consiga por artifícios malignos principado tão excelso que os pósteros não se possam calar. O ânimo perdido, carente de qualidade e alheio à luz da justiça, por meio de artifícios malignos esforça-se por ter acesso a fama tão duradoura que seja celebrado até pelos pósteros. Assim, não podendo tornar-se conhecidos pelo bem que fariam, desejam que ao menos deles falem mal, contanto que seu nome seja largamente divulgado. A meu ver, é isto que significa: “Não serei abalado de geração em geração. Nada de mal me acontecerá”. Existe outra interpretação. Se o ânimo fútil e mergulhado no erro julga que não lhe é possível passar da geração mortal à eternidade, a não ser através de artifícios malignos, conforme, de fato, se narra sobre Simão (At 8,9-23), que pensou poder alcançar o céu com artes malignas e passar, por meio da magia, da geração humana à geração divina, não é de admirar que também aquele homem de pecado, que há de consumar toda maldade e impiedade, iniciada pelos pseudoprofetas, e fará tantos portentos que enganaria, se possível, até os eleitos, há de dizer no coração: “Não serei abalado de geração em geração. Nada de mal me acontecerá”.

25 [7] “Sua boca está repleta de maldição, de amargor e de dolo”. Grande maldição é desejar obter o céu por artifícios tão nefandos e adquirir tais méritos para alcançar a habitação eterna. Mas, desta maldição está repleta a sua boca. Tal ambição, porém, não produzirá efeito. Em sua boca, valerá apenas para perdê-lo, por ter ousado prometer a si mesmo tais coisas com amargor e dolo, isto é, com ira e ciladas, fazendo uma multidão aderir a seu partido. “Sob sua língua há trabalho e dor”. Nada mais laborioso do que a iniquidade e a impiedade. Trabalho acompanhado de dor, porque não se trabalha apenas

inutilmente, mas ainda para a própria ruína. Trabalho e dor referente ao que o pecador disse em seu coração: “Não serei abalado de geração em geração. Nada de mal me acontecerá”. Por isso: “Sob sua língua”; não se lê: na língua, porque tudo isso é pensado em silêncio, enquanto o pecador falará aos homens de modo bem diverso, para ter a aparência de bom, justo e filho de Deus.

26 [8] “Põe-se de emboscada com os ricos”. Que ricos, senão aqueles que serão cumulados de bens neste mundo? Daí a palavra: Pôs-se de emboscada com eles, porque ostentará a falsa felicidade deles, para enganar os homens. Os possuidores de vontade depravada, que anseiam por tal felicidade e não buscam os bens eternos, caem nos seus laços. “Em esconderijos para matar o inocente” porque não se entende com facilidade o que é desejável e o que há de ser evitado. Matar o inocente, porém, é transformar o inocente em malfeitor.

27 [9] “Seus olhos espreitam o pobre”. Perseguirá princi-palmente os justos, dos quais se disse: “Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o Reino dos céus” (Mt 5,3). “Põe-se de emboscada em esconderijos, como o leão em sua caverna”. Chama de leão na caverna aquele em quem atuam a força e o dolo. A primeira perseguição da Igreja foi violenta. Os cristãos eram coagidos a sacrificar, por meio de proscrições, tormentos, matanças. A segunda, agora praticada por quaisquer hereges e falsos irmãos é fraudulenta. Resta a terceira, futura, suscitada pelo Anticristo, a mais perigosa de todas, porque será violenta e fraudulenta. Empregará força no governo, dolo nos milagres. À força relaciona-se a palavra; “leão” ao dolo, “em sua caverna”. Novamente se repetem as mesmas coisas, em ordem inversa: “Arma ciladas para arrebatar o pobre”, relativamente ao dolo. A continuação: “Para arrebatar o pobre, atraindo-o” pertence à violência. “Atraindo-o” significa arrasta-o para si, afligindo-o com todos os tormentos possíveis.

28 [10] Também os dois versículos seguintes têm idêntico significado. “Ele o humilhará na sua rede”, é o dolo. “Curvar-se-á e cairá, quando se apossar do pobre” é a violência. A rede exprime bem as emboscadas; o domínio, porém, claramente insinua o terror. E diz com razão: “Ele o humilhará na sua rede”, pois ao começar aqueles prodígios, quanto mais admiráveis parecerem aos homens, tanto mais os santos de então serão desprezados e tidos por nada, porque aquele ao qual resistem com a justiça e a inocência parecerá superá-los por meio de feitos prodigiosos. Mas “curvar-se-á e cairá, quando se apossar do pobre”, isto é, ao infligir algum suplício aos servos de Deus, que lhe resistem.

29 [11.12] Donde se conclui que se inclinará e cairá? “Porque disse no coração: Deus se esqueceu, virou o rosto para não ver jamais”. Esta inclinação e queda são as mais infelizes, a saber, dão-se quando a alma humana de certo modo prospera em meio a suas iniquidades e julga estar sendo poupada, enquanto efetivamente está obcecada e reservada para o último e oportuno castigo, do qual já agora se fala: “Levanta-te, Senhor Deus, ergue a mão”, isto é, manifeste-se o teu poder. Mais acima dissera: “Senhor,

ergue-te. Não prevaleça o homem. Perante ti sejam julgadas as nações", a saber, nos esconderijos, visíveis somente a Deus. Assim aconteceu quando chegaram os ímpios a uma felicidade que, na opinião dos homens, é grande. Sobre ele é constituído um legislador, conforme merecem e do qual se declara: "Constitui, Senhor, um legislador sobre eles, e saibam todos que são apenas homens". Agora, após o oculto castigo e a vingança, diz-se: "Levanta-te, Senhor Deus, ergue a mão", não ocultamente, mas em glória bem evidente. "Não te esqueças do pobre para sempre", isto é, como julgam os ímpios, que afirmam: "Deus se esqueceu, voltou o rosto para não ver jamais". Dizem que Deus não vê jamais aqueles que asseguram não cuidar ele das coisas humanas e terrenas. De certa maneira, a terra é o fim das coisas, por constituir o último elemento, no qual os homens trabalham segundo uma ordem, sem saberem, contudo, o sentido de suas labutas, o que pertence especialmente aos segredos do Filho. A Igreja, portanto, lutando no tempo, qual nave no meio de vagalhões e procelas, desperta o Senhor que parece adormecido, a fim de que ordene aos ventos e volte a bonança. Diz, portanto: "Levanta-te, Senhor Deus, ergue a mão, não te esqueças do pobre para sempre".

30 [13.14] Por isso, entendendo já ser manifesto o juízo, perguntam exultantes: "Por que razão o ímpio desafiou a Deus?", isto é, que lhe adiantou cometer tantos crimes? "Disse no coração: Não há de exigir". Prossegue: "Tu vês. Consideras o trabalho e a ira, para tomá-los em tuas mãos". O sentido depende da inflexão da voz; se for errada, fica obscuro. O ímpio diz no coração o seguinte: Deus não há de punir, como se Deus levasse em conta o trabalho e a ira que terá, para tomá-los nas mãos; isto é, como que receia o trabalho e a irritação e por isso poupa-os, a fim de não lhe ser oneroso o castigo deles, ou para não se comover tomado pela raiva impetuosa, conforme fazem muitos que dissimulam a punição para não se incomodarem, nem se irritarem.

31 "A ti o pobre se entrega confiante". Por isso é pobre, isto é, desprezou os bens temporais do mundo, de sorte que somente tu sejas a sua esperança. "És do órfão o protetor", daquele cujo pai morreu, a saber, este mundo, pelo qual foi gerado carnalmente e já pode dizer: "O mundo está crucificado para mim e eu para o mundo" (Gl 6,14). Deus se faz o pai destes órfãos. O Senhor ensina aos discípulos a se tornarem órfãos, dizendo-lhes: "A ninguém na terra chameis Pai" (Mt 23,9). Ele mesmo foi o primeiro a dar exemplo, dizendo: "Quem é minha mãe e quem são meus irmãos" (Mt 12,48)? Daí procurarem alguns hereges perniciosos asseverar que ele não teve mãe". Não veem que se eles se apegam à letra, em consequência nem os discípulos tiveram pais, porque do mesmo modo que disse: "Quem é minha mãe? ensinou aos discípulos: "A ninguém na terra chameis Pai" (Mt 23,9).

32 [15.16] "Quebra o braço do pecador e do malvado", daquele de quem acima se dizia: "Dominará sobre todos os seus inimigos". Chamou de braço, portanto, o seu poder, contrário ao poder de Cristo, a respeito do qual se declara: "Levanta-te, Senhor Deus, ergue a mão. Procurar-se-á o seu pecado e não se encontrará", isto é, será julgado pelo seu pecado e perecerá por causa dele. De que nos admirarmos se continua: "O Senhor

reinará eternamente e nos séculos dos séculos; desaparecereis, ó nações, de sua terra"? Nações, em lugar de pecadores e ímpios.

33 [17] "O Senhor atendeu ao desejo dos pobres", desejo em que ardiam, nas angústias e tribulações deste mundo, aspirando pelo dia do Senhor. "Teus ouvidos captaram a preparação de seu coração". Sobre tal preparação do coração canta-se em outro salmo: "Meu coração está preparado, ó Deus, está preparado o meu coração" (Sl 56,8). Afirma o Apóstolo a respeito dela: "E se esperamos o que não vemos, é na perseverança que o aguardamos" (Rm 8,25). Normalmente não se entenda por ouvido de Deus um membro corporal, mas a potência pela qual atende. Assim, quaisquer que sejam os membros nomeados e que em vós são visíveis e corpóreos, havemos de entender o poder das operações. Não é preciso repeti-lo muitas vezes. Não é lícito pensar num órgão corpóreo. O Senhor Deus ouve a disposição do coração e não o som da voz.

34 [18] "Para julgar em favor do órfão e do oprimido", não daquele que se adapta a este mundo, nem do soberbo. Uma coisa é julgar o órfão e outra julgar a seu favor. Julga o órfão mesmo quem o condena; julga em seu favor quem profere a sentença em benefício dele. "A fim de que o homem não pretenda se engrandecer demais sobre a terra". São os homens aqui indicados: "Constitui, Senhor, um legislador sobre eles, e saibam os povos que são apenas homens". Mas mesmo o homem que nessa passagem se entende estar colocado acima deles será aquele do qual se diz agora: "A fim de que o homem não pretenda se engrandecer demais sobre a terra", quando o Filho do homem vier julgar em favor do órfão, que despiu o velho homem. Assim exalta de certo modo o Pai.

35 Depois, dos segredos do Filho, portanto, de quem muito se falou neste salmo, virão os feitos manifestos do Filho, mencionados ligeiramente no fim do mesmo salmo. O título trata do assunto da maior parte. O próprio dia da vinda do Senhor pode ser incluído nos segredos do Filho, embora a futura presença do Senhor haja de ser manifesta. Daquele dia foi declarado que ninguém o conhece, nem os anjos, nem as virtudes, nem o filho do homem (Mt 24,36). O que haverá de mais oculto do que o dia que se disse desconhecido do próprio juiz, não quanto ao seu conhecimento, mas por não dever transmiti-lo? Quanto aos segredos do Filho, se alguém não quiser subentender o Filho de Deus, mas julgue ser o próprio Davi (a cujo nome o saltério todo é atribuído, sendo os salmos efetivamente denominados davídicos), escute como as palavras são dirigidas ao Senhor: "Filho de Davi, tem compaixão de nós!" (Mt 20,30); e à maneira desta passagem, entenda ser também o próprio Cristo Senhor, cujos segredos servem de título ao presente salmo. É igualmente assim que anuncia o anjo: "Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai" (Lc 1,32). A interrogação do mesmo Senhor aos judeus concorda com este modo de entender: "Se Cristo é filho de Davi, como este sob inspiração do Espírito chama-o Senhor, dizendo: O Senhor disse a meu Senhor: Senta-te a minha direita, até que eu ponha teus inimigos por escabelo de teus pés" (Mt 22,44)? Cristo o disse a ignorantes, que embora esperassem o Cristo vindouro, só esperavam um homem e não a virtude e sabedoria de Deus. Ele, portanto, aqui ensina a fé verdadeira e genuína, isto é,

que ele é o Senhor do rei Davi, enquanto Verbo que no princípio era Deus junto de Deus e tudo foi feito por ele (Jo 1,1); e filho, enquanto nasceu da raça de Davi segundo a carne (Rm 1,3). Não declarou: Cristo não é filho de Davi. Mas disse: Se já sabeis que é seu filho, aprendei como é seu Senhor. Se aceitais que Cristo é filho do homem, e portanto filho de Davi, não recuseis crer que é Filho de Deus e por isso seu Senhor.

SALMO 10

COMENTÁRIO

1 [1.2] “Para o fim. Salmo do mesmo Davi”. O título não carece de nova explicação. Já foi suficientemente explanado o que significa: “Para o fim”. Vejamos, pois, o próprio texto do salmo que, a meu ver, é cantado contra os hereges[1], os quais rememorando e exagerando os pecados de muitos na Igreja, como se fossem justos todos eles, ou ao menos a maioria, esforçam-se por nos afastar e arrebatar do seio da verdadeira mãe, a única Igreja. Afirmam estar Cristo no meio deles e nos exortam, como se estivessem movidos de piedade e zelo, a passarmos, aderindo a eles, para junto de Cristo, que mentem ter consigo. É sabido que Cristo nas profecias, onde muitos nomes lhe são atribuídos alegoricamente, é também denominado monte. Respondamos-lhes, portanto: “No Senhor eu confio. Por que dizeis a minha alma: Foge para os montes como o pássaro?” Tenho um só monte de minha confiança. Como, então, dizeis que passe para o vosso lado, como se existissem muitos Cristos? Ou se sois montes por causa da soberba, devo ser pássaro, tendo por asas as virtudes e preceitos de Deus. Mas, são eles mesmos que me proíbem voar em direção àqueles montes e pôr a esperança nos soberbos. Tenho casa onde descansar, porque confio no Senhor; pois também o pássaro encontrou uma casa (Sl 83,4). E o Senhor se fez o refúgio do pobre (Sl 9,10). Digamos, portanto, com toda a confiança, para não perdermos a Cristo, procurando-o entre os hereges: “No Senhor eu confio. Porque dizeis a minha alma: Foge para os montes como o pássaro?”

2 “Eis que os pecadores retesaram o arco, dispuseram na aljava as suas setas, para alvejarem, sob uma lua obscura, os retos de coração”. Terrores iminentes, provindos dos pecadores, a fim de passarmos para o seu lado, como se eles fossem justos. “Eis que os pecadores armaram o arco”. Creio nas Escrituras, de onde eles extraem sentenças envenenadas, interpretando-as carnalmente. “Dispuseram na aljava as suas setas”. Prepararam ocultamente no coração as palavras que vão arremessar apoiados na autoridade das Escrituras. “Para alvejarem sob uma lua obscura, os retos de coração”. Ao perceberem que não poderão ser convencidos de erro, uma vez que se obscureceu a luz da Igreja por causa da multidão de homens ignorantes e carnais, procuram corromper por meio de más palavras os bons costumes (1Cor 15,33). Contra esses terrores, digamos: “No Senhor eu confio”.

3 [3] Lembro-me de ter prometido explanar neste salmo como a lua significa de modo adequado a Igreja. Duas são as opiniões prováveis a respeito da lua. Penso que o homem não chega a saber, de maneira absoluta, ou só com dificuldade qual a verdadeira. Quando se pergunta de onde se origina a luz da lua, uns dizem que lhe é própria, mas só a metade do globo brilha, enquanto a outra fica escura. Quando se move em seu eixo, a parte brilhante pouco a pouco volta-se para a terra, sendo-nos visível, e por isso aparece

primeiro como se fossem cornos. Se fizeres uma bola, metade branca e metade escura, ao teres diante dos olhos a parte escura, nada verás da clara e ao começares a olhar a clara, aos poucos verás primeiro os cornos brancos, que irão aumentando até que tenhas diante dos olhos toda a parte branca e mais nada se veja da parte escura. Se continuas a girá-la lentamente, vai surgindo a escuridão e diminuindo a brancura até que novamente volte aos cornos e por fim totalmente desapareça dos olhos e mais uma vez seja possível apenas ver a parte escura. Há quem diga que isto acontece porque a luz da lua parece aumentar até a lua décima quinta e de novo diminuir até a trigésima; e toma a forma de cornos até a luz desaparecer completamente. Segundo esta opinião, a lua alegoricamente significa a Igreja, que em relação à parte espiritual brilha e relativamente à carnal é escura. Por vezes a parte espiritual aparece aos homens, por meio das boas obras; outras vezes, contudo, fica escondida na consciência, só de Deus conhecida, porque apenas o corpo é visível aos homens. Assim sucede ao orarmos só no coração, porque somos convidados a manter o coração ao alto, junto do Senhor e não na terra. Parece então que nada estamos fazendo. Todavia, outros afirmam que a lua não tem luz própria, mas é iluminada pelo sol. Estando mais perto dele, volta para nós a face não iluminada, e por isso nela não se vê luz alguma. Mas, ao começar a se distanciar do sol, fica iluminada também a face voltada para a terra e necessariamente começa pelos cornos, até que na décima quinta está contra o sol. Então ela surge ao pôr-do-sol. Quem estiver observando o pôr-do-sol, se voltar-se para leste, logo que ele descambar, verá surgir a lua. Daí, ao invés, ao começar a se aproximar do sol, a lua nos apresenta a face não iluminada, até voltar aos cornos, e por fim desaparecer completamente, porque então a parte iluminada está para cima, virada para o céu, e volta-se para a terra a face que o sol não pode iluminar. Segundo esta opinião, também, por lua se entende a Igreja, que carece de luz própria, mas é iluminada pelo Filho unigênto de Deus, denominado sol alegoricamente em muitas passagens das sagradas Escrituras. Certos hereges[2], ignorantes e incapazes de discernir este sol, procuram desviar o entendimento dos simples para este sol corpóreo e visível, luz comum à carne dos homens e das moscas. E desviam a alguns, que por não verem mentalmente a luz interior da verdade, não se contentam com a simples fé católica, única salvação dos pequenos e único leite pelo qual se chega, com vigor seguro, à consistência de um alimento sólido. Segundo uma ou outra opinião, portanto, seja qual for a verdadeira, de modo adequado a lua alegoricamente significa a Igreja. Se não é lícito, não se dispõe de tempo, ou não se pode exercer o intelecto nessas questões obscuras, mais embaraçosas do que úteis, é suficiente encarar a lua, como é vulgar, sem procurar causas obscuras, mas entender como os demais seu aumento, sua plenitude e sua diminuição. Se ela mingua para em seguida se renovar, até a multidão ignorante serve de figura da Igreja, que acredita na ressurreição dos mortos.

4 Em seguida, perguntemos qual seria neste salmo o significado de “lua obscura”, sob a qual os pecadores se prepararam para alvejar os retos de coração. De vários modos se pode dizer da lua que é obscura. Pode-se denominar obscura quando terminam as fases mensais, ou seu fulgor é interceptado pelo céu nublado, ou no final do plenilúnio. É

possível também aplicar-se aos perseguidores dos mártires, que procuravam flechar, sob uma lua obscura, os retos de coração: seja nos primórdios da Igreja, porque ela ainda não havia fulgurado, como lua cheia, na terra, nem vencera as trevas das superstições dos gentios; seja quando as línguas dos blasfemos e dos difamadores do nome dos cristãos, quais névoas cobriram a terra, a lua, isto é, a Igreja não poderia parecer brilhante; ou então, quando, pelos massacres dos mártires e tamanha efusão de sangue, a lua parecia por aquela diminuição e obscuridade ter a face ensanguentada, os fracos medrosos fugiam do nome de cristãos. Nesta época de terror, os pecadores atacavam com palavras fraudulentas e sacrílegas, no intuito de perverterem até os retos de coração. A imagem pode se referir também àqueles pecadores pertencentes à igreja que, aproveitando a ocasião deste obscurecimento da lua, cometeram muitos pecados, os quais agora os hereges[3] nos lançam em rosto, embora se afirme que foram os seus fundadores que os perpetraram. Seja como for, o que se tenha cometido sob uma lua obscura, agora que o nome dos católicos está difundido e tornou-se célebre em todo o orbe, porque nos incomodam acerca de fatos desconhecidos? “No Senhor eu confio” e não escuto os que dizem a minha alma: “Foge para os montes como o pássaro. Eis que os pecadores armaram o arco, para alvejarem, sob uma lua obscura, os retos de coração”. Ou se também a eles a lua agora parece obscura, porque querem pôr em dúvida o que é a Igreja católica, e tentam culpá-la pelos pecados dos homens carnais, que em grande número estão dentro dela, o que importa àquele que afirma com razão: “No Senhor eu confio?” Com essa declaração, mostra-se ele como trigo e tolera as palhas, até o tempo de serem ventiladas.

5 “No Senhor eu confio”. Temam os que confiam num homem e não podem negar pertencerem ao partido de um homem, por cujas cãs eles juram.[4] Quando numa conversa se lhes pergunta a que comunhão pertencem, não se identificam se não disserem que pertencem ao partido daquele homem. Dize o que fazem eles, ao lhes serem relembrados seus tão inumeráveis e diários pecados e crimes, dos quais está cheia sua sociedade? Acaso podem dizer: “No Senhor eu confio? Por que dizeis a minha alma: Foge para os montes como o pássaro?” Não confiam no Senhor os que dizem serem santos os sacramentos somente se forem administrados por santos. E se lhes perguntarmos quem são os santos, envergonham-se de declarar: Nós. Ainda mais. Se não coram de afirmá-lo, os ouvintes coram em seu lugar. Estes, portanto, forçam os que recebem os sacramentos a porem sua esperança num homem, cujo coração não podem ver. Maldito o homem que se fia no homem (Jr 17,5). O que quer dizer: É santo aquilo que eu dou, senão: Põe em mim a tua esperança? E se não fores santo? Ou mostra-me o teu coração. Se não podes, como verei que és santo? Acaso citarás o que está escrito: “Pelos seus frutos os conhecereis” (Mt 7,16)? Vejo, de fato, obras espantosas: as violências cotidianas dos giróvagos (*circumcelliones*) que, conduzidos por bispos e presbíteros se deslocam por toda parte e são chamados os terríveis bordões de Israel, que os homens de hoje veem e sentem diariamente. Muitos não viram e agora ninguém conhece a época de Macário[5], a respeito da qual nos atacam. Qualquer católico que a

conheceu pôde dizer, se queria ser servo de Deus: “No Senhor eu confio”. Agora ainda o repete, ao ver muitas coisas que não lhe agradam na Igreja, onde percebe que ele próprio está nadando dentro daquelas redes cheias de peixes bons e maus (ib. 13,47), até que sejam arrastadas à praia, onde os maus serão separados dos bons. O que responderão eles, se o batizando perguntar a algum dos seus: Por que me mandas ter confiança? Se o mérito provém de quem dá e de quem recebe, seja Deus o doador, e receptora a minha consciência. Duas coisas não são incertas para mim: a bondade de Deus e minha fé. Por que te interpões, tu, de quem nada de certo sei? Deixa-me orar: “No Senhor eu confio”. Pois, se em ti confiasse, hei de confiar que nesta noite nada fizeste de mal? Enfim, se queres que creia em ti, acaso posso acreditar em mais alguém além de ti? Como hei de confiar, então, naqueles com os quais ontem estiveste em comunhão, hoje ainda estás e estarás amanhã que, nesses três dias ao menos nada de mal fizeram? Se o ignoramos não te mancha, nem a mim, por que rebatizas os que não conheceram o tempo da entrega (dos Livros Sagrados) e da hostilidade de Macário? Qual o motivo por que ousas rebatizar e negas serem cristãos os que vêm da Mesopotâmia e jamais ouviram falar do nome de Ceciliano e Donato? Se, porém, os pecados alheios, por eles ignorados, os maculam, considera-te réu de todos os crimes que se cometem diariamente no teu partido, sem teu conhecimento, e em vão lançarás em rosto aos católicos as leis imperiais, enquanto em vossos acampamentos atuam tão violentamente os bastões e se incendeiam bens particulares. Eis aonde caíram os que, vendo pecadores na Igreja católica, não quiseram dizer: “No Senhor eu confio”, e puseram num homem a sua esperança. Di-lo-íam com verdade se eles mesmos não fossem pecadores, ou não fossem tais quais julgavam ser aqueles de quem fingiram com soberba sacrílega querer se separar.

6 [4] Diga então a alma católica: “No Senhor eu confio. Por que dizeis a minha alma: Foge para os montes como o pássaro? Eis que os pecadores armaram o arco, dispuseram na aljava as sua setas, para alvejarem, sob luz obscura, os retos de coração” e deixando-os, dirija a palavra ao Senhor, dizendo: “Porque destruíram o que bem executaste”. Diga-o, não só contra estes, mas opondo-se a todos os hereges. Todos, pois, na medida que deles dependia, destruíram os louvores que Deus tirou da boca das crianças e lactentes (Sl 8,3), agitando com questões fúteis e minuciosas os pequeninos, impedindo-os de se nutrirem do leite da fé. De certo modo seria dito a esta alma: Porque estes te dizem: “Foge para os montes como o pássaro?” Por que te atemorizam aqueles dentre os pecadores que armaram o arco para alvejarem, sob uma lua obscura, os retos de coração? Responderá: Eles me apavoram “porque destruíram o que bem executaste”. Onde, senão em seus conciliábulos? Lá não nutrem com leite, mas envenenam os pequeninos e os que desconhecem a luz interior. “O que fez, porém, o justo?” Se Macário vos ofendeu, se foi Ceciliano, o que vos fez Cristo, que disse: “Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou” (Jo 14,27), que vós violastes por nefanda divisão? O que vos fez Cristo, que suportou com tamanha paciência o traidor, a ponto de dar-lhe, como aos outros apóstolos, a primeira eucaristia, preparada por suas mãos e entregue com as

palavras de sua boca (Lc 22,19.21)? O que vos fez Cristo, que chamou de diabo (Jo 6,71) o mesmo traidor. Este já antes de trair o Senhor, não foi fiel à bolsa do Senhor (ib. 12,6), ao ser enviado com os demais discípulos a pregar o reino dos céus (Mt 10,5), ficando assim demonstrado que os dons de Deus alcançam os que os recebem com fé, mesmo se for como Judas aquele de quem os recebem?

7 [5] "O Senhor habita em seu templo santo". É isto o que assegura o Apóstolo: "Pois o templo de Deus é santo e esses templo sois vós. Se alguém destrói o templo de Deus, Deus os destruirá" (1Cor 3,17). Destrói o templo de Deus quem destrói a unidade, pois não se mantém unido à Cabeça, da qual todo o corpo, unido e coeso pelas juntas e articulações, segundo a operação proporcional de cada parte, cresce para sua edificação na caridade (Ef 4,16). Neste templo santo está o Senhor. Ele consta de muitos membros, cada qual fazendo a sua parte, para uma edificação na caridade. Destrói-o quem, para dominar, se separa da sociedade católica. "O Senhor habita em seu templo santo. No céu está o trono do Senhor". Se interpretas a palavra céu como sendo o justo, assim como tomas por terra o pecador, ao qual foi dito: "Pois tu és pó e ao pó tornarás" (Gn 3,9), entenderás que a frase: "O Senhor habita em seu templo santo" é repetida na expressão: "No céu está o trono do Senhor".

8 "Seus olhos volvem-se para o pobre". Efetivamente o pobre se entregou a ele, que se fez o refúgio do pobre (Sl 9,10). Por isso, dentro das redes da Igreja, até que sejam arrastadas à praia, por homens que não querem ser pobres de Cristo ocasionados, sucedem-se sedições e tumultos, a respeito deles nos insultam os hereges, o que reverte em perdição para eles em nossa correção. Mas acaso eles afastam os olhos de Deus dos que querem ser pobres de Cristo? "Seus olhos volvem-se para o pobre". Será de recear que não descubra no meio da turba dos ricos os poucos pobres, a fim de nutri-los no seio da Igreja católica? "Suas pálpebras interrogam os filhos dos homens". De bom grado, e de acordo com a regra citada, chamarei de "filhos dos homens" os regenerados de seus antigos costumes, por meio da fé. Eles efetivamente exercitam-se na procura, através de certas passagens obscuras das Escrituras, que seriam os olhos de Deus fechados, assim como são iluminados, para sua alegria, pelos textos claros, que seriam os olhos de Deus abertos. Este assíduo abrir e fechar de olhos, nos Livros Sagrados, seriam as pálpebras de Deus a interrogarem, isto é, a provarem os filhos dos homens, incansáveis diante da obscuridade das questões e que se exercitam desta maneira. Não se orgulham de seus conhecimentos, porém se fortificam.

9 [6] "O Senhor interroga o justo e o ímpio". Porque haveremos de temer que nos prejudiquem de algum modo os ímpios, que participassem de nossos sacramentos sem sinceridade de coração, uma vez que o Senhor interroga o justo e o ímpio? "Quem ama a iniquidade, odeia a sua alma", isto é, quem ama a iniquidade não prejudica aquele que crê em Deus e não põe sua esperança num homem, mas causa dano somente a sua própria alma.

10 [7.8] “Sobre os pecadores fará chover laços”. Se em geral se entendem por nuvens os profetas bons ou maus (também chamados pseudoprofetas), de tal maneira o Senhor dispõe a respeito destes últimos que, por seu intermédio, faz chover laços sobre os pecadores. Não cai nesses laços, seguindo os falsos profetas, senão o pecador, seja como preparação para o extremo suplício, se preferir persistir no pecado; seja para desistir da soberba, se alguma vez procurar a Deus sinceramente. Se por nuvens se entender somente os bons e veradeiros profetas é evidente que Deus por meio deles faz chover laços apenas sobre os pecadores, embora irrigue também os piedosos para que deem fruto. Para uns, diz o Apóstolo, “somos odor que da vida leva à vida; para outros, odor que da morte leva à morte” (2Cor 2,16). Não só os profetas, mas todos os que irrigam as almas com a palavra de Deus podem ser chamados nuvens. Se tomadas em mau sentido, Deus faz chover laços sobre os pecadores; se em bom sentido, fecunda o peito dos piedosos e fiéis. Por exemplo, se o que está escrito: “Serão os dois uma só carne” (Gn 2,24), for interpretado no sentido da concupiscência, ele faz chover laços sobre os pecadores; se, ao invés, se entender como aquele que declara: “Refiro-me à relação entre Cristo e a sua Igreja” (Ef 5,32), cai a chuva sobre terra fértil; da mesma nuvem, a Sagrada Escritura, provêm ambas as coisas. Igualmente proferiu o Senhor: “Não é o que entra pela boca que torna o homem impuro, mas o que sai” (Mt 15,11). Ao ouvi-lo, o pecador prepara a gula à voracidade; ouve o justo e se precavém da superstição de fazer distinção entre os alimentos. Aqui, portanto, também a mesma nuvem das Escrituras, conforme o mérito da cada um, faz cair uma chuva de laços ao pecador e uma chuva fertilizante ao justo.

11 “Fogo, enxofre, vento tempestuoso será a parte de seu cálice”. Eis a pena e o fim daqueles por cuja causa o nome de Deus é blasfemado: primeiro, são devastados pelo fogo de suas paixões; segundo por suas obras fétidas são expulsos do grupo dos bem-aventurados; por fim, arrancados e submersos no inferno, sofrem penas indizíveis. Tal é a porção de seu cálice, assim como a porção dos justos é o cálice do Senhor inebriante, excelente (Sl 22,5)! “Inebriar-se-ão na abundância de tua casa” (Sl 35,9). Penso que foi denominado cálice, para não julgarmos que a divina Providência atue sem proporção, nem medida, mesmo ao se tratar dos suplícios dos pecadores. Por isso, apresentando de certo modo o motivo de assim acontecer, acrescentou o salmista: “Porque o Senhor é justo e ama as justiças”. O plural não é ocioso. Talvez por se ter referido a homens, se entenda que justiças apareça em lugar de justos. Em muitos justos parece haver muitas justiças. No entanto, existe uma só, a de Deus, da qual as outras participam. De igual modo, se alguém se mira em muitos espelhos, em si o rosto é um só, mas se torna múltiplo através desses muitos espelhos. Por esta razão, de novo fala o salmista no singular: “Sua face mira a equidade”, como se dissesse: “Em sua face se viu a iniquidade”; em sua face, a saber, em seu conhecimento. A face de Deus é o poder com que se manifesta aos que são dignos. Ou provavelmente “sua face mira a equidade”, porque não se dá a conhecer aos maus, e sim aos bons. E isso é equidade.

12 Se alguém quer aplicar a lua à sinagoga, atribua o salmo à paixão do Senhor, e diga a

respeito dos judeus: "Porque destruíram aquilo que bem executaste", e profira acerca do próprio Senhor: "O que fez, porém, o justo?" acusado de destruidor da lei? Os judeus haviam praticamente abolido os preceitos da lei, vivendo mal, desprezando-a e estabelecendo seus próprios mandamentos. O Senhor, por isso, fala como homem, conforme costuma, dizendo: "No Senhor eu confio". Porque dizeis a minha alma: Foge para o monte como o pássaro?" Assim fala, por causa das ameaças dos que queriam prendê-lo e crucificá-lo. Não é absurdo entender por pecadores que queriam "alvejar os retos de coração", isto é, os que haviam acreditado em Cristo, "sob uma lua obscura", a sinagoga repleta de pecadores. A quem se adapta também a palavra: "O Senhor habita em seu templo santo. No céu está o trono do Senhor", isto é, o Verbo no homem, ou o próprio Filho do homem que está nos céus? "Seus olhos volvem-se para o pobre", o que ele assumiu enquanto Deus, ou aqueles por quem padeceu, enquanto homem. "Suas pálpebras interrogam os filhos dos homens". Podemos tomar o fechar e o abrir dos olhos, aqui provavelmente indicados sob o nome de pálpebras, na acepção de sua morte e ressurreição quando pôs à prova os filhos dos homens, os seus discípulos, aterrorizados com a paixão e alegres com a ressurreição. "O Senhor interroga o justo e o ímpio", do céu já governando a Igreja. "Quem porém, ama a iniquidade, odeia a sua alma". Por que motivo? Demonstram-no as palavras que seguem: "Ele fará chover laços sobre os pecadores", conforme a exposição acima etc., até o fim do salmo.

1 Os donatistas

2 Os maniqueus (cf Aug. *de Genesis contra Manich.* 1,3,6; II, 25,38; *de moribus Manich.* 8,13; de *haeresibus* 46-Pl, 42,38).

3 Os donatistas

4 Os donatistas juravam pelas cãs de Donato.

5 Macário e Paulo, cerca de 348, foram enviados pelo imperador Constante à África. Os donatistas se queixavam de terem eles perseguido cruelmente o partido de Donato. Cf. *Optat. contra Parmen.* III, 4; Aug. *epist.* 44,4ss.

SALMO 11

COMENTÁRIO

1 [1] “Para o fim. Para o oitavo. Salmo de Davi”. No salmo 6 foi explicado que “oitavo” pode representar o dia do juízo. É possível também interpretar como oitavo a eternidade, que será concedida aos santos depois do tempo, correspondente ao ciclo de sete dias.

2 [2] “Salva-me, Senhor, porque desapareceu o santo”, isto é, já não se encontra um santo. Assim falamos, por exemplo, na expressão: Acabou o trigo, ou: Acabou o dinheiro. “Porque diminuíram as verdades entre os filhos dos homens”. A verdade é uma só, e ilumina as almas santas, mas como são muitas as almas, pode-se dizer que nelas há muitas verdades, como de um só rosto refletem-se muitas imagens nos espelhos.

3 [3] “Cada qual falou futilidades a seu próximo”. Próximo são todos os homens, porque a ninguém se deve fazer o mal e o amor ao próximo não pratica o mal (Rm 13,10). “Os lábios enganadores proferiram o mal no coração e no coração”. Disse duas vezes: “no coração e no coração”, representando duplicidade de coração.

4 [4] “Extirpe o Senhor todos os lábios mentirosos”. Todos, isto é, ninguém se repute exceção, conforme diz o Apóstolo: “Todo aquele que pratica o mal, o judeu em primeiro lugar, mas também o grego” (Rm 2,9). Língua arrogante, língua soberba.

5 [5] “Eles disseram: Exaltar-nos-emos com a nossa língua. São nossos os nossos lábios. Quem é Senhor nosso?” O salmista faz referência aos soberbos hipócritas, insubmissos a Deus, que põem a esperança em suas próprias palavras, para enganar os homens.

6 [6] “Por causa da aflição dos necessitados e dos gemidos dos pobres, agora hei de me levantar, diz o Senhor”. Foi assim que o próprio Senhor no Evangelho se compadeceu de seu povo, desprovido de chefe, apesar de disposto a obedecer. Por isso diz o Evangelho: “A mese é grande, mas os operários são poucos” (Mt 9,37). Entendamos isso de Deus Pai, que se dignou enviar o Filho, em prol dos necessitados e pobres, a saber, dos carentes de bens espirituais, por indulgência e pobreza. Por este motivo, o sermão da montanha, segundo Mateus, assim começa: “Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o Reino dos céus” (Mt 5,3). “Porei a salvo”. Não disse o que porá a salvo; mas o lugar salutar significa Cristo, segundo a palavra: “Porque meus olhos viram a tua salvação” (Lc 2,30). Daí se conclui que o Pai lhe deu meios de afastar a miséria dos indigentes e consolar os gemidos dos pobres. “Agirei nisto com toda a confiança”, de acordo com as palavras do Evangelho: “Ensinava com autoridade e não como os seus escribas” (Mt 7,29).

7 [7] “Palavras do Senhor, palavras puras”. É a fala do profeta. “Palavras do Senhor,

palavras puras”. Puras, não corrompidas por simulação. Muitos pregam a verdade, mas não com pureza, porque a vendem pelo preço das comodidades do mundo. A respeito deles afirma o Apóstolo que anunciam o Cristo sem pureza de intenção (Fl 1,17). “Prata pelo fogo acrisolada de terra”. As palavras do Senhor foram acrisoladas para os pecadores, mediante as tribulações. “Depurada sete vezes” por meio do temor de Deus, da piedade, da ciência, da fortaleza, do conselho, do intelecto, da sabedoria (Is 1,12). Pois sete são também as bem-aventuranças que o Senhor enumerou no sermão da montanha, *katà* Mateus: “Bem-aventurados os pobres em espírito, bem-aventurados os mansos, bem-aventurados os que choram, bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, bem-aventurados os misericordiosos, bem-aventurados os puros de coração, bem-aventurados os que promovem a paz” (Mt 5,3.9). É de se notar que todo aquele prolixo sermão trata destas sete sentenças; pois a oitava, que reza: “Bem-aventurados os que são perseguidos por causa da justiça” significa o próprio fogo que acrisola a prata sete vezes. No fim deste sermão foi afirmado: “Ensinava com autoridade e não como os seus escribas” (ib. 7,29), à semelhança do versículo deste salmo: “Agirei nisto com toda a confiança”.

8 [8] “Senhor, tu nos guardarás e desta raça nos preservarás para sempre”, aqui como indigentes e pobres, lá como opulentos e ricos.

9 [9] “Os ímpios andam ao redor”, tomados pela cobiça dos bens temporais, móveis como uma roda, num ciclo de sete dias. Por isso não alcançam o oitavo, o eterno, que deu o título a este salmo. Assim diz Salomão: “Um rei sábio joeira os ímpios e faz passar sobre eles a roda (Pr 20,26) dos males. Segundo tua sublime sabedoria, multiplicaste os filhos dos homens”, uma vez que nas coisas temporais há multiplicidade; esta afasta da unidade de Deus. Por conseguinte, um corpo corruptível pesa sobre a alma e oprime a mente pensativa (Sb 9,15). Multiplicam-se os justos, segundo a sublime sabedoria de Deus, quando vão de virtude em virtude (Sl 83,8).

SALMO 12

COMENTÁRIO

1 [1] “Para o fim. Salmo de Davi. Cristo é o fim da lei, para justificar todo aquele que crê” (Rm 10,4). “Até quando, Senhor, me esquecerás completamente?” Quer dizer, até quando adias conceder-me o conhecimento espiritual de Cristo, Sabedoria de Deus e fim genuíno de todos os anseios da alma? “Até quando me esconderás a tua face?” Como Deus não esquece, também não esconde o rosto, mas a Escritura fala a nossa maneira. Diz-se que Deus esconde o rosto, quando não transmite o conhecimento de si à alma, que ainda não purificou o olhar da mente.

2 [2] “Por quanto tempo ainda há de deliberar a minha alma?” De deliberação precisa-se na adversidade. “Por quanto tempo ainda há de deliberar a minha alma?” equivaleria à pergunta: Até quando me acharei em adversidade? Ou então seria resposta, com o seguinte sentido: Senhor, esquecer-me-ás completamente e esconderás de mim a tua face, enquanto deliberar a minha alma. A não ser que alguém delibere consigo mesmo a fim de praticar perfeitamente a misericórida, Deus não o encaminhará para o fim, nem lhe dará de si conhecimento pleno, no face a face. “A dor no coração todo dia?” Subentende-se: Até quando terei? “Todo dia”, porém, siginifica continuação, de sorte que “dia” substitui o termo tempo. Quem quiser escapar ao tempo, terá a dor no coração, desejando subir aos bens eternos e não ter mais de suportar o tempo a que os homens estão sujeitos.

3 [3] “Até quando prevalecerá contra mim o inimigo?” isto é, o diabo, ou o hábito carnal.

4 [4] “Olha-me, ouve-me, Senhor meu Deus. Olha-me” relaciona-se com a frase: “Até quando me esconderás a tua face?” “Ouve-me” com: “Até quando esquecer-me-ás completamente? Ilumina os meus olhos, a fim de que não adormeça em sono mortal”. Trata-se dos olhos do coração. Não se fechem eles em culpa deleitável e pecaminosa.

5 [5] “Não diga alguma vez o inimigo: Suplantei-o”. É temível o ataque do diabo. “Exultarão meus opressores, se eu ficar abalado”. São o diabo e seus anjos. Eles não puderam exultar por causa de Jó, varão justo, ao ser atormentado, porque ele não se abalou (Jó 1,22), isto é, não se apartou da firmeza da fé.

6 [6] “Eu, porém, esperei em tua misericórdia”. Não atribua o homem a si mesmo o fato de não se abalar e permanecer firme no Senhor. Não aconteça que, gloriando-se de não ter sido abalado, sacuda-o a soberba. “Meu coração se alegrará por causa de tua salvação”, Cristo, Sabedoria de Deus. “Cantarei ao Senhor que me encheu de bens”, bens espirituais, não pertencentes ao dia dos homens. “E salmodiarei ao nome do Senhor

o Altíssimo”, isto é, darei graças com alegria e viverei no corpo de maneira bem ordenada. Tal é o canto espiritual da alma. Se aqui existe diferença ponderável, “cantarei” será de coração, e “salmodiarei” ao Senhor com obras, a ele, o único que as vê. “Ao nome do Senhor”, porém, que se manifesta aos homens, sendo útil a nós, não a si mesmo.

SALMO 13

COMENTÁRIO

1 [1] "Para o fim. Salmo de Davi". É desnecessário ficar sempre repetindo o que quer dizer "Para o fim. O fim da lei de Cristo, para a justiça de todo aquele que crê" (Rm 10,4), conforme declara o Apóstolo. Cremos nele, ao ingressarmos no caminho reto; vê-lo-emos ao chegarmos; portanto, ele é o fim.

2 "Disse o insensato em seu coração: Deus não existe". Nem os próprios sacrílegos, nem alguns filósofos detestáveis, com ideias perversas e falsas a respeito de Deus, ousaram dizer: Deus não existe. Por isso, "Disse em se coração", porque ninguém ousa dizê-lo, mesmo se tiver tido a ousadia de pensá-lo. "Corromperam-se e fizeram-se abomináveis por seus afetos", isto é, amam este mundo e não amam a Deus. São afetos que corrempem a alma e cegam-na a tal ponto que o insensato pode dizer em seu coração: Deus não existe. Como se recusaram a procurar uma noção exata de Deus, entregou-os Deus a um sentimento depravado (Rm 1,28). "Não há quem faça o bem, até mesmo um só". Aqui "um" pode significar homem algum; ou também exceto um, o Cristo Senhor. Como, por exemplo, se dissermos: Este campo vai até o mar, excluímos o mar. Esta é a melhor explicação: Ninguém praticou o bem até que viesse o Cristo, porque ninguém pode fazer o bem, se o próprio Cristo não o mostrar. Isso é igualmente verdade, porque ninguém pode praticar o bem, enquanto não conhecer o Deus único.

3 [2] "O Senhor olhou do céu os filhos dos homens, para ver se resta alguém que entenda e busque a Deus". É aplicável aos judeus que, devido ao culto do Deus único, são denominados de maneira mais honrosa filhos dos homens, em comparação com os gentios, dos quais suponho ter sido dito acima: "Disse o insensato em seu coração: Deus não existe", etc. O Senhor olha do céu, através das almas santas. É isto que significa "do céu", uma vez que ao Senhor, em si, nada está oculto.

4 [3] "Todos se transviaram, juntos se tornaram inúteis", quer dizer, os judeus se igualaram aos gentios, dos quais se falou supra: "Não há quem faça o bem, até mesmo um só". Entenda-se como acima. "Sua garganta é um sepulcro aberto". Representa a voracidade da gula e a avidez; ou, alegoricamente, aqueles que matam, induzindo suas vítimas à perversidade de seus costumes e devorando-as de certo modo. Assemelha-se isso, em contraste ao que foi dito a Pedro: "Imola e come" (At 10,13), visando à conversão dos pagãos à fé e aos bons costumes. "Servem-se da língua para enganar". A adulação é companheira dos glutões e de todos os malvados. "Sob os lábios têm veneno de áspides". "Veneno" é o dolo. "De áspides", porém, uma vez que não querem ouvir os preceitos da lei, como as áspides não querem escutar a voz do encantador (Sl 57,5), conforme declara, com mais evidência, outro salmo. "Têm a boca repleta de maldição e

amargor", isto é, de "veneno de áspides". "E os pés velozes para derramar sangue", acostumados a fazer o mal. "Acham-se em seus caminhos esmagamento e infelicidade". Todos os caminhos dos maus estão repletos de labor e miséria. Por isso, clama o Senhor: "Vinde a mim todos os que estais cansados sob o peso do vosso fardo e eu vos darei descanso. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração. O meu jugo é suave e o meu fardo é leve" (Mt 11,28-30). "E não conhecem o caminho da paz". Paz que o Senhor, conforme acima disse, relembra com a expressão: jugo suave e fardo leve. "Não existe temor de Deus ante seus olhos". Eles não afirmam: Deus não existe; contudo, não o temem.

5 [4] "Não o conhecerão todos os obreiros da iniquidade?" Ameaça com o juízo. "Que devoram o meu povo, como um bocado de pão", isto é, cada dia. O pão é o alimento cotidiano. Devoram o povo os que dele auferem lucro, e não destinam seu ministério à glória de Deus e à salvação de seus súditos.

6 [5] "Não invocaram o Senhor". Não invoca, de fato, quem deseja o que lhe desagrada. "Tremeram de medo, quando não havia o que temer", isto é, a perda de bens temporais. Pois, disseram os judeus: "Se o deixarmos assim, todos crerão nele e os romanos virão, destruindo o nosso lugar santo e a nação" (Jo 11,48). Recearam perder o reino terreno, quando não havia motivo de receio; e perderam o reino dos céus, que deveriam ter medo de perder. Assim também acontece com os bens temporais todos, porque os homens, temendo perdê-los, não obtêm os eternos.

7 [6] "Porque Deus está com a raça justa", isto é, não está com os que amam o mundo. É injusto abandonar o criador do mundo e amar o mundo, servir a criatura de preferência ao Criador (Rm 1,25). "Cobris de confusão o pobre nos seus planos, mas a esperança dele é o Senhor", isto é, desprezastes a vinda humilde do Filho de Deus, porque nele não vistes as pompas do século, de sorte que os chamados por ele somente em Deus depositassem sua esperança, e não nos bens passageiros.

8 [7] "Quem trará de Sião a salvação a Israel?" Subentende-se: A não ser aquele cuja humildade desprezastes? Ele há de vir em glória para o juízo dos vivos e dos mortos e o reinado dos justos. Como, por ocasião de sua vinda humilde sobreveio a cegueira em parte a Israel, até que entrasse a plenitude das nações (Rm 11,25), nele se realizará a continuação: assim todo Israel será salvo. Em prol dos judeus o Apóstolo aplica também o testemunho de Isaías, que anunciou: "Virá de Sião aquele que apartará de Jacó a impiedade" (Is 59,20), conforme aqui se encontra: "Quem trará de Sião a salvação a Israel? Quando o Senhor fizer o seu povo voltar do cativeiro, Jacó exultará e alegrar-se-á Israel". É a repetição habitual, pois julgo idêntico dizer: "Alegrar-se-á Israel e Jacó exultará".

SALMO 14

COMENTÁRIO

1 [1] “Salmo de Davi”. O título não oferece dificuldade. “Senhor, quem será hóspede em teu tabernáculo?” Embora tabernáculo também se aplique algumas vezes às moradas eternas, propriamente tabernáculo quer dizer tenda de campanha. Daí se denominaram *contubernales,* camaradas, os soldados que moram juntos na mesma tenda. Este sentido acha-se acentuado pelo fato de se dizer: “Quem habitará como hóspede?” durante algum tempo lutamos com o diabo e então precisamos de um tabernáculo para descansar. O tabernáculo significa principalmente a segurança que nos oferece a economia temporal, realizada em nosso favor, através da encarnação do Senhor. “E quem repousará em teu monte santo?” Aqui talvez já se trate da própria morada eterna, de modo que monte seria a supereminente caridade de Cristo, na vida eterna.

2 [2] “Quem caminha sem mácula e pratica a justiça”. Propõe o que explanará em seguida.

3 [3] “Quem profere a verdade do fundo do coração”. Alguns têm a verdade nos lábios, mas não no coração. Se alguém astutamente mostra um caminho errado, sabendo que ali existem ladrões e diz: Se fores por aqui, não há perigo de ladrões. E acontece que efetivamente não há ladrões por ali. Ele falou a verdade, mas não de coração. Pensava de modo diverso e falou a verdade, sem o saber. É, portanto, pouco proferir a verdade, se não for de coração. “E não cometeu dolo com a língua”. A língua age dolosamente se a boca profere uma coisa e no coração está escondida outra. “Nem fez o mal ao próximo”. É óbvio que se deve considerar próximo todos os homens. “Nem admitiu injúria contra o seu semelhante”, quer dizer, não acreditou de bom grado ou temerariamente num delator.

4 [4] “Diante dele o maligno foi reduzido a nada”. É perfeito se contra um homem o maligno nada pode. “Diante dele”, isto é, conheça o homem, com toda certeza, que o maligno nada pode, a não ser que a alma se afaste da beleza eterna e imutável de seu Criador e se volte para a beleza da criatura, feita do nada. Mas é o próprio “Senhor quem glorifica aqueles que o temem”. O temor do Senhor é o começo da sabedoria (cf Sl 110,10; Eclo 1,16). As palavras acima tratam dos perfeitos; as que agora o salmista vai proferir pertencem aos principiantes.

5 [4.5] “Jura ao próximo e não o engana. Não emprestou dinheiro com usura, nem recebeu dons contra inocentes”. Não são atos grandiosos. Mas, quem não os pode praticar, muito menos dirá a verdade no coração, nem deixará de cometer dolo com a língua; mas dirá a verdade que tem no coração também com a língua: “Sim, sim; não, não” (Mt 5,37), e não há de fazer o mal ao próximo, a saber, a ninguém, nem admitir

injúria contra o seu semelhante. São ações estas dignas de homens perfeitos, em cuja presença o maligno foi reduzido a nada. No entanto, também relativamente a obras menores, assim conclui: “Quem assim proceder, jamais será abalado”, isto é, chegará às ações maiores, de grande e inabalável firmeza. Pois, não foi sem razão que os próprios tempos dos verbos variaram, de tal modo que na primeira conclusão se usou o pretérito, nesta, porém, o futuro, pois lá se dissera: “O maligno foi reduzido a nada diante dele”, e aqui: “Não será abalado eternamente”.

SALMO 15

COMENTÁRIO

1 [1] "Título: De Davi". Fala no presente salmo nosso Rei, segundo a natureza humana. O título de rei salientou-se na inscrição, no tempo da paixão.

2 [1.2] Reza o salmista: "Guarda-me, Senhor, pois em ti esperei. Disse ao Senhor: És o meu Deus, não precisas de meus bens". Não esperas tornar-te feliz com os meus bens.

3 [3] "Quanto aos santos que estão em sua terra", os santos que puseram sua esperança na terra dos vivos, cidadãos da Jerusalém celeste, cuja cidadania espiritual, pela âncora da esperança firma-se naquela pátria, denominada com razão terra de Deus, embora ainda estejam corporalmente aqui, na terra. "Realizou admiravelmente neles todos os seus anelos". Nestes santos Deus tornou admiráveis todas as minhas vontades, em proveito deles próprios, porque compreenderam quanto lhes aproveitou a humanidade que a divindade do Verbo assumiu, para que eu pudesse morrer, e a divindade unida à humanidade, para eu ressuscitar.

4 [4] "As fraquezas deles se multiplicaram", não para sua ruína, mas a fim de aspirarem por um médico. "Depois, precipitaram-se". Multiplicadas as suas enfermidades, apressaram-se em buscar a cura. "Não os congregarei em reuniões cruentas". Suas reuniões não serão carnais, nem os congregarei, aplacado pelo sangue dos animais. "Nem recordarei seus nomes, proferindo-os com os lábios". Transformados espiritualmente, esquecer-se-ão do que foram. Já não os chamarei de pecadores, inimigos ou homens e sim de justos, meus irmãos e filhos de Deus, por causa da paz que eu lhes dei.

5 [5] "O Senhor é a porção de minha herança e de meu cálice". Comigo eles possuirão a herança, o próprio Senhor. Outros escolham, para sua fruição, porções terrenas e temporais; a porção dos santos é o Senhor, que é eterno. Bebem os outros mortíferos prazeres; a porção de meu cálice é o Senhor. Digo: "Meu", pois a mim acrescento a Igreja; onde está a Cabeça, aí se acha também o corpo. Tendo em vista a herança, convocarei suas reuniões e inebriado pelo cálice, esquecer-me-ei de suas antigas designações. "És tu que me restituis a herança", para que seja conhecida, também daqueles que liberto, a glória que eu tinha contigo antes que o mundo existisse (Jo 17,5). Não me restituis o que não perdi, mas restituis àqueles que o perderam, o conhecimento de sua glória. E como estou neles, "Tu me restituis".

6 [6] "Caíram meus cordéis em parte esplêndida". Os limites de minha propriedade, de certo modo por sorte caíram em tua glória, assim como a posse dos sacerdotes e levitas é Deus. "A minha herança, portanto, é excelente". É ótima a minha herança, não para

todos, mas para os que sabem ver. Como estou neles, é “para mim”.

7 [7] “Bendirei o Senhor que me deu entendimento”, possibilitando-me ver e possuir esta herança. “Além disso, até de noite meus rins me exortaram”. Além do entendimento, a parte inferior, a carne que assumi, instruiu-me até a morte, para que eu experimentasse as trevas da mortalidade, que não existem no intelecto.

8 [8] “Via sempre o Senhor diante de mim”. Tendo vindo ao que é transitório, não tirei os olhos do permanente, prevendo que, passadas as coisas temporais, voltaria a ele. “Porque está a minha direita, não serei abalado”. Ajuda-me a permanecer nele de modo estável.

9 [9] “Por isso se alegrou o meu coração e a minha língua exultou”. Por esta razão, a alegria enche meus pensamentos e a exultação transparece em minhas palavras. “Mais ainda. Minha própria carne repousará na esperança”. Além disso, minha carne não definhará até morrer, mas adormecerá com a esperança da ressurreição.

10 [10] “Porque não entregarás ao inferno a minha alma”. Não entregarás ao domínio do inferno a minha alma.“Nem permitirás que teu santo experimente a corrupção”. Não permitirás que se corrompa o corpo santificado, que há de santificar os outros. “Deste-me a conhecer os caminhos da vida”. Por meu intermédio manifestaste os caminhos da humildade, a fim de que voltem à vida os homens, decaídos pela soberba. Como entre eles me encontro, “deste-me a conhecer. Encher-me-ás de alegria ante a tua face”. Enchê-los-ás de alegria de tal sorte que não irão procurar outra coisa, quando te houverem visto face a face. Uma vez que eu estou neles: “encher-me-ás. Delí-cias infindas acham-se à tua destra”. Delícias encontram-se em teu favor e em tua propiciação no caminhar desta vida, que conduz ao termo, à glória de tua presença.

SALMO 16

COMENTÁRIO

1 [1] “Oração de Davi”. Oração atribuível ao Senhor, unido à Igreja, seu corpo.

2 [1.2] “Atende, ó Deus, a minha justiça, ouve minha súplica. Presta ouvidos a minha prece, que não parte de lábios falsos”, não chega a ti procedente de lábios enganadores. “Meu julgamento derive de tua face”, isto é, esclarecido pela luz de teu conhecimento, que eu julgue com verdade. Ou então, proceda meu julgamento de tua face, não de lábios falsos, a saber, não sentencie ao julgar senão o que entendo em ti. “Meus olhos vejam a equidade”: refiro-me aos olhos do coração.

3 [3] “Sondaste meu coração e o visitaste à noite”, quer dizer, meu coração foi experimentado pela visita da tribu-lação. “Pelo fogo me examinaste e em mim não se encontrou iniquidade”. Foi denominada noite, que costuma perturbar, e fogo que queima a própria tribulação, com a qual fui examinado e considerado justo.

4 [4] “Não se ocupe minha boca das obras dos homens”. Não saia de minha boca senão o que toca a tua glória e teu louvor; mas não trate das obras humanas realizadas à margem de tua vontade. “Por causa das palavras de teus lábios”, palavras de tua paz ou de teus profetas. “Eu segui duros caminhos”, enveredei pelos laboriosos caminhos da mortalidade humana e da paixão.

5 [5] “Para firmar meus passos nas tuas veredas”. Que se torne perfeita a caridade da Igreja, através de caminhos estreitos que terminam em teu repouso. “Para não se modificarem minhas pegadas”, não se apagarem as balizas de meu caminho, sinais impressos pelos sacramentos e as Escrituras apostólicas. Olhem-nos, observem-nos os que almejam me seguir. Ou talvez, permaneça eu estável na eternidade, após ter palmilhado duros caminhos e ter firmado meus passos nas estreitezas de tuas veredas.

6 [6] “Eu clamei, porque me ouviste, ó meu Deus”. Com livre e válida intensidade, dirigi-te minhas preces. Ouviste-me ao orar com menor fervor, para que pudesse rezar instantemente. “Inclina para mim o teu ouvido e escuta minhas palavras”. Não se subtraia o entendimento, por causa de minha humilde condição.

7 [7] “Mostra admiravelmente tuas misericórdias”. Não se banalizem tuas misericórdias, não aconteça que sejam pouco amadas.

8 [8.9] “Salva os que em ti esperam daqueles que resistem a tua direita”, dos contraditórios diante do favor que me demonstras. “Guarda-me, Senhor, qual pupila dos olhos”, que é aparentemente pequenina, insignificante; no entanto, ela regula a

penetração do olhar que distingue a luz das trevas, assim como o julgamento divino ao discernir justos e pecadores passa pela humanidade de Cristo. “A sombra de tuas asas protege-me”. No reduto de tua caridade e misericórdia, “protege-me da face dos ímpios que me afligiram”.

9 [9.10] “Os inimigos puseram cerco a minha alma, engordaram em excesso”. Os obesos encheram-se de alegria exuberante depois que sua ambição se saciou de crimes. “Sua boca falou com arrogância”. Assim, a sua boca falou com soberba: “Salve rei dos judeus” (Mt 27,29) etc.

10 [11] “Lançaram-me para fora, e então me cercaram”. Lançaram-me para fora da cidade, cercaram-me na cruz. “Decidiram cravar os olhos no chão”. Fixaram por meta do coração os bens terrenos. Julgavam ter perpetrado grande crime aquele que estavam matando, e mal nenhum eles que o matavam.

11 [12] “Atacaram-me qual leão impaciente pela presa”. Atacavam-me como aquele adversário que rodeia, procurando quem devorar (1Pd 5,8). “E como o leãozinho encolhido no covil”. Leãozinho, o povo, ao qual se disse: “Sois filhos do diabo” (Jo 8,44), a planejar insídias, assediando e arruinando o justo.

12 [13] “Levanta-te, Senhor, vai ao encontro deles e suplanta-os”. Levanta-te, Senhor. Eles pensam que dormes e não levas em conta as iniquidades dos homens; ao contrário, sejam eles obcecados pela própria malícia e o castigo venha antecipadamente. Assim, suplanta-os.

13 [14] “Livra dos ímpios a minha alma”. Livra a minha alma, ressuscitando-me da morte infligida pelos ímpios. “Tua mão tire dos inimigos a tua espada”. Minha alma é tua espada, arrebatada pela tua mão, teu poder eterno, a fim de debelar os reinos da iniquidade e separar os justos dos ímpios. Tira-a dos inimigos, dos meus inimigos. Tua mão, teu poder. “Arruinando-os, Senhor, da terra, dispersa-os durante a vida”. Senhor, arruinando-os na terra em que habitam, dispersa-os pelo orbe nesta vida, considerada a única por aqueles que não esperam a vida eterna. “Seu ventre se saciou com os teus tesouros”. Não apenas os atingirá este castigo visível, mas também sua consciência se encheu de pecados, de modo a se esquecerem de Deus. São trevas que fogem da luz da verdade. “Saturaram-se de coisas sórdidas”, saturaram-se de imundícies, pisoteando as pérolas das palavras de Deus. “E deixaram os sobejos a seus pequeninos”, clamando: “Este pecado caia sobre nós e sobre nossos filhos” (Mt 27,25).

14 [15] “Eu, porém, aparecerei ante tua presença com tua justiça”. Não me mostrei aos de coração sórdido e tenebroso, cegos para a luz da sabedoria, mas comparecerei justificado em tua presença. “Serei saciado ao se manifestar a tua glória”. Enquanto eles, saturados de imundícies, não me podem entender, eu me saciarei, ao se manifestar a tua glória, naqueles que me conhecem. Na verdade, no versículo: “Saturam-se de coisas sórdidas”, alguns exemplares trazem: “saturaram-se de filhos”. Da ambiguidade do texto grego

originou-se a dupla tradução[1]. Por filhos entendemos as obras. Bons filhos são as boas obras, maus filhos, as más obras.

[1] LXX: *uion* ou *ueion* cf. Aug. *Epist.* 149,5,352,s.

SALMO 17

COMENTÁRIO

1 [1] "Para o fim. Ao servo do Senhor, Davi", isto é, mão forte, Cristo enquanto homem. "Ele dirigiu ao Senhor as palavras deste cântico, no dia em que o Senhor o livrou das mãos de Saul. Disse, pois" (2Rs 12,1). "No dia em que o Senhor o livrou da mão de todos os seus inimigos e da mão de Saul", rei dos judeus, que o haviam pedido para si. Pois, como se diz que Davi significa mão forte, Saul seria petição. É sabido como o povo pedira um rei (1Rs 8,5) e o recebeu, não segundo a vontade de Deus, mas conforme a sua própria vontade.

2 [2] Falam neste salmo Cristo e a Igreja, o Cristo total, Cabeça e Corpo: "Eu te amarei, Senhor, minha força". Eu te amarei, Senhor, que me fortificas.

3 [3] "Senhor, minha firmeza, meu refúgio, meu libertador". Firmaste-me, Senhor, porque em ti me refugiei. Refugiei-me porque me libertaste. "Meu Deus, meu auxílio, nele esperarei". Meu Deus primeiro me prestaste o auxílio de teu chamado, e então posso esperar em ti. "Meu protetor, força de minha salvação, meu redentor". Meu protetor, porque de mim não presumi, erguendo contra ti a ousadia da soberba, mas em ti mesmo encontrei a força, isto é, a firme exaltação e salvação. Tu me remiste para que eu a encontrasse.

4 [4] "Com louvores invocarei o Senhor e serei salvo de meus inimigos". Não procurando a minha glória, mas a do Senhor, eu o invocarei, e então os erros da impiedade não terão como me prejudicar.

5 [5] "Envolveram-me dores de morte", isto é, da carne. "E torrentes de iniquidade me perturbaram". A turba iníqua, agitada por algum tempo, como as torrentes pluviais que logo desaparecem, veio aterrorizar-me.

6 [6] "Dores de inferno me cercaram". Nos inimigos que me cercaram, visando perder-me, havia dores causadas pela inveja, que produzem a morte e levam ao inferno do pecado. "Colheram-me de surpresa laços mortais", surpreenderam-me. Pretendiam ser os primeiros a prejudicar-me, mas depois eles é que receberiam a paga. Tais homens arrastam à perdição os seduzidos por sua jactância de justiça. Gabam-se, contrapondo-se aos gentios, mas possuem a justiça só de nome, não na realidade.

7 [7] "Em minha angústia invoquei o Senhor, e clamei a meu Deus. E ele ouviu a minha voz de seu templo santo". No meu coração, onde Deus habita, ele ouviu a minha voz. "E o meu grito em sua presença". Meu íntimo clamor diante dele, não atingiu ouvidos humanos, mas "atingiu-lhe os ouvidos".

8 [8] “A terra se agitou e tremeu”. Glorificado o Filho do homem, os pecadores se agitaram e tremeram. “E os fundamentos das montanhas se abalaram”. A esperança dos soberbos, depositada nos valores mundanos, foi abalada. “E estremeceram, porque o Senhor se irou contra eles”. A esperança em bens temporais já não tivesse solidez nos corações dos homens.

9 [9] “Fumegou a sua ira”. Subiu lacrimosa a oração dos penitentes, ao conhecerem qual a ameaça de Deus aos ímpios. “Ardeu o fogo de seu rosto”, inflamou-se o fogo da caridade depois da penitência, pelo conhecimento de Deus. “Que acendeu carvões”. Os mortos, que haviam permanecido frios e escurecidos, por falta do fogo dos bons desejos e da luz da justiça, novamente acesos e iluminados, reviveram.

10 [10] “Inclinou o céu para descer”. Humilhou o justo, para descer à fraqueza dos homens. “Calcando aos pés nuvens escuras”. Os ímpios, amantes das coisas terrenas, não o conheceram devido às trevas de sua malícia. A terra está sob os seus pés, qual escabelo.

11 [11] “Subiu sobre um querubim e voou”. Foi exaltado acima da plenitude da ciência, e então ninguém chega até ele, a não ser pela caridade. A caridade é a plenitude da lei (Rm 13,10). E logo demonstrou aos que o amam ser ele incompreensível, a fim de que não julgassem compreendê-lo por meio de imaginações corporais. “E voou com as asas do vento”. A rapidez, porém, com que se mostrou ser incompreensível, acha-se acima das potências da alma, asas que os elevam dos temores terrenos às auras da liberdade.

12 [12] “Das trevas fez um esconderijo”. Criou a obscuridade dos sacramentos e a esperança oculta nos corações dos fiéis, onde ele próprio se escondeu, mas não os abandonou. No meio destas trevas também caminhamos pela fé e não pela visão (2Cor 5,7), enquanto esperamos o que não vemos, e é na perseverança que o aguardamos (Rm 8,25). “E ao redor de si formando o seu tabernáculo”. Os que nele acreditam, tendo se voltado para ele, rodeiam-no. Ele está em seu meio, auxiliando igualmente àqueles nos quais atualmente habita, como num tabernáculo. “Águas tenebrosas nas nuvens do ar”. Ninguém, portanto, que entender bem as Escrituras, pensará já estar na luz que aparecerá quando da fé chegarmos à visão, pois a doutrina dos profetas e de todos os pregadores da palavra divina não é clara.

13 [13] “Diante do fulgor de sua face”, em comparação com o fulgor que acompanhará sua manifestação. “Suas nuvens passaram”. Os pregadores da palavra de Deus não se limitam à Judeia, mas passaram aos gentios. “Lançando granizo e carvões em brasa”. Em figura, são repreensões que fustigam como granizo os corações endurecidos. Se, porém, uma terra cultivada e fértil, isto é, um ânimo piedoso, os recebe, a dureza do granizo resolve-se em água. O terror de uma repreensão, acompanhada de raios e gelo, converte-se em doutrina nutritiva. Os corações, inflamados pelo fogo da caridade, revivem. Esses benefícios se transferiram para os gentios, levados pelas nuvens do Senhor.

14 [14] “E do céu o Senhor trovejou”. O Senhor fez ressoar do coração do justo a audaz confiança evangélica. “E o Altíssimo elevou a voz”, para que a retivéssemos e ouvíssemos coisas celestes nas profundezas das coisas humanas.

15 [15] “Enviou as suas flechas e dispersou-os”. Enviou os evangelistas que voaram em linha reta, com as asas das virtudes, não por suas próprias forças, mas pelas forças de quem os enviou. E dispersou aqueles em favor dos quais foram enviados, a fim de serem para uns odor que da vida leva à vida, para outros odor que da morte leva à morte (2Cor 2,16). “Multiplicou os raios e apavorou-os. Multiplicou os milagres e os aterrorizou.

16 [16] “E apareceram as torrentes das águas”. Apareceram as fontes de água a jorrarem para a vida eterna (Jo 4,14), brotadas por meio dos pregadores. “E desvendaram-se os fundamentos do orbe da terra”. Foram revelados os profetas, que não foram entendidos, com os quais se havia de edificar o orbe da terra que crê no Senhor. “Ante as tuas repreensões, ó Senhor”, que clamas: O reino de Deus está próximo” (Lc 10,9). E ao sopro do furacão de tua cólera, pregando: “Se não vos converterdes, perecereis todos de modo semelhante” (ib. 13,5).

17 [17] “Do alto estendeu a mão e recebeu-me”, chamando-me dentre os gentios para obter a herança, a Igreja gloriosa, sem ruga, nem mancha (Ef 5,27). “Retirou-me da imensidão das águas”, da multidão dos povos.

18 [18] “Livrou-me de inimigos poderosos”. Libertou-me de inimigos prevalentes, que afligiam e transtornavam minha vida no tempo. “E daqueles que me odiaram quando se tornaram mais fortes do que eu”, por todo o tempo em que lhes estive sujeito, ignorando a Deus.

19 [19] “Surpreenderam-me no dia da aflição”. Foram os primeiros a me prejudicar, enquanto possuo um corpo mortal e sujeito à tribulação. “Mas o Senhor se fez o meu apoio”. Depois de conturbado e abalado o sustentáculo dos prazeres terrenos pela amargura das misérias, o Senhor se fez o meu apoio.

20 [20] “Conduziu-me para um lugar espaçoso”. Como eu sofria angústias carnais, levou-me para o espaço espiritual da fé. “Salvou-me porque me quis bem”. Antes que eu o quisesse, “livrou-me de poderosos inimigos”, invejosos por que eu já o amava e daqueles “que me odiavam”, porque eu o amo.

21 [21] “O Senhor me retribuirá segundo a minha justiça”, a justiça da boa vontade, porque ele me ofereceu a misericórdia antes que eu tivesse a vontade inclinada ao bem. “E segundo a pureza de minhas mãos me recompensará”. Ele me retribuirá de acordo com a pureza de meus atos, tendo-me dado a possibilidade de praticar o bem, e conduzindo-me ao campo espaçoso da fé.

22 [22] “Porque observei os caminhos do Senhor”. A amplidão das boas obras,

provenientes da fé, me consiga também a longaminidade de perseverar.

23 [22.23] “Não me portei como ímpio diante de Deus, porque ante meus olhos acham-se todos os seus juízos. Todos os seus juízos”, isto é, contemplo instantemente os prêmios dos justos, as penas dos ímpios, os flagelos dos que necessitam de correção, as tentações dos que devem ser provados. “E de mim não afastei as suas justiças”. Assim agem os que desanimam sob o fardo da justiça e são como os cães que voltam ao próprio vômito.

24 [24] “Estarei sem mácula diante dele e guardar-me-ei da minha iniquidade”.

25 [25] “O Senhor me retribuirá segundo a minha justiça”. Não só, portanto, devido à intensidade (largura) da fé, que opera pela caridade (Gl 5,6), mas ainda por causa da duração (comprimento) da perseverança, o Senhor me retribuirá segundo a minha justiça. “E conforme a pureza de minhas mãos ante seus olhos”. Não a pureza visível aos homens, mas a que se apresenta aos seus olhos. Pois o que se vê é transitório, mas o que não se vê é eterno (2Cor 4,18). E isto se refere à elevação (altura) da esperança.

26 [26] “Com o santo serás santo”. Pensamento secreto e profundo este: com o santo serás santo, porque és tu que santificas. “E com o inocente serás incócuo”. A ninguém prejudicas, mas cada um é castigado com o cilício de seus pecados (Pr 5,22).

27 [27] “Com o eleito serás eleito”. Serás escolhido por aquele a quem escolhes. “E com o perverso serás adverso”. Parecerás errado aos perversos, conforme eles dizem: “O modo de agir do Senhor não é reto” (cf Ez 18,25). Na verdade, o caminho deles é que não é reto.

28 [28] “Porque salvarás o povo humilde”. Parece errado aos perversos salvares os que confessam os seus pecados. “E humilharás o olhar soberbo”. Humilharás os que desconhecem a justiça de Deus e procuram estabelecer a sua própria (Rm 10,3).

29 [29] “Senhor, farás brilhar a minha lâmpada”. Não é nossa a luz que irradiamos. És tu, Senhor, que farás resplandecer a minha lâmpada. “Iluminarás, meu Deus, as minhas trevas”. Trevas somos nós, por causa de nossos pecados. Tu, “meu Deus, iluminarás as minhas trevas”.

30 [30] “Porque me livrarás da tentação”. Ficarei livre da tentação, não por minhas forças, mas por teu auxílio. “E com meu Deus escalarei a muralha”. Não o posso por mim mesmo; com meu Deus escalarei a muralha, que os pecados levantaram entre os homens e a Jerusalém celeste.

31 [31] “Meu Deus, imaculado é o seu caminho”. O Senhor meu Deus não vem até os homens, a não ser que se limpe o caminho da fé para ele passar, porque seu caminho é imaculado. “As palavras do Senhor são examinadas através do fogo”. As palavras do Senhor são provadas pelo fogo da tribulação. Ele é o protetor de todos os que nele

esperam; e todos os que não esperam em si mesmos, mas nele, não são consumidos pela tribulação, pois a esperança segue a medida da fé.

32 [32] “Pois, quem é Deus a não ser o Senhor?” A ele servimos. “E quem é Deus senão o nosso Deus?” Quem é Deus fora do Senhor, que possuiremos como filhos, qual herança esperada após uma fiel servidão?

33 [33] “Esse Deus que me cingiu de fortaleza”. Deus me cingiu de fortaleza para que as concavidades escorregadias da cupidez não impeçam minhas obras e meus passos. “E ofereceu-me um caminho sem mácula”. Apresentou-me o caminho imaculado da caridade, por onde vá até ele, assim como é sem mácula a via da fé, pela qual ele vem a mim.

34 [34] “Deu-me agilidade aos pés como aos dos cervos”. Deu agilidade ao meu amor, dando-lhe meios de transpor os embaraços espinhosos e sombrios deste século. “E nas alturas me firmará”. Fixará minha meta na celeste morada, para ser repleto de toda a plenitude de Deus (Ef 3,19).

35 [35] “Adestra minhas mãos para a peleja”. Ensina-me a agir e vencer os inimigos, que se empenham por nos interceptar o ingresso aos reinos celestes. “Tornou meus braços semelhantes a um arco de bronze”. Fizeste infatigáveis os meus esforços nas boas obras.

36 [36] “Deste-me salutar proteção e tua direita me sustentou”. Apoiou-me o favor de tua graça “Teu ensino orientou-me até o fim”. Tua correção, não me deixando desviar, orientou-me, e então dirijo todas as minhas ações àquele fim que me une a ti. “Teu próprio ensinamento me instruirá”. A correção me ensinará como chegar ao porto para onde ele me encaminhou.

37 [37] “Porque alargaste o caminho sob meus pés”. As angustias carnais não me impedem, porque me ampliaste a caridade, ativa e alegre, mesmo relativamente ao que está abaixo de mim, coisas e membros mortais. “E as minhas pegadas não se apagaram”. Meus passos não se enfraqueceram, nem desapareceram as pegadas que deixei. Assim, meus seguidores podem imitar-me.

38 [38] “Perseguirei meus inimigos e os alcançarei”. Perseguirei os meus afetos carnais para não ser aprisionado por eles; apanhá-los-ei a fim de exterminá-los. “E não regressarei até que desapareçam”. Não desistirei de tal intento, enquanto não desaparecerem os importunos.

39 [39] “Esmagá-los-ei e não poderão manter-se de pé”. Não persistirão contra mim. “Cairão debaixo de meus pés”. Uma vez derrubados, farei prevalecerem os objetos de meu amor, que estarão eternamente comigo.

40 [40] “Cingiste-me de força para a luta”. Refreaste com a virtude os meus desejos

carnais, não me deixando tropeçar na luta. "Abateste sob meus pés os que se levantavam contra mim". Apanhaste numa armadilha os meus perseguidores. Caíram sob meus pés os que ambicionavam estar acima de mim.

41 [41] "Puseste meus inimigos atrás de mim". Fizeste meus inimigos retrocederem e tomarem posição atrás de mim e me seguirem. "E dispersaste os que me odiavam". Arruinaste os outros inimigos, persistentes no ódio.

42 [42] "Clamaram e ninguém os salvou". Quem poderia salvar os que tu não salvas? "Ao Senhor, mas ele não os ouviu". Não clamaram a qualquer, mas ao senhor: ele, porém, não julgou dignos de serem ouvidos os que não desistiram de sua malícia.

43 [43] "Hei de reduzi-los como ao pó que o vento leva". Eu os pulverizarei. São áridos. Rejeitam a chuva da misericórdia de Deus. Orgulhosos, inchados de soberba, serão arrebatados, perdendo sua esperança firme e inabalável, como se fossem arrancados à solidez e estabilidade da terra. "Vou varrê-los como se varre o lodo das praças". Eu os varrerei dos caminhos largos da perdição, palmilhados por muitos, luxuriosos e lascivos.

44 [44] "Livrar-me-ás das contradições do povo". Libertar-me-ás das contradições daqueles que disseram: "Se o deixarmos assim, todos crerão nele" (Jo 11,48).

45 [44.45] "Tu me constituirás chefe das nações. Um povo que eu não conhecia pôs-se a meu serviço". Serviu-me o povo dos gentios, que não recebeu minha presença corporal. "Logo que ouviu, obedeceu-me". Não me viu com os próprios olhos, mas acolhendo meus pregadores, obedeceu-me logo que ouviu.

46 [46] "Mentiram-me os filhos dos estrangeiros". Mentiram-me, não meus filhos, mas filhos de estrangeiros, aos quais foi dito com razão: "Vós sois do diabo, vosso pai" (Jo 8,44). "Os filhos dos estrangeiros envelheceram". Trouxe-lhes o Novo Testamento para se renovarem, mas permaneceram unidos ao homem velho. "E claudicaram em seus caminhos". Mancos, porque retiveram o Antigo Testamento e rejeitaram o Novo. Ficaram claudicantes. Mesmo na Antiga Lei, seguiam antes suas próprias tradições do que a lei de Deus. Questionavam acerca de abluções das mãos (Mt 15,2). Abriam para si caminhos, de terra batida, e desviam-se das vias dos preceitos de Deus.

47 [47] "Viva o Senhor, bendito o meu Deus". O desejo da carne é morte (Rm 8,6). O Senhor, porém, vive e é bendito o meu Deus. "Exaltado seja o Deus de minha salvação". Não conceba o Deus de minha salvação à maneira terrena; nem espere salvação na terra, e sim no alto a salvação que dele procede.

48 [48] "Esse Deus que me proporciona vingança e sujeita-me os povos". Deus que me vingas, submetendo-me os povos. "Meu libertador de inimigos iracundos", os judeus que clamavam: "Crucifica-o, crucifica-o" (Jo 19,6).

49 [49] “Tu me elevarás acima dos que se insurgem contra mim”, os judeus que se ergueram contra mim na paixão. Tu me exaltarás, em minha ressurreição. “Livrar-me-ás do homem iníquo”. Libertar-me-ás de seu domínio iníquo.

50 [50] “Por isso louvar-te-ei entre as nações, Senhor”. Por mim, as nações te louvarão, Senhor. “E cantarei salmos a teu nome”. Minhas obras mais amplamente te fará conhecido.

51 [51] “Fazes magnífica a salvação do próprio reï”. Deus engrandece, tornando admirável a salvação concedida aos fiéis por seu filho. “Tratas misericordiosamente o teu ungido”. Deus é misericórdioso para com seu ungido, “Davi, e a sua posteridade para sempre”. Misericordioso para com o próprio libertador, dotado de mão poderosa, vencedor do mundo e para com os que ele gerou para sempre, pela fé no Evangelho. Todas as expressões deste salmo, não aplicáveis ao próprio Senhor, isto é, à Cabeça da Igreja, sejam relacionadas à Igreja. Fala nele o Cristo total, no qual estão incluídos todos os seus membros.

SALMO 18

I. COMENTÁRIO

1 [1] “Para o fim. Salmo de Davi”. O título é bem conhecido. Não é nosso Senhor Jesus Cristo quem fala tais coisas, mas a seu respeito são proferidas.

2 [2] “Narram os céus a glória de Deus”. Os evangelistas são justos, nos quais Deus habita como nos céus. Eles expõem a glória de nosso Senhor Jesus Cristo, ou a glória que o Filho deu ao Pai, na terra. “E proclama o firmamento as obras de suas mãos”. E o firmamento, devido ao temor, transformado em céu pela confiança conferida pelo Espírito Santo, anuncia os feitos poderosos do Senhor.

3 [3] “O dia ao dia profere a palavra”. O Espírito revela aos espirituais o Verbo da imutável Sabedoria de Deus, isto é, que no princípio o Verbo era Deus, junto de Deus (Jo 1,1). “E a noite à noite anuncia a ciência”. Também a mortalidade da carne, insinuando a fé aos homens carnais, como se estivessem longe, anuncia a futura ciência.

4 [4] “Não são linguagens, nem discursos, sons imperceptíveis”, como se não tivessem sido ouvidas as vozes dos evangelistas, conquanto o Evangelho tenha sido pregado em todas as línguas.

5 [5] “Seu som repercutiu por toda a terra e em todo o orbe as suas palavras”.

6 [6] “No sol armou a sua tenda”. O Senhor, porém, combatendo contra domínios dos erros temporais, e havendo de trazer à terra a espada e não a paz (Mt 10,34), levantou uma tenda de campanha no tempo, ou seja em sua manifestação, a economia de sua encarnação. “E este, qual esposo que sai do tálamo”. Ele saiu do ventre virginal, onde Deus se uniu à natureza humana, qual esposo à esposa. “Deu saltos de gigante a percorrer o caminho”. Sendo fortíssimo, deu saltos e precedeu aos demais, por incomparável virtude. Não se deteve, mas correu pelo caminho. Pois não se deteve no caminho dos pecadores (Sl 1,1).

7 [7] “Nasce numa extremidade do céu”. A processão pela qual nasceu do Pai, não é temporal, mas eterna. “E seu percurso vai até a outra extremidade”. Chega, pela plenitude da divindade, à igualdade com o Pai. “Ninguém se subtrai a seu calor”. Mas como o Verbo também se fez carne e habitou entre nós (Jo 1,14), assumindo a nossa mortalidade, não permitiu a mortal algum se eximir da sombra da morte; contudo, até aí penetrou o calor do Verbo.

8 [8] “A lei do Senhor é imaculada, converte as almas”. A lei do Senhor é ele mesmo que não veio abolir a lei, mas cumpri-la (Mt 5,17). É lei imaculada, porque ele não cometeu

pecado, nem se encontrou mentira em sua boca (2Pd 2,22). Não oprime as almas com o jugo da escravidão. Converte-as, levando-as a imitá-lo livremente. “O testemunho do Senhor é fiel, dá sabedoria aos pequeninos”. “O testemunho do Senhor é fiel” porque ninguém conhece o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar (Mt 11,27). São coisas escondidas aos sábios e reveladas aos pequeninos; porque Deus resiste aos soberbos, mas dá a graça aos humildes (Tg 4,6).

9 [9] “As justiças do Senhor são retas, alegram os corações”. São retas todas as justiças do Senhor. Ele não ensinou o que não havia praticado, a fim de que se alegrasse de coração quem o imitasse, em ações livres, realizadas com caridade e não com temor servil. “O preceito do Senhor é luminoso, aclara os olhos”. O luminoso preceito do Senhor, tirado o véu das observâncias carnais, ilumina a visão do homem interior.

10 [10] “O temor do Senhor é casto, permanece pelos séculos dos séculos”. O temor do Senhor, não o das sanções da lei, das extorsões de bens temporais, cujo amor leva a alma à fornicação, mas o temor casto, pelo qual a Igreja, quanto mais ardentemente ama o esposo, mais cuidadosamente evita ofendê-lo. O perfeito amor, portanto, não expulsa esse temor (1Jo 4,18), que permanece pelos séculos dos séculos.

11 [10.11] “Os juízos do Senhor são verdadeiros. Justificam-se por si mesmos”. Os juízos do Pai que a ninguém julga, mas confiou ao Filho todo julgamento (Jo 5,22), de fato, justificam-se imutavelmente. Deus a ninguém engana, seja que ameace ou prometa, e ninguém pode livrar os ímpios do suplício que ele inflige, ou arrebatar aos piedosos o prêmio que ele dá. “Muito mais desejáveis do que o ouro e a pedra preciosa. Muito” pode ser o ouro e a pedra. O salmista quer dizer muito preciosa, ou muito desejável. No entanto, os juízos de Deus são mais desejáveis do que as pompas deste mundo. Anelar por elas é tornar indesejáveis os juízos de Deus, temidos ou desprezados, ou incríveis. Se alguém é ouro e pedra preciosa, e por isso não é consumido pelo fogo, mas é recolhido no tesouro de Deus, prefere a si os juízos de Deus, cuja vontade prepõe à sua. “Mais doce do que o mel e o favo”. Se alguém é mel, porque já livre dos vínculos desta vida espera o dia de entrar no banquete de Deus, ou se ainda é favo, envolvido nesta vida, cera com a qual o mel não se mistura ao enchê-lo (sendo necessário que o esprema a mão de Deus, sem quebrá-lo, para que da vida temporal destile na vida eterna), mais doces são para ele os juízos de Deus do que ele próprio para si, mais doces do que o mel e o favo.

12 [12] “Por isso o teu servo os guarda”. É amargo o dia do Senhor para os inobservantes. “Grande é a recompensa desta observância”. A grande recompensa não consiste num bem exterior, mas na própria observância dos juízos de Deus. Grande, porque trazem alegria.

13 [13] “Quem entende os próprios delitos?” Que suavidade pode haver nos delitos, se não são entendidos? Quem entende os delitos, que fecham os olhos daquele para quem a

verdade é suave, os juízos de Deus são desejáveis e doces? Como as trevas tapam os olhos, os delitos obscurecem a mente, e não deixam ver a luz, nem a si mesmo.

14 [14] "Purifica-me, Senhor, de meus pecados ocultos". Das concupiscências em mim latentes, purifica-me, Senhor. "E dos alheios, poupa teu servo". Não seja seduzido por eles; quem está livre dos seus, não se deixar prender pelos alheios. Preserva, portanto, das paixões alheias, quem não é soberbo, quer ficar senhor de si, todavia, servo teu. "Se me não dominarem, então serei imaculado". Se não me dominarem meus pecados ocultos e os alheios, então serei imaculado. Não existe terceira origem do pecado, além do próprio oculto, no qual caiu o diabo, e o alheio, pelo qual o homem foi seduzido, consentiu, fê-lo próprio. "E serei purificado do maior delito". Qual, a não ser a soberba? Não há delito maior do que apostatar de Deus, início da soberba do homem (Eclo 10,14). E de fato é imaculado quem não cometeu tal delito, o último para os que voltam para Deus, o primeiro dos que dele se afastaram.

15 [15] "E ser-te-ão agradáveis as palavras de minha boca, e a meditação de meu coração estará sempre em tua presença". A meditação de meu coração não visa à jactância de agradar aos homens, porque nele já não se aninha a soberba; mas acha-se sempre em presença de ti, que investigas a consciência pura. "Senhor, meu auxílio, meu redentor!" Senhor, meu auxílio, quando tendo a ti; porque és meu redentor, a fim de que tenda a ti. Ninguém atribua a sua própria sabedoria o retorno a ti, ou a suas próprias forças o alcançar-te. Não seja repelido por ti, que resistes aos soberbos, porque ele não foi purificado do maior delito, nem se tornou agradável em tua presença. Tu nos redimes para nos convertermos e nos ajudas para chegarmos a ti.

II. SERMÃO AO POVO[1]

1 Tendo pedido ao Senhor que nos purifique dos pecados ocultos, e preserve os seus servos dos alheios, entendamos o que isto quer dizer, para não cantarmos como aves canoras e não segundo a razão humana. Pois, também os melros, os papagaios, os corvos, as pegas e outras aves semelhantes muitas vezes aprendem dos homens a imitar sons que não entendem. Cantar sabiamente é dom da vontade divina à natureza humana. Sabemos que lamentavelmente muitos homens maus e luxuriosos cantam canções dignas de seus ouvidos e de seus corações. Tanto piores são quanto não ignoram o que cantam. Sabem que cantam infâmias e cantam-nas com gosto tanto maior quanto mais imundas são. Consideram-se alegres na medida que são torpes. Nós, porém, que aprendemos na Igreja a cantar as palavras de Deus, juntos esforcemo-nos por ser o que está escrito: "Feliz o povo que entende o júbilo" (Sl 88,16). Por conseguinte, caríssimos, devemos também com serenidade de coração conhecer e ver aquilo que cantamos com vozes uníssonas. Cada um de nós neste cântico rogou ao Senhor, dizendo a Deus: "Purifica-me, Senhor, de meus delitos ocultos. E dos alheios, poupa o teu servo. Se me não dominarem, então serei imaculado. E serei purificado do maior delito". Para

compreendermos bem o que é isto e por que motivo é assim, percorramos brevemente, quanto tempo o Senhor nos der, o texto do salmo.

2 [1] Pois, canta-se a respeito de Cristo. É evidente o que afirmo porque no salmo se acha escrito: "Qual esposo que sai do tálamo". Quem é o esposo senão aquele ao qual se desposou a virgem, por intermédio do Apóstolo, casto amigo do esposo? Tomado de casto temor receia que, assim como a serpente enganou astutamente Eva, perca esta virgem esposa de Cristo, a castidade que possui em Cristo (2Cor 11,3). Encontra-se em nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo, a grande e plena graça, de que fala o apóstolo João: "E nós vimos a sua glória, como a glória do Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade (Jo 1,14). Narram os céus esta glória". Céus são os santos, elevados da terra, portadores do Senhor. Embora também os céus, de certa maneira, tenham cantado a glória de Cristo. Quando a narraram? Quando, nascido o mesmo Senhor, uma nova estrela, nunca antes vista, apareceu. No entanto, há céus mais verdadeiros e sublimes, dos quais por conseguinte aqui se diz: "Não são linguagens, nem discursos, sons imperceptíveis. Seu som repercutiu por toda a terra e em todo o orbe as suas palavras". De quem, senão dos céus? De quem, a não ser dos apóstolos? Eles narram a glória de Deus, depositada em Cristo Jesus, pela graça, para a remissão dos pecados. Pois, todos pecaram e todos estão privados da glória de Deus e são justificados gratuitamente, por seu sangue (Rm 3,23). Se foi gratuitamente, foi de graça. Não seria graça se não fosse gratuita. Nada de bom havíamos feito para merecermos tais dons. Mais ainda. Se o suplício não é infligido por nada, o benefício é prestado gratuitamente. Não tínhamos mérito algum precedente, mas apenas com que merecêssemos condenação. Cristo nos salvou pelo batismo regenerador, unicamente em virtude de sua misericórdia e não por causa de obras de justiça que tivéssemos feito (Tt 3,5). Esta é, diria, a glória de Deus. Os céus a narraram. Esta é, digo, a glória de Deus, não a tua. Nada de bom fizeste, e no entanto recebeste bem tão imenso. Se, por conseguinte, pertences à glória de Deus que os céus narraram, dize ao Senhor teu Deus: "Meu Deus! A tua misericórdia antecipa-se a mim" (Sl 58,11). Antecipou-se pois a ti. Verdadeiramente antecipou-se, porque nada de bom encontrou em ti. Antecipaste o castigo, ensoberbecendo-te; ele antecipa-se ao teu suplício, apagando os pecados. Pecador justificado, ímpio feito piedoso, condenado assumido ao reino, dize ao Senhor teu Deus: "Não a nós, Senhor, não a nós, mas ao teu nome dá a glória" (Sl 113,9). Digamos: "Não a nós". A quem, se fosse como a nós? Digamos, repito: "Não a nós", porque se agisse como se fosse a nós, apenas teria de nos infligir penas. Não a nós, mas a seu nome dê a glória, porque não agiu conosco segundo as nossas iniquidades (Sl 102,10.10). "Não a nós, Senhor, não a nós". A repetição confirma. "Não a nós, Senhor, mas ao teu nome dá a glória". Souberam-no os céus, que anunciaram a glória de Deus.

3 [2] "E proclama o firmamento as obras de suas mãos". A expressão: "glória de Deus" repete-se aqui com as palavras: "obras de suas mãos". Quais as obras de suas mãos? Não se trata, como pensam alguns, de que Deus tenha feito todas as coisas por sua palavra, enquanto o homem, mais importante que elas, criou, ele com as próprias mãos.

Não se pense isto. É opinião fraca, pouco apurada. Pois, o Verbo fez todas as coisas. Embora se narrem diversas obras de Deus, entre as quais o homem a sua imagem (Gn 1), todavia, tudo fez ele, e sem ele nada se faz (Jo 1,3). No tocante às mãos de Deus, também dos céus foi dito: “Os céus são obra de tuas mãos” (Sl 101,26). O salmista, para evitar que se pense representarem os céus aos santos, acrescentou: “Eles perecerão, tu, porém, permanecerás” (ib 27). Não somente os homens, mas ainda os céus, que perecerão, foram feitos pelas mãos de Deus, a quem se disse: “Os céus são obras de tuas mãos”. Idêntica declaração se faz sobre a terra: “Seu é o mar, e ele mesmo o fez e suas mãos estabeleceram a terra” (Sl 94,5). Se, portanto, fez com as mãos também os céus, com as mãos plasmou a terra, não foi apenas o homem que criou com as mãos; e se foi com a palavra que criou os céus, com a palavra fez a terra, por conseguinte criou igualmente o homem por sua palavra. Verbo é idêntico a mãos. Mãos são o mesmo que Verbo. Não é por membros que se distingue a estatura de Deus, o qual está todo em todo lugar, e lugar nenhum contém. Deus fez com a sabedoria o que fez pela palavra, e com o poder o que fez com as mãos. Pois, Cristo é o poder e a sabedoria de Deus (1Cor 1,24). Tudo foi feito por meio dele e sem ele nada foi feito (Jo 1,3). Os céus narraram, narram e narrarão a glória de Deus. Digo, os céus narrarão, isto é, os santos, a glória de Deus, elevados da terra, portadores de Deus, atroando com os preceitos, dardejando com a sabedoria aquela glória de Deus, pela qual nós indignos fomos salvos. O Filho pródigo, coagido pela miséria, reconhece sua indignidade, a saber, a que nos torna indignos. Reconhece tal indignidade, o filho menor, peregrino longe do pai, adorador dos demônios, guarda de porcos. Reconhece a glória de Deus, mas forçado pela indigência. Como a glória de Deus nos transformou naquilo que não éramos dignos de ser, diz a seu pai: “Não sou digno de ser chamado teu filho” (Lc 15,21). Infeliz, através da humildade impetra a felicidade e quanto mais se confessa indigno, mostra-se mais digno. Esta “glória de Deus narram os céus, e proclama o firmamento a obra de suas mãos”. Céu, firmamento é o coração firme, não o coração tímido. Este anúncio foi dirigido aos ímpios, aos adversários de Deus, aos amantes do mundo, aos perseguidores dos justos. Anúncio a um mundo violento. Mas o que poderia ser mundo violento, quando o firmamento proclamava estas coisas? O que “proclama o firmamento? As obras de suas mãos”. Quais? A glória de Deus que nos salvou, que nos criou para praticarmos boas obras. Pois somos criaturas dele, criados em Cristo Jesus para as boas obras (Ef 2,10). Não só os homens, mas também os justos. Se é que o somos, foi ele quem nos fez e não nós mesmos (Sl 99,3).

4 [3] “O dia ao dia profere a palavra, e a noite à noite anuncia a ciência”. O que é isto? Talvez seja fácil e claro de entender: “O dia ao dia profere a palavra”, simples e claro como o dia. Mas: “a noite à noite anuncia a ciência”, obscuro, como a noite. “O dia ao dia”, os santos aos santos, os apóstolos aos fiéis, o próprio Cristo aos apóstolos, aos quais afirmou: “Vós sois a luz do mundo” (Mt 5,14). Parece evidente e fácil. Como, porém, “a noite à noite anuncia a ciência?” Alguns entenderam de modo muito simples, e talvez seja exato. Pensavam que a sentença tratava do tempo em que nosso Senhor Jesus

Cristo viveu na terra, os apóstolos ouviram isto, transmitiram-no aos pósteros, como um tempo a outro: "o dia ao dia, a noite à noite", o primeiro dia ao segundo, a noite anterior à seguinte, porque essa doutrina é pregada dia e noite. Este sentido chão baste a quem bastar. Mas, algumas palavras da Escritura, por sua obscuridade, ofereceram a vantagem de darem origem a muitos sentidos. Se a enunciação fosse simples, trataria de uma só questão, mas como é obscura, subentendem-se muitas. Existe ainda outra explicação: "O dia ao dia, a noite à noite", isto é, o espírito ao espírito, a carne à carne. Mais outro sentido: "O dia ao dia", os espirituais aos espirituais; "e a noite à noite", os carnais aos carnais. Ambos ouvem, apesar de apreenderem de modo diverso. Uns escutam como palavra proferida, outros como ciência anunciada. O que é proferido endereça-se aos presentes, o anúncio toca aos distantes. É possível encontrar várias explicações para céus, mas precisamos abreviar. Falta-nos o tempo. Digamos só uma conjectura: Quando Cristo Senhor falava aos apóstolos, o dia proferia ao dia a palavra; quando Judas entregou Cristo Senhor os judeus, a noite à noite anunciava a ciência.

5 [4.5] "Não são linguagens, nem discursos, sons imperceptíveis". De quem são, a não ser dos céus que narram a glória de Deus? "Não são linguagens, nem discursos, sons imperceptíveis". Lede nos Atos dos Apóstolos de que maneira, ao descer sobre eles o Espírito Santo, todos ficaram dele repletos; e falavam as línguas de todas as nações, conforme o Espírito lhes dava proferir (At 2,4). Eis aí. "Não são linguagens, nem discursos, sons imperceptíveis". Não soaram apenas ali onde eles foram repletos. "Seu som repercutiu por toda a terra, e em todo o orbe as suas palavras". Por causa disso é que também nós falamos aqui. Aquele som chegou até nós, alcançou toda a terra, e apesar disso o herege não entra na Igreja. Seu som repercutiu por toda a terra, para que tu entres no céu. Ó filho pestilento, litigante, péssimo. Preferes ficar no erro! Ó soberbo, ouve o testamento de teu pai! Eis aí. O que pode haver de mais simples e mais claro? "Seu som repercutiu por toda a terra e em todo o orbe as suas palavras". Acaso será preciso um expositor? Em que te empenhas contra ti mesmo? Queres assegurar-te uma só parte por meio da contenda, quando podes reter tudo pela concórdia?

6 [6] "No sol colocou a sua tenda". Sua Igreja é manifesta, não oculta, escondida, encoberta. Não quer talvez ficar oculta ao rebanho dos hereges. Foi dito a Davi na Sagrada Escritura: "Tu agiste em segredo, mas sofrerás à luz do sol" (2Sm 12,12)? isto é, fizeste o mal ocultamente, sofrerás o castigo diante de todos. "No sol, pois, colocou a sua tenda". Porque, ó herege, foges para as trevas? És cristão? Ouve a Cristo. És servo? Escuta a teu Senhor. És filho? Atende a teu pai; emenda-te, revive. Digamos a respeito de ti também: "Estava morto e tornou a viver; ele estava perdido e foi encontrado" (Lc 15,32). Não repliques: Por que me procuras se pereci? Por isso mesmo te procuro. Porque pereceste. Não me procures, retrucas. A iniquidade, causadora de divisão, quer isto, mas não a caridade que nos faz irmãos. Se procurasse um de meus escravos não seria julgado ímprobo, mas sou denominado ímprobo se procuro meu irmão? É a opinião de quem não possui a caridade fraterna; eu, contudo, procuro meu irmão. Irrite-se enquanto procurado quem se aplaca quando encontrado. Procuro meu irmão, e interpelo

a meu Senhor, não contra ele, mas a seu favor. Não direi, ao interpelar: Senhor, dize a meu irmão que reparta comigo a herança (Lc 12,13), e sim: Dize a meu irmão que possua comigo a herança. Por que, então, te desvias, meu irmão? Foges por veredas? Por que tentas ocultar-te? “No sol colocou a sua tenda, qual esposo que sai do tálamo”. Deves saber quem é. Qual esposo que sai do tálamo. “Deu saltos de gigante a percorrer o caminho”. Ele “no sol colocou a sua tenda”, isto é, qual esposo, quando o Verbo se fez carne, encontrou o tálamo no seio da virgem e lá, unido à natureza humana, saiu de um leito castíssimo, humilde entre todos por misericórdia, mais forte do que todos pela majestade. “Deu saltos de gigante a percorrer o caminho”, significa o seguinte: nasceu, cresceu, ensinou, sofreu, ressuscitou, subiu. Percorreu o caminho, não se deteve. O mesmo esposo, que assim agiu, “colocou no sol”, em evidência, “a sua tenda”, a sua santa Igreja.

7 [7] Queres ouvir qual o caminho por onde corre rapidamente? “Nasce numa extremidade do céu e seu percurso vai até a outra extremidade”. Após correr de lá e para lá regressar correndo, enviou o seu Espírito. Apareceram umas como línguas de fogo àqueles sobre os quais o Espírito veio (cf At 2,3). O Espírito Santo veio como fogo, prestes a consumir o feno, que é a carne, e a fundir o ouro e purificá-lo. Veio como fogo, e por isso segue-se: “Não há quem se subtraia a seu calor”.

8 [8] “A lei do Senhor é imaculada, converte as almas”, quer dizer, o Espírito Santo. “O testemunho do Senhor é fiel, dá sabedoria aos pequeninos”, não aos soberbos. Isto faz o Espírito Santo.

9 [9] “As justiças do Senhor são retas”. Não atemorizam, mas “alegram os corações”. Temos aí o Espírito Santo. “O preceito do Senhor é luminoso, aclara os olhos”, não os embacia. Olhos do coração, não da carne. Olhos do homem interior, não do homem exterior. Assim opera o Espírito Santo.

10 [10] O temor do Senhor, não é servil, mas casto. Ama gratuitamente e não receia ser punido, por que é temível, mas não quer ser separado de quem ama. Tal é o temor casto, que a caridade perfeita não expulsa (1Jo 4,18), mas “permanece pelos séculos dos séculos”. Aqui se manifesta o Espírito Santo, dando, conferindo tal temor. “Os juízos do Senhor são verdadeiros, justificam-se por si mesmos”. Não provocam rixas levando a divisões, mas congregam na unidade. “Por si mesmos” tem este sentido. Aí temos o Espírito Santo. Aqueles sobre os quais desceu em primeiro lugar falaram as línguas de todos os povos; o fato era anúncio de que ele haveria de congregar na unidade as línguas de todas as nações. Então, um só homem que recebera o Espírito Santo falava a língua de todos; agora a própria unidade realiza o mesmo, falando a língua de todos os povos. Também agora um só homem fala a língua de todas as nações; um só homem cabeça e corpo, um só homem, Cristo e a Igreja, homem perfeito. Ele esposo e ela esposa; mas foi dito: “Serão os dois uma só carne (Gn 2,24). Os juízos do Senhor são verdadeiros. Justificam-se por si mesmos”, por causa da unidade.

11 [11] “Muito mais desejáveis do que o ouro e a pedra preciosa”. Muito ouro, ou muito preciosa, ou muito desejável. Embora muito, para o herege é pouco. Não ama o mesmo que nós, embora confesse conosco o Cristo. Ama comigo o Cristo que confessa comigo. Quem não quer a mesma coisa, recusa, recalcitra, repele. Para ele não é isto muito mais desejável do que o ouro e a pedra preciosa. Escuta ainda: “Mais doce do que o mel e o favo”. Mas não gosta de ouvi-lo quem se acha no erro. O mel é amargo ao febricitante, apesar de doce e agradável ao curado, porque é gostoso para quem tem saúde. “Muito mais desejável do que o ouro e a pedra preciosa. Mais doce do que o mel e o favo”.

12 [12] “Por isso o teu servo os guarda”. Teu servo comprova, não falando, mas observando, quão doces são eles. Guarda-os o teu servo, porque agora são doces e em seguida são saudáveis. “Grande é a recompensa desta observância”. O herege, porém, apegado a sua animosidade, não vê este esplendor, não sente esta doçura.

13 [13.14] “Quem entende os delitos?” Pai, perdoa-lhes; não sabem o que fazem (Lc 23,24). É este o servo que guarda a doçura, a suavidade da caridade, o amor da unidade. Eu mesmo, diz, que guardo os juízos, rogo-te, posto que não há quem entenda os delitos, não me surprendam alguns sorrateiramente, nem me apanhem como a um homem. “Purifica-me, Senhor, de meus delitos ocultos”. Assim cantamos. Em palavras chegamos a este ponto. Digamos, cantemos também com a inteligência; cantando oremos, e orando impetremos. Rezemos: “Purifica-me, Senhor, de meus delitos ocultos”. Quem entende os delitos? Se é possível ver as trevas, os delitos também se entendem. Enfim, quando nos arrependemos dos delitos, estamos na luz. Enquanto se está envolvido no delito, os olhos ficam obcecados e fechados; não veem o delito. Se tapas os olhos do corpo, não vês os objetos, nem aquilo que o obstrui. Digamos, então, a Deus, que conhece o que purifica e sabe o que cura. Repitamos-lhe: “Purifica-me, Senhor, de meus delitos ocultos, e dos alheios poupa teu servo”. Meus delitos maculam-se, os alheios afligem-se. Daqueles purifica-me; destes preserva-me. Tira-me do coração os maus pensamentos, o mau conselheiro, isto é, “purifica-me, Senhor, dos meus delitos ocultos, e dos alheios poupa teu servo”. Estas duas espécies de delitos, o próprio e os alheios, primeiramente apareceram nos primórdios: o diabo caiu por próprio delito, e derrubou Adão com o alheio. O próprio servo de Deus, que guarda os juízos de Deus, portadores de grande recompensa, também reza em outro salmo: “Não se aproximem de mim os pés da soberba, nem as mãos dos pecadores me sacudam” (Sl 35,12). Não se aproximem de mim os pés da soberba, quer dizer, “purifica-me, Senhor, de meus delitos ocultos”, e as mãos dos pecadores não me sacudam, isto é, “dos alheios poupa teu servo”.

14 “Se me não dominarem meus delitos ocultos”, nem os alheios, então “serei imaculado”. Não ousa afirmá-lo, por suas próprias forças, mas suplica ao Senhor que o faça. Dirige-se ao Senhor em outro salmo: “Dirige os meus passos segundo a tua palavra, e nenhuma injustiça me domine” (Sl 118,133). Se és cristão, não temas teu senhor, um simples homem. Teme sempre o Senhor teu Deus. Teme o mal que há em ti, isto é, tua

concupiscência. Não receies o que Deus fez em ti, mas o que tu mesmo fizeste. O Senhor te fez bom servo; tu, em teu coração, plasmaste para ti mesmo um mau senhor. Com justiça estarás sujeito à iniquidade, com razão estarás sujeito ao senhor que arranjaste, porque não quiseste ser submisso àquele que te curou.

15 "Mas, se me não dominarem, então serei imaculado. E serei purificado do maior delito". De que delito se trata? Que delito maior é este? Pode ser diferente daquele a que vou me referir, contudo não omitirei minha opinião. Penso que maior delito é a soberba. É possível que seja outro o sentido da frase: "E serei purificado do maior delito". Quereis saber como é maior o delito que derrubou o anjo, do anjo fez um diabo e eternamente o excluiu do reino dos céus? É grande esse delito: "O princípio de todo o pecado é o orgulho". E para não o menosprezares, como se fosse leve, diz-se: "O início do orgulho num homem é renegar a Deus" (Eclo 10,15.14). Não é leve este vício, meus irmãos. A humildade cristã reprova tal vício, em pessoas que aparentam grandeza. Por causa da soberba desdenham submeter o pescoço ao jugo de Cristo e ficam mais amarradas sob o jugo do pecado. Não conseguem se livrar de servir; de fato, não querem servir, mas servir lhes convém. Recusando servir, nada obtêm senão deixar de sevir a um bom senhor. Não se livram absolutamente de servir, porque se não querem servir a caridade, são forçados a servir a iniquidade. Deste vício, cabeça de todos os vícios, porque dele nascem os demais, provém a apostasia em relação a Deus. A alma mergulha nas trevas e usando mal o livre-arbítrio, comete também os outros pecados. Quem era companheiro dos anjos, dissipa sua herança numa vida devassa, e constrangido pela indigência se faz guarda de porcos (Lc 15,13). Devido a este vício, este grande pecado do orgulho, Deus veio à terra humildemente. Esta causa, este grande pecado, grave doença das almas, trouxe do céu o médico onipotente, humilhando-o até a condição de escravo, infligiu-lhe afrontas, suspendeu-o no madeiro, visando a que a aplicação de remédio tão eficaz curasse o tumor da soberba. Envergonhe-se, afinal, o homem de ser soberbo. Por sua causa Deus se fez humilde. Assim, diz o salmista, serei purificado do maior delito, porque Deus resiste aos soberbos, mas dá sua graça aos humildes (Tg 4,6; 1Pd 5,5).

16 [15]"E ser-te-ão agradáveis as palavras de minha boca, e a meditação de meu coração estará em tua presença". Se não me purificar do maior delito, minhas palavras agradarão aos homens, mas não em tua presença. A alma soberba quer agradar aos homens; a humilde procura agradar ocultamente, onde Deus vê. Se acontecer que agrade aos homens por causa de uma boa obra, congratule-se com os que sabem apreciar uma boa obra, não consigo mesmo, pois deve bastar-lhe a realização da boa obra. Diz a Escritura: "O nosso motivo de ufania é o testemunho de nossa consciência" (2Cor 1,12). Digamos ainda o que segue: "Senhor, meu auxílio e meu redentor". Auxílio no bem, redentor do mal; auxílio para que habite em tua caridade, redentor para me livrares de minha iniquidade.

1 O título foi acrescentado pelos Maurinos para distinguir os comentários proferidos para o povo e os ditados somente.

SALMO 19

COMENTÁRIO

1 [1] “Para o fim. Salmo de Davi”. O título é bem conhecido. Não é Cristo quem fala, mas o profeta refere-se a Cristo, cantando o futuro, em forma optativa.

2 [2] “O Senhor te ouça no dia da tribulação”. O Senhor te atenda no dia em que disseste: “Pai, glorifica teu Filho” (Jo 17,1). “Proteja-te o nome do Deus de Jacó”. Pertence-te o povo mais novo, porque o mais velho servirá ao mais novo (Gn 25,23).

3 [3] “Do santuário envie-te auxílio, e de Sião te defenda”, criando para ti um corpo santificado, a Igreja, sustentada pela contemplação, que aguarda tua vinda para as núpcias.

4 [4] “Lembre-se de todos os teus sacrifícios”. Deus nos recorde todas as injúrias e afrontas que por nós sofreste. “E teu holocausto lhe seja agradável”. Transforme a cruz, onde te ofereceste totalmente a Deus, na alegria da ressurreição. (Diapsalma).

5 [5] “O Senhor te conceda o que deseja teu coração”. Dê-te o Senhor, não o que desejou o coração dos que julgaram poder te aniquilar pela perseguição, mas segundo os anelos de teu coração, que te ensinaram a utilidade de tua paixão. “E realize todos os teus planos”. Realize todos os teus planos, não somente o de dar a vida por teus amigos (Jo 15,13), para que revivesse o grão morto na terra, e que produziu muito fruto (ib. 12,24), mas também o de sobrevir a cegueira em parte a Israel, até que haja entrado a plenitude das gentes e assim todo Israel se salve (Rm 11,25).

6 [6] “Exultaremos com a tua salvação”. Exultaremos porque a morte em nada te prejudicará; assim mostrarás que nem a nós ela pode prejudicar. E nos gloriaremos no nome de nosso Deus. A confissão de teu nome não só não nos arruinará, mas nos engrandecerá.

7 [7] “Atenda o Senhor a todos os teus pedidos”. Atenda o Senhor não só os pedidos feitos na terra, mas ainda aqueles com os quais no céu interpelas por nós. “Agora sei que o Senhor salvou o seu Cristo”. Agora foi-me demonstrado pela profecia que o Senhor ressuscitará o seu Cristo. “Ouvi-lo-á do céu, seu santuário”, ouvi-lo-á não só da terra, onde pediu que o glorificasse (Jo 17,1), mas ainda do céu, onde já estando à direita do Pai e intercedendo por nós (Rm 8,34), difunde o Espírito Santo sobre os que nele acreditam. “Pelo poder da salvação de sua destra”. Nosso poder provém da salvação com que nos favorece, ao prestar-nos auxílio na tribulação, de sorte que ao sentirmos nossa fraqueza, então é que somos fortes (2Cor 12,10). Porquanto é vã a salvação que vem do homem (Sl 59,13), não pertencente a sua direita, mas à esquerda. Com esta

salvação humana se exaltam cheios de soberba os pecadores que conseguiram salvar-se temporariamente.

8 [8] “Uns confiam nos carros e outros nos cavalos”. Uns se deixam arrastar pelas vicissitudes dos bens temporais, outros ostentam orgulhosas honrarias e nelas exultam. “Nós, porém, exultaremos no nome do Senhor nosso Deus”. Nós, ao contrário, colocando a esperança nos bens eternos, sem aspirar por nossa própria glória, exultaremos no nome do Senhor nosso Deus.

9 [9] “Eles se emaranharam e caíram”. Prenderam-se com a ambição das riquezas temporais, temendo poupar a vida do Senhor e perder sua terra (Jo 11,48), caindo nas mãos dos romanos. Lançaram-se contra a pedra de tropeço (Rm 9,32), a pedra de escândalo, e caíram, privados da esperança celeste. Por meio deles sobreveio a cegueira em parte a Israel, porque desconheceram a justiça de Deus, procurando estabelecer a sua própria (ib. 10,3). “Mas nós nos levantamos e ficamos firmes de pé”. Nós, não buscávamos a justiça e a alcançamos (Rm 9,30). Ficamos firmes de pé, a fim de que entrasse o povo das nações, filhos de Abrãao, suscitados de pedras. Ficamos eretos, justificados pela fé, não por nossas forças.

10 [10] “Senhor, salva o rei”, que combatendo deu-nos um exemplo de como lutar, na paixão. Ofereça ele também os nossos sacrifícios, na qualidade de sacerdote, ressuscitado dentre os mortos e colocado no céu. “Ouça-nos no dia em que nós te invocarmos”. Por nós já te ofereceste. Ouve-nos no dia em que te invocarmos.

SALMO 20

COMENTÁRIO

1 [1] “Para o fim. Salmo de Davi”. O título já é comum. Canta-se relativamente a Cristo.

2 [2] “Senhor, o rei se regozijará com o teu poder”. Senhor, em teu poder por meio do qual o Verbo se fez carne, alegrar-se-á o homem Cristo Jesus. “E exultará intensamente com a tua salvação”. Exultará intensamente porque vivificas todas as coisas.

3 [3] “Realizaste o desejo de seu coração”. Desejou comer a Páscoa (Lc 22,15) e dar a vida quando quisesse e de igual modo reassumi-la (Jo 10,18) e isto lhe concedeste. “E não frustraste os votos emitidos por seus lábios”. Disse ele: “Deixo-vos a minha paz” (ib. 14,27). E assim aconteceu.

4 [4] “Porque o preveniste com bênçãos de doçura”. Tendo haurido anteriormente a tua doçura, como uma bênção, o fel de nossos pecados não o prejudicou. “(Diapsalma). Cingiste-lhe a fronte com uma coroa de pedras preciosas”. No início da pregação, de certo modo, os discípulos, aproximando-se, cingiram-no com se fossem pedras preciosas. Por eles se realizou o começo do anúncio.

5 [5] “Pediu-te a vida e lha concedeste”. Pediu a ressurreição, dizendo: “Pai glorifica teu Filho” (Jo 17,1) e lha deste. “A prolongação da vida pelos séculos dos séculos”. Tivesse a Igreja longos anos neste século, e depois a eternidade nos séculos dos séculos.

6 [6] “Grande é a sua glória por tua salvação”. Imensa é, na verdade, a sua glória por tua salvação, quando o ressuscitaste. “Tu o revestiste de glória e grande honra”, mas aumentarás ainda a glória e grande honra, quando o colocares no céu a tua direita.

7 [7] “Abençoá-lo-ás nos séculos dos séculos”. É a bênção que lhe darás eternamente: “Enchê-lo-ás de júbilo com a tua presença”. Alegrarás com a tua presença aquele que, enquanto homem, elevaste até junto de ti.

8 [8] “Porque o rei espera no Senhor”. O rei não se ensoberbece, mas com coração humilde espera no Senhor. “E pela misericórdia do Altíssimo será inabalável”. Pela misericórdia do Altíssimo não se perturbará sua humildade diante da obediência até a morte de cruz.

9 [9] “Atinja tua mão todos os teus inimigos”. Atinja, ó rei, o teu poder, ao vieres julgar, a todos os teus inimigos, que não o conheceram, em tua humildade. “A tua destra alcance todos os que te odeiam”. A glória, com que reinas à direita do Pai, alcance-os para puni-los no dia do juízo, a todos os que te odiaram, porque agora eles não a atingiram.

10 [10] “Fá-lo-ás uma fornalha ardente”. Arderão por dentro, devido à consciência de sua própria impiedade. “No tempo devido de tua face”, no tempo próprio a tua manifestação. “Em sua cólera, o Senhor os conturbará e o fogo há de devorá-los”. Então perturbados pela vingança do Senhor, depois da acusação da própria consciência, serão lançados ao fogo eterno, para serem devorados.

11 [11]“Extirparás da terra a sua posteridade”. Extirparás da terra sua posteridade, porque terrena. “E a sua raça dentre os filhos dos homens”. Não contarás as obras deles ou aqueles que eles seduziram, entre os filhos dos homens, chamados para a herança eterna.

12 [12] “Intentaram males contra ti”. O castigo será a sua paga, porque os males que lhes pareciam iminentes, em teu reinado, fizeram reverter contra ti, matando-te. “Fizeram planos que não puderam executar”. Deliberaram os judeus: “É de vosso interesse que um só homem morra pelo povo (Jo 11,50). Não puderam executar seus planos, porque não sabiam o que diziam.

13 [13] “Tu os colocarás atrás de ti”, porque os disporás entre os afastados de ti, depois de relegados e desprezados. Com o que te restar, preprararás a sua face. Menosprezando as ambições de reinado terreno, darás ensejo a seu atrevimento, durante a paixão.

14 [14] “Ergue-te, Senhor, em tua força”. Exalta, Senhor, aquele que eles não reconheceram quando se mostrou humilde, por tua força, que eles consideram fraqueza. “Cantaremos e celebraremos teu poder”. De coração e com as obras, celebraremos e tornaremos conhecidas as tuas maravilhas.

SALMO 21

I. COMENTÁRIO

1 [1] “Para o fim. Pelo socorro matutino. Salmo de Davi”. Para o fim. Fala o próprio nosso Senhor Jesus Cristo, a respeito de sua ressurreição. Esta ressurreição se realizou na manhã do primeiro dia da semana. Por ela foi recebido na vida eterna Cristo, sobre o qual a morte não terá mais domínio (Rm 6,9). Essas expressões são atinentes à pessoa do crucificado, pois as palavras iniciais deste salmo são as que clamou pendente da cruz, representando o velho homem, cuja mortalidade carregava. Pois, nosso velho homem foi crucificado com ele (ib 6).

2 [2] “Deus, meu Deus, olha-me. Por que me desamparaste, longe de minha salvação?” Estou longe de minha salvação, porque a salvação está longe dos pecadores (Sl 118,155). “As vozes de meus delitos”, pois estas palavras não são da justiça, mas de meus delitos. Fala o velho homem crucificado, ignorando a causa por que Deus o abandonou. Ou certamente: “Longe de minha salvação estão as vozes de meus delitos”.

3 [3] “Meu Deus, clamarei durante o dia e não me escutarás”. Meu Deus, clamarei a ti na prosperidade desta vida, para que não mudem; mas não ouvirás, porque hei de clamar com as vozes de meus delitos. “E à noite, e não me será atribuída a loucura”. Efetivamente, clamarei também na adversidade, pedindo a volta da prosperidade, e igualmente não me atenderás. Não ages assim, para que fique na ignorância, antes a fim de que saiba o que queres que eu suplique; não com vozes de delitos, provenientes do desejo de vida transitória, mas com palavras de um convertido a ti, em vista da vida eterna.

4 [4] “No entanto, habitas no santuário, ó glória de Israel”. Habitas no santuário, e por isso não atendes às vozes impuras de delitos. És o louvor de quem te vê, e não de quem procurou a própria glória, provando do fruto proibido, de sorte que, depois de ter abertos os olhos corporais, tentou se esconder de tua presença (Gn 3).

5 [5] “Em ti confiaram os nossos pais”, os justos que não visaram ao próprio louvor, mas ao teu; “esperaram e os livraste”.

6 [6] “A ti clamaram e foram salvos”. A ti clamaram, todavia não com vozes de delitos, distantes da salvação; por isso foram salvos. “Em ti esperaram e não foram enganados”. Esperaram em ti e a esperança não os enganou, porque não depositaram em si mesmos a confiança.

7 [7] “Eu, porém, sou verme e não homem”. Falo, não mais representando Adão, mas eu próprio, Jesus Cristo, nascido segundo a carne sem intervenção do homem, para ser

homem superior aos outros, a fim de que ao menos assim a soberba humana se dignasse imitar a minha humildade. “Opróbrio dos homens e abjeção da plebe”. Nesta condição, fiz-me o opróbrio dos homens, a tal ponto que foi dito como maldição e injúria: “Tu, sim, és seu discípulo” (Jo 9,28), e a plebe pôde me desprezar.

8 [8] “Todos os que me viam, riam-se de mim”. Todos os que me viam, zombavam de mim. “Falavam torcendo os lábios e meneavam a cabeça”. Não falavam no coração, e sim com os lábios.

9 [9] Pois com escárnio sacudiam a cabeça, dizendo: “confiou no Senhor. Ele o liberte. Salve-o se é verdade que o ama”. Eram estas as palavras murmuradas com os lábios.

10 [10] “Porque me tiraste das entranhas de minha mãe”. Tiraste-me, não só do ventre virginal (lei de todo nascimento humano é sair do ventre), mas também do seio da nação judaica. Ainda se acha envolto nas trevas, desta nação e não nasceu à luz de Cristo todo aquele que põe a salvação na observância carnal do sábado, da circuncisão, etc. “És a minha esperança desde o peito de minha mãe”. Deus, minha esperança, não apenas desde que comecei a ser aleitado pela virgem. Antes mesmo. Como disse que fui tirado do ventre da sinagoga, também me tiraste do peito da sinagoga, para que não sugasse o hábito carnal.

11 [11] “Desde que vim à luz, te fui entregue”. Desde o seio da sinagoga que não me susteve, mas me lançou fora; contudo não caí. Tu me seguraste. “Desde o ventre de minha mãe és o meu Deus”. Desde o ventre de minha mãe, que não fez com que eu, pequenino, me esquecesse de ti.

12 [11.12] “És o meu Deus. Não te afastes de mim, porque a tribulação está próxima”. És, portanto, o meu Deus, não te afastes de mim, porque a tribulação está perto, está em meu corpo. Não há quem me socorra. Quem me socorre, se não socorres?

13 [13] “Numerosos novilhos me cercaram”. Cercou-me a multidão da plebe arrebatada. “Rodearam-me touros cevados”. Seus príncipes me rodearam, alegrando-se com a minha opressão.

14 [14] “Contra mim abriram a boca”. Abriram a boca contra mim, não com palavras de tuas Escrituras, mas com as oriundas de suas paixões. “Como leão rapace a rugir”. Como sua rapina, levou-me preso e rugiu: “Crucifica-o, crucifica-o!” (Jo 19,6).

15 [15] “Sinto-me como água derramada, desconjuntaram-se-me todos os ossos”. Sou água derramada. Nela caíram os meus perseguidores. Pelo medo dispersaram-se ao longe os meus discípulos, sustentáculo de meu corpo, isto é, a Igreja. “Meu coração, como cera, derreteu-se em minhas entranhas”. A minha sabedoria, registrada nos Livros Sagrados e referente a mim mesmo, que eles julgavam endurecida e oculta, não era entendida. Mas, depois, com o fogo de minha paixão, se liquefez, revelou-se, foi

recebida na memória de minha Igreja.

16 [16] “Minha força secou-se qual vaso de argila”. Minha força na paixão ressecou-se, não como feno, mas qual argila, que ao fogo se torna mais consistente. “Minha língua pegou-se ao paladar”. Conservaram em si meus preceitos aqueles por cujo intermédio eu haveria de falar. “Reduziste-me ao pó da morte”. Levaste-me para o meio dos ímpios destinados à morte, e que o vento carrega, como poeira, da superfície da terra.

17 [17] “Muitos cães me cercaram”. Rodearam-me muitos a ladrar, não em prol da verdade, mas conforme seus hábitos. “Um bando de malvados me assediou. Traspassaram-me as mãos e os pés”. Traspassaram-me com cravos as mãos e os pés.

18 [18] “Contaram todos os meus ossos”. Contaram, distendidos no lenho da cruz, todos os meus ossos. “Estiveram a olhar-me e me examinaram”. Eles mesmos, isto é, sem se modificarem, me observaram e me viram.
19 [19] “Dividiram entre si as minhas vestes e sobre a minha túnica lançaram sortes”.

20 [20] “Tu, porém, Senhor, não apartes de mim o teu auxílio”. Tu, porém, Senhor, ressuscita-me, não no fim dos séculos, como aos demais homens: mas imediatamente. “Atende a minha defesa”. Cuida de que em nada me prejudiquem.

21 [21] “Da espada livra a minha alma”. Livra a minha alma da língua que separa. “Das garras do cão a minha única”. Liberta a minha Igreja da violência do povo, que costuma ladrar.

22 [22] “Salva-me das fauces do leão”. Salva-me das fauces do reino deste mundo. “E dos chifres dos unicórnios a minha humildade”. Salva-me, em meu abatimento, das grandezas dos soberbos que se exaltam singularmente e não suportam seus pares.

23 [23] “Anunciarei o teu nome a meus irmãos”. Narrarei o teu nome aos humildes, que se amam mutuamente, como eu amei os meus irmãos. “No meio da Igreja te cantarei”. No meio da Igreja, eu te anunciarei, cheio de alegria.

24 [24] “Louvai o Senhor, vós que o temeis”. Vós que temeis o Senhor, não busqueis vosso próprio louvor, mas louvai-o. “Todos os da estirpe de Jacó exaltai-o”. Exalte-o a descendência daquele ao qual o mais velho servirá.

25 [25] “Temei-o descendência toda de Israel”. Temam-no todos os nascidos para uma vida nova e regenerados para obterem a visão de Deus. “Porque ele não rejeitou nem desdenhou a oração do pobre”. Não desprezou a prece do pobre, que não se ilude com pompas transitórias. Mas desprezou a prece do que clama com vozes de delitos, e nada visa além desta vida cheia de vaidades. “Nem de mim desviou o rosto”, como fez àquele que dizia: Clamarei a ti, e não me ouvirás. “Quando a ele clamei, ouviu-me”.

26 [26] “Diante de ti, o meu louvor”. Não capto louvores para mim, porque meu louvor és tu, que habitas no santuário e atendes, louvor de Israel, ao santo que te suplica. “Confessar-te-ei na grande Igreja, na Igreja espalhada pelo orbe, eu te confessarei. “Cumprirei os meus votos na presença dos que o temem”. Darei o sacramento de meu corpo e de meu sangue, na presença dos que o temem.

27 [27] “Os pobres hão de comer e saciar-se”. Comerão os humildes que desprezam o mundo e imitar-me-ão. Não haverão de desejar a abundância, nem de recear a indigência neste mundo. “Louvarão o Senhor aqueles que o procuram”. O louvor do Senhor é efeito de sua saciedade. “Seus corações viverão nos séculos dos séculos”, pois ele é o alimento do coração.

28 [28] “Haverão de se lembrar e de se converter ao Senhor todos os confins da terra”. Recordar-se-ão, pois Deus se afastara dos povos que nasceram para morrer e tendem para as coisas exteriores. Então, hão de se voltar para o Senhor todos os confins da terra. “E adotarão em sua presença todas as famílias das nações”. Adorarão em sua consciência as famílias de todas as nações.

29 [29] “Porque do Senhor é o reino. E ele dominará os povos”. Ao Senhor pertence o reino, não aos soberbos. Ele é que dominará os povos”.

30 [30] “Comeram e adoraram todos os poderosos da terra”. Comeram o corpo de seu Senhor, em condição humilde, até os ricos da terra, apesar de não se saciarem a ponto de imitá-lo, como os pobres; todavia adoraram. “Em sua presença se prostarão todos os que descem à terra”. Ele somente vê como cairão os que, apartando-se da convivência celeste, preferiram parecer felizes na terra dos homens, que não são capazes de ver a ruína deles.

31 [31] “Para ele viverá a minha alma”. Minha alma, que desprezando o mundo parece morta aos homens, não viverá em si, mas para ele. “E minha descendência há de servi-lo”. Minhas obras ou os fiéis dele, por minha causa o servirão.

32 [32] “Proclamar-se-á em honra do Senhor a geração vindoura”. Será proclamada em honra do Senhor a geração do Novo Testamento. “E os céus anunciarão a sua justiça”. Os evangelistas anunciarão a sua justiça. “Ao povo que há de nascer e que o Senhor criou”. O povo que nascerá da fé, para o Senhor.

II. SERMÃO AO POVO

1 Não devemos calar e compete-vos ouvir aquilo que Deus não quis omitir nas Sagradas Escrituras. A paixão do Senhor, como sabemos, realizou-se uma só vez; uma só vez Cristo morreu, o justo pelos injustos (1Pd 3,18). Sabemos, temos certeza, sustentamos

com fé inabalável que "Cristo, uma vez ressuscitado dentre os mortos, já não morre, a morte não tem mais domínio sobre ele" (Rm 6,9). São palavras do Apóstolo. Não nos esqueçamos, contudo, de que a ação realizada uma só vez, renova-se anualmente em memorial. Acaso Cristo morre todas as vezes que se celebra a Páscoa? No entanto, a celebração anual de certo modo representa o que outrora se realizou, e assim nos comove, como se víssemos o Senhor pendente da cruz; não com zombarias, mas com fé. Ao pender do madeiro agora, e já não podemos irritar-nos contra os judeus que zombaram dele moribundo, mas não agora que reina? Quem é que ainda zomba de Cristo? Desejável seria que fosse um só, fossem dois, que se pudessem contar! Zomba dele toda a palha de sua eira, e geme o trigo, enquanto o Senhor é escarnecido. Por este motivo quero gemer convosco. É tempo de chorar. Celebre-se a paixão do Senhor. Tempo de gemer, de chorar, tempo de confessar, de suplicar. Quem de nós é capaz de derramar lágrimas condignas de tamanha dor? O que fala o profeta a respeito disso? "Quem fará de minha cabeça um manacial de água, e de meus olhos fonte de lágrimas" (Jr 8,23)? Se de fato houvesse uma fonte de lágrimas em nossos olhos, nem isto bastaria. Escarnecer de Cristo abertamente, numa questão sobre a qual ninguém pode dizer: "Não entendi! A Cristo, possuidor de todo o orbe, atribui-se apenas uma parte, e ao que está sentado à direita do Pai se declara: Aqui está o que possues. E ao invés de toda a terra, mostra-se-lhe somente a África![1]

2 Irmãos, o que faremos das palavras que acabamos de ouvir? Se pudessem ser escritas com lágrimas! Quem era a mulher que entrou na sala com unguento (Mt 26,7)? De quem era tipo? Não seria da Igreja? O que figurava aquele unguento? Talvez o bom odor mencionado pelo Apóstolo: "Somos o bom odor de Cristo em todo lugar" (2Cor 14,15)? Também o Apóstolo insinuava a própria Igreja, porque ao dizer: "somos", refere-se aos fiéis. E o disse? Somos o bom odor de Cristo em todo lugar. Paulo afirma que o bom odor de Cristo em todo o lugar, são os fiéis, em geral, mas se lhe contradiz: Apenas a África exala o bom odor; o mundo inteiro é fétido. Somos o bom odor de Cristo em todo o lugar. Quem o assegura? A Igreja. O vaso de unguento derramado sobre o Senhor significava este bom odor. Vejamos se o próprio Senhor não atesta o mesmo que Paulo. Quando alguns avaros, ladrões, buscavam o próprio interesse, quer dizer, quando Judas falava daquele unguento: "Para que este desperdício? Poder-se-ia vender este perfume por um bom preço e dar dinheiro aos pobres". Queria vender o bom odor de Cristo. Como respondeu o Senhor? "Porque molestais esta mulher? Ela, de fato, praticou uma boa ação para comigo". E o que acrescentarei eu, se o próprio Senhor declarou: "Onde quer que venha a ser proclamado este evangelho, em todo o mundo, também o que ela fez será contado em sua memória?" (Mt 26,8-10.13). O que acrescentar? O que tirar? Por que dar ouvidos aos caluniadores? Acaso mentiu o Senhor, ou se enganou? Escolham o que dizer: ou a Verdade mentiu, ou a Verdade se enganou. "Onde quer que venha a ser proclamado este evangelho". E se lhe perguntasses: Onde será proclamado? "Em todo o mundo", responderia. Ouçamos o salmo e vejamos se é isto o que diz. Ouçamos o que é cantado com voz plangente. Na verdade é lastimável que seja cantado

para surdos. Admiro-me, irmãos, se é que hoje este salmo é lido também no partido de Donato. Desculpai-me, irmãos. Confesso, a misericórdia de Cristo o sabe, fico admirado de que ali existam homens duros como pedras, que não queiram ouvir. O que dizer a surdos, com maior clareza? A paixão de Cristo é descrita de maneira tão evidente que parece o evangelho, e no entanto, foi anunciada não sei quantos anos antes que o Senhor nascesse da virgem Maria. Era um pregão a anunciar o futuro juiz. Vamos lê-lo quanto permitir o tempo. Não à medida de nossa dor, mas, como disse, quanto a brevidade do tempo o permitir.

3 [2] "Deus, meu Deus, olha-me. Por que me desamparaste?" Ouvimos este primeiro versículo, recitado pelo Senhor na cruz, ao dizer: "Eli, Eli", que se traduz: "Meu Deus, meu Deus. Lama sabachthani?", isto é, "Por que me desamparaste?" (Mt 27,46). O evangelista verteu e narrou que ele disse em hebraico: Meu Deus, meu Deus, por que me desamparaste?" O que queria dizer o Senhor? Deus não o abandonara, porque ele era Deus. Efetivamente, Deus, filho de Deus, na verdade Deus, Verbo de Deus. Ouve como inicia seu escrito o evangelista, exalando o que bebera do peito do Senhor (Jo 13,23) e vejamos se Cristo é Deus: "No princípio era o Verbo e o Verbo estava em Deus e o Verbo era Deus". O próprio Verbo que era Deus, "se fez carne e habitou entre nós" (ib 1,14). E quando o Verbo, Deus feito carne, pendia da cruz e dizia: "Meu Deus, meu Deus, olha-me, por que me desamparaste?" assim se exprime porque nós lá estávamos com ele, porque a Igreja é o corpo de Cristo. Por que razão rezou: "Meu Deus, meu Deus, olha-me. Por que me desamparaste?" a não ser para despertar nossa atenção e nos declarar: Este salmo foi escrito a meu respeito? "Longe de minha salvação estão as vozes de meus delitos". De que delitos, se dele foi dito: "Ele não cometeu pecado, nem se achou falsidade em sua boca" (1Pd 2,22)? Como então fala: "meus delitos". A não ser que reze por nossos delitos e fez seus os nossos pecados, para fazer nossa a sua justiça?

4 [3] "Meu Deus, clamarei durante o dia e não me escutarás, e à noite, e não me será atribuída a loucura". Falou efetivamente de mim, de ti, dele. Pois, representava seu corpo, isto é, a Igreja. A não ser, irmãos, que penseis que o Senhor tinha medo de morrer, pois disse: "Meu Pai, se é possível, que passe de mim este cálice" (Mt 26,39). O soldado não é mais forte do que o general. Basta que o discípulo se torne como o mestre (Mt 10,25). Afirma Paulo, soldado de Cristo rei: "Sinto-me num dilema: o meu desejo é partir e ir estar com Cristo" (Fl 1,23). Ele prefere a morte para estar com Cristo, e o próprio Cristo temeria a morte? A não ser que ele carregasse nossa fraqueza e assim se expressasse em lugar dos membros de seu corpo que ainda temem a morte. Daí provém aquela voz. Era a voz dos membros, não da cabeça. Igualmente aqui: "Clamarei durante o dia e à noite, e não me escutarás". Muitos, pois, clamam na tribulação e não são atendidos; mas isto acontece para sua salvação e não para ser atribuído a loucura. Paulo clamou ao Senhor, rogando-lhe fosse retirado o estímulo na carne e não foi atendido, quanto a livrar-se dele. Foi-lhe respondido: "Basta-te a minha graça, porque é na fraqueza que se revela totalmente a força" (2Cor 12,9). Por conseguinte, não foi ouvido. Mas, não o foi para loucura, e sim para sabedoria, a fim de que o homem compreenda

que Deus é médico e a tribulação medicamento em prol da saúde, e não castigo para condenação. Submetido a tratamento, serás cauterizado, cortado e gritas. O médico não atende a tua vontade, mas considera a tua saúde.

5 [4] "No entanto, habitas no santuário, ó glória de Israel". Habitas naqueles que santificas, e fazes com que entendam o seguinte: Não atendes a alguns, visando ao bem deles, e a outros ouves para sua própria condenação. Paulo não foi atendido para seu bem; o diabo foi ouvido para sua condenação. Ele pediu permissão de tentar a Jó e foi-lhe concedida (Jó 1,11). Os demônios pediram licença para entrar nos porcos e foram ouvidos (Mt 8,31). Os demônios são atendidos; o Apóstolo, não! Mas eles são atendidos para sua condenação, o Apóstolo não é ouvido para sua salvação. "Não me será atribuído a loucura. No entanto, habitas no santuário, ó glória de Israel". Por que razão não ouves também os teus? Por que estou dizendo isto? Lembrai-vos de repetir sempre: graças a Deus. Aqui está uma grande multidão, e vieram mesmo os que não costumam vir. A todos asseguro: na tribulação prova-se o cristão, a fim de se ver se não abandona o seu Deus. Pois, tudo vai bem para o homem, ele vai deixando de ser cristão. Ateia-se o fogo para o crisol. O crisol do ourives é um grande mistério. Ali está o ouro, ali está a palha, ali o fogo atua num recipiente pequeno. O fogo não é diferente, mas os resultados divergem. Transforma a palha em cinza, tira as impurezas do ouro. Efetivamente tornam-se melhores aqueles nos quais Deus habita, ao serem provados pela tribulação como o ouro. E se o diabo inimigo pedir para provar alguém e lhe for concedido, seja por meio de dor corporal, prejuízo, perda dos familiares, fixe ele seu coração em quem não se subtrai. Se parece subtrair o ouvido ao que chora, oferece a misericórdia ao suplicante. Sabe como agir o Senhor que nos fez, sabe igualmente como nos refazer. O arquiteto que edificou a casa é bom. Se uma parte dela ruir, ele sabe reparar.

6 [5] Vê o que diz o salmista: "Em ti confiaram os nossos pais. Esperaram e os livraste". Sabemos e lemos a quantos de nossos pais, que nele esperaram, Deus livrou. Libertou o próprio povo de Israel da terra do Egito (Ex 12,51); livrou os três jovens da fornalha ardente (Dn 3), tirou Daniel da cova dos leões (ib 14), libertou Suzana da calúnia (ib 13). Todos invocaram e foram libertados. Acaso falhou em relação a seu Filho, não o atendendo quando crucificado? Por que então não foi libertado aquele que disse: "Em ti confiaram os nossos pais e os livraste?"

7 [7] "Eu, porém, sou verme, e não homem. Verme, e não homem". Pois o homem é também verme; mas ele é "verme, e não homem". Donde vem que não é homem? Porque é Deus. Por que, então, de tal modo se humilhou, dizendo: "verme"? Será porque o verme nasce de carne sem cópula, como Cristo de Maria virgem? É verme, mas não é homem. Por que verme? Porque mortal, nascido sem cópula. Por que não homem? Porque "no princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus (Jo 1,1).

8 "Opróbrio dos homens e abjeção da plebe". Vede quanto sofreu! No intuito de

falarmos da paixão e tocarmos no assunto com maior pesar, vede quanto sofreu e em seguida, qual a razão deste sofrimento. Que frutos colheu? Eis que nossos pais confiaram e foram libertados da terra do Egito. Como disse acima, foram tantos que invocaram e logo, no tempo, não na vida futura, mas imediatamente foram libertados. O próprio Jó foi entregue ao diabo que o reclamava, ficou putrefacto e cheio de vermes, no entanto, nesta vida recuperou a saúde e recebeu o dobro de que perdera (Jó 42,10). O Senhor, ao invés, foi flagelado e niguém o sustentava, foi coberto de escarros e ninguém o socorria, recebeu bofetadas e ninguém acudia, foi suspendido no madeiro e niguém o livrou, clamou: "Meu Deus, meu Deus, por que me desamparaste?" e não foi atendido (Mt 27). Por que, meus irmãos? Qual a razão? Em castigo de que delito, tamanho sofrimento? Tudo o que sofre é preço. De que preço tanto padecimento? Narremos os fatos, vejamos como se explicam. Em primeiro lugar, perguntemos o que sofreu e em seguida por que motivo. Vejamos como são os próprios inimigos de Cristo os que confessam ter ele sofrido tanto, sem querer que se saiba o motivo. Por isso, ouçamos tudo neste salmo: o que sofreu, qual a razão. Guardai estes dois pontos: o que e por quê. Agora explicarei o quê. Não nos alonguemos e melhor recebereis as próprias palavras do salmo. Vede os padecimentos do Senhor. Cristãos, atenção. "Opróbrio dos homens, abjeção da plebe".

9 [8.9] "Todos os que me viam riam-se de mim. Falavam torcendo os lábios e meneavam a cabeça. Confiou no Senhor, ele o liberte. Salve-o se é verdade que o ama". Mas, qual o motivo por que falavam assim? Porque ele se fizera homem. Falavam como se combatessem um homem.

10 [10] "Porque me tiraste das entranhas de minha mãe". Acaso diriam isto contra o Verbo que era no princípio, e o Verbo estava com Deus? O Verbo, pelo qual tudo foi feito não foi tirado do ventre, a não ser porque o Verbo se fez carne, e habitou entre nós. "Tu me tiraste das entranhas de minha mãe. Desde o peito de minha mãe, és meu Deus". Pois, antes dos séculos és meu Pai, desde o peito de minha mãe, és o meu Deus.

11 [11] "Desde que vim à luz, te fui entregue", isto é, és a minha única esperança, enquanto homem, fraco, Verbo feito carne. "Desde o ventre de minha mãe, és o meu Deus". Não por causa de ti, meu Deus; por tua causa és meu Pai; mas desde as entranhas de minha mãe, és meu Deus.

12 [12] "Não te afastes de mim, porque a tribulação está próxima. Não há quem me socorra". Vede-o abandonado. E ai de nós, se ele nos abandonar, porque não haverá "quem nos socorra".

13 [13] "Numerosos novilhos me cercaram. Rodearam-me touros cevados", o povo e os príncipes. O povo, novilhos numerosos; os príncipes, touros cevados.

14 [14] "Contra mim abriram a boca, como leão rapace a rugir". Ouçamos o rugido deles no Evangelho: "Crucifica-o, crucifica-o!" (Jo 19,6).

15 [15] “Sinto-me como água derramada, desconjuntaram-se-me todos os ossos”. Chama-se de ossos, o seu esqueleto, pois os ossos dão firmeza ao corpo. Quando foi que se lhe desconjuntaram os ossos? Quando disse: “Eu vos envio como ovelhas entre lobos” (Mt 10,16; Lc 10,3). Dispersou as partes firmes e ficou como água derramada. A água derramada lava ou irriga. Cristo se derramou como água. Foram lavados os imundos, irrigadas as mentes. “Meu coração, como cera, derreteu-se em minhas entranhas”. Chama de entranhas os fracos na Igreja. Como foi que seu coração se fez de cera? Seu coração, suas Escrituras, quer dizer, sua sabedoria contida nas Escrituras. Pois a Escritura estava selada. Ninguém a entendia. O Senhor foi crucificado e ela liquefez-se como cera, para que os fracos a entendessem. Daí também rasgar-se o véu do templo, porque se revelou o que estava velado.

16 [16] “Minha força secou-se qual vaso de argila”. Foi magnífica afirmação: Meu nome se fortificou com a tribulação. A argila é mole antes de passar pelo fogo, depois torna-se resistente; assim o nome do Senhor antes da paixão era desprezado e depois é honrado. “Minha língua pegou-se ao paladar”. Este membro apenas nos serve para falar; assim que seus pregadores, isto é, sua língua, aderiram ao paladar, para de seu íntimo apreenderem a sabedoria. “Reduziu-me ao pó da morte”.

17 [17] “Porque muitos cães me cercaram. Um bando de malvados me assediou”. Vede o evangelho. “Traspassaram-me as mãos e os pés”. Então abriram-se as chagas; e as suas cicatrizes foram tocadas pelo discípulo hesitante, que afirmara: “Se não puser meus dedos nas cicatrizes das chagas, não acreditarei”. Quando o Senhor lhe disse: “Vem, e mete a tua mão, incrédulo”, meteu a mão e exclamou: “Meu Senhor e meu Deus!” E ele: “Porque viste, creste. Felizes os que não viram e creram!” (Jo 25,27.28) “Traspassaram-me as mãos e os pés”.

18 [18] “Contaram todos os meus ossos”, quando pendia, estendido no madeiro. Não descreveria melhor a distensão do corpo no madeiro do que falar: “contaram todos os meus ossos”.

19 [19] “Estiveram a olhar-me e me examinaram”. Olharam e não entenderam. Examinaram e não viram. Pousaram os olhos na carne, mas o coração não atingiu o Verbo. “Dividiram entre si as minhas vestes”. Suas vestes, seus sacramentos puderam ser divididos pelas heresias. Mas havia ali uma veste que niguém dividiu. “E sobre a minha túnica lançaram sortes”. A “túnica”, conta o evangelista, era “toda tecida de alto a baixo” (Jo 19,23). Portanto, do céu, do Pai, do Espírito Santo. Que túnica é esta, senão a caridade, que ninguém pode dividir? O que é esta túnica, a não ser a unidade? Sobre ela lançaram sortes; ninguém a dividiu. Os hereges puderam separar os sacramentos, mas não dividiram a caridade. Não podendo dividir, afastaram-se; ela, porém, permanece íntegra. Coube por sorte a alguns: quem a possui está seguro. Ninguém a tira da Igreja católica e se alguém de fora começa a possuí-la, é trazido para dentro, como a pomba trouxe para a arca o ramo de oliveira (Gn 8,11).

20 [20] “Tu, porém, Senhor, não apartes de mim o teu auxílio”. E assim se fez. No terceiro dia ressuscitou. “Atende a minha defesa”.

21 [21] “Da espada livra a minha alma”, isto é, da morte. Espada é gládio, e por gládio deu a entender a morte. “Das garras do cão a minha única. Minha alma, minha única”, cabeça e corpo. Única, a Igreja; “das garras”, do poder do cão. Quais são os cães? Os que latem como eles, sem saber contra quê. Nada se lhes fez e ladram. O que fez o transeunte ao cão? No entanto, ele late. Os que ladram cegamente, sem discernir contra ou a favor de quem, são cães.

22 [22] “Salva-me das fauces do leão”. Sabeis quem é o leão rugidor, que anda ao redor, procurando a quem devorar (1Pd 5,8). “E dos chifres dos unicórnios a minha humildade”. Chama de unicórnios os soberbos; por isso acrescentou: “A minha humildade”.

23 [23] “Ouvistes o que Cristo sofreu e sua súplica para se livrar de tais sofrimentos. Vejamos agora por que razão padeceu. Já vedes, irmãos. Como pode ser cristão quem não se encontra na porção pela qual Cristo sofreu? Já compreendemos o que ele sofreu: seus ossos foram contados, ele foi escarnecido, suas veste foram divididas, ainda mais, lançaram sortes sobre a sua túnica, cercaram-no homens furiosos e violentos, desconjuntaram-se todos os seus ossos. Ouvimos aqui e lemos no evangelho. Vejamos qual a razão de tudo isso. Ó Cristo, filho de Deus, se não quisesses não terias padecido. Mostra-nos o fruto de tua paixão. Ouve, diz ele, qual foi o fruto. Eu não me calo, mas os homens são surdos. Escuta qual foi o fruto de ter sofrido tanto. “Anunciarei o teu nome a meus irmãos”. Vejamos se anuncia o nome de Deus a seus irmãos só em uma parte da terra. “Anunciarei o teu nome a meus irmãos. No meio da Igreja te cantarei”. É o que acontece agora. Mas, vejamos qual é esta Igreja, uma vez que disse: “No meio da Igreja te cantarei”. Vejamos que Igreja é esta, pela qual padeceu.

1 Trata-se dos donatistas.

24 [24] “Louvai o Senhor, vós que o temeis”. Em toda a parte onde se teme e se louva a Deus, aí está a Igreja de Cristo. Vede, irmãos, se é em vão que nestes dias se repete em todo o orbe: Amém e Aleluia. Não se teme a Deus ali? Não se louva? Aparece Donato, e diz: De forma nenhuma. Não se teme. O mundo inteiro está perdido. Não tens razão de dizer: O mundo inteiro está perdido. Restou, então, só uma pequenina parte da África? Cristo nada responde para tapar essas bocas? Não vejo coisa alguma que arranque a língua dos que assim falam? Vejamos. Talvez encontremos. Ainda nos é dito: “no meio da Igreja”. De nossa Igreja, afirma ele. “Louvai o Senhor, vós que o temeis”. Vejamos se eles louvam o Senhor, se é deles que fala o salmo, se o Senhor é louvado na Igreja deles. Como podem louvar a Cristo os que asseguram: Ele perdeu a terra inteira, o diabo lhe tomou tudo, e ele ficou só com uma parte? Examinemos aindo o salmo. Diga mais abertamente, fale com maior clareza. Nada que precise de explicação, nada de

suspeitoso. “Todos os da estirpe de Jacó, exaltai-o”. Talvez nos repliquem: Nós é que somos a raça de Jacó. Será verdade?

25 [26] “Temei-o descendência toda de Israel”. Ainda retrucam: Nós é que somos a descendência de Israel. Deixemo-los dizer. “Porque ele não rejeitou nem desdenhou a oração dos pobres”. De quais? Dos que não contam consigo mesmos. Verifiquemos se são pobres os que afirmam: Nós somos justos. Cristo clama: “Longe de minha salvação, as vozes de meus delitos”. Mas, digam ainda o que quiserem. “Nem desviou de mim o rosto. Quando a ele clamei, ouviu-me”. Em que ouviu? Para quê?

26 [25] “Diante de ti, o meu louvor”. Diante de Deus, o seu louvor. Ensinou a não esperá-lo de um homem. Acrescentem o que quiserem. Já começaram a queimar, o fogo já está chegando. Não há quem possa se subtrair ao seu calor (Sl 18,7). Apesar disso, digam ainda: Também nós lhe apresentamos nosso louvor, e não presumimos de nós mesmos. Continuem: “Confessar-te-ei na grande Igreja”. Aqui, a meu ver, começa-se a aprofundar. Qual é, irmãos, a grande Igreja? A grande Igreja seria uma parte pequenina da terra? A grande Igreja é a terra inteira. Agora, se alguém replicar a Cristo: Tu disseste: “Na grande Igreja confessar-te-ei”. Dize-nos: Qual é a grande Igreja? Ficaste com o bocado da África e perdeste o mundo inteiro. Derramaste o sangue pelo todo, mas sofreste o ataque de um invasor. Assim nos dirigimos ao Senhor, como que interrogando. No entanto, sabemos o que há de responder. Suponhamos que não sabemos o que dirá. Ele não nos responderá? Ficai tranquilos. Prossigo para que ninguém duvide. Aguardemos o que ele vai dizer. Queria me pronunciar desde já, sem permitir que outros interpretem de modo diferente a palavra de Cristo: “na grande Igreja”. Tu afirmas que ele ficou com a ínfima parte. E ainda ousas afirmar: A nossa Igreja também é grande. Que te parece? Bagai e Tamugade? Se o salmo nada diz que os faça calar, continuem a afirmar que a grande Igreja abrange só a Numídia.

27 [27.28] Vejamos. Ouçamos outra vez o Senhor: “Cumprirei os meus votos na presença dos que o temem”. Quais são os seus votos? O sacrifício que ofereceu a Deus. Sabeis qual sacrifício? Os fiéis conhecem os votos que cumpriu na presença dos que o temem, pois continua o salmista: “Os pobres hão de comer e saciar-se”. Os pobres comem. Os ricos, porém, não se saciam, porque não têm fome. Comerão os pobres. Destes era Pedro, o pescador, destes eram outros pescadores, João e seu irmão Tiago, destes igualmente era o publicano Mateus. Pertenciam aos pobres que comeram e se saciaram. Sofreram o mesmo sacrifício que aquele do qual se alimentaram. Cristo ofereceu a ceia, entregou a sua paixão. Sacia-se quem o imita. Os pobres imitaram. Sofreram seguindo as pegadas de Cristo. Os pobres “hão de comer”. Mas, por que são pobres? “Louvarão o Senhor aqueles que o procuram”. Os ricos louvam a si mesmos, os pobres louvam o Senhor. Por que são pobres? Porque louvam, procuram o Senhor. O Senhor é a riqueza dos pobres. Têm a casa vazia e o coração cheio de riquezas. Procurem os ricos encher o cofre; os pobres buscam encher o coração. Com ele repleto, louvem o Senhor os que o procuram. E vede, irmãos, qual a riqueza dos verdadeiramente pobres. Não se encha no

cofre, nem no celeiro, nem no depósito. "Seus corações viverão nos séculos dos séculos".

28 Por isso, atenção! O Senhor sofreu. Sofreu tudo aquilo que ouvistes narrar. Perguntamos por que sofre, e ele começou a contar: "Anunciarei o teu nome a meus irmãos. No meio da Igreja te cantarei". Mas, dizem eles (os donatistas), então: Esta Igreja é a nossa. "Temei-o, descendência toda de Israel". Dizem eles: Nós é que somos a descendência de Israel. "Porque não rejeitou, nem desdenhou a oração do pobre". Insistem: Nós somos os pobres. "Nem desviou de mim o rosto". O próprio Cristo Senhor não desviou o rosto de si, de sua Igreja, seu corpo. "Diante de ti, o meu louvor". Quereis louvar-vos a vós mesmos. Respondem: Também nós o louvamos, perfeitamente. "Cumprirei meus votos na presença dos que o temem". Os fiéis conhecem o sacrifício da paz, o sacrifício da caridade, o sacrifício de seu corpo. Agora não é possível dissertar sobre o assunto. "Cumprirei meus votos na presença dos que o temem". Comam os publicanos, comam os pescadores; comam, imitem o Senhor, sofram, sejam saturados. O próprio Senhor morreu; morrem também os pobres. Acrescentem-se à morte do mestre a morte dos discípulos. Por que razão? Mostra-me o proveito dessa morte. "Haverão de se lembrar e de se converter ao Senhor todos os confins da terra". Vamos irmãos, por que nos perguntais o que responder ao partido de Donato? Eis o salmo lido hoje aqui, e lido hoje entre eles. Escrevamo-lo em nossas frontes. Com ele avancemos. Não descanse a nossa língua. Assim fale: eis que Cristo sofreu. O mercador mostrou seu lucro. Eis o preço que pagou: seu sangue foi derramado. Na bolsa levava o nosso preço. Foi traspassado pela lança, a bolsa se rompeu, e eluiu o preço do mundo. Que me dizes, herege? Não é o preço de toda a terra? Somente a África foi remida? Não tenhas a ousadia de dizer: Todo o orbe foi redimido, mas pereceu. Qual o invasor que atacou a Cristo, e ele perdeu o que era seu? Eis que "haverão de se lembrar e de se converter ao Senhor todos os confins da terra". Ainda te fartará, prosseguindo. Se o salmo tivesse dito só: "os confins da terra", e não: "Todos os confins da terra", haveriam de replicar: Pois temos confins da terra na Mauritânia. "Todos os confins da terra". Assim disse. Ó herege, ele afirma: "todos". De que lado escaparás da questão? Não tens por onde sair, para teres por onde entrar.

29 [28.29] Desculpai-me. Não quero discutir. Não se diga que minha palavra consegue alguma coisa. Dai atenção ao salmo. Lede o salmo. Eis o que Cristo sofreu. Seu sangue foi derramado. Eis o nosso redentor, eis o nosso preço. Que se me conte o que comprou. Por que perguntamos? Se alguém disser: Tolo, por que interrogas? Tens contigo o códice e podes verificar com que comprou. Procura descobrir o que comprou. Nele se encontra: "Haverão de se lembrar e de se converter ao Senhor todos os confins da terra". Os confins da terra hão de se lembrar. Mas os hereges se esqueceram, e no entanto ouvem-no todo ano. Pensas que dão ouvidos ao proferir seu leitor: "Haverão de se lembrar e de se converter ao Senhor todos os confins da terra?" Vamos. Talvez seja um só versículo. Com o pensamento estavas ausente. Conversavas com teu irmão enquanto era recitado. Atenção. O leitor repete e sacode os surdos. "E adorarão em sua presença todas as

famílias das nações”. Continua surdo. Não ouve. Insiste ele: “Porque do Senhor é o reino. E ele dominará os povos”. Guardai estes três versículos, irmãos. Hoje também entre os donatistas são cantados. Ou talvez o tenham apagado. Crede-me, irmãos. Fico agitado, abalo-me, admiro não sei bem o quê: a surdez ou a dureza de coração deles, a ponto de duvidar às vezes se eles têm esse versículo nos seus códices. Hoje todos acorrem à Igreja, hoje todos atentos ouvem o salmo, todos escutam com o coração ao alto. Mas, vamos supor que não estejam atentos. Acaso trata-se apenas de um versículo: “Haverão de ser lembrar e de se converter ao Senhor todos os confins da terra?” Já acordaste, mas ainda esfregas os olhos: “E adorarão em sua presença todas as famílias das nações”. Sacode o sono, pois estás sonolento e escuta: “Porque do Senhor é o reino, e ele dominará os povos”.

30 Não sei se ainda encontram o que replicar. Discutam com as Escrituras, não conosco. Eis o próprio códice. Combatam-no. Onde está o que diziam com jactância: Nós conservamos as Escrituras, para não serem queimadas?[1] Foram conservadas para que tu te queimes. O que conservaste? Abre, lê. Tu as guardaste e as atacas. Por que preservaste das chamas o que procuras apagar com a língua? Não acredito, não creio que guardaste. Absolutamente não creio, não preservaste. Com verdade os nossos afirmam que entregaste. Comprova ser traidor quem leu o testamento e não o executa. Eis o que é lido e eu o executo. É lido e tu recusas. Qual foi a mão que o meteu nas mãos? Quem acredita e segue, ou quem se aflige porque é lido? Não quero saber quem o guardou. Em qualquer parte onde foi encontrado um códice, trata-se do testamento de nosso pai que sai de um esconderijo. Não sei que espécie de ladrões queria roubá-lo, não sei quais os perseguidores que procuraram queimá-lo. Onde quer que seja apresentado, seja lido. Por que provocas contenda? Somos irmãos. Por que pleiteamos? Nosso pai não norreu sem deixar testamento. Fez o testamento e morreu; morreu e ressuscitou. Discute-se sobre a herança dos mortos até que o testamento seja aberto. Quando é publicado, todos se calam, para que se abram e se leiam as tabuinhas. O juiz ouve atentamente, os advogados se calam, os pregoeiros impõem silêncio, todo o povo fica em suspenso, para que se leiam as vontades do morto, insensível no sepulcro. Ele jaz sem sensibilidade no sepulcro, e suas palavras são válidas. Cristo está sentado no céu, e se contradiz a seu testamento? Abra-se; leiamos. Somos irmãos. Por que disputamos? Aplaque-se o nosso ânimo. Nosso pai não nos deixou intestados. Aquele que fez o testamento vive eternamente. Ouve as nossas vozes, e reconhece a sua. Leiamos. Por que abrir processo? Onde se achar a herança, agarremo-la. Abre o testamento, lê no primeiro capítulo do próprio saltério: “Pede-me” (Sl 2,8). Quem diz isso? Talvez não seja o Cristo. Lá se acha: “O Senhor me disse: Tu és o meu Filho, hoje eu te gerei” (ib 2,7). Fala, portanto, o Filho de Deus, ou o Pai se dirige ao Filho. O que o Pai diz ao Filho? “Pede-me, e dar-te-ei as nações por herança, e em domínio os confins da terra”. Costuma acontecer, irmãos, que ao se tratar de propriedade, pergunta-se quais são os lindeiros. O herdeiro informa-se entre os lindeiros, este ou aquele, qual o herdeiro, a quem é doado, ou quem compra. Entre quais lindeiros se procura? Entre os possuidores,

este e aquele. Quem retirou todas as divisas, não deixou limítrofes. Para onde te voltares, encontrarás a Cristo. Tens por herança os confins da terra. Vem para cá, possuirás tudo comigo. Por que em litígio reclamas só uma parte? Vem para cá. Serás vencido para teu bem. Terás o todo. Ou ainda acusas? Já li o testamento e ainda calunias. Acusas talvez, porque o salmo disse: os confins da terra, e não: todos os confins da terra? Então leiamos. Como foi dito? "Haverão de se lembrar, de se converter ao Senhor todos os confins da terra. E adorarão em sua presença todas as famílias das nações. Porque do Senhor é o reino. E ele dominará todos os povos". É dele, não vosso. Reconhecei o Senhor. Reconhecei a propriedade do Senhor.

31 Mas também vós, querendo possuir vossa unidade particular e não a comum unidade com Cristo, querendo dominar na terra e não reinar com ele no céu, possuís vossas casas. Algumas vezes os procuramos, dizendo: Busquemos a verdade, encontremos a verdade. Respondem-nos: Ficai com o que tendes. Possues as tuas ovelhas e eu possuo as minhas. Não moleste as minhas ovelhas, porque eu também não molesto as tuas. Graças a Deus. As ovelhas são minhas, as ovelhas são suas. E o que comprou Cristo? Ao contrário, não sejam minhas, nem tuas, e sim daquele que as comprou, as assinalou. Assim, pois, aquele que planta, nada é; aquele que rega, nada é; mas importa tão-somente Deus, que dá o crescimento (1Cor 3,7). Por que haveremos de ter, eu as minhas e tu as tuas? Se Cristo está ali, para lá se dirijam as minhas, pois não são minhas; se Cristo está aqui, as tuas venham para cá, uma vez que não são tuas. Por causa destas apropriações, beijem-nos a cabeça e as mãos, e pereçam os filhos de outro. Responde ele: Não é propriedade minha. Que é isto? Vejamos se não é tua propriedade, se não a reivindicas. Eu trabalho em prol do nome de Cristo, e tu, pelo nome de Donato. Se tua meta é Cristo, ele está em toda a parte. Tu afirmas: Cristo está aqui (Mt 24,23), e eu digo: ele está em toda a parte. Louvai, servos do Senhor, louvai o nome do Senhor (Sl 112,1). Desde onde louvam? Até onde? Desde o nascente ao poente louvai o nome do Senhor (ib). Eis a Igreja que eu mostro, eis o que Cristo comprou, eis o que redimiu, eis por quem deu o sangue. Mas, o que replicas? Também eu recolho para ele. "Quem não ajunta comigo, dispersa" (Mt 12,30). Divides a unidade, procuras tuas posses. Porque têm elas o nome de Cristo? Por que para defenderes a tua propriedade, colocaste o título de Cristo. Acaso não é isto o que fazem em sua casa? No intuito de que não seja invadida por um poderoso, põem o título de um grande, título falso. Quer ser o dono, e proteger o frontispício de sua casa com título alheio. Quem ler o título, assustado com o poderio de quem possui tal nome, abstém-se de invadi-la. Assim agiram eles, ao condenarem os maximianistas. Compareceram diante dos juízes e leram as atas de seu concílio, [2] de certo modo ostentando títulos, para parecerem bispos. Então interrogou o juiz: Há outro bispo aqui, do partido de Donato? Respondeu o oficial: Nós só conhecemos o católico Aurélio. Temendo as leis, deram o nome de um só bispo. Querendo ser ouvidos pelo juiz, acrescentaram o nome de Cristo. Em sua propriedade puseram o título dele. O Senhor é bom. Que os perdoe, e onde encontrar o seu título, reivindique-o para o seu domínio. É poderosa a sua misericórdia, e pode congregar

quaisquer que encontrar usando o nome de Cristo. Vede, irmãos. Quando um potentado encontra seu título, não reivindica judicialmente aquilo e não declara: Não poria o meu título, se não fosse meu? Pôs os meus títulos, é meu. Onde encontro o meu nome é meu. Talvez mudará o título? O título que havia fica; muda o possuidor, o título não muda. Assim também, se os que têm o batismo de Cristo vêm à unidade, não mudamos o título, nem o apagamos; reconhecemos o título de nosso rei, o título de nosso imperador. Mas, o que falamos? Ó casa infeliz! Possua-te aquele cujo título tens. Tens o título de Cristo, não estejas na posse de Donato.
32 Falamos, muito, irmãos. Não se apague de vossa memória o que lemos hoje. Repito-o e com frequência convém repeti-lo. Por causa do próprio dia, isto é, pelo mistério deste dia, insisto convosco. Não saia a lembrança de vossos corações. "Haverão de se lembrar e de se converter ao Senhor todos os confins da terra. E adorarão em sua presença todas as famílias das nações. Porque do Senhor é o reino. E ele dominará os povos". Diante de tão clara e evidente demonstração de domínio de Cristo, não escuteis as palavras do caluniador. Seja o que for que repliquem, são homens os que afirmam; aqui, porém, está o que diz Deus.

1 Os donatistas declaravam que haviam conservado as Sagradas Escrituras, e que os nossos as haviam entregado.

2 Concílio Bagaitano de 394

SALMO 22

COMENTÁRIO

1 [1] "Salmo de Davi". A Igreja fala a Cristo: "O Senhor é o meu pastor, nada me faltará". O Senhor Jesus Cristo é o meu pastor, e nada me faltará.

2 [2] "Em pastagens verdejantes me colocou". Em pastagens que começam a reverdecer, conduzindo-me à fé, colocou-me para me nutrir. "Conduziu-me a águas que desalteram". Conduziu-me às águas do batismo, onde se desalteram os que haviam perdido a integridade e o vigor.

3 [3] "Restaura a minha alma". Guiou-me através de caminhos de justiça, por causa de seu nome. Conduziu-me pelas sendas estreitas de sua justiça, que poucos palmilham; não por meus méritos, mas por causa de seu nome.

4 [4] "Ainda que atravesse as sombras da morte". Ainda que atravesse esta vida, que é a sombra mortal. "Não temerei mal algum. Estás comigo". Não temerei males, porque habitas em meu coração pela fé; e agora estás comigo, de sorte que, após as sombras da morte, também eu esteja contigo. "Teu bordão e teu báculo são o meu reconforto". Tua disciplina, como bordão que guia o rebanho de ovelhas e como cajado para as ovelhas maiores, que da vida animal crescem para a espiritual, em vez de me afligirem mais me consolaram, porque tu te lembras de mim.

5 [5] "Preparaste a mesa em minha presença, à vista de meus perseguidores". Depois de ser conduzido pela vara, qual animalzinho, às pastagens com o rebanho, ao começar a estar sob o cajado, preparaste a mesa em minha presença, para não ser mais alimentado com leite, como criança (1Cor 3,2), mas já maior, tomasse alimento sólido, fortalecido contra aqueles que me angustiam. "De óleo ungiste-me a cabeça". Regozijas-te com alegria espiritual minha mente. "E teu cálice inebriante, como é excelente!" Teu cálice, que me faz esquecer os anteriores e vãos deleites, como é excelente!

6 [6] "Tua misericórdia há de acompanhar-me todos os dias de minha vida", isto é, enquanto estiver nesta vida mortal, minha, não tua. "Habitarei na casa do Senhor por dilatados dias". Acompanhar-me-á, irá comigo, não somente aqui, mas ainda habitarei eternamente na casa do Senhor.

SALMO 23

COMENTÁRIO

1 [1] "Salmo de Davi. No primeiro dia da semana". Salmo de Davi, sobre a glorificação e ressurreição do Senhor, realizada na manhã do primeiro dia da semana, chamado domingo.

2 [1.2] "Ao Senhor pertence a terra e tudo o que ela encerra, o mundo e todos os seus habitantes". O Senhor glorificado é anunciado, convidando à fé todos os povos, e o orbe inteiro se transforma em sua Igreja. "Foi ele quem a firmou acima dos mares". Firmemente ele a estabeleceu acima dos vagalhões do século, a fim de superá-los, sem sofrer dano algum. "Sobre os rios a preparou". Os rios escoam no mar; os homens cubiçosos precipitam-se para o mundo. A Igreja supera também a estes últimos; depois que a graça de Deus vence seus desejos mundanos, ela se dispõe pela caridade a receber a imortalidade.

3 [3] "Quem subirá ao monte do Senhor?" Quem subirá até a excelsa justiça de Deus? "Ou quem permanecerá em sua morada santa?" Quem se manterá no lugar onde subiu, lugar estabelecido acima dos mares, colocado mais alto do que os rios?

4 [4] "Quem possui mãos inocentes e coração puro". Quem então subirá e ali permancerá, senão quem é inocente em obras e puro em pensamentos? "Quem não entregou a alma a coisas vãs". Aquele que não entregou a alma às coisas transitórias, mas cônscio de ser ela imortal, desejou a eternidade firme e imutável. "E não jurou com perfídia ao próximo". Como as coisas eternas são simples e verdadeiras, assim ele se apresentou sem dolo ao próximo.

5 [5] "Ele alcançará a bênção do Senhor, e a misericórdia de Deus, seu salvador".

6 [6] "Tal é a geração dos que buscam o Senhor". Assim nascem aqueles que o procuram. "Dos que procuram a face do Deus de Jacó (Diapsalma)". Eles buscam a face de Deus, que deu a primogenitura ao mais novo.

7 [7] "Suspendei, ó príncipes, as vossas portas". Todos vós que desejais o principado entre os homens, retirai, para não nos servirem de empecilho, as portas da concupiscência e do temor, que colocastes. "Elevai-vos, portas eternas". Elevai-vos, ó portas da vida eterna, da renúncia do século e da conversão a Deus. "E entrará o rei da glória". Entrará o rei, do qual podemos gloriar-nos sem soberba. Ele, tendo ultrapassado as portas da mortalidade, e franqueado para si as celestes, cumpriu o que ele próprio havia dito: "Alegrai-vos, eu venci o mundo" (Jo 16,33).

8 [8] "Quem é este rei da glória?" Admirada, apavorada, pergunta a natureza mortal: "Quem é este rei da glória? O Senhor forte e poderoso", que consideraste fraco e oprimido. "O Senhor possante nas batalhas". Apalpa as chagas. Vê-las-ás cicatrizadas. A imortalidade foi restituída à fraqueza humana. Esta solveu o débito terreno, quando a glória do Senhor guerreou a morte.

9 [9] "Ó príncipes, levantai as vossas portas". Inicia a partida para o céu. Ressoe novamente a trombeta do profeta: também vós, príncipes celestes, levantai as portas das almas humanas que adoram a milícia do céu" (2Rs 17,16)... "Elevai-vos portas eternas". Levantai-vos portas da eterna justiça, da caridade e da castidade, que fazem a alma amar o Deus único e verdadeiro, não cometer fornicação, adorando a muitos, deuses só de nome. "E entrará o rei da glória". Entrará o rei da glória, para interceder por nós (Rm 8,34), à direita do Pai.

10 [10] "Quem é este rei da glória?" Por que te admiras, também tu, príncipe dominador dos ares e perguntas: "Quem é este rei da glória? O Senhor dos exércitos é o rei da glória". Depois de ter passado pela provação, com seu corpo ressuscitado, sobe acima de ti, príncipe dos ares. Ascende acima de todos os anjos aquele que foi tentado pelo anjo prevaricador. Nenhum de vós se interponha, querendo impedir-nos a passagem, a fim de não o adorarmos como Deus. Nem os principados, nem os anjos, nem as virtudes podem nos separar do amor de Cristo (ib 39). É melhor esperar no Senhor do que esperar no príncipe (Sl 117,9), de sorte que aquele que se gloria, glorie-se no Senhor (1Cor 1,31). Existem na verdade, esses poderes no governo do mundo, mas "o Senhor dos exércitos é o rei da glória".

SALMO 24

COMENTÁRIO

1 [1] “Para o fim. Salmo de Davi. É Cristo quem fala, mas em lugar da Igreja, pois as palavras são mais adequadas ao povo cristão, convertido para Deus.

2 [2] “A ti, Senhor, elevei a minha alma”, inflamada de desejo espiritual, ela que era pisoteada na terra pelos desejos carnais. “Meu Deus, em ti confio, não seja envergonhado”. Meu Deus, enquanto confiava em mim, fui arrastado até a fraqueza da carne. Tendo abandonado a Deus, quis ser como Deus, temendo ser morto por um animalzinho minúsculo; corei-me ao ser ridicularizado por minha soberba. Mas, já confio em ti; não me envergonharei.

3 [3] “Não zombem de mim meus inimigos”. Não zombem de mim aqueles que, armando-me ciladas, astutas e ocultas sugestões e insuflando-me: Muito bem, muito bem, derrubaram-me nesse fosso. “Porque todos os que em ti esperam não serão confundidos”.

4 [4] “Confundidos sejam todos os obreiros de coisas vãs”. Sejam confundidos os que agem iniquamente visando a adquirir bens transitórios. “Mostra-me, Senhor, os teus caminhos, e ensina-me as tuas veredas”. Ensina-me as tuas veredas, que não são largas, nem levam muitos à perdição (Mt 7,13), mas são estreitas e de poucos conhecidas.

5 [5] “Orienta-me, segundo a tua verdade”, na fuga do erro. “E ensina-me”. Pois, por mim mesmo só conheço a mentira. “Porque és o Deus, meu salvador e sempre tenho esperado por ti”. Por ti expulso do paraíso (Gn 3,23) e havendo partido para uma região longínqua (Lc 15,13), não posso voltar por minhas próprias forças, a menos que venhas ao encontro deste desviado; minha volta esteve dependendo de tua misericórdia em todo o decurso do tempo.

6 [6] “Recorda-te de tuas misericórdias, Senhor”. Lembra-te das obras de tua misericórdia, Senhor, porque os homens pensam que tu te esqueceste. “Porque tuas misericórdias são eternas”. Sempre te acompanharam. Lembra-te de que tuas misericórdias são eternas e mesmo quando o homem pecou, submeteste-o à vaidade, porém com esperança e não privaste tua criatura de tantos e tão grandes consolos.

7 [7] “Não te lembres dos pecados de minha juventude e de minha ignorância”. Não reserves para castigá-los depois, os pecados de minha extrema audácia e ignorância, mas de certo modo saiam de tua lembraça. “Recorda-te de mim, ó Deus, segundo a tua misericórdia”. Recorda-te de mim, mas não segundo a ira que mereço, mas segundo a misericórdia digna de ti. “Por causa de tua bondade, ó Senhor”. Por tua bondade,

Senhor, e não por meus méritos.

8 [8] “O Senhor é suave e reto”. Suave é o Senhor, visto que se compadeceu dos pecadores e ímpios, perdoando-lhes todos os pecados anteriores; mas é ainda reto o Senhor que, depois da misericórdia do chamado e do perdão, gratuitos e imerecidos, exigirá no último juízo méritos convenientes. “Por isso estabelece uma lei para os delinquentes no caminho”, porque antes concedeu a misericórida para reconduzir ao caminho.

9 [9] “Dirigirá os mansos no juízo”. Dirigirá os mansos, e não confundirá no juízo os que seguem a sua vontade, e não resistem preferindo-lhe a sua própria. “Ensinará aos dóceis os seus caminhos”. Não ensinará seus caminhos àqueles que se adiantam, como se pudessem melhor governar-se a si mesmos; mas ensinará àqueles que não levantam a cerviz, nem recalcitram ao lhes ser imposto o jugo suave e o fardo leve (Mt 11,30).

10 [10] “Todos os caminhos do Senhor são misericórdia e verdade”. Que caminhos lhes ensinará senão a misericórdia que o torna aplacável, e a verdade que o livra de suborno? Apresenta-se com a primeira, perdoando os pecados e com a segunda, julgando os méritos. Todos os caminhos do Senhor são, portanto, as duas vindas do Filho de Deus, uma como salvador misericordioso, outra como juiz. Dele, portanto, se aproxima, seguindo os seus caminhos, aquele que, ao ser libertado, sem merecimento algum de sua parte, despoja-se da soberba e de então em diante se precavém da severidade do juiz, cuja clemência e auxílio experimentou. “Para os que buscam sua aliança e seus testemunhos”. Entendem ter sido o Senhor misericordioso em sua primeira vinda, ele que na segunda será juiz. Mansos e dóceis buscam sua aliança, pois ele nos remiu em seu sangue para uma vida nova; e reconhecem seus testemunhos nos profetas e evangelistas.

11 [11] “Por amor de teu nome, Senhor, perdoarás o meu pecado. Ele é, de fato muito grande”. Não apenas perdoaste meus pecados, cometidos antes que eu tivesse fé, mas ainda os meus pecados, que são muitos; por que na caminhada não faltam as ofensas a ti, perdoarás, aplacado pelo sacrifício de um espírito atribulado.

12 [12] “Qual é o homem que teme o Senhor?” Aqui está o início da sabedoria. “Traçou-lhe a lei no caminho que escolheu”. Estabeleceu uma lei no caminho livremente escolhido, para que não peque impunemente.

13 [13] “Sua alma descansará no meio de bens, e sua descendência possuirá a terra em herança”. Suas obras lhe obterão herança sólida de um corpo restabelecido.

14 [14] “O Senhor é o sustentáculo dos que o temem”. O temor parece ser próprio dos fracos, mas o Senhor é o sustentáculo dos que o temem. E o nome do Senhor, glorificado por todo o orbe, corrobora os que o temem. “Fez seu testamento, para lhes ser manifestado”. Ele faz com que seu testamento lhes seja manifestado, porque os povos e os confins da terra são a herança de Cristo.

15 [15] “Meus olhos se voltam sempre para o Senhor, porque ele é quem há de tirar os meus pés do laço”. Não temerei os perigos terrenos, enquanto não olhar para a terra. Aquele para quem olho é quem retirará do laço os meus pés.

16 [16] “Olha-me e tem compaixão de mim, porque estou só e sou pobre”. Sou o único povo que pratica a humildade de tua única Igreja, humildade que nenhum cisma ou heresia possui.

17 [17] “Multiplicaram-se as aflições de meu coração”. As tribulações de meu coração, por causa da abundância da iniquidade, e diminuição da caridade, se multiplicaram. “Livra-me da necessidade”. Tira-me de minhas necessidades, porque me é forçoso tolerá-las, a fim de que, perseverando até o fim, seja salvo (Mt 10,22).

18 [18] “Vê minha humilhação e minha labuta”. Vê a minha humildade, que não me deixa jamais romper a unidade, gabando-se de possuir a justiça. Considera minha labuta, suportando os indisciplinados entre os quais me encontro. “E perdoa todos os meus pecados”. Aplacado por estes sacrifícios, perdoa-me todos os pecados, não somente os da juventude e do tempo de minha ignorância, antes de possuir a fé, mas ainda os que, já vivendo da fé, cometo por fraqueza ou cegueira durante a vida presente.

19 [19] “Vê como se multiplicaram os meus inimigos”. Não são apenas os de fora, mas também os de dentro da comunhão da Igreja, que não faltam. “E com que ódio iníquo me odeiam”. Odiaram-me, e no entanto eu os amo.

20 [20] “Guarda a minha alma e livra-me”. Guarda a minha alma para que eu não me incline a imitá-los. Livra-me igualmente da perplexidade, que nos envolve. “Não serei confundido, porque em ti esperei”. Não serei confundido, se eles se insurgirem contra mim, porque não depositei em mim a minha confiança, mas em ti.

21 [21] “Os inocentes e os retos aderiram a mim”, porque esperei em ti, Senhor. Os inocentes e os justos não estão próximos entre si corporalmente como acontece com os maus, mas aderem a mim, em concórdia, inocência e retidão, porque não falhei procurando imitar os maus, mas confiei em ti, esperando que a tua última colheita passe pela ventilação.

22 [22] “Livra, ó Deus, a Israel de todas as suas tribulações”. Ao teu povo, que preparaste para a tua visão, livra ó Deus, não só das tribulações toleradas por fora, mas também das suportadas interiormente.

SALMO 25

I. COMENTÁRIO

1 [1] “De Davi”. O salmo, “A Davi”, é atribuível, não digo a Cristo Jesus, homem e mediador, mas a toda a Igreja, já perfeitamente estabelecida em Cristo.

2 “Julga-me, Senhor, porque andei em minha inocência”. Julga-me, Senhor, porque em consequência de tua misericórdia previamente concedida, torna-se meritória a minha inocência. Foi o caminho que segui. “E esperando no Senhor, não serei abalado”. No entanto, será esperando no Senhor, não em mim mesmo, que permanecerei unido a ele.

3 [2-3] “Prova-me e experimenta-me, Senhor”. Prova-me, experimenta-me, Senhor, para que nada me escape do que há oculto em mim. Revela-o, não a ti, pois nada te é escondido, mas a mim e aos outros homens. “Cauteriza meus rins e meu coração”. Aplica uma cauterização medicinal a meus deleites e pensamentos. “Porque tua misericórdia está diante de meus olhos”. Tenho diante dos olhos, não os meus méritos, mas a tua misericórdia, que me conduziu a tal vida, a fim de não ser consumido pelo fogo. “E aprouve-me a tua verdade”. Aborreci a mentira existente em mim, e então aprouve-me a tua verdade, sendo-me aprazível estar com ela e nela.

4 [4] “Não me sentei na assembleia da vaidade”. Não quis entregar meu corpo àqueles que buscam com empenho ser felizes, no gozo de bens transitórios, o que é impossível. “E não entrarei com os que praticam a iniquidade”. E como esta fruição é a causa de todas as iniquidades, não terei cumplicidade oculta com os obreiros iníquos.

5 [5] “Detestei a reunião dos malignos”. Odeio as reuniões realizadas por malfeitores, visando a um consenso vão. “Não me sentarei com os ímpios”. Por isso, não me sentarei com os ímpios em tais reuniões, não entrarei em acordo com eles. “Não me sentarei com os ímpios”.

6 [6] “Lavarei entre os inocentes as minhas mãos”. Serão puras as minhas obras no meio dos inocentes; lavarei entre eles minhas mãos, com as quais aprenderei as tuas sublimidades. “E circundarei o altar do Senhor”.

7 [7] “Para ouvir as vozes de teu louvor”, a fim de aprender como te louvar. “E narrar todas as tuas maravilhas”. Quando houver aprendido, exporei todas as tuas maravilhas.

8 [8] “Senhor, amei a beleza de tua casa”, a tua Igreja. “E o lugar onde reside a tua glória”. Ali habitas, ali és glorificado”.

9 [9] “Não arruínes com os ímpios a minha alma”. Não arruínes, juntamente com os que

te odeiam, a minha alma, que amou a beleza de tua casa. “Nem a minha vida com os homens sanguinários”, que odeiam o próximo. Pois, a tua casa se orna com os dois preceitos da caridade.

10 [10] “Cujas mãos estão carregadas de iniquidades”. Não me percas, portanto, com os ímpios e com os homens sanguinários, cujas obras são iníquas. “Têm a direita cheia de dons”. Transformam os dons destinados à obtenção da salvação eterna em recursos para receberem presentes mundanos, reputando a piedade por lucrativa (1Tm 6,5).

11 [11] “Eu, porém caminhei em minha inocência; resgata-me e tem piedade de mim”. O preço tão elevado do sangue de meu Senhor obtenha-me a perfeita libertação; e nos perigos desta vida, não me abandone a tua misericórdia.

12 [12] “Meu pé se firmou no caminho reto”. Meu amor não se apartou de tua justiça. “Nas assembleias eu te bendirei, Senhor”. Não ocultarei daqueles que chamaste a tua bênção, Senhor, porque a teu amor acrescento o amor ao próximo.

II. SERMÃO AO POVO

1 Durante a leitura da carta do apóstolo Paulo, ouvimos, nós e V. Santidade, as seguintes palavras: “Como é a verdade em Jesus”, aprendestes a “remover o vosso modo de vida anterior — o homem velho, que se corrompe ao sabor das concupiscências enganosas — e a renovar-vos pela transformação espiritual da vossa mente, e revestir-vos do homem novo, criado segundo Deus, na justiça e santidade da verdade” (Ef 4,25). Mas, o Apóstolo continuou, explicando o que significa despojar-se do velho homem e revestir-se do novo, para ninguém pensar que se trata de despojar-se de alguma substância, como tirar uma túnica, ou de tomar algo de extrínseco, como pôr uma veste, trocando de túnica. Este modo de entender carnal não permitiria que os homens praticassem espiritualmente, no seu íntimo, o que ordenava o Apóstolo. O restante da leitura tem idêntico significado. Constitui certa resposta a um possível interlocutor, que dissesse: E como me despojarei do velho homem e me revestirei do novo? Sou acaso um terceiro que haveria de despojar-se do velho homem e revestir-se do novo, de sorte que existissem três homens, ficando como intermediário aquele que tira o velho homem e toma o novo? O Apóstolo continua, para que ninguém, coibido por tal cogitação carnal não atendesse, e sob pretexto de obscuridade do texto, se escusasse de não obedecer: “Por isso abandonai a mentira e falai a verdade”. Eis o que é despojar-se do velho homem e revestir-se do novo: “Por isso, abandonai a mentira e falai a verdade cada um ao seu próximo, porque somos membros uns dos outros” (Ef 4,25).

2 Nenhum de vós pense, irmãos, que deve falar a verdade aos cristãos, e a mentira aos pagãos. É com teu próximo que falas. Teu próximo é aquele que, como tu, nasceu de Adão e Eva. Todos somos próximos uns dos outros pela condição do nascimento terreno; mas somos irmãos diversamente pela esperança da herança celeste. Considera a todo homem como teu próximo, mesmo antes de ser cristão. Não sabes o que ele é

diante de Deus, ignoras como Deus, em sua presciência, viu que ele seria. Às vezes aquele de quem zombas por adorar uma pedra, converte-se a Deus, talvez com maior religiosidade do que tu que há pouco rias dele. Podem ser, pois, próximos de nós ocultamente homens ainda fora da Igreja; e estar longe de nós, de modo escondido, membros da Igreja. Como, portanto, não conhecemos o futuro, tenhamos por nosso próximo a todos, não somente devido à condição humana mortal, que nos faz ter na terra igual sorte, mas ainda por causa da esperança da herança futura, porque não sabemos o que há de ser aquele que agora nada é.

3 Atenção, portanto, às demais circunstâncias que acompanham o revestir-se do novo homem e o despojar-se do velho. "Abandonando a mentira, falai a verdade cada um ao seu próximo, porque somos membros uns dos outros. Irai-vos, mas não pequeis". Se, pois, te irritas contra teu escravo que pecou, irrita-te contra ti mesmo para, por tua vez, não pecares. "Não se ponha o sol sobre a vossa ira" (ib 26). Na verdade, irmãos, refere-se o Apóstolo à duração da ira; porque, embora pela própria condição humana e pela fraqueza do que é mortal, que suportamos, a ira se introduza sorrateiramente no cristão, não deve perdurar, nem tornar-se inveterada. Expulsa-a do coração antes que se ponha a luz visível, a fim de que não te abandone a luz invisível. É possível entender ainda de outra forma esta passagem: Cristo, que é a Verdade, é nosso sol de justiça. Não me refiro a este sol, adorado por pagãos e maniqueus, visível até aos pecadores, mas àquele cuja verdade ilumina a natureza humana, e junto ao qual se regozijam os anjos. Quanto aos homens, porém, embora a fraqueza do olhar do coração pestaneje sob seus raios, por meio dos mandamentos, contudo, purifica-se para contemplá-lo. Quando este sol começar a habitar em ti pela fé, a ira que irrompe não prevaleça tanto que o sol se ponha enquanto dura a tua cólera, isto é, Cristo não abandone tua mente. Ele não quer coabitar com tua ira. Parece que é o sol que se põe, mas és tu que te apartas dele. A ira inveterada torna-se ódio; e transformada em ódio, já te tornas homicida. "Todo aquele que odeia o seu irmão é homicida" (1Jo 3,15), diz o apóstolo João. Não é de admirar fique nas trevas aquele para quem o sol se pôs.

4 Provavelmente refere-se a isto o que ouviste do evangelho: "a barca periclitava no lago; mas Jesus dormia" (cf Lc 8,23). De fato, navegamos numa espécie de lago e não faltam ventos e procelas. A nossa barca, por causa das tentações cotidianas deste mundo quase se enche de água. Donde provém isto, senão porque Jesus dorme? Se em ti Jesus não estivesse adormecido, não sofrerias tais tempestades, mas terias tranquilidade interior, uma vez que Jesus estaria de vigília contigo. O que significa: Jesus dorme? A tua fé relativamente a Jesus adormeceu. Surgem termpestades nesse lago, vês os maus prosperarem e os bons em trabalhos. Eis a tentação, as ondas. E tua alma diz: Ó Deus, tua justiça está em que os maus prosperem e os bons labutem? dizes a Deus: Esta é a tua justiça? E Deus te responde: E esta é a tua fé? Foi isto que te prometi? Tu te fizeste cristão para teres a felicidade neste mundo? Atormentas-te porque os maus, que depois hão de ser torturados com o diabo, aqui gozam de prosperidade? Mas, por que dizes isto? Por que te perturbas com as ondas e a tempestade do lago? Porque Jesus dorme,

isto é, a tua fé acerca de Jesus está entorpecida em teu coração. O que farás para te libertares? Acorda a Jesus e dize-lhe: "Mestre, estamos perecendo" (Lc 8,24). Os imprevistos do lago abalam: perecemos. Ele acordará, isto é, voltará a tua fé. Com o seu auxílio, ponderarás em teu espírito que os bens agora concedidos aos maus não permanecerão para sempre com eles: ou haverão de deixá-los durante a vida, ou serão deixados à hora da morte. Aquilo, porém, que te é prometido permanecerá eternamente. Os bens temporais que lhes são dados, logo serão arrebatados. Floresceram como a flor do feno. Toda carne é como feno; secou o feno, caiu a flor, mas a palavra do Senhor permanecerá eternamente (Is 40,6.8). Vira as costas ao que perece, e volta a face para o que permanece. Com Cristo acordado, aquela tempestade já não se abaterá sobre teu coração; as ondas não encherão a tua barca, porque tua fé domina os ventos e as ondas, e o perigo passará. A isto se refere, irmãos, o que ensina o Apóstolo acerca de despir o homem velho. "Irai-vos e não pequeis; não se ponha o sol sobre a vossa ira, nem deis lugar ao diabo". O velho homem dava-lhe acesso, o novo não dê. "O que furtava, não furte mais" (Ef 4,26-28). O velho homem roubava, não roube o novo. É o mesmo homem, um homem só. Era Adão, seja Cristo. Era velho, seja novo etc.

5 Examinemos mais atentamente o salmo. Todo aquele que vai se aperfeiçoando na Igreja há de suportar os maus. Mas, os maus não querem saber coisa alguma dos iguais a eles, pois embora muitos maus murmurem contra os outros maus, é mais fácil um homem sadio suportar dois doentes, do que dois doentes se suportarem mutuamente. Por isso, irmãos, declaramos o seguinte: a Igreja atual é uma eira. Já o dissemos inúmeras vezes, muitas vezes dizemos agora. Ela encerra em si palha de trigo. Ninguém procure separar toda a palha, a não ser o tempo de joeirar o trigo. Ninguém saia da eira antes disso, por não querer suportar os pecadores. Não aconteça que, estando fora da eira, as aves o devorem, em vez de ser recolhido no celeiro. Atenção, irmãos. Vou dizer como isto sucede. Os grãos que começam a ser triturados, no meio das palhas, não se tocam, nem se veem, porque a palha está misturada. E quem olhar a eira de longe, pensa que contém somente palha. Se não olhar mais atentamente, se não estender a mão, não soprar, isto é, se não limpar e separar soprando, dificilmente chegará a distinguir os grãos. Por conseguinte, também algumas vezes os grãos estão colocados de tal modo que, separados entre si, não se tocam. Cada um dos que caminham para a perfeição pensa que está sozinho. Este pensamento, irmãos, tentou a Elias, aquele grande homem (1Rs 19,10). Ele disse a Deus, conforme relembra também o Apóstolo: "Mataram teus profetas, arrasaram teus altares; só fiquei eu e querem tirar-me a vida. Mas o que lhes responde o oráculo divino? Reservei para mim sete mil homens, que não dobraram o joelho a Baal" (Rm 11,3 e 4). Não, disse Deus a Elias: Tens aí outros dois ou três semelhantes a ti. Mas disse: Não penses que estás sozinho. Há outros, são sete mil e te julgas sozinho! Exorto-vos, portanto, rapidamente, como disse no início. Vossa Santidade fraterna preste atenção, e a misericórdia de Deus esteja em vossos corações, para entenderdes tão bem que ela em vós frutifique e atue. Ouvi. Serei breve. Quem ainda for mau, não pense que ninguém mais é bom. Quem é bom, não julgue ser o único. Entendestes? Vou repetir. Vede o que digo: Quem é mau, se interroga sua consciência e

esta o acusa, não julgue que ninguém mais é bom; quem é bom, não pense ser o único, e não receie ficar no meio dos maus, porque virá o tempo da separação. Por esta razão cantamos hoje: “Não percas com os ímpios a minha alma, e com os sanguinários a minha vida”. Que significa: “Não percas com os ímpios?” Não nos arruínes juntos. Por que está receando perecer simultaneamente com eles? Vejo que se diz a Deus: Tu nos suportas igualmente. Mas, não leves simultaneamente à ruína aqueles que suportas de igual modo. Deste assunto trata todo o salmo, que desejo comentar rapidamente a vossa santidade, pois ele é curto.

6 [1]“Julga-me, Senhor”. Formula um voto molesto e quase perigoso: ser julgado. Que significa querer ser julgado? Quer ser discernido dos maus. Em outro salmo evidentemente fala do juízo que distingue: “Julga-me, Senhor, e distingue entre a minha causa e a de uma gente não santa” (Sl 42,1). O salmista aí mostra o que quis dizer com o pedido: “Julga-me”. Não suceda por falta de julgamento (agora bons e maus entram na Igreja) bons e maus hajam de ir para o fogo eterno. “Julga-me, Senhor”. Por quê? “Porque andei em minha inocência, e esperando no Senhor, não serei abalado”. O que quer dizer: “esperando no Senhor?” Quem não espera no Senhor, titubeia no meio dos maus. Daí derivam os cismas[1]. Estremeceram no meio dos maus, entretanto eram eles mesmos piores. Procediam como se não quisessem, sendo bons, estar entre os maus. Oh! se fossem trigo, tolerariam na eira a palha até o tempo da ventilação. Mas como eram palha, o vento soprou antes da própria ventilação e arrebatou a palha da eira, lançando-a entre os espinhos. A palha efetivamente, foi carregada dali; mas teria ficado somente trigo? É, de fato, somente a palha que voa antes da ventilação, mas o restante consta de trigo e palha. A palha toda será, na verdade, ventilada, no tempo de joeirar. Foi o que disse o salmista: “Andei em minha inocência, e esperando no Senhor não serei abalado”. Se depositar minha esperança num homem, possivelmente o verei uma ou outra vez procedendo mal, fora do caminho certo, que ele aprendeu ou ensinou na Igreja, e seguindo as veredas do diabo. E como a minha esperança repousa num homem, se ele vacila, vacila a minha esperança, e se ele cai, cai minha esperança. Mas, como efetivamente “espero no Senhor, não serei abalado”.

7 [2] Segue-se: “Prova-me, Senhor, e experimenta-me. Cauteriza meus rins e meu coração”. O que é: “Cauteriza meus rins e meu coração?” Queima meus deleites, queima os meus pensamentos. O salmista emprega o termo coração em lugar de pensamentos, e rins em vez de prazeres. Não pense em nada de mal, não me deleite em mal algum. Com o que hás de queimar-me os rins? Com o fogo de tua palavra. Como cauterizarás o meu coração? Com o calor de teu espírito. Deste calor fala outro salmo: “E ninguém se subtrai a seu calor” (Sl 18,7). E deste fogo diz o Senhor: “Eu vim trazer fogo à terra” (Lc 12,49).

8 [3] Continua: “Porque tua misericórdia está ante meus olhos e aprouve-me a tua verdade”, isto é, não pus minha complacência num homem,mas interiormente eu te agradei. Tu vês. Não tenho medo de desagradar naquilo que os homens veem, conforme

disse o Apóstolo: "Cada um examine sua própria conduta e então o de que se gloriar por si só e não por referência a outro" (Fl 6,4).

9 4.5 "Não me sentei na assembleia da vaidade". Note Vossa Santidade o que significa: "Não me sentei". Disse o salmista: Não me "sentei", conforme Deus vê. Às vezes não estás numa assembleia, e lá tens assento. Por exemplo, não te sentas no teatro, mas pensas em cenas teatrais, contra as quais foi dito: "Cauteriza meus rins". Estás sentado ali pelo coração, embora não estejas corporalmente presente. Pode acontecer que alguém ali te prenda, ou um dever de caridade te faça sentar-te ali. Como pode ser isto? Pode suceder que por dever de caridade tenha um servo de Deus de estar no anfiteatro. Queria libertar determinado gladiador, e pode ser que fique ali sentado e espere até que saia aquele que deseja libertar. Não se sentou na assembleia da vaidade, embora ali se visse sentado corporalmente. O que quer dizer sentar-se? Concordar com aqueles que lá estão sentados. Se, apesar de presente, não concordares, não te sentaste ali; se concordares, mesmo ausente, ali te sentaste. "E não entrarei com os que praticam a iniquidade[2]. Detestei a reunião dos malignos". Como vês, está dentro. Mas "não me sentarei com os ímpios".

10 6 "Lavarei entre os inocentes as minhas mãos", não com água visível. Lavas as mãos quando pensas em tuas obras, com piedade e inocência, diante dos olhos de Deus. Existe também um altar diante dos olhos de Deus. Até lá entrou o sacerdote, que por nós em primeiro lugar se ofereceu. É o altar celeste e não o toca senão quem lava a mão entre os inocentes. Pois, muitos indignos tocam este altar visível, e Deus tolera a profanação de seus sacramentos durante certo tempo. Mas acaso, meus irmãos, na Jerusalém celeste tudo será como dentro destas paredes? Não serás recebido na companhia dos maus no seio de Abraão como és acolhido com eles dentro destas paredes da igreja. Não temas, portanto; lava as mãos. "E circundarei o altar do Senhor". Ali ofereces votos aos Senhor, ali apresentas tuas preces, ali conservas pura a consciência e dizes a Deus o que és; e se em ti existir alguma coisa que desagrade a Deus, cura-te aquele ao qual te confessas. Lava, portanto, entre os inocentes as tuas mãos e acerca-te do altar do Senhor, onde ouvirás as vozes de louvor.

11 7 Prossegue o salmista: "Para ouvir as vozes de teu louvor e narrar todas as tuas maravilhas". Que significa: "Para ouvir as vozes de teu louvor?" Quero entender. Chama-se isto ouvir diante de Deus, e não como acontece com estes sons, que muitos ouvem e muitos não ouvem. Quantos são ouvintes nossos, mas diante de Deus são surdos! Quantos têm ouvidos, mas não aqueles mencionados por Jesus: "Quem tem ouvidos, ouça!" (Mt 13,9). O que é, então, ouvir as vozes do louvor? Explicarei quanto puder, com o auxílio da misericórdia de Deus e de vossas orações. Ouvir as vozes do louvor é entender interiormente que o mal em ti existente, por causa de teus pecados, é só teu; todo o bem proveniente da justificação vem de Deus. Ouve a voz do louvor de tal modo que não te louves quando és bom, porque se te louvas por seres bom, tornas-te mau. A humildade te havia feito bom, a soberba te fez mau. Tu te converteras para seres

iluminado, e por tua conversão te fizeste luminoso, esclarecido. Mas donde provém isto? Acaso de ti mesmo? Se pudesses iluminar-te a ti mesmo, jamais escurecerias, porque sempre estás contigo mesmo. Por que foste iluminado? Porque te mudaste em coisa diferente. Que coisa é esta que não eras? Deus é luz. Tu, pois, não eras luz, porque pecador. O Apóstolo diz àqueles aos quais inculca ouvirem vozes de louvor. "Outrora éreis trevas, mas agora sois luz" (Ef 5,8). O que quer dizer: "Outrora éreis trevas", a não ser velhos homens? "Mas agora sois luz". O único motivo de serdes luz, vós que éreis trevas, é o de terdes sido iluminados. Não penses que és luz por ti mesmo. É luz a que ilumina todo homem que vem a este mundo (Jo 1,89). Tu, porém, por ti mesmo, pela má vontade, pela aversão eras obscuro; agora brilhas. Mas para não se ensoberbecerem os que ouviram: "Agora sois luz", logo acrescentou: "no Senhor". Por conseguinte, fora do Senhor não há luz; se sois luz, sois luz no Senhor. Então, "o que é que possuis que não tenhas recebido? E se o recebeste, por que haverias de te ensoberbecer como se não o tivesses recebido?" Foi isso que o próprio Apóstolo disse em outra parte aos soberbos, desejosos de atribuir a si mesmos o que vem de Deus, e gloriar-se a respeito do bem como se fosse proveniente de si mesmos: "O que é que possuis que não tenhas recebido? E se o recebeste, por que haverias de te ensoberbecer como se não o tivesses recebido" (1Cor 4,7)? Quem deu ao humilde, tira do soberbo, porque o doador pode retirar, irmãos. Se é que consegui expor o que queria, se expliquei só à medida do possível e não quanto queria, é a isto que alude a palavra: "Lavarei as minhas mãos entre os inocentes e circundarei o teu altar, Senhor, para ouvir vozes de teu louvor", isto é, não presumirei do bem que em mim encontro, como derivado de mim mesmo e sim de ti que o deste. Não quero ser louvado, como se fosse oriundo de mim mesmo, mas como vindo de ti, em ti. Por isso, segue-se: "Para ouvir as vozes de teu louvor e narrar todas as tuas maravilhas"; não as minhas e sim as tuas.

12 [8.9] E agora vêde, irmãos, vêde aquele que ama a Deus e presume de Deus, no meio dos maus, rogando a Deus que não o deixe se perder com os maus, porque Deus não se engana no julgamente. Tu, porém, quando vês uns homens entrarem em determinado lugar, julgas que são iguais. Mas Deus não se engana. Não tenhas medo. Se o vento separa, distingues a palha do trigo. Queres que o vento sopre em teu favor. Não és vento, mas queres que o vento sopre para ti. E quando sacudires um e outro com a joeira, o vento carrega o que é leve e fica o pesado. Procuras, pois, o vento para fazer a separação na eira. Acaso Deus precisa de alguém como auxiliar no julgamento, para não condenar bons e maus? Não receies tal coisa. Tranquilamente pode ser bom, mesmo entre os maus. E repete o que ouves: "Senhor, amei a beleza de tua casa". A casa de Deus é a Igreja; ainda possui maus, todavia a beleza da casa de Deus acha-se nos bons, nos santos. "Amei" até "a beleza de tua casa. E o lugar onde reside a tua glória". O que quer dizer isto? Diria que o sentido é um pouco obscuro. Ajude-me o Senhor e o vosso coração atento, suscitado pelo mesmo Senhor. Porque disse o salmista: "o lugar onde reside a tua glória?" Primeiro disse: "a beleza de tua casa" e explica o que seja a beleza da casa de Deus, dizendo: "o lugar onde reside a tua glória". Não basta dizer: o lugar da

habitação de Deus, mas explicita: o lugar onde reside a tua glória. O que é a glória de Deus? A supramencionada: se alguém se torna bom, não se glorie em si mesmo, mas no Senhor. Pois, todos pecaram e necessitam da glória de Deus (cf Rm 3,23). Integram a beleza da casa de Deus aqueles nos quais o Senhor habita de tal sorte que Deus é glorificado por causa de seus bens. Além disso, não os atribuem a si mesmos, não os reivindicam como próprios. A Escritura quer distingui-los, porque há alguns que possuem os dons de Deus, mas não querem gloriar-se em Deus, e sim em si mesmos. Têm, na verdade, dons de Deus, mas não integram a beleza da casa de Deus. Os integrantes da glória da casa de Deus e nos quais a glória de Deus habita, constituem o lugar onde reside a glória de Deus. Onde habita a glória de Deus, senão nos que se gloriam, não em si, mas no Senhor? Por conseguinte, amei a beleza de tua casa, isto é, todos os que aí estão e procuram a tua glória. Ainda mais. Não presumi de um homem, e não entrei em acordo com os ímpios; não entrarei, nem me sentarei em suas reuniões. Uma vez que assim agi na Igreja de Deus, qual será minha retribuição? O salmista continua dizendo o que devemos responder: “Não arruínes com os ímpios a minha alma, nem a minha vida com os homens sanguinários”.

13 [10-12] “Cujas mãos estão carregadas de iniquidades, têm a direita cheia de dons”. Dons não são somente dinheiro, nem apenas ouro e prata, nem só presentes. Nem todos os que aceitam tais coisas, recebem dons. De vez em quando também a Igreja os recebe. Digo, Pedro recebeu, o Senhor recebeu. Tinha uma bolsa, donde Judas tirava o que lá se metia. Mas então, o que é receber dons? É louvar um homem para obter presentes, adulá-lo, acariciá-lo, julgar contra a verdade em vista de receber presentes. Que presentes? Não somente ouro, prata etc., mas também quem julga mal para ser louvado, recebe um presente e dos mais vãos. Ele abriu a mão para receber a sentença da língua do outro e perdeu o discernimento de sua consciência. “Cujas mãos estão carregadas de iniquidades, têm a direita cheia de dons”. Vêde, irmãos. Então diante de Deus aqueles em cujas mãos há iniquidade, nem sua direita está cheia de dons. Não podem senão dizer-lhes: “Não arruínes com os ímpios a minha alma, nem a minha vida com os homens sanguinários”, porque só Deus pode ver que eles não aceitam dons. Acontece, por exemplo, que dois homens têm uma causa a ser julgada por um servo de Deus. Cada qual acha justa a própria causa; pois se a considerasse injusta, não procuraria um juiz. Ambos consideram justa a sua causa. Apresentam-se ao juiz. Antes da sentença, dizem os dois: Aceitamos tua sentença; seja qual for; longe de nós rejeitá-la. E tu, o que dizes? Julga-me como quiser, contanto que julgue. Se eu recusar alguma coisa, seja condenado. Ambos estimam o juiz antes do julgamento. Mas quando proferir a sentença, será contrária a um deles. Nenhum sabe contra quem será. O juiz, pois, se quiser agradar aos dois, recebe o presente dos louvores humanos. Mas se aceita, vêde qual o dom que perde. Aceita o que soa e passa; perde o que é dito e jamais passa. A palavra de Deus é sempre proferida, nunca passa; a palavra humana, mal enunciada, já passou. O juiz agarra, pois, coisas vãs e larga as sólidas. Se, contudo, fixar os olhos em Deus, há de proferir a sentença contra uma das partes, levando em conta a Deus, sob cuja jurisdição

ele a emitiu. Aquele contra o qual foi proferida, e se não há mais recurso, porque firmada no direito — talvez não o eclesiástico, mas o dos príncipes deste século, que conferiram à Igreja tanto poder que seu juízo não pode ser revogado[3] — se, portanto, já não existe recurso, o que perdeu não olha mais para si mesmo, mas em sua cegueira ataca o juiz, difamando-o quanto pode. Declara que ele quis agradar a outra parte, favoreceu o rico, ou recebeu dele alguma dádiva, ou temeu ofendê-lo. Acusa-o de suborno. Se, contudo, for um pobre contra um rico, e o juiz decidir em favor do pobre, diz o rico: Recebeu presentes. Que presentes pode ter recebido de um pobre? Responde: Ele viu que o adversário era pobre, e para não o criticarem por ter sentenciado contra um pobre, infringe a justiça e profere sentença contra a verdade. Como necessariamente se comenta assim, vêde que os que não cometem suborno diante dos olhos de Deus, único a ver quem aceita ou não aceita dons, podem dizer apenas: "Eu, porém, caminhei em minha inocência. Resgata-me e tem piedade de mim. Meu pé se firmou no caminho reto". Fui realmente sacudido pelos escândalos e tentações de todos os lados, por parte daqueles que censuram o meu julgamento, com temeridade humana. Mas "meu pé se firmou no caminho reto". Por que "no caminho reto?" Porque havia afirmado acima: "E esperando no Senhor, não serei abalado".

14 Qual a conclusão? "Nas assembleias eu te bendirei, Senhor". Não me louvarei nas assembleias, como se estivesse seguro a respeito do apoio humano, mas te bendirei com minhas obras. Bendizer a Deus nas assembleias, irmãos, consiste em viver de tal modo que os costumes bendigam a Deus. Pois, quem bendiz ao Senhor com a língua e maldiz com as ações, não bendiz ao Senhor nas assembleias. Quase todos bendizem com a língua, mas nem todos com as ações. Uns bendizem com a boca, outros com os costumes. Aqueles cujos costumes estão em desacordo com o que falam, fazem com que Deus seja blasfemado, porque os que ainda não entraram na Igreja, embora apegados a seus pecados (e por isso recusam fazerem-se cristãos), no entanto, se escusam com os maus, lisojeando-se e enganando-se a si mesmos com as palavras: Por que tentas persuadir-me a me tornar cristão? suportei uma fraude de um cristão, e nunca a cometi; um cristão jurou-me falso; eu jamais. Dizendo isto, põe obstáculo à própria salvação, de sorte que não lhes aproveita, não digo o fato de já serem bons, mas de serem mais ou menos maus. Como de nada serve para quem está nas trevas abrir os olhos, assim de nada serve estar à luz, se os olhos estão fechados. Igualmente um pagão, de fato (falamos antes dos que vimos viverem relativamente bem), com os olhos abertos está na escuridão, porque não reconhece o Senhor, sua luz. Todavia o cristão, apesar de viver mal, acha-se exclusivamente à luz de Deus, mas de olhos fechados. Vivendo mal não quer ver aquele, em cujo nome se acha posto à luz, mas sendo cego, não possui a visão da verdadeira luz.

1 Contra os donatistas

2 Observam os Maurinos: Não é alusão ao que aconteceu, talvez pouco tempo depois, na reunião de Cartago, onde os donatistas não quiseram sentar-se com os católicos, dizendo que este salmo proíbe estar sentado no meio dos ímpios. Foi-lhes respondido que eles tendo entrado com os católicos, pecaram segundo o versículo 8: Não

entrarei com os que praticam a iniquidade. Ficou demonstrado que o salmo trata do ingresso e assento espiritual, não do corporal. Veja o livro aos donatistas depois do Congress., c.5. (CSEL 53. pg. 104ss).

3 Cf. Cod. Theodos., XVI, tit. *episcopali*

SALMO 26

I. COMENTÁRIO

1 [1] "Salmo a Davi, antes da unção". Dirige-se o sal-mista ao recruta de Cristo, que se acerca da fé. "O Senhor é minha luz e minha salvação. A quem temerei?" O Senhor me dará o conhecimento de si e a salvação, quem me arrebatará de perto dele? "O Senhor é o protetor de minha vida, de quem tremerei?" O Senhor repele todos os ataques e ciladas de meu inimigo. De ninguém terei medo.

2 [2] "Ao investirem contra mim os malvados, para devorar-me as carnes". Ao se aproximarem de mim os maus, com o fito de me conhecer e insultar, preferindo-se a si mesmos, enquanto procuro tornar-me melhor, não me devorem com dentes maldizentes, mas antes a meus desejos carnais, "Esses inimigos que me atormentam". Não apenas os que me afligem, censurando-me de modo amigável e tentando afastar-me de meu propósito, mas também os meus inimigos. "Eles vacilaram e caíram". Enquanto assim agem, empenhando-se em defender sua própria opinião, tornaram-se incapazes de acreditar em coisas melhores e começaram a odiar a palavra da salvação, por cujo amor faço o que não lhes apraz.

3 [3] "Acampem contra mim exércitos, não temerá meu coração". Se multidões de contraditores se levantarem contra mim, meu coração não temerá sua conspiração, não passarei para seu lado. "Se o combate irromper contra mim, ainda assim esperarei". Se surgir contra mim a perseguição deste mundo, porei minha esperança no pedido que vou formular.

4 [4] "Uma coisa pedi ao Senhor, e a procurarei". Apresentei ao Senhor um só pedido e isto procurarei: "Habitar na casa do Senhor todos os dias de minha vida". Enquanto perdurar esta vida, adversidade alguma me exclua do número dos que mantêm a unidade e a verdade da fé no Senhor, por todo o orbe da terra. "Para contemplar as delícias do Senhor". Tenho em mira, perseverando na fé, que se me apresente a amável face do Senhor, a fim de que eu a contemple face a face. "E ele me proteja como a seu templo". E absorvida a morte pela vitória, veja-me revestido da imortalidade, enquanto seu templo.

5 [5] "Porque ele me ocultou em seu tabernáculo no dia de meus males". Fui incluído na oculta economia do Verbo encarnado, durante as provas inerentes à vida mortal. "Protegeu-me no esconderijo de sua tenda". Protegeu-me a mim que acreditei de coração para obter a justiça (Rm 10,10).

6 [6] "Elevou-me num rochedo", visando manifestar que minha fé me obteve a salvação.

Destacou sobre sua firmeza a minha confissão. “E agora ergue-me a cabeça acima de meus inimigos”. O que o Senhor há de me reservar para o fim, se já agora, estando morto o corpo pelo pecado (Rm 8,10), sinto que minha mente serve a lei de Deus, e não é arrastada ao cativeiro, como rebelde, sob a lei do pecado (ib 7,22, etc)? “Andei ao redor e imolei em seu tabernáculo uma vítima de júbilo”. Considerei o orbe que crê em Cristo. Louvei a Deus, cheio de alegria por se ter ele humilhado temporariamente em meu favor. Tal é a vítima que lhe apraz. “Entoarei cantos e salmos ao Senhor”. Alegrar-me-ei cordial e ativamente no Senhor.

7 [7] “Escuta, Senhor, a voz de meus clamores”. Ouve, Senhor, a intensa e forte voz interior que fiz chegar a teus ouvidos. “Tem piedade de mim e ouve-me”. Tem piedade de mim, e atende a esta voz.

8 [8] “Meu coração te disse: Procurei a tua face”. Não agi ostensivamente diante dos homens; mas ocultamente, onde apenas tu ouves, disse o meu coração: Não esperei de ti prêmio algum fora de ti, mas busquei o teu rosto. “Senhor, procurarei a tua face”. Insistirei com perseverança nesta busca. Não estou atrás de coisa insignificante, mas de tua face, Senhor, tendo em mira amar-te gratuitamente, porque nada posso encontrar de mais precioso.

9 [9] “Não desvies de mim a tua face”. Encontre o que procuro. “Nem rejeites, irado, o teu servo”. Não ache coisa diversa do que procuro. Poderia haver castigo pior para quem ama e busca a verdade de teu rosto? “Sê o meu auxílio”. Quando encontrarei esta verdade se não me ajudas? “Não me desampares, nem me desprezes, ó Deus, meu Salvador”. Não menosprezes que ouse um mortal buscar o que é eterno, pois tu, ó Deus, curas a ferida causada por meu pecado.

10 [10] “Pois meu pai e minha mãe me abandonaram”. O reino deste mundo e a cidade terrena, onde nasci no tempo e como ser mortal, abandonaram-me porque eu te procurava, desprezando suas promessas. Não podiam o que queria. “O Senhor, porém, acolheu-me”. O Senhor, que pode dar-me a si mesmo, acolheu-me.

11 [11] “Estabelece-me uma lei, Senhor, em teu caminho”. Estabelece-me, Senhor, uma lei em teu caminho, porque me sinto atraído por ti e parti do temor para chegar, através de conhecimento tão grande, à sabedoria. Não erre, abandonando teus ensinamentos. “Guia-me por causa de meus inimigos, por um caminho reto”. Dirigi-me em linha reta nas estreitezas do caminho, pois não basta começar, visto que os inimigos até o fim não descançam.

12 [12] “Não me entregues à animosidade dos que me afligem”. Não permitas que os que me infligem se saciem de meus males. “Pois insurgiram contra mim testemunhas perversas”. Insurgiram contra mim, levantando falso testemunho, para afastar-me, apartar-me de ti, como se eu almejasse glória humana. “E a iniquidade mentiu a si mesma”. A iniquidade, portanto, deleitou-se em sua mentira. Entretanto, não me abalou a

mim, que tenho a promessa de maior recompensa nos céus.

13 [13] “Creio que verei os bens do Senhor, na terra dos vivos”. Em primeiro lugar, foi o meu Senhor que sofreu tudo isso. Se eu também desprezar as línguas dos que morrem (“A boca mentirosa mata a alma” — Sb 1,14), “creio que hei de ver os bens do Senhor, na terra dos vivos”, onde não há lugar para a falsidade.

14 [14] “Espera no Senhor, age virilmente, conforte-se teu coração, e espera no Senhor”. Mas quando isto acontecerá? É árduo para o mortal, tardio para o amante. Mas ouve a palavra que não é falaz: “Espera no Senhor”. Suporta virilmente a cauterização dos rins, e fortemente a cauterização do coração. Não consideres negado o que ainda não recebeste. Não desfaleças por falta de esperança. Vê que foi dito: “Espera no Senhor”.

II. SERMÃO AO POVO

1 O Senhor nosso Deus fala-nos e consola-nos, vendo-nos, por justo juízo, comer o pão com o suor do rosto (Gn 3,19). Digna-se falar em nosso lugar e a nós, para demonstrar que não é apenas nosso Criador, mas que também em nós habita. Se dissermos não serem nossas as palavras do salmo que ouvimos e em parte cantamos, é verdade até certo ponto; são mais palavras do Espírito de Deus do que nossas. Ao contrário, se dissermos que não são nossas, mentimos. Aliás, os gemidos são peculiares aos atribulados; ou talvez as palavras que soaram aqui, doloridas e lacrimosas, sejam do Senhor que nunca pode ser infeliz. O Senhor é misericordioso e nós, míseros. Misericordioso, dignou-se falar aos infelizes e também empregar, em lugar dos mesmos infelizes, a palavra deles. Deste modo, uma e outra coisa é verdadeira: é nossa palavra e não é nossa; é palavra do Espírito de Deus e não é dele. É palavra do Espírito de Deus, porque sem que ele inspire, nós não a diríamos. Não é dele, porque não é infeliz, nem atribulado. Mas, estas palavras são de míseros e aflitos. Ao invés, são nossas, porque indicadoras de nossa miséria; e não são nossas porque até mesmo se gememos é devido a uma dádiva sua.

2 [1] “Salmo de Davi, antes da unção”. O Salmo se intitula: “Salmo de Davi antes da unção”, antes de ter sido ungido. Pois ele foi ungido como rei (1Sm 16,13). Naquela época somente se ungiram os reis e os sacerdotes. Estas duas espécies de pessoas eram ungidas. Nelas se prefigurava o único rei e sacerdote que viria, o único ungido dotado de ambos os múnus. Cristo, portanto, vem de crisma, unção. Não foi apenas a Cabeça que foi ungida, mas também nós, seu corpo. Ele é rei, que nos governa e conduz, e sacerdote, que intercede por nós (Rm 8,34). E realmente só ele é sacerdote e sacrifício simultaneamente. Ofereceu a Deus, em sacrifício, nada menos do que a si próprio. Não se encontraria fora dele uma vítima racional puríssima, que nos redimisse, qual cordeiro imaculado, derramando o próprio sangue, e incorporando-nos a si como membros, de sorte que nele também nós fôssemos ungidos. A unção, portanto, atinge a todos os

cristãos. Nos tempos anteriores, no Antigo Testamento, cabia somente a duas espécies de pessoas. Daí se vê que somos o corpo de Cristo, porque todos somos ungidos. E todos nele somos de Cristo e somos Cristo, porque de certo modo o Cristo total é Cabeça e corpo. Tal unção nos dará a perfeição espiritual, na vida que nos é prometida. Esta voz é peculiar aos que anelam por aquela vida; voz dos que desejam a graça de Deus, que em nós atingirá a perfeição, no fim. Por esta razão foi dito: "antes da unção". Somos ungidos agora no sacramento, e este prefigura algo que haveremos de ser. Devemos desejar este bem (não sei qual) futuro, inefável e gemer ao recebermos o sacramento, a fim de nos alegrarmos um dia com a realidade, prenunciada no sacramento.

3 Eis o que diz o salmista: "O Senhor é minha luz e minha salvação. A quem temerei?" Ele me ilumina; dissipem-se as trevas. Ele me cura; ceda a enfermidade. Firme, andando na luz, a quem temerei? Deus não concede uma salvação extorquível; nem é luz que possa ser ofuscada. O Senhor ilumina. Somos iluminados. O Senhor salva. Somos salvos. Fora dele somos trevas e fraqueza. A quem temeremos, tendo nele uma esperança certa, fixa, verdadeira? O Senhor é tua luz, o Senhor é tua salvação. Encontra outro mais poderoso, e então fica com medo. Pertenço ao mais poderoso, ao onipotente, e ele me ilumina e salva. Não tenho medo de ninguém, a não ser dele. "O Senhor é o protetor de minha vida, de quem tremerei?"

4 [2] "Ao investirem contra mim os malvados, para devorar-me as carnes, esses inimigos que me atormentam, vacilaram e caíram". Por conseguinte, o que temerei, ou a quem? De quem tremerei, ou de quê? Meus perseguidores vacilam e caem. Para que perseguem? "Para devorar-me as carnes". O que são as minhas carnes? Os meus afetos carnais. Enfureçam-se perseguindo; morre em mim apenas o que é mortal. Há em mim uma região aonde o perseguidor não pode chegar. É onde habita o meu Deus. Devoram-me as carnes. Consumidas estas, fica o espírito, o espiritual. E realmente, meu Senhor promete-me salvação tão grande que mesmo a carne mortal, que ele parece permitir caia nas mãos dos perseguidores, não perecerá eternamente. Mas esperam todos os mebros o que foi mostrado na Cabeça, após a ressurreição. A quem temerá minha alma, onde Deus habita? A quem temerá minha carne, quando o que for mortal tiver revestido a incorrupção? Queres saber por que os perseguidores consomem-nos a carne, e nem assim ela deve temer? "Semeado o corpo animal, ressuscita corpo espiritual" (1Cor 15,44). Como há de ser grande a confiança daquele que soube dizer: "O Senhor é minha luz e minha salvação; a quem temerei? O Senhor é o protetor de minha vida, de quem tremerei?" O imperador, protegido por escudeiros, não teme; mortal, escoltado por mortais, sente-se seguro. Um mortal protegido pelo imortal temerá, tremerá?

5 [3] Ouvi como não há de ser grande a confiança de quem pronuncia as seguintes palavras: "Acampem contra mim exércitos, não temerá meu coração". Os acampamentos são fortificados, mas quem mais forte do que Deus? "Se o combate irromper contra mim". Quem me guerreará? Pode tirar-me a esperança? Pode tirar-me o que dá o Onipotente? O doador é invencível, o dom não pode ser arrebatado. Se o dom pode ser

arrebatado, o doador foi vencido. Até mesmo as dádivas temporais, meus irmãos, apenas podem ser tiradas por quem as deu. Ele não retira os dons espirituais se tu não os abandonares. Tira, contudo, os bens materiais, temporais. Seja quem for que os tira, tira-os se ele lhe der possibilidade para tal. Sabemo-lo, e lemos no livro de Jó. Nem o diabo, que parecia ter o máximo poder por algum tempo, pode coisa alguma sem permissão (Jó 1). Recebeu poder sobre coisas ínfimas e perdeu as máximas e supremas. Isto não é poder de alguém irado, e sim pena de um condenado. Nem ele, portanto, tem poder algum, sem permissão. Assim consta do livro referido acima; igualmente no evangelho diz o Senhor: "Nesta noite, eis que Satanás pediu para vos peneirar como trigo; eu, porém, orei por ti, Pedro, a fim de que tua fé não desfaleça" (Lc 22,31). Deus permite, pois, para nosso castigo ou para provação. Por isso, como ninguém nos pode roubar aquilo que Deus dá, temamos somente a Deus. Seja como for que alguém contra nós se irritar ou se orgulhar, não receie o nosso coração.

6 [4] "Se o combate irromper contra mim, ainda assim esperarei". Em quê? "Uma só coisa", diz o salmista, "pedi ao Senhor". Empregou um termo no feminino, referindo-se a certo benefício. Como se dissesse: uma só petição costumamos falar, por exemplo: aqui tens duas. Não dizemos: dois. A Escritura empregou esta maneira de se expressar: "Uma só coisa pedi ao Senhor e a procurarei". Vejamos o que pede quem nada teme. Grande segurança de coração! Quereis de nada ter medo? Pedi esta única coisa, única pedida por quem nada teme, ou que pede para não temer. "Uma só coisa pedi ao Senhor e a procurarei". Assim agem aqueles que caminham bem. O que significa isto? Qual é esta única coisa? "Habitar na casa do Senhor todos os dias de minha vida". Eis a única coisa. Chama-se casa o lugar onde permaneceremos para sempre. Em nossa peregrinação terrestre fala-se de casa, mas propriamente devia se denominar tenda. A tenda é peculiar aos peregrinos, aos que de certa maneira combatem, aos que lutam contra o inimigo. Se, portanto, nesta vida há tenda, manifesta-se a existência também do inimigo. Os que moram na mesma tenda chamam-se camaradas ("contubernales"). Sabeis que é este o nome dos militantes. Na terra, portanto, há tendas; lá existe uma casa. Algumas vezes, abusivamente, chama-se também de casa a esta tenda, devido a certa semelhança. E à casa, por vezes, do mesmo modo, se dá o nome de tenda. Propriamente, no entanto, lá teremos uma casa, aqui temos uma tenda.

7 Evidentemente exprime outro salmo o que faremos naquela casa: "Felizes os que habitam em tua casa. Louvar-te-ão pelos séculos dos séculos" (Sl 83,5). Com este ardente desejo (se assim podemos dizer) e inflamado deste amor, deseja habitar todos os dias da vida na casa do Senhor. Na casa do Senhor, todos os dias de sua vida, não finitos, mas eternos. Fala-se aqui de dias, como em outra parte de anos: "E teus anos não terminarão" (Sl 101,28). Pois os dias da vida eterna constituem um só dia sem ocaso. O salmista, portanto, disse ao Senhor: Isto desejei, uma só coisa pedi e procurarei. Sentimos o desejo de lhe peguntar: E o que farás ali? Qual será o teu deleite? Qual o recreio do coração? Quais delícias, lá onde as alegrias não faltam? Não permanecerias ali se não fosses feliz. De onde procede tal felicidade? Há na terra diversas espécies de

felicidade para o gênero humano. Chama-se de infeliz aquele a quem se subtrai o objeto de seu amor. Mas, os homens amam coisas que diferem entre si. E quando alguém parece ter o que ama, chama-se feliz. Na verdade, porém, não é feliz apenas se tiver o que ama, mas se amar o que deve ser amado. Muitos, de fato, são mais infelizes tendo o que amam do que não o possuindo. Pois, os infelizes que amam coisas prejudiciais tornam-se mais infelizes ao possuí-las. Deus nos é propício quando nos nega o mal que amamos. Está irado, ao invés, quando dá ao que ama o objeto perverso de seu amor. A palavra do Apóstolo o evidencia: "Deus os entregou à concupiscência de seu coração" (Rm 1,24). Deu-lhes, portanto, o que amavam, mas condenando. Vê-se ao contrário um pedido rejeitado: "A esse respeito, três vezes pedi ao Senhor que o afastasse de mim" (o aguilhão da carne), diz S. Paulo. Respondeu-me, porém: "Basta-te a minha graça, pois é na fraqueza que a força se manifesta com todo o seu poder" (2Cor 12,8.9). Eis como entregou os primeiros à concupiscência de seu coração. Ao apóstolo Paulo negou o que suplicou. Deu a uns para condenação; ao outro recusou a cura. Se amamos o que Deus quer que amemos, sem dúvida alguma ele nô-lo dará. Eis a única coisa que devemos amar: habitar na casa do Senhor por todos os dias de nossa vida.

8 Uma vez que nestas habitações terrenas, os homens se entregam a diversas delícias e prazeres, e cada qual deseja habitar numa casa onde nada incomode ao espírito e existam muitos deleites, e, porém, foram subtraídas as coisas agradáveis, ele procura mudar-se para qualquer outro lugar, indaguemos com certa curiosidade do salmista o que faremos nós e o que fará ele naquela casa, onde ambiciona, prefere, deseja habitar todas os dias de sua vida, sendo esta a única coisa que pede ao Senhor. Por favor, diga-me o que farás? O que é que desejas? Escuta: "Para contemplar as delícias do Senhor". É o que amo. Por isto anelo por habitar na casa do Senhor todos os dias de minha vida. Realiza-se ali um grande espetáculo: a contemplação das delícias do próprio Senhor. Quer ver terminada a sua noite, para aderir à luz do Senhor. Então, será a nossa manhã. A noite passou. Por esta razão, em outro lugar, diz um salmo: "Desde a manhã estarei de pé diante de ti e verei" (Sl 5,5). Agora não contemplo, porque caí; então estarei de pé e contemplarei. É uma voz humana. Caiu o homem, e o Senhor não teria enviado alguém para nos reerguer, se não tivéssemos caído. Nós caímos. Ele desceu. Ele subiu, somos erguidos; porque "ninguém subiu a não ser o que desceu" (Jo 3,13). É reerguido aquele que ruiu, quem desceu, subiu. Não desesperemos, porque ele subiu sozinho. Ergue-nos a nós, caídos, por quem ele desceu. E estaremos de pé, contemplaremos e gozaremos de grande deleite. Tenho dito. E clamaste, aplaudindo, desejando uma beleza nunca vista. Ultrapasse o vosso coração tudo o que é habitual, o intelecto avance para além de todas as cogitações comuns à carne, apreendidas pelos sentidos, imaginados pela fantasia. Rejeitai tudo isso da mente, negai tudo que vos ocorrer. Reconhecei a fraqueza de vosso coração e se ocorrer o que podeis cogitar, dizei: Não é isto; se fosse isso, não me ocorreria. Assim, haveis de desejar algum bem. Qual? O bem de tudo o que e bom, donde todo bem se origina, bem ao qual não se acrescenta sujeito. Pode-se dizer: bom homem, bom campo, boa casa, bom animal, boa árvore, bom corpo e boa alma. De cada vez acrescentaste a palavra: bom. Existe um bem simples, o próprio bem, através do qual

todas as coisas se tornam boas. O próprio bem do qual provém o que torna boas todas as coisas. Este é o deleite do Senhor, que contemplaremos. Vêde, irmãos. Se já nos aprazem estes bens que chamamos bons, se nos agradam os bens que não o são por si mesmos (todas as coisas mutáveis não são boas em si mesmas), qual não será a contemplação do bem imutável, eterno, permanente, sempre igual? Por vezes, esses coisas que se dizem boas, de modo nenhum nos agradariam se não fossem boas, e de maneira alguma seriam boas, senão por intermédio daquele que é bom, simplesmente.

9 Eis a razão por que desejo habitar na casa do Senhor todos os dias de minha vida, diz o salmista. Disse-vos qual o motivo. "Para contemplar as delícias do Senhor". Mas, o que me fará o Senhor para que possa contemplar sempre, nada me moleste durante esta contemplação, nenhuma sugestão me distraia, poder algum me retire, não suporte qualquer inimigo enquanto contemplo, e seguro gozo das delícias do próprio Senhor meu Deus? Ele me protegerá. Não quero só contemplar as delícias do Senhor, mas também ser "protegido como seu templo." Proteja-me como a seu templo; serei seu templo, e serei protegido por ele. Acaso o templo de Deus é semelhante aos dos ídolos? Os ídolos dos pagãos abrigam-se nos templos. O Senhor nosso Deus proteja seu templo, e estarei seguro. Contemplarei para fruir, serei protegido para minha salvação. À medida que a contemplação for perfeita, perfeita será a proteção; e tão perfeita será a alegria de contemplar quanto a incolumidade. Às duas afirmações: "contemplar as delícias do Senhor e ser protegido qual templo seu," correspondem as duas iniciais do salmo: "O Senhor é minha luz e minha salvação. A quem temerei?" Como hei de contemplar as delícias do Senhor, ele é a minha luz; e como serei protegido, qual templo seu, ele é a minha salvação.

10 [5] Qual a razão por que teremos isto no fim? "Porque ele me ocultou em seu tabernáculo no dia de meus males". Habitarei na casa todos os dias de minha vida, para contemplar as delícias do Senhor e ser protegido como seu templo. Qual a base para prometer-me a mim mesmo chegar a este ponto? "Porque ele me ocultou em seu tabernáculo nos dias de meus males". Então, não haverá mais dias de meus males, porque ele me viu nos dias de meus males. Quem me olhou misericordiosamente quando estava distante, como não me fará feliz junto dele? Por isso, não foi imprudência pedir uma única coisa: nem me disse o meu coração: Por que pedes, ou: A quem suplicas? Ousas rogar a Deus, pecador iníquo? Ousas esperar certa contemplação de Deus, sendo fraco e de coração imundo? Ele responde: Ouso. Não por minha própria causa, mas devido às suas delícias; não por presunção minha, porém, apoiado em seu penhor. Quem ao peregrino já concedeu tal penhor, abandonará ao que chegou ao termo? "Porque ele me ocultou em seu tabernáculo, no dia de meus males". Os dias de nossos males são os desta vida. Divergem os dias maus dos ímpios e os dos fiéis. Pois, se também os fiéis, ainda peregrinos longe do Senhor "enquanto habitamos neste corpo, estamos fora de nossa mansão, longe do Senhor" (2Cor 5,6), disse o Apóstolo, não passam por dias maus, se não temos dias maus, qual o motivo da petição da oração dominical: "Livra-nos do mal" (Mt 3,16)? Mas são bem diferentes os dias maus daqueles que ainda não

acreditaram. Entretanto, nem a estes Cristo desprezou, tendo morrido pelos ímpios (Rm 5,6). Ouse, portanto, presumir a alma humana, e pedir aquela coisa única: ela a terá seguramente, com garantias a possuirá. Se é tão amada a alma manchada, como não fulgirá bela? "Porque ele me ocultou em seu tabernáculo no dia de meus males. Protegeu-me no esconderijo de seu tabernáculo". Que sentido tem: "esconderijo de seu tabernáculo?" O que é? Do lado de fora do tabernáculo veem-se muitos compartimentos. Mas existe também recinto recôndito, o ádito, no interior do templo. E qual é? O recinto onde só o sacerdote entrava. Talvez seja o próprio sacerdote o que há de mais oculto no tabernáculo de Deus. Pois recebeu deste tabernáculo a carne e tornou-se para nós o recôndito do tabernáculo. Seu tabernáculo seria constituído dos outros fiéis, seus membros, enquanto recôndito seria ele mesmo. "Pois morrestes", diz o Apóstolo, "e vossa vida está escondida com Cristo em Deus" (Sl 3,3).

11 [6] Queres saber por que assim se exprime? "A rocha era Cristo" (1Cor 10,4). Ouvi como continua: "Porque ele me ocultou em seu tabernáculo no dia de meus males. Protegeu-me no esconderijo de seu tabernáculo". Procuravas saber o significado de esconderijo do tabernáculo. Escuta como prossegue: "Elevou-me num rochedo". Portanto, exaltou-me em Cristo. Porque te humilhaste até o chão, eu te exaltei sobre a pedra. Mas Cristo está no alto, tu, porém, embaixo. Ouve a sequência: "E agora ergue-me a cabeça acima de meus inimigos. E agora", antes de chegar à casa onde quero habitar todos os dias de minha vida, antes de alcançar a contemplação do Senhor, "agora ergueu-me a cabeça acima de meus inimigos". Ainda suporto os inimigos do corpo de Cristo, ainda não estou exaltado acima de meus inimigos; mas ele "ergueu-me a cabeça acima de meus inimigos"; "nossa Cabeça, Cristo, já está nos céus. Por enquanto ainda nossos inimigos podem enfurecer-se contra nós, porque ainda não estamos exaltados acima deles; mas nossa Cabeça já está no céu. Foi lá que disse: "Saulo, Saulo, por que me persegues" (At 9,4)? Declarou estar em nós, aqui embaixo; portanto, também nós nele estamos lá em cima. Assim também "agora ergueu-me a cabeça acima de meus inimigos". Eis nosso penhor. Daí deriva que nós pela fé, esperança e caridade estamos com nossa Cabeça no céu eternamente, uma vez que também ele pela divindade, bondade e unidade está conosco na terra até a consumação dos séculos (Mt 28,20).

12 "Andei ao redor e imolei em seu tabernáculo uma vítima de júbilo". Imolamos uma vítima de júbilo, imolamos uma vítima de alegria, vítima de agradecimento, de ação de graças, vítima inefável. Mas onde? Em seu próprio tabernáculo, na santa Igreja O que imolamos? Uma alegria superabundante e inenarrável, sem palavras, com sons inefáveis. Isto é que é vítima de júbilo. Como foi procurada, onde foi encontrada? Andando ao redor. Diz o salmista: "Andei ao redor, e imolei em seu tabernáculo uma vítima de júbilo". Tua alma percorra toda a criação. Em toda parte te clamarão as criaturas: Deus me fez. É uma recomendação para o artista tudo o que deleita em sua arte. Quanto mais percorreres o universo, refletirás, conceberás o louvor do artífice. Vês os céus, grandiosa obra de Deus. Vês a terra. Deus fez as numerosas sementes, as variedades dos gérmens, a multidão dos animais. Vai ainda dos céus à terra. Nada omitas. Em toda a parte se fala

do Criador. A própria beleza das criaturas são vozes a louvar o Criador. Quem, porém, descreverá toda a criação? Quem enumerará seus louvores? Quem dignamente exaltará o céu e a terra, o mar e tudo o que eles contêm? No entanto, trata-se apenas de coisas visíveis. Quem louvará de maneira condigna os anjos, os tronos, as dominações, os principados, as potestades? Quem encarecerá devidamente nosso vigor, que desenvolve o corpo, move os membros, estimula os sentidos, faz a memória abranger tantos fatos, e discernir tantas questões o intelecto? Quem o apreciará adequadamente? Aliás, se estas criaturas de Deus dão tanto trabalho para se chegar a uma expressão humana, que sucederá ao se tratar do Criador, a não ser faltarem as palavras e só restar o júbilo? "Andei ao redor e imolei em seu tabernáculo uma vítima de júbilo".

13 Há outro sentido, a meu ver, de acordo com o contexto do salmo. O salmista dissera que fora erguido sobre um rochedo, isto é, Cristo; e fora exaltada acima de seus inimigos a sua Cabeça, a saber, Cristo; também aquele que foi exaltado sobre o rochedo, quis dar a entender que unido à Cabeça, foi exaltado acima de seus inimigos, referindo-o à honra da Igreja, diante da qual cessou a perseguição dos inimigos. Como isto se realizou através de toda a terra, diz o salmista: "Andei ao redor e imolei em seu tabernáculo uma vítima de júbilo", isto é, considerei a fé de toda a terra, que me ergueu a cabeça acima dos perseguidores; e no seu próprio tabernáculo, isto é, na Igreja difundida por todo o orbe, inefavelmente louvei ao Senhor.

14 [7] "Cantarei e salmodiarei ao Senhor". Estaremos seguros, seguros cantaremos, seguros salmodiaremos, ao contemplarmos as delícias do Senhor e formos protegidos como seu templo, no estado de incorrupção, quando a morte tiver sido absorvida pela vitória (1Cor 15,54). E agora? Já estão anunciadas as alegrias que teremos, ao recebermos a única coisa que pedimos. E agora? "Escuta, Senhor, a voz de meus clamores". Agora gemamos, rezemos. O gemido é peculiar aos infelizes, a oração aos necessitados. Terminará a oração, suceder-lhe-á o louvor. Passará o choro, virá a alegria. Neste ínterim, enquanto decorrem os dias de nossos males, não cesse nossa oração a Deus, suplicando aquela única coisa; não desistamos desta petição, até que, por meio de sua conduta e de sua graça, a alcancemos. "Escuta, Senhor, a voz de meus clamores. Tem piedade de mim e ouve-me". Pede uma só coisa, longamente rogando, chorando, gemendo. Nada mais pede. Terminaram os desejos. Ficou somente o objeto daquela petição.

15 [8] Ouve por que razão a pede: "Meu coração te disse: Procurei a tua face". É idêntico ao que se disse pouco acima: "Para contemplar as delícias do Senhor. Meu coração te disse: Procurei a tua face". Se nossa alegria dependesse do sol, nosso coração não diria: "Procurei a tua face", mas diriam nossos olhos corporais. A quem fala nosso coração: "Procurei a tua face", senão objeto do olhar do coração? Os olhos carnais voltam-se para a luz visível, os do coração procuram aquela outra luz. Queres ver a luz atingida pelos olhos do coração? Deus é esta luz. "Deus é luz", diz João, "e nele não há treva alguma" (1Jo 1,5). Queres, então, ver aquela luz? Purifica os olhos que podem vê-la: "Bem-

aventurados os puros de coração porque verão a Deus” (Mt 5,8).

16 [9] “Meu coração te disse: Procurei a tua face. Tua face, Senhor, procurarei. Uma só coisa pedi ao Senhor e a buscarei: a tua face. Não desvies de mim a tua face”. Como se firmou nesta única petição! Queres obter? Não peças outra coisa. Uma só basta, porque uma só te bastará. “Meu coração te disse: Procurei tua face. Tua face, Senhor, procurarei. Não desvies de mim a tua face. Nem rejeites, irado, o teu servo”. É magnífico! Nada se pode dizer de maior. Percebem-no os que amam, de verdade. Talvez alguém queira ser feliz e imortal, no meio do que ama, nos prazeres e desejos terrenos. É provável que cultue a Deus e reze, pedindo que viva longamente aqui, entre seus prazeres, e não perca coisa alguma das ambicionadas na terra: nem ouro, nem prata, nem propriedade alguma que encante os olhos, nem morram os amigos, os filhos, a esposa, os clientes. Gostaria de viver para sempre no meio de tais delícias. Mas, como não o pode para sempre, pois sabe que é mortal, talvez cultue a Deus, reze a Deus, suspire diante de Deus, para obter tudo isso, fartamente, até a velhice. E se Deus lhe dissesse: Faço-te imortal, no meio dessas coisas, recebê-lo-ia como grande bem, não caberia em si de contente, felicitando-se com excessiva alegria. Quer outra coisa quem pedia ao Senhor uma só. Mas, o que quer ele? Contemplar as delícias do Senhor por todos os dias de sua vida. Outro, que deste modo e por causa disto adorasse a Deus, tendo aqueles bens temporais, só temeria a ira de Deus, para que não lhe retirasse o que tinha. O salmista, ao invés, não teme sua ira por causa disto; realmente, disse a respeito de seus inimigos: querem comer minhas carnes. Qual o motivo de temer a ira de Deus? Para que ele não lhe retire o objeto de seu amor. Mas, o que amou? A tua face. Daí considerar como ira do Senhor que ele desvie a sua face. Senhor, “não rejeites, irado, o teu servo”. Poder-se-ia talvez replicar-lhe: Por que receias que, irado, se desvie de ti? Se ele, irado, se desviasse de ti, não se vingaria de ti. Ao contrário, se fosses ao seu encontro enquanto está irado, ele te castigaria. Deves preferir que se afaste de ti quando estiver irado. Não, diz o salmista, que sabe o que quer. Sua ira consiste em voltar o rosto para outro lado. Mas, o que importa, contanto que te faça imortal, no meio das delícias e prazeres terrenos? Retruca aquele que ama: Não. Para mim tudo o que não é ele, não tem sabor. Retire meu Senhor tudo o que pretende me dar, mas dê-se a si mesmo. “Nem rejeites, irado, o teu servo”. É possível outra espécie de afastamento que não é por ira, como acontece àqueles que lhe suplicam: “Desvia tua face de meus pecados” (Sl 50,11). Se desvia a face de teus pecados, não quer dizer que, irado, se afaste de ti. Desvie, portanto, a face de teus pecados, mas não aparte a sua face de ti.

17 “Sê o meu auxílio. Não me desampares”. Estou a caminho. Eu te pedi uma só coisa: habitar em tua casa todos os dias de minha vida, contemplar as tuas delícias, ser protegido como teu templo. Foi a única coisa que pedi. Mas para alcançá-la, estou a caminho. Acaso haverás de dizer: Esforça-te, caminha; dei-te o livre-arbítrio, és dono de tua vontade, prossegue no caminho, procura a paz e segue-a (Sl 33,15). Não te afastes do caminho reto, não te detenhas, não olhes para trás. Continua andando, porque aquele que perseverar até o fim será salvo (Mt 10,22). Tendo já recebido o livre-arbítrio, de

certo modo presumes acerca da origem de tua caminhada[1]. Não presumas de ti mesmo. Se o Senhor te abandonar, desfalecerás no caminho, cairás, perder-te-ás, e por lá hás de ficar. Dize-lhe, portanto: Deste-me vontade livre, mas sem ti de nada vale meu esforço. "Sê o meu auxílio. Não me desampares, nem me desprezes, ó Deus, meu Salvador". Tu que plasmaste, ajudas; não abandonas, tu que criaste.

1 Alude talvez ao erro de Pelágio, introduzido na África cerca de 411.

18 [10] "Porque meu pai e minha mãe me abandonaram". O salmista fez-se pequenino diante de Deus. Toma-o por pai, por mãe. É pai porque criou, porque chama, ordena, rege; mãe, porque abriga, nutre, aleita, mantém. "Meu pai e minha mãe me abandonaram. O Senhor, porém, acolheu-me", governando, nutrindo. Os pais mortais geraram; sucederam-lhe os filhos, mortais aos mortais, nascidos para serem os sucessores de seus progenitores, quando estes morrerem. Ao invés, meu criador não morre, nem eu dele me apartarei. "Meu pai e minha mãe me abandonaram. O Senhor, porém, acolheu-me". Sem falar dos dois progenitores, segundo a carne, pai e mãe, Adão e Eva, sem falar neles, temos aqui outro pai, outra mãe; ou antes, tivemos. O pai, segundo o século, é o diabo e foi nosso pai quando éramos infiéis; porque aos infiéis disse o Senhor: "Sois do diabo, vosso pai" (Jo 8,44). Se é ele que é o pai de todos os ímpios, espírito que agora opera nos filhos da incredulidade (Ef 2,2), quem é a mãe? É certa cidade, chamada Babilônia. É constituída pela sociedade de todos os perdidos do oriente ao ocidente. Possui ela os reinos da terra. Nesta cidade acha-se certa república[1], que agora, como presenciais, está decrépita e decadente. Foi ela nossa primeira mãe, pois nela nascemos. Viemos a conhecer outro pai, Deus, e abandonamos o diabo. Quando este ousará aproximar-se daqueles que foram adotados por aquele que está acima de todas as coisas? Viemos também a conhecer outra mãe, a Jerusalém celeste, a santa Igreja. Uma porção dela peregrina na terra. Deixamos Babilônia. "Meu pai e minha mãe me abandonaram". Já não têm o que me dar. Mesmo que pareciam dar-me alguma coisa, eras tu quem me davas e eu o atribuía a eles.

19 Quem concede ao homem até mesmos os bens deste mundo, senão Deus? Ou o que é tirado ao homem, senão o que ordena o doador, ou permite? Mas os homens insensatos pensam que são os demônios (que eles adoram) quem concede estes bens, e às vezes dizem a si mesmos: Deus nos é necessário para obtermos a vida eterna, a vida espiritual. Devemos, porém, cultuar estes poderes, por causa dos bens temporais. Oh! futilidade do gênero humano! Tens mais amor aos bens, uma vez que em vista deles queres adorar os demônios. De fato, deverias cultuar mais a estes; para não dizer mais, digo ao menos de modo igual. Deus, porém, não quer ser cultuado com os demônios conjuntamente, nem mesmo que o adores muito mais e a eles muito menos. Então, dirás, eles não são necessários para se alcançarem tais bens? Não. Mas, receamos que, irados, nos prejudiquem. Não prejudicarão se Deus não o permitir. Os demônios sempre querem prejudicar. Não deixarão a vontade de fazer o mal, nem se os aplacarmos, nem se lho pedirmos. É próprio de sua malignidade. Se os adorares, o que consegues é apenas

ofender a Deus; e este, ofendido, há de te entregar ao poder dos demônios. Eles nada te poderiam fazer, se Deus tivesse sido aplacado; agora, porém, fazem o que querem, porque Deus está irado. E para saberes que é inútil adorá-los, sob pretexto de que tens em mira os bens temporais, considera se os que adoram a Netuno não naufragaram? Ou os que blasfemam a ele não chegaram ao porto. As mulheres adoradoras de Juno tiveram parto feliz? Ou as que blasfemaram a Juno foram infelizes no parto? Daí conclua V. Caridade que tolos são os que os adoram até mesmo por causa de bens terrenos. Se devessem ser cultuados por causa de bens terrenos, só os seus adoradores teriam abundância desses mesmos bens. E se assim fosse, deveríamos fugir de tais dons e pedir ao Senhor uma só coisa. Acresce ainda que até mesmo estes dons terrenos são doados por aquele que é ofendido quando os demônios são cultuados. Abandonem-nos, portanto, nosso pai e nossa mãe, abandone-nos o diabo, abandone-nos a cidade de Babilônia. O Senhor nos acolha, consolando-nos com os bens temporais, fazendo-nos felizes com os eternos. Porque "meu pai e minha mãe me abandonaram. O Senhor, porém, me acolheu".

20 [11] Já foi, portanto, acolhido pelo Senhor, depois de abandonar aquela cidade e o diabo, que a governa, porque ele é quem rege os ímpios e a este mundo de trevas. Quais trevas? As dos pecadores, dos infiéis. Daí dizer o Apóstolo aos fiéis: "Outrora éreis treva, mas agora sois luz no Senhor" (Ef 5,8). Já aceitos por ele, o que diremos? "Estabelece-me, uma lei, Senhor, em teu caminho". Tiveste a coragem de pedir uma lei? E o que será se ele te perguntar: Hás de cumpri-la? O salmista não ousaria pedir, se antes não tivesse dito: "O Senhor, porém, me acolheu". Não teria coragem de pedir, se antes não houvesse suplicado: "Sê o meu auxílio". Se me auxilias, se me acolhes, dá-me uma lei. "Estabelece-me uma lei, Senhor, em teu caminho". Estabelece-me, portanto, uma lei, em teu Cristo. O próprio caminho nos falou: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida " (Jo 17,7). Lei de Cristo é lei misericordiosa. Ele é a sabedoria, da qual está escrito: "Traz na língua a lei e a misericórdia" (Pr 31,26). E se transgredires em algum ponto a lei, confessa-te. Quem por ti derramou o seu sangue, te perdoará. Apenas não deixes o caminho. Dize-lhe: Acolhe-me. "Guia-me por causa de meus inimigos pelo caminho reto". Dá a lei. Não retires a misericórdia, tu me dizes em outro salmo: "Dará a misericórdia quem deu a lei" (Sl 83,8). Portanto: "Estabelece-me uma lei, Senhor, em meu caminho", trata do preceito. Qual a referência à misericórdia? "Guia-me pelo caminho reto, por causa de meus inimigos".

21 [12] "Não me entregues à animosidade dos que me afligem", isto é, não dê meu consenso aos que me afligem. Se consentires, seguindo a animosidade do que te perturba, não devorará só tua carne, mas com vontade perversa absorverá a tua alma. "Não me entregues à animosidade dos que me afligem". Entrega, se te apraz, às mãos dos perseguidores. Assim rezaram os mártires e ele entregou os seus às mãos dos perseguidores. Mas, o que entregou? O corpo. Assim fala o livro de Jó: "Deixa a terra em poder do ímpio" (Jó 9,24). A carne foi entregue às mãos do perseguidor. "Não me entregues" a mim, não a minha carne. Falo-te da alma, falo-te da mente. Não peço: Não

entregue o meu corpo às mãos dos que me afligem, mas "não me entregues à animosidade dos que me afligem". E como são entregues os homens à animosidade dos que os afligem? "Pois insurgiram contra mim testemunhas perversas". Uma vez que são testemunhas perversas, falam muito mal de mim, atacam muito minha reputação; se for entregue a sua animosidade, eu também mentirei, serei companheiro deles e não participarei de tua verdade, mas serei participante da mentira contra ti. "Insurgiram contra mim testemunhas perversas. E a iniquidade mentiu a si mesma", a si, não a mim. Minta sempre a si, mas não minta a mim. Se me entregares à animosidade dos que me afligem, isto é, se consentir em seus desejos, então a iniquidade não mente a si mesma, mas também a mim. Se, ao invés, se assanharem quanto quiserem e se eles se empenharem em impedir minha carreira, não me entregues a seus desejos. Não consentindo em seus desejos, permanecerei, e persistirei em tua verdade, e a iniquidade mentirá, não a mim, mas a si.

22 [13] Volta o salmista àquela única coisa, depois a tais perigos, de labores, de dificuldades, entre as mãos dos perseguidores e dos que o afligem, anelando, fatigando-se, mas também firme e seguro, pois o Senhor o acolhe, ajuda, guia, rege. No entanto, depois daquele circuito e júbilo, exultando de alegria e gemendo nas fadigas, suspirou por fim e disse: "Creio que verei os bens do Senhor na terra dos vivos". Bens do Senhor, suaves, imortais, incomparáveis, eternos, imutáveis! Quando vos verei, bens do Senhor? Creio que os verei, mas não na terra dos que morrem. "Creio que verei os bens do Senhor na terra dos vivos". Livrar-me-á da terra dos mortais o Senhor, que por mim se dignou aceitar a terra dos mortais e morrer às mãos dos que morrem. O Senhor me livrará da terra dos mortais. "Creio que verei os bens do Senhor na terra dos vivos". Falou suspirando, afadigando-se, periclitando, no meio de grande multidão de tentações, mas esperando tudo da misericórdia daquele, ao qual disse: "Estabelece-me uma lei, Senhor".

23 [14] O que diz aquele que lhe estabeleceu uma lei? Ouçamos também a voz do Senhor, que do alto nos exorta e nos consola. Ouçamos a voz daquele que ficou em lugar do pai e da mãe que nos abandonaram. Pois, ouviu nossos gemidos, viu nossos suspiros, observou nosso desejo, nosso único pedido, recebeu de bom grado a única súplica, por intermédio de Cristo nosso advogado. Até completarmos esta peregrinação, durante a qual adia, mas não retira o que prometeu, disse-nos: "Espera no Senhor". Não esperas num mentiroso, em alguém que decepciona, que não tem o que dar. Prometeu o Onipotente, prometeu o inteiramente seguro, prometeu o veraz. "Espera no Senhor, age virilmente". Não desanimes, não sejas daqueles aos quais se diz: "Ai de vós que perdestes a paciência" (Eclo 2,14)! "Espera no Senhor", diz o salmista a todos nós, diz o salmista a um só homem. Somos um em Cristo, somos o corpo de Cristo, nós que desejamos aquela única coisa, que pedimos uma só coisa, e naqueles dias de nossos males gememos, acreditando que haveremos de ver os bens do Senhor na terra dos vivos. A todos nós, que somos um no único, diz o salmista: "Espera no Senhor, age virilmente, conforte-se teu coração, e espera no Senhor". Pode falar-te de modo diverso

do que repetir o que ouviste? “Espera no Senhor, age virilmente”. Por conseguinte, quem perdeu a paciência, efeminou-se, perdeu o vigor. Ouçam-no os homens, ouçam-no as mulheres, porque se acham no único varão, homem e mulher. Em Cristo “não há homem e mulher” (Gl 3,28). “Espera no Senhor, age virilmente, conforte-se teu coração, e espera no Senhor”. Esperando no Senhor, hás de possuí-lo, de ter aquele que esperas. Deseja um bem diverso, se puderes encontrar maior, melhor, mais agradável.

1 Refere-se à república romana, decrépita e decadente, na época da devastação da Itália, mais ou menos em 406 e da queda da cidade de Roma, cerca de 410.

SALMO 27

COMENTÁRIO

1 [1.2] “Do mesmo Davi”. Trata-se da voz do próprio mediador, que teve mão forte no conflito da paixão. Não é imprecação, mas predição de castigo o que ele parece desejar aos inimigos. Assim, no evangelho, o senhor não está lançando uma imprecação, mas prediz o castigo iminente das cidades onde operou milagres, e que não acreditaram nele (cf Mt 11,20).

2 “Por ti clamei, Senhor, não silencies para comigo, meu Deus”. Por ti clamei, Senhor; meu Deus, não quebres a unidade de teu Verbo com a natureza humana, que possuo. “Não aconteça que te cales para comigo e assemelhar-me-ei aos que baixam à sepultura”. Desde que a eternidade de teu Verbo não deixa de unir-se a mim, não sou homem como os demais, que nascem na profunda miséria deste mundo, onde teu Verbo não é conhecido, e parece que te calas. “Escuta a voz de minha súplica quando te imploro, quando ergo as mãos para teu santo templo”, quando sou crucificado para a salvação dos que, pela fé, se tornam teu santo templo.

3 [3] “Não arrastes a minha alma com os pecadores e não me arruínes com os obreiros de iniquidade, que falam de paz com o próximo”, com os que me dizem: “Sabemos que vens da parte de Deus como Mestre” (Jo 3,2), “mas têm a malícia no coração”. No coração cogitam o mal.

4 [4] “Retribui-lhes conforme suas obras”. É justo retribuir-lhes conforme suas obras. “E segundo a malignidade de seu afeto”. Afeiçoados ao mal, não podem atingir o bem. “Recompensa-os conforme a obra de suas mãos”. Recompensa-os conforme a intenção de suas obras, embora tenha valido para a salvação dos outros aquilo que fizeram. “Dá-lhes a paga que merecem”. Quiseram retribuir com mentiras a verdade que ouviam; engane-os a sua astúcia.

5 [5] “Porque não entenderam as obras do Senhor”. Como se manifesta que assim lhes aconteceu? Por isso mesmo: “não entenderam as obras do Senhor”. Isto já foi castigo para eles. Com ânimo malévolo experimentaram-no como homem e não conheceram qual o plano do Pai, ao enviar um Deus encarnado. “Nem as obras de suas mãos”. Nem as obras visíveis, desdobradas diante de seus olhos, não os moveram. “Tu os destruirás, e não os restabelecerás”. Em nada me prejudiquem, nem possam coisa alguma, por seus novos esforços de sitiar minha igreja.

6 [6] “Bendito o Senhor, que ouviu a voz de minha prece”.

7 [7] “O Senhor é meu auxílio e meu protetor”. O Senhor auxilia-me, ao sofrer tanto e

protege-me ao ressuscitar imortal. “Nele esperou meu coração e fui amparado. E minha carne refloresceu”, isto é, minha carne ressuscitou. “De bom grado o confessarei”. Os que em mim creem, depois de passado o medo da morte, confessá-lo-ão não coagidos pelo temor sob a lei, mas dentro da lei por livre vontade. E como estou neles confessarei.

8 [8] “O Senhor é a fortaleza de seu povo”, que não é aquele povo ignorante da justiça de Deus, querendo estabelecer a sua própria. Não se considerou forte por si mesmo, porque o Senhor é que é a fortaleza de seu povo, a lutar, entre as dificuldades desta vida, com o diabo. “E o protetor que vem para a salvação de seu ungido”. Protegerá finalmente o seu povo, salvo por Cristo, depois que demonstrou fortaleza no combate com a imortalidade da paz.

9 [9] “Salva o teu povo e abençoa a tua herança”. Intercedo por ele, portanto, após ter reflorescido a minha carne, porque me disseste: “Pede-me e dar-te-ei os povos por herança (Sl 2,8). Salva o teu povo e abençoa tua herança, porque tudo o que é meu é teu” (Jo 17,10). “Rege-os e exalta-os pelos séculos”. Rege-os nesta vida temporal e daqui transfere-os para a eterna.

SALMO 28

COMENTÁRIO

1 [1.2] “Salmo de Davi, para a conclusão do tabernáculo”. O salmo dirige-se ao mediador de mão forte, a respeito da perfeição da Igreja neste mundo, onde ela milita no tempo, contra o diabo.

2 Fala o profeta: “Trazei ao Senhor, filhos de Deus, trazei cordeirinhos ao Senhor”. Trazei ao Senhor a vós mesmos. Os apóstolos, pastores do rebanho, por meio do evangelho, vos geraram. “Rendei ao Senhor glória e honra”. Por vossas obras seja o Senhor honrado e glorificado. “Dai ao Senhor a glória devida ao seu nome”. Este se torne conhecido gloriosamente por toda a terra. “Adorai ao Senhor no átrio de seu santuário”. Adorai ao Senhor em vosso coração, grande e santificado. Sois sua santa e régia habitação.

3 [3] “A voz do Senhor ressoou sobre as águas”. A voz de Cristo prevalece sobre os povos. “O Deus de majestade trovejou”. O Deus de majestade, de uma nuvem, sua carne, pregou de modo terrível a penitência. “Voz do Senhor acima de muitas águas”. O mesmo Senhor Jesus, após ter emitido a voz acima dos povos, e os ter atemorizado, converteu-os para si e habitou neles.

4 [4] “Voz do Senhor majestosa”. Voz do Senhor atuante neles e fazendo-os poderosos. “Voz do Senhor majestosa”. Voz do Senhor que neles faz grandes coisas.

5 [5] “Voz do Senhor que despedaça os cedros”. Voz do Senhor que humilha os soberbos, pela contrição do coração. “Quebra os cedros do Líbano”. Pela penitência o Senhor quebra os orgulhosos por causa do brilho da nobreza terrena, quando para confundi-los escolheu o que é vil neste mundo, para nele mostrar a sua divindade.

6 [6] “E os despedaçará como a um vitelo do Líbano”. Cortada sua soberba elevação, há de derrubá-los, para que imitem a humildade do Senhor, que como um vitelo foi levado como vítima ao sacrifício pelos nobres deste século. “Os reis da terra se sublevaram e os príncipes unidos conspiraram contra o Senhor e o seu Cristo (Sl 2,2). E o amado como a um novilho de búfalo”. Pois, o bem-amado e unigênito do Pai despojou-se de sua nobreza; e fez-se homem, como filho de judeus, que ignoravam a justiça de Deus (Rm 10,3) e se gabavam orgulhosamente de uma peculiar justiça sua.

7 [7] “Voz do Senhor a retalhar flamas de fogo”. A voz do Senhor, que atravessava sem lesão alguma o calor agitado dos perseguidores, ou que dividia a furiosa raiva de seus perseguidores, de sorte que diziam alguns: Acaso seria o Cristo? Outros, porém declaravam: “Não. Ele engana o povo” (Jo 7,12). De tal modo traçava uma linha

divisória em seu insano tumulto que atraía uns a seu amor, e a outros abandonava em sua malícia.

8 [8] “Voz do Senhor a sacudir o deserto”. Voz do Senhor que impelia à fé povos outrora “sem esperança e sem Deus no mundo” (Ef 2,12). Entre eles não havia profeta, nem pregador da palavra de Deus, como se ali fosse inabitada região. “E o Senhor fará tremer o deserto de Cades”. E então o Senhor fará celebrar-se a palavra santa de suas Escrituras, menosprezadas pelos judeus que a não entendiam.

9 [9] “A voz do Senhor prepara os cervos”. A voz do Senhor, primeiro, prepara os que superam e repelem as línguas envenenadas. “E desnudará as selvas”. E então revelar-lhes-á as obscuridades dos livros divinos e as sombras dos mistérios, onde com liberdade apascentar-se-ão. “Mas em seu templo todos clamarão: Glória”. Em sua Igreja todos os regenerados para a esperança eterna louvam a Deus, pelos próprios dons, recebidos do Espírito Santo.

10 [10] “O Senhor habita no dilúvio”. Em primeiro lugar, o Senhor habita no dilúvio deste mundo em seus santos, como em uma arca, a saber, recolhidos na Igreja. “E o Senhor se assentará como rei eternamente”. E em seguida se assentará, reinando eternamente sobre eles.

11 [11] “O Senhor dará força a seu povo”. O Senhor dará força a seu povo em luta nas procelas e turbilhões deste mundo, porque não lhes prometeu a paz neste mundo. “O Senhor concede a seu povo a bênção da paz. O Senhor abençoará seu povo, dando-lhes a paz em si mesmo, porque, conforme ele disse: “Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou” (Jo 14,27).

SALMO 29

I. COMENTÁRIO

1 [1] "Para o fim. Salmo. Cântico para a dedicação da casa. A Davi". Salmo para o fim: alegria da ressurreição, mudança para o estado de imortalidade, renovação do corpo, não somente do corpo do Senhor, mas também de toda a Igreja. No salmo anterior, víamos terminado o tabernáculo, onde habitamos em tempo de guerra; agora, é dedicada a casa, que subsistirá em paz eterna.

2 [2] Fala, portanto, o Cristo total: "Eu te exaltarei, Senhor, porque me acolheste". Louvarei a tua sublimidade, Senhor, porque me acolheste . "E não permitiste que meus inimigos se regozijassem por minha causa". Não permitiste que aqueles que frequentemente se empenharam em oprimir-me com várias perseguições, por toda a terra, se regozijassem por minha causa.

3 [3] "Senhor, meu Deus, por ti clamei e me curaste". Senhor, meu Deus, por ti clamei, e já não carrego um corpo ferido e doente, em condição mortal.

4 [4] "Senhor, retiraste minha alma da região dos mortos, salvaste-me dentre aqueles que descem à fossa". Salvaste-me da condição de profunda cegueira, e do lodo profundo da carne corruptível.

5 [5] "Salmodiai ao Senhor, vós seus santos". Exulta o profeta vendo o futuro e diz: "Salmodiai ao Senhor, vós seus santos, e celebrai a memória de sua santidade". Louvai-o porque não se esqueceu da santidade que vos concedeu. Todo este espaço de tempo foi longo para vosso desejo.

6 [6] "De sua indignação vem o castigo". Castigou-vos por causa do primeiro pecado, que pagaste com a morte. "E a vida, de sua vontade". Deu-vos, porque o quis, a vida eterna, à qual não podíeis voltar por vossas próprias forças. "Pela tarde se prolongará o pranto". Este começou à tarde, quando a luz da sabedoria se retirou do homem que pecara, e ele foi condenado à morte. E o pranto se prolongará à tarde, enquanto o povo de Deus espera, no meio de trabalhos e tentações, o dia do Senhor. "De manhã, a alegria"; até a manhã, em que houver a alegria da ressurreição, alegria esta pronunciada na ressurreição matinal do Senhor.

7 [7] "Eu, porém, disse na prosperidade: Jamais serei abalado". Eu, porém, o povo que falava no início, disse na prosperidade, quando já não padecia necessidade alguma: "Jamais serei abalado".

8 [8] "Senhor, por tua benevolência, confirmaste a minha honra". Mas, esta prosperidade,

Senhor, não provém de mim mesmo, mas por tua benevolência, confirmaste minha posição honrosa; foi o que aprendi, pois “escondeste a tua face e fiquei perturbado”. Ao desviares, em certo tempo, a face de mim, pecador, fiquei perturbado, porque se apartou de mim a iluminação de teu conhecimento.

9 [9] “Senhor, por ti clamarei, e suplicarei a meu Deus”. Relembrando o tempo de minha tribulação e miséria, e como se ainda estivesse nele mergulhado, ouço a voz de teu primogênito, minha Cabeça, disposto a morrer por mim e a dizer: “Senhor, por ti clamarei, e suplicarei a meu Deus”.

10 [10] “Que aproveitará o meu sangue, se eu baixar à sepultura?” Qual a utilidade da efusão de meu sangue, se eu baixar à sepultura? “Porventura o pó te há de louvar?” Se não ressuscitar logo, e meu corpo se corromper, “porventura o pó te há de louvar”, a saber, a turba dos ímpios, que justificarei por minha ressurreição? “Ou enaltecer a tua verdade?” Ou anunciará a tua verdade para a salvação dos demais?

11 [11] “O Senhor ouviu e se compadeceu de mim. O Senhor se fez o meu amparo. Não permitirás que teu santo experimente a corrupção” (Sl 15,10).

12 [12] “Transformaste minhas lamentações em regozijo”. Tendo a Igreja sucedido ao primogênito dentre os mortos, agora na dedicação de tua casa, digo: “Transformaste minhas lamentações em regozijo. Rasgaste meu cilício e me cingiste de alegria”. Rasgaste o véu de meus pecados, rompeste a tristeza de minha mortalidade, e me cingiste com a primitiva túnica, a alegria imortal.

13 [13] “Para que te louve a minha glória e não me angustie”. Para não mais chorar e cantar a ti, não a minha humildade, mas a minha glória, porque já me reergueste de minha humilhação. Não me angustie a consciência do pecado, pelo temor da morte e do juízo. “Senhor, meu Deus, confessar-te-ei eternamente”. Minha glória consiste, Senhor meu Deus, em confessar-te eternamente, porque nada tenho de mim mesmo, mas todos os bens provêm de ti, que és, ó Deus, tudo em todos (1Cor 15,28).

II. SERMÃO AO POVO

1 [2]Acabamos de cantar o seguinte: “Eu te exaltarei, Senhor, porque me acolheste. E não permitiste que meus inimigos se regozijassem por minha causa”. Se aprendemos das Sagradas Escrituras quais são os nossos inimigos, reconheceremos a verdade deste cântico. Se, porém, nos enganar a prudência carnal, de sorte a desconhecermos contra quem havemos de combater, deparamos logo no início do salmo uma questão insolúvel. De quem será a voz que louva o Senhor, dá graças, exulta e diz: “Eu te exaltarei, Senhor, porque me acolheste. E não permitiste que meus inimigos se regozijassem por minha causa”. Em primeiro lugar, pensemos no próprio Senhor, que por se ter dignado fazer-se

homem, pôde aplicar a si mesmo estas palavras, de maneira adequada, conforme a precedente profecia. Era fraco, porque homem; a orar, porque fraco. Pois, acabamos de ouvir a leitura do evangelho, como se afastou até dos discípulos, indo para o deserto; mas eles o seguiram e encontraram. Longe de todos, "orava". Disseram-lhe os discípulos ao achá-lo: "Todos te procuram". Mas ele retrucou: "Vamos a outros lugares, às aldeias da vizinhança, a fim de pregar também ali, pois foi para isso que eu vim" (Mc 1,35.37.38). Se considerares a divindade de nosso Senhor Jesus Cristo, quem é que ora? A quem ora? Por que ora? Reza a Deus? Implora a um igual? Qual o motivo de rezar para quem é sempre feliz, sempre onipotente, sempre imutável, eterno, coeterno ao Pai? Consideramos o trovão que ele próprio emitiu daquela espécie de nuvem que o encobria, o apóstolo João: "No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. No princípio, ele estava com Deus. Tudo foi feito por meio dele e sem ele nada foi feito. O que foi feito nele é vida. E a vida era a luz dos homens, e a luz brilha nas trevas, mas as trevas não a apreenderam" (Jo 1,1-5). Ao recitarmos tudo isso, não encontramos oração, nem razão de orar, nem oportunidade para orar, nem desejo de orar. Mas, como pouco adiante se diz: "E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós" (ib 14), aí está a majestade à qual podes suplicar, a humanidade que reza por ti. Foi dito pelo Apóstolo, também após a ressurreição de nosso Senhor Jesus Cristo: "Aquele que está à direita de Deus e que intercede por nós" (Rm 8,34). Por que razão intercede por nós? Porque se designou ser mediador. O que significa ser mediador entre Deus e os homens? (1Tm 2,5). Não quero dizer entre o Pai e os homens, mas entre Deus e os homens. O que é Deus? O Pai, o Filho e o Espírito Santo. O que são os homens? Pecadores, ímpios, mortais. Entre a Santíssima Trindade e a fraqueza, a iniquidade dos homens o mediador fez-se homem, não iníquo, contudo fraco. Não sendo iníquo, uniu-te a Deus; sendo fraco, aproximou-se de ti. E assim para que existisse um mediador entre o homem e Deus, o "Verbo se fez carne", isto é, o Verbo se fez homem. Pelo nome de carne designam-se os homens. Daí a palavra: "E toda a carne verá a salvação de Deus" (Lc 3,6). "Toda a carne representa os homens. Também diz o Apóstolo: "Pois o nosso combate não é contra o sangue nem contra a carne (isto é, contra os homens), mas contra os Principados, contra as Potestades, contra os Dominadores deste mundo de trevas" (Ef 6,12). A respeito disso falaremos mais adiante, se Deus quiser. Pois, esta distinção convém à disposição do salmo, que empreendemos, em nome do Senhor, explicar a Vossa Santidade. Todavia, apresentei esses exemplos para sabermos que os homens são denominados carne, conforme a palavra: "E o Verbo se fez carne", que deveis entender: E o Verbo se fez homem.

2 Não foi ocioso dizer isto. Houve certa heresia, e talvez ainda haja resquícios dela, chamada dos apolinaristas. Alguns deles afirmaram que a natureza humana, assumida pela Sabedoria de Deus… Nesta natureza humana a Sabedoria manifestou sua pessoa. Não como nos outros homens, mas conforme foi dito no salmo: "Ungiu-te Deus, o teu Deus, com o óleo da alegria, acima de teus companheiros" (Sl 44,8), isto é, mais do que aos teus companheiros. Não se pense ter sido Cristo ungido como os demais, como os outros justos, como os patriarcas, os profetas, os apóstolos e os mártires, e tudo o que há

de grande no gênero humano. Na verdade, nada de maior existiu no gênero humano, nem surgiu entre os nascidos de mulher (Mt 11,11) do que João Batista. Se perguntas: O que há de mais sublime entre os homens? A resposta é: João Batista. Aquele, porém, do qual afirma João não ser digno de desatar as correias das sandálias (Mc 1,7), o que era senão o maior de todos? Mesmo enquanto homem era maior do que os outros homens. Pois, enquanto Deus, segundo a divindade, conforme o fato de que no princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus, acima de toda criatura, ele é igual ao Pai. Mas, estamos tratando dele, enquanto homem. Talvez algum de vós, irmãos, julgue que a natureza humana, assumida pela Sabedoria de Deus era igual aos demais homens. Em teus membros grande é a diferença entre a cabeça e os demais membros. De fato, nos restantes membros só existe o sentido do tato. Tocando, sentes nos outros membros. Na cabeça, no entanto, acham-se a vista, o ouvido, o olfato, o gosto e o tato. Se tão grande é a excelência da cabeça relativamente aos outros membros, quanto maior não será a supereminência da Cabeça da Igreja, isto é, daquele homem que Deus escolheu para ser o mediador entre Deus e os homens? Como dizíamos, aqueles hereges afirmaram que a natureza humana, assumida pelo Verbo, quando este se fez carne, não teve mente humana, mas teve somente alma, desprovida de inteligência humana. Sabeis que o homem consta de alma e corpo. Mas a própria alma humana de algo que as almas dos animais não têm. Pois, também os animais têm alma, e chamam-se por isso seres animados. Não se chamariam animais se não fosse a alma; vemos também que eles vivem. Mas, o que possui além disso o homem, para se dizer que foi feito à imagem de Deus? Ele entende e avalia, distingue o bem do mal; nisto foi feito à imagem e semelhança de Deus. Possui, portanto, algo que os animais não têm. E se despreza em si aquilo que o torna melhor do que os animais, destrói ou estraga, e de certo modo invalida a imagem de Deus, de sorte que se diga a esses tais: “Não sejais como o cavalo” e o mulo sem inteligência (Sl 31,9). Aqueles hereges, portanto, afirmam que nosso Senhor Jesus Cristo não teve mente humana. Aquilo que os gregos denominam *logikon* nós chamamos de racional, a faculdade de raciocinar do homem, que os animais não têm. Mas o que afirmam eles? Asseveram que o próprio Verbo de Deus servia de mente ao homem. Foram eles excomungados, a fé católica os rejeitou, e criaram uma heresia. A fé católica assegura aquela natureza humana assumida pela Sabedoria de Deus nada teve de menos que as demais, relativamente à integridade da natureza; quanto, porém, à excelência da pessoa, difere dos outros. Pois, os outros podem dizer-se participantes do Verbo de Deus, podem dizer que possuem o Verbo de Deus; nenhum deles, contudo, pode ser denominado Verbo de Deus, conforme dele se afirmou, na frase: O “Verbo se fez carne”.

3 Não faltaram outros, procedentes do mesmo erro, a afirmarem que aquele homem, Cristo, mediador entre Deus e os homens, não somente era desprovido de intelecto, mas nem mesmo possuía alma; era só verbo e carne, e não tinha alma humana, nem mente humana. Assim afirmaram. Então, de que constava? Do Verbo e da carne. Também a estes rejeitou a Igreja católica, excomungou-os do meio das ovelhas, excluindo-os da fé simples e verdadeira. E foi reafirmado, conforme disse, que aquele mediador era em tudo

igual aos homens, exceto no pecado. Se usou do corpo para agir, como sabemos que este corpo não era fictício, mas verdadeiro? Como, por exemplo, nos certificamos de que teve um corpo? Ele andou, sentou, dormiu, foi preso, flagelado, esbofeteado, crucificado, morto. Sem o corpo, nada disso se teria podido realizar. Por estes indícios, verificamos no evangelho que teve um corpo verdadeiro, conforme ele próprio disse após a ressurreição: "Apalpai-me e entendei que um espírito não tem carne, nem ossos, como estais vendo que eu tenho" (Lc 24,39). Assim como acreditamos, entendemos, conhecemos, por tais fatos, tais ações que o Senhor Jesus teve um corpo, igualmente através de outras funções naturais percebemos que possuía uma alma. Sentir fome, ter sede provêm da alma. Excluída a alma, o corpo exânime não poderá sentir. Mas, se dissermos que estas sensações eram falsas, falsas também foram as ações atribuídas ao corpo. Se, porém, o corpo era verdadeiro, verdadeira foi a atividade do corpo; igualmente a alma era verdadeira porque verdadeiras foram as operações da alma.

4 E então? O Senhor fez-se fraco por tua causa, ó homem que me ouves. Não te compares a Deus. Efetivamente, és criatura, e ele o teu Criador. Nem te compares a teu mediador, porque se fez homem, por tua causa, teu Deus, o Verbo, Filho de Deus. Deves antepor a ti aquele que é homem, enquanto mediador; Deus, porém, acima de toda criatura. Assim entenderás que, feito homem por ti, com toda conveniência reza por ti. Se, pois, dignamente reza por ti, dignamente também pôde proferir em teu lugar estas palavras: "Eu te exaltarei, Senhor, porque me acolheste. E não permitiste que meus inimigos se regozijassem por minha causa". Mas, tais palavras serão falsas se as atribuirmos ao próprio Senhor Jesus Cristo, sem entendermos que inimigos são estes. Como será exato se é o Cristo Senhor que fala: "Eu te exaltarei, Senhor, porque me acolheste?" Como será certo a respeito de sua humanidade, da fraqueza, da carne? De fato, os inimigos se alegraram a respeito dele ao crucificá-lo, prendê-lo, flagelá-lo, esbofeteá-lo, dizendo: "Faze-nos uma profecia, ó Cristo" (Mt 26,66 etc.). Este gozo deles quase nos obriga a considerar errada a asserção: "Não permitiste que meus inimigos se regozijassem por minha causa". Em seguida, pendente na cruz, quando os inimigos passavam, estavam de pé, observavam e sacudiam a cabeça, dizendo: "Eis o Filho de Deus. A outros salvou e a si mesmo não pode salvar! Desça agora da cruz e creremos nele!" (ib 27,42). Assim se exprimindo, não se regozijavam por causa dele? De onde, então provém a palavra: "Eu te exaltarei, Senhor, porque me acolheste. Não permitiste que meus inimigos se regozijassem por minha causa?"

5 Esta palavra, talvez, não se refira a nosso Senhor Jesus Cristo, mas ao próprio homem, a toda a Igreja, ao povo cristão, todos os homens em Cristo formam um só homem e a unidade dos cristãos constitui um homem só. Talvez o próprio homem, isto é, a unidade dos cristãos é que profere: "Eu te exaltarei, Senhor, porque me acolheste. Não permitiste que meus inimigos se regozijassem por minha causa". Como também pode ser verdade a respeito deles? Os apóstolos não foram presos, não foram feridos, flagelados, mortos, crucificados, queimados vivos, não lutaram com as feras, aqueles cujas memórias celebramos? Mas, quando os homens lhes infligiam tudo isto, não se regozijavam por

causa disto? Como é possível, portanto, ao povo cristão dizer: “Eu te exaltarei, Senhor, porque me acolheste, e não permitiste que meus inimigos se regozijassem por minha causa?”

6 [1] Entenderemos tudo isso, se primeiro examinarmos o título do salmo. É o seguinte: “Para o fim. Salmo. Cântico para a dedicação da casa. A Davi”. Encerra o título toda a esperança, todo o mistério da solução deste problema. A casa agora em construção será dedicada um dia. Agora, de fato, se edifica a casa, isto é, a Igreja; depois será dedicada. Na dedicação manifestar-se-á a glória do povo cristão, agora oculta. Enfureçam-se agora os inimigos, humilhem, façam não propriamente o que querem, mas o que lhes for permitido do alto. Nem tudo o que sofrermos da parte dos inimigos, deve lhes ser atribuído, mas antes ao Senhor nosso Deus. Nosso mediador demonstrou por seu exemplo que, se do alto vêm aos homens a permissão de nos prejudicar, não lhes é dado do alto a vontade de fazer mal, mas apenas o poder. O mau tem em si mesmo a vontade de causar dano; mas não tem o poder de prejudicar. Pelo fato de querer, já se torna réu; quanto a poder, contudo, por oculta disposição da providência de Deus, é permitido contra uns para castigo, contra oustros para provação, e contra outros para coroa. Para castigo, como foi permitido aos *allóphiloi*, isto é, aos estrangeiros, vencer o povo de Israel, porque este pecara contra Deus (Jz 10,7 e 13,1 etc.). Para provação, como foi permitido ao diabo contra Jó (1,12). Jó foi provado, e o diabo, confundido. Para a coroa, todavia, como foi permitido aos perseguidores contra os mártires. Os mártires foram mortos e os perseguidores pensaram que venciam; eles manifestamente tiveram um falso triunfo, enquanto os mártires ocultamente foram na verdade coroados. Portanto, a permissão de atacar a alguém origina-se de oculto desígnio da providência de Deus. Querer fazer o mal vem do homem, mas ele nem sempre pode matar a quem quiser.

7 Por isso, o próprio Senhor, juiz dos vivos e dos mortos, ao comparecer perante um juiz humano, dando-nos um exemplo de humildade e paciência, e não sendo vencido e sim mostrando como combate um soldado, respondeu ao juiz ameaçador, inchado de soberba, que lhe perguntava: “Não sabes que eu tenho poder para te libertar e poder para te matar?” Tirou-lhe o inchaço do orgulho e de certo modo extraiu-lhe a entumescência, dizendo: “Não terias poder algum sobre mim, se não te houvesse sido dado do alto” (Jó 19,10-11). E Jó (de quem o diabo matou os filhos, arrebatou os bens) o que disse? “O Senhor o deu, o Senhor o tirou, como foi de seu agrado, assim se fez, bendito seja o Nome do Senhor” (Jó 1,21). Não cante o triunfo o inimigo por ter conseguido isso. Eu sei, disse Jó, quem o permitiu. Ao diabo se atribua a vontade de prejudicar, ao meu Senhor, o poder de experimentar. Estando Jó ferido no corpo, aproximou-se a mulher que lhe restara, como Eva, auxiliar do diabo, não consoladora do marido, e diz entre muitas censuras: “Amaldiçoa a Deus e morre duma vez!” (Jó 2,9). E este Adão, no monturo, foi mais cauteloso do que o outro, no paraíso; pois Adão no paraíso foi seduzido pela mulher e de lá expulso. Adão no monturo repeliu a mulher, para ser admitido no paraíso. O que disse à mulher Adão no monturo, que interiormente concebia a imortalidade, enquanto por fora fervilhava de vermes? O que disse à mulher? “Falas

como uma insensata. Se recebemos de Deus os bens, não deveríamos receber também os males" (ib 10)? Além disso, Jó disse que pesava sobre si a mão do Senhor, quando o diabo o atingiu, porque não considerava quem o feria, mas quem o permitira. Ainda mais. O próprio diabo denominou mão do Senhor o poder que ambicionava, uma vez que, acusando o justo, do qual o Senhor dava bom testemunho, disse a Deus: "Não é em vão que Jó teme a Deus. Porventura não levantaste um muro de proteção ao redor dele, de sua casa e de todos os seus bens? Abençoaste a obra das suas mãos e seus rebanhos cobrem toda a região". Deste-lhe tantos bens, e por isto te adora. "Mas estende tua mão e toca nos seus bens; eu te garanto que te lançará maldições em rosto" (Jó 1,9-11). Como é que o diabo diz: "estende tua mão", se era ele mesmo que queria estender a sua? Mas como ele não podia estender a própria mão, chamou de mão de Deus o poder que dele recebeu.

8 O que dizer, irmãos, a respeito de tantos males que os inimigos infligiram aos cristãos, enquanto exultavam e alegravam-se por isto? Mas quando se manifestará que não se alegraram? Quando estes forem confundidos e os cristãos exultarem na vida do Senhor nosso Deus, que trará na mão a retribuição: condenação para os ímpios, reino para os justos, a sociedade com o diabo para os iníquos, a sociedade com Cristo para os fiéis. Por conseguinte, quando isto acontecer, quando os justos estiverem de pé, com grande firmeza. (Cito a Sagrada Escritura). Vós vos recordais da leitura do livro da Sabedoria: "De pé, porém, estará o justo, em segurança, na presença dos que o oprimiram. Vendo-o, dirão entre si, arrependidos, entre os soluços e gemidos de angústia: que proveito nos trouxe o orgulho? De que nos serviu riqueza e arrogância? Tudo isso passou como uma sombra". E o que dirão sobre o justo? "Como agora é contado entre os filhos de Deus, e partilha a sorte dos santos?" (Sb 5,1 etc.). Então será a dedicação da casa, que agora é construída no meio das tribulações. Então dirá com razão aquele povo: "Eu te exaltarei, Senhor, porque me acolheste. E não permitiste que meus inimigos se regozijassem por minha causa". Esta palavra se realizará no povo de Deus, povo agora angustiado, atribulado por tantas tentações, tantos escândalos, tantas perseguições, tantas opressões. O principiante não sente na Igreja estes tormentos espirituais. Pensa que há paz. Mas logo que começar a progredir, verá em que tribulação se há de encontrar, porque quando cresce o trigo, e produz a espiga, então aparece também o joio (Mt 13,26); e quem aumenta o saber, aumenta o sofrer (Ecl 1,18). Progrida, e verá onde está. Apareça o fruto, e aparecerá o joio também. É verídica a palavra do Apóstolo, indelével do início até o fim: "Aliás, todos os que quiserem viver com piedade em Cristo Jesus serão perseguidos. Quanto aos homens maus e impostores, eles progredirão no mal, enganando e sendo enganados" (2Tm 3,12.13). Daí também as palavras do salmo: "Espera no Senhor, age virilmente, conforte-se teu coração, e espera no Senhor" (Sl 26,14). Achou o salmista pouco dizer uma vez: "Espera no Senhor". Repetiu. Acrescentou, para que não se esperassem dois, três, ou quatro dias e continuassem a angústia e a tribulação: "Age virilmente"; e ainda: "conforte-se teu coração". E como será assim do princípio até o fim, profere a mesma sentença no começo e no fim: "E espera no Senhor". Passarão as aflições; virá aquele que esperas, e enxugará teu suor, secará tuas lágrimas e não chorarás

mais. Agora, porém, gemamos no meio das tribulações, conforme diz Jó: “Acaso não é contínua tentação a vida humana sobre a terra” (Jó 7,1)?

9 Todavia, irmãos, antes do dia da dedicação da casa, vejamos que nossa Cabeça foi dedicada. A dedicação da casa já se realizou em nossa Cabeça, como se fosse a dedicação dos alicerces. A Cabeça está em cima; e os alicerces, embaixo. Por conseguinte, para não dizermos com impropridade que Cristo é o fundamento, digamos antes que é a cumieira, porque subiu ao céu e está sentado à direita do Pai. Mas acho que não erramos, pois disse o Apóstolo: “Quanto ao fundamento, ninguém pode colocar outro diverso do que foi posto, Jesus Cristo. Se alguém sobre este fundamento constrói com ouro, prata, pedras preciosas…” (1Cor 3,11.12). Os que vivem bem, os que honram e louvam a Deus, os pacientes na tribulação, os que desejam a pátria, estes edificam com ouro, prata, pedras preciosas. Os que, porém, ainda amam os bens mundanos, que estão envolvidos em negócios terrenos, entregues a certos vínculos e afetos carnais, sua casa, sua mulher, suas posses, e no entanto são cristãos, sem apartar seu coração de Cristo e a ele nada preferindo (e como numa construção nada se faz antes de colocar o fundamento), estes edificam de fato, mas com madeira, feno e palha. Qual a consequência? “O fogo provará o que vale a obra de cada um” (ib 13), o fogo da tribulação e da tentação. Tal fogo experimentou aqui a muitos mártires, e no fim provará todo o gênero humano. Houve mártires possuidores destes bens temporais. Quantos ricos e senadores padeceram o mártirio! Alguns deles construíam com madeira, feno, palhas: as afeições carnais e os cuidados temporais. Mas, como tinham a Cristo por fundamento e sobre ele edificavam, queimou-se o feno e eles persistiram sobre o fundamento. Assim declara o Apóstolo: “Se a obra subsistir, o operário receberá uma recompensa” e nada perderá, porque encontrará o que amou. Qual foi para eles o efeito do fogo da tribulação? Experimentou-os. “Se a obra subsistir, o operário receberá uma recompensa. Aquele, porém, cuja obra for queimada perderá a recompensa. Ele mesmo, entretanto, será salvo, mas como que através do fogo” (ib 3,11-15). Todavia, uma coisa é não ser prejudicado pelo fogo, outra salvar-se através do fogo. Por quê? Por causa do fundamento. Que este não se afaste do coração. O fundamento não seja de feno, não prefiras o feno ao fundamento, dando-lhe o primeiro lugar no coração e o segundo a Cristo. Se, contudo, for impossível não haver feno ali, ao menos tenha Cristo o primeiro lugar, e o feno o segundo.

10 Cristo é, portanto, o fundamento. Conforme disse acima, nossa Cabeça foi dedicada. Ela é o fundamento. Mas o fundamento costuma estar embaixo, enquanto a cabeça fica em cima. Entenda Vossa Santidade o que digo. Talvez consiga explicar, em nome de Cristo. Há duas espécies de peso. O peso é certo impulso que faz cada coisa tender ao seu lugar. Isto é o peso. Sustenta uma pedra na mão e sentirás o seu peso; ela pressiona a tua mão, porque procura o seu lugar. E queres ver o que procura? Retira a mão e ela cai por terra, repousa na terra. Chegou ao ponto para o qual tendia, encontrou o seu lugar. O peso, portanto, era aquele movimento quase espontâneo, mas inanimado, insensível. Há outros seres que tendem para cima. Procuram seu lugar, querem entrar na ordem. Seria

fora da ordem permanecer a água acima do óleo. Até que se estabeleça a ordem, até que alcance o lugar que lhe é peculiar movimenta-se inquieto. Ao contrário, por exemplo, se o óleo é derramado debaixo da água, como acontece se um vaso de óleo cair na água, no abismo, no mar e se quebrar, o óleo não fica por baixo. Como a água jogada acima do óleo, conforme os respectivos pesos, procura seu lugar embaixo, assim o óleo, derramado debaixo da água, conforme o peso, procura seu lugar em cima. Se, portanto, assim é, irmãos, para onde tende o fogo e a água? O fogo tende para cima, e procura aí seu lugar; e a água, devido ao seu peso, procura o lugar que lhe convém. A pedra tende para baixo, assim como a madeira, as colunas, a terra, com as quais se edificam as casas. São do gênero das coisas que, pelo peso, são atraídas para baixo. É manifesto, por isso, que têm em baixo o fundamento, uma vez que, por seu peso, tendem para baixo. E se não houver o que segure, cai tudo, porque o todo tende para a terra. As coisas, portanto, que tendem para baixo, embaixo têm seu fundamento. A Igreja de Deus, porém, colocada embaixo, tende para o céu. O nosso fundamento ali está colocado: nosso Senhor Jesus Cristo, sentado à direita do Pai. Se Vossa Santidade, pois, entendeu que nosso fundamento já está dedicado, ouçamos rapidamente o salmo que vamos percorrer.

11 “Eu te exaltarei, Senhor porque me acolheste. E não permitiste que meus inimigos se regozijassem por minha causa”. Quais? Os judeus? Na dedicação dos alicerces já entendemos a dedicação da futura casa. Então se aplicará à casa inteira o que se diz agora sobre os fundamentos. Por conseguinte, de que inimigos se trata? Dos judeus, ou antes do diabo e de seus anjos, que confusos se afastaram, após a ressurreição do Senhor? O príncipe da morte condoeu-se quando a morte foi vencida. “Não permitiste que meus inimigos se regozijassem por minha causa”, porque não pude ser retido nos infernos.

12 [3] “Senhor, meu Deus, por ti clamei e me curaste”. O Senhor orou no monte antes da paixão (Mt 26,39), e Deus o curou. Curou a quem? Ao Verbo que é Deus, à divindade do Verbo? A ele que nunca esteve doente? Não. Mas ele era portador de uma carne mortal, portador de tuas feridas, para curá-las. A carne, porém, foi curada. Quando? Quando ele ressurgiu. Ouve o Apóstolo dizer, vê a genuína cura: “A morte foi absorvida na vitória. Morte, onde está a tua vitória? Morte, onde está o teu aguilhão? (1Cor 15,54). Naquela exaltação achar-se-á então a vossa voz. Agora, porém, é a exaltação de Cristo.

13 [4] “Senhor, retira minha alma da região dos mortos”. É ocioso expor. “Salvaste-me dentre aqueles que descem à fossa”. Quais são os que descem à fossa? Os pecadores, que mergulham nas profundezas. Fossa significa as profundezas do século. Quais são as profundezas do século? A abundância da luxúria e da malícia. Descem à fossa aqueles que mergulham nos desejos mundanos, na sensualidade. Esses perseguiram a Cristo. Mas, o que diz o salmista? “Salvaste-me dentre aqueles que descem à fossa”.

14 [5] “Salmodiai ao Senhor, vós os santos”. Ressuscitou vossa Cabeça. Vós os demais membros, esperai o que vedes na Cabeça, esperai o que credes nela realizado. É um

provérbio antigo e verdadeiro: Onde está a cabeça, acham-se também os outros membros. Cristo subiu ao céu, aonde nós havemos de segui-lo. Não ficou na região dos mortos; ressuscitou, já não morre. Quando ressuscitarmos também nós, não morreremos mais. De posse destas promessas, "salmodiai ao Senhor, vós os seus santos e celebrai a memória de sua santidade". O que quer dizer: "Celebrai a memória de sua santidade?" Estáveis esquecidos dele, mas ele não vos esqueceu.

15 [6] "Porque de sua indignação vem o castigo, e a vida, de sua vontade". Em sua indignação se irrita contra o pecador: "No dia em que dela comerdes morrereis" (Gn 2,17). Tocaram (no fruto proibido), morreram, foram expulsos do paraíso, "porque de sua indignação vem o castigo"; mas não castigo sem esperança, porque "a vida" depende "de sua vontade". O que significa: "de sua vontade?" Não de nossas forças, não de nossos méritos. Salvou-nos porque quis e não porque éramos dignos. De que é digno o pecador, senão do suplício? Ele, no entanto, deu a vida. E se deu a vida aos ímpios, o que reserva para os fiéis?

16 "Pela tarde se prolongará o pranto". Não temais, porque o salmista nos dissera: "Salmodiai", e agora aparece o gemido. Na salmodia há exultação, na oração gemido. Geme a respeito das realidades presentes; salmodia acerca das futuras. Ora sobre a realidade, salmodia sobre o que esperas: "Pela tarde se prolongará o pranto". O que quer dizer: "Pela tarde se prolongará o pranto?" Cai a tarde quando o sol se põe. O sol se pôs para o homem, isto é, aquela luz da justiça, a presença de Deus. Por conseguinte, quando Adão foi expulso do paraíso, o que disse o Gênesis? À tarde passeava Deus, e ao passear Deus no paraíso, já Adão pecador se escondera no meio das árvores e não queria ver a face de Deus (ib 3,8), que costumava alegrá-lo. O sol da justiça para ele se pusera. Não se alegrava mais com a presença de Deus. Foi o início desta vida mortal. "Pela tarde se prolongará o pranto". Longamente estarás em pranto, ó gênero humano! Pois nasces de Adão. Assim é. Também nós somos oriundos de Adão e quantos procriaram filhos e hão de procriar provêm de Adão, do qual eles descendem. "Pela tarde se prolongará o pranto; de manhã, a alegria", quando começar a raiar a luz para os fiéis. Ela se pusera para os pecadores. Por conseguinte, também o Senhor Jesus Cristo de manhã ressurgiu do sepulcro (Mt 28,1), prometendo à casa o que dedicara nos alicerces. Para nosso Senhor era tarde quando foi sepultado e manhã quando ressuscitou, ao terceiro dia. Tu também foste sepultado à tarde no paraíso, e ressuscitaste ao terceiro dia. Como no terceiro dia? Pensa nos séculos. O primeiro dia foi antes da Lei; o segundo sob a Lei, o terceiro sob a graça. Manifesta-se em ti no tríduo do século o que se mostrou na Cabeça naqueles três dias. Quando? Pela manhã, esperemo-lo com alegria. Agora, porém ainda temos de suportar e gemer.

17 [7] "Eu, porém, disse na prosperidade: Jamais serei abalado". Em que prosperidade disse o homem: "Jamais serei abalado?" Percebemos, irmãos, que se trata de alguém de humilde condição. Quem possui com abundância, aqui na terra? Ninguém. De que existe abundância para o homem? De tribulações, de calamidades. Mas os ricos não desfrutam

de prosperidade? Quanto mais têm, mais aumentam as necessidades. Ardem de desejos, dissipam-se em cobiças, atormentam-se com temores, consomem-se de tristeza. Qual a abundância para o homem? Havia abundância quando o homem estava no paraíso, quando nada lhe faltava, quando fruía da presença de Deus. Mas disse o homem: "Jamais serei abalado". Quando disse: "Jamais serei abalado"? Quando ouviu de bom grado a palavra: "Comei e sereis como deuses", em contraste com o que Deus dissera: "No dia em que dele comerdes, certamente morrereis". E o diabo: "Não, não morrereis" (Gn 3,4-5). E o homem acreditando em quem assim o persuadia, disse: "Jamais serei abalado".

18 [8.9] Mas, como era verdadeira a promessa do Senhor de que tiraria ao homem soberbo o que lhe dera enquanto era humilde, ao criá-lo, prossegue: "Senhor, por tua benevolência, confirmaste a minha honra", isto é, por mim mesmo não era bom e forte, mas me tornaste belo e forte, confirmaste minha honra, por tua benevolência, que me criou. E no intuito de me demonstrares que assim era por tua vontade, "escondeste a tua face e fiquei perturbado". O Senhor escondeu o seu rosto ao homem expulso do paraíso. Na terra, onde agora se acha, clame e diga: "Senhor, por ti clamarei e suplicarei a meu Deus". No paraiso não clamavas, mas louvavas; não gemias, mas fruías. Fora dele, geme e clama. O Senhor, que abandonou o soberbo, aproxima-se do atribulado, porquanto "Deus resiste aos soberbos; mas dá graça aos humildes" (Tg 4,6). "Senhor, por ti clamarei, e suplicarei a meu Deus".

19 [10] É o Senhor, nosso fundamento, quem fala no versículo seguinte: "Que aproveitará meu sangue, se eu baixar à sepultura?" Que pedido formula? O de ressuscitar. Diz ele: Se eu baixar à sepultura, se minha carne entrar em decomposição, como o dos demais homens, para ressurgir somente no fim do mundo, com que finalidade derramei o meu sangue? Se não ressuscitar agora, a ninguém anunciarei, a ninguém lucrarei. Ressuscite minha carne, não entre em decomposição, para que anuncie a alguém as tuas maravilhas, os teus louvores, a vida eterna. Pois, se descer à sepultura como os demais homens, que aproveitará o meu sangue? "Porventura o pó te há de louvar? Ou enaltecer a tua verdade?" Duas são as espécies de confissão: a do pecado e a de louvor. Se vamos mal, confessemos nossos pecados, no meio de nossas tribulações; se vamos bem, com exultação da justiça confessemos, em louvar a Deus. Todavia, jamais fiquemos sem confissão.

20 [11] "O Senhor ouviu e se compadeceu de mim". Como? Prestai atenção à dedicação da casa. Ouviu e se compadeceu. "O Senhor se fez o meu amparo".

21 [12] Ouve. Já se fala da própria ressurreição. "Transformaste minhas lamentações em regozijo. Rasgaste meu cilício e me cingiste de alegria". O que é o cilício? A mortalidade. O cilício se confecciona de pelo de cabra e de cabritos. Cabras e cabritos representam os pecadores (cf Mt 25,32). O Senhor de nós assumiu apenas o cilício, mas não o mereceu. O pecado é que merece o cilício. Aquele cilício significa a mortalidade. Ele, que não

merecia a morte, aceitou por tua causa a mortalidade. Quem peca merece a morte. O Senhor, que não pecou, não merecia o cilício. Em outra passagem, ele mesmo fala: “Eu, porém, quando me molestavam, usava cilício” (Sl 34,32). O que significa: “Usava cilício?” Apresentava aos perseguidores a parte que tenho de cilício. O Senhor escondeu-se aos olhos dos perseguidores para que o considerassem apenas um homem. Eram indignos de ver aquele que estava revestido do cilício. Portanto, “rasgaste meu cilício e me cingiste de alegria”.

22 [13] “Para que te louve a minha glória e não me angustie”. Mesma realidade, no corpo e na Cabeça. O que quer dizer: “não me angustie?” Não morrerei mais. Angustiado estava ao pender da cruz e ser atravessado pela lança (Jo 19,34). Diz, portanto, nossa Cabeça: “Não me angustie”, já não morrerei. E nós o que diremos, por causa da dedicação da casa? Não nos angustie a consciência com remorsos pelo pecado. Serão todos perdoados, e então estaremos livres. “Para que te louve a minha glória”, não a minha humilhação. Se é nossa é também de Cristo, porque somos o corpo de Cristo. Por quê? Porque embora esteja Cristo sentado no céu, há de dizer a alguns: “Tive fome e me destes de comer” (Mt 25,35). Está lá e está aqui; lá em si, aqui em nós. E o que diz? “Louve-te a minha glória e eu não me angustie”; minha humildade geme diante de ti, cantar-te-á a minha glória. Já estamos no final do salmo: “Senhor, meu Deus, confessar-te-ei eternamente”. O que quer dizer: “Confessar-te-ei eternamente?” Louvar-te-ei eternamente, porque existe confissão também de louvores e não só de pecados. Confessa, pois, agora o que fizeste contra Deus, e confessarás aquilo que Deus fez em ti. O que fizeste? Pecados. E Deus? Perdoa-te os pecados, ao confessares tua iniquidade, para que depois, sem angústia por causa dos pecados, confesses eternamente seus louvores.

SALMO 30

I. COMENTÁRIO

1 [1] “Para o fim. Salmo a Davi. Do êxtase”. Para o fim. Salmo a Davi, ao mediador de mão forte, no meio das perseguições. A palavra êxtase, acrescentada ao título, significa rapto da mente, devido ao medo ou a alguma revelação. Neste salmo, contudo, aparece mais o pavor do povo de Deus, perturbado pela perseguição de todas as gentes, e pela diminuição da fé em todo o orbe. Primeiro fala o próprio mediador; em seguida, o povo redimido por seu sangue dá graças; finalmente, agitado, fala longamente, em êxtase. O próprio profeta intervém por duas vezes: quase no fim, e no próprio final.

2 [2] “Em ti esperei, Senhor, não seja confundido eternamente”. Em ti, Senhor, esperei, jamais serei confundido. Assim acontece quando for insultado, como se fosse um homem semelhante aos outros. “Livra-me em tua justiça e salva-me”. Em tua justiça livra-me da fossa mortal, e tira-me do número daqueles que nela caem.

3 [3] “Inclina para mim teu ouvido”. Estás perto de mim. Ouve-me, pois sou humilde. “Apressa-te em meu socorro”. Não difiras até o fim do mundo separar-me dos pecadores, como acontece a todos os que creem em mim. “Sê para mim um Deus protetor”. Protege-me, ó Deus. “E uma casa de refúgio para me salvares”. Uma casa, onde refugiado possa me salvar.

4 [4] “Porque és a minha força e o meu abrigo”. Minha fortaleza para suportar os meus perseguidores e meu abrigo para escapar deles, és tu. “Para honra de teu nome hás de me conduzir e sustentar”. Em tudo seguirei a tua vontade a fim de que por meu intermédio te manifestes a todos os povos. Pouco a pouco, congregando em mim os santos, completarás meu corpo e a minha estatura perfeita.

5 [5] “Tirar-me-ás deste laço que estava dissimulado diante de mim”. Livras-me das insídias que me armaram ocultamente. “Porque és o meu refúgio”.

6 [6] “Em tuas mãos encomendo o meu espírito”. Entrego a teu poder o meu espírito, que em breve recuperarei. “Tu me resgataste, Senhor, Deus verdadeiro”. Diga também o povo remido pela paixão de seu Senhor, e alegre pela glorificação de sua Cabeça: “Tu me resgataste, Senhor, Deus verdadeiro”.

7 [7] “Detestas os que inutilmente cultuam a vaidade”. Detestas os que cultuam a falsa felicidade do século. “Eu, porém, esperei no Senhor”.

8 [8] “Em tua misericórida quero exultar e alegrar-me”; ela não me engana. “Porque viste a minha humilhação”. Por meio desta me submeteste à vaidade na esperança. “E salvaste

a minha alma das angústias"; salvaste minha alma do temor que me premia, para te servir na liberdade e caridade.

9 [9] "Não me entregaste às mãos do inimigo". Não me prendeste, de sorte que não tivesse possibilidade de respirar com liberdade, e fosse entregue para sempre ao poder do diabo, que seduzia pelas ambições desta vida e aterrorizava com a morte. "Firmaste os meus pés num caminho espaçoso". Ciente da ressurreição de meu Senhor e da promessa de minha própria ressurreição, minha caridade se dilata, livre das angústias do temor, e permanecendo nas auras da liberdade.

10 [10] "Tem compaixão de mim, Senhor, que estou atribulado". Mas, que inesperada crueldade de perseguidores é esta, que me incute enorme pavor? "Tem compaixão de mim, Senhor". Já não é a morte que me atemoriza, mas os padecimentos e tormentos. "Estão conturbados pela ira os meus olhos". Fixara meus olhos em ti, para não me abandonares; tu te iraste e os perturbaste. "A minha alma e as minhas entranhas". A mesma ira turvou minha alma, com a lembrança do que por mim sofreu o meu Deus e de suas promessas.

11 [11] "Porque a minha vida se consome na dor", pois minha vida está em confessar-te, mas desfaleci de dor, porque disse o inimigo: Sejam torturados até renegarem. "E os meus anos em gemidos". Não vem a morte terminar com os anos que passo neste século, decorridos em gemidos, mas que continuam. "Meu vigor esmoreceu devido à indigência". Falta-me a saúde corporal e não me são poupados os tormentos. A dissolução do corpo era necessária e a morte não me sobrevém. Nesta miséria, debilitou-se minha confiança. "E os meus ossos se abalaram". Minha firmeza foi abalada.

12 [12] "Tornei-me objeto de opróbrio para todos os meus inimigos". Meus inimigos são todos os iníquos; e no entanto, devido a seus crimes, serão torturados até que confessem. Então, venço o opróbrio deles. À sua confissão não se seguirá a morte, mas virão os tormentos. "Principalmente para os meus vizinhos". Isto pareceu excessivo aos que começavam a te conhecer e possuir a fé que eu possuo. "E terror para os meus amigos". Incuti temor aos meus próprios amigos pelo exemplo de minha horrível tribulação. "Os que me percebiam, fugiam para longe de mim". Não entendiam minha esperança interior e invisível; fugiram de mim, optando pelas coisas exteriores e visíveis.

13 [13] "Fui entregue ao esquecimento, riscado dos corações como um morto". Eles se esqueceram de mim; estou morto para seu coração. "Sou um vaso partido". Parecia-me ser eu imprestável para o uso do Senhor, pois vivendo no século, não lucrava a ninguém. Todos receavam associar-se a mim.

14 [14] "Porque ouvi os ultrajes de muitos, ao redor". Ouvi muitos a ultrajar-me na peregrinação desta terra, seguindo o decurso do tempo e recusando voltar comigo para a pátria eterna. "Conspirando contra mim, tramaram tirar-me a vida". Excogitaram o plano de não me deixarem morrer, para obterem que concordasse com eles a minha alma. Do

contrário, ela escaparia facilmente pela morte de seu poder.

15 [15] “Mas, eu em ti esperei, Senhor; disse: Tu és o meu Deus”. Não mudaste. Salvas, embora corrijas.

16 [16] “Em tuas mãos está a minha sorte”. Em teu poder, a minha sorte. Não encontro mérito algum de minha parte para uma escolha especial em vista da salvação, no meio da universal impiedade do gênero humano. Se, no entanto, existe diante de ti uma disposição justa e oculta para a minha eleição, a mim, porém, que a ignoro, coube por sorte a túnica de meu Senhor (Jo 19,24). “Livra-me das mãos de meus inimigos e perseguidores”.

17 [17] “Irradia a luz de tua face sobre teu servo”. Manifesta aos homens, descrentes de que a ti pertenço, como tua face se volta benevolente para mim e que eu te sirvo. “Salva-me por tua misericórdia”.

18 [18] “Senhor, não seja confundido, porque te invoquei”. Senhor, não me cubra de confusão perante os que me atacam, porque te invoquei. “Envergonhem-se os ímpios e sejam precipitados no inferno”. Corem-se antes os que invocam ídolos de pedra, e sejam partícipes das sombras.

19 [19] “Emudeçam os lábios mentirosos”. Revelando aos povos os teus mistérios em mim, torna mudos de espanto os lábios dos que inventam falsidades a meu respeito. “Dos que proferem a iniquidade contra o justo, cheios de soberba e de desdém”, dos que falam iniquamente contra Cristo, orgulhando-se e desprezando-o, como a um homem crucificado.

20 [20-21] “Como é grande, Senhor, a abundância de tua doçura”. Exclama aqui o profeta, divisando tais coisas e admirado da variedade com que se mostra abundante a tua doçura, Senhor. “Reservada para os que a ti temem”. É grande o teu amor até mesmo para aqueles a quem corriges. Mas, a fim de não agirem com maior negligência, devido a uma segurança desordenada, ocultas-lhes a doçura de teu amor, por lhes ser útil que temam a ti. “É perfeita para os que em ti esperam”. Mas, tornaste perfeita esta doçura para os que esperam em ti; não a subtrais dos que esperam com perseverança, até o fim. “Na presença dos filhos dos homens”. Não está oculta aos filhos dos homens, que não vivem mais segundo Adão, e sim conforme o filho do homem. “Abriga-os no esconderijo de sua face”. Guardas nesta habitação perpétua, no esconderijo de teu conhecimento, aqueles que em ti esperam. “Da perturbação dos homens”, de tal modo que não sofram mais perturbação humana.

21 “Protegê-los-ás em tua tenda das línguas maldizentes”. Por enquanto, as línguas maldizentes gritam: Quem o sabe? Ou quem veio de lá? Então, tu os proteges, abrigando-os na tenda da fé naquilo que o Senhor por nós fez e sofreu no tempo.

22 [22] “Bendito o Senhor que usou de admirável misericórdia na cidade circunvizinha”. Bendito o Senhor, que depois da correção de agudas perseguições, usou de admirável misericórdia para com a terra inteira, no âmbito da sociedade humana.

23 [23] “Eu disse no arroubo de meu espírito”. Daí vem que aquele povo repete: Eu disse, apavorado, quando os povos horrivelmente se encarniçavam contra mim. “Fui rejeitado do alcance de teus olhos”. Se me olhasses, não me deixarias sofrer assim. “Por isso escutaste, Senhor, a minha voz suplicante, que por ti clamava”. Mitigando, pois, a correção e mostrando que estou sob teus cuidados, ouviste, Senhor, a minha voz suplicante, quando devido à tribulação, eu me entregava instantemente à oração.

24 [24] “Amai ao Senhor, seus santos todos”. O profeta, vendo estas coisas, de novo exorta: “Amai ao Senhor, seus santos todos, porque o Senhor quer a verdade”. Se o justo com dificuldade consegue salvar-se, em que situação ficará o ímpio e pecador (cf 1Pd 4,18)? “E retribuirá aos que agem com excessivo orgulho”. E retribuirá aos que apesar de vencidos não se converterem, por causa de sua excessiva soberba.

25 [25] “Agi varonilmente, e se conforte o vosso coração”. Praticai o bem sem desfalecimento, para colherdes no tempo oportuno. “Todos vós que esperais no Senhor”, isto é, que o temeis e adorais com retidão. Esperai no Senhor.

II. SERMÃO I

1 [1] Perscrutemos, quanto nos é possível, os segredos dos salmo que acabamos de cantar, e em seguida, apresentemos a vossos ouvidos e a vossas mentes o sermão elaborado sobre o assunto. Intitula-se: “Para o fim. Salmo a Davi. Do êxtase”. Sabemos que sentido tem: “Para o fim”, se conhecemos a Cristo; pois diz o Apóstolo: “O fim da lei é Cristo para a justificação de todo o que crê” (Rm 10,4). Enfim, mas não enquanto termo, mas como acabamento. Fim de dois sentidos: ou o de deixar de ser o que existia, ou de aperfeiçoar-se o que estava só começado. Por conseguinte: “Para o fim”, para Cristo.

2 “Salmo de Davi. Do êxtase”. A palavra “êxtase”, do grego, na medida que é traduzível para o latim, pode ser vertida por: arroubo. O arroubo do espírito propriamente costuma chamar-se êxtase. Existem arroubos de duas espécies: ou de pavor, ou de intenso impulso para as coisas do alto, de sorte que fogem da memória as coisas inferiores. Tiveram êxtase os santos, aos quais foram revelados os segredos de Deus, que superam as realidades deste mundo. Falando deste arroubo do espírito, isto é, do êxtase, Paulo alude a si mesmo, com as palavras: “Se nos deixamos arrebatar como para fora do bom senso, foi por causa de Deus; se somos sensatos, é por causa de vós. Pois a caridade de Cristo nos compele” (2Cor 5,13). Quer dizer, se quissésemos fazer e contemplar apenas aquelas coisas que vemos em êxtase, não ficaríamos convosco, mas estaríamos no alto, e vos

menosprezaríamos de certo modo. E quando podereis seguir-nos, com passo hesitante, até aquelas realidades superiores e íntimas, senão quando novamente, impelidos pela caridade de Cristo ("Ele tinha a condição divina, e não considerou o ser igual a Deus como algo a que se apegar ciosamente. Mas esvaziou-se a si mesmo, e assumiu a condição de servo") (Fl 2,6) nos considerarmos servos, não sendo ingratos àquele do qual recebemos os bens mais sublimes, e por causa dos fracos não desprezarmos os bens inferiores, adaptando-nos àqueles que não podem conosco ver as realidades sublimes? Por isso, diz o Apóstolo: "Se nos deixamos arrebatar como para fora do bom senso, foi por causa de Deus". Pois, Deus vê o que nós vemos em êxtase; somente ele revela seus segredos. Efetivamente, afirma o Apóstolo, declarando que foi arrebatado e elevado ao terceiro céu e ouviu palavras inefáveis, que não é lícito ao homem pronunciar. Tão forte foi aquele arroubo que ele disse: "Se em seu corpo, não sei; se fora do corpo, não sei; Deus o sabe" (2Cor 12,2). Por conseguinte, se é a este arroubo do espírito, isto é, a este êxtase, que se refere o título do salmo, devemos esperar que há de pronunciar palavras importantes e elevadas o salmista, isto é, o profeta, ou antes, por meio do profeta, o Espírito Santo.

3 Se, porém, por êxtase se há de entender pavor, este sentido da palavra é também condizente com o contexto do salmo. Evidentemente, vai falar da paixão, que é pavorosa. Mas, quem é que sente pavor? Será o Cristo, porque traz o salmo: "Para o fim" e tal expressão representa a Cristo? Ou seremos nós? Podemos corretamente pensar que o pavor é de Cristo, na iminência da paixão, se viera ao mundo por causa dela? Aproximando-se o momento da morte, finalidade de sua vinda, acaso podia apavorar-se? Se fosse homem apenas, e não Deus, teria mais alegria com a perspectiva da ressurreição do que temor diante da morte? Mas, como se dignou assumir a condição de servo, e nesta condição revestir-se de nossa natureza, e assim como não menosprezou acolher-nos em si, também não desdenhou transfigurar-nos em si e empregar nossas palavras para que também nós proferíssemos as suas. Admirável comércio, permuta divina, troca operada neste mundo pelo celeste negociante: veio receber injúrias e conceder honras, veio sofrer dores e dar a salvação, veio sofrer a morte e transmitir a vida. Estando para morrer segundo a natureza que recebera de nós, apavorava-se, não em si mesmo, mas em nós. E se disse estar sua alma triste até a morte (Mt 26,38) realmente nós todos estávamos com ele. Pois, sem ele nada somos; nele, contudo, também somos o Cristo. Por quê? Porque Cristo total é Cabeça e corpo. Cabeça é ele, o salvador do corpo, que já subiu ao céu; corpo é a Igreja, a labutar ainda na terra (Ef 5,23). Se este corpo não aderisse pela conexão da caridade a sua Cabeça, tornando-se Cabeça e corpo um só todo, ele não se dirigiria do céu a certo perseguidor, corrigindo-o: "Saulo, Saulo, por que me persegues" (At 9,4)? Já no céu sentado, ninguém o tocava; como poderia Saulo, na terra, enfurecido contra os cristãos, injuriá-lo? Não disse: Por que persegues a meus santos, a meus servos? Mas: "Por que me persegues", isto é, a meus membros? A Cabeça clamava em favor dos membros e os representava. Igualmente a língua fala em lugar dos pés. Quando, por exemplo, no meio de multidão o pé é pisado e fica doído, a língua exclama: Tu me pisas. Não diz: Pisas o meu pé, mas diz que ela mesma é pisada,

apesar de não ser atingida, sentindo-se ligada ao pé machucado. Portanto, aqui também, sem inconveniente, entende-se a palavra êxtase como relativa a pavor. Irmãos. O que direi? Se os que estavam diante do martírio não sentissem absolutamente pavor, acaso se teria dito ao próprio Pedro, conforme ouvimos no dia natalício (do martírio) dos Apóstolos, como predição do Senhor sobre sua futura paixão: "Quando eras jovem, tu te cingias e andavas por onde querias; quando fores velho outro te cingirá e te conduzirá aonde não queres"? Acrescenta João: "disse isto para indicar que espécie de morte teria" (Jo 21,18.19). Se, pois, o apóstolo Pedro, apesar de tão grande perfeição, por onde não queria chegou ao que queria (morreu a contragosto, embora almejasse ser coroado) não é de admirar que mesmo os justos e os santos sintam pavor diante dos padecimentos. O medo provém da fraqueza humana, a esperança apoia-se na promessa divina. O medo procede de ti, a esperança é em ti um dom de Deus. Melhor hás de te reconhecer em teu pavor, para glorificares em tua libertação que te criou. Atemorize-se a fraqueza humana, mas apesar do pavor, a misericórdia divina não falha. Enfim, com temor começa o salmista: "Em ti esperei, Senhor, não seja confundido eternamente". Vêdes que se atemoriza e espera. Vêdes que não é um temor desesperado. Mesmo se existe perturbação no coração humano, o consolo divino não falta.

4 Aqui, portanto, fala Cristo através do profeta. Ouso afirmar: É Cristo quem fala. O salmista há de proferir certas palavras neste salmo que aparentam ser inadequadas a Cristo, àquela sublimidade de nossa Cabeça, principalmente ao Verbo que no princípio era Deus, junto de Deus. Nem mesmo talvez se ajuste à condição de servo, que ele recebeu da Virgem; e no entanto, fala Cristo, porque nos membros de Cristo está Cristo. Querendo que saibais constituirem cabeça e corpo um só Cristo, ele próprio, ao tratar do sentido do casamento, afirma: "De modo que já não sois dois, mas uma só carne" (Mt 19,5.6). Mas, acaso a afirmação é atinente a qualquer espécie de união conjugal? Ouve o que diz o apóstolo Paulo: "Serão ambos uma só carne. É grande este mistério: refiro-me à relação entre Cristo e a sua Igreja" (Ef 5,31.32). De dois faz-se, portanto, de certo modo, uma só pessoa, constituída de Cabeça e corpo, de esposo e esposa. Igualmente o profeta Isaías recomenda a unidade admirável e excelente desta pessoa; pois também fala Cristo profeticamente o seguinte: "Como a um esposo adornou-se com um diadema, como a uma esposa enfeitou-se com joias" (Is 61,10). Chamou-se a si mesmo de esposo, de esposa. Porque ele é esposo, é esposa, senão porque serão dois numa só carne? Se são dois numa só carne, porque não seriam dois numa só voz? Fale, portanto, Cristo, porque em Cristo fala a Igreja, e na Igreja fala Cristo; o corpo na Cabeça e a Cabeça no corpo. Ouve como o Apóstolo exprime a mesma coisa, com maior clareza: "Com efeito, o corpo é um e, não obstante, tem muitos membros, mas todos os membros do corpo, apesar de serem muitos, formam um só corpo. Assim também acontece com Cristo" (1Cor 12,12). Tratando dos membros de Cristo, isto é, dos fiéis, não disse: assim também os membros de Cristo; mas chamou de Cristo ao todo a que se referiu. O corpo é, por conseguinte, um só e tem muitos membros; e os membros todos, sendo embora muitos, constituem um só corpo. Assim também Cristo: muitos membros, um só corpo. Todos nós, portanto, simultaneamente estamos com Cristo, nossa Cabeça; sem ela nada

podemos. Por quê? Porque nós com nossa Cabeça assemelhamo-nos à videira. Sem a Cabeça, que tal não aconteça, parecemo-nos com sarmentos cortados, inúteis para qualquer obra agrícola, destinados apenas para o fogo. Por isso, Cristo também disse no evangelho: "Eu sou a videira e vós os ramos. Meu Pai é o agricultor. Sem mim, nada podeis fazer" (Jo 15,5.1). Senhor, nada sem ti, contigo tudo. De fato, tudo o que ele faz por nosso intermédio, parece que somos nós que fazemos. Ele pode muito e tudo sem nós; e nós, sem ele, nada.

5 [2] Adapta-se, portanto, o acima mencionado, a qualquer espécie de êxtase, seja de pavor, ou de arroubo. Digamos no corpo de Cristo, digamos todos como um só (porque todos nós formamos uma unidade), digamos: "Em ti esperei, Senhor, não seja confundido eternamente". Horroriza-me a confusão que dura eternamente; porquanto existe uma confusão temporal, que é útil, a perturbação da alma que considera seus pecados, consideração de horror, horror de vergonha, vergonha de emenda. Daí dizer também o Apóstolo: "E que fruto colhestes então daquelas coisas de que agora vos envergonhais" (Rm 6,21)? Ele afirma, portanto, que se envergonham os que agora já são fiéis, não dos dons atuais, e sim dos pecados passados. Não receie o cristão tal confusão; aliás, se não a sofrer, sofrerá a eterna. Qual é a confusão eterna? Quando suceder o que foi dito: "Seus delitos os acusarão" (Sb 4,20). E acontecerá que toda a grei perversa, entregue pelas próprias iniquidades, estará à esquerda do trono, como bodes separados das ovelhas, e ouvirá a sentença: "apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e para os seus anjos" (Mt 25,41). E perguntarão os condenados: Por que razão? "Porque tive fome e não me destes de comer" (ib 41). Eles desprezavam o Cristo faminto, não lhe dando de comer, o Cristo sedento não lhe dando de beber, nu não o vestindo, peregrino não o recebendo, doente não o visitando; então o desprezavam. Ao começar ele tal enumeração, ficarão confundidos e a confusão será eterna. Temendo-a, o salmista, apavorado, com a mente arrebatada em Deus, roga: "Em ti esperei, Senhor, não seja confundido eternamente".

6 "Livra-me em tua justiça, e salva-me", porque se ponderas a minha justiça, hás de condenar-me. "Livra-me em tua justiça". Dando-se a nós, a justiça de Deus faz-se nossa. No entanto, denomina-se justiça de Deus, para que o homem não pense que adquire a justiça por si mesmo. Assim se exprime o apóstolo Paulo: "A quem…crê naquele que justifica o ímpio, é sua fé que é levada em conta de justiça" (Rm 4,5). O que significa: Aquele que justifica o ímpio? É aquele que transforma o ímpio em justo. Os judeus, efetivamente, pensando que poderiam praticar a justiça pelas próprias forças, "esbarraram na pedra de tropeço" (Rm 9,32), na pedra de escândalo, e não reconheceram a graça de Cristo. Receberam, de fato, a lei e se tornaram réus, não se livraram da culpa. Finalmente, o que deles afirma o Apóstolo: "Pois lhes rendo testemunho do que têm zelo de Deus, mas não é um zelo esclarecido" (Rm 10,2). O que quer dizer: "Têm zelo de Deus", os judeus, mas não é um zelo esclarecido?" Ouve o que quer dizer: zelo não esclarecido: "Desconhecendo a justiça de Deus e procurando estabelecer a sua própria, não se sujeitaram à justiça de Deus" (ib 10,3). Têm zelo de

Deus, mas não esclarecido, porque desconhecem a justiça de Deus e procuram estabelecer a sua própria, como se por si mesmos se tornassem justos; por conseguinte, eles não conheceram a graça de Deus, porque não quiseram salvar-se gratuitamente. Quem é que se salva gratuitamente? Aquele em quem o Salvador não encontrou o que coroar, e sim o que condenar. Não encontrou boas obras meritórias; ao invés, achou-os merecedores de suplícios. Se o Salvador agir estritamente segundo as normas da lei, há de condenar o pecador. Se agisse segundo esta norma, a quem livraria? Encontrou a todos como pecadores; sem pecado, somente aquele que nos encontrou pecadores. É isto o que afirma o Apóstolo: "Todos pecaram e estão privados da glória de Deus" (ib 3,23). Qual o sentido da frase: "estão privados da glória de Deus?" É ele quem há de libertar e não tu. Como não podes te libertar, precisas de um libertador. Por que te gabas? Por que presumes da lei e da justiça? Não vês a luta no teu interior, de ti, contra ti? Não ouves a súplica daquele que luta, confessa, aspira por auxílio na peleja? Não escutas o atleta do Senhor pedir agonóteta (presidente dos jogos) socorro no combate? Deus não é só espectador de tua luta como o agonóteta, ao combateres no anfiteatro. Este pode premiar se venceres, mas não te ajudar se estiveres em perigo. Deus não assiste assim ao combate. Vê, portanto, dá atenção àquele que assevera: "Deleito-me na lei de Deus, segundo o homem interior, mas percebo outra lei em meus membros, que peleja contra a lei da minha razão e que me acorrenta à lei do pecado que existe nos meus membros. Infeliz de mim! Quem me libertará deste corpo de morte? A graça de Deus, por Jesus Cristo nosso Senhor" (Rm 7,22-25). Por que se chama graça? Porque é dada gratuitamente. E por que razão é dada gratuitamente? Teus méritos não foram precedentes; ao invés, os benefícios de Deus é que foram antecedentes. Glória, pois, ao nosso libertador. Com efeito, "todos pecaram e todos estão privados da graça de Deus. Em ti esperei, Senhor, não seja confundido eternamente", porque espero em alguém que não me confunde. "Livra-me em tua justiça e salva-me". Em mim não achaste justiça que fosse minha. Livra-me em tua justiça, isto é, livre-me a graça que me justifica, e de ímpio me transforma em piedoso, de iníquo em justo, de cego em vidente, de caído em reerguido, de queixoso em alegre. Ela, não eu próprio, me liberta. "Livra-me em tua justiça" e liberta-me.

7 [3] "Inclina para mim teu ouvido". Deus assim agiu, ao enviar-nos o próprio Cristo. Enviou-nos aquele que, com a cabeça inclinada, escrevia no chão com o dedo (Jo 8,6), ao lhe ser apresentada a mulher adúltera para que a punisse. Inclinara-se para o chão, isto é, Deus para o homem, ao qual foi dito: "És pó e em pó te tornarás" (Gn 3,19). Deus não inclina para nós o ouvido como se estivesse em lugar material, ou fosse limitado por determinados membros corporais. A imaginação humana não cria absolutamente tais fantasias. Deus é a verdade. E a verdade não é quadrada, nem redonda, nem comprida. Está presente em toda parte, se os olhos do coração para ela se abrirem. Deus, no entanto, inclina para nós o ouvido, derramando sobre nós a sua misericórdia. Pode haver maior misericórdia do que dar-nos seu Unigênito, não no intuito de viver conosco, mas para morrer por nós? "Inclina para mim teu ouvido".

8 “Apressa-te em meu socorro”. Foi atendida esta súplica, pois diz o salmista: “Apressa-te”. Foi empregada tal expressão para se entender que consta de um instante toda a duração do tempo que nos parece longo enquanto decorre. Não é longo o que tem fim. Decorreu de Adão até hoje, e passou muito mais tempo do que resta a passar. Se Adão ainda vivesse, e morresse hoje, de que lhe valeria ter subsistido por tanto tempo, ter vivido tanto? Qual a razão desta rapidez? Porque o tempo voa; e o que tarda em tua opinião, aos olhos de Deus é breve. O salmista, em êxtase, entendera esta rapidez. “Apressa-te em meu socorro. Sê para mim um Deus protetor, e uma casa de refúgio para me salvar”. Sê para mim uma casa de refúgio, ó Deus meu protetor, uma casa de refúgio. Por vezes, acho-me em perigo, e quero fugir. Para onde? Para que lugar irei com segurança? Para que monte? Para que gruta? Para que construção bem munida? Em que fortaleza me abrigarei? Com que muralhas me defenderei? A qualquer parte aonde for, vou comigo mesmo. De tudo podes fugir, ó homem, exceto de tua consciência. Entra em casa, repousa em teu leito, entra em teu íntimo. Nada de mais fundo podes achar, aonde fugir de tua consciência, se tens remorsos de teus pecados. Uma vez que disse o salmista: “Apressa-te em meu socorro, em tua justiça livra-me”, perdoando meus pecados e estabelecendo em mim a tua justiça. Ser-me-ás uma casa de refúgio. Em ti, refugio-me.
Pois, para onde fugirei de ti? Se Deus está irritado contra ti, para onde fugirás? Ouve o que diz o salmista em outra passagem, temendo a ira de Deus: “Aonde irei para longe de teu espírito e aonde fugirei de tua face? Se subir até o céu, lá estás; se descer aos abismos, estás presente” (Sl 138,7.8). Aonde quer que vá, lá te encontrarei. E se te irritares, encontrar-te-ei vindicativo, se te aplacares, como auxiliador. Nada me resta senão fugir para junto de ti e não fugir de ti. Se és um servo qualquer, para escapares de teu senhor, que é um homem, foges para onde ele não está; para escapares de Deus, foge para junto dele. Não há como fugir de Deus. Todos os lugares estão patentes e descobertos aos olhos do Onipotente. Sê, portanto, para mim uma casa de refúgio. Pois, se não tiver sido libertado, como fugirei? Cura-me e me refugiarei junto de ti. Se não me curas, não posso andar; como então fugir? Para onde iria, para onde fugiria, se não pudesse andar, estando meio-morto no caminho, coberto de feridas infligidas pelos ladrões? O sacerdote passou e foi adiante, passou o levita e foi adiante, passou o samaritano e se compadeceu (Lc 10,30), quer dizer, o prórpio Senhor, que se compadeceu do gênero humano. Samaritano significa guardião. E quem nos guarda, se ele nos abandona? De fato, quando os judeus o injuriavam nestes termos: “Não dizemos, com razão, que és samaritano e tens um demônio” (Jo 8,48)? Rejeitou uma acusação e aceitou a outra. Disse: “Eu não tenho demônio”, mas não declarou: Não sou samaritano. Assim deu a entender que era nosso guardião. Compadecido, aproximou-se, curou, levou à hospedaria, exerceu a misericórdia para com ele. E então, este homem já pode andar; pode também fugir. Para onde, se não para junto de Deus, onde fez para si uma casa de refúgio?

9 [4] “Porque és a minha força e o meu abrigo. Para honra de teu nome hás de me

conduzir e me sustentar". Não devido a meus méritos, mas "para honra de teu nome", a fim de seres glorificado, e não porque eu seja digno. "Hás de me conduzir". Não me desvie, longe de ti. "E sustentar". Esteja em condições de comer o manjar que alimenta os anjos. Aqui nos nutriu com leite aquele que nos prometeu o celeste alimento e usou de misericórdia eterna. A mãe que amamenta ingere a comida que a criança não é capaz de tomar e a converte em leite. A criança toma o que devia receber à mesa, mas assimilado pelo corpo da mãe, sob a forma conveniente a um pequenino. Assim Deus, para converter sua sabedoria em leite para nós, veio até nós revestido de carne. Por isso fala o corpo de Cristo: "Hás de me sustentar".

10 [5] "Tirar-me-ás deste laço que estava dissimulado diante de mim". Já alude à paixão. "Tirar-me-ás deste laço que estava dissimulado diante de mim". Não se trata apenas da paixão de nosso Senhor Jesus Cristo. O diabo estende seus laços até o fim. E ai daquele que cai neste laço. Cai, efetivamente, todo aquele que não espera em Deus, e não diz: "Em ti esperei, Senhor, não seja confundido eternamente. Livra-me em tua justiça, e salva-me". Estão armados, preparados os laços do inimigo. Seus laços são o erro e o terror; erro que seduz, terror que esmaga e arrebata. Tu, porém fecha a porta da cobiça contra o erro; cerra a porta do temor contra o terror e escaparás do laço. Teu próprio Imperador oferece em si exemplo desta luta, por ti tendo-se dignado até a ser tentado. Primeiro foi tentado relativamente ao prazer. O diabo o tentou, forçando a porta dos desejos, ao dizer: "Manda que estas pedras se transformem em pão. Todos estes reinos te darei, se prostrado me adorares. Atira-te para baixo, porque está escrito: Ele dará ordem a seus anjos a teu respeito, e eles te tomarão nas mãos para que não tropeces em alguma pedra" (Mt 4,4.9.6). Todos esses atrativos são tentação para a cobiça. Mas, o diabo encontrou trancada a porta da cobiça naquele que era tentado por nossa causa. Experimentou então forçar a do temor e preparou a paixão. Finalmente, declara o evangelista: "E consumada para ele toda a tentação, o diabo o deixou até o tempo oportuno" (Lc 4,13). O que siginifica: "Até o tempo oportuno?" Haveria de voltar e forçar a porta do medo, tendo encontrado trancada a da cobiça. Todo o corpo de Cristo, por conseguinte, é tentado até o fim. Irmãos. Quando foi decretado não sei que mal contra os cristãos, foi simultaneamente atacado este corpo, todo ele. Daí dizer o salmo: "Como um montão de areia fui empurrado para cair, mas o Senhor me susteve" (Sl 117,13). Mas, uma vez terminada aquela perseguição infligida a todo o corpo para que caísse, começou a prova por partes. É tentado o corpo de Cristo. Enquanto uma igreja acha-se livre de perseguição, outra sofre. Não sofre o furor do imperador, mas suporta o da plebe maligna. Quantas devastações realizadas pela plebe! Quantos males infligidos às igrejas pelos maus cristãos, destes que foram apanhados na redezinha, em tal quantidade que as barcas quase afundaram (Lc 5,7), na pesca miraculosa, antes da paixão? Não faltam, pois, as angústias da tentação. Quem assim se exprime, promete a paz a si mesmo, e quem a si mesmo promete a paz, é invadido quando se crê seguro. Diga, portanto, o corpo inteiro de Cristo: "Tirar-me-ás deste laço, que estava dissimulado diante de mim". Escapou do laço também nossa Cabeça, do laço escondido por aqueles

que foram mencionados no evangelho e que haviam de dizer: “Este é o herdeiro, vamos! matemo-lo e apoderemo-nos da herança”. Eles responderam, ao serem interrogados, sentenciando contra si próprios: “O que fará o pai de família àqueles maus vinhateiros? Certamente os destruirá de maneira horrível e arrendará a vinha a outros agricultores. Como? Não lestes o dito: A pedra que os construtores rejeitaram, tornou-se a pedra angular?” (cf Mt 21,38-42). “Rejeitaram os construtores”, equivale a: “lançaram-no fora da vinha e o mataram”. Portanto, também ela foi libertada. Nossa Cabeça está no céu: é livre. Unamo-nos a ele pelo amor, para melhor depois a ela aderirmos pela imortalidade e digamos todos: “Tirar-me-ás deste laço, que estava dissimulado diante de mim, porque és o meu refúgio”.

11 [6] Ouçamos a voz que o Senhor emitiu na cruz: “Em tuas mãos encomendo o meu espírito”. Uma vez que reconhecemos suas palavras no evangelho, provenientes deste salmo, não havemos de duvidar de que ele aqui falou. Encontra-se no evangelho; ele disse: “Em tuas mãos encomendo o meu espírito (Lc 23,46), e inclinando a cabeça, entregou o espírito” (Jo 19,30). Não foi sem razão que fez suas as palavras deste salmo; quis te prevenir de que ele falou neste salmo. Procura-o aqui; reflete como quis ser procurado em outro salmo, intitulado: “Pelo socorro matutino. Traspassaram-me as mãos e os pés. Contaram todos os meus ossos. Estiveram a olhar-me e me examinaram. Dividiram entre si as minhas vestes e sobre a minha túnica lançaram sortes” (Sl 21,17.19). Querendo te advertir de que nele isto se realizou, proferiu como palavra sua o início deste salmo: “Deus, meu Deus, por que me desamparaste” (ib 2)? E, no entanto, estava representando a voz do corpo, pois o Pai jamais abandonou seu Filho Único. “Tu me resgataste, Senhor, Deus verdadeiro”, fazendo o que prometeste, não enganando em tua promessa, ó Deus verdadeiro.

12 [7] “Detestas os que seguem inutilmente a vaidade”. Quem é que segue a vaidade? Aquele que morre, pelo receio de morrer. Mente pelo medo de morrer, e morre antes de morrer, quem mentia para viver. Queres mentir para não morrer; mentes e morres. Enquanto evitas uma só morte que podes diferir, mas não eliminar, incorres em duas: a primeira da alma, a segunda do corpo. Donde se origina isto, a não ser de seguires a vaidade? Apraz-te o dia passageiro; agrada-te o tempo que voa, que nada segura e ainda por cima te retém. “Detestas os que seguem inutilmente a vaidade. Eu, porém, esperei no Senhor”. Pões a esperança no dinheiro? Segues a vaidade. Depositas a esperança nas honras e na sublimidade de um poder humano? Segues a vaidade. Confias em um amigo poderoso? Segues a vaidade. Enquanto esperas em todas estas coisas, ou morres ou as deixas, ou durante a vida tudo se perde e desvanece a tua esperança. Relembrando tal vaidade, diz Isaías: “Toda carne é feno, e toda a sua glória como a flor do feno. Seca o feno e murcha a flor, mas a palavra do Senhor subsiste para sempre” (Is 40,68). Eu, porém, não esperei como os que confiam na vaidade e a seguem, mas esperei no Senhor, em quem não existe vaidade.

13 [8] “Em tua misericórdia quero exultar e alegrar-me”, não em minha justiça. “Porque

viste a minha humilhação, e salvaste minha alma das angústias. Não me entregaste às mãos do inimigo". Quais as angústias, de que desejamos livrar nossa alma? Quem as pode enumerar? Quem as destacará com exatidão? Quem mostrará devidamente como evitá-las e delas fugir? Em primeiro lugar, dura necessidade do gênero humano é ignorar o que se passa no coração de outrem, pensar mal, às vezes, de um amigo fiel, e por vezes bem, de um infiel. Oh dura necessidade! Como desvendar os corações? Que olhos empregarás? Ó condição mortal fraca e lastimável? O que fazer para veres hoje o coração de teu irmão? Não há recurso. Pior ainda. Nem sabes o que será amanhã o teu coração. E o que dizer da obrigatoriedade da mortalidade? Forçoso é morrer, e ninguém o quer. Ninguém quer o que, no entanto, é necessário. Ninguém quer o que acontecerá, queira ou não queira. Dura necessidade: não querer o inevitável! Se fosse possível, certamente não queríamos morrer; gostaríamos de nos tornar como os anjos, por certa modificação, sem morrer, conforme diz o Apóstolo: "Teremos no céu um edifício, obra de Deus, morada eterna, não feita por mãos humanas. Tanto assim que gememos pelo desejo ardente de revestir por cima de nossa morada terrestre a nossa habitação celeste — que será possível se formos encontrados vestidos, e não nus. Pois nós, que estamos nesta tenda, gememos acabrunhados, porque não queremos ser despojados da nossa veste, mas revestir a outra por cima desta, a fim de que o que é mortal seja absorvido pela vida" (2Cor 5,1-4). Queremos chegar ao reino de Deus, mas não através da morte; contudo, a necessidade te fala: É por ela que irás. Hesitas, ó homem, ir através dela, enquanto Deus por meio dela se aproximou de ti? Quais também são as angústias necessárias para vencer as ambições arraigadas e os maus costumes inveterados? Vencer um hábito, é duro combate, como sabes. Vês que ages mal, de modo detestável, infeliz; e, no entanto, assim fazes. Ontem o fizeste e farás ainda hoje. Se tanto te desagrada quando o descrevo, como não te desagradará ao pensares nisto? Apesar de tudo, tu o farás. De onde és arrastado? Quem te puxa? Será aquela lei em teus membros que repugna à lei de teu espírito? Exclama então: "Infeliz de mim! Quem me libertará deste corpo de morte? A graça de Deus, por Jesus Cristo nosso Senhor" (Rm 7,23), e em ti se cumprirá o que acabamos de dizer! "Eu, porém, esperei no Senhor. Em tua misericórdia quero exultar e alegrar-me, porque viste a minha humilhação e salvaste minha alma das angústias". Por que razão a tua alma foi salva de suas aflições, senão porque foi levada em conta a tua humildade? Se não te humilhasses primeiro, não te ouviria aquele que te salva das aflições. Humilhou-se quem disse: "Infeliz de mim! Quem me livrará deste corpo de morte" (Rm 7,23)? Não se humilharam os que, "desconhecendo a justiça de Deus e procurando estabelecer a sua própria, não se sujeitaram à justiça de Deus" (ib 10,3).

14 [9] "Não me entregaste às mãos do inimigo", que não se identifica com teu vizinho, nem teu sócio, nem aquele com quem militaste e o lesaste, ou talvez a quem injuriaste em tua própria cidade. Por estes, devemos rezar. É outro o inimigo que temos, o diabo, a serpente antiga. Todos nós mortais, se morremos bem, livramo-nos de suas mãos. Todos, ao contrário, que morrem mal, no meio de suas iniquidades, ficam presos em

suas mãos, para serem com ele condenados no fim. Livre-nos, pois, o Senhor nosso Deus, das mãos de nosso inimigo. Ele quer apanhar-nos por meio da cobiça. Nossos desejos, se são fortes e os servimos, chamam-se necessidades. Se Deus livra nossa alma de nossas necessidades, o que haverá em nós que o inimigo agarre para nos prender em suas mãos?

15 "Firmaste os meus pés num caminho espaçoso". Certamente, o caminho é estreito. Estreito para quem labuta, espaçoso para quem ama. O caminho estreito torna-se largo. "Firmaste os meus pés num caminho espaçoso", a fim de que meus pés não se sintam apertados, não pisem mal e tropecem, jogando-me no chão. Qual o significado da frase: "Firmaste os meus pés num caminho espaçoso"? Com efeito, tornaste fácil para mim a observância da justiça, que antes achava difícil. Tal o sentido das palavras: "Firmaste os meus pés num caminho espaçoso".

16 10.11 "Tem compaixão de mim, Senhor, que estou atribulado. Estão conturbados pela ira os meus olhos, a minha alma e as minhas entranhas". Estas palavras bastem para vossa caridade. Com o auxílio de Deus, espero cumprir minha promessa e pagar minha dívida, terminando a explicação do salmo. Depois, poderemos partir[1].

[1] Daí se depreende que este e os dois seguintes tratados sobre o salmo XXX foram pronunciados em lugar diferente da igreja de Hipona.

SERMÃO II

1 Nossa atenção se prenda agora ao restante do salmo. Reconheçamo-nos a nós mesmos nas palavras do profeta. Pois, se nos examinarmos no tempo da tribulação, alegrar-nos-emos por ocasião da recompensa. Expliquei a V. Caridade, quando explanava a primeira parte do salmo, que era Cristo quem falava. Não omiti que se deve tomar na acepção de Cristo total, Cabeça e corpo. Provei-o igualmente, com testemunhos da Escritura, a meu ver, bastante adequados e eloquentes, de sorte que não há possibilidade de dúvida de que Cristo é Cabeça e corpo, esposo e esposa, Filho de Deus e Igreja, Filho de Deus feito filho do homem por nossa causa, para se tornarem filhos de Deus os que são filhos dos homens. Assim, seriam dois numa só carne, segundo o grande sacramento. E os profetas reconhecem que formam os dois uma só voz. Mais acima o mesmo Cristo se congratulava com as palavras: "Viste a minha humilhação e salvaste minha alma das angústias. Não me entregaste às mãos do inimigo. Firmaste os meus pés num caminho espaçoso". Congratula-se o homem libertado da tribulação, os membros de Cristo, livres da aflição e das insídias. E diz ainda: "Tem compaixão de mim, Senhor, que estou atribulado". Na tribulação, sem dúvida, há angústia. Como, então, se diz: "Firmaste os meus pés em lugar espaçoso?" Se ainda está em tribulação, como se acham os seus pés em lugar espaçoso? Talvez seja mesmo uma só voz, porque é um só corpo. Mas, alguns membros sentem-se ao largo, enquanto outros estão apertados, isto é, uns sentem a facilidade da justiça, outros pelejam na tribulação? Se um membro não sofresse de modo

diferente de outro, não teria dito o Apóstolo: "Se um membro sofre, todos os membros compartilham o seu sofrimento; se um membro é honrado, todos os membros compartilham a sua alegria" (1Cor 12,26). Algumas igrejas, por exemplo, gozam de paz e outras estão atribuladas; as que gozam de paz têm os pés em lugar espaçoso; as que estão em tribulação sofrem angústias; mas àquelas contrista a tribulação destas, e a estas consola a paz das primeiras. Assim, pois, há um só corpo, sem cisões; somente a dissensão produz a cisão. A caridade, porém, faz a união, a união abraça a unidade, a unidade conserva a caridade, a caridade conduz à glória. Diga, portanto, em vez de alguns membros: "Tem compaixão de mim, Senhor, que estou atribulado. Estão conturbados pela ira os meus olhos, a minha alma e as minhas entranhas".

2 Perguntamos de onde vem tal tribulação, visto que pouco antes parecia alegrar-se de ter sido libertado, por certa justiça nele infundida largamente, por um dom de Deus. Então seus pés encontraram espaço na amplidão da caridade. De onde, pois, se origina esta tribulação senão talvez da palavra do Senhor: "Pelo crescimento da iniquidade, o amor de muitos esfriou" (Mt 24,12). Nos primórdios, a Igreja estava confiada a pequenino número de santos, que lançaram as redes. A Igreja cresceu, e foram apanhados inúmeros peixes, acerca dos quais fora predito: "Anunciei-os, falei, multiplicaram-se imensamente" (Sl 39,6). Eles também sobrecarregavam a barca e as redes se rompiam, conforme se encontra na narrativa da primeira pesca (Lc 5,6), antes da paixão do Senhor. São essas multidões que reforçam o número dos que enchem as igrejas por ocasião da Páscoa, de sorte que os recintos não comportam tanta gente. Como se não sentirá atribulado o salmista diante de tal multidão, vendo que os mesmos que pouco antes enchiam as igrejas lotam os teatros e anfiteatros? Os mesmos que pouco antes estavam louvando a Deus, estarem no meio da maldade? Blasfemarem contra Deus os que diziam a Deus: Amém? Permaneça, persista, não desfaleça mesmo no meio da grande turba dos iníquos, porque o grão também não desaparece na quantidade de palha, até que, depois de joeirado, seja recolhido ao celeiro. Fique ali, na sociedade dos santos, para nada sofrer do torvelinho de poeira. Persista, portanto. Também o Senhor depois de dizer: "Pelo crescimento da iniquidade, o amor de muitos esfriará", para que não escorregassem nem titubeassem os nossos pés diante desta prevista superabundância de maldade, acrescentou imediatamente uma palavra de ânimo, que consolasse e corroborasse os fiéis: "Aquele, porém, que perseverar até o fim, esse será salvo" (Mt 24,13).

3 Considera, pois, a este homem, a meu ver, atribulado. Enquanto estava em tribulação tinha, de certo modo, de se condoer, (a dor é inerente à tribulação), e diz que se encolerizou na aflição; e suplica: "Tem compaixão de mim, Senhor, que estou atribulado. Estão conturbados pela ira os meus olhos". Se estás aflito, porque te irritas? Ele se irrita por causa dos pecados alheios. Quem não se encoleriza vendo homens que confessam a Deus com a boca e o negam com os costumes? Quem não se ira vendo homens que renunciam ao mundo só por palavras, não por obras? Quem não se irrita vendo irmãos a armarem ciladas a outros irmãos e não guardarem a fidelidade ao ósculo de paz que

trocam durante os sacramentos de Deus? E quem pode enumerar tudo o que irrita o corpo de Cristo, o qual vive interiormente do espírito de Cristo e geme como grão no meio de palhas? Quase não aparecem os que assim gemem, os que assim se encolerizam, porque mal se veem os grãos enquanto triturados na eira. Quem não sabe quantas espigas foram metidas ali, pensa que tudo é palha; e desse todo que parecia palha, se extrairá limpa uma grande quantidade de farinha. Em lugar desses que não aparecem e gemem, encoleriza-se aquele que disse em outra passagem: "O zelo de tua casa me devora" (Sl 68,10). Declara também em outro lugar, ao ver muitos a praticarem o mal: "Fiquei abatido por causa dos pecadores que abandonaram a tua lei" (Sl 118,53). E ainda noutro trecho: "Vi os insensatos e me consumia" (ib 158).

4 Mas, cautela! Não seja tão grande a ira que degenere em ódio. A ira ainda não é ódio. Podes encolerizar-te contra teu filho, mas não o odeias. Guardas a herança para aquele que te percebe irado; e te irritas para que ele não perca o que guardaste, vivendo mal, com costumes depravados. A ira, portanto, ainda não é ódio. Ainda não odiamos aqueles contra os quais nos iramos; mas se a ira durar, e não for logo arrancada, cresce e torna-se ódio. A Escritura nos ensina que arranquemos a ira recente, para não se converter em ódio: "Não se ponha o sol sobre a vossa ira" (Ef 4,26). Às vezes, encontra-se um irmão com ódio e que, no entanto, repreende a outrem que se irrita. Nele existe o ódio, e culpa no outro a ira. Tem uma trave no olho e repreende o argueiro no olho do irmão (Mt 7,31). Mas o argueiro e a palha, se não forem tirados, hão de se transformar em trave. O salmista, portanto, não disse: Meu olho se extinguiu devido à ira, mas "se conturbou". Pois, se ele se extingue, já é ódio, não é ira. E vede a razão por que ficou extinto, conforme diz João: "O que odeia o seu irmão, está nas trevas" (1Jo 2,11). Antes, pois, de ficar nas trevas, o olho se turvou pela ira; mas cuide-se de que a ira não se converta em ódio, e o olho se extinga. Diz, portanto, o salmista: "Estão conturbados pela ira os meus olhos, a minha alma e as minhas entranhas", isto é, estou intimamente perturbado. "As entranhas" substituem a expressão: meu íntimo. Algumas vezes, pois, é lícito irar-se contra os iníquos, os perversos, os transgressores da lei, os que vivem mal; mas não é lícito gritar. Quando nos encolerizamos e não podemos gritar, perturbamo-nos intimamente. A perversidade é por vezes tão grande que é incorrigível.

5 [11] "Porque a minha vida se consome na dor e os meus anos em gemidos. A minha vida se consome na dor". Diz o Apóstolo: "Agora estamos reanimados, porque estais firmes no Senhor" (1Ts 2,8). Todos os que são perfeitos, devido ao Evangelho e à graça de Deus, não vivem na terra senão por causa dos outros; pois a sua vida neste século já não lhes é necessária. Mas, como seu ministério é necessário aos outros, realiza-se neles o que disse o mesmo Apóstolo: "O meu desejo é partir e ir estar com Cristo; pois isso me é muito melhor; mas permanecer na carne é mais necessário por vossa causa" (Fl 1,23.24). Quando, porém, o homem vê que por seu ministério, seus lavores, sua pregação os homens não melhoram, esmorece devido à indigência. Tal indigência e fome são coisas verdadeiramente dignas de comiseração, uma vez que de certo modo a Igreja se nutre daqueles que lucramos para o Senhor. O que quer dizer: se nutre? Seu corpo

assimila. O que comemos é assimilado por nosso corpo. Assim procede a Igreja, por intermédio dos santos. Ela tem fome daqueles que quer lucrar e de certo modo come aqueles que lucrou. Pedro representava a Igreja, quando desceu do céu e lhe foi apresentado um recipiente cheio de todos os animais quadrúpedes, répteis e aves. Estas espécieis significavam todos os povos. O Senhor prefigurava a Igreja que haveria de devorar inteiramente todos os gentios, e convertê-los em seu corpo. E disse a Pedro: "Imola e come" (At 10,13). Ó Igreja (isto é, ó Pedro, pedra sobre a qual edificarei minha Igreja) (Mt 16,18): "Imola e come". Primeiro mata, e depois come. Mata o que eles são, e faze deles o que tu és. Quando, portanto, o evangelho é pregado, e o pregador verifica que os homens não tiram proveito, como não há de exclamar: "Porque a minha vida se consome na dor e os meus anos em gemidos. Meu vigor esmoreceu devido à indigência e os meus ossos se abalaram". Esses nossos anos, passados na terra, decorrem entre gemidos. Por que razão? "Porque pelo crescimento da iniquidade, o amor de muitos esfriará" (Mt 24,12). Em meio a gemidos não nítidas palavras. A Igreja, vendo a muitos caminharem para a perdição, abafa seus gemidos, e diz a Deus: "Os meus gemidos não te são ocultos" (Sl 37,10). É expressão de outro salmo, mas condizente com este e equivale a dizer: Embora meu gemido esteja oculto aos homens, de ti não se esconde. "Meu vigor esmoreceu pela indigência, e os meus ossos se abalaram". A esta indigência referimo-nos acima. Os ossos são os fortes na Igreja, os quais, se não se perturbam com as perseguições dos estranhos, perturbam-se contudo com as iniquidades dos irmãos.

6 12 "Tornei-me objeto de opróbrio para todos os meus inimigos, principalmente para os meus vizinhos e terror para os meus amigos". Para todos os meus inimigos tornei-me um opróbrio. Quais são os inimigos da Igreja? Os pagãos, os judeus? Pior do que todos esses é a vida dos maus cristãos. Queres ver como é pior a vida dos maus cristãos? Deles diz o profeta Ezequiel que se comparam a sarmentos inutéis (Ez 15,2). Suponhamos sejam os pagãos árvores silvestres fora da Igreja, com as quais ainda se pode fazer alguma coisa. Assim, das árvores de lei o carpinteiro retira a madeira conveniente e se ainda for nodosa, curva, cascuda e ele a talhar, lavrar, aplainar pode servir a um artefato útil. Mas, dos sarmentos cortados, o carpinteiro nada pode fazer; só o fogo os espera. Atenção, irmãos. Sempre se prefere o sarmento que fica na videira à árvore silvestre, porque o sarmento dá fruto e aquela árvore é infrutífera; mas se compararmos o sarmento cortado com o lenho silvestre, entende-se que este último é melhor, porque da madeira o carpinteiro pode fazer alguma coisa, enquanto só procura o sarmento quem acende o fogo. Considerando, portanto, a multidão dos que vivem mal na Igreja, ela diz: "Tornei-me objeto de opróbrio para todos os meus inimigos". Os maus que recebem os meus sacramentos vivem pior do que os daqueles que nunca se aproximaram. Por que não falaremos claramente em vernáculo, ao menos quando explicamos um salmo? E se talvez em outras ocasiões não ousamos falar, ao menos a necessidade de explicar use da liberdade de corrigir. "Tornei-me um objeto de opróbrio para todos os meus inimigos". Destes declara o apóstolo Pedro: "O seu último estado se torna pior do que o primeiro. Assim, melhor lhes fora não terem conhecido o caminho da justiça do que, após tê-lo

conhecido, desviarem-se do santo mandamento que lhes foi confiado". Quando afirma: "Melhor lhes fora não terem conhecido o caminho da justiça", acaso não julgou serem melhores os inimigos de fora do que os que vivem mal dentro da Igreja, oprimindo-a e agravando-a? Disse Pedro: "Melhor lhes fora não terem conhecido o caminho da justiça do que, após tê-lo conhecido, desviarem-se do santo mandamento que lhes foi confiado". Finalmente, vede que comparação horrorosa ele utilizou: "Cumpriu-se neles aquilo do provérbio verdadeiro: O cão voltou ao seu próprio vômito" (2Pd 2,20-22). Estando a Igreja cheia de homens assim, não poderão dizer com verdade uns poucos, ou antes, a opróbrio Igreja pela voz deles: "Tornei-me objeto de opróbrio para todos os meus inimigos, principalmente para meus vizinhos, e causa de terror para meus amigos?" Principalmente para meus vizinhos tornei-me objeto de opróbrio, isto é, para aqueles que já se aproximavam de mim para acreditar. Quer dizer, meus vizinhos desistiram inteiramente por causa da vida má de cristãos péssimos e falsos. Irmãos. Quantos pensais serem os que desejam tornar-se cristãos, mas se escandalizam com os maus costumes dos cristãos? Estes são os vizinhos que já se aproximavam, mas nos consideraram como objeto de opróbrio.

7 [12] "Tornei-me causa de terror para meus amigos". Que coisa terrível! Tornei-me objeto de terror para meus amigos. Que há de mais terrível para o homem do que ver muitos que vivem mal, e verificar que estão cheios de obras más aqueles de quem se esperava que agissem bem? Passa-se a recear que sejam iguais a todos os que se julgava serem bons e caem suspeitas sobre quase todos os bons. Que homem aquele! Como pôde cair? Como pôde ser surpreendido em tal torpeza, em tal crime, em tal ação má? Pensas que todos não são assim? Seria este o "terror para meus amigos", de sorte que até aqueles que nos conhecem, muitas vezes caem em suspeitas. E se não te consola o que és, se és alguma coisa, não acreditas que existe outro igual. Uma certa consciência consola o homem que vive bem, de maneira que ele diz a si mesmo: Tu que receias que todos sejam maus, tu também o és? A consciência responde: Não. Portanto, se não és mau, és o único? Vê se esta soberba não é pior do que aquela maldade? Não digas que és o único. Pois também Elias, certa vez, entediado por causa da multidão dos ímpios disse: "Eles mataram teus profetas, arrasaram teus altares, só fiquei eu e querem tirar-me a vida. Mas o que lhe responde o oráculo divino? Reservei para mim sete mil homens que não dobraram o joelho a Baal" (1Rs 19,10; Rm 11,3.4). Irmãos. Para estes escândalos só existe um remédio: Não pensar mal de um irmão. Sê humildemente o que queres seja ele, e não julgarás que ele é o que não és. Seja, contudo, terror mesmo para os conhecidos, mesmo para os que já o experimentaram.

8 "Os que me percebiam, fugiam para longe de mim". Seria perdoável fugirem para longe de mim os que não me viam; mas até mesmo os que me viam, fugiram para longe. Se, porém, os que me não percebiam, fugiam para longe de mim (ou antes, não se diga que fugiram para longe, porque não estavam perto. Se estivessem perto, ver-me-iam, isto é, reconheceriam o corpo de Cristo, reconheceriam os membros de Cristo, reconheceriam a unidade de Cristo), é mais deplorável, mais intolerável terem muitos que

me viam fugido para longe de mim, quer dizer, os que sabiam o que é a Igreja saíram e criaram heresias e cismas contra a Igreja. Se hoje encontrares, por exemplo, alguém nascido no partido de Donato, que não sabe o que é a Igreja, mantém-se lá onde nasceu. Impossível é arrancar-lhe os costumens, sugados com o leite da ama. Mas trata-se de um que diariamente manuseia as Escrituras, que lê, que prega. Não há de ver escrito finalmente ali: "Pede-me e dar-te-ei as nações por herança e como propriedade os confins da terra" (Sl 2,8)? Não há de ver ali escrito: "Haverão de se lembrar e de se converter ao Senhor todos os confins da terra, e adorarão em sua presença todas as famílias das nações" (Sl 21,28)? Se aí encontras a unidade da terra inteira, porque foges para longe, de sorte que não somente a ti, mas também a outros, feres de cegueira? "Os que me percebiam", os que sabiam o que é a Igreja e a contemplavam nas Escrituras, "fugiam para longe de mim". Pensais, irmãos, que os fundadores de heresias, em diversos lugares e partes da terra, não sabiam pelas Escrituras de Deus que fora predita a propagação da Igreja por toda a terra? Sim, digo a V. Caridade. Certamente todos somos cristãos, ou temos o nome de cristãos, todos nos marcamos com o sinal da cruz de Cristo. Os profetas falaram de maneira mais obscura sobre Cristo do que sobre a Igreja. A meu ver, a razão disto está em que viam no Espírito que alguns haveriam de criar facções contra a Igreja e não levantariam tantos pleitos contra Cristo. Sobre a Igreja excitariam grandes contendas. Por isto, sobre o objeto de maiores discussões, as predições foram mais claras e as profecias mais manifestas, a fim de merecerem o juízo aqueles que viram e fugiram para longe.

9 Citarei apenas um fato, como exemplo. Abraão foi nosso pai, não por causa da propagação carnal, mas devido à imitação da fé. Justo e agradável a Deus, pela fé recebeu em sua velhice o filho da promessa, Isaac, de Sara, sua esposa, que era estéril (Gn 21,2). Foi-lhe ordenado imolar a Deus este mesmo filho. Não duvidou, não contestou, não discutiu a ordem de Deus, nem considerou um mal o que pôde mandar aquele que é o sumo bem. Levou o filho para a imolação. Impôs-lhe a lenha do sacrifício, foi ao lugar determinado, levantou a direita para feri-lo. Abaixou-a à ordem daquele que lhe mandara lavantá-la (ib 22,3). Obedecera à ordem de ferir, obedeceu ao preceito de poupar. Sempre obediente, nunca tímido. Todavia, a fim de se realizar o sacrifício, e ele não se retirar sem derramamento de sangue, encontrou um cordeiro preso pelos chifres num espinheiro, imolou-o, consumou o sacrifício. Perguntas o significado de tudo isso. É figura de Cristo, envolvida em mistério. Finalmente, discute-se para se ver, para se ver é explanado; esclareça-se o que estava oculto. Isaac, filho único e amado é figura do Filho de Deus, carregando a lenha como Cristo carregou a cruz (Jo 19,17). Enfim, o próprio cordeiro representou a Cristo. O que é estar preso pelos chifres senão estar de certo modo preso à cruz? É a figura de Cristo. Em seguida, devia ser anunciada a Igreja. A Cabeça foi prenunciada. Também o corpo devia sê-lo. Começou o Espírito de Deus, Deus começou a querer anunciar a Igreja a Abraão e dispensou a figura. Deus anunciava a Cristo em figura, mas prenunciou claramente a Igreja, pois disse a Abraão: "Porque obedeceste a minha voz, e não me recusaste teu filho, teu único, eu te cumularei de bênçãos, eu te darei uma posteridade tão numerosa quanto as estrelas

do céu e quanto a areia que está na beira do mar… Por tua posteridade serão abençoadas todas as nações da terra” (Gn 22,16). Quase sempre Cristo foi predito pelos profetas veladamente num sinal, mas a Igreja foi claramente anunciada, a fim de que a vissem mesmo os futuros adversários, cumprindo-se neles a malícia predita no salmo: “Os que me percebiam, fugiam para longe de mim. Eles saíram de entre nós, mas não eram dos nossos” (1Jo 2,19), afirmou a respeito deles o apóstolo João.

10 [13] “Fui entregue ao esquecimento, riscado dos corações, como um morto”. Fui esquecido, caí no olvido, não se lembraram mais de mim os que me viram. Fui esquecido, e de tal modo não se recordaram de mim, como se fora riscado de seus corações, qual um morto. “Fui entregue ao esquecimento, riscado dos corações, como um morto. Sou um vaso partido”. Qual o sentido da frase: “Sou um vaso partido?” Pelejava, mas sem proveito. Era vaso sem serventia; chama-se a si mesmo de vaso partido.

11 [14] “Porque ouvi os ultrajes de muitos ao redor”. Muitos estão ao redor de mim e me censuram diariamente. Quantas acusações contra os maus cristãos, e tais maldições atingem a todos os cristãos! Dirá talvez o maldizente, acusador dos cristãos: Eis o que fazem os cristãos que não são bons? Ao contrário, declara: Eis o que fazem os cristãos. Não separa, não distingue. No entanto, assim falam os que estão ao redor, isto é, rodeiam e não entram. Por que rodeiam e não entram? Porque amam o tempo que rola. Não entram na habitação da verdade, porque não amam a eternidade. Estão entregues às coisas temporais, como se estivessem presos às rodas do tempo. Deles se afirmou em outra passagem: “Coloca os seus príncipes quais rodas” (Sl 82,14), e em outro salmo: “Os ímpios andam ao redor (Sl 11,9). Conspirando contra mim, tramaram tirar-me a vida”. O que quer dizer: “Tramaram tirar-me a vida?” Queriam que consentisse em suas maldades. Consideram pouca coisa não entrar, os maldizentes, que não entram: ainda querem lançar fora os outros, injuriando-os. Se te tiram da Igreja, tiraram tua vida, isto é, obtiveram o teu consentimento. E ficarás rodeando, não dentro da morada.

12 [15] Eu, porém, achando-me no meio destes opróbrios, destes escândalos, destes males, destas seduções, cercado por fora de iniquidades e dentro de perversidades, dando atenção aos justos e procurando a quem imitar, mas em vão, o que pude fazer? Que recurso empreguei? “Mas eu em ti esperei, Senhor”; nada de mais salutar, de mais seguro. Não sei a quem querias imitar; viste que ele não era bom. Desiste da imitação. Procuraste outro, mas não sei o que te desagradou. Buscaste um terceiro. Não te aprouve. Então, porque um e outro te desagradaram, estás perdido? Renuncia a pôr a esperança num homem, porque é maldito quem deposita num homem a sua esperança (Jr 17,5). Se ainda confias num homem e procuras imitá-lo, se queres depender dele, ainda estás procurando ser alimentado com leite, e te tornas mimado, como as crianças que mamam por muito tempo, o que é inconveniente. Pois, tomar leite só, querendo receber alimento através do corpo materno, é viver por intermédio de um homem. Torna-te capaz de sentar-te à mesa, ingere o alimento tirado de onde ele o recebeu, ou

não recebeu, talvez. Pode ter sido útil teres encontrado um homem malvado, que julgaste ser um bom, para encontrares nesta espécie de peito materno, a amargura, e assim rejeitares com aversão o leite e desejares um alimento sólido. Assim fazem as amas com as crianças mimadas: põem qualquer coisa amarga nos seios para que a criança com repugnância largue o peito e deseje os alimentos que se acham na mesa. Diga, portanto, o salmista: "Mas eu em ti esperei, Senhor; disse: Tu és o meu Deus". Tu és o meu Deus; retire-se Donato, retire-se Ceciliano; nem aquele, nem este é meu Deus. Meu caminhar não está sob a proteção do nome de um homem; é o nome de Cristo que tenho. Ouve Paulo a dizer: "Paulo terá sido crucificado em vosso favor? Ou fostes batizados em nome de Paulo" (1Cor 1,13)? Estaria perdido se fosse do partido de Paulo; como não me perderei se for do partido de Donato? Afastem-se inteiramente os nomes de homens, os seus crimes, suas invenções. "Em ti esperei, Senhor; disse: Tu és o meu Deus". Não é um homem qualquer. Tu és o meu Deus. Um homam falha, outro vai avante. Meu Deus não falha, não progride. É perfeito, portanto não tem em que se aperfeiçoar, nem desfalece, pois é eterno. "Disse: tu és o meu Deus".

13 [16] "Em tuas mãos está a minha sorte". Não nas mãos dos homens; em tuas mãos. Que sorte é esta? Por que é sorte. Ouvindo falar em sorte, não pensemos em sortilégio. Sorte não é coisa má; mas em caso de dúvida da parte do homem, ela indica a vontade divina. Pois, mesmo os apóstolos lançaram sortes quando Judas morreu, depois de trair o Senhor, conforme foi escrito a seu respeito: "Para ir a seu lugar". Começou-se então a indagar quem devia substituí-lo. Foram escolhidos dois, conforme critério humano, e um dos dois foi escolhido por juízo divino. Consultou-se a Deus qual era do seu agrado e "a sorte caiu em Matias" (At 1,26). O que significa, pois: "Em tuas mãos está a minha sorte?" A meu ver, o salmista denomina sorte a graça, pela qual fomos salvos. Por que a graça de Deus se chama sorte? Porque na sorte não há escolha, mas se mostra a vontade de Deus. Pois, quando se diz: este faz alguma coisa, aquele não, consideram-se os méritos. Se os méritos são ponderados, há escolha, não sorte. Quando, porém, Deus, sem mérito algum de nossa parte, nos salvou, por escolha de sua vontade, foi porque quis, e não que fôssemos dignos. Então, houve sorte. Com razão a túnica inconsútil do Senhor, que figura a eternidade da caridade, foi sorteada pelos perseguidores, e não dividida. Significava, naqueles que a ganharam, os que evidentemente lançaram a sorte dos santos. "Pela graça fostes salvos, por meio da fé", diz o apóstolo Paulo, "e isto não vem de nós (eis a sorte); é o dom de Deus. Não vem das obras (como se, praticando o bem, vos tivésseis tornado dignos de obter tal resultado), para que ninguém se encha de orgulho. Pois somos criaturas dele, criados em Cristo Jesus para as boas obras" (Ef 2,8-10). Esta espécie de sorte escondida é a vontade de Deus; no gênero humano existe a sorte, sorte proveniente da misteriosa vontade de Deus, em quem "não há injustiça" (Rm 9,14). Ele não faz acepção de pessoas, mas a sua justiça oculta é a tua sorte.

14 Vossa Caridade preste atenção. Veja como o apóstolo Pedro reafirma a mesma coisa. Quando Simão, o mago, batizado por Filipe, aderiu, acreditando nos milagres divinos operados em sua presença, foram os apóstolos a Samaria, onde o mago também

acreditara e fora batizado. Os apóstolos impuseram as mãos aos já batizados; estes receberam o Espírito Santo e começaram a falar em línguas. O mago se admirou e estupefacto diante de tão grande milagre divino, a saber, que pela imposição das mãos descera o Espírito Santo, e enchera aqueles homens, desejou não esta graça, mas este poder; não o modo de se libertar, mas como se engrandecer. Logo que teve tal desejo, e seu coração se encheu de soberba, de diabólica impiedade e condenável exaltação, perguntou aos apóstolos: que quantia quereis para que os homens recebam o Espírito Santo, por imposição de minhas mãos? Ele buscava bens mundanos, e habitava só ao redor. Pensou que podia comprar o dom de Deus por dinheiro. Julgando poder adquirir o Espírito Santo por dinheiro, também pensou que os apóstolos eram avaros, como ele próprio era ímpio e orgulhoso. Imediatamente Pedro respondeu: "Pereça o teu dinheiro, e tu com ele, porque acreditaste ser possível com dinheiro comprar o dom de Deus. Nesta questão, não tens parte, nem herança" (At 8,13. 21); isto é, não tens parte nesta graça, que todos nós recebemos gratuitamente, porque pensas poder comprar com dinheiro o que é dado grátis. Por ser gratuito chama-se sorte: "Não tens parte, nem sorte, nesta questão". Disse isto para não recearmos dizer também: "Em tuas mãos está a minha sorte". Que sorte? A herança da Igreja. Até onde vai a herança da Igreja? Quais os seus limites? Até todos os confins: "Dar-te-ei as nações por herança e como propriedade os confins da terra" (Sl 2,8). Não se me prometa, portanto, uma partícula qualquer. Meu Deus, "em tuas mãos está a minha sorte". V. Caridade se dê por satisfeita com estas palavras. Amanhã, em nome do Senhor, explicaremos o restante do salmo, com o seu auxílio.

SERMÃO III

1 O restante do salmo, sobre o qual já proferimos dois sermões, corresponde a pouco mais de um terço do mesmo, e cuidaremos hoje de saldar o nosso débito completamente. Por isso, peço a V. Caridade concordar de boa mente que não nos detenhamos nas expressões mais fáceis, para tratarmos com vagar das que precisam de explicação. Muitas questões se resolvem espontaneamente nas mentes dos fiéis, muitas outras necessitam de breve exposição; algumas, porém, mais raras, exigem esforço e suor para se tornarem inteligíveis. Por conseguinte, para aproveitar o tempo disponível, segundo as nossas e vossas forças, vede como são claras as expressões, conosco tomai conhecimento delas, e de acordo com elas, louvai ao Senhor; e se o salmo ora, orai; se geme, gemei; se rejubila; rejubilai; se espera, esperai; se teme, temei. Pois, serve-nos de espelho tudo o que foi aqui escrito.

2 [16] "Livra-me das mãos de meus inimigos e perseguidores". Assim rezemos, e cada um o repita a respeito de seus inimigos. É bom. Supliquemos a Deus que nos livre das mãos de nossos inimigos. Mas entendamos quais inimigos em favor dos quais havemos de orar, e contra quais devemos rezar. Não odiemos a homens, inimigos nossos, quaisquer que sejam. Não aconteça, enquanto um malvado odeia a outro malfeitor que ele suporta,

comece a haver dois maus. Ame o bom até mesmo o malvado que ele suporta, para que mau seja um só. Mas, existem inimigos contra os quais devemos rezar: o diabo e seus anjos. Eles nos invejam, por causa do reino dos céus, e não querem que subamos para o lugar de onde eles foram precipitados. Peçamos que nossa alma deles se livre. Pois, também quando os homens são instigados por eles contra nós, tornam-se instrumentos deles. Por esta razão, o apóstolo Paulo, admoestando-nos acerca da grande cautela a empregar contra os inimigos, declara aos servos de Deus que padeciam tribulações, a saber, sedições, maldades, inimizades da parte dos homens: "O nosso combate não é contra o sangue nem contra a carne", isto é, não é contra os homens, "mas contra os Principados e Postetades, contra os dominadores deste mundo de trevas" (Ef 6,12). De que mundo? Do céu e da terra? De forma nenhuma. Dominador deste mundo é somente o Criador. Mas, o que é que ele denomina mundo? Os que amam o mundo. Enfim, acrescenta como explicação: Chamo de mundo a este "mundo de trevas". De que trevas, a não ser os infiéis e ímpios? Pois, aos ímpios e infiéis, transformados em pios e fiéis, se dirige o mesmo Apóstolo, dizendo: "Outrora éreis trevas, mas agora sois luz no Senhor (ib 5,8). Lutais contra os espíritos do mal, que povoam as regiões celestiais" (ib 6,12), contra o diabo e seus anjos. Não vedes nossos inimigos; contudo os venceis. "Livra-me das mãos de meus inimigos e perseguidores".

3 [17] "Irradia a luz de tua face sobre teu servo. Salva-me por tua misericórdia". Dizíamos acima, na explicação de ontem, conforme há de lembrar V. Caridade, aqueles de entre vós que estavam presentes, que os maiores perseguidores da Igreja são os cristãos que não querem viver bem. Deles a Igreja sofre os opróbrios e suporta oposição. Se repreendidos ou impedidos de viver mal, se com eles se tenta diálogo, planejam o mal no coração, e procuram ocasião de ataque. No meio desses geme o salmista, ou se o quisermos, nós próprios. São muitos, e nesta multidão mal aparecem os bons, como grãos na eira, que, no entanto, depois de limpos encherão os celeiros do Senhor (Mt 2,12; Lc 3,17). Por conseguinte, no meio deles geme o salmista: "Irradia a luz de tua face sobre teu servo". Produz-se certa confusão porque todos se dizem cristãos, tanto os que vivem bem quanto os que levam vida incorreta. Todos foram marcados com o mesmo sinal, todos se aproximam de um só altar, todos foram purificados pelo mesmo batismo, todos proferem a mesma oração dominical, todos participam dos mesmos mistérios. Como distinguir os que gemem daqueles que levam vida deplorável, se o Senhor não irradiar a luz de sua face sobre seu servo? O que significa, portanto: "Irradia a luz de tua face sobre teu servo?" Evidencie-se que a ti pertenço. Não afirme igualmente o cristão ímpio que pertence a ti, para não ser inútil o meu pedido em outro salmo: "Julga-me, ó Deus, e distingue entre minha causa e a de uma gente não santa" (Sl 42,1). A frase: "Distingue entre minha causa", é idêntica a deste salmo: "Irradia a luz de tua face sobre teu servo". Todavia, acrescenta para não se ensoberbecer, nem parecer se justificar: "Salva-me por tua misericórdia", isto é, não por minha justiça, não por meus méritos, mas "por tua misericórdia"; não sou digno, mas tu és miseridordioso. Não me ouças com severidade de juiz, mas com bondade cheia de misericórdia. "Salva-me por

tua misericórdia".

4 [18] "Senhor, não seja confundido, porque te invoquei". Declara um bom motivo: "Não seja confundido, porque te invoquei". Queres que se cubra de confusão quem te invocou? Queres que se diga: Onde está aquele de quem presumiu? Quem não invoca a Deus, mesmo entre os ímpios? A não ser que tenha dito: "Eu te invoquei", de maneira peculiar, excluindo a muitos, de forma alguma ousaria exigir tão grande recompensa por esta invocação. Deus responderia, de certo modo, interiormente e diria: Por que me pedes que não sejas confundido? Por quê? Por que me invocaste? Não é diariamente que sou invocado por alguns, talvez para que possam cometer um cobiçado adultério? Não existem todos os dias homens que me invocam para que morram aqueles dos quais esperam uma herança? Não é de todos dos dias os que me invocam planejando fraude e querendo realizá-la com pleno êxito? Por que então exiges grande recompensa daquilo a que te referes: "Não seja confundido, porque te invoquei?" Os outros invocam certamente, mas, não a ti. Invocas a Deus, quando chamas a Deus para junto de ti. Invocá-lo é chamá-lo para junto de ti, convidá-lo, de certo modo, a entrar na casa de teu coração. Não ousarias convidar um pai de família tão importante, se não soubesses prepara-lhe uma morada. Se Deus te disser: Tu me chamaste. Vou. Por onde entro? Suportarei tamanhas manchas de tua consciência? Se convidasses meu servo para tua casa, primeiro não cuidarias de limpá-la? Chamas-me ao teu coração, que está cheio de rapina. Deus é invocado para um lugar repleto de blasfêmias, de adultérios, de fraudes, de conscupicências más, e tu me invocas! De tais homens o que dizem outros salmos? "Não invocaram o Senhor" (Sl 13,5 e 52,6). De fato, invocaram, mas de outro lado, não invocaram. Em resumo, surge a questão de como alguém pode exigir tamanha recompensa, alegando como único mérito ter invocado o Senhor. Como vemos que tantos maus invocam a Deus, surgiu a questão. Não passemos por cima. Digo, portanto, brevemente, ao homem avaro: Invocas a Deus? Por que invocas a Deus? Para que mê dê um lucro qualquer. Portanto é o lucro que invocas, não a Deus. Ambicionas tal lucro e não podes obtê-lo por meio de teu servo, nem podes por meio de teu colono, nem por teu pupilo, por teu amigo, por teu satélite. Invocas a Deus, fazendo dele um servo de teu lucro; desvalorizas a Deus. Queres invocar a Deus, invoca-o gratuitamente. Avaro, é pouco para ti que Deus te encha? Se Deus vem a ti sem ouro nem prata, não o queres? Que criatura de Deus te bastará, se Deus não te basta? Com razão, portanto, reza o salmista: "Não seja confundido, porque te invoquei". Invocai o Senhor, irmãos, se não quereis ser confundidos. O salmista receia certa confusão, da qual os salmos falaram acima: "Em ti esperei, Senhor, não seja confundido eternamente". Pois, a fim de saberes que teme esta confusão, tendo dito: "Não seja confundido" eternamente, "porque te invoquei", acrescentou: "Envergonhem-se os ímpios e sejam precipitados no inferno", com aquela confusão verdadeiramente eterna.

5 [19] "Emudeçam os lábios mentirosos, que proferem a iniquidade contra o justo, cheios de soberba e de desdém". Este justo é Cristo, muitos lábios proferem contra ele a iniquidade, com soberba e desprezo. Por que se diz: com soberba e desdém? Porque aos

soberbos pareceu desprezível aquele que veio com tamanha humildade. Não queres, acaso, que seja menosprezado por aqueles que amam as honras, quem sofreu tantas injúrias? Não será menosprezado por aqueles que considerem desprezível o crucificado aqueles para os quais é torpe a condenação à morte de cruz? Não queres que os ricos depreciem quem teve no mundo uma vida na pobreza, sendo, no entanto, o Criador do mundo? Todos os que amam tais coisas desprezam-no, porque Cristo não as quis ter, a fim de mostrar, por não possuí-las, que são desprezíveis, embora pudesse possuí-las. E qualquer de seus servos que desejar seguir suas pegadas, andando também com humildade, conforme aprendeu com o seu Senhor, é desprezado em Cristo, como membro de Cristo. E se são desprezados Cabeça e corpo, é todo o Cristo que é desprezado, porque todo ele, Cabeça e corpo é justo. Forçoso é seja desprezado o Cristo total pelos soberbos e ímpios, para que se cumpra neles o que foi dito: "Emudeçam os lábios mentirosos, que proferem a iniquidade contra o justo, cheios de soberba e de desdém". Quando emudecerão estes lábios? Neste século? Nunca. Diariamente gritam contra os cristãos, principalmente contra os humildes; cotidianamente blasfemam, cada dia ladram; aumentam os castigos para suas línguas, a sede que terão nos infernos, desejando em vão uma gota de água. Não é agora, portanto, que estes lábios emudecerão. Mas, quando? Quando sobre eles recaírem suas iniquidades, conforme se diz no livro da Sabedoria: "De pé, porém, estarão os justos em segurança, na presença dos que os oprimiram. Então, dirão eles: São aqueles de quem outrora nos ríamos, de quem fizemos alvo de ultraje, nós insensatos! Considerávamos a sua vida uma loucura. Como agora são contados entre os filhos de Deus e partilham a sorte dos santos" (Sb 5,1-5)? Então emudecerão os lábios dos que proferem a iniquidade contra os justos, com soberba e desdém. Agora, pois, eles nos dizem: Onde está vosso Deus? O que adorais? O que vedes? Credes e estais em trabalhos. É certo que pelejais, incerto o que esperais. Quando vier o que esperamos com toda certeza, emudecerão os lábios mentirosos.

6 [20] Por este motivo, vede a sequência, uma vez que emudecerão os lábios mentirosos que proferem a iniquidade contra o justo, com soberba e desdém. Aquele que geme assim observa, vê os bens de Deus em seu interior no espírito, vê estes bens apenas ocultamente visíveis, mas que os ímpios não percebem. Vê os ímpios proferirem a iniquidade contra o justo, com soberba e desprezo, porque eles sabem ver os bens deste século, mas nem cogitam dos bens do século futuro. O salmista, porém, querendo recomendar os bens do século futuro aos homens, aos quais não manda amar, mas suportar as coisas presentes, exclamou em seguida: "Como é grande, Senhor, a abundância de tua doçura!" Se um incrédulo me disser, então: Onde está esta multidão de doçuras? Respondo: Como mostrar a ti a multidão de doçuras, se embotaste o paladar por causa da febre da malícia? Se não soubesses o que é o mel, não exclamarias: É gostoso, a menos que o provasses. Teu coração não tem paladar para sabores. O que fazer por ti? Como te mostrar esses bens? Não és alguém a quem possa dizer: "Provai e vede como é suave o Senhor" (Sl 33,9). Como é grande, Senhor, a abundância de tua doçura, reservada para os que a ti temem". O que significa: reservaste para eles? Não

recusaste. Guardaste para eles, somente para eles, a fim de que a obtenham com temor. Trata-se de um bem que não é comum aos justos e aos ímpios. Mas, os justos, enquanto temem, ainda não o alcançaram; acreditam, contudo, que o obterão, e começam pelo temor. Nada há de mais suave do que a sabedoria imortal, mas o início da sabedoria é o temor de Deus (Pr 1,7; Sl 110,10). "Reservada para os que a ti temem".

7 "É perfeita para os que em ti esperam, na presença dos filhos dos homens". Não disse: Realizaste-a na presença dos filhos dos homens. Mas afirmou: "Para os que em ti esperam, na presença dos filhos dos homens", isto é, completaste tua doçura para os que em ti esperam, diante dos filhos dos homens. Identifica-se com a afirmação do Senhor: "Aquele que me renegar diante dos homens, também o renegarei diante de meu Pai que está nos céus" (Mt 10,33). Se esperas, por conseguinte, no Senhor, espera diante dos homens; não suceda esconderes tua esperança no coração e teres medo de confessar ao te incriminarem por seres cristão. Todavia, a quem se incrimina agora o fato de ser cristão? Restaram tão poucos não-cristãos que mais são incriminados por não serem cristãos do que ousam incriminar a outrem por sê-lo. No entanto, meus irmãos, tenho de dizê-lo. Qualquer um de vós que me ouve, comece a viver cristãmente, e verá se não é atacado por cristãos só de nome, não pela vida e costumes. Quem o experimentou, compreende o que digo. Por isso, atenção. Observa o que ouves. Queres viver como cristão? Queres seguir as pegadas de teu Senhor? És atacado, sentes vergonha, e envergonhado abandonas tudo. Perdeste o caminho. Parecia que havias acreditado de coração para obter a justiça, mas perdeste; com a boca se confessa para alcançar a salvação (cf Rm 10,10). Se, portanto, queres andar pelo caminho do Senhor, mesmo na presença dos homens, espera em Deus, quer dizer, não te envergonhes de tua esperança. Assim como ele vive em teu coração, habite em tua boca. Não é inutilmente que Cristo quis fosse gravado o seu sinal em nossa fronte, a sede do pudor, a fim de que o cristão não se core do opróbrio de Cristo. Se o fizeres diante dos homens, se não corares dele na presença dos homens, se perante os filhos dos homens não negares a Cristo, nem por palavras, nem por obras, espera que a doçura de Deus em ti chegue à perfeição.

8 [21] Como continua? "Abriga-nos no esconderijo de tua face". De que espécie é este lugar? O salmista não disse: Esconde-os em teu céu. Não pediu: Esconde-os no paraíso. Não rogou: Esconde-os no seio de Abraão. Pois, nas Sagradas Escrituras aparecem, para muitos fiéis, os futuros lugares dos santos. Desvalorize-se para nós tudo o que há fora de Deus. Aquele que nos protege nesta vida, ele mesmo seja nosso lugar na outra, porque também este salmo disse-lhe, acima: "Sê para mim um Deus protetor e uma casa de refúgio". Estaremos, pois, escondidos no esconderijo da face de Deus. Quereis ouvir de mim que esconderijo existe na face de Deus? Purificai o coração para que ele vos ilumine e entre aquele que invocais. Sê a sua casa e ele será a tua casa; habite em ti, e habitarás nele. Se neste mundo o receberes em teu coração, ele no outro mundo te receberá no esconderijo de sua face. "Abrigá-los-ás". Onde? "No esconderijo de tua face, da perturbação dos homens". Ali, pois, não serão perturbados, porque estão escondidos; no esconderijo de tua face não se perturbarão. Existirá alguém tão feliz neste mundo que

logo que comece a ouvir opróbrios da parte dos homens, por causa do serviço de Cristo, refugia-se em Deus pelo coração e deposita sua esperança em sua suavidade, longe das tribulações dos homens, que o injuriam e comparece diante da face de Deus, apoiado em sua própria consciência? Comparece realmente, mas se tiver com quem entrar, isto é, se sua consciência não está onerada, se não carrega um fardo grande demais para a porta estreita. “Abrigá-lo-ás no esconderijo de tua face, da perturbação dos homens. Protegê-lo-ás em tua tenda, das línguas maldizentes”. Chegará o dia em que os abrigarás no esconderijo de tua face, da perturbação dos homens, de sorte que não poderá mais haver para eles perturbação vinda dos homens. Mas, por enquanto, na peregrinação deste mundo, uma vez que teus servos suportam a língua de muitos contraditores, o que fazer por eles? “Protegê-los-ás em tua tenda”. O que quer dizer tenda? A Igreja no presente; chama-se tenda, porque ainda peregrina na terra. A tenda é a morada dos soldados expedicionários. Essas moradas denominam-se tendas. Uma casa não é uma tenda. Luta, como peregrino, na expedição, para que te salvando na tenda, sejas recebido gloriosamente em casa. O céu será tua casa eternamente, se viveres honestamente na tenda. Serás, portanto, protegido por ele nesta tenda da contradição das línguas. Contradizem muitas línguas. Ressoam várias heresias, vários cismas. Muitas línguas contradizem à verdadeira doutrina. Tu, porém, corre para o tabernáculo de Deus, abraça a Igreja católica, não te apartes da regra da verdade, e serás protegido na tenda, da contradição das línguas.

9 [22] “Bendito o Senhor, que usou de admirável misericórdia na cidade circunvizinha”. Qual a cidade circunvi-zinha? O povo de Deus estava estabelecido só na Judeia, como que no centro do mundo. Lá se cantavam os louvores de Deus, ofereciam-se-lhe sacrifícios, os profetas não cessavam de vaticinar as realidades futuras, que agora vemos realizadas. Este povo era como que o centro das gentes. O profeta observa o fato. Vê a futura Igreja de Deus no meio de todos os povos. E como os povos estavam ao redor, e no centro se achavam os judeus somente, o salmista denomina os povos vizinhos de cidade circunvizinha. Foi admirável, em verdade, Senhor, a tua misericórdia para com a cidade de Jerusalém. Ali Cristo sofreu, ali ressuscitou, dali subiu aos céus, ali fez muitos milagres. Mas louvor maior te é devido, porque tornaste admirável a tua misericórdia na cidade circunvizinha, isto é, difundiste a tua misericórdia entre todas as gentes. Naquela Jerusalém, não guardaste em vaso fechado teu unguento; mas de certo modo quebraste o vaso e o unguento se espalhou pelo mundo, para se cumprir o que foi dito nas Sagradas Escrituras: “Teu nome é como unguento derramado” (Ct 1,2). E assim tornaste admirável a tua misericórdia na cidade circunvizinha. Cristo, portanto, subiu ao céu, está sentado à direita do Pai. Depois de dez dias enviou o Espírito Santo. Os discípulos, repletos do Espírito Santo, começaram a pregar as maravilhas de Cristo. Foram apedrejados, mortos, postos em fuga (At 8). E afugentados dali, de um só lugar, como lenhos a arderem no fogo divino, incendiaram toda a floresta do mundo com o fervor do Espírito e a luz da verdade. Assim o Senhor tornou admirável a sua misericórdia na cidade circunvizinha.

10 [23] “Eu disse no meu êxtase”. Lembrai-vos do título do salmo; aqui volta aquele êxtase. Vede o que declara: “Eu disse no meu êxtase: Fui rejeitado do alcance de teus olhos”. Disse em meu pavor, isto é, “Eu disse no meu êxtase”. O salmista se vê apavorado interiormente não sei bem por qual forte tribulação, pois elas nunca faltam. Percebe que seu coração está cheio de temor e tremor e diz: “Fui rejeitado do alcance de teus olhos”. Se estivesse diante de tua face, não estaria temeroso; se me desses atenção, não trepidaria assim. Mas, conforme o salmista diz em outro salmo: “Se dissesse: Meus pés titubearam, tua misericórdia, Senhor, me ajudaria” (Sl 93,18), aqui também continua: “Por isto escutaste, Senhor, a minha voz suplicante”. Ouviste minha oração, porque não fui soberbo, mas acusei meu coração, e titubeante em minha tribulação, por ti clamei. Realizou-se, portanto, o que citei do outro salmo. A palavra: “Eu disse em meu êxtase: Fui rejeitado do alcance de teus olhos”, corresponde à daquele salmo: “Se dissesse: Meus pés titubearam”. E conforme a expressão do salmo citado acima: “Tua misericórdia, Senhor, me ajudaria”, encontra-se neste: “Por isto escutaste, Senhor, a minha voz suplicante”. Pensa no que aconteceu a Pedro; vê o Senhor a caminhar sobre as águas, e julga ser um fantasma. O Senhor exclama: Sou eu, não temas. Pedro confia e diz: “Se és tu, manda que eu vá ao teu encontro sobre as águas”. Desta forma me certifico de que és tu, se à tua palavra puder o que tu podes. “E Jesus respondeu: Vem”. A palavra de ordem de Jesus se tornou possibilidade para o ouvinte. Vem, disse ele. E Pedro desceu, começou a caminhar, a avançar intrépido, confiante. Mas, sentido o vento forte, teve medo. “Eu disse em meu êxtase: Fui rejeitado do alcance de teus olhos”. E começando a afundar, gritou: Senhor, estou perdido. “Jesus estendeu a mão e o segurou, repreendendo-o: Homem fraco na fé, por que duvidaste? (Mt 14,22-32). Disse, portanto, em meu pavor: “Fui rejeitado do alcance de teus olhos”. E como alguém em perigo de afundar no mar, clamou: “Escutaste, Senhor, a minha voz suplicante. Escutaste”, porém, quando “por ti clamava”. Clamor para Deus é o que vem do coração, não da voz. Muitos, de lábios fechados, clamaram com o coração. Outros gritando com a voz, mas com o coração revoltado, nada puderam obter. Se clamas, clama interiormente. Lá é que Deus ouve. Diz, então, o salmista: “Escutaste a minha voz suplicante, que por ti clamava”.

11 [24] Já bem experiente, a que nos exorta o salmista? “Amai ao Senhor, seus santos todos”. Como se dissesse: Acreditai em mim; eu experimentei. Tive tribulações. Invoquei e não fui decepcionado. Esperei no Senhor e não fui confundido. Ele iluminou meus pensamentos, eliminou minha trepidação. “Amai ao Senhor, seus santos todos”, isto é, amai ao Senhor, vós que não amais ao mundo, todos vós, “seus santos”. Como direi que ame ao Senhor àquele que ainda ama o anfiteatro? Como exortarei a que ame ao Senhor a quem ainda ama a farsa, o comediante, a quem ama a embriaguez, as pompas do mundo, e a todas as vaidades e enganosas loucuras? A este admoesto: Aprende a não amar, para aprenderes a amar; afasta-te, para voltares; derrama, para te encheres. “Amai ao Senhor, seus santos todos”.

12 “Porque o Senhor quer a verdade”. Sabeis que agora se veem muitos feiticeiros;

sabeis que atualmente eles se exaltam com suas vaidades. Mas, "o Senhor quer a verdade, e retribuirá aos que agem com excessivo orgulho". Suportai até que a provação se retire, tolerai até que termine. Forçoso é que o Senhor querendo a verdade, retribua aos que se orgulham desmesuradamente. E logo hás de dizer: Quando retribuirá? Quando ele quiser. É certo que retribuirá. Não duvides da retribuição, não ouses dar conselhos a Deus a respeito do tempo. Indubitavelmente procurará a verdade, e retribuirá aos que se orgulham imensamente. A alguns, aqui mesmo na terra, ele retribui. Vimos e soubemos que ele retribui. De fato, quando são humilhados os que temem a Deus, se talvez haviam se destacado em alguma dignidade secular, não caíram quando foram humilhados, porque não retiraram a Deus de seu coração. Sua elevação é Deus. Jó parecia humilhado. Perdera seus bens, seus filhos; as riquezas que guardava e aqueles para quem as guardava. Ficou sem herdade, e o que é mais triste, sem herdeiro (Jó 1); só lhe restou a mulher, que não o consolava, mas antes ajudava o diabo (ib 2,9). Parecia humilhado. Vê se ele se tornou infeliz, vê se não se abrigou no esconderijo da face de Deus. Disse ele: "Nu saí do ventre de minha mãe e nu voltarei para lá. O Senhor o deu, o Senhor o tirou; como aprouve ao Senhor, assim se fez; bendito seja o nome do Senhor" (Jó 1,21). De onde provém essas gemas de louvor a Deus? Vede: De alguém pobre exteriormente, rico interiormente. Estas gemas de louvor a Deus proviriam de sua boca, se ele não tivesse um tesouro no coração? Se quereis ser ricos, ambicionai tais riquezas que não podeis perder num naufrágio. Não considereis, portanto, infelizes, homens de tal têmpera, quando humilhados. Seria erro. Não sabeis o que eles possuem interiormente. Fazeis suposições, baseados em vós mesmos, que amais o mundo, porque se perdeis tais bens, vós vos sentis infelizes. Não julgueis assim, absolutamente. Eles têm interiormente com que se alegrar. No seu íntimo está quem os governa, apascenta e consola. Ao contrário, caem miseravelmente os que depositam sua esperança neste mundo. Retire-se o brilho exterior, nada resta por dentro, a não ser a fumaça de uma consciência onerada. Não têm consolo; não têm como sair, não podem voltar-se para seu íntimo. Abandonados pelas pompas mundanas, despojados da graça espiritual, são na realidade humilhados. Deus assim age para com muitos em nosso tempo; não para com todos. Se para com ninguém assim agisse, pareceria que a providência divina não está vigilante; se o fizesse para com todos, não se manteria a divina paciência. Tu, porém, ó cristão, aprendeste a suportar, e não a te vingar. Queres te vingar, ó cristão? Cristo ainda não foi vingado. Sofreste de um malvado. E ele não sofreu? Não sofreu primeiro por ti aquele que não tinha motivos para sofrer? Pois, em ti, a tribulação é o cadinho do ourives (se, no entanto, fores ouro, e não palha), para te purificares das escórias, e não para seres reduzido a cinzas.

13 [25] "Amai ao Senhor, seus santos todos; porque o Senhor quer a verdade e retribuirá aos que agem com excessivo orgulho". Mas, quando retribuirá? Oh! se retribuísse agora! Queria vê-los agora humilhados e prostrados. Ouvi como prossegue o salmo: "Agi virilmente". Na tribulação não deixeis as mãos cairem de cansaço, nem vacilarem os joelhos. "Agi virilmente e conforte-se o vosso coração". Conforte-se o vosso coração

para sofrer e suportar todos os males deste mundo. Mas, a quem diz o profeta: “Agi virilmente e conforte-se o vosso coração?” Talvez aos que amam o mundo? Não. Ouvi a quem se dirige: “Todos vós que esperais no Senhor”.

SALMO 31

I. COMENTÁRIO

1 [1] “Salmo a Davi. Da inteligência”. Por meio dela se compreende que o homem, confessando seus pecados, é libertado pela graça de Deus, e não pelo mérito das obras.

2 [1-2] “Felizes aqueles cujas iniquidades foram perdoadas e cujos pecados foram apagados”, foram esquecidos. “Feliz o homem a quem o Senhor não imputou pecado, e em cuja boca não existe dolo”. Em sua boca não ostenta justiça, porquanto sua consciência está cheia de pecados.

3 [3] “Porque calei, consumiram-se os meus ossos”. Não tendo confessado com a boca para a salvação (Rm 10,10), envelheci e minha firmeza se tornou fraqueza. “Enquanto eu clamava todos os dias”. Era ímpio e blasfemo, gritando contra Deus, defendendo e escusando, de certo modo, meus pecados.

4 [4] “Porque dia e noite pesava sobre mim a tua mão”; pela contínua aflição de teus castigos, “revolvia-me em minha dor, enquanto o espinho em mim era pungente”. Tornei-me infeliz, reconhecendo minha miséria, contrito por causa de uma consciência onerada.

5 [5] “(Diapsalma) Reconheci o meu delito e não dissimulei minha injustiça”, isto é, não ocultei minha injustiça. “Disse: confessarei contra mim mesmo ao Senhor a minha injustiça”. Disse: Confessarei ao Senhor a minha injustiça, contra mim mesmo, e não contra Deus, como no clamor da impiedade, quando me calei. “E perdoaste a impiedade de meu coração”, ouvindo a voz da confissão, no coração, ainda antes de ser proferida pela boca.

6 [6] “Por isso, todo santo há de te implorar, na ocasião oportuna”. Por causa desta impiedade do coração todo santo há de te implorar. Não se tornarão santos por seus próprios méritos, mas na ocasião oportuna, quer dizer, no tempo da vinda daquele que nos redimiu de nossos pecados. “Quando as águas torrenciais trasbordarem, jamais o atingirão”. Ninguém pense, contudo, que ao chegar repentinamente o fim, como nos dias de Noé, seja ainda tempo da confissão que aproxima de Deus.

7 [7] “Tu és o meu refúgio na tribulação que me envolveu”. Tu és o meu refúgio da angústia dos pecados, que apertam meu coração. “Preserva-me dos que me cercam, tu que és a minha alegria”. Em ti encontro meu regozijo. Preserva-me da tristeza que meus pecados me causam.

8 [8] (Diapsalma) Resposta de Deus: “Vou te dar entendimento e indicar o caminho a

seguir”. Depois da confissão, vou te dar entendimento, para não te afastares do caminho em que ingressaste, a fim de que não procures ser dono de ti mesmo. “Fixarei em ti os meus olhos”. Consolidarei para contigo o meu amor.

9 [9] “Não sejais como o cavalo e o mulo, sem inteligência”, e por conseguinte querem governar a si mesmos. E prossegue o profeta: “Cujas mandíbulas se prendem com freio e cabresto”. Faze-lhe, portanto, ó Deus, o que se faz ao cavalo e ao mulo; por meio de castigos, força-os a seguir a direção que lhes imprimes, pois, “de outro modo, de ti não se aproximam”.

10 [10] “Muitos são os sofrimentos do pecador”. É muito castigado quem não confessa seus pecados e quer guiar-se por si mesmo. “Mas os que esperam no Senhor se veem cercados de misericórdia”. A misericórdia cercará o que confia no Senhor e a ele se submete.

11 [11] “Alegrai-vos no Senhor e exultai, ó justos”. Alegrai-vos e exultai, ó justos, não em vós mesmos, mas no Senhor. “E gloriai-vos, todos vós, retos de coração”. Gloriai-vos nele todos os que compreendestes que é reto submeter-vos a ele. Então, sereis preferidos aos demais.

II. SERMÃO AO POVO

(Proferido numa quinta-feira, na basílica reconstruída)

1 Empreendi falar, diante de V. Caridade, apesar de minha incapacidade, sobre o salmo da graça de Deus e de nossa justificação, sem méritos precedentes nossos, mas por misericórdia antecedente do Senhor nosso Deus. Foi muito recomendado pela boca do Apóstolo, conforme também a precedente leitura o destacou. Em consequência disto, primeiro recomendo às vossas orações a minha fraqueza, para que, segundo diz o Apóstolo, “quando eu abrir os meus lábios, me seja dada a palavra” (Ef 6,19), possa falar-vos de modo que não me seja perigoso e vos seja de proveito. O ânimo do homem é vacilante, e hesita entre a a confissão de sua fraqueza e a audácia da presunção. Não raro é sacudido para cá e para lá; é impelido de tal sorte que de qualquer lado aonde cair, encontra um precipício. Se, por exemplo, for indulgente totalmente à própria fraqueza, e disser que Deus perdoa a todos os pecadores, por misericórdia, mesmo se perseverarem nos pecados, contanto que creiam que Deus os livra, e no fim, nenhum dos iníquos há de se perder; quer dizer, não se perderá nenhum dos que dizem a si mesmos: Seja o que for que eu faça, os crimes e maldades que mancharem, peque quanto quiser, Deus me livrará em sua misericórdia, porque nele acreditei. Quem, portanto, diz que nenhum destes se perde, inclina-se por um pensamento errôneo à impunidade dos pecados. Aquele Deus justo, de quem se canta a misericórdia e o juízo (Sl 100,1), não só a misericórdia mas também o juízo, vê-se diante deste homem que falsamente presume de si e abusa da misericórdia de Deus, para a própria perdição, e necessariamente o

condenará. Tal opinião, portanto, arrasta o homem para o abismo. Alguém, pode então atemorizado, chegar contudo a certa audácia presunçosa, presumindo de suas forças e de sua justiça, e faz o propósito de cumprir a justiça sem tropeços e realizar todas as prescrições da lei sem escorregar, julgando poder controlar sua maneira de viver, sem jamais cair, jamais desfalecer, jamais titubear, nunca perder a visão. Atribui tudo isso a si mesmo, ao arbítrio de sua vontade. Mesmo se praticar tudo o que parece justo aos olhos dos homens, de sorte a nada se achar em sua vida que possa ser criticado pelos homens, no entanto Deus já condena a própria presunção e orgulhosa jactância. O que acontecerá se o homem se justificar e presumir de sua justiça? Cai. Se considerando, pensando em sua fraqueza e presumindo da misericórdia de Deus, negligenciar purificar sua vida relativamente aos pecados e submergir no profundo abismo dos crimes, também este cai. Presumir da justiça é, de certo modo, o lado direito da questão; a suposição de impunidade dos pecados é como que o lado esquerdo. Ouçamos a voz de Deus que nos diz: "Não te desvies nem para a direita e nem para a esquerda" (Pr 4,27). Não pretendas chegar ao reino por meio de tua justiça, não presumas, para pecar, da misericórdia de Deus. O preceito divino te proíbe ambas as coisas. Fojes daquela altura, desta profundidade. Se sobes até lá, tu te precipitas; se escorregas para esta, afundas. "Não te desvies nem para a direita e nem para a esquerda". Repito em poucas palavras, para as gravardes todos vós na memória: Não presumas de tua justiça para alcançar o reino, não presumas da misericórdia de Deus para continuar a pecar. Se responderes: Então, o que devo fazer? Este salmo nô-lo ensina. Relendo-o, comentando-o, acredito que, com o auxílio da misericórdia do Senhor, haveremos de encontrar o caminho por onde já andamos, ou onde devemos nos manter. Cada qual ouça conforme lhe convém; de acordo com sua consciência, ou se arrependa e se corrija, ou se alegre de sua boa conduta. Se vir que se desviou, volte a andar pelo caminho reto; e se estiver no caminho certo, prossiga para chegar. Ninguém fique orgulhoso, fora do caminho, ninguém preguiçoso no caminho.

2 O apóstolo Paulo atestou que este salmo se refere à graça que nos constitui cristãos; por isso quisemos vos fosse lido este trecho. O Apóstolo, ao recomendar a justiça que vem da fé, opondo-se aos que se gloriam da justiça proveniente das obras, disse: "Que dizemos, pois, que alcançou Abraão, nosso progenitor segundo a carne? Ora, se Abraão foi justificado pelas obras, ele tem do que se gloriar. Mas não perante Deus" (Rm 4,1.2). Livre-nos Deus de tal glória e ouçamos com preferência a palavra: "Aquele que se gloria, se glorie no Senhor" (1Cor 1,31). Muitos efetivamente se gloriam de suas obras e encontram-se muitos pagãos que não querem se tornar cristãos, porque supõem que é suficiente sua vida de homem honesto. É necessário viver honestamente, dizem eles. Por que Cristo há de me dar ordens? Para viver bem? Já vivo honestamente. Para que preciso de Cristo? Não mato, não roubo, não pratico a rapina, não desejo os bens alheios, não me mancho com adultério. Então, encontre-se em minha vida algo de repreensível, e o meu censor me faça cristão. Este se gloria, mas não diante de Deus. Não foi assim que sucedeu com nosso pai Abraão. Esta sentença da Escritura procura despertar nossa atenção para tal fato. Confessamos ter ele agradado a Deus; tal é nossa

crença a respeito do santo patriarca. No intuito de dizermos e sabermos que ele se gloria em Deus, afirma o Apóstolo: É bem sabido e claro que Abraão teve sua glória diante de Deus. Ao invés, se Abraão foi justificado por causa das obras, teria glória, mas não diante de Deus. No entanto, ele teve glória junto de Deus; portanto, não foi justificado por causa das obras. Se Abraão não foi justificado por causa das obras, o que foi que o justificou? O Apóstolo continua, dizendo como foi: "O que diz a Escritura?" isto é, o que foi, segundo as Escrituras, que justificou Abraão? "Acreditou Abraão em Deus, e isto lhe foi levado em conta de justiça" (Rm 4,3; Gn 15,6). Pela fé, portanto, foi justificado Abraão.

3 Quem já entendeu que há justificação pela fé, não pelas obras, note o sorvedouro de que falei: Vês, pois, que Abraão foi justificado, não pelas obras, mas pela fé. Então posso fazer o que quiser; apesar de não ter praticado boas obras, somente se acreditar em Deus, isso me será reputado em conta de justiça. Se alguém assim falar e decidir, cai e submerge; se ainda pondera e hesita, expõe-se a grande perigo. A Escritura de Deus, porém, bem interpretada, não somente livra o periclitante, mas ainda retira do abismo quem nele mergulhou. Respondo, por isso, numa espécie de réplica ao Apóstolo, dizendo acerca de Abraão o que se encontra também na epístola de outro apóstolo, o qual queria corrigir os que haviam entendido mal o apóstolo Paulo. Efetivamente Tiago, em sua epístola, impugnando os que presumiam da fé apenas, sem as boas obras, recomendou as obras do mesmo Abraão, cuja fé Paulo destaca. Mas, os apóstolos não estão se contradizendo. S. Tiago refere-se à obra notória a todos de Abraão, ao oferecer seu filho em sacrifício a Deus (Tg 2,21). Obra grandiosa, mas oriunda da fé. Aprovo o edifício em cima, mas vejo em baixo os alicerces da fé. Louvo o fruto da boa obra, mas reconheço como raiz a fé. Se Abraão agisse assim, deixando de lado a fé verdadeira, nada lhe adiantaria a obra, por melhor que fosse. Ainda mais. Se Abraão conservasse a fé, ao lhe ordenar Deus oferecesse seu filho em sacrifício, mas dissesse a si mesmo: Não faço, e no entanto acredito que Deus me livrará, mesmo enquanto desprezo suas ordens. A fé sem as obras estaria morta, e como raiz infrutífera ficaria estéril e seca.

4 E então? Não devemos antepor obra alguma a fé, isto é, não haveremos de dizer que antes de ter a fé ninguém tenha agido bem? As próprias obras, ditas antecedentes a fé, apesar de parecerem louváveis aos homens, são vãs. A meu ver são como grande resistência na corrida, e corrida veloz, mas fora do caminho. Ninguém, portanto, leve em conta suas boas obras anteriores à fé. Onde não havia fé, não existia obra boa. A intenção cria a boa obra, a fé dirige a intenção. Não atendas muito ao que o homem faz, mas ao que visa na operação, para onde dirige o vigor de ótima navegação. Imagina um homem que é ótimo comandante de um navio, mas perdeu o rumo; que adianta segurar a vela do mastro com firmeza, mover bem o navio, virar a proa contra as ondas, evitar que deem nos costados; tenha tanto domínio que leva o navio para onde quer, e de onde quer. Se for interrogado: Aonde vais? e disser: Não sei. Ou não disser: Não sei, mas disser: Vou para tal porto, no entanto, não se encaminha para o porto, mas precipita-se contra os escolhos. Quanto mais pensar que é ágil e eficiente no comando do navio, não

será maior o perigo de governá-lo assim e não o conduzirá mais rapidamente ao naufrágio? Assim acontece também com aquele que corre velozmente, mas fora do caminho. Não seria melhor, mais tolerável que um fosse um pouco mais fraco, e dominasse o timão com labor e dificuldade, mantendo contudo a direção certa e devida? E ainda, aquele que caminhar mais devagar, com menor vigor, mas se conservar no caminho do que aquele que correr energicamente, mas fora dele? Ótimo seria quem se mantém no caminho, e anda bem; em segundo lugar, vem aquele que embora às vezes tropece um pouco, não erra inteiramente, nem pára, mas avança apesar de ser aos poucos. É de esperar que chegue ao fim almejado, embora um pouco mais tarde.

5 Abraão, portanto, irmãos, foi justificado pela fé; mas se as obras não precederam a fé, contudo a seguiram. Acaso, então, a tua fé será estéril? Se não és estéril, ela igualmente não é. Se acreditaste em alguma coisa má, também queimaste, com fogo de tua malícia, a raiz de tua fé. Conserva a fé quando te dispões a obrar. Mas, podes responder: O apóstolo Paulo não diz isto. Ao contrário. O apóstolo Paulo o afirma: "A fé que opera pela caridade" (Gl 5,6) e em outra passagem: "A caridade é a plenitude da Lei" (Rm 13,10), e ainda: "Pois toda a Lei está contida numa só palavra: Amarás ao teu próximo como a ti mesmo" (Gl 5,14). Vê se não quer que obres aquele que ordena: "Não cometerás adultério, não matarás, não cobiçarás, e todos os outros preceitos se resumem nesta sentença: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. A caridade não pratica o mal contra o próximo. Portanto, a caridade é a plenitude da Lei" (Rm 13,9.10). Acaso a caridade permite que faças mal àquele a quem amas? Talvez apenas não lhe faças mal; tampouco lhe fazes o bem. A caridade, então, te permite não prestar o serviço que podes àquele a quem amas? Não é a caridade que ora até pelos inimigos? Por conseguinte, há de abandonar o amigo quem deseja o bem ao inimigo? Portanto, se a fé não está acompanhada da caridade, estará também desprovida de obras. Para não excogitares muito acerca das obras da fé, acrescenta-lhes a esperança e a caridade e não ponderes o que hás de fazer. A caridade não pode ficar ociosa. Só o amor leva alguns até a praticar o mal. Mostra-me um amor ocioso, inoperante. Não é o amor que pratica todas as maldades, os adultérios, os crimes, os homícidios, a luxúria? Purifica, portanto, teu amor. Desloca a água do esgoto para o horto. A atração que sentia para o mundo, orienta-se para o artífice do mundo. Acaso vos é dito: Não ameis coisa alguma? Longe disso. Sereis preguiçosos, mortos, detestáveis, infelizes, se nada amais. Amai. Vede, contudo, o que amar. O amor de Deus, o amor ao próximo chama-se caridade; o amor do mundo, o amor deste século denomina-se cobiça. Refreie-se a cobiça, excite-se a caridade. A própria caridade daquele que pratica o bem lhe confere a esperança, proveniente de uma boa consciência. Porque a boa consciência produz a esperança. Como a consciência onerada é toda desespero, assim a boa consciência é toda esperança. Diz o Apóstolo: Agora permanecem "fé, esperança, caridade", estas três coisas (1Cor 13,13). Em outra passagem reaparecem as três, mas em vez de esperança acha-se: boa consciência. Diz o Apóstolo: "O fim do preceito". O que siginifica: fim do preceito? É a perfeição do preceito, não seu termo. Dizer: O alimento acabou, não é o mesmo que declarar: A túnica que estava sendo tecida, está acabada. O alimento acaba para não existir mais; a túnica

acabada é perfeita. E nos dois casos se diz: acabou-se. O Apóstolo não fala em fim do preceito, como se os preceitos terminassem, mas fim que os aperfeiçoa e consuma, sem consumi-los. É fim por causa daquelas três coisas: "O fim do preceito", diz ele, "é a caridade que procede de um coração puro, de uma boa consciência e de uma fé sem hipocrisia" (1Tm 1,5). Em vez de: esperança, fala de: boa consciência. Espera, portanto, o que possui uma boa consciência. A má consciência causa remorso, afasta-se da esperança, prevê apenas condenação. Tenha boa consciência quem quer esperar o reino; e para ter boa consciência, creia e trabalhe. Crer vem da fé, e as obras são oriundas da caridade. Na primeira passagem, o Apóstolo começou pela fé: "fé, esperança, caridade". Na outra, começou pela caridade: "a caridade que procede de um coração puro, de uma boa consciência e de uma fé sem hipocrisia". Agora, nós começamos do meio: da consciência e da esperança. Quem quiser ter boa esperança, tenha boa consciência, e para ter boa consciência, creia e pratique boas obras. Do meio vamos ao início e ao fim: creia e opere. Crer refere-se à fé, e obrar, à caridade.

6 Como, pois, afirma o Apóstolo que o homem é justificado pela fé sem as obras (Rm 3,28), se em outro lugar diz: "A fé que opera pela caridade" (Gl 5,6)? Não vamos contrapor o apóstolo Tiago a Paulo, e sim o próprio Paulo a Paulo, dizendo-lhe: De certa maneira, tu nos permites pecar impunemente, ao dizeres: "Nós sustentamos que o homem é justificado pela fé, sem as obras" (Rm 3,28); e aqui afirmas: "A fé que opera pela caridade". Como me sentirei seguro, se não tiver as obras? Aqui, a meu ver, nem a esperança, nem a mesma fé são boas, se eu não tiver agido por amor. Ouço a ti mesmo, ó Apóstolo. Certamente aqui pretendes recomendar-me a fé sem as obras. No entanto, a obra da fé é a caridade. A caridade não pode ficar ociosa, e se nada faz de mal, ao mesmo tempo pratica todo o bem possível. O que faz a caridade? "Afasta-te do mal e faze o bem" (Sl 36,37). É, por conseguinte, esta fé sem as obras que recomendas; e em outro trecho, dizes: "Ainda que tivesse toda a fé, a ponto de transportar os montes, se não tivesse a caridade, eu nada seria" (1Cor 13,2). Em vista disso, se a fé nada adianta sem a caridade, e a caridade, onde existe, necessariamente atua, a própria fé pela caridade opera. Como, pois, o homem se justificará pela fé sem as obras? Responderá o próprio Apóstolo: Eu te disse isto, ó homem, para não pareceres presumir de tuas obras, e ter recebido a graça da fé pelo mérito de tuas obras. Não presumas das obras praticadas antes de teres fé. Sabes que a fé te encontrou como pecador, mas a fé que te foi dada transformou-te em justo. Encontrou um ímpio para torná-lo justo. A "quem crê naquele que justifica o ímpio, é sua fé que é levada em conta de justiça" (Rm 4,5). Se o ímpio é justificado, de ímpio torna-se justo; se de um ímpio se faz um justo, quais são as obras dos ímpios? Glorie-se o ímpio de suas obras dizendo: Dou aos pobres, não roubo, não desejo a mulher do próximo, não mato, não defraudo, devolvo o depósito a mim confiado, sem testemunhas. Digo tudo isso. Pergunto se é pio ou ímpio. Responderá: Como sou ímpio, se faço tudo isto? Como aqueles, dos quais foi dito: "Serviram à criatura em lugar do Criador, que é bendito pelos séculos" (ib 1,25). Como és ímpio? E o que dizer se, de todas as boas obras esperas o que se deve esperar, mas não da parte daquele de quem se há de esperar; ou esperas o que não deve esperar, mesmo que seja

daquele de quem se há de esperar a vida eterna? Se esperaste certa felicidade terrena por causa das boas obras, és ímpio. Não é esta a recompensa da fé. A fé é preciosa e a consideraste coisa vil. És, pois, ímpio, e essas tuas obras nada são. Se impeles os remos com os braços das boas obras e pensas que governas o navio de maneira excelente, corres ao encontro dos escolhos. E se esperas o que é de se esperar, a vida eterna, mas não da parte de Jesus Cristo, seu exclusivo doador, mas julgas poder chegar à vida eterna, através do exército dos céus, pelo sol e pela lua, pelas postestades do ar, do mar, e da terra e das estrelas? És ímpio. Acredita naquele que justifica o ímpio, a fim de que também tuas boas obras possam ser obras boas. Não as denomino boas enquanto não procederem de uma boa raiz. O que significa isto? Ou esperas do Deus eterno uma vida temporal, ou esperas do demônio a vida eterna; em ambos os casos és ímpio. Corrige tua fé, dirige-a, conserta o caminho. E se tens bons pés, já podes caminhar com segurança, correr, manter-te no caminho. Quanto melhor correres, com tanto maior facilidade chegarás. Mas, se talvez claudicares um pouco? Ao menos não te apartes do caminho; embora mais tarde, hás de chegar. Não pares, não voltes atrás, não te desvies.

7 Como, então? Quais são os bem-aventurados? Não são alguns nos quais Deus não encontrou pecados, pois achou-os em todos. Todos, de fato, “pecaram e estão privados da glória de Deus” (Rm 3,23). Se, portanto, em todos existem pecados, resta que não são felizes senão aqueles cujos pecados foram perdoados. O Apóstolo a isto se refere da seguinte maneira: “Acreditou Abraão em Deus, e isto lhe foi levado em conta de justiça; ora, a quem faz um trabalho” (isto é, presume de suas obras, e diz que por seu mérito lhe foi dada a graça da fé), “o salário não é considerado como gratificação, mas como um débito” (Rm 4,3.4). O que significa senão que nossa recompensa se chama graça? Se é graça, é concedida gratuitamente. E o que quer dizer: concedida gratuitamente? Que nada recebe em troca. Nada fizeste de bom e te é dada a remissão dos pecados. Tuas obras são examinadas, e resulta que todas são más. Se Deus retribuísse com o que merecem aquelas obras, condenaria efetivamente. “O salário do pecado é a morte” (Rm 6,23). Qual o merecimento das más obras, senão a condenação? O que é devido às boas obras? O reino dos céus. Estavas entregue às más obras; se te for pago o que te é devido, hás de ser punido. Mas, o que aconteceu? Deus não te deu o castigo merecido; ao invés, deu a graça imerecida. Devia vingar-se, mas foi indulgente. Começas a ter fé, pela indulgência de Deus. A fé, tomando consigo a esperança e a caridade, começa a agir bem. Mas, nem assim te glories e orgulhes. Lembra-te de quem te conduziu ao caminho. Lembra-te de que estavas no erro, apesar dos pés sadios e velozes. Lembra-te de que embora estivesses desfalecido e caído, meio morto no caminho, foste colocado num jumento e levado à hospedaria (Lc 10,30). “A quem faz um trabalho, o salário não é considerado como gratificação, mas como um débito”. Se queres te tornar estranho à graça, gaba-te de teus méritos. Deus, porém, vê o que há em ti, e sabe o que e a quem és devedor. Diz o Apóstolo: “A quem, ao invés, não trabalha”. Imagina um ímpio, pecador, que não pratica boas obras. O que lhe acontece? No entanto, acredita naquele que justifica o ímpio. Pelo fato de não agir bem é ímpio. Apesar de parecer praticar boas obras, contudo, ele as pratica sem a fé, por isso, nem merecem ser denominadas boas

obras. “A quem crê naquele que justifica o ímpio, é sua fé levada em conta de justiça, como, aliás, também Davi proclama a bem-aventurança do homem a quem Deus credita a justiça, independentemente das obras” (Rm 4,5.6). Mas, qual justiça? A da fé, não precedida, mas seguida das boas obras.

8 Prestai atenção. Se, ao contrário, entenderdes mal e vos lançardes naquela voragem de pecar impunemente, eu ficarei livre, como o próprio Apóstolo ficou livre, diante dos que o entendiam mal. De propósito entenderam mal, para não praticarem, em consequência, boas obras. Não sejais deste número, meus irmãos. Diz-se, em outro salmo, a respeito de um homem desta espécie, como se tratasse de um só: “Não quis entender para agir bem” (Sl 35,4). Não se disse: Não pôde entender. É preciso, portanto, que queirais entender para agir bem. Não vos faltará claro entendimento. Que quer dizer: claro entendimento? Ninguém se gabe de suas obras, antes de possuir a fé; ninguém seja preguiçoso relativamente às boas obras, depois de ter recebido a fé. Deus, efetivamente, concede perdão a todos os ímpios e justifica-os pela fé.

9 [1-2] “Felizes aqueles cujas iniquidades foram perdoadas e cujos pecados foram apagados. Feliz o homem a quem o Senhor não imputou pecado e em cuja boca não existe dolo”. Começa o salmo, começa também o entendimento. Entendimento ou inteligência consiste em saberes que não te deves gabar de teus méritos, nem presumir da impunidade de teus pecados. Pois, o título do salmo é: “Salmo a Davi. Da inteligência”. Este salmo se denomina: “Da inteligência”. Em primeiro lugar, é inteligência saberes que és pecador. Em segundo, que ao começares a agir bem, pela caridade oriunda da fé, não o atribuas às tuas forças, mas à graça de Deus. Assim, não haverá dolo em teu coração, isto é, em tua boca interior; nem terás uma coisa nos lábios e outra no pensamento. Não serás daqueles fariseus, dos quais foi dito: “Sois semelhantes a sepulcros caiados; por fora pareceis justos aos homens, mas por dentro estais cheios de hipocrisia e de iniquidade” (Mt 23,27). Quem, portanto, é iníquo e se apresenta como justo, não é mentiroso? Não era assim Natanael, do qual diz o Senhor: “Eis um verdadeiro israelita, em quem não há fingimento”. Por que não havia fingimento em Natanael? “Eu te vi”, diz o Senhor, “quando estavas sob a figueira” (1Jo 47.48). Estava debaixo da figueira, estava sujeito à condição mortal. Se estava sob a condição mortal, porque estava sujeito ao pecado inerente à propagação da carne, estava sob a figueira, a respeito da qual geme-se em outro salmo: “Eis que fui concebido em pecado” (Sl 50,78). Mas, viu-o aquele que veio trazendo a graça. O que quer dizer: Eu o vi? Compadeceu-se dele. Portanto, recomenda o homem sem fingimento, para nele recomendar a sua graça. “Eu te vi, quando estavas sob a figueira”. O que pode significar de importante a frase: “Eu te vi”, se não entenderes de outro modo o que foi dito? Qual a importância de ver um homem debaixo de uma figueira? Se Cristo não tivesse visto o gênero humano debaixo desta figueira, ou murcharíamos inteiramente, ou como aconteceu aos fariseus, que eram fraudulentos, isto é, se justificavam com palavras, mas suas obras eram más, ele só encontraria em nós folhas, e não frutos. Ao ver Cristo esta figueira, amaldiçoou-a, e ela secou. “Vejo”, disse ele, somente folhas, isto é, apenas palavras, sem frutos. Seque, para

não ter nem folhas (cf Mt 21,19). Por que tira até as palavras? Uma árvore seca não têm nem folhas. Assim eram os judeus. Os fariseus eram aquela árvore: tinham palavras, mas não tinham obras. Por sentença do Senhor mereceram a aridez. Veja-nos, pois, Cristo, debaixo da figueira. Veja em nossa carne também o fruto de boas obras, para não secarmos, em consequência de sua maldição. E como tudo é imputado a sua graça e não aos nossos méritos: "Felizes aqueles cujas iniquidades foram perdoadas e cujos pecados foram apagados". Não se trata daqueles nos quais não se acham pecados, mas daqueles cujos pecados foram perdoados. Foram encobertos os pecados, tapados, apagados. Se Deus oculta os pecados, não quis percebê-los; se não quis perceber, não quis anotar, se não quis anotar, não quis punir, não quis reconhecer, prefere perdoar. "Felizes aqueles cujas iniquidades foram perdoadas e cujos pecados foram apagados". Não penses que o salmista disse pecados encobertos como se ali estivessem, bem vivos. Por que disse que os pecados foram encobertos? Para que não fossem vistos. O que significa dizer que Deus vê os pecados, se não que pune os pecados. Qual a palavra que mostra que, para Deus, ver os pecados é o mesmo que puni-los? "Aparta tua face de meus pecados" (Sl 50,11). Não veja, pois, teus pecados, para te ver. Como te verá? Como Natanael, "Eu te vi, quando estavas sob a figueira". A sombra da figueira não impediu os olhos da misericórdia de Deus.

10 "E em cuja boca não existe dolo". De fato, os que não querem confessar os seus pecados, pelejam sem razão procurando defendê-los. E quanto mais se empenham em defender os próprios pecados, gabando-se de seus méritos, sem ver as próprias iniquidades, tanto mais diminui seu vigor e sua força. É forte quem tira sua fortaleza de Deus, não de si mesmo. A esse respeito disse o Apóstolo: "Três vezes pedi ao Senhor que o afastasse de mim. Respondeu-me: Basta-te a minha graça". Disse: "a minha graça", e não: a tua força. "Basta-te a minha graça, pois a força se aperfeiçoa na fraqueza". Por este motivo, disse ele ainda em outro lugar: "Quando sou fraco, então é que sou forte" (2Cor 12,8.10). Por conseguinte, quem deseja ser forte, de certo modo presumindo de si, e gabando-se de seus méritos, sejam quais forem, assemelhar-se-á ao fariseu que se jactava com orgulho daquilo que ele afirmava ter recebido de Deus. Dizia: "Eu te dou graças". Observai, meus irmãos, qual o gênero de soberba a que se refere Deus. Verdadeiramente, é a espécie que pode se insinuar no justo, tornar-se subreptícia até para o homem de bem. Dizia o fariseu: "Eu te dou graças". Ao dizer: "Eu te dou graças", confessava ter recebido de Deus o que tinha. "O que possuis que não tenhas recebido" (1Cor 4,7)? Portanto disse: "Eu te dou graças. Eu te dou graças, porque não sou como o resto dos homens, ladrões, injustos, adúlteros, e nem como este publicano". Onde está sua soberba? Não vem dar graças a Deus por seus dons, mas porque se exalta acima de outro, por causa destes mesmos bens.

11 Atentos, irmãos. O evangelista primeiro registrou porque o Senhor começou a propor a parábola. Depois que Cristo perguntou: "Mas quando o Filho do homem deve voltar, encontrará a fé sobre a terra?" a fim de que não houvesse alguns hereges que, observando e pensando que o mundo quase todo sofrera uma queda, pois todos os

hereges são em pequeno número e numa parte só da terra, se gabassem de que neles subsistira o que se perdera em todo o mundo, imediatamente após a palavra do Senhor: “Mas quando o Filho do homem voltar, encontrará a fé sobre a terra?” o evangelista acrescentou: “Ele contou ainda esta parábola para alguns que, convencidos de serem justos, desprezavam os outros: Dois homens subiram ao templo para orar: um era fariseu e o outro publicano” etc. como sabeis. Portanto, aquele fariseu dizia: “Eu te dou graças”. Mas, por que se diz que é soberbo? Porque desprezava os outros. Que provas apresentas disso? Suas próprias palavras. Como? O fariseu desprezou aquele que estava a distância, de quem, todavia, o Senhor esta perto, enquanto se confessava pecador. “O publicano mantinha-se a distância”, mas Deus não estava longe dele. Por que Deus não estava distante dele? Porque se diz em outra passagem: “O Senhor está perto dos que têm o coração contrito” (Sl 33,19). Vede se o publicano tinha o coração contrito e verificareis que o Senhor está próximo dos que têm o coração contrito. “O publicano, mantendo-se a distância, não ousava sequer levantar os olhos para o céu, mas batia no peito”. As batidas no peito representavam a contrição do coração. O que ele dizia, ao bater no peito? “Meu Deus, tem piedade de mim, pecador”. E qual foi a sentença do Senhor? “Eu vos digo, que o publicano desceu para casa justificado, mais do que o outro”. Por quê? Isto é um juízo de Deus. Não sou como este publicano, “não sou como o resto dos homens, injustos, ladrões, adúlteros. Jejuo duas vezes por semana, pago dízimo de todos os meus rendimentos”. Ele não ousa levantar os olhos para o céu, examina a consciência, fica de longe, e é mais justificado do que aquele fariseu. Por quê? Peço-te, Senhor, explica-nos esta tua justiça, expõe-nos a equidade de teu direito. Deus expõe a regra de sua lei. Queres ouvi-la? “Pois todo o que se exalta será humilhado, e quem se humilha será exaltado” (Lc 18,8.14).

12 Veja, pois, V. Caridade. Dissemos que o publicano não ousava levantar os olhos para o céu. Por que não olhava para o céu? Porque olhava para si mesmo. Examinava-se para, em primeiro lugar, desagradar a si mesmo e assim agradar a Deus. Tu, porém, te gabas, com dura cerviz. O Senhor diz ao soberbo: Não queres olhar-te? Eu te olho. Queres que eu não te observe? Observa-te a ti mesmo. Por conseguinte, o publicano não ousava levantar os olhos para o céu, porque olhava para si mesmo, punia a própria consciência. Era seu próprio juiz, para que intercedesse o Senhor. Ele se castigava para que Deus o libertasse; acusava-se para que o Senhor o defendesse. De tal sorte o defendeu, que proferiu sentença favorável: “O publicano desceu para casa justificado, mais do que o outro. Pois todo o que se exalta será humilhado, e quem se humilha será exaltado”. Diz o Senhor: Ele olhou-se atentamente; eu não quis examinar. Ouvi seu pedido: “Aparta os teus olhos de meus pecados”. Quem é que assim falou, senão o mesmo que declarou: “Porque reconheço a minha iniquidade” (Sl 50,5.11)? No entanto, irmãos, também o fariseu era pecador. Não deixava de ser pecador por dizer: “Não sou como o resto dos homens, injustos, ladrões, adúlteros”; nem por jejuar duas vezes por semana, nem por pagar os dízimos. Se não tivesse outro pecado, a soberba já era grande crime; dizia, porém, tudo aquilo. Enfim, quem não tem pecado? “Quem pode dizer: Purifiquei meu coração, do meu pecado estou puro” (Pr 20,9)? Ele, portanto, tinha

pecados; mas pervertido e sem saber aonde tinha vindo, era como se estivesse a tratar-se com um médico, e lhe mostrasse os órgãos sadios e escondesse as feridas. Deus ponha uma venda nas minhas feridas, não tu. Se, envergonhado, quiseres escondê-las, o médico não te curará. O médico enfaixe e cure; ele cobre com a pomada. Com o curativo do médico a ferida se cura, mas com a faixa do ferido só se esconde o ferimento. De quem escondes? Daquele que sabe todas as coisas.

13 [3] Por isso, irmãos, vede o que disse o salmista: "Porque calei, consumiram-se os meus ossos, enquanto eu clamava todos os dias". Qual o sentido disso? Parece contraditório: "Porque calei, consumiram-se os ossos, enquanto eu clamava todos os dias". Se clama, como calou? Calou uma coisa, não calou outra. Calou o que faria progredir, não calou o que servia para regredir; calou a confissão, clamou a presunção. "Calei", disse ele, não confessei. Então devia falar. Calar os próprios méritos, clamar os seus pecados. Mas, agora perversamente calou os seus pecados e clamou os próprios méritos. O que lhe acontecerá? Seus ossos consumiram-se. Notai que, se clamasse os seus pecados e calasse os próprios méritos, renovar-se-iam os seus ossos, isto é, suas virtudes; seria robusto no Senhor, ele que em si mesmo, tornou-se fraco e seus ossos se consumiram. Permaneceu na velhice o que não quis, confessando, amar a renovação. Sabeis, irmãos, quais os que se renovam: "Felizes aqueles cujas iniquidades foram perdoadas e cujos pecados foram apagados". O fariseu não quis fossem-lhe perdoados os pecados: aumentou-os, defendeu-os, vangloriou-se de seus méritos. Por conseguinte, seus ossos se consumiram porque omitiu a confissão. "Enquanto eu clamava todos os dias". O que significa: "Enquanto eu clamava todos os dias?" Perseverar na defesa dos próprios pecados. E no entanto, vede como ele é, porque conhece-se a si mesmo. Logo virá a compreensão. Não considere coisa alguma fora de si, e desagradar-se-á a si mesmo, porque se conhecerá. Ouvi agora, para serdes curados.

14 [4] "Feliz o homem a quem o Senhor não imputou pecado e em cuja boca não existe dolo. Porque calei, consumiram-se os meus ossos, enquanto eu clamava todos os dias. Porque dia e noite pesava sobre mim a tua mão". Qual o sentido da frase: Pesava sobre mim a tua mão? É questão importante, irmãos. Considerai a justa sentença dos dois, a do fariseu e a do publicano. O que foi dito do fariseu? Que foi humilhado. E do publicano? Que foi exaltado. Por que motivo aquele é humilhado? Porque se exaltou. E por que o publicano é exaltado? Porque se humilhou. Quando Deus quer humilhar quem se exalta, faz pesar sobre ele sua mão. Se não quis se humilhar pela confissão de seu pecado, foi humilhado pelo peso da mão de Deus. Enquanto ele suportava a pesada mão de Deus que o humilhava, quão leve foi a mão que exaltava! Em ambos os casos mostrou-se forte: forte para pesar, forte para reerguer.

15 [4-5] "Porque dia e noite pesava sobre mim a tua mão. Revolvia-me em minha dor, enquanto o espinho era pungente". Devido ao peso de tua mão, à própria humilhação, revolvia-me em minha dor, tornei-me infeliz, o espinho se cravava em mim, minha consciência se compungia. O que aconteceu quando o espinho era pungente? Foi-lhe

sensível a dor, descobriu sua fraqueza. Aquele que calara a confissão de seu pecado, de sorte que clamando em defesa de seu pecado, sua força se consumiu, isto é, seus ossos eram de um velho, o que fez agora que o espinho se cravou? “Reconheci o meu delito”. Já reconhece, pois. Se ele conhece, Deus perdoa. Ouve como continua. Vede como ele mesmo diz: “Reconheci o meu delito e não dissimulei minha injustiça”. Já disse acima: Não ocultes, e Deus encobre. “Felizes aqueles cujas iniquidades foram perdoadas e cujos pecados foram apagados”. Os que ocultam os pecados, descobrem-nos; o publicano descobriu-o para que fosse descoberto. “Não dissimulei minha injustiça”. O que quer dizer: “Não dissimulei?” Já calara por muito tempo. E agora? “Disse”. O oposto daquela taciturnidade é este “disse”. O que disseste? “Confessarei contra mim mesmo ao Senhor a minha injustiça, e perdoaste a impiedade de meu coração. Disse”. O que disseste? Ainda não disse, promete dizer; e Deus já perdoa. Atenção, irmãos. É importante. Declarou: confessarei. Não declarou: Confessei, e perdoaste, mas: “Confessarei” e “perdoaste”. Pelo fato de dizer: “confessarei” mostra que ainda não proferira com a boca, mas pronunciara com o coração. Enquanto diz: “Confessarei”, já confessou; por isso, “perdoaste a impiedade de meu coração”. A minha confissão, portanto ainda não chegara à boca, pois eu havia dito: “Confessarei contra mim mesmo”, todavia Deus ouviu a voz de meu coração. Minha voz ainda não chegará aos lábios, mas o ouvido de Deus já auscultara o coração. “Perdoaste a impiedade de meu coração”, porque eu disse: “Confessarei”.

16 Mas não bastara. Não declarou: “Confesarei minha injustiça ao Senhor”. Foi com razão que disse: “Confessarei contra mim mesmo”, e isto importa. Muitos confessam sua iniquidade, mas contra o próprio Senhor Deus. Quando se veem com pecados dizem: Deus assim quis. Se, pois, o homem diz: Não fiz; ou: Esta ação que condenas não é pecado, não pronuncia isto contra si, nem contra Deus. Se disser: Efetivamente agi assim, e é pecado, mas foi Deus quem quis; que fiz eu? Isto é pronunciar contra Deus o seu pecado. Talvez digais: Ninguém diz isto. Quem diz que Deus quis assim? Muitos dizem. E os que não afirmam isto, que diferença há quando dizem: O destino me fez isto, minhas estrelas me fizeram tal coisa? Assim, dão uma volta, para chegarem a Deus. Por um rodeio querem acusar a Deus, os que não querem de cheio vir aplacar a Deus, e declaram: A sorte me fez isto. O que é a sorte? Foram as minhas estrelas. O que são estrelas? Certamente estas que contemplamos no céu. E quem as criou? Deus. Quem as colocou em seu lugar? Deus. Vês, pois, que quiseste afirmar: Deus me fez pecar. Assim, ele é injusto e tu és justo, porque se ele não agisse assim tu não pecarias. Acaba com estas desculpas de teus pecados. Lembra-te das palavras do salmo: “Não inclines meu coração para palavras malignas, a fim de desculpar-me dos pecados, com aqueles que praticam a iniquidade”. Mas, há grandes homens que defendem seus pecados. São grandes os que contam os astros, que calculam o movimento das estrelas e os tempos, e dizem quando alguém pecará ou viverá bem, quando Marte tornará alguém homicida, e Vênus fará um adúltero. Parecem importantes, doutos, seres de eleição, neste mundo. Mas, o que diz o salmo? “Não inclines meu coração para as palavras malignas, com aqueles que praticam a iniquidade, e não terei comunicação com os seus escolhidos” (Sl

140,4). Denominam eles eleitos e doutos os enumeradores das estrelas, chamam de sábios aqueles que parecem ler nas mãos os vaticínios humanos, e leem nas estrelas os costumes dos homens. Deus me criou dotado de livre-arbítrio. Se pequei, fui eu que pequei, de modo que não somente confessarei minha iniquidade ao Senhor, mas confessarei contra mim mesmo, e não contra ele. "Eu disse, Senhor, tem piedade de mim": assim clama o doente ao médico, "Eu disse". Por que: "Eu disse?" Bastaria: "disse". Acrescenta: "Eu", enfaticamente. "Eu", eu mesmo, não o destino, não a sorte, não o diabo. Não foi ele que me forçou, mas eu mesmo que consenti em sua persuasão. "Eu disse: Senhor, tem piedade de mim, cura a minha alma, porque pequei contra ti" (Sl 40,5). Igualmente aqui decidiu e propôs-se. "Disse: Confessarei contra mim mesmo ao Senhor a minha injustiça, e perdoaste a impiedade de meu coração".

17 [6] "Por isso, todo santo há de te implorar na ocasião oportuna". Em que ocasião? "Por causa disso". Por causa de quê? Da impiedade. A fim de quê? Para obter a remissão dos pecados. "Por isso, todo santo há de te implorar na ocasião oportuna". Todo santo há de te suplicar, porque perdoaste os pecados. Pois, se não perdoasses os pecados, não haveria santo para te suplicar. "Por isso, todo santo há de te implorar na ocasião oportuna". Tempo oportuno será quando se manifestar o Novo Testamento, quando se manifestar a graça de Cristo. "Quando, porém, chegou a plenitude do tempo, enviou Deus seu Filho, nascido de mulher" (Gl 4,4.5), isto é, de uma jovem. Assim falavam os antigos, sem fazer distinções. "Nascido sob a Lei, para remir os que estavam sob a Lei". De que os redimiria? Do diabo, da perdição, de seus pecados, daquele ao qual os homens haviam se vendido. "Para remir os que estavam sob a Lei". Estavam sob a Lei, porque a Lei os oprimia. Sua condição os oprimia, convencendo-os de culpa, não salvando. De fato, a Lei proibia o mal; mas como eles não possuíam forças para justificar-se a si mesmos, deviam clamar ao Senhor, como clamava aquele que se achava cativo sob a lei do pecado: "Infeliz de mim! Quem me libertará deste corpo de, morte" (Rm 7,23-24)? Todos eles estavam sob a Lei; dentro da Lei. Lei deprimente, que convencia de pecado; efetivamente, a Lei revelou o pecado. Ela cravou o espinho, fez o coração se compungir, admoestou a que se reconhecesse cada um como réu, e clamasse a Deus por perdão. "Por isso, todo santo há de te implorar na ocasião oportuna". Dizia, portanto, acerca da ocasião oportuna: "Quando, porém, chegou a plenitude do tempo, enviou Deus o seu Filho". Ainda diz o Apóstolo: "No tempo favorável, eu te ouvi. E no dia da salvação vim em teu auxílio". E como o profeta fizera esta predição acerca de todos os cristãos, acrescentou o Apóstolo: "Eis agora o tempo favorável, eis agora o dia da salvação" (2Cor 6,2). "Por isso, todo santo há de te implorar na ocasião oportuna".

18 "Quando as águas diluvianas transbordarem, jamais o atingirão". A quem? A Deus. O salmista costuma mudar de pessoa, conforme fez no salmo: "Do Senhor vem a salvação. Sobre o teu povo, a tua bênção" (Sl 3,9). Não disse: "Do Senhor vem a salvação". Sobre seu povo, a sua bênção. Ou então: Senhor, de ti vem a salvação. Sobre teu povo, a tua bênção, mas tendo começado assim: "Do Senhor vem a salvação", não se dirige a ele, mas fala a respeito dele. Depois, volta-se para ele, dizendo: "Sobre o teu povo, a tua

bênção”. O mesmo acontece com o presente salmo; ouvindo dizer primeiro: “a ti”, e em seguida: “a ele”, não penses tratar-se de outro. “Por isso, todo santo há de te implorar na ocasião oportuna. Quando as águas diluvianas transbordarem, jamais o atingirão”. O que significam as águas diluvianas? Os que nadam na abundância das águas, não se aproximam de Deus. O que é dilúvio de muitas águas? A multiplicidade das várias doutrinas. Atenção, irmãos. Muitas águas são as diversas doutrinas. A doutrina de Deus é uma só, suas águas não são muitas, mas uma só água, seja a do sacramento do batismo, seja a da doutrina salutar. Diz-se a respeito desta doutrina, que nos irriga, por obra do Espírito Santo: “Bebe a água da tua cisterna, a água que jorra do teu poço” (Pr 5,15). Os ímpios não têm acesso a estas fontes; ao invés, delas se aproximam os que acreditam naquele que justifica o ímpio (Rm 4,5), depois que foram justificados. Outras águas abundantes, muitas doutrinas mancham as almas dos homens, conforme diz acima. Uma doutrina diz: O destino fez-me isto. Outra doutrina: A sorte fez-me assim, foi o acaso. Se os homens fossem governados pelo acaso, não haveria providência. No entanto, esta também é objeto de doutrina. Um outro afirma: Existe um povo de adversários, de trevas, que se rebelou contra Deus e faz os homens pecarem. Neste transbordar de águas diluvianas, eles não se aproximarão de Deus. Qual é a água verdadeira, que mana da fonte mais profunda, do puro filão da verdade? Que água é esta, meus irmãos, senão a que ensina a louvar o Senhor? Que água, senão a que exorta: É bom confessar ao Senhor (Sl 91,2)? Que água, a não ser a que transmite esta palavra: “Confessarei contra mim mesmo ao Senhor a minha injustiça”, e ainda: “Eu disse: Senhor, tem piedade de mim, cura a minha alma, porque pequei contra ti?” Água da confissão dos pecados, água da humilhação do coração, água da vida da salvação, água da renúncia a si mesmo, que nada presume de si, nada orgulhosamente atribui a seu próprio poder. Tal água não se encontra em livro algum de escritores estranhos, em livros dos epicureus, dos estoicos, dos maniqueus, dos platônicos. Em todos eles se encontram ótimos preceitos sobre costumes e disciplina; contudo lá não se acha esta humildade. A corrente desta humildade mana de outra fonte: vem de Cristo. Essa estrada parte dele, que sendo excelso, veio humildemente. Que coisa diferente ensinou ao se humilhar, feito obediente até a morte, e morte de cruz (Fl 2,8)? O que ensinou, pagando o que não devia, para solver nosso débito? O que ensinou de diverso, ao ser batizado sem ter pecado, e ser crucificado sem ter culpa alguma? Ensinou outra coisa, a não ser esta humildade? Não foi sem razão que disse: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14,6). Com esta humildade é que alguém se aproxima de Deus, porque o Senhor está perto daqueles que têm o coração contrito (Sl 33,19). Quando transbordarem as águas diluvianas, os que se erguem contra Deus e ensinam soberbas impiedades, não se aproximam de Deus.

19 [7] Tu, porém, que foste justificado e estás no meio daquelas águas, o que farás? Por toda a parte, meus irmãos, mesmo quando confessamos os pecados, fazem ruído em torno de nós aquelas águas diluvianas. Não estamos submersos no dilúvio, mas estamos cercados dele. As águas pressionam, mas não oprimem, impelem-nos, mas não nos submergem. O que se há de fazer, então, no meio do dilúvio, avançado por este mundo?

Acaso não se ouvem tais doutores, não se ouvem tais soberbos, ou não se sofre cotidianamente, no coração, perseguições? Como rezará, então, quem já está justificado e que presume de Deus, cercado de tantas águas? "Tu és o meu refúgio na tribulação que me envolveu". Refugiem-se eles nos seus deuses, ou em seus demônios, ou em suas forças, ou nas escusas de seus pecados. Para mim, neste dilúvio não há refúgio senão em ti, diante da angústia que me cerca.

20 "Tu que és a minha alegria, preserva-me". Se já exultas, porque desejas ser redimido? "Tu que és a minha alegria, preserva-me?" Ouço a palavra de alegria: "Minha alegria". Ouço os gemidos: "Preserva-me". Alegras-te e gemes. Sim, diz o salmista, alegro-me e gemo. Alegro-me na esperança, gemo ainda na realidade. "Tu que és a minha alegria, preserva-me. Alegres na esperança", diz o Apóstolo. Por conseguinte, é com razão que reza: "Tu que és a minha alegria, preserva-me". Por que: "preserva-me?" Continua o Apóstolo: "Perseverantes na tribulação" (Rm 12,12). "Tu és a minha alegria, preserva-me". O Apóstolo também já estava justificado, mas como se exprime? "E não somente a criação! Mas também nós, que temos as primícias do Espírito, gememos". Por que diz: "preserva-me?" Porque "gememos interiormente, esperando a adoção, suspirando pela redenção do nosso corpo". Eis aí por que diz: "preserva-me"; porque ainda esperamos, gemendo interiormente, a redenção de nosso corpo. De onde vem, então, "a minha alegria?" O mesmo Apóstolo prossegue: "Pois fomos salvos em esperança; e ver o que se espera, não é esperar. Acaso alguém espera o que vê? E se esperamos o que não vemos, é na esperança que o aguardamos" (Rm 8,23-25). Se esperas tens alegria; se aguardas na esperança, ainda gemes, pois não há necessidade de paciência quando não sofres mal algum. Somente quando existem males fala-se em tolerância, paciência, constância no sofrimento, longaminidade. Se pressionado, sentes angústia. Por conseguinte, se aguardamos com paciência, ainda pedimos: Salva-me da angústia que me cerca: como, de fato, somos salvos na esperança, dizemos ambas as coisas: "Minha alegria e preserva-me".

21 [8] "Vou te dar entendimento". O próprio salmo é de inteligência. "Vou te dar entendimento e indicar o caminho a seguir". O que significa: "Indicar o caminho a seguir?" Não é para te deteres, mas para não te desviares. Dar-te-ei entendimento para sempre te conheceres, e sempre te alegrares na esperança depositada em Deus, até chegares à pátria, onde não terás mais esperança, e sim a realidade. "Fixarei em ti os meus olhos". Não tirarei os olhos de ti, porque também tu não apartas de mim os teus olhos. Já justificado, após a remissão dos pecados, ergue para Deus os teus olhos. Teu coração apodrecera, retido na terra. Não é inutilmente que ouves a exortação: Corações ao alto, para não se estragarem. Tu também levanta os olhos para Deus continuamente para que ele fixe em ti os seus olhos. Mas por que receias que, mantendo os olhos elevados para Deus, tropeces? Ou não olhas para a frente, e talvez caias num laço? Não temas. Veem os olhos daquele que os fixou em ti. "Não andeis preocupados" (Mt 6,31). E diz o apóstolo Pedro: "Lançai sobre ele a vossa preocupação, porque é ele que cuida de vós" (1Pd 5,7). Portanto, "fixarei em ti os meus olhos". Tu, pois, ergue os olhos para

ele, sem temer, como disse, cair numa armadilha. Ouve as palavras de outro salmo: “Meus olhos se voltam sempre para o Senhor” (Sl 24,15). E como se alguém lhe perguntasse: O que fazes de teus pés, uma vez que não olhas para a frente? Responde: “Porque ele é quem há de tirar os meus pés do laço” (Sl 24,15). “Fixarei em ti os meus olhos”.

22 [9] O Senhor prometeu-lhe entendimento e a sua proteção. Agora se dirige aos soberbos, que defendem seus próprios pecados e mostra-nos o que quer dizer entendimento: “Não sejais como o cavalo e o mulo, sem inteligência”. O cavalo e o mulo levantam a cerviz. Não são como aquele boi que conhece o seu dono, e aquele jumento que conhece a manjedoura de seu Senhor (Is 1,3). “Não sejais como o cavalo e o mulo, sem inteligência”. E o que é o que eles sofrem? “Suas madíbulas se prendem com freio e cabresto. De outro modo, de ti não se aproximam”. Queres ser cavalo e mulo, e não queres ter cavaleiro? Tuas mandíbulas serão apertadas com o freio e o cabresto. Tua boca será amarrada; com ela te gabas de teus méritos e calas os teus pecados. “Cujas mandíbulas se prendem com freio e cabresto. De outro modo, de ti não se aproximam”, humilhando-se.

23 [10] “Muitos são os sofrimentos do pecador”. Não é de admirar que, uma vez usado o freio, siga-se o chicote. Ele queria ser um animal indômito; é domado com o freio e o chicote. E oxalá seja domado por completo. Pois, é de recear que, resistindo demais, mereça ser abandonado, permanecendo indômito e prossiga em sua licenciosa vagabundagem de sorte que se diga a seu respeito: “A sua maldade parece brotar da obesidade” (Sl 72,7), à semelhança, cujos pecados ainda continuam impunes. Por conseguinte, ao ser flagelado, corrija-se, dome-se. Também este disse aqui ter sido domado. Denominou-se a si mesmo cavalo e mulo, porque se calou. Mas, como foi domado? Com o chicote. “Revolvia-me em minha dor, enquanto o espinho era pungente”. Seja qual for o nome que lhe deres, chicote ou aguilhão, Deus doma o jumento, que ele monta, porque ao jumento convém ser montado. Deus não o monta por estar cansado de andar a pé. Não é cheio de mistério o fato de que um jumentinho foi levado ao Senhor (Mt 21,7)? O povo manso e quieto que carrega com segurança o Senhor é um jumentinho e encaminha-se para Jerusalém. Como está em outro salmo: “Dirigirá os mansos no juízo. Ensinará aos dóceis os seus caminhos” (Sl 24,9). Quais são esses mansos? Os que não erguem a cerviz contra seu domador, os que suportam o chicote e o freio, a fim de que, depois de domados, andem sem chicote, e sem freio nem cabresto se mantenham no caminho. Se te faltar este cavaleiro, tu cais, não ele. “Muitos são os sofrimentos do pecador. Mas de misericórdia o que espera no Senhor se vê cercado”. De que maneira o Senhor é refúgio na tribulação? Aquele que primeiro está cercado de tribulação, cerca-o em seguida a misericórdia, porque quem deu a lei, dará a misericórdia (cf Sl 83,8); a lei nos flagelos, a misericórdia nas consolações. “Mas o que espera no Senhor, de misericórdia se vê cercado”.

24 [11] Daí, como conclui? “Alegrai-vos e exultai no Senhor, ó justos”. Ó vós, que em vós

mesmos vos alegrais! ó ímpios, ó soberbos, que em vós mesmos vos regozijais. Uma vez que credes naquele que justifica os ímpios, seja vossa fé levada em conta de justiça (cf Rm 4,5). "Alegrai-vos no Senhor e exultai, ó justos. E exultai", subentenda-se: no Senhor. Por quê? Porque já são justos. E como sois justos? Não por vossos méritos, mas por sua graça. Como sois justos? Porque fostes justificados.

25 "E gloriai-vos todos vós, retos de coração". Qual o sentido da expressão: "retos de coração?" São aqueles que não resistem a Deus. Preste atenção, V. Caridade, para compreender o que é reto de coração. Falo rapidamente, mas insisto muito. Graças a Deus, por que vem no fim; grave-se em vossa memória. Esta a diferença entre coração reto e coração malvado: Reto de coração é aquele que, sofrendo contra a sua vontade, aflições, tristezas, trabalhos, humilhações atribui tudo isso à justa vontade de Deus e não a julga insensata, como se não soubesse Deus o que faz, porque castiga a um e a outros poupa. Malvados de coração, maus e perversos aqueles que dizem serem injustos os males que sofrem, acusando de iniquidade aquele por cuja vontade padecem, ou não ousando acusá-lo de maldade, negam-lhe o cuidado no governo. Dizem eles o seguinte: Deus não pode praticar o mal; no entanto, é um mal que eu sofra e outro não sofra. Concedo que sou pecador. Mas, certamente são piores os que estão alegres, enquanto eu sofro. E como é um mal que outros piores do que eu se regozijem, enquanto eu estou atribulado, eu que sou justo, ou menos pecador do que ele, tenho certeza de que isto é injusto e igual certeza de que Deus não faz injustiça; portanto, Deus não governa os acontecimentos humanos, nem se preocupa conosco. Portanto, os corações perversos, isto é, distorcidos, têm três opiniões. Ou: Deus não existe, pois "disse o insensato em seu coração: Deus não existe" (Sl 13,1). E conforme foi dito a respeito daquelas águas diluvianas, não faltou tal ensinamento entre os filósofos, não faltaram os que afirmaram que não existe um Deus que governa todas as coisas e tudo criou; mas há muitos deuses, que cuidam de si mesmos, alheios ao mundo, sem se preocupar com tais coisas. Por conseguinte, ou (1ª opinião) Deus não existe, segundo afirma o ímpio, a quem desagrada tudo o que lhe acontece contra sua vontade, e que não sucede a outrem, ao qual se julga superior. Ou, então (2ª opinião), Deus é injusto, pois agradam-lhe tais fatos e ele assim age. Ou ainda (3ª opinião): Deus não governa os eventos humanos, nem cuida de todos. Estas três opiniões são muito ímpias, porque ou negam a existência de Deus, ou o denominam injusto, ou não lhe atribui o governo do mundo. De onde vêm isto? De um coração distorcido. Deus é reto, portanto o coração distorcido não se ajusta a ele. Em outro salmo, se diz: "Como é bom o Deus de Israel, para os retos de coração". Como o próprio salmista certa vez emitiu esta opinião: "Como sabe Deus? Ou será que o Altíssimo tem conhecimento?" acrescentou ali: "Meus pés quase se abalaram" (Sl 72,1.11.2). Se colocas uma tábua recurvada num pavimento bem liso, não se ajeita, não encontra posição, não se ajusta, sempre se mexe e balança. Não é por ser desigual o lugar em que a colocaste, mas porque é torto o que puseste. Assim também teu coração, enquanto for mau e distorcido, não pode alinhar-se com a retidão de Deus, e não pode sobre ele ser colocado para aderir e realizar-se a palavra: "Aquele que se une ao Senhor, constitui com ele um só espírito" (1Cor 6,17). Por isso disse o salmista: "Gloriai-vos

todos vós, retos de coração”. Como se gloriam os corações retos? Ouvi como se gloriam. Declara o Apóstolo: “E não é só. Nós nos gloriamos também nas tribulações”. Pois não é grande coisa gloriar-se no meio de regozijos, de alegrias; os corações retos se alegram mesmo nas tribulações. Escuta como o Apóstolo fala, vê o coração reto se gloriando nas tribulações; não o faz inutilmente, em vão: “Sabendo que a tribulação produz a paciência, a paciência uma virtude comprovada, a virtude comprovada a esperança. E a esperança não decepciona, porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado” (Rm 5,3.5).

26 Assim, pois, irmãos, é que um coração é reto. Em qualquer acontecimento diga: O Senhor deu, o Senhor tirou. Eis um coração reto: como foi do agrado do Senhor, assim se fez. Bendito seja o nome do Senhor (cf Jó 1,21). Quem tirou? O que tirou? De quem tirou? Quando tirou? Seja bendito o nome do Senhor. E não disse: O Senhor deu, o diabo tirou . Preste atenção, V. Caridade, para não dizerdes: Isto foi o diabo que me fez. Atribui inteiramente a Deus o castigo que te aflige, porque nem o diabo consegue te fazer algo, sem a permissão daquele que do alto tem o poder de castigar ou de corrigir. Castigo para os ímpios, correção para os filhos. Ele castiga todo filho que acolhe (Hb 12,6). Não esperes ficar isento de qualquer castigo, a menos que penses ser deserdado. Ele castiga todo filho que acolhe. Na verdade, a todos? Onde querias te esconder? Todo filho, sem exceção. Nenhum ficará sem castigo. Como? A todos? Queres ouvir como se trata de todos? Mesmo o Unigênito; sem pecado, mas não sem castigo. Em consequência, o próprio Unigênito, carregando tua fraqueza e prefigurando em si a tua pessoa e como Cabeça representando também seu corpo, ao se aproximar da paixão, contristou-se segundo a natureza humana, para te alegrar; contristou-se para te consolar. O Senhor poderia, efetivamente, não sentir tristeza, ao se encaminhar para a paixão. Se um soldado pôde, não poderia o general? Como pôde o soldado? Ouve como Paulo exulta ao se aproximar a paixão. Declarou: “Quanto a mim, já fui oferecido em libação, e chegou o tempo de minha partida. Combati o bom combate, terminei a minha carreira, guardei a fé. Desde já me está reservada a coroa da justiça, que me dará o Senhor, justo juiz, naquele dia; e não somente a mim, mas a todos os que tiverem esperado com amor a sua aparição” (2Tm 4,6.8). Vede como exulta, a caminho da paixão. Alegra-se, então, o que há de ser coroado, e se contristaria aquele que coroa? O que trazia em si? A fraqueza e alguns, que diante da tribulação ou da morte se contristam. Mas vede com os conduz à retidão do coração. Tu querias viver, não querias que te sucedesse coisa alguma: mas Deus quis de maneira diferente. São duas vontades. Mas, tua vontade se corrija segundo a vontade de Deus, e não se dobre a vontade de Deus à tua. Tua vontade é má; a dele é a regra. Válida fique a regra, para que se corrija o que estiver torto, por meio da regra. Vede como o ensina nosso Senhor Jesus Cristo: “A minha alma está triste até a morte, e: Meu Pai, se é possível, que passse de mim este cálice”. Aqui mostrou sua vontade humana. Mas vê o coração reto: “Contudo, não seja como eu quero, mas como tu queres, Pai” (Mt 26,38.39). Age assim alegrando-te com o que te acontece; e se chegar o último dia, alegra-te. Se certa fragilidade humana sorrateiramente se introduzir, seja logo dirigida para Deus, a fim de seres do número daqueles aos quais se diz: “Alegrai-vos

todos vós, retos de coração”.

SALMO 32

I. COMENTÁRIO

1 [1] “Justos, exultai no Senhor”. Exultai, ó justos, não em vós mesmos, porque isto é inseguro; mas no Senhor. “Aos retos convém louvá-lo”. Louvam o Senhor os que a ele se submetem; do contrário, são distorcidos, tortos.

2 [2] “Celebrai o Senhor com a cítara”. Celebrai o Senhor, oferecendo-lhe vossos corpos como hóstias vivas (Rm 12,1). “Entoai-lhe hinos no saltério de dez cordas”. Vossos membros se deem ao amor de Deus e do próximo, que constam de três e sete mandamentos.

3 [3] “Cantai-lhe um cântico novo”. Entoai-lhe o cântico da graça da fé. “Cantai-lhe bem com júbilo”. Com alegria, cantai-lhe bem.

4 [4] “Porque é reta a palavra do Senhor”. A palavra do Senhor é reta, fazendo-vos o que por vós mesmos não podeis fazer. “E há fé em todas as suas obras”. Não pense alguém ter alcançado a fé pelos méritos das obras, ao passo que é com a própria fé que se realizam todas as obras que Deus ama.

5 [5] “Ele ama a misericórdia e o juízo”. Ama a misericórdia que agora oferece primeiro; e ama o juízo, no qual exige contas do que antes concedeu: “Da misericórdia do Senhor está cheia a terra”. Em todo o orbe, os pecados dos homens são perdoados, pela misericórdia do Senhor.

6 [6] “Pela palavra do Senhor se firmaram os céus”. Os justos não se firmaram por si mesmos, mas pela palavra do Senhor. “E do sopro de sua boca lhes vem toda a fortaleza”. Do Espírito Santo provém a fé que há neles.

7 [7] “Como num odre congrega as águas do mar”. Reúne os povos do mundo na confissão dos pecados remidos, para não deslisarem sem freio, devido à soberba. “E em reservatórios encerra os abismos”. Neles guarda como riquezas, seus bens ocultos.

8 [8] “Tema ao Senhor toda a terra”. Tema-o o pecador, para deixar de pecar. “E reverenciem-no”, não por terror de homens ou de qualquer criatura, mas dele mesmo, “reverenciem-no todos os habitantes do universo”.

9 [9] “Porque ele disse e tudo foi feito”. Não foi outro quem fez as coisas temíveis; mas foi ele que disse e foram feitas. “Ordenou e tudo foi criado”. Mandou por seu verbo, e tudo foi criado.

10 10 “O Senhor desfaz os projetos das nações”; não as de seu reino, mas as que procuram seus próprios reinos. “Frustra os pensamentos dos povos” desejosos de felicidade terrena. “E reprova os planos dos príncipes”, que intentam dominar tais povos.

11 11 “O conselho do Senhor, porém, permanece eternamente”. O conselho do Senhor, que torna feliz somente quem lhe é submisso, permanece para sempre. “Os desígnios de seu coração pelos séculos dos séculos”. Os desígnios de sua sabedoria não são mutáveis, mas permanentes nos séculos dos séculos.

12 12 “Feliz a nação que tem o Senhor por seu Deus”. Somente é feliz a nação pertencente à cidade celeste, que escolheu exclusivamente “seu Deus” por Senhor. “O povo que o Senhor escolheu por herança”. Não por si mesma, mas por um dom de Deus, foi eleita. Possuindo-a, ela não a deixa inculta e infeliz.

13 13 “Dos céus olhou o Senhor; viu todos os filhos dos homens”. Através da alma justa, o Senhor viu misericordiosamente a todos os que querem renascer para uma vida eterna.

14 14 “Da habitação que preparou para si”; habitação da natureza humana, que preparou para si. “Observou todos os moradores da terra”. Viu, em sua misericórdia todos os que vivem na carne, para presidi-los, governando-os.

15 15 “Ele plasmou o coração de cada um”. Ele concedeu espiritualmente dons peculiares a cada coração, a fim de que o corpo não seja todo ele olho, nem todo ele ouvido (1Cor 12,17), mas cada qual a seu modo incorpore-se a Cristo. “Está atento a todas as suas obras”. Para ele são inteligíveis todas as obras humanas.

16 16 “Não é pelo grande poder que um rei se salva”. Quem domina a própria carne não se salvará, se presumir muito de sua virtude. “Nem por sua extraordinária força que um gigante se livrará”. Nem se livrará quem luta contra os hábitos de seus maus desejos, ou contra o diabo e seus anjos, se muito confiar em sua fortaleza.

17 17 “Enganador é o cavalo para a salvação”. Engana-se quem pensar que é possível obter a salvação desejada por meio dos homens ou entre eles, ou defender-se do mal por uma energia impetuosa. “Com toda a pujança de seu vigor não se livra do perigo”.

18 18 “Eis os olhos do Senhor pousados sobre os que o temem”. Se procuras a salvação, aqui tens o amor para com os que o temem. “Os que esperam em sua misericórdia”, os que não confiam em seu próprio valor, e sim em sua misericórdia.

19 19 “A fim de livrar-lhes a alma da morte e nutri-los no tempo de fome”, dando-lhes o alimento do verbo e da verdade eterna, que haviam perdido, ao presumirem de suas forças. Por isso, carecem das mesmas forças, por fome da justiça.

20 [20] "Nossa alma espera com paciência no Senhor". Por enquanto, aqui na terra, nossa alma espera pacientemente no Senhor, a fim de que, depois, seja saciada com manjares incorruptíveis. "Ele é nosso amparo e protetor". Amparo ao nos empenharmos em buscá-lo, protetor, ao resistirmos ao adversário.

21 [21] "Nele, pois, alegrar-se-á o nosso coração". O nosso coração não se alegrará em nós mesmos, porque sem o Senhor sofremos grande penúria, mas no Senhor. "Em seu santo nome confiamos". Esperamos chegar até Deus, porque enquanto estávamos longe dele, enviou-nos seu santo nome, através da fé.

22 [22] "Desça sobre nós, Senhor, a tua misericórdia, conforme em ti pomos a nossa esperança". Desça, Senhor, sobre nós a tua misericórdia. A esperança não confunde, porque esperamos em ti.

II. SERMÃO I

1 [1] *Nas vigílias em honra de S. Cipriano, mártir. Em Mapala.* Este salmo nos exorta a exultarmos no Senhor. Intitula-se: "Davi". Os componentes da sagrada estirpe de Davi, ouçam sua voz, digam que é sua e exultem no Senhor. Assim começa o salmo: "Justos, exultai no Senhor". Os injustos exultem neste século e quando ele terminar, terminará também a exultação dos injustos. Os justos, porém, exultem no Senhor, porque o Senhor permanece e sua exultação igualmente permanecerá. Convém, pois, exultar no Senhor, para louvarmos o único que em nada pode nos desagradar. Mas também ninguém há que em tantos pontos desagrade aos infiéis. Podemos formular uma norma brevemente: agrada a Deus aquele a quem Deus apraz. Caríssimos. Não penseis que isto seja fácil. Vedes quantos são os que disputam contra Deus, a quantos suas obras desagrada. Quando o Senhor quer fazer algo contra a vontade humana, uma vez que é o Senhor, sabe o que ele faz, e atende mais a nossa utilidade do que a nossa vontade, aqueles que preferem fazer a sua vontade e não a de Deus, procuram dobrar a Deus, segundo seu arbítrio, e não conformar sua vontade à de Deus. A tais homens infiéis, ímpios, iníquos, tenho vergonha de dizer, mas vou dizer, pois sabeis como é verdade o que digo, preferem o pantomimo a Deus, com toda facilidade.

2 Por isso, disse o salmista primeiro: "Justos, exultai no Senhor", e como não podemos exultar nele sem louvá-lo, nós louvamos aquele ao qual agradamos tanto mais quanto ele nos apraz. Diz o salmista: "Aos retos convém louvá-lo". Quais são os homens retos? Os que orientam seus corações segundo a vontade de Deus; e se a fragilidade humana os perturba a equidade divina os consola. Embora individualmente possam querer, devido a seu coração mortal, alguma coisa conveniente no momento a seus interesses, ou negócios, ou necessidades terrenas, logo que entenderem e conhecerem que Deus quer outra coisa, à sua vontade preferem a daquele que é melhor, o querer do onipotente à sua fraca vontade, a vontade de Deus à do homem. Quanto Deus está acima do homem,

tanto a vontade dele distancia-se da vontade humana. Daí vem que Cristo, em sua natureza humana, propondo-nos uma regra, ensinando-nos como viver, e comunicando-nos a vida, manifestou certa vontade humana particular, na qual representava também a nossa, uma vez que ele é nossa Cabeça, e a ele pertencemos, como sabeis, na qualidade de membros. Ele disse: "Meu Pai, se é possível, que passe de mim este cálice". Era a vontade humana, optando por algo de próprio e como que particular. Mas, queria ser homem reto de coração, de sorte que tudo que pudesse ser nele um tanto curvo tomasse a direção daquele que é sempre reto, e disse: "Contudo, não seja como eu quero, mas como tu queres, Pai" (Mt 26,39). Mas, que mal poderia querer Cristo? Enfim, o que poderia querer diverso da vontade do Pai? A divindade neles é uma só; não podem diferir na vontade. Mas enquanto homem, representando os seus, dos quais tomou o lugar, dizendo: "Tive fome, e me destes de comer" (Mt 25,35), e também ao clamar do alto a Saulo, furioso, e que perseguia os santos, enquanto ninguém o tocava: "Saulo, Saulo, por que me persegues?" (At 9,4), demonstrou ter vontade própria humana. Mostrou-te e corrigiu-te. Diz: Vê a ti mesmo em mim. Como podes querer algo de próprio, diferente daquilo que Deus quer, concede-se isto à fragilidade humana, concede-se à fraqueza humana. É difícil que não te aconteça querer algo de próprio; mas pensa logo naquele que está acima de ti. Ele acima, tu embaixo; ele criador, tu criatura; ele Senhor, tu servo; ele onipotente, tu fraco. Corrige-te, submetendo-te à sua vontade e dizendo: "Contudo, não seja como eu quero, mas como tu queres, ó Pai". Como estarás separado de Deus, se já queres o que Deus quer? Serás, portanto, reto e te convirá o louvor, porque "aos retos convém louvá-lo".

3 Se és curvo, louvas a Deus quando tudo te corre bem e blasfemas quando as coisas vão mal. Se este mal é justo, não é mal. É justo, porém, porque vem daquele que nada pode fazer de injusto. Então serás um menino tolo na casa de teu Pai, amando-o se te acaricia, e odiando-o quando te castiga, como se não te preparasse uma herança, quer acariciando, quer castigando. Vê como aos retos convém o louvor, ouve a voz do homem reto a louvar, em outro salmo: "Bendirei ao Senhor em todo o tempo; seu louvor estará sempre em minha boca" (Sl 33,2). "Em todo o tempo" equivale a: "sempre". E "bendirei" é idêntico a: "seu louvor em minha boca". Em todo o tempo e sempre, na prosperidade e na adversidade. Pois, se for na prosperidade e não na adversidade, como será em todo o tempo, como será sempre? E, no entanto, ouvimos muitas palavras destas e da parte de muitos. Quando lhes sucede algum evento feliz, exultam, alegram-se, cantam a Deus, louvam a Deus. Não são reprováveis; ao contrário, devemos nos alegrar por causa deles, porque muitos não o fazem nem assim. Mas estes já começaram a louvar a Deus por causa da prosperidade, hão de aprender a reconhecer o Pai quando castiga, e não murmurar contra a mão que corrige, a fim de não permanecerem sempre maus e merecerem ser deserdados, e retificados (o que é reto? Que nada lhes desagrade do que Deus fizer) possam louvar a Deus mesmo na adversidade, dizendo: "O Senhor deu, o Senhor tirou; como foi do agrado do Senhor assim se fez; seja bendito o nome do Senhor" (cf Jó 1,21). A estes retos convém o louvor, pois não estão inclinados a primeiro louvar e em seguida vituperar.

4 Consequentemente, justos e retos, exultai no Senhor, porque vos convém o louvor. Ninguém diga: Que espécie de justo sou eu, ou quando sou justo? Não deveis vos menosprezar, nem desesperar de vós mesmos. Sois homens, feitos à imagem de Deus. Quem vos fez homens assim, por vós igualmente fez-se homem. O sangue do Filho único foi derramado por vós, a fim de que muitos de vós fôsseis adotados por filhos, em vista da herança eterna. Se vos menosprezais por causa da fragilidade terrena, avaliai-vos de acordo com o vosso preço. Pensai bem no que comeis, no que bebeis, em que assentis, ao responderdes: Amém. Acaso vos advertimos para vos tornardes soberbos, e ousardes arrogar-vos alguma perfeição? Mas, ao invés, não deveis vos julgar desprovidos de qualquer justiça. Não vos quero perguntar sobre vossa justiça. Talvez nenhum de vós ouse responder-me: Sou justo. Todavia, interrogo-vos acerca de vossa fé. Como nenhum ousa dizer: Sou justo, assim ninguém se atreve a afirmar: Não sou fiel. Ainda não pergunto como vives, mas pergunto o que crês. Hás de responder que acreditas em Cristo. Não ouviste a afirmação do Apóstolo: "O justo vive da fé" (Rm 1,17)? Tua fé é tua justiça. Se, de fato, acreditas, tens cautela. Se te acautelas, esforças-te. Deus conhece teu esforço inspeciona tua vontade, considera tua luta contra a carne, exorta a combateres, ajuda a venceres, assiste ao lutares, sustenta ao fraquejares, coroa ao seres vencedor. Portanto: "Justos, exultai no Senhor". Diria: Exultai, ó fiéis, no Senhor, porque o justo vive na fé. "Aos retos convém louvá-lo". Aprende a dar graças a Deus na prosperidade e nas tribulações. Aprendei a manter no coração o que todos têm na boca: O que Deus quiser. A linguagem popular muitas vezes é ensinamento salutar. Quem não fala todos os dias: Como Deus quiser? Este será um dos retos que exultam no Senhor, aos quais convém o louvor. A eles se dirige, portanto, o salmo, dizendo: "Celebrai o Senhor com a cítara, entoai-lhe hinos no saltério de dez cordas". Foi o que cantamos há pouco, em uníssono ensinamo-lo a vossos corações.

5 [2] A instituição destas vigílias em nome de Cristo não exige a exclusão das cítaras? Eis que o salmista ordena soarem as cítaras: "Celebrai o Senhor com a cítara, entoai-lhe hinos no saltério de dez cordas". Ninguém volte o coração para instrumentos musicais usados nos teatros. Ordena-se empregar o que já possuímos dentro de nós, conforme declara outro salmo: "Em mim, ó Deus, estão os votos de louvor, que cumprirei" (Sl 55,12). Lembram-se os que estavam aqui ontem qual a diferença entre saltério e cítara. À medida do possível, fizemos a distinção, esforçando-nos para que todos entendessem; sabem os que ouviram se o conseguimos. Agora, é oportuno repetir. Na diversidade dos dois instrumentos vimos representada a variedade dos atos humanos, praticados em nossa vida. A cítara consiste num pedaço de madeira côncavo, semelhante a um tímpano, com uma caixa de ressonância. As cordas se apoiam na madeira e soam quando tocadas. Não falo de um arco que as tocasse. Mas disse que a madeira é côncava, e sobre ela, como ponto de apoio, acham-se esticadas as cordas, de sorte que vibram quando tocadas. O som emitido ressoa melhor na cavidade. A cítara tem a concavidade de madeira na parte inferior, e o saltério na superior. Esta é a diferença. Então, o salmista nos ordena confessar com a cítara, e salmodiar com o saltério de dez cordas. Não fala

em cítara de dez cordas, nem neste salmo, nem, se não me engano, em qualquer outra passagem. Leiam e considerem melhor e com mais vagar os leitores, nossos filhos; no entanto, enquanto me lembro, em muitos trechos encontramos saltério de dez cordas; jamais cítara de dez cordas. Lembrai-vos de que a cítara tem a parte sonora em baixo e o saltério em cima. Na vida cá de baixo, isto é, na terrena, temos prosperidade e adversidade, e em ambas devemos louvar a Deus, a fim de que esteja sempre seu louvor em nossa boca, e bendigamos ao Senhor em todo o tempo (Sl 33,2). Existe prosperidade terrena e adversidade terrena; em ambas, Deus há de ser louvado, para tocarmos cítara. Qual é a prosperidade terrena? Consiste em gozarmos de saúde corporal, de abundarem os bens necessários à vida, em conservarmos a incolumidade, em termos abundância dos frutos da terra, em que Deus faça o seu sol nascer sobre bons e maus e chover sobre justos e injustos (Mt 5,45). Tudo isso é válido para a vida terrena. É ingrato quem não louvar a Deus por tudo isso. Acaso não pertencem a Deus, porque são bens terrenos? Ou será outro o doador, uma vez que são concedidos também aos maus? A misericórdia de Deus é múltipla, paciente, longânime. Manifesta melhor o que reserva aos bons, quando mostra quanto dá igualmente aos maus. Efetivamente, as adversidades derivam da parte inferior, da fragilidade do gênero humano, constando de dores, doenças, angústias, tribulações, tentações. Em toda a parte louve a Deus quem toca a cítara. Não dê atenção ao fato de serem coisas inferiores, e sim que não podem ser regidas e governadas senão por aquela Sabedoria que atinge de um extremo a outro com força, e dispõe de tudo com suavidade (Sb 8,1). A Sabedoria não governa só as coisas celestes e abandona as terrenas. Não se lhe diz: “Para onde me afastarei de teu espírito, e aonde fugirei de tua face? Se subir ao céu lá estás; se descer ao inferno, ali estás presente” (Sl 138,7.8)? Onde não se encontra quem está em toda parte? “Celebrai, pois, o Senhor com a cítara”. Se tens abundância de algum bem terreno dá graças ao doador! Se te falta, ou se sofres algum dano, toca a cítara com segurança. Não se retira o doador, embora te seja tirado o dom. Mesmo assim, diria, toca a cítara com firmeza; seguro a respeito de teu Deus, tange as cordas do coração e diz, como uma cítara a soar bem, da parte inferior: “O Senhor deu, o Senhor tirou; como foi de seu agrado assim se fez; seja bendito o nome do Senhor” (Jó 1,21).

6 Ao considerares, porém os dons superiores de Deus, a saber, que preceitos te deu, que doutrina celeste te ensinou, o que te ordenou do alto, daquela fonte da verdade, toma o saltério, salmodia ao Senhor no saltério de dez cordas. Pois, os preceitos da Lei são dez. Nos dez preceitos da Lei tens o saltério. É coisa perfeita. Ali tens o amor de Deus em três mandamentos e o do próximo em sete. Em verdade, sabes, pois o Senhor o disse, que “desses dois preceitos dependem a Lei e os profetas” (Mt 22,40). Deus te fala do alto: “O Senhor teu Deus é um só”. Eis a primeira corda. “Não tomarás em vão o nome do Senhor teu Deus”. Aqui tens a segunda corda. Observa o dia do sábado, não carnalmente, nem com prazeres judaicos. Eles abusam do ócio para cometer a maldade. Melhor seria, de fato, cavar a terra o dia todo do que dançar o dia inteiro. Tu, porém, pensando no repouso diante de teu Deus, e fazendo tudo por causa deste repouso, abstêm-te de toda obra servil. Todo aquele que comete pecado é réu de pecado (Jo

8,34); antes fosse escravo de um homem e não do pecado! Estas três coisas pertencem ao amor de Deus, a saber, unidade, verdade, deleite. Há uma espécie de deleite no Senhor, o do verdadeiro sábado, do verdadeiro repouso. Daí a palavra: "Deleita-te no Senhor e ele te dará o que pedir teu coração" (Sl 36,4). Quem é que assim se deleita, senão aquele que fez tudo o que deleita? Nesses três mandamentos se trata do amor de Deus, em sete outros, do amor do próximo. Não faças a outrem o que não queres que te façam. "Honra teu pai e tua mãe", porque queres ser honrado por teus filhos. "Não cometas adultério", porque não queres que em tua ausência tua mulher cometa adultério. "Não mates", porque também não queres ser morto. "Não furtes", porque não queres ser roubado. "Não levante falso testemunho", porque abominas aquele que levante falso testemunho contra ti. "Não desejes a mulher do próximo", porque também não queres que outro deseje a tua. "Não cobices as coisas alheias" (Ex 20,12-17; Dt 5,6-21), porque desagrada-te que alguém cobice o que é teu. Reprime a tua língua, se te desgosta quem te prejudica. Tudo isto é mandamentos de Deus, dados pela Sabedoria. E soaram do alto. Toca o saltério, cumpre a Lei que o Senhor teu Deus não veio abolir, mas cumprir (Mt 5,17). Farás por amor o que não podias cumprir por temor. Quem não faz o mal por temor, preferia praticá-lo se fosse lícito, pois então se não lhe é dado o poder, continua a querer. Não faço, diz alguém. Por quê? Porque tenho medo. Ainda não amas a justiça, ainda és escravo; torna-te filho. Mas, de um bom escravo torne-se um bom filho. Por enquanto, não faças por temor, aprende a não fazer por amor. A justiça possui certa beleza. O castigo te leve a desistir. A justiça tem bela forma, quer ser vista, inflama o amor. Por causa dela os mártires, desprezando o mundo, derramaram seu sangue. O que amavam, quando renunciavam a estes bens todos? Por acaso não amavam? Ou vos dizemos isto para não amardes? Quem não ama, esfria-se, enrijece. Ame-se, mas aquela beleza que reclama os olhos do coração. Ame-se, todavia aquela beleza que, ao ser louvada a justiça, inflama os ânimos. Pronunciam-se algumas palavras, emitem-se sons, de toda a parte se diz: Bom! Ótimo! O que viram eles? Viram a justiça, que embeleza o velho curvado. Se está andando um ancião, apesar de justo, nada existe em seu corpo que atraia o amor, e no entanto é amado por todos. Ama-se o que não é visível; ou antes, ama-se o que vê o coração. Agrade-vos, portanto, e pedi ao Senhor que vos agrade. "O Senhor, pois, dará a suavidade, e nossa terra produzirá seu fruto" (Sl 84,13), de sorte que cumprireis por caridade o que é difícil cumprir por temor. Por que afirmo que é difícil? Para o espírito ainda não é possível. Se não é levado pelo amor a cumprir o preceito, mas é impelido pelo temor, preferiria que a ordem não existisse. Não furtes, teme a geena. Preferirias que não existisse a geena, onde serias metido. Quando começa alguém a amar a justiça, a não ser quando prefere que não haja furto, mesmo que não houvesse inferno, onde os ladrões fossem lançados? Isto se chama amar a justiça.

7 E como é a justiça? Quem a pintou? Que beleza tem a sabedoria de Deus? Ela faz belas todas as coisas que agradam aos olhos. Para vê-la e atingi-la, os corações têm de ser purificados. Professemo-nos amantes dela. Ela nos orna para não lhe desagradarmos. E quando os homens nos censuram acerca daquilo que é aprazível àquele que amamos, como os temos na conta de nada, desprezamos, não fazemos caso deles! Os lúbricos e

condenáveis amantes de mulheres, quando suas amadas os ornam conforme agrada a seus olhos, não fazem conta dos que os aborrecem, achando que lhes basta agradar aos olhos das que amam. E muitas vezes desagradam aos homens honestos, ou antes, sempre lhes desagradam e eles são repreendidos pelos de juízo sadio. Teu cabelo não está bem cortado, diz o homem sensato ao adolescente lascivo. Não ficam bem tais adornos. O jovem sabe que aqueles cabelos agradam a não sei a quem; fica aborrecido com quem o repreende com boas razões, e conserva o que agrada a perversas intenções. Considera-te inimigo, porque proíbes a torpeza. Foge de teus olhos, e não considera absolutamente a regra de justiça que o censura. Se, pois, eles não dão importância aos censores verdadeiros, para terem uma beleza falaz, nós naqueles pontos em que agradamos à sabedoria de Deus, devemos dar atenção aos zombadores injustos, que não têm olhos para ver o que amamos? Com tais pensamentos, os retos de coração confessem ao "Senhor com a cítara, entoem-lhe hinos no saltério de dez cordas".

8 [3] "Cantai-lhe um cântico novo". Despi tudo o que é velho. Conheceis o cântico novo. Homem novo, Novo Testamento, cântico novo. O cântico novo não pertence a homens velhos. Só o aprendem os homens novos, renovados pela graça, de sua velhice, e já pertencentes ao Novo Testamento, que é o reino dos céus. Por ele suspira todo o nosso amor e canta um cântico novo. Cante o cântico novo, não com a língua, mas com a vida. "Cantai-lhe um cântico novo. Cantai-lhe bem". Cada qual pergunte a si mesmo como há de cantar a Deus. Cantai-lhe, mas bem. Ele não quer ter os ouvidos a doer. Canta bem, irmão. Se alguém te disser, na presença de um bom músico: Canta de maneira que ele aprecie. Se não és instruído na arte musical tremes, de medo de desagradar ao artista. O artista critica em ti o que um inexperto não percebe. Quem há de se oferecer para cantar bem diante de Deus, que ouve, julga o cantor, tudo examina? Quando poderás apresentar-te com tanta arte e finura no canto que em nada firas ouvidos tão perfeitos? Mas, eis que ele te dá um estilo para cantar. Não procures palavras, como se pudesse explicar em que Deus se compraz. Canta "com júbilo". Cantar bem a Deus é cantar com júbilo. O que quer dizer: cantar com júbilo? Entender, não poder explicar com palavras o que se canta no coração. Pois, aqueles que cantam na colheita, na vinha, em algum trabalho pesado, começando a exultar de alegria por meio das palavras dos cânticos e estando repletos de tanta alegria que não podem exprimi-la, deixam as sílabas das palavras e emitem sons jubilosos. O júbilo é som significativo de que o coração está concebendo o indizível. E diante de quem é conveniente tal júbilo senão diante do Deus inefável? Inefável é aquilo de que é impossível falar. E se não podes falar e não deves calar, o que resta senão jubilar? O coração rejubila sem palavras e a imensidão do gaúdio não se limita a sílabas. "Cantai-lhe bem com júbilo".

9 [4] "Pois é reta a palavra do Senhor, e há fé em todas as suas obras". Reta é a palavra mesmo naquilo que desagrada aos que não são retos. "E há fé em todas as suas obras". Em tuas obras haja fé, porque o justo vive da fé (Rm 1,17), e a fé opera pela caridade (Gl 5,6). Em tuas obras haja fé, porque acreditando em Deus tornas-te fiel. Como pode haver fé nas obras de Deus, como se Deus vivesse da fé? Vemos que também Deus é

fiel, e não são nosas palavras que o dizem. Ouve as do Apóstolo: "Deus é fiel: não permitirá que sejais tentados acima das vossas forças. Mas, com a tentação, ele vos dará os meios de sair dela e a força para a suportar". Ouvistes. Deus é fiel. Ouvi também outra passagem: "Se com ele sofremos, com ele reinaremos. Se nós o renegamos, também ele nos renegará. Se lhe somos infiéis, ele permanece fiel, pois não pode renegar-se a si mesmo" (2Tm 2,11.13). Aí está. Deus é fiel. Mas distingamos entre Deus fiel e homem fiel. O homem fiel é o que acredita em Deus que promete; Deus é fiel oferecendo ao homem o que prometeu. Retenhamos a garantia de um devedor fidelíssimo, porque temos quem nos prometa, cheio de misericórdia. Não lhe demos de empréstimo coisa alguma, de sorte a tê-lo por devedor. É dele que recebemos tudo o que lhe ofertamos, e dele provém todo o bem que há em nós. Todos os bens de que fruímos vêm dele. "Quem, com efeito, conheceu o pensamento do Senhor? Ou quem se tornou seu conselheiro? Ou quem primeiro lhe fez o dom para receber em troca? Porque tudo é dele, por ele e para ele" (Rm 11,34-36). Nada lhe demos, portanto; e o temos por devedor. Como é devedor? Porque prometeu. Não lhe dizemos: Senhor Deus, devolve o que recebeste, mas: Paga o que prometeste. "Pois é reta a palavra do Senhor". Qual o significado de: "É reta a palavra do Senhor?" Não te engana. Tu também não o enganes; ou antes, não te anganes a ti mesmo. Quem pode enganar o onisciente? Mas, "a iniquidade mentiu a si mesma" (Sl 26,12). "Pois é reta a palavra do Senhor, e há fé em todas as suas obras".

10 [5] "Ele ama a misericórdia e o juízo". Faze isto, porque ele também o fez. Dê atenção à misericórdia e ao juízo. Agora é tempo da misericórdia; o do juízo virá depois. Por que é tempo da misericórdia? Agora chama os refractários, perdoa os pecados aos convertidos, é paciente para com os pecadores até que se convertam. Seja quando for que se convertam, esquece-se do passado, promete as coisas futuras. Exorta os preguiçosos, consola os aflitos, ensina aos esforçados, ajuda os combatentes. Não abandona o lutador que clama por ele. Fornece o necessário para o sacrifício e ele mesmo doa o que o pode aplacar. Não nos escape, irmãos, não passe em vão o tempo favorável da misericórdia. O juízo virá. Haverá então remorso, mas já inútil. "Dirão entre si, arrependidos, com gemidos de angústia"; assim está escrito claramente no livro da Sabedoria: "Que proveito nos trouxe o orgulho? De que nos serviu riqueza e arrogância? Tudo isso passou como uma sombra" (Sb 5,3.8.9). Repitamos agora: tudo isso passa como sombra. Digamos, com aproveitamento: Passam, para não termos de dizer inutilmente: "Passaram". Agora, pois, é tempo de misericórdia; então será o do juízo.

11 Não deveis pensar, irmãos, que estas duas coisas possam em Deus se separar de algum modo. Às vezes, parecem contrárias entre si. Quem é misericordioso, não mantém o julgamento, e quem é tenaz a respeito do juízo, esquece-se da misericórdia. Deus é onipotente, e não omite o juízo quando exerce a misericórdia, nem perde a misericórdia durante o juízo. Pois, ele se compadece, considera a sua imagem, a nossa fragilidade, o nosso erro, a nossa cegueira e nos chama. Aos que se convertem a ele perdoa os pecados, mas não perdoa aos que não se arrependem. Ele é misericordioso para com os

injustos? Acaso desiste do juízo, ou não deve julgar diversamente convertidos e não convertidos? Parece-vos justo que trate igualmente o convertido e o não convertido? Que seja recebido de modo idêntico o que confessa e o que mente, o humilde e o soberbo? Mantém Deus, portanto, o juízo e a misericórdia. Terá, contudo, também misericórdia no último juízo para com aqueles aos quais há de dizer: “Tive fome, e me destes de comer” (Mt 25,35). Por esta razão diz-se na epístola de um apóstolo: “O juízo será sem misericórdia para aquele que não pratica a misericórdia” (Tg 2,13). E: “Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia” (Mt 5,7). Portanto, no juízo final haverá também misericórdia, mas não sem um critério. Se haverá misericórdia, não para qualquer um, mas para aquele que exerceu a misericórdia, esta será justa, porque não indistinta. É certamente misericórdia o perdão dos pecados, é misericórdia a concessão da vida eterna. Vê o juízo: “Perdoai e vos será perdoado; dai e vos será dado” (Lc 6,37-38). Certamente, “vos será dado, e vos será perdoado” são efeitos da misericórdia. Mas, se dali estivesse ausente o juízo, não se teria dito: “Com a medida com que medis sereis medidos” (Mt 7,2).

12 Ouviste como Deus exerce a misericórdia e o juízo; exerce também tu a misericórdia e o juízo. Seria só a Deus que eles pertencem, sem importarem ao homem? Se não coubessem ao homem, o Senhor não teria dito aos fariseus: “Omitis as coisas mais importantes da Lei: a justiça e a misericórdia” (Mt 23,23). Portanto, competem também a ti a misericórdia e o juízo. Não penses que cabe a ti a misericórdia, o juízo não. Às vezes ouves a causa de dois homens, um dos quais é rico, e o outro pobre. Acontece que a causa do pobre é má e boa a do rico. Se não és instruído nas coisas do reino de Deus, julgas agir bem se, de certa maneira compadecido do pobre, esconderes e disfarçares a sua maldade e quiseres justificá-lo, para parecer boa a sua causa; e se a sentença injusta for criticada, respondes que tiveste misericórdia: Sei, estou ciente, mas é pobre e merece misericórdia. Então exerceste a misericórdia e arruinaste a justiça? Retrucas: E se mantivesse a justiça, não teria perdido a misericórdia? Haveria de proferir sentença contra o pobre, que não tinha com que pagar? Ou se tivesse e pagasse, mas depois não tivesse com que viver? Fala o teu Deus: “Não serás parcial com o desvalido no seu processo” (Ex 23,3). De resto, é fácil dizer que não se deve favorecer o rico; é evidente a todos, e oxalá todos o praticassem! No primeiro caso está o engano: querer agradar a Deus, favorecendo o pobre no processo, e dizendo a Deus: Protegi o pobre. Ao invés, devias manter ambas as coisas, a misericórdia e o juízo. Em primeiro lugar, que misericórdia praticaste para com ele, favorecendo sua iniquidade? Poupaste a bolsa, e feriste o coração. Aquele pobre continuou sendo iníquo; e tanto mais iníquo quanto te viu, um homem justo, favorecer a sua iniquidade. Foi-se embora injustamente auxiliado, e junto de Deus continuou condenável. Qual a misericórdia usada para com aquele que fizeste injusto? Foste mais cruel do que misericordioso. Mas perguntas, o que devia fazer? Julgar primeiro conforme a causa, arguindo o pobre, convencendo o rico. A um julgar, a outro pedir. Se aquele rico te visse mantendo a justiça, sem erguer a cabeça do pobre mal intencionado, mas censurando-o com justiça, como merecia sua culpa, não se inclinaria à misericórdia, conforme teu pedido, estando contente com teu modo de julgar?

Irmãos, apesar de estar faltando ainda um bom trecho do salmo para explicar, devo atender às forças físicas e espirituais dos vários ouvintes. Ao nos alimentarmos de um mesmo trigo, a fim de evitar o fastio, variam-se os sabores. Por hoje, basta.

SERMÃO II

(Na igreja de S. Cipriano. Quarta-feira)

1 É laborioso tanto ouvir, quanto anunciar a palavra da verdade. De bom grado, irmãos, enfrentamos tal trabalho, lembrados da sentença do Senhor e de nossa condição. Desde os primórdios do gênero humano, ouviu o homem, não de parte de um homem falaz, nem do diabo sedutor, mas da própria verdade, da boca de Deus: “Com o suor de teu rosto comerás teu pão” (Gn 3,19). Em consequência disto, se nosso pão é a palavra de Deus, suemos à escuta dela, para não morrermos de inanição. Poucos versículos da primeira parte deste salmo foram tratados na solenidade das vigílias recentemente realizadas; ouçamos o restante.

2 A parte final, que há pouco cantamos, começa da seguinte maneira: “Da misericórdia do Senhor está cheia a terra. Pela palavra do Senhor se firmaram os céus”, quer dizer, “falou o Senhor e os céus foram consolidados”. O salmista havia dito acima: “Cantai bem com júbilo”, isto é, cantai de modo inefável, sem palavras. “Pois reta é a palavra do Senhor, e há fé em todas as suas obras”. Nada promete que não conceda. Fez-se ele fiel devedor; sê tu cobrador avaro. Em seguida tendo dito: “Há fé em todas as suas obras”, acrescentou por que é assim: “Ele ama a misericórdia e o juízo”. Quem ama a misericórdia se compadece. Quem é compadecido pode prometer e não dar, se pode dar mesmo sem prometer? Evidentemente se ama a misericórdia, importa que dê o que promete, e se ama o juízo, convém que exija contas do que deu. Daí dizer o Senhor a determinado servo: “Por que, então, não confiaste o meu dinheiro a um banco? À minha volta eu o teria recuperado com juros” (Lc 19,23). Por isso, vos advertimos. Compreendamos o que acabamos de ouvir. O mesmo Senhor diz em outro trecho do evangelho: “Eu a ninguém julgo. A palavra que eu proferi é que o julgará no último dia” (Jo 8,15; 12,48). Não se escuse quem não quer ouvir, como se nada fosse exigido pelo Senhor. Terá de dar contas pelo fato mesmo de não querer receber quando era oferecido. Uma coisa é não poder receber, outra não querer; a primeira tem a desculpa de ser necessário, a segunda é culpa voluntária. Por esta razão, “há fé em todas as suas obras. Ele ama a misericórdia e o juízo”. Acolhe a misericórdia, teme o juízo. Quando ele vier para as contas, não exija de tal modo que nos demita sem nada. Pois, ele exige contas; prestadas essas, dá a eternidade. Recebei, irmãos, a misericórdia, recebamos todos. Nenhum de nós durma no momento de receber, para não ser acordado em má hora de prestar contas. Acolhei a misericórdia, clama-nos Deus, como se diz no tempo de fome: Tomai esse trigo. Se ouvisses isto em tempo de fome, certamente estimulado pela necessidade, correrias rapidamente, indo de cá para lá, procurando onde receber o que foi oferecido: Tomai. E tendo encontrado, até quando esperarias? Que espaço de tempo

deixarias passar? Assim também agora foi dito: Recebei a misericórdia. Pois Deus "ama a misericórdia e o juízo". Quando a receberes, utiliza-a bem, para prestares contas exatas no juízo daquele que agora te oferece antes a misericórdia, neste tempo de fome.

3 [5] Não quero que me digas: De onde a recebo? Para onde devo ir? Recorda-te de que cantaste: "Da miseri-córdia do Senhor está cheia a terra". Onde ainda não é pregado o evangelho? Onde se cala a palavra de Deus? Onde cessa a salvação? É preciso que queiras receber. Os celeiros estão repletos. Esta plenitude e abundância te esperaram e não vieste; então, elas vieram para junto de ti, adormecido. Não foi anunciado: Levantem-se, ó povos, e vinde para um só lugar. Mas foi pregado às gentes onde estavam, para que se cumprisse a profecia: "Prostrar-se-ão diante dele, cada um em seu lugar" (Sf 2,11).

4 [6] "Da misericórdia do Senhor está cheia a terra". E os céus? Ouve o que sucede nos céus. Lá não se precisa de misericórdia, porque não há miséria. Na terra abunda a miséria humana e superabunda a misericórdia do Senhor. A terra está cheia de miséria humana e a terra está repleta da misericórdia do Senhor, mas, nos céus, porquanto não há miséria, não se precisa de misericórdia; então não se precisa do Senhor? Todas as coisas necessitam do Senhor, tanto as infelizes, como as felizes. Sem ele, o infeliz não tem alívio; sem ele, o feliz não tem governo. Por conseguinte, no intuito de que não excluas os céus ao ouvires: "Da misericórdia do Senhor está cheia a terra", escuta que também os céus precisam do Senhor: "Pela palavra do Senhor se firmaram os céus". Eles não deram solidez a si mesmos, nem prestaram a si próprios a firmeza. "Pela palavra do Senhor se firmaram os céus e do sopro de sua boca lhes vem toda a fortaleza". Não tinham coisa alguma proveniente de si mesmos, recebendo apenas um suplemento da parte do Senhor. "Do sopro de sua boca lhes vem" não uma parte, mas "toda a fortaleza".

5 Vede bem, irmãos. As mesmas obras são do Filho e do Espírito Santo. Não passemos por cima desta questão, tendo em vista alguns que distinguem iniquamente e confundem com turbulência. Ambas as atitudes são más. Uns confundem, discernindo mal entre a criatura e o Criador. Sendo o Criador o Espírito de Deus, eles o enumeram entre as criaturas. Eles distinguem, mas confundem; sejam confundidos para se converterem. Ouve agora que uma só é a obra do Filho e do Espírito Santo. O Verbo é certamente Filho de Deus, e o Espírito de sua boca é o Espírito Santo. "Pela palavra do Senhor se firmaram os céus". Qual o significado de: se firmaram, senão que têm uma força estável e firme? "Do sopro de sua boca lhes vem toda a fortaleza". Poder-se-ia também dizer: Pelo Espírito de sua boca se firmaram os céus, e do Verbo do Senhor lhes vem toda a fortaleza. "Toda a fortaleza" é idêntico a "se firmaram". Isto é a obra do Filho e do Espírito Santo. Acaso sem o Pai? Quem, pois, obra através de seu Verbo e de seu Espírito, senão aquele de quem é o Verbo e o Espírito? Esta Trindade é, portanto, um só Deus. A este adora quem sabe adorar, e a ele encontra em toda a parte quem se converter. Não é procurado por adversários; mas ele chama os adversários para encher

de graça os convertidos.

6 Efetivamente, irmãos, deixemos de lado aqueles céus superiores, desconhecidos de nós que lutamos na terra, e procuramos conhecê-los um pouco através de conjecturas humanas; deixemos, pois, aqueles céus que dificilmente entendemos e no entanto esforçamo-nos por saber como se sobrepõem uns aos outros, ou quantos são, de que maneira se distinguem, que habitantes os ocupam, qual o governo que os rege, como ali, num só hino indefectível, todos glorificam a Deus. Lá é nossa pátria, da qual talvez nos esquecemos em nossa longa peregrinação. Pois é nossa a palavra do salmo: "Ai de mim, porque minha peregrinação muito se prolongou" (Sl 119,5). Torna-se-me difícil portanto, tratar daquele céu, se não impossível; para vós é difícil de entender. Quem me ultrapassa no conhecimento de tais coisas, desfrute do que encontrar lá onde me precedeu, e reze por mim para que possa segui-lo. Por enquanto, deixando de lado aqueles céus, devo dissertar aqui um pouco sobre aqueles céus próximos de nós, os santos apóstolos de Deus, pregadores do verbo da verdade. Destes céus caiu a chuva sobre nós, a fim de que pelo mundo todo fossem abundantes as colheitas da Igreja. Embora o trigo, neste intervalo, absorva a chuva juntamente com o joio, contudo não estarão em comum no mesmo celeiro.

7 Portanto, tendo sido dito: "Da misericórdia do Senhor está cheia a terra", se perguntares: Como está repleta a terra da misericórdia do Senhor? Em primeiro lugar, foram enviados céus que espalhassem a misericórdia do Senhor sobre a terra, sobre toda a terra. Vê o que se diz em outra parte sobre estes céus: "Narram os céus a glória de Deus e proclama o firmamento as obras de suas mãos". Céus e firmamento aqui se identificam. "O dia ao dia profere a palavra, e a noite à noite anuncia a ciência". Não cessam, não se calam. Mas onde pregaram, e até onde chegaram? "Não são linguagens, nem discursos, sons imperceptíveis". Refere-se ao fato de que as línguas de todos foram faladas em um só lugar (At 2,4). Falaram as línguas de todos, cumpriram o dito: "Não são linguagens, nem discursos, sons imperceptíveis". Mas, pergunto, o som em todas as línguas até onde chegou, o que encheu? Ouve a continuação: "Seu som repercutiu por toda a terra, e em todo o orbe as suas palavras" (Sl 18,2-5). De quem, senão dos céus que narram a glória de Deus? Pois, se em toda a terra repercutiu seu som, indique-nos o Senhor que os enviou o que eles nos pregaram. Na verdade, ele indica. Indica fielmente, porque mesmo antes que se realizassem, predisse as realidades futuras aquele em cujas obras há fé. Ressuscitou dos mortos: seus discípulos tocaram-lhe os membros e o reconheceram. Disse-lhes: "O Messias devia sofrer e ressuscitar dos mortos ao terceiro dia e em seu nome ser proclamada a conversão para a remissão dos pecados". De onde e até onde? "A todas as nações, a começar por Jerusalém" (Lc 24,46.47). Que maior misericórdia, irmãos, esperamos todos do Senhor, do que o perdão de nossos pecados? Sendo a remissão dos pecados a grande misericórdia do Senhor e tendo ele predito que esta remissão dos pecados seria proclamada a todas as nações, "da misericórdia do Senhor está cheia a terra". De que encheu-se a terra? Da misericórdia do Senhor. Por que razão? Porque em toda a parte Deus perdoa os pecados, porque mandou céus que

dariam chuva para a terra.

8 E como ousaram estes céus avançar com firmeza, como homens cheios de fraqueza se tornaram céus, senão porque "pela palavra do Senhor se firmaram os céus?" Donde as ovelhas, no meio de lobos, hauriram tanta força, a não ser porque "do sopro de sua boca lhes veio toda a fortaleza?" Disse o Senhor: "Eis que eu vos envio como ovelhas entre lobos" (Mt 10,16). Ó Senhor cheio de misericórdia! Certamente assim ages para encheres a terra de tua misericórdia. Se tu és tão misericordioso que enches a terra de misericórdia, vê quem envias, vê aonde envias. Aonde envias, digo, e a quem envias? A ovelhas no meio de lobos. Se um só lobo for enviado ao meio de inumeráveis ovelhas, quem lhe resistirá? Quanto não perturbaria, a não ser que logo se sacie? Pois, devoraria, tudo. Envias seres fracos ao meio de outros cruéis? Envio, diz o Senhor, porque se tornam céus e fazem cair chuva sobre a terra. Como podem se tornar céus homens fracos? "Mas do sopro de sua boca lhes vêm toda a fortaleza". Eis que os lobos vos prenderão e vos entregarão e conduzirão à presença de governadores por causa de meu nome. Armai-vos. Com vossa força? Longe disso. "Não fiqueis preocupados em saber o que haveis de falar. Não sereis vós que estareis falando naquela hora, mas o Espírito de vosso Pai é que falará em vós" (Mt 10,19.20), porque "do sopro de sua boca lhes vem toda a fortaleza".

9 Isto se realizou. Os apóstolos foram enviados, sofreram angústias. Nós que agora ouvirmos estas coisas, sofremos tantas angústias quantas eles padeceram para semear? Não. Será, então, infrutífero nosso trabalho? Não. Vejo-vos comprimidos na multidão, mas também vós vedes nosso suor. "Se com ele sofremos, com ele reinaremos" (2Tm 2,12). Tudo isso se realizou. Celebramos as memórias dos mártires, que eram destas ovelhas enviadas ao meio de lobos. Este lugar, quando o corpo do bem-aventurado mártir foi ferido, estava cheio de lobos. Uma só ovelha aprisionada venceu tantos lobos, e a ovelha morta encheu o lugar de outras ovelhas. Então o mar enfurecia-se, com os vagalhões enormes dos perseguidores, e o céu de Deus achava-se sobre uma terra árida e seca. Agora, porém, por causa do que padeceram aqueles que abriram as fileiras, o nome de Cristo foi glorificado; este se apoderou das próprias potestades, caminhando sobre as ondas encapeladas dos abismos. E uma vez que isto aconteceu, agora mesmo os que, ainda incrédulos, observam nossas reuniões, celebrações, solenidades, louvores já manifestos e públicos de nosso Deus, pensais que não se afligem, não rangem os dentes? Agora cumpre-se a predição: "O pecador verá e se irritará". Mas, que importa se ele se irrita? Ó ovelha, não tenhas medo do lobo. Não receies suas ameaças, seus gritos. Encoleriza-se; mas o que se segue: "Rangerá os dentes e se consumirá" (Sl 111,10).

10 [7-9] Visto que agora a restante água salgada do mar não ousa enfurecer-se contra os cristãos, com surdo murmúrio corrói-se a si mesma, e a salmoura encerrada em invólucro mortal se irrita, vede a continuação: "Como num odre congrega as águas do mar". Antes o mar encapelava suas ondas livremente, agora encerrado em peitos mortais, é amargo. Isto é obra do vencedor, que impôs ao mar limites, a fim de que, baixando a maré, as ondas se quebrassem. Ele reuniu como num odre as águas do mar; a pele

mortal encobriu os pensamentos amargos. Receando, portanto, por sua pele, escondem dentro de si o que não ousam manifestar. Pois, a amargura continua a mesma. Odeiam, detestam. Mas se o furor era então manifesto, agora é oculto; que direi senão: "Rangerá os dentes, e se consumirá?" Avance, pois, a Igreja, caminhe. Abriu-se a via, nossa estrada, defendida pelo imperador. Vamos ardorosos pelo caminho das boas obras. Tal é o nosso caminhar. E se aparecerem as angústias das tentações onde não esperávamos, estando já congregadas como num odre as águas do mar, compreendamos que o Senhor assim age para nosso ensinamento, a fim de sacudir nossa enganosa segurança, baseada nas coisas temporais, e dirigir-nos para seu reino, pondo nossos desejos em seu lugar. Tais desejos nascem das tribulações que nos afetam daqui e dali. Levemos aos ouvidos do Senhor sons afinados, como de trombetas dúcteis. Por isto também foi dito no salmo: Louvemos a Deus com trombetas dúcteis (Sl 97,6). A trombeta dúctil é batida com o martelo. Igualmente o coração cristão batido com os golpes das tribulações tende para Deus.

11 Lembremo-nos, irmãos, de que mesmo agora, enquanto estão reunidas como num odre as águas do mar, Deus tem como nos emendar, quando precisamos de correção. Por isto prossegue o salmo: "Em reservatórios encerra os abismos". Reservatórios de Deus são os segredos de Deus. Ele conhece o coração de todos. Sabe o que dar por certo tempo, de onde tirá-lo, quanto poder há de conceder aos maus contra os bons, mas para julgar os maus e educar os bons. Sabe como agir aquele que em reservatórios encerra os abismos. Faça-se, por conseguinte, o que segue: "Tema ao Senhor toda a terra". Uma alegria soberba não se glorie com temerária exultação, dizendo: Já está congregada como num odre a água do mar. Quem me fará mal? Quem ousará prejudicar-me? Não sabes que o Senhor em reservatórios encerrou os abismos? Não sabes que teu pai tem de onde tirar o necessário para te castigar? Ele, de fato, tem para teu ensinamento reservatórios do abismo, educando-te para os tesouros dos céus. Em vista disto, volta ao temor, tu que já andavas seguro de ti. Exulte a terra, mas tema. Exulte! Por quê? Porque da misericórdia do Senhor a terra está cheia. Tema! Por que motivo? Porque de tal modo congregou, como num odre as águas do mar, que encerrou em reservatórios os abismos. Realizaram-se nela, portanto, ambas as coisas formuladas brevemente em outra passagem: "Servi ao Senhor com temor e exultai diante dele com tremor" (Sl 2,11).

12 "Tema ao Senhor a terra e reverenciem-no todos os habitantes do universo". Não temam a outrem em lugar dele. "Reverenciem-no todos os habitantes do universo". Uma fera se enfurece? Teme a Deus. Uma serpente prepara o bote? Teme a Deus. Um homem te odeia? Teme a Deus. O diabo te ataca? Teme a Deus. Toda a criatura está subordinada àquele a quem deves temer. "Porque ele disse e tudo foi feito, ordenou e tudo foi criado". Assim continua o salmo. Tendo dito: "Reverenciem-no todos os habitantes do universo", para que o homem não se entregasse ao temor de qualquer outra coisa, e afastando-se do temor de Deus, tivesse medo de uma criatura em vez de temer a Deus, abandonasse o Criador, adorando a criatura, confirmou-nos no temor de

Deus. De certo modo, disse-nos, exortou-nos: Por que hás de ter medo de alguma coisa terrestre ou celeste, ou marítima? “Ele disse e tudo foi feito, ordenou e tudo foi criado”. Quando aquele que disse e tudo foi feito, ordenou e tudo foi criado, manda, as coisas se movem, e quando manda, elas param. Igualmente a malícia dos homens pode ter, proveniente dela mesma, desejo de prejudicar, mas não tem o poder, se ele não o der. “Não há autoridade que não venha de Deus” (Rm 13,1), é sentença bem definida do Apóstolo. Ele não disse: Não há desejo que não venha de Deus. Há cobiça, que não provém de Deus. Mas como a cobiça a ninguém prejudica se ele não permitir, “não há poder que não venha de Deus”. Por isso, o homem-Deus, ao comparecer perante um homem disse: “Não terias poder algum sobre mim, se não te houvesse sido dado do alto” (Jo 19,11). Um julgava, outro ensinava. O julgado ensinava, para julgar aqueles a quem ensinara: “Não terias poder algum sobre mim, se não te houvesse sido dado do alto”. O que significa isto? O homem tem poder apenas quando o recebe do alto? O próprio diabo, ousou acaso tirar uma só ovelhinha do santo homem Jó, sem ter dito antes a Deus: “Estende a tua mão”, isto é, dá o poder. O diabo queria, mas Deus não permitia. Quando Deus permitiu, ele pôde; por conseguinte, não foi ele que pôde, e sim quem o permitiu. Por isso, bem instruído, o próprio Jó não disse, como costumamos relembrar: O Senhor deu e o diabo tirou, mas: “O Senhor deu, e o Senhor tirou; como foi de seu agrado assim se fez” (Jó 1,11.21); e não, como aprouve ao diabo. Vede, irmãos, que com tanto trabalho comeis o pão útil e salutar; cuidai de não temer senão o Senhor. A Escritura ordena que fora dele não temais a ninguém. Em consequência, tema toda a terra ao Senhor, que em reservatório encerrou os abismos. Reverenciem-no todos os habitantes do universo. “Porque ele disse e tudo foi feito, ordenou e tudo foi criado”.

13 [10] Já não há reis maus; eles tornaram-se bons. Acreditaram também eles, e trazem na fronte o sinal da cruz de Cristo, sinal mais precioso do que qualquer pedra de seu diadema. Foram aniquilados os reis perseguidores. Mas, quem fez isto? Talvez foste tu, para te orgulhares? “O Senhor desfaz os projetos das nações, frustra os pensamentos dos povos e reprova os planos dos príncipes”. Quando eles disseram: Tiremo-los da terra; se o fizermos extinguir-se-á o nome de cristãos; sejam mortos, torturados, sofram tais e tais tormentos. Disseram palavras como estas, e no meio delas cresceu a Igreja. “Frustra os pensamentos dos povos e reprova os planos dos príncipes”.

14 [11] O conselho do Senhor, porém, permanece eternamente; os desígnios de seu coração pelos séculos dos séculos”. Há repetição. A palavra anterior: “conselho” equivale a: “desígnios do coração”. E supra disse: “permanece eternamente” e depois: “pelos séculos dos séculos”. A repetição confirma. Não penseis, irmãos, que disse: “desígnios do coração” como se Deus se assentasse para pensar o que fazer, e procurasse conselho para fazer ou não fazer alguma coisa. São tuas, ó homem, essas delongas. O Verbo de Deus é veloz. Que demora pode existir na deliberação daquele Verbo que é um só e tudo abrange? Mas denominam-se desígnios de Deus para entenderes, e segundo a tua maneira de ser ousares elevar o coração ao menos a palavras adaptadas a tua fraqueza, porque a realidade é grande demais para ti. “Os desígnios de seu coração permanecem

pelos séculos dos séculos". Quais são os pensamentos de seu coração e quais o desígnios do Senhor que permanecem eternamente? Foi contra quais desígnios que "as nações se agitaram e os povos tramaram em vão" (Sl 2,1)? Efetivamente, quando o Senhor frustra os pensamentos dos povos e reprova os planos dos príncipes. E como, por conseguinte, o conselho do Senhor permanece eternamente, senão porque nos conheceu de antemão e nos predestinou (cf Ef 1,4)? Quem pode anular a predestinação de Deus? Ele nos viu antes da criação do mundo, fez-nos, corrigiu-nos, enviou-nos seus mensageiros, redimiu-nos; este seu conselho permanece eternamente, este desígnio perdura pelos séculos dos séculos. Os povos tumutuaram então abertamente, agitando-se enfurecidos; agora acalmem-se, reclusos e encerrados, como num odre; tiveram audácias sem entraves, e tenham agora pensamentos cruéis e amargos. Quando poderão destruir o que Deus pensou e permanece eternamente?

15 [12] Qual o significado de tudo isso? "Feliz a nação". Quem não ficará atento ao ouvir isto? Pois, todos amam a felicidade e em consequência são perversos os que querem ser maus, sem se tornarem infelizes. Sendo a desgraça inseparável companheira da maldade, estes perversos não apenas tencionam ser maus sem serem infelizes, o que é impossível, mas ainda querem ser maus, tendo em vista não serem infelizes. O que significa minha afirmação: Querem ser maus sem serem infelizes? Considerai um pouquinho. Todos os malfeitores sempre querem ser felizes. Comete-se um furto. Perguntas qual o motivo. Por causa da fome, pela necessidade. Portanto, quer escapar da miséria, faz-se mau; e com isto fica mais miserável, porque é malvado. Visando a afastar a infelicidade e alcançar a felicidade, todos fazem o bem ou o mal, sempre procurando ser felizes. Quer vivam mal, quer vivam bem, querem ser felizes; mas não conseguem todos ser o que querem. Todos querem ser felizes, porém, sê-lo-ão apenas os que se resolverem a ser justos. Alguém, por exemplo, quer ser feliz para praticar o mal. Com quê? Pelo dinheiro, a prata, o ouro, os edifícios, as terras, as casas, os escravos, as pompas do mundo, as honras passageiras e perecíveis. Com algumas posses pretendem ser felizes. Procura saber o que deves ter para ser feliz. Serás de fato melhor sendo feliz do que sendo infeliz. Não é possível que o pior te faça melhor. És homem; pior do que tu é tudo o que desejas para ser feliz. Ouro, prata, ou qualquer bem material que ambicionas adquirir, possuir, usufruir são inferiores a ti. Tu és melhor, és mais forte; e em verdade buscas tornar-te melhor, ao desejares ser feliz, porque és infeliz. De fato, é melhor ser feliz do que ser infeliz. Queres melhorar; e procuras, insistes em buscar neste intuito o que é pior do que tu. Seja o que for que procurares na terra é pior do que tu. Assim deseja cada um a seu amigo, assim formula seus votos: Passe bem, que melhores, ficaremos contentes com tuas melhoras. Quer também para si o que deseja ao amigo. Recebe, portanto, um conselho fiel. Queres te tornar melhor. Eu sei, todos sabemos, todos queremos. Procura o que é melhor do que tu, a fim de te tornares melhor.

16 Contempla agora o céu e a terra. Não te agrada a beleza dos seres corporais, querendo que eles te façam feliz. Encontra-se na alma o que procuras. Queres ser feliz: procura o melhor em tua própria alma. És composto de dois elementos: a alma e o corpo;

dos dois o melhor chama-se alma. O melhor pode fazer teu corpo melhor, porque o corpo está sujeito à alma. Pode, portanto, teu corpo ficar melhor através de tua alma. Sendo ela justa, posteriormente será imortal também teu corpo. Pela iluminação da alma, o corpo merece a incorrupção, de sorte que a restauração da parte inferior se faz pela superior. Se pois o bem de teu corpo está em tua alma, porque é melhor do que o corpo, ao procurares o bem, procura o que há melhor do que tua alma. Mas, o que é tua alma? Atenção. Não aconteça que desprezando tua alma, considerando-a algo de vil e abjeto, vás atrás de bens insignificantes para fazê-la feliz. Em tua alma acha-se a imagem de Deus; a mente humana a contém. Recebeu-a, mas inclinando-se para o pecado a empalideceu. Quem a formara veio reformá-la; porque foi pelo Verbo que foram feitas todas as coisas, e pelo Verbo se imprimiu esta imagem. Veio o próprio Verbo, conforme diz o Apóstolo: “Transformai-vos, renovando a vossa mente” (Rm 12,2). Resta apenas que procures o que há de melhor do que tua alma. O que, senão o teu Deus? Nada encontras de melhor do que a tua alma; porque quando tua natureza for perfeita, igualar-se-á aos anjos. Acima, só o Criador. Eleva-te até ele; não percas a esperança, não digas: É demais para mim. Talvez seja mais difícil obteres o ouro que ambicionas. Talvez não consigas o ouro, por mais que queiras. Quando quiseres, porém, terás a Deus, porque antes que o quissesses veio a ti e chamou-te quando voluntariamente te opunhas, e quando te converteste, atemorizou-te, e quando atemorizado confessaste, consolou-te. Quem tudo te concedeu, que te fez para existires, que dá aos teus companheiros, mesmo se forem maus, o sol, a chuva, os frutos, as fontes, a vida, a saúde, e tantas consolações, guarda para ti alguma coisa, exclusivamente para ti. O que é que reserva para ti, senão a si mesmo? Pede outra coisa, se encontrares melhor. Deus se reserva para se dar a ti. Avaro, porque ambicionas o céu e a terra? Melhor é o criador do céu e da terra. Hás de vê-lo e possuí-lo. Porque te esforças por obter aquela quinta e passando por ela dizes: Como é feliz o que a possui? Assim falam muitos que passam por ela; e no entanto, os transeuntes podem balançar a cabeça e suspirar, mas com isso podem possuí-la? É o tilintar da cobiça, da maldade; mas não cobices as coisas alheias (cf Dt 5,21). Feliz o dono desta quinta, desta casa, deste campo. Reprime a iniquidade, ouve a verdade: “Feliz a nação que tem”. O quê? Já sabeis o que vou dizer. Por conseguinte, desejai para possuírdes; finalmente sereis felizes. Somente assim sereis felizes: um bem maior do que vós, vos tornará melhores. Diria, Deus que te fez é melhor do que tu. “Feliz a nação que tem o Senhor por seu Deus”. Ama-o, apossa-te dele. Quando o quiseres, te-lo-ás gratuitamente.

17 “Feliz a nação que tem o Senhor por seu Deus”. Nosso Deus! De quem ele não é Deus? Efetivamente, não é de todos de igual modo. É mais nosso, que vivemos dele como de um pão nosso. Seja ele nossa herança, nossa propriedade. Será temerário fazer de Deus nossa posse, sendo ele o Senhor, o Criador? Não é temeridade; é desejo afetuoso e doce esperança. Diga a alma, diga com inteira segurança: Tu és o meu Deus, que dizes a nossa alma: “Eu sou a tua salvação” (Sl 34,3). Diga, diga com segurança. Não é injúria; ao contrário, injúria será se não o disser. Queria possuir um arvoredo para ficar feliz? Ouve o que a Escritura afirma sobre a sabedoria: “É uma árvore de vida para

os que a possuem" (Pr 3,18). Eis como declara que a sabedoria é nossa propriedade. Mas tendo em vista que não consideres a sabedoria, uma vez que a Escritura a denomina tua posse, inferior a ti, acrescenta logo: "Segura para os que nela se apoiam como no Senhor" (ib). Eis que o teu Senhor se fez para ti um báculo. É apoio seguro porque ele não sucumbe. Afirma, pois, com certeza, que é tua "propriedade". A Escritura disse: "os possuidores"; livrou-te da dúvida e encheu de confiança. Fala com segurança, ama com segurança, espera com segurança. Sejam tuas também as palavras do salmo: "O Senhor é a porção de minha herança" (Sl 15,5).

18 Seremos, pois, felizes, possuindo a Deus. Como? Nós o possuiremos, e ele não nos possuirá? Donde, então, vem a palavra de Isaías: "Senhor, toma posse de nós" (Is 26,13, seg. LXX)? Possui, portanto, e é possuído; tudo isso por causa de nós. Nós o possuímos para ser felizes por meio dele. Não é de igual modo para ser feliz que ele nos possui. Possui e é possuído, apenas para nos fazer felizes. Nós o possuímos, e ele nos possui. Nós o cultuamos e ele nos cultiva. Nós o cultuamos como Deus e Senhor; ele nos cultiva como terra sua. Ninguém duvida que o cultuamos; mas quem nos indica que ele nos cultiva? Aquele que disse: "Eu sou a verdadeira vide, vós os ramos, e meu Pai é o agricultor" (Jo 15,1.5). Neste salmo temos as duas afirmações: ambas as coisas nos são indicadas. Já disse que nós o possuímos: "Feliz a nação que tem o Senhor por seu Deus". De quem é esta propriedade? Daquele homem. E esta? Daquele outro. E esta, de quem é? digamos: de Deus, digamos de quem é. Costuma-se responder, ao perguntarmos a respeito de terrenos e campos vastos e amenos: o dono desta propriedade é um senador. Tal e tal é o seu nome. E dizemos: É um homem feliz. Assim se perguntarmos: De quem ele é Deus? Há uma nação feliz que o possui, pois o Senhor é o Deus dela. Deus não é o Senhor desta nação como aquele senador possui suas terras, e não é possuído por elas. Daí vem que para sermos dele, devemos labutar. Possuímo-nos mutuamente. Ouvistes dizer que uma nação o possui: "Feliz a nação que tem o Senhor por seu Deus". Ouvi que também ele a possui: "O povo que o Senhor escolheu por herança". Feliz o povo por ser sua propriedade, feliz herança por causa de seu possuidor! "O povo que o Senhor escolheu por herança".

19 [13] "Dos céus olhou o Senhor, viu todos os filhos dos homens". Todos, aqui, na acepção de todos daquele povo que conserva a herança, ou que a constitui. Pois, todos eles são herança de Deus. E o Senhor olhou do céu a todos eles, e os viu aquele que disse: "Eu te vi, quando estavas sob a figueira" (Jo 1,48). Viu-o porque dele se compadeceu. Muitas vezes, ao pedirmos misericórdia a alguém, dizemos: Olha por mim. E o que dizes de quem te despreza? Nem me olha. Há, portanto, um olhar compadecido, que não é olhar de quem castiga. Este olhar relativamente aos pecados é de aversão. O pecador não quer que eles sejam vistos e diz: "Aparta tua face de meus pecados" (Sl 50,11). Não quer seja visto aquilo que deseja ver perdoado. Diz: "Aparta tua face de meus pecados". Aparta o rosto de teus pecados; mas não te verá? Daí dizer outro salmo: "Não desvies de mim a tua face" (Sl 26,9). Aparta o rosto de teus pecados, mas não de ti. Olhe-te, compadeça-te de ti, socorra-te. "Dos céus olhou o Senhor, viu todos os filhos

dos homens", pertencentes ao Filho do homem.

20 [14] "Da habitação que preparou para si", preparada para si. Ele nos viu através dos apóstolos, viu-nos através dos pregadores da verdade, viu-nos através dos anjos que nos enviou. Todos eles são sua casa, todos sua habitação, porque todos são céus que narram a glória da Deus. "Dos céus viu todos os filhos dos homens. Da habitação que preparou para si observou todos os moradores da terra". São eles, são seus, os daquela feliz nação, que tem o Senhor por seu Deus; aquele povo que o Senhor escolheu por herança, porque ele está em todas as terras e não só numa parte delas. "Observou todos os moradores da terra".

21 [15] "Ele plasmou o coração de cada um". Com as mãos de sua graça, com as mãos de sua misericórdia formou os corações, plasmou os nossos corações, plasmou um a um, dando-nos individualmente um coração, sem, contudo, romper a unidade. Como os membros foram formados um a um, têm suas funções peculiares e, no entanto, vivem na unidade do corpo. A mão faz o que o olho não faz, o ouvido pode o que nem o olho nem a mão podem fazer. Todos, porém, agem na unidade. Apesar de serem diversas as funções das mãos, dos olhos e dos ouvidos, eles não se opõem. Assim também no corpo de Cristo cada um dos homens, como membros, tem dons próprios, porque aquele que escolheu o povo para sua herança, formou separadamente seus corações. "Porventura todos são apóstolos? Todos profetas? Todos doutores? Todos têm o dom das curas? Todos falam línguas? Todos as interpretam? A um, o Espírito dá a mensagem da sabedoria, a outro, a palavra da ciência, a outro, o mesmo Espírito dá a fé, a outro o dom das curas" (1Cor 12,29.30.8.9). Por quê? Porque fez os seus corações, um a um. Como são diversas as funções de nossos membros, mas a saúde é uma só, assim entre os membros de Cristo, há dons diferenciados, mas a caridade é uma só. "Ele plasmou o coração de cada um".

22 "Entende todas as suas obras". O que quer dizer: "entende?" Vê o que há de mais secreto e íntimo. Reza o salmo: "entende o meu clamor" (Sl 5,2). Não há necessidade de vozes para um pedido atingir os ouvidos de Deus. Sua visão oculta se chama inteligência. Usou de expressão mais forte do que se dissesse apenas: Vê todas as suas obras. Se não pensarias que ele vê estas obras quando tu as vês. O homem vê as obras pelo movimento do corpo, Deus, porém, vê no coração. Como ele vê interiormente, foi dito: "Entende todas as suas obras". Se dois homens derem esmolas aos pobres, um procurando a recompensa celeste, e o outro o louvor dos homens, tu vês idêntica ação nos dois, Deus, porém, percebe duas ações diferentes. Ele entende interiormente e interiormente conhece, vê os fins e as intenções. "E entende todas as suas obras".

23 [16] "Não é pelo grande poder que um rei se salva". Junto de Deus todos se salvam, todos em Deus. Seja Deus tua esperança, seja Deus tua força, seja Deus tua firmeza, tua súplica seja ele, teu louvor seja ele, o fim em que repouses seja ele, o auxílio nos trabalhos seja ele. Ouve uma verdade: "Não é pelo grande poder que um rei se salvará,

nem pela extraordinária força que um gigante se livrará". Gigante é o soberbo que se orgulha contra Deus, como sendo algo em si mesmo e por si mesmo. Sua força extraordinária não o salva.

24 [17.18] Mas se tiver um cavalo grande, forte, válido, veloz? Poderá livrá-lo com rapidez de um perigo eminente? Não se engane. Ouça o que segue: "Enganador é o cavalo para a salvação". Entendeste o que foi dito: "Enganador é o cavalo para a salvação?" Teu cavalo não te garante a salvação. Se garantir, está mentindo. Se Deus quiser, serás libertado. Se não quiser, cairás de mais alto, caindo do cavalo. Não julgues por ter sido dito: "Enganador é o cavalo para a salvação", porque o justo é falaz relativamente à salvação, como se os justos mentissem, prometendo salvação. Não está escrito: equitativo (*aequus*), referente a equidade, mas cavalo (*equus*), animal quadrúpede. Assim está no códice grego (*yppos*). Os maus jumentos, os homens que procuram ocasião para mentir são censurados, ao dizer a Escritura: "A boca mentirosa mata a alma" (Sb 1,11). E ainda: "Destróis o mentiroso" (Sl 5,7). Que significa então: "Enganador é o cavalo para a salvação?" O cavalo engana quando promete salvação. Acaso fala o cavalo e promete salvação a alguém? Ao vires um cavalo bem formado, vigoroso, veloz, tudo isso parece te prometer salvação; mas engana, sem a proteção divina, porque "enganador é o cavalo para a salvação". Em figura, cavalo também pode representar qualquer grandeza deste século, qualquer honra à qual ascendes orgulhosamente. Quanto mais subires, julgas falsamente que te achas não só no alto, mas ainda em maior segurança. Não sabes que pode te jogar no chão, e que será tanto mais grave escorregar quanto mais no alto estiveres. "Enganador é o cavalo para a salvação. Com toda a pujança de seu vigor não se livra do perigo". E como há alguém de se livrar? Não pela força, não pelo vigor, não pela honra, não pela glória, não por meio do cavalo. Como, então? Para onde ir? Onde encontrar a salvação? Não procures muito tempo, nem muito longe. "Eis os olhos do Senhor pousados sobre os que o temem". A estes ele olha de sua habitação. "Eis os olhos do Senhor pousados sobre os que o temem e esperam em sua misericórdia", e não em seus méritos, não em seu valor, não em sua força, não em seu cavalo, e sim em sua misericórdia.

25 [19] "A fim de livrar-lhes a alma da morte". O Senhor promete a vida eterna. Mas, o que acontece em nossa peregrinação? Acaso abandona? Vê a continuação do salmo: E a fim de "nutri-los no tempo de fome". Tempo de fome é agora; depois será o de saciedade. Quem não nos abandona na fome, neste tempo corruptível, como não nos saciará ao nos tornarmos imortais? Mas, enquanto dura o tempo de fome temos de tolerar, suportar, perseverar até o fim. Já devemos percorrer tudo, porque o caminho é plano, e temos de pensar no que haveremos de levar. Ainda, talvez, os espectadores no anfiteatro estão fora de si e sentados ao sol; nós, se estamos de pé, estamos contudo à sombra e nossos espetáculos são mais úteis e belos. Vejamos coisas belas, e sejamos vistos por aquele que é belo. Contemplemos mentalmente o que dizem os vários sentidos das Sagradas Escrituras e alegremo-nos com tal espetáculo. Quem é o nosso espectador? "Eis os olhos do Senhor pousados sobre os que o temem e esperam em sua misericórdia,

a fim de livrar-lhes a alma da morte e nutri-los no tempo de fome".

26 [20] Mas para suportarmos a peregrinação enquanto dura a fome, e esperamos alimento no caminho para não desfalecermos, o que nos é imposto ou como devemos viver? "Nossa alma espera com paciência no Senhor". Confiante, há de esperar naquele que promete com misericórdia e dá com misericórdia e verazmente. E o que faremos até que ele dê? "Nossa alma espera com paciência no Senhor". E se não perseverarmos na paciência? Absolutamente não; vamos perseverar, porque "ele é nosso amparo e protetor". Ajuda na luta, protege do calor, não te abandona; tolera por tua vez, persevera. "Aquele, porém, que perseverar até o fim, esse será salvo" (cf Mt 24,13).

27 E o que te sucederá, se permaneceres paciente até o fim? Qual a recompensa de tua tolerância? Para que sofres durante tanto tempo padecimentos tão duros? "Nele, pois, alegrar-se-á o nosso coração. Em seu santo nome confiamos". Espera aqui, para te alegrares lá; sofre aqui fome e sede para te banqueteares lá.

28 [22] Ele nos exortou a tudo, encheu-nos da alegria da esperança, propôs-nos o que devemos amar e aquilo em que e de que apenas podemos presumir. Depois disto, vem uma oração breve e salutar: "Desça sobre nós, Senhor, a tua misericórdia". Qual o merecimento? "Conforme em ti pomos a nossa esperança". Fui cansativo para muitos de vós. Eu o senti. Para outros, porém, o sermão terminou muito depressa. Isto também percebi. Perdoem os fracos aos mais fortes, e os mais fortes rezem pelos mais fracos. Somos todos membros de um só corpo. De nossa Cabeça vem a força vital; nela está nossa esperança, nela nossa fortaleza. Não hesitemos em exigir a misericórdia do Senhor nosso Deus; ele quer absolutamente que a reclamemos. Não se aborrecerá ao ser rogado, nem se perturbará de forma alguma, como alguém a quem pedes o que ele não tem, ou possui em pequena quantidade e receia dar o que pode fazer-lhe falta. Queres saber como Deus te dará a misericórdia? Pratica a caridade. Vejamos se acaba enquanto dás. Como não será a opulência nas culminâncias, se pode ser tão grande em sua imagem?

29 Exortamo-vos, portanto, irmãos, especialmente a esta caridade, não só entre vós, mas também para com os de fora, quer sejam ainda pagãos que não acreditem em Cristo, quer separados de nós, e que apesar de confessarem ter fé na Cabeça de igual modo, apartam-se do corpo.[1] Condoemo-nos por causa deles, irmãos, como sendo nossos irmãos. Queiram ou não, são nossos irmãos. Deixariam de ser nossos irmãos se não rezassem mais: "Pai nosso". O profeta disse a respeito de alguns: "Àqueles que nos dizem: Não sois nossos irmãos, respondei: Sois nossos irmãos" (Is 66,5, sg LXX). Ponderai acerca de quem pôde dizer isto. Acaso de pagãos? Não; não os denominamos nossos irmãos, segundo as Escrituras e o modo de falar da Igreja. Então sobre os judeus que não acreditaram em Cristo? Lede os escritos do Apóstolo. Observai. Se o Apóstolo fala de irmãos, sem acréscimo, quer dar a entender só os cristãos. Declara: "O irmão ou a irmã não estão ligados em tais casos" (1Cor 7,15). Estava falando sobre o matrimônio, e denomina irmão e irmã ao cristão ou à cristã. Diz ainda: "Por que julgas teu irmão? E

tu, por que o desprezas" (Rm 14,10)? E em outro lugar: "Sois vós que cometeis injustiça e defraudais, e isto contra vossos irmãos" (1Cor 6,8): Estes, portanto, que agora dizes: Não sois nossos irmãos, chamam-nos de pagãos. Por isso também querem nos rebatizar, afirmando que não temos o que eles dão. Daí é consequente seu erro de negarem que somos seus irmãos. Mas por que razão nos disse o profeta: "Dizei-lhes: Sois nossos irmãos", a não ser por reconhecermos terem eles o que não reiteramos? Por conseguinte, eles, não reconhecendo nosso batismo, negam que somos seus irmãos; nós, porém, não reiteramos o batismo deles, mas reconhecendo ser o nosso, declaramos: "Sois nossos irmãos. Podem dizer: Por que nos procurais, o que quereis de nós? Respondamos: "Sois nossos irmãos". Retruquem: Ide embora, nada temos a ver convosco. Mas, nós, ao contrário, temos o que tratar convosco. Confessamos um só Cristo, devemos estar num só corpo, sob uma só Cabeça. Respondem eles: Por que me procuras, se estou perdido? Grande absurdo, grande loucura. Porque me procuras se estou perdido? Por que haveria de procurar senão porque estás perdido? Se estou perdido, diz ele, como sou teu irmão? Para que se possa dizer-me a teu respeito: "Teu irmão estava morto e tornou a viver; ele estava perdido e foi reencontrado" (Lc 15,32). Nós vos conjuramos, irmãos, pelas entranhas da caridade, de cujo leite nos nutrimos, de cujo pão nos fortificamos; por Cristo, nosso Senhor, por sua mansidão, nós vos conjuramos. É tempo de empregar para com eles a maior caridade, abundante misericórdia, pedindo a Deus por eles. Que ele enfim lhes dê sobriedade para se arrependerem, e verem que nada têm absolutamente a dizer contra a verdade. Não lhes resta senão a fraqueza da animosidade, tanto maior quanto imagina ter forças maiores. Apresentai o cerne de vossa caridade para com eles, diante de Deus. Conjuro-vos em favor dos fracos, daqueles que têm gosto carnal, dos que são animais e carnais, e no entanto, são nossos irmãos, que celebram os mesmos mistérios. Se não celebram conosco, todavia são os mesmos. Respondem Amém; não conosco, contudo um só Amém. No concílio[2] fizemos algo em prol de sua salvação, mas hoje o tempo não é suficiente para vô-lo explicar. Por isso, exortamo-vos a vos reunirdes bem animados e em maior número (convidai os nossos irmãos que agora estão ausentes), amanhã, na basílica de Tríclia.

1 Os donatistas

2 Provavelmente se refere à conferência com os donatistas, realizada em Cartago, no ano de 411, anotam os Maurinos.

SALMO 33

SERMÃO I

1 O texto deste salmo nada parece ter de obscuro, que exija explicação. O título porém chama nossa atenção e reclama que se procure, batendo à porta. Mas como aqui se acha escrito ser feliz o homem que espera no Senhor, confiemos todos que ele há de abrir a quem bater à porta (cf Mt 7,7). Não nos convidaria a bater, se não quisesse abrir. Se uma vez aconteceu que alguém, disposto a deixar a porta fechada, aborrecido com as batidas, levantou-se e abriu contra a sua vontade, para não ter de aguentar a insistência de quem batia, quanto mais havemos de confiar no atendimento rápido daquele que disse: "Batei, e abrir-se-vos-á" (cf Lc 11,8). Bato e agora, com intensidade, de coração, à porta do Senhor, nosso Deus, para que se digne revelar-nos este mistério, bata comigo também V. Caridade, com a intenção de ouvir, e de rezar por nós com humildade. Devo confessar. É oculto e grande mistério.

2 [1] O salmo se intitula: "Salmo de Davi, quando alterou a expressão do rosto diante de Abimelec, despediu-se e partiu". Pesquisamos nas Escrituras, entre os fatos narrados sobre Davi, quando isto aconteceu, segundo o que encontramos no título do salmo: "Quando Davi fugia de seu filho Absalão" (Sl 3,1). Lemos o livro dos Reis e encontramos quando Davi fugia da presença de seu filho Absalão. É bem verdade que isto sucedeu, e os fatos estão registrados. Embora seja este o título do salmo, de forma misteriosa, provém de um fato real. Assim acredito que também o que aqui se acha: "Quando alterou a expressão do rosto diante de Abimelec, depediu-se e, partiu", está consignado no livro dos Reis, onde ficaram registrados para nós todos os feitos de Davi; mas não encontramos isto, todavia achamos donde parece ter sido tirado. Pois, está escrito que ao fugir Davi de seu perseguidor, Saul, refugiou-se junto de Aquis, rei de Gat, isto é, um rei de um povo vizinho do reino dos judeus; lá se escondeu, escapando da perseguição de Saul. Era recente a sua glória, que acarretou-lhe inveja da façanha de ter matado Golias, e de ter reconquistado num combate singular a glória e a segurança para o reino, o rei e o povo. Saul, porém, que se desorientara com a provocação de Golias, uma vez prostrado esse último, tornou-se inimigo daquele que abatera o inimigo e invejou a glória de Davi; principalmente porque o povo entusiasmado e o coro formado de mulheres cantou para a glória de Davi que Saul matara milhares, mas Davi, miríades. Por isto Saul se perturbou, vendo que o jovem, por um só combate, começara a ter glória maior que a sua; foi tomado de inveja e o perseguiu, conforme constuma proceder a peste do ciúme e o orgulho mundano. Então Davi, como disse, refugiou-se junto do rei de Gat, chamado Aquis. Este foi advertido de que o refugiado começara a crescer em glória entre o povo judeu, e foi-lhe dito: "Não é este Davi, ao qual as mulheres israelitas cantavam em coro: Saul matou milhares, mas Davi, miríades?" Se Saul pusera-se a invejá-lo por causa desta glória, não haveria Davi de temer que o rei, junto do qual se

refugiara, se pusesse a oprimir aquele que poderia de vizinho se transformar em inimigo, se ele o mantivesse são e salvo? Como está escrito, "Davi ficou com muito medo de Aquis, alterou a expressão do rosto diante deles, afetava loucura, tamborilava nos batentes da porta da cidade, era levado em suas mãos, caía junto às portas, e deixava a saliva escorrer pela barba". Viu-o o rei, junto do qual se abrigara, e disse aos seus: "Por que trouxestes este louco a minha presença? Vai ele entrar na minha casa" (1Sm 21,12.13-14.15)? E assim o despediu, expulsando-o. Davi saiu dali incólume, devido a esta simulação de loucura. Por causa desta loucura simulada, parece referir-se a esta mesma história o que aqui se acha inscrito: "Salmo de Davi, quando alterou a expressão do rosto diante de Abimelec, despediu-se e partiu". Mas, aquele rei chamava-se Aquis e não Abimelec. Somente o nome parece não lhe convir, porque os fatos quase literalmente são designados no salmo como descritos no livro dos Reis. Esta circunstância mais nos estimula a investigar por que mistério o nome foi trocado. Pois, nem a ação foi praticada sem motivo, além de ser real, nem foi registrada sem causa, e ainda com troca de nomes.

3 Vedes, certamente, irmãos, a profundidade dos mistérios. Se não foi misteriosamente que Golias foi morto por um jovem, também não é desprovido de mistério o fato de ter Davi alterado sua fisionomia e afetado loucura, tamborilando e caindo junto às portas da cidade e à porta da casa, e deixando a saliva escorrer por sua barba. Como é possível que isto não tivesse significado? O Apóstolo claramente o diz: "Estas coisas lhe aconteceram para servir de exemplo e foram escritas para a nossa instrução, para nós que fomos atingidos pelo fim dos tempos". Devemos julgar que nada significa o que pouco antes narrei acerca de Davi, conforme o livro dos Reis, se nada significa o maná, do qual afirma o Apóstolo: "Todos comeram o mesmo alimento espiritual"; se nada siginifica o mar dividido e o povo conduzido através dele, para escapar da perseguição do faraó, quando o Apóstolo afirma: "Não quero que ignoreis, irmãos, que nossos pais estiveram todos sob a nuvem, e na nuvem e no mar, todos foram batizados em Moisés"; se nada significa a água que brotou da pedra, tendo esta sido batida, quando diz o Apóstolo: "Essa rocha era Cristo" (1Cor 10,11.3.1-2.4); se, portanto, estas coisas nada significam, embora tenham sido realizadas; se, enfim, nada significam os dois filhos de Abraão, nascidos como nascem os filhos dos homens, e no entanto, o Apóstolo denomina-os dois Testamentos, o antigo e o novo, dizendo: "são os dois testamentos, em alegoria" (cf Gl 4,24); se nada significa o que vedes ter sido realizado por autoridade apostólica, como sinal das coisas futuras. Portanto, tem algum sentido a mudança de nome e o que foi dito: "diante de Abimelec".

4 Dai-me atenção. Com o que disse até agora, apenas batemos à porta. Ela ainda não se abriu. Batemos, ao dizer tudo isso; batestes também vós, enquanto ouvíeis. Vamos bater ainda, pedindo a Deus que nos abra. Temos a interpretação dos nomes hebraicos. Não faltaram homens doutos, que nos traduzissem os nomes do hebraico para o grego e deste para o latim. Consultando esta lista de nomes, encontramos a interpretação de Abimelec: Reino de meu pai; e de Aquis: Como é. Considerando estes nomes a porta começa a abrir-se para os que batem. Se perguntas: Qual o siginificado de Aquis. Responde-se:

Como é. Como é trata-se de palavra de quem admira sem entender. Abimelec: Reino de meu pai; Davi: de mão forte. Davi é figura de Cristo, como Golias é figura do diabo. Davi prostrou Golias e Cristo matou o diabo. O que quer dizer: Cristo matou o diabo? A humildade matou a soberba. Se me refiro a Cristo, meus irmãos, é a maior recomendação da humildade. Abriu-nos ele o caminho pela humildade; porque pela soberba nos afastáramos de Deus. Não podíamos voltar a ele senão pela humildade, nem tínhamos modelo a nos propor. Os homens mortais estavam inchados de soberba. E se existiam humildes de espírito, como os profetas e os patriarcas, o gênero humano, em geral, desdenhava imitá-los. No intuito de que o homem não desdenhasse imitar os humildes, Deus se fez humilde, para que, ao menos assim, a soberba do gênero humano não desdenhasse seguir as pegadas de Deus.

5 Os sacrifícios judaicos, como sabeis, segundo a ordem de Aarão, consistiam antes em vítimas de animais; e isto em figura. Ainda não existia o sacrifício do corpo e do sangue do Senhor, que os fiéis conhecem, e conforme se lê no evangelho, é um sacrifício agora difundido em toda a terra. Ponde, portanto, diante dos olhos, os dois sacrifícios; um, segundo a ordem de Aarão, e outro segundo a ordem de Melquisedec. Pois, está escrito: "O Senhor jurou e não se arrependerá. Tu és sacerdote eternamente, segundo a ordem de Melquisedec" (Sl 109,4). A quem se referem as palavras: "Tu és sacerdote eternamente segundo a ordem de Melquisedec?" A nosso Senhor Jesus Cristo. Quem era Melquisedec? Rei de Salém. Salém era uma cidade, que depois, conforme os doutos, tomou o nome de Jerusalém. Antes, portanto, que ali reinassem os judeus, morava ali um sacerdote, chamado Melquisedec, que o Gênesis conta ter sido sacerdote do Deus altíssimo. Ele foi ao encontro de Abraão, quando este libertou-o das mãos dos perseguidores, prostrou aqueles que o haviam aprisionado, e libertou seu irmão. Depois desta libertação, Melquisedec veio ao seu encontro. Tão grande era Melquisedec que abençoou Abraão. Ofereceu pão e vinho, e abençoou Abraão; este pagou-lhe dízimos. Vede qual a oferta e quem foi abençoado. Mais tarde, foi dito: "Tu és sacerdote eternamente segundo a ordem de Melquisedec". Davi, inspirado, disse isto muito tempo depois a Abraão; Melquisedec, porém, foi contemporâneo de Abraão. Qual é esse outro, de quem diz: "Tu és sacerdote eternamente segundo a ordem de Melquisedec", senão aquele cujo sacrifício conheceis?

6 Foi abolido, portanto, o sacrifício de Aarão, e começou a existir o sacrifício segundo a ordem de Melquisedec. Portanto, alguém que não conheço "alterou a expressão do rosto". Quem é ele? Não seja um desconhecido, pois, é bem conhecido nosso Senhor Jesus Cristo. Ele quis que viesse nossa salvação por meio de seu corpo e de seu sangue. E de onde vem que nos entregou seu corpo e seu sangue? De sua humildade. Se não fosse humilde, não seria comido, nem bebido. Considera sua grandeza: "No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus" (Jo 1,1). Eis o alimento eterno; mas dele comem os anjos, comem as virtudes supernas, comem os espíritos celestes, comem e se nutrem, e íntegro permanece o Verbo que os sacia e alegra. Que homem tem acesso a este alimento? Onde está o coração idôneo para tal manjar? Era preciso que

naquela mesa o alimento se transformasse em leite para servir aos pequeninos. Como, porém, a comida se torna leite? Como a comida se converte em leite, a não ser que passe pelo corpo materno? Pois é a mãe que faz tal coisa. A criança se nutre do que come a mãe. Como a criança não é capaz de comer pão, a mãe transforma o pão em sua carne, e através da humildade dos seios e da sucção do leite, a criança se nutre de pão. Como, então, a sabedoria de Deus nos alimentou do próprio pão? "O Verbo se fez carne e habitou entre nós" (Jo 1,14). Vede, pois, a humildade, uma vez que o homem comeu o pão dos anjos, conforme está escrito: "Deu-lhes o pão do céu. O homem comeu o pão dos anjos", isto é, nutriu-se o homem daquele Verbo eterno, igual ao Pai, e que alimenta os anjos. "Sendo ele de condição divina, não se prevaleceu de sua igualdade com Deus". Os anjos dele se saciam, mas ele "aniquilou-se a si mesmo", e para que o homem comesse o pão dos anjos, ele assumiu "a condição de escravo, assemelhando-se aos homens. Humilhou-se a si mesmo, tornando-se obediente até à morte, e morte de cruz" (Fl 2,6-8). Assim da cruz nos foi entregue o novo sacrifício, a carne e o sangue do Senhor. Pois, ele "alterou a expressão do rosto diante de Abimelec", isto é, no reino do pai. Reino do pai era o reino judaico. Como era reino do pai? Reino de Davi, reino de Abraão. Pois, reino de Deus Pai é antes a Igreja do que o povo judaico; mas segundo a carne, reino do pai era o povo de Israel. "E o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai" (Lc 1,32), conforme diz o evangelho. Pode-se demonstrar que Davi é pai do Senhor, segundo a carne; segundo a divindade, porém, Cristo não é filho, mas Senhor de Davi. Os judeus, de fato, conhecem a Cristo segundo a carne, mas não o reconhecem segundo a divindade. Por isso Cristo lhes fez a pergunta: "De quem o Cristo é filho? E eles lhe responderam: De Davi. Como então, prosseguiu Jesus, falando sob inspiração do Espírito, Davi chama-o Senhor, dizendo: O Senhor disse a meu Senhor: Senta-te a minha direita, até que eu ponha teus inimigos por escabelo de teus pés? Se, pois, Davi o chama Senhor, como é ele seu filho? Ninguém pôde responder-lhe" (Mt 22,42-46), porque não reconheceram no Cristo Senhor senão o que se via com os olhos, mas não o que se entende com o coração. Se tivessem olhos interiores como os tinham exteriores, com os de fora veriam que era filho de Davi; pelo que entendessem interiormente, compreenderiam que é Senhor de Davi.

7 Por conseguinte, "alterou a expressão do rosto diante de Abimelec". O que quer dizer: "diante de Abimelec?" No reino do pai. O que significa: no reino do pai? Diante dos judeus. "E despediu-se e partiu". De quem se despediu? Do próprio povo judeu, e ele partiu. Se procuras agora o Cristo entre os judeus, não o encontras. Por que se despediu e partiu? Porque "alterou a expressão do rosto". Apegados ao sacrifício segundo a ordem de Aarão, não mantiveram o sacrifício segundo a ordem de Melquisedec, e perderam a Cristo. Começaram a tê-lo os gentios, aos quais ele não enviara seus arautos, enquanto os mandara aos judeus: o próprio Davi, Abraão, Isaac e Jacó, Isaías, Jeremias e os demais profetas. Poucos os reconheceram, poucos efetivamente em comparação dos que se perderam, porque o povo era numeroso. Lemos que eram aos milhares. Está escrito: "O resto é que será salvo" (Rm 9,27). Mas, se agora procurares cristãos, circuncisos, não encontrarás. Então, nos primórdios da fé, eram da circuncisão muitos milhares de

cristãos. Procuras agora, e não achas. Com razão, não achas. Pois, "alterou a expressão do rosto diante de Abimelec, despediu-se e partiu". Diante de Aquis alterou a expressão do rosto, despediu-se e partiu. Por isto, os nomes foram mudados, incitando-nos a troca dos nomes a indagar o significado do mistério. Não pensemos que os salmos narram ou comemoram apenas os feitos que se encontram nos livros dos Reis, sem procurar as figuras das coisas futuras, e entendendo-as apenas como passadas. O que quer dizer a troca de nomes? Que alguma coisa aí se esconde. Bate à porta. Não te prendas à letra, pois a letra mata. Aspira pelo espírito, que vivifica. O sentido espiritual salva o fiel.

8 Dai atenção, irmãos, ao modo de Davi deixar o rei Aquis. Disse que Aquis significa: Como é. Procurai recordar-vos do evangelho. Nosso Senhor Jesus Cristo falava a respeito de seu corpo: "Quem não comer a minha carne e não beber o meu sangue, não terá a vida em si. Pois a minha carne é verdadeira comida e o meu sangue, verdadeira bebida" (cf Jo 6,53.55). Os discípulos, que o seguiam, assustaram-se e ficaram horrorizados com esta palavra. Não tendo entendido, pensavam que nosso Senhor Jesus Cristo falava uma coisa dura: que deveriam comer a sua carne que eles viam, e beber o seu sangue. E não puderam suportá-lo, dizendo de certo modo: Como é? Erro, por conseguinte, ignorância e estultície, sob a figura do rei Aquis. A expressão: Como é, mostra que não houve compreensão e onde não há comprensão, acham-se as trevas da ignorância. Estavam, portanto, no reino da ignorância, do rei Aquis, isto é, eram súditos do reino da ignorância. Por isso, dizia o Senhor: "Quem não comer a minha carne e não beber o meu sangue". Ele alterara a expressão de seu rosto e parecia-lhes furor e loucura que ele quisesse dar aos homens sua carne para comer, e seu sangue para beber. Também Davi pareceu louco, quando disse o próprio Aquis: Por que trouxeste este louco a minha presença? Não parece uma loucura dizer: Comei a minha carne, e bebei o meu sangue? Parecia louco quando dizia: "Quem não comer a minha carne e não beber o meu sangue, não terá a vida em si". Davi também pareceu louco ao rei Aquis, isto é, aos estultos e ignorantes. Por isso, despediu-se e partiu; de seu coração fugiu o entendimento e assim não puderam compreendê-lo. E o que disseram eles? Mais ou menos isto: Como é? O significado de Aquis. Disseram, pois, os discípulos: "Como este homem pode dar-nos a sua carne a comer"? (Jo 6,52) Julgavam que o Senhor estava louco, sem saber o que dizia, e ter perdido o juízo. Ele, porém, que sabia o que dizia, naquela alteração de sua fisionomia, como tomado de furor e loucura, anunciava os mistérios, e simulava ter perdido o juízo, e tamborilava nas portas da cidade.

9 Procuremos descobrir o que significa dizer que ele afetava loucura e tamborilava nas portas da cidade. Não é sem motivo que está escrito: "caía junto às portas". Tem sentido a observação: "e deixava a saliva escorrer pela barba"; não foi dito inutilmente. Este longo discurso não deve ser oneroso se nos recompensar com um claro entendimento. Sabeis, irmãos, que para os próprios judeus, diante dos quais ele alterou a expressão do rosto, deixou-os e foi-se embora, hoje é dia de lazer. Se eles que perderam a Cristo, que os deixou e se foi, têm um feriado inútil, tenhamos nós um dia festivo frutuoso, para entendermos a Cristo que os deixou e veio até nós. Tudo isso não se realizou em vão, até

mesmo a loucura que Davi simulava, quando se diz que ele “tamborilava nos batentes da porta da cidade, era levado em suas mãos, caía junto às portas, e deixava a saliva escorrer pela barba”. Ele “afetava” loucura. O que quer dizer: “afetava”? Tinha afeto. Que é ter afeto? Ele se compadeceu de nossas fraquezas; por isso quis assumir a carne, com a qual podia sofrer a morte. Compadeceu-se de nós e por isso diz-se que teve afeto. O Apóstolo repreende aqueles que são duros e sem afeto. Repreeendendo a alguns, disse: “Sem afeto, sem misericórdia” (Rm 1,31). Onde há afeto, aí existe também a misericórdia. Onde está a misericórdia? Ele teve compaixão de nós, lá do alto, se não quisesse se aniquilar, mantendo-se na condição em que é igual ao Pai eterno, permaneceríamos para sempre mortos; mas, para nos livrar da morte eterna, à qual nos levara o pecado de orgulho, humilhou-se, feito obediente até a morte, e morte de cruz. Teve-nos, pois, afeto, que chegou até a morte de cruz. Um crucificado é estendido no lenho; e para se fazer um tambor, a carne, isto é, o couro é esticado sobre a madeira; por isto foi dito que Davi “tamborilava”, isto é, era estendido no lenho, crucificado. “Afetava”, isto é, tinha afeto para conosco, entregando a vida por suas ovelhas. “Tamborilava”. Como? “Às portas da cidade”. Porta é abertura à fé em Deus. Fecháramos as portas a Cristo e abríramos para o diabo; tínhamos o coração trancando para a vida eterna, e não podíamos ver o Verbo, que os anjos contemplam. Então, o Senhor, nosso Deus, porque nosso coração estava fechado para a vida eterna, com a cruz ia abrindo os corações dos mortais, isto é, tamborilava às portas da cidade.

10 “E era levado em suas mãos”. Como é possível tal coisa? Quem pode ser carregado por suas mãos? Alguém pode ser carregado pelas mãos de outrem, mas ninguém se carrega com as próprias mãos. Não descobrimos como isto se realiza no próprio Davi, segundo a letra; mas em Cristo, sabemos. Cristo era levado em suas próprias mãos, quando, ao entregar seu próprio corpo, disse: “Isto é o meu corpo” (Mt 26,26). Aquele corpo era sustentado em suas mãos. Aí está a humildade de nosso Senhor Jesus Cristo, que muito se recomenda aos homens. A ela somos estimulados, irmãos, para vivermos. Imitemos sua humildade, para ferirmos a Golias, e agarrando-nos a Cristo, vencermos o orgulho. “Caía junto às portas”. Qual o sentido da palavra: Caía? Diminuía-se pela humildade. O que significa: “junto às portas?” Ao começo da fé, que nos salva. Todos começam pela fé, conforme se exprime o Cântico dos cânticos: “Vens e atravessas, partindo da fé” (Ct 4,8, seg LXX). Chegaremos a ver face a face, segundo está escrito: “Caríssimos, desde já somos filhos de Deus, mas o que nós seremos ainda não se manifestou. Sabemos que por ocasião desta manifestação seremos semelhantes a ele, porque o veremos tal como ele é” (1Jo 3,2). Quando “veremos”? Quando passarem as realidades presentes. Ouve ainda o que diz o apóstolo Paulo: “Agora vemos em espelho e de maneira confusa, mas depois, veremos face a face” (1Cor 13,12). Antes, porém, de vermos o Verbo, face a face, como veem os anjos, ainda temos de estar às portas da cidade, junto das quais o Senhor se prostrou, humilhando-se até a morte.

11 Qual o sentido da frase: “a saliva escorria por sua barba”? Foi assim que “alterou a expressão de seu rosto diante de Abimelec, ou Aquis, despediu-se e partiu”. Deixou

aqueles que não o entenderam. Foi para onde? Para os gentios. Nós, portanto, entendamos o que eles não conseguiram entender. A saliva escorria pela barba de Davi. O que representa a "saliva"? Representa palavras infantis. Os bebês deixam a saliva escorrer, babando. Não pareciam palavras infantis as seguintes: Comei a minha carne, e bebei o meu sangue? Mas este balbuciar escondia seu poder. Este é figurado pela barba. A saliva que escorre pela barba o que figura senão o balbuciar que vela seu poder? A meu ver, V. Santidade entende o título deste salmo. Se tentássemos explicar agora o salmo, recearíamos que fugisse de vossa memória o que ouvistes. Expusemos o sentido do título do salmo, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo. Visto ser amanhã domingo, e temos o dever de vos pregar um sermão, adiemos o texto do salmo para amanhã, pois assim podeis ouvir com mais gosto.

SERMÃO II

1 Não tenho dúvidas de que aqueles que ontem estavam presentes, se lembram de nossa promessa, chegou o momento de saldar nossa dívida, em nome do Senhor. Foi ele quem nos inspirou esta promessa, e nos dará com que pagá-la, apesar de continuarmos sempre devedores de caridade. Esta sempre se paga, e sempre se fica devendo, conforme declara o Apóstolo: "A ninguém fiqueis devendo coisa alguma, a não ser o amor recíproco" (Rm 13,8). Ontem explicamos o título deste salmo. Como esta explanação nos tomou muito tempo, adiamos o comentário do próprio texto. Ouçamos agora o que o Espírito Santo, pela boca do santo profeta, dirá deste salmo, de acordo com o título ontem explicado. Os que estiveram ausentes, de certo modo também nos pedem esta exposição; mas a fim de que por novas delongas não prejudiquemos os nossos credores, entendam os ausentes de ontem, hoje presentes, à medida do possível, o que vou resumir. Se, porém, alguma coisa os intriga e gostariam de perguntar mais a fundo, prestar-lhes-emos ouvidos atentos, em nome de Cristo, em outra ocasião, para não tomarem agora o tempo disponível.

2 [1]Dissemos que se acha escrito no livro dos Reis que Davi, ao fugir de Saul, procurou esconder-se junto de certo rei de Gat, chamado Aquis. Mas, como a glória que obteve foi ali relembrada, temendo que o rei que o abrigara planejasse alguma coisa contra ele, por inveja, fingiu loucura, e como se estivesse doido, "alterou a expressão do rosto", e conforme lemos, "afetava" loucura, "tamborilava nos batentes da porta da cidade, era levado em suas mãos, e caía junto às portas. E disse o rei Aquis: Será que tenho falta de loucos, para que me trouxésseis mais este?" (1Sm 21,10-14). E assim Davi se despediu, cumprindo-se o que aqui se acha escrito: "Alterou a expressão do rosto, despediu-se e partiu". Ele deixou o rei Aquis; aqui, de fato, se diz que "alterou a expressão do rosto de Abimelec, e despediu-se e partiu". Dissemos que houve troca de nomes para mostrar que era figurado; se o mesmo nome fosse repetido no título do salmo, não pareceria uma profecia em mistério, e sim que se tratava de narrativa de fatos. Ambos os nomes contêm grande mistério. Pois, a interpretação de Aquis é: Como é? Abimelec significa:

reino de meu pai. As palavras: Como é? demonstram ignorância, de sorte que se entende como palavra de alguém que desconhece e se admira. Abimelec representa o reino dos judeus. De Cristo se pode dizer: reino de meu pai, porque seu pai carnal foi Davi; e o reino de Davi era o do povo judaico. Por isso, no reino de seu pai, "alterou a expressão do rosto, despediu-se e partiu", porque nele havia o sacrifício segundo a ordem de Aarão. Posteriormente Cristo instituiu o sacrifício de seu corpo e de seu sangue, segundo a ordem de Melquisedec. Mudou, pois, de fisionomia no sacerdócio, e deixando o povo judaico, partiu para junto dos gentios. O que significa: "afetava"? Estava cheio de afeto. Onde se encontra maior plenitude de afeto do que na misericórdia de nosso Senhor Jesus Cristo, que vendo nossa fraqueza, e a fim de nos livrar da morte eterna, aceitou a morte temporal, acompanhada de tantas injúrias e ofensas? "E tamborilava", porque o tambor consta de um couro esticado, preso num pedaço de madeira; e Davi tamborilava para figurar que Cristo devia ser crucificado. "Tamborilava junto às portas da cidade". Quais as portas da cidade, senão nosso coração fechado para Cristo, que com o tambor da cruz abriu os corações dos mortais? "E era levado em suas mãos". De que modo "era levado em suas mãos"? Porque ao entregar seu corpo e seu sangue, tomou nas mãos aquilo que os fiéis conhecem. Ele se carregava, de certo modo, ao dizer: "Isto é o meu corpo. E caía junto às portas", isto é, humilhou-se. Isto é descer até os elementos de nossa fé. As portas são os inícios da fé, de onde começa a Igreja, para chegar à visão. Crendo o que não vê, merece gozar, quando começar a ver face a face. Aí está o conteúdo do título do salmo. Ouvimos um resumo. Vamos escutar agora as próprias palavras daquele que afetava loucura e tamborilava às portas da cidade.

3 [2] "Bendirei o Senhor em todo o tempo; seu louvor estará sempre em minha boca". Fala Cristo. Fale igualmente o cristão, porque sendo cristão está no corpo de Cristo. Cristo se fez homem para ser possível ao cristão fazer-se anjo e dizer: "Bendirei o Senhor". Quando "bendirei o Senhor"? Quando te concede um benefício? Quando abundam os bens materiais? Na fartura de trigo, óleo, vinho, ouro, prata, escravos, animais, quando a saúde mortal persiste, invulnerada e íntegra, quando tudo o que nasce cresce, nada passa por morte prematura, a felicidade transborda na casa, cercada de toda espécie de bens, então bendizes o Senhor? Não. "Em todo o tempo". Por conseguinte, mesmo se, conforme a época e os castigos enviados por Deus, Senhor nosso, tudo isso se transtorna, é tirado, os nascimentos são mais raros e morre o que nasceu. Pois, estas coisas também acontecem, e originam penúria, pobreza, labuta, dor e provação. Mas tu que cantaste: "Bendirei o Senhor em todo o tempo, seu louvor estará sempre em minha boca", bendize quando Deus as concede, bendize quando as retira. Porque ele dá, ele tira; mas não se retira daquele que bendiz.

4 Quem é que bendiz o Senhor em todo o tempo, senão o humilde de coração? Nosso Senhor ensinou esta humildade por meio de seu próprio corpo e sangue. Ao entregar seu corpo e seu sangue, recomenda sua humildade, conforme narra a história, segundo a loucura simulada de Davi, a que não nos referimos: "E deixava a saliva escorrer pela barba". Ao fazermos uma leitura do Apóstolo, ouvistes referência a saliva, e esta escorria

pela barba. Mas, dirá alguém: De que saliva ouvimos falar? Não acabamos de ler o trecho do Apóstolo: "Os judeus pedem sinais, e os gregos andam em busca de sabedoria"? Foi lido há pouco: "Nós, porém, anunciamos a Cristo crucificado (então ele tamborilava), que, para os judeus, é escândalo, para os gentios é loucura, mas para aqueles que são chamados, tanto judeus como gregos, é Cristo poder de Deus e sabedoria de Deus. Pois o que é loucura de Deus é mais sábio do que os homens, o que é fraqueza de Deus é mais forte do que os homens" (1Cor 1,22-26). Saliva é figura de loucura, saliva significa fraqueza. Mas se o que é loucura de Deus é mais sábio do que os homens, e o que é fraqueza de Deus é mais forte do que os homens, não te escandalizes com a saliva, mas observa que ela escorre pela barba. Como a saliva mostra a fraqueza, a barba é sinal de força. A fraqueza do corpo de Cristo encobriu sua força, e o que exteriormente era fraco, mostrava-se como saliva. A virtude divina escondia-se no interior, figurada pela barba. Por conseguinte, é a humildade que nos é recomendada. Sê humilde, se queres bendizer o Senhor em todo o tempo e seu louvor estar sempre em tua boca. Jó não bendisse o Senhor somente na afluência de bens. Lemos que era rico e feliz, tendo rebanhos, escravos, casa, feliz com os filhos e todos os bens. Tudo lhe foi tirado simultaneamente, e ele realizou o que está escrito nesse salmo, dizendo: "O Senhor deu, o Senhor tirou; como agradou ao Senhor assim se fez; bendito seja o nome do Senhor" (Jó 1,21). Eis, como exemplo, alguém que bendiz o Senhor em todo o tempo.

5 [3] Por que alguém pode bendizer o Senhor em todo o tempo? Porque é humilde. O que é ser humilde? Não querer louvor para si mesmo. Querer ser louvado em si mesmo, é ser soberbo. Quem não é soberbo, é humilde. Não queres ser soberbo? Para poderes ser humilde, repete a palavra: "Minha alma se gloriará no Senhor. Ouçam os mansos e se alegrem". Por conseguinte, os que não querem se gloriar no Senhor, não são mansos, mas cruéis, ásperos, orgulhosos, soberbos. O Senhor quer ter um jumento manso. Sê jumento do Senhor, isto é, sê manso. Ele monta em ti, toma as rédeas; não temas tropeçar, ou cair num precipício. Por ti mesmo és fraco, mas olha bem quem te freia. És um potro, mas carregas a Cristo. Pois, ele entrou na cidade de Jerusalém, montando num jumentinho, e era um jumento manso. Era o jumento que era louvado? Era o jumento que se dizia: "Hosana ao filho de Davi! Bendito o que vem em nome do Senhor" (Mt 21,9)? O jumentinho carregava, mas aquele que era carregado, era louvado pelos que o precediam e seguiam. Talvez dissesse o jumento: "Minha alma se gloriará no Senhor. Ouçam os mansos e se alegrem". Nunca, meus irmãos, aquele jumento falou assim; mas fale aquele povo que há de imitar aquele jumento, se quiser carregar seu Senhor. É possível que o povo não goste de ser comparado ao jumentinho, montado pelo Senhor. E alguns, soberbos e orgulhosos, podem me dizer: Ele nos chamou de asnos. Seja um asno do Senhor quem falar assim; não seja cavalo nem mulo, que não têm inteligência. Conheceis o salmo que diz: "Não sejais como o cavalo e o mulo, sem inteligência" (Sl 31,9). O cavalo e o mulo de vez em quando levantam a cabeça e ferozmente sacodem de cima de si o cavaleiro. São domados com freio e cabresto, com o chicote, até que se submetam e carreguem seu dono. Tu, porém, antes que o freio machuque tua boca, sê

manso e carrega teu Senhor. Não queiras ser louvado, por causa de ti mesmo, mas louve-te o que te monta. Dize: “Minha alma se gloriará no Senhor. Ouçam os mansos e se alegrem”. Quando ouvem os que não são mansos, não se alegram; ao contrário se irritam. São estes que dizem que os chamamos de asnos. Os mansos se dignem ouvir e ser aquilo que ouvem.

6 [4] Segue-se: “Celebrai comigo as grandezas do Senhor”. Quem é este que nos convida a engrandecer com ele ao Senhor? Irmãos. Todos os que pertencem ao corpo de Cristo devem aplicar-se em glorificar com ele ao Senhor. É certo que ama o Senhor, seja ele quem for. E como o ama? Sem invejar a quem o acompanha neste amor. Quem ama carnalmente, ama forçosamente com ciúme pestífero. Se considera grande coisa ter visto u’a mulher nua, que com amor pestífero cobiçou, acaso quer que outro também a veja? Necessariamente há de se ferir com zelo e ciúme, se outro também a vir. É assim que se conserva a castidade; se ele vir a mulher legítima, e outro não, ou nem ele mesmo. A sabedoria de Deus é diferente. Vê-la-emos face a face, e todos a veremos, e ninguém ficará enciumado. A todos ela se revela, íntegra e casta. Eles se transformam nela, e ela mesma não se muda nelas. Ela é a verdade. É Deus. Alguma vez ouvistes dizer, irmãos, que possa nosso Deus sofrer mudança? A verdade é supereminente, é o Verbo de Deus, é a Sabedoria de Deus, pela qual tudo foi feito. Tem quem a ame. E este diz: “Celebrai comigo as grandezas do Senhor”. Não quero celebrar sozinho o Senhor, não quero amar sozinho, não quero ser o único a abraçá-lo. Se o abraço, tem outro onde pôr a mão. A Sabedoria é de tal amplidão que todas as almas podem abraçá-la e dela fruir. Que direi, irmãos? Que se envergonhem os que amam a Deus, invejando os outros? Os homens perdidos que apreciam a auriga, e gostando dela ou do caçador no circo, quer que todo o povo também aprecie como ele. Estimula-o, dizendo: Torcei comigo por aquele pantomimo, por esta ou aquela torpeza. Ele grita, no meio do povo, para que apreciem com ele o que é torpe; e o cristão não grita na igreja para que com ele se ame a verdade de Deus! Excitai em vós o amor, irmãos, e clamai uns aos outros: “Celebrai comigo as grandezas do Senhor”. Tende esse fervor. Por que essas leituras e explicações? Se amais a Deus, inflamai no amor de Deus os que vos são unidos, e todos que moram em vossa casa. Se amais o corpo de Cristo, isto é, a unidade da Igreja, arrastai-os a este gosto, e dizei: “Celebrai comigo as grandezas do Senhor”.

7 [4] “E exaltemos unânimes o seu nome”. O que quer dizer: “Exaltemos unânimes o seu nome”? Isto é, juntos. Pois, em muitos códices acha-se: “Celebrai comigo as grandezas do Senhor, e unidos exaltemos o seu nome”. Unidos e unânimes têm aqui idêntico sentido. Portanto, arrastai quantos puderdes, exortando, levando, rogando, disputando, argumentando, mansamente, suavemente. Atraí ao amor. Se celebram as grandezas do Senhor, façam-no em uníssono. Também o partido de Donato pensa que engrandece o Senhor. Em que a terra inteira os ofendeu? Digamos-lhes: irmãos: “Celebrai comigo as grandezas do Senhor, e exaltemos unânimes o seu nome”. Por que quereis celebrar as grandezas do Senhor, mantendo a divisão? Ele é um só; por que quereis criar dois povos para Deus? Por que procurais dividir o corpo de Cristo? Certamente ele pendia da cruz.

Tamborilava. Pendendo da cruz, entregou o espírito a Deus. Vieram os que o crucificaram e vendo que já morrera, não lhe quebraram as pernas, mas quebraram as dos ladrões, que ainda viviam na cruz (cf Jo 19,32.33), para apressar a morte por meio da dor e livrá-los do suplício, como se costumava fazer com os crucificados. Aproximou-se dele o perseguidor, e verificou que o Senhor havia expirado em paz. Ele havia dito: "Tenho poder de entregar a minha alma" (cf Jo 10,18). Em prol de quem entregou a sua alma? Por todo o seu povo, por seu corpo inteiro. Veio, portanto, o perseguidor, e não quebrou as pernas de Cristo. Veio Donato e rompeu a Igreja de Cristo. O corpo de Cristo manteve-se íntegro na cruz, entre as mãos dos perseguidores, e entre as mãos de cristãos não ficou mais íntegro o corpo da Igreja. Clamemos, portanto, irmãos, gemamos quando pudermos, dizendo: "Celebrai comigo as grandezas do Senhor e exaltemos unânimes o seu nome". Clama-lhes a Igreja. A voz é da Igreja, clamando por aqueles que se separaram. Por que romperam com ela? Por orgulho. Cristo, porém, ensina a humildade, entregando seu corpo e seu sangue. Foi o que expliquei a V. Santidade: disto se trata no texto deste salmo e se celebra. Nele se recomenda o corpo e o sangue de Cristo, recomendando a humildade que Cristo se dignou aceitar por nós.

8 [5] "Procurei o Senhor e ele me ouviu". Onde ouviu o Senhor? Interiormente. Onde dá? Interiormente. Ali oras, ali és ouvido, ali te tornas feliz. Rezaste, foste ouvido, ficaste feliz; e quem está perto de ti, não o percebe. Tudo se fez ocultamente, conforme diz o Senhor no evangelho: "Entra no teu quarto e, fechando a porta, ora ao teu Pai ocultamente; e o teu Pai que vê o que está oculto, te recompensará" (Mt 6,6). Entras em teu quarto, entras em teu coração. Felizes os que sentem alegria quando entram em seu coração e nada de mal ali encontram. Preste atenção, V. Santidade, como não querem entrar em casa os que têm mulheres más, como saem para o foro e se alegram. Vem a hora de voltar para casa, e se contristam. Entram para encontrar o tédio, murmurações, amarguras, desolação, porque não é bem ordenada a casa em que marido e mulher não estão em paz entre si; e é melhor para ele andar pela estrada. Se, pois, são infelizes os que, ao voltar para casa, receiam se aborrecer por causa de brigas entre os seus, quanto mais infelizes são os que não querem entrar em sua própria consciência, para não se abaterem, nos combates aos pecados! Purifica teu coração para poderes voltar a ele de boa mente; "bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus" (Mt 5,8). Retira dali as imundícies dos maus desejos, limpa a mácula da avareza, tira a mancha das superstições, arranca os sacrilégios, e maus pensamentos; afasta os ódios, já não digo contra um amigo, mas até contra um inimigo. Tira tudo isso. Entra em teu coração, e lá terás alegria. Ao começares a te alegrar ali, a própria pureza de teu coração te deleitará e fará rezar. Assemelha-se ao fato de ires a um lugar, onde há silêncio, tranquilidade e talvez, um recinto bem limpo. Vamos rezar aqui, dizes. Apraz-te a beleza do lugar, e acreditas que lá Deus te ouvirá. Se, portanto, deleita a limpeza de um lugar visível, porque não te incomoda a impureza de teu coração? Entra, limpa tudo, levanta os olhos para Deus, e logo ele te ouvirá. Clama estas palavras: "Procurei o Senhor e ele me ouviu; e livrou-me de todas as minhas tribulações". Por que motivo? Porque ao seres iluminado,

quando começares aí a ter uma boa consciência, restam as tribulações, porque sempre resta alguma fraqueza, "até que a morte seja absorvida pela vitória, e este ser mortal tiver revestido a imortalidade" (cf 1Cor 15,54). Forçoso é seres flagelado neste mundo; é necessário sofreres tentações e sugestões. Deus purificará tudo, livrar-te-á de toda tribulação. Procura-o.

9 "Procurei o Senhor e ele me ouviu". Não são ouvidos, portanto, os que não buscam a Deus. Atenção, V. Santidade. Não disse: Pedi ouro ao Senhor e ele me ouviu; pedi longa vida ao Senhor e ele me ouviu; pedi ao Senhor isto ou aquilo, ouviu-me. Uma coisa é rogar alguma coisa ao Senhor, e outra procurar o próprio Senhor. "Procurei o Senhor e ele me ouviu". Tu, porém, ao orares, se dizes: Mata aquele inimigo meu, não procuras o Senhor, mas de certo modo te fazes juiz de teu inimigo, e fazes de teu Deus, um verdugo.[1] Como sabes se aquele cuja morte desejas não é melhor do que tu? Talvez por isso mesmo: ele não deseja a tua morte. Não busques, portanto, coisa alguma fora do Senhor, mas procura o próprio Senhor, e ele te ouvirá, e enquanto ainda falares, dirá: "Aqui estou" (cf Is 65,24). O que significa: "Aqui estou"? Estou presente. O que queres, o que desejas de mim? Seja o que for que te der, vale menos do que eu; possui a mim mesmo, goza de minha presença. Abraça-me. Ainda não podes fazê-lo totalmente. Toca-me pela fé, e unir-te-ás a mim (dize-te Deus), e tirarei teus fardos, para aderires inteiramente a mim, quando o que é mortal em ti, eu o converter em imortal, a fim de seres igual a meus anjos (cf Mt 22,30), e sempre contemplares a minha face, e te alegrares, sem que ninguém te arrebate o teu gáudio (cf Jo 16,22), porque procuraste o Senhor, ele te ouviu e livrou-te de todas as tuas tribulações.

10 [6] Dissemos acima (cf acima, n. 6), quem é que exorta, quem ama e não quer abraçar sozinho o objeto de seu amor, e diz: "Acercai-vos dele e sereis iluminados". Refere-se, pois, ao que ele mesmo experimentou. O que diz alguém que é espiritual, pertencente ao corpo de Cristo, ou o próprio nosso Senhor Jesus Cristo segundo a carne, a Cabeça a exortar os demais membros? "Acercai-vos dele e sereis iluminados". Ou antes, um cristão espiritual nos convida a nos aproximarmos de nosso Senhor Jesus Cristo. Mas acerquemo-nos dele, e seremos iluminados. Não façamos como os judeus, que dele se aproximaram para ficarem obcecados. Aproximaram-se para crucificá-lo. Nós, porém, acerquemo-nos para recebermos seu corpo e seu sangue. Eles, perto do crucificado, ficaram nas trevas; nós, comendo e bebendo o crucificado, somos iluminados. "Acercai-vos dele e sereis iluminados". Trata-se dos gentios. Cristo estava crucificado no meio dos judeus e os gentios estavam ausentes. Aproximaram-se os que estavam nas trevas, e cegos recuperaram a visão. Como se acercaram os gentios? Seguindo pela fé, anelando de coração, correndo por meio da caridade. Teus pés são a tua caridade. Deves ter dois pés, não ser coxo. Quais são os dois pés? Os dois preceitos do amor, o de Deus e o do próximo. Corre, utilizando estes pés, para junto de Deus, aproxima-te dele. Ele te incitou a correr, e de tal modo espargiu a sua luz que podes segui-lo de maneira magnífica e divina. "E vosso rosto não se cobrirá de confusão. Acercai-vos dele e sereis iluminados e vosso rosto não se cobrirá de confusão". Cobre-se de confusão apenas o rosto do

soberbo. Por quê? Porque prefere ser orgulhoso, e envergonha-se de sofrer injúria, ignomínia, queda segundo o modo de pensar mundano, ou alguma aflição. Mas não temas. Acerca-te dele e não te envergonharás. Seja o que for que sofreres do inimigo, para os homens ele será superior a ti; mas junto de Deus és superior a ele. Eu o apanhei, prendi, matei. Como se julgam superiores os que falam assim! Como os judeus se consideravam superiores quando esbofeteavam o Senhor, quando lhe cuspiam no rosto e feriam-lhe a cabeça com uma cana, quando o coroavam de espinhos, quando o revestiam de túnica ignominiosa! Como se sentiam superiores! E ele parecia inferior, porque caía junto às portas da cidade; mas ele não se cobria de confusão. Pois, era a luz verdadeira, que ilumina todo o homem, que vem ao mundo (cf Jo 1,9). A luz não pode ser confundida; assim também não deixa ser confundido aquele que é iluminado. "Acercai-vos dele e sereis iluminados e vosso rosto não se cobrirá de confusão".

11 [7.8] Pode objetar alguém: Como dele me aproximarei? Onerado de tantos males, tantos pecados, a consciência me acusa de numerosos crimes. Como ousarei aproximar-me de Deus? Como? Humilhando-te pela penitência. Mas, respondes, tenho vergonha de fazer penitência. Acerca-te, pois, dele e serás iluminado, e teu rosto não se cobrirá de vergonha. Se o medo da vergonha te impede de fazer penitência, será ela, todavia, que te dará acesso a Deus. Não vês que o castigo já aparece em teu rosto, que ele se cora por não ter-se aproximado de Deus? E não se aproximou por não querer penitenciar-se? Atesta o profeta: "Este pobre clamou e o "Senhor o escutou". Ensina-te como serás atendido. Não és atendido porque és rico. Talvez clamavas e não eras ouvido. Ouve a razão disto: "Este pobre clamou e o Senhor o escutou". O pobre clama, o Senhor escuta. E como me tornarei pobre para clamar? Mesmo que possuas alguns bens, não presumas de tuas forças. Entende que és indigente, compreende que és pobre enquanto não tiveres aquele que te enriquece. Como, porém, o Senhor o atendeu? Responde o salmista: "E o livrou de todas as angústias". E como os salvou de todas as tribulações? "O anjo do Senhor acampará ao redor dos que o temem e os livrará". Assim está escrito, irmãos, e não como trazem alguns códices defeituosos: O Senhor enviou um anjo para estar ao redor dos que o temem e os livrará, mas: "O anjo do Senhor acampará ao redor dos que o temem e os livrará". Quem é este anjo do Senhor, que acampará ao redor dos que o temem e os salvará? O próprio nosso Senhor Jesus Cristo profeticamente é denominado anjo do grande conselho, enviado do grande conselho. Assim o chamaram os profetas (cf Is 9,6, seg. LXX). O próprio anjo do grande conselho, portanto, isto é, o enviado, acampará ao redor dos que temem o Senhor e os livrará. Não receies ficar oculto para ele; em qualquer lugar onde temeres o Senhor, descobre-te aquele anjo que acampará ao redor, e te livrará.

12 [9] Agora vai tratar expressamente do próprio sacramento, no qual ele se sustentava em suas próprias mãos. "Provai e vede como é suave o Senhor". Não se manifesta agora o salmo, mostrando-te aquela aparente loucura e insânia constante, sadia loucura e sóbria embriaguez daquele Davi, que em figura apontava para outro, que ignoro, quando lhe foi dito, na pessoa do Rei Aquis: Como é? E então, não dizia o Senhor: "Quem não comer a

minha carne e não beber o meu sangue, não terá a vida em si" (cf Jo 6,53-54)? E o que perguntaram aqueles súditos de Aquis, isto é, o erro e a ignorância? "Como este homem pode dar-nos a sua carne a comer?" (Jo 6,52). Se ignoras, experimenta, e vê como o Senhor é suave; se, porém, não entendes, és o rei Aquis. Davi há de alterar a expressão do rosto, afastar-se-á de ti, abandonar-te-á, e irá embora.

13 "Feliz o homem que nele espera". Que necessidade há de expô-lo longamente? Quem não espera no Senhor, é infeliz. Quem é que não espera Senhor? Quem espera em si mesmo. Algumas vezes, meus irmãos, o que é pior, observai, os homens não esperam em si, mas em outros. Pela saúde de Caio Seio, nada me poderás fazer. E talvez fale de um morto. Fala aqui, nesta cidade: Pela saúde de fulano, e este talvez tenha morrido em outro lugar. E com que facilidade os homens o dizem; mas não falam: Confio em Deus, que não te permitirá fazer-me mal. Não dizem: Confio em meu Deus. Mesmo que te permita fazer alguma coisa ao que é meu, não te deixará prejudicar a minha alma. Mas, quando eles dizem: Pela saúde de Fulano, nem eles estão procurando a saúde, mas oneram aqueles dos quais esperam obter a saúde.

14 10-11 "Temei o Senhor, todos vós seus santos, porque nada falta aos que o temem". Muitos não querem temer o Senhor, para não padecerem fome. Se alguém lhes diz: Não deveis cometer fraude. Respondem: E de onde vou tirar minha subsistência? Não se mantém o ofício sem impostura, nem há negócio sem fraude. Mas, Deus castiga a fraude. Teme a Deus. Se eu temer a Deus, não tenho com que me manter. "Temei o Senhor, todos vós, seus santos, porque nada falta aos que o temem". Ele promete fartura ao medroso e hesitante de que se temer o Senhor, lhe falte o supérfluo. Deus te sustentava enquanto o desprezavas, e há de te abandonar quando o temes? Presta bem atenção, e não digas: Aquele homem é rico e eu sou pobre. Eu temo o Senhor, e ele não teme; mas quanto adquiriu, enquanto eu, como o temor, acho-me sem nada! Vede a continuação do salmo: "Os ricos passaram necessidade e fome, mas aos que buscam o Senhor nada lhes falta". Se tomares à letra, parece que o salmista te enganas. Verifica que muitos ricos são iníquos e morrem no meio de suas riquezas, e não ficaram pobres durante a vida. Vês que eles envelhecem, chegam ao fim da vida em grande afluência de bens, têm um enterro pomposo, são sepultados em rico túmulo, tendo expirado em um leito de marfim, cercado de sua família. E dizes interiormente: Sei quanto mal fez este homem. Envelheceu, morreu em seu leito, os seus levam seu cadáver, e é celebrado com funerais tão suntuosos. Sei o que ele fez. A Escritura me enganou; erradas são as palavras que ouço e canto: "Os ricos passaram necessidade e fome". Quando ele foi pobre? Quando teve fome? "Aos que buscam o Senhor nada lhes falta". Todos os dias vou à basílica, todos os dias faço genuflexões, todos os dias procuro o Senhor, e nada possuo. Este não procurou o Senhor e morreu no meio de tantos bens! O laço do escândalo sufoca quem pensa deste modo. Procura na terra alimento mortal e não busca a verdadeira recompensa nos céus. Mete a cabeça no laço do diabo, que lhe aperta a garganta. O diabo o agarra para fazer o mal, e imitar aquele rico que ele vê morrer em tal fartura.

15 Não entendas deste modo. Então, como devo entender? Trata-se de bens espirituais. Mas, onde estão eles? Não se veem com os olhos, e sim com o coração. Não vejo tais bens. Quem ama, vê. Não vejo a justiça. Ela não consiste em ouro, nem em prata. Se fosse ouro, verias. Como é do âmbito da fé, não vês. E se não vês a fé, por que razão amas o servo fiel? Interroga-te a ti mesmo. Qual o escravo que amas? Talvez tenhas um escravo formoso, alto, elegante, mas ladrão, mau, fraudulento. E talvez possuas outro pequeno, disforme de rosto, escuro, mas fiel, econômico, sóbrio. Atenção. Pergunto: Qual dos dois preferes? Se perguntares aos olhos carnais, vence o belo injusto; se consultas os olhos do coração, vence o disforme fiel. Vê, portanto, o que queres que outro te ofereça, a saber, a fidelidade; oferece-lhe também tu. Por que te alegras com aquele que te oferece fidelidade, e o louvas por causa de bens visíveis apenas aos olhos do coração? Repleto de bens espirituais, serás pobre? Foi rico aquele que tinha um leito de marfim; e tu és pobre, cujo cubículo do coração está cheio de gemas das virtudes, da justiça, da verdade, da caridade, da fé, da paciência, da tolerância! Apresenta as riquezas que tens, e compara-as às dos ricos. Mas, replicas, ele encontra no mercado mulas valiosas e compra-as. Se encontrasses fé à venda, quanto darias por ela? E Deus te deu de graça e ainda assim és ingrato? Aqueles ricos são necessitados, passam penúria; e o que é pior, não têm pão. Não penses que precisam de ouro e de prata, embora também disso careçam. Por mais que tenha alguém, com que se saciou? Deste modo, morreu pobre, porque queria adquirir muito mais do que possuía. Falta-lhes também o pão. Por que lhes falta também o pão? Se não sabes de que pão se trata, diz o Senhor: “Eu sou o pão vivo, que desceu do céu” (Jo 6,41), e: “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados” (Mt 5,6). “Aos que buscam o Senhor, nada lhes falta”, bem algum. Já dissemos qual é este bem.

16 [12] “Vinde, filhos, ouvi-me. Eu vos ensinarei o temor do Senhor”. Pensais que sou eu que estou chamando, irmãos: pensai que é Davi, imaginai que é o Apóstolo; ou antes, julgai que é o próprio nosso Senhor Jesus Cristo que diz: “Vinde, filhos, ouvi-me”. Ouçamo-lo todos juntos; ouvi-o através de nossa palavra. Ele quer nos ensinar, ele que é humilde, tamborilando, afetando, ele quer nos ensinar. E o que diz? “Vinde, filhos, ouvi-me. Eu vos ensinarei o temor do Senhor”. Ensine-nos, pois, abramos os ouvidos, abramos o coração. Não abramos apenas os ouvidos carnais, fechando os do coração; mas conforme o Senhor disse no evangelho: “Quem tem ouvidos para ouvir, ouça” (Mt 11,15). Quem não quer ouvir a Cristo, que fala pelo profeta?

1 Quaestionarius, isto é, verdugo. Cf. Juven. Satyr. 6 Schol.: O salário dos Quaestionarii ou carrascos”. Acta S. Marcianae, 3: …Atingida pelas bofetadas do carrasco”.

17 [13] “Qual é o homem que quer a vida e deseja ver dias felizes?” Cada um de vós não responderá: Eu? Ou há algum de vós que não ama a vida, isto é, não quer a vida, e não deseja ver dias felizes? Não murmurais cada dia, dizendo: Até quando vamos suportar esses males? Cada dia tudo fica pior; nossos pais tiveram dias mais alegres, dias melhores. Oh! Se interrogares teus pais, de igual modo hão de murmurar acerca de sua

época! Nossos pais foram felizes; nós somos infelizes, vivemos num tempo mau. Tínhamos tal governante; pensávamos que teríamos algum alívio quando ele morresse; vieram tempos piores. Ó Deus, concede-nos dias felizes! "Qual é o homem que quer a vida e deseja ver dias felizes?" Não procure aqui na terra, dias felizes. É bom o que ele deseja, mas não procura este bem onde ele se encontra. Acontece o mesmo que sucederia se procurasses um justo numa terra onde ele não habita, e ser-te-ia dito: Procuras um bom homem, um grande varão. Procura-o, mas não aqui. É inútil procurá-lo aqui; nunca o encontrarás. Buscas ter dias felizes. Procuremos juntos, mas não aqui. Contudo, nossos pais os tiveram. Enganai-vos! Todos aqui passaram por trabalhos. Lede as Escrituras. Deus quis que fossem escritas para nossa consolação. Na época de Elias houve fome e nossos pais a sofreram. Vendia-se a cabeça de um jumento morto a peso de ouro. Eles matavam seus jumentos e os comiam. Duas mulheres combinaram entre si matarem os filhos e os comerem. Uma delas matou o filho e ambas o comeram; a outra não queria depois matar o seu, mas exigia aquela que matara primeiro o seu. Tal rixa foi levada ao juízo do rei. Elas compareceram perante o rei, discutindo sobre a morte dos filhos. Livre-nos Deus do que lemos acerca de tais alimentos. Os dias do século são sempre maus, os de Deus, sempre bons. Abraão teve dias bons, mas no íntimo do coração. Teve maus dias quando por causa da fome mudou de região e procurava alimento. Deste modo, todos procuraram. Teve Paulo dias bons, quando dizia: "Fome e sede, frio e desnudamento" (2Cor 11,27)? Mas não se aborreçam os servos; o próprio Senhor não teve dias felizes neste mundo: ultrajes, injúrias, cruz e muitos males.

18 [14] Não murmure o cristão. Veja as pegadas que há de seguir. Mas, se quer ter dias felizes, ouça o Senhor a ensinar e chamar: "Vinde, filhos, ouvi-me. Eu vos ensinarei o temor do Senhor". Qual o teu desejo? Vida e dias felizes. Ouve, e pratica: "Preserva tua língua do mal". Age desta maneira. Não quero, diz o infeliz. Não quero preservar a minha língua do mal, mas quero a vida, e dias felizes. Se te dissesse teu operário: Vou estragar esta vinha, e exijo de ti o pagamento. Trouxeste-me à vinha para limpá-la e podá-la. Vou cortar todas as árvores úteis, arrancar os próprios troncos das videiras, para não teres o que colher. Depois disto, deves pagar o meu serviço. Não o chamarias de louco? Não o mandarias embora, antes que pusesse a mão à foice? Tais são os homens que querem praticar o mal, jurar falso, blasfemar contra Deus, murmurar, defraudar, embriagar-se, entrar em litígios, cometer adultério, usar amuletos, sortilégios, e no entanto, ter dias felizes. Seja-lhes dito: não podes, praticando o mal, querer boa paga. Se és injusto, também Deus o será? Que farei então? O que queres? Quero a vida, e dias felizes. "Preserva tua língua do mal e os teus lábios das palavras enganosas", isto é, nem fraude, nem mentira.

19 [15] Mas, o que quer dizer: "Aparta-te do mal?" Não basta não prejudicar, não matar, não roubar, não cometer adultério, não ser fraudulento, não levantar falso testemunho. "Aparta-te do mal". Tendo-te apartado, dizes: Estou seguro, cumpri tudo, terei a vida, e dias felizes. Não apenas: "Aparta-te do mal", mas ainda: "faze o bem". É pouco não despojar; veste o nu. Se não despojaste, tu te apartaste do mal; mas só farás o bem se

receberes o peregrino em tua casa. Aparta-te, pois do mal, para fazeres o bem. “Procura a paz e segue-a”. Não te disse: Terás a paz aqui na terra; procura-a e segue-a. Aonde hei de segui-la? Onde ela te precedeu. Pois, o Senhor é nossa paz. Ele ressuscitou e subiu ao céu. “Procura a paz e segue-a”, porque também para ti, ao ressuscitares o que é mortal se transformará, e abraçarás a paz. Ninguém lá te será molesto. Existe perfeita paz onde não há fome. Pois, aqui o pão te dá paz; abstém-te de pão e verás que guerra haverá em tuas vísceras. Como gemem aqui os próprios justos, irmãos! Ficareis cientes de que na terra buscamos a paz, mas só a conseguiremos no fim. Tenhamo-la, contudo, em parte aqui, para merecermos possuí-la totalmente ali. Por que: em parte? Sejamos concordes aqui, amemos o próximo como a nós mesmos. Ama o irmão como a ti mesmo, tem paz com ele. Mas não é possível que não existam algumas rixas, como houve entre irmãos, entre santos, entre Barnabé e Paulo. Todavia, que não matem a concórdia, não extingam a caridade. Pois, até contra ti mesmo, resistes por vezes, e no entanto não te odiaste a ti mesmo. Todo aquele que se arrepende de alguma coisa, disputa consigo mesmo. Pecou, arrependeu-se, irrita-se contra si mesmo por ter agido assim, cometido aquela falta. Disputa contra si mesmo, mas tal luta tende à concórdia. Vede como discute consigo mesmo certo justo, dizendo: “Por que estás triste, ó minha alma, e por que me perturbas? Espera no Senhor, porque ainda hei de confessá-lo” (Sl 42,5). Uma vez que diz a sua alma: “Porque me perturbas?” Certamente o perturbava. Talvez queria ele sofrer por Cristo, e sua alma se constritava. Ciente disso, dizia: “Por que estás triste, ó minha alma, e por que me perturbas”, não tendo ainda paz consigo; mas pelo espírito aderia a Cristo, para que sua alma o seguisse, e não o perturbasse. Portanto, procurai a paz, irmãos. Diz o Senhor: “Eu vos disse tais coisas para terdes paz em mim” (Jo 16,33). Não vos prometo a paz nesta terra. Nesta vida não há paz verdadeira, nem tranquilidade. Temos a promessa da alegria da imortalidade, e a companhia dos anjos. Mas se alguém não a procura aqui, não a terá quando ela vier.

20 [16] “Os olhos do Senhor estão inclinados para os justos”. Não temas. Trabalha. Os olhos do Senhor estão inclinados para ti. “E os ouvidos, atentos as suas preces”. O que queres mais? Se numa grande casa o pai de família não ouvisse a murmuração de um servo, ele se queixaria: Quanto sofremos aqui, e ninguém me ouve! Acaso podes dizer isto acerca de Deus: Quanto sofro, e ninguém me ouve? Se me ouvisse, dirás talvez me tiraria desta tribulação; clamo, e continuo atribulado. Fica firme apenas em seus caminhos, e te ouvirá em tuas aflições. Mas ele é médico, e ainda tens algo de putrefacto, não sei bem o quê. Gritas. Mas ele continua cortando. E não tira a mão enquanto não cortar quanto lhe parecer necessário. Seria cruel o médico que ouvisse o doente, e poupasse o ferimento e a podridão. Como as mães esfregam os filhos durante o banho, para o bem de sua saúde? Os pequeninos não gritam entre suas mãos? São elas cruéis porque não poupam, não atendem às lágrimas? Ou são cheias de amor? E no entanto as crianças gritam e não são poupadas. Assim também Deus é cheio de caridade; parece não ouvir; para curar e poupar eternamente.

21 [17] “Os olhos do Senhor estão inclinados para os justos e os ouvidos, atentos a suas

preces". Talvez digam os maus: Por conseguinte, posso com tranquilidade fazer o mal, porque os olhos do Senhor não estão inclinados para mim. Deus está atento aos justos, não me vê, e posso fazer tranquilo o que faço. O Espírito Santo, vendo os pensamentos dos homens logo acrescenta: "Os olhos do Senhor estão inclinados para os justos e os ouvidos, atentos as suas preces. Mas a face do Senhor volta-se contra os malfeitores, para apagar da terra a lembrança deles".

22 [18] "Os justos clamaram, e o Senhor os ouviu e os livrou de todas as suas aflições". Justos eram os três jovens; da fornalha clamaram pelo Senhor, e no meio de seus louvores, o fogo perdeu o calor. A chama não pôde aproximar-se e queimar os jovens inocentes e justos que louvavam o Senhor, que os livrou da chama. Dirá alguém: Estes, sim, são justos que foram ouvidos, segundo a palavra: "Os justos clamaram e o Senhor os ouviu e os livrou de todas as suas aflições". Eu clamei, e não me livrou. Ou não sou justo, ou não faço o que me ordena, ou talvez não me vê. Não temas. Apenas faze o que ele ordena. E se não te livrar corporalmente, livrará espiritualmente. Aquele que retirou da fornalha os três jovens, acaso tirou da chama os Macabeus (cf 2Mc 6,3)? Os primeiros não cantavam hinos no meio do fogo, enquanto os segundos expiravam no meio do fogo? O Deus dos três jovens não é o mesmo Deus dos Macabeus? A uns livrou, a outros não. Ou antes, livrou a ambos; mas livrou os três jovens, confundindo os homens carnais; aos Macabeus não livrou do mesmo modo, para punir depois os perseguidores com penas maiores, enquanto pensavam que oprimiam os mártires de Deus. Libertou a Pedro, quando um anjo foi para junto dele na prisão e lhe disse: "Levanta-te, e sai". E logo as cadeias se romperam, e ele seguiu o anjo que o libertava (cf At 12,7). Acaso Pedro perdera a justiça, quando não foi libertado da cruz? Então Deus não o libertou? Libertou também nesta ocasião. Teria vivido tanto para se tornar injusto? Talvez tenha sido melhor ouvido então do que anteriormente, porque verdadeiramente o livrou de todas as tribulações. Pois, foi libertado antes, mas quantos males sofreu depois! Da segunda vez, enviou-o para onde nada mais de mal poderia padecer.

23 [19.20] "O Senhor está perto dos corações contritos e salva os espíritos abatidos". Deus é altíssimo, seja humilde o cristão. Se quiser que o Deus altíssimo se avizinhe dele, seja humilde. Grandes mistérios, irmãos. Deus está acima de todas as coisas. Tu te elevas e não o tocas; humilhas-te e ele desce até onde estás. "Numerosas são as tribulações dos justos". Teria dito: Sejam justos os cristãos, ouçam minha palavra, para não sofrerem tribulação alguma? Ele não promete tal coisa, mas diz: "Numerosas são as tribulações dos justos". Até mais. Se são injustos, têm poucas tribulações; se são justos, passam por muitas. Mas depois de poucas aflições, ou nenhumas, os injustos sofrem tribulação eterna, da qual nunca se livrarão. Os justos, porém, depois de muitas aflições, chegam à paz eterna, onde jamais sofrerão mal algum. "Numerosas são as tribulações dos justos. De todas elas o Senhor os libertará".

24 [21] "Guarda todos os seus ossos, nenhum deles será quebrado". Também isto, irmãos,

entendamos carnalmente. Ossos são o arcabouço dos fiéis. Como em nossa carne os ossos dão firmeza, assim no coração cristão a fé dá a fortaleza. A paciência, portanto, proveniente da fé, são os ossos, no sentido interior. São ossos que não se quebram. "Guarda todos os seus ossos, nenhum deles será quebrado". Se fosse dito de nosso Senhor Jesus Cristo: O Senhor guarda todos os ossos de seu Filho, nenhum deles será quebrado. Conforme foi prefigurado em outra passagem, quando foi dito que se devia imolar o cordeiro, sem quebrar osso algum (Ex 12,46), isso foi realizado no Senhor, porque quando pendia da cruz, expirou antes que os soldados chegassem, e como encontraram-no já exânime, não quiseram quebrar-lhe as pernas, para se cumprirem as Escrituras. Mas ele o prometeu também aos cristãos. "Guarda todos os seus ossos, nenhum deles será quebrado". Se virmos, irmãos, alguém de vida santa sofrer tribulações, e talvez operado por um médico, ou maltratado por um perseguidor, de sorte que seus ossos sejam quebrados, não digamos: Este não é justo, porque o Senhor prometeu a seus justos: "O Senhor guarda todos os seus ossos, nenhum deles será quebrado". Queres ver que há uma referência aí a outra espécie de ossos, por nós denominada fundamento da fé, isto é, a paciência e tolerância em todas as tribulações? Estes são os ossos que não se quebram. Ouvi, e observai na própria paixão do Senhor o que digo. O Senhor estava crucificado no meio de dois ladrões: um insultou, o outro acreditou; um foi condenado, e o outro justificado; um sofreu castigo aqui e no futuro ainda suportaria, ao outro, porém disse o Senhor: "Em verdade, eu te digo, hoje estarás comigo no Paraíso" (Lc 23,43). No entanto, os soldados que vieram não quebraram os ossos do Senhor, e quebraram os dos ladrões. Foram quebrados os ossos do ladrão que blasfemou e do ladrão que acreditou. Como fica então o que foi dito: O Senhor "guarda todos os seus ossos, nenhum deles será quebrado"? Não podia guardar todos os ossos daquele ao qual disse: "Hoje estarás comigo no Paraíso"? O Senhor te responderá: Guardei de modo especial, pois o fundamento de sua fé não pôde ser quebrado por aqueles golpes que lhe quebraram as pernas.

25 [22] "A morte dos pecadores é medonha". Prestai atenção, irmãos, por causa daquilo que dizíamos. Na verdade o Senhor é grande, grande sua misericórdia; de fato, deu-nos seu corpo que tanto padeceu, e a beber seu sangue. Como considera os que pensam o mal e dizem: Aquele homem morreu mal, foi comido pelas feras; não era justo e por isso pereceu; se fosse justo não pereceria? Então é justo aquele que morre em sua casa e em seu leito? Mas é justamente isto, dizes, que admiro. Conheço seus pecados e seus crimes, e contudo, morreu bem, em sua casa, em seus domínios, sem os incômodos de estar no estrangeiro, nenhum incômodo mesmo em idade madura. Ouve… "A morte dos pecadores é medonha". Interiormente é péssima a morte que te parece boa. Vês exteriormente, deitado no leito; acaso vês interiormente, arrebatado para a geena? Ouvi, irmãos, e examinai o evangelho. A morte do pecador é péssima. Não havia dois homens neste mundo, um rico, vestido de linho e púrpura, que cada dia se banqueteava com requinte, e outro, pobre, que jazia à sua porta, coberto de úlceras, desejando saciar-se do que caía da mesa do rico, e até os cães vinham lamber-lhe as úlceras? Aconteceu que o pobre morreu (era justo aquele pobre), e foi levado pelos anjos ao seio de Abraão. Quem

viu seu corpo jazendo à porta do rico, sem ter quem o sepultasse, quanta coisa não diria? Que assim morra meu inimigo, meu perseguidor; assim eu o veja. Seu corpo é execrável, suas feridas nauseabundas; e no entanto, ele descansa no seio de Abraão. Devemos crê-lo, se somos cristãos. Não finja ser cristão quem não acredita, irmãos. A fé nos leva a isto. A realidade é como o Senhor a descreveu. Acaso é verdade o que diz o astrólogo, e mentira o que Cristo diz? Que espécie de morte teve aquele rico? Que morte, no meio de púrpura e linho fino, suntuosa, cheia de pompas? Como foram as exéquias? Com quantos aromas foi sepultado aquele cadáver? E todavia, estando entre os tormentos nos infernos, desejou que o pobre desprezado molhasse a ponta do dedo para lhe refrescar a língua, e não o conseguiu (cf Lc 16,19-25). Aprendei, portanto, o que significa: "A morte do pecador é medonha", e não interrogueis os leitos revestidos de preciosas alfaias, o corpo recoberto de ricas vestes, a pompa das lamentações, a família em prantos, a multidão que precede e acompanha o cadáver, os sepulcros de ouro e mármore. Pois, se interrogardes essas coisas, responderão mentiras, dirão que é ótima a morte dos que cometeram muitos e graves pecados e até crimes, pois assim são chorados, assim são arranjados, revestidos, carregados e sepultados. Mas interrrogai o evangelho, e mostrará à vossa fé a alma do rico ardendo, no meio de penas, sem que a vaidade dos vivos tenha podido ajudar em coisa alguma, com as honras e obséquios prestados ao corpo do morto.

26 [22.23] Mas como muitas são as espécies de pecadores, e é difícil não ser pecador, ou talvez impossível nesta vida, logo o salmista acrescentou quais os pecadores que têm péssima morte. "E os que odeiam o justo perecerão". Qual justo, senão aquele que justifica o ímpio? Qual justo, a não ser nosso Senhor Jesus Cristo, que é também a propiciação pelos nossos pecados? Aqueles que o odeiam têm morte péssima, porque morrerão em seus pecados e por ele não se reconciliam com nosso Deus. "O Senhor resgata a alma de seus servos". Conforme é a alma, a morte é péssima ou ótima; e não de acordo com as injúrias ou honras por que passam os corpos e que os homens veem. "Não serão punidos os que nele esperam". A justiça do homem se mede do seguinte modo: por mais que progrida a vida mortal, uma vez que não pode se passar sem pecado, ao menos não falhe a confiança depositadas naquele no qual se acha a remissão dos delitos. Amém.

SALMO 34

SERMÃO I

(Em Tagaste)

1 [1] Esteja ciente V. Caridade que meus irmãos e companheiros no episcopado impuseram-me a tarefa de comentar este salmo. Quiseram que todos nós ouvíssemos alguma coisa a respeito dele. Ouçamos, pois, todos daquele de quem todos igualmente aprendemos e em cuja escola todos somos condiscípulos. Não é preciso determo-nos no próprio título. É curto, e não é difícil de entender, principalmente para os que foram educados na Igreja de Deus. Intitula-se o salmo: “A Davi”. Davi siginifica: de mão forte, ou desejável. O salmo é dedicado, pois, aquele que têm mão forte e é desejável, que venceu a nossa morte, e nos prometeu a vida. Mão forte, porque venceu a nossa morte. Desejável, porque prometeu a vida eterna. O que há de mais forte do que esta mão que tocou o esquife e ressuscitou um morto? O que de mais forte do que esta mão, que venceu o mundo, sem estar armada de ferros, e sim estando pregado ao madeiro? O que há de mais desejável do que aquele que os mártires não viram, mas quiseram morrer para merecerem chegar até ele? A ele, portanto, cante o salmo; a ele cante nosso coração, a ele cante dignamente a nossa língua; se, contudo, ele se dignar dar-nos a possibilidade de cantá-lo. Ninguém pode cantar-lhe dignamente, se dele mesmo não receber os cânticos. Finalmente, o cântico que acabamos de cantar, foi composto por seu profeta, sob inspiração do Espírito. Nestas palavras nos reconhecemos a nós mesmos e também a ele. Não o injuriamos, se dizemos nós e ele, porque do céu ele clamou: “Por que me persegues?” (At 9,4)? E no entanto, ninguém o tocava, mas nós combatíamos na terra. Ouçamos, portanto, a sua voz, ora do corpo, ora da Cabeça. Este salmo invoca a Deus contra os inimigos, nas tribulações deste mundo. Efetivamente trata-se de Cristo, ora aflito na Cabeça, ora atribulado no corpo. Pela tribulação, contudo, ele dá a todos os seus membros a vida eterna, que se tornou desejável por meio de sua promessa.

2 [1.2] “Julga, Senhor, os que me atacam, combate os meus adversários”. Se Deus está por nós, quem está contra nós (cf Rm 8,21)? Como Deus nos concede isto? “Empunha as armas e o escudo; ergue-te e vem em meu socorro”. Grande espetáculo é este: ver Deus armado em teu favor. E qual é o seu escudo? Quais as armas? “Senhor”, disse em outro salmo quem fala aqui, “como um escudo, nos cercaste de benevolência” (Sl 5,13). Suas armas, porém, com as quais não só os provê, mas ainda fere os inimigos, se progredirmos no bem, seremos também nós. Como nós, para nos munirmos, recebemos dele, assim ele se arma conosco. Mas ele se arma com aqueles que ele fez; nós nos armamos com os dons de nosso criador. Em certa passagem diz o Apóstolo que nossas armas são o escudo da fé, o capacete da salvação, e o gládio do espírito, que é a palavra de Deus (cf Ef 6,16.17). Ele nos muniu de tais armas, cuja referência ouvistes; são

louváveis e invictas, insuperáveis e esplêndidas; espirituais e invisíveis, porque combatemos com inimigos invisíveis. Se vês teu inimigo, tens armas visíveis. Armamo-nos com a fé naquelas coisas que não vemos, e prostramos inimigos que não vemos. Todavia, caríssimos, não penseis que estas armas são feitas de tal modo que o escudo seja sempre escudo, ou o capacete continue sempre capacete, ou a couraça sempre seja couraça. Isto sucede às armas materiais, embora o ferro de que são feitas possa transformar-se: de uma espada se faz um machado. Ao invés, vemos que o mesmo Apóstolo num texto escreveu couraça da fé, e em outro, escudo da fé. A mesma fé, portanto, pode ser couraça e escudo; escudo, porque apara os dardos do inimigo e os repele; couraça porque impede que sejas traspassado. Estas são as nossas armas. Quais são as de Deus? Lemos em certa passagem: “Dos ímpios livra a minha alma, tua espada dos inimigos de tua mão” (Sl 21,21). Acima disse: Dos ímpios, e no versículo seguinte: “dos inimigos de tua mão”. Primeiro: “minha alma” e depois: “tua espada”, isto é, teu gládio. Chamou, portanto sua alma de espada de Deus. Disse: “Dos ímpios livra a minha alma”, isto é, “tua espada dos inimigos de tua mão”. Tomas a minha alma, e debelas meus inimigos. E o que é nossa alma, apesar de esplêndida, desembainhada, afiada, ungida, vibrante pela luz e brilho da sabedoria? O que é nossa alma, o que pode, se Deus não a segurar e lutar com ela? Pois, por melhor que seja a espada, se não houver um guerreiro, fica jogada. Havíamos dito que não devemos imaginar nossas armas como algo de fixo, de sorte que de uma não se possa transformar em outra coisa; assim também acontece entre as armas de Deus. Afirmei que a alma do justo é espada de Deus; ainda pode-se chamar a alma do justo de sede Deus; a alma do justo é sede da sabedoria (cf Sb 7). Portanto, o que Deus quer, ele faz de nossa alma. Como está em suas mãos, ele a usa como lhe apraz.

3 Erga-se, portanto (assim foi invocado), empunhe as armas, venha em nosso socorro. De onde surge, diz-se também em outra passagem: “Levanta-te; por que dormes, Senhor?” (Sl 43,23). Quando se diz que ele dorme, somos nós que dormimos; e quando se fala que ele se levanta, somos nós que acordamos. O Senhor dormia na nave. A nave flutuava, porque Jesus dormia. Pois, se Jesus ali estivesse desperto, a nave não flutuaria. Tua nave é teu coração. Jesus é a nave, é a fé no coração. Se te lembras de tua fé, teu coração não hesita; se te esqueces de tua fé, Cristo dorme; cuidado com o naufrágio. No entanto, faze o que resta. Se está dormindo, acorda-o. Dize-lhe: Senhor, salva-nos, estamos perecendo, para que ele conjure os ventos, e faça-se a bonança em teu coração (cf Mt 8,24). Afastam-se todas as tentações, ou certamente nada poderão, quando Cristo, isto é, a tua fé, estiver vigilante em teu coração. “Ergue-te”, por conseguinte, o que significa? Manifesta-te, aparece, evidencia-te. “Ergue-te”, portanto, “e vem em meu socorro”.

4 [3] “Desembainha a espada e fecha o caminho aos meus perseguidores”. Quais são os teus perseguidores? Acaso teu vizinho, ou aquele a quem causaste dano, ou injuriaste, ou que procura roubar-te o que é teu, ou contra quem pregas a verdade, ou cujo pecado censuras, ou a quem a tua vida honesta incomoda porque ele vive mal. Estes igualmente

são, de fato, nossos inimigos, e nos perseguem; mas recebemos o ensinamento para reconhecermos outros inimigos, contra os quais lutamos invisivelmente. A respeito deles nos admoesta o Apóstolo: “Pois o nosso combate não é contra o sangue nem contra a carne”, isto é, contra homens; não é contra inimigos visíveis, mas contra os invisíveis, “contra os Principados, contra as Postetades, contra os Dominadores deste mundo de trevas” (Ef 6,12). Ao dizer ele: “Dominadores do mundo” (referia-se efetivamente ao diabo e a seus anjos), é preciso ouvir com cautela. Não me entendam mal os homens e pensem que este mundo é governado pelo diabo e seus demônios. Mas como se dá o nome de mundo tanto ao universo visível, quanto aos pecadores, e aos que amam o mundo, a respeito dos quais se declarou: “O mundo não o conheceu” (Jo 1,10), e de novo: “O mundo inteiro está sob o poder do Maligno” (1Jo 5,19), o Apóstolo expôs de que mundo são esses dominadores: “deste mundo de trevas”. Dominadores deste mundo, digo, dominadores “destas trevas”. Novamente nos incita a entender o que chama de “trevas”. De quais trevas o diabo e seus anjos são dominadores? De todos os infiéis, de todos os iníquos, acerca dos quais foi afirmado: “E a luz brilha nas trevas, mas as trevas não a apreenderam” (Jo 1,5). Finalmente, o que assegura o Apóstolo acerca da multidão dos fiéis, provenientes do número dos que não acreditavam? “Outrora éreis treva, mas agora sois luz no Senhor” (Ef 5,8). Não queres ser súdito do diabo? Emigra para a luz. E como emigrarás para a luz, se o Senhor não desembainha a espada, e te livrar de teus inimigos e perseguidores? Como desembainha a espada (Já ouvimos qual o significado de espada. É a alma do justo). Superabundem os justos, e a espada será desembainhada, e o caminho será fechado aos inimigos. Relativamente à espada desembainhada, o Apóstolo nos adverte a vivermos na justiça, e diz em consequência: “Para que o adversário, nada tendo o que dizer contra nós, fique envergonhado” (Tt 2,8). Seu caminho foi fechado, porque ele não encontra o que falar contra os santos.

5 E onde estão os justos? Ou o que dizem os inimigos que nos perseguem? O que dizem aqueles inimigos invisíveis? Nada? Principalmente aqueles inimigos que atacam invisivelmente sugerem ao coração humano que Deus não é nosso auxílio; procurando ajuda noutra parte, tornamo-nos impotentes, e somos apanhados pelos mesmos inimigos. Isto, pois, é sugerido. Contra essas vozes especialmente temos de vigiar, conforme se demonstra em outro salmo: “Numerosos são os que se insurgem contra mim! São muitos a dizer a minha alma: Para ele não há salvação junto de Deus” (Sl 3,2.3). Contra essas palavras, o que se diz aqui? “Dize a minha alma: eu sou a tua salvação”. Ao dizeres a minha alma: “eu sou a tua salvação”, ela viverá na justiça; e não procurarei outro auxílio senão em ti.

6 [4] Como continua o salmista? “Cubram-se de vergonha e confusão os que buscam a minha alma”. Buscam-na para perdê-la. Oxalá procurem para seu bem! Em outro salmo, o salmista acusa os homens, porque não havia quem procurasse a sua alma: “Não tenho aonde fugir, e não há quem procure a minha alma” (Sl 141,5). Quem será que declara: “Não há quem procure a minha alma”? Será aquele, de quem foi predito com tanta antecedência: “Traspassaram-me as mãos e os pés. Contaram todos os meus ossos.

Estiveram a olhar-me e me examinaram. Dividiram entre si as minhas vestes e sobre a minha túnica lançaram sortes" (Sl 21,17-19)? Tudo isso já se realizava diante de seus olhos, e não havia quem procurasse a sua alma. Invoquemos, portanto, irmãos; diga à nossa alma: "Eu sou a tua salvação", e abra-lhe os ouvidos para ouvir: "Eu sou a tua salvação". O Senhor fala, mas alguns fazem-se de surdos, e ouvem de preferência, em sua tribulação, os inimigos perseguidores. Se falta alguma coisa, se a alma está angustiada, na indigência de bens temporais, não raro procura auxílio junto dos demônios, quer consultar os possessos, procura os agoureiros. Perseguindo-os, os inimigos invisíveis se aproximaram, entraram, tomaram de assalto, reduziram ao cativeiro, venceram, dizendo: "Para ele não há salvação junto de Deus". Ficou surda para a palavra: "Eu sou a tua salvação. Dize a minha alma: Eu sou a tua salvação, para que se cubram de vergonha e confusão os que buscam a minha alma", e aos quais dizes tu: "Eu sou a tua salvação". Quero ouvir ao Senhor que me diz: "Eu sou a tua salvação". Não hei de procurar outra salvação, fora do Senhor, meu Deus. É-me sugerida uma salvação proveniente da criatura; esta também vem dele. Se levanto os olhos para os montes, para ver donde me virá o auxílio (cf Sl 120,1.2), não há de provir dos montes, mas meu auxílio se origina do Senhor, que fez o céu e a terra. Até mesmo nas dificuldades temporais, Deus socorre por meio dos homens; ele mesmo é a tua salvação. Se é por um anjo que Deus socorre, ele mesmo é a tua salvação. Tudo lhe está sujeito, e ora daqui, ora dali, ele atende às necessidade da vida temporal; mas a vida eterna, só ele a dá, de si mesmo. Quando te achas no meio de privações, falta-te o que queres, mas está presente aquele a quem buscas. Procura aquele que nunca pode faltar. Sejam retiradas as coisas que ele havia dado; acaso se subtrai aquele que deu? Devolvam-se os bens que ele havia dado. Acaso são verdadeiras riquezas, ao lhe serem devolvidas, e não o será quem as tirara para nos provar, e nô-las devolve para consolar? Ele nos consola quando estes bens não nos faltam. Consola-nos como a viajores, se entendermos bem o que é este caminho. A vida inteira e tudo o que usares nesta vida devem ser para ti como uma hospedaria para um viajante, e não como uma casa para seu morador. Lembra-te de que percorreste uma parte do caminho e resta ainda um pouco. Paraste para refazer as forças, não para perdê-las.

7 Alguns há que dizem: Deus é bom, grande, sumo, invisível, eterno, incorruptível, e há de dar-nos a vida eterna, e aquela incorrupção que nos prometeu, na ressurreição; no entanto, estes bens mundanos e temporais pertencem aos demônios, e àquelas Postestades das trevas. Falando isto, quando envolvidos no amor a estes bens, abandonam a Deus, como se estas coisas não lhe pertencessem; e procuram por sacrifícios abomináveis, e não sei quais remédios, ou por determinada persuasão ilícita, prover-se de recursos temporais, como dinheiro, mulher, filhos e coisas semelhantes que consolam ao que passa pela vida humana, ou o impedem de andar. Contra esta opinião, está vigilante a providência divina. Demonstra que a Deus pertencem todas essas coisas, e que estão em seu poder não somente os bens eternos prometidos para o futuro, mas ainda os temporais que na terra ele dá a quem quer, e quando quer, oportunamente, sabendo a quem dar e a quem não dar, como o médico ministra o remédio conhecendo

melhor a doença do que o próprio doente. Deus, portanto, no intuito de mostrar tudo isto, distribuiu os tempos do Antigo e do Novo Testamento. No Antigo Testamento há promessas de bens temporais; no Novo, do reino dos céus. Em ambos, existem muitos preceitos de como adorar a Deus e de como viver honestamente. Mas, como as promessas parecem diferentes em um e outro, a ordem do legislador e a obediência do súdito são iguais, porém difere a recompensa. Efetivamente, no Antigo foi dito aos judeus que sua meta seria receber a terra da promissão, ali reinar, superar os inimigos, não ser por eles subjugados, ter fartura de tudo naquela terra, procriar filhos. Estas promessas são terrenas, mas figurativas. Imagine que eles as tomavam assim como foram proferidas; e na verdade, muitos as receberam literalmente. Pois, a terra foi dada aos filhos de Israel, foram-lhe concedidas riquezas, tiveram filhos até as mulheres estéreis e velhas, que os pediram a Deus, e só dele os esperaram, sem procurarem outro auxílio, mesmo relativamente a estes bens temporais. Ouviram em seus corações a palavra do Senhor: "Eu sou a tua salvação". Se ele o é relativamente aos bens eternos, por que não o seria para os temporais? Demonstrou-o Deus na causa de Jó aquele santo varão. O próprio diabo não tem o poder de tirá-los, se não o receber da potestade suprema. Pôde invejar o santo; acaso pôde causar dano? Pôde acusar; mas pôde condenar? Pôde talvez tirar-lhe algo, mesmo uma unha, ou arrancar um fio de cabelo, se Deus não lhe tivesse dito: "Estende a tua mão (Jó 1,11)? O que significa: "Estende a tua mão"? Dá o poder. Recebeu. O demônio tentou, Jó foi tentado. Tentado embora, venceu, e o tentador saiu vencido. Deus, pois, que permitira ao diabo que tirasse aqueles bens, não abandonara interiormente seu servo, e para superar o diabo fizera da alma de seu servo uma espada para si. Que importância tem isto? Falo do homem. Vencido no paraíso (Gn 3,6), vencedor no estrume. Lá vencido pelo diabo, por intermédio da mulher, aqui vence o diabo e a mulher. Disse: "Falas como uma insensata. Se recebemos de Deus os bens, não deveríamos receber também os males?" (Jó 2,10). Como ouvira bem a palavra: "eu sou a tua salvação!"

8 "Cubram-se de vergonha e confusão os que buscam a minha alma". Olha para os homens. O Senhor diz: "Orai por vossos inimigos" (cf Mt 5,44). Mas no salmo se trata de uma profecia. O dito, em forma optativa, explica-se como tendo sentido profético. Faça-se isto ou aquilo. Nada mais é do que declarar que isto e aquilo haverá de acontecer. Ouvi, por conseguinte, a profecia: "Cubram-se de vergonha e confusão os que buscam a minha alma". O que significa: "Cubram-se de vergonha e confusão"? Serão envergonhados e confundidos. Assim sucedeu. Muitos foram confundidos salutarmente, muitos envergonhados de terem perseguido a Cristo, passaram para a sociedade de seus membros, por dedicada piedade; e isto não se faria, se não tivessem sido confundidos e envergonhados. Foi, portanto, um bom desejo. Mas, como há duas espécies de vencidos, vencidos de duas maneiras: ou vencidos para se converterem a Cristo, ou vencidos para serem condenados, aqui vemos explicadas as duas espécies, embora de um modo obscuro, que exige bom entendedor. Dos que se convertem, entende-se a palavra: "Cubram-se de vergonha e confusão os que buscam a minha alma. Recuem". Não precedam, mas sigam; não deem conselho, mas recebam. Pois, Pedro quis preceder o

Senhor, quando ele predizia sua futura paixão; quis dar-lhe um conselho aparentemente salutar, o doente procurando aconselhar o salvador. Confirmando o Senhor a predição de sua futura paixão, o que lhe diz Pedro? "Longe de ti, Senhor, tem pena de ti mesmo. Isto jamais te acontecerá!" Qual foi a resposta? "Retrocede, Satanás!" (Mt 16,22.23). Precedendo, és Satanás; seguindo, serás discípulo. Igualmente a estes se diz: "Recuem cheios de rubor os que tramam o mal contra mim". Quando começarem a ir para trás e seguir, já não planejarão o mal, mas desejarão o bem.

9 [5.6] E os outros? Porquanto nem todos são vencidos e se convertem e creem. Muitos permanecem pertinazes, muitos mantêm no coração o anelo da precedência; e se não semearam, no entanto concebem, e se encontrarem uma oportunidade, dão à luz. A respeito destes, como continua o salmo? "Sejam como o pó levado pelo vento. Bem diversa será a sorte dos ímpios, poeira que o vento carrega da superfície da terra" (Sl 1,4). O vento é a tentação, a poeira é o iníquo. Quando vier a tentação, a poeira é carregada; não permanece, não resiste. "Sejam como o pó levado pelo vento, quando o anjo do Senhor vier afugentá-los. Seja tenebroso e escorregadio o seu caminho". Caminho horrível! Quem não tem horror já apenas das trevas? Quem não se acautela de um chão escorregadio? Por onde caminharás nas trevas, num caminho escorregadio? Onde firmarás os pés? São estes dois males os maiores castigos dos homens: trevas, ignorância; terreno escorregadio, luxúria. "Seja tenebroso e escorregadio o seu caminho, quando o anjo do Senhor vier afugentá-los", a fim de não ficarem de pé. Se alguém estiver nas trevas e em lugar escorregadio, vendo que se mover um pé resvala, por falta de iluminação diante de si, talvez espere até a aurora; mas o anjo do Senhor está ali para afugentá-los. O salmista lhes prediz esses acontecimentos futuros; não desejou que sucedessem. Embora o profeta os tenha predito, sob inspiração do espírito de Deus, como Deus os realiza, por juízo determinado, bom, justo, santo, tranquilo, sem ira, nem zelo amargo, nem inimizade, mas por justiça a punir os vícios, todavia é profecia.

10 [7] De onde provêm todos estes males? Qual o motivo? Ouve qual a razão: "Por que sem motivo armaram-me um laço traiçoeiro para perder-me". Voltai a atenção para nossa Cabeça. Assim agiram os judeus; armaram-lhe um laço traiçoeiro para perdê-lo. Para quem armaram o laço traiçoeiro? Para aquele que via os corações dos que o escondiam. Estava no meio deles, assemelhando-se a um ignorante que se enganasse, enquanto eram eles que se enganavam julgando-o iludido.Vivia no meio deles como se estivesse enganado, porque nós haveríamos de viver entre eles, e sem dúvida seríamos enganados. Ele via o traidor e escolheu-o para uma obra necessária. Realizou um grande bem por meio de sua maldade. E no entanto, foi escolhido um dos doze, a fim de que nem no meio daquele número tão pequeno de discípulos faltasse um malvado. Servisse-nos de exemplo para exercermos a paciência, porque era forçoso que vivêssemos no meio de maus. Era necessário que tolerássemos os maus, estando cientes ou não. Apresentou-te um exemplo de paciência para não desanimares, ao começares a viver no meio dos maus. Como aquela escola de Cristo, constituída só de doze não desfaleceu, quanto mais nós devemos ficar firmes, quando acontece na grande Igreja o que foi predito sobre a

mistura de bons e maus? Esta escola ainda não via a realização da promessa feita à descendência de Abraão, nem a eira donde haveria de sair a massa destinada a encher o celeiro. Por que, então, não há de tolerar dignamente a palha, enquanto é triturada, até que ela fique limpa na última ventilação? Ouvistes o que há de acontecer no futuro aos maus.

11 7.8 E então, o que fazer? "Sem motivo armaram-me um laço traiçoeiro para perder-me". O que quer dizer: "Sem motivo"? Nenhum mal lhes fiz, em nada prejudiquei. "Sem razão ultrajaram a minha alma". Qual o sentido de: "sem razão"? Proferindo mentiras, sem provas. "Caia sobre eles um laço que ignoram". Magnífica paga, nada de mais justo. Eles esconderam um laço, sem que eu o soubesse; caia sobre eles o laço que desconhecem. Conheço o laço que cairá sobre eles. Qual o laço que lhes sobrevirá? O que eles ignoram. Ouçamos se fala de outro? "Caia sobre eles um laço que ignoram". Teriam escondido um, e outro lhes sobrevio? Não. Como, então? Cada qual é amarrado com as cordas de seus pecados (cf Pr 5,22). São enganados com aquilo mesmo que empregaram para enganar. Sofrerão dano naquilo mesmo com que se empenharam em prejudicar a outrem. Continua o salmo: "E a armadilha que esconderam os apanhe". Seria como alguém que preparasse um cálice de veneno para outro, e esquecido disso, o bebesse. Ou como se alguém cavasse uma fossa para o inimigo nela cair à noite, e esquecido do que cavara, andando por aquele caminho, fosse o primeiro a nela cair. Não há dúvida, meus irmãos. Crede, ficai cientes; vede e observai, se há em vós prudência em alto grau: Não há malvado que primeiro não se prejudique a si mesmo. Sabei que a malícia é como o fogo. Queres queimar alguma coisa. O que jogas lá, arde primeiro, porque se não arder, não acende. Se é um facho, leva-o para incendiar alguma coisa. O próprio facho que chegas ao fogo, não arde primeiro para poder incendiar alguma coisa? A malícia, portanto, que parte de ti, a quem devasta primeiro senão a ti mesmo? Onde penetra prejudica o ramo, e onde tem a raiz, não prejudicará? Afirmo que tua malícia pode não prejudicar a outrem; mas é impossível que não prejudique a ti mesmo. Pois, que dano sofreu o santo varão Jó, de quem acima falamos? Conforme se diz em outro salmo: "Agiste dolosamente como navalha afiada" (Sl 51,4). Para que serve uma navalha afiada? Para raspar os cabelos, que são supérfluos. O que fazes àquele a quem queres causar dano? Se perversamente consentir no mal que lhe propões, aquele a quem procuras prejudicar será atingido não por tua malícia, mas pela sua própria; se, porém, ele não tiver malícia, e com o coração puro se submeter àquele que disse: "Eu sou a tua salvação", atacas externamente, mas não vences o homem interior; tua malícia, contudo, procede de teu íntimo, e antes te aniquila. Estás pútrido interiormente e de lá saiu este verme, que nada deixou inteiro lá dentro. "A armadilha que esconderam os apanhe. Caiam em sua própria rede". Não é como supunhas talvez, um pouco antes, ao ouvires: "Caia sobre eles um laço que ignoram", isto é, como se fosse coisa diferente, oculta, inevitável. Qual laço, então? A própria maldade, que esconderam, contra mim. Não sucedeu assim aos judeus? O Senhor venceu a iniquidade deles; foi esta que os venceu. O Senhor ressuscitou por nós, e eles morreram por si mesmos.

12 [9] Assim sucede aos malvados que querem me prejudicar; e a mim, o que advém? “Minha alma, porém, exultará no Senhor”, que lhe dissera: “Eu sou a tua salvação”, como a alguém que não procura fora outras riquezas, não procura afluência de prazeres e bens terrenos, como quem ama gratuitamente o verdadeiro cônjuge, sem querer receber do outro coisas deleitosas, mas propõe-se deleitar somente nele. O que me será dado de melhor do que o próprio Deus? Deus me ama; Deus te ama. Eis que ele propôs, pede o que queres (cf Mt 7,7). Se o imperador te dissesse: Pede o que queres, por quantos tribunados e condados não anelarias! quantos bens não te proporias receber e dar! Ao te dizer Deus: Pede o que queres, o que hás de pedir? Aguça a mente, põe à mostra a tua avareza, estende e alarga tua ambição, quanto possível. Não foi um qualquer, e sim, o Deus onipotente que disse: Pede o que queres. Se és amante de propriedades, hás de desejar a terra inteira, de sorte que todos os que nasceram sejam teus colonos ou teus escravos. E o que farás quando possuíres toda a terra? Hás de pedir o mar, no qual, no entanto, não podes viver. Nesta avareza os peixes te superam. Mas talvez possuirás as ilhas. Vá avante ainda, pede também o ar, apesar de não poderes voar; amplia a tua ambição até o céu, e declara teus o sol, a lua, as estrelas, porque o criador de tudo te disse: Pede o que quiseres. No entanto nada encontrarás de mais caro, nada acharás de melhor do que o Criador de todas as coisas. Pede aquele que fez, e nele e por meio dele terás tudo o que ele fez. Todas as coisas são caras, porque todas são belas; mas o que há de mais belo do que ele? Todas são fortes; mas o que há de mais forte do que ele? E nada ele quer dar com tanto empenho como a si mesmo. Se encontrares algo de melhor, pede. Se pedires outra coisa, infligir-te-ás injúrias e dano a ti mesmo, antepondo-lhe criatura, enquanto o Criador quer dar-se a si mesmo. Amando-o, disse uma alma: E agora, esta é a “minha parte, Senhor” (Sl 118,57), isto é, tu és a minha porção. Escolham os outros o que querem possuir, façam das coisas a sua porção; minha parte és tu, escolhi-te para mim. E ainda: “O Senhor é a porção de minha herança” (Sl 15,5). Ele te possua, para que tu possuas; serás a sua herdade, a sua casa. Possuirá para teu bem, serás possuído para tua utilidade. Por acaso, podes ser-lhe útil em algum ponto? Não; pois “disse o Senhor: És o meu Deus. Não precisas de meus bens” (Sl 15,2). “Minha alma, porém, exultará no Senhor e terá suas delícias na salvação que dele vem”. Cristo é a salvação que vem de Deus. “Porque meus olhos viram a tua salvação” (Lc 2,30).

13 [10] “Todos os meus ossos dirão: Senhor, quem a ti se assemelha?” Quem pode proferir algo à altura destas palavras? Penso que basta serem pronunciadas, sem mais explicação. Por que procuras isto ou aquilo? O que há de semelhante a teu Senhor? Ele está diante de ti. “Todos os meus ossos dirão: Senhor, quem a ti se assemelha?” Os injustos me falaram de prazeres, mas nada como a tua lei, Senhor (cf Sl 118,85). Houve perseguidores que disseram: Adora a Saturno, adora a Mercúrio. E obtiveram a resposta: Não adoro a ídolos. “Senhor, quem a ti se assemelha?” Eles têm olhos e não veem; ouvidos e não ouvem (Sl 113,5.6). “Senhor, quem a ti se assemelha?” que fizeste o olho para ver, o ouvido para ouvir? Mas não adoro ídolos, feitos pelo marceneiro. Adora a árvore, o monte; foi o marceneiro quem os fez? Também aqui respondo: “Senhor, quem

a ti se assemelha?" Mostram-se-me bens terrenos, mas tu és o Criador da terra. Daí talvez voltem-se os homens para as criaturas superiores, e me digam: Adora a lua, adora a este sol que, com sua luz, como uma grande lâmpada, do céu produz o dia. Também neste caso digo simplesmente: "Senhor, quem a ti se assemelha?" Fizeste a lua e as estrelas, iluminaste o sol para o dia, ornaste o céu. Há muitos seres invisíveis, melhores ainda. Mas talvez também aqui se me diga: Venera os anjos, adora-os. E responderei: "Senhor, quem a ti se assemelha?" Criaste também os anjos. Nada seriam os anjos, se não te vissem. É melhor possuir-te na companhia deles do que cair, fora de ti, adorando-os.

14 "Todos os meus ossos dirão: Senhor, quem a ti se assemelha?" Ó corpo de Cristo, santa Igreja, digam todos os teus ossos: "Senhor, quem a ti se assemelha?" Dos justos foi dito: O Senhor "guarda todos os seus ossos, nenhum deles será quebrado" (Sl 33,21). Quantos ossos dos justos foram quebrados nas perseguições! Enfim, o justo vive da fé, e Cristo justifica o ímpio. Como, porém, justifica, a não ser que creia e confesse? Porque "quem crê de coração obtém a justiça, e quem confessa com a boca, a salvação" (Rm 1,17;4,5;10,10). Por isso, aquele ladrão, apesar de ter sido levado do roubo ao juiz, do juiz à cruz, foi contudo, na própria cruz, justificado; acreditou de coração, e se confessou com a boca. O Senhor não teria dito a um injusto, ainda não justificado: "Hoje estarás comigo no paraíso" (Lc 23,43). Todavia, seus ossos foram quebrados. Pois, quando os soldados foram tirar os corpos, por causa da iminência do sábado, encontram o Senhor já exânime, e não lhe quebraram os ossos (cf Jo 19,33). Quebraram, porém, as pernas dos que viviam, para serem depostos da cruz; mortos de dor, podiam ser sepultados. Por acaso, foram quebrados os ossos do ladrão que perseverou na impiedade na cruz, e não também os daquele que acreditou de coração para obter a justiça, e confessou com a boca, para alcançar a salvação? Onde ficou a realização da palavra: "O Senhor guarda todos os teus ossos, nenhum deles será quebrado" (Sl 33,21), a não ser que se denominem ossos, no corpo do Senhor, todos os justos, firmes de coração, fortes, que não cedem diante de perseguição alguma, nem tentação, para consentir no mal. E como poderiam não ceder diante de tentação alguma? Senão quando os perseguidores disserem: Eis aí aquele deus, vê como é; venha e te ajude. Olha que há em tal monte um grande sacerdote. Talvez sejas pobre, porque aquele deus não te auxilia; pede-lhe e te ajudará. Estás doente, provavelmente porque não lhe suplicas; suplica e hás de sarar. É possível ser este motivo de não teres filhos; pede-lhe e terás. Quem foi um dos ossos do corpo do Senhor há de repetir tais palavras, dizendo: "Senhor, quem a ti se assemelha?" Se quiseres, dá mesmo nesta vida o que desejo; se não quiseres, sê a minha vida, que sempre busco. Como poderei sair da terra de fronte erguida, se adorar a outro deus e te ofender? Talvez morra amanhã; com que coragem irei te ver? Em sua grande misericórdia, o Senhor nos admoestou a vivermos bem, e não revelou o dia de nossa morte, para não confiarmos no futuro incerto. Hoje estou vivo e faço tal coisa; deixarei de fazer, amanhã. E se não tiveres o amanhã? Dize, pois, colocado entre os ossos de Cristo: "Senhor, quem a ti se assemelha? Todos os meus ossos dirão: Senhor, quem a ti se assemelha?"

15 “Arrancas o necessitado das mãos dos prepotentes, e o indigente e o pobre dos espoliadores”. O salmo foi lido hoje até aqui; até aqui devemos explicá-lo, para que nossas palavras não causem fastio, se quisermos falar mais. Por hoje, portanto, é bastante. “Arrancas o necessitado das mãos dos prepotentes”. Quem arranca, a não ser aquele que tem mão forte? Aquele Davi arranca o necessitado das mãos dos prepotentes. Mais forte fora o diabo para prender-te, porque venceu devido a teu consentimento. Mas, o que fez o de mão forte? Ninguém entra na casa de um forte e rouba seus pertences, se primeiro não o amarrar (cf Mt 12,29). O Senhor, por seu magnífico e sagrado poder, amarrou o diabo, desembainhando a espada para fechar-lhe o caminho, e libertar o pobre e o indigente, carente de auxílio (cf Sl 71,12). Qual o teu auxílio, senão o Senhor, a quem dizes: “Senhor, meu auxílio e meu redentor” (Sl 18,15)? Se quiseres presumir de tuas forças, cairás da altura aonde te levou a tua presunção. Se contas com as forças de outrem, ele procurará dominar, não ajudar. O único a ser procurado é aquele que redimiu, libertou, e deu seu sangue para comprar os escravos, que transformou em irmãos seus.

SERMÃO II

1 Demos nossa atenção ao restante do salmo, suplicando a nosso Deus e Senhor nos conceda são entendimento e o fruto de boas ações. Creio que V. Caridade se recorda até que ponto explicamos, no dia de ontem. Iniciamos hoje do mesmo versículo. Reconhecemos aqui a voz de Cristo; voz da Cabeça e do corpo de Cristo. Ao ouvires referência a Cristo, não separes o esposo da esposa, e subentende aquele grande sacramento: “Serão dois em uma só carne” (Ef 5,31). Se são dois numa só carne, por que não em uma só voz? A Cabeça não passou por provações que o corpo também não suporte; ou até, a Cabeça padeceu para servir de exemplo ao corpo. Pois, o Senhor sofreu voluntariamente, e nós, coagidos; sofreu por comiseração e nós, por nossa condição mortal. Daí vem que sua paixão voluntária é a consolação de que necessitamos. Quando talvez sofremos tais coisas, olhemos para nossa Cabeça, a fim de que advertidos por seu exemplo, digamos a nós mesmos: Se para ele foi assim, por que não para nós? Como foi para ele, também é para nós. Por mais que o inimigo se enfureceu, pôde ir só até a morte corporal; nem mesmo pôde aniquilar o corpo do Senhor, porque ele ressuscitou ao terceiro dia. No fim do mundo realizar-se-á em nós o que nele se fez ao terceiro dia. É diferida a esperança de nossa ressurreição; acaso é abolida? Reconheçamos aqui, portanto, caríssimos, as palavras de Cristo, e separemo-las das palavras dos ímpios. São vozes do corpo que padece neste mundo perseguição, angústias, tentações. Uma vez, porém, que muitos aqui sofrem, também pelos seus pecados e crimes, com grande vigilância faz-se mister distinguir a causa do sofrimento, e não a pena em si. Um criminoso pode sofrer castigo semelhante ao do mártir, mas por motivo diferente. Pregados na cruz estavam três homens (cf Lc 23,33): um Salvador, o segundo a salvar, o terceiro a ser condenado; a pena era igual para todos, mas a causa ímpar.

2 11.12 Profira, portanto, nossa Cabeça: “Surgiram testemunhas iníquas, interrogando-me sobre o que não sei”. Digamos nós à nossa Cabeça: Senhor, o que é que ignoravas? Podias ignorar alguma coisa? Não conhecias até o coração dos que perguntavam? Não viste de antemão suas fraudes? Não te entregaste bem ciente em suas mãos? Não havias vindo para sofrer? O que, então, não sabias? Ele ignorava o pecado; não conhecia o pecado, porque não o cometia e não porque não o julgasse. É uma maneira de falar de todos os dias. Por exemplo: Não sabe parar, isto é, não pára. E: Não sabe prestar um benefício, porque não o presta. Não sabe prejudicar, porque não prejudica. Alheio à obra, alheio à consciência; alheio à consciência, parece também alheio ao conhecimento. Em geral se diz que Deus não sabe, como a arte não conhece erro; pela arte, contudo, se julgam os objetos conhecidos. Ao interrogarmos a este respeito nossa Cabeça, segundo a verdade de seu evangelho nos há de responder, quando dissermos: Senhor, o que ignoravas? De que falta de conhecimento pudeste ser interrogado? Responderá: Ignorava os pecados, era interrogado acerca de iniquidades. Se não crêdes que eu ignorava as iniquidades, está no evangelho, porque ignoro os próprios iníquos, aos quais direi no fim do mundo: “Nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade” (Mt 7,23). Então não conhecia aqueles que ele condenava? Ou poderia condenar com justiça, sem conhecer bem a causa? Todavia, bom conhecedor, não mentiu, dizendo: “Nunca vos conheci”, isto é, não vos incorporastes a mim, não aderistes às minhas regras; sois vícios, enquanto eu sou a própria arte que não tem defeito, e com a qual todos podem aprender a não cometer erros. “Surgiram testemunhas iníquas, interrogando-me sobre coisas que não sei”. O que mais ignorava Cristo do que blasfemar? Sobre isto era interrogado pelos perseguidores, e como dizia a verdade, julgaram que ele havia blasfemado (Mt 26,65). Por quem? Por aqueles dos quais se diz a seguir: “Retribuíam-me o bem com o mal. Desolação para a minha alma!” Eu trouxe a fecundidade, e eles retribuíam com a desolação. Trouxe a vida, e eles, a morte; as honras, e eles as injúrias; trouxe a medicina, e eles as feridas. Só retribuíam com desolação. O Senhor maldisse a esterilidade da árvore, onde não encontrou o fruto que procurava (cf Mt 21,19). Havia folhas, mas não frutos; palavras, não ações. Vê a multiplicidade de palavras, e a esterelidade em obras: Pregas que não se deve furtar, e furtas; que não se cometa adultério e o cometes (cf Rm 2,21.22). Tais eram os que interrogavam a Cristo sobre o que ele ignorava.

3 13 “Eu, porém, quando molestado, vestia-me de cilício. Extenuava com o jejum a minha alma; revolvia minha prece no meu peito”. Aprendemos, irmãos, porque pertencemos ao corpo de Cristo, somos membros de Cristo (1Cor 12,27). Somos advertidos de que em todas as nossas tribulações, não devemos cogitar como responder aos inimigos, e sim como tornarmos a Deus propício, pela oração, e principlamente, como não sermos vencidos pela tentação; em seguida, que também aqueles que nos perseguem se convertam, voltando ao estado saudável da justiça. Não há maior, nem melhor modo de agir durante a tribulação do que afastar-se do ruído exterior, e abrigar-se no íntimo do espírito (cf Mt 6,6); ali invocar a Deus, onde ninguém vê quem geme e quem socorre; fechar a porta do recinto para preservar-se de todo o incômodo vindo de

fora, humilhar-se na confissão do pecado, exaltar e louvar a Deus que corrige e consola; é atitude que convém de todo modo manter. Efetivamente, isto se refere ao corpo, isto é, a nós; mas o que encontramos de semelhante em nosso Senhor Jesus Cristo? Olhando e examinando com todo cuidado o evangelho, não descobrimos que, em paixão ou tribulação alguma, o Senhor se tenha revestido de cilício. Lemos, é verdade, que ele jejuou, depois do batismo; nunca lemos, porém, ou ouvimos referência a um cilício. Jejuou quando os judeus ainda não o perseguiam, mas o diabo o tentava (cf Mt 4,1). Não digo que o Senhor jejuou quando o interrogavam sobre o que ele ignorava, e quando lhe retribuíam o bem com o mal, acossando, perseguindo, prendendo, flagelando, ferindo, matando; contudo, irmãos, em todas essas ocasiões, se com piedosa curiosidade levantarmos um pouco o véu, e examinarmos com o olhar do coração atento o cerne desta Escritura, veremos que o Senhor também o fez aqui. É provável que denomine cilício a sua carne mortal. Por que cilício? Por causa da semelhança da carne de pecado. Diz o Apóstolo: "Deus, enviando o seu próprio Filho numa carne semelhante à do pecado e em vista do pecado, condenou o pecado na carne" (Rm 8,3), isto é, seu Filho vestiu-se de cilício, para condenar com o cilício os cabritos. Não me refiro a que não existia pecado no Verbo de Deus, nem mesmo na alma santa e na mente humana, que o Verbo de Deus, sua Sabedoria, unira a si na unidade da pessoa; mas nem no próprio corpo havia pecado algum. O Senhor tinha apenas a semelhança da carne pecadora, porque a morte provém do pecado (cf Rm 5,12), e na verdade aquele corpo era mortal. Pois, se não fosse mortal, não morreria; se não morresse, não ressurgiria; se não ressurgisse, não nos mostraria um exemplo de vida eterna. A morte denominou-se, portanto, pecado, como se fala de língua grega, língua latina, não designando o órgão corporal, mas o que se faz através do órgão carnal. Pois, a língua é um de nossos membros, entre os demais, como os olhos, o nariz, os ouvidos, etc.; a língua grega, porém, é constituída de palavras gregas; não quer dizer que as palavras são uma língua, mas que as palavras são proferidas com a língua. Dizes a respeito de alguém: conheço a sua face, falando do membro do corpo. Dizes igualmente: Reconheço a mão deste ausente; não a mão do corpo, mas a escrita feita pela mão, que é do corpo. Assim, portanto, o Senhor se fez pecado, porque foi feito no meio do pecado pois assumiu a carne da mesma massa que merecera a morte, por causa do pecado. Resumindo: Maria, filha de Adão, morreu por causa do pecado, Adão morreu por causa do pecado, e a carne do Senhor, provinda de Maria, morreu para apagar os pecados. Deste cilício se revestiu o Senhor. Não foi reconhecido, porque se escondia sob o cilício. "Eu, porém, disse ele, quando molestado, vestia-me de cilício", isto é, eles se encarniçavam, eu me escondia. Se ele não quisesse se esconder, não poderia morrer; efetivamente, mostrou por um instante uma gota de seu poder (se podemos chamar de gota), quando quiseram prendê-lo; ele apenas interrogou: Quem procurais? E retrocederam e caíram os soldados (cf Jo 18,4.6). Não teria diminuído tamanho poder em sua paixão, se não se tivesse escondido sob o cilício.

4 "Eu, porém, vestia-me de cilício, extenuava com o jejum a minha alma". Ainda, se entendemos o que é cilício, o que será o jejum? Cristo queria comer quando procurava

fruto da figueira, e teria comido se encontrasse (cf Mc 11,13)? Queria Cristo beber, quando disse à mulher samaritana: “Dá-me de beber” (Jo 4,7)? Ao dizer na cruz: “Tenho sede” (Jo 19,28)? De que tinha Cristo fome, de que tinha sede, senão de nossas boas obras? Quanto àqueles que o crucificavam e perseguiam, uma vez que neles não encontrara boa obra alguma, ele jejuava. Desolação para sua alma! Pois, qual não foi seu jejum, visto que mal encontrou um só ladrão para provar, na cruz? Os apóstolos haviam fugido e se escondido no meio da multidão. E aquele Pedro, que prometera seguir o Senhor até a morte, já negara três vezes, já chorara, escondia-se no meio da turba, e ainda temia ser reconhecido. Finalmente, vendo-o morto, todos haviam perdido a esperança de salvação. Encontrou-os sem esperança, depois da ressurreição, e falou-lhes, encontrando-os pesarosos e chorosos, sem nada mais esperar. Pois, nestas condições estavam alguns que falaram com ele, quando este lhes perguntou: “Que palavras são essas que trocais?” Falavam a respeito dele. Responderam: “Tu és o único forasteiro em Jerusalém que ignora o que nossos sacerdotes e príncipes fizeram a Jesus, o Nazareno, que foi poderoso em obras e em palavras, como o crucificaram e mataram? Nós esperávamos que fosse ele quem iria redimir a Israel” (Lc 24,18-21). O Senhor teria permanecido em grande jejum, se não reconfortasse aqueles que iria ingerir. Pois, ele os refez, consolou, confirmou, e converteu-os em seu corpo. Foi, portanto, também este o jejum de nosso Senhor.

5 “E vertia a minha prece em meu regaço”. Neste versículo existe, efetivamente, uma grande cavidade, e conceda-nos o Senhor que se não nos torne impenetrável. O regaço representa certo segredo. Foi-nos recomendado, irmãos, de fato, que vertêssemos nossa oração em nosso regaço, onde Deus vê, onde Deus ouve, onde nenhum olho humano penetra, onde nada percebe senão aquele que nos socorre. Ali orou Susana. Sua voz era imperceptível para os homens; contudo, foi ouvida de Deus (cf Dn 13,35.44). Isto nos é aconselhado, com razão; mas temos de entender em nosso Senhor algo a mais, porque também ele orou. Não descobrimos no evangelho um cilício, segundo a letra; nem um jejum, no tempo da paixão, literalmente; por este motivo expusemos a questão alegoricamente e em parábola, conforme nos foi possível. Além disso, ouvimos sua oração na cruz: “Meu Deus, meu Deus, por que me desamparaste?” (Sl 21,2). Mas também nós estávamos ali. Pois, quando o Pai o abandonou, se ele nunca se afastou do Pai? Lemos também que Jesus orou sozinho no monte, que pernoitou em oração (cf Mt 14,23; Lc 6,12); mesmo no tempo da paixão. Portanto, “vertia a minha prece no meu regaço”. Ignoro o que de melhor posso desenvolver acerca do Senhor; agora é isto que me ocorre. Talvez posteriormente uma explicação melhor pode ocorrer-me a mim ou a um outro mais capaz. “Vertia a minha prece em meu regaço”, entendo: ele quer dizer que tinha o Pai em seu regaço. “Pois era Deus que em Cristo reconciliava o mundo consigo” (2Cor 5,19). Tinha em si mesmo aquele a quem havia de suplicar; não estava longe, porque ele próprio dissera: “Estou no Pai e o Pai está em mim” (Jo 14,10). Mas como a oração compete mais ao homem, enquanto Verbo não suplica, mas é ele que atende a oração. Não procura socorro, mas com o Pai ajuda a todos. Qual, senão, o sentido do versículo: “Vertia a minha prece no meu regaço”, senão que em mim a humanidade

interpela a divindade?

6 [14] “Comprazia-me como se tratasse de um amigo e irmão; humilhava-me em pranto e tristeza”. Olha para seu corpo. Vejamo-nos aqui. Quando nos alegramos na oração, quando nossa mente se pacifica, não devido à prosperidade deste mundo, mas por causa da luz da verdade, quem percebe tal luz, sabe o que digo, vê, reconhece ser conforme foi dito: “Comprazia-me como se tratasse de um amigo e irmão”. Então a alma agrada a Deus, estando junto dele. “É nele, com efeito, que temos o movimento e o ser” (At 17,28), como se tratasse de um irmão, parente, amigo. Se, porém, não é um daqueles que possa alegrar-se, iluminar-se, aproximar-se, aderir, e vê-se longe dali, faça conforme o versículo seguinte: “Humilhava-me em pranto e tristeza”. Estando próximo, disse: “Como se tratasse de um irmão, assim se comprazia”, estando distante e longe, disse: “Humilhava-me em pranto e tristeza”. Quem chora, senão quem deseja e não tem? E por vezes em um só homem acontece as duas coisas, uma vez aproxima-se e outra afasta-se. Aproxima-se pela luz da verdade, vai para longe pela névoa da carne. Não é, irmãos, localmente que nos aproximamos de Deus, que está em toda parte e não é circunscrito por lugar algum. Nem localmente dele nos afastamos. Aproximar-se dele é tornar-se-lhe semelhante; afastar-se é fazer-se dessemelhante. Ao veres duas coisas quase iguais, não dizes: Aproximar-se daquela? E quando te são mostradas coisas diferentes, embora estejam num só lugar, e às vezes sustentadas na mesma mão, dizes: Uma está muito longe de parecer-se com a outra, não localmente, mas devido à desigualdade? Se, portanto, queres te aproximar, sê semelhante; se não queres assemelhar-te, tu te afastas. Se és semelhante, alegra-te; se dessemelhante, geme, para que o gemido excite o desejo, ou antes o desejo suscite o gemido, e por este te aproximes, quando começavas a te afastar. Pedro não se acercou do Senhor, ao dizer: “Tu és o Messias, o Filho do Deus vivo” (Mt 16,16)? Depois, ele mesmo se distanciou ao dizer: “Longe de ti, Senhor! Isto jamais te acontecerá” (Mt 16,22)! Finalmente, o que disse o Senhor que estava perto daquele que se acercava? “Bem-aventurado és tu, Simão, filho de Jonas”. Quando estava longe e diferente, disse: “Para trás, Satanás”. Ao aproximar-se: “Não foi carne ou sangue que te revelaram isto, e sim o meu Pai que está nos céus”; ele te cercou com sua luz, e brilhas por ela. Quando, de longe, opôs-se à futura paixão do Senhor, em prol de nossa salvação, replicou-lhe o mesmo Senhor: “Não pensas as coisas de Deus, mas as dos homens” (Mt 16,17.13). Com razão, certo salmo une as duas coisas: “Eu disse no meu êxtase: Fui rejeitado do alcance de teus olhos” (Sl 30,23). Não diria em êxtase, se não estivesse próximo; êxtase, efetivamente, é um arroubo de mente. Elevou sua alma acima de si mesma, e aproximou-se de Deus; mas de novo lançado por terra pelo peso da carne e devido a certa névoa, recorda-se de onde estava, e vendo onde está, disse: “Fui rejeitado do alcande de teus olhos. Portanto: Comprazia-me como se tratasse de um amigo e irmão”; isto conceda o Senhor que se realize em nós. Quando tal não acontece, ao menos faça-se o seguinte: “Humilhava-me em pranto e tristeza”.

7 [15] “Alegraram-se, e contra mim juntaram-se”. Eles estavam alegres e eu triste. Porém agora ouvimos no Evangelho: “Bem-aventurados os que choram”. Se são bem-

aventurados os que choram, serão infelizes os que riem. “Alegraram-se e contra mim se mancomunaram; amontoaram-se açoites sobre mim, e ignoraram”. Porque me perguntavam as coisas eu ignorava, também eles ignoraram a quem interrogavam.

8 16 [1] “Puseram-me à prova, insultaram-me com escárnio”, a saber, zombaram de mim, insultaram-me. Trata-se da Cabeça e do corpo. Prestai atenção, irmãos, à glória da Igreja atualmente; considerai os opróbios do passado, ponderai como outrora em toda a parte os cristãos eram afugentados, e em toda a parte descobertos, injuriados, feridos, mortos, lançados às feras, queimados, para alegria dos seus adversários. Aconteceu à Cabeça e também ao corpo. Pois, como sucedeu ao Senhor na cruz, assim também aconteceu a seu corpo em todas as perseguições passadas; nem faltam também agora as perseguições deles. Onde quer que se encontre um cristão, constuma-se atacar, atormentar, zombar, chamá-lo de estúpido, incapaz, sem coração, inábil. Façam o que quiserem. Cristo está no céu. Façam o que quiserem. Ele honrou seu suplício, já fixou sua cruz em todas as frontes. Permite que o ímpio ataque, mas não permite que fique encarniçado. Contudo, por aquilo que sua língua profere, entende-se o que tem no coração. “Contra mim rangeram os dentes”.

9 17 “Senhor, quando o verás? Livra a minha alma da astúcia deles, e dos leões a minha única”. Em nossa opinião, ele tarda, e por isto foi dito: “Quando o verás?” isto é, quando veremos a vingança contra aqueles que nos insultam? Quando o juiz, vencido pelas importunações daquela viúva atenderá (cf Lc 18,3)? Nosso juiz, contudo, não difere por aborrecimento e sim por amor a nossa salvação; com razão, e não por impotência; não por lhe ser impossível socorrer já, mas para que o número dos nossos possa se completar, até o fim. No entanto, o que pedimos em nossos anelos: “Senhor, quando o verás? Livra a minha alma da astúcia deles, e dos leões a minha única”, isto é, a minha Igreja dos poderes cruéis.

10 18 Enfim, queres saber quem é aquela única? Lê o que segue: “Confessar-te-ei, Senhor, na grande Igreja; louvar-te-ei no meio de multidão compacta”. Verdadeiramente, “na grande Igreja, confessar-te-ei; louvar-te-ei no meio de multidão compacta”. Realiza-se, de fato, a confissão em toda multidão, mas não em todas Deus é louvado; toda a multidão ouve a nossa confissão, mas o louvor de Deus não se encontra na multidão inteira. Nesta multidão toda, isto é, na Igreja, espalhada por toda a terra, há palha e trigo; a palha voa, o trigo permanece; por isso, “Louvar-te-ei no meio da multidão compacta”. No meio desta multidão compacta, que o vento da tentação não carrega, Deus é louvado. Pois, no meio da palha é sempre blasfemado. Se alguém observa as palhas, o que diz? Eis como vivem os cristãos, eis o que fazem; e cumpre-se o que foi escrito; “Por vossa causa o nome de Deus está sendo blasfemado entre os gentios” (Is 52,5; Rm 2,24). Iníquo, invejoso, és inteiramente palha, olhas a eira, e dificilmente descobres os grãos. Procura e hás de achar um povo compacto, para louvares a Deus. Queres achar? Sê um deles. Pois, se fores dos tais, dificilmente não te parecerão todos eles semelhantes a ti. “Medindo-se a si mesmos segundo a sua medida”, diz o Apóstolo, não entendem a

palavra: “Louvar-te-ei no meio da multidão compacta”.

11 19-21 “Não me ultrajem meus pérfidos adversários”. Ultrajam-me por causa da palha que tenho. “Que me odeiam gratuitamente”, isto é, aqueles a quem não dani- fiquei. “E fazem acenos com os olhos” maldosamente, os hipócritas, os fingidos. “Pois, eles na verdade me diziam palavras de paz”. O que significa: “Fazem acenos com os olhos”? Mostram no rosto o que não trazem no coração. Quais são os que “fazem acenos com os olhos? Pois, eles em verdade me diziam palavras de paz, mas com ira planejavam fraudes. Escancararam a boca contra mim”. Primeiro, fazendo acenos com os olhos, aqueles leões procuravam arrebatar e devorar; começavam com lisonjas, proferindo palavras de paz, mas com ira planejavam fraudes. Quais as palavras pacíficas? “Mestre, sabemos que és verdadeiro e que, de fato, ensinas o caminho de Deus. Não dás preferência a ninguém. É lícito pagar imposto a César, ou não?” (Mt 22,16-18). Diziam-me palavras de paz. E então? Tu não os conhecias e eles te enganavam, fazendo acenos com os olhos? Ao contrário, o Senhor os conhecia e por isso respondeu: “Hipócritas! Por que me pondes à prova?” Depois, escancararam a boca contra mim, clamando… “Crucifica-o, crucifica-o!” (Lc 23,21) “Disseram: Ah, ah, ah! Vimos com os nossos olhos”. Aqui, já insultando: “Ah, Ah! faze-nos uma profecia, Messias” (Mt 26,68). Como era simulada a paz deles, quando o experimentavam acerca da moeda do tributo, era igualmente injurioso o seu louvor. “Disseram: Ah, ah, ah! Vimos com os nossos olhos”. A saber, os teus feitos, teus milagres. Eis aí o Cristo. Se ele é o Cristo, “que desça agora da cruz e creremos nele. A outros salvou, a si mesmo não pode salvar!” (Mt 27,42). “Vimos com os nossos olhos”. Aí está o resultado de toda a sua jactância, declarando-se Filho de Deus (cf Jo 19,7). O Senhor, porém, continuava sofrendo na cruz; não havia perdido seu poder, mas demonstrava sua sabedoria. Em que seria grandioso descer da cruz, se podia depois ressurgir do sepulcro? Mas parecia ceder aos que o insultavam. Era conveniente que ao ressuscitar aparecesse aos seus, e não a eles, como um grande sinal, porque a ressurreição significava vida nova, e a vida nova seria conhecida dos amigos, não dos inimigos.

12 22 “Viste, Senhor, não silencies”. Que sentido tem a palavra: “não silencies”? Julga. A respeito do juízo, diz certa passagem: “Guardei silêncio”, acaso sempre me calarei (cf Is 42,14)? E sobre as delongas do juízo, diz-se ao pecador: “Fizeste isto, e calei-me, imaginas que eu seja iníquo como tu”? (Sl 49,21). Como se cala quem falou pelos profetas, quem fala por própria boca no evangelho, quem fala pelos evangelistas, quem fala por nós quando dizemos a verdade? Como então? Cala-se quanto ao juízo, não relativamente aos mandamentos, à doutrina. De certo modo o profeta deseja este juízo, e prediz: “Viste, Senhor, não silencies”, isto é, não calarás, necessariamente julgarás. “Senhor, não te afastes de mim”. Enquanto o juízo não chega, não te afastes de mim, conforme prometeste: “E eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos!” (Mt 28,20).

13 23 “Levanta-te, Senhor, atende a meu juízo”. A que juízo? Por que estás atribulado,

atormentado por trabalhos e dores? Mas, muitos malvados não sofrem também estes males? A que juízo? És justo, porque sofres tais coisas? Não! Como, então? "A meu juízo". Como prossegue o salmista? "Atende a meu juízo, meu Deus e meu Senhor, em favor de minha causa". Ele não atende para meu castigo, mas em prol de minha causa; não naquilo que o ladrão tem de comum comigo, mas porque são "bem-aventurados os que são perseguidos por causa da justiça" (Mt 5,10). Esta causa é distinta. Pois a pena é semelhante para bons e maus. Por isso, não é a pena que faz os mártires, mas a causa. Se a pena fizesse o mártir, todas as minas de metal estariam cheias de mártires, todas as cadeias arrastariam mártires, todos os que são passados a fio da espada seriam coroados. Portanto, distinga-se a causa. Ninguém diga: Sou justo porque sofro. Uma vez que o Senhor, primeiro a sofrer, padeceu pela justiça, acrescentou-se como importante distinção: "Bem-aventurados os que são perseguidos por causa da justiça". De fato, muitos que têm uma causa boa perseguem; e outros que têm um causa má, sofrem perseguição. Se a perseguição não pudesse ter uma finalidade boa, não diria o salmo: "Perseguia aquele que ocultamente falava mal do próximo" (Sl 100,5). Enfim, irmãos, um pai bom e justo não persegue um filho devasso? Persegue seus vícios, não a ele mesmo; não aquele que ele gerou, mas o que o filho mesmo acrescentou. O médico, de fato, que se aplica a restituir a saúde, não se arma muitas vezes com um ferro? Mas contra a ferida, não contra o homem. Corta para curar; no entanto, enquanto ele corta o doente sente dor, clama, resiste, e se acaso estiver fora de si pela febre, até bate no médico; nem por isto ele desiste de tratar o doente, faz o que sabe que deve fazer, não dá importância às maldições e injúrias. Não se acordam os que estão em grave sono letárgico para que não morram? E os doentes suportam isto de filhos muito queridos; e o filho não será querido, se não for incômodo ao pai adormecido. Acordam-se os letárgicos, amarram-se os frenéticos, mas ambas as coisas por amor. Ninguém diga, portanto: Sofro perseguição; não discuta o castigo, mas experimente a causa, para não suceder que a causa não seja aprovável e ele seja enumerado entre os iníquos. Por conseguinte, com que vigilância e bondade aqui recomendou o salmista: "Senhor, atende a meu juízo", não a meus castigos, "meu Deus e meu Senhor, em favor de minha causa".

14 [24] "Julga-me, Senhor, segundo a minha justiça", isto é, conforme minha causa. Não segundo a minha pena, mas "segundo a minha justiça, Senhor meu Deus", julga-me.

15 [24-26] "Não zombem de mim meus inimigos. Não pensem no coração: Ah, ah, eram os anseios de nossa alma", isto é: fizemos o que pudemos, matamos, afastamos. "Não digam": Mostra que eles nada fizeram. "Não digam: Nós o devoramos". Daí declararem os mártires: "Se o Senhor não estivesse conosco, talvez nos devorassem vivos" (Sl 123,1.3). O que quer dizer: "nos devorassem"? Fariam com que passássemos para seu corpo. Absorves o que introduzes em teu corpo. O mundo quer te absorver; absorve-o tu, assimila-o a teu corpo, mata e come. Pedro recebeu tal ordem: "Mata e come" (At 10,13). Mata neles o que eles são, faze-os iguais a ti. Se, ao invés, eles te persuadirem a praticar a impiedade, serás absorvido por eles. Não é quando te perseguem que és

absorvido por eles, mas quando te persuadem a ser como eles. "Nem digam: Nós o devoramos". Absorve tu o corpo dos pagãos. Por que razão refiro-me ao corpo dos pagãos? Ele quer te absorver. Faze-lhes o mesmo que eles querem te infligir. Talvez o bezerro de ouro tenha sido esmigalhado, misturado com água, e dado a beber, para que o corpo dos ímpios fosse absorvido por Israel (cf Ex 32,20). "Simultaneamente sintam pejo e vergonha os que se alegram com meus males. Confundam-se e ruborizem-se" para que os absorvamos, envergonhados e confusos. "Os que falam malignamente contra mim", se correm, fiquem confundidos.

16 [27.28] E o que dizes tu, Cabeça e membros? "Exultem e rejubilem os que querem a minha justiça", que aderirem a meu corpo, "E digam sempre os que desejam a paz a seu servo: Seja glorificado o Senhor. E a minha língua celebrará a tua justiça, todos os dias o teu louvor". Qual a língua que aguenta o dia inteiro cantar o louvor de Deus? Agora mesmo o sermão foi um pouco mais comprido, e ficastes cansados. Quem permanece o dia inteiro a louvar a Deus? Sugiro um remédio, para louvares a Deus o dia inteiro, se quiseres. Seja o que for que fizeres, faze-o bem, e louvaste a Deus. Quando cantas um hino, louvas a Deus; o que faz tua língua se tua consciência também não louvar? Paraste de cantar um hino e sais para tomar a refeição? Não te embriagues e louvaste a Deus. Vais embora para dormir? Não te levantes para fazer o mal, e louvaste a Deus. Estás negociando? Não defraudes, e louvaste a Deus. Cultivas um campo? Não abras um pleito, e louvaste a Deus. Prepara-te com a inocência em tuas obras a louvar a Deus o dia inteiro.

1 A primeira parte do versículo 16 será comentada no Com. do Sl. LVII, 20,30ss.

SALMO 35

SERMÃO AO POVO

1 [2] Peço a V. Caridade um pouco de atenção ao texto e aos mistérios deste salmo, e percorramo-lo, porque em muitos lugares ele é claro. Quando a obscuridade do trecho obrigar-nos a nos deter, deveis suportá-lo, para obter o fruto desejado: aprender. “Disse o injusto a si mesmo que pecaria. Não há temor de Deus diante de seus olhos”. Não é um homem sozinho que fala, mas toda a espécie de homens iníquos, que lutam contra si mesmos, não entendem a fim de viverem bem, e isto, não porque não podem, mas porque querem. Uma coisa é quando alguém se esforça por entender algo, e não o consegue devido à fraqueza da carne, conforme se encontra em certa passagem da Escritura: “Um corpo corruptível pesa sobre a alma, e – tenda de argila – oprime a mente pensativa” (Sb 9,15); outra questão é se o coração humano age de modo pernicioso contra si mesmo, de sorte a não entender o que pode entender, se tiver boa vontade. Não porque seja difícil, mas porque a vontade é contrária. Acontece isto quando os homens amam os seus pecados, e odeiam os preceitos de Deus. A palavra de Deus é teu adversário, se és amigo de tua iniquidade: se, porém, és adversário de tua iniquidade, a palavra de Deus te mostra amizade e opõe-se a tua iniquidade. Se, portanto, odeias a tua iniquidade, ficas unido à palavra de Deus; e serão dois contra ela para eliminá-la, tu e a palavra de Deus. Por tuas próprias forças nada podes; vem em auxílio aquele que te enviou sua palavra, e a iniquidade é vencida. Se a odiaste tu também, Deus perdoou, e estás livre; se, porém, a amas, contraria-te o que ouvires dizer contra ela. Suponhamos alguém que procure saber como o Filho é igual ao Pai; crê, procura entender, mas ainda não pode. É questão importante, e ele deseja capacidade maior de entender. É o princípio da fé, que guarda a alma até que se fortifique. Ela se nutre de leite para chegar ao hábito e à força de tomar alimento mais sólido; a fim de poder entender que: “No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus” (Jo 1,1). Antes de chegar a tanto, a fé a sustenta; esforça-se por entender, para chegar até onde Deus lhe conceder. Será também necessário esforço para entender o seguinte: “Não faças a ninguém o que não queres que te façam” (Tb 4,15)? Quer dizer, não faças o mal se não queres sofrer por causa de uma iniquidade; se não queres sofrer em consequência de um dolo e de insídias, não armes ciladas a outrem? Não querer entender isto é atribuível à tua vontade. Por isso, “disse o injusto a si mesmo que pecaria”, propôs-se pecar.

2 Mas, acaso, quem se propõe pecar, di-lo publicamente, e não a si mesmo? Por que a si mesmo? Porque lá outro não vê. Mas, se outro homem não vê dentro do coração onde ele diz a si mesmo que há de pecar, Deus não vê? Deus vê. Mas, como prossegue o salmista? “Não há temor de Deus diante de seus olhos”. Tem diante dos olhos o temor de outros homens. Pois não ousa publicamente confessar o mal, para que não seja censurado, ou condenado pelos homens. Afasta-se das vistas humanas. Para onde? Para

si mesmo! Vai ao seu interior, e ninguém o vê. Ali planeja dolos e insídias e pecados. Ninguém vê. Poderia não planejar ali consigo mesmo, se pensasse que Deus o vê, mas como não há temor de Deus diante de seus olhos, quando se retira do olhar dos homens em seu coração, a quem há de temer ali? Acaso Deus ali não está presente? Mas não há temor de Deus diante de seus olhos.

3 [3] Por conseguinte, trama fraudes; continua o salmo. (Talvez não saiba ele que Deus vê o coração? Evidencia-se o que eu começara a dizer: Não sabe, porque não quer; agiu contra si mesmo, não querendo entender): "Porque ele agiu dolosamente em sua presença". De quem? Daquele cujo temor não existe diante dos olhos de quem agiu dolosamente. "Para que sua iniquidade não seja descoberta e detestada". Agiu de modo a não ser descoberta uma inquidade. Existem homens que parecem esforçar-se na procura da iniquidade, mas têm medo de encontrá-la; porque se a encontrarem, alguém pode dizer-lhes: Renuncia a ela: fizeste isto sem saber, praticaste a iniquidade na ignorância, por isso Deus perdoa. Agora a conheces; abandona-a para ser facilmente perdoada tua ignorância, e poderes dizer a Deus livremente: "Não te lembres dos pecados de minha juventude e de minha ignorância" (Sl 24,7). Procura o mal, mas teme encontrá-lo; é dolo. Quando é que o homem pode dizer: Não sabia que era pecado? Quando, ao ver que é pecado, desistir de fazê-lo, porque o praticava por ignorância. Em verdade, quis conhecer a iniquidade, para encontrá-la e odiá-la. Agora muitos agem dolosamente, quando querem encontrar a iniquidade, isto é, não agem sinceramente para encontrar e evitar. Mas quando na própria procura há dolo, ao encontrar torna-se defesa da iniquidade. Tendo encontrado a iniquidade, já lhe é manifesto que se trata de mal. Dize-lhe: Não faças isto. E aquele que agia dolosamente para encontrar, que já encontrou e não evitou, o que diz? Quantos agem assim? Quem é que não faz isto? Deus há de condenar todos esses? Ou responde: Se Deus não quisesse isto, os homens que cometem esses pecados continuariam a viver? Vês que agias dolosamente para descobrir a tua iniquidade? Pois, se tivesses agido sinceramente e não dolosamente, já a terias descoberto e detestado. Agora descobriste e defendes: portanto, agias dolosamente quando procuravas.

4 [4] "As palavras de sua boca são más e enganosas. Não quis entender para agir bem". Vedes que se trata da vontade. Há homens que querem entender, e não podem; existem outros que não querem entender, e por isso não entendem. "Não quis entender para agir bem".

5 [5] "No leito tramou o crime". Por que disse: "no leito? Disse o injusto a si mesmo que pecaria". Acima acha-se: "a si mesmo", e aqui: "no leito". Leito é nosso coração; ali sofremos o tumulto de uma consciência pesada, ali repousamos quando a consciência está tranquila. Quem gosta do leito de seu coração, faça algum bem ali. Este é o leito no qual nosso Senhor Jesus Cristo nos ordena rezar: "Entra no teu quarto, e fecha a porta" (Mt 6,6). O que significa: "fecha a porta"? Não esperes de Deus coisas exteriores, mas interiores, "e o teu Pai, que vê o que está oculto, te recompensará". Quem é que não

fecha a porta? Quem suplica a Deus os bens deste mundo como coisa importante, concentrando nisto seus pedidos. Tua porta se abriu, e a turba vê quando oras. O que quer dizer: fechar a porta? Pedir a Deus o que só Deus sabe como há de te conceder. Qual o bem que te faz fechar a porta e rezar? O que o olho não viu, nem o ouvido ouviu, e o coração do homem não percebeu (cf 1Cor 2,9). E talvez não tenha surgido em teu leito, isto é, em teu coração. Mas Deus sabe o que há de te dar. Mas, quando? Quando o Senhor se revelar, quando aparecer o juiz. O que há de mais claro do que a palavra que há de proferir para os que estão à direita? "Vinde, benditos de meu Pai, recebei por herança o Reino preparado para vós desde a criação do mundo" (Mt 25,34). Ouvirão estas palavras os da esquerda, e gemerão com remorsos inúteis, porque enquanto viviam não quisseram praticar uma penitência frutuosa. Como gemerão? Por não ser mais possível a correção. Mas, eles também ouvirão uma palavra: "Ide para o fogo eterno preparado para o diabo e para os seus anjos" (Mt 25,41). Sentença péssima. Os justos se alegrarão ao ouvirem a boa palavra, conforme está escrito: "A lembrança do justo será eterna; não temerá ouvir palavra má" (Sl 111,7). Qual palavra má? A que os maus ouvirão: "Ide para o fogo eterno". Deus, portanto, pode fazer mais do que pedimos ou entendemos (cf. Ef 3,20); atende a nosso gemido oculto, para nos tornarmos agradáveis a sua presença, e não falarmos com jactância de nossa justiça perante os homens. Quem procura agradar aos homens, sem visar a que os que o veem louvem a Deus, mas com a intenção de ser louvado ele mesmo, não fecha a porta, defendendo-se do barulho. Abre-se a porta àquele ruído, e não se ouve a Deus como ele quer ser ouvido. Trabalhemos, pois, para purificar o nosso coração, para que ali possamos nos sentir bem. V. Caridade está ciente de como muitos sofrem tanto publicamente, no foro, nos pleitos, nas contendas, nas dificuldades dos negócios; sabe como o homem, fatigado com os negócios de fora, corre para casa para descansar, e se empenha em acabar depressa com as ocupações exteriores para repousar em casa. Cada qual tem sua casa e lá repousa. Se, ao invés, lá também sofre incomodidades, onde poderá descansar? E então? É bom que ao menos em casa esteja tranquilo. Se, porém, fora tem inimigos, e dentro talvez uma esposa má, vai para a rua. Quando quer descansar das dificuldades externas, entra em casa. Se aí não encontra tranquilidade, nem fora, onde haverá repouso? Ao menos no recinto do coração. Possas entrar no íntimo de tua consciência. Se lá encontras talvez a esposa, que não te amargura a vida, a sabedoria de Deus, une-te a ela, descança no teu íntimo; não te expulse dali a fumaça de uma consiência onerada. Aquele homem, ao invés, que entrava para planejar fraudes, conforme diz a Escritura, lá onde os homens não veem, tramava tais feitos que nem em seu próprio coração podia descansar. "No leito tramou o crime".

6 "Deteve-se em todos os maus caminhos". Que sentido tem a expressão: "deteve-se"? Perseverou no pecado. Daí se dizer acerca de um homem piedoso e bom: "Não se deteve no caminho dos pecadores" (Sl 1,1). Este não se deteve, mas aquele parou. "Não detestou o mal". Ali encontra-se o fim e o fruto; se ele não pode deixar de sentir a malícia, ao menos a odeie. Se a odiares, quase não há de te sugerir alguma ação má. O pecado habita, de fato, no corpo mortal; mas o que diz o Apóstolo? "O pecado não

impere mais em vosso corpo mortal, sujeitando-vos às suas paixões" (Rm 6,12). Quando começará a não existir mais? Quando "o que é corruptível revestir a incorruptibilidade, e o que é mortal revestir a imortalidade" (cf 1Cor 15,53). Até que isto se realize, haverá o deleite de iniquidade no corpo; maior, porém, é o deleite aprazível da palavra da sabedoria, do preceito de Deus. Vence o pecado e o seu atrativo. Hás de odiar o pecado e a iniquidade para te unires a Deus, que te ajudará a odiá-lo. Unido pela mente à lei de Deus, pela mente serves à lei de Deus. E se devido à carne serves à lei do pecado (cf Rm 7,25), existirem em ti alguns deleitos carnais, estes não existirão mais quando terminar a luta. Uma coisa é não lutar, e estar na paz verdadeira e eterna, outra lutar e vencer, outra ainda lutar e ser vencido, outra sem lutar, mas ser arrastado. Existem efetivamente homens que não lutam, como aquele a que se refere o salmo. Pois, diz: "Não detestou o mal"; como lutará contra quem não o odeia? Este é arrastado pela malícia, sem luta. Há, porém, os que começam a combater; mas como presumem das próprias forças, Deus, querendo mostrar-lhes que é ele quem vence, se o homem se submete a Deus, apesar de lutar são vencidos; quase alcançam a justiça, tornam-se soberbos, e escorregam. Combatem eles, mas são vencidos. Quem é, porém, o que luta e não é vencido? É aquele que diz: "Percebo outra lei em meus membros, que peleja contra a lei da minha razão" (Rm 7,23-25). Vê o lutador. Mas como ele não presume de suas forças, será vencedor. Como continua? "Infeliz de mim! Quem me libertará desde corpo de morte? A graça de Deus, por Jesus Cristo nosso Senhor". Conta com aquele que mandou-o lutar, e vence o inimigo, auxiliado por aquele que manda. Ao contrário, o outro "não detestou o mal".

7 [6] "Aos céus, Senhor, atinge a tua misericórdia e a tua fidelidade, às nuvens". Não sei o que chama de sua misericórdia no céu, porquanto existe também na terra a misericórdia do Senhor. Está escrito: "Da misericórdia do Senhor está cheia a terra" (Sl 32,5). De que misericórdia fala, então, aqui: "Senhor, aos céus atinge a tua misericórdia"? Os dons de Deus são parcialmente temporais e terrenos, parcialmente eternos e celestes. Quem adora a Deus por causa disso, a fim de receber estes bens terrenos e temporais, que são accessíveis a todos, é ainda semelhante a um animal; utiliza a misericórdia de Deus, mas não aquela reservada, concedida apenas aos justos, santos, bons. Quais os dons abundantes para todos? "Vosso Pai faz nascer o seu sol igualmente sobre maus e bons, e cair a chuva sobre justos e injustos" (cf Mt 5,45). A quem não chega esta misericórdia de Deus, em primeiro lugar para existir, para ser distinto dos animais, a fim de ser um animal racional que possa conhecer a Deus, em seguida usufruir desta luz, deste ar, da chuva, dos frutos, da diversidade das estações, dos alívios terrenos, da saúde corporal, da afeição dos amigos, da incolumidade de sua casa? Todos esses são bens, são dons de Deus. Não julgueis, irmãos, que possa dá-los alguém, a não ser Deus só. Quem, portanto, não os espera senão do Senhor, é bem diferente daqueles que os procuram junto dos demônios, dos agoureiros, dos astrólogos. São infelizes duplamente: porque só ambicionam bens terrenos e porque não os pedem ao doador de todos os bens. Os que anelam por estes bens, e querem ser felizes com eles, pedindo a Deus somente estes, são

melhores do que os outros, porque os pedem a Deus; mas ainda estão em perigo. Dirá alguém: Em que periclitam? Às vezes, de fato, consideram os eventos humanos, e veem que os ímpios e iníquios têm em abundância todos esses bens terrenos, objeto de seus desejos, e acham que perderam o tempo em adorar a Deus, pois têm aquilo que os maus também possuem, enquanto não adoram a Deus como eles; ou, por vezes os adoradores não têm, e alcançam-no os que blasfemam; portanto, estão ainda em perigo.

8 O salmista em verdade entendeu que misericórdia há de suplicar a Deus. "Aos céus, Senhor, atinge a tua misericórdia e a tua fidelidade, às nuvens", isto é, a misericórdia que concedes a teus santos é celeste, não terrena; eterna, não temporal. E como pudeste anunciá-la aos homens? Porque a "tua fidelidade, às nuvens atinge". Quem poderia conhecer a celeste misericórdia de Deus, se Deus não a anunciasse aos homens? Como a anunciou? Enviando a sua fidelidade até às nuvens. Quais são as nuvens? Os pregadores da palavra de Deus. Daí encontrar-se em certa passagem que Deus se irou contra determinada vinha. Calculo que V. Caridade entendeu, ouviu o profeta Isaías dizer a respeito de certa vinha: "Esperava que ela produzisse uvas, mas só produziu espinhos". E concluiu da seguinte maneira, para que ninguém pensasse que ele se referia a uma vinha visível: "A vinha do Senhor dos exércitos é a casa de Israel, e os homens de Judá são a sua plantação preciosa". Por conseguinte censurava a vinha, que ele esperava produzisse uvas, mas deu somente espinhos. O que disse? "Quanto às nuvens, ordenar-lhes-ei que não derramem a sua chuva sobre ela" (Is 5,4.7.6). Foi irado que Deus assim se exprimiu: "Quanto às nuvens, ordenar-lhes-ei que não derramem a sua chuva sobre ela". De fato, assim se fez. Os apóstolos foram enviados como pregadores. Encontramos nos Atos dos Apóstolos que o apóstolo Paulo queria pregar aos judeus, e não encontrou uvas e sim espinhos: começaram a retribuir o bem com o mal e a perseguir. Realizou-se de certo modo a palavra: "Quanto às nuvens, ordenar-lhes-ei que não derramem a sua chuva sobre ela. Era a vós que fôramos enviados, mas como rejeitais a palavra de Deus, nós nos voltamos para os gentios" (cf At 13,46). Cumpriu-se, portanto, a palavra: "Quanto às nuvens, ordenar-lhes-ei que não derramem a sua chuva sobre ela". A fidelidade atingiu as nuvens; por isso pôde ser anunciada a misericórdia de Deus no céu e não na terra. De fato, irmãos, nuvens são os pregadores da palavra da verdade. Quando Deus ameaça através dos pregadores, troveja pelas nuvens. Quando Deus faz milagres através dos pregadores, relampeja pelas nuvens, aterroriza por meio das nuvens, e irriga pela chuva. Os pregadores, por conseguinte, que anunciam o evangelho de Deus, são as nuvens de Deus. Esperemos, pois a misericórdia, mas aquela que está no céu.

9 [7] "A tua justiça é como as montanhas de Deus; os teus juízos como o abismo profundo". Quais são as montanhas de Deus? As nuvens identificam-se com as montanhas de Deus: grandes pregadores, montanhas de Deus. Ao nascer, o sol primeiro reveste de luz as montanhas, e de lá a luz desce as partes mais baixas da terra; assim nosso Senhor Jesus Cristo, em sua vinda, primeiro irradiou luz sobre as alturas dos apóstolos, antes iluminou os montes, e de lá a luz desceu aos vales da terra. Por isto diz certo trecho de um salmo: "Ergui os olhos para os montes, para ver de onde me viria o

auxílio" (Sl 120,12). Mas, não penses que os próprios montes te darão auxílio; eles recebem para dar; não dão do que é seu. Se permaneceres nos montes, não será firme tua esperança; mas deposita tua esperança e confiança naquele que ilumina as montanhas. Tua ajuda virá dos montes, porque as Escrituras te foram ministradas pelos montes, pelos grandes pregadores da verdade; mas não deposites neles tua esperança. Ouve o que diz o salmo, em seguida: "Ergui os meus olhos para os montes, para ver de onde me viria o auxílio". E então? Os montes te ajudam? Não! Ouve como continua: "O meu auxílio vem do Senhor, que fez o céu e a terra". O auxílio parte dos montes, mas não procede deles mesmos. Mas, de quem? "Do Senhor, que fez o céu e a terra". Existiam outras montanhas; se alguém dirigisse o navio, orientado por elas, naufragaria. Pois, emergiram uns chefes de hereges, e eram montes. Ario era um monte, Donato era um monte, Maximiano[1] agora quase se tornou um monte. Muitos, fixando os olhos nesses montes e dirigindo-se para a terra, querendo fugir das ondas, foram lançados contra os rochedos, e naufragaram em terra. Não seduziam tais montes àquele que disse: "No Senhor eu confio. Porque dizeis a minha alma: Foge para os montes como o pássaro" (Sl 10,2)? Não quero pôr minha esperança em Ario, nem em Donato. "O meu auxílio vem do Senhor, que fez o céu e a terra". Aprendei quanto deveis presumir de Deus, e quanto atribuir aos homens; porque é maldito todo aquele que põe a sua esperança em um homem (cf Jr 17,5). O santo apóstolo Paulo, com modéstia e humildade, zelando bem pela Igreja, mas para o esposo, não para si, e tendo horror daqueles que quiseram dizer: "Eu sou de Paulo, eu sou de Apolo" (1Cor 3,4), tomou antes o seu lugar, humilhando-se e desprezando-se, para glorificar a Cristo: "Paulo terá sido crucificado em vosso favor? Ou fostes batizados em nome de Paulo" (1Cor 1,13)? Repele de si, mas para enviar a Cristo. Não quer que a esposa ame em lugar do esposo nem mesmo ao amigo do esposo. Amigos do esposo são os apóstolos. Igualmente aquele humilde João, que era tido como sendo Cristo, tinha zelo por este esposo. Daí declarar: "Eu não sou o Cristo, mas aquele que vem depois de mim, do qual não sou digno de desatar a correia da sandália, é maior do que eu" (Jo 20,27). Verdadeiramente, quem se humilha tanto, mostra que não é o esposo, e sim o amigo do esposo. Em consequência, diz: "Quem tem a esposa é o esposo: mas o amigo do esposo, que está presente e o ouve, é tomado de alegria à voz do esposo" (Jo 3,29). E se o amigo do esposo é um monte, ele não tem contudo a luz por si mesmo; mas ouve, e alegra-se à voz do esposo. Diz: "De sua plenitude todos nós recebemos" (Jo 1,16). De qual plenitude? Da plenitude daquele que "era a luz verdadeira que ilumina todo homem que veio ao mundo" (ib 1,9). Para ele o Apóstolo zelava pela Igreja, dizendo: "Considerem-nos os homens como servidores de Cristo e administradores dos mistérios de Deus" (1Cor 4,1), quer dizer: "Ergui os olhos para os montes, para ver de onde me viria o auxílio. Considerem-nos os homens como servidores de Cristo e administradores dos mistérios de Deus". Mas para que novamente a tua esperança não se firme nos montes e sim em Deus, ouve: "Eu plantei; Apolo regou; mas era Deus quem fazia crescer"; e: "Aquele que planta, nada é; aquele que rega, nada é" (1Cor 3,6.7). Já disseste, portanto: "Ergui os meus olhos para os montes; de onde me viria o auxílio?" mas como "aquele que planta, nada é, aquele

que rega, nada é", dize: "O meu auxílio vem do Senhor, que fez o céu e a terra"; e: "A tua justiça é como as montanhas de Deus", a saber, os montes estão cheios de tua justiça.

10 "Os teus juízos, como o abismo profundo". Chama de abismo as profundezas dos pecados. Lá chega quem despreza a Deus, conforme se encontra em determinada passagem: "Deus os entregou, segundo o desejo dos seus corações, à impureza". V. Caridade preste atenção. É questão importante, grande questão. O que significa: "Deus os entregou, segundo o desejo dos seus corações, à impureza"? Será porque Deus os entregou aos desejos dos seus corações, à impureza, que praticam tanto mal? Suponhamos que alguém proponha a pergunta: Se é Deus quem os leva a fazerem o que não convém, eles mesmos o que fizeram? É realidade oculta que ouviste contar: "Deus os entregou, segundo o desejo dos seus corações". Havia, portanto, a concupiscência, que eles não quiseram vencer; foram entregues ao juízo de Deus. Mas, para merecerem ser entregues, vê o que o Apóstolo declara deles mais acima: "Tendo conhecido a Deus, não o honraram como Deus, nem lhe renderam graças; pelo contrário, eles se perderam em vãos arrazoados e seu coração insensato ficou nas trevas". De onde se originou isto? Da soberba. "Jactando-se de possuir a sabedoria, tornaram-se tolos" (Rm 1,21.22.24). Daí já se conclui: "Deus os entregou, segundo o desejo de seus corações". Eram soberbos, ingratos. Mereceram ser entregues às concupiscências de seus corações, e caíram no abismo profundo, de sorte que não só pecaram, mas também agiam como tolos, para não entenderem a própria iniquidade, e não a detestarem. A profundeza da malícia consiste em não querer descobrir e detestar. Vê como alguém cai nessas profundezas: "Os juízos de Deus são como o abismo profundo". A justiça de Deus é como as suas montanhas, que se tornam grandes por sua graça; assim também por seus juízos caem no abismo, os que submergem nas profundezas do mal. Por esta justiça, aprazam-te os montes, por ela fujas do abismo, e te convertas a procurar o que se diz: "O meu auxílio vem do Senhor". Mas, por que razão? Porque "ergui os meus olhos para os montes". Qual o sentido disso? Direi em vernáculo: Na Igreja de Cristo encontras o abismo, encontras também os montes: descobres aí menos bons, porque os montes são poucos, e o abismo é dilatado, isto é, são muitos os que vivem mal, sob a ira de Deus. Agiram de tal modo que mereceram ser entregues aos desejos de seu coração: defendem seus pecados, e não os confessam, mas dizem: Por quê? O que fiz? Também ele cometeu aquele pecado; outro fez aquilo. Querem até defender o que a palavra divina condena; eis um abismo. Por isso, diz certa passagem da Escritura (um abismo): "O pecador quando atinge o profundo dos males, despreza" (cf Pr 18,3). Eis que "os teus juízos são como o abismo profundo". Mas, ainda não és monte, e nem és abismo; foge do abismo, dá atenção aos montes, mas não pares neles. Pois, o teu auxílio vem do Senhor, que fez o céu e a terra.

11 [7.8] "Salvaste os homens e os animais, Senhor. Como se multiplicou a tua misericórdia, ó Deus". Tendo dito o salmista: A tua misericórdia está no céu, para que se saiba que também está na terra, acrescentou: "Salvaste os homens e os animais, Senhor.

Como se multiplicou a tua misericórdia, ó Deus". Grande é a tua misericórdia, múltipla a tua misericórdia, ó Deus: e tu a concedes aos homens e aos animais. De quem procede a salvação dos homens? De Deus. Acaso não existe salvação para os animais, vinda de Deus? Aquele que fez os homens, fez também os animais; quem fez a ambos, a ambos salva; mas a salvação dos animais é temporal. Existem alguns que pedem a Deus o que ele deu aos animais, como se fosse um grande bem. "Como se multiplicou a tua misericórdia, ó Deus", dando não somente aos homens, mas até aos animais o que é concedido aos homens, a saber, esta salvação corporal e temporal.

12 Então, os homens não têm reservado junto de Deus algo que os animais não merecem, e aonde os animais não chegam? Têm, sem dúvida. E onde está o que eles têm? "Os filhos dos homens se abrigam à sombra de tuas asas". V. Caridade preste atenção a esta sentença tão suave: "Salvaste os homens e os animais". O salmo traz: "os homens e os animais", mas acrescenta: "os filhos dos homens", como se uma coisa sejam os homens e outra os filhos dos homens. Por vezes, nas Escrituras os filhos dos homens representam em geral os homens; outras vezes, propriamente se chamam filhos dos homens, em sentido restrito, de sorte que não se refere a todos os homens; principalmente quando há distinção. Não foi sem motivo que lá se acha: "Salvaste os homens e os animais, Senhor", e aqui excetua, separa os filhos dos homens. Separa de quem? Não só dos animais, mas também dos homens, que pedem a Deus a mesma salvação que é dada aos animais, e a desejam como um grande bem. E quais são os filhos dos homens? Os que esperam à sombra de suas asas. Aqueles homens, como os animais, se satisfazem com a realidade, mas os filhos dos homens se alegram na esperança. Aqueles buscam, como os animais, os bens presentes, estes esperam os bens futuros, na companhia dos anjos. Por que motivo, então, fazendo uma distinção, aqueles se chamam homens e estes se denominam filhos dos homens? Igualmente em outro lugar da Escritura se acha: "Que é o homem para dele te lembrares? Ou o filho do homem para o visitares?" (Sl 8,5). Que é o homem para dele te lembrares? Lembras-te dele, como se fosse um ausente; visitas o filho do homem, que está presente. O que significa: Lembras-te do homem? "Salvaste os homens e os animais, Senhor", porque também aos próprios maus dás a salvação, a eles que não desejam o reino dos céus. O senhor os protege, e não os abandona segundo o seu modo de ser; como a seus animais, não os abandona; no entanto, lembra-se como se eles estivessem ausentes. Ao contrário, aquele que ele visita, é filho do homem: e lhe é dito: "Os filhos dos homens se abrigam à sombra de tuas asas". E se quereis fazer uma distinção entre essas duas espécies de homens, referi-as primeiro aos dois homens: Adão e Cristo. Ouve como o Apóstolo se exprime: "Pois, assim como todos morrem em Adão, em Cristo todos receberão a vida" (1Cor 15,22). Nascemos de Adão para morrermos; ressurgimos por Cristo, para vivermos eternamente. Quando trazemos a imagem do homem terreno, somos homens; quando trazemos a imagem do homem celeste, somos filhos dos homens, porque Cristo foi chamado Filho do homem (cf Mt 8,20, etc.). Por conseguinte, Adão era homem, mas não era filho do homem: por isso, pertencem a Adão os desejosos de bens materiais, e da salvação temporal. Exortamo-los a se tornarem filhos dos homens; que se abriguem à

sombra das asas de Deus, e desejem a sua misericórdia, que atinge o céu, e é representada pelas nuvens. Mas, se ainda não o podem, por enquanto ao menos não procurem obter bens temporais senão de Deus, e assim no Antigo Testamento sirvam de modo a chegar ao Novo.

13 Pois também o povo judaico aspirava aos bens terrenos, ao reino de Jerusalém, à sujeição de seus inimigos, à abundância dos frutos, à própria saúde e à de seus filhos. Tais bens é que desejavam e tais recebiam, mantendo-se sob a Lei. De Deus esperavam os bens que ele dá igualmente aos animais, porque ainda não viera para eles o Filho do homem, para que fossem filhos dos homens; já possuíam, contudo, as nuvens a prenunciarem o Filho do homem. Os profetas vieram a eles, anunciaram o Cristo; havia alguns que entendiam, e tinham a esperança dos bens futuros, a fim de receberem a misericórdia, que há no céu. Existiam ali também alguns que só ambicionavam a felicidade terrena e temporal. Resvalavam-lhes os pés, e eles fabricavam ídolos e os adoravam. Quando o Senhor os admoestava, e os castigava naquilo que os deleitava, retirando-o, sofriam fome, guerras, peste, doenças; mas voltaram-se para os ídolos. Os bens que deviam esperar de Deus, como importantes, procuravam obter dos ídolos e abandonavam a Deus. Percebiam que os bens ambicionados eram concedidos fartamente aos ímpios e malvados, e pensavam que era inútil adorar a Deus, porque ele não dava recompensa terrena. Ó homem! és operário de Deus; posteriormente será a ocasião de receber a recompensa; por que já queres exigir o pagamento antes de trabalhar? Se vier um operário a tua casa, pagas antes que termine o trabalho? Tu o considerarás perverso se disser: Primeiro quero o pagamento e depois trabalho. Ficarás irritado. Por que te irritarás? Porque não acreditou em um homem falaz. Como Deus não há de se irar, se não confias na própria verdade? Há de dar o que prometeu; ele não engana, porque foi a verdade quem prometeu. Mas receias que não tenha o que dar? Ele é onipotente. Não temas que não exista mais quem dê; ele é imortal. Não tenhas medo de um sucessor; ele é perpétuo. Fica tranquilo. Se queres que teu operário confie em ti durante um dia inteiro, acredita também tu em Deus por toda a vida, porque tua vida é um momento para Deus. E o que serás? “Os filhos dos homens se abrigam à sombra de tuas asas”.

14 [9] “Inebriar-se-ão na abundância de tua casa”. Não sei bem que coisa grandiosa nos promete. Ele quer dizer, e não diz. Não pode, ou nós é que não somos capazes de entender? Ouso dizer, meus irmãos, mesmo a respeito das línguas e corações dos santos, pelos quais a verdade nos foi anunciada, não se poder formular, nem cogitar o que eles anunciavam. É grandioso e inefável. Também eles viram parcialmente, em figura, como diz o Apóstolo: “Agora vemos em espelho e de maneira confusa, mas, depois, veremos face a face” (1Cor 13,12). Assim se exprimiam os que viam em figura. Como seremos nós, quando virmos face a face o que eles concebiam no coração, mas não podiam formular de maneira que os homens pudessem entender? Que necessidade havia de dizer: “Inebriar-se-ão na abundância de tua casa”? Procurou uma expressão do que tinha a dizer entre as coisas humanas, e como observou homens excedendo-se em embriaguez, tomando vinho imoderadamente, e perdendo a razão, encontrou como falar. A mente

humana, enchendo-se daquela inefável alegria, perde-se de certo modo e faz-se divina, inebriando-se na abundância da casa de Deus. Daí declarar outro salmo: “Teu cálice inebriante, como é excelente!” (Sl 22,5). Com este cálice inebriaram-se os mártires; indo para o suplício, não reconheciam os seus. Que embriaguez maior do que não reconhecer a mulher em pranto, os filhos, os pais? Não os reconheciam, pareciam não tê-los diante dos olhos. Não vos admireis; estavam ébrios. De que se embriagaram? Vede: tomaram de um cálice que os embriagou. Daí o salmista também dar graças a Deus, dizendo: “Com que retribuirei ao Senhor por tudo que ele me retribuiu? Tomarei o cálice da salvação, e invocarei o nome do Senhor” (Sl 115,12.13). Sejamos, pois, irmãos, filhos dos homens, e esperemos à sombra das asas de Deus, e inebriemo-nos na abundância de sua casa. Exprimi-me conforme me foi possível, e vejo quanto posso; mas não posso dizer como vejo. “Inebriar-se-ão na abundância de tua casa”. Chama-se torrente o fluxo de água que corre impetuosamente. Será o ímpeto da misericórdia de Deus, para irrigar e inebriar os que agora põem sua esperança à sombra de suas asas. Qual será o deleite? Como de uma torrente a inebriar os sedentos. Quem agora tem sede, espere; quem está sedento, tenha esperança, e será inebriado quando estiver de posse da realidade; antes que esta venha, sinta sede na esperança. “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados” (Mt 5,6).

1 Diácono do partido de Donato, que contra Primiano, foi feito bispo de Cartago, e se tornou o chefe dos maximianistas. Cf Com. ao Sl. 32, sermão 2, n. 19.

15 10 Qual a fonte que te irrigará? Donde flui tamanha torrente de delícias? “Pois em ti está a fonte da vida”. Quem é a fonte da vida, senão o Cristo? Veio na carne em teu favor, para aliviar tua boca sedenta. Desalterou aquele que esperava quem deu de beber ao sedento. “Pois em ti está a fonte da vida, e na tua luz contemplamos a luz”. Aqui fonte é uma coisa e luz, outra; lá é diferente. Fonte e luz são idênticas. Chama-as como quiseres, porque não é aquilo que chamas. Como não consegues encontrar um nome adequado, não te contentas com um só. Se disseres que é somente luz, terás a resposta: Inutilmente me foi dito que tenha fome e sede; quem é que come a luz? Efetivamente foi-me dito com razão: “Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus” (Mt 5,8). Se é luz, preparo meus olhos. Prepara também tua boca, porque aquela luz é também fonte. Fonte, por saciar os sedentos, luz, por iluminar os cegos. Aqui, na terra, às vezes a luz está num lugar e noutro a fonte. Por vezes, jorram fontes mesmo nas trevas; e por vezes no deserto suportas o calor do sol e não encontras uma fonte. Aqui, portanto, as duas coisas podem estar separadas. Lá não te cansarás, porque há uma fonte; não estarás nas trevas, porque há luz.

16 11 “Estende a tua misericórdia aos que te conhecem e a tua justiça aos retos de coração”. Repetimos frequentemente que são retos de coração os que seguem nesta vida a vontade de Deus. É vontade de Deus que às vezes estejas com saúde, e outras vezes que fiques doente; se é agradável a vontade de Deus quando estás com saúde, quando adoeces, é amarga. Não és então reto de coração. Por quê? Por não quereres submeter

tua vontade à vontade de Deus, mas quereres curvá-la à tua. Ela é reta, mas tu és curvo; tua vontade há de ser emendada de acordo com a vontade de Deus, e não esta se curvar diante da tua; e terás um coração reto. Se tudo corre bem neste século, seja bendito Deus que consola. Se há dificuldades, seja bendito que emenda e experimenta; e terás o coração reto, dizendo: “Bendirei o Senhor em todo o tempo; seu louvor estará sempre em minha boca” (Sl 33,2).

17 12 “Não me pisoteie a soberba”. Certamente já disse: Os filhos dos homens se abrigam à sombra de tuas asas. Inebriar-se-ão na abundância de tua casa. Ao começar alguém a ser irrigado com superabundância por esta fonte, cuide de não se ensoberbecer. Ela não faltara a Adão, o primeiro homem; mas a soberba o pisoteou, a mão do pecador o sacudiu, isto é, a mão soberba do diabo. Como o seu sedutor disse: “Colocarei o meu trono no aquilão” (Is 14,13), perssuadiu-o com as seguintes palavras: “Provai e sereis como deuses” (Gn 3,5). Caímos, portanto, pela soberba e chegamos a este estado mortal. Como a soberba nos feriu, a humildade nos cura. Veio o Deus humilde para curar o homem de tão grande ferida da soberba. Veio, porque o Verbo se fez carne e habitou entre nós (cf. Jo 1,14). Foi preso pelos judeus, foi insultado. Ouvistes na leitura do evangelho o que eles disseram e a quem o disseram: “Tens um demônio” (Jo 8,48). Ele não respondeu: Vós é que tendes um demônio, porque estais com vossos pecados, e o diabo tomou posse de vossos corações. Não o disse, mas se o dissesse, diria a verdade: mas não era tempo de dizê-lo, para que não parecesse estar a retribuir a injúria e não a pregar a verdade. Fez que não ouviu, deixou passar. Era médico e viera para curar o frenético. Como o médico não dá importância ao que ouve de um frenético, e sim como tratá-lo e curá-lo, e mesmo que receber uma bofetada, ele o cura, abre novas feridas, cura a febre inveterada, assim também o Senhor veio para o doente, para o frenético. Desprezou tudo o que ouviu, tudo o que sofreu, ensinando-nos com isso a humildade, para que instruídos pela humildade, fôssemos curados da soberba. Desta o salmista pede ser libertado: “Não me pisoteie a soberba, nem as mãos dos pecadores me sacudam”. Se a soberba pisotear, as mãos do pecador sacudirão. Quais são as mãos do pecador? É a obra do que sugere o mal. Tu te tornaste soberbo? Logo te arruinará aquele que sugere o mal. Firma-te humildemente em Deus, e não cuides muito do que te pode ser dito. Por esta razão é que se pede em outro salmo: “Purifica-me, Senhor, de meus pecados ocultos, e dos alheios, poupa teu servo” (Sl 18,13.14). O que significa: “de meus pecados ocultos? Não me pisoteie a soberba”? E o que quer dizer: “E dos alheios, poupa teu servo? Nem as mãos dos pecadores me sacudam”? Mantém o que és interiormente, e não temerás externamente.

18 13 Por que, então, temes tanto? Seria como se alguém dissesse: “Lá tombaram os obreiros da iniquidade”, naquele abismo, do qual se disse: “Os teus juízos são como o abismo profundo”, chegando naquelas profundezas, onde os pecadores que desprezaram, caíram. “Caíram”, aonde caíram em primeiro lugar? Sob os pés da soberba. Ouvi quais são os pés da soberba: “Tendo conhecido a Deus, não o honraram como Deus”. Por isso, pisotearam-no os pés da soberba; de lá caíram nas profundezas: “Deus os entregou,

segundo o desejo de seus corações, à impureza" (Rm 1,21.24). Teve medo da raiz do pecado, do pecado capital, aquele que disse: "Não me pisoteiem os pés da soberba". Por que se refere a pés? Porque abandonou a Deus orgulhando-se, e afastou-se; chama de pé seu próprio afeto. "Não me pisoteie a soberba, nem as mãos dos pecadores me sacudam", isto é, as obras do pecador não me apartem de ti, por querer imitá-las. Por que fala contra a soberba: "Tombaram os obreiros da iniquidade"? Uma vez que agora são iníquos, caíram na soberba. Por este motivo, o Senhor acautela a Igreja, dizendo: "Ela observará tua cabeça", e tu "o seu calcanhar" (cf Gn 3,15). A serpente observa se a soberba te pisoteia, se escorregas, para te derrubar; tu, porém, observa sua cabeça. O começo de todo pecado é a soberba (cf Eclo 10,15). "Tombaram os obreiros da iniquidade. Foram expulsos e não puderam manter-se de pé". Primeiro, aquele que não permaneceu na verdade, em seguida, por meio dele, os que Deus expulsou do paraíso. Por isso aquele humilde que não se julga digno de desatar as correias das sandálias, não é expulso, mas está de pé e o ouve, e alegra-se à voz do esposo (cf Jo 1,27;3,29), e não por causa de sua própria voz, de sorte que não o pisoteie a soberba, seja expulso e não possa manter-se de pé.

19 Se nosso labor causou aborrecimento a alguns de vós, já terminamos o salmo, passou o tédio, e alegramo-nos porque o salmo inteiro foi explicado. No meio do salmo já receava tornar-me oneroso, e pensara em parar; mas ponderei que nossa explicação seria cortada, e não seria igual retomar do meio ou percorrê-lo todo de uma vez; e preferi onerar-vos a deixar um resto, sem terminar. Para amanhã, ainda ficamos devendo um sermão; rezai por nós para que possamos fazê-lo, e trazei para cá bocas famintas e corações devotos.

SALMO 36

SERMÃO I

1 É sabido que o último dia está terrível para aqueles que não querem estar seguros, vivendo honestamente, e preferem viver mal por muito tempo. Foi com utilidade que Deus deixou escondido aquele dia, para que os corações sempre estejam preparados, na expectativa do que há de vir, apesar de desconhecerem quando será. Nosso Senhor Jesus Cristo foi-nos enviado como mestre. Declarou ele que o Filho do homem ignorava qual seria aquele dia (Mc 13,32), porque não competia a seu magistério torná-lo conhecido de nós. O Pai não sabe algo que o Filho ignore, uma vez que a ciência do Pai identifica-se com a sua sabedoria. Seu Filho, seu Verbo é a sua sabedoria. Como não era de nosso proveito vir a conhecer o que sabia o mestre que viera nos ensinar (não viera, porém, ensinar aquilo que não nos era útil saber), não só, enquanto mestre, ensinou certas coisas, mas nesta mesma qualidade deixou de transmitir outras. Como um mestre sabia bem tanto ensinar o que convinha, como calar o que prejudicaria. Assim, por certo modo de expressão foi dito que o Filho não sabia o que não ensinou. Diz-se que ignora o que nos deixa desconhecer, conforme nos exprimimos no uso diário, por certo modo de falar, conforme eu disse acima. Chamamos de alegre o dia que nos torna alegres; e triste, o que nos faz tristes; e frio preguiçoso, o que nos faz indolentes. Também, ao invés, o Senhor declara: Agora sei. Foi dito a Abraão: "Agora sei que temos a Deus" (Gn 22,12). Deus o sabia, antes de experimentá-lo. Aquela provação se realizou para que nós soubéssemos o que Deus já sabia. Por nossa causa foi escrito o que ele conhecia antes da prova. Talvez o próprio Abraão ainda não soubesse de quanta força dispunha a sua fé. Cada qual, de fato, de certa maneira interrogado pela tentação, passa a conhecer-se a si mesmo. Pedro ignorava, efetivamente, de que forças dispunha a sua fé, quando disse ao Senhor: "Estou pronto a ir contigo à morte" (Lc 22,33). O Senhor, todavia, que o conhecia, predisse uma defecção, anunciando-lhe sua fraqueza, como se estivesse tocando-lhe o pulso. Em consequência, Pedro, que antes da tentação presumira de si mesmo, na tentação aprendeu a conhecer-se. Assim, portanto, não é absurdo pensarmos que também nosso pai Abraão veio a conhecer o vigor de sua fé, ao receber a ordem de imolar seu único filho. Não duvidou, nem hesitou oferecê-lo a quem o dera. Como não sabia como o Senhor o daria, antes de seu nascimento, assim acreditou que poderia vivificá-lo, depois de imolado. Disse Deus, portanto: "Agora sei". Entendemos: Agora fiz-te conhecer, conforme as locuções acima referidas: Frio preguiçoso, porque nos faz preguiçosos; dia alegre, que nos alegra. Do mesmo modo, conhece quem dá a conhecer. Daí a palavra: "É o Senhor vosso Deus que vos experimenta, para saber se de fato o amais" (Dt 13,4). Atribuirias, efetivamente, ao Senhor nosso Deus, ao Deus supremo, ao Deus verdadeiro grande ignorância, o que seria em verdade sacrílego, se entendesses: "O Senhor vosso Deus vos experimenta, para saber", como se ele pela prova adquirisse conhecimento do

que antes ignorava. Mas, o que significa: “Experimenta para saber”? Experimenta-vos, para vos fazer conhecer. Tomais em sentido contrário a norma do entendimento. Como, ao ouvires Deus dizer: “Agora sei”, entendeis: Levei ao vosso conhecimento, assim também ao ouvires a respeito do Filho do homem, isto é, de Cristo, dizer que ele desconhece aquele dia, entendei que nos deixa sem saber. O que significa, nos deixa sem saber? Oculta, para não sabermos o que não convém nos transmitir. Foi isto o que eu disse: o bom mestre sabe o que deve transmitir, o que há de ocultar, conforme lemos que ele adiou certas mensagens. Daí compreendemos que tudo não há de ser revelado, quando não são capazes de apreender aqueles aos quais devíamos comunicar alguma coisa. O Senhor declarou em outra parte: “Tenho ainda muito a vos dizer, mas não podeis agora compreender” (Jo 16,12). Disse também o Apóstolo: “Não vos pude falar como a homens espirituais, mas tão-somente como a homens carnais, como a crianças em Cristo. Dei-vos a beber leite, não alimento sólido, pois não podíeis suportar. Mas nem mesmo agora podeis” (1Cor 3,1.2). Para que serve esta palavra? Como sabemos que há de vir o último dia, é para nosso proveito sabermos que virá, e também nos é útil ignorarmos quando será, e assim tenhamos o coração disposto a uma vida honesta. Não somente não tenhamos a vinda daquele dia, mas até a amemos. Efetivamente, aquele dia aumenta o sofrimento dos infiéis, mas acaba com o dos fiéis. Antes que ele venha, está em teu poder escolher qual deles queres ser; quando vier, não estará mais. Escolhe, portanto, enquanto é tempo. Deus oculta com misericórdia o que também com misericórdia difere.

2 Verifica-se que de qualquer espécie de vida, em qualquer profissão, nem todos são honestos, nem todos condenáveis, porque em certas parábolas a respeito das várias espécies de homens, propostas há pouco no evangelho que ouvimos, assim se conclui: “Um será tomado e o outro deixado” (Mt 24,40). É tomado o bom, e deixado o mau. Veem-se dois num campo; mesma profissão, mas não mesmo coração. Os homens veem a profissão, Deus conhece o coração. Qualquer que seja o campo, “um será tomado e o outro deixado”. Não quer dizer que metade é tomada, e metade deixada; mas se declara serem duas as espécies de homens. E se for constituída de poucos e outra de muitos, “um será tomado e o outro deixado”, isto é, uma espécie será tomada e a outra deixada. Isto acontece tanto no leito, como no moinho. Estais na expectativa, talvez, que eu diga o que é isto; vedes que é coisa oculta, envolvida em certas comparações. É possível que me pareça de um modo e outro tenha opinião diferente. Nem eu imponho a outro como a melhor explicação o que eu disser, nem ele a mim o seu parecer, se ambos concordam com a fé. Parece-me que os que trabalham no campo são os que presidem às igrejas, conforme diz o Apóstolo: “Vós sois a seara de Deus, o edifício de Deus”. Ele se denomina arquiteto, quando diz: “Como bom arquiteto, lancei o fundamento”, e agricultor, quando afirma: “Eu plantei, Apolo regou, mas era Deus quem fazia crescer” (1Cor 3,9.10.6). Diz o evangelho duas no moinho (cf. Mt 24,41), não dois: creio que esta figura se refere às multidões, porque os chefes governam e as multidões são governadas. O moinho, a meu ver, significa este mundo; porque se revolve pela roda dos tempos, e esmaga os que o amam. Existem, portanto, os que não se afastam das ações

mundanas; contudo, ali uns agem bem, outros agem mal. Uns adquirem amigos com as riquezas da iniquidade, que os recebam nos tabernáculos eternos (cf Lc 16,9); a eles é dito: “Tive fome e me destes de comer”. Outros são negligentes neste ponto, e se lhes dirá: “Tive fome e não me destes de comer” (Mt 25,35.42). Por conseguinte, dentre os que estão envolvidos nos negócios e trabalhos deste mundo, alguns gostam de prestar benefícios aos necessitados, outros o negligenciam. É o caso das duas mulheres no moinho: “uma será tomada e a outra deixada”. A meu ver, leito significa aqui repouso; há os que não querem se envolver em atividades mundanas, como os homens casados que têm casas, famílias, filhos: nem querem trabalhos na Igreja, como os prelados que são os que trabalham na agricultura; mas se sentindo fracos para esta labuta, afastam-se para o lazer e gostam de estar tranquilos. Lembrados de sua fraqueza, não se arriscam numa grande atividade, e de certo modo no leito de sua fraqueza, rezam a Deus. Este estado de vida contém bons, e contém fingidos; por conseguinte, também entre eles acontece que “um será tomado, e outro deixado”. Em qualquer estado de vida a que te dedicares, prepara-te para encontrar fingidos; se, ao invés, não te prevenires, encontrarás o que não esperavas, e desanimarás ou te perturbarás. O Senhor, que te fala, prepara-te para tudo, enquanto é tempo para ele de expor e não é ainda ocasião de julgar, e para ti oportunidade de ouvir, e ainda não de inútil arrependimento. Agora, pois, a penitência não é vã; então, será frustrada. Não digo que então os homens não se penitenciem de terem vivido mal; mas de forma alguma a justiça de Deus revoga o que eles perderam por sua injustiça. É justo, para Deus, que ele agora conceda a misericórdia; então, exercerá o juízo. Por este motivo, agora não se cala. Ou se cala? Censure alguém, murmure, se agora este trecho da Escritura não é recitado e cantado na terra inteira; se também cessa de ser apregoada publicamente.

3 1.2 Mas, de fato, perturba-te, ó cristão, veres os que vivem mal serem felizes, nadar em abundância, estarem sadios, ocuparem soberbas dignidades, ter a casa incólume, ver a alegria dos seus, os obséquios dos clientes, elevados poderes, nada de triste atacar suas vidas; vês os maus costumes, e as propriedades abundantes; e teu coração diz que não há juízo divino, que tudo é obra do acaso e sacudido por movimentos fortuitos. Declaras: Se Deus olhasse as coisas humanas, a maldade daquela estaria florescente, e minha inocência labutaria? Toda doença de espírito encontra nas Escrituras medicamento adequado. Quem está doente a tal ponto que diz isto em seu coração, beba a poção deste salmo. Qual é? Novamente examinemos: o que dizias? Respondes: O que dizia? Não é o que vês? Os maus progridem, os bons pelejam; como Deus vê estas coisas? Toma, bebe. Preparei-te uma poção, a respeito destes fatos dos quais murmuras. Apenas não recuses a bebida salutar. Ouviste. Acomoda a boca do coração. Bebe o que ouves: “Não rivalizes com os malvados, nem invejes os obreiros da iniquidade. Bem cedo hão de secar como o feno e murchar qual erva do campo”. É breve para Deus o que te parece longo: submeter-se a Deus, e será breve para ti. Identificam-se “feno e ervas do campo”. São insignificantes, superficiais, e não têm raízes profundas. Por este motivo, reverdescem no inverno; apenas o sol do verão começa a arder, murcham. Agora é inverno, e tua glória

ainda não aparece; mas, se for profunda a raiz de tua caridade, conforme sucede a muitas árvores no inverno, passará o frio, virá o verão, isto é, o dia do juízo, quando secará o verdor do feno, e aparecerá a glória das árvores. "Estais mortos", diz o Apóstolo, assim como as árvores no inverno, quase secas, quase mortas. Qual, então, a nossa esperança, se estamos mortos? A raiz está escondida dentro da terra. Onde está nossa raiz, lá se encontra nossa vida, lá se encontra nossa caridade. "E a vossa vida está escondida com Cristo em Deus" (Cl 3,3). Quando murcha a árvore que tem essa raiz? Quando será nosso verão? Quando nos reveste a beleza das folhas e nos enriquece a fartura dos frutos? Quando será? Ouve a continuação: "Quando Cristo, que é a nossa vida, se manifestar, então vós também com ele sereis manifestados em glória" (ib 3,4). E agora, como é? "Não rivalizes com os malvados, nem invejes os obreiros da iniquidade. Bem cedo hão de secar como o feno e murchar qual erva do campo".

4 [3.4] E tu? O que farás? "Espera no Senhor". Há os que esperam, porém não no Senhor; a esperança deles é mortal, a esperança deles é caduca, frágil, volátil, transitória, vã. "Espera no Senhor". Sim, espero. O que fazer? "E pratica o bem". Não o mal, que observas naqueles que são felizes, mas vivem mal; "pratica o bem; habita a terra". Não faças o bem, mas fora da habitação, da terra. A terra do Senhor é a sua Igreja; o Pai a irriga, cultiva-a aquele que é o agricultor (cf. Jo 15,1). Pois são muitos os que praticam boas obras e não habitam a terra, não pertencem ao agricultor. Pratica, pois, o bem, não fora da terra, mas habita a terra. E o que terei? "E nutrir-te-ás de suas riquezas". Quais são as riquezas desta terra? Sua riqueza é o seu Senhor, sua riqueza é seu Deus. É aquele ao qual diz o salmista: "O Senhor é a minha porção" (Sl 118,57). A ele se refere o salmo: "O Senhor é a porção de minha herança e de meu cálice" (Sl 15,5). Em recente sermão lembrávamos a V. Caridade[1] que Deus é nossa possessão e nós somos a propriedade de Deus. Ouve que a riqueza desta terra é ele mesmo; vê como prossegue: "Põe tuas delícias no Senhor". Suponhamos que pedes: Mostra-me as riquezas daquela terra, onde me ordenas habitar. Responde o salmista: "Põe tuas delícias no Senhor e ele atenderá aos pedidos de teu coração".

5 Acolhe como um sinal a expressão: "pedidos de teu coração". Distingue entre pedidos do coração e pedidos da carne. Distingue quanto puderes. Não é ociosa a expressão de certo salmo: "Deus de meu coração" (Sl 72,26). E continua: "e minha porção, meu Deus, pelos séculos". Por exemplo, um cego corporalmente suplica a visão. Suplique-a, porque Deus faz também destas coisas, e as concede; mas também os maus as pedem. É um pedido carnal. Se alguém adoece, pede a saúde. Um moribundo recupera a saúde. Esta é igualmente uma prece carnal, etc. Qual é a súplica do coração? É um pedido carnal o referente à restauração dos olhos, para verem a luz, visível a tais olhos; assim também o pedido do coração é relativo a outra luz. Pois, "bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus" (Mt 5,8). "Põe tuas delícias no Senhor e ele atenderá aos pedidos de teu coração".

6 [5.6] Está bem. Desejo, peço, quero. Posso realizá-lo? Não. Quem, então? "Expõe ao

Senhor o teu caminho. Confia nele e ele agirá". Manifesta-lhe teu sofrimento, manifesta-lhe tua vontade. Qual o teu sofrimento? "Pois a carne tem aspirações contrárias ao espírito e o espírito contrárias à carne" (Gl 5,17). Qual a tua vontade? "Infeliz de mim! Quem me libertará deste corpo de morte?" (Rm 7,24.25). Como será ele quem realizará, quando lhe tiveres revelado teu caminho, vê como prossegue: "A graça de Deus por Jesus Cristo nosso Senhor" (ib 25). Por conseguinte, o que fará ele, uma vez que foi dito: "Expõe ao Senhor o teu caminho. Confia nele e ele agirá;" o que há de fazer? "Fará surgir como a luz a tua justiça". Agora tua justiça está oculta: existe na fé, não ainda na realidade. Crês para agir, mas ainda não vês o que acreditas. Ao começares a ver o que creste, tua justiça surgirá como a luz, porque tua justiça era a tua fé. Pois, o justo vive da fé (cf Hb 11,1; Rm 1,17).

7 "Fará surgir como a luz a tua justiça e o teu direito como o sol do meio-dia", isto é, como luz brilhante. Era pouco dizer: "como a luz". Já chamamos de luz o alvorecer; denominamos também luz a aurora; mas nunca é mais brilhante a luz do que ao meio dia. Não apenas, portanto, fará surgir como a luz a tua justiça, mas o teu direito será como o sol ao meio-dia. Agora julgas que segues a Cristo. Decidiste fazê-lo. Tal foi tua escolha, teu juízo. Ninguém te mostra o objeto da promessa. Já tens aquele que promete, mas esperas quem te dará. No julgamento de tua fé optaste por seguir o que não vês. Teu juízo ainda é oculto. Ainda é censurado e escarnecido pelos infiéis: O que acreditaste? O que Cristo te prometeu? Que serás imortal e te dará a vida eterna? Onde se acha isto? Quando dará? Quando será possível? Julgas, no entanto, melhor seguir a Cristo que te promete o que não vês do que ao ímpio que te censura por acreditares no que não vês ainda. Este é o teu juízo. E a qualidade de teu julgamento ainda não é manifesta; este século é uma espécie de noite. Quando, então, surgirá o teu direito como o sol ao meio dia? Quando se manifesta Cristo, vossa vida, então também vós aparecereis com ele na glória (cf Cl 3,4). Quando vier o dia do juízo, vier Cristo e congregar todos os povos para serem julgados, o que acontecerá? Onde o ímpio esconderá sua perfídia, quando eu tiver visto a minha fé? No entanto, o que acontece agora? Angústias, tribulações e tentações. E feliz o que perseverar, porque quem perseverar até o fim, será salvo (cf Mt 24,13). Não ceda aos injuriadores, nem opte por florescer aqui, de sorte que de árvore se torne feno.

8 [7] O que devo, pois, fazer? Escuta o que hás de fazer: "Sê submisso ao Senhor e suplica-lhe". Consista tua vida em obedecer aos seus preceitos. É isto que significa ser-lhe submisso, e suplicar até que ele conceda o que prometeu. Persevera nas boas obras, persevera nas orações. Importa orar sempre, sem esmorecer (cf Lc 18,1). Em que te hás de mostrar submisso? Fazendo o que ele ordenou. Mas ainda não recebes a recompensa; talvez porque ainda não és capaz de recebê-la. Ele já pode dar, mas tu não podes receber. Exercita-te nas boas obras, trabalha na vinha; no fim do dia pede o pagamento. É fiel aquele que te contratou para trabalhar na vinha (cf Mt 20,8). "Sê submisso ao Senhor e suplica-lhe".

9 [7-9] Vou fazê-lo. Sou submisso ao Senhor e suplico-lhe. Mas, o que te parece? Aquele vizinho malvado, age perversamente e prospera. Conheço seus furtos, seus adultérios, suas rapinas. Sempre soberbo, orgulhoso, gloria-se da iniquidade e não se digna me conhecer. Como suportarei isto por muito tempo? Ele está doente. Imuniza-te. "Não invejes o que prospera em seus caminhos". Prospera ele, mas em seu caminho; tu, labutas, mas no caminho de Deus. Ele encontra a prosperidade enquanto está a caminho; ao chegar, achará a infelicidade. Tu labutas no caminho, na chegada terás a felicidade, porque "o caminho dos ímpios leva à perdição" (Sl 1,6). "O Senhor conhece o caminho dos justos; o caminho dos ímpios leva à perdição". Trilha os caminhos conhecidos pelo Senhor. Se neles estás em trabalhos, contudo não te enganam. O caminho dos ímpios é felicidade transitória; termina o caminho, acaba a felicidade. Por quê? Porque aquele caminho é espaçoso, mas termina no profundo do inferno. Teu caminho, porém, é apertado, e poucos ingressam nele; mas deves pensar em que amplidão termina (cf Mt 7,13.14). "Não invejes o que prospera em seus caminhos, o que pratica a iniquidade. Reprime a ira e acalma a indignação". Por que te encolerizas? Por que, devido à ira e à indignação blasfemas, ou quase? "O que pratica a iniquidade. Reprime a ira e acalma a indignação". Não sabes até onde te conduz esta cólera? A dizer que Deus é iníquo. Até aí vai. Por que este é feliz e aquele infeliz? Vê o que a ira produz; abafa este mau conceito. "Reprime a ira e acalma a indignação", de sorte que já arrependido, digas: "Tenho os olhos turvados de ira" (Sl 6,8). Que olho, a não ser o da fé? Interrogo o olho da tua fé: Acreditaste em Cristo; por quê? O que ele te prometeu? Se Cristo te prometeu a felicidade neste mundo, murmura contra Cristo, murmura contra ele, ao verificares que um infiel é feliz. Qual a felicidade que te prometeu? Qual senão a que se recebe na ressurreição dos mortos? E nesta vida, então? Direi: Terás o mesmo que ele, igual a ele. Ou desprezas, servo e discípulo, aquilo que recebeu o Senhor e mestre? Acaso não ouves a sua palavra: "O servo não é maior do que seu senhor", nem o discípulo maior do que o mestre (Jo 13,16)? Ele sofreu por ti dores, flagelos, opróbrios, cruz, morte. E o que merecia disto tudo o justo? O que não era devido a ti, pecador? Por conseguinte, mantém reto o teu olhar, não se turve pela ira. "Reprime a ira e acalma a indignação. Desiste da emulação. Não emules agindo mal", de certo modo imitando aquele que, agindo mal, prospera durante algum tempo. "Desiste da emulação. Seria um mal a mais. Pois serão exterminados os malvados". Mas, eu vejo a felicidade deles. Acredita naquele que afirma: "Serão exterminados", porque ele vê melhor do que tu; não podes deixar que a ira perturbe teu olho. "Pois serão exterminados os malvados. Os que esperam com paciência no Senhor", não num homem falaz, mas de fato, na própria verdade; não em alguém que tem pequeno poder, mas efetivamente naquele que é onipotente. "Os que esperam com paciência no Senhor, herdarão a terra". Que terra, senão aquela Jerusalém? Quem arde de amor por ela chegará à paz.

10 [10] Mas, por quanto tempo o pecador prosperará? Até quando hei de suportar? Que pressa! Logo virá o que te parece longo. Tua fraqueza faz parecer longo o que é breve. Como se manifestam os desejos dos doentes? A demora dura o tempo que se leva a

preparar o copo para o que está com sede. De fato, os familiares se apressam, para que o doente não se impaciente. Quando fica pronto? Quando estará cozido? Quando me será dado? Os que te servem são rápidos, mas tua fraqueza acha demorado o que se faz depressa. Vede, portanto, o nosso médico acalmando o enfermo que pergunta: Quanto tempo tenho de esperar? Para quando será? "Ainda um pouco e o pecador não existirá mais". Sem dúvida, gemes no meio dos pecadores, gemes por causa do pecador; ainda um pouco e não existirá mais. Eu te disse: "Os que esperam com paciência no Senhor herdarão a terra"; por isso não vás pensar que esta paciência será longa demais; espera um pouco, e receberás para sempre o que esperas. Ainda um pouquinho: um pouco. Lembra-te dos anos decorridos de Adão até hoje, percorre as Escrituras. Foi apenas ontem que ele caiu e foi expulso do paraíso. Tantos séculos decorreram, passaram. Onde estão as épocas passadas? Assim também as poucas que ainda restam, passarão indubitavelmente. Se tivesses vivido durante todo aquele tempo, desde que Adão foi expulso do paraíso até hoje, certamente acharias que tua vida não foi longa, que voou. Qual a duração da vida de cada homem? Acrescenta quantos anos quiseres, imagina uma velhice muito prolongada. O que é isto? Não será uma brisa matutina? Seja, portanto, distante o dia do juízo, quando haverá a retribuição dos injustos e dos justos, com toda certeza teu último dia não pode estar muito longínquo. Prepara-te para ele. Conforme estiveres ao sair desta vida, serás na outra. Após esta breve vida ainda não estarás no ponto em que estarão os santos, aos quais se dirá: "Vinde benditos de meu Pai, recebei o reino preparado para vós desde a criação do mundo" (Mt 25,34). Ainda não estarás neste ponto, quem não o sabe? Mas já poderás estar no lugar daquele mendigo cheio de úlceras que viu em seu repouso, de longe, aquele rico soberbo e carente, no meio de seus tormentos (cf Lc 16,23). De posse daquele repouso, certamente esperarás em segurança o dia do juízo, quando recuperarás também o corpo, quando serás transformado para te igualares aos anjos. Por isso, quanto nos apressamos, dizendo: Quando será? Demorará muito? Isto hão de dizer os nossos filhos, hão de dizer os nossos netos. E enquanto cada um dos que sucedem há de falar assim, passará este pouco de tempo, como passou tudo o que pertence ao passado. Ó homem fraco! "Ainda um pouco e o pecador não existirá mais".

11 "Procurarás o seu lugar e não o encontrarás". O salmista mostra aqui o que significa: "Não existirá mais". Não quer dizer que absolutamente já não existirá, mas que para nada servirá. Se não existir mais, absolutamente, também não será atormentado. O pecador se sentirá em segurança e dirá: Farei o que quiser enquanto vivo, porque depois não existirei mais. Não terá de que se lastimar, não haverá tormentos? E como se realizará a palavra: "Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e para os seus anjos" (Mt 25,41)? Mas, talvez os que forem lançados naquele fogo não existirão mais, sendo consumidos. Neste caso não se lhe diria: "Ide para o fogo eterno", porque o que não existirá mais não pode ser eterno. Além disso, o Senhor não calou o que lhes advirá, se absoluta destruição, ou dor e tormentos, dizendo: "Lá haverá choro e ranger de dentes" (Mt 8,12). Como, pois, hão de chorar e ranger os dentes, se não existirão mais? E então, como se diz aqui: "Ainda um pouco e o pecador não existirá

mais", a não ser da maneira descrita no versículo seguinte: "Procurarás o seu lugar e não o acharás?" O que significou: "seu lugar?" Sua utilidade. O pecador tem alguma utilidade? Tem. Aqui, Deus o emprega para experimentar o justo, como utilizou-se do diabo para provar a Jó, como empregou Judas para entregar a Cristo. Nesta vida, portanto, o pecador serve para alguma coisa. Aqui, portanto, está o seu lugar, como no crisol a palha tem lugar. A palha arde, para purificar o ouro; assim o ímpio se encarniça para experimentar o justo. Mas quando passar o tempo de nossa provação, quando não haverá mais justos a serem provados, não haverá quem os experimente. Acaso porque dissemos: Não haverá quem os experimente, eles não existirão mais? Mas como não haverá mais necessidade de pecadores para experimentar os justos: "Procurarás o seu lugar e não o acharás". Procura agora seu lugar, e encontrarás. O Senhor fez do pecador um flagelo, deu-lhe honra, deu-lhe poder. Às vezes, ele age assim. Dá ao pecador poder; são castigadas as ações humanas, e com isso os bons se emendam. Ao pecador será dado em troca o que merece; no entanto, dele se fez com que o piedoso progrida e pereça o ímpio. "Procurarás o seu lugar e não o acharás".

1 Cf. Com. ao Sl 32, s. 2, n. 17.

12 [11] "Os mansos, porém, herdarão a terra". Terra representa aquela da qual falamos frequentemente, a Jerusalém santa, que será libertada da necessidade de peregrinar, e viverá eternamente com Deus e de Deus. Por conseguinte, "herdarão a terra". Quais serão as suas delícias? "E gozarão de paz profunda". Deleite-se aqui o ímpio na multidão de ouro, na quantidade de prata, na multiplicidade de escravos, na multidão de termas, de rosas, de vinhos, de banquetes lautos e pomposos. É este o poder que invejas, a flor que te deleita? Não seria deplorável, mesmo que assim para sempre fosse? Quais serão as tuas delícias? "E gozarão de paz profunda". A paz será teu ouro, a paz será tua prata, a paz será tua propriedade, a paz será tua vida. A paz estará em teu Deus. A paz será para ti tudo o que desejares, aqui, na terra, o que é ouro não pode ser tua prata, o que é vinho não se torna pão para ti, a luz não se faz tua bebida. No entanto, teu Deus será tudo para ti. Tu o comerás para não teres fome; bebê-lo-ás para não teres sede; serás iluminado por ele, para não seres cego; nele te apoiarás para não desfaleceres. Ele, todo inteiro, te possuirá integralmente. Não sofrerás aperturas na companhia daquele, no qual tudo possues; terás tudo, e ele terá tudo, porque tu e ele sereis um, e aquele que vos possui terá totalmente a unidade. São estes "os bens que sempre restam ao homem pacífico". Cantamos isto. Este versículo está na verdade longe dos versículos do salmo de que tratamos. Mas como o cantamos, vamos encerrar com ele. Somente mantém-te tranquilo. "Guarda a inocência". É coisa preciosa. Suponho que queiras roubar alguma coisa, para adquiri-la. Vê onde pões a mão e de onde a tiras. Queres adquirir uma coisa e perdes outra. Adquires dinheiro e perdes a inocência. Esteja antes vigilante o teu coração. Querias adquirir dinheiro e perdes a inocência. Perde de preferência o dinheiro. "Guarda a inocência e observa a retidão" (Sl 36,37). Deus te dirigirá, de sorte que queiras, também tu, aquilo que ele quer. Isto é retidão. Pois, se não queres o que Deus quer, serás torto, e tua maldade não te permitirá adaptar-te ao que é reto. "Guarda a inocência,

e observa a retidão", e não penses que terminada esta vida, desaparecerá o homem, porque "sempre restam alguns bens ao homem pacífico".

SERMÃO II

1 Recebemos a ordem de falar a V. Caridade sobre este salmo e devemos obedecer. O Senhor quis que nossa viagem fosse adiada por causa da intensidade das chuvas; e foi-nos ordenado que nossa língua não se calasse diante de vós, porque sempre ocupais o nosso coração, como nós ocupamos o vosso. Recordáremos a vontade de Deus, de que fala o salmo: o que quer nos ensinar, nos admoestar, de nos precaver, o que havíamos de tolerar e o que esperar. Há duas espécies de homens, os justos e os pecadores; nesta terra e nesta vida estão misturadas. Cada uma destas espécies tem metas peculiares. Os justos se esforçam por atingir as coisas sublimes através da humildade; os pecadores são arrastados para baixo, por causa do orgulho. Os primeiros se abaixam para se erguerem, os segundos se exaltam para caírem. Com isso, uma espécie tolera, outra é tolerada. Os justos se propõem ganhar para a vida eterna os próprios iníquos, enquanto os iníquos se propõem pagar o bem com o mal e, se possível, até privar da vida temporal aqueles mesmos que lhes desejam a vida eterna. O injusto não suporta o justo, e o justo não tolera o injusto; são pesados uns aos outros. Ninguém duvida que estes dois são mutuamente pesados um ao outro, mas por diversos motivos. O justo torna-se um peso para o injusto, porque não quer que continue injusto, mas que se torne justo, fazendo votos para tal e esforçando-se neste sentido. O injusto, porém, odeia o justo, não querendo que o seja e não para torná-lo bom. Quanto maior for a bondade deste, tanto mais pesado se torna à iniquidade do outro. E empenha-se efetivamente a fazê-lo injusto, se possível; se não o consegue, procura tirá-lo de sua frente, e afastar o motivo de seu tédio e incômodo. Mas, mesmo que o torne injusto, continuará a ser-lhe molesto. Não é apenas que é pesado ao injusto, mas também dois injustos mal se suportam; e quando parecem amar-se, fazem-no por cumplicidade, não por amizade. Concordam entre si, ao se tratar de conspiração para perda do justo. Não o fazem porque se amam, mas porque odeiam juntos aquele que devia ser amado. O Senhor nosso Deus nos impõe, em relação a esta espécie de homens, tolerância e o afeto daquela caridade que o evangelho nos ensina, segundo a ordem do Senhor: "Amai os vossos inimigos, e fazei bem aos que vos odeiam" (Mt 5,44). E ainda o Apóstolo: "Não te deixes vencer pelo mal, mas vence o mal com o bem" (Rm 12,21). Disputa com o malvado, mas sobre a bondade. Esta é a verdadeira disputa, ou antes o certame salutar: o bom contra o mau, para não serem dois maus.

2 [12.13] Olhai o salmo. A primeira parte foi analisada. Vêm as seguintes. "O pecador observará o justo, e rangerá os dentes contra ele. O Senhor, porém, se ri dele". De quem? Sem dúvida, do pecador, que range os dentes contra os justos. Por que "o Senhor se ri dele? Porque vê chegar o seu dia". O pecador mostra-se cruel ao ameaçar o justo, que ignora o dia de amanhã. O Senhor, porém, vê, e prevê o seu dia. Qual? Quando

retribuirá a cada um conforme suas obras (Mt 16,27). O pecador está acumulando ira para o dia da ira e da revelação da justa sentença de Deus (cf Rm 2,5). Mas o Senhor prevê; tu não prevês; indicou-te o futuro aquele que prevê. Ignoravas que haveria um dia em que o injusto sofreria o castigo; quem o sabe, não escondeu de ti. Estar unido a quem sabe não é pequena parte de conhecimento. Ele tem os olhos do conhecimento, possuas tu os da fé. Crê naquilo que Deus vê. Virá o dia das contas do injusto; Deus o prevê. Qual dia? O do castigo de cada um. É necessário seja castigado o ímpio, seja castigado o injusto, quer se converta, quer não. Se ele se converter, a vingança contra ele será terminar a iniquidade. Não se riu Deus, prevendo o dia de dois iníquos, o de Judas traidor e o do perseguidor Saulo? Viu o dia do castigo de um, e o da justificação do outro. Contra ambos se vingou: um foi destinado ao fogo da geena, outro foi prostrado pela voz celeste. Tu, portanto, que sofres da parte o iníquo, com os olhos da fé contempla com Deus o dia deles; e ao perceberes que se enfurece contra ti, dize a ti mesmo: Ou se corrigirá, e estará comigo; ou perseverará no mal, e não estará comigo.

3 14-16 Como será, então? A injustiça do injusto te prejudica, e não o prejudica? Como pode ser que a sua iniquidade, que tenta, pela indignação e o ódio, te prejudicar, não o arruíne primeiro interiormente, e só depois te experimente por fora? A adversidade oprime teu corpo, a iniquidade dissolve-lhe a alma. Pois, tudo o que profere contra ti volta-se contra ele. Sua perseguição te purifica e faz dele um réu. A quem, então, causa maior dano? Eis que, furioso, te despejou. Quem sofre maior dano, quem perde o dinheiro, ou quem perde a fidelidade? Os que têm olhos para ver interiormente, não lastimam tais prejuízos. Para muitos o ouro tem brilho, e a fidelidade não. Têm, de fato, olhos para verem o ouro; para verem a fidelidade, não possuem. Pois, se tivessem e vissem, em verdade a amariam mais. No entanto, se alguém quebra a fidelidade para com eles, clamam, reclamam e dizem: Oh! a fidelidade! Onde está a fidelidade? Sabes amá-la para a exigires dos outros; ama-a para a observares. Uma vez que todos os que perseguem os justos sofrem maior dano, e são afligidos por moléstia mais grave, porque é a alma que é arruinada, o salmo continua e mostra: "Os ímpios desembainham a espada e retesam o arco, para abater o desvalido e o pobre, e liquidar os retos de coração. A sua espada traspassar-lhes-á o coração". É fácil que sua espada, isto é, seu gládio, chegue a teu corpo, como o gládio dos perseguidores atingiu os corpos dos mártires; mas, ferido o corpo, o coração permaneceu ileso. O coração daquele, porém, que atravessou o corpo do justo com o gládio, de modo algum manteve-se ileso. Este salmo o atesta. Sua espada não entrará, disse o salmista, no corpo deles, mas: "A sua espada traspassar-lhes-á o coração". Quiseram matar o corpo, morreram quanto à alma. O Senhor pôs em segurança aqueles cujos corpos eles quiseram matar, dizendo-lhes: "Não temais os que matam o corpo, mas não podem matar a alma" (Mt 10,28). Qual a vantagem de ser cruel com a espada, só poder matar o corpo do inimigo, e no entanto matar a própria alma? Perdem o senso, enfurecem-se contra si mesmos, enlouquecem, não se veem a si mesmos. Agem como alguém que quisesse fazer a lâmina atravessar primeiro o seu próprio corpo, para rasgar a túnica de outro. Dás atenção ao alvo que

alcançaste, e não observas por onde passaste; rasgaste-lhe a veste, e a tua própria carne. Consta, por conseguinte, que os iníquos mais se prejudicam e causam dano a si mesmos do que lesam, como lhes parece, àqueles a quem têm ódio. "A sua espada, portanto, traspassar-lhes-á o coração". É sentença do Senhor. Não pode ser de outro modo. "O seu arco será despedaçado". O que quer dizer: "O seu arco será despedaçado?" Suas insídias serão frustradas. Mais acima dissera: "Os ímpios desembainham a espada e retesam o arco". Desembainhar a espada está significando um ataque aberto; o arco, porém, representa as insídias ocultas. Eis que sua espada o matou, e a trama de suas ciladas é frustrada. O que significa: é frustrada? Em nada prejudicam ao justo. Como, então, o ímpio em nada o lesou, se, por exemplo, ele o espoliou, se o angustiou tirando-lhe os bens? O justo tem o que cantar: "O pouco que o justo possui vale mais que a opulência dos ímpios".

4 [17] Mas, os iníquos são poderosos, fazem muito, e têm bom êxito; à sua ordem segue-se a obediência, a rapidez na ação. Será sempre assim? "Porque os braços dos pecadores serão quebrados". Braços representam o poder deles. O que sucederá na geena? Ou o que faz aquele rico, que se banqueteava na terra, e era supliciado no inferno (cf. Lc. 16,19.24)? Por conseguinte, "os braços" deles "serão quebrados, ao passo que o Senhor fortificará os justos". Como os fortifica? O que lhes diz? O que se encontra em outro salmo: "Espera no Senhor, age virilmente, conforte-se teu coração, e espera no Senhor" (Sl 26,14). Qual o sentido de: "Espera no Senhor?" Durante certo tempo trabalhas, mas não trabalharás eternamente. Tuas dificuldades são breves, enquanto eterna será tua felicidade; por um pouco te condóis, sem fim te alegrarás. Mas começas a resvalar no meio das dificuldades? O exemplo da paixão de Cristo te é proposto. Vê quanto sofreu por ti aquele que não tinha motivo de sofrer. Por mais que padeças, não chegarás àqueles insultos, àqueles flagelos, àquela veste ignominiosa, àquela coroa de espinhos, por fim àquela cruz, porque esta pena foi abolida para o gênero humano. Antigamente os criminosos eram crucificados; agora, ninguém. Foi honrada e abolida. Abolida como castigo, permanece em forma gloriosa. De lugar de suplício passou às frontes dos imperadores. Quem concedeu tanta honra às suas penas, o que não reservará para seus fiéis? "O Senhor fortifica os justos" com estes fatos, estas palavras, estas alocuções, este exemplo. Sejam os pecadores cruéis quanto quiserem, e quanto lhes for permitido: "O Senhor fortifica os justos". Tudo o que acontecer ao justo, atribua ele à vontade divina, não ao poder do inimigo. Este pode enfurecer-se; mas ferir, se Deus não quiser, não pode. E se Deus quiser que o inimigo fira, sabe ele como acolherá o que é seu: "O Senhor corrige a quem ele ama, e castiga todo filho a quem acolhe" (Hb 12,6). O iníquio aplaude-se a si mesmo, porque meu Pai o utilizou qual açoite? Toma-o a seu serviço, instruiu-me em vista de meu patrimônio. Não devemos atender a quanto ele permite aos injustos, mas a quanto reserva para os justos.

5 Mas cabe-nos desejar, mesmo àqueles que nos servem de flagelos, que se convertam e sejam flagelados. Foi deste modo que o Senhor instruía seus fiéis, quando se serviu de Saulo para castigá-los; mas depois o converteu igualmente. E quando o Senhor disse a

santo Ananias, por quem Saulo foi batizado, que devia acolhê-lo, porque era uma vaso de eleição, Ananias respondeu, temeroso e horrorizado, devido à fama de Saulo como perseguidor: “Senhor, ouvi a respeito deste homem, quanto mal fez a teus santos em Jerusalém. E está aqui com plena autoridade dos sacerdotes para aprisionar e levar aos pontífices os que invocam o teu nome” (At 9,13-16). Replicou-lhe o Senhor: “Vai, eu mesmo lhe mostrarei quanto lhe será preciso sofrer por causa do meu nome” (At 9,13-16). Disse: Eu lhe retribuirei, vingar-me-ei dele; e sofrerá por causa de meu nome, aquele que está enfurecido contra meu nome. Ensino ou ensinei a outros por meio dele, ensinar-lhe-ei igualmente através de outros. Assim se fez. Sabemos quanto suportou Saulo. Muito mais do que fizera. O Senhor, como um avaro cobrou-lhe com juros aquilo que lhe havia confiado.

6 Mas vê se nele se verificou o que o salmo agora diz: “O Senhor fortifica os justos”. O mesmo Paulo, diante de muitos sofrimentos, diz: “E não é só. Nós nos gloriamos também nas tribulações, sabendo que a tribulação produz a perseverança, a perseverança uma virtude comprovada, a virtude comprovada a esperança. E a esperança não decepciona, porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito santo que nos foi dado” (Rm 5,3-5). Bem: certamente já é justo, já está confirmado. Por conseguinte, como a Paulo já confirmado em nada causavam dano os que o perseguiam, nem ele mesmo prejudicava àqueles que ele perseguia. “O Senhor confirma os justos”. Ouve outras palavras do justo já fortificado: “Quem nos separará do amor do Cristo? A tribulação, angústia, perseguição, fome, nudez?” (Rm 8,35) Como estava unido a Cristo aquele que nem tais dificuldades eram causa de separação? “O Senhor fortifica os justos”. Haviam descido alguns profetas de Jerusalém, e cheios de Espírito Santo profetizaram ao mesmo Paulo que haveria de sofrer muito em Jerusalém; assim um deles chamado Ágabo, tirou o cinto e amarrou-se, como se costuma fazer, para mostrar o profeta, por meio destes sinais, acontecimentos futuros, dizendo: “Como me vedes ligado, assim deverá ser amarrado este homem em Jerusalém”. Os irmãos, ouvindo o aviso dado a Saulo, agora já Paulo, começaram a dissuadi-lo de não se expor a tantos perigos, aconselhando e pedindo que desistisse de ir a Jerusalém. Ele, porém, já era do número daqueles dos quais foi dito: “O Senhor fortifica os justos”, e disse: “Por que me partis o coração?” Não dou grande valor a minha vida. Já dissera àqueles que gerara para o evangelho: “Quanto a mim, de bom grado me despenderei todo inteiro, em vosso favor. Estou pronto não somente a ser preso, mas ainda a morrer pelo nome do Senhor Jesus Cristo” (At 21,11-13; 2Cor 12,15).

7 [18] “O Senhor, portanto, fortifica os justos”. Como os fortifica? “O Senhor vela pelos caminhos dos homens íntegros”. Ao sofrerem males, pensam que trilham maus caminhos os que ignoram, os que não souberam reconhecer os caminhos dos homens íntegros. Quem os conhece, sabe como o Senhor conduz por um caminho reto os seus, que são mansos. Daí dizer outro salmo: “Dirigirá os mansos no juízo. Ensinará aos dóceis os seus caminhos” (Sl 24,9). Imaginai como não devem ter detestado os transeuntes aquele pobre, coberto de úlceras, a jazer diante da porta do rico (cf Lc 16,20)? Acaso não

tapavam o nariz e cuspiam? Mas, o Senhor sabia reservar-lhe o paraíso. Não desejariam para si a vida daquele que se vestia de púrpura e linho fino, e se banqueteava diariamente de maneira opulenta? O Senhor, porém, que via de antemão o seu dia, conhecia seus futuros tormentos, tormentos sem fim. Portanto: "O Senhor vela pelos caminhos dos homens íntegros".

8 "E a herança deles permanecerá eternamente". Temos isto na fé; acaso para o Senhor será na fé? O Senhor o sabe de modo tão manifesto que não podemos exprimir, mesmo ao nos tornarmos iguais aos anjos. Não nos serão tão evidentes as coisas reveladas quanto são manifestas àquele que não pode nem mesmo mudar. No entanto, a nosso respeito, o que foi dito? "Caríssimos, desde já somos filhos de Deus, mas o que seremos ainda não se manifestou. Sabemos que por ocasião desta manifestação seremos semelhantes a ele, porque o veremos tal como ele é" (1Jo 3,2). Por conseguinte, está sendo reservado para nós não sei bem qual suave espetáculo, absolutamente; e se em parte se pode pensar, ver em figura e num espelho, de forma nenhuma se pode exprimir a beleza daquela suavidade que Deus guarda para os que temem, e realiza para os que nele esperam (cf Sl 30,20). Para isto nossos corações são preparados no meio de todas as tribulações e tentações desta vida. Não te admires de seres preparado pelos trabalhos; é para algo de muito grande que te preparas. Daí se originam aquelas palavras do justo já fortificado: "Os sofrimentos do tempo presente não têm proporção com a glória que deverá revelar-se em nós" (Rm 8,18). Qual será nossa futura glória senão igualar-nos aos anjos e ver a Deus? Qual a grandeza do benefício prestado ao cego por aquele que curar seus olhos a fim de ver a luz do sol? Depois de curado, não encontra recompensa condigna para aquele que o curou; por mais que lhe dê, o que será em comparação com o que dele recebeu? No máximo dar-lhe-á ouro, e muito ouro; contudo o outro lhe prestou o benefício da luz. Para reconhecer que é nada o que dá, veja nas trevas o seu presente. E o que daremos, então, nós àquele médico que nos cura os olhos interiores, a fim de vermos a luz eterna, que é ele mesmo? O que lhe daremos? Procuremos, encontremos, se pudermos; e nas aflições de nossa procura, exclamemos: "O que retribuiremos ao Senhor por tudo aquilo com que nos retribuiu?" E o que encontra? "Tomarei o cálice da salvação, e invocarei o nome do Senhor" (Sl 115,12.13). Disse o Senhor: "Podeis beber o cálice que estou para beber?" (Mt 20,22). Daí também a Pedro: "Tu me amas? Apascenta minhas ovelhas", em favor das quais haveria de beber o cálice do Senhor (Jo 21,17). "O Senhor fortifica os justos. O Senhor vela pelos caminhos dos homens íntegros e a herança deles permanecerá eternamente".

9 [19] "Não serão confundidos no tempo da desgraça". Que sentido tem a frase: "Não serão confundidos no tempo da desgraça"? No dia da tribulação, no dia das angústias não serão confundidos, como se envergonha aquele cuja esperança falha. Quem é que se confunde? Aquele que afirma: Não encontrei aquilo que esperava. E com razão! Esperavas de ti mesmo, ou esperavas de um amigo, que é apenas um homem; maldito, porém, o que deposita sua confiança num homem (cf Jr 17,5). Ficas confundido, porque falhou tua esperança, decepcionou a esperança depositada na mentira, pois todo homem

é mentiroso (cf Sl 115,11). Mas, se é em Deus que depositas tua esperança, não serás confundido; porque não falha aquele em quem confiaste. Em consequência disto, aquele justo corroborado, que citei há pouco, numa situação difícil, no dia da tribulação, uma vez que não foi decepcionado, o que declarará? “Nós nos gloriamos também nas tribulações, sabendo que a tribulação produz a perseverança, a perseverança uma virtude comprovada, a virtude comprovada a esperança. E a esperança não decepciona”. Por que a esperança não decepciona? Porque depositada em Deus. Daí prosseguir: “Porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado” (Rm 5,3-5). Já nos foi dado o Espírito Santo. Como nos enaganaria, se temos tal penhor? “Não serão confundidos no tempo da desgraça e por ocasião da fome serão saciados”. Existe aqui certa saciedade. Pois, dias de fome são desta vida; alguns famintos, outros saciados. Como se gloriaria o Apóstolo afirmando: “Nós nos gloriamos nas tribulações”, se interiormente padecesse penúria? Exteriormente parecia angustiado, mas interiormente achava-se dilatado.

10 [20] Como age o malvado, quando começa a tribulação? Exteriormente nada tem, tudo lhe é tirado e na consciência não encontra alívio. Não tem como escapar, porque fora as coisas são duras. Não pode entrar, porque dentro só existem males. De direito acontece-lhe o que segue: “Mas os pecadores perecerão”. Como não haverão de perecer, se em parte alguma há lugar para eles? Não acham consolo exteriormente, nem interiormente. As coisas exteriores não nos trazem consolo algum. Todos aqueles que não possuem a Deus, servem ao dinheiro, à amizade, à glória, aos bens deste mundo, às riquezas materiais. Não podem consolar-se interiormente como se consolava aquele que estava cheio de bens interiores, e desta saciedade brotava a palavra: “O Senhor deu, o Senhor tirou. Como lhe aprouve, assim se fez. Seja bendito o nome do Senhor” (Jó 1,21). Aqueles pecadores, portanto, não encontram lugar nas coisas exteriores, porque nelas padecem tribulações. Sua conciência não os consola. Não se sentem bem consigo mesmos, porque ninguém se sente bem em companhia de um mau. Todo aquele que é malvado, sente-se mal consigo mesmo. Necessariamente atormenta-se, sendo seu próprio tormento. É um castigo para si mesmo aquele a quem sua consciência atormenta. Foge-se de um inimigo para onde se puder. Como poderá fugir de si mesmo?

11 Assim aconteceu com certo homem do partido de Donato. Procurou-nos, tendo sido acusado e excomungado pelos seus; veio procurar aqui o que perdera lá. Não pôde ser recebido senão no lugar devido. Não abandonou o partido, como se estivesse bem com eles, para parecer que assim agira não por necessidade, mas por livre escolha. Como ali não conseguiu o que buscava (queria vanglória e falsa honra), e aqui não encontrou o que lá perdeu, pereceu. Gemia ferido e não se consolava; tinha na consciência ocultos, horríveis remorsos. Tentávamos consolá-lo com a palavra de Deus. Mas ele não era do número das sábias formigas, que colhem no verão a subsistência para o inverno (cf Pr 6,6;30,25). Quando a vida decorre tranquila, então o homem deve recolher a palavra de Deus, e escondê-la no íntimo do coração, como a formiga esconde nos formigueiros o fruto de seu trabalho no verão. Durante o verão é possível agir assim. Vem, porém, o

inverno, isto é, advém a tribulação. Quem não encontra interiormente com que se alimentar, necessariamente morrerá de fome. Este homem, portanto, não guardava para si a palavra de Deus. Veio o inverno. Não encontrou aí o que procurava. Seria o único consolo. Nada de palavra de Deus. Nada possuía dentro de si, e não encontrava fora o que buscava. Ardia nas chamas da indignação e da dor, seu espírito agitava-se violentamente. Ocultou-o até soltar alguns gemidos, que os irmãos ouviram, sem que ele soubesse. Víamos isto, e sofríamos intensamente. Deus conhece tamanha dor da alma, tantas cruzes, tantas geenas, tantos tormentos. O que dizer ainda? Não aceitando um lugar mais baixo, que poderia ser um lugar de salvação, se ele quisesse entender, comportou-se de tal forma que foi despedido. Nem assim devemos, irmãos, perder a esperança a respeito de outros, que talvez tenham escolhido a verdade e não a seguido, por necessidade. Não percamos a esperança acerca dos outros; nem daquele mesmo perco a esperança, enquanto viver. De nenhum ser vivo devemos perder a esperança de melhora. V. Caridade esteja ciente disto, nesta ocasião, irmãos, a fim de que ninguém diga coisa diferente. Por isso, o subdiácono deles que, sem ter com eles nenhuma dificuldade, escolheu a paz e a unidade da Igreja católica, e deixando-os veio até nós, veio de fato por escolher o bem e não por ter sido repudiado pelos maus. Foi recolhido, de sorte que nos alegramos com a sua conversão, e o recomendamos a vossas orações. Deus é poderoso, e o faça cada vez melhor. De resto, nada devemos julgar a respeito de alguém, pendendo para o bem ou para o mal. Enquanto se vive na terra, sempre se ignora como será o amanhã. “Não serão confundidos no tempo da desgraça e por ocasião da fome serão saciados. Mas os pecadores perecerão”.

12 “Os inimigos do Senhor apenas se gloriam e exaltam, dissipar-se-ão como fumaça”. Descobri vós, nesta comparação, o que o salmista insinuou. A fumaça, irrompendo do fogo, vai para o alto, e elevando-se abre-se num grande globo; mas quanto maior for o globo, tanto mais se desvanece. Com aquela grandeza sem fundamento e solidez, mas solta e inchada, vai para a atmosfera e se dissipa, de sorte que a própria grandeza lhe é prejudicial. Quanto mais se ergue, se espalha, se difunde por toda a parte, num âmbito maior, tanto mais tênue se torna, mais se esvai e desaparece. “Os inimigos do Senhor apenas se gloriam e exaltam, dissipar-se-ão como fumaça”. Desses tais foi dito: “Do mesmo modo como Janes e Mambres se opuseram a Moisés, assim também estes se opõem à verdade; são homens de espírito corrupto, de fé inconsciente”. Como resistem à verdade, a não ser pelo inchaço de seu tumor, segundo os ventos, orgulhando-se como se fossem justos e grandes? Como são qualificados? Como fumaça: “Mas eles não irão muito adiante; pois a sua loucura será manifesta a todos, como o foi a daqueles (1Tm 3,8.9). Os inimigos do Senhor apenas se gloriam e exaltam, dissipar-se-ão como fumaça”.

13 [21] “O pecador pede emprestado e não paga”. Recebe e não devolve. O que não devolve? A ação de graças. De ti o que quer Deus, ou o que exige, senão o que te é vantajoso? Quanta coisa não recebeu o pecador e não paga? Recebeu o ser, recebeu a existência humana. Grande é a diferença entre ele e o animal. Recebeu a forma do corpo,

recebeu os vários sentidos: os olhos para ver, ou ouvidos para ouvir, o nariz para cheirar, o paladar para sentir o gosto, as mãos para apalpar, os pés para andar, a própria saúde corporal. Mas tudo isso ainda é comum com os animais. Recebeu muito mais, isto é, a mente para entender, apreender a verdade, discernir entre o que é justo e injusto, para indagar, desejar o criador, louvá-lo e a ele aderir. Também o pecador recebeu tudo isso, mas não vivendo bem, não paga o que deve. Por conseguinte, "o pecador pede emprestado e não paga", não restitui àquele de quem recebeu, não agradece: ao contrário, paga o bem com o mal, blasfêmias, murmurações contra Deus, indignação. Portanto, ele "pede emprestado e não paga. O justo, porém, se compadece e dá". Aquele nada tem, este tem alguma coisa. Vede a penúria, vede a riqueza. O primeiro recebe e não restituiu; este se compadece e empresta; tem em abundância. E se for pobre? Ainda assim é rico. Tu apenas fita com olhos benevolentes as suas riquezas. Vê a sua caixa vazia, e não vês a sua consciência cheia de Deus. Não tem riquezas exteriormente, mas tem interiormente a caridade. Com a caridade, quanto distribui, e ela não se esgota! Efetivamente, se tem bens exteriores, a caridade é que dá do que possui; se não encontra exteriormente o que dar, dá benevolência, dá conselho, se pode; presta auxílio, se é possível; por fim, se não pode ajudar com um conselho, um donativo, ajuda com o desejo, ou reza pelo aflito. Talvez ele é mais atendido do que aquele que dá o pão. Quem possui um coração cheio de caridade tem sempre o que dar. A caridade também se chama boa vontade. Deus não exige mais de ti do que aquilo que te deu interiormente. A boa vontade não pode ficar inativa. Quem não possui boa vontade, apesar de ter o supérfluo, não dá ao pobre, enquanto os pobres entre si dão de boa vontade, não são inúteis uns aos outros. Vês, por exemplo, um cego conduzido por alguém que vê: como não possuía dinheiro para dar ao necessitado, emprestou seus olhos a quem não tinha. Donde vem que empreste seus membros a alguém que não os possui, senão porque havia no seu íntimo a boa vontade, tesouro do pobre? Neste tesouro há um suave repouso e verdadeira segurança. Não se receia perdê-lo; nem o ladrão junto dele tem aceso, nem há perigo de naufrágio. O pobre guarda consigo seu tesouro íntimo, fica sem nada, e está repleto. Pois, "o justo se compadece e dá".

14 [22] "Os que bendizem a Deus possuirão a terra em herança", como aquele justo, verdeiramente o único justo, e que justifica. Ele na terra foi pobre, mas trouxe grandes riquezas, para tornar ricos aqueles que aqui achou sendo pobres. Foi ele que, pelo Espírito Santo, enriqueceu os corações dos pobres, e encheu com a opulência da justiça as almas despojadas que confessavam seus pecados. Ele pôde tornar rico o pescador, que abandonou suas redes, desprezou o que tinha e ganhou o que não possuía (cf Mt 4,1a). Pois, Deus escolheu o que é fraco neste mundo para confundir os fortes (cf 1Cor 1,27). E não foi por meio do orador que ele ganhou o pescador, mas através do pescador lucrou o orador, com o pescador obteve o senador, com o pescador alcançou o imperador. "Os que bendizem a Deus possuirão a terra em herança". Serão seus co-herdeiros, naquela terra dos vivos, da qual se diz em outro salmo: "Tu és a minha esperança, a minha porção na terra dos vivos" (Sl 141,6). Tu és a minha porção, diz o

salmista a Deus, e não hesitou em fazer de Deus a sua porção. “Possuirão a terra em herança, mas os que o maldizem desaparecerão”. É um dom que bendigam os que bendizem. O Senhor se aproximou dos que maldiziam, e eles se tornam bendizentes; e assim já desapareceram os maldizentes, porque por seu dom se fizeram bendizentes daquele que maldiziam devido ao mal que havia neles, mas agora bendizem, por efeito do bem que dele provém.

15 [23] Vede como continua: “O Senhor dirigirá os passos do homem, e este se compraz nos caminhos dele”. Os passos do homem são encaminhados pelo Senhor para que ele opte pelo caminho do Senhor. Pois, se o Senhor não dirigisse os passos do homem, seriam tão maus que iriam sempre pelas sendas do mal, e seguindo os atalhos sinuosos não poderiam voltar. Veio, porém, o Senhor, chamou, redimiu, derramou seu sangue. Foi o preço que pagou, prestou tal benefício, e sofreu os males. Observa o que fez; ele é Deus. Pondera o que sofreu; ele é homem. Quem é este homem Deus? Se tu, ó homem, não tivesses abandonado a Deus, Deus não se faria homem por tua causa. Não te bastava que ele te tenha feito homem para seres grato ao menos diante de seu dom? Ainda era preciso que se fizesse homem em teu favor? É ele, pois, quem dirige nossos passos, para que optemos por seus caminhos. “O Senhor dirigirá os passos do homem, e este se compraz nos caminhos dele”.

16 Se já segues o caminho de Cristo, não prometas a ti mesmo a prosperidade neste mundo. Cristo andou por duros caminhos, mas prometeu grande recompensa. Segue-o. Não olhes por onde passarás, mas aonde há de chegar. Haverás de tolerar duros trabalhos temporais, mas alcançarás alegrias eternas. Se queres suportar o trabalho, olha para a recompensa. Pois também o operário desanimaria no trabalho da vinha, se não atendesse ao que haverá de receber. Atendendo ao que haverás de receber, todos os teus padecimentos te parecerão insignificantes, e não terão proporção com o que receberás por eles. Ficarás admirado de que tanto seja dado em paga de tão minúsculo trabalho. Pois, em verdade, irmãos, para obter um eterno repouso seria necessário um labor eterno. Para receber a eterna felicidade, deverias sofrer eternas dores. Mas se suportasses um trabalho eterno, quando chegarias à felicidade eterna? Assim acontece que necessariamente seja temporal a tua tribulação; terminada esta, chegarás à felicidade infinita. No entanto, irmãos, poderia ser longa a tribulação em prol de uma felicidade eterna. Por exemplo, como nossa felicidade não terá fim, nossa miséria, nosso labor e nossas tribulações deveriam ser muito longas. Pois, se fossem de mil anos, pondera o que são mil anos tendo por contrapeso a eternidade; como pesarás contra o infinito seja o que for de finito? Dez mil anos, dez vezes cem mil, ou antes um milhão, que têm fim, não podem ser comparados com a eternidade. Acrescente-se a isto que Deus não somente quis que fosse temporário teu labor, mas ainda que fosse breve. Toda a vida do homem consta de poucos dias, mesmo se aos dias difíceis não se misturassem os alegres, que são em maior número e mais longos do que os penosos. Os dias difíceis são mais breves e em menor número, para que possamos suportá-los. Se, no entanto, toda a vida de um homem se passasse em trabalhos e tribulações, em dores, tormentos, cárcere,

ferimentos, fome e sede diárias, todas as horas, toda a sua vida até à velhice, constaria de poucos dias toda a vida do homem. Passado o trabalho, virá o reino eterno, virá a felicidade sem fim, virá a igualdade com os anjos, virá a herança de Cristo, virá Cristo, o co-herdeiro. Em lugar de tanto trabalho, que grande recompensa recebemos! Os veteranos que militaram e durante tantos anos padeceram ferimentos, começaram a militar em sua juventude, e já terminam velhos. Para gozarem de poucos dias tranquilos em sua velhice, quando a idade já começa a pesar-lhes (embora as guerras já não lhes pesem) quantas coisas duras toleram: viagens, frio, sol, necessidades, ferimentos, perigos! E ao sofrerem tudo isto, não lhes dão importância, diante de poucos dias tranquilos na velhice, sem saberem se chegarão a eles. Portanto, o "Senhor dirigirá os passos do homem, e este se compraz nos caminhos dele". Começara pelo seguinte: Se queres o caminho de Cristo e és verdadeiro cristão (e é cristão, de fato, quem não despreza o caminho de Cristo, mas quer segui-lo, por meio de sua paixão) não procures trilhar outra via senão aquela por onde ele passou. Parece dura, mas é o caminho seguro; outro talvez ofereça prazeres, mas está cheio de ladrões. "E se compraz nos caminhos dele".

17 [24] "Ainda que caia não ficará prostrado, porque o Senhor o ampara com a mão". Eis o que significa escolher o caminho de Cristo. Pode acontecer que alguém sofra tribulação, desonra, injúria, aflição, prejuízos, etc. Tudo isto abunda nesta vida para o gênero humano. Lembra-se de seu Senhor, quantas provações sofreu; e "ainda que caia não ficará prostrado, porque o Senhor o ampara com a mão". Ele sofreu primeiro. Por que temes, ó homem, cujos passos foram dirigidos, para escolheres a via do Senhor? Por que temes? Dores? Cristo foi flagelado. Injúrias? Ele ouviu, embora expulsasse os demônios: "Tens demônio". Acaso a facção e a conspiração dos maus? Ele padeceu conspiração (cf Mt 27,26; Jo 8,48; Jo 9,22). Não podes talvez tornar patente tua consciência em paz, perante alguma acusação, e sofres violência, porque se apresentam falsas testemunhas contra ti. Contra ele, em primeiro lugar, proferiram falso testemunho, não só antes da morte, mas até depois da ressurreição. Foram introduzidas falsas testemunhas, a fim de que fosse condenado pelos juízes (cf Mt 26,60); apresentaram-se os guardas do sepulcro como testemunhas falsas. Ele ressuscitou, com um grande milagre. A terra tremeu, revelando que o Senhor ressurgira. Havia ali terra[1] a guardar a terra; mas a terra mais dura não pôde ser mudada. Anunciou a verdade, mas foi seduzida pela falsa. Aqueles guardas disseram aos judeus o que viram e o que se realizara; aceitaram dinheiro e foi-lhes dito: "Dizei que os seus discípulos vieram enquanto dormíeis, e o roubaram" (Mt 28,12). Eis falsas testemunhas e contra um ressuscitado. Quanta cegueira nestas falsas testemunhas, irmãos, quanta cegueira! Falsas testemunhas costumam sofrer o castigo de ficarem cegas, e dizerem contra si mesmas, sem o perceberem, o que demonstra sua falsidade. O que, pois, disseram estes contra si mesmos? Enquanto dormíamos, "vieram os discípulos, e o roubaram". O que é isto? Quais são os que prestam testemunho? Os que dormiam. Eu não acreditaria neles se me contassem tais eventos, nem se me descrevessem seus sonhos. Loucura absurda! Se

estavas desperto, por que permitiste? Se dormias, como sabes?

18 Assim agiram também estes seus filhos,[2] como vos lembrais; não deixemos passar a oportunidade. Tanto mais devemos rememorar sua vaidade quanto mais desejamos sua salvação. O corpo de Cristo suporta falsas testemunhas, sofre o corpo o mesmo que precedeu na Cabeça. Não é de admirar. Também agora não faltam os que dizem ao corpo de Cristo, espalhado por toda a terra: Raça de traidores. Proferes um falso testemunho. Vou convencer-te de que és falsa testemunha, com poucas palavras. Tu me acusas: És traidor. Respondo: Estás mentindo. Não podes provar minha traição, nunca e em parte alguma. Eu provo tua mentira aqui e agora, ao falares aquelas palavras. Certamente ali disseste que afiamos nossas espadas. Leio as Atas de teus Circumceliões. Sem dúvida ali[3] asseguraste que omitiste o que foi retirado. Leio as Atas; fizeste procuração para exigir prestação de contas. Certamente ali declaraste: Nós apresentamos somente os evangelhos. Cito tantas ordens dos juízes, com as quais perseguiste os que estão separados de ti. Cito as postulações ao imperador apóstata, ao qual disseste[4] que só há justiça perante ele. Parece-te que a apostasia de Juliano é parte do evangelho? Aí está. Apanho tua mentira. O que afirmaste a meu respeito que se deva acreditar? Mesmo que não encontrasse como provar que proferes uma falsidade, basta que mostre que és mentiroso. O que dizes? Todos os outros são como tu. Com razão atribuíste a todos tais coisas. Queres que seja muito grande a sociedade da mentira, para não teres de te envergonhar sozinho de mentir.

19 Mas valha, diz um donatista, o juízo de nossos pais a respeito de Ceciliano. Por que valerá? Porque os bispos o julgaram. Valha também, então, o que os maximianistas julgaram contra ti. Em primeiro lugar, acredito que estais cientes disto: os bispos de acordo com Maximiano, ainda diácono deles, vieram a Cartago, conforme consta do documento judicial, que anexaram às Atas, durante o litígio[5] acerca da casa, com o procurador deles[6], que omitiu os roubos. Por conseguinte, primeiro enviaram a respeito dele o documento judicial, queixando-se de que não quis ir ao seu encontro; esta foi a sua principal queixa. Vê como Deus lhes retribuiu acerca do que afirmaram de Ceciliano. Admirável semelhança! Deus quis, depois de tantos anos, lançar-lhes em rosto o que foi feito, de sorte que absolutamente não tenham como dissimular e escapar. Se quiserem afirmar que se esqueceram dos fatos anteriores, Deus não os deixa no esquecimento; e oxalá lhes valha para sua salvação! Pois, Deus assim agiu, em sua misericórdia, se considerarem os fatos. Ponde, irmãos, diante dos olhos a unidade do orbe da terra de então, da qual eles se separaram, indo contra Ceciliano. Observai agora também o partido de Donato, do qual se separaram os maximianistas, contra Primiano. Aquilo mesmo que então eles fizeram a Ceciliano, estes agora fizeram a Primiano. Por esta razão, os maximianistas se dizem mais verdadeiros do que os donatistas, porque efetivamente imitaram os feitos de seus maiores. Eles opuseram Maximiniano a Primiano, como os donatistas opuseram Maiorino a Ceciliano. Os primeiros questionaram a respeito de Primiano, como os donatistas acerca de Ceciliano. Pois, se

vos recordais, eles afirmaram que Ceciliano não quis ir ao seu encontro, por causa do que tinha na consciência; ele, porém, conhecia o partido deles; assim também os maximianistas se queixam de que Primiano não quis ir ao encontro deles. Por que a Primiano se concede que conhece o partido dos maximianistas, e a Ceciliano não se concede que conhecia o dos donatistas? Maximiano ainda não estava ordenado, e se acusava de crime a Primiano. Vieram os bispos e quiseram que ele fosse ao encontro dos outros; não foi, como indicam os documentos judiciais, incluídos nas Atas. Não foi. Não reprovo; ao contrário, até louvo. Se notaste a existência de uma facção, certamente não devias comparecer ante os membros dela, e sim reservar tua causa a melhor juízo de um tribunal de teu partido. Restava ainda a maioria dos donatistas, diante da qual Primiano poderia justificar-se; por isso, não quis comparecer ante os conspiradores. Vês como elogiamos tua prudência contra os maximianistas; dá igual atenção à causa de Ceciliano. Não queres ter a atitude de um irmão; julgas antes como se foras um estranho. Não quiseste, Primiano, comparecer. O que dizias a ti mesmo? Os deste partido conspiraram contra mim, deixaram-se subornar contra mim; se me entrego a eles, prejudico a minha causa. Não me apresento. Reservo minha causa a juízo melhor, de maior autoridade. Boa decisão. Se Ceciliano pensou também assim? Embora te esforces por demonstrar que uma outra Lucila os subornou contra ti, talvez não encontres. Ceciliano sabia muito bem disto então, como depois revelaram as Atas[7]. Mas desconfiaste de um segredo, foi-te denunciada alguma coisa ameaçadora. Admito tal cautela, provocada pelo medo. Fizeste bem de não te apresentar a eles; havia outros para te julgar. Atenta agora a Ceciliano. Reservaste para ti a Numídia; ele, ao invés, a terra inteira. Mas se queres sejam válidas contra ele as sentenças dos donatistas de outrora, sejam válidas agora contra ti as sentenças dos maximianistas. Foram bispos que o condenaram; bispos também são os que te condenam. Por que depois apelaste e venceste os maximianistas, como Ceciliano recorreu e superou os donatistas? Os fatos anteriores se repetem ante nossos olhos, oferecendo-nos admirável manifesto e exemplo. Os maximianistas se queixam de Primiano, da mesma forma que todos eles se queixaram de Ceciliano. É espantoso, irmãos; fico tocado, dou graças a Deus. Efetivamente constitui misericórdia de Deus para com eles, se quiserem entender, o exemplo que lhes é oferecido para seu esclarecimento. Por isso, um pouquinho, irmãos se vos apraz, uma vez que Deus as colocou em nossas mãos, ouvi as atas do concílio dos maximianistas. (Explicando, ele próprio leu as atas do concílio dos maximianistas:)

20 “Aos santíssimos irmãos e colegas, de toda a África”. – (Lendo, disse): Todo o conjunto deles acha-se na África. Mas com eles aqui, está a Igreja católica; nas outras partes da terra eles não estão de permeio com a Igreja católica. (Expondo, continuou:) – “Aos santíssimos irmãos e colegas, de toda a África, a saber, da província Procon-sular, da Numídia, Mauritânia, Bizacena e Trípoli; bem como aos presbíteros e diáconos, a todo o povo, que milita conosco na verdade do evangelho, Victorino, Fortunato, Victoriano, Migino, Saturnino, Constâncio, Candório, Inocêncio, Crescônio, Florêncio, Sálvio, outro Sálvio, Donato, Gemínio, Pretextato”. – (E lendo, disse:) Este é o

assuritano, recebido depois; ele posteriormente recebeu aquele que sentenciou contra ele. (E tratando do assunto, continuou:) – "Maximiano, Teodoro, Anastácio, Donaciano, Donato, outro Donato, Pompônio, Pancrácio, Januário, Secundino, Pascásio, Crescônio, Rogaciano, outro Maximiano, Benenato, Gaiano, Victorino, Guntásio, Quintásio, Feliciano". – (E lendo, disse ainda:) Este é o mústio que ainda vive; mas talvez exista outro, em outro lugar. Os que assinam depois, dizem também o seu lugar de origem. Comentando e continuando a leitura:) – "Sálvio, Migino, Próculo, Latino, e outros presentes ao concílio de Cabarsussi. Saúde eterna, no Senhor. Irmãos caríssimos. Ninguém ignora que os sacerdotes de Deus, não por própria vontade, mas impelidos pela Lei divina, de direito e com razão, pronunciam sentença contra os réus e absolvem os inocentes acusados. Estará sujeito a grave perigo quem poupar um réu, ou tentar matar um inocente. Principalmente porque está escrito: Não matarás o inocente e o justo, e não justificarás o culpado (Ex 23,7). Interpelados, portanto, por este edito da Lei, devíamos ouvir e discutir em sua presença a causa de Primiano, que o povo santo da Igreja cartaginesa, do rebanho de Deus, recebera como bispo, conforme os pedidos da carta dos anciãos da mesma Igreja, de sorte que, havendo todos deposto, ou absolvêssemos como inocente, o que era desejável, ou demonstrássemos com certeza que era culpado e merecedor de condenação. Desejamos ardentemente que o povo santo da Igreja cartaginesa se alegrasse por se sentir honrada de possuir um bispo que fosse tido em tudo por santo e irrepreensível. Efetivamente, o sacerdote do Senhor deve ser tal que mereça impetrar de Deus o que pedir e que o povo não conseguir obter de Deus, uma vez que está escrito: "Se o povo comete uma falta, o sacerdote orará por ele; mas se pecar o sacerdote, quem intercederá por ele?" (cf 1Sm 2,25) – (E o mesmo, tendo lido, explicou:) Os apóstolos também pediram ao povo que rezasse por eles, e diziam na oração: "Perdoa-nos as nossas dívidas" (Mt 6,12). E o apóstolo João disse: "Temos como advogado, junto do Pai, Jesus Cristo, o justo. Ele é a vítima de expiação pelos nossos pecados" (1Jo 2,1.2). Mas esta palavra é referente ao sacerdote, que é incompreensível para eles. Então, a profecia adverte ao povo que reconheça por sacerdote aquele pelo qual ninguém pode rezar. Qual o sacerdote pelo qual ninguém ora, senão o que intercede por todos? Outrora havia o sacerdócio levítico. O sacerdote entrava no santuário e oferecia vítimas pelo povo. Era a imagem, não a realidade de certo sacerdote futuro. Os próprios sacerdotes eram pecadores como os demais homens. Querendo Deus profeticamente admoestar o povo a desejar um sacerdote que intercedesse por todos, sem precisar da oração de ninguém, designando-o, advertiu com as palavras: "Se o povo comete uma falta, o sacerdote orará por ele; mas se pecar o sacerdote, quem intercederá por ele?" (1Sm 2,25). Por conseguinte, ó povo, escolhe um sacerdote que não necessite de tuas orações, mas de cuja oração por ti possas estar seguro. Este é nosso Senhor Jesus Cristo, único sacerdote, único mediador entre Deus e os homens, um homem, Cristo Jesus (cf 1Tm 2,5). (Depois desta explicação, continuou a ler:) – "Os escândalos de Primiano, e sua malícia singular de tal modo provocaram o juízo celeste que se tornou necessário excluir inteiramente o autor de tais crimes. Ele fora ordenado recentemente". – (Tendo lido, expôs:) Já, já se começa a enumerar seus

crimes. (Tendo explicado, continuou:) – "instigou os presbíteros do povo supramencionado a uma conjuração ímpia, pedindo-lhe, em virtude de um direito precário, que condenasse quatro diáconos, varões egrégios, de mérito singular, a saber, Maximiano, Rogaciano, Donato e Salgâmio". – (Interrompeu a leitura e disse:) Entre esses quatro estava o autor do cisma, que dividiu uma porção do partido, sem se importar de se separar da unidade. (Tendo explicado, continuou:) "E imediatamente lhe prometem dar seu consentimento. – (Tendo lido, explicou:) Fez-lhes esta proposta; eles não quiseram prometer, mas se calaram. Ele, então, não duvidou em praticar o crime que havia excogitado. (E prosseguiu a leitura:) – "Eles, estupefactos diante desta presunção malvada, repeliram-na com o silêncio. Ele, então, não hesitou em praticar o crime que planejara, a ponto de julgar que se devia pronunciar uma sentença contra o diácono Maximiano, homem inocente, como todos sabem, sem motivo, sem acusador, sem testemunhas e estando ele ausente e acamado". – (Tendo lido isso, disse:) Vede o crime! (Dito isto, leu:) – "Anteriormente, ele, com igual furor, condenou alguns clérigos. Em sua temeridade, não quis se emendar, de ter admitido adúlteros à santa comunhão, contra a lei e os decretos de todos os sacerdotes, e quando a maior parte do povo lhe resistiu e também pela carta de venerandos anciãos fosse intimado a corrigir por si mesmo vencido por sua temeridade, recusou emendar-se, com desprezo, o que cometerá. Diante desses fatos, os anciãos da supramencionada Igreja, enviaram legados e cartas a todas as comunidades, suplicando com lágrimas que fôssemos com zelo para junto deles, a fim de que, ponderando bem todas as coisas, e examinando os seus planos, fosse restituída a boa fama da Igreja. Em seguida, como atendêssemos aquelas cartas, e fôssemos a sua Igreja, irritado por razões dele conhecidas, escapou inteiramente, à nossa chegada". – (Tendo lido isto, expôs:) Conheceis suas objeções. Alega que o partido de Donato já está contaminado. Estava estabelecida esta norma: Quais são aqueles com os quais se comunga, tais se tornam todos e a massa inteira. Se, portanto, é verdade o que eles dizem, todo o partido de Donato está contaminado. Apresentem-se, de fato, os numidas, e digam: Não nos interessa se aqueles adúlteros, desconhecidos para nós, foram admitidos por ti à comunhão; poderia atingir-nos a nós, tão distantes? Se, portanto, não quereis que vos atinja na Numídia o que se faz em Cartago, como pôde o que se deu na África prejudicar à terra inteira? Sempre a sua defesa os acusa e nos escusa. (Explicou isso e prosseguiu:) – "Escapou inteiramente, à nossa chegada". – (Tendo lido, disse:) Foi disto que se queixaram a respeito de Ceciliano. (Depois desta explicação, continuou lendo:) – "Ele até agora recalcitrante e rebelde, perseverou no mal, de sorte que, conduzindo uma multidão de homens perdidos". – (Lido isto, disse:) Isto já é demais. Tais coisas eles não disseram de Ceciliano. Vede quais. (Tendo explicado, leu o seguinte:) – "e conseguindo o reforço de oficiais, cercaram as portas das basílicas", – (Tendo lido, disse:) Para os bispos não entrarem. Explicado isso, continuou:) – "eles nos interditaram a entrada e a celebração das festas. Examine e julgue quem ama ou afirma a verdade, se ao bispo convém agir assim, se um cristão pode admiti-lo, se os evangelhos o ordenam. Isto nos infligiu um irmão, outrora próprio; o que nunca faria um estranho". – (Tendo lido, disse:) Para que acrescentar mais? Dizem muita coisa e condenam o homem; mas

leiamos agora a própria condenação. (Exposto isto, disse:) “Decretamos nós todos, sacerdotes de Deus, assistidos pelo Espírito santo, a respeito do mesmo Primiano, primeiro porque substituiu bispos ainda vivos por outros; porque misturou adúlteros com a comunhão dos santos; porque tentou obrigar os presbíteros a formar uma conjuração; porque mandou meter o presbítero Fortunato numa cloaca por ter socorrido a alguns doentes, dando-lhes o batismo; porque negou absolutamente a comunhão ao presbítero Demétrio, para obrigar o filho a renunciar; porque repreendeu o mesmo presbítero, por ter hospedado uns bispos; porque o supramencionado Primiano enviou uma multidão para destruir as casas dos cristãos; porque prendeu bispos com clérigos, e depois seus satélites os apedrejaram; porque na basílica foram mortos os anciãos que se opuseram a que claudianistas fossem admitidos à comunhão; porque julgou que deviam ser ordenados clérigos inocentes; porque não quis apresentar-se para ouvir-nos, quando fechou as portas das basílicas para que não entrássemos, servindo-se do povo e de oficiais; porque rejeitou com injúrias os nossos legados junto deles; porque usurpou muitos lugares, primeiro à força, e depois através de autoridade judiciária”. – (Tendo lido, disse:) Ele não reclama o que foi tirado, embora diga o apóstolo Paulo: “Quando alguém de vós tem rixa com outro, como ousa levá-la aos injustos, e não aos santos?” (1Cor 6,1). Vede de que o recriminam, porque não quis discutir a questão junto dos bispos, mas perante um juiz. (Tendo dado esta explicação, continuou a ler:) – “Além de outras ações ilícitas, que calamos por decoro, foi condenado para sempre pelos sacerdotes reunidos, a fim de que não fosse poupado, e a Igreja de Deus não fosse maculada por contágio ou algum crime. O mesmo apóstolo Paulo exorta e admoesta: Nós vos ordenamos, irmãos, em nome do Senhor Jesus Cristo, que vos afasteis de todo irmão[8] que leve vida desordenada (2Ts 3,6). Por esta razão, lembrados da pureza da Igreja, julgamos oportuno, por meio deste instrumento judicial exortar a todos os santos sacerdotes, a todos os clérigos e a todo o povo que se considera cristão, a que rejeitem com o maior cuidado a comunhão com ele, por ser um condenado. Aquele que tentar violar este nosso decreto, não obedecendo, dará ele próprio contas de sua perdição. Aprouve a nós e ao Espírito Santo, uma vez que lhe foi reservado um longo tempo para se converter, que qualquer sacerdote ou clérigo que, esquecido de sua salvação, desde o dia da condenação do supramencionado Primiano, isto é, do dia oitavo das Kalendas de julho (24 de junho) até o dia oitavo das Kalendas de janeiro (25 de dezembro), não se afastar da comunhão com o condenado Primiano, esteja sujeito a tal sentença. Igualmente os leigos que, do dia citado de sua condenação até o próximo dia de Páscoa, não se separarem de sua companhia, recordem-se de que não poderão ser readmitidos na Igreja, a não ser pela penitência”. (Assinam:) “Victorino, bispo Munacianense. Fortunato, bispo Dionisianense, Victoriano, bispo Carcabianense. Florêncio, bispo de Adrumeto. Migino, bispo de Elefantária. Inocêncio, bispo Thebaltense. Migin, delegado por meu colega Sálvio, bispo Membressitano. Sálvio, bispo Ausafense. Donato, bispo Sabratense. Gemélio, bispo de Tanaba”. – (Tendo lido, disse:) Daqueles que condenaram, assinou também Pretextato Assuritano, e Feliciano Mustio. (Depois desta explicação, continuou:) – “Pretextato, bispo Assuritano. Maximiano bispo Stabatense. Daciano, bispo

Camicetense. Donato, bispo Fiscianense, Teodoro, bispo Usulense, Victoriano, por delegação do colega Agnósio, bispo. Donato, bispo Cebresutano, Natálico, bispo Telense. Pompônio, bispo Macrianense. Pancrácio, bispo Balianense. Januário, bispo Aquenense. Secundo, bispo Iacondianense. Pascásio, bispo de Vico de Augusto. Creso, bispo Conjustiacense, Rogaciano, bispo. Maximiano, bispo Erumiense. Benenato, bispo Tuguscianense, Riteno, bispo. Gaiano, bispo. Tiqualense. Victorino, bispo Leptimagnense. Guntásio, bispo Benefense, Quintásio, bispo Capsense. Feliciano, bispo Mústio, Victoriano por delegação do bispo Migino. Migio, bispo. Latino, bispo Mugiense. Próculo, bispo Girbitano. Donato, bispo Sabratense, por meu irmão e colega Marrácio. Próculo Girbitano, por meu colega Galião. Secundiano, bispo Prisianense. Elpídio, bispo Tusdritano. Donato, bispo Samurdatense. Getúlico, bispo Victorianense. Anibônio, bispo Robautense. Idem Anibônio, a pedido de meu colega Augendo, bispo Arense. Tertulo, bispo Abitense. Primuliano, bispo. Secundino, bispo Arusianense. Máximo, bispo Pitanense. Crescenciano, bispo Murrense. Donato, bispo Belmense. Perseverâncio, bispo Tebertino. Faustino, bispo Binense. Víctor, bispo Altiburitano". (Todos perfazem o número de cinquenta e três.) (Tendo lido, explicou:)

21 Queiram prestar-me um pouco de atenção. Esta é a tua condenação. Dizemos-lhe: O que queres? Tem peso ou não tem? Sou favorável a tua causa, e digo em absoluto que todos disseram coisas falsas contra ti. Ouve por que o acredito: Porque perante outros juízes tiveste ganho de causa, e eles foram condenados. Se, por isto, acredito que és inocente, pois não te apresentaste aos partidários, e em outra parte demonstraste tua inocência, de sorte que mereceram condenação os que te condenaram, queira aceitar que Ceciliano é inocente, ele que não quis apresentar-se a teus maiores, e reservou sua causa para a terra inteira, do mesmo modo que reservaste a tua para o concílio da Numídia. Se o tribunal de Bagai te inocentou, quanto mais a ele a sé apostólica? Ou queres que seja válida a sentença dos que primeiro condenaram? Se é válida, vale contra ti. Pois, eles contra Ceciliano nada puderam, nem poderão; contudo, o que os juízes pronunciaram contra ti, ouve.

22 Neste ponto, eles ousam replicar: mas, nós que depois condenamos os maximinianistas, éramos em maior número. Valha, portanto, vossa sentença contra Feliciano, e valerá a deles contra Ceciliano. Ao se reunirem em concílio em Bagai, condenaram também a Feliciano; agora Feliciano está do lado de dentro. Ou foi recebido sendo culpado, ou foi condenado quando inocente. Se, pois, recebes um culpado, para a paz de Donato, cede diante de todas as gentes, por causa da paz de Cristo. Se, todavia, por erro vosso um inocente foi condenado, puderam errar trezentos e dez que condenaram Feliciano, e não erraram setenta, condenando Ceciliano? Que resposta dais? Ouvindo-nos dizer: Os maximianistas condenaram vossos antepassados, respondeis: Mas nós, que condenamos os maximianistas, éramos em maior número. A ambas as respostas é fácil retrucar, porque também os vossos maiores condenaram a Ceciliano. Se prevalecem os antepassados, os primianistas cedam ao concílio dos maximianistas; se vale o maior número, cedam os donatistas ao orbe da terra; nada de mais justo. Os

maximianistas são poucos, mas vieram primeiro. Um réu não acusa a outro. Se julgas assim, como pudeste, sendo um condenado, condenar a outro? Entre os que condenaram, também se acha ele, sem que antes tivesse de se defender. Para Ceciliano foi diferente. Teve de se defender, conforme consta da sentença, porque não foi admitido à comunhão sem se ter justificado. Este, porém, foi condenado por juízes aqui, e lá se acha entre os juízes que condenam. Mas tal foi a equidade do concílio de Bagai; concedemos, absolutamente. Os maximianistas te condenaram sem razão; condenaram também contra o direito os teus maiores a Ceciliano. Tu te justificaste em Bagai; ele se justificou num julgamento de além-mar. A terra inteira aprovou este julgamento. O que hás de dizer? Nós somos em maior número do que os maximianistas. Que seja em maior número! Portanto, tratemos de números. Vê a grande diferença. Os maximianistas te condenaram, em tua ausência, porque não quiseste comparecer diante deles. Nisto há semelhança. Também eles condenaram a Ceciliano, em sua ausência, ao evitar ele comparecer diante do partido deles. Mas tu, novamente, fizeste que fosse proferida sentença contra eles quando ausentes, no concílio de Bagai; ao invés, Ceciliano presente justificou-se perante o adversário. Além disso, outra grande diferença: Tu mesmo procuraste, tu escolheste os juízes da Numídia perante os quais te justificarias, sem que os maximianistas o tivessem pedido. Donato, porem, foi vencido, diante dos juízes, por Ceciliano; o partido de Donato havia pedido estes juízes. Os maximianistas agora te respondem e dizem com razão: Nós, antes, viemos a tua procura, bispos pertencentes a tua província, a tua diocese, e quisemos ouvir tua causa; tu nos desprezaste, recusaste comparecer perante nós. Se receaste nosso juízo, poderíamos ter escolhido juntos os juízes, e não irias àqueles que quisesses. Vede a grande diferença. Então, os próprios donatistas pediram por carta ao imperador que nomeasse juízes; recusaram aqueles perante os quais foram vencidos, e que antes haviam pedido; foram mandados outros, a seu pedido, e foram de novo vencidos; apelaram ao imperador, e foram vencidos. O maximianista ausente foi vencido uma só vez, e se cala; o donatista presente foi vencido três vezes e não se cala?

23 Mas disputas com os maximianistas a respeito de número. Como disse: estou a teu favor. Trezentos e dez são mais do que cem, ou de quantos foram os que condenaram da parte de Maximiano a Primiano; mil bispos por toda a terra que condenaram a Donato, da parte de Ceciliano, não têm peso diante de ti? Mas hás de dizer-me: Acaso mil bispos condenaram os donatistas, de toda a terra? Muito bem; não condenaram. Por que não condenaram? Porque não assistiram ao julgamento. Se não estavam presentes ao julgamento, não condenaram porque desconheceram inteiramente aquela causa. Por que te separaste de inocentes? Se vem aqui, a ti, um batizado de outras partes da terra, e queres rebatizá-lo; ele se aproxima de ti, que já exerce o ministério mortal, e queres reiterar o que se dá uma só vez e não se perde, e te diz, em alta voz e com gemidos: O que me queres fazer? Rebatizar-me? Diz isto alguém da Mesopotâmia, não sei quem da Síria, do Ponto, ou de mais longe. Respondes: Porque não tens o batismo. Por quê? Lê as epístolas do Apóstolo a mim enviadas. Vem não sei quem da Galácia, do Ponto, de Filadélfia, Igrejas às quais escreveu João; vem de Colossas, de Filipos, de Tessalônica, e

diz: Eu não tenho o batismo, e no entanto, a mim escreveu o Apóstolo. E tu, de quem o recebeste? Ousas ler a minha epístola, tu que detestas a minha paz?

1 Os guardas.

2 Donatistas.

3 Cf. *Brevic. collat. c. Donat.* III,8,11- ed. Petschenig, p. 62, 5-6; *Contra Crescon.* IV. 47,57-p. 554,18-19.

4 Cf *Epist.* 105,9-ed. Goldbacher, p. 601 s.; *Contra litt. Petiliani,* II,92,203-ed. Petschenig, p. 127,5; 97,224-p. 4 s.

5 Maximianistas.

6 Primiano.

7 *Gesta apud Zenophilum aº 320,* ed. Ziwsa, CSEL XXVI, p. 185 ss.; cf. *Contra Crescon.* III, 29,33 - p. 439, ss.: *Epist.* 43,6-17-p. 99,15.

8 Irmão omitida nos códices: Os donatistas de bom grado omitiriam a palavra, "dizem os Maurinos".

SERMÃO III

1 [25]Havia ficado sem discussão e explicação a última parte deste salmo. No entanto, como vejo, o Senhor nos chamou para pagar nossa dívida, não segundo nosso propósito, mas também não sem uma disposição divina. Ficai atentos, portanto, irmãos, para podermos, com o auxílio de Deus, ao menos agora solver nosso débito. Quem é que diz o que acabamos de cantar? "Fui jovem, e já sou velho, e nunca vi o justo desamparado, nem sua descendência a mendigar o pão". Se fala como se fosse um só homem, não é muito tempo a vida de um homem. Que importância há em que um homem de alguma parte da terra, durante toda a vida, que é tão breve (como é breve a vida humana!), embora de jovem chegue até à velhice, não tenha visto um justo abandonado, nem sua descendência a mendigar o pão? Não é de admirar. É possível que antes de sua vida tenha havido um justo a mendigar o pão; pode ter acontecido em outra parte da terra e não onde ele está. Além disso, ouvi o que faz pensar: Cada um de vós, que talvez já tenha envelhecido, olhando para trás e refletindo sobre os seus conhecidos, é possível que não encontre um justo a mendigar o pão, ou o filho de um justo sem meios de vida; contudo, se examina as Escrituras divinas verá o justo Abraão passando por dificuldades, sofrendo fome em sua terra, e transferindo-se para outra região; encontrará também que seu filho Isaac, igualmente por causa da fome, mudou-se para outras regiões, à procura de pão (cf Gn 12,10; 26,1). E como será verdadeira a palavra: "Nunca vi o justo desamparado, nem sua descendência a mendigar o pão"? E se constatou esta verdade no espaço de sua vida, encontrou outra coisa na leitura divina, que é mais fiel do que a vida humana.

2 O que faremos, então? Auxilie-nos vossa piedosa aplicação, para examinarmos nestes versículos do salmo qual a vontade de Deus, o que ele quis nos dar a entender. É de

temer que algum fraco, que não consiga entender espiritualmente as Escrituras, procure exemplos humanos e veja uma ou outra vez bons servos de Deus passando necessidade e forçados a mendigar o pão; principalmente que se lembre do apóstolo Paulo, que diz: "Mais ainda: fome e sede, frio e desnudamento" (2Cor 11,27), e escandaliza-se, dizendo: Será mesmo verdade o que cantei? Será verdade o que, de pé, na Igreja, fiz ressoar com tanta devoção: "Nunca vi o justo desamparado, nem sua descendência a mendigar o pão"? As Escrituras nos enganam, dirá consigo mesmo. E aconteceu que todos os seus membros sintam-se desfalecer diante de uma boa obra; em seus membros interiores — o que é mais grave — e interiormente desanimado, desista da boa obra, e diga: Para que pratico boas obras? Por que parto meu pão com o faminto, visto o nu, abrigo em minha casa o que não tem domicílio, atendendo ao que está escrito: "Nunca vi o justo desamparado, nem sua descendência a mendigar o pão", portanto vejo tantos homens de bem, muitas vezes, passando fome? Mas supondo que erro, pensando que vive bem tanto o homem de bem quanto o que leva vida má, enquanto Deus, ao invés, sabe que é iníquo aquele que considero justo, o que pensar de Abraão, que a própria Escritura recomenda como sendo justo? Como julgar o próprio apóstolo Paulo, que exorta: "Sede meus imitadores como eu o sou de Cristo"? (1Cor 4,16). Também eu devo suportar os mesmos males que ele: "fome e sede, frio e desnudamento"?

3 Revolvendo tais pensamentos e, como disse, enfraquecidos todos os membros interiores para a prática das boas obras, podemos, irmãos, como que carregar um paralítico, abrir o teto das Escrituras, e descê-lo diante do Senhor? Vedes que é uma passagem obscura. E se é obscuro, está encoberto. E vejo interiormente certo paralítico. Vejo também um telhado, e debaixo dele sei que Cristo está oculto. Uma vez que foram elogiados os que abriram o telhado e desceram o paralítico para junto de Cristo, farei o que puder para que este diga ao paralítico: Tem confiança, filho, "teus pecados estão perdoados". Assim curou-o interiormente da paralísia, perdoando-lhe pecados e fortificando-lhe a fé. Mas ali havia homens que não tinham olhos para ver que o paralítico por dentro já fora curado, e julgaram que o médico, ao curar, estava blasfemando. Disseram: "Quem é este que perdoa pecados? Ele blasfema. Não é só Deus que pode perdoar pecados?" (Lc 5,18-22). Mas, como ele era Deus, ouvia os que cogitavam tais coisas. Pensavam o que é correto a respeito de Deus, mas não viam a Deus, presente ali. Aquele médico fez, então, algo no corpo do paralítico, para curar a paralisia interior daqueles que proferiram tais palavras. Fez alguma coisa que eles poderiam ver, dando-lhes motivo de crer. Eia, pois, quem quer que sejas, tão fraco e doente de coração que, dando atenção a exemplos humanos, queres desistir das boas obras, e estás desanimado por certa paralísia interior; anima-te, para ver se podemos, abrindo este telhado, descer-te para junto do Senhor.

4 O próprio Senhor, em seu corpo, que é a Igreja, foi jovem nos primódios, e agora já envelheceu. Sabeis, reconheceis, entendeis, porque pertenceis a este corpo, e acreditais que Cristo é nossa Cabeça. Nós somos o corpo daquela Cabeça (cf 1Cor 12,27; Ef 4,15). Mas somente nós, e não igualmente aqueles que existiram antes de nós? Todos os

justos que existiram desde o começo do mundo têm Cristo por Cabeça. Eles acreditaram que Cristo haveria de vir; nós acreditamos naquele que já veio. Foram curados através da mesma fé que nós. Deste modo, ele é a Cabeça de toda a cidade de Jerusalém, que congrega todos os fiéis do início até o fim, acrescentando-se ainda as legiões e exércitos dos anjos, a fim de se constituir uma só cidade sob o governo de um só rei, um só império sob um só imperador, feliz em perpétua paz e bem-estar, a louvar a Deus eternamente, numa bem-aventurança sem fim. O corpo de Cristo, porém, isto é, a Igreja (cf Cl 1,18.24), como se fosse um ser humano, primeiro foi jovem, e no fim do século já se encontra numa velhice fecunda, porque dela foi dito: "Ainda se multiplicará numa velhice fecunda" (Sl 91,15). Multiplicou-se por todos os povos, e sua voz é como a de um homem que olha para a sua primeira idade, e passando por todas as outras, contempla esta última, porque conhece todas as idades, através das Escrituras; e diz, exultando e exortando: "Fui jovem", nos primeiros tempos do século, e "já sou velho", estou nos últimos tempos; e "nunca vi o justo desemparado, nem sua descendência a mendigar o pão".

5 Reconhecemos o homem jovem e velho, e de certa maneira, através da abertura no telhado, alcançamos a Cristo. Mas, quem é o justo que não foi visto desamparado, nem sua descendência a mendigar o pão? Se entenderes que pão é esse, hás de saber quem é ele. Pois, o pão é o verbo de Deus, que nunca se afasta da boca do justo, porquanto este justo, tentado em sua Cabeça, respondeu isso mesmo. Pois, quando ao próprio Senhor, faminto e sedento, disse o diabo: "Manda que estas pedras se transformem em pães", ele respondeu: "Não só de pão vive o homem, mas de toda palavra que sai da boca de Deus" (Mt 4,3.4). Além disso, irmãos, notai quando é que o justo não faz a vontade de Deus. Ele sempre a faz, e vive segundo sua vontade. A vontade de Deus não se aparta de seu coração, porque a vontade de Deus é a própria lei de Deus. E o que se diz de tal lei? "Dia e noite a meditará" (Sl 1,2). Comes o pão material por uma hora, e páras; comes aquele pão da palavra dia e noite. Se ouves, se lês, tu o comes; se nele pensas, ruminas, para seres um animal puro, não impuro (Lv 11,3). É isto também o que diz a Sabedoria, por meio de Salomão: "Tesouro precioso há na boca do sábio, mas o insensato o engole" (Pr 21,20). Aquele que engole para que não se veja o que devorou é quem esquece aquilo que ouviu. Quem não se esquece, porém, reflete, e refletindo rumina, e ruminando se deleita. Daí se dizer: "O pensamento santo te guardará" (cf Pr 2,11). Eis, vê se te conserva na ruminação deste pão o santo pensamento seguinte: "Nunca vi o justo desamparado, nem sua descendência a mendigar o pão".

6 [26] "É sempre compassivo e empresta". Em latim se diz: "feneratur", tanto para quem recebe o empréstimo, como para aquele que o dá; ficaria mais claro se disséssemos: "fenerat". Que nos importam os gramáticos? É melhor que nos entendais, com nosso barbarismo, do que com a nossa linguagem fluente (disertitudo) vos deixe sem nada (deserti). Portanto, este justo "é sempre compassivo e empresta (fenerat)". Mas não se alegrem os usurários. Vemos aqui certo usurário, como encontramos uma espécie de pão, para que sempre, abrindo o telhado, cheguemos junto de Cristo. Não quero que sejais

usurários; e não quero, porque Deus não quer. Pois, se eu não quero, mas Deus quer, podeis fazê-lo; se, todavia, Deus não quer, mesmo que eu queira, agiria para sua infelicidade quem o fizesse. Como se sabe que Deus não o quer? Foi dito em outra passagem: "Não emprestou dinheiro com usura" (Sl 14,5). Julgo que os próprios usurários sabem como isso é detestável, como é odioso, como é censurável. No entanto, eu mesmo, ou antes, nosso Deus, que te proíbe ser usurário, ordena-te dar de empréstimo; e te diz: Empresta a Deus. Se emprestas a um homem, esperas alguma coisa; e se emprestas a Deus, não esperarás? Se emprestas a um homem, isto é, se deres dinheiro de empréstimo, e dele esperas receber algo mais do que deste, não só um dinheiro, mas algo mais, seja em trigo, vinho, óleo, ou qualquer outra coisa; se esperas receber mais do que deste, és usurário, e isto é reprovável, não louvável. O que farei então, dizes, para emprestar com vantagem? Examina o que faz o usurário. Certamente quer dar menos e receber mais. Faze isto também tu. Dá coisas pequenas e recebe grandes. Vê como cresce largamente o teu empréstimo. Dá bens temporais, e recebe eternos; dá terra, e recebe o céu. E a quem darei, talvez me digas? Apresenta-se para teres a quem emprestar o próprio Senhor, que te ordenava não emprestar com usura. Ouve a Escritura te dizer como hás de emprestar ao Senhor: "Quem faz caridade ao pobre empresta ao Senhor" (Pr 19,17). O Senhor não precisa de ti, mas tens outro que necessita de ti. Dás a este e é ele quem recebe. O pobre não tem com que te retribuir: no entanto, quer retribuir, mas não tem com que te pagar; só lhe resta a boa vontade de rezar por ti. Quando, porém, um pobre reza por ti, é como se dissesse a Deus: Senhor, recebi emprestado, sê meu fiador. Por conseguinte, apesar de não teres no pobre quem te retribua, possuis um idôneo fiador. Eis que Deus te diz, em sua Escritura: Dá tranquilo. Eu pago. Como costumam falar os fiadores? O que dizem? Eu pago; sou eu que recebo, é a mim que dás. Julgamos que também Deus fala assim: Sou eu que recebi, é a mim que dás? Efetivamente, Cristo é Deus, e disto não se duvida e ele disse: "Tive fome e me destes de comer". E quando os justos lhe perguntaram: "Quando foi que te vimos com fome?" para mostrar que ele é fiador dos pobres, que dá fiança a todos os seus membros, (porque ele é a Cabeça, e os outros são seus membros, e quem recebe os membros, é a Cabeça que recebe), disse: "Cada vez que o fizestes a um desses mais pequeninos, a mim o fizestes" (Mt 25,34.36). Eia, avaro usurário, vê o que deste e o que hás de receber! Se desses um pouco de dinheiro a alguém, e aquele a quem deras, em troca daquele pouco dinheiro te desse uma grande propriedade, incomparavelmente mais valiosa do que a tua doação em dinheiro, quantos agradecimentos darias, que alegria sentirias! Escuta qual a propriedade que te dará aquele a quem emprestaste: "Vinde, benditos de meu Pai, recebei". O quê? O que destes? De modo nenhum. Vós destes bens terrenos, que se não tivésseis dado, apodreceriam na terra. O que faríeis deles, se não désseis? O que havia de se perder na terra, foi conservado no céu. Por conseguinte, o que conservado é o que haveremos de receber. Foi guardado o mérito: teu merecimento se fez teu tesouro. Pois, vê o que vais receber: "Recebei o reino preparado para vós desde a criação do mundo". Ao contrário, aqueles que não quiseram emprestar, o que ouvirão? "Ide para o fogo eterno preparado para o diabo e para os seus anjos". Como se

chama o reino que havemos de receber? Atenção ao que segue: “Irão estes para o fogo eterno, enquanto os justos irão para a vida eterna” (Mt 25,34-36). Ambicionai esta recompensa, comprai-a, em-prestai por causa dela. Tendes a Cristo, assentado nos céus, e pedinte na terra. Descobrimos como há de emprestar o justo. “É sempre compassivo e empresta”.

7 “E sua raça será abençoada”. Sobre isto não se pense de modo carnal. Vemos muitos filhos de justos a morrer de fome; como, então, “sua raça será abençoada”? Sua raça é o que resta dele; aqui semeia, para colher depois. Pois, diz o Apóstolo: “Não desanimemos na prática do bem, pois se não desfalecermos, a seu tempo colheremos. Por conseguinte, enquanto temos tempo, pratiquemos o bem para com todos” (Gl 6,9). Esta é a tua raça, que será abençoada. Confias à terra, e tanto mais colhes: confias a Cristo, e perdes? Vê como o Apóstolo se refere expressamente à semente, ao falar de esmolas. Assim fala: “Sabei que quem semeia com parcimônia, com parcimônia também colherá, e quem semeia com largueza, com largueza também colherá” (2Cor 9,6). Mas, é com esforço que semeias, e lamentas quando te compadeces, porque vês os infelizes. Será muito melhor no futuro quando não tivermos a quem dar. Quando todos se tornarem incorruptíveis, não haverá faminto para dares pão, nem sedento ao qual ofereças bebida, nenhum nu para vestires, nenhum peregrino para receberes. Aqui, porém, lançamos a semente no meio de tribulações, tentações, dores, gemidos. Mas olha para outro salmo: “Ao partirem, iam chorando, lançando suas sementes”. Vê que “sua raça será abençoada: Ao voltarem, vêm exultantes, trazendo os seus feixes” (Sl 125,6).

8 [27] Examina a continuação, e não sejas preguiçoso: “Aparta-te do mal e faze o bem”. Não julgues que basta não espoliar o que está vestido. Se não lhe tiras a veste, tu te apartaste do mal; mas não murches, nem te tornes estéril. Não despojes o que está vestido, igualmente veste o nu; isto é apartar-se do mal e fazer o bem. E o que ganho com isto, dizes? Já te expliquei a quem deves emprestar, o que te dará. Ele te dará a vida eterna. Dá-lhe com confiança. Ouve como continua o salmo: “Afasta-te do mal e faze o bem, e permanecerás para sempre”. Não penses quando dás, que ninguém te vê; nem que Deus te abandona, se deres ao pobre e em seguida te acontecer algum prejuízo ou sentires tristeza por causa do que perdeste, dizendo a ti mesmo: De que me serviu esta boa obra? Acho que Deus não ama os homens que fazem o bem. Donde procede esta vossa murmuração, donde este ruído, senão porque abundam palavras destas? Cada um agora ouve estas palavras; vêm de sua boca, ou da boca do vizinho, ou da boca do amigo. Deus as elimine, e extirpe os espinhos de seu campo; plante bons frutos, árvores frutíferas. Por que te contristas, ó homem, de ter dado aos pobres, e ter perdido outros bens? Não vês que perdeste o que não deste? Por que não olhas para teu Deus? Onde está a tua fé? Por que ela dorme deste modo? Acorda-a em teu coração. Presta atenção ao que te disse o próprio Senhor, ao te exortar a tais boas obras: “Fazei bolsas que não fiquem velhas, um tesouro inesgotável nos céus, onde o ladrão não chega” (Lc 12,33). Lembra-te disso, quando te lamentas do prejuízo. Por que choras tolamente, coração mesquinho, não sadio? Por que perdeste, senão porque não me emprestaste? Por que

perdeste? Quem te roubou? Responderás: O ladrão. Eu não te avisei que não depositasses lá onde o ladrão pode alcançar? Se, portanto, se lamenta quem perdeu, condoa-se por não ter colocado lá onde não poderia perder.

9 [28] "O Senhor ama a justiça e não abandonará os seus santos". Quando os santos passam por trabalhos, não penses que Deus não julga, ou julga mal. Aquele que te exorta a julgares com justiça, há de julgar injustamente? Ele "ama a justiça e não abandonará os seus santos". Mas, junto dele acha-se oculta a vida dos santos, de sorte que agora labutam na terra, como no inverno as árvores não têm frutos nem folhas; quando ele aparece, como um novo sol que se levanta, aparece em frutos, o que vivia nas raízes. Portanto, ele "ama a justiça e não abandonará os seus santos". Mas o santo passa fome? Deus não o abandona; ele castiga todo filho a quem acolhe (cf Hb 12,6). Desprezas quando ele é castigado e temes quando enriquece. Como é castigado? Com angústias temporais. Quando será enriquecido? Quando ouvir: "Vinde, benditos de meu Pai, recebei o reino preparado para vós desde a criação do mundo" (Mt 25,34). Não recuses o castigo, para estares entre aqueles que merecerão ser recebidos. De tal forma ele ama a justiça que não abandona os santos, castigados por algum tempo. E como castiga todo filho quem acolhe, nem ao Unigênito Deus poupou, apesar de não se encontrar nele pecado. "O Senhor ama a justiça e não abandonará os seus santos". Visto que não os abandonará, acaso lhes dará o que amas aqui, viver muitos anos, envelhecer? Não dás atenção ao fato de que, apesar de desejares a velhice, estás desejando alguma coisa de que te queixarás quando vier. Não te diga, então, a alma malvada, fraca ou pequenina: Como é verdade que "Deus ama a justiça e não abandonará os seus santos". Verdadeiramente não abandou os três jovens, que louvavam na fornalha, pois o fogo não os tocou; talvez não fossem santos os Macabeus, que pereceram pelo fogo quanto à carne, mas não quanto à fé? (cf Dn 3,50; 2Mc 77). Dizes: É um grande problema, porque eles não fraquejaram na fé, e Deus os abandonou. Ouve como prossegue o salmo: "Serão conservados para sempre". Tu lhes desejavas poucos anos, e pensavas que se Deus lhos concedesse, não teria abandonado os seus santos. Visivelmente não abandonou os três jovens, ocultamente não abandonou os Macabeus. Aos primeiros concedeu até a vida temporal para confundir os infiéis; aos segundos coroou ocultamente a fim de julgar a impiedade do perseguidor. Todavia, não abandonou nem os primeiros, nem os segundos, porque ele "não abandonará os seus santos". E nada de grande teriam recebido os três jovens, se não fossem conservados eternamente. "Serão conservados para sempre".

10 "Os injustos serão punidos, e a prole dos ímpios será exterminada". Como a raça dos justos será abençoada, assim "a prole dos ímpios será exterminada". A prole dos ímpios representa as suas obras. Pois, às vezes verificamos que o filho de um ímpio progride no mundo, e se torna justo, e também progride em Cristo. Vê, portanto, como tomarás o fato, para abrires o telhado e alcançar a Cristo; não o faças carnalmente, senão te enganarás. Mas a descendência dos ímpios, todas as obras dos ímpios perecerão, sem fruto. Durante algum tempo têm certo valor: depois eles procuram e não encontram o

fruto de seu trabalho. Pois a seguinte palavra se refere aos que perdem o fruto de seu labor: “Que proveito nos trouxe o orgulho? De que nos serviu riqueza e arrogância? Tudo isso passou como uma sombra” (Sb 5,8). Por conseguinte, “a prole dos ímpios será exterminada”.

11 [29] “Os justos, porém, herdarão a terra”. Ainda, não se insinue a avareza, prometendo-te uma grande propriedade, a fim de não esperares obter lá aquilo que aqui te é ordenado desprezar. Há uma terra dos vivos, o reino dos santos. Daí a palavra: “Tu és a minha esperança, a minha porção na terra dos vivos” (Sl 141,6). Pois, se aquela é a tua vida, entende qual a terra que hás de receber. É a terra dos vivos; aqui é, contudo, a terra dos que morrem, pronta a receber aqueles que ela nutriu enquanto vivos. Qual, portanto, é aquela terra, tal é a própria vida. Se a vida é eterna, também a terra é eterna. E como é eterna a terra? “Nela habitarão pelos séculos dos séculos”. Será outra, pois, a terra onde habitaremos pelos séculos dos séculos. Porque a respeito desta foi dito: “O céu e a terra passarão” (Mt 24,35).

12 [30-32] “A boca do justo se exercita na sabedoria”. Aqui está aquele pão; vede com que gosto o come este justo, como saboreia a sabedoria. “E a sua língua proclama a justiça. Está gravada em seu coração a lei de Deus”. Não penses que o justo tem na boca o que não possui no coração. Não o contes entre aqueles dos quais foi dito: “Este povo me glorifica com os lábios, mas o seu coração está longe de mim (Is 29,13). E a sua língua proclama a justiça. Está gravada em seu coração a lei de Deus”. De que lhe serve isto? “Não vacilam seus passos”. A palavra de Deus em seu coração livra do laço, a palavra de Deus em seu coração livra-o do mau caminho, a palavra de Deus em seu coração livra-o da queda. Está contigo aquele cuja palavra não se aparta de ti. Que mal pode sofrer quem é guardado por Deus? Colocas um guarda na vinha, e ficas tanquilo a respeito de ladrões. E no entanto, aquele guarda pode dormir, cair, e permitir a entrada do ladrão. Aquele que guarda Israel, contudo, não dorme, nem cochila (cf Sl 120,4). “Está gravada em seu coração a lei de Deus. Não vacilam os seus passos”. Viva em segurança, mesmo no meio de maus viva em segurança, mesmo entre ímpios. Que espécies de mal pode contra o justo um injusto ou ímpio? Vê como continua: “O mau espreita o justo e procura dar-lhe a morte”. Profere o que no livro da Sabedoria foi predito que o injusto diria: “Basta vê-lo para nos importunar; sua vida se dintingue dos demais” (Sb 2,15). Procura, por isso, dar a morte. E então? O Senhor, que o guarda, que habita com ele, que não se afasta de sua boca, nem de seu coração, o abandona? Como se realiza o que foi dito acima: “E não abandonará os seus santos”?

13 [33] Portanto, “o mau espreita o justo e procura dar-lhe a morte. Mas o Senhor não o entregará às mãos dele”. Por que, então, entregou os mártires às mãos dos ímpios? Por que lhe infligiram o que quiseram? A uns feriram com a espada, a outros crucificaram, a outros lançaram às feras, a outros queimaram, a outros carregavam de cadeias e mataram com prolongados maus tratos. Certamente Deus não abandona os seus santos: “O Senhor não o entregará às mãos dele”. Afinal, por que entregou seu Filho às mãos

dos judeus? Aqui também, abre o telhado (cf Lc 5,19), se queres atingir o íntimo; chega até o Senhor. Ouve o que diz outra Escritura. Prevendo que o Senhor haveria de sofrer da parte dos ímpios, o que diz? “Deixa a terra em poder do ímpio” (Jó 9,24). Que sentido tem a palavra: “Deixa a terra em poder do ímpio”? A carne foi entregue às mãos dos perseguidores. Mas, Deus ali não abandonou o justo; da carne aprisionada tirou a alma invencível. Deus teria abandonado o justo nas mãos do ímpio, se o deixasse consentir no querer do ímpio. Contra este mal, reza outro salmo: “Não me entregues, contra meu desejo, Senhor, ao pecador” (Sl 139,9). Importa que não sejas entregue ao pecador, contra teu desejo. Não aconteça que, desejando a vida presente, caias em poder dele, e percas a vida eterna. Por causa de que desejo, não deve ser entregue ao pecador? Daquele do qual se diz: “Tu sabes que não desejei o dia do homem” (Jr 17,16). Aquele que deseja e ambiciona o dia do homem, quando o adversário o ameaçar de lhe tirar o dia humano, porque o matará e ele perderá esta vida, se ele não espera outra vida, desfalece e consente no que quer o inimigo. Mas, quem ouve o que diz o Senhor: “Não temais os que matam o corpo, mas não podem matar a alma” (Mt 10,28), embora a terra seja entregue às mãos do ímpio, a terra é apanhada, mas o espírito escapa; e escapando o espírito, também a terra ressurgirá. O espírito muda, junto do Senhor, a terra se mudará em céu. Nada da terra se perde, apesar de ser entregue por certo tempo às mãos do ímpio. “Até mesmo os vossos cabelos foram todos contados” (Mt 10,30). Há, portanto, segurança, mas se Deus está no interior. Se o diabo é expulso, Deus é recebido. “Mas o Senhor não o entregará às mãos dele, nem o condenará quando for julgado”. Alguns exemplares trazem[1] “Et cum iudicabit eum, iudicabitur illi”. Quando o julgar, julgará a respeito dele. “Illi” (para ele), quer dizer, quando o juízo é a respeito dele. Podemos nos exprimir assim, dizendo a um homem: Julga-me, isto é, ouve a minha causa. Ao começar Deus a ouvir a causa de seu justo, “portanto todos nós teremos de comparecer manifestamente perante o tribunal de Cristo, a fim de que cada um receba a retribuição do que tiver feito durante a sua vida no corpo, seja para o bem, seja para o mal” (2Cor 5,10), quando o justo chegar ao juízo, Deus não o condenará, embora temporariamente pareça condenado pelos homens. Embora o procônsul tenha proferido a sentença contra Cipriano, um é o tribunal terreno, outro o tribunal dos céus; do inferior recebeu uma sentença, do superior uma coroa. “Não o condenará quando for julgado”.

14 [34-36] Mas quando será? Não penses que é agora: tempo de labor, tempo de semear, tempo de frio; embora no meio de ventos, apesar das chuvas, semeia. Não sejas preguiçoso. Virá o verão que te alegrará, e te regozijarás de ter semeado. Mas, o que faço agora? “Confia no Senhor”. E enquanto confio, como agir? “E segue seu caminho”. E se seguir, o que recebo? “Ele te exaltará, para obteres a terra em herança”. Que terra? De novo, não te ocorra à mente alguma propriedade. Trata-se daquela: “Vinde, benditos do meu Pai, recebei o reino preprarado para vós desde a criação do mundo” (Mt 25,34). E o que será daqueles que nos afligiram, entre os quais gememos, cujos escândalos toleramos, pelos quais, enquanto enfurecidos, em vão oramos; o que sera deles? Segue-se: “Assistirás à ruína dos pecadores”. E verás de perto. Tu estarás à direita e eles à

esquerda. Isto compete aos olhos da fé. Os que não possuem os olhos da fé, lastimam a felicidade dos ímpios, e pensam que é inútil ser justos, porque veem os ímpios prosperarem na terra. Mas quem possui os olhos da fé, o que diz? "Vi o ímpio sumamente elevado, tão alto como os cedros do Líbano". Imagina que é sumamente elevado, muito alto, qual a consequência? "Passei, e já não existia. Procurei-o e não achei o seu lugar." Por que já não existia, nem achei o seu lugar? Porque passaste. Se ainda pensas carnalmente, e a teu ver esta felicidade terrena é a verdadeira felicidade, ainda não passaste. Ou és igual a ele, ou inferior. Progride, e passa. E quando, com o progresso, passares, tu o olharás com os olhos da fé, verás seu fim, e dirás a ti mesmo: Aí está. Não existe mais aquele que estava todo inchado de orgulho. Será o mesmo que acontece ao passares junto da fumaça. Pois, isto foi dito também mais acima neste salmo: "Dissipar-se-ão como fumaça" (Sl 36,20). A fumaça vai para cima, e avança como um globo entumescido; quanto mais sobe, tanto mais se incha. Mas ao passares, olha para trás; a fumaça fica para trás, se Deus está a tua frente. Não olhes desejoso para trás, como olhou a mulher de Ló, e ficou no caminho (Gn 19,26); mas olha com desprezo, e verás que o ímpio já não existe, e procuras seu lugar. Qual é o seu lugar? Como tem poder, tem riquezas, tem certa posição nas coisas humanas, muitos lhe obedecem, manda e é ouvido. Este lugar não existirá mais, mas passará, de sorte que poderás dizer: "Passei, e já não existia". Qual o significado de "passei"? Adiantei-me, cheguei aos bens espirituais, entrei no santuário de Deus, para dar atenção ao que vem no fim (cf Sl 72,17): "E já não existia. Procurei-o e não achei o seu lugar".

15 [37] "Guarda a inocência". Guarda, como guardavas a bolsa quando eras avaro; como seguravas a bolsa para que o ladrão não a roubasse, assim guarda a inocência a fim de que o diabo não te roube. Seja ela teu patrimônio garantido, porque através dela fazem-se ricos também os pobres. "Guarda a inocência". De que te serve o lucro de ouro, com dano da inocência? "Guarda a inocência e observa a retidão". Deves ter olhos corretos, para veres a direção: não olhos malvados para veres os maus e distorcidos, de maneira que Deus te pareça torto e mau, por favorecer os ímpios e perseguir os fiéis. Não verificas como enxergas torto? Corrige teus olhos e "observa a retidão". Que retidão? Não prestes atenção às coisas presentes. E o que verás? "Sempre restam alguns bens ao homen pacífico". Quais são os bens que restam? Ao morreres, não morrerás inteiramente, quer dizer, "restarão alguns bens". Depois desta vida, haverá para ele ainda alguma coisa; isto é, aquela raça que será abençoada. Daí dizer o Senhor: "Quem crê em mim, ainda que morra, viverá" (Jo 11,25). "Sempre restam alguns bens ao homem pacífico".

16 [38] "Os injustos perecerão em si mesmos". O que quer dizer: "em si mesmos"? Eternamente; ou, todos simultaneamente. "O restante dos ímpios precerá". Restam alguns bens ao homem pacífico; portanto, os que não são pacíficos são ímpios. Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus (Mt 5,9).

17 [39.40] "A salvação dos justos vem do Senhor. Ele é o seu refúgio no tempo da aflição.

O Senhor os ajudará e livrará. Arrancá-los-á das mãos dos pecadores". Os justos tolerem agora os pecadores, o trigo tolere o joio, o trigo suporte a palha, porque virá o tempo da separação, e a semente boa será retirada do meio daquela que há de ser consumida pelo fogo. Uma será guardada no celeiro, e a outra lançada ao incêndio eterno. Pois, estiveram juntos, anteriormente, o justo e o injusto, para que este suplantasse e o outro fosse experimentado; depois, no entanto, um será condenado e o outro coroado.

18 Graças a Deus, irmãos. Pagamos nossa dívida, em nome de Cristo; mas a caridade sempre nos mantém como devedores. É a única dívida que, se diariamente é paga, sempre permanece. Dissemos muito contra os donatistas, lemos muita coisa, muitas cartas, muitos documentos além dos cânones das Escrituras, porque eles a isto nos forçaram. Pois, se criticarem porque vos lemos tais coisas, que nos repreendam, contanto que fiqueis bem informados. Podemos também lhes responder a este respeito: "Procedi como insensato! Vós me constrangestes a isto" (2Cor 12,11). Todavia, irmãos, antes de tudo guardai a nossa herança, garantida pelo testamento de nosso Pai; não por carta banal de um homem, mas pelo testamento de nosso Pai. Daí a nossa segurança, porque aquele que fez o testamento vive. Quem fez o testamento para seu herdeiro, julgará a respeito de seu testamento. Nas questões humanas um é o testador, e outro o juiz; contudo, o que possui o testamento vence perante um juiz, mas não junto de outro juiz morto. Quanto mais segura não é a nossa vitória, porque julgará aquele que fez o testamento! Embora tenha Cristo morrido temporariamente, já vive eternamente.

1 Alguns exemplares gregos. Cf. De Bruyne, *Augustin Reviseur;* p. 556.

19 Falem contra nós o que quiserem; quanto a nós, amemo-los, mesmo contra a sua vontade. Conhecemos bem, irmãos, conhecemos as suas línguas. Por causa delas não nos irritamos contra eles; suportai pacientemente conosco. Veem que não ganham a causa, voltam suas línguas contra nós e começam a falar mal de nós, muitas coisas que sabem e muitas que ignoram. Conhecem o nosso passado; fomos outrora, como diz o Apóstolo, estultos e incrédulos e incapazes de toda obra boa (cf Tt 3,3). Insensatos num erro perverso e loucos, não negamos; e quanto mais não negamos nosso passado, tanto mais louvamos a Deus, que nos perdoou. Por que razão, ó herege, deixas de lado a causa e atacas o homem? O que sou eu? O que sou? Acaso sou a Igreja católica? Acaso a herança de Cristo difundida por todos os povos? Basta-me estar dentro dela. Censuras meus pecados passados. O que fazes de importante? Sou mais severo em relação a meus pecados do que tu. Tu censuras, eu condeno. Oxalá quisesses me imitar, para que teu erro também pertença ao passado! São do passado os meus pecados, bem conhecidos, principalmente nesta cidade. Foi aqui[1] que vivi mal. Confesso-o. E tanto mais me alegro com a graça de Deus, quanto acerca de meu passado, o que direi? Pesa-me? Pesaria se ainda nele estivesse. Mas, o que direi, então? Alegro-me? Também isso não posso dizer; quem me dera que nunca houvesse existido! Por pior que tenha sido, em nome de Cristo, está apagado. O que agora podiam repreender, eles não sabem. Haveria ainda algo de repreensível em mim; mas estão longe de conhecê-lo. Agito-me em meus pensamentos, lutando contra as sugestões más, e tenho um combate prolongado, e quase contínuo com

as tentações do inimigo, que quer me derrubar. Gemo diante de Deus em minha fraqueza; e conhece o que nasce em meu coração aquele que sabe como nasci. “Quanto a mim, pouco me importa ser julgado por vós ou por um tribunal humano, disse o Apóstolo. Eu também não me julgo a mim mesmo” (1Cor 4,3). Conheço-me melhor a mim mesmo do que eles, mas Deus me conhece melhor do que eu mesmo. Por conseguinte, não vos ataquem por nossa causa. Cristo não o permita. Eles dizem: Quem são? De onde são? Sabemos que eles são maus. Onde foram batizados? Se nos conhecem bem, deviam saber que outrora navegamos, saber que peregrinamos; estar cientes de que voltamos muito diferentes do que éramos. Não fomos batizados aqui; mas onde fomos batizados[2] é uma igreja conhecida em toda a terra. E são muitos os nossos irmãos que sabem que fomos batizados e foram batizados conosco. É fácil de verificar, se algum dos irmãos está preocupado com isto. Mas, havemos de lhes dar satisfação e fazer demonstrações com algum testemunho da Igreja, com a qual não estão em comunhão? Com razão não sabem que fomos batizados em Cristo além mar, porque eles não encontram a Cristo além mar. Encontram a Cristo além mar os que além mar estão em comunhão com a Igreja universal. Como pode saber onde fui batizado, quando a sua comunhão mal atravessa o mar? Por isso, meus irmãos, o que lhes direi? Suspeitai o que quiserdes de nós. Se somos bons, somos trigo na Igreja de Cristo; se somos maus, somos palha na Igreja de Cristo, contudo não nos apartamos da eira. Tu que, com o vento da tentação voaste para fora, o que és? O vento não carrega o trigo para fora da eira. Pelo lugar onde te achas, então, reconhece o que és.

20 Mas tu, pode-se objetar, quem és que proferes tantas coisas contra nós? Seja eu quem for, atende ao que é dito, e não por quem. Mas o Senhor diz ao pecador: “Que te adianta ter minha aliança na boca?” (Sl 49,16). O Senhor diga isto ao pecador; talvez exista uma espécie de pecadores à qual o Senhor assim fala, de fato; mas seja quem for aquele ao qual o Senhor desta maneira se dirige, assim fala porque não adianta ao pecador proferir a lei de Deus. Acaso não adianta também aos ouvintes? Conforme afirma o Senhor, temos na Igreja ambas as espécies: bons e maus. Ao pregarem, o que dizem os bons? “Sede meus imitadores (1Cor 4,16) como eu o sou de Cristo”. E o que se diz a respeito dos bons? “Sê para os fiéis um modelo” (1Tm 4,12). Isto é o que nos esforçamos por ser; mas o que somos realmente, sabe aquele junto do qual gememos. Acerca dos maus, há uma palavra diferente: “Os escribas e os fariseus estão sentados na cátedra de Moisés. Portanto, fazei tudo quanto vos disserem. Mas não imiteis as suas ações” (Mt 23,2.3). Vês que na cátedra de Moisés, à qual sucedeu a cátedra de Cristo, sentam-se também alguns maus; todavia, se falam o que é bom não causam dano aos ouvintes. Por que razão tu, devido aos maus, abandonaste a cátedra? Volta à paz, volta à concórdia; ela não te prejudica. Se falo o bem, e o pratico, imita-me; se, ao invés, não faço o que digo, tens o conselho do Senhor: faze o que digo, e não faças o que faço. No entanto, não te apartes da cátedra católica. Eis que vamos partir, em nome de Cristo, e muita coisa há de ser dita por eles. Qual a finalidade? Para que logo despre-zeis a nossa causa. Dizei-lhes apenas isto: Irmãos, respondei à altura. Agostinho é bispo da Igreja

católica, carrega o seu fardo, e há de prestar contas a Deus. Sei que está entre os bons; se é mau, ele o sabe; se é bom, nem assim depositei nele minha esperança. Antes de tudo, aprendi na Igreja católica que não devo depositar minha esperança num homem. Com razão, vos censuram os homens porque depositastes vossa esperança num homem. Sem dúvida, quando eles nos censurarem, menosprezai também vós. Sabemos que lugar ocupamos em vosso coração, porque sabemos que lugar ocupais no nosso. Não vale a pena discutir com eles a nosso favor. Seja o que for que disserem contra nós, passai por alto, a fim de não acontecer que empenhados em nossa defesa, deixeis de lado a vossa causa. Eles agem assim por astúcia. Não querendo e receando que tratemos de sua causa, introduzem questões que desviem nossa atenção dela, de sorte que, enquanto cuidamos de nos justificar, calemos o que pode convencê-los. Pois, de fato, se me chamas de mau, acrescento razões inumeráveis. Acaba logo com isto, põe um ponto final na minha causa, trata do assunto, atende à causa da Igreja, vê onde estás. Recebe com fome a verdade, seja donde for que te fale, para não suceder que nunca o pão chegue às tuas mãos, porque procuras sempre, com fastio e crítica, o que condenar no prato.

1 Em Cartago, cf. *Confess,* III,1 ss.

2 Em Milão, cf. *Confess.* IX,6

SALMO 37

SERMÃO AO POVO

1 Oportunamente a leitura do evangelho sobre a mulher cananeia corresponde ao que cantamos: “Confesso a minha iniquidade e estou inquieto pelo meu pecado” (Sl 37,19). O Senhor, olhando para as suas iniquidades, a chamou de cão, dizendo: “Não fica bem tirar o pão dos filhos e atirá-lo aos cachorrinhos” (Mt 15,26). Ela, porém, que soubera confessar a sua iniquidade, e estar inquieta pelo seu pecado, não negou o que a verdade afirmou. Mas confessando sua miséria, impetrou antes a misericórdia, porque estava inquieta por seu pecado. Pois, também pedira a cura da filha, talvez como figura de sua vida. Notai; vamos considerar todo o salmo e explicá-lo, à medida de nossas possibilidades. Esteja o Senhor presente em nossos corações, para que salutarmente nele reconheçamos nossas vozes, e como as descobrirmos repitamo-las, descobrindo sem dificuldade, e proferindo com conhecimento.

2 [1] Seu título é o seguinte: “Salmo a Davi. Em memória do sábado”. Investiguemos o que foi escrito para nós a respeito do santo profeta Davi, do qual descende, segundo a carne, nosso Senhor Jesus Cristo (cf Rm 1,3), e entre os bens que dele conhecemos pelas Escrituras, não encontramos que ele alguma vez tenha feito memória do sábado. O que haveria de recordar, segundo aquela observância dos judeus que guardavam o sábado? Por que haveria de recordar aquele dia que necessariamente volta cada sete dias? Devia-se observar e não recordar. Ninguém se recorda senão do que não está presente. Por exemplo, estando nesta cidade, recordas-te de Cartago, onde estiveste alguma vez; hoje recordas-te do dia de ontem, ou do ano passado, ou de outro anterior, de alguma ação tua, de alguma coisa que presenciaste, ou a que assististe. O que significa esta memória do sábado, meus irmãos? Quem se recorda assim do sábado? O que é este sábado? Pois, é lembrado com gemidos. Enquanto se lia o salmo, ouvistes e agora quando o retomarmos ouvireis quanta tristeza há nele, quantos gemidos, quantos prantos, que miséria. Mas é feliz quem sofre essa miséria. Por isto, também o Senhor no evangelho denomina felizes a alguns que choram (cf Mt 5,5). Como pode ser feliz, se chora? Como pode ser feliz, se infeliz? Ao contrário, seria infeliz se não chorasse. Por conseguinte, acolhamos aqui a este que se lembra do sábado, a este que chora e nos é desconhecido; oxalá sejamos nós este desconhecido! Há alguém dolente, gemendo, chorando, recordando-se do sábado. Sábado é repouso. Sem dúvida, achava-se o salmista em determinada inquietação, e recordava-se com gemidos do repouso.

3 [2] Ele, portanto, narra e recomenda a Deus a inquietação de que sofria, receoso de qualquer coisa de mais pesado do que a situação em que estava. Pois, diz claramente que estava no meio de males; para isto não há necessidade de intérprete, nem de suspeita, nem de conjectura. Nem há dúvida, segundo suas próprias palavras de que mal sofre.

Não é preciso procurar; basta entender o que está dito. Se não temesse algo de pior do que o mal que o tomava, não começaria assim: "Senhor, não me repreendas em teu furor. Corrige-me, mas não em tua ira". Haveriam alguns de ser corrigidos com a ira de Deus, e serem corrigidos com o seu furor. E talvez nem todos os que serão corrigidos se emendarão; mas alguns que serão salvos, estarão entre os que são corrigidos. Isto sucederá, porque faz-se referência a emenda, que no entanto se realizará como que através do fogo. Alguns serão corrigidos e não se emendarão. Pois, são arguídos aqueles aos quais se dirá: "Tive fome e não me destes de comer. Tive sede e não me destes de beber" etc.; ali, prosseguindo, o Senhor repreende certa desumanidade e esterilidade nos maus, colocados à esquerda, aos quais diz: "Ide para o fogo eterno preparado para o diabo e para os seus anjos" (Mt 25,41.42). O salmista, receando estes males piores do que os desta vida, que o faz chorar e gemer, roga com estas palavras: "Senhor, não me repreendas em teu furor". Não seja do número daqueles aos quais dirás: "Ide para o fogo eterno preparado para o diabo e seus anjos. Corrige-me mas não em tua ira". Purifica-me nesta vida, e faze-me tal que já não precise do fogo purificador, como aqueles que se salvarão, mas como que através do fogo. Por que, senão por terem edificado aqui com madeira, feno e palha, sobre fundamento? Edificassem com ouro, prata, pedras preciosas, e estariam garantidos contra ambos os fogos. Não somente livrar-se-iam do fogo eterno que há de atormentar eternamente os ímpios, mas ainda daquele que purificará os que se salvarão através do fogo. Pois, foi dito também: "Ele mesmo, entretanto, será salvo, mas como que através do fogo" (1Cor 3,12.15). E como foi dito: "será salvo", despreza-se aquele fogo. Apesar de salvos, através do fogo, este será mais doloroso do que tudo o que o homem pode sofrer nesta vida. E sabeis quanto sofreram e podem sofrer; aqui os maus contudo, sofreram tanto quanto poderiam padecer bons e maus. O que não suportou, diante da lei, qualquer malvado, ladrão, adúltero, criminoso, sacrílego que não tenha sofrido qualquer mártir, pela confissão de Cristo? Estes males daqui são muito mais leves; contudo, vede como os homens fazem tudo o que lhe mandares, para não os sofrerem. Quanto melhor seria fazer o que ordena Deus para não sofrerem males mais graves?

4 [3] Por que suplica o salmista não seja repreendido com furor, nem corrigido com ira? Parece dizer a Deus: Uma vez que já sofro tanto, e grandes males, peço que estes bastem. E começa a enumerá-los, dando satisfação a Deus, oferecendo-lhe seus padecimentos, para não sofrer piores males: "Atingiram-me as tuas setas, e sobre mim abateu-se a tua mão".

5 [4] "Não há parte sadia em minha carne, em face de tua cólera". Já dizia o que sofria aqui na terra; e isto já provinha da ira do Senhor, porque era castigo do Senhor. Qual castigo? O de Adão. Ele fora castigado, e não fora inutilmente que o Senhor lhe dissera: "Morrerás" (Gn 2,17). Tudo o que sofremos nesta vida é devido àquela morte que merecemos pelo primeiro pecado. Efetivamente temos um corpo mortal (que, de fato, não seria mortal), cheio de tentações, cheio de solicitudes, sujeito às dores corporais, sujeito a penúrias, mutável, enfermiço mesmo quando está são, porque na realidade

ainda não está plenamente sadio. Pois, de onde vem que dizia: “Não há parte sadia em minha carne”, senão porque a chamada saúde nesta vida, para os que entendem bem e se recordam do sábado, não é na realidade saúde? Pois, se não comerdes, a fome incomoda. Esta é uma espécie de doença natural, porque a natureza nos castiga, devido à pena do pecado. O que seria castigo para o primeiro homem constitui a nossa natureza. Daí dizer o Apóstolo: “Éramos por natureza como os demais, filhos da ira (Ef 2,5). Por natureza, filhos da ira”, isto é, portadores do castigo. Mas, por que motivo diz: “Éramos”? Porque em esperança já não o somos: na realidade, ainda somos. Mas é mais exato dizer o que somos em esperança, porque estamos certos a respeito dela. Nossa esperança não é incerta, de sorte que devamos dela duvidar. Ouve como ele fala da própria glória em esperança. Diz o Apóstolo: “Gememos interiormente, suspirando pela redenção de nosso corpo, esperando a adoção” (Rm 8,23). Como? Ainda não estás redimido, ó Paulo? O preço ainda não foi pago, por ti? O sangue de Cristo ainda não foi derramado? Ele não é o preço de todos nós? Sim, ele é. Mas ouve o que diz o Apóstolo: “Pois fomos salvos em esperança; e ver o que se espera, não é esperar. Acaso alguém espera o que vê? E se esperamos o que não vemos, é na perseverança que o aguardamos” (Rm 8,24-25). O que aguarda na perseverança? A salvação. De quê? Do próprio corpo, porque o disse: “a redenção de nosso corpo”. Se esperava a saúde do corpo, não se tratava da saúde que possuía. Morre de fome e de sede, se não for cuidado. O remédio para a fome é o alimento, e o medicamento da sede é a bebida, e a cura do cansaço é o sono. Subtrai esses medicamentos e vê se aquelas deficiências não a matam. Se forem suspensos estes remédios e não aparecerem as doenças, então há saúde. Se, porém, alguma coisa há que pode te matar, se não comeres, não te gabes de ter saúde, mas gemendo espera a redenção de teu corpo. Alegra-te de teres sido remido; mas ainda não na realidade; na esperança, estás seguro. Se não gemeres na esperança, não alcançarás a realidade. Por conseguinte, uma vez que esta não é a verdadeira saúde, disse: “Não há parte sadia em minha carne, em face de tua cólera”. E o que são as setas que me atingiram? A pena, o castigo, e talvez as dores que necessariamente se sofrem na terra, na alma e no corpo, são as setas. O santo homem Jó refere-se a estas setas. Sofrendo aquelas dores, disse ter sido atingido pelas setas do Senhor (cf Jó 6,4). Costumamos igualmente tomar as setas na acepção de palavras de Deus. Mas, poderia o salmista se lamentar de ter sido ferido por elas? As palavras de Deus, como setas, excitam o amor, não a dor. Ou seria porque o próprio amor não pode existir sem dor? Necessariamente nos condoemos quando não temos o que amamos. Pois, ama e não sente dor quem possui o que ama. Quem, porém, ama, como disse, e ainda não possui o que ama, forçoso é gemer, dolorido. Daí vem a palavra que em lugar da Igreja profere a esposa de Cristo no Cântico dos cânticos: “Estou doente de amor” (Ct 2,5 e 5,8). Disse estar ferida pelo amor. Amava e não possuía o objeto de seu amor; doía-lhe por não possuir. Se lhe doía é porque estava ferida; mas esta ferida arrastava à verdadeira saúde. Quem não estiver atingido por este ferimento, não poderá alcançar a verdadeira saúde. Acaso o ferido há de permanecer sempre assim? Podemos, entretanto, referir as setas que me atingiram às tuas palavras gravadas em meu coração. Tuas palavras fizeram-me

lembrar do sábado. A memória do sábado, que ainda não é posse, não me permite ainda alegrar-me, nem reconhecer que minha carne goza de saúde. Nem devo dizer que é saúde, em comparação com a que terei no repouso eterno, quando o que é corruptível revestir a incorrupção (cf 1Cor 15,53) e o que é mortal revestir a imortalidade. Vejo que em comparação com aquela saúde, a da terra é doença.

6 “Não há paz para os meus ossos, em consequência de meus pecados” Costuma-se perguntar de quem é a voz. Alguns tomam-na aqui como sendo de Cristo, por causa de certas expressões no salmo referentes à paixão de Cristo e às quais logo chegaremos, e veremos que se trata da paixão de Cristo. Mas, como diria: “Não há paz para os meus ossos, em consequência de meus pecados”, aquele que nenhum pecado cometera (1Pd 2,22)? A necessidade de entender nos força, portanto, a reconhecer que se trata de Cristo pleno e total, isto é, Cabeça e corpo. Quando Cristo fala, às vezes fala somente em lugar da Cabeça, que é o próprio Salvador, nascido de Maria virgem; por vezes, em lugar de seu corpo, que é a santa Igreja, espalhada por toda a terra. Também nós estamos em seu corpo, se for sincera a nossa fé nele, firme a esperança, ardente a caridade. Estamos em seu corpo, somos seus membros, e encontramo-nos a falar ali, conforme a palavra do Apóstolo: “Porque somos membros do seu corpo” (Ef 5,30). Em muitas passagens assim se exprime o Apóstolo. Pois, se dissermos que não são palavras de Cristo, não serão suas também aquelas palavras: “Meu Deus, meu Deus, por que me desamparaste” (Mt 21,46). E lá tens esta expressão: “Meu Deus, meu Deus, por que me desamparaste? Longe de minha salvação as vozes de meus delitos” (Sl 21,2), como aqui tens: “Em consequência de meus pecados”. E se Cristo em verdade não tem pecado nem delito, começamos a julgar que não são dele as palavras daquele salmo. Seria dureza e contradição dizer que aquele salmo não se refere a Cristo, quando conhecemos tão claramente a sua paixão, conforme se lê no evangelho. Lá, de fato, temos: “Dividiram entre si as minhas vestes e sobre a minha túnica lançaram sortes” (Sl 21,19). Por que motivo o próprio Senhor crucificado: “Meu Deus, meu Deus, por que me desamparaste?” o que quis dar a entender senão que todo aquele salmo se refere a si mesmo, uma vez que repetiu o começo dele? O versículo continua: “as vozes de meu delito”; não há dúvida de que se trata da voz de Cristo. De onde vêm, então, os pecados, a não ser do corpo, que é a Igreja? Pois aqui falam o corpo de Cristo e a Cabeça. Por que falam como se fosse um só homem? Porque, diz o Apóstolo: “serão dois numa só carne. É grande este mistério: refiro-me à relação entre Cristo e a sua Igreja” (Ef 5,31.32). Daí vem igualmente que ao falar Cristo no evangelho, respondendo aos que lhe apresentaram a questão do divórcio, declarou: “Não lestes que desde o princípio Deus os fez homem e mulher? Por isso o homem deixará pai e mãe e se unirá a sua mulher e os dois serão uma só carne? De modo que já não são dois, mas uma só carne” (Mt 19,4-6). Se, pois, ele disse: “Já não são dois, mas uma só carne”, não é de admirar que como uma carne, cabeça e corpo, dimanem também uma carne, uma língua e as mesmas palavras. Portanto, ouçamos somente um, porém sendo a cabeça cabeça e o corpo corpo. Não se dividem as pessoas, mas se distinguem as dignidades, porque a Cabeça salva, e o corpo é salvo. A Cabeça demonstra misericórdia, o corpo chora sua miséria. A

Cabeça purifica, o corpo confessa os pecados. A voz, contudo, é uma só, quando não está escrito o que diz o corpo, o que diz a Cabeça. Mas, nós, ao ouvirmos distinguimos; ele, porém, fala como se fosse um só. Por que razão não pode dizer: “meus pecados”, aquele que disse: “Tive fome e não me destes de comer. Tive sede e não me destes de beber. Fui forasteiro e não me recolhestes. Estive doente e preso, e não me visitastes”? Certamente, o Senhor não esteve no cárcere. Por que não poderia se exprimir assim, se àquele que lhe replicou: “Quando é que te vimos com fome ou com sede, ou preso e não te servimos?” assim respondeu, em lugar de seu corpo: “Todas as vezes que o deixastes de fazer a um desses pequeninos que são meus, foi a mim que o deixastes de fazer” (Mt 25,42-45)? Por que não diria: “em consequência de meus pecados”, se disse a Saulo: “Saulo, Saulo por que me persegues?” (At 9,4)? Efetivamente, já no céu, não tinha perseguidor algum. Mas, como ali a Cabeça falava em vez do corpo, assim também aqui a Cabeça profere palavras próprias ao corpo, quando ouvis a voz da Cabeça. Mas, ao ouvirdes as palavras do corpo, não o separeis da Cabeça; nem ao ouvirdes as palavras da Cabeça, a separeis do corpo; porque já não são dois, mas uma só carne.

7 “Não há parte sadia em minha carne, em face de tua cólera”. Mas, talvez Deus se tenha irritado injustamente, ó Adão, ó gênero humano. Deus se irou injustamente! Falaste já reconhecendo teu castigo, já fazendo parte do corpo de Cristo: “Não há parte sadia em minha carne, em face de tua cólera”. Expõe a justiça da ira de Deus, a fim de não pareceres te escusar e acusá-lo. Continua, e declara de onde procede a ira do Senhor. “Não há parte sadia em minha carne, em face de tua cólera. Não há paz para os meus ossos. Não há parte sadia em minha carne”, e repete o salmista: “Não há paz para os meus ossos”. Não repetiu: “em face de tua cólera”, mas enuncia a causa da ira de Deus: “Não há paz para os meus ossos, em consequência de meus pecados”.

8 [5] “Porque as minhas iniquidades levantaram-me a cabeça e como um fardo pesado me oprimem”. Primeiro enunciou a causa e acrescentou o efeito. Disse o que aconteceu em consequência: “Minhas iniquidades levantaram-me a cabeça”. Soberbo é o iníquo, cuja cabeça é levantada. Ergue-se para o alto aquele que levanta a cabeça contra Deus. Ouvistes a leitura do livro do Esclesiástico: “O princípio do orgulho é o afastar-se do Senhor” (Eclo 10,12). A iniquidade levantou contra Deus, a cabeça daquele que primeiro não quis ouvir o preceito. E como as iniquidades lhe levantaram a cabeça, o que fez Deus? “Como um fardo pesado me oprimem”. Levanta-se a cabeça, porque é leve, como se nada carregasse. Como é leve o que pode ser erguido, ele recebe um peso, que o oprime. “O seu trabalho recair-lhe-á na cabeça, e a sua maldade descer-lhe-á sobre a fronte” (Sl 7,17). “Como um fardo pesado me oprimem”.

9 [6] “Infectas e purulentas são as minhas chagas, por efeito de minha loucura”. Não é sadio o que tem feridas. Ainda mais se as feridas estão infectas e purulentas. Por que purulentas? Porque infectas. Quem não sabe como isto se dá na vida humana? Tenha alguém apurado o olfato da alma e sentirá como os pecados são fétidos. Contrário a este cheiro dos pecados é aquele odor do qual diz o Apóstolo: “Somos para Deus o bom odor

de Cristo, entre aqueles que se salvam" (2Cor 2,15). Mas, de onde vem isto, senão da esperança? De onde, senão da memória do sábado? Uma coisa é o que deploramos nesta vida, outra o que presumimos na outra. O que se deplora é fétido; o que se presume é odorífero. Se não fosse tal odor a nos convidar, nunca nos recordaríamos do sábado. Mas, como temos pelo Espírito este odor, de sorte a dizermos ao Esposo: "Corremos ao odor de teus perfumes" (Ct 1,3), preservamos nosso olfato de nossos maus cheiros, e voltando-nos para o bom odor, respiramos aliviados. Mas se não sentíssemos como são fétidos nossos males, nunca confessaríamos com estes gemidos: "Infectas e purulentas são as minhas chagas". Donde se originam? "Por efeito de minha loucura". Por esta razão disse mais acima: "Em consequência de meus pecados", e agora: "Por efeito de minhas loucuras".

10 [7] "Afligem-me desgraças e estou em extremo encurvado". Por que motivo está encurvado? Porque era orgulhoso. Se fores humilde, serás exaltado; se fores orgulhoso, ficarás encurvado. A Deus não faltará um peso para te curvar. Será aquele peso o fardo de teus pecados, que será colocado em tua cabeça, e ficarás encurvado. O que é curvar-se? Não poder erguer-se. Assim o Senhor encontrou a mulher, encurvada por dezoito anos; não podia se erguer (cf Lc 13,11). Tais são os que têm o coração na terra. Mas uma vez que o Senhor encontrou aquela mulher, e a curou, ouça: corações ao alto. Enquanto está curvado, porém, ainda geme. Curva-se aquele que diz: "Um corpo corruptível pesa sobre a alma e oprime a mente pensativa" (Sb 9,15). Gema no meio destas tribulações a fim de receber aquela recompensa, recorde-se do sábado para merecer chegar ao sábado. A celebração dos judeus era um sinal. Sinal de quê? Daquilo de que o salmista se recorda, dizendo: "Afligem-me desgraças e estou encurvado em extremo". O que significa: "em extremo"? Até a morte. "Todo dia acabrunhado de tristeza. Todo dia, sem interrupção. Todo o dia" quer dizer: toda a vida. Mas, como sabe disto? Desde que começou a recordar-se do sábado. Enquanto recorda-se do que ainda não tem, não queres que esteja acabrunhado? "Todo dia acabrunhado de tristeza".

11 [8] "Porque a minha alma se encheu de ilusões e nada há de ileso em minha carne". O homem todo consta de alma e corpo. A alma está cheia de ilusões, o corpo não tem saúde; o que lhe resta para alegrar-se? Não há de se contristar? "Todo dia acabrunhado de tristeza". Teremos tristeza, até que nossa alma se livre de ilusões, e nosso corpo recupere a saúde. Esta é a verdadeira saúde, a imortalidade. Se quisesse enumerar todas as ilusões da alma, de quanto tempo precisaria? Qual a alma que não as suporta? Lembro rapidamente como nossa alma está repleta de ilusões. Diante delas, algumas vezes mal conseguimos rezar. Não podemos pensar nos corpos senão por imagens; e muitas vezes irrompem as que não procuramos e queremos passar desta para aquela, e daquelas ir a outras; e às vezes queres voltar àquilo sobre que refletias e deixar o que pensavas, e ocorre-te outra lembrança. Queres te lembrar do que esqueceras, e não te vêm à mente, mas surge antes o que não querias. Onde estava o que esqueceras? E porque depois volta à mente, quando já não procuravas? Quando procuravas, em vez disto ocorreram pensamentos inumeráveis, sem serem desejados. Resumi a questão, sugeri algumas

noções, com as quais podeis refletir e descobrir o que é deplorar as ilusões de nossa alma. Ela recebeu a pena da ilusão e perdeu a verdade. Como a ilusão é castigo da alma, a verdade é o seu prêmio. Estando nós entre tais ilusões, veio a nós a verdade, e achando-nos mergulhados nelas, tomou a nossa carne, ou melhor, recebeu-a de nós, do gênero humano. Apareceu aos olhos da carne, curando pela fé aqueles aos quais mostraria a verdade, para que esta se evidenciasse aos olhos curados. Cristo é a verdade, a nós prometida; ao aparecer sua carne, começou a fé, cujo prêmio é a verdade. Cristo não se mostrou na terra qual ele é em si mesmo, mas mostrou sua carne. Pois, se ele se revelasse a si mesmo, os judeus o reconheceriam ao vê-lo; e se o tivessem conhecido, jamais teriam crucificado o rei da glória (cf 1Cor 2,8). Talvez o tenham visto os discípulos, quando lhe diziam: "Mostra-nos o Pai e isto nos basta". Ele, porém, mostrando que os discípulos não o haviam visto, acrescentou: "Há tanto tempo estou convosco e não me conheceis? Filipe, quem me vê, vê o Pai". Se eles viam o Cristo, como ainda procuravam o Pai? Se tivessem visto a Cristo, teriam visto igualmente o Pai. Não viam ainda, portanto, a Cristo os desejosos de verem o Pai. Ouve que ainda não o viam. Em outro lugar, Cristo prometeu que o veriam, como prêmio: "Quem observa os meus mandamentos é que me ama; e quem me ama será amado por meu Pai. Eu o amarei". Como se lhe fosse perguntado: O que darás a quem te ama? "A ele me manifestarei" (Jo 14,8.9.21). Se aos que o amam prometeu o prêmio de se mostrar a eles, é manifesta a promessa de uma visão da verdade que não nos deixará mais dizer: "A minha alma se encheu de ilusões".

12 [9] "Definho, completamente humilhado". Quem se lembra da sublimidade do sábado, vê a que ponto está humilhado. Quem não imagina a grandeza de tal repouso, não vê onde se acha. Por isto, diz outro salmo: "Eu disse no meu êxtase: Fui rejeitado do alcance de teus olhos" (Sl 30,23). Arrebatada, a mente viu algo de sublime, e que ela não se achava totalmente ali; percebeu um raio da luz eterna (se é possível assim se expressar), e que ela ali não estava; por pouco que entendeu, viu onde estava, e um tanto enfraquecida e constrangida pelos males humanos, declarou: "Eu disse no meu êxtase: Fui rejeitado do alcance de teus olhos". Vi em êxtase, mais ou menos, a realidade, sinto quanto estou distante e que ali ainda não estou. Lá já estava aquele que disse ter sido arrebatado ao terceiro céu, e ouvido palavras inefáveis, que não é lícito ao homem repetir. Mas voltou novamente para junto de nós, a fim de que em gemidos, se aperfeiçoasse primeiramente, no meio de fraquezas, e depois se revestisse de força. No entanto, animado por ter visto um pouco daquelas realidades, em vista de seu ministério, acrescentou: "Ouvi palavras inefáveis, que não é lícito ao homem repetir" (2Cor 12,4). O que adianta, então, perguntar-me, ou a outro qualquer, a respeito daquilo que não é lícito ao homem repetir? Se não lhe foi lícito falar, seria lícito ouvir? Choremos, contudo, e gemamos em confissão, reconheçamos onde nos encontramos, recordemo-nos do sábado, e com paciência esperemos o que o Senhor prometeu, ele que em si deu-nos exemplo de paciência: "Definho, completamente humilhado".

13 "Arranca-me rugidos o gemido de meu coração". Observais que muitas vezes os

servos de Deus suplicam com gemidos, e procurais qual o motivo. Nota-se apenas o gemido de um servo de Deus, se alguém está por perto. Pois, há um gemido oculto que o homem não escuta. No entanto, se algum desejo tomar de tal modo o coração que em palavras claras se manifesta a ferida do íntimo do homem, pergunta-se qual o motivo; e pensa consigo mesmo: Talvez esta seja a causa por que geme, e provavelmente aquilo lhe aconteceu. Mas, quem pode entender, senão aquele diante de cujos olhos e ouvidos este homem geme? Por esta razão, ele diz: "Arranca-me rugidos o gemido de meu coração", uma vez que os homens, se acaso ouvem os gemidos de alguém, em geral ouvem o gemido da carne, mas não ouvem o gemido do coração. Alguém tirou os bens deste homem; arrancou-lhe rugidos, mas não do gemido do coração. Outro ruge porque perdeu o filho; outro, a mulher; outro, porque caiu granizo na vinha, porque a cuba fermentou, porque o jumento foi roubado; outro, porque sofreu algum prejuízo; outro porque tem medo do inimigo. Todos esses rugem, com gemido da carne. O servo de Deus, contudo, a quem arranca rugidos a lembrança do sábado, onde se acha o reino de Deus, que a carne e o sangue não possuirão (1Cor 15,50), diz: "Arranca-me rugidos o gemido do meu coração".

14 [10] E quem sabia porque ele rugia? O salmista acrescentou: "Em tua presença estão todos os meus desejos". Não diante dos homens, que não podem ver o coração, "mas em tua presença estão todos os meus desejos". Esteja diante dele o teu desejo; e o Pai que vê o que está oculto, te recompensará (cf Mt 6,6). Teu desejo é tua oração; e se o desejo é contínuo, contínua é a oração. Com razão disse o Apóstolo: "Orando sem cessar" (1Ts 5,17). Acaso sem interrupção dobramos os joelhos, prostramo-nos, ou levantamos as mãos, para que ele diga: "Orai sem cessar"? Ou se afirmamos que assim nós rezamos, penso que não podemos fazê-lo sem interrupção. Existe outra oração interior sem interrupção, que é o desejo. Seja o que for que faças, se desejas aquele sábado, não interrompes a oração. Se não queres interromper a oração, não cesses de desejar. Teu contínuo desejo é tua contínua voz. Calarás se desistires de amar. Quais são os que calaram? Aqueles dos quais foi dito: "E pelo crescimento da iniquidade, o amor de muitos esfriará" (Mt 24,12). Esfriamento da caridade é o silêncio do coração; ardor da caridade é o clamor do coração. Se a caridade sempre permanece, sempre clamas; se sempre clamas, sempre desejas; se desejas, lembras-te do repouso. É importante que entendas diante de quem deve estar o rugido de teu coração. Considera qual o desejo que se deve apresentar aos olhos de Deus. Seria para que morra nosso inimigo, desejo que costumam formular os homens na oração, como se fosse justo? Pois, algumas vezes, pedimos o que não devemos. Vejamos aquele pedido que os homens opinam ser justo. Pois, rezam para que morra alguém, a fim de que eles obtenham sua herança. Mas também aqueles que rezam para que morram os inimigos, ouçam o Senhor dizer: "Orai pelos vossos inimigos" (cf Mt 5,44 e Lc 6,24). Não rezem para que morram, mas rezem para que se corrijam; e os inimigos hão de morrer, pois depois de se corrigirem já não serão inimigos. "Mas em tua presença estão todos os meus desejos". Se o desejo está na presença do Senhor, o gemido não estará? Como pode ser isto, se a voz do desejo é o

gemido? Daí a sequência: "E meus gemidos te são manifestos". De ti não estão escondidos, mas de muitos homens, sim. Por vezes, profere o humilde servo de Deus: "E meus gemidos te são manifestos". Outras vezes, vê-se o servo de Deus a rir. Acaso morreu o desejo no seu coração? Mas, se há desejo, há igualmente gemido; nem sempre ele atinge os ouvidos dos homens, mas nunca se afasta dos ouvidos de Deus.

15 [11] "Perturbou-se o meu coração". Qual o motivo? "Meu vigor me desamparou". Surge por vezes um imprevisto. O coração se perturba. A terra treme, vem um trovão do céu, ouve-se um golpe horrível ou um grande ruído, talvez se veja um leão no caminho. Produz-se uma comoção: há ladrões de emboscada. O coração se perturba, sente pavor. Cuidados aparecem de todos os lados. Por quê? Porque "meu vigor me desamparou". Se continuasse aquele vigor, de que se temeria? Qualquer que fosse a notícia, o bramido, o som, caísse o que quisesse, acontecesse qualquer coisa de horrível, não causaria terror. Mas, donde vem aquela perturbação? "Meu vigor me desamparou". Em quê? "Abandonou-me a claridade de meus olhos". Abandonou Adão a claridade de seus olhos. Pois, a claridade de seus olhos era o próprio Deus. Tendo-o ofendido, Adão fugiu para a sombra, e escondeu-se entre as árvores do paraíso (cf Gn 3,8). Tinha pavor da face de Deus, e procurou a sombra das árvores. Já no meio das árvores não tinha a claridade dos olhos, de que gozava habitualmente. Se ele, portanto, a perdeu originalmente, e nós, enquanto somos sua descendência, voltamo-nos para o segundo ou novo Adão, como seus membros, porque o novo Adão é espírito vivificante (cf 1Cor 15,45). E clamamos, no seu corpo, confessando: "Abandonou-me a claridade de meus olhos". E este que confessa, já remido, já no corpo de Cristo, abandona-o a claridade de seus olhos? Abandona-o certamente; está, porém, com ele, enquanto é um daqueles que se recorda do sábado, dos que veem na esperança. Todavia, ainda não é aquela claridade, da qual se fala: "A ele me manifestarei" (Jo 14,21). Há certa luz, porque somos filhos de Deus, e de fato nós a conservamos na fé; mas ainda não se trata da luz que veremos. "Mas o que nós seremos ainda não se manifestou. Sabemos que por ocasião desta manifestação seremos semelhantes a ele, porque o veremos tal como ele é" (1Jo 3,2). Agora há a luz da fé e a luz da esperança. "Enquanto habitamos neste corpo, estamos fora da nossa mansão; longe do Senhor, pois caminhamos pela fé e não pela visão" (2Cor 5,6.7). "E se esperamos o que não vemos, é na perseverança que o aguardamos" (Rm 8,25). Essas palavras são próprias de peregrinos, ainda fora da pátria. E ele diz com razão, diz com verdade; se não é mentiroso, confessará verdadeiramente: "Abandonou-me a claridade de meus olhos". Todas essas coisas sofre o homem interiormente, onde se encontra consigo mesmo, em si, e para si; elas não provêm de nenhum outro, nem são para ninguém mais além de si mesmo. Ele próprio mereceu as penas acima enumeradas.

16 [12] Mas, seriam apenas estes os sofrimentos humanos? Interiormente os padecimentos vêm de si mesmo, exteriormente, porém, são provenientes daqueles entre os quais ele vive. Padece de Deus males, e é forçado a sofrer também os dos outros. Daí as duas palavras: "Purifica-me, Senhor, de meus pecados ocultos. E dos alheios, poupa teu servo" (Sl 18,13). Já confessou os pecados ocultos, dos quais quer ser purificado; diga

também os alheios, dos quais quer ser poupado. “Amigos”. O que direi, então, dos inimigos? “Amigos e companheiros se aproximaram e pararam contra mim”. Entende bem o que quer dizer: “contra mim pararam”. Se pararam contra mim, caíram contra si. “Amigos e companheiros se aproximaram e pararam contra mim”. Já apreendemos as vozes da Cabeça, começa a brilhar nossa cabeça, na paixão. Mas ainda, ao começar a Cabeça a falar, não separes dela o corpo. Se a Cabeça não quis se separar da voz do corpo, ousará o corpo se separar da paixão da Cabeça? Sofre em Cristo, porque Cristo pareceu pecar em tua fraqueza. Pois, agora aludia a teus pecados com sua boca, e os dizia seus. Dizia: “Diante de meus pecados”, e eles não eram seus. Por conseguinte, como ele quis fossem seus os nossos pecados, por causa de seu corpo, assim também nós queiramos seja nossa a sua paixão, por causa de nossa Cabeça. Não aconteceu a ele ter de suportar amigos que se fizeram inimigos, e a nós, não. Ao contrário, também nós nos preparemos a participar do mesmo sofrimento; não recusemos beber de tal cálice, de sorte que, pela humildade encontremos o desejo de sua exaltação. Cristo respondeu aos apóstolos que ambicionavam obter a sua glória e ainda não cogitavam da humildade, do seguinte modo: “Podeis beber o cálice que estou para beber?” (Mt 20,22). Em consequência, a paixão do Senhor é nossa paixão. E se alguém serve diligentemente a Deus, com fidelidade, cumpra o que deve, conviva com justiça no meio dos homens; quero ver se não sofre, até mesmo o que Cristo enumera aqui acerca de sua paixão.

17 “Amigos e companheiros se aproximaram contra mim, e pararam. Meus vizinhos mantiveram-se a distância”. Quais os próximos que se aproximaram, e quais se mantiveram a distância? Próximos eram os judeus, porque eram da mesma nação. Aproximaram-se também quando o crucificaram. Próximos eram igualmente os apóstolos; e, no entanto, ficaram de longe, para não sofrerem com ele. Pode-se entender a expressão: “meus amigos”, isto é, que fingiram ser meus amigos. Fizeram-se de amigos, ao dizerem: “Sabemos que, de fato, ensinas o caminho de Deus” (Mt 22,16); quando quiseram pô-lo à prova, perguntando se convinha pagar o tributo a César, quando ele os convenceu, pela sua própria boca, eles queriam parecer amigos. Mas, ele não precisava de testemunho a respeito de homem algum, porque conhecia o que havia no homem (cf Jo 2,25). Por isso, tendo eles proferido palavras amigáveis, repondeu-lhes: “Hipócritas! Por que me pondes à prova?” (Mt 22,18). Por isso, “amigos e companheiros se aproximaram contra mim, e pararam. Meus vizinhos mantiveram-se a distância”. Sabeis o que disse. Falei de companheiros que se aproximaram, e contudo se mantiveram a distância. Aproximaram-se corporalmente, mas mantiveram-se a distância pelo coração. Quais estavam mais próximos corporalmente do que os que o ergueram na cruz? Quais se achavam mais distantes pelo coração do que os que blasfemaram? Ouvi o profeta Isaías falar desta distância, vede esta proximidade e esta distância: “Este povo me glorifica com os lábios”; aproxima-se corporalmente: “mas o seu coração está longe de mim” (Is 29,13). Próximos e distantes são os memos: próximos com os lábios, distantes pelo coração. Todavia, como os apóstolos se detiveram, distantes, receosos, de maneira mais direta e clara a eles aplicamos estas palavras, entendendo que uns se achegaram e outros ficaram longe. De fato, até Pedro que o havia seguido com certa audácia, de tal

modo ainda se achava longe que ao ser interrogado, se perturbou, e por três vezes negou o Senhor, com o qual prometera que haveria de morrer. Posteriormente, para se tornar mais próximo, ele que estava distante, ouviu, após a ressurreição, a pergunta: "Tu me amas?" (cf Mt 26,70; Jo 21,17). Respondeu: "Amo". Assim falando se aproximava, ele que negando se tornara distante, até que pela tríplice palavra de amor fosse absolvido da tríplice negação. "Meus vizinhos mantiveram-se a distância".

18 [13] "Os que tramavam contra minha vida, agiam com violência". Evidencia-se que tramavam contra sua vida, os que não a possuíam, por não serem de seu corpo. Os que tramavam contra sua vida, estavam longe de sua vida; mas procuravam matá-lo. Procura-se a sua vida. É exato. Em outra passagem censura a outros: "Não há quem procure a minha vida" (Sl 141,5). Censura a alguns que não procuram a sua vida, e ainda condena a outros que procuram a sua vida. Quem é que procura com retidão a sua vida? Os que imitam a sua paixão. Quais são os que procuravam com má intenção a sua vida? Os que agiam com violência e o crucificavam.

19 Prossegue o salmista: "Os que procuravam males em mim, proferiram mentiras". Qual o sentido da expressão: "Os que procuravam males em mim"? Procuravam muitas coisas, e não encontravam. Talvez queira dizer: Procuravam crimes em mim. Procuravam o que dizer contra ele, e não encontravam (cf Mt 26,59.60). Procuravam males num homem bom, procuravam crimes num inocente; quando encontrariam algo naquele que nenhum pecado cometera? Mas como procuravam pecado naquele que nenhum cometera, restava que inventassem o que não encontravam. Por isso: "Os que procuravam males em mim, proferiram mentiras", não a verdade. "E urdiam enganos todos os dias", isto é, sem cessar planejavam mentiras. Sabeis quantos falsos testemunhos foram levantados contra o Senhor, antes da paixão. Sabeis quantos falsos testemunhos, mesmo depois da ressurreição. Notai que mentira falaram aqueles soldados, guardas do sepulcro, a respeito dos quais disse Isaías: "Deram-lhe sepultura com os ímpios" (Is 53,9). (Eles eram maus e não quiseram declarar a verdade, e subornados, espalharam uma mentira.) Foram, também eles, interrogados, e disseram: "Seus discípulos vieram de noite, enquanto dormíamos e o roubaram" (Mt 28,13). Isto é que se chama falar coisas vãs. Se eles estavam dormindo, como sabiam o que acontecera?

20 [14.15] Por isso, diz o salmista: "Eu, porém, como se fosse surdo, nada ouvia". Quem não dava resposta ao que ouvia, procedia como se não ouvisse. "Eu, porém, como se fosse surdo, nada ouvia e como se fosse mudo não abria a boca". E repete: "Semelhante a alguém que não ouve e não tem réplica em sua boca". Como se ele não tivesse o que lhes dizer, como se não tivesse o que recriminar. Anteriormente, já não censurara muitas coisas, não dissera muitas coisas, não declarara: "Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas!" etc. (Mt 23,13)? No entanto, quando sofria, nada disso proferia. Não quer dizer que não tivesse o que dizer, mas esperava que se cumprisse nele todas as coisas, que se realizassem todas as profecias a seu respeito, conforme fora dito: "Como uma

ovelha que permanece muda na presença de seus tosquiadores ele não abriu a boca" (Is 53,7). Convinha que se calasse na paixão, uma vez que não há de se calar no juízo. Viera, pois, para ser julgado, mas posteriormente virá para julgar. Há de julgar com grande poder, porque foi julgado enquanto se matinha em grande humildade.

21 [16] "Porque em ti depositei minha esperança, Senhor; e tu me escutarás, Senhor, meu Deus". Prossegue, como se alguém lhe dissesse: Por que não abriste tua boca? Por que não disseste: Poupai? Por que, crucificado, não arguíste os iníquios? "Porque em ti depositei minha esperança, Senhor; e tu me escutarás, Senhor, meu Deus". Admoestei-te a respeito do que hás de fazer, se ocorrer uma tribulação. Procuras defender-te, e talvez ninguém aceite tua defesa. Tu te perturbas, como se tivesses perdido tua causa, porque não tens defesa ou testemunho de ninguém. Conserva interiormente tua inocência, onde ninguém oprime a tua causa. Se prevaleceu contra ti o falso testemunho, foi diante dos homens; acaso isto valerá diante de Deus, onde tua causa será julgada? Quando Deus for juiz, não haverá outra testemunha do que a tua consciência. Entre um juiz justo e tua consciência, não temas a não ser acerca de tua causa. Se tua causa não for má, não recearás acusador algum, não refutarás falsa testemunha alguma, não procurarás nenhuma verdadeira. Apenas apresenta uma boa consciência, de sorte a poderes dizer: "Porque em ti depositei minha esperança, Senhor; e tu me escutarás, Senhor, meu Deus".

22 [17] "Pois disse: Não zombem de mim meus inimigos. Arrogantes, falaram contra mim, quando os meus pés resvalaram". Novamente volta à fraqueza de seu corpo, e a Cabeça mais uma vez atende a seus pés. Ela não se acha no céu de tal modo que abandone o que possui na terra. De fato, dá atenção, ela nos vê. Às vezes, como acontece nesta vida, nossos pés resvalam e caem em algum pecado; logo aparecem as línguas malignas dos inimigos. Então ficamos cientes, mesmo quando calavam os que procuravam. Falam então asperamente, sem compaixão, alegrando-se de ter encontrado atos de que deviam se condoer. "Pois disse: Não zombem de mim meus inimigos". Disse isto. Talvez para minha emenda permitiste que falassem com arrogância a meu respeito, "quando os meus pés resvalaram", isto é, orgulharam-se, disseram muito mal, quando eu estava abalado. Deviam ter-se compadecido dos fracos e não se alegrar, conforme se exprime o Apóstolo: "Irmãos, caso alguém seja apanhado em falta, vós, os espirituais, corrigi esse tal com espírito de mansidão". E completa: "cuidando de ti mesmo, para que também tu não sejas tentado" (Gl 6,1). Não eram do número destes aqueles dos quais se disse: "Arrogantes, falaram contra mim, quando os meus pés resvalaram", mas eram tais como foram descritos em outra passagem: "Meus opressores exultarão se eu ficar abalado" (Sl 12,5).

23 [8] "Estou preparado para os castigos". Absolutamente magnífico! Como se dissesse: Nasci para suportar castigos. Só podia nascer de Adão, que merecia castigo. Mas, algumas vezes os pecadores nesta vida são pouco ou nada castigados, porque sua meta já não dá esperanças. Ao invés, aqueles para os quais está preparada a vida eterna, forçoso

é que aqui sejam castigados, porque é verdadeira a sentença: “Meu filho, não desprezes a disciplina do Senhor, nem te canses com a sua exortação; porque o Senhor repreende os que ele ama, como um pai castiga o filho preferido” (Pr 3,11.12). Portanto, não me insultem os inimigos, não falem, com arrogância; e se meu Pai me castiga, “estou preparado para os castigos”, porque me está reservada a herança. Se não queres o castigo, não te é dada a herança. É necessário castigar os filhos. Todo filho é castigado, a tal ponto que Deus não poupou aquele que não cometeu pecado (cf Rm 8,32; 1Pd 2,22). “Estou preparado para os castigos”.

24 [18-19] “E minha dor é contínua”. Qual? Talvez a do castigo. E é verdade, meus irmãos, dir-vos-ei a verdade, os homens lastimam os castigos, mas não lastimam o motivo deles. O salmista não agia deste modo. Ouvi, meus irmãos. Qualquer que sofra prejuízo, sente-se inclinado a dizer: Sofro sem merecer, em vez de ponderar por que razão sofreu. Lastima o prejuízo pecuniário, mas não o da justiça. Se pecaste, fica pesaroso por teu tesouro interior; nada tens em casa, mas provavelmente estás mais despojado no coração. Se o coração está cheio daquele que é o seu bem, o teu Deus, por que não dizes: “O Senhor o deu, o Senhor o tirou; como foi do agrado do Senhor assim se fez; bendito seja o nome do Senhor” (Jó 1,21)? Qual era sua dor? Por causa do flagelo que o castigava? De forma nenhuma. Disse ele: “E minha dor é contínua”. E como se perguntássemos: Que dor? De onde vem? Porque, diz ele, “confesso minha iniquidade e o meu pecado me angustia”. Eis a proveniência da dor. Não se origina do flagelo. Procede da ferida, não do tratamento. Pois, o flagelo é o medicamento contra os pecados. Ouvi, irmãos: Somos cristãos. No entanto, frequentemente se um filho morre, o pai o chora; se peca, não chora. Seria de chorar, de lamentar, vê-lo pecar. Então, devia moderá-lo, então devia ensinar-lhe a norma de viver bem, impor-lhe uma disciplina. Ou, se o pai fez tudo isso e ele não ouviu, era lastimável. Ele estava em pior estado, ao viver como morto, na luxúria, do que se morresse, pondo termo à luxúria. Quando ele assim agia em tua casa, não somente estava morto, mas ainda estava fétido. Isso é que é lastimável; no primeiro caso tratava-se de suportar, de aguentar, mas aqui é lastimável. Seria de chorar, porém, como ouvistes que o salmista se lastimava: “Confesso minha iniquidade e o meu pecado me angustia”. Não te sintas seguro, quando houveres confessado teu pecado; mas sempre estás pronto a confessar e a cometer pecados. Confessa tua iniquidade, mas preocupa-te com teu pecado. O que significa: preocupa-te com teu pecado? Cuida de tua ferida. Se disseres: Cuido de minha ferida, o que se entende, senão: Empenho-me em curá-la? Preocupar-se com o próprio pecado quer dizer sempre se esforçar, se empenhar, sempre agir diligentemente, com aplicação para curar o pecado. Está bem. Choras teu pecado, todos os dias, mas talvez corram as lágrimas, e as mãos fiquem ociosas. Deem-se esmolas, para a remissão dos pecados. Alegre-se o necessitado com tua dádiva e tu te alegres com o dom de Deus. Ele necessita, mas também tu estás necessitado; ele precisa de ti, e tu precisas de Deus. Tu desprezas o necessitado de ti, e Deus não te despreza, quando precisando dele? Portanto, socorre ao pobre indigente, a fim de que Deus encha o teu íntimo. “O meu pecado me angustia”,

isto é, farei tudo o que devo fazer para apagar e curar o meu pecado. "O meu pecado me angustia".

25 [20] "Entretanto, os meus inimigos vivem". Estão bem, gozam de felicidade no mundo, enquanto eu labuto, e arranca-me rugidos o gemido de meu coração. Como vivem os inimigos daquele que já disse a respeito de seus inimigos que eles proferem coisas vãs? Ouve também o que se acha em outro salmo: "Cujos filhos são como plantas novas". Um pouco mais acima havia dito: "Cuja boca falou o que é vão. As filhas deles estão cobertas de ornatos à semelhança de um templo. Seus celeiros estão atulhados, a transbordarem de toda espécie de frutos. Seus bois são gordos. Suas ovelhas são fecundas e multiplicam-se nas pastagens. Não há brecha nas sebes. Não há clamor em suas praças" (Sl 143,12-15). Meus inimigos, portanto, têm vida próspera; isto é que é vida, a esta vida eles louvam, amam, e a levam, para sua perdição. Como continua o salmo? "Eles denominam feliz o povo que goza destes bens". E tu, cujo pecado angustia, o que dizes? "Feliz é o povo que tem o Senhor por seu Deus (ib 15). Entretanto, os meus inimigos vivem e são mais fortes do que eu e são muitos os que me odeiam iniquamente". Qual o significado de: "Os que me odeiam iniquamente"? Eles odiaram a alguém que lhes desejava o bem. Não seriam bons se pagassem o mal com o mal; se não retribuíssem o bem, seriam ingratos; estes, porém, que odiaram injustamente pagam o bem com o mal. Tais foram os judeus. Cristo veio para eles, trazendo bens, e eles lhe restribuíram o bem com o mal. Acautelai-vos a respeito deste mal, irmãos; logo se insinua. Se dissemos: Tais eram os judeus, não pense cada um de vós que constitui uma exceção. Suponhamos que um irmão te corrija, querendo o teu bem; tu o odeias, e te tornas um destes. Vede como logo acontece, como é fácil; e evitai tão grande mal, tão ágil pecado.

26 [21] "Falavam mal de mim os que retribuem o bem com o mal, porque persegui a justiça". Por conseguinte, o mal em paga do bem. O que significa: "porque persegui a justiça"? Não a abandonei; para que não entendas a palavra perseguição sempre em mau sentido, o salmista disse: "persegui", segui perfeitamente: "Porque persegui a justiça". Ouve nossa Cabeça a gemer na paixão: "E rejeitaram-me a mim, o bem amado, qual um morto abominável". Era pouco estar morto? Por que ainda abominável? Porque crucificado. De fato, a morte de cruz era para os judeus a maior abominação, porque não entendiam a profecia: "Pois o que for suspenso é um maldito" (Dt 21,23). Não foi o crucificado que introduziu a morte no mundo, mas a encontrou difundida aqui, pela maldição do primeiro homem; mas ele aceitou a nossa mesma morte, proveniente do pecado, e a suspendeu no madeiro. Por isso, a fim de que alguns não pensassem, como opinam alguns hereges[1], que nosso Senhor Jesus Cristo teve uma carne falsa, e não solveu na cruz o débito de uma morte verdadeira, o profeta dá atenção ao fato, e diz: "Pois o que for suspenso é um maldito" (Dt 21,23). Mostrou, portanto, que o Filho de Deus morreu verdadeiramente, conforme à carne mortal, a fim de não julgares que não morrera verdadeiramente, se não fosse maldito. Aquela morte não era falsa, mas

provinha da propagação do gênero humano, maldito na origem, segundo dissera Deus: "Morrerás" (cf Gn 2,17). Absolutamente. Como a ele chegou a verdadeira morte, para que chegássemos à verdadeira vida, também caiu sobre ele a maldição da morte para que alcançássemos a bênção da vida. "E rejeitaram-me a mim, o bem amado, qual um morto abominável."

27 [22] "Não me abandones, Senhor meu Deus, não te retires de mim". Digamos nele, digamo por ele; ele intercede por nós (cf Rm 8,34). E rezemos: "Não me abandones, Senhor meu Deus". E no entanto ele dissera: "Meu Deus, meu Deus, por que me desamparaste?" (Mt 27,46 e Sl 21,2). Aqui, profere: "Meu Deus, não te retires de mim". Se Deus não se retira do corpo, há de se retirar da Cabeça? De quem era essa voz, senão do primeiro homem? Cristo, para mostrar que possuía verdadeira carne, oriunda daquele, diz: "Meu Deus, meu Deus, por que me desamparaste?" Deus não o abandonou. O Deus único, Pai, Filho, e Espírito Santo, não te abandona, a ti, que nele crês; haveria de abandonar a Cristo? Mas ele tomara o lugar do primeiro homem. Sabemos, segundo o dito do Apóstolo, que "nosso velho homem foi crucificado com ele" (Rm 6,6). Estaríamos no estado antigo, se ele não tivesse sido crucificado, no estado de nossa fraqueza. Veio para que fôssemos renovados, nele. Renovamo-nos, desejando-o e imitando sua paixão. Era a voz de nossa fraqueza, nossa voz, que fazia a pergunta: "Por que me desamparaste?" Daí vem a palavra daquele salmo: "As vozes de meus delitos" (Sl 21,2), como se dissesse: Assumi estas palavras, em lugar dos pecadores. "Não te retires de mim".

28 [23] "Vem em meu socorro, Senhor Deus de minha salvação". Esta, irmãos, é a salvação procurada pelos profetas, conforme diz o Apóstolo Pedro, mas não a receberam os que a procuravam (cf 1Pd 10,12); mas inquiriram e a anunciaram. Viemos nós e encontramos o que eles procuraram, porém, ainda não o recebemos; nascerão outros depois de nós, e encontrarão o que nem eles haverão de receber e passarão, para que todos nós juntos, no fim do dia, recebamos o denário (cf Mt 20,9) da salvação, com os patriarcas, os profetas e os apóstolos. Efetivamente, sabeis que os mercenários ou operários, contratados em diferentes épocas para a vinha, receberam, no entanto, igual recompensa. Tanto os profetas, portanto, como os apóstolos e mártires, e também nós, e os que virão depois de nós até o fim dos séculos, no fim haveremos de receber a salvação eterna. Contemplando a glória de Deus, e vendo sua face, havemos de louvá-lo eternamente, sem desfalecer, sem qualquer pena da iniquidade, nem perversidade do pecado. Louvaremos a Deus, não mais suspirando, mas aderindo a ele; até o fim suspirávamos por ele, nos alegrávamos por sua causa, na esperança. Estaremos naquela cidade, onde nosso bem é Deus, nossa luz é Deus, nosso pão é Deus, nossa vida é Deus. Encontraremos nele todo o nosso bem, em vista do qual labutamos em nossa peregrinação. Nele estará o repouso, cuja recordação forçosamente agora nos causa dor. Recordamo-nos daquele sábado, acerca do qual tanto falamos, e tanto devemos falar. E ao falarmos, nunca devemos calar, não pela boca, mas pelo coração, porque nossa boca há de calar de sorte que possamos clamar de todo o coração.

1 Os maniqueus.

SALMO 38

SERMÃO

Pregado em Cartago, junto da mesa de S. Cipriano, na quarta-feira.

1 [1] O título do salmo, que acabamos de cantar, e empreendemos comentar, é o seguinte: "Para o fim, a Iditun, cântico de Davi". Aguardamos, ouvimos as palavras de alguém, chamado Iditun. Se cada um de nós pode ser Iditun, encontre-se a si mesmo, e ouça a si mesmo neste canto. Verificarás quem se chamava Iditun, entre os homens da antiguidade; nós, porém, ouçamos o sentido deste nome, e na interpretação do nome busquemos entender a realidade. Pudemos encontrar em nossa pesquisa entre os nomes, traduzidos para nós do hebraico para o latim por estudiosos das divinas Letras, que Iditun significa: Aquele que atravessa por eles[2]. Quem, então, é este que atravessa? Em meio de quem? Pois, não se encontra apenas: Aquele que atravessa, mas: por eles atravessa. Ao atravessar canta, ou é ao cantar que atravessa? Quer cante ao atravessar, ou atravesse ao cantar, acabamos de cantar o cântico de alguém que atravessa. Que veja Deus, para quem cantamos, se também nós atravessamos. Mas, se alguém cantar atravessando, alegre-se por ser o que cantou. Se alguém cantou ainda apegado à terra, anele por tornar-se aquilo que cantou. No meio deles atravessou quem é denominado: Aquele que atravessa; no meio deles, apegados ao chão, curvados para a terra, cogitando das coisas de baixo, colocando sua esperança nas coisas transitórias. A quem ele ultrapassou, senão aos que permaneceram no mesmo lugar?

2 Sabeis que alguns salmos têm a inscrição: Cânticos graduais. No grego é bem evidente o significado de *anabathmon. Anabathmi* são degraus, mas enquanto ascendentes, não descendentes. No vernáculo, como não temos palavra peculiar, disse o salmista a palavra usada geral, e falando de degraus, ficou ambíguo se eram para subir ou descer. Mas porque não são palavras, nem discursos, sons imperceptíveis (cf Sl 18,4), uma língua expõe o que diz a outra; e torna-se claro em uma o que era ambíguo na outra. Como ali, então, alguém que sobe canta, também aqui canta quem atravessa. Esta ascensão, porém, e esta passagem, não se faz por meio dos pés, das escadas, das asas; e, no entanto, se considerares o homem interior, faz-se tanto por pés, quanto por escadas e por asas. Pois, se não é por pés, como é que o homem interior pede: "Não me pisoteie a soberba" (Sl 35,12)? Se não por escadas, como foi que Jacó viu uma escada, por onde subiam e desciam os anjos (cf Gn 28,12)? Se não tem asas, quem é que reza: "Quem me dará asas como as da pomba, para voar e repousar"? (Sl 54,7)? Mas, entre as coisas materiais, os pés são uma coisa, outra as escadas, outra as asas. Interiormente, contudo, pés, escadas e asas são os afetos da boa vontade. Por meio destes, então, andemos, subamos, voemos. Ao ouvir alguém falar aqui daquele que atravessa, e opta por imitá-lo,

não procure saltar fossas pela leveza do corpo, ou passar voando sobre algum obstáculo um tanto alto. Estou me referindo aos corpos; pois este alguém também deve saltar fossas. “Abrasados pelo fogo, destruídos. Perecerão ante a ameaça de tua face” (Sl 79,17). Quais são estes, “abrasados pelo fogo, destruídos, e que perecerão ante a ameaça” do Senhor, senão os pecados? Foram abrasados pelo fogo, por ação da concupiscência que inflama para o mal; e foram destruídos, por ação da timidez, inativa em mau sentido. Daí se originam todos os pecados, a saber, do desejo ou do temor. Ultrapasse tudo isso, portanto, aquele que essas coisas podem prender na terra; erga suas escadas, crie asas. Veja se alguém se reconhece nesta descrição; ou antes, pela graça do Senhor muitos se reconhecem, talvez já tendo por nada o mundo e tudo o que deleita no mundo. Escolhem a retidão na vida, que passam aqui entre alegrias espirituais. E estas donde provêm àqueles que ainda andam pela terra, senão da palavra divina, do verbo de Deus, de alguma parábola das Escrituras pesquisada e investigada, da suavidade da descoberta, precedida pelo trabalho da busca? Existem santas e boas delícias nos livros. Elas não estão no ouro e na prata, em banquetes e no luxo, na caça e na pesca, nos jogos e divertimentos, nas frivolidades do teatro, na procura e na recepção de honras ruinosas. Não há verdadeiras alegrias nisso tudo, ao passo que, nos livros, nenhuma. Ao invés, aquela alma que ultrapassou as coisas inferiores, declara ter-se deleitado nos livros e por isso diz com verdade e segurança: “Os injustos me falaram de deleites, mas não como em tua lei, Senhor” (Sl 118,83). Venha ainda este Iditun, atravesse por aqueles que se deleitam nas coisas inferiores; e se deleite nessas outras delícias, alegre-se com a palavra do Senhor, no deleite da lei do Altíssimo. Mas o que dizemos? Daqui ainda há de se passar a outra coisa? Ou aqui tem para onde atravessar aquele que o deseja fazer? Ouçamos antes a sua voz. Parece-me que já este habitava no meio das palavras de Deus, e lá aprendeu o que vamos ouvir.

2 Jerônimo. *Nom. hebr.,* pg. 48,22.

3 [2] Eu disse: “Velarei sobre minha conduta, a fim de não pecar por minha língua”. Imaginar um homem que atue no meio de outros homens, e que ao ler, explicar, pregar, admoestar, censurar, persuadir, ocupado no trabalho e no seu ofício entre certas dificuldades humanas, embora já atravesse entre aqueles que não se deleitam nessas coisas (e como é difícil que alguém não deslise e peque, pois está escrito: “Aquele que não peca no falar é realmente um homem perfeito” [Tg 3,2]), tenha dito algo de que se arrepender, e saído de sua boca o que gostaria de anular, e não pode. Não é inultimente que a língua é úmida; por isso facilmente escorrega. Vendo, portanto, quanto é difícil, uma vez que o homem necessita falar, que não profira algumas palavras que preferia não ter dito, aborrecido por causa destes pecados, procura evitá-los. Sofre desta dificuldade, ao atravessar. Não me julgue quem ainda não atravessou; passe, e experimentará aquilo de que falo; então será testemunha e filho da verdade. Por conseguinte, como lhe aconteceu tal coisa, decidira não falar, para não proferir algo de que se arrepender. É isto que indicam suas primeiras palavras: “Disse: Velarei sobre minha conduta, a fim de não pecar por minha língua”. Guarda, pois, teus caminhos, ó Iditun, e não peques pela

língua; pondera o que hás de dizer, examina, consulta interiormente a verdade, e assim fala ao ouvinte de fora. Procuras agir assim muitas vezes no meio de perturbações, como espírito preocupado, enquanto a alma fraca, que carrega o peso do corpo curruptível, quer ouvir e falar. Ouvir interiormente, falar exteriormente. Por vezes, perturbada pelo esforço de se expressar, falha por falta de reflexão; então, fala alguma coisa que não deveria dizer. Contra esse mal, o melhor remédio é o silêncio. Acha-se, então, presente um pecador, com peculiar conotação: orgulhoso e invejoso. Ouve aquele que atravessa a falar, capta as palavras, arma ciladas. É difícil que não se encontre algo que tenha sido proferido como não se devia. Mas, ele, ao ouvir, não perdoa, e por inveja calunia. Contra esses tais, Iditun, ao atravessar, decidira calar; por conseguinte cantou: “Eu disse: Velarei sobre minha conduta, a fim de não pecar por minha língua”. Enquanto sou presa de caluniadores, ou quero captar, embora não seja apanhado, “velarei sobre minha conduta, a fim de não pecar por minha língua”. Apesar de ter ultrapassado os prazeres terrenos, embora não me prendam os afetos passageiros dos bens temporais, embora já despreze as coisas ínfimas e me eleve às melhores (e entre as melhores, basta-me o deleite da inteligência diante de Deus), que necessidade tenho de falar para captar os ouvintes, e dar acesso aos caluniadores? “Eu disse: Velarei sobre minha conduta, a fim de não pecar por minha língua. Pus guarda a minha língua”. Por que razão? Por causa dos piedosos, dos aplicados, dos fiéis, dos santos? De forma nenhuma. Que ouçam, para que elogiem o que aprovarem; quanto ao que reprovam, no meio talvez de muitas coisas que aprovam, desculpem mais do que censurem. Por causa de quem, então, queres vigiar sobre tua conduta, a fim de não pecar com a língua, e pões guarda a tua boca? Escuta: “Quando o pecador tomou posição contra mim”. Não ficou junto de mim, mas “contra mim”. O que direi, finalmente, como darei satisfação? Falo de coisas espirituais a um homem carnal; por fora vê e ouve, interiormente é surdo e cego. O homem carnal não aceita o que vem do Espírito de Deus (cf 1Cor 2,14). Se não houvesse homem carnal, quando haveria calúnia? Feliz de quem profere a palavra aos ouvidos de quem quer ouvir (cf Eclo 25,12), e não os ouvidos de um pecador que toma posição contra ele. Eram destes últimos os numerosos judeus que cercavam a Cristo, e a seu redor estavam enfurecidos, quando ele como ovelha para o corte foi levado, e como um cordeiro que permanece mudo na presença de seus tosquiadores, não abriu a boca (cf Is 53,7). O que dirás aos orgulhosos, turbulentos, caluniadores, litigiosos, loquazes? O que dirás de santo e piedoso, acerca da religião, ultrapassando-os? Se mesmo o Senhor disse aos que o ouviam de bom grado, desejosos de aprender, famintos do alimento da verdade: “Tenho ainda muito a vos dizer, mas não podeis agora compreender” (Jo 16,12)? E o Apóstolo: “Não vos pude falar como a homens espirituais, mas tão-somente como a homens carnais” (1Cor 3,1.2), acerca dos quais não perdia a esperança, mas devia cuidar de nutri-los. Pois, continua: “Como crianças em Cristo. Dei-vos a beber leite, não alimento sólido, pois não o podíeis suportar”. Por isso, mesmo agora, disse: “Mas nem mesmo agora podeis” (1Cor 3,1.2). Não te apresses para ouvir o que não compreendes, mas cresce para compreenderes. Assim dirigimos a palavra ao pequenino, que deve ser alimentado no seio da mãe Igreja com piedoso leite, para torná-lo idôneo a se aproximar

da mesa do Senhor. O que poderei falar de semelhante ao pecador que toma posição contra mim, e julga-se capaz ou finge sê-lo, daquilo que não entende? Se lhe explico e ele não entende, não reconhece que não entendeu, mas pensa que eu fui vencido. Por isso, diante do pecador que toma posição contra mim, "pus guarda a minha boca".

4 [3] E como prossegue? "Ensurdeci, fui humilhado, abstive-me de proferir até palavras boas". Aquele que atravessou sofre dificuldade em certo degrau, para o igual já passou; e procura ultrapassá-lo para evitar este obstáculo. Eu receava pecar, de sorte que não falava, impunha-me silêncio; dissera: "Velarei sobre minha conduta, a fim de não pecar por minha língua". Receoso de falar, para não pecar, "ensurdeci, fui humilhado, abstive-me de proferir até palavras boas". Enquanto receava demais falar palavras más, calei as boas. "Ensurdeci fui humilhado, obstive-me de proferir até palavras boas". Por que dizia palavras boas, a não ser porque ouvia? "Faze-me ouvir o júbilo e a alegria" (Sl 50,10). O amigo do esposo está presente e o ouve; é tomado de alegria, não por causa de sua própria voz, e sim devido à do esposo (cf Jo 3,29). Ouve o que deve dizer, para dizer a verdade. Pois, quem mente, fala do que lhe é próprio (cf Jo 8,44). O salmista sofreu algo de triste e molesto; com esta confissão adverte a nos precavermos, não a imitarmos o que ele padeceu. Temendo demais, conforme disse, falar alguma coisa má, decidiu nada proferir, nem palavras boas; e como decidiu calar-se, começou por não ouvir. Se tu atravessas, paras, esperando ouvir de Deus o que dizer aos homens. Passas correndo entre Deus que é rico, e o pobre desejoso de ouvir. Podes ouvir de Deus e falar ao pobre. Se preferes não lhe falar, não merecerás ouvir de Deus. Desprezas o pobre, serás desprezado pelo rico. Tu te esqueceste de que és servo, estabelecido pelo Senhor sobre a criadagem, para dar-lhe o alimento em tempo oportuno (Mt 24,45)? Como queres receber se és preguiçoso para dar? Com justiça, portanto, uma vez que não quiseste transmitir o que receberas, ser-te-á vedado receber aquilo que ambicionavas. Querias uma coisa e tinhas outra; dá o que tens, para mereceres receber o que não tens. Por isso, pus guarda a minha boca e impus-me silêncio, porque via que em toda parte era perigoso falar. Fiz, então, o que não queria: "Ensurdeci, fui humilhado"; não: me humilhei, mas: "Fui humilhado. Ensurdeci, fui humilhado, abstive-me de proferir até palavras boas". Comecei a calar até palavras boas, pelo receio de dizer palavras más, e ser criticado o meu conselho. "Abstive-me, então de palavras boas. E minha dor recrudesceu". Com o silêncio, de certo modo descan-çara da dor que caluniadores e críticos me haviam infligido. Cessara a dor causada pelos caluniadores; mas ao abster-me de palavras boas, recrudesceu a minha dor. Comecei a sentir mais por ter calado o que devia falar do que sentiria por ter dito o que não devia. "E minha dor recrudesceu".

5 [4.5] "Com a reflexão, acendeu-se o fogo". Meu coração começou a ficar inquieto. Via os insensatos, e definhava, sem censurá-los; e assim calado, o zelo de tua casa me consumia (cf Sl 118,158 e Sl 68,10). Considerei meu Senhor, a dizer: "Servo mau e preguiçoso, devias ter depositado o meu dinheiro com os banqueiros e, ao voltar, eu o receberia com juros" (Mt 25,26-27). Livre Deus os seus ministros do que segue: "Lançai-o lá fora nas trevas" (ib 30), de mãos e pés amarrados, o servo, não perdulário,

mas preguiçoso em colocar o dinheiro. O que devem esperar os que gastaram numa vida devassa, se são condenados os que guardaram com preguiça? “Com a reflexão, acendeu-se o fogo”. O salmista, nesta hesitação entre falar e calar, no meio dos que estão prontos a caluniar e os que afetam procurar instrução, entre ricos e pobres, sofrendo as zombarias dos que tinham em abundância e o desprezo dos soberbos, considerando felizes os que têm fome e sede de justiça (cf Sl 122,4; Mt 5,6); em trabalhos de ambos os lados, aflitos em ambos; periclitando para não lançar as pérolas aos porcos, periclitando para dar o alimento aos companheiros de serviço; nesta tribulação, procurou outro lugar melhor, longe deste ministério, no qual o homem tanto labuta e corre perigo. Suspirando por certo fim, quando não sofrerá mais estes males, aquele fim, quando o Senhor dirá ao bom despenseiro: “Entra na alegria de teu Senhor” (Mt 25,21), disse: “E falou a minha língua”. O salmista, no meio de tais tribulações, tais perigos, tais dificuldades, apesar de se deleitar na lei do Senhor, no entanto, pelo crescimento da iniquidade, o amor de muitos esfriará (Mt 24,12), no meio destas aflições, diz: “E falou a minha língua”. A quem? Não a um ouvinte, a quem procuro ensinar, mas àquele que me atenderá e por quem desejo ser esclarecido. “Falou a minha língua” àquele a quem ouço interiormente, se ouço o que é bom, o que é verdade. O que falou? “Faze-me conhecer, Senhor, o meu fim”. Ultrapassei algumas metas, e cheguei a outras; estas são melhores do que as ultrapassadas; mas ainda resta o que ultrapassar. Pois, não permaneceremos aqui, onde sofremos tentações, escândalos, ouvintes e caluniadores. “Faze-me conhecer, Senhor, o meu fim”, o fim que me falta, não o curso presente.

6 Refere-se ao fim que o Apóstolo visava ao correr; confessava sua imperfeição, por ver em si uma coisa, e procurar em outro lugar coisa diferente. Pois, diz: “Não que eu já o tenha alcançado ou que já seja perfeito. Irmãos, eu não julgo que eu mesmo o tenha alcançado”. E para não dizeres: Se o Apóstolo não alcançou, eu é que hei de alcançar? Se o Apóstolo não é perfeito, eu é que sou perfeito? Vê o que ele faz, presta atenção ao que fala. O que fazes, Apóstolo? Ainda não alcançaste, ainda não és perfeito? O que fazes? Para que ação me estimulas? O que me propões a imitar e seguir? Diz ele: “Uma coisa faço: esquecendo-me do que fica para trás e avançando para o que está diante, prossigo para o alvo, para o prêmio da vocação do alto, que vem de Deus em Cristo Jesus” (Fl 3,12-14), segundo a intenção, ainda não segundo a obtenção, à posse. Não recaiamos naquilo que já ultrapassamos, nem nos detenhamos no ponto onde chegamos. Corramos, empenhemo-nos, estamos a caminho. Não fiques tão tranquilo a respeito das coisas que ultrapassaste quanto solícito a respeito daquelas que ainda não alcançaste. “Esquecendo-me do que fica para trás e avançando para o que está diante prossigo para o alvo, para o prêmio da vocação do alto, que vem de Deus em Cristo Jesus”. Pois, ele é o fim. Um só porém; ele é aquela única coisa. “Senhor, mostra-nos o Pai e isto nos basta!” (Jo 14,9). Um só fim, que em outro salmo é denominado: uma só coisa: “Uma só coisa pedi ao Senhor, e a procurarei (Sl 26,4). Esquecendo-me do que fica para trás e avançando para o que está diante. Uma só coisa pedi ao Senhor, e a procurarei. Habitar na casa do Senhor todos os dias de minha vida”. Para quê? “Para contemplar as delícias do Senhor” (Sl 26,4). Ali me alegrarei por causa dos companheiros, não temerei os

adversários; ali, o que contempla comigo é amigo e não inimigo caluniador. Este Iditun desejou o seguinte: conhecer-se quando estava aqui, para saber o que lhe faltava; não tanto alegrar-se do que alcançara quanto desejar o que ainda não obtivera; havendo atravessado por alguns bens, não permanecer no caminho, mas, pelo desejo, ser arrebatado aos bens do alto; até que ele, havendo ultrapassado alguns bens, atravessasse por todos, e sendo atingido por algumas gotas de orvalho, provenientes da nuvem das Escrituras do Senhor, chegasse, como o cervo, à fonte da vida, naquela luz visse a luz, e se escondesse no esconderijo da face do Senhor, da perturbação dos homens (cf Sl 41,2; 35,10; 30,21), onde diria: Aqui estou bem, nada mais quero, amo a todos, e não temo a ninguém. Bom desejo, santo desejo. Congratulai-vos conosco, vós que já o possuís; e rezai para que o tenhamos permanentemente, para não desanimarmos no meio dos escândalos. Pois, também nós o pedimos para vós. Pois, nós não somos dignos de rezar por vós, e vós indignos de orar em nosso favor. O Apóstolo se recomenda a seus ouvintes, aos quais pregava a palavra de Deus (cf Cl 4,3). Portanto, rezai por nós, irmãos, para que vejamos claramente o que devemos ver, e digamos com exatidão o que nos cabe dizer. De resto, sei que este desejo é de poucos. Não me entendem bem senão os que experimentaram o que falo. No entanto, falamos a todos, os que já possuem tal desejo e os que ainda não o têm. Aos que o têm, para que conosco suspirem por aqueles bens; aos que não o têm, para que sacudam a preguiça, passem além das coisas inferiores, cheguem à doçura da lei do Senhor, e não fiquem no meio dos deleites dos iníquios. Muitos narram muitas coisas, e muitos louvam muitas coisas; os iníquos a coisas iníquas. Efetivamente, também as coisas iníquas apresentam deleites, mas não como a tua lei, Senhor (cf Sl 118,85). Digam, portanto, conosco os que acreditam que nós também as dizemos. É questão interna, que não pode ser demonstrada por palavras. Mas, quem assim age, acredite que outro também o faz; não se julgue o único a ter recebido o dom de Deus. Diga, portanto, nestas circunstâncias, Iditun: “Faze-me conhecer, Senhor, o meu fim”.

7 “E qual é o número de meus dias”. Pergunto que número de dias é este. Posso dizer, posso entender número sem número, como posso dizer anos sem anos. Onde se acham os anos, de certo modo há número. No entanto: “Tu és sempre o mesmo e teus anos não terminam” (Sl 101,28). Faze-me conhecer o número de meus dias; mas qual é? Como, então? Este número em que estás, não existe? Em verdade, se observo bem, não existe. Se me detenho, é como se fosse; se ultrapasso, não existe mais; se sacudindo esses dias para longe, contemplar os do alto, se comparar estes últimos que permanecem, com os transitórios, vejo até que ponto estes são reais e qual o que tem mais aparência de ser do que de fato existe. Direi que existem esses meus dias? Diria que esses meus dias existem; e darei com temeridade tão grande nome ao curso das coisas passageiras? Pois, deficiente como sou, quase não existo; esqueço-me daquele que disse: “Eu sou aquele que é” (Ex 3,14). Existe, portanto, algum número dos dias? Existe, e é sem fim. Nestes nossos dias, direi que algo existe, se retenho o dia, acerca do qual me perguntas se existe; ou para me interrogares, retém aquele a respeito do qual me interrogas. Tu o retens? Se retiveste o dia de ontem, retém também o de hoje. Mas, dizes, não tenho mais o dia de

ontem, porque já não existe; retenho aquele dia em que estou, e que está comigo. Então tu te esqueceste de quanto já passou desde a aurora? O dia de hoje não começou à primeira hora? Apresenta-me sua primeira hora; apresenta-me a segunda, que talvez também já tenha passado. Dizes-me: Apresento a terceira; talvez seja agora. Certamente há estes dias, e existe também o terceiro dia; e se me apresentas a terceira, será a hora, não o dia. Não obstante, nem isto te concedo, se comigo tudo isso ultrapassaste. Dá-me ao menos a terceira hora, esta em que estás. Se um pouco dela já passou, e resta ainda um pouco, não podes dar-me o passado, porque já não existe, nem o que resta porque ainda não veio. O que me darás, então, desta hora que agora passa? O que me darás dela, para aplicar-lhe a palavra: É? Ao proferires a palavra: É (est), certamente trata-se de uma sílaba. O momento é um, e a sílaba (est), tem três letras. Ao emiti-la, não chegas à segunda letra da palavra, antes de terminar a primeira; a terceira só ressoará quando a segunda houver terminado. O que me darás desta única sílaba? E reténs o dia, se não seguras uma só sílaba? Os minutos voam e arrastam tudo; segue seu curso a torrente das realidades. Desta torrente, em nosso favor bebe no caminho aquele que já exaltou a cabeça (cf Sl 109,7). Estes dias, portanto, não são. Mais passam do que vêm; e quando vêm, não podem parar: juntam-se, seguem-se mas não param. Nada do passado volta novamente; espera-se que passe o que há de vir. Ainda não está em nosso poder, ainda não veio; quando vier, não o podemos reter. “Qual é, portanto, o número de meus dias?” Não falo do que não é, que me perturba com a maior dificuldade e perigo, e é e não é. Mas, não podemos dizer que existe o que não permanece. Também não que não existe o que vem e passa. Procuro aquele simples é, aquele é genuíno, aquele é verdadeiro, aquele é da Jerusalém, esposa de meu Senhor, onde não haverá morte, nem falha, onde haverá um dia que não passa, mas que permanece, que não é precedido por um ontem, nem avança para um amanhã. “Faze-me conhecer este número de meus dias”.

8 “Para que eu saiba o que me resta”. Em meus trabalhos, falta-me isto, e enquanto me faltar, não me digo perfeito; enquanto não o recebo, digo: “Não que eu já o tenha alcançado ou que já seja perfeito. Prossigo para o alvo, para o prêmio da vocação do alto” (Fl 3,12.14). Receberei tal recompensa por meu curso. O fim da corrida será certa morada, a própria morada da pátria, sem peregrinação, sem sedição, sem tentação. Por conseguinte: “Faze-me conhecer qual o número dos meus dias, para que eu saiba o que me resta”. Uma vez que ali ainda não me acho, que não me ensoberbeça pelo que já sou, a fim de estar nele e não ter em mim a minha justiça. Em comparação com aquilo que é, e dando atenção ao que ainda inteiramente não é, parece-me ser mais o que falta do que aquilo que já tenho; tornar-me-ei mais humilde pelo que me falta do que orgulhoso pelo que já possuo. Pois, aqueles que julgam ter alguma coisa enquanto vivem na terra, por causa do orgulho não recebem o que falta. Pensam ser grandioso o que já têm. Se alguém pensa ser alguma coisa, quando nada é, engana a si mesmo (cf Gl 6,3). Nem por isso se torna importante, porque o inchaço e o tumor imitam a grandeza, mas não são sadios.

9 [6] Por conseguinte, já este que atravessa age ocultamente no coração, de tal sorte que

só o sabe quem age de igual modo. Como se já tivesse alcançado o que pedira, tornando-se-lhe conhecido o seu fim, o número de seus dias (não o número que passa, mas o número que é), dá atenção às coisas que atravessou e as compara ao conhecimento anterior. Como se lhe dissesses: Por que desejaste saber o número de teus dias? O que dizes destes dias? Deste conhecimento conclui outra coisa e diz: "Eis que reduziste os meus dias à velhice". Envelhecem aqueles que eu queria fazer novos, novos que nunca envelhecessem, para poder dizer: "Passaram-se as coisas antigas; eis que se fizeram novas" (2Cor 5,17), agora em esperança, então na realidade. Mas, renovados pela fé e pela esperança, quantas coisas antigas ainda fazemos? Não fomos revestidos de Cristo a tal ponto que nada mais tenhamos de Adão. Vede Adão a envelhecer em nós, e Cristo a se renovar: "Embora em nós, o homem exterior vá caminhando para a sua ruína, o homem interior se renova dia a dia" (2Cor 4,16). Se atendemos, pois, ao pecado, à mortalidade, ao tempo passageiro, ao gemido, ao labor, ao suor, às idades que se sucedem, sem parar, indo insensivelmente da infância à velhice, vemos nisto o homem velho, o dia velho, o antigo cântico, o Antigo Testamento. Se nos voltamos para o interior, ao que há de ser renovado, às coisas imutáveis, encontramos o homem novo, o dia novo, o cântico novo, o Novo Testamento. Amemos esta novidade. Não temamos o que é velho. Agora, pois, neste curso, passamos do antigo ao novo. Esta passagem se realiza com a corrupção das coisas exteriores e a renovação das interiores, até que isto mesmo que exteriormente se corrompe, pague o débito da natureza, morra, se renove, e isto na ressurreição. Então, na realidade todas as coisas se farão novas, as restantes que agora existem em esperança. É alguma coisa o que fazes agora, despindo o que é velho correndo para o que é novo. O salmista, correndo para o que é novo, e avançando para o que está diante, diz: "Faze-me conhecer, Senhor, o meu fim, e qual é o número dos meus dias, para que eu saiba o que me resta". Ele ainda traz consigo a Adão, mas apressa-se em direção a Cristo. "Eis que reduziste meus dias à velhice". Dias antigos oriundos de Adão, fizeste-os velhos; envelhecem cada dia, de tal modo que uma vez serão consumidos. "Diante de ti a minha vida é como um nada". Diante de ti, Senhor, como nada é minha vida. Diante de ti que o vês. Também eu o vejo diante de ti, não diante dos homens. O que direi? Com que palavras posso mostrar que nada sou em comparação daquele que é? Mas interiormente posso dizer, e de algum modo perceber. "Diante de ti", Senhor, onde estão teus olhos, não onde estão os olhos dos homens. E como sou diante de teus olhos? "A minha vida é como um nada".

10 "Não obstante, é vaidade todo homem que vive na terra. Não obstante", o que eu dizia? Eis que já ultrapassei tudo o que é mortal, desprezei as coisas inferiores, pisei os bens terrenos, subi até ao deleite da lei do Senhor, hesitei acerca do número dos dias do Senhor, e ainda desejei aquele fim sem fim; anelei por saber o número dos meus dias, porque o número destes dias nada é; já me tornei assim, tantas coisas ultrapassei, e almejo aquelas que permanecem. "Não obstante", enquanto estou aqui, assim como eu sou, enquanto estou neste mundo, enquanto me acho com esta carne mortal, enquanto a vida do homem sobre a terra é uma tentação (cf Jó 7,1), enquanto suspiro no meio dos escândalos, enquanto eu que estou de pé receio cair, enquanto forem incertos para mim

os males e os bens, “é vaidade todo homem que vive na terra. Todo homem”, digo, quer pare ou atravesse, até mesmo Iditun, pertence a esta vaidade universal, porque tudo é vaidade, e vaidade das vaidades. Que proveito tira o homem de todo o trabalho com que se afadiga debaixo do sol (Ecl 1,2 e 3)? Acaso também Iditun ainda está debaixo do sol? Ele tem ainda alguma coisa debaixo do sol, e alguma coisa além. Debaixo do sol, ele está desperto, dorme, come, bebe, tem fome, tem sede, sente vigor, fatiga-se, torna-se menino, jovem, velho, duvida acerca do que desejar e temer; por tudo isso passa debaixo do sol mesmo Iditun, mesmo aquele que o ultrapassou. Como, então, ele atravessa? Devido àquele desejo: “Faze-me, conhecer o meu fim, Senhor”. Este desejo é acima do sol, não debaixo do sol. Debaixo do sol estão todas as coisas visíveis; tudo o que não é visível não está debaixo do sol. A fé não é visível, a esperança não é visível, a caridade não é visível, a benignidade não é visível, finalmente não é visível aquele temor casto que permanece pelos séculos dos séculos (cf Sl 18,10). Em tudo isso, encontra Iditun suavidade e consolo, e vivendo acima do sol, porque tem a cidadania dos céus (cf Fl 3,20), geme por causa daquilo que ainda tem debaixo do sol. Despreza e lastima essas últimas coisas, enquanto deseja ardentemente as outras. Falou das primeiras, fale também das segundas. Ouvistes quais os bens desejáveis, ouvi quais os desprezíveis. “Não obstante, é vaidade todo homem que vive na terra”.

11 [7] “Em verdade, passa o homem, como em imagem”. Qual imagem, senão a referida na Escritura: “Façamos o homem a nossa imagem e semelhança (Gn 1,26)? Passa o homem, como em imagem. Em verdade”, porque esta imagem é algo de grandioso. Depois de: “em verdade vem: no entanto”. A palavra que ouvistes: “Em verdade pertence ao que está acima do sol”. A seguinte: “No entanto” trata do que está debaixo do sol. A primeira pertence a verdade, a segunda à vaidade. “Em verdade”, pois, passa “o homem como em imagem, no entanto, é em vão que ele se atormenta”. Ouve qual é a sua perturbação, e vê se não é vã, para que a calques, a ultrapasses, e habites no alto, onde não existe tal vaidade. Qual? “Acumula tesouros e não sabe para quem ajuntará”. Tola vaidade! “Feliz o homem, que põe no Senhor a esperança e não olhou vaidades e enganosas loucuras” (Sl 39,5). Ao falar assim, ó avaro, parece-te que eu deliro. Parecem-te palavras senis. Tu, que és um homem de grandes conselhos e grande prudência, excogitas cada dia acerca do modo de ganhar dinheiro, de negócios, de agricultura, talvez também de eloquência, de jurisprudência, de milícia, e acrescentas também empréstimos. Homem judicioso, nenhuma ocasião perdes de acumular dinheiro, e de ocultá-lo cuidadosamente. Exploras o próximo, mas acautelas-te de quem pode te explorar. Receias sofrer aquilo que fazes. Não te corriges, ao sofreres alguma coisa. Mas, não sofres. És um homem prudente, guardas com cuidado e não só ajuntas muito bem. Tens onde colocar, a quem confiar, a fim de que nada se estrague do que ajuntaste. Interrogo teu coração, examino a tua prudência. Eis que amontoaste, guardaste, de tal modo que nada se perca do que guardaste. Diga-me: para quem guardas? Não trato contigo do mal que há em tua avareza vã. Não o lembro, não o exagero. Apenas proponho, discuto aquilo de que a leitura do presente salmo me dá oportunidade de

discutir. Certamente acumulas, entesouras. Não digo: Não aconteça que enquanto recolhes, sejas colhido. Não digo: Cuidado para não seres roubado, ao roubares. Falarei com maior clareza. Talvez estando cego por causa de tua avareza, não ouviste ou não entendeste. Nem digo: Não suceda que enquanto procuras roubar ao menor, sejas presa do maior. Pois, não percebes que estás no mar, nem vês que os peixes menores são devorados pelos maiores. Não digo isto, não falo das dificuldades e perigos na própria aquisição de dinheiro, de quanto sofrem os que o acumulam, como correm perigo, como quase enfrentam a morte. Passo por cima disso tudo. Sem dúvida, acumulas sem encontrar contradição, guardas sem padeceres furto. Examina teu coração, e tua grande prudência, que zomba de mim, que me considera louco por falar deste modo. Mas, responde-me: Para quem reservas o que entesouras? Sei o que queres dizer, como se não me ocorresse aquilo que queres dizer. Hás de responder: Guardo para meus filhos. É uma palavra de amor paterno, uma desculpa da iniquidade. Dizes: Economizo para meus filhos. Está bem. Guardas para teus filhos. Será que Iditun não estava ciente disso? Sabia-o muito bem, mas o contava entre os dias antigos; por isso o desprezava, apressando-se em direção aos novos.

12 Mas, vou examinar-te e a teus filhos. Guardas as riquezas, tu que hás de passar, para outros que vão passar; ou antes, tu que passas, para outros que passam. Havia falado que tinhas de passar, como se agora permanecesses. Hoje mesmo, desde que começamos a falar até o momento atual, percebes que envelhecemos. Pois, nem sentes o crescimento de teus cabelos. Agora, enquanto estás de pé, enquanto estás aqui, enquanto falas ou fazes alguma coisa, crescem teus cabelos. Não cresceram de repente, de sorte que devesses procurar um cabeleireiro. O tempo voa, tanto para os que entendem quanto para os que não o percebem, ou estão entregues a alguma ocupação má. Tu passas, e guardas para teu filho que também passa. Em primeiro lugar, quero te perguntar: Sabes se o filho, para quem guardas teu bem, há de possuí-lo? Ou se ainda não nasceu, se há de nascer? Economizas para teus filhos, e é incerto se os terás, ou se hão de possuir; nem colocas teu tesouro no lugar certo. Teu Senhor não daria a seu servo um conselho para que perdesse seus bens. És o servo muito rico de um importante pai de família. Deu-te o que amas, o que tens, e não quer que percas seu dom aquele que se dará a si mesmo a ti. Mas, diria que nem mesmo o que te deu por certo tempo, ele quer que o percas. É muito, superabundante, ultrapassa as tuas necessidades, já é certamente supérfluo. Nem isto quero que percas, diz o teu Senhor. Mas, o que hei de fazer? Vai para outro lugar; não é seguro o lugar onde o puseste. Sem dúvida queres servir à avareza; vê se talvez não seja até conveniente à própria avareza o meu conselho. Queres possuir o que tens, e não perder; mostro o lugar onde deves colocá-lo. Não entesoures na terra, sem saber para quem guardas teus bens, e depois, como há de consumi-los o que os possuir, o que os tiver em sua posse. Talvez venha a possuir, mas escravizado, e não conservará o que herdar. É possível que estejas guardando para ele, mas o percas antes que ele venha. Dou um conselho a tua solicitude: “Ajuntai para vós tesouros nos céus” (Mt 6,20). Aqui na terra, se queres conservar riquezas, procuras um depósito; talvez não confies em tua casa por causa de teus domésticos. Entregas, então, a um banco; ali é

difícil uma perda. O ladrão não tem fácil acesso e tudo é bem guardado. Por que pensas nisto, senão porque não tens lugar melhor para depositar? E se eu te apresentar um melhor? Eu te direi: Não entregues a um menos capaz. Há alguém mais idôneo, confia a ele. Possui grandes depósitos, onde as riquezas não se podem perder. Ele é grande e mais rico do que todos. Talvez logo respondas: Como ousarei confiar a ele? Mas, se ele mesmo te convida? Reconhece-o. Não é só pai de família, mas é também o teu Senhor. Ele te diz: Não quero, meu servo, que percas teu pecúlio. Descobre onde deves colocá-lo. Por que o colocas num lugar onde podes perdê-lo? Ou onde, se não perderes, tu não poderás ficar para sempre? Há um lugar para onde hei de te transferir. Teus bens te precedam lá; não receies perdê-los. Fui o doador, serei o guarda. Isto é o que te diz o teu Senhor. Interroga a tua fé, e vê se queres dar-lhe crédito. Responderás: Considero perdido o que não vejo, quero ver meus bens aqui. Querendo vê-los aqui, nem os verás, nem os terás ali. Suponhamos que tens algum tesouro escondido na terra; quando sais, não o levas contigo. Vieste para ouvir o sermão, para acumular riquezas interiores, e ficas pensando nas exteriores. Acaso as trouxeste contigo para cá? Aí está; agora não as vês. Acreditas que as tens em casa, porque sabes que as depositaste; mas sabes se não as perdeste? Quantos voltaram para casa, e não encontraram o que depositaram. Provavelmente agora estremeceram os corações dos ambiciosos. Como disse que muitos frequentemente voltaram para casa e não encontraram o que haviam guardado, disse cada um no coração: Longe de nós, ó Bispo. Deseja-nos o bem, reza por nós. Longe de nós que tal aconteça, não seja assim. Creio em Deus que encontrarei na íntegra o que guardei. Crês em Deus e não confias nele? Creio em Cristo, que estará são e salvo o que guardei; ninguém se aproximará, ninguém o roubará. Acreditando em Cristo queres estar certo de que nada perderás dos bens de tua casa; ficarás mais seguro, acreditando em Cristo, se colocares teus bens lá onde ele aconselhou que pusesses. Acaso tens confiança em teu escravo, e desconfias de teu Senhor? Sentes segurança em tua casa, e desconfias do céu? Mas, dizes, como colocarei meus bens no céu? Dei-te o conselho; põe onde te digo. Não quero que saibas como chegará ao céu. Põe nas mãos dos pobres, dá aos necessitados. O que te importa como chegará? Não levarei até lá o que eu recebo? Ou esqueceste a palavra: “Toda vez que o fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes” (Mt 25,40)? Se tivesses um amigo possuidor de alguns fossos ou cisternas, e todos os recipientes para guardar algum líquido, ou vinho ou óleo, e estivesses procurando onde esconder ou guardar teus frutos, e ele te dissesse: Eu os guardo para ti. Se tivesse canais ocultos e certas passagens para chegar àqueles recipientes, de modo que por estes canais corresse ocultamente o que se derramasse às claras; e ele te dissesse: Derrama aqui o que tens, julgarias que aquele lugar não é aquilo que pensavas, e terás receio de derramar. Ele que conhece os mecanismos ocultos de seus depósitos, não te diria: Derrama sem medo? Daqui eles correm para ali; não vês por onde, mas acredita em mim que os fabriquei. Aquele por quem foram criadas todas as coisas, fez moradas para todos nós; quer que ali nos preceda o que temos, para não o perdermos aqui na terra. Quando guardas teus bens na terra, dize-me para quem os acumulas? Tens filhos; acrescenta mais um, e dá alguma coisa a Cristo. “Acumula

tesouros e não sabe para quem ajuntará. É em vão que se atormenta".

13 [8] "E agora", quando, fala este Iditun, considerando certa vaidade, meditando determinada verdade, colocado no meio entre o que lhe é inferior e o que lhe é superior (inferior aquilo que ele ultrapassou, superior aquilo para que avança); "e agora", disse, quando ultrapassei alguma coisa, quando muitas calquei, quando já não estou preso aos bens temporais, ainda não sou perfeito, ainda não recebi. "Pois fomos salvos em esperança; e ver o que se espera, já não é esperar. Acaso alguém espera o que vê? E se esperamos o que não vemos, é na perseverança que o aguardamos" (Rm 8,24-25). E agora o que posso esperar? Não é o Senhor? Ele é minha esperança e deu-me tudo isto que é desprezível; dar-me-á a si mesmo também, ele que está acima de todas as coisas, por quem tudo foi feito e que me criou no meio delas, ele é a minha esperança, o Senhor. Vedes Iditun, irmãos, vedes como ele espera. Ninguém, portanto, se diga perfeito aqui; engana-se, ilude-se, erra se o diz. Não é possível conseguir a perfeição aqui na terra. E o que adiantaria, se perdesse a humildade? "E agora, o que posso esperar? Não é o Senhor?" Quando vier, já não será esperado. Então será a perfeição. Agora, porém, por mais que atravesse Iditun, ainda espera. "Todo o meu tesouro está sempre diante de ti". Já progredindo, já tendendo para ele, e começando a ser, diz: "Todo o meu tesouro está sempre diante de ti". Os bens da terra, porém, estão igualmente diante dos homens. Tens ouro, tens prata, escravos, propriedades, árvores, animais, servos; estes bens são visíveis também aos homens; mas há um tesouro que sempre está diante de Deus. "Todo o meu tesouro está sempre diante de ti".

14 [9] "Livra-me de todas as minhas iniquidades". Atravessei muitas coisas. De fato, foi muito o que atravessei, mas "se dissermos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos e a verdade não está em nós" (1Jo 1,8). Ultrapassei muitas coisas, mas ainda bato no peito, e digo: "Perdoa-nos as nossas dívidas como também nós perdoamos aos nossos devedores" (Mt 6,12). Tu és, portanto minha esperança, meu fim: "O fim da Lei é Cristo para a justificação de todo o que crê" (Rm 10,4). "De todas", não somente daquelas que já atravessei, para que não recaia, mas de todas absolutamente; por causa disso agora, batendo no peito, digo: "Perdoa-nos as nossas dívidas. Livra-me de todas as minhas iniquidades", pois penso e retenho o que diz o Apóstolo: "Todos nós que somos perfeitos, tenhamos este sentimento". Havendo declarado que ainda não era perfeito, logo em seguida diz: "Todos nós que somos perfeitos, tenhamos este sentimento". O que significa: "Todos nós que somos perfeitos"? Já havias afirmado: "Não que eu já o tenha alcançado ou que já seja perfeito". Segue a ordem das palavras: "Mas uma coisa faço: esquecendo-me do que fica para trás e avançando para o que está diante, prossigo para o alvo, para o prêmio da vocação do alto, que vem de Deus, em Cristo Jesus" (Fl 3,12.13-14). Ele, por conseguinte, não é ainda perfeito, porque prossegue para o prêmio da vocação do alto, que vem de Deus. Ainda não chegou lá, ainda não o encontrou. Se ele ainda não é perfeito, porque ainda não chegou lá, quem de nós é perfeito? Todavia prossegue: "Todos nós que somos perfeitos, tenhamos este sentimento". Tu não és perfeito, ó Apóstolo, e nós seríamos? Mas escapou-nos que ele agora se diz perfeito?

Pois, não disse: Todos vós que sois perfeitos, tenhais este sentimento, mas: "Todos nós que somos perfeitos, tenhamos este sentimento", tendo afirmado pouco antes: "Não que eu já o tenha alcançado ou que já seja perfeito". De outra maneira, portanto, aqui não podes ser perfeito, a não ser que saibas que aqui não podes ser perfeito. Tua perfeição consiste em teres ultrapassado algumas coisas, de tal sorte que te apresses para outras; teres ultrapassado algumas coisas de modo que resta outra para a qual deves passar, depois que todas as outras ficaram para trás. Esta é a fé segura. Pois, quem pensar que já chegou, sobe bem alto para cair.

15 Por estas razões, penso de tal modo que me declaro imperfeito e perfeito; imperfeito, de fato, porque ainda não recebi algo que desejo; perfeito, porém, porque sei exatamente o que me falta. Uma vez que assim penso, que desprezo as coisas humanas, que não quero alegrar-me com as coisas transitórias, que me rio do avaro que se gaba de prudente e zomba de mim, dizendo que estou louco, uma vez que assim me porto, que lastimo este proceder, digo: "Tu me deste como alvo de escárnio ao insensato". Quiseste que eu vivesse no meio deles, que entre eles pregasse a verdade, apesar de amarem a vaidade. Só posso ser escarnecido por eles. Fomos dados em espectáculo ao mundo, aos anjos e aos homens (cf 1Cor 4,9). Aos anjos que louvam e aos homens que injuriam. Ou antes, aos anjos que louvam e vituperam, aos homens que elogiam e censuram. Temos armas ofensivas e defensivas, e militamos na glória e no desprezo, na boa e na má fama, tidos como impostores e, não obstante, verídicos (cf 2Cor 6,7.8). Assim somos junto dos anjos, assim junto dos homens. Isto sucede, porque entre os anjos há santos anjos, aos quais apraz nossa vida honesta, e há anjos prevaricadores, aos quais nossa vida bem vivida desagrada. Entre os homens, igualmente, há santos varões, aos quais nossa vida agrada, e malvados, que zombam de nossa vida correta. Ambas são armas, umas da direita, outras da esquerda; no entanto, umas e outras são armas. Uso as da direita e as da esquerda, a saber, os que louvam e criticam, os que prestam honras e os que infligem ultrajes. Com ambas luto com o diabo, com umas e outras o firo: na prosperidade se não me deixo subornar, na adversidade se não desanimo.

16 10.11 "Tu me deste como alvo de escárnio ao insensato. Ensurdeci, não abri a boca". Contra o insensato, "ensurdeci, não abri a boca". A quem direi o que se passa em mim? Pois, "ouvirei o que falar em mim o Senhor Deus, porque falará de paz a seu povo" (Sl 84,9); mas "para os maus não há paz", diz o Senhor (Is 48,22). "Ensurdeci, não abri a boca. Porque és tu que me fizeste". Não abriste a boca, porque foi Deus quem te fez? É estranho. Deus não te deu uma boca para falar? Quem fez o ouvido não ouve? Quem fez o olho, não vê (cf Sl 93,9)? Deus te deu boca para falar; e dizes: "Ensurdeci, não abri a boca; porque és tu que me fizeste". Ou: "porque és tu que me fizeste", pertence ao versículo seguinte? "Porque és tu que me fizeste, desvia de mim os teus golpes". Não me extermines, porque és tu que me fizeste; somente fere para que progrida, e não para que pereça. Bate-me apenas para me plasmar, não para me esmagar. "Porque és tu que me fizeste. Desvia de mim os teus golpes".

17 [12] "Sob o rigor de tua mão sucumbi, quando arguído", isto é, ao me arguires, desfaleci. E qual o significado de tua arguição, senão o que segue? "Por causa da iniquidade castigaste o homem e fizeste consumir-se qual aranha a minha alma". Muito é o que entendeu este Iditun; o mesmo acontece se alguém entende unido a ele, se alguém com ele atravessa. Afirma que desfaleceu diante das censuras de Deus, e quer que os golpes dele se afastem, porque foi Deus quem o fez. Aquele que o fez, o refaça; o criador o renove. Não obstante, foi sem razão, irmãos, que de tal modo desfaleceu quem quer ser renovado, restaurado? Diz o salmista: "Por causa da iniquidade castigaste o homem". Todo o meu desfalecimento, minha fraqueza, meu clamor, profundo, devidos todos a minha iniquidade foram instrução, não condenação de tua parte. "Por causa da iniquidade castigaste o homem". Mais claramente diz outro salmo: "Foi bom que me humilhaste para que eu aprenda as tuas justificações" (Sl 118,71). Fui humilhado e isto é bom para mim; é castigo e simultaneamente graça. O que nos reserva para depois do castigo, se o castigo é uma graça? Dele foi dito igualmente: "Fui humilhado e ele me salvou" (Sl 114,6). E: "Foi bom que me humilhaste para que aprenda as tuas justificações. Por causa da iniquidade castigaste o homem". A palavra: "Estabeleces dor no preceito" (Sl 93,20), só pôde ser dita a Deus por aquele que atravessa, porque Deus só pôde ser visto por aquele que atravessa. "Estabeleces dor no preceito", deste-me um preceito de dor. Plasmas a minha dor. Não a deixas informe, mas lhe dás forma. A dor formada que me infliges torna-se um preceito para mim, a fim de ser libertado por ti. Estabeleces a dor, formas a dor, plasmas a dor, não a simulas. Como o artífice plasma. Ele é denominado oleiro (*figulus*), palavra derivada de plasmar *(fingere)*. Por conseguinte: "Por causa da iniquidade castigaste o homem". Vejo-me no meio de males, vejo-me castigado, e não vejo maldade em ti. Se, portanto, sofro castigo e não há iniquidade em ti, o que resta senão que por causa da iniquidade castigaste o homem?

18 "E como **c**astigaste?" Diga-me qual a tua instrução, ó Iditun, como foste castigado? "E fizeste cosumir-se, qual aranha, a minha alma". Esta é a instrução. O que há de mais débil do que uma aranha? Falo do animal. Até mesmo a própria teia, o que há de mais fraco? Observa o animal como se consome. Põe levemente o dedo em cima, e ele morre. Nada absolutamente de mais frágil. Foi assim que tornaste a minha alma, castigando-me por causa da iniquidade. Se este modo de me instruir tornou-me fraco, então o vício era uma espécie de força. Vejo que alguns logo perceberam tudo, mas os mais lentos não devem ser abandonados pelos mais rápidos, para que todos sigam juntos o fio do sermão. O que eu disse, o que deveis entender é o seguinte: Se o ensinamento do Deus justo criou esta fraqueza, então o vício era uma espécie de força. O homem desagradou a Deus por esta força, para ser instruído na fraqueza. A soberba desagradou, para ser instruído pela humildade. Todos os soberbos se dizem fortes. Por isso, venceram muitos que vieram do Oriente e do Ocidente e se assentarão à mesa no reino dos céus, com Abraão, Isaac e Jacó, porque venceram? Porque não quiseram ser fortes. O que quer dizer: não quiseram ser fortes? Tiveram medo de presumir de si mesmos; não estabeleceram a própria justiça, mas submeteram-se à justiça de Deus (cf Rm 10,3).

Finalmente declarou o Senhor: “Virão muitos do Oriente e do Ocidente e assentar-se-ão com Abraão, Isaac e Jacó à mesa do reino dos céus, enquanto os filhos do reino”, isto é, os judeus que ignoravam a justiça de Deus, e queriam estabelecer a sua própria, “serão postos para fora, nas trevas”. Lembrai-vos da fé do centurião, único entre os gentios de tal forma fraco, a tal ponto débil que disse: “Não sou digno de receber-te sob o meu teto”. Não era digno de receber o Cristo em sua casa e já o recebera no coração. Efetivamente, aquele mestre da humildade, o Filho do homem já encontrara em seu peito onde reclinar a cabeça. O Senhor, considerando esta palavra do centurião, disse aos que o seguiam: “Em verdade vos digo, em Israel não achei ninguém que tivesse tal fé” (Mt 8,11-12.8.10). A ele o Senhor achou-o fraco, e aos israelitas fortes, de sorte que, estando entre eles, disse: “Não são os que têm saúde que precisam de médico, e sim os doentes” (ib 9,12). Por causa disto, portanto, isto é, por causa da humildade, “virão muitos do Oriente e do Ocidente, e se assentarão à mesa no reino dos céus, com Abraão, Isaac e Jacó, enquanto os filhos do reino serão postos para fora, nas trevas” (Mt 8,11-12). Eis que sois mortais, carregais uma carne corruptível, e “caireis como um dos príncipes; morrereis como homens” (cf Sl 81,7), e caireis como o diabo. De que vos serve a medicina dos mortais? O diabo é soberbo; é um anjo que não tem carne mortal. Tu, porém, que recebeste carne mortal (e nem isto te adianta para te humilhares em vista de tamanha fraqueza), cairás como um dos príncipes. A principal graça, portanto, dom de Deus, é reduzir-nos à confissão de nossa fraqueza. Tudo o que temos de bens, de poder, temos nele, de sorte que “aquele que se gloria, se glorie no Senhor” (1Cor 1,31). “Pois, quando sou fraco, então é que sou forte” (2Cor 12,10). “Por causa da iniquidade castigaste o homem e fizeste consumir-se, qual aranha, a minha alma”.

19 “Não obstante, em vão se inquieta todo homem que vive sobre a terra”. Repete o que citei há pouco; embora aqui vá adiante: “em vão se inquieta todo homem que vive”; vive de fato na incerteza. Pois, quem está seguro mesmo de seus próprios bens? “Em vão se inquieta. Lance sobre o Senhor os seus cuidados”, lance toda sua solicitude; ele há de nutrir, há de guardar (cf Sl 54,23). O que há de certo nesta terra senão a morte? Considerai todas as coisas, absolutamente, tanto boas quanto más nesta vida, mesmo na justiça ou na iniquidade; o que há de certo senão a morte? Progrediste no bem. Sabes o que és hoje, mas desconheces o que serás amanhã. És pecador. Sabes o que és hoje, mas ignoras o que serás amanhã. Esperas receber dinheiro; é incerto se virá. Esperas uma esposa; é incerto se a receberás, ou como será ela. Esperas filhos; incerto é se nascerão. Nasceram, é incerto se viverão. Vivem; é incerto se vão melhorar ou piorar. Para qualquer lado que te voltes, tudo é incerto. Somente a morte é certa. És pobre; é incerto se enriquecerás. És ignorante; é incerto se te tornarás intruído. És fraco; incerto é se hás de convalescer. Nasceste; é certo que morrerás. Mesmo nesta certeza sobre a morte, é incerto o dia da morte. Entre essas incertezas, entre as quais só a morte é certa, mas de hora incerta, somente dela muito nos precavemos, sem poder de modo algum evitá-la. “Todo homem que vive, em vão se inquieta”.

20 [13] O salmista entre estas incertezas, já ultrapassa, e achando-se entre algumas coisas

mais elevadas, despreza as inferiores e diz: “Escuta, Senhor, minha oração e minha súplica, presta ouvido ao meu pranto”. Acaso, porque já atravessei tantas coisas, tantas ultrapassei, já não choro? Ou choro muito mais? Quem aumenta o saber, aumenta o sofrer (cf Ecl 1,18). Acaso quanto mais está longe o que desejo, tanto mais gemo até que venha, tanto mais choro até que obtenha? Quanto mais aumentam os escândalos, quanto mais abunda a iniquidade, tanto mais esfria a caridade de muitos (cf Mt 24,12)? “Quem fará de minha cabeça um manancial de água, e de meus olhos fonte de lágrimas?” (Jr 8,23) “Escuta, Senhor, minha oração, minhas súplicas; presta ouvido a meu pranto. Não te cales”. Que eu não ensurdeça eternamente. “Não te cales”; eu te ouvirei. Deus fala ocultamente, fala muito ao coração; é som potente no grande silêncio do coração, quando diz em alta voz: “Eu sou a tua salvação” (Sl 34,3). “Dize a minha alma: Eu sou a tua salvação”. O salmista deseja que Deus não cale esta palavra que ele dirige à alma: “Eu sou a tua salvação. Não te cales”.

21 “Diante de ti sou um forasteiro”. Forasteiro, junto de quem? Quando estava perto do diabo, era forasteiro, mas tinha um mau proprietário da casa. Agora já estou perto de ti, mas ainda forasteiro. O que significa: “forasteiro”? Daqui hei de emigrar. Não ficarei aqui eternamente. Chama-se minha casa o lugar onde hei de permanecer eternamente. Sou forasteiro do lugar de onde hei de emigrar. Contudo, junto de meu Deus sou forasteiro. Junto dele hei de permanecer quando receber minha casa. Mas qual é esta casa, para onde há de imigrar desta terra estrangeira? Reconhecer aquela casa, da qual trata o Apóstolo: “Teremos no céu um edifício, obra de Deus, morada eterna, não feita por mãos humanas” (2Cor 5,1). Se no céu esta casa é eterna, ao chegarmos lá, já não seremos inquilinos. Como haverias de ser inquilino na morada eterna? Aqui, sem saber onde e quando te há de dizer o dono da casa: Parte, deves preparar-te. Estarás preparado, se desejares a casa eterna. Não te irrites contra ele, porque diz quando quer: Parte. Não fez contrato contigo, nem se ligou por certa obrigação. Não alugaste a casa por determinado aluguel e por certo tempo. Quando o seu senhor quiser hás de emigrar. No entanto, habitas nela gratuitamente. “Porque diante de ti sou um forasteiro e um peregrino”. Lá, portanto, está a pátria, lá está a casa: “diante de ti sou um forasteiro e um peregrino”. Subentende-se: “diante de ti”. Pois, muitos são peregrinos com o diabo. Os que acreditaram e são fiéis são efetivamente peregrinos, porque ainda não chegaram à sua pátria e sua casa, contudo estão junto de Deus. “Enquanto habitamos neste corpo, estamos fora da nossa mansão, longe do Senhor; e esforçamo-nos por agradar-lhe, quer permaneçamos em nossa mansão, quer a deixemos” (2Cor 5,6.9). “Forasteiro e peregrino, como todos os meus pais”. Se, por conseguinte, sou como todos os meus pais, direi que daqui não sairei, se eles emigraram? Permaneço em condições diferentes daquelas em que eles viveram?

22 [14] O que me resta, pois, a pedir, se daqui sem dúvida hei de emigrar? “Perdoa-me para que tenha alívio, antes que eu parta”. Vê, vê Iditun, quais as tuas amarras; desatadas essas, buscas alívio antes de partir. Sentes calor, queres te livrar, e dizes: “Tenha alívio. Perdoa-me”. O que Deus te perdoará, senão livrando daquele obstáculo,

que te leva a pedir: “Perdoa-nos as nossas dívidas” (Mt 6,12)? “Perdoa-me antes que eu parta e cesse de existir”. Antes da partida, livra-me dos pecados, para não os levar comigo. Perdoa-me para que minha consciência se tranquilize, libertada de uma solicitude ardente; solicitude oriunda de meu pecado (cf Sl 37,19). “Perdoa-me para que tenha alívio”, antes de tudo, “antes que eu parta e cesse de existir”. Se não me perdoares para ter alívio, irei e cessarei de existir. “Antes que eu parta”: se for para lá, cessarei de existir. “Perdoa-me para que tenha alívio”. Sugere a questão: Como cessará de existir? Não irá para o repouso? Deus livre Iditun deste mal. Iditun vai, de fato, e vai para o repouso. Mas, supõe um homem iníquo, que não é Iditun, não atravessa, acumula tesouros aqui, usurpador, malvado, soberbo, jactancioso, orgulhoso, desprezador do pobre que jaz diante de sua porta; acaso ele não existirá? O que significa então: “cesse de existir”? Se aquele rico não existia, quem é que ardia nas chamas? Quem é que desejava que Lázaro molhasse a ponta do dedo para refrescar-lhe a língua? Quem é que dizia: “Pai Abraão, manda Lázaro” (Lc 16,24)? Em verdade, quem falava existia, quem ardia existia, e existirá quem ressurgirá no fim e será condenado com o diabo ao fogo eterno. O que significa então: “cesse de existir” se não se refere a este Iditun, o que quer dizer: é e não é? Pois, ele via aquele fim, de todo o coração, com a penetração do espírito, fim que desejava lhe fosse mostrado: “Faze-me conhecer, Senhor, o meu fim” (Sl 38,5). Via o número de seus dias, que existe; dava atenção a que os seres inferiores, em comparação àquele ser, não são; e dizia que ele não era. As coisas superiores permanecem; as inferiores são mutáveis, mortais, frágeis. A própria dor eterna, cheia de corrupção, não se acaba para que se consuma interminavelmente. Ele olhou, portanto, para aquela feliz região, feliz pátria, casa feliz, onde os santos são participantes da vida eterna e da verdade imutável; e receou ir para fora, onde cessaria de existir; desejava estar onde há o ser supremo. Por conseguinte, devido a esta comparação, colocado entre os dois, ainda receoso diz: “Perdoa-me para que tenha alívio, antes que parta e cesse de existir”. Se não me perdoares os pecados, irei eternamente para longe de ti. E longe de quem estarei eternamente? Daquele que disse: “Eu sou aquele que é”; daquele que declarou: “Dirás aos filhos de Israel: Eu sou enviou-me a vós” (Ex 3,14). Quem caminha em direção contrária àquele que é verdadeiramente, avança para o nada.

23 Portanto, meus irmãos, se fui oneroso as vossas forças corporais, suportai-o, porque também para mim foi penoso. Para dizer a verdade, deste cansaço a culpa é vossa. Se eu percebesse que estáveis cansados com o que eu dizia, logo me calaria.

SALMO 39

SERMÃO AO POVO

1 Tudo aquilo que nosso Senhor Jesus Cristo predisse, parcialmente já foi cumprido, e parcialmente ainda esperamos. Tudo, no entanto, se cumprirá, porque foi a Verdade que o predisse, e o que foi predito com fidelidade, exige homens fiéis. Quem crê, alegrar-se-á quando vierem; quem não crê, será confundido diante dos eventos. Eles virão, contudo, queiram ou não queiram os homens, acreditem ou não acreditem, conforme declara o Apóstolo: "Se nós o renegamos, também ele nos renegará. Se lhe somos infiéis, ele permanece fiel, pois não pode renegar-se a si mesmo" (2Tm 2,12.13). Além do mais, irmãos, relembrai-vos brevemente, e guardai na memória o que todos nós acabamos de ouvir do evangelho: "Aquele, porém, que perseverar até o fim, esse será salvo" (Mt 10,22; 24,13). Nossos antepassados foram levados aos tribunais, defenderam sua causa junto de inimigos, que eles amavam; dedicaram-lhes toda a correção que puderam, e toda caridade de que dispunham. O sangue justo foi derramado, e daquele sangue, como uma semeadura feita por todo o mundo, brotou a messe da Igreja. Seguiu-se, porém, o tempo dos escândalos, da simulação, das provas, da parte daqueles que dizem: "Olha o Messias aqui, ou ali" (Mt 24,23). Aquele nosso inimigo era leão quando se enfurecia abertamente; agora é dragão quando ocultamente arma ciladas. Aquele, porém, ao qual foi dito: "Calcarás o leão e o dragão" (Sl 90,13), porque somos seu corpo e seus membros, como calcou aos pés o leão abertamente enfurecido, que arrastou os mártires aos tormentos, por meio dos pés de nossos pais, assim agora calque o dragão, para que não nos arme insídias. O Apóstolo nos acautela contra esse dragão, com as seguintes palavras: "Desposei-vos a um esposo único, a Cristo, a quem devo apresentar-vos como virgem pura. Receio, porém, que, como a serpente seduziu Eva por sua astúcia, vossos pensamentos se corrompam, desviando-se da castidade devida a Cristo Jesus" (2Cor 11,2.3). Esta serpente, portanto, o antigo adúltero, procura corromper a virgindade, não da carne, mas do coração. Como, porém, o adúltero se alegra em sua malícia, ao corromper a carne, assim o diabo se regozija ao corromper a mente. Como a nossos pais era necessária a paciência no combate contra o leão, assim precisamos da vigilância contra o dragão. No entanto, a perseguição, seja do leão, seja do dragão nunca cessa para a Igreja; e é mais temível quando engana do que quando se enfurece. Naquele tempo queria forçar os cristãos a negarem a Cristo; agora ensina os cristãos a negarem a Cristo; então coagia, agora ensina. Então introduzia violências; agora, insídias. Aparecia então furioso, agora mostra-se insinuante e dificilmente aparenta erro. É evidente como então coagia os cristãos a negarem a Cristo. Eram arrastados para negarem, mas como confessavam, eram coroados. Agora, porém, ensina a negar a Cristo; e por isso engana, porque aquele que é persuadido a negar a Cristo, de certo modo julga que não se aparta de Cristo. Agora o que se diz da parte dos hereges[1] ao cristão católico? Vem, torna-te

cristão. Eles dizem: Torna-te, para que perguntes: Então não sou? É muito diferente dizer: Vem, torna-te cristão, ou: Vem nega a Cristo. O mal às claras, o rugido do leão, ouve-se de longe, e de longe se tem cautela. O dragão insinuante, a serpente de bote oculto e que se arrasta de modo subreptício, sibilando astutamente, não diz: Nega a Cristo. Pois qual dos mártires coroados ouviria? Mas diz: Torna-te cristão. E ele, admirado com esta palavra, e não tendo ainda sido inoculado em si o veneno, responderá: de fato, eu sou cristão. Se, porém, fica abalado, e foi apanhado pelos dentes do dragão, responderá: Por que me dizes: Torna-te cristão? O que há então? Não sou cristão? E ele: Não. Portanto, não sou? Não. Então, faze-me cristão, se não sou. Vem. Mas ao começares a ser interrogado pelo bispo quem és, não digas: Sou cristão. Ou: Sou fiel. Mas dize que não és cristão, para poderes ser. Se declarares ser cristão e fiel, ele não ousará te rebatizar[2]. Se ouvir que não és cristão, dar-te-á o batismo, como se não o tivesses. Ele não poderá ser inculpado, porque agiu conforme a tua declaração. Eu te pergunto, ó herege, como te consideras isento de culpa? O que ouço através desta palavra? Que tu não negas, mas é ele quem nega? Se tem culpa aquele que nega, não a terá aquele que o induz a negar? Então serias sem culpa porque persuadindo fazes, sendo cristão, o que fazia o pagão com ameaças? E o que consegues? Acaso tiras o que ele tem, porque o negou? Não obténs que ele não tenha o batismo, e sim que tenha culpa. Se ele tem, tem. O batismo imprimiu-lhe um caráter, era ornamento do soldado, e convence o desertor. O que estás fazendo? Impões a Cristo sobre Cristo. Se fosses simples, não duplicarias a Cristo. Enfim, pergunto, tu te esqueceste de que Cristo é a pedra, e "a pedra que os construtores rejeitaram tornou-se a pedra angular" (Sl 117,22; Mt 21,42; 1Pd 2,4.7)? Se Cristo é a pedra, e queres pôr Cristo sobre Cristo, não te lembras do que ouviste no evangelho, que não ficará pedra sobre pedra (cf Mt 24,2)? Tanto vale, porém, a junção da caridade que, apesar de muitas pedras vivas se reunirem na estrutura do templo de Deus, de todas se faz uma só pedra. Tu, porém, te separaste; és retirado da edificação, e levado para a ruína. Abundam tais ciladas e não param. Vemos, toleramos, à medida do possível tentamos reprimir, disputando, convencendo, reunindo, ameaçando, não obstante amando sempre. E ao agirmos assim, eles perseveram no mal. Nosso coração desfalece diante da morte dos irmãos, quando lastima os que estão fora, teme por causa dos de dentro; no meio das angústias multiformes e incessantes tentações, de que abunda a vida presente, o que haveremos de fazer? Por causa da abundância da iniquidade, há certo torpor na caridade: "Pelo crescimento da iniquidade, o amor de muitos esfriará". E o que haveremos de fazer, senão o que segue, se o pudermos, com o auxílio de Deus: "Aquele, porém, que perseverar até o fim, esse será salvo" (Mt 24,12.13)?

2 [2.3] Portanto, digamos com o salmo: "No Senhor pus toda a minha esperança. Pus toda a minha esperança", não na promessa de um homem, que pode enganar e ser enganado, no consolo de um homem, que pode por sua tristeza mais desanimar-me do que estimular-me. Console-me o homem, meu irmão, ficando triste comigo; juntos gememos, juntos choremos, juntos rezemos, juntos suportemos; quem é ele, senão o "Senhor", que

não falha em sua promessa; apenas adia seu cumprimento? Cumprirá, de fato, cumprirá, porque já cumpriu muitas vezes. Nada devemos recear da fidelidade de Deus, embora ainda não tenha cumprido. Pensemos assim. Tudo prometeu, ainda não deu tudo; é idôneo para prometer, fiel para cumprir; tu apenas sejas um piedoso cobrador, embora pequenino, embora fraco. Exige a misericórdia. Não vês os carneirinhos baterem com a cabeça no úbere das mães, para se saciarem de leite? "No Senhor pus toda a minha esperança". E o que faz ele? Afasta-se de ti, despreza aquele que confia; ou ele não vê? Absolutamente não. Mas, então? "Atendeu-me e ouviu-me as preces". Atendeu e ouviu. Não foi em vão que esperaste. Os seus olhos repousam em ti, seus ouvidos estão atentos. "Os olhos do Senhor estão inclinados para os justos, e os ouvidos, atentos as suas preces" (Sl 33,16). Então, ele não via quando fazias o mal, quando blasfemavas contra ele? Não ouvia? Como se realiza então a palavra do mesmo salmo: "Mas a face do Senhor volta-se contra os malfeitores?" Para quê? "Para apagar da terra a sua lembrança" (Sl 33,17). Portanto, quando eras mau ele te ouvia, mas não te atendia. Por conseguinte, para este que no Senhor pôs toda a esperança foi pouco dizer: Ouviu-me, mas acrescentou: "Atendeu-me", isto é, consolando-me atendeu, da forma que me era proveitosa. Como atendeu? "E ouviu-me as preces".

3 [4] E o que te adiantou? O que te fez? "Retirou-me da fossa da miséria e do atoleiro. Firmou-me os pés sobre a rocha e dirigiu-me os passos. Pôs em minha boca um cântico novo, um hino a nosso Deus". Ele nos concedeu grandes bens, e ainda é devedor; mas já os recebeu, espere os restantes quem devia acreditar nele mesmo antes de receber alguma coisa. Os fatos convencem-nos de que nosso Senhor é fiel prometedor e generoso doador. O que fez agora? "Retirou-me da fossa da miséria". O que é a fossa da miséria? As profundezas da iniquidade, oriunda das concupiscências carnais. É o significado de "atoleiro". De onde ele te retirou? Das profundezas. Por isso clamavas em outro salmo: "Das profundezas clamei a ti, Senhor" (Sl 129,1). Aqueles que já clamam das profun-dezas, não estão inteiramente no fundo; o clamor já os levanta. Há alguns tão mergulhados nas profundezas que nem sentem que estão nas profundezas. Tais são os soberbos desprezadores, que não suplicam com piedade, nem clamam com lágrimas. São tais quais a Escritura os designa em outra passagem: "O pecador, ao atingir as profundezas do mal, despreza" (cf Pr 18,3). Aquele a quem não basta ser pecador, mas ainda em vez de confessar seus pecados os defende, mergulha mais fundo ainda. Aquele que clamou das profundezas, para clamar já levantou a cabeça do lugar mais fundo; foi ouvido, retirado da fossa da miséria, e do atoleiro. Já possui a fé que não tinha; recupera a esperança, anda com Cristo quem errava na companhia do diabo. Por isso, disse: "Firmou-me os pés sobre a rocha e dirigiu-me os passos. Essa rocha era Cristo" (1Cor 10,4). Estejamos sobre a rocha, e sejam dirigidos os nossos passos; ainda precisamos caminhar para chegarmos a determinado ponto. Pois, o que dizia o apóstolo Paulo, que já estava firmado sobre a pedra, e tinha dirigidos os seus passos? "Não que eu já o tenha alcançado, ou que já seja perfeito. Irmãos, eu não julgo que eu mesmo o tenha alcançado" (Fl 3,12.13). O que te foi dado, se não alcançaste? Por que dás graças, ao

dizeres: “Mas obtive misericórdia” (1Tm 1,16)? Porque seus passos já têm uma direção, porque já caminha sobre a rocha. E o que diz? “Uma só coisa faço: esquecendo-me do que fica para trás”… O que está para trás? A fossa da miséria. O que significa: para trás? O atoleiro, as concupiscências carnais, as trevas da iniquidade. “Esquecendo-me do que fica para trás, e avançando para o que está diante”. Não diria: avançando, se já tivesse chegado. O ânimo avança pelo desejo do bem cobiçado, e não pela alegria do que já conseguiu. “Avançando para o que está diante, prossigo para o alvo, para o prêmio da vocação do alto, que vem de Deus em Cristo Jesus” (Fl 3,13.14). Corria, prosseguia para obter a palma. E declara em outra passagem, já próximo de obter a palma: “Terminei a minha carreira” (2Tm 4,7). Por conseguinte, quando dizia: “Prossigo para o alvo, para o prêmio da vocação do alto” (Fl 3,14), seus passoa já estavam na direção certa, já estava no bom caminho; tinha de que dar graças, tinha o que pedir. Dava graças pelos dons recebidos, e pedia o que lhe era devido. Quais os dons recebidos? O perdão dos pecados, a iluminação da fé, o vigor da esperança, a chama da caridade. A respeito de que tinha ainda o Senhor como devedor? “Desde já me está reservada a coroa da justiça”. Portanto, alguma coisa ainda lhe era devida. O que lhe era devido? “A coroa da justiça, que me dará o Senhor, justo juiz, naquele dia” (2Tm 4,8). Primeiro, Deus era o pai benigno, que libertou da fossa da miséria, perdoou os pecados, livrou do atoleiro; depois será o justo juiz, que dará a quem viver bem o prometido, tendo anteriormente dado a graça para que ele bem vivesse. Retribuirá, portanto, o juiz justo; mas a quem? “Aquele, porém, que perseverar até o fim, esse será salvo” (Mt 10,22 e 24,13).

1 Pelos donatistas.

2 Por lei do Imperador era sujeito a penas reiterar o batismo (cod. Theod., lib. XVI, tit. *Ne sanctum baptisma interetur*).

4 “Pôs em minha boca um cântico novo”. Qual cântico novo? “Um hino a nosso Deus”. Cantavas talvez hinos aos deuses estrangeiros, velhos hinos, porque era o velho homem quem cantava, não o novo. Faça-se homem vivo, cante o cântico novo. Renovado, ame as coisas novas, que o renovam. Pois, o que há de mais antigo do que Deus, que existe antes de todas as coisas e é sem fim e sem início? Faz-se novo para ti, ao voltares, porque ao te afastares te havias feito velho, e dizias: “Envelheci em meio de todos os meus inimigos” (Sl 6,8). Cantamos, pois, um hino a nosso Deus, e ele nos liberta. “Com louvores, invocarei o Senhor e serei salvo de meus inimigos” (Sl 17,4). Hino é cântico de louvor. Invoca com louvores, não com censuras. Quando invocas a Deus a fim de que reprima teu inimigo, quando queres te alegrar por causa do mal alheio, e invocas a Deus em vista deste mal, queres que seja participante de tua malícia. Se o fazes participante da malícia, não o invocas com louvores, mas com censuras. Pensas que Deus é igual a ti. Por isto, te é dito em outra passagem: “Fizeste isto e calei; suspeitaste, devido à tua iniquidade, que sou semelhante a ti” (Sl 49,21). Por conseguinte, invoca o Senhor com louvores; não o consideres igual a ti, para te assemelhares a ele. “Portanto, deveis ser perfeitos como o vosso Pai celeste é perfeito, porque ele faz nascer o seu sol igualmente sobre maus e bons e cair a chuva sobre justos e injustos” (Mt 5,48.45). Louva pois, o

Senhor, sem querer mal a teus inimigos. E quantos bens hei de desejar a eles? Quantos desejas para ti mesmo. Não receberão do que é teu para serem bons, nem diminuirá o que é teu o que lhes é dado. Teu inimigo, porque é mau, é inimigo; faça-se bom e será amigo e companheiro. E já se tornará teu irmão, para que queiras possuir juntos o que amavas. Invoca, pois, com louvores, canta um hino a teu Deus. "O sacrifício de louvor me glorificará" (Sl 49,25). Como? Será maior a glória de Deus se o glorificas? Ou acrescentamos algo à glória de Deus quando lhe dizemos: Eu te glorifico, meu Deus? Ou o fazemos mais santo quando dizemos: Eu te bendigo, meu Deus? Ele, ao nos bendizer, torna-nos mais santos, faz-nos mais felizes; ao nos glorificar, torna-nos mais gloriosos, mais cobertos de honras; ao invés, quando o glorificamos, nós é que lucramos, não ele. Como, então, o glorificamos? Declarando-o glorioso, mas não fazendo-o. Por conseguinte, o que acontece ao dizer o salmista: "O sacrifício de louvor me glorificará" (49,25)? Ele te diz, para não pensares que prestas benefício a Deus, ao lhe ofereceres um sacrifício de louvor: "Este é o caminho onde lhe mostrarei a minha salvação" (Sl 49,25). Vês como é a ti que é proveitoso louvar a Deus, não a ele. Louvas a Deus? Andas pelo caminho. Censuras a Deus? Perdeste o caminho.

5 "Pôs em minha boca um cântico novo, um hino a nosso Deus". Talvez pergunte alguém quem fala neste salmo. Direi brevemente: é Cristo. Mas, como sabeis, irmãos, e devemos repetir muitas vezes, Cristo às vezes fala por si, isto é, enquanto nossa Cabeça. Ele é o Salvador do corpo, nossa Cabeça, Filho de Deus nascido da Virgem, que sofreu por nós, ressuscitou para nos justificar, está sentado à direita de Deus para interceder por nós, e que há de retribuir no juízo a todos os nossos atos, concedendo bens aos bons, males aos maus. Nossa Cabeça, dignou-se fazer-se cabeça do corpo, assumindo a carne de nossa natureza, segundo a qual morreria em nosso favor; ele também a ressucitou por nossa causa, para naquela carne oferecer-nos um exemplo de ressurreição. Assim aprenderíamos a esperar aquilo de que já havíamos perdido a esperança, e teríamos os pés firmados na rocha, andando em Cristo. Este fala, portanto, algumas vezes enquanto nossa Cabeça, fala por outras também em nosso lugar, isto é, em vez de seus membros. Quando disse: "Tive fome e me destes de comer" (Mt 25,35) falava em lugar de seus membros, não por si mesmo. E quando disse: "Saulo, Saulo, por que me persegues?" (At 9,4), a Cabeça clamava em lugar dos membros; contudo não perguntou: "Por que persegues os meus membros?" mas: "Por que me persegues?". Se ele padece em nós, também nós nele seremos coroados. Esta é a caridade de Cristo. O que lhe é comparável? Ele pôs em nossa boca este hino, e assim fala por seus membros.

6 "Os justos verão e hão de temer e esperar no Senhor. Verão os justos". Quais? Os fiéis, porque o justo vive da fé (cf Hab 2,4; Rm 1,17). Por isso, na Igreja existe esta ordem: uns precedem, outros seguem. Os que precedem dão exemplo aos que seguem; e os que seguem imitam seus antecessores. Mas aqueles que dão exemplo aos seguintes, não seguem a ninguém? Se a ninguém seguem, haverão de errar. Seguem, pois, a alguém, o próprio Cristo. Aos melhores na Igreja, que já não têm a quem imitar, porque superaram a todos em perfeição, resta-lhes Cristo, a quem devem seguir até o fim. Vedes

a ordem nas palavras do apóstolo Paulo: “Sede meus imitadores, como eu sou de Cristo” (1Cor 4,16). Aqueles, portanto, que já têm os passos firmes sobre a rocha, sejam o modelo dos fiéis. “Sê para os fiéis um modelo” (1Tm 4,12). Os fiéis são os justos que, atentos àqueles que os precedem no bem, seguem-nos imitando-os. Como seguem? “Os justos verão e hão de temer”. Verão e hão de ter medo de seguir caminhos errados, observando que os melhores já escolheram caminhos bons; e, como costumam falar os viajantes, notando que alguns vão pelo caminho com certa presunção, enquanto eles estão na incerteza e hesitantes por onde passar, dizem a si mesmos: Não há de ser inutilmente que passam por aqui aqueles que se encaminham para o mesmo lugar aonde vamos; e por que vão por aqui com tanta confiança, senão porque ir por lá deve ser prejudicial? “Verão os justos e hão de temer”. Verificam que por aqui o caminho é estreito, e por ali é largo; por aqui há poucos e muitos por lá (cf Mt 7,13.14). Mas se és justo, não contes, mas pese; usa uma balança fiel, não fraudulenta, porque és denominado justo: “Os justos verão e hão de temer”, foi dito a teu respeito. Não contes as turbas dos homens que avançam por largos caminhos, que amanhã encherão o circo, celebrando com clamores o aniversário da cidade, e no entanto, manchando a cidade com sua vida depravada. Não lhes dês atenção. São muitos e quem os calcula? Poucos, porém, os que vão pelo caminho estreito. Digo: Traze uma balança, pesa; contra uns poucos grãos vê quanta palha. Assim procedam os justos fiéis que seguem. E os que precedem? Não se ensoberbeçam, não se exaltem, não enganem os que os seguem. Como podem enganar os que os seguem? Prometendo-lhes por si mesmos a salvação. Como devem agir os que seguem? “Verão os justos e hão de temer e esperar no Senhor”, não nos que os precedem. Atentos àqueles que os precedem, seguirão de fato e imitarão, pensando de quem receberam seus antecessores, e no Senhor esperando. Apesar de imitá-los, põem a esperança naquele que lhes deu serem o que são. “Verão os justos e hão de temer e de esperar no Senhor”, conforme se encontra naquele salmo: “Ergui os olhos para os montes” (Sl 120,1). Entendemos por montes aqueles que na Igreja são espiritualmente grandes e ilustres, mas sua grandeza é sólida e não estremecida. Por eles a Escritura nos foi dispensada; são profetas, são evangelistas, são doutores excelentes. “Ergui os olhos para os montes; de onde me virá o auxílio” (Sl 120,1.2)? E a fim de não pensares em auxílio humano, acrescenta: “O meu auxílio está no Senhor, que fez o céu e a terra. Verão os justos e hão de temer e de esperar no Senhor”.

7 [5] Avante os que querem esperar no Senhor, os que veem e temem. Receiem andar por caminhos errados, estradas largas; escolham o caminho estreito, onde seus passos já estejam firmes sobre a rocha. Ouçam agora o que têm a fazer. “Feliz o homem que pôs no nome do Senhor a esperança e não olhou vaidades e enganosas loucuras”. Eis por onde querias ir, eis as multidões do caminho largo. Não é em vão que ele conduz ao anfiteatro, não é em vão que conduz à morte. O caminho largo é mortífero; a amplidão que possui deleita de modo transitório, mas seu fim angustiado é eterno. Mas as multidões fazem barulho, as multidões se apressam, as multidões se alegram, as multidões concorrem. Não imites, não mudes de direção; são vaidades e loucuras

mentirosas. Seja o Senhor teu Deus a tua esperança; não esperes outra coisa do Senhor teu Deus, mas o próprio Senhor seja a tua esperança. Pois muitos de Deus esperam dinheiro, muitos esperam de Deus honras caducas e passageiras, e outras coisas mais, exceto o próprio Deus. Mas tu pede o próprio Deus. Ainda mais. Desprezando as demais coisas, parte para junto dele; esquecendo-te das outras coisas, lembra-te dele. Deixando as outras para trás, avança para ele. Ele certamente corrige o errante, ele conduz pelo caminho reto, ele leva até o fim; portanto, seja ele a tua esperança, ele que conduz e leva até o fim. Por onde leva e para onde conduz a avareza terrena? Procuravas propriedades, desejavas possuir terras, excluías vizinhos. Afastados os primeiros, atacavas os outros. E tão longe levavas a avareza que chegavas ao litoral. Chegando ao litoral, desejas as ilhas; possuída a terra, talvez queiras apreender o céu. Abandona todos os amores; mais belo é aquele que fez o céu e a terra.

8 "Feliz o homem que pôs no nome do Senhor a esperança e não olhou vaidades e enganosas loucuras". Por que são loucuras enganosas? A loucura é enganosa, e a saúde veraz. Julgas boas as coisas visíveis; tu te enganas. Tua saúde não está boa. A febre alta te deixou frenético. É falso aquilo que amas. Elogias o auriga, aplaudes o auriga, enlouqueces por causa do auriga[1]. Vaidade, loucura enganosa! Respondes: Nada de melhor, de mais aprazível. O que fazer por este febricitante? Se tendes misericórdia, rezai por ele. Pois, o médico muitas vezes, já sem esperança, volta-se para os circunstantes que estão em lágrimas numa casa e que, em suspenso, querem ouvir o diagnóstico sobre o doente, em estado grave; o médico, cheio de dúvidas, não sabe o que prometer de bom, não quer pronunciar o pior para não assustar: emite então um parecer moderado: Deus é bom. Ele pode tudo. Rezai por ele. Qual destes loucos hei de apanhar? Quem me ouvirá? Qual deles não nos chamará de infelizes? Se não enlouquecemos com eles, pensam que estamos perdendo grandes e variados prazeres, que os tornam loucos. Não veem como são enganosos. Se ofereço um ovo, ou estendo ao doente uma bebida salutar, e ele recusa como conseguir que se refaça? Exorto a que tome a refeição para não desmaiar de fraqueza e recuperar a saúde. Cerra os punhos e procura bater no médico. Mesmo se bater, o doente seja amado; e se injuriar, não seja abandonado. Ao voltar à razão, há de agradecer. Aqui, quantos são os que se conhecem, veem-se mutuamente, e falam a respeito de si na Igreja de Deus. No grêmio da santa Igreja aplicam-se bem à palavra de Deus, aos deveres e serviços caridosos, não se afastam da igreja para frequentarem a Igreja de Cristo. Veem-se mutuamente e falam uns dos outros. Quem é este frequentador do circo? Quem este torcedor daquele caçador[2], daquele pantomimo? Fala de outro, e este de si mesmo. Certamente assim se dão os fatos, certamente alegramo-nos com eles. Se nos alegramos por causa deles, não percamos a esperança acerca deles. Oremos por eles, irmãos caríssimos; o número dos santos cresce com aqueles que eram do número dos ímpios. "E não olhou vaidades e enganosas loucuras". Aquele venceu, domou o cavalo, proclama-se vencedor, quase quer ser divinizado? Simula divindade, perdendo a fonte da divindade. Frequentemente o proclama, frequentemente se engana. Por quê? Porque são loucuras enganosas. Por que

razão algumas vezes acontece o que eles dizem? Para atrair os estultos que, amando a aparência de verdade incorram na laço da falsidade, voltem para trás, sejam abandonados, amputados. Se eram nossos membros, mortifiquem-se. Diz o Apóstolo: "Mortificai, pois, os vossos membros terrenos" (Cl 3,5). Seja nosso Deus a nossa esperança. Ele que fez todas as coisas é melhor do que todas; que criou as coisas belas é mais belo do que todas; que criou as coisas fortes, é o mais forte; que fez as coisas grandes é o maior de todas; será para ti tudo o que há de amável. Aprende a amar na criatura o criador, na obra o que a fez, para que não te prenda a criatura e percas aquele que te criou. Portanto: "Feliz o homem que pôs no nome do Senhor a esperança e não olhou vaidades e enganosas loucuras".

9 [6] Talvez nos diga aquele que, tocado por este versí-culo, quiser corrigir-se e tomado pelo temor da justiça da fé, começar a caminhar pelo caminho estreito, talvez nos diga: Não aguentarei andar, se nada vejo. O que faremos, irmãos? Despedi-lo-emos sem apresentar-lhe um espectáculo? Morrerá, não subsistirá, não nos seguirá. O que faremos? Demos um espectáculo em lugar dos outros espectáculos. E que espectáculo apresentaremos ao cristão que queremos afastar dos outros espectáculos? Graças ao Senhor nosso Deus; o versículo seguinte do salmo nos mostra o que devemos oferecer e exibir aos espectadores que queiram ver espectáculos. Eis que ele abandonou o circo, o teatro, o anfiteatro, e procura o que ver, procura absolutamente; não o deixamos sem espectáculo. Ouve a continuação do salmo. "Muitas são as maravilhas que fizeste, Senhor meu Deus". Olhava as maravilhas dos homens, dê atenção agora às maravilhas de Deus. Muitas são as maravilhas de Deus; contemple estas. Por que estão diminuídas para ele? Ele elogia o auriga que dirige quatro cavalos, os quais correm sem falha nem tropeço. Será que Deus não fez destes milagres espiritualmente? Domine a luxúria, domine a preguiça, domine a injustiça, domine a imprudência, estes movimentos que muito livres geram tais vícios. Domine e submeta a si, segure as rédeas e não será arrastado. Conduza para onde quiser, ao invés de ser arrastado para onde não quer. Louvava o auriga, será louvado o auriga; clamava que o auriga fosse revestido e será vestido de imortalidade. Deus proporciona estes dons, este espectáculo. Clama do céu: Eu vos observo; lutai, eu ajudarei; vencei, eu coroarei. "Muitas são as maravilhas que fizeste, Senhor meu Deus e não há quem te iguale em teus pensamentos". Agora olha o pantomimo. Aprendeu com muitos exercícios a andar na corda, e ficas admirado de vê-lo equilibrando-se. Observa o empresário de espectáculos mais elevados. Ele aprendeu a andar sobre a corda, acaso anda sobre as águas do mar? Esquece teu teatro, e presta atenção a nosso Pedro, não equilibrista sobre a corda, mas por assim dizer, sobre o mar. Anda também tu não sobre aquelas águas sobre as quais andou Pedro, como determinado sinal, mas sobre outras águas, as do mar deste século. Este mar encerra um amargor prejudicial, possui as ondas das tribulações, as tempestades das tentações; contém homens, quais peixes, contentes no meio de seus males e devorando-se mutuamente. Anda, calca aos pés. Queres assitir a um espectáculo, dá-te em espectáculo. Não desanimes, vê como o Apóstolo te precede e diz: "Fomos dados em espectáculo ao

mundo, aos anjos e aos homens" (1Cor 4,9). Pisa o mar, não mergulhes. Não irás, não calcarás, se não to ordenar aquele que antes de ti andou sobre o mar. Disse-lhe Pedro: "Se és tu, manda que eu vá ao teu encontro sobre as águas" (cf Mt 14,28). E como era o Senhor, ouviu o suplicante e atendeu o desejo; chamou-o para andar e reergueu-o quando afundava. O Senhor fez tais maravilhas. Olha-as. A fé te sirva de olho para contemplar. E faze também tu coisas semelhantes. Embora os ventos perturbem, os vagalhões se levantem enfurecidos, e a fragilidade humana te levar a dúvidas acerca de tua salvação, podes clamar: Senhor, estou perdido. Aquele que te mandou avançar não te deixa perecer. Já andas sobre a pedra; não receies fazê-lo sobre o mar. Se não tiveres a rocha, mergulharás no mar, porque devemos andar sobre uma rocha que não esteja imersa no mar.

10 Vede as maravilhas de Deus. "Eu as anunciei e narrei; multiplicaram-se acima de qualquer número". Há número e supernúmero. O número certo pertence à Jerusalém celeste. O Senhor conhece os que são dele (cf 2Tm 2,18.19) os cristãos tementes a Deus, os cristãos fiéis, os cristãos que observam os preceitos, que andam nos caminhos de Deus, abstém-se de pecados e caso cairem, confessam-se; estes pertencem ao número. Mas, acaso são os únicos? Existem também os supernumerários. Pois, embora atualmente sejam poucos, poucos em comparação das multidões maiores, quantos são os que enchem as igrejas, lotam o recinto, apertam-se, quase se sufocam, no entanto, alguns deles, se há espectáculo, correm para o anfiteatro; estes são supernumerários. Dizemos isto, para que entrem no número certo. Como não estão presentes, não nos ouvem. Mas, ao saírdes daqui, que eles ouçam isto de vossa boca. "Anunciei e narrei". Cristo disse. Anunciou enquanto nossa Cabeça, anunciou por meio de seus membros, enviou núncios, enviou apóstolos: "seu som, repercutiu por toda a terra, em todo o orbe as suas palavras" (Sl 18,5). Quantos fiéis se aglomeram, quantas turbas acorrem! Muitos verdadeiramente convertidos, muitos falsamente convertidos; e muito menos são os verdadeiros que os os falsos, porque "multiplicaram-se acima de qualquer número".

11 [7] "Eu os anunciei e narrei: multiplicaram-se acima de qualquer número. Não quiseste sacrifício nem oblação". Estes são os milagres de Deus, os pensamentos de Deus, aos quais nada se assemelha, a fim de que aquele espectador seja afastado da vã curiosidade, e conosco procure os bens melhores, mais frutuosos, de cuja posse ele se alegrará. Ele se regozijará sem receio de que seja vencido aquele que ele ama. Pois, se ele torce por determinado auriga e este é vencido, o torcedor é insultado. Mas, quando o auriga vence, ele é que é revestido. Acaso a distinção é para o pobre que o aclama? O vencedor é revestido, mas o torcedor é injuriado em lugar do vencido. Por que recebes afrontas em lugar daquele com o qual não partilhas a veste? Acontece de modo muito diferente em nossos espetáculos. Diz o apóstolo Paulo: "Correm todos", naquele estádio, durante o espetáculo, "mas um só ganha o prêmio" (1Cor 9,24); os demais se afastam, vencidos. No entanto, perseveraram na corrida; mas tendo um recebido o prêmio, ficam sem ele os outros que igualmente se esforçaram. Conosco não acontece assim. Todos os que correm, corram com perseverança, porque todos recebem; o que chegou primeiro espera

ser coroado com os que vêm depois. Não é a ambição, mas a caridade que realiza este combate; todos os corredores se amam, e este amor é que constitui a corrida.

12 "Não quiseste sacrifício nem oblação", diz o salmo a Deus. Os antigos, quando ainda era prenunciado em figuras o verdadeiro sacrifício que os fiéis conhecem, celebravam as figuras da futura realidade; muitos estavam cientes, mas a maioria o ignorava. Pois, os profetas e os santos pratriarcas sabiam o que celebravam; os restantes, porém, a multidão iníqua era de tal modo carnal que dela se faria uma figura do que viria no futuro; e veio a realidade, tendo sido abolidos os sacrifícios primitivos, abolidos os holocaustos de carneiros, bodes, novilhos e demais vítimas; Deus não as quis mais. E por que razão não as quis mais? Por que as quis anteriormente? Porque todas elas eram como que palavras de uma promessa; e a promessa, quando chega o que foi prometido, já não se formula. Alguém é prometedor até que dê; quando tiver dado, muda o vocábulo. Não diz mais: Darei, aquilo que dizia haver de dar; mas fala: Dei. Mudou a palavra. Porque de início aprouve-lhe esta palavra, e por que motivo a mudou? Porque era palavra oportuna, e em seu tempo era aprazível. Quando se prometia, então, era proferida; ao ser concedido o que foi prometido, omitiram-se as palavras promissórias, e falou-se de realização. Aqueles sacrifícios, portanto, enquanto palavras promissórias foram abolidos. O que foi dado, no cumprimento da promessa? O corpo que conheceis, que nem todos conhecem[3]. E oxalá que alguns de vós que o conheceis, não o conheçam para a própria condenação. Vede quando foi dito; pois Cristo é nosso Senhor, que ora fala em vez de seus membros, ora fala em seu próprio nome. Ele diz: "Não quiseste sacrifício nem oblação". E então? Nós agora ficamos na carência de um sacrifício? De modo nenhum. "Mas preparaste-me um corpo". Por conseguinte, não quiseste os primeiros sacrifícios para realizares este; quiseste aqueles antes de cumprires este. A consumação da promessa aboliu as palavras promissórias. Pois, se ainda vigoram as promissórias, ainda não se cumpriu o que foi prometido. A realidade era prometida por determinados sinais; foram abolidos os sinais promissórios porque apresentou-se a realidade prometida. Estamos neste corpo, sabemos o que recebemos; somos membros deste corpo. E vós que não sabeis, haveis de conhecer; e depois de saberdes, oxalá não o recebais para vossa condenação. "Pois, quem comer do pão ou beber do cálice indignamente, come e bebe a própria condenação" (1Cor 11,27.29). O corpo para nós é coisa bem acabada; aperfeiçoemo-nos também nós, inseridos neste corpo.

13 [8] "Não quiseste sacrifício nem oblação, mas preparaste-me um corpo. Não pediste holocausto nem vítima pelo pecado. Disse eu então: Eis que venho". Talvez se deva explicar assim: "Não quiseste sacrifício nem oblação, mas preparaste-me um corpo? Não pediste holocausto nem vítima pelo pecado", mas anteriormente os pedias. "Então disse eu: Eis que venho". Chegou o tempo da realização das promessas, e da abolição das figuras que as anunciavam. De fato, meus irmãos, verificai como as figuras foram abolidas e as promessas cumpridas. Apresente-me agora o povo hebraico um sacerdote seu. Onde estão os seus sacrifícios? Certamente terminaram, certamente agora foram abolidos. Então outrora os reprovávamos? É agora que os rejeitemos. Porque se os

quiseres fazer agora, estão fora do tempo, não são oportunos, não convêm. Queres ainda prometer o que já recebi. Restou ao povo judaico alguma coisa que podem celebrar, para não ficarem inteiramente sem sinal. Pois, Caim era o irmão mais velho, que matou o irmão menor. Ele recebeu um sinal para que ninguém o matasse, conforme se acha escrito no Gênesis: "E o Senhor colocou um sinal sobre Caim, a fim de que não fosse morto" (Gn 4,15). Por conseguinte, também o povo judaico subsiste. Todas as gentes sujeitas ao império romano seguiam as leis romanas e suas superstições; depois, pela graça de nosso Senhor Jesus Cristo começaram a se separar delas. O povo judaico, continua com o seu sinal, com o sinal da circuncisão, com o sinal dos pães ázimos. Caim não foi morto. Não foi morto porque tem um sinal. Foi amaldiçoado pela terra, que abriu a boca para receber o sangue de seu irmão, que suas mãos derramaram. O povo judaico pois, derramou o sangue, não o recebeu. Ele o derramou, outra terra o recebeu. E foi maldito pela terra que recebeu o sangue em sua boca, e a terra que o recebeu é a Igreja. Por esta, portanto, foi amaldiçoado. E aquele sangue clama da terra por Deus. Desta terra disse o Senhor: "Ouço o sangue de teu irmão, do solo, clamar para mim" (Gn 4,10). Da terra clama a mim. Clama ao Senhor; mas o que derramou o sangue é surdo, porque não bebeu. Eles são, portanto, como Caim marcado com o sinal. Os sacrifícios que faziam foram abolidos; e o que lhes restou, semelhante ao sinal de Caim, já está terminado, e eles não o sabem. Matam o cordeiro, comem os pães ázimos. "Pois nossa Páscoa, Cristo, foi imolado" (1Cor 5,7). Reconheço o cordeiro imolado, porque Cristo foi imolado. E quanto aos ázimos? "Celebremos, portanto, a festa, não com o velho fermento, nem com fermento de malícia e perversidade" (explica o que é velho, a farinha fermentada), "mas com pães ázimos: na pureza e na verdade" (1Cor 5,8). Permaneceram nas sombras, não suportam a claridade do sol; nós já estamos na luz, possuímos o corpo de Cristo, temos o sangue de Cristo. Se temos uma vida nova, cantemos um cântico novo, um hino a nosso Deus. "Não pediste holocausto nem vítima pelo pecado. Disse eu então: Eis que venho".

14 [9] "No começo do livro de mim está escrito que faça a tua vontade. Meu Deus, eu o quis e a tua lei está no fundo de meu coração". Cristo levou em consideração os seus membros, e fez a vontade do Pai. Mas em que livro, no início, está escrito a respeito dele? Talvez no início deste livro dos salmos. Por que haveremos de ir mais longe, ou procurar outros livros? Acha-se escrito no início deste livro dos salmos: "Feliz o homem que não entrou no conselho dos ímpios, não se deteve no caminho dos pecadores, nem se sentou em cátedra pestífera. Mas aderiu à lei do Senhor; o mesmo que quer dizer: Meu Deus, eu o quis e a tua lei está no fundo de meu coração"; quer dizer também: "e dia e noite a meditará" (Sl 1,1.2).

15 [10] "Anunciei a tua justiça na grande igreja". Ele fala a seus membros, exortando-os a fazerem o mesmo que ele fez. Ele anunciou; anunciemos nós também. Padeceu; padeçamos com ele. Foi glorificado; seremos com ele glorificados. "Anunciei a tua justiça na grande igreja". Qual o seu tamanho? Ocupa a terra inteira. Qual a sua extensão? Por todos os povos. Por que se estende a todos os povos? Porque é a descendência de

Abraão, no qual são abençoadas todas as gentes. Por que entre todas as gentes? Porque seu som se espalhou por toda a terra (cf. Gn 12,13.18; Sl 18,5). "Na grande igreja. Não cerrei os lábios, bem o sabes, Senhor". Falam meus lábios. Não os cerro. As palavras de meus lábios ressoem aos ouvidos dos homens; mas tu conheces o meu coração. "Não cerrei os lábios, bem o sabes, Senhor". Uma coisa é o que ouve o homem, outra o que Deus conhece. Não sejam apenas nossos lábios a anunciarem, para que não digam a nosso respeito: "Observai quanto vos disserem. Mas não imiteis as suas ações" (Mt 23,3). Ou se diga ao povo que louva com a boca, não com o coração, a Deus: "Este povo me glorifica com os lábios, mas o seu coração está longe de mim" (Is 29,13). Ressoe o anúncio em teus lábios; aproxima-te de coração. "Pois quem crê de coração obtém a justiça, e quem confessa com a boca, a salvação" (Rm 10,10). Assim sucedeu àquele ladrão, crucificado com o Senhor, e que na cruz o reconheceu. Outros o desconheceram enquanto fazia milagres, e ele o conheceu quando crucificado. Tinha todos os membros presos: as mãos atravessadas pelos cravos, os pés traspassados, todo o corpo aderente ao madeiro. Aquele corpo carecia do uso de todos os membros, exceto da língua e do coração. Creu com o coração, confessou com a boca. Senhor, disse ele, "lembra-te de mim, quando vieres com teu reino" (Lc 23,43). Esperava a sua salvação num tempo longínquo, e se contentava com recebê-la após longa demora. Esperava que demorasse, e não passou de um dia. Ele disse: "Lembra-te de mim, quando vieres com teu reino". E o Senhor respondeu: "Em verdade, eu te digo, hoje estarás comigo no paraíso (Lc 23,43). Hoje", disse ele, "estarás comigo no paraíso". O paraíso possui felizes madeiros: hoje comigo no madeiro da cruz, amanhã comigo no lenho da salvação.

16 "Não cerrei os lábios, bem o sabes, Senhor". Não acredite somente no coração e de medo cerre os lábios para não anunciar aquilo que acreditou. Pois, existem cristãos que têm a fé no coração; se pagãos amargurados, sem educação, sórdidos, infiéis, ineptos, injuriadores começarem a atacá-los por serem cristãos, mantêm a fé no coração, mas receiam confessá-la pelos lábios; cerram os lábios para não dizerem o que sabem, não falarem o que eles têm no seu íntimo. Mas o Senhor os censura: "Aquele que se envergonhar de mim diante dos homens, também me envergonharei dele diante de meu Pai" (cf Mc 8,38), isto é, não o reconhecerei. Como se envergonhou de me confessar diante dos homens, não o reconhecerei diante de meu Pai. Digam, portanto, os lábios o que guarda o coração, combatendo o medo. Guarde o coração o que os lábios proferem, combatendo a simulação. Por vezes, sentes temor e não ousas proferir o que sabes e crês: outras vezes, empregas simulação e falas o que não tens no coração. Estejam de acordo teus lábios e teu coração. Se pedes a paz a Deus, sê pacato para contigo mesmo; não haja discórdia entre tua boca e teu coração. "Não cerrei os lábios, bem o sabes, Senhor". Como agiu o salmista? E o que conheceu o Senhor? O íntimo do coração, onde o homem não vê. Por isso diz o salmista: "Acreditei". Eis que o coração já possui, já tem o que Deus há de ver; que o salmista não cerre os lábios. Não os fecha, pois o que diz? "Por isso falei". E como falou aquilo que acreditou, procurando a retribuição por tudo aquilo que o Senhor lhe deu em paga, acrescentou: "Tomarei o cálice da salvação, e invocarei o nome do Senhor" (Sl 115,13). Não ficou horrorizado ao lhe perguntar o

Senhor: “Podeis beber o cálice que estou para beber” (Mt 20,22)? Confessou com os lábios o que tinha no coração, e chegou à paixão. E por que sofreu a paixão, em que o inimigo o prejudicou? Na verdade, “preciosa na presença do Senhor é a morte de seus justos” (Sl 115,15). Hoje nos serve de conforto a morte que lhes infligiram os pagãos enfurecidos. Celebramos o dia natalício dos mártires, propondo-nos a imitação de seus exemplos. Observamos com atenção sua fé, como foram encontrados, como foram arrastados e como compareceram diante dos juízes. Na Igreja católica, preservados de qualquer simulação, agregados na unidade, confessaram a Cristo. Ambicionaram seguir, na qualidade de membros, a Cabeça que os precedera. Mas quais foram os que o desejaram? Os que foram pacientes no meio dos tormentos, fiéis na confissão, verdadeiros nas palavras. Lançavam as setas de Deus na boca dos que os interrogavam, e feriam-nos até irritá-los. Muitos feriram também para a salvação deles. Tudo isso nos propomos, tudo isso contemplamos e queremos imitar. São esses os espetáculos cristãos. Deus os contempla do alto, exorta-nos e ajuda-nos a agir de igual modo. Oferece e concede prêmios a estes certames. “Não cerrei os lábios”. Cuida de não teres medo, nem fechares a boca. “Bem o sabes, Senhor”, que tenho no coração o que os lábios proferem.

17 [11] “Não escondi a minha justiça no meu coração”. O que significa: “a minha justiça”? Minha fé; porque o justo vive da fé (cf Hab 2,4; Rm 1,17). Imagina o perseguidor interrogando com a ameaça de castigo, o que às vezes lhe era lícito: És pagão ou cristão? Cristão. Esta é a sua justiça; acreditou, viveu da fé. Não escondeu sua justiça no coração. Não disse a si mesmo: Efetivamente, creio em Cristo, mas não direi a este perseguidor irritado e ameaçador que creio. Meu Deus sabe que no íntimo do coração eu creio, que a ele não renuncio. Isto é o que dizes ter intimamente no coração; mas e nos lábios? Não sou cristão? Teus lábios proferem testemunho contra teu coração. “Não escondi a minha justiça no meu coração”.

1 Aquele que no circo dirigia e animava os cavalos atrelados ao carro chamava-se auriga. Cf. Concil. Arelat. I, can.4, et II can. 20.

2 Caçador aqui é aquele que na arena lutava com as feras.

3 Esta fórmula designa os catecúmenos presentes.

18 “Proclamei a tua verdade e a tua salvação”. Anunciei o teu Cristo. Tal o significado da frase: “Proclamei a tua verdade e a tua salvação”. Por que dizer que Cristo é a verdade? “Eu sou a verdade” (Jo 14,6). E como Cristo é salvação? Simeão reconheceu o menino nas mãos de sua mãe no templo, e disse: “Por que meus olhos viram a tua salvação” (Lc 2,30). O ancião reconheceu o menino, tornou-se criança com o menino, renovou-se pela fé. Assim falou porque recebera uma promessa. O Senhor lhe dissera que não deixaria esta vida antes de ver a salvação de Deus. É bom mostrar aos homens esta salvação de Deus. Mas que eles clamem: “Mostra-nos, Senhor, a tua misericórdia, e concede-nos a tua salvação” (Sl 84,8). A salvação de Deus, porém, atinge todos os povos, pois tendo dito em certa passagem: “Deus se compadeça de nós e nos abençoe.

Faça luzir sobre nós o brilho de sua face, para que conheçamos na terra o teu caminho", acrescentou: "Em todos os povos a tua salvação" (Sl 66,2.3). Parece que alguém lhe pergunta: Qual é o caminho que queres conhecer? Os homens procuram o caminho. Por acaso o caminho vem ao encontro dos homens? Nosso caminho veio aos homens. Encontrou alguns errando e chamou os que andavam fora dele. E lhes disse: Anda por mim e não desviarás: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida" (Jo 14,6). Não digas: Onde está o caminho de Deus? A que região devo ir? Que montes subir? Que campos procurar? Procuras o caminho de Deus? A salvação de Deus é o seu caminho, e está em toda a parte, porque a "tua salvação encontra-se em todos os povos" (Sl 66,3). "Proclamei a tua verdade e a tua salvação".

19 "Não ocultei a tua misericórdia e a tua verdade à grande assembleia". Neste corpo estejamos também nós, sejamos do número de seus membros, manifestando a misericórdia do Senhor e sua verdade. Queres ouvir como é a misericórdia do Senhor? Afasta-te do pecado e ele te perdoará. Queres saber como é a sua verdade? Persevera na justiça, e ela será coroada. Agora, pois, sua misericórdia te é anunciada, depois se revelará a verdade. Deus não é misericordioso e injusto ao mesmo tempo; nem justo sem ser misericordioso. Parece-te coisa pequena a misericórdia? Ele não te imputará os males anteriores; viveste mal até hoje, ainda vives deste modo. Começa a viver bem hoje e esta misericórdia se mostrará. Se tal é a misericórdia, qual é a verdade? "Serão reunidos diante dele os homens de todas as nações, e ele os separará como o pastor separa as ovelhas dos cabritos; porá as ovelhas à direita, e os cabritos à esquerda". O que dirá às ovelhas? "Vinde, benditos de meu Pai, recebei o reino preparado para vós". E aos cabritos? "Ide para o fogo eterno" (Mt 25,32.34.41). Ali não há lugar para a penitência. Desprezaste a misericórdia de Deus, experimentarás a sua verdade. Se, porém, não desprezaste a misericórdia, alegrar-te-ás com a verdade.

20 [12.13] "Mas tu, Senhor, não afastes de mim as tuas misericórdias". Considerou o salmista os membros feridos. Não escondi a tua misericórdia e a tua vontade à grande assembleia, à Igreja que mantém a unidade, em todo o orbe da terra. Atende aos membros doentes, atende aos delinquentes e pecadores, e não afastes deles as tuas misericórdias. "A tua misericórdia e a tua verdade sempre me sustentaram". Não ousaria converter-me, se não estivesse seguro do perdão; não aguentaria perseverar, se não estivesse certo acerca da promessa. "A tua misericórdia e a tua verdade sempre me sustentaram". Considero que és bom, considero que és justo; amo aquele que é bom e temo aquele que é justo. O amor e o temor me conduzem, porque "a tua misericórdia e a tua verdade sempre me sustentaram". Por que elas sustentam e não devo delas apartar os olhos? "Porque males inumeráveis me cercaram". Quem pode contar os pecados? Quem é capaz de enumerar as iniquidades alheias e próprias? Debaixo deste peso gemia aquele que dizia: "Purifica-me, Senhor, de meus pecados ocultos. E dos alheios, poupa teu servo" (Sl 18, 13.14). Os nossos eram pequenos, mas impostos nos foram os alheios. Receio por mim, receio por um bom irmão, suporto um mau; e sob tal peso o que nos acontecerá se cessar a misericórdia de Deus? "Mas tu, Senhor, não te afastes"; fica bem

perto. De quem o Senhor está próximo? Daqueles que têm o coração contrito (cf Sl 33,19). Está longe dos soberbos e próximo dos humildes. Pois, o Senhor é excelso, mas olha os humildes (Sl 137,6). Não pensem, contudo, os soberbos que se escondem dele; quem está no alto vê longe. Ele conhecia de longe o fariseu orgulhoso, e socorria de perto ao publicano que confessava seus pecados (cf. Lc 18,11). O primeiro se gabava de seus méritos e encobria suas feridas; o segundo não se gabava, mas mostrava seus ferimentos. Procurara o médico porque sabia que estava doente, e que havia de ser curado; não ousava levantar os olhos aos céus e batia no peito. Não se poupava, para que Deus o poupasse; reconhecia quem era para que Deus o perdoasse; castigava-se, para que ele o libertasse. Desta espécie são aqui as palavras do salmo. Ouçamo-las piedosamente, e piedosamente as amemos. Digamos de coração, de boca, com todo o nosso ser. Ninguém se considere justo. Vive quem fala; vive, e oxalá viva, de fato! Vive ainda na terra, mas convive com a morte. Se o espírito vive por causa da justiça, o corpo, no entanto, está morto por causa do pecado (Rm 8,10). "Um corpo corruptível pesa sobre a alma e – tenda de argila – oprime a mente pensativa" (Sb 9,15). A ti compete clamar, gemer, confessar, não te exaltar, não te gabar, não te gloriar de teus méritos; porque se tens alguma coisa que te alegre, o que é que não recebeste? "Porque males inumeráveis me cercaram".

21 "Minhas iniquidades me dominaram e tolheram-me a vista". Temos algo a ver; o que impede a visão? Não será a iniquidade? Talvez apareceu um tumor sobre teu olho, impedindo-te de ver a luz, ou mesmo a fumaça, a poeira, ou qualquer coisa que nele entrou; e não podias abrir os olhos feridos para ver a luz; como, então, erguerás para Deus um coração ferido? Não é preciso primeiro curá-lo para veres? Não serás soberbo se disseres: Que eu veja primeiro, depois acredito? Quem diz isto? Quem é que quer ver e diz: Que eu veja primeiro, e depois acreditarei? Vou mostrar-te a luz, ou antes, a própria luz quer se mostrar. A quem? Não é possível a um cego, porque ele não vê. Por que não vê? Porque tem a visão impedida em consequência de muitos pecados. Como é que fala? "Minhas iniquidades me dominaram e tolheram-me a vista". Retirem-se as iniquidades, sejam perdoados os pecados, afaste-se o que torna as pálpebras pesadas, cure-se a ferida, empregue-se como colírio o preceito amargo. Em primeiro lugar, cumpre o que te é ordenado: cura o coração, purifica-o, ama o teu inimigo (Mt 5,44; Lc 6,27.35). E quem ama o seu inimigo? É isto o que prescreve o médico: remédio amargo, mas salutar. O que te farei? Diz o médico, és incomodado, para que te cures. E diz mais ainda: Depois de curado, não te será pesado, e amarás o inimigo com gosto. Emprega todos os esforços para sarares. Sê forte nas tribulações, nas angústias, nas tentações. Persiste. É mão de médico, não de ladrão. Diz o doente: Atendi ao preceito, mantive a fé, e antes, conforme ordenas, tratarei de meu coração. Com o coração curado e purificado, o que verei? "Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus" (Mt 5,8). Deste modo, responde ele, não posso. "Minhas iniquidades me dominaram e tolheram-me a vista".

22 "Fizeram-se mais numerosas que os cabelos de minha cabeça". Refere-se aos cabelos

da cabeça para significar um grande número. Quem pode contar os cabelos da cabeça? Muito menos os pecados que superam o número dos cabelos. Parecem pequenos, mas são muitos. Tu te precaveste dos pecados graves; já não cometes adultério, já não praticas o homicídio, não roubas os bens alheios, não blasfemas, não levantas falso testemunho; estes pecados constituem a massa volumosa. Tu te acautelas dos pecados graves, mas como ages relativamente aos leves? Não os temes? Derrubaste a parte volumosa; cuidado para não ficares sepultado sob os escombros. "Fizeram-se mais numerosos que os cabelos de minha cabeça".

23 [13.14] "Desfaleceu-me o coração". Por que admirar se teu coração foi abandonado por teu Deus, se descuida de si mesmo? O que significa: "Desfaleceu-me o coração"? Meu coração não é capaz de conhecer-se a si mesmo. "Desfaleceu-me o coração", quer dizer: Quero ver o Senhor através de meu coração e não posso, por causa da quantidade de meus pecados; ainda não é tudo: meu coração nem a si mesmo compreende. Pois ninguém se compreende, ninguém presuma de si mesmo. Acaso Pedro compreendeu o próprio coração, por ele mesmo, quando disse: "Mesmo que tivesse de morrer contigo…" (Mt 26,35)? Em seu coração havia falsa presunção, em seu coração escondia-se verdadeiro medo; e seu coração não era capaz de conhecer-se a si mesmo. Ao doente estava oculto o que havia no coração, mas para o médico era evidente. Realizou-se o que este predisse, Deus conhecia nele o que ele mesmo desconhecia, porque desfalecera o seu coração, e o coração não se conhecia. "Desfaleceu-me o coração". E então? Como clamaremos? O que diremos? "Apraza-te, Senhor, livrar-me". De certo modo, é como se dissesse: "Senhor, se queres tens poder para purificar-me" (Mt 8,2); "Apraza-te, Senhor, livrar-me; olha-me para me socorrer". Membros penitentes, membros doloridos, membros que gritam sob os ferros do médico, mas que esperam. "Senhor, olha-me para socorrer".

24 [15] "Confundam-se e envergonhem-se juntos os que procuram tirar-me a vida". Em certa passagem, o salmista acusa: "Olhava à direita e examinava, e não havia quem cuidasse de minha vida" (Sl 141,5), isto é, não havia quem me imitasse. Fala Cristo, na paixão; ele olhava à direita, isto é, não para os ímpios judeus, mas à própria direita, para os apóstolos: "E não havia quem cuidasse de minha vida". A tal ponto não houve quem procurasse a minha vida que aquele que presumira, a negou (cf Mt 26,70). Mas como existem duas maneiras de procurar alguém, uma com amizade e outra no intuito de perseguição, aqui trata dos segundos, que quer sejam confundidos e envergonhados por procurarem a sua vida. Mas, para que não se entenda assim, como se queixa de alguns que não cuidam de sua vida "para tirá-la" (isto é, procuram para matar-me), acrescentou: "Confundam-se e envergonhem-se". Efetivamente, muitos procuraram a sua vida, e ficaram confundidos e envergonhados; procuraram a sua vida, e conforme lhes pareceu conveniente, tiraram-lhe a vida; mas ele tinha o poder de dar a sua vida, e poder de recuperá-la (cf Jo 10,18). Portanto, aqueles que se alegraram quando ele morreu, ficaram confusos em sua ressurreição. "Confundam-se e envergonhem-se juntos os que procuram tirar-me a vida".

25 “Retrocedam e corem de vergonha os que me desejam males. Retrocedam.” Não tomemos isto em pior sentido. Ele está desejando o bem para eles. Pois trata-se da voz daquele que disse na cruz: “Pai, perdoa-lhes: não sabem o que fazem” (Lc 23,34). Por que, então, lhes diz que retrocedam? Porque os que antes eram soberbos a ponto de terem de retroceder, fizeram-se humildes para ressurgirem. Quando estão na frente, querem preceder o Senhor, ser melhores do que ele; se, porém, vão para trás, reconhecem-no por melhor, por superior a si, de sorte que ele precede e eles vão atrás. Por esta razão, o Senhor censura a Pedro que lhe deu um mau conselho. O Senhor estava para sofrer a paixão por causa de nossa salvação, e anunciava de antemão o que sucederia na própria paixão, mas Pedro lhe disse: “Deus não o permita, Senhor! Isto jamais te acontecerá!” (Mt 16,22.23). Queria ir à frente do Senhor e dar conselhos ao mestre. O Senhor, porém, lhe respondeu, para não deixá-lo ir à frente, mas fazê-lo seu seguidor: “Arreda-te de mim, Satanás!” (Mt 16,23). Satanás, por quereres ir à frente daquele que devias seguir; se ficares para trás e seguires, já não serás satanás. Será o que, então? “Sobre esta pedra edificarei minha Igreja” (Mt 16,18).

26 [16.17] “Retrocedam e corem de vergonha os que me desejam males”. São malévolos os que apesar de bendizerem, quanto ao que têm no coração, maldizem. Se disseres a alguém: Faze-te cristão. Tu, sim, sê cristão. Aconselhou uma coisa boa, mas não lhe é imputado o que disse, e sim com que ânimo o proferiu, aconteceu aos judeus, por causa do cego de nascimento que passou a ver. Quando eles o enchiam de insultos e o pressionavam, o cego perguntou-lhes: “Por acaso, quereis tornar-vos seus discípulos?” E injuriaram-no. Assim se exprime o evangelista. “Maldisseram-no dizendo: Tu, sim, sê seu discípulo” (cf Jo 9,27.28). Eles maldisseram, mas o Senhor abençoou; fez ao curado aquilo que os judeus lhe disseram, e retribuiu a estes conforme sua maldição. “Retrocedam e corem de vergonha os que me desejam males”. Existem outros malvados que desejam o bem; destes também devemos precaver-nos. Como os primeiros maldiziam, desejando-nos o bem, mas com intenção má, assim muitos outros nos desejam o mal, com bom ânimo. O que digo é o seguinte: Quem te disser: Tu, sim, torna-te cristão, deseja-te um bem, mas com má vontade; se outro te disser: Ninguém é melhor do que tu, quando estás praticando o mal (porque o pecador se gloria nos desejos de sua alma e o iníquo se bendiz: Sl 9,24), louvando-te, deseja-te o mal. Como o primeiro, ao te maldizer, desejava-te um bem, assim o segundo profere o mal contra ti, ao te bendizer. Foge de ambas as espécies de inimigo; acautela-te de um e de outro. O primeiro se enfurece, o segundo acaricia; ambos são maus. Um é iracundo, o outro te louva com fingimento. O primeiro censura, o segundo elogia; mas tanto um é inimigo com suas censuras quanto o outro é fingido com seus elogios. Acautela-te de ambos, reza em oposição a um e outro. O salmista, ao orar: “Retrocedam e corem de vergonha os que me desejam males”, estava pensando em outra espécie mentirosamente malévola, e falsamente benévola: “Sofram logo confusão os que me dizem: Muito bem, muito bem”. Elogiam com falsidade: Grande homem, bom, literato, douto; mas por que é cristão (cf Tert. Apol. 3,1)? Louvam os feitos que não queres sejam louvados, e censuram aquilo

que faz a tua alegria. Mas se acaso dizes: Por que razão me louvas, ó homem, porque sou bom, sou justo? Se me julgas assim, foi Cristo que me fez tal; louva-o. E ele responde: De modo algum; não te injuriei, pois tu mesmo te fizeste assim. “Sejam confundidos os que me dizem: Muito bem, muito bem”. E como continua? “Exultem e se rejubilem em ti todos os que te procuram, Senhor”. Não me procuram, mas te procuram. Não a mim, eles dizem: Muito bem, muito bem. Mas eles veem que em ti me glorio, se tenho alguma coisa de que me gloriar. Aquele que se gloria, glorie-se no Senhor (cf 1Cor 1,31). “Exultem e se rejubilem em ti todos os que te procuram, Senhor, e digam sempre: Glorificado seja o Senhor”. Embora de pecador se torne justo, glorifica aquele que justifica o ímpio (cf Rm 4,5). Seja, portanto, pecador; louve aquele que chama ao perdão. Se já caminha na via da justiça, louve quem chama à coroa. “Glorificado seja sempre o Senhor”, por aqueles “que amam a tua salvação”.

27 [18] “Quanto a mim”, a quem desejavam males. “Quanto a mim”, cuja vida procuravam tirar. Mas, volta-te para outra espécie de homens. “Quanto a mim”, a quem diziam: Muito bem, muito bem, “sou desvalido e pobre”. Não há o que elogiar em mim. O Senhor rasgue o meu saco e me cubra com sua veste. “Eu vivo, mas já não sou eu que vivo, pois é Cristo que vive em mim” (Gl 2,20). Se Cristo vive em ti, e todo o bem que tens é de Cristo, tudo o que terás é de Cristo. Por ti mesmo, o que és? “Quanto a mim sou desvalido e pobre”. Não sou rico, porque não sou soberbo. Era rico aquele que dizia: “Ó Deus, eu te dou graças porque não sou como o resto dos homens”. O publicano era pobre, pois dizia: “Senhor, tem piedade de mim, pecador” (Lc 18,11.13). O primeiro arrotava, por causa da saciedade, o segundo chorava de fome. “Quanto a mim sou desvalido e pobre”. E o que hás de fazer, ó desvalido e pobre? Mendiga diante da porta de Deus; bate e abrir-se-á. “Quanto a mim sou desvalido e pobre, mas o Senhor cuidará de mim. Lança sobre o Senhor os teus cuidados, espera nele e ele agirá” (Sl 54,23). Por que hás de te preocupar contigo? De que te proverás? Cuide de ti o teu criador. Ele que antes de existires cuidou de ti, como não cuidará quando já és aquilo que ele quis que fosses? Já és fiel, já andas no caminho da justiça. Não cuidará de ti aquele que faz o seu sol se levantar sobre bons e maus, e chover sobre justos e injustos (cf Mt 5,45)? Agora que já és justo e vives da fé (cf Rm 1,17), há de negligenciar, abandonar, deixar? Ao contrário, favorece, ajuda, dá o necessário, corta o que é prejudicial. Se dá, consola para que perseveres, se tira, corrige para que não te percas. O Senhor cuída de ti, fica tranquilo. Teu criador te sustenta, não escapes da mão de teu artífice, porque se caíres, tu te quebrarás. Para permaneceres em suas mãos, necessitas de boa vontade. Dize: Meu Deus o quis, ele me carregará, me segurará. Lança-te nele; não penses que é inútil ou é um precípicio. Não te pareça assim. Ele disse: “Não sou eu que encho o céu e a terra?” (Jr 23,24). Ele jamais te faltará. Tu é que não lhe deves faltar, nem a ti mesmo; “O Senhor cuidará de mim”.

28 “Tu és meu auxílio e protetor, meu Deus, não tardes”. Invoca, implora, tem medo de desfalecer: “não tardes”. O que quer dizer: “não tardes”? “E se aqueles dias não fossem abreviados, nenhuma vida se salvaria” (Mt 24,22), acabamos de ler acerca dos dias das

tribulações. Rogam a Deus, como se fosse um só homem, os membros de Cristo, o corpo de Cristo, espalhado por toda a parte, um só mendigo, um só pobre. Pois, também Cristo que era rico fez-se pobre, conforme diz o Apóstolo: "Fez-se pobre, embora fosse rico, para vos enriquecer com a sua pobreza" (2Cor 8,9). Enriquece os verdadeiros pobres e empobrece os falsos ricos. Clama o corpo de Cristo a Deus: "Dos confins da terra clamei a ti, quando minha alma estava atribulada" (Sl 60,3). Virão dias de tribulações, e das maiores tribulações; virão, conforme diz a Escritura; e à medida que se aproximam, as tribulações aumentam. Ninguém prometa a si mesmo o que o evangelho não promete. Meus irmãos, eu vos exorto, e notai se nossas Escrituras se enganaram em algum ponto, ou se disseram alguma coisa e sucedeu coisa diferente do que disseram. Forçoso é que até o fim tudo aconteça conforme elas predisseram. Neste mundo as Escrituras não nos prometem senão tribulações, angústias, aflições, intensificação das dores, abundância das tentações. Preparamo-nos principalmente para isso, para não desfalecermos por falta de preparação. "Ai daquelas que estiverem grávidas e estiverem amamentando" (Mt 24,19), conforme acabastes de ouvir. Grávidas são figuras dos que se enchem de esperanças e as que amamentam, dos que já alcançaram o objeto de suas ambições. Pois, a mulher grávida se enche de esperanças acerca do filho, mas não o vê ainda; a que já amamenta, abraça o que esperava. Apresentemos um exemplo. Diz alguém: É boa esta propriedade de meu vizinho; oh! se fosse minha; oh! se pudesse adquiri-la e fazer deste e daquele terreno um só. A avareza também aprecia a unidade; em si, é bom, mas ela não sabe onde deve amá-la. Mas, este alguém deseja a propriedade do vizinho; acontece, porém, que o vizinho é rico, não está necessitado, recebe honras, tem poder, e até mesmo tens medo de seu poder e nada esperas obter daquele terreno; como é inútil esperar, a alma não concebe este desejo, não o gera. Se, ao contrário, o vizinho é pobre, ou está precisado de dinheiro, de sorte que é possível que venda, ou pode ser obrigado, coagido a vender, então aquele homem lança os olhos sobre a propriedade, espera obtê-la; a alma gera o desejo, espera conseguir o terreno e a propriedade do vizinho pobre. E quando este pobre estiver em necessidade, procura o vizinho rico, que talvez costume obsequiar, tributar-lhe deferência, levantar-se a sua passagem, saudar com a cabeça inclinada e diz-lhe: Peço-te, dá-me esta quantia; sofro necessidade, o credor está exigindo. E ele responde: Agora não tenho. Se ele quisesse vender, teria. Já vimos tais coisas. Existiam entre nós; que já não existam. Não o vivemos ontem? E hoje? Ainda é tempo de emenda, ainda não se fez aquela separação de uns à direita e outros à esquerda (cf Mt 25,33); não estamos naquele inferno onde estava o rico sedento e ansioso por uma gota d'água (cf Lc 16,22). Ouçamos enquanto vivemos, corrijamo-nos. Não esperemos os bens alheios, não nos inchemos como engravidados, nem nos aproximemos deles se uma vez que os obtenhamos, os beijemos como filhos. "Ai daquelas que estiverem grávidas e estiverem amamentando naqueles dias" (Mt 24,19). Temos de mudar os corações, levá-los ao alto, não deixá-los habitar aqui; a região é má. Baste-nos ser-nos necessário permanecer aqui pela carne. Não se faça o que for desnecessário. Baste a cada dia a sua malícia (cf Mt 6,34). Corações ao alto. "Se, pois, ressuscitastes com Cristo", diz o Apóstolo aos fiéis, que recebem o corpo

e o sangue do Senhor. Diz: "Se, pois, ressuscitastes com Cristo, procurai as coisas do alto, onde Cristo está sentado à direita de Deus. Pensai nas coisas do alto, e não nas da terra, pois morrestes e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus" (Cl 3,1-3). Ainda não aparece o que vos foi prometido; está preparado, mas vós ainda não vistes. Queres encher-te, conceber, ter esperança. O parto será certo, não será abortivo, nem para o tempo; abraçarás o que gerares, eternamente. Isto é o que afirma Isaías: "Concebemos e demos à luz o espírito da salvação" (cf Is 26,18). É, portanto, retrospectivo. Agora não se realiza, mas realizar-se-á. Quem pode enumerar quantas profecias, segundo as Escrituras, já se realizaram? Nelas encontra-se escrito a respeito da Igreja, e já se vê realizado. Está escrito que os ídolos já não existirão, e vê-se que já não existem. Escrito está que os judeus haveriam de perder o reino, e já se vê. Está escrito sobre os futuros hereges, e já se realizou. Está escrito a respeito do dia do juízo; acha-se ali escrito acerca do prêmio dos bons e do castigo dos maus. Em tudo verificamos que Deus é fiel; só o último caso falhará e enganará? "O Senhor cuidará de mim. Tu és meu auxílio e protetor, não tardes, meu Deus. E se aqueles dias não fossem abreviados, nenhuma vida se salvaria. Mas, por causa dos eleitos, aqueles dias serão abreviados" (Mt 24,22). Serão dias de tribulação, mas não tão longos como se pensa. Logo passarão; o repouso que se seguirá não passará. Embora longo, o mal deve ser suportado em vista do bem infinito.

SALMO 40

SERMÃO AO POVO

1 [6] Uma vez que estamos celebrando a solenidade dos mártires, e tendo em vista a glória da paixão de Cristo, imperador dos mártires, que não se poupou enviando os soldados sozinhos à peleja, mas foi primeiro a lutar e vencer para estimular os combatentes pelo exemplo, ajudá-los com a presença de sua majestade e coroá-los de acordo com a promessa, ouçamos as referências deste salmo a sua paixão. Amiúde rememoramos e não nos coramos de repetir o que vos é útil reter, isto é, que nosso Senhor Jesus Cristo às vezes fala por si mesmo, a saber, por si enquanto nossa Cabeça, e outras vezes, fala em lugar do corpo, que somos nós e sua Igreja. Tal acontece, porém, como se as palavras saíssem da boca de um só homem, a fim de entendermos integrarem-se Cabeça e corpo numa unidade, sendo mutuamente inseparáveis, à semelhança da união, da qual se disse: "Serão dois numa só carne" (Gn 2,24; Ef 5,31). Se, portanto, reconhecemos serem dois numa só carne, reconheçamos igualmente dois numa só voz. Em primeiro lugar, sirva-nos de exórdio o que cantamos, em resposta ao leitor, embora se encontre no meio do salmo: "Amaldiçoam-me os inimigos: Quando há de morrer e de extinguir-se o seu nome?" É nosso Senhor Jesus Cristo quem fala, mas notai se aqui não se incluem também os membros. Assim foi dito a respeito de nosso Senhor, quando andava na terra, revestido da carne mortal. Os judeus viram que a multidão aceitava sua autoridade e que os milagres revelavam sua divindade e majestade. Pois, ao verificarem tudo isso os judeus, aos quais o Senhor aplicou a parábola dos que disseram: "Este é o herdeiro, vamos! Matemo-lo e apoderemo-nos da sua herança" (Mt 21,38), retomaram para si mesmos e entre si a palavra de Caifás: "Vedes que grande multidão o segue e todo mundo vai atrás dele. Se o deixarmos assim, virão os romanos, destruirão o nosso lugar santo e a nação. É de vosso interesse que um só homem morra pelo povo e não pereça a nação toda". O evangelista explica-nos as palavras do pontífice que não sabia o que dizia: "Não dizia isto por si mesmo, mas sendo sumo sacerdote profetizou que Jesus iria morrer pela nação" (Jo 11,48.51). No entanto, vendo que o povo ia atrás dele, disseram: "Quando há de morrer e de extinguir-se o seu nome?" Queriam dizer: Quando o matarmos, seu nome se extinguirá sobre a terra, e morto, já não poderá seduzir os outros. Diante desta morte entenderão os homens que era a um homem que seguiam e que não deviam depositar nele a esperança de salvação. Abandonariam seu nome, que há de se extinguir. Morreu; e seu nome não se extinguiu, mas se disseminou. Morreu, mas como o grão de trigo que, morto, logo brotou para a messe (cf Jo 12,25). Por conseguinte, ao ser glorificado nosso Senhor Jesus Cristo, começaram os homens muito mais e em maior número a crer nele; começaram seus membros a ouvir o que ouvia a Cabeça. Já estando, portanto, nosso Senhor Jesus Cristo estabelecido no céu, mas ainda conosco em labuta na terra, continuam a dizer seus inimigos: "Quando há de morrer e de

extinguir-se o seu nome?" Por este motivo o diabo excitou perseguições na Igreja para perder o nome de Cristo. A não ser que penseis, irmãos, que os pagãos, quando se enfureciam contra os cristãos, não se propunham apagar o nome de Cristo da terra. Os mártires foram mortos a fim de que Cristo morresse, não enquanto Cabeça, mas em seu corpo. O sangue derramado dos santos serviu para aumentar a Igreja, e a morte dos mártires foi uma semeadura. "Preciosa na presença do Senhor é a morte de seus justos" (Sl 115,15). Os cristãos se multiplicaram cada vez mais, e não se cumpriu o que os inimigos imprecaram: "Quando há de morrer e de extinguir-se o seu nome?" Ainda agora isto se diz. Os pagãos se assentam, calculam os anos[1], ouvem a seus fanáticos, que prenunciam: Virá o tempo em que não haverá mais cristãos, e em que os ídolos serão adorados, como antes; eles ainda dizem: "Quando há de morrer e de extinguir-se o seu nome?" Fostes vencidos duas vezes; entendei ao menos da terceira: Cristo morreu, seu nome não se extinguirá. Os mártires morreram, a Igreja aumentou ainda mais, o nome de Cristo se divulga entre todas as gentes. Quem predisse sua morte e sua ressurreição, quem predisse a morte e a coroa de seus mártires, foi o mesmo que fez predições a respeito de sua futura Igreja. Se disse a verdade por duas vezes, da terceira mentiu? É em vão, portanto, o que acreditais contra ele; é melhor acreditar nele, para entenderdes o "necessitado e o pobre, porque ele se fez pobre, embora fosse rico, para vos enriquecer com a sua pobreza" (2Cor 8,9). Agora, porém, é desprezado porque se fez pobre, e se diz: Era uma vez um homem. Por que era? Porque morreu, foi crucificado; adorais um homem, tendes esperança em um homem, adorais um morto. Tu te enganas. Procura entender o necessitado e o pobre, para te tornares rico por sua pobreza. O que quer dizer: Entende o necessitado e o pobre? Recebas o Cristo necessitado e pobre, que diz em outro salmo: "Quanto a mim sou desvalido e pobre, mas o Senhor cuidará de mim" (Sl 39,18). O que significa entender o necessitado e o pobre? "Aniquilou-se a si mesmo, assumindo a condição de escravo e assemelhando-se aos homens, e sendo exteriormente reconhecido como homem" (Fl 2,7). Rico junto do Pai, pobre entre nós; rico no céu, pobre na terra; Deus rico, homem pobre. De fato, perturba-te ver um homem, contemplar a carne, olhar a morte e desprezar a cruz? Isto te perturba? Lembra-te do necessitado e do pobre. Que sentido tem isso? Entende que ali onde a ti se revela a fraqueza, esconde-se a divindade. É rico porque o é em si; pobre, porque tu o eras. No entanto, sua pobreza se torna a nossa riqueza, assim como sua fraqueza é nossa fortaleza, sua loucura é nossa sabedoria, sua mortalidade nossa imortalidade (cf 1Cor 1,30). Observa em que consiste sua pobreza; não a meças segundo a pobreza dos outros. Aquele que se fez pobre veio enriquecer os pobres. Por isso, abre o seio da fé; recebe o pobre para não permaneceres pobre.

2 [2] "Feliz quem entende o necessitado e o pobre; no dia do infortúnio o Senhor o livrará". Virão os dias maus; queiras ou não. Aproxima-se o dia do juízo, mau dia, se não te lembraste do necessitado e do pobre. Será manifesto no fim o que agora não queres acreditar. Mas não poderás fugir ao se tornar ele manifesto, porque não acreditas enquanto está oculto. És convidado a acreditar no que não vês, para não te

envergonhares quando o vires. Entende o necessitado e o pobre, isto é, Cristo. Compreende que nele estão ocultas riquezas, apesar de o veres como pobre. Nele estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência (cf Cl 2,3). Daí vem que ele, enquanto Deus, te livrará no dia mau; pelo fato de ser homem, o que havia de humano nele ressuscitou, e em estado melhor foi levado ao céu. Ele, contudo, que é Deus e quis ser uma só e mesma pessoa também na natureza humana e com ela, não podia diminuir nem aumentar, morrer nem ressurgir. Morreu devido à fraqueza humana, pois Deus não morre. Não te admires de que o Verbo de Deus não morra, visto que não morre a alma do mártir. Não acabamos de ouvir o próprio Senhor dizer: "Não temais os que matam o corpo, mas não podem matar a alma" (Mt 10,28)? Por conseguinte, ao morrerem os mártires, suas almas não morreram; então ao morrer o Cristo, o Verbo haveria de morrer? Efetivamente, o Verbo é muito maior do que a alma humana, porque a alma humana foi criada por Deus, e se foi criada por Deus foi feita pelo Verbo, uma vez que por ele tudo foi feito (cf Jo 1,3). Não morre, portanto, o Verbo, assim como não morre a alma feita pelo Verbo. Mas, como dizemos com razão: O homem morreu, embora sua alma não morra, assim dizemos com certeza: Cristo morreu, apesar de que a divindade não morre. Por que morreu? Porque necessitado e pobre. Não te impressione sua morte, afastando-te de contemplar a divindade. "Feliz quem entende o necessitado e o pobre". Olha os pobres, carentes, famintos, sedentos, peregrinos, nus, doentes, encarcerados; entende tais pobres, porque se os entenderes, hás de entender aquele que disse: "Tive fome, tive sede, estive nu, fui peregrino, doente, prisioneiro" (cf Mt 25,35-36). Então, no dia do infortúnio o Senhor te livrará.

3 [3] Vê qual a tua felicidade: "O Senhor o conserve". O profeta deseja o bem para o homem que entende o necessitado e o pobre. Este voto é uma promessa; esperem confiantes os que assim agem. "O Senhor o conserve e o vivifique". O que significa: "o conserve e o vivifique"? A que pertence o voto: "o vivifique"? À vida futura. É vivificado aquilo que estava morto. Acaso pode o morto entender o necessitado e o pobre? Mas é prometida aquela vivificação, da qual fala o Apóstolo: "O corpo está morto pelo pecado, mas o espírito é vida, pela justiça. E se o Espírito daquele que ressuscitou Cristo dentre os mortos habita em vós, aquele que ressuscitou Cristo dentre os mortos dará vida também a vossos corpos mortais, mediante o seu Espírito que habita em vós" (Rm 8,10.11). Este é o reviver prometido àquele que se lembra do necessitado e do pobre. Mas, conforme diz o Apóstolo a Timóteo: "Contém a promessa da vida presente e da futura" (1Tm 4,8), não pensem os que entendem o necessitado e o pobre que hão de ser recebidos no céu, mas serão negligenciados na terra, e por isso esperam apenas os bens eternos no futuro. Quanto ao presente, julgam que Deus se descuida em relação aos seus santos e fiéis. Daí dizer o que mais devemos desejar: "O Senhor o conserve e vivifique", referindo-se a esta vida: "Faça-o feliz na terra". Ergue, pois, os olhos a essas promessas, com fé de um cristão. Deus não te abandona na terra, só prometendo alguma coisa para o céu. Muitos maus cristãos, que inspecionam os cálculos astronômicos, e pesquisam e observam as estações e os dias, quando nós ou alguns cristãos bons ou até

melhores começarem a censurá-los por agirem assim, respondem: Estas coisas são necessárias no tempo. Somos cristãos por causa da vida eterna. Acreditamos em Cristo, a fim de que nos conceda a vida eterna, pois esta vida temporal que vivemos, não entra em seus cuidados. Ademais, para dizê-lo brevemente, cultuam a Deus por causa da vida eterna, e ao diabo em vista da vida presente. O próprio Cristo lhe responde: Não podeis servir a dois senhores (cf Mt 6,24). Se cultuas a um por causa do que esperas obter no céu, e a outro devido ao que esperas na terra, como não será muito melhor adorar a um só, aquele que fez o céu e a terra? Descuidar-se-ia de sua imagem na terra aquele que cuidou de criar a terra? Por conseguinte: "O Senhor conserve e vivifique" aquele que entende o necessitado e o pobre. Além disso, embora vivifique eternamente, "faça-o feliz na terra".

1 A cidade de Deus, XVIII, 53,34.

4 "E não o entregue às mãos de seu inimigo". O inimigo é o diabo. Ninguém pense num homem inimigo, ao ouvir tais palavras. Provavelmente já pensava em seu vizinho, naquele com o qual tem um litígio no foro, naquele que procura roubar-lhe a propriedade, naquele que quer coagi-lo a vender-lhe sua casa. Não penses nestas coisas; mas pensa naquele inimigo, do qual diz o Senhor: "Um inimigo é que fez isto" (Mt 13,28). É ele quem insinua que se lhe preste culto por causa dos bens terrenos, porque não consegue destruir o nome cristão. Vê-se vencido pela fama e pelos louvores de Cristo, vê que os mártires depois de mortos são coroados e dele triunfam. Começou a tornar-se-lhe impossível persuadir os homens de que Cristo nada é. E como dificilmente engana agora, quando blasfema contra Cristo, esforça-se por enganar louvando-o. Anteriormente, o que dizia? A quem adorais? A um judeu morto, crucificado, que nada vale, que não pôde evitar a morte. Logo que viu o gênero humano acorrer a este nome, e viu que em nome do crucificado os templos eram derrubados, os ídolos eram quebrados, os sacrifícios extintos, e os homens verificarem que tudo isso fora predito pelos profetas, enchendo-se de admiração e fechando o coração às blasfêmias contra Cristo, ele cobriu-se de louvores a Cristo, e começou a afastar da fé por outros recursos. Diz: A lei cristã é grande, poderosa, divina, inefável; mas quem pode cumpri-la? Em nome de nosso Salvador pisai o leão e o dragão (cf Sl 90,13). O leão fremia, censurando abertamente, o dragão arma insídias astutamente, louvando. Os hesitantes venham à fé. Não digam: Quem pode cumprir esta lei? Se presumirem das próprias forças, não cumprirão. Creiam, presumindo da graça de Deus, venham presumindo, venham para serem ajudados, não para serem julgados. Todos os fiéis vivem no nome de Cristo, cada qual cumprindo os preceitos de Cristo em seu respectivo estado, sejam casados, sejam solteiros ou virgens. Vivam quanto o Senhor lhes der viver. Não presumam de suas forças, mas saibam que nele é que se devem gloriar. O que tens que não tenhas recebido? Se, porém, recebeste, por que te glorias como se não tivesses recebido (cf 1Cor 4,7)? Não me digas: Quem pode cumpri-lo? Cumpre em mim aquele que sendo rico veio até o pobre; pobre efetivamente junto do pobre, mas tendo em plenitude aproximou-se do indigente. Pensando nessas coisas, porque entende o necessitado e o pobre, e não despreza a pobreza de Cristo, entende as riquezas de Cristo, torna-se feliz na terra; e não será

entregue às mãos do inimigo que procura persuadi-lo a adorar a Deus por causa dos bens celestes e ao diabo por causa dos terrenos. "E não o entregue às mãos de seu inimigo".

5 [4] "O Senhor o assistirá". Mas onde? Acaso no céu, talvez na vida eterna, de sorte que o diabo há de ser cultuado por causa da indigência terrena, das necessidades da vida atual? De forma alguma. Tens a promessa da vida presente e da futura (cf 1Tm 4,8). Aquele que veio à terra por tua causa, criou o céu e a terra. Enfim, presta atenção ao que ele diz: "O Senhor o assistirá no leito de dor". Leito de dor é a fraqueza da carne. Não digas: Não posso conter, carregar, frear a minha carne. Auxilia-te no intuito de que o consiga. O Senhor te assistirá em teu leito de dor. O catre te carregava; não eras tu quem o carregavas, mas jazias como paralítico sobre ele. Apresenta-se aquele que te ordenará: "Toma o teu leito, e vai para tua casa" (Mc 2,11). O Senhor o assistirá no leito de dor. Então o salmista se volta para o Senhor, de certo modo, para lhe perguntar: Por que é que, apesar do auxílio do Senhor, sofremos tantos males nesta vida, tantos escândalos, tantos trabalhos, tanta iniquietação da parte da carne e do mundo? Volta-se para Deus, e nos expõe como que um conselho medicinal: "Refizeste-lhe a cama em sua enfermidade". O que significa: "Refizeste-lhe a cama em sua enfermidade"? Por cama entende-se algo de terreno. Toda alma fraca nesta vida procura para si algum objeto terreno em que possa repousar, porque dificilmente pode de modo contínuo manter a intensidade do labor e a mente dirigida para Deus. Busca para si na terra alguma coisa onde possa descansar e deitar-se de certo modo para um repouso, como são os objetos a que mesmo os inocentes têm afeição. Não se fala aqui das concupiscências más, porque são muitos os que procuram distração nos teatros, muitos que a procuram no circo, no anfiteatro, muitos descansam no jogo, muitos nas bebedeiras, muitos nos adultérios, muitos nas rapinas, muitos no dolo e nas insídias da fraude. Em tudo isso os homens procuram lazer. Qual o sentido da palavra lazer? Ocasião de deleite. Mas removamos tudo isso, e pensemos como age um homem honesto. Ele descansa em casa, com a família, a mulher, seus filhos, com pobreza, em sua casinha, na vinha plantada com as suas próprias mãos, em algum edifício construído com seus esforços. Os homens honestos se recreiam com tais coisas. No entanto, como Deus não quer que amemos senão a vida eterna, mistura amarguras nestes inocentes deleites. Temos assim tribulações, mas ele refaz-nos a cama em nossa enfermidade. "Refizeste-lhe a cama em sua enfermidade". Por isso, não se queixe alguém quando passa por tribulações no meio destas coisas que possui honestamente. Está aprendendo a amar as coisas melhores no meio das tribulações amargas das coisas inferiores, para que o viajor a caminho da pátria, não ame o albergue em vez de sua casa. "Refizeste-lhe a cama em sua enfermidade".

6 [5] Mas qual o motivo disso tudo? Porque o Senhor castiga todo o filho a que acolhe (cf Hb 12,6). Mas por que é assim? Porque foi dito ao homem depois do pecado: "Com o suor de teu rosto comerás teu pão" (Gn 3,19). Por conseguinte o homem há de reconhecer que sofre por causa de seus pecados, nesta correção em que toda nossa cama é refeita, durante nossa enfermidade; converta-se e repita o seguinte: "Eu disse: Compadece-te de mim, Senhor. Cura a minha alma, porque pequei contra ti". Ó Senhor,

exercita-me por meio das tribulações; achas que deves castigar todo filho que acolhes, pois não poupaste nem o Unigênito. Verdadeiramente, ele foi castigado embora não tivesse pecado; ao contrário, eu digo: "Compadece-te de mim, cura a minha alma, porque pequei contra ti". Se sofreu o corte aquele que não tinha ferida infeccionada, se não recusou aquele que é o nosso remédio a cauterização medicinal, devemos suportar com impaciência a mão do médico que cauteriza e corta, isto é, que nos exercita através das tribulações e nos cura de nosso pecado? Entreguemo-nos inteiramente à mão do médico; ele não erra, cortando o que está são em vez do pútrido. Conhece o que examina, conhece a doença, porque foi ele próprio que criou a natureza. Distingue o que ele criou daquilo que nossa ambição acrescentou. Sabe que deu um preceito ao homem com saúde, para que não adoecesse. Ele disse no paraíso: Pode comer disto, daquilo não (cf Gn 2,16.17). O homem com saúde não escutou a ordem do médico, a fim de não cair. Ouça o doente para se curar. "Eu disse: Compadece-te de mim, Senhor, cura a minha alma, porque pequei contra ti". Em minhas ações, em meus pecados, não acuso a fortuna. Não digo: Aconteceu-me por acaso. Não digo: Vênus me fez adúltero, Marte me fez ladrão, Saturno me fez avaro. "Eu disse: Compadece-te de mim, Senhor, cura a minha alma, porque pequei contra ti". Acaso aconteceu isto a Cristo? Não é ele nossa Cabeça, sem pecado? Terá pago o que não roubou (cf Sl 68,5)? Será ele o único livre no meio dos mortos (cf Sl 87,6)? Livre entre os mortos, porque não tem pecado, e "quem comete o pecado, é escravo do pecado" (Jo 8,34). Talvez o disse ele mesmo? É preferível dizer que foi ele em lugar de seus membros, porque a voz dos membros é sua voz, uma vez que a voz de nossa Cabeça é nossa voz. Pois, estávamos nele quando declarou: "A minha alma está triste até a morte" (Mt 26,38). Viera para morrer, por isso não temia a morte. Nem recusava a morte aquele que tinha o poder de dar a sua vida e poder de novamente retomá-la (cf Jo 10,18). Mas, os membros falavam por meio da Cabeça, e a Cabeça falava em lugar dos membros. Encontramos, portanto, nele a nossa voz: "Cura a minha alma, porque pequei contra ti". Estávamos nele, quando rezou: "Meu Deus, meu Deus, por que me desamparaste?" (Mt 27,46). No mesmo salmo, que começa por este versículo, encontra-se em seguida: "As vozes de meus delitos" (Sl 21,2). Que delitos havia nele, a não ser que consideremos que o nosso velho homem foi simultaneamente com ele crucificado, para que fosse destruído este corpo de pecado, e assim não servíssemos mais ao pecado (cf Rm 6,6)? A ele e nele digamos: Eu disse: "Compadece-te de mim, Senhor; cura a minha alma, porque pequei contra ti".

7 [6] "Amaldiçoam-me os inimigos: Quando há de morrer e de extinguir-se o seu nome?" Já citamos este versículo, e por ele começamos; para podermos explicar os outros, não vamos repetir o que em sermão tão recente se gravou em vossos ouvidos e em vossos corações.

8 [7] "Vinham visitar-me para ver". Sofre a Igreja o mesmo que Cristo sofreu; padecem os membros como a Cabeça. Será o servo maior do que o seu Senhor, e o discípulo do que o mestre? "Se eles me perseguiram, também vos perseguirão. Se chamaram Beelzebu ao chefe da casa, quanto mais chamarão assim aos seus familiares!" (Mt 10,24; Jo 15,20).

Vinham visitar-me para ver. Judas achava-se junto de nossa Cabeça, aproximou-se dela para ver, isto é, para investigar. Não procurava motivo de crer, mas meios de o entregar. Eis que ele se aproximava para ver, e em nossa Cabeça foi-nos proposto um exemplo. Como agiram aqueles membros, depois da ascensão de nossa Cabeça? Não o declara o apóstolo Paulo: "Por causa dos intrusos, esses falsos irmãos se infiltraram para espiar a nossa liberdade" (Gl 2,4)? Esses também, portanto, entravam para ver, pois são hipócritas, fingidos, que se aproximam com caridade simulada, observando cada movimento, cada palavra dos santos, e suspeitando haver ciladas em toda a parte. E o que lhes acontece? Vede como continua o salmo: "Seu coração proferia palavras vãs", isto é, falam com amor fingido. São vãs as suas palavras; não são verdadeiras, mas infundadas. Como captam o que pode servir de acusação, o que diz o salmo? "Amontoaram para si iniquidades". Pois, os inimigos ao inventarem calúnias, julgam-se importantes, por terem o que acusar. "Amontoaram para si iniquidades". Diz o salmista: "para si", não para mim. Como Judas prejudicou a si mesmo, não a Cristo, assim também os fingidos dentro na igreja atingem a si mesmos, não a nós. Deles foi dito em outra passagem: "E a iniquidade mentiu a si mesma" (Sl 26,12). "Amontoaram para si iniquidades". E como entraram para ver, "saíam e falavam". Aquele que entrou para verificar, foi para fora e pôs-se a falar. Seria muito melhor ficar dentro e falar a verdade! Não iria para fora, onde se falam mentiras. É traidor e perseguidor, vai para fora e fala. Se pertences ao corpo de Cristo, vem para dentro, adere à Cabeça. Se és trigo, suporta o joio. Suporta a palha, se és trigo (Mt 13,30). Tolera os maus peixes dentro da rede, se és um bom peixe. Por que voaste ante do tempo da ventilação? Por que antes do tempo da messe arrancaste o trigo contigo? Por que motivo antes de chegares à praia, rompeste a rede? "Saíam e falavam".

9 [8] "Todos os meus inimigos juntos murmuravam contra mim". Contra mim todos juntos; quanto melhor seria se estivessem comigo? O que significa: contra mim juntos? Um só é o seu plano, uma só conspiração. Cristo, por isso, se dirige a eles: Estais concordes contra mim; concordai comigo. Por que estais contra mim? Por que não ficais comigo? Se me tivésseis sempre, não vos dividiríeis, provocando cismas. Pois, diz o Apóstolo: "Eu vos exorto, irmãos: guardai a concórdia uns com os outros, de sorte que não haja divisões entre vós (1Cor 1,10). Todos os meus inimigos juntos murmuravam contra mim e auguravam-me desgraças". Ou antes, contra si, porque "amontoaram para si inquidades"; mas igualmente contra mim, porque são ponderáveis segundo suas intenções. Pelo fato de nada conseguirem, nem por isso nada quiseram fazer. Pois, também o diabo desejou exterminar a Cristo, e Judas quis matá-lo. No entanto, Cristo morreu, ressuscitou, e nós fomos vivificados; ao diabo, contudo, e a Judas é atribuída a paga de sua má vontade, e não a de nossa salvação. No intuito de saberdes que da intenção de alguém depende o prêmio ou o castigo, tratemos do caso daqueles homens que desejaram a outrem um bem (e tal bem que também nós o desejaríamos) e no entanto foram denominados malévolos. Injuriaram os judeus, que viam corporalmente mas eram cegos espiritualmente, a determinado cego, que recebera a luz dos olhos e no

coração; assim se dirigiu aquele que já estava vendo aos mencionados judeus: "Por acaso quereis tornar-vos seus discípulos?" E eles, diz o evangelho, "injuriaram-no e disseram: Tu, sim, sejas seu discípulo" (Jo 9,27.28). Aconteça-nos a todos nós o que eles disseram, amaldiçoando. A maldição nomeada aqui não deriva de uma palavra má, e sim de um erro malévolo dos que a proferiam. O evangelista atende à intenção com que falaram e não o que disseram aqueles que ele afirmou terem amaldiçoado. "Augurararam-me desgraças". Quais as desgraças contra Cristo, contra os mártires? Tudo isso Deus fez reverter em bem.

10 [9] "Contra mim pronunciaram sentença iníqua". Qual sentença iníqua? Observai como sentenciaram contra a própria Cabeça: "Matemo-lo e apoderemo-nos da sua herança" (Mt 21,38). Estultos! De que modo a herança será vossa? Seria porque o matastes? Eis que o matastes e a herança não será vossa. "Porventura aquele que dorme, não poderá reerguer-se?" Quando exultastes por havê-lo matado, ele adormeceu; pois diz ele em outro salmo: "Adormeci". Se quisesse, nem teria adormecido. "Adormeci, porque tenho o poder de entregar a minha vida e poder de retomá-la. Adormeci, caí em sono profundo, e despertei" (Jo 10,18; Sl 3,6). Enfureçam-se, portanto, os judeus, a terra seja entregue às mãos do ímpio (cf Jó 9,24), a carne esteja nas mãos dos perseguidores, suspendam-no no madeiro, transpassem-no com os cravos, seja atravessado pela lança: "Porventura aquele que dorme, não poderá reerguer-se?" Por que dormiu? Porque Adão era figura do futuro Adão (Rm 5,14); e Adão dormiu, quando Eva foi tirada de seu lado (Gn 2,21). Adão era figura de Cristo. Eva era figura da Igreja; por isso foi chamada mãe dos vivos. Quando é que Eva foi criada? Quando Adão dormia. Quando brotaram do lado de Cristo os sacramentos da Igreja? Quando Cristo adormeceu na cruz. "Porventura aquele que dorme, não poderá reerguer-se?"

11 [10] Qual o motivo por que adormeceu? Por causa daquele que entrou para ver, e amontoou para si iniquidades. "Até o amigo em que eu confiava, que comia do meu pão, levantou o calcanhar contra mim". Levantou o pé contra mim, querendo conculcar-me. Quem é este amigo? Judas. Teria Cristo confiado nele, porque disse: "em que eu confiava?" Ele não o conhecia desde o início? Não sabia o que havia de ser, antes de seu nascimento? Não havia dito a todos os discípulos: "Não vos escolhi, eu, aos Doze? No entanto, um de vós é um demônio" (Jo 6,71). Como, então, confiou nele, a não ser porque ele mesmo está em seus membros, e o Senhor transferiu para si aquela confiança que muitos fiéis haviam depositado em Judas? Ao verem muitos dos que acreditavam em Cristo Judas andar entre os doze discípulos, confiavam nele. Era tal qual os demais. Cristo, porém, estava em seus membros que nele confiavam, como está naqueles que estão famintos e sedentos. Como disse: "Tive fome", também falou: "confiei". Por conseguinte, se lhe perguntamos: Senhor, quando foi que confiaste? da mesma forma com que foi interrogado: Senhor, quando foi que te vimos com fome? Assim como ali nos disse: "Cada vez que o fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes" (Mt 25,40), igualmente aqui pode responder: Cada vez que confiou um desses pequeninos que são meus, fui eu que confiei. Em quem confiou? "Até o amigo em que

eu confiava, que comia do meu pão". Como mostrou ele na paixão a realização destas palavras proféticas? Designou Judas por meio do bocado de pão (cf Jo 13,26), para se manifestar que foi dito a respeito dele: "Que comia do meu pão". E ainda, quando Judas veio para entregá-lo, este deu-lhe um beijo (Mt 26,49), para se lhe atribuir a palavra do Salmo: "Até o amigo".

12 [11] "Tu, porém, tem piedade de mim". Relaciona-se com a condição de servo, com a condição de necessitado e de pobre. Feliz quem entende o necessitado e o pobre. "Tu, porém, tem piedade de mim, ergue-me e dar-lhes-ei a merecida retribuição". Notai quando foi dito e que já se realizou. Os judeus mataram a Cristo, para não perderem o lugar santo (cf Jo 11,48). Mas, depois que ele foi morto, eles perderam o lugar. Foram expulsos do reino, e dispersados. Depois que ressuscitou, retribui-lhes com tribulações, para aviso, ainda não para condenação. Os judeus foram expulsos daquela cidade, onde o povo enfureceu-se, como um leão rapaz e rugidor, exclamando: "Crucifica-o, crucifica-o" (Lc 23,21; Jo 19,6); agora os cristãos a possuem e nenhum judeu nela habita. A Igreja de Cristo foi plantada no lugar de onde foram arrancados os espinhos da sinagoga. Efetivamente, o fogo acendeu-se, como em espinhos (cf Sl 117,12); o Senhor, porém, era como um lenho verde. Ele mesmo o declarou, quando algumas mulheres se lamentavam por causa de Cristo, que ia morrer: "Não choreis por mim; chorai, antes por vós mesmas e por vossos filhos" (Lc 23,28). Constitui uma predição deste acontecimento a palavra: "Ergue-me e dar-lhes-ei a merecida retribuição. Porque se assim se faz com o lenho verde, o que acontecerá com o seco" (Lc 23,31)? Como pode o lenho verde ser consumido por um fogo que estava queimando espinhos? Eles, pois, se consumiram como espinhos no fogo. O fogo consumiu os espinhos, e se for levado ao lenho verde, dificilmente pegará, porque a resina do lenho resiste à chama lenta e fraca, suficiente contudo para queimar os espinhos. "Ergue-me e dar-lhes-ei a merecida retribuição". Todavia, irmãos, não deveis pensar que o Filho é menos poderoso do que o Pai, porque disse: "Ergue-me e dar-lhes-ei a merecida retribuição", como se ele não pudesse ressuscitar a si mesmo. Ressuscitou aquilo que podia morrer, isto é, a carne morreu, a carne foi ressuscitada. Para evitar que penseis ter Deus o Pai de Cristo, podido ressuscitar o Cristo, isto é, a carne de seu Filho, e o próprio Cristo, que é o Verbo de Deus igual ao Pai, não tinha poder para ressuscitar sua carne, ouvi a palavra do evangelho: "Destruí este templo, e em três dias eu o levantarei" (Jo 2,19.21). O evangelista, porém, para que não duvidássemos também acrescentou: "Ele falava do templo do seu corpo. Ergue-me e dar-lhes-ei a merecida retribuição".

13 [12] "Nisto reconheci quanto me sois favorável, em que meu inimigo não triunfará sobre mim". Os judeus se regozijaram ao ver Cristo crucificado, e pensavam que se realizara seu plano de prejudicá-lo. Viram o fruto de sua crueldade: Cristo pendendo da cruz. Sacudiram a cabeça, dizendo: "Se é Filho de Deus, desça da cruz" (Mt 27,39.40). Podia descer, mas não desceu. Não fazia demonstração de poder, mas ensinava a paciência. Se ele descesse da cruz quando os judeus assim lhe falavam, pareceria ceder aos que o insultavam, e acreditar-se-ia que, vencido pelos opróbrios não os pudera

tolerar. Permaneceu na cruz enquanto eles o insultavam, ficou firme enquanto eles vacilavam. Eles meneavam a cabeça porque não aderiam à verdadeira Cabeça. De fato, ele nos ensinou a paciência. Não fez demonstração de maior força, pois não quis agir conforme a provocação dos judeus. É efeito de maior poder ressuscitar do sepulcro do que descer da cruz. “Meu inimigo não triunfará sobre mim”. Naquela ocasião eles se alegraram. Cristo ressuscitou, Cristo foi glorificado. Eles veem agora que em seu nome o gênero humano se converte. Agora insultem, agora meneiem a cabeça; antes, firmem a cabeça; ou se meneiam, que a meneiem de espanto e admiração. Pois, agora dizem: Por acaso será dele que falaram Moisés e os profetas? Pois, dele foi dito: “Como um cordeiro conduzido ao matadouro, como uma ovelha que permanece muda na presença dos seus tosquiadores ele não abriu a boca. Por suas feridas fomos curados” (Is 53,7.5). Verificamos que este crucificado arrasta após si o gênero humano; foi inutilmente que nossos pais disseram: “Matemo-lo; todo mundo vai atrás dele” (cf Jo 12,19). Talvez não fosse, se ele não tivesse sido morto. “Nisto reconheci quanto me sois favorável, em que meu inimigo não triunfará sobre mim”.

14 [13.14] “Devido a minha inocência me sustentaste”. Verdadeiramente, possuía a inocência: integridade sem pecado, pagamento sem débito, flagelo imerecido. “Devido a minha inocência me sustentaste e me firmaste em tua presença para sempre”. Firmaste-me para sempre, enfraqueceste-me, por algum tempo; firmaste em tua presença, enfraqueceste diante dos homens. O que fazer, então? A ele louvor, a ele glória: “Bendito seja o Senhor, Deus de Israel”. Ele é, pois, o Deus de Israel, o nosso Deus, o Deus de Jacó, o Deus do filho menor, o Deus do povo menor. Ninguém diga: Ele falou dos judeus, portanto eu não sou Israel ou antes, os judeus é que não constituem Israel. O filho mais velho é o povo mais antigo, que foi reprovado; o filho menor é o povo amado. “O mais velho servirá o menor” (Gn 25,23): esta palavra agora se realizou. Agora, irmãos, os judeus nos servem, são como escravos que nos carregam os códices, para estudarmos na escola. Ouvi em que ponto os judeus nos servem, e com razão. Caim, o irmão mais velho que matou o menor, ficou marcado com um sinal para não ser morto, isto é, para que aquele povo subsista (cf Gn 4,15). Deles, dos judeus, são os profetas e a lei. Por ela e pelos profetas Cristo foi anunciado. Ao tratarmos com pagãos e lhes mostramos que agora se realiza na Igreja de Cristo o que foi anteriormente predito do nome de Cristo, da Cabeça e do corpo de Cristo, a fim de que eles não pensem que inventamos aquelas predições, e que consignamos os fatos já sucedidos como se fossem futuros, apresentamos os códices dos judeus. Efetivamente, os judeus são nossos inimigos. As letras do inimigo convencem nosso adversário. O Senhor tudo distribuiu, tudo dispôs em prol de nossa salvação. Predisse anteriormente, cumpriu no presente, e o que ainda não realizou, há de realizar. Por isso, seguremos o bom pagador, para acreditarmos no devedor, porque dará o que ainda não deu, da mesma forma que deu o que ainda não havia dado. Se alguém quiser experimentar onde estão escritas as promessas, leia Moisés e os profetas. Se algum inimigo replicar: Vós inventastes vossas profecias, apresentem-se os códices dos judeus, porque o mais velho servirá o menor.

Leiam-se ali as profecias, agora cumpridas, e digamos todos: “Bendito seja o Senhor, Deus de Israel, pelos séculos dos séculos”. E dirá todo o povo: “Assim seja, assim seja”.

SALMO 41

SERMÃO AO POVO

1 [2] Há muito anela nossa alma alegrar-se convosco a respeito da palavra de Deus, e nele vos saudar, pois ele é nosso auxílio e nossa salvação. Ouvi por nosso intermédio o que Deus nos inspira, e exultai nele conosco, em sua palavra, em sua verdade, em sua caridade. Tomamos um salmo, para vos comentar, de acordo com vosso desejo. Ele começa por um santo desejo, e diz quem o canta: "Como o cervo anseia pelas fontes das águas, assim aspira a minha alma por ti, meu Deus". Quem além, quem quer que sejas tu, se está em teu poder o que buscas? No entanto, não é apenas um só homem, mas é um só corpo: o corpo de Cristo, que é a Igreja (cf Cl 1,24). Não se encontra tal desejo em todos que entram na Igreja; contudo todos os que experimentaram a suavidade do Senhor, e que reconhecem no cântico aquilo que a saboreiam, não pensem que estão sozinhos, mas acreditem que tais sementes foram espalhadas no campo do Senhor por todo o orbe da terra, e constitui a voz de certa unidade cristã o que segue: "Como o cervo anseia pelas fontes das águas, assim aspira a minha alma por ti, meu Deus". De fato, não seria errado entender que se trata da voz dos que, ainda catecúmenos, se apressam a aceder à graça do santo batismo. Daí provém que solenemente se canta este salmo, para que desejem a fonte da remissão dos pecados, "como o cervo anseia pelas fontes das águas". Assim seja, e na Igreja tenha aceitação verdadeira e solene tal interpretação. Contudo, irmãos, parece-me que mesmo com o batismo não se sacia este desejo dos fiéis. Talvez, se sabem onde estão como peregrinos, e para onde devem passar, inflamem-se, com anelos mais ardentes.

2 [1] O título do salmo é o seguinte: "Para o fim. Inteligência, dos filhos de Coré. Salmo". Encontram-se os filhos de Coré igualmente em títulos de outros salmos,[1] e lembramos-nos de já haver explicado e nos ter estendido sobre o significado deste nome. Apesar disto, agora relembramos o título, e sem prejuízo do que foi explanado, falemos sobre ele, porque nem todos estavam presentes durante nossa explicação. Houve um homem chamado Coré e teve filhos, que eram conhecidos sob o nome de filhos de Coré (cf Nm 26,11). Nós, porém, perscrutemos o segredo desta figura, e o nome dê à luz o mistério de que está prenhe. É grande sacramento a denominação de filhos de Coré atribuída aos cristãos. Por que filhos de Coré? Porque filhos do esposo, filhos de Cristo. Os cristãos são apelidados filhos do esposo. Por que razão Cristo seria Coré? Porque Coré significa Calvário. Vamos um pouco longe. Perguntava qual a razão de se denominar a Cristo de Coré. Procuro saber com maior insistência por que Cristo tem referência a Calvário. Logo não nos ocorre que Cristo foi crucificado no Calvário (cf Mt 27,33)? É claro que ocorre. Por conseguinte, os filhos do esposo (cf Mt 9,15), os filhos de sua paixão, os filhos redimidos em seu sangue, os filhos de sua cruz, que na fronte trazem o sinal

daquilo que os inimigos fincaram no Calvário, chamam-se filhos de Coré; para que eles o entendam é que se canta o presente salmo. Despertemos, portanto, nossa inteligência; e se é para nós que se canta, entendamos. O que haveremos de entender? E qual o objeto deste conhecimento, proveniente do canto do salmo? Ouso dizer: “Sua realidade invisível tornou-se inteligível, desde a criação do mundo, através das criaturas” (cf Rm 1,20). Avante, irmãos. Compreendei minha avidez, tomai parte neste meu desejo; amemos conjuntamente, juntos tenhamos esta sede ardente, juntos corramos para a fonte do entendimento. Aspiremos, portanto, como o cervo pela fonte, não a fonte desejada pelos que ainda não receberam o batismo em vista da remissão dos pecados, mas, já batizados, anelemos por aquela fonte da qual diz outra passagem escriturística: “Pois em ti está a fonte da vida”. Fonte e luz igualmente o designam. Porque “na tua luz contemplamos a luz” (Sl 35,10). Se Cristo é fonte, também é luz. Com razão é também a inteligência, porque sacia a alma ávida de saber. Todo aquele que entende, é iluminado por certa luz não corporal, não carnal, não exterior, mas interior. Existe, portanto, irmãos, certa luz interior, que não possuem os que não entendem. Daí dirigir-se o Apóstolo, com censuras, àqueles que desejam esta fonte de vida, e dela alguma coisa percebem: “Não andeis mais como andam os demais gentios, na futilidade de seus pensamentos, com entendimento entenebrecido, alienados da vida de Deus pela sua ignorância e pela cegueira dos seus corações” (Ef 4,17.18). Se eles têm a inteligência obscurecida, isto é, obscurecem-se porque não entendem, os que entendem ficam iluminados. Corre à fonte, deseja o manancial das águas. Junto de Deus está a fonte da vida e a fonte inexaurível; na sua luz temos uma luz indefectível. Deseja tal luz, certa fonte, certa luz que teus olhos desconhecem. Os olhos interiores são capazes de vê-la. A sede interior arde no desejo de tal fonte. Corre para a fonte, deseja-a; mas não de qualquer forma, nem corras como qualquer animal. Corre como o cervo. O que quer dizer: como o cervo? Não haja tardança na corrida, corre sem preguiça, sem disídia anela pela fonte. Sabemos que o cervo tem grande velocidade.

3 [2] Mas talvez a Escritura não quis apenas isto levar em conta no cervo, mas também insinuar outra coisa. Ouve o que acontece ainda ao cervo. Ele mata as serpentes, e depois de matá-las sente sede mais ardente, e por isso, mortas as serpentes, corre mais veloz para as fontes. As serpentes representam teus vícios. Consome as serpentes da iniquidade, e desejarás com mais ardor a fonte da verdade. A avareza talvez te insinua uma ação tenebrosa, e sibila contra a palavra de Deus, contra os mandamentos de Deus. Se alguém te diz: Despreza-a, não pratiques o mal; se preferes fazer o mal a desprezar alguma vantagem passageira, escolhes a mordedura da serpente, ao invés de matá-la. Por conseguinte, se ainda favoreces teu vício, tua ambição, tua avareza, tua serpente, se ainda encontro em ti tal desejo, como correrás para a fonte das águas? Quando hás de aspirar pela fonte da sabedoria, se ainda sofres as consequências do veneno da malícia? Mata em ti tudo o que é contrário à verdade; e se te vires de certo modo isento das perversas ambições, não pares como se não houvesse mais o que desejar. Existe ainda alguma coisa que te eleve, se já conseguiste afastar os obstáculos que havia em ti. Se és um cervo, provavelmente me dirás: Deus sabe que não sou mais avaro, não desejo o

bem alheio, não ardo de cupidez por um adultério, não me consumo de ódio ou inveja de alguém, etc. Dirás: Não faço tais coisas, e talvez procuras o que te pode deleitar. Anela por algum prazer; aspira pelas "fontes das águas". Deus tem com que te refazer, e desalterar aquele que o procura sedento, depois de matar as serpentes, como um cervo veloz.

4 Nota-se outra coisa ainda no cervo. Conta-se que os cervos, e isto alguns já presenciaram (ninguém escreveria isto a respeito deles, se não o tivesse visto), conta-se que os cervos quando avançam no meio de um bando, ou quando procuram outras partes da terra nadando, apoiam suas cabeças uns nos outros, de sorte que um vai à frente, e o segundo põe sobre ele a cabeça, e assim em seguida, todos eles, até o fim do rebanho. Quando o da frente, que suportava em primeiro lugar o peso da cabeça, fica cansado, vai para o fim, de modo que outro toma o seu lugar, e carrega o que ele carregava, para que o primeiro descance, apoiando a cabeça, como os demais faziam: assim vão se alternando em carregar o peso e terminam a viagem, ajudando-se mutuamente. Não seria de uma espécie de cervos que fala o Apóstolo: "Carregai o peso uns dos outros e assim cumprireis a lei de Cristo" (Gl 6,2)?

1 Cf. Sl 41.43-48; 83.84.86.87.

5 [3] Um cervo desses já fiel, embora ainda não veja o que crê, procura entender o que ama, sofre da parte dos cervos que, ao contrário, têm a inteligência obscurecida, estão mergulhados nas trevas interiores, e obcecados pela cupidez dos vícios. Além disso, insultam o fiel, que não mostra aquele em quem crê, dizendo: "Onde está o teu Deus?" Ouçamos o que este cervo replica a tais palavras, a fim de que possamos também fazer o mesmo. Em primeiro lugar, exprimiu qual a sua sede: "Como o cervo anseia pelas fontes das águas, assim aspira a minha alma por ti, meu Deus". Mas, se o cervo busca as fontes das águas para se lavar? Não sabemos se é para beber ou para se lavar. Ouve como continua o salmista, e cessa a interrogação: "Minha alma tem sede do Deus vivo". Digo: "Como o cervo anseia pelas fontes das águas, assim aspira a minha alma por ti, meu Deus", do mesmo modo que declaro: "Minha alma tem sede do Deus vivo". De que tem sede? "Quando irei me apresentar ante a face de Deus?" Esta é a minha sede: ir me apresentar. Tenho sede na peregrinação, tenho sede no percurso; serei desalterado quando chegar. Mas: "Quando irei?" Para Deus será em breve, mas tarda para meu desejo. "Quando irei apresentar-me ante a face de Deus?" Este desejo é idêntico àquele que fez o salmista exclamar em outra parte: "Uma só coisa pedi ao Senhor, e a procurarei: Habitar na casa do Senhor todos os dias de minha vida" (Sl 26,4). Com que intuito? "Para contemplar as delícias do Senhor, quando me apresentar ante a face do Senhor".

6 [4] Neste ínterim, enquanto medito, enquanto corro, enquanto estou a caminho, antes de ir, antes de apresentar-me, "minhas lágrimas noite e dia se tornaram o meu pão, quando se me rediz: Onde está o teu Deus? Minhas lágrimas se tornaram", não minha amargura, mas o "meu pão". Eram-me suaves estas lágrimas. Tendo sede daquela fonte, como

ainda não podia beber, com maior avidez absorvia minhas lágrimas. Ele não disse: Minhas lágrimas se tornaram minha bebida, para não parecer que as desejava, como se fossem fontes de águas. Tornaram-se meu pão as minhas lágrimas, nessas delongas, mas permanece a sede que me devora e me arrasta para as fontes das águas. Efetivamente, engolindo suas lágrimas, sem dúvida sente mais sede das águas das fontes. Em verdade, noite e dia minhas lágrimas se tornaram o meu pão. Os homens tomam de dia este alimento que se chama pão; de noite, dormem. Quanto ao pão das lágrimas, eles o comem dia e noite, quer se entenda por dia a prosperidade neste mundo e que por noite se signifique a adversidade. Na prosperidade ou na adversidade derramo as lágrimas de meus anelos, cuja avidez não diminui. Quando no mundo tudo corre bem para mim, reputo como mal, enquanto não me apresento ante a face de Deus. Por que tentas levar-me a congratular-me, como se fosse dia, quando a prosperidade mundana me sorri? Não é enganadora? Não é transitória, caduca, mortal? Não é temporal, volúvel, passageira? Não causa mais decepção do que deleite? Como então, mesmo com ela, as minhas lágrimas não se tornariam o meu pão? Verdadeiramente, mesmo quando a felicidade deste mundo nos cerca com seu brilho, enquanto estamos neste corpo, estamos em pregrinação longe do Senhor (cf 2Cor 5,6), "quando se me rediz cada dia: Onde está o teu Deus?" Se for um pagão que me diz isto, não posso replicar-lhe: "Onde está o teu Deus?" Pois, há de mostrar-me seu deus com o dedo. Aponta para uma pedra e responde: Aqui está o meu deus. "Onde está o teu Deus?" Se eu zombar da pedra e aquele que me mostrou ficar envergonhado, tira os olhos da pedra, olha para o céu, e talvez apontando para o sol, dirá novamente: Aqui está o meu deus. "Onde está o teu Deus?" Ele encontra o que mostrar aos olhos corporais; eu, porém, fico como se não tivesse o que mostrar. De fato é ele que não tem olhos para ver o que eu poderia mostrar. Ele pôde indicar a meus olhos corporais o sol, seu deus; a que olhos eu apresentarei o criador do sol?

7 Porquanto ouço diariamente: "Onde está o teu Deus?" e alimentado com minhas lágrimas cotidianas, medito noite e dia a pergunta que ouvi: "Onde está o teu Deus?" procuro também eu o meu Deus, a fim de verificar se é possível não só acreditar, mas igualmente ver alguma coisa. Pois, vejo as coisas que meu Deus criou, mas não vejo meu Deus que as fez. Mas, tendo em vista que assim como o cervo anseia pelas fontes das águas, e junto de Deus está a fonte da vida, e ainda este salmo para inteligência têm por título: salmo dos filhos de Coré; considerando também que a realidade invisível de Deus tornou-se inteligível através das criaturas, o que farei para encontrar o meu Deus? Olho a terra; ela foi criada. Grande é sua beleza, mas teve um artífice. Admirável o milagre da germinação das sementes, mas tudo isto teve um criador. Mostro a grandeza do mar e sua extensão, com espanto e admiração, e busco seu artífice. Contemplo o céu e a beleza das estrelas; admiro o esplendor do sol, suficiente para iluminar o dia, e a lua que alivia as trevas noturnas. Tudo isto é admirável, louvável, estupendo. E não se acham só na terra, mas também no céu. Mas, ainda não se estanca a minha sede. Louvo tudo isso que admiro, mas tenho sede daquele que o fez. Volto-me para mim mesmo, e perscruto, busco quem sou eu que me interrogo desta maneira. Descubro que tenho

corpo e alma; governo o primeiro, sou governado pela segunda. O corpo deve servir e a alma dirigir. Distingo que minha alma é melhor do que o corpo, e verifico que a alma, não o corpo, é que faz tais perguntas. No entanto, sei que percorro com o corpo tudo o que percorri. Louvava a terra, e a conhecera pelos olhos. Tecia elogios ao mar, e o vira com os olhos. Conhecera com os olhos o céu, os astros, o sol e a lua, que elogiara. Os olhos, membros corporais, são as janelas da alma. Está dentro quem as vê através delas; quando ela está ausente pelo pensamento, é em vão que se abrem as janelas. Não alcanço com estes olhos meu Deus, que fez todos esses objetos visíveis a meus olhos. Contemple a alma algo por si mesma, e verifique se não difere do que percebo com os olhos, como a cor e a luz; pelos ouvidos, como o canto e o som; pelo nariz, como os odores suaves; pelo paladar e a língua, como as coisas saborosas; por todo o corpo, como o que é duro ou mole, frio ou quente, áspero ou liso; mas, se ao contrário, não é algo que se vê interiormente? O que significa ver interiormente? Ver o que não é cor, nem som, nem odor, nem sabor, nem calor, nem frio, nem objeto duro ou mole. Queira saber a cor da sabedoria. Ao pensarmos na justiça, e gozarmos interiormente de sua beleza, através do pensamento, o que soa a nossos ouvidos? O que pomos na boca? Que vapor entra pelo nariz? O que tocam as mãos e nos dá prazer? Está no interior, é bela, é louvada e contemplada; e se os olhos estão nas trevas, a alma goza daquela luz. O que é que via Tobias, quando dava conselhos de vida ao filho que via, enquanto ele estava cego (cf Tb 4,2)? Há alguma coisa que percebe a alma, ela que rege o corpo, o orienta e o habita. Ela não o capta pelos olhos corporais, nem pelos ouvidos, nem pelo nariz, nem pelo paladar, nem pelo tato corporal, mas por si mesma; e de fato, vê melhor por si mesma do que por meio de seu servo. É bem assim. Vê-se a si mesma por si. A alma, como se conhece, se vê. Não procura auxílio dos olhos corporais para se ver. Ao contrário. Para se ver em si como se conhece, faz abstração de todos os sentidos corporais, que lhe trazem impedimento e barulho. Mas, talvez seja Deus algo de semelhante à alma? É verdade que Deus só pode ser visto pela alma, mas não como a alma se vê. A alma procura saber alguma coisa de Deus, a respeito de que não a isultem os que perguntam: "Onde está o teu Deus?" Busca a verdade imutável, a substância indefectível. Tal não é a alma, pois retrocede e avança, conhece e ignora, lembra-se e esquece-se; ora quer uma coisa, ora não quer. Em Deus não há tal mutabilidade. Se disser: Deus é mutável, insultar-me-ão os que me interrogam: "Onde está o teu Deus?"

8 [5] Ao procurar meu Deus entre as coisas visíveis e corporais, sem encontrá-lo; ao buscar sua substância em mim mesmo, como se fosse semelhante a mim, sem igualmente o achar, percebo que meu Deus é alguma coisa acima de minha alma. Portanto, para atingi-lo "meditei essas coisas, e minha alma se expandiu acima de si mesma". Quando minha alma poderia atingir o que está acima dela, se não se expandisse acima de si mesma? Se permanecesse em si, nada veria a não ser a si mesma; e por se ver, nem por isso veria seu Deus. Digam os que me insultam: "Onde está o teu Deus?" digam-no. Eu, enquanto não vejo, enquanto sofro com essas delongas, dia e noite absorvo as minhas lágrimas. Digam eles ainda: "Onde está o teu Deus?"

Consequentemente, procuro meu Deus em meio aos corpos terrestres ou celestes, e não o encontro; procuro sua substância em minha alma, mas não a encontro; entreguei-me a cogitações sobre meu Deus, desejoso de que se me tornasse inteligível sua realidade invisível, através das criaturas (cf Rm 1,20) e "minha alma se expandiu acima de si mesma", e só lhe resta atingir a meu Deus. A casa de meu Deus está acima de minha alma; ali ele habita, de lá me olha, de lá me criou, me governa, cuida de mim, me incita, chama, dirige, conduz e guia.

9 Aquele que possui ocultamente uma excelsa morada, tem igualmente na terra seu tabernáculo. Seu tabernáculo terrestre é sua Igreja, que ainda peregrina. Mas é na Igreja que há de ser procurado, porque no tabernáculo se encontra o caminho que leva à casa. Por isso, expandia minha alma acima de mim mesmo para atingir a meu Deus; por que assim agi? "Porque entrarei no local do tabernáculo". Fora do tabernáculo, estarei procurando meu Deus num caminho errado. "Porque entrarei no local do tabernáculo admirável, até a casa de Deus". Entrarei no local do tabernáculo, do tabernáculo admirável, até a casa de Deus. Pois, já admiro muitas coisas no tabernáculo. Oh, quantas coisas admiro no tabernáculo! Pois, tabernáculo de Deus na terra são os homens fiéis; admiro neles o serviço que seus membros lhes prestam, porque o pecado não impera neles, de sorte que obedeçam a seus desejos, nem entregam seus membros, como armas de injustiça, ao pecado, mas se oferecem ao Deus vivo, por meio de boas obras (Rm 6,12.13). Admiro que os membros corporais sejam subordinados à alma que serve a Deus. Contemplo a própria alma que obedece a Deus, planeja seus atos, refreia as ambições, repele a ignorância, tolera todas as coisas ásperas e duras, dispendendo-se em justiça e caridade para com os outros. Contemplo também estas virtudes na alma; mas ainda ando no lugar do tabernáculo. Vou além; e embora seja admirável o tabernáculo, fico estupefacto ao chegar à casa de Deus. A esta casa se refere outro salmo, após ter-se proposto uma questão dura e difícil: a de saber por que razão nesta terra com frequência tudo corre bem para os maus, e mal para os bons, e disse: "Meditei para compreender este problema. Pareceu-me penosa tarefa, até que entrei no santuário de Deus e percebi qual a sua sorte" (Sl 72,16-17). A fonte donde brota o entendimento está no santuário de Deus, na casa de Deus. Ali entendeu o salmista a sorte de cada um deles, e encontrou a solução do problema da felicidade dos iníquos e das dificuldades dos justos. Como solucionou? Viu que as penas dos maus são adiadas, reservadas para o fim, e que os bons são provados aqui, por meio de trabalhos, para que no final consigam a herança. Foi isto que ele veio a saber no santuário de Deus, entendendo as últimas soluções. Subindo do tabernáculo chegou à casa de Deus. No entanto, ao contemplar as partes do tabernáculo, foi conduzido à casa de Deus, seguindo certa suavidade, e um deleite interior e oculto, como se da casa de Deus viesse o som suave de algum órgão. Enquanto andava no tabernáculo, e tendo ouvido determinado som interior, foi conduzido por sua suavidade, e pôs-se a seguir aquela melodia, fez abstração de todos os ruídos da carne e do sangue, e alcançou a casa de Deus. Relembra seu caminho e por onde foi conduzido, como se lhe disséssemos: Contemplavas o tabernáculo nesta terra. Como chegaste ao mais recôndito da casa de Deus? "Entre gritos de alegria e de louvor, e sons festivos".

Quando aqui na terra, os homens fazem uma festa estrondosa, têm o costume de pôr instrumentos e músicos, ou qualquer espécie de música que se presta à lascívia, ou a excitam, diante de sua casa. E se a ouvirmos ao passar por ali, o que dizemos? O que está acontecendo aqui? E obtemos a resposta de que se trata de uma festa. Aqui se celebra um natalício, ou um casamento, de sorte que aqueles cantos não parecem inadequados, mas se desculpa a sensualidade com a festa. Ao invés, na casa de Deus, a festa é eterna. Ali não se celebra coisa alguma que seja transitória. O coro dos anjos é eternamente festivo. A presença de Deus traz uma alegria indefectível. É um dia de festa, sem início e sem fim. Daquela eterna e perpétua festividade ressoa não sei bem que eco canoro, suave aos ouvidos de nosso coração; mas isto se o ruído do mundo não o abafa. O eco daquela festa é agradável ao ouvido daquele que anda no tabernáculo e considera os milagres de Deus em prol da redenção dos fiéis, e ainda atrai fortemente o cervo às fontes das águas.

10 [6] Mas, irmãos, enquanto estamos neste corpo, estamos longe do Senhor, o corpo corruptível pesa sobre a alma e — tenda de argila — oprime a mente pensativa (cf 2Cor 5,6; Sb 9,15). Se conseguimos dissipar um pouco as névoas que nos cercam, caminhando pelo desejo, uma vez ou outra alcançamos aquele som, de forma a captarmos, após muitos esforços, algum dos bens daquela casa; mas, devido ao peso de nossa fraqueza, recaímos em nossos hábitos e reincidimos em nossos costumes. Da mesma forma que ali havíamos encontrado motivos de alegria, aqui não nos faltam ocasiões de gemermos. Em consequência de tudo isto, o cervo absorve noite e dia de suas lágrimas e impelido por seus desejos às fontes das águas, a saber, a doçura interior que vem de Deus, expande sua alma acima de si, para atingir os bens superiores. Caminha em direção ao lugar do tabernáculo admirável, até a casa de Deus. Levado pela alegria causada pelo som interior e inteligível, despreza as riquezas exteriores, e é arrebatado pelas interiores. Mas não deixa de ser homem e ainda geme, ainda carrega a frágil carne, ainda corre perigo no meio dos escândalos deste mundo. Volta, portanto, o olhar para si mesmo, como se tivesse partido de lá, e diz a si mesmo no meio destas tristezas, comparando os bens atuais com aqueles que fora ver, e saiu depois de ter visto: "Por que estás triste, ó minha alma? E por que me perturbas?" Assim é. Alegramo-nos por causa de determinada doçura interior e por termos percebido, apesar de ter sido apenas breve e rapidamente, algo de imutável, com a penetração do espírito. Por que ainda me perturbas, por que estás triste ainda? Pois, não duvidas a respeito de teu Deus. Tens o que responder aos que te perguntam: "Onde está o teu Deus?" Já pressenti algo de imutável; por que me perturbas? "Espera em Deus". E parece que a alma lhe responde silenciosamente: Por que te perturbo? Não será porque ainda não estou onde se encontra aquela suavidade, que de tal modo me raptou, quase de passagem? Por acaso já bebo daquela fonte, sem receio algum? Não receio mais escândalo algum? Já me sinto segura, como se já tivesse domado e vencido todas as concupiscências? Não está vigilante contra mim o diabo, meu inimigo? Não me arma cotidianamente laços insidiosos? Não queres que te perturbe, achando-me no mundo e peregrinando longe da

casa de meu Deus? Perturbado por sua alma, replica: “Espera em Deus”, como que dando a razão desta perturbação: os males que superabundam neste mundo. Neste ínterim, habita nele, com esperança. Ver o que se espera, não é esperar. E se esperamos o que não vemos, é na perseverança que o aguardamos (cf Rm 8,24-25).

11 “Espera em Deus”. Por que: “Espera? Porque ainda o louvarei”. Qual o objeto do louvor? “A salvação de minha face e meu Deus”. A salvação não pode provir de mim mesmo. Isto eu digo e confesso: “A salvação de minha face e meu Deus”. O salmista, receoso em consequência do que parcialmente conhece, inspeccionou solicitamente se o inimigo não estaria se insinuando, e ainda não diz: Estou completamente seguro. Mas também nós, que temos as primícias do Espírito, gememos interiormente, suspirando pela redenção de nosso corpo (cf Rm 8,23). Ao se consumar em nós a salvação, viveremos sem fim na casa de Deus, sem fim louvando aquele ao qual foi dito: “Felizes os que habitam em tua casa. Louvar-te-ão pelos séculos dos séculos” (Sl 83,5). Ainda não acontece tudo isso, porque a salvação prometida ainda não chegou; mas confesso a meu Deus em esperança, dizendo-lhe: “Salvação de minha face e meu Deus”. Pois fomos salvos em esperança; e ver o que se espera, não é esperar (cf Rm 8,24). Persevera, portanto, para alcançares; persevera até que venha a salvação. Escuta a teu Deus, que te fala no teu íntimo: “Espera no Senhor, age virilmente, conforte-se teu coração e espera no Senhor” (Sl 26,14), pois que “aquele que perseverar até o fim, esse será salvo” (Mt 10,22; 24,13). “Por que estás triste, ó minha alma? E por que me perturbas? Espera em Deus; ainda o louvarei”. Meu louvor é o seguinte: “Salvação de minha face e meu Deus”.

12 [7] “Dentro de mim, inquieta-se a minha alma”. Acaso se perturba junto de Deus? Junto de mim é que se perturba. Ela se refazia perto do que é imutável, e junto do que é mutável se perturbava. Sei que é permanente a justiça de meu Deus, mas desconheço se a minha há de permanecer. O Apóstolo me atemoriza, ao dizer: “Aquele que julga estar de pé, tome cuidado para não cair” (1Cor 10,12). Uma vez que em mim não há firmeza, nem confio em mim mesmo: “Dentro de mim, inquieta-se a minha alma”. Queres que não se inquiete? Não pare em ti, e dize: “A ti, Senhor, elevei a minha alma” (Sl 24,1). Escuta a explicação desta passagem. Não confies em ti, mas espera em teu Deus. Se confias em ti, tua alma se inquieta, pois sabe que em ti não há segurança. Se minha alma se inquieta dentro de mim, só me resta a humildade, e que ela não presuma de si mesma. Só resta que a alma se torne muito pequena, e humilhe-se para merecer ser exaltada. Nada atribua a si mesma, a fim de que lhe conceda Deus o que lhe for útil. Dentro de mim se inquietou a minha alma e foi a soberba que causou tal inquietação, “por isso lembro-me de ti da terra do Jordão, e desde o pequeno monte do Hermon”. De onde me lembrei de ti? Do monte pequeno e da terra do Jordão. Talvez se refira ao batismo, que dá a remissão dos pecados. Ninguém corre em busca da remissão dos pecados sem antes não se desgostar de si mesmo. Ninguém acorre à procura da remissão dos pecados se não se confessar pecador; e ninguém se declara pecador, senão humilhando-se diante de Deus. “Por isso lembro-me de ti da terra do Jordão, e desde o pequeno monte”. Não foi

de um monte elevado. Partindo do monte pequeno, ele se tornará grande, “pois todo aquele que se exalta será humilhado, e quem se humilha será exaltado” (Lc 14,11; 18,14). Se procuras qual a interpretação desses nomes, verás que Jordão significa: descida deles. Desce, portanto, para subires; não te eleves, para não escorregares. “Desde o pequeno monte do Hermon”. Hermon traduz-se por: anátema. Censura-te a ti mesmo, desgostando-te de ti; desagradarás a Deus, se te comprazes em ti mesmo. Tendo em vista que Deus é quem nos dá todos os bens, porque ele é bom e não por sermos dignos, porque ele é misericordioso e não que tenhamos merecido alguma coisa, lembrei-me de Deus “da terra do Jordão e do Hermon”. Como se lembra com humildade, merecerá gozar ao ser exaltado. Não se exalta em si quem se gloria no Senhor.

13 [8] “Um abismo chama a outro abismo, ao fragor das tuas cascatas”. É possível que terminemos o salmo, porque me estimula a vossa atenção, cuja intensidade estou vendo. Não me preocupo tanto com vosso cansaço de tanto ouvir porquanto podeis verificar como estou coberto de suor, pelo esforço de falar. Vendo meu labor, certamente haveis de colaborar; não é por minha causa que me empenho, mas pela vossa. Portanto, ouvi; verifico que quereis escutar. “Um abismo chama outro abismo, ao fragor das tuas cascatas”. É a Deus que se dirige o salmista; dele se lembrou da terra do Jordão e do Hermon. Falou cheio de admiração: “Um abismo chama outro abismo, ao fragor das tuas cascatas”. Qual é o abismo que chama a outro? De fato, entender isto é um abismo. Abismo é um lugar profundo, impenetrável, incompreensível. Costuma-se dar este nome principalmente a uma imensa quantidade de água. É grande sua profundidade, a distância até o fundo, ao qual não se pode chegar. Finalmente, foi declarado em outra passagem: “Os teus juízos são como o abismo profundo” (Sl 35,7). A Escritura chama a atenção para o fato de que os juízos de Deus são incompreensíveis. Qual o abismo que invoca outro abismo? Se o abismo é uma profundeza, não seria um abismo o coração humano? O que há de mais profundo do que este abismo? Os homens podem falar, ser vistos através do movimento dos membros, ser ouvidos pela palavra; mas quem pode penetrar seu pensamento, examinar seu coração? Quem compreende o que faz internamente, o que pode, como age, como dispõe em seu íntimo, o que quer, o que não quer? Razoavelmente pode-se entender por abismo o homem, acerca do qual foi dito: “O homem sondará a profundidade do coração e Deus será exaltado” (Sl 63,7.8). Por conseguinte, se o homem é um abismo, como é que um abismo chama outro abismo? Seria um homem que chama a outrem? Invoca como Deus é invocado? Não. Mas invoca, quer dizer: chama a si. Pois, foi dito de alguém: Invoca a morte[1], isto é, vive de tal modo que chama a morte para si. Pois ninguém faz uma oração para invocar a morte, mas é levando uma vida má que os homens invocam a morte. “Um abismo chama outro abismo”. Um homem chama a outro. Ao se aprender a sabedoria, a fé, um abismo chama a outro. Os santos pregadores da palavra de Deus chamam outro abismo, porquanto eles mesmos são um abismo. Diz o Apóstolo, para notificar que eles são um abismo: “Pouco me importa ser julgado por vós ou por um tribunal humano” (1Cor 4,3). Ouvi o que diz adiante, para entenderdes a que ponto ele é um abismo: “Eu também não

me julgo a mim mesmo” (1Cor 4,3). Acreditais haver no homem tão grande profundidade que ele mesmo não sabe o que existe em si? Quanta profundidade tinha a fraqueza latente em Pedro, quando desconhecia o que se passava no seu íntimo e com temeridade prometia que haveria de morrer com o Senhor ou por ele! Que abismo! Este abismo, contudo, era patente aos olhos de Deus. Pois, Cristo lhe prenunciou o que ele mesmo ignorava. Todo homem, portanto, por mais santo, por mais justo, por mais perfeito que seja, é um abismo, e chama outro abismo, quando prega a outrem verdades da fé, ou relativas à vida eterna. É útil o abismo àquele que ele chama, se o faz ao fragor de tuas cascatas. “Um abismo chama a outro abismo”, um homem lucra a outro, mas não com sua voz, mas “ao fragor de tuas cascatas”.

14 Existe outro modo de entender: “Um abismo chama a outro abismo, ao fragor de tuas cascatas”. Fico tremendo, quando minha alma está perturbada, e tenho um medo veemente de teus juízos, pois “os teus juízos são como o abismo profundo” (Sl 35,7; 41,8), e “um abismo chama a outro abismo”. Existe certa condenação, proferida num juízo teu, enquanto estamos presos a esta carne mortal, aflita, pecadora, cheia de incomodidades e de escândalos, sujeita às concupiscências, pois disseste ao homem que pecara: “Terás de morrer”, e “com o suor de teu rosto comerás teu pão” (Gn 2,17; 3,19). Este é o primeiro abismo de teus juízos. Mas, se os homens viveram mal, “um abismo chama a outro abismo”, porque eles vão de pena em pena, de trevas em trevas, de profundezas em profundezas, de suplício em suplício, e do ardor da concupiscência às chamas do inferno. Provavelmente foi isso o que receou este homem, que dizia: “Dentro de mim inquieta-se a minha alma, por isso lembro-me de ti, Senhor, da terra do Jordão e do Hermon”. Devo ser humilde. Tive horror de teus juízos, e temor veemente de teus juízos; por isso “dentro de mim inquieta-se a minha alma”. Quais os teus juízos que receio? Seriam pequenos estes teus juízos? São grandes, duros, molestos; mas quem dera que fossem os únicos! “Um abismo chama a outro abismo, ao fragor de tuas cascatas”. Tu ameaças, tu afirmas que também após estes labores presentes resta outra condenação: “Ao fragor de tuas cascatas, um abismo chama a outro abismo”. Para onde me afastarei longe de tua face, e fugirei de teu espírito (cf Sl 138,7), se um abismo chama a outro abismo, e depois destes trabalhos ainda nos ameaçam outros mais graves?

15 “Todas as tuas ondas e vagas sobre mim passaram”. Vagas são as penas que já sinto, ondas as que me ameaçam. Tudo o que sofro constitui as tuas vagas; as ameaças são as ondas. Nas vagas acha-se o abismo que chama, nas ondas o que é chamado. Nos trabalhos que passo estão todas as tuas vagas; nos mais pesados que me ameaçam, chegaram a mim as tuas ondas. A ameaça ainda não pesa, mas está suspensa. Mas como tu libertas, disse a minha alma: “Espera em Deus; ainda o louvarei, a salvação de minha face e meu Deus”. À medida que aumentam os males, mais suave será tua misericórdia.

16 [9] Por conseguinte, diz: “Durante o dia concedeu o Senhor a sua misericórdia e de noite a declarará”. Ninguém quer quando está atribulado. Dai atenção enquanto tudo corre bem; ouvi quando tudo está bem; aprendei, enquanto estais tranquilos, a doutrina da sabedoria, e guardai a palavra de Deus, como alimento. Quando alguém se acha no

meio da tribulação, deve ser-lhe útil o que ouviu quando estava tranquilo. Efetivamente, na prosperidade Deus te manda sua misericórdia, se o servires fielmente, porque te livra da tribulação; mas não te declara esta misericórdia que te concedeu durante o dia, a não ser quando chega a noite. Ao vir a tribulação, então seu auxílio não te abandona; mostra que foi genuíno o que te mandou durante o dia. Está escrito em certa passagem: “Oportuna é a sua misericórdia por ocasião da tribulação; é como a nuvem de chuva no tempo da seca” (Eclo 35,24). “Durante o dia concedeu o Senhor a sua misericórdia e à noite a declarará”. Demonstra que te socorreu somente ao chegar a tribulação, da qual serás livrado por aquilo que te prometeu durante o dia. Por isso, admoestados somos a imitar a formiga. Como o dia representa a prosperidade neste mundo, assim a noite é figura da adversidade. De outro modo ainda, o verão figura a prosperidade no mundo, e o inverno significa a adversidade. E o que faz a formiga? Junta no verão o que lhe será útil no inverno. Portanto, enquanto é verão, quando tudo corre bem, enquanto estais tranquilos, ouvi a palavra de Deus. Como será possível, no meio das tempestades deste mundo, atravessardes sem tribulação o mar inteiro? Como será possível? A quem isto pode suceder? Se acontece a alguém, ainda mais é de recear a própria tranquilidade. “Durante o dia concedeu o Senhor a sua misericórdia e à noite a declarará”.

17 [9.10] Qual o teu modo de agir nesta peregrinação? O que farás? “Está comigo a oração ao Deus da minha vida”. Assim faço eu, cervo sedento que anseia pelas fontes das águas, e recorda-se da suavidade daquela voz que o conduzirá através do tabernáculo até à casa de Deus, enquanto o corpo corruptível pesa sobre a alma (cf Sb 9,15): “Tenho em mim a oração ao Deus da minha vida”. No intuito de suplicar a meu Deus não preciso ir fazer compras além mar; ou navegar para ser atendido por meu Deus, ou ir buscar de longe incenso ou aromas, ou trazer do rebanho novilho ou carneiro: “Tenho em mim a oração ao Deus de minha vida”. Possuo em meu íntimo a vítima a imolar, dentro de mim o incenso a oferecer, interiormente o sacrifício com que tornarei propício o meu Deus: “Sacrifício a Deus é o espírito contrito” (Sl 50,19). Que espírito contrito tenho interiormente, qual sacrifício? Ouve: “Direi a meu Deus: És o meu protetor. Por que me esqueceste?”. Suporto tais trabalhos neste mundo que parece teres me esquecido. Tu, porém, estás me exercitando. Sei que diferes a concessão do que me prometeste, mas não retiras a promessa; todavia “por que me esqueceste?” Como se fôssemos nós a falar, clamou nossa Cabeça: “Deus, meu Deus, por que me desamparaste” (Sl 21,2; Mt 27,46)? “És o meu protetor. Por que me repeliste?”

18 [11] “Por que me repeliste? Por que me repeliste”, da fonte da inteligência imutável da verdade? Por que devido ao peso e à carga de minha iniquidade, repleto de desejos por ela, fui jogado para baixo? Esta mesma palavra se encontra em outra passagem: “Eu disse no meu êxtase”: quando contemplou algo de grandioso em seu arroubo “eu disse no meu êxtase: Fui rejeitado do alcance de teus olhos” (Sl 30,23). Comparou a sua situação com aquela à qual fora elevado, e viu que fora lançado longe do alcance dos olhos de Deus, como acontece aqui: “Por que me repeliste? E por que ando eu triste, quando me aflige o inimigo e quebra-me os ossos?” Trata-se daquele diabo tentador, e do

crescimento da iniquidade, cuja abundância fará com que esfrie o amor de muitos (cf Mt 24,12). Ao constatarmos que muitas vezes as igrejas talvez cedam diante dos escândalos, não dirá o corpo de Cristo: O inimigo "quebra-me os ossos"? Pois, ossos designam os fortes, e por vezes até os fortes cedem diante das tentações. E se algum dos membros de Cristo considera tudo isso, não há de clamar em lugar do corpo de Cristo: "Por que me repeliste? E por que ando eu triste, quando me aflige o inimigo e quebra-me os ossos?" Não atinge apenas as minhas carnes, quebra-me os ossos. Vês aqueles que pareciam ter alguma fortaleza cederem diante das tentações os fracos perderem a confiança quando veem os fortes sucumbirem. Quão imensos são estes perigos, meus irmãos!

19 [11.12] "Os inimigos que me atormentam, recriminam-me". Novamente aquela voz: "Quando se me rediz cada dia: Onde está o teu Deus?" São especialmente as igrejas que o dizem, em suas provas: "Onde está o teu Deus?" Quantas vezes ouviram-no os mártires, fortes e pacientes, quantas vezes foi-lhes dito: "Onde está o vosso Deus?" Ele vos livre, se puder. Os homens viam seus tormentos exteriores, mas não consideravam que interiormente seriam coroados. "Os inimigos que me atormentam, recriminam-me, a dizer cada dia: Onde está o teu Deus?' Por isso, uma vez que minha alma me perturba, o que lhe direi senão: "Por que estás triste, ó minha alma? E por que me perturbas?" E ela de certo modo me responde: Não queres que te perturbe, estando cercada de tantos males? Suspiro pelo bem, tenho sede, labuto, e não queres que te perturbe? "Espera em Deus; ainda o louvarei". Externa a própria confissão, repete em confirmação de sua esperança: "A salvação de minha face e meu Deus".

1 Cf Esopo. Fabr. 6.

SALMO 42

SERMÃO AO POVO

1 Este salmo é curto, para satisfação das mentes dos ouvintes, sem molestar o estômago dos que estão em jejum. Alimenta-se dele a nossa alma. Declara estar triste aquele que o canta. Acredito que esteja triste devido a seu jejum, ou melhor, a sua fome. Pois o jejum é voluntário, enquanto a fome é uma necessidade. A Igreja tem fome, tem fome o corpo de Cristo, aquele homem espalhado por toda a terra, cuja Cabeça está no alto, e os membros em baixo. Sua voz, em todos os salmos, ora salmodiando, ora gemendo, ora se alegrando na esperança, já muito conhecida e familiar, devemos considerar como sendo nossa. Não nos detenhamos longamente, para deixarmos entrever a todos vós quem é que fala. Esteja cada um no corpo de Cristo, e assim se exprima.

2 [1] Todos aqueles que se aperfeiçoam, que gemem com o anseio daquela cidade celeste, que estão cientes de serem peregrinos, que se mantêm no caminho, que lançaram a sua âncora, a sua esperança, no desejo daquela terra inteiramente estável, isto tudo vós bem o conheceis. Sabeis, portanto, que esta espécie de homens, esta boa semente, este trigo de Cristo geme no meio do joio; e será assim até que chegue o tempo da colheita, isto é, até o fim do mundo, conforme nos explica a verdade que não falha. Geme, pois, no meio do joio, quer dizer, entre os malvados, dolosos e sedutores, turbulentos e iracundos, ou envenenados pelas insídias. Verifica ao redor de si que se acha ao lado deles como num só campo, por todo o mundo, e que recebe a mesma chuva, ventos iguais; juntos são alimentados no meio de contrariedades, têm em comum os dons de Deus, que são concedidos em geral aos bons e aos maus por aquele que faz seu sol se levantar sobre bons e maus, e chover sobre justos e injustos (cf Mt 5,45). Vê, por conseguinte, a descendência de Abraão, a geração santa quantas coisas tem agora em comum com os maus, dos quais um dia há de se separar, isto é, nascerem igualmente, partilharem das mesmas condições de todo gênero humano, de modo semelhante terem corpos mortais, simultaneamente utilizarem-se da luz, das fontes, dos frutos, das prosperidades e adversidades do mundo: fome ou abundância, paz ou guerra, saúde ou peste. Vendo, pois, quantas coisas os bons têm em comum com os maus, com os quais, porém, não têm causa comum, prorrompe nesta prece: "Julga-me, ó Deus, e distingue da causa de uma gente ímpia a minha causa". Pede: "Julga-me, ó Deus". Não temo o teu juízo, porque conheço a tua misericórdia. "Julga-me, ó Deus, e distingue da causa de uma gente ímpia a minha causa". Por enquanto, nesta peregrinação, ainda não separas um lugar para mim, porque vivo misturado ao joio até o tempo da colheita. Ainda não separas para mim a chuva, nem a luz: distingue a minha causa. Haja diferença entre aquele que acredita em ti, e aquele que não crê. A fraqueza é igual, mas a consciência difere; igual o labor, diverso o desejo. O desejo dos ímpios perecerá; poderíamos duvidar acerca dos anelos dos justos, se não fosse seguro aquele que promete. O fim de nossos

desejos é quem fez as promessas. Dar-se-á a si mesmo, porque já se deu; dar-se-á como imortal aos imortais, porque já se deu enquanto mortal aos mortais. "Julga-me, ó Deus, e distingue da causa da gente ímpia a minha causa. Livra-me do homem iníquo e enganador", isto é, "da gente ímpia". "Do homem", de certa espécie de homens, porque há homem e homem e dentre esses dois um será tomado e o outro deixado (cf Mt 24,40).

3 [2] Até a colheita faz-se mister paciência, com uma indeterminada separação, por assim dizer, uma vez que bons e maus, ainda não discriminados, acham-se misturados (portanto não separados), apesar de continuar o joio sendo joio, e o trigo, trigo (portanto já distintos). Como igualmente a fortaleza é necessária, imploremo-la àquele que nos ordenou sermos fortes. Não seremos aquilo que ele mandou, se ele mesmo não nos fizer tais, conforme a palavra: "Aquele, porém, que perseverar até o fim, esse será salvo" (Mt 10,22; 24,13). Imediatamente acrescenta o salmista, visando a que a alma não se arrogue fortaleza, para não se debilitar: "Tu és, meu Deus, a minha fortaleza. Por que me repeliste? E por que ando eu triste, quando me aflige o inimigo?" Interroga qual o motivo de sua tristeza. "Por que ando eu triste, quando me aflige o inimigo?" Ando triste, o inimigo me aflige com tentações cotidianas, sugerindo amor ao mal, ou medo do que seria errado temer. A alma, lutando contra uma e outra coisa, embora não se deixe apanhar, corre perigo, contrai tristeza e diz a Deus: "Por quê?" Interroga-o e ouça a resposta. Pergunta, pois, no salmo, a causa de sua tristeza, dizendo: "Por que me repeliste? E por que ando eu triste?" Ouça a resposta de Isaías, venha-lhe em socorro a leitura que se acaba de recitar: "O espírito procederá de mim, e criei todas as almas. Por causa do pecado, contristei-o um pouco e dele escondi a minha face; contristou-se e prosseguiu, entristecido, por seus caminhos" (Is 57,16.17, sg. LXX). A solução da questão: "Por que me repeliste? E por que ando eu triste?" é a seguinte: "Por causa do pecado". O pecado é a causa de tua tristeza, seja a justiça o motivo de tua alegria. Querias pecar, mas sem sofrer; não te bastava ser injusto, querias ainda agir injustamente e ficar impune. Considera a palavra mais exata de outro salmo: "Foi bom que me humilhaste, para que eu aprenda as tuas justificações" (Sl 118,71). Orgulhoso, aprendera a iniquidade, aprenda humilhado as tuas justificações. "E por que ando eu triste, quando me aflige o inimigo?" Queixas-te do inimigo. Na verdade, ele aflige, mas tu foste quem lhe deu acesso. E agora, sabes como agir. Escolhe teu plano, aceita o rei, exclui o tirano.

4 [3] Mas para agir desta maneira, presta atenção ao que o salmista diz, as suas súplicas, a sua oração. Reza o que ouves, reza ao ouvires; esta voz é de todos nós: "Envia a tua luz e a tua verdade. Elas me conduziram e guiaram até o monte santo e os teus tabernáculos". Tua luz, tua verdade: dois nomes, uma realidade. O que é a luz de Deus senão a verdade de Deus? Ou o que é a verdade de Deus, senão a sua luz? E ambas são um só Cristo. "Eu sou a luz do mundo. Quem me segue não andará nas trevas, mas terá a luz da vida" (Jo 8,12). "Eu sou o caminho, a verdade e a vida" (Jo 14,6). Ele é a luz, ele é a verdade. Venha, pois, e nos liberte, distinguindo da causa de uma gente ímpia a nossa causa. Livre-nos do homem iníquo e enganador. Separe o trigo do joio, porque ele

enviará seus anjos no tempo da messe, para tirarem de seu reino todos os escândalos, e os lançarem no fogo ardente, reunindo o trigo no celeiro (cf Mt 13,41-43). Envie sua luz e sua verdade, porque elas já nos guiaram e nos conduziram até o seu monte santo e o seu tabernáculo. Temos o penhor, mas esperamos o prêmio. Seu santo monte é a sua santa Igreja. É aquele monte que surgiu de uma pedra mínima, segundo a visão de Daniel, e esmagou os reinos da terra; e cresceu tanto que encheu toda a face da terra (cf Dn 2,35). Neste monte é que o salmista foi ouvido, conforme declara aquele que diz: “Elevei ao Senhor a minha voz e ele me ouviu de seu monte santo” (Sl 3,5). Quem orar fora deste monte, não espere ser ouvido com proveito para a vida eterna. É verdade que muitos são atendidos em muitos pedidos. Não se congratulem por terem sido ouvidos; foram ouvidos também os demônios, que podiam ser mandados, para entrar nos porcos (cf Mt 8,32). Anelemos ser atendidos em vista da vida eterna, segundo o desejo que formulamos: “Envia a tua luz e a tua verdade”. Aquela luz penetra nos olhos do coração: “Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus” (Mt 5,8). Agora estamos em sua montanha, isto é, em sua Igreja, e em seu tabernáculo. O tabernáculo é próprio dos que peregrinam, e a casa dos que nela coabitam. O tabernáculo é a morada dos peregrinos e dos que militam. Ao ouvires falar de tabernáculo, entende que se trata de guerra, acautela-te do inimigo. Como será a casa? “Felizes os que habitam em tua casa. Louvar-te-ão pelos séculos dos séculos” (Sl 83,5).

5 [4] Que esperança alimentamos, depois de conduzidos ao tabernáculo, e estabelecidos em seu santo monte? “E eu me aproximarei do altar de Deus”. Existe um altar sublime e invisível, ao qual não tem acesso o injusto. A ele só tem acesso quem se aproxima com segurança deste; ali encontrará sua vida quem junto deste distingue a sua causa. “E eu me aproximarei do altar de Deus”. Partindo de seu monte santo, de seu tabernáculo, de sua santa Igreja, eu me aproximarei do sublime altar de Deus. Qual será o sacrifício ali? Aquele que entra, é tomado para o holocausto. “Eu me aproximarei do altar de Deus”. Por que diz: “do altar de Deus, do Deus que alegra a minha juventude”? Juventude significa vida nova. Alegra minha nova vida, aquele que contristou minha vida antiga. Agora ando eu triste na vida antiga, mas então alegrar-me-ei na vida nova. “Cantar-te-ei ao som da cítara, Deus, meu Deus”. O que significa cantar ao som da cítara, cantar ao som do saltério? Nem sempre se canta ao som da cítara, nem sempre ao som do saltério. Estes dois instrumentos musicais se distinguem e diferem um do outro; é bom considerá-lo e guardá-lo na memória. Ambos são carregados e tocados com as mãos, e significam nossas obras corporais. Um e outro são agradáveis, se tocados por quem sabe usar o saltério ou a cítara. Saltério chama-se o instrumento que tem a cavidade na parte superior, quer dizer, o tímpano ou madeira côncava, que dá ressonância às cordas, nele apoiadas. A cítara tem a madeira côncava e sonora na parte inferior. São distintas as nossas obras, se vêm do saltério, ou da cítara. Mas ambas são agradáveis a Deus e suaves aos seus ouvidos. Quando, pois, agimos de acordo com os mandamentos de Deus, obedecendo às suas ordens e atentos para cumprir seus preceitos e ao agirmos não sofremos, trata-se do saltério. Assim também agem os anjos. Eles nada sofrem. Quando,

porém, sofremos alguma tribulação, tentação, escândalo nesta terra, como padecemos na parte inferior, isto é, a que faz com que sejamos mortais, e como esta tribulação nos provém de nossa primeira condição, e sofremos muito da parte dos seres inferiores, trata-se da cítara. Sai um som suave da parte inferior; sofremos e salmo-diamos, ou antes, cantamos e tocamos cítara. Ao dizer o Apóstolo que devia por preceito divino evangelizar e pregar o evangelho em toda a terra, evangelho que dizia não ter recebido dos homens nem através de um homem, mas por Jesus Cristo (cf Gl 1,12). As cordas soavam, na parte superior. Ao declarar, ao invés: "Nós nos gloriamos nas tribulações, sabendo que a tribulação produz a perseverança, a perseverança uma virtude comprovada, a virtude comprovada a esperança" (Rm 5,3.4), a cítara ressoava, da parte inferior sim, mas de maneira suave. A paciência é sempre suave para Deus. Se desfaleces nas tribulações, quebraste a cítara. Por que então diz: "Cantar-te-ei ao som da cítara"? Por causa da palavra: "E por que ando eu triste, quando me aflige o inimigo?" Ele sofria em consequência de uma aflição terrena, e no entanto queria agradar a Deus e dar-lhe graças, forte na tribulação. Devia apresentar-se paciente, diante de Deus, uma vez que não se pode ficar isento de tribulação. "Cantar-te-ei ao som da cítara, Deus, meu Deus".

6 [5] Novamente dirige-se a sua alma, para que capte o som proveniente daquela cavidade inferior de madeira: "Por que estás triste, ó minha alma? E por que me perturbas?" Acho-me cercado de tribulações, de doenças, de tristezas. Por que me perturbas, ó minha alma? Quem assim se exprime? A quem se dirige? Sabemos todos que se dirige a sua alma; está bem claro. É a ela que dirige a palavra. "Por que estás triste, ó minha alma? E por que me perturbas?" Pergunta-se qual a pessoa que fala. Será a carne que fala à alma, apesar de que a carne inanimada não fale? Seria mais adequado dizer que a alma fala à carne do que a carne à alma. Mas, visto que não disse: Por que estás triste, ó minha carne, mas: "Por que estás triste, ó minha alma?" não é a alma que fala à carne. Se ela falasse à carne, talvez não dissesse: "Por que estás triste?" E sim: Que dor estás sentindo? A tristeza é a dor da alma. Uma incomodidade corporal pode chamar-se dor, mas não tristeza. Mas, às vezes, a alma se contrista devido a uma dor corporal. Difere ter dor de constristar-se. A carne sente dor, enquanto a alma se entristece. Evidencia-se com a palavra: "Por que estás triste, ó minha alma?" Não é a alma que fala à carne, porque não foi dito: Por que estás triste, ó minha carne? Nem é a carne que se dirige à alma, visto que seria absurdo que a parte inferior se dirigisse à superior. Entendemos, então que temos algo onde se encontra a imagem de Deus, a saber, a mente, a razão. A mente invocava a luz de Deus e a verdade de Deus. Com ela entendemos o que é justo e o que é injusto, discernimos o verdadeiro do falso. Ela denomina-se intelecto, do qual carecem os animais. Se alguém negligenciar o intelecto, e o pospõe a outros bens, rejeitando-o como se não o possuísse, escute o que lhe diz o salmo: "Não sejais como o cavalo e o mulo, sem inteligência" (Sl 31,9). Nosso intelecto, por conseguinte, fala a nossa alma. Esta se sente enfraquecida no meio das tribulações, cansada de tanta angústia, oprimida pelas tentações, doente de tantos trabalhos. A mente se alça para as alturas, apreende a verdade, e diz: "Por que estás triste, ó minha alma? E por que me

perturbas?”

7 Vede se não é esta a fala do Apóstolo em sua luta, prefigurando a alguns, talvez mesmo a nós, e declarando: “Apraz-me a lei de Deus, segundo o homem interior, mas percebo outra lei em meus membros”, isto é, certos movimentos carnais; e numa luta quase desesperada invoca a graça de Deus: “Infeliz de mim! Quem me libertará deste corpo de morte? A graça de Deus, por Jesus Cristo Senhor nosso” (Rm 7,22.25). Dignou-se o Senhor prefigurar em si mesmo os que lutam desta forma, afirmando: “A minha alma está triste até a morte” (Mt 26,38). Ele sabia bem com que finalidade viera. Teria horror da paixão aquele que havia dito: “Tenho o poder de dar a minha alma e de retomá-la; ninguém ma arrebata, mas eu a dou livremente” (Jo 10,17.18)? Mas: “A minha alma está triste até a morte”. Quem o disse era uma figura de seus membros. Por vezes a alma acredita com firmeza e sabe muito bem que o homem irá, segundo sua fé, para o seio de Abraão; acredita isto, e no entanto, ao sobrevir um perigo de morte, perturba-se por causa de sua afinidade com a vida neste mundo; presta ouvidos àquela voz de Deus interna, ouve interiormente um canto racional. Assim, do alto no silêncio, vem um som perceptível pelo espírito, não pelo ouvido. Quem ouvir tal cântico, aborrece o estrépito material, e a vida humana inteira parece-lhe um tumulto que impede a audição de um som vindo do alto, imensamente deleitável, incomparável, inefável. De fato, quando sucede tal perturbação, o homem sente o ataque e diz a sua alma: “Por que estás triste, ó minha alma? E por que me perturbas?” Ou será que isto aconteceu porque dificilmente se encontra uma vida purificada, diante do juiz que julga até o que é puro e irrepreensível? Pode haver uma vida humana, na qual não encontrem os homens o que repreender, segundo as normas da justiça. Mas, se os olhos de Deus são que examinam, se a norma que mede sem possibilidade de engano é que procede, Deus encontra no homem algo de repreensível, que não aparecia aos homens, nem mesmo àquele cujo íntimo há de ser julgado. Experimentando tal receio a alma talvez se perturbe; de certo modo, pergunta-lhe a mente: Por que estás receosa acerca dos pecados, que não podes evitar inteiramente? “Espera em Deus; ainda o louvarei”. Estas palavras curam algumas faltas; as demais são purificadas por fiel confissão. De fato, teme, se te declaras justo, se não repetes a palavra de outro salmo: “Não chames a juízo o teu servo” (Sl 142,2). Preciso de tua misericórdia. Pois, se empregares um julgamento sem misericórdia, para onde irei? “Se observares as iniquidades, Senhor, quem resistirá?” (Sl 129,3). “Não chames a juízo o teu servo, porque nenhum vivente se justificará em tua presença” (Sl 142,2). Por conseguinte, se não se justificará vivente algum em tua presença, quem vive aqui na terra, por mais que viva na justiça, infeliz dele se Deus o chamar a juízo. Pela boca de outro profeta Deus censura desta mesma forma os arrogantes e soberbos: “Por que pleiteais comigo? Vós todos vos rebelastes contra mim, oráculo do Senhor” (Jr 2,29). Não pleiteies, portanto, em juízo; esforça-te por ser justo; à medida que puderes, confessa-te pecador; espera sempre a misericórdia; e nesta humilde confissão, fala confiante a tua alma que te perturba e se agita contra ti: “Por que estás triste, ó minha alma? E por que me perturbas?” É possível que quisesses confiar em ti mesmo: “Espera no Senhor”, não em ti. O que és em ti mesmo? O que provém de ti? Seja ele a tua cura,

ele que recebeu os ferimentos por tua causa. “Espera no Senhor; ainda o louvarei”. Como? “A salvação de minha face e meu Deus”. Tu és a salvação de minha face, e me curarás. Estando doente dirijo-me a ti. Conheço o médico e não me gabo de estar são. O que significa: Conheço o médico e não me gabo de estar são? Tem idêntico sentido ao que se exprime em outro salmo: “Eu disse: Compadece-te de mim, Senhor, cura a minha alma, porque pequei contra ti” (Sl 40,5).

8 Esta oração, irmãos, é uma garantia. Mas, vigiai, praticando boas obras. Tocai o saltério, obedecendo aos preceitos; tocai a cítara, suportando os sofrimentos. “Reparte o teu pão com o faminto” (Is 58,7), ouviste de Isaías. Não penses que só o jejum basta. O jejum te castiga, mas não nutre a outrem. Frutuosas serão tuas economias se prestarem algum alívio ao próximo. Retiraste um pouco do que te era destinado; a quem o darás? Onde colocas aquilo que negaste a ti mesmo? Quantos pobres poderão se saciar com a refeição de que nos privamos hoje! Jejua de sorte a te alegrares de te refazeres enquanto teu próximo come, e de seres ouvido por causa de suas orações. Isaías diz a este respeito: “Ainda estarás falando e te direi: Aqui estou. Isto, se deres de bom ânimo o pão ao faminto” (cf Is 58,9.10). Por vezes, o pão é dado com tristeza e murmuração; procura-se antes ver-se livre da importunação do mendigo do que saciar a fome do indigente. “Deus ama a quem dá com alegria” (2Cor 9,7). Se dás o pão com tristeza, perdes simultaneamente o pão e o merecimento. Por conseguinte, dá de bom ânimo, de forma que Deus que vê no teu íntimo, enquanto, ainda falares, te responda: “Aqui estou”. As orações dos que praticam o bem são rapidamente ouvidas. A justiça do homem nesta vida consiste em jejum, esmola e oração. Queres que tua oração voe para Deus? Dá-lhe duas asas: o jejum e a esmola. A luz de Deus, a verdade de Deus assim nos encontre, com segurança, quando vier nos livrar da morte aquele que veio sofrer a morte por nossa causa. Amém.

SALMO 43

SERMÃO AO POVO

1 [1] Este salmo atribuiu-se aos filhos do Coré, conforme traz seu título. Coré se traduz por Crânio ou Calvário, e encontramos escrito no evangelho que nosso Senhor Jesus Cristo foi crucificado no lugar chamado Calvário. Por isso torna-se claro que este salmo é cantado pelos filhos de sua paixão. A este respeito temos o testemunho evidente e firme do apóstolo Paulo. Quando a Igreja padecia perseguições da parte dos gentios, deste salmo ele tirou o versículo que citou como exortação e conforto. Nele, de fato, se encontra a palavra que Paulo incluiu em sua epístola: “Por tua causa somos postos à morte o dia todo, somos considerados como ovelhas destinadas ao matadouro” (Rm 8,36). Ouçamos, portanto, no salmo a voz dos mártires. E vede como é boa a motivação desta palavra dos mártires: “Por tua causa”. Assim igualmente o Senhor quando disse: “Bem-aventurados os que são perseguidos, acrescentou: por causa da justiça” (Mt 5,10), para que não sucedesse que alguém ao sofrer perseguição, quisesse se gloriar de seus padecimentos, apesar de não ser boa a sua causa. Por conseguinte exorta os seus: Sereis felizes quando os homens vos fizerem isto ou aquilo, ou o disserem, por minha causa. Por esta razão, também a palavra: “Por tua causa somos postos à morte o dia todo”.

2 Existe um plano de Deus muito profundo, que merece longa consideração, e cujo motivo vamos procurar. Deus tirou os nossos pais, os patriarcas e todo o povo de Israel, com mão forte, do Egito. Afogou no mar os inimigos que os perseguiam. Conduziu-os através de povos que se lhes opunham, venceu seus inimigos e colocou-os na terra prometida. Deu-lhes grandes vitórias, apesar de seu pequeno número contra uma multidão de inimigos. Depois, aprouve-lhe de certo modo afastar de si o seu povo, de sorte que seus santos sofreram matanças, mortes, sem resistência, defesa ou impedimento. Ele como que apartava seu rosto de seus gemidos, parecia esquecê-los, como se não fosse o Deus que, com mão forte e braço levantado, por evidente poder, livrou do Egito, como disse, a nossos pais, quer dizer, aquele povo, e tendo vencido e expulsado de sua terra as nações o constituísse num reino, para admiração de todos, porque frequentemente muitos foram superados por poucos. Foi tudo isto que se começou a cantar, com gemidos de confissão, no presente salmo. Tais acontecimentos não foram em vão. É preciso entender por que se deram. Efetivamente, é manifesto que eles se deram, mas devemos investigar profundamente por que razão assim sucedeu. O título não traz apenas: “Dos filhos de Coré”, mas: “Para inteligência, dos filhos do Coré”. Encontra-se também naquele salmo, cujo primeiro versículo o próprio Senhor recitou na cruz: “Meu Deus, meu Deus, olha-me. Por que me desamparaste?” semelhante maneira de se exprimir. Prefigurando-nos no que dizia e em seu corpo (visto que somos seu corpo e ele é nossa Cabeça), a voz que se ouviu da cruz não era sua, mas nossa. Pois, Deus nunca o abandonou e ele jamais se afastou do Pai. Foi por nossa causa que ele proferiu

as palavras: “Meu Deus, meu Deus, por que me desamparaste?”, e em seguida: “Estão longe de minha salvação as vozes de meus delitos”. Demonstra assim em nome de quem falou, uma vez que nele não se achou pecado. Ele declara ainda no mesmo salmo: “Clamarei durante o dia, e não me escutarás; e à noite…” (Subentende-se: e não me escutarás). Além disso acrescenta: “e não para minha loucura” (Sl 21,2.3), isto é, não me ouvirás, de sorte que eu entenda, e não para que enlouqueça. O que significa: não ouvirás, de sorte que eu entenda? Quer dizer que não me atenderás no tocante aos bens temporais, para eu compreender que de ti hei de esperar os eternos. Por conseguinte, Deus não abandona e se aparentemente se afasta, retira o objeto mal desejado e ensina qual convém desejar. Se Deus sempre nos cumulasse de prosperidade material, com abundância de tudo, e enquanto somos mortais não sofrêssemos tribulação alguma, nem aflições e angústias, diríamos talvez serem esses os bens supremos que Deus concede a seus servos, e não desejaríamos outros maiores da parte dele. Por isto, ele mistura com as falsas suavidades desta vida as amarguras das tribulações, para que busquemos a outra vida, suave e salutar. Este o sentido do título: “Para inteligência, dos filhos de Coré”. Por fim, vejamos o salmo, e nele tudo isso se evidenciará.

3 [2.3] “Ouvimos, ó Deus, com nossos próprios ouvidos. Nossos pais nos contaram a obra que fizeste em seus dias, nos tempos de outrora”. Eles recordam o que ouviram de seus pais, admirados porque parece que Deus abandonou aqueles que ele quis experimentar nos sofrimentos, e de certo modo dizem: Nossos pais não nos contaram coisas como essas que padecemos. Pois, no salmo 21 foi dito: “Em ti confiaram os nossos pais, esperaram e os livraste. Eu, porém, sou verme e não homem. Opróbrio dos homens e abjeção da plebe” (Sl 21,5.7). Esperaram e os livraste; eu esperei e me abandonaste, e foi em vão que em ti acreditei, que meu nome está escrito junto de ti, e teu nome se gravou em mim? Foi isto que nossos pais nos indicaram. “Para implantá-los, com tua mão dispersaste nações, abateste povos e os expulsaste”. Quer dizer, expulsaste povos de seu país, para os introduzir e implantar, e confirmar seu reino com tua misericórdia. Tudo isso nossos pais nos contaram.

4 [4] Mas talvez puderam realizar tais feitos porque eram fortes guerreiros, invencíveis, exercitados, belicosos? De modo nenhum. Não foi isto que nossos pais nos contaram, nem o que se encontra na Escritura. Ela contém apenas o que segue: “Não foi por sua espada que conquistaram a terra, nem foi seu braço que os salvou. Foi a tua direita e foi o teu braço, foi o resplendor de tua face. Tua direita”, teu poder; “teu braço”, teu próprio Filho. “E o resplendor de tua face”; qual o sentido da expressão? Apareceste por meio de tais sinais que eles entendiam estares presente. Quando Deus se nos revela por meio de algum milagre, vemos com nossos olhos a sua face? Mas o efeito miraculoso manifesta aos homens a sua presença. Enfim, todos os que se admiram diante de tais fatos, o que dizem? Vi a Deus presente. “Foi a tua direita e foi o teu braço, foi o resplendor de tua face, porque os amaste”, a saber, de tal modo agiste em relação a eles por que os amaste. Quem observasse esse modo de agir, diria que verdadeiramente Deus estava com eles e neles agia.

5 [5] E então? Deus era um outrora e é outro agora? De modo algum. Como continua? "És o meu rei e o meu Deus". Tu és o mesmo, não mudaste. Vejo os tempos mudados, ao invés do Criador dos tempos que não muda. "És o meu rei e o meu Deus". Costumas conduzir-me, reger-me, socorrer-me. "Que deste a vitória a Jacó. Que deste?" O que significa? Embora estejas oculto, por tua substância e natureza, pelas quais és o que és, e não te apresentaste a nossos pais segundo aquilo que és, de modo que te vissem face a face, contudo, dás a vitória a Jacó através de seres criados. Efetivamente a visão face a face é reservada aos libertados, por ocasião da ressurreição. Igualmente os pais, no Novo Testamento apesar de terem visto a revelação de teus mistérios, e haverem anunciado os segredos que lhes foram revelados, todavia afirmaram que viram em espelho e enigma, e estar reservada ao futuro a visão face a face, ao se realizar a palavra do Apóstolo: "Pois morrestes e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus; quando Cristo, que é a vossa vida, se manifestar, então vós também com ele sereis manifestados em glória" (cf 1Cor 13,12; Cl 3,3.4). Está reservada para esta ocasião a visão face a face, referida por João: "Caríssimos, desde já somos filhos de Deus, mas o que nós seremos ainda não se manifestou. Sabemos que por ocasião desta manifestação seremos semelhantes a ele, porque o veremos tal como ele é" (1Jo 3,2). Em consequência, embora então nossos pais não te tenham visto face a face como tu és, embora tal visão esteja reservada para a ressurreição final, embora tenha sido através dos anjos, tu é que "deste a vitória a Jacó". Não estás presente apenas por ti mesmo, mas por meio de qualquer de tuas criaturas tu te apresentas. Assim ordenas, em prol da salvação de teus servos; neste intuito agem aqueles a quem ordenas. Tu és o meu rei e meu Deus, tu dás a vitória a Jacó. Por que razão, então, sofremos agora tais males?

6 [6] É possível que sejam apenas fatos passados os que nos foram contados; quanto ao futuro, nada disto é de se esperar. Muito ao contrário. "Por ti repeliremos o inimigo". Por conseguinte, nossos pais nos contaram a obra que fizeste em seus dias, nos tempos de outrora, porque para implantá-los, com tua mão dispersaste nações e abateste povos. São fatos passados; no futuro, como será? "Por ti repeliremos o inimigo". Época virá em que todos os inimigos dos cristãos serão ventilados como palha, carregados pelo vento como a poeira e varridos da superfície da terra. Se, portanto, tais feitos relativos ao passado nos são contados, e outros tantos são prenunciados quanto ao futuro, por que lutamos no meio dos acontecimentos presentes, senão "para inteligência, dos filhos de Coré? Por ti repeliremos o inimigo, e em teu nome desprezaremos os que se levantam contra nós". Refere-se ao futuro.

7 [7] "Não é em meu arco que porei a confiança, nem é minha espada que me salvará". Nem a nossos pais foi a sua espada.

8 [8] "Mas tu nos salvaste dos que nos afligiam". Fala no pretérito acerca do futuro; fala como se fosse fato passado, por ser tão certo como se já estivesse realizado. Prestai atenção. Muitos profetas assim se exprimem no pretérito ao prenunciarem eventos futuros, ainda não realizados. O salmista também diz, ao prenunciar a futura paixão do

Senhor: “Traspassaram-me as mãos e os pés. Contaram todos os meus ossos”. Ele não disse: Traspassarão e contarão. “Estiveram a olhar-me e me examinaram”. Não disse: Olharão e examinarão. “Dividiram entre si as minhas vestes” (Sl 21,17.19). Não disse: Dividirão. Todos esses verbos estão no pretérito, enquanto os eventos são futuros, porque para Deus os acontecimentos futuros são tão certos como se fossem passados. Para nós são certos os fatos passados; os futuros, incertos. Sabemos que alguma coisa aconteceu, e é impossível fazer com que não tenha sucedido o que já aconteceu. Imagina um profeta para o qual seja tão certo o futuro quanto o passado para ti; e como aquilo de que te lembras ter acontecido, é impossível que não esteja feito, assim o que este profeta conhece que há de suceder no futuro seja impossível que não aconteça. É por isso que ele afirma com segurança como feitos pretéritos o que ainda há de vir. É isto o que nós esperamos. “Mas tu nos salvaste dos que nos afligiam e confundiste os que nos odiavam”.

9 [9] “Em Deus nos gloriaremos todo dia”. Vede como inclui também verbos no futuro, para entenderes que as palavras que disse no pretérito são predições do futuro. “Em Deus nos gloriaremos todo dia, e celebraremos o teu nome para sempre”. Qual o motivo de dizer: “Gloriaremos e celebraremos”? A razão está em que nos salvaste dos que nos afligiam, hás de dar-nos o reino eterno, e em nós se realizará a palavra: “Felizes os que habitam em tua casa, Senhor. Louvar-te-ão pelos séculos dos séculos” (Sl 83,5).

10 [10] Por conseguinte, o futuro está garantido para nós, os fatos passados nos foram contados por nossos pais. E agora? “Agora, porém, nos rejeitaste e confundiste”. Confundiste, não diante de nossa consciência, mas perante os homens. Houve uma época em que os cristãos eram atormentados, tinham de fugir de toda parte, em todo lugar se dizia como insulto e opróbrio: Este homem é cristão. Onde está, pois, aquele nosso Deus, nosso rei, que dá a vitória a Jacó? Onde se acha aquele que realizou tudo o que contaram nossos pais? Onde está quem fará tudo o que o Espírito Santo nos revelou? Terá Deus mudado? Ao contrário, tudo isso se realiza “para inteligência, dos filhos de Coré”. Cumpre-nos entender a sua vontade de que sofrêssemos tudo isso nesta época intermediária. Quais são esses sofrimentos? “Agora, porém, nos rejeitaste e confundiste e já não sais à frente de nossos exércitos, ó Deus”. Avançamos contra nossos inimigos e não vais conosco. Enfrentamo-los, eles prevalecem e nós somos fracos. Onde está o teu poder? Onde está tua direita e teu valor? Onde o terreno enxuto no meio do mar? Onde os egípcios perseguidores a perecerem nas ondas? Onde a resistência de Amalec, vencida pelo sinal da cruz (cf Ex 14,21.27; 17,11)? “Já não sais à frente de nossos exércitos, ó Deus”.

11 [11] “Puseste-nos atrás de nossos inimigos”. Eles adiante, e nós atrás. Eles vencedores, e nós vencidos. “E os que nos odiaram, saqueavam”; a quem, senão a nós?

12 [12] “Entregaste-nos como ovelhas para o corte, e nos dispersaste entre as nações”. As nações nos devoraram. É uma figura dos que sucumbiram diante dos tormentos, de sorte que foram assimilados pelo corpo dos pagãos. A Igreja os chora, como a membros seus

que foram devorados.

13 13 “Vendeste o teu povo por um nada”. Vimos os que deste, mas não o que recebeste por eles. “E não houve multidão em júbilo”. Quando os cristãos perseguidos fugiam dos inimigos idólatras, havia reuniões e júbilo diante de Deus? Cantavam-se hinos nas Igrejas de Deus, que costumam fazê-los ressoar aos ouvidos de Deus, com paz, concórdia, suavidade da união fraterna? “E não houve multidão em júbilo”.

14 14.15 “Fizeste-nos o opróbrio dos vizinhos, zombaria e irrisão para os que nos cercam. Reduziste-nos a servir de exemplo às nações”. O que significa: “servir de exemplo”? Ao maldizerem, os homens tomam por exemplo alguém que eles odeiam, dizendo: Morras desta maneira, assim sejas castigado. Quantas vezes se disseram então palavras semelhantes? Sejas crucificado do mesmo modo. Ainda hoje não faltam inimigos de Cristo, os próprios judeus, que ao defendermos a Cristo contra eles, respondem-nos: Que morras como ele. Não lhe haveriam infligido tal morte, se não tivessem verdadeiro horror daquele tipo de morte. Que mistério haveria, se eles tivessem podido entender? O cego quando é ungido, não vê o colírio na mão do médico. Até a própria cruz foi empregada em favor dos perseguidores de Cristo. Posteriormente, estes foram curados, e acreditaram naquele que haviam matado. “Reduziste-nos a servir de exemplo às nações; os povos meneiam a cabeça”. Meneiam a cabeça, como insulto. “Falavam torcendo os lábios e meneavam a cabeça” (Sl 21,8). Assim agiram para com o Senhor e para com todos os seus santos, que eles puderam perseguir, prender, pôr em ridículo, entregar, atormentar, matar.

15 16.17 “Tenho sempre a vergonha diante de mim e a confusão cobre-me o rosto, por causa das recriminações e dos insultos”. Isto é, por causa dos que me insultam e me recriminam porque te adoro e te louvo. Incriminam-me a respeito daquele nome que apaga todos os meus crimes. “Por causa das recriminações e dos insultos” contra mim. “Em face do inimigo e do perseguidor”. Que sentido tem isto? Os feitos mencionados do passado, não se realizam em nós, e os que se esperam no futuro ainda não se veem. Os do passado são os seguintes: O povo foi tirado do Egito, com grande glória para ti, Senhor; foi libertado dos perseguidores, conduzido entre os povos, e expulsas outras nações, foi estabelecido em um reino. Quais são os feitos no futuro? O povo de Deus há de ser retirado do Egito deste mundo, guiado por Cristo, que aparecerá em sua glória. Haverá de colocar os santos à direita, os maus à esquerda, sendo estes condenados com o diabo à pena eterna, enquanto Cristo e os santos receberão eternamente o reino. Esses eventos são futuros, e os outros passados. Entre um e outros, o que acontece? Tribulações. Por que razão? Para se revelar a alma que adora a Deus, e até que ponto o adora; para se manifestar se o adora gratuitamente, sendo gratuita a salvação que recebeu. Se, no entanto, Deus te disser: O que me deste para seres criado? Certamente, se me prometeste algo depois que foste criado, não podias prometer-me antes de seres feito. Que resposta lhe daremos, se foi ele que primeiro nos fez gratuitamente, por ser bom e não por termos merecido alguma coisa? Em seguida, o que diremos a respeito de

nossa restauração, do segundo nascimento? Foram nossos méritos que fizeram o Senhor nos dar a salvação perpétua? De modo nenhum. Se o Senhor levasse em alguma conta os nossos méritos, teria vindo para nossa condenação. Não veio inspeccionar os merecimentos, mas conceder a remissão dos pecados. Não existias e foste criado; o que deste a Deus? Eras malvado e foste libertado; o que deste a Deus? O que tens que dele não recebeste gratuitamente? Com justeza é denominada graça, porque é dada gratuitamente. Por este motivo, exige-se de ti que o adores gratuitamente, mas não por te dar bens temporais, e sim por outorgar os eternos.

16 Cuida de não imaginares os bens eternos como não são; se cogitares deles de maneira carnal, não adorarás a Deus gratuitamente. Como? Se adoras a Deus porque te dá uma propriedade, não o cultuarás porque a tira? Mal talvez dirás: Eu o adoro, porque me dará uma quinta eternamente. Ainda tens a mente corrupta; não o adoras com um casto amor, ainda ambicionas uma recompensa. Queres possuir no século futuro o que forçosamente deixarás neste. Queres mudar o desejo carnal, não amputá-lo. Não é louvável o jejum de quem reserva o estômago para uma ceia lauta. Às vezes os convidados para um banquete jejuam a fim de comerem com maior avidez. Seria este um jejum de abstenção ou antes classifica-se como uma forma de gula? Não esperes, pois, que Deus te dará o que ele manda que aqui se despreze. Era esta a esperança dos judeus, que se perturbavam com a questão. Pois, eles esperam também a ressurreição, mas acham que hão de ressuscitar e gozar dos mesmos prazeres corporais que aqui apreciam. Por isto, ao lhes ser proposta aquela questão pelos saduceus, que não acreditam na ressurreição, a respeito da mulher que desposou sucessivamente sete irmãos, e eles queriam saber de quem seria ela na ressurreição, ficaram atordoados, sem saber responder. Ao invés, ao ser proposto o mesmo problema ao Senhor, uma vez que na ressurreição prometida não há tais prazeres, mas existem alegrias eternas derivadas do próprio Deus, ele respondeu: "Estais enganados, desconhecendo as Escrituras e o poder de Deus. Com efeito, na ressurreição, nem eles se casam, nem elas se dão em casamento; pois nem mesmo podem morrer" (Mt 22,29.30; Lc 20,35.36). A saber, lá não haverá sucessor, porque ninguém há de falecer. Como será, então? "Mas serão todos como os anjos de Deus". A menos que penses que os anjos usufruem de banquetes cotidianos e se embriagam de vinho como tu, ou julgas que os anjos têm esposas. Nada disto se encontra entre os anjos. Sua alegria consiste naquilo que disse o Senhor: "Não sabeis que os seus anjos veem continuamente a face do Pai" (Mt 18,10)? Se a alegria dos anjos está em ver a face do Pai, prepara-te para tal regozijo. Podes encontrar algo de melhor do que ver a face de Deus? Se até mesmo suspeitares existir algo de mais belo do que o ser do qual deriva toda beleza, infeliz amor que te aprisiona de tal modo que não mereces pensar em Deus! O Senhor se encarnara, e aos homens aparecia como homem. O que havia de grandioso na sua aparência? A carne mostrava-se à carne. Em que se mostrava a importância daquele do qual foi dito: "Nós vimos, e não tinha beleza nem esplendor" (Is 53,2). Quem é que não tinha beleza nem esplendor? O mesmo de quem se disse: "Muito belo, acima dos filhos dos homens" (Sl 44,3). Enquanto homem, não tinha beleza nem esplendor; mas era belo naquilo em que é superior aos filhos dos homens. Por

conseguinte, apresentando-se aos olhos dos que o viam na condição de uma carne desfigurada, o que disse? “Quem tem meus mandamentos e os observa é que me ama; e quem me ama será amado por meu Pai. Eu o amarei e a ele me manifestarei” (Jo 14,21). Promete que se mostrará, embora o vissem. Mas qual o sentido disso? Parecia dizer: Vedes a condição de servo, enquanto a de Deus está oculta. Pela primeira eu vos atraio, mas vos reservo a visão da segunda. Com aquela nutro os pequeninos, com esta alimento os adultos. Efetivamente, a fé que nos purifica prepara-nos para as coisas invisíveis, isto é, tudo isso se realizou “para inteligência, dos filhos de Coré”, e assim fossem subtraídos aos santos os bens que possuíam, até mesmo a vida temporal, a fim de que não adorassem o Deus eterno por causa de bens temporais, mas com casto amor suportassem os sofrimentos passageiros.

17 [18.19] Finalmente como se exprimem os filhos de Coré, que entenderam isso? “Sobreveio-nos tudo isso, sem que te houvéssemos esquecido”. O que significa: “sem que te houvéssemos esquecido? Nem termos traído a tua aliança. Nosso coração não voltou atrás. Desviaste nossas sendas de teus caminhos”. Este é o sentido: Nosso coração não voltou atrás, não nos esquecemos de ti, não traímos tua aliança, e estamos sujeitos a grandes tribulações e perseguições da parte da nações. “Desviaste nossas sendas de teus caminhos”. Nossas sendas eram os atrativos mundanos; nossas sendas eram as prosperidades temporais; desviaste nossas sendas de teus caminhos, e mostraste-nos como é estreito e apertado o caminho que conduz à vida. “Desviaste nossas sendas de teus caminhos”. Qual o sentido da expressão: “Desviaste as nossas sendas de teus caminhos”? Seria como se nos dissesse o salmista: Estais sujeitos à tribulação, a muitos padecimentos, à perda de muitos bens apreciáveis neste mundo; mas não vos abandonei no caminho estreito que vos mostro. Procuráveis caminhos largos; o que vos digo, então? Aquele caminho leva à vida eterna; o que quereis trilhar conduz à morte. “Largo e espaçoso é o caminho que conduz à perdição. E muitos são os que entram por ele. Estreito e apertado o caminho que conduz à vida. E poucos são os que o encontram!” (Mt 7,13.14). Quais são estes poucos? São aqueles que toleram as tribulações, que suportam as tentações, que não desfalecem diante destes trabalhos, e que não são dos que recebem a palavra com alegria e quando vem o calor do sol, o tempo da tribulação, murcham; mas têm a raiz da caridade, conforme ouvimos na leitura que acaba de ser feita do evangelho (cf Mt 13,20.21.23; Mc 4,16.17.20; Lc 8,13-15). Que tenhas, eu te digo, a raiz da caridade, a fim de que, ao arder o sol, não te queime, mas dê crescimento. “Sobreveio-nos tudo isso, sem que te houvéssemos esquecido, nem termos traído a tua aliança. Nosso coração não voltou atrás”. Mas, como fazemos tudo isso no meio das aflições, trilhando o caminho estreito, “desviaste nossas sendas de teus caminhos”.

18 [20] “Porque nos humilhaste no lugar da fraqueza”. Hás de exaltar-nos, portanto, no lugar da fortaleza. “E nos envolveste das sombras da morte”. Sombras da morte representam a nossa mortalidade. A verdadeira morte é a condenação em companhia do diabo.

19 [21] “Se tivéssemos olvidado o nome de nosso Deus”. Trata-se da inteligência dos filhos de Coré. “E estendido as mãos para um deus estranho”.

20 [22] “Não o teria Deus percebido? Ele que penetra os segredos do coração”. Penetra e percebe. Se penetra os segredos do coração, o que ele faz ali? “Não o teria Deus percebido?” Sabe para si, percebe por nossa causa. Em verdade às vezes procura e diz que vem conhecer aquilo que te faz notório. Declara-te sua obra, não o seu conhecimento. Dizemos frequentemente: Que dia alegre! quando o tempo está firme. Por acaso o dia se alegra? Mas dizemos que está alegre porque nos torna alegres. E afirmamos: O céu está triste. As nuvens não sentem, mas os homens vendo este aspecto do céu se entristecem. Por isso, diz-se que é triste porque ocasiona tristeza. Assim também se diz que Deus vem a saber quando nos torna cientes. Deus diz a Abraão: “Agora sei que temes a Deus” (Gn 22,12). Antes não sabia? De fato, o próprio Abraão é que não se conhecia; a prova o fez conhecedor. Não raro o homem pensa poder o que não pode, ou julga não poder o que pode. A divina providência o experimenta e pela prova ele se torna ciente. Então se diz que Deus o conheceu, porque o fez conhecer. Por acaso Pedro se conhecia quando disse ao médico: “Mesmo que tivesse de morrer contigo…” (Mt 26,35)? O médico o examinara e sabia o que havia no corpo do doente; este não o sabia. Veio a prova. O médico demonstrou a verdade do diagnóstico, e o doente perdeu sua presunção. Assim também conhece Deus e examina. Conhece. Como examina? Por tua causa, para que te encontres a ti mesmo, e agradeças àquele que te fez. “Não o teria Deus percebido?”

21 “Ele penetra os segredos do coração”. O que significa: “penetra os segredos”? Que segredos? “Por tua causa somos postos à morte todo dia e somos considerados como ovelhas destinadas ao matadouro”. Podes assistir à morte de um homem; não sabes, contudo, porque é morto. Deus o sabe. É um segredo. Talvez alguém me diga: Ele foi preso por causa do nome de Cristo, e confessa seu nome. Mas, os hereges também não confessam o nome de Cristo e não morrem por causa dele? Na verdade, na própria igreja católica não faltou (nem pode faltar), quem sofresse para obter uma glória humana? Se faltassem desses homens, o Apóstolo não teria dito: “Ainda que eu entregasse o meu corpo às chamas, se não tivesse a caridade, isso nada me adiantaria” (1Cor 13,3). Sabia ser possível que alguns o fizessem por jactância, não por amor. Por conseguinte, isso não é evidente; só Deus vê, nós não o podemos. Pode julgar somente aquele que penetra os segredos dos corações. “Por tua causa somos postos à morte todo dia e somos considerados como ovelhas destinadas ao matadouro”. Conforme já disse, o Apóstolo Paulo daí tirou um testemunho para exortar os mártires a não desfalecerem nas tribulações sofridas pelo nome de Cristo.

22 [23] “Levanta-te, por que, dormes, Senhor?” A quem se dirigem essas palavras? E quem fala? Não se diria que dorme e ronca quem assim se exprime: “Levanta-te, por que dormes, Senhor?” Ele te responderá: Sei o que estou dizendo; sei que não dorme o guarda de Israel (cf Sl 120,2); todavia os mártires exclamam: “Levanta-te, por que

dormes, Senhor?" Ó Senhor Jesus! Foste morto, dormiste na paixão, já ressuscitaste por nossa causa. Sabemos bem que foi por nós que ressuscitaste. Por que motivo ressuscitaste? Os gentios que nos perseguem, te consideram morto, não creem que ressuscitaste. Levanta-te, portanto, também para eles. Por que dormes, não para nós, mas para eles? Se eles acreditassem que já ressuscitaste, acaso poderiam perseguir teus fiéis? Mas, por que perseguem? Aniquila, mata aqueles que acreditaram em ti, que sofreste péssima morte. Ainda dormes para eles; levanta-te para que entendam que ressuscitaste, e fiquem quietos. Enfim, acontece que os mártires, ao morrerem assim falam, dormem; e acordam por meio da sua morte, a Cristo que verdadeiramente morreu, Cristo ressurgiu, de certo modo, entre os gentios, isto é, eles acreditaram na ressurreição. Assim, progressivamente eles foram acreditando, ao se converterem para Cristo. Tornaram-se um grande número, e os perseguidores, receosos, cessaram de perseguir. Qual o motivo? Porque Cristo ressurgiu no meio dos gentios. Antes, enquanto eles não acreditavam, Cristo dormia. "Desperta. Não nos repilas para sempre".

23 [24] "Por que ocultas a tua face?" como se estivesses ausente, esquecido de nós? "Esqueces nossa miséria e tribulação?"

24 [25] "Nossa alma está prostrada até o pó". Onde está prostrada? Até o pó, quer dizer, o pó nos persegue. Perseguem-nos aqueles, dos quais disseste: "Bem diversa será a sorte dos ímpios, poeira que o vento carrega da superfície da terra" (Sl 1,4). "Nossa alma está prostrada até o pó e colado ao solo está nosso ventre". Parece-me que se refere a um castigo excessivamente humilhante: ficar prostrado com o ventre colado ao chão. Quem se prostra até dobrar os joelhos, ainda pode abaixar-se mais; quem, porém, se prostra até que o ventre fique aderente ao solo, não tem mais como humilhar-se. Se quisesse fazer mais, já não seria humilhar-se, mas sepultar-se. É possível que diga alguém: Nós nos humilhamos até o pó; além disso, não temos o que fazer; já nos sobreveio a suprema humilhação, venha, portanto, a compaixão.

25 Será talvez, irmãos, que a Igreja lamenta com tais palavras os que se deixaram persuadir pelos perseguidores a praticar o mal, de sorte que os que perseveraram declarem: "Nossa alma está prostrada até o pó"? Quer dizer, cobertos deste pó, nas mãos dos ímpios e dos perseguidores, "nossa alma está prostrada até o pó", invocando-te para que nos auxilies na tribulação; "nosso ventre está colado ao solo", isto é, consentiu no mal, provindo deste pó; é por isto que ele diz: "está colado". Se, com razão, dizes a Deus, quando amas e ardes de caridade: "Minha alma aderiu a ti" (Sl 62,9); e: "Para mim é bom aderir a Deus" (Sl 72,28), de fato, aderes a Deus quando estás de acordo com ele. Foi com exatidão que se disse estar o ventre aderente ao solo para figurar os que, não tolerando a perseguição, consentiram no desejo dos malvados; assim eles aderiram à terra. Mas qual o motivo de serem chamados "ventre" senão porque são carnais? Desta sorte, boca da Igreja são os santos, os espirituais; ventre são os carnais. Por conseguinte, a boca da Igreja se destaca; o ventre fica resguardado, porque é mais sensível e fraco. Faz uma referência a isto certa passagem da Escritura que diz ter o

evangelista recebido um livro: “O livro na minha boca era doce como mel; e amargo no meu ventre” (Ap 10,10). O que significa senão que os homens espirituais compreendem os preceitos supremos, mas os carnais não os captam, e que estes preceitos alegram os espirituais, enquanto contristam os carnais? Qual o conteúdo deste livro, meus irmãos? “Vende os teus bens e dá aos pobres” (Mt 19,21.22). Como são doces estas palavras à boca da Igreja! Fizeram-no os espirituais todos. Ao contrário, se as repetires a um homem carnal: Pratica isto, mas facilmente se retirará de ti, entristecido, como fez aquele jovem rico, chamado pelo Senhor, do que atenderá as tuas palavras. Por que se afastou, entristecido, a não ser porque aquele livro é doce na boca e amargo no ventre? Suponhamos que emprestaste algum ouro ou prata e te encontraste na alternativa de perdê-lo, ou talvez cometer um pecado; ou ainda ter de lançar injúrias à Igreja, ou blasfemar. Angustiado entre a perda pecuniária ou a lesão à justiça, ouves um conselho: Perde o dinheiro para não perderes a justiça. Tu, porém, não achas doce a justiça em tua boca, mas ainda és contado no número dos membros fracos, que a Igreja considera como pertencentes ao ventre; entristecido, preferes perder uma parte da justiça a ter prejuízo monetário. Tu te feres com maior prejuízo, enchendo tua sacola e esvaziando teu coração. Provavelmente é destes que fala o salmista: “Colado está ao solo nosso ventre”.

26 [26] “Levanta-te, Senhor, socorre-nos”. Efetivamente, caríssimos, ele se levantou e nos socorreu. Pois, quando ele se levantou, isto é, quando ressurgiu, e se fez notório às nações, as perseguições cessaram. Mesmo aqueles que estavam aderentes à terra, foram libertados, e fazendo penitência, foram restituídos ao corpo de Cristo, embora fossem fracos, imperfeitos, de maneira a se realizar neles a palavra: “Teus olhos viram minha imperfeição. Em teu livro todos serão inscritos. Levanta-te, Senhor, e ajuda-nos e salva-nos por teu nome” (Sl 138,16). Isto se deu gratuitamente, por causa de teu nome, e não por mérito de minha parte. Foste tu que te dignaste fazê-lo, sem que eu disso fosse digno. Como poderíamos, sem teu auxílio, até mesmo não te esquecer, não deixar nosso coração voltar atrás, não estender as mãos para um deus estranho? De onde tiraríamos força se tu não nos falasses interiormente, não nos exortasses, nem nos abandonasses? Por conseguinte, quer sejamos pacientes nas tribulações, quer estejamos alegres na prosperidade, “resgata-nos”, mas não por nossos méritos e sim por causa de teu nome.

SALMO 44

IV das Nonas de setembro. Quarta-feira. Sermão pronunciado na basílica Restituída.

1 [1] Cantamos, jubilosos, este salmo convosco. Pedimos agora que o considereis atentamente conosco. Refere-se o cântico às santas núpcias do esposo e da esposa, do rei e do povo, do Salvador e dos que serão salvos. Quem vier às núpcias com a veste núpcial, desejoso da glória do esposo e não da sua, ouvirá de bom grado (como costumam fazer até mesmo os homens cubiçosos de espectáculos, não da realidade) e ainda depositará em seu coração palavras que ali não serão inúteis, mas efetivamente hão de germinar, brotar, crescer, chegar a um estado perfeito, ser assimiladas. É para nós que o salmo é cantado. De acordo com o título do mesmo salmo, sejamos “filhos de Coré”. Foram estes, homens que existiram realmente; contudo, os títulos das sagradas Letras sugerem algo mais aos que entendem, e reclamam não somente ouvintes, mas ainda bons conhecedores. Procuramos saber qual o sentido da palavra hebraica Coré. Como todas as palavras das Escrituras têm interpretação peculiar, foi-nos declarado que “filhos de Coré” significam: filhos do Calvo. Não tomeis este nome como irrisão. Nosso ânimo não seja pueril qual o dos meninos citados no livro dos Reis, que insultavam o santo profeta Eliseu, clamando atrás dele: “Sobe, careca! Sobe, careca!” (2Rs 2,23.24). Estultos, tagarelas, injuriosos, para sua perdição, tais meninos foram devorados por animais ferozes que saíram do bosque. Relembramos que assim se acha escrito e onde está escrito. Quem se lembrar, identifique a passagem. Quem, todavia, tiver esquecido, releia e os que não leram, acreditem. Não nos cause apreensão ter o fato figurado eventos futuros. Aqueles meninos representavam os estultos, desprovidos de bom senso. Não nos quer desta maneira o Apóstolo e por isso diz: “Quanto ao modo de julgar, não sejais como crianças” (1Cor 14,20). Ao invés, o Senhor nos convidou a imitar os meninos, na ocasião em que colocou diante de si um pequenino e declarou: “Se não vos tornardes como esta criança, de modo algum entrareis no reino dos céus” (Mt 18,2.3). Então, o Apóstolo cauteloso, depois de aconselhar a não se ter mente pueril, convida novamente à imitação das crianças: “Quanto ao modo de julgar, não sejais como crianças; quando à malícia, sim, sede crianças, mas quanto ao modo de julgar, sede adultos” (1Cor 14,20). Aquele a quem aprouver imitar as crianças, não tenha gosto pela ignorância, e sim pela inocência. Aqueles meninos, por ignorância, insultavam o santo de Deus, que era calvo, e gritavam seguindo-o: “Cabeça, careca!” E aconteceu que foram devorados pelas feras. Eram figuras de certos homens, de mente também pueril, que zombavam de outro calvo, daquele que no Calvário foi crucificado. Apoderaram-se deles feras de outra espécie, a saber, os demônios, o diabo e seus anjos, que operam nos filhos da incredulidade. Eram desses meninos os que diante do sagrado madeiro, de pé, meneavam a cabeça, dizendo: “Se é filho de Deus, desça da cruz” (cf Mt 27,33.39.40). Nós, porém, somos filhos deste

último, porque filhos do esposo (cf Mt 9,15; Lc 5,34); pertence-nos o título deste salmo, que assim reza: "Dos filhos de Coré, por aqueles que serão mudados".

2 Que exposição farei da expressão: "por aqueles que serão mudados"? O que dizer? Todo aquele que foi mudado já o sabe. Quem ouvir as palavras: "Por aqueles que serão mudados", pondere o que era, o que é. Em primeiro lugar, observe que o próprio mundo está mudado. Outrora, adorador dos ídolos, agora de Deus. Anteriormente servia a criatura, atualmente o Criador. Notai quando foi dito: "por aqueles que serão mudados". Atualmente os pagãos restantes têm horror das mudanças. Os que não as aceitam, veem as igrejas repletas e os templos desertos; ali as celebrações, aqui a solidão. Eles se admiram com as mutações; que leiam as predições. Prestem ouvido ao promissor, e acreditem no realizador. Além disso, irmãos, cada um de nós de homem velho tornou-se novo, de infiel fez-se fiel, de ladrão em doador se transformou, de adúltero em casto, de malfeitor em benfeitor. Por conseguinte, cante-se a nosso respeito: "por aqueles que serão mudados" e comece-se a cantar por quem foram mudados.

3 Segue-se: "Por aqueles que serão mudados, dos filhos de Coré, para inteligência, cântico em prol do dileto". Pois, aquele dileto foi visto pelos perseguidores, mas estes não o entenderam. Pois, se o tivessem conhecido, nunca teriam crucificado o Senhor da glória (1Cor 2,8). Este conhecimento exigia outros olhos, conforme disse o próprio Senhor: "Quem me vê, vê o Pai" (Jo 14,9). Cante-o o salmo. Alegremo-nos com as núpcias, e seremos dos que as celebram, os seus convidados; e estes constituem a esposa. Pois, a esposa é a Igreja e Cristo é o esposo. Costumam os poetas compor certos poemas para os que se casam, denominados epitalâmios. Por inteiro se cantam em louvor do esposo e da esposa. Por acaso nas núpcias, para as quais fomos convidados, não existe tálamo? Por que, então, assegura outro salmo: "Armou no sol a sua tenda e este qual esposo que sai do tálamo" (Sl 18,6)? É uma união nupcial a do Verbo e da carne; o tálamo desta união é o seio da Virgem. Portanto, a carne está unida ao Verbo; daí se dizer: "Já não são dois, mas uma só carne" (Mt 19,6; Ef 5,32). A Igreja foi assumida do gênero humano, para que fosse Cabeça da Igreja a própria carne unida ao Verbo, e os fiéis fossem os membros desta Cabeça. Queres saber quem veio para as núpcias? "No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus" (Jo 1,1). Alegre-se a esposa amada por Deus. Quando foi amada? Quando ainda era feia. Diz o Apóstolo: "Todos pecaram e todos estão privados da glória de Deus" (Rm 3,23). E ainda: "Com efeito, Cristo morreu pelos ímpios" (Rm 5,6). Foi amada a Igreja quando disforme para não continuar feia. Não foi propriamente enquanto disforme que foi amada, porque a feiura não é amada por si. Se esta fosse amada, teria sido conservada. Cristo tirou a feiura, e deu-lhe beleza. A quem ele veio e como a tornou? Venha ele nas palavras proféticas. Eis o esposo; venha até nós. Amemo-lo. Se nele encontrarmos qualquer deformidade, não o amemos. Ele encontrou muita feiura, e nos amou; se nele encontrarmos, não o amemos. Mesmo no fato de se ter revestido da carne, de sorte que dele se dissesse até: "Vimo-lo, e não tinha beleza nem esplendor" (Is 53,2), se considerares a misericórdia com a qual agiu, também nisso ele é belo. Mas, o profeta

falava em lugar dos judeus, quando dizia: "Vimo-lo, e não tinha beleza nem esplendor". Por quê? Porque não foi entendido. Para os que entendem, a máxima beleza está em que "o Verbo se fez carne" (Jo 1,14). "Quanto a mim, não aconteça gloriar-me senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo" (Gl 6,14), disse um dos amigos do esposo. É pouco não te envergonhares dela; além disso, deves gloriar-te. Por que não tinha beleza nem esplendor? Porque Cristo crucificado, para os judeus é escândalo, para os gentios é loucura (cf 1Cor 1,23.25). Por que razão, porém, até na cruz teve beleza? Porque o que é loucura de Deus é mais sábio do que os homens, e o que é fraqueza de Deus é mais forte do que os homens. Para nós, porém, já fiéis, o esposo, sempre belo, vem ao nosso encontro. É belo enquanto Deus, o Verbo junto de Deus; belo no seio virginal, onde não perdeu a divindade, mas assumiu a humanidade; belo o Verbo, ao nascer como criança; pois, mesmo enquanto criança, ao sugar o leite materno, ao ser carregado nos braços, os céus se manifestaram, os anjos cantaram louvores, a estrela guiou os magos, e foi adorado no presépio, qual alimento dos mansos (cf Lc 2,8-14; Mt 2,1). É, portanto, belo no céu, belo na terra; belo no seio, belo nos braços dos pais; belo nos milagres, belo entre os flagelos; belo quando convida à vida, belo quando não teme a morte; belo ao entregar a alma, belo ao retomá-la; belo no madeiro da cruz, belo no sepulcro, belo no céu. Ouvi o cântico, com entendimento, e a fraqueza da carne não aparte vossos olhos do esplendor daquela beleza. A justiça é a suprema e verdadeira beleza. Onde percebes algo de injusto, não vês mais beleza. Se ele é totalmente justo, é totalmente belo. Venha, portanto, para que o vejamos com os olhos do espírito, descrito com louvores por um de seus profetas. Assim inicia o salmista:

4 [2] "Prorrompeu de meu coração uma palavra boa". Quem fala? O Pai, ou o profeta? Alguns supuseram que é o Pai quem fala: "Prorrompeu de meu coração uma palavra boa", recomendando-nos o seu nascimento inefável. Ele disse: "Prorrompeu de meu coração uma palavra boa", a fim de que não penses que Deus empregou algum meio para gerar o Filho. Um homem, para gerar filhos, precisa do matrimônio, sem o qual não pode procriar; não julgues ter Deus precisado de união matrimonial para gerar o Filho. Hoje, ó homem, teu coração gera um plano, e para isso não precisa de mulher. Segundo o plano preconcebido, edificas alguma coisa; e aquela massa volumosa, antes de ser construída, existe em teu plano; e está presente o que hás de fazer, naquilo por meio do qual vais construir. Elogias a construção ainda inexistente, ainda não realizada, mas apenas planejada. Um outro igualmente não pode apreciar teu plano, a menos que o enuncies, ou ele já o veja realizado. Por conseguinte, tudo foi feito pelo Verbo, e o Verbo de Deus; examina a construção levantada pelo Verbo, e pela obra admira o planejamento. Qual o Verbo, pelo qual foi feito o céu e a terra, e todo o ornato do céu, a fecundidade da terra, a amplidão do mar, a difusão do ar, o fulgor das estrelas, a claridade do sol e da luz? Tudo isso é visível. Vá além. Pensa nos Anjos, Principados, Tronos, Dominações, Potestades (cf Cl 1,16); tudo foi feito por ele (Jo 1,3). Como, pois, todas as coisas foram criadas sendo boas? Prorrompendo a palavra pela qual foram feitas: "palavra boa". Portanto, o Verbo é bom; a ele foi dito: "Bom mestre". E o mesmo Verbo respondeu:

"Por que me perguntas sobre o que é bom? Ninguém é bom senão só Deus" (Mt 19,17; Mc 10,18). Foi interpelado: "Bom mestre", e replica: "Por que me perguntas sobre o que é bom?" E acrescenta: "Ninguém é bom senão só Deus". Como então ele também é bom, a não ser porque é Deus? Não somente Deus, mas também com o Pai um só Deus. Ao afirmar: "Ninguém é bom senão só Deus", não se separou dele, mas se uniu. "Prorrompeu de meu coração uma palavra boa". Deus Pai assim se exprimiu a respeito de seu Verbo bom e benfeitor nosso, e por ele, o único bom, podemos nós ser bons em certa medida.

5 Continua o salmo: "Ao rei digo as minhas obras". Ainda é o Pai quem fala? Se o Pai ainda fala, investiguemos como entendê-lo, de acordo com a fé verdadeira e católica: "Ao rei digo as minhas obras". Se pois, o Pai diz as suas obras a seu Filho, nosso rei, quais as obras que há de dizer, uma vez que todas as obras do Pai foram feitas pelo Filho? Ou talvez: "Ao rei digo as minhas obras", porque "digo" significa a geração do Filho? Estou com receio de que os mais lentos não possam entender tudo; mesmo assim, vou dizer. Siga quem puder, para não suceder que fique sem saber quem pode entender, porque eu não disse. Lemos em outro salmo: "Deus falou uma só vez" (Sl 61,12). Tantas vezes ele falou pelos profetas, tantas vezes pelos apóstolos, e hoje fala por seus santos, e no entanto diz o salmista: "Deus falou uma só vez". Como falou uma só vez, a não ser porque proferiu um só Verbo? Acima entendemos que a palavra: "Prorrompeu de meu coração uma palavra boa" refere-se à geração do Filho; parece-me que a frase seguinte é uma repetição, de maneira que: "Prorrompeu de meu coração uma palavra boa" é reiterado por: "Digo". Qual o sentido de : "Digo"? Profiro uma palavra. E de onde tira Deus esta palavra, senão de seu coração, de seu íntimo? Não dizes senão o que tiras de teu coração; a tua palavra, que soa e passa, não é retirada de outra fonte; e tu te admiras de que Deus assim fale? Mas a palavra de Deus é eterna. Tu dizes algo agora, mas pouco antes estavas calado. Ou agora ainda não proferes a palavra; ao começares a pronunciá-la, rompes o silêncio, e geras um verbo que antes não existia. Não é deste modo que Deus gerou o Verbo. A prolação de Deus é sem começo nem fim, todavia profere uma só Palavra. Se esta passasse, poderia proferir outra. Ao invés, como permanece quem diz e o que é dito; é proferido uma só vez e não termina; e está única vez não tem início, nem repetição, porque não passa o que é dito uma só vez. Por conseguinte, identifica-se: "Prorrompeu de meu coração uma palavra boa" com a expressão: "Ao rei digo as minhas obras". Por que razão: "digo as minhas obras"? Porque no próprio Verbo se acham todas as obras de Deus. Tudo o que Deus havia de fazer na criação, já estava no Verbo; e não existiria na realidade, se não estivesse no Verbo, como também no teu caso não existiria o edifício, se não estivesse em teu plano. Assim se encontra no evangelho: "O que foi feito nele era vida" (Jo 1,3.4). Era, portanto, o que foi feito, mas no Verbo; e todas as obras de Deus estavam nele, antes de existirem. O Verbo, contudo, era, e este verbo era Deus, e estava junto de Deus, e era filho de Deus, com o Pai era um só Deus. "Ao rei digo as minhas obras". Ouça o Verbo a falar quem o entende; e veja o Verbo eterno com o Pai. No Verbo existem mesmo as coisas futuras, nele estão presentes mesmo as coisas passadas. Tais são as obras de Deus no

Verbo, enquanto Verbo, enquanto Unigênito, enquanto Verbo de Deus.

6 O que segue? “Minha língua é como o cálamo de um escriba, a escrever velozmente”. Que semelhança, meus irmãos, que semelhança tem a língua de Deus com o cálamo de um escriba? Que semelhança tem a pedra com Cristo? Em que se assemelha o cordeiro ao Salvador? O que tem que ver o leão com a força do Unigênito? (cf. 1Cor 10,4; Jo 1,29; Ap 5,5). No entanto, usam-se tais expressões; e se não fossem usadas, de nenhum modo por meio dessas coisas visíveis estaríamos informados sobre as invisíveis. Assim também não rejeitemos a humilde comparação deste cálamo, nem a confrontemos com a excelência do Verbo. Pergunto, pois, por que disse que sua língua é como o cálamo de um escriba a escrever velozmente? Por mais rápido que seja este escriba, não tem comparação com aquela velocidade referida em outro salmo: “Veloz corre a sua palavra” (Sl 147,15). Mas, a meu ver, à proporção do que ousa uma inteligência humana, aplica-se talvez à pessoa do Pai a expressão: “Minha língua é como o cálamo de um escriba”. O que a boca profere, soa e passa, mas o que se escreve permanece. Como Deus profere o verbo palavra que não soa e passa, mas a diz para permanecer, Deus preferiu compará-la a um escrita e não a um som. O acréscimo: “a escrever velozmente” incita a mente a entender. Mas não se detenha preguiçosa, olhando os copistas, ou observando quaisquer escribas velozes; se der atenção a isto, ficará aí. Pense velozmente na palavra: “velozmente”, e verifique o motivo de ter sido dito: “velozmente”. A velocidade de Deus é tal que nada existe de mais veloz. Ao se escrever, traça-se letra por letra, sílaba por síbala, palavra por palavra; não se passa à segunda antes de gravar a primeira. Em Deus, porém, nada de mais veloz, porque não há muitas palavras, nem se omite palavra, mas tudo se encerra numa só.

7 [3] Eis aí o Verbo assim proferido, eterno, coeterno ao eterno; virá como esposo. “Muito belo, acima dos filhos dos homens. Acima dos filhos dos homens”. Por que não acima dos anjos? O que quer dizer: “Acima dos filhos dos homens”, senão que ele é homem? Disse: “Acima dos filhos dos homens, muito belo”, para que não se pense que Cristo é um homem qualquer. É homem acima dos filhos dos homens; é também entre os filhos dos homens, acima deles; ainda dentre os filhos dos homens, acima deles. “Pairou a graça nos teus lábios. Porque a Lei foi dada por meio de Moisés; a graça e a verdade nos vieram por Jesus Cristo” (Jo 1,17). “Pairou a graça nos teus lábios”. Com razão, veio em meu socorro, porque me deleito “na lei de Deus segundo o homem interior; mas percebo outra lei em meus membros, que peleja contra a lei da minha razão e que me acorrenta à lei do pecado que existe em meus membros. Infeliz de mim! Quem libertará deste corpo de morte? A graça de Deus por Jesus Cristo Senhor nosso (Rm 7,22-25). Pairou a graça nos teus lábios”. Ele veio até nós com a palavra da graça, com o ósculo da graça. Que de mais suave do que esta graça? A quem pertence esta graça? “Felizes aqueles cujas iniquidades foram perdoadas e cujos pecados foram apagados” (Sl 31,1). Se ele viesse como juiz severo e não pairasse tal graça em seus lábios, quem poderia esperar salvação? Quem não temeria receber o que é devido ao pecador? Ele veio com a graça. Não exigiu o que era devido e solveu aquilo que ele mesmo não devia. O inocente era devedor da

morte? E a ti pecador, o que era devido a não ser castigo? Ele perdoou o teu débito, e pagou o que não devia. Grande graça! Por que graça? Porque gratuita. Por conseguinte, podes dar graças, mas não retribuir; é impossível. O salmista procurava como retribuir e disse: “Com que retribuirei ao Senhor por tudo com que me retribuiu?” De certo modo encontrou: “Tomarei o cálice da salvação e invocarei o nome do Senhor” (Sl 115,12.13). Retribuis-lhe, tomando o cálice da salvação e invocando o nome do Senhor? Quem te deu o cálice da salvação? Ele permaneceu em ação de graças; mas não teve que retribuir. Encontra alguma coisa para dar a Deus que não tenhas recebido dele; e retribuirás a sua graça. Mas acautela-te. Podes encontrar algo que não tenhas recebido dele, quando procurares: o teu pecado. Este, certamente, não recebeste dele, mas também não deves dar-lhe. Isto foi o que os judeus lhe deram. Retribuíram o bem com o mal. Dele receberam a chuva, mas não deram fruto e sim espinhos dolorosos. Por conseguinte, qualquer coisa que quiseres dar a Deus do que é teu, chegarás à conclusão de que só de Deus o recebeste. Esta é a graça de Deus que paira em teus lábios. Ele te fez e gratuitamente. Não existia a quem dar a graça, antes que criasse. Estavas perdido, e ele te procurou; e tendo te encontrado te chamou novamente. Não imputou os atos passados, e prometeu bens futuros. Verdadeiramente, “pairou a graça em seus lábios”.

8 “Por isso Deus te abençoou para sempre”. É difícil de entender que se atribuam ao Pai as palavras: “Por isso Deus te abençoou para sempre”. Parecem mais adequadas à pessoa do profeta. As mudanças repentinas de pessoa, e inteiramente de improviso, encontram-se nas Sagradas Escrituras; para um bom observador, elas estão mesmo cheias disso. “Senhor, livra a minha alma de lábios iníquos e de língua enganadora”. E imediatamente depois: “Qual será a tua paga, o teu castigo, ó língua enganadora?” Antes era uma pessoa, e agora outra. Lá de um suplicante, aqui de alguém que socorre. “Aguçadas setas de poderosos, com carvões devoradores”. Uma pessoa pergunta: “Qual será a tua paga, o teu castigo?” e nos versículos seguintes, já é outra: “Ai de mim! porque minha peregrinação muito se prolongou” (Sl 119,2-5). Em poucos versículos tão frequente mudança de pessoas exige atenção. Não se exprime o lugar em que muda. Não se diz: Aqui fala um homem, aqui é Deus quem fala. Mas pelas próprias palavras se entende o que é referente a um homem, e o que pertence a Deus. Um homem, portanto, e dizia: “Prorrompeu de meu coração uma palavra boa. Ao rei digo as minhas obras”. Era um homem que falava, aquele que escreveu o salmo; mas falava em lugar de Deus. Começa a dizer em sua própria pessoa: “Por isso Deus te abençoou para sempre”. Pois, Deus havia dito: “Pairou a graça nos teus lábios”, àquele que ele fizera muito belo, acima dos filhos dos homens, sendo também homem a quem ele colocara como Deus acima de todas as coisas; o eterno fala coeterno. O profeta, portanto, encheu-se de gáudio inefável e atento ao que Deus Pai revelara a respeito do Filho ao homem, pode proferir estas palavras, em lugar de Deus: “Por isso Deus te abençoou para sempre”. Por quê? Por causa da graça. A que se refere aquela graça? Ao reino dos céus. No primeiro Testamento Deus prometera a terra. Um foi o prêmio ou a promessa feita aos que estavam sob a lei, e outra aos que viviam sob a graça. A terra dos cananeus era destinada aos judeus, que viviam sob a Lei, e o reino dos céus aos cristãos que vivem sob a graça.

Por conseguinte, o reino, aquela terra pertencente aos que estavam sob a Lei, passou; o reino dos céus, destinado aos que vivem sob a graça, não passa. Por isso, “Deus te abençoou”, não por um tempo, mas “para sempre”.

9 Não faltaram também os que preferiam atribuir todas as palavras acima ao profeta. E a frase: “Prorrompeu de meu coração uma palavra boa”, entender-se-ia do profeta, a cantar um hino. Quem canta um hino a Deus, tira de seu coração uma palavra boa, como o que blasfema extrai de seu coração uma palavra má. E o acréscimo: “Ao rei digo as minhas obras” significaria que a obra mais elevada do homem consiste em louvar a Deus. Ele quer aprazer-te com sua beleza, e a ti compete louvá-lo com ação de graças. Se o louvor de Deus não for a tua obra, começarás a amar-te a ti mesmo, e serás do número daqueles dos quais diz o Apóstolo: “Os homens serão egoístas” (2Tm 3,2). Não tenhas complacência por ti mesmo, mas apraza-te aquele que te fez; assim te desagradará o que fizeste em ti. Seja tua obra o louvor de Deus, prorrompa de teu coração uma palavra boa. Dize, portanto, “ao rei as tuas obras”, porque foi o rei que fez com que dissesses, e deu-te o que oferecer. Devolve-lhe o que é seu. Não reclames a tua parte da herança para partir para longe, gastar tudo com meretrizes e apascentar porcos. Lembrai-vos do que está escrito no evangelho. Foi também a nosso respeito que foi dito: “Ele estava morto e tornou a viver; ele estava perdido e foi reencontrado!” (Lc 15,32).

10 “Minha língua é como o cálamo de um escriba a escrever velozmente”. Houve quem entendesse que o profeta disse o que escrevia, e por isso compara sua língua ao cálamo de um escriba. Com a expressão: “a escrever velozmente” quis dar a entender que escrevia o que bem depressa haveria de acontecer, de tal sorte que escrever velozmente significa escrever coisas iminentes, escrever o que não há de tardar. Deus mostrou o Cristo, sem tardança. Como decorreu depressa o que já se vê realizado! Lembra-te das gerações que te precederam. Parece que Adão foi feito ontem. Assim é do que lemos acerca do princípio; portanto, foram feitas velozmente. Velozmente virá também o dia do juízo. Antecipa-te à sua vinda veloz; virá velozmente. Mais velozmente deves mudar. Virá a presença do juiz, mas vê o que diz o profeta: “Com louvores saiamos ao seu encontro” (Sl 94,2). “Pairou a graça nos teus lábios, por isso Deus te abençoou para sempre”.

11 [4] “Cinge a espada a teu flanco, ó poderosíssimo”. Tua “espada”, tua palavra? Espada que prostrou os inimigos, espada a separar o filho do pai, a filha da mãe, a nora da sogra. No evangelho lemos o seguinte: “Não vim trazer paz, mas espada”. E: “Numa casa com cinco pessoas, estarão divididas três contra duas e duas contra três, isto é, filho contra pai, filha contra mãe, nora contra sogra” (Mt 10,34-35; Lc 12,51-53). Quem trouxe esta divisão pela espada, a não ser Cristo? De fato, irmãos, vemos isto todos os dias. Um jovem quer servir a Deus e isto desagrada ao pai; ficam divididos. O pai promete herança terrestre, mas ele ama a celeste. Um promete uma coisa, enquanto o segundo escolhe outra. Não considere o pai esta ação como injúria. É somente Deus que é preferido a ele; e no entanto briga com o filho que quer servir a Deus. Mas o gládio espiritual tem mais força para separar do que o laço do sangue para unir. Sucede o mesmo com a filha

contra a mãe, e muito mais a nora contra a sogra. Pois, às vezes encontram-se numa mesma casa a nora e a sogra, uma herética e a outra católica. Se este gládio age ali com força, não há perigo de se rebatizar. Uma filha pode estar contra a mãe e não o pode a nora contra a sogra?

12 Isto acontece, em geral, também no gênero humano: o filho contra o pai. Outrora éramos filhos do diabo. Aos que ainda éramos infiéis, foi dito: "Vós sois do diabo, vosso pai" (Jo 8,44). Donde provém nossa infidelidade, a não ser do diabo, nosso pai? Não que ele nos tenha criado, mas porque nós o imitamos. Assim está logo o filho contra o pai, como vereis. Apareceu aquele gládio. Renuncia-se ao diabo. Encontra-se outro pai, encontra-se outra mãe. Ele, apresentando-se para ser imitado, gerava para a perdição. Os dois progenitores que encontramos, geram para a vida eterna. O filho contra o pai. A filha contra a mãe. A multidão dos judeus que acreditou separou-se da Sinagoga. Nora contra sogra. A turba dos gentios que se aproxima chama-se nora, porque Cristo, seu esposo, é filho da Sinagoga. De onde nasceu o Filho de Deus segundo a carne? Da Sinagoga. Ele deixou pai e mãe e uniu-se a sua esposa, a fim de serem dois numa só carne (cf Gn 2,24). Isto não é conjetura nossa, mas afirmação do Apóstolo: "É grande este mistério: refiro-me à relação entre Cristo e a sua Igreja" (Ef 5,32). De certa maneira, ele deixou o pai; não o fez inteiramente, para uma separação, mas a fim de assumir a carne humana. Como abandonou? "Sendo ele de condição divina, não se prevaleceu de sua igualdade com Deus, mas aniquilou-se a si mesmo, assumindo a condição de escravo" (Fl 2,6). E como foi que deixou igualmente a mãe? Deixou o povo judaico, a Sinagoga observante dos antigos sacramentos. Constitui idêntica figura a pergunta: "Quem é minha mãe e quem são os meus irmãos?" (Mt 12,48). Cristo ensinava no interior, enquanto eles permaneciam de fora. Vede se agora ainda não procedem assim os judeus. Cristo ensina na Igreja e eles ficam de fora. Que é uma sogra? A mãe do esposo. A mãe do esposo, nosso Senhor Jesus Cristo, é a Sinagoga. Por conseguinte, nora é a Igreja, proveniente dos gentios, que não adotou a circuncisão carnal e foi contra a sogra. "Cinge a espada a teu flanco". Tratando destes assuntos, referíamo-nos ao poder deste gládio.

13 "Cinge a espada", a tua palavra, "a teu flanco, ó poderosíssimo", sobre a coxa carrega a espada. O que significa: "a teu flanco", sobre a coxa? A carne. Daí vem a palavra: "O cetro não se afastará de Judá, nem o chefe de sua coxa" (Gn 49,10). O próprio Abraão, que recebera a promessa de uma descendência, na qual seriam abençoadas todas as gentes, ao enviar seu servo à procura, para seu filho, de uma esposa — que lhe daria a prole santa, em que seriam abençoadas todas as nações, crendo firmemente que daquele humilde germe viria a sua grandeza, isto é, o Filho de Deus, nascido dos filhos dos homens, e progênie de Abraão — não fez o servo, seu mensageiro, jurar assim? Disse ele: "Mete tua mão debaixo de minha coxa. Eu quero te fazer jurar". Equivale a dizer: Coloca tua mão sobre o altar, sobre o evangelho, sobre o profeta, sobre um objeto santo. "Mete tua mão debaixo de minha coxa" (Gn 12,3; 24,2.3; 26,4). Tem confiança. Não te envergonhes, mas compreende a realidade. Por isso, "cinge a espada a teu flanco,

poderosíssimo". Poderosíssimo, mesmo quanto ao flanco, porque o que é fraqueza de Deus é mais forte do que os homens (cf 1Cor 1,25). "Poderosíssimo".

14 [5] "Com tua beleza e teu esplendor". Recebe a justiça, que sempre te faz belo e esplêndido. "Avança, marcha vitorioso e reina". Não é isto que vemos? Certamente já se realizou. Considera a terra inteira. Ele avançou, marchou vitorioso e reina. Todas as nações lhe estão sujeitas. Que se via então em espírito? O mesmo que agora se experimenta realmente. Quando estas palavras eram proferidas, Cristo ainda não reinava, ainda não avançara, ainda não marchava vitorioso. Era anunciado. Agora já se realizou, já temos tudo isso. Deus já nos deu muitas coisas; faltam poucas. "Avança, marcha vitorioso e reina".

15 "Com a verdade, a mansidão e a justiça". Foi devolvida a verdade, quando esta brotou da terra, e a justiça olhou do céu (cf Sl 84,12). Apresentou-se Cristo, diante da expectativa do gênero humano, a fim de que na descendência de Abraão fossem abençoadas todas as gentes. Foi pregado o evangelho; ele é a verdade. Que é a mansidão? Sofreram os mártires e daí veio para o reino de Deus entre os povos muito progresso e adiantamento. Os mártires sofriam, sem desânimo, sem resistência. Declaravam tudo e nada ocultavam. Prontos para tudo, sem recusar coisa alguma. Grande mansidão! O corpo de Cristo agiu conforme aprendeu de sua Cabeça. Ele foi o primeiro a ser levado como ovelha ao matadouro, e como cordeiro diante do tosquiador não abriu a sua boca; tão manso que, pendente da cruz, pedia: "Pai, perdoa-lhes; não sabem o que fazem" (Is 53,7; Lc 23,34). Por que: com justiça? Ele virá também para julgar e retribuir a cada um conforme suas obras (cf Rm 2,6). Disse a verdade, suportou a iniquidade, há de trazer a equidade. "A tua destra te conduzirá admiravelmente". Somos conduzidos por sua destra, e ele mesmo pela sua. Ele é Deus e nós somos homens. Foi conduzido por sua destra, isto é, por seu poder. Efetivamente, possui o mesmo poder que o Pai, a mesma imortalidade; tem a divindade do Pai, a eternidade do Pai, a virtude do Pai. A sua destra o conduzirá admiravelmente, praticando ações divinas, padecendo sofrimentos humanos, e prostrando com sua bondade as maldades dos homens. Ainda está sendo conduzido, e aonde não chegou o conduzirá a sua direita. Guia-o aquilo mesmo que ele deu a seus santos. "A tua destra te conduzirá admiravelmente".

16 [6] "Tuas setas aguçadas", poderosíssimas. São palavras a traspassarem os corações e a excitarem o amor. Daí dizer o Cântico dos cânticos: "Estou doente de amor" (Ct 2,5; 5,8). Diz que está ferida pelo amor, isto é, declara que ama, inflama-se, suspira pelo esposo, que a atingiu com a seta da palavra. "Tuas setas aguçadas, poderosíssimas", que traspassam e atuam. "Aguçadas, poderosíssimas, farão cair os povos a teus pés". Quais? Os que, feridos, caíram. Vemos povos submissos a Cristo, mas não a cair. Explica o salmista onde caem: "no coração". Ali erguiam-se contra Cristo, e é ali que caem perante Cristo. Saulo blasfemava contra Cristo; estava ereto. Suplica a Cristo; caiu, ficou prostrado. Foi morto o inimigo de Cristo para que vivesse o discípulo de Cristo. Do céu

partiu a seta, Saulo foi ferido no coração. Era ainda Saulo, não se convertera em Paulo. Ainda ereto, não fora prostrado. Recebeu a seta no coração e caiu. Não se prostrou com a face por terra quando caiu, e sim quando disse: “Que devo fazer, Senhor?” (At 22,10). Ias à procura dos cristãos para prendê-los e arrastá-los ao suplício; e agora perguntas a Cristo: “Que devo fazer?”. Ó seta aguçada, poderosíssima, que atingiu e derrubou Saulo, para se tornar Paulo! Acontece aos povos o mesmo que a ele. Olhai as gentes, vede como estão sujeitas a Cristo. Portanto: “Farão cair os povos a teus pés. Atingirão o coração dos inimigos do rei”, a saber, o coração de teus inimigos. Denomina-se a si próprio rei, sabe que é rei. “Farão cair os povos a teus pés. Atingirão o coração dos inimigos do rei”. Eram inimigos. Atingidos por tuas setas, caíram diante de ti. De inimigos tornaram-se amigos; morreram os inimigos e vivem os amigos. Este o sentido do título: “Por aqueles que serão mudados”. Procuramos entender cada palavra, cada versículo; mas pesquisamos de sorte que ninguém duvide tratar-se de Cristo. “Farão cair os povos a teus pés. Atingirão o coração dos inimigos do rei”.

17 [7] “Teu trono, ó Deus, permanece pelos séculos dos séculos”, porque Deus te abençoou para sempre, e pairou a graça em teus lábios. A sede do reino judaico era temporal, pertencente àqueles que estavam sob a Lei, não aos que estavam sob o regime da graça. Cristo veio libertar os que estavam sob a Lei e estabelecê-los sob a graça. “Teu trono permanece pelos séculos dos séculos”. Por que razão? Porque aquele primeiro trono do rei era temporal. Por que agora o trono permanece pelos séculos dos séculos? Porque é de Deus. “Teu trono, ó Deus, permanece pelos séculos dos séculos”. Oh divindade na eternidade! Deus não poderia ter um trono temporal. “Teu trono, ó Deus, permanece pelos séculos dos séculos. De retidão é teu cetro real”. É cetro de retidão, que dirige os homens. Eles eram curvos, distorcidos. Queriam reinar para si, amavam-se a si mesmos, compraziam-se em suas obras más; não submetiam sua vontade a Deus, mas queriam dobrar a vontade de Deus, segundo suas concupiscências. O pecador, o iníquo, muitas vezes, revolta-se contra Deus porque não chove; e não quer que Deus se irrite contra ele quando ele resvala. E quase todos os dias os homens se assentam para disputar contra Deus: Devia agir assim; isto não está bem feito. Tu sabes perfeitamente o que fazes, e ele não? Estás distorcido. Ele é reto. Como unir o torto ao reto? Não se ajustam. Se num pavimento liso colocas uma tábua curva, não se ajusta, não adere, não se adapta ao pavimento. O pavimento, de fato, é todo igual; mas o que é curvo não se adapta ao liso. A vontade de Deus, portanto, é certa, e a tua é curva. A dele te parece curva, porque não consegues te ajustar a ela. Corrige-te de acordo com ela, ao invés de querer entortá-la de conformidade contigo. Como não consegues entortá-la, é inútil esforçar-te por fazê-lo; ela é sempre reta. Queres ajustar-te a ele? Corrige-te. Será o seu cetro que te governará, cetro de retidão. Rei é aquele que rege. Não rege, se não corrige. Nosso rei é rei de homens retos. Como ele é sacerdote, pois nos santifica, também é rei que nos rege. Como está dito em outra passagem? “Com o santo, serás santo e com o inocente serás inóquo. Com o eleito, serás eleito e com o perverso serás adverso” (Sl 17,26.27). Deus não é perverso, mas os perversos assim o julgam. Se o bem te apraz,

Deus é bom para ti. Mas se te desagrada, parece-te que Deus é mau. Deus se torna curvo para ti, pois assim te faz a tua curvatura, enquanto a retidão de Deus sempre permanece. Escuta o que diz outro salmo: “Como o Deus de Israel é bom para os retos de coração!” (Sl 72,1).

18 [8] “De retidão é teu cetro real. Amaste a justiça e odiaste a iniquidade”. Vê o cetro de retidão: “Amaste a justiça e odiaste a iniquidade”. Aproxima-te deste cetro. Cristo seja o teu rei. Este cetro te governe; não te esmigalhe. É cetro de ferro, inflexível. Como foi dito? “Hás de governá-las com cetro de ferro e esmigalhá-las qual vaso de argila” (Sl 2,9). A uns governa e a outros esmigalha; governa os homens espirituais e esmigalha os carnais. Por conseguinte, aproxima-te deste cetro. Por que receias? Ele consiste inteiramente no seguinte: “Amaste a justiça e odiaste a iniquidade”. O que temos? Talvez fosses iníquo; ouves dizer que teu rei odeia a iniquidade e sentes temor. Mas há um recurso. O que ele odeia? A iniquidade; acaso te odeia? Mas, existe iniquidade em ti? Deus a odeia. Odeia também tu a maldade, e ambos odiareis uma só coisa. Tornar-te-ás amigo de Deus, se odeias o que ele odeia. E amarás o que ele ama. Desagrade-te em ti a maldade, e seja-te aprazível a sua criatura. Pois, és um homem iníquo. Proferi dois nomes; dois nomes: homem e iníquo. Nestes dois um se aplica à natureza e outro à culpa. Uma foi criada por Deus para ti; a outra é obra tua. Ama o que Deus criou, odeia o que fizeste, porque ele também o odeia. Vê como começas a te unir a ele, odiando o que ele odeia. Ele há de punir o pecado, porque seu cetro é de retidão. E se não punir o pecado? Ele não o pode fazer. O pecado deve ser punido. Se não devesse ser castigado, nem seria pecado. Previne-te. Não queres que ele castigue? Castiga-te tu mesmo. Por enquanto ele poupa, adia, retém a mão, prepara o arco, isto é, ameaça. Clamaria tanto que há de ferir, se quisesse ferir? Sustém a mão diante de teus pecados; não adies. Converte a ti mesmo, castigando-te por causa de teus pecados, porque eles não podem ficar impunes. Hão de ser punidos, ou por ti, ou por ele. Reconhece-os para que ele te perdoe. Presta atenção ao exemplo dado no salmo penitencial: “Desvia a tua face de meus pecados”. Por acaso pediu: Afasta-te de mim? Em outra passagem diz abertamente: “Não desvies de mim a tua face” (Sl 26,9). Portanto: “desvia a tua face de meus pecados”. Não olhes os meus pecados. Ver para Deus é dar atenção. Diz-se que o juiz dá atenção, isto é, aplica o espírito à causa; atende para castigar, porque é juiz. Assim também Deus é juiz. “Desvia a tua face de meus pecados” (Sl 50,11). Não desvies tu a face deles se queres que Deus deles desvie a sua face. Vê como aquele mesmo salmo propõe isto a Deus: “Reconheço o meu crime e o meu pecado está sempre diante de mim” (Sl 50,5). Não quer que esteja diante de Deus aquilo que ele tem diante de si. “De retidão é teu cetro real”. Ninguém se lisonjeie demais, confiando na misericórdia de Deus; o seu cetro é de retidão. Então dizemos que Deus não é misericordioso? Quem é mais misericordioso do que ele que poupa tanto os pecadores, a ponto de não pensar mais no passado de todos os que se convertem? Ama-o, enquanto é misericordioso, mas acata igualmente o fato de que é veraz. A misericórdia não pode roubar-lhe a justiça, nem a justiça tira-lhe a misericórdia. Enquanto isto, ele adia, mas tu

não deves adiar, porque seu cetro real é cetro de retidão.

19 "Amaste a justiça e odiaste a iniquidade, por isso, ó Deus, te ungiu o teu Deus". Ungiu-te para amares a justiça e odiares a iniquidade. E vê como ele se exprime: "Por isso, ó Deus, te ungiu o teu Deus". Ó Deus, o teu Deus te ungiu. Deus é ungido por Deus. De fato, em latim, podia-se pensar que o nome é repetido, no mesmo caso; em grego, porém, é evidentíssima a distinção. Um interpela e outro é interpelado. "Deus te ungiu". A ti, "ó Deus, te ungiu o teu Deus", como se dissesse: Por isso ungiu-te a ti, ó Deus, o teu Deus. Assim deve-se tomar, assim se deve entender, assim é bem evidente em grego. Portanto, quem é Deus ungido por Deus? Digam-nos os judeus. Nossas Escrituras são comuns. Deus, ungido por Deus. Se ouves falar de ungido, entende que é Cristo. Pois, Cristo vem de crisma; o nome de Cristo vem de unção. Em outros reinos não se ungiam os reis e sacerdotes. Isso só se fazia no reino onde Cristo foi profetizado e ungido e de onde viria o nome de Cristo. Jamais em outra parte, absolutamente, em nenhuma nação, em nenhum reino. Deus, portanto, é ungido por Deus; com que óleo, senão um óleo espiritual. O óleo visível é um sinal. O óleo invisível existe no mistério, o óleo espiritual é interior. Deus é ungido para nós, é enviado a nós; e o próprio Deus a ser ungido era homem também. Mas era homem sem deixar de ser Deus. Era Deus e se dignou ser homem. Verdadeiro homem, verdadeiro Deus; em nada falaz, em nada falso, porque em toda a parte veraz, em toda a parte verdade. Deus, portanto, e homem; e Deus ungido porque homem-Deus, que é o Cristo.

20 Foi em figura disto que Jacó colocou uma pedra sob a cabeça e dormiu (cf Gn 28,11). O patriarca Jacó tinha posto uma pedra sob a cabeça. Estava dormindo, com a cabeça apoiada na pedra, e viu o céu aberto, uma escada que ia do céu à terra, e anjos a subirem e descerem. Depois, acordou, ungiu a pedra, e se afastou. A pedra representava Cristo para ele; por isso a ungiu. Vede como Cristo era anunciado. Qual o sentido daquela unção da pedra, principalmente para os patriarcas, que adoravam um só Deus? O feito constituía uma figura. Depois, ele se afastou dali. Não ungiu a pedra e voltou ali sempre para adorar e sacrificar. Exprimiu um mistério; não começou um sacrilégio. Vede qual é a pedra: "A pedra que os construtores rejeitaram, tornou-se a pedra angular" (Sl 117,22). Como Cristo é a Cabeça do homem, a pedra foi colocada no ângulo capital. Atenção ao grande mistério: Cristo é pedra, "pedra viva, rejeitada, é verdade, pelos homens, mas diante de Deus eleita e preciosa", diz S. Pedro (1Pd 2,4). E a pedra estava sob a cabeça, porque a Cabeça do homem é Cristo (cf 1Cor 11,3). A pedra foi ungida, porque Cristo vem de crisma, unção. E por revelação de Cristo, vê-se uma escada da terra ao céu, ou do céu à terra, e anjos subindo e descendo. Veremos melhor seu significado ao relembrarmos o testamento evangélico do próprio Senhor (cf Gn 28,11.12; Jo 1,51). Sabeis que Jacó se chama também Israel. Ao lutar ele com o anjo e prevalecer, recebeu a bênção do vencido, e teve mudado seu nome, passando a chamar-se Israel (Gn 32,28). O povo de Israel também se prevaleceu contra Cristo, crucificando-o; no entanto, nos que acreditaram em Cristo, ele foi bendito por aquele sobre o qual havia prevalecido. Mas como muitos não acreditaram, daí a razão da coxeadura de Jacó. Bênção e

claudicação. Bênção para os fiéis, pois sabemos que depois muitos daquele povo acreditaram. Coxeadura para aqueles que não creram. Como muitos não acreditaram e poucos creram, para que Jacó se tornasse coxo o anjo tocou o tendão de sua coxa. O que significa o tendão de sua coxa? A multidão do povo. Vede, portanto, aquela escada. O evangelho conta que o Senhor ao ver Natanael disse: "Eis um verdadeiro israelita, em quem não há fingimento" (Jo 1,47). O mesmo é dito de Jacó: "Jacó era um homem sem fingimento, morando sob tendas" (Gn 25,27). Lembrado disto, o Senhor vendo Natanael, homem sem fingimento, daquela nação e daquele povo, disse: "Eis um verdadeiro israelita, em quem não há fingimento". Chamou-o de israelita, em quem não havia fingimento, por causa de Jacó. "De onde me conheces?" perguntou-lhe Natanael. "Eu te vi, quando estavas sob a figueira" (Jo 1,47.48), respondeu-lhe o Senhor, isto é, quando estavas no meio daquele povo, sujeito à Lei, que o protegia, como sombra material, eu te vi. Qual o sentido da resposta: Ali eu te vi? Eu me compadeci de ti. Natanael recordou-se de que estivera de fato debaixo da figueira e ficou admirado porque pensava que ninguém o vira quando lá estava; disse: "Tu és o Filho de Deus, és o Rei de Israel". Quem disse essas palavras? Aquele que ouvira ser ele verdadeiro israelita, em quem não havia fingimento. Respondeu o Senhor: "Crês, só porque te disse: Eu te vi sob a figueira? Verás coisas maiores do que estas". Fala com Israel, com Jacó, com aquele que pusera uma pedra sob a cabeça. "Verás coisas maiores do que estas". Quais? A pedra já estava sob sua cabeça. "Em verdade vos digo: Vereis o céu aberto e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do homem" (Jo 1,49.50.51). Subam e desçam os anjos de Deus por aquela escada. Faça-se isto na Igreja. Os anjos de Deus são núncios da verdade. Subam e vejam: "No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus". Desçam e vejam: "O Verbo se fez carne, e habitou entre nós" (Jo 1,1.14). Subam e elevem os grandes; desçam e nutram os pequenos. Vede Paulo subindo: "Se nos deixamos arrebatar como para fora do bom senso, foi por causa de Deus". Vede descendo: "Se somos sensatos, é por causa de vós" (2Cor 5,13). Vede-o a subir. "É realmente de sabedoria que falamos entre os perfeitos". Vede-o a descer: "Dei-vos a beber leite, não alimento sólido" (1Cor 2,6 e 3,2). Assim acontece na Igreja: sobem e descem os anjos de Deus sobre o Filho do homem. No alto está o Filho do homem, para junto do qual sobem de coração, a saber, ele é a Cabeça; e em baixo está o Filho do homem, isto é, o corpo. Seus membros acham-se na terra, e a Cabeça no alto; sobe-se para junto da Cabeça, desce-se para junto dos membros. Cristo está ali, e Cristo acha-se aqui. Pois, se estivesse apenas no céu, e não na terra, como se explica a palavra: "Saulo, Saulo, por que me persegues?" (At 9,4). Quem lhe foi molesto no céu? Ninguém. Nem os judeus, nem Saulo, nem o diabo tentador. Ninguém ali o molestava. Mas, como sucede no corpo humano, a língua grita porque o pé foi pisado.

21 "Amaste a justiça e odiaste a iniquidade, por isso, ó Deus, te ungiu o teu Deus". Falamos de Deus, que foi ungido, isto é, de Cristo. Não é possível falar mais claramente o nome de Cristo do que dizer: Deus ungido. Como ele é "muito belo, acima dos filhos dos homens", assim foi ungido "com o óleo da alegria, de preferência a seus companheiros". Quais os seus companheiros? Os filhos dos homens, porque o próprio

Filho do homem se fez partícipe da mortalidade deles, para que eles participassem de sua imortalidade.

22 [9] "Tuas vestes exalam perfume de mirra, aloés e cássia". Bons odores exalam tuas vestes. Suas vestes são os seus santos, seus eleitos, toda a sua Igreja, que ele apresenta a si mesmo, sem mancha nem ruga (cf Ef 5,27). Lavou-a em seu sangue, para tirar a mácula; e estendeu-a na cruz para desfazer as rugas. Daí vem o bom odor, que vem representado pelos nomes de certos aromas. Ouve a Paulo, aquele mínimo, fímbria do manto que tocou a mulher que sofria de um fluxo de sangue e ficou curada (cf Mt 9,20). Escuta-o a dizer: "Somos o bom odor de Cristo em toda a parte, entre aqueles que se salvam e aqueles que se perdem" (2Cor 2,15). Não disse: Bom odor para aqueles que se salvam, e mau odor para os que se perdem; mas: "Somos o bom odor, entre aqueles que se salvam e aqueles que se perdem". Que um homem se salve devido a um bom odor é provável e crível; mas qual a razão de se perder um homem por causa de um bom odor? Grande virtude, grande verdade! Embora não se entenda, assim é. Pois, para que saibas como é difícil de entender, logo acrescentou o Apóstolo: "E quem estaria à altura?" (2Cor 2,15). Quem compreende que possam morrer alguns devido a um bom odor? Todavia, direi alguma coisa, irmãos. Eis que o próprio Paulo pregava o evangelho; muitos o amavam, como pregador do evangelho e muitos o invejavam. Os que o amavam, salvaram-se pelo bom odor; os invejosos, perdiam-se com seu bom odor. No entanto, também para os que se perdiam não era mau cheiro, porém bom odor. Por esta razão era mais invejado, uma vez que nele prevalecia a graça cheia de bondade. Ninguém inveja um miserável. Ele era glorioso na pregação da palavra de Deus e vivia segundo a regra daquele cetro de retidão. Amavam-no os que nele amavam a Cristo, os que seguiam o bom odor. Amava o amigo de seu esposo a própria esposa, que diz no Cântico dos cânticos: "Correremos ao odor de teus perfumes" (Ct 1,3). Aqueles invejosos, porém, quanto mais viam-no na glória da pregação do evangelho e a sua vida íntegra, tanto mais se torciam de inveja, e morriam pelo bom odor.

23 [10] "Tuas vestes exalam perfume de mirra, aloés e cássia; das casas de marfim te deleitaram as filhas dos reis". As filhas de reis deleitaram a Cristo das casas de marfim, das casas grandes, dos palácios reais, de qualquer uma dessas que quiseres. Queres tomar as casas de marfim no sentido espiritual? Entende as grandes casas, os grandes tabernáculos de Deus como sendo os corações dos santos, que são reis pelo domínio da carne, que controlam as multidões de afeições humanas, castigam o corpo e o reduzem à servidão, porque nisto o deleitam as filhas dos reis. Efetivamente todas as almas que nasceram através de sua pregação e evangelização são filhas de reis. As Igrejas, filhas dos apóstolos, são filhas de reis. Pois, Cristo é o "Rei dos reis" (Ap 19,16). Os apóstolos são os reis, acerca dos quais se disse: "Também vós vos sentareis em doze tronos para julgar as doze tribos de Israel" (Mt 19,28). Pregaram a palavra da verdade e geraram as Igrejas, não para si, mas para Cristo. A este mistério se refere o que foi escrito na Lei: "Quando dois irmãos moram juntos e um deles morre, o cunhado tomará a mulher de seu irmão, e suscitará uma descendência; não para si, mas para seu irmão" (Dt 25,5).

Cristo disse: “Ide anunciar a meus irmãos” (Mt 28,10). E reza o salmo: “Anunciarei o teu nome a meus irmãos” (Sl 21,23). Cristo morreu, ressuscitou, subiu aos céus, ausentou-se corporalmente. Seus irmãos tomaram sua esposa, a fim de gerar filhos pela pregação do evangelho, não por si mesmos, mas por meio do evangelho, em vista do nome de seu irmão. Diz o Apóstolo: “Fui eu quem pelo evangelho vos gerou” (1Cor 4,15). Em consequência disso, os apóstolos, suscitando uma descendência a seu irmão, denominaram a todos os que geraram, não paulinos ou petrinos, mas cristãos. Vede se não é tal o sentido que se destaca nestes versículos. Ao falar o salmista de “casas de marfim”, referia-se a palácios amplos, belos, suaves, quais são os corações dos santos, e acrescentou: “Deles te deleitaram as filhas dos reis, rendendo honras”. “As filhas dos reis”, as filhas dos teus apóstolos; mas, “rendendo honras”, porque suscitaram eles uma prole a seu irmão. Por tal motivo, ao verificar Paulo que os filhos que ele suscitara a seu irmão se prevaleciam de seu nome, exclamou: “Paulo terá sido crucificado em vosso favor” (1Cor 1,13)? Como se exprime a Lei? O Filho tenha o nome do defunto. Nasça para ele, tenha o seu nome. Paulo observa esta prescrição da Lei. Aos que queriam tomar seu nome, ele adverte: “Paulo terá sido crucificado em vosso favor?” Voltai o olhar para o defunto: “Paulo terá sido crucificado em vosso favor?” Como então será? Quando os geraste, impuseste-lhes o teu nome? Não. Pois, continua: “Ou fostes batizados em nome de Paulo” (1Cor 1,13)? “As filhas dos reis te deleitaram, rendendo honras”. Retende, guardai a recomendação: “rendendo honras”. Possuir a veste nupcial é isto: procurar a sua honra, a sua glória. Podeis também aplicar a expressão: “filhas dos reis” às cidades que acreditaram em Cristo, e foram fundadas pelos reis; e: “das casas de marfim”, aos ricos, soberbos, orgulhosos. “As filhas dos reis te deleitaram, rendendo honras”, porque não buscaram a honra de seus pais, e sim a tua honra. Que se me mostre em Roma, em honra de Rômulo, um templo tão grandioso quanto lá te aponto a memória de Pedro. Quem é honrado na lembrança de Pedro, senão aquele que morreu por nós? Somos cristãos, não petrinos. Embora gerados pelo irmão do defunto, temos o nome daquele que morreu. Nascidos através do primeiro, mas para o segundo. Eis que Roma, Cartago, mais e mais cidades são filhas dos reis. E deleitaram o rei, rendendo-lhe honra. E todos constituem uma só rainha.

24 Qual o cântico nupcial? Eis que no meio de cânticos de alegria avança a própria esposa. O esposo estava chegando, e era descrito. Para ele se voltara toda a nossa atenção. Avance agora também a rainha. “À tua direita assiste a rainha”. A que está à esquerda não é rainha. Também à esquerda haverá uma, à qual se dirá: “Ide para o fogo eterno”. À direita estará aquela que ouvirá: “Vinde, benditos de meu Pai, recebei por herança o reino preparado para vós desde a criação do mundo” (Mt 25,34.41). “À tua direita assiste a rainha, em vestes recamadas de ouro, com ornatos variegados”. Em que consiste a veste desta rainha? É preciosa e variegada: os mistérios da doutrina, em várias línguas. Uma é a língua africana, outra a síria, outra a grega, outra a hebraica, e mais outras. Estas línguas constituem a variedade na veste da rainha. Como a variedade nas vestes chegam a uma unidade concorde, assim todas as línguas se relacionam com a fé única. Haja variedade na veste, mas não cissura. A variedade representa a diversidade

das línguas e, a veste figura a unidade; o que seria o ouro nesta variedade? A sabedoria. Qualquer que seja a variedade das línguas, apregoa-se um só ouro; o ouro não é diverso, mas há variedade. Na verdade, todas as línguas pregam a mesma sabedoria, a mesma doutrina e a mesma disciplina. Variedade nas línguas, ouro nas sentenças.

25 [11] Dirige-se o profeta (de bom grado, canta) a esta rainha e a cada um de nós, contanto que reconheçamos onde estamos, e nos empenhemos em pertencer àquele corpo, permanecendo unidos pela fé e a esperança aos membros de Cristo. Ele nos fala, portanto: "Ouve, filha, vê". Fala-lhe como um dos pais, porque são filhas dos reis. Embora fale o profeta, embora fale o Apóstolo, como a uma filha (Assim dizemos: nossos pais os profetas, nossos pais os apóstolos. E se os consideramos nossos pais, eles nos têm como filhos), fala também a única voz paterna à única filha: "Ouve, filha, vê". Primeiro ouve e depois vê. Os apóstolos vieram a nós com o evangelho, pregaram-nos o que ainda não vemos. Acreditamos ouvindo, e crendo veremos, conforme diz o próprio esposo, através do profeta: "Um povo que eu não conhecia pôs-se a meu serviço. Logo que ouviu, obedeceu-me" (Sl 17,45). O que quer dizer: "Logo que ouviu"? Que não viu. Os judeus viram e o crucificaram. Os gentios não viram e acreditaram. Venha a rainha, do povo dos gentios, em vestes recamadas de ouro, com ornatos variegados; venha dentre os gentios, venha ornada de todas as línguas, na unidade da sabedoria. Seja-lhe dito: "Ouve, filha, vê". Se não ouvires, não verás. Ouve para purificares o coração com a fé, como o Apóstolo disse nos Atos dos Apóstolos: "Purificou seus corações pela fé" (At 15,9). Ouvimos aquilo que devemos crer, antes de ver. Acreditando purifiquemos o coração, de sorte a podermos ver. Ouve para creres, purifica o coração pela fé. E quando tiver purificado o coração, o que verei? "Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus" (Mt 5,8). "Ouve, filha, vê, e inclina teu ouvido". Não basta ouvir; ouve humildemente: "Inclina teu ouvido; esquece o teu povo e a casa de teu pai". Havia certo povo, e determinada casa de teu pai, onde nasceste: o povo de Babilônia, tendo o diabo como rei. Seja de onde for que vieram os pagãos, vieram do diabo, seu pai; mas renunciaram a seu pai, o diabo. "Esquece o teu povo e a casa de teu pai". Ele te gerou disforme, pois te tornou pecadora; Cristo te regenera, faz-te bela, porque justifica a ímpia. "Esquece teu povo e a casa de teu pai".

26 [12] "De tua beleza se encantará o rei". Qual beleza, senão a que ele mesmo criou? "Encantou-se de tua beleza". De que beleza? Da pecadora, da iníqua, da ímpia, qual era junto do diabo, seu pai, e no meio de seu povo? Não. Mas, a daquela da qual foi dito: "Quem é esta que sobe alvejada?" (Ct 8,5). Antes não era alva, mas depois se tornou branca. Se vossos pecados forem como escarlate, tornar-se-ão alvos como a neve (cf Is 1,18). "De tua beleza se encantou o rei". Qual rei? "Ele é o Senhor teu Deus". Já vês que deves deixar teu pai, e teu povo, e vir para junto deste rei, o teu Deus. Teu Deus é o teu rei. Teu rei é esposo. Tu te desposas a Deus, teu rei, por ele dotada, decorada, redimida, curada. Tudo o que tens para agradar-lhe foi ele que te deu.

27 [13] "E adorá-lo-ão as filhas de Tiro, com suas dádivas". É a teu rei, o teu Deus, que

"adorarão as filhas de Tiro, com suas dádivas. As filhas de Tiro", as filhas dos gentios. Da parte ao todo. Tiro é uma terra vizinha daquele de onde partiu a profecia. Representava as nações que haveriam de acreditar em Cristo. De lá era a cananeia, que o Senhor a princípio chamou de cão. Para se saber de onde era, o evangelho assim narra: "Jesus retirou-se para a região de Tiro e de Sidônia. E eis que uma mulher cananeia, daquela região, veio gritando", etc., conforme descrito nesta passagem. Anteriormente, junto de seu pai e no meio de seu povo, era cão, ladrando atrás deste rei; depois, acreditando nele, tornou-se bela. E o que mereceu ouvir? "Mulher, grande é a tua fé" (Mt 15,21-28)! "De tua beleza se encantou o rei. Adorá-lo-ão as filhas de Tiro, com suas dádivas". Quais? O rei quer que elas se aproximem com dádivas, e deseja encher seus tesouros; mas ele mesmo dá com que enchê-los, e por vosso intermédio. Ele diz: Venham e adorem com dádivas. O que significa: com dádivas? "Não ajunteis para vós tesouros na terra, onde a traça e o caruncho os destroem, e onde os ladrões arrombam e roubam, mas ajuntai tesouros nos céus, onde nem os ladrões, nem a traça destroem. Pois onde está o teu tesouro aí estará também teu coração" (Mt 6,19-21). Vinde com dádivas: "Dai esmolas e tudo ficará puro para vós" (Lc 11,41). Vinde com dádivas para junto daquele que diz: "Misericórdia é que eu quero, e não sacrifício" (Os 6,6; Mt 9,13). Os judeus deviam apresentar-se àquele templo que era sombra do futuro com touros e carneiros, com bodes, e diversos outros animais aptos para o sacrifício. Com aquele sangue se fazia o que era uma figura de outra realidade. Agora já veio o sangue, que fora figurado por todos aqueles; veio o próprio rei, e ele quer dádivas. Quais? Esmolas. Ele há de julgar um dia, e há de remunerar a alguns. Dirá: "Vinde, benditos de meu Pai, recebei por herança o reino preparado para vós desde a criação do mundos". Por quê? "Eu tive fome e me destes de comer. Tive sede e me destes de beber. Estive nu e me vestistes, era forasteiro e me recolhestes. Estive doente e preso e me visitastes". São estas as dádivas com as quais adoram ao rei as filhas de Tiro; porque ao dizerem: "Quando foi que te vimos...?", ele, que é do alto e da terra, conforme os anjos que sobem e descem, dirá: "Toda vez que o fizestes a um desses mais pequeninos, a mim o fizestes" (Mt 25,34-40).

28 "Adorá-lo-ão as filhas de Tiro com suas dádivas". Quais são as filhas de Tiro e como o adorarão com dádivas, quis dizer o salmista mais claramente: "Imploram teu favor os ricos do povo". Estas filhas de Tiro que adoram, com dádivas, são os ricos do povo, aos quais fala o Apóstolo, amigo do esposo: "Aos ricos deste mundo, exorta-os que não sejam orgulhosos, nem ponham sua esperança na instabilidade da riqueza, mas em Deus vivo, que nos provê de tudo com abundância, para que nos alegremos; enriqueçam-se com boas obras, sejam pródigos, capazes de partilhar". Adorem com dádivas, mas não as percam; ponham em segurança onde sempre as encontrem. "Estarão acumulando para si mesmos um belo tesouro para o futuro a fim de obterem a verdadeira vida" (1Tm 6,17-19). Adorando, com dádivas, "imploram teu favor". Vão à igreja, e lá dão esmolas. Não o façam do lado de fora, isto é, não fiquem de fora, mas deem na igreja. O rosto desta esposa e rainha será favorável aos que as derem. Foi por isso que os cristãos vendiam seus bens (cf At 4,54), e implorando o favor desta rainha, vinham com dádivas; e colocavam aos pés dos apóstolos os dons que traziam. O amor era ardente na Igreja. O

favor da rainha era a Igreja, o favor desta rainha era o obséquio das filhas de Tiro, isto é, dos ricos que adoravam, com dádivas. "Imploram teu favor os ricos do povo". E os que hão de implorar o favor, e aquela cujo rosto eles procurarão, constituem uma só esposa, uma só rainha, a mãe e os filhos simultaneamente pertencendo todos a Cristo, à Cabeça.

29 [14.15] Mas como estas obras e estas esmolas podem ser feitas no intuito de jactância diante dos homens, adverte o próprio Senhor: "Guardai-vos de praticar a vossa justiça diante dos homens para serdes vistos por eles" (Mt 6,1). Como, porém, devem ser realizadas publicamente, por causa da face da esposa, diz: "Brilhem vossas obras diante dos homens, para que, vendo as vossas boas obras, eles glorifiquem vosso Pai que está nos céus" (Mt 5,16), isto é, não façais vossas obras publicamente para vossa glória, e sim para glória de Deus. E quem pode saber, diz alguém, se procuro a glória de Deus ou a minha? Pode-se verificar que dou ao pobre; mas quem vê com que intenção eu dou? Basta que Deus te veja; vê aquele que retribuirá. Ama o teu íntimo aquele que o vê. Ama interiormente; seja amado também interiormente aquele que fez o teu íntimo e a sua própria beleza. Não te deleite ser visto por olhos que veem o exterior e ser louvado. Dá atenção a como prossegue o salmo: "Toda a glória da filha do rei é interior". No exterior, a veste é de ouro e variegada; mas aquele que amou a sua formosura, conhece sua beleza interior. Qual é ela? A da consciência. Ali Cristo vê, ama, fala, castiga, coroa. Seja, portanto, oculta a tua esmola, porque "toda a glória da filha do rei é interior, vestida com roupagens de franjas de ouro e multicolores". A beleza é interior. As franjas de ouro representam a variedade das línguas, a beleza da doutrina. De que adiantam estas, se não houver a beleza interior?

30 "As virgens que a seguem serão conduzidas ao rei". Verdadeiramente assim aconteceu. A Igreja acreditou, constituiu-se no meio de todas as gentes. Agora como desejam as virgens agradar àquele rei? Como são estimuladas? A Igreja as precede. "As virgens que a seguem serão conduzidas ao rei, suas companheiras te serão apresentadas". As que foram conduzidas não são estranhas, mas companheiras, a ela pertencem. E como disse: "ao rei", volta-se para ele o salmista e assim se exprime: a ti. "Suas companheiras te serão apresentadas".

31 [16] "Levadas no meio do júbilo e exultação, ingressam no templo real". Templo real é a própria Igreja. Como se constrói o templo? De homens que entram no templo. Quais são as pedras vivas, senão os fiéis de Deus? "Ingressam no templo real". Há virgens fora do templo do rei, as monjas heréticas; são, de fato, virgens, mas que lhe adianta isso se forem conduzidas ao templo do rei? O templo do rei se acha na unidade; o templo do rei não é ruinoso, separado, dividido. A caridade é a juntura das pedras vivas. "Ingressam no templo real".

32 [17] "Teus filhos tomaram o lugar de teus pais". Nada de mais evidente. Prestai atenção ao próprio templo do rei, porque o salmista dele fala, tendo em vista a unidade difundida por toda a terra. As que quiseram ser virgens, não podem agradar ao esposo,

se não forem conduzidas ao templo do rei. “Teus filhos tomaram o lugar de teus pais”. Os apóstolos te geraram; eles foram enviados, eles pregaram, são os pais. Mas, por acaso, podiam permanecer sempre fisicamente conosco? Embora um deles tenha dito: “O meu desejo é partir e ir estar com Cristo, pois isso me é muito melhor, mas o permanecer na carne é mais necessário por vossa causa” (Fl 1,23.24), ele assim falou, na verdade, mas por quanto tempo pôde ficar? Teria permanecido até hoje? Até amanhã? Com sua partida a Igreja ficou deserta? De modo algum. “Teus filhos tomaram o lugar de teus pais”. O que significa: “Teus filhos tomaram o lugar de teus pais”? Os pais, os apóstolos foram enviados. Em lugar deles nasceram teus filhos, que foram estabelecidos como bispos. De onde surgiram hoje os bispos, existentes em todo o mundo? A própria Igreja os denomina pais, aqueles que ela gerou, e estabeleceu nas sedes dos pais. Não te consideres, portanto, abandonada, porque não vês a Pedro, nem a Paulo, nem aqueles por meio dos quais nasceste. A paternidade se originou para ti de tua prole. “Teus filhos tomaram o lugar de teus pais. Tu os estabelecerás príncipes sobre toda a terra”. Vê como se dilatou grandemente o templo do rei; assim conheçam as virgens, não conduzidas ao templo do rei, que não tomam parte nestas núpcias. “Teus filhos tomaram o lugar de teus pais. Tu os estabelecerás príncipes sobre toda a terra”. Esta é a Igreja católica. Seus filhos foram estabelecidos príncipes sobre toda a terra; os filhos tomaram o lugar dos pais. Reconhecem-no os que foram cortados; venham à unidade, sejam conduzidos ao templo do rei. Deus colocou seu templo em toda a parte, consolidado sobre os fundamentos dos profetas e dos apóstolos. A Igreja gerou filhos, e estabeleceu-os em lugar de seus pais, como príncipes sobre toda a terra.

33 [18] “Lembrar-se-ão de teu nome através das gerações e os povos te louvarão”. Que adianta, louvar, mas fora do templo? Que utilidade há em rezar, mas não no monte? “Elevei ao Senhor a minha voz e ele me ouviu de seu monte santo” (Sl 3,5). De que monte? Daquele do qual está escrito: “Não se pode esconder uma cidade situada sobre um monte” (Mt 5,14). De que monte? Aquele que Daniel viu surgir de uma pequena pedra, e que esmagou todos os reinos da terra, enchendo-a toda inteira (cf Dn 2,35). Sobre ele adore quem quiser receber, peça ali quem quiser ser ouvido, confesse quem quiser ser perdoado. Por isso, “os povos te louvarão eternamente e pelos séculos dos séculos”. Efetivamente, na vida eterna não haverá gemidos dos pecadores; contudo, nos louvores divinos daquela superna e perpétua cidade não faltará a confissão de tamanha felicidade. A esta mesma cidade canta outro salmo: “Coisas gloriosas são ditas de ti, cidade de Deus” (Sl 86,3); de ti, esposa de Cristo, rainha, filha de rei, e esposa do rei. Seus príncipes lembraram-se de seu nome em todas as gerações das gerações, isto é, enquanto decorrem os séculos, que incluem muitas gerações. Eles praticam a caridade, em seu favor, a fim de que libertada deste século, reine com Deus eternamente. Por esta razão, os povos a louvarão eternamente; então, ali serão visíveis e manifestos os corações luminosos de todos em perfeita caridade, para que ela se conheça inteira e plenamente, enquanto na terra em muitas de suas partes ela se desconhece. Daí admoestar-nos o Apóstolo a nada julgarmos antes do tempo, até que venha o Senhor,

que iluminará o que está oculto nas trevas, e manifestará os desígnios dos corações, e então cada um receberá de Deus o louvor que lhe for devido (cf 1Cor 4,5). A própria cidade santa de certo modo se louvará, uma vez que os povos que a constituem louvam-na eternamente, de sorte que tudo lhe será patente, uma vez que parte alguma do que há em si lhe estará oculto.

SALMO 45

SERMÃO AO POVO

1 [1] Falamos de algumas coisas tão conhecidas de V. Caridade que não precisamos nelas nos deter. Passaremos por alto aquilo que já sabeis. Entendamos que somos nós os filhos de Coré. Lembro-vos que Coré significa calvície; que nosso Senhor, crucificado no Calvário, atraiu a muitos a si, como o grão de trigo, que se não morresse, ficaria só (cf Jo 12,24); e que os que foram atraídos se chamam filhos de Coré. Assim é, em mistério. Além disso, havia no tempo em que isto foi cantado, alguns filhos de Coré; mas o espírito deve nos vivificar e não a letra nos ocultar o seu sentido. Entendamos, pois, que se refere a nós. Vede se o que segue, isto é, se o contexto do próprio salmo a nós se adapta. Descobriremos que se aplica a nós, se estivermos incluídos entre os membros daquele corpo, cuja Cabeça se acha no céu, para onde subiu depois da paixão, a fim de levar consigo àquela abundância de bens os que estavam prostrados na humildade e deram frutos pela paciência. Efetivamente, está escrito: "Para o fim dos filhos de Coré, sobre os mistérios. Salmo". É, portanto, oculto; mas sabeis que aquele mesmo que no Calvário foi crucificado, rasgou o véu, para que se manifestassem os segredos do templo (cf Mt 27,51). Por conseguinte, a cruz de nosso Senhor foi a chave que abriu os recintos fechados; acreditemos que estes mistérios nos hão de ser revelados. "Para o fim", conforme traz o título, sempre se aplica a Cristo. "A finalidade da Lei é Cristo para a justificação de todo o que crê" (Rm 10,4). Fala-se de fim, não por consumir, mas por consumar. Pois, também dizemos que o alimento que era tomado chegou ao fim, e foi finalizada a túnica que era tecida; o primeiro foi consumido e a segunda consumada. Uma vez que, tendo chegado a Cristo, não temos além coisa alguma a que possamos tender, ele é denominado o fim de nossa carreira. Mas, não pensemos que tendo chegado até ele, tenhamos de empregar esforços ainda para alcançar o Pai. Filipe assim opinava, quando dizia ao Senhor: "Senhor, mostra-nos o Pai e isto nos basta". Com os termos: "nos basta", designa o fim, a saciedade e a perfeição. Responde-lhe o Senhor: "Há tanto tempo estou convosco e não me conheceis? Filipe, quem me vê, vê o Pai" (Jo 14,8.9). Com ele, portanto, temos o Pai, porque ele está no Pai e o Pai nele. Ele e o Pai são um (cf Lc 10,30).

2 [2] A que nos admoesta aqui o cantor, no qual reconheçamos nossa voz se tivermos os sentimentos neste canto demonstrados? "Deus é nosso refúgio e nossa força". Há refúgios tão desprovidos de força que se alguém fugir para lá, fica mais fraco, ao invés de encontrar reforço. Por exemplo, se te refugias junto de algum magnata do mundo, visando a obter um amigo poderoso; parece-te ser um refúgio. Como, porém, são tão incertas as coisas deste mundo, e de tal modo aumentam cada dia os poderosos arruinados, ao te abrigares neste refúgio começarás a sentir medo maior. Antes, tinhas

receio apenas por tua causa; quando, porém, procuras tal socorro, o temor será também por causa dele. Muitos que procuraram tais refúgios, com a queda daqueles junto dos quais se abrigaram, foram também envolvidos. Ninguém os procuraria se não se houvessem ali refugiado. O nosso refúgio não é desta espécie, mas é refúgio e força. Ao nos refugiarmos ali, estaremos seguros.

3 "Auxílio nas tribulações que se acercaram de nós em demasia". São muitas as tribulações e em todas elas o refúgio está no Senhor. Quer venha das questões familiares, da saúde corporal, do perigo de entes muito caros, de bens necessários ao sustento, não deve absolutamente haver para o cristão outro refúgio senão o seu Deus, para que seja forte em seu abrigo. Ele não será forte em si mesmo, não será a fortaleza para si; mas fortaleza para ele será quem se tornou o seu refúgio. Não obstante, caríssimos, entre todas as tribulações da alma humana nenhuma é maior do que a consciência dos delitos. Pois, se a consciência não está ferida, se é sadio o interior do homem, denominado consciência, qualquer que for a tribulação que o atingir em outras partes, ele pode nela se refugiar e lá encontrará a Deus. Se, ao invés, ali não encontra repouso, devido à quantidade de pecados, e portanto Deus ali não se acha, o que há de fazer o homem? Para onde fugirá ao começarem as tribulações? Fugirá do campo à cidade, da rua a sua casa, da casa ao quarto, e a tribulação irá atrás. Do quarto já não tem aonde ir, senão ao seu interior. Todavia, se ali há tumulto, se há a fumaça da iniquidade, a chama do crime, não pode se abrigar ali; é expulso dali, e ao ser expulso, é repelido por si mesmo. E assim encontra um inimigo no lugar em que se escondera; para onde fugirá de si mesmo? Seja para onde for que fugir, arrasta-se consigo. E aonde se arrastar, atormenta-se. São essas as tribulações que se acercam do homem em demasia; mais acerbas do que essas não há, e tanto mais acerbas quanto mais íntimas. Vede, caríssimos, os marceneiros derrubando árvores e examinando-as. Por vezes, na superfície parecem carcomidas e pútridas. O marceneiro examina o cerne, o centro da madeira, e se por dentro vir que está perfeita, garante que há de durar no edifício. Não se preocupará muito com a superfície carcomida, se por dentro estiver perfeita a madeira. Enquanto para o homem nada existe de mais íntimo do que a consciência. O que adianta, então, por fora estar sadio, se o íntimo da consciência está putrefacto? Estas tribulações são angustiosas e veementes, absolutamente, e conforme se exprime o salmo, são em demasia. Deus, contudo, mesmo nestas tribulações faz-se um auxílio, perdoando os pecados. Não cura as consciências dos malvados a não ser por indulgência. Se alguém se confessa devedor do fisco, sem recursos domésticos e insolúvel, diz que sofre grandes tribulações; por causa dos fiscais que vêm todo ano, afirma passar por enormes aflições e só respira com a esperança de obter um indulto, do ponto de vista material; com quanto mais razão, o réu de uma quantidade de delitos, não poderá pagar o débito de sua consciência pesada, uma vez que o preço seria sua condenação. Pagar tal débito representa sofrer o castigo correspondente. Resta, portanto, que possamos estar seguros acerca do perdão relativamente a eles; contanto que posteriormente não voltemos a contrair novas dívidas.

4 É possível também serem os filhos de Coré figura dos fiéis referidos nos Atos dos

Apóstolos. Pedro falou a homens atentos às maravilhas operadas pela vinda do Espírito Santo, pois todos os que o receberam falavam todas as línguas. Anunciou-lhes o Cristo, que tinha o grande poder de enviar o Espírito Santo. Cristo, que eles haviam crucificado com suas mãos, e desprezado quando o mataram, tornou-se junto de Deus tão elevado e excelso que encheu com o Espírito Santo homens ignorantes e fez eloquentes as línguas das crianças. Com o coração transpassado, eles perguntaram: "Que devemos fazer?" Eram tribulações que se acercaram deles em demasia. Eles não descobriram seus pecados por si mesmos, mas os encontraram através da exortação dos apóstolos. Por conseguinte, foram as tribulações que se acercaram deles, e não eles das tribulações. Porquanto, se alguém, mesmo sem admoestação de outrem, considera o seu ato e roga a Deus, como se expressa? "Encontrei, diz ele, a tribulação e a dor e invoquei o nome do Senhor" (Sl 114,3-4). Por conseguinte, uma é a tribulação que encontras e outra a que se acerca de ti. Em ambos os casos, quer a tribulação se acerque de ti, quer tu a encontres, a fim de vencer uma e outra, deves rogar àquele que é auxílio na tribulação. Mesmo quem a encontrou disse: "E invoquei o nome do Senhor". E aqueles que se encontram nas tribulações que os cercaram, declaram: "Deus é nosso refúgio e nossa força, auxílio nas tribulações que se acercaram de nós em demasia". Mas, como foi que Deus se fez auxílio? "Com o coração transpassado, disseram: Que devemos fazer?" Pareciam estar no maior desespero. Aquele que matamos é tão grande; o que será de nós? Pedro respondeu: "Convertei-vos, e seja cada um de vós batizado, em nome de Jesus Cristo, para remissão dos pecados" (At 2,4.37.38). Nada puderam planejar de mais grave do que este pecado. Que pecado mais grave pode cometer o doente do que matar o médico? Que de pior pode ele fazer do que matar seu médico? Se isto é perdoado, o que não o será? Daquele, portanto, ao qual denomina o salmista: "Refúgio e força", eles receberam a maior garantia. "Seja cada um de vós batizado em nome de nosso Senhor Jesus Cristo". Sede batizados em nome daquele que matastes, "para remissão de vossos pecados". Reconhecestes o médico, ao menos posteriormente. Bebei com confiança o sangue que derramastes.

5 [3] Finalmente, tendo recebido tal segurança, o que dizem? "Por isso não temeremos se a terra estremecer". Há pouco estavam solícitos; de repente encheram-se de segurança, saindo de excessivas tribulações para uma grande tranquilidade. Cristo para eles dormia, e por isso eles se perturbavam; Cristo foi despertado, como ouvimos há pouco no evangelho, ordenou aos ventos e fez-se grande tranquilidade (cf Mt 8,24-26). Cristo está no coração de cada um pela fé. Por esta razão, foi-nos indicado que um coração, como uma nave no meio da tempestade deste mundo se agita, se ele esquece a sua fé e perturba-se como se Cristo estivesse dormindo. Cristo desperta e faz-se a bonança. Enfim, o que diz o próprio Senhor? "Onde está a vossa fé" (Lc 8,25)? Cristo despertou e tornou a fé desperta, de sorte que no coração deles se fez o mesmo que se realizara na nave. "Auxílio nas tribulações que se acercaram de nós em demasia". Fez com que ali reinasse a maior bonança.

6 Vede que tranquilidade: "Por isso não temeremos se a terra estremecer, se os montes se

transportarem para o fundo do mar". Então não temeremos. Procuremos saber quais são esses montes que se transportam. Se conseguirmos achar, será evidentemente nossa segurança. De fato, o Senhor disse aos discípulos: "Se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a este monte: Transporta-te daqui para o mar e isto se fará" (Mt 17,19). Talvez com a expressão: "este monte" quis referir-se a si mesmo, pois foi chamado de monte: "Dias virão em que o monte da casa do Senhor será manifesto". Mas este monte estará mais elevado do que os outros outeiros, porque os apóstolos são montes, que sustentam este monte. Daí se segue: "Dias virão em que o monte da casa do Senhor será manifesto e se alçará acima de todos os outeiros" (cf Is 2,2). Ultrapassa, portanto, o cume de todos os montes, e acha-se colocado acima de todos eles; porque existem montes que o anunciam. O mar representa este mundo. Em comparação com este mar, o povo judaico parecia terra. Não estava encoberto pela amargura da idolatria, mas era como a terra seca, cercada do mar amargo das nações. A terra estava para ser conturbada, isto é, a própria nação judaica, e os montes se transportariam para o fundo do mar, isto é, em primeiro lugar o monte elevado, estabelecido acima do cume de todos os montes. Ele abandonou o povo judaico, e se estabeleceu no meio dos gentios; transferiu-se da terra para o mar. Quem o transferiria? Os apóstolos, aos quais Cristo dissera: "Se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a este monte: Transporta-te daqui para o mar, e isto se fará", isto é, por meio de vossa pregação fiel far-se-á o mesmo que a este monte. Serei pregado no meio das nações, serei glorificado, conhecido, e suceder-me-á o que foi predito a meu respeito: "Um povo que eu não conhecia pôs-se a meu serviço" (Sl 17,45). Quando, porém, aqueles montes foram transferidos? Também isto indicam-nos as Escrituras divinas. Quando o Apóstolo pregava aos judeus, que repeliram a sua palavra, ele lhes disse: "Era primeiro a vós que devíamos anunciar a palavra de Deus. Como a rejeitais, nós nos voltamos para os gentios" (At 13,46). Os montes foram transferidos para o fundo do mar. Verdadeiramente os gentios acreditaram nos montes, e aqueles montes assim foram para o fundo do mar. Não fizeram como os judeus, acerca dos quais foi dito: "Este povo me glorifica com palavras, mas o seu coração está longe de mim" (Is 29,13; Mt 15,8). O Senhor prometeu o mesmo no Novo Testamento, conforme disse pelo profeta: "Eu porei minha lei no seu coração" (Jr 31,33; Hb 8,10). Esta lei, esses preceitos foram indicados pelos apóstolos a todas as gentes para que acreditassem. São chamados de montes, que se transferiram para o fundo do mar. Então nós não temeremos. Quais são os que não temem? Aqueles que tiveram o coração transpassado, para não serem do número dos judeus réprobos, ramos quebrados. Alguns deles acreditaram e aderiram à pregação dos apóstolos. Temam, portanto, os que abandonaram os montes. Nós, porém, não nos afastamos dos montes; e quando eles se transferiram para o fundo do mar, nós os seguimos.

7 [4] Qual a consequência de se haverem os montes transferido para o meio do mar? Atenção. Vede a realidade. Quando se prediziam tais fatos, tudo era obscuro, porque ainda não haviam sucedido. Agora, contudo, quem não reconhece que se realizaram?

Sirva-te de livro as páginas sagradas, para que ouças a profecia; usa o livro do orbe da terra, para verificares a sua realização. Podem ler os códices somente os que conhecem as letras; até os ignorantes podem ler o que acontece em todo o mundo. O que sucedeu, quando os montes foram transladados para o fundo do mar? "As águas produziram um estrondo, encresparam-se". Disseram os atenienses quando o evangelho lhes era pregado: "Que é isto? Dir-se-ia um pregador de divindades exóticas" (At 17,18). Os efésios, porém, em tumulto queriam matar os apóstolos, quando no teatro, por causa de sua deusa Diana, fizeram tamanho barulho que clamavam: "Grande é a Diana dos efésios!" (At 19,28). No meio destas vagas e ruído do mar, aqueles que haviam procurado refúgio no Senhor não temiam. Enfim, o apóstolo Paulo queria entrar no teatro e os discípulos o impediram, porque ainda era necessário que ele permanecesse na carne por causa deles. Todavia "as águas produziram um estrondo, encresparam-se; abalaram-se os montes diante de sua fortaleza". De quem? Do mar? Ou antes de Deus, de quem está escrito: "Nosso refúgio e nossa força, auxílio nas tribulações que se acercaram de nós em demasia?" Os montes se abalaram, isto é, os potentados deste mundo. Uns são os montes de Deus e outros os do mundo. Os montes do mundo têm o diabo por cabeça. Dos montes de Deus, Cabeça é o Cristo. Mas estes montes perturbaram aqueles. Então gritaram contra os cristãos; os montes se perturbaram com o ruído das ondas. Os montes abalaram-se, e houve um grande terremoto, com movimento das águas. Mas contra quem? Contra a cidade estabelecida sobre a pedra. As águas produzem estrondo, abalam-se os montes, com a pregação do evangelho. E o que te acontece, cidade de Deus? Ouve a continuação.

8 [5] "Um rio impetuoso alegra a cidade de Deus". Os montes se abalam, o mar se enfurece. Deus não abandona a sua cidade, mas a alegra com um rio impetuoso. Qual? A inundação do Espírito Santo, a que se referia o Senhor: "Se alguém tem sede, venha a mim e beba. Quem crê em mim, de seu seio jorrarão rios de água viva". Tais rios jorravam do seio de Paulo, de Pedro, de João, dos outros apóstolos, dos outros evangelistas fiéis. Como estes rios provinham de um só rio, muitos "rios impetuosos alegram a cidade de Deus". Pois, reconhecereis que o Espírito Santo o disse, uma vez que no mesmo evangelho diz o evangelista em seguida: "Ele falava do Espírito que deviam receber os que nele cressem. O Espírito ainda não fora dado, porque Jesus não fora ainda glorificado" (Jo 7,37-39). Tendo sido Jesus glorificado após a ressurreição, após a ascensão, no dia de pentecostes, o Espírito Santo desceu, encheu o coração dos fiéis, que falaram em línguas, e o evangelho começou a ser pregado aos povos (cf At 2,4). Com isso alegrava-se a cidade de Deus, enquanto o mar se agitava com o estrondo de suas águas, os montes se abalavam, perguntando o que estava acontecendo, como repeliriam a nova doutrina, como arrancariam a raça dos cristãos da face da terra. Contra quem? Contra o rio impetuoso que alegra a cidade de Deus. Daí se deduz que o referido rio representava o Espírito Santo: "Um rio impetuoso alegra a cidade de Deus". Qual a sequência? "O Altíssimo santificou o seu tabernáculo". Se vem em seguida a palavra santificação é evidente que o rio impetuoso seria o Espírito Santo; ele santifica a alma

piedosa que acredita em Cristo, tornando-se assim cidadão da cidade de Deus.

9 [6] "Deus está em seu meio; ela é inabalável". Enfureça-se o mar, abalem-se os montes: "Deus está em seu meio; ela é inabalável". Qual o sentido da expressão: "em seu meio"? Pareceria que Deus está num determinado lugar, e que o cercam os que nele creem. Deus, então, está encerrado num lugar, e têm espaço os que o cercam, enquanto ele se acha apertado? De modo nenhum. Não imagines tal coisa de Deus, que não está circunscrito a lugar algum, mas tem por morada a consciência dos homens piedosos. O coração dos homens é morada de Deus de tal modo que se o homem dele se afasta, Deus permanece em si mesmo; ele não cai, como se não encontrasse onde ficar. Antes é ele que te sustenta para seres nele, do que se apoia em ti de sorte que se te subtraíres ele caia. Se ele se subtrair, sim, é que tu cais; mas se te subtraíres, ele não cai. O que significa então: "Deus está em seu meio"? Significa que Deus é justo em tudo, e não faz acepção de pessoas. Quem está no meio, está a igual distância de ambos os extremos; assim se diz que Deus está no meio, cuidando igualmente de todos. "Deus está em seu meio; ela é inabalável". Por que inabalável? Porque Deus está em seu meio. "Deus a ajudará com sua presença. Ele é auxílio nas tribulações que nos cercaram em demasia. Deus a ajudará com sua presença". Qual o sentido de: "sua presença"? Ele se mostra. Como se mostra, de sorte que vejamos sua presença? Já relembro. Sabemos que Deus está presente, por suas obras. Quando recebemos dele alguma ajuda, de maneira que não tenhamos a menor dúvida de que foi Deus que no-lo concedeu, temos a presença de Deus. "Deus a ajudará com sua presença".

10 [7] "As nações se agitaram". Como se agitaram? Por que motivo? Para derrubarem a cidade de Deus, em cujo meio ele se encontra? Para arruinarem o tabernáculo santificado, que Deus ajuda com sua presença? Não. Mas as nações já se agitaram de modo salutar. Como continua o salmo? "Os reinos se dobraram". Os reinos se dobraram, não estão mais eretos para se enfurecerem; mas dobraram-se para adorar. Quando eles se dobraram? Quando se realizou a predição de outro salmo: "Adorá-lo-ão todos os reis da terra, todas as nações o servirão" (Sl 71,11). Como agiu ele para os reinos se dobrarem? Escuta: "O Altíssimo fez ouvir a sua voz e tremeu a terra". Os possessos dos ídolos coaxavam como rãs dos pântanos e faziam tanto maior ruído quanto mais cobertos de lodo e lama. Mas de que serve o coaxar das rãs diante dos trovões que vêm das nuvens? Daí, o "Altíssimo fez ouvir a sua voz e tremeu a terra". Trovejou das nuvens. Quais as suas nuvens? Seus apóstolos, seus pregadores, por meio dos quais fazia atroar os preceitos, e corruscar os milagres. Eles são nuvens e ainda montes. Montes devido à altura e firmeza, nuvens por causa da chuva e fecundidade. Estas nuvens irrigaram a terra; delas foi dito: "O Altíssimo fez ouvir a sua voz e tremeu a terra". É dessas nuvens que provêm as ameaças a certa vinha estéril (o povo judaico), de onde foram transferidos os montes para o fundo do mar. Disse o profeta: "Quanto às nuvens, ordenar-lhes-ei que não derramem a sua chuva sobre ela" (Is 5,6). Cumpriram-se as ameaças na ocasião que rememoramos, quando os montes se transladaram para o fundo do mar, e foi-lhes dito: "Era primeiro a vós que devíamos anunciar a palavra. Como a

rejeitais, nós nos voltamos para os gentios” (At 13,46). Realizou-se a palavra: “Quanto às nuvens, ordenar-lhes-ei que não derramem a sua chuva sobre ela”. Enfim, o povo judaico continua agora seco como o tosão na eira. Pois, como sabeis, aconteceu este milagre. A eira ficou seca, e somente o tosão ficara úmido, mas não aparecia orvalho no tosão (Jz 6,37.38). Assim também o mistério do Novo Testamento não aparecia no povo judaico. Ali havia o tosão, e aqui o véu; o mistério estava velado no tosão. Na eira, porém, entre os gentios, revela-se o evangelho de Cristo; o orvalho é manifesto, evidente a graça de Cristo, que não está encoberta pelo véu. Para se extrair o orvalho, espremeu-se o tosão. Apertando-o, eles afastaram de si o Cristo, e assim o Senhor enviou de suas nuvens o orvalho para a eira, deixando seco o tosão. Por isso, “o Altíssimo fez ouvir a sua voz” através destas nuvens, e esta voz fez os reinos se inclinarem e adorarem.

11 [8] “Conosco está o Senhor dos exércitos. O nosso defensor é o Deus de Jacó”. Não é um homem qualquer, nem qualquer potentado, nem um anjo, nem outra criatura, quer da terra, quer do céu, mas conosco quem está é “o Senhor dos exércitos. O nosso defensor é o Deus de Jacó”. Ele enviou anjos, veio depois deles, veio para que os anjos o servissem, veio para tornar os homens iguais aos anjos. Grande graça! Se Deus é por nós, quem será contra nós (cf Rm 8,31)? “Conosco está o Senhor dos exércitos”. Quem é o “Senhor dos exércitos que está conosco”? Se Deus está conosco, quem estará contra nós? “Quem não poupou o seu próprio Filho e o entregou por todos nós, como não nos haverá de agraciar em tudo junto com ele?” (Rm 8,31.32). Por conseguinte, estejamos seguros, e nutramos com o pão do Senhor uma boa consciência, em tranquilidade de coração. “Conosco está o Senhor dos exércitos. O nosso defensor é o Deus de Jacó”. Por maior que seja tua fraqueza, vê quem é que te defende. Alguém adoece, chama-se o médico; ele diz que o doente é seu protegido. Quem o defende? Ele. A esperança da saúde é grande porque um bom médico o atende. Qual? Todo médico, exceto ele, é um homem; todo médico que atende um enfermo, pode adoecer no dia seguinte, exceto ele. “O nosso defensor é o Deus de Jacó”. Torna-te uma criança, bem pequenina, como aqueles que os pais recebem. As que não são aceitas, são expostas; as que são aceitas são sustentadas. Pensas que Deus te recebeu como tua mãe te aceitou quando eras criancinha? Não foi assim, mas foi desde toda eternidade. É tua a palavra de outro salmo: “Meu pai e minha mãe me abandonaram. O Senhor, porém, me acolheu” (Sl 26,10). “O nosso defensor é o Deus de Jacó”.

12 [9] “Vinde contemplar as obras do Senhor”. Relativamente a esta aceitação, o que fez o Senhor? Observa o orbe da terra. Vem e vê. Se não vens, não vês; se não vês, não crês; se não crês, ficas de longe; se acreditas, vens; se crês, vês. Como se alcança este monte? Com os pés? Por navio? Com asas? Em cavalos? Não te agites, não te perturbes, quanto aos espaços; ele vem a ti. Pois, uma pequena pedra cresceu e se tornou uma grande montanha, que encheu toda a terra. Como queres chegar até ele, atravessando terras, se ele encheu a terra? Eis que ele vem. Alerta! Vem chegando e sacode os que dormem; contanto que o sono não seja tão pesado que continuem dormindo, apesar de o monte vir chegando, mas ouçam a palavra: “Ó tu que dormes, desperta e levanta-te de entre os

mortos, que Cristo te iluminará” (Ef 5,14). Foi inutilmente que os judeus viram a pedra. Ainda era pequenina, e eles desprezaram a sua pequenez; desprezando-a tropeçaram e tropeçando se quebraram. Falta somente serem esmagados. Foi referido daquela pedra: “Aquele que cair sobre essa pedra vai se quebrar de todo, e aquele sobre quem ela cair, o esmagará” (Lc 20,18). Uma coisa é ser esmagado e outra ser quebrado; quebrar-se é menos do que ser esmagado. Mas, o Altíssimo, em sua vinda a ninguém esmaga, a não ser aquele que se tiver quebrado diante do que estava humildemente prostrado. Pois, agora, antes que nosso Senhor volte, mostrou-se humilde diante dos judeus, e estes tropeçaram e se quebraram; o Senhor voltará depois para julgar mostrando-se, ilustre, elevado, grandioso e potente; não virá na fraqueza para ser julgado, mas cheio de força para julgar, e esmagará os que se quebraram, escandalizados por sua causa. Ele é, de fato, pedra de tropeço e de escândalo para os que nele não acreditam. Portanto, caríssimos, não é de admirar que os judeus não tenham conhecido aquele que eles desprezaram como uma pedrinha, a seus pés. É espantoso que outros não o tenham querido reconhecer quando já era uma grande montanha. Os judeus tropeçaram na pedrinha que não viram, e os hereges tropeçam no monte. Aquela pedrinha já cresceu. Já podemos lhes dizer: Cumpriu-se a profecia de Daniel: “E a pedra”, que era pequena, “tornou-se uma grande montanha, que ocupou a terra inteira” (cf 1Pd 2,8; Dn 2,35). Por que tropeçais na pedra, ao invés de subir o monte? Quem é tão cego que tropece num monte? Ages como se ele tenha se colocado ali para tropeçares, e não para teres aonde subir. “Vinde, subamos ao monte do Senhor” (Is 2,3). Assim fala Isaías: “Vinde, subamos”. O que quer dizer: “Vinde, subamos? Vinde”, isto é, acreditai. “Subamos”, aperfeiçoemo-nos. Alguns, porém, não querem vir, nem subir, nem crer, nem progredir. Ladram contra o monte. Tantas vezes eles tropeçaram que se quebraram, e preferem não subir, mas ficar sempre tropeçando. Exortemo-los: “Vinde contemplar as obras do Senhor, os prodígios que operou na terra”. Chamam-se prodígios porque prenunciam alguma coisa, aqueles milagres que se realizaram quando o mundo acreditou. O que foi que estes prodígios realizaram, prenunciaram?

13 [10] “Pôs termo aos combates até os confins da terra”. Ainda não vemos isto realizado. Ainda existem guerras: entre os povos, por um reinado; entre seitas, entre judeus, pagãos, cristãos, hereges há guerras, intensificam-se os combates. Uns lutam pela verdade, outros em prol da falsidade. Ainda não se cumpriu o que foi dito: “Pôs termo aos combates até os confins da terra”; mas talvez se cumpra. Será que agora já se cumpriu? Em alguns, sim. No meio do trigo, já se fez; entre o joio, não. Então, o que significa: “Pôs termo aos combates até os confins da terra”? O salmista chama de guerra os ataques contra Deus? Quem combate contra Deus? A impiedade. E o que pode a impiedade fazer contra Deus? Nada. Qual o resultado que obtém um vaso de barro que se joga contra a pedra, mesmo que bata com força? Sua desgraça é tanto maior quanto maior for o seu ímpeto. Fortes eram estas guerras; muito frequentes. A impiedade lutava contra Deus, e quebravam-se os vasos de argila. Os homens presumiam de suas forças, prevalecendo por causa delas. Também Jó se refere a tal como se fosse um escudo, ao

falar de certo ímpio: “Corre contra Deus, sob o dorso espesso de seus escudos” (Jó 15,26). O que quer dizer: “sob o dorso espesso de seus escudos”? Presumindo muito de sua proteção. Seriam estes que diziam: “Deus é nosso refúgio e nossa força, auxílio nas tribulações que de nós se acercaram em demasia?” Ou em outro salmo: “Não é em meu arco que porei a confiança, nem é meu braço que me salvará” (Sl 43,7)? Quando alguém reconhece que em si mesmo nada é, e que não encontra em si auxílio algum, quebra as armas e termina com as guerras. Tais guerras foram as que dissipou a voz do Altíssimo, através das nuvens de seus santos, e que abalou a terra e dobrou os reinos; ele tirou estas guerras, até dos confins da terra. “Partirá o arco, quebrará as armas, e consumirá no fogo os escudos”. Arco, armas, escudos, fogo. Arco significa as insídias; as armas representam os ataques públicos; o escudo, a proteção vã da presunção. O fogo que consumirá tudo isto vem do Senhor que disse: “Eu vim trazer fogo à terra” (Lc 12,49). A este fogo refere-se outro salmo: “Ninguém se subtrai a seu calor” (Sl 18,7). Estando aceso este fogo, não restarão mais em nós armas da impiedade. Forçosamente tudo será quebrado, esmigalhado, queimado. Permanece inerme, sem ter qualquer outro auxílio; e quanto mais fores fraco, desarmado, tanto mais te acolhe aquele do qual foi dito: “O nosso defensor é o Deus de Jacó”. Sentias valor, como se o auxílio viesse de ti mesmo; serás abalado em ti. Perde as armas nas quais confiavas e escuta o Senhor a te dizer: “Basta-te a minha graça”, e de tua parte, dize: “Quando sou fraco, então é que sou forte” (2Cor 12,9.10). É palavra do Apóstolo. Perdera todas as suas armas, a sua fortaleza, aquele que dizia: “Por isso, eu não me gloriarei senão de minhas fraquezas” (2Cor 12,9.10), como se dissesse: Não corro contra Deus, sob o dorso espesso de meus escudos, “eu, outrora era blasfemo, perseguidor e insolente. Mas obtive misericórdia, para que em mim, Cristo Jesus demonstrasse toda a sua longanimidade, como exemplo para quantos nele hão de crer, para a vida eterna” (1Tm 1,13.16). “Pôs termo aos combates até os confins da terra”. Quando Deus nos acolhe, despede-nos inermes? Ele nos arma, mas com armas diferentes: as do evangelho, da verdade, da continência, da salvação, da esperança, da fé, da caridade. Teremos estas armas, mas não as obteremos por nós mesmos. As armas que tínhamos, obtivéramos por nós mesmos, queimaram-se, se de fato, nós nos inflamamos por meio daquele fogo do Espírito Santo, do qual foi dito: “Consumirá no fogo os escudos”. Querias ser forte por ti mesmo. Deus te tornou fraco. Queria fazer-te forte, ele mesmo, visto que por ti estavas enfraquecido.

14 [11] Como continua o salmista? “Cessai”. Para quê? “Reconhecei que eu sou Deus”. Quer dizer: Vós não sois deuses; eu é que sou Deus. Eu criei, e novamente crio; formei e reformo; fiz e refaço. Se não pudeste fazer-te, como poderás refazer-te? O tumulto, a revolta do espírito humano impede que se veja isto. Em vista deste tumulto e desta revolta, se diz: “Cessai”, isto é, reprimi as contradições de vosso ânimo. Não argumentes, nem te armes contra Deus; do contrário, terás armas somente enquanto não forem queimadas por aquele fogo. Se forem consumidas, “cessai”, porque não tendes com que lutar. Se cessardes, e me pedirdes o que constituía antes o objeto de vossa presunção, “cessai e” vereis “que eu sou Deus”.

15 “Serei exaltado entre as nações e glorificado sobre a terra”. Afirmei um pouco acima que terra representava o povo judaico, e mar as demais nações. Os montes se transferiram para o fundo do mar; as nações se agitaram e os reinos se dobraram, o Altíssimo fez ouvir a sua voz e tremeu a terra. “Conosco está o Senhor dos exércitos. O nosso defensor é o Deus de Jacó”. No meio das gentes realizaram-se milagres, os povos receberam a fé, arderam as armas da presunção humana. Cessaram, com o coração tranquilo, e foi conhecido Deus, autor de todos os dons. E depois desta glorificação, Deus abandonaria o povo judaico, do qual diz o Apóstolo: Digo-vos, para que “não vos tenhais na conta de sábios: o endurecimento atingiu uma parte de Israel até que chegue a plenitude dos gentios” (Rm 11,25.26)? A saber, até que os montes se transportassem para cá, as nuvens chovessem aqui, o Senhor dobrasse os reinos, através de seus trovões, até que “chegasse a plenitude dos gentios”. E depois? “E assim todo Israel será salvo” (Rm 11,26). Por conseguinte, também aqui a ordem é observada, conforme está escrito: “Serei exaltado entre as nações e glorificado sobre a terra”, isto é, no mar e na terra, de modo que todos repitam o seguinte: “Conosco está o Senhor dos exércitos. O nosso defensor é o Deus de Jacó”.

SALMO 46

SERMÃO AO POVO

1 O Senhor nosso Deus espargiu os objetos da fé na qual vivemos e pela qual vivemos, de muitos e vários modos, pelos livros santos das Sagradas Escrituras; diversificou os mistérios por muitas palavras, mas recomendou uma só fé. Uma só e mesma realidade está expressa de muitas maneiras, de sorte que varia o próprio modo de dizer, para se evitar o fastio, mas ela é uma só, manifestada em termos concordantes. Por isso, sobre o salmo cujo canto acabamos de ouvir, e ao qual respondemos cantando, diremos coisas conhecidas. No entanto, é possível que, com o auxílio e a graça do Senhor, vos apresentemos algo de interessante, para meditardes, como que ruminando, o que já sabíeis de outras fontes. Pois é por meio da ruminação que Deus distingue os animais puros, insinuando desta maneira que o homem deve guardar no coração o que ouve, sem ter preguiça posteriormente de pensar na questão. Quando ouve, o homem assemelha-se ao animal que come; quando, porém, recorda o que ouviu, parece-se com o animal que rumina. Por conseguinte, as mesmas verdades são ditas de várias maneiras, e nos fazem pensar com gosto no que já sabemos e ouvi-lo de bom grado. O modo de explicar varia, e a velha verdade apresenta novos aspectos pelo modo de ser explanada.

2 [1] O salmo tem por título: "Para o fim, dos filhos de Coré. Salmo de Davi". Alguns outros salmos têm no título esses filhos de Coré. Indicam eles um suave mistério, insinuam um grande sinal. De bom grado entendamos que se referem a nós; reconheçamos no título a nós que ouvimos e lemos, e contemplemo-nos, como em espelho. Quem são os filhos de Coré? Houve um homem chamado Coré. Assim se denominava certo homem. Todavia, quando se lê o que foi escrito e se vê que a palavra de Deus trata de alguns que não podem ser filhos deste único homem, chamado Coré, o espírito recorre ao mistério para inquirir o que significa Coré. Pois, é palavra hebraica, que se profere como tal e se traduz em grego e em latim. Assim acontece muitas vezes. Muitos nomes hebraicos foram traduzidos para nós. Entre eles, vemos e descobrimos que Coré significa calvo. Destes mais atenção. Era obscuro falar em filhos de Coré. Mais obscuro ainda se falarmos em filhos do calvo? Quem são estes filhos do calvo? Talvez os filhos do esposo? Pois, o esposo foi crucificado no Calvário (cf Mt 27,33). Relembrai-vos do evangelho. Cristo foi crucificado; verificareis que o lugar onde foi crucificado se chama Calvário. Em seguida, os que zombavam da cruz, foram devorados pelos demônios, essas feras. Determinada passagem da Escritura o figurou. Ao subir o profeta de Deus Eliseu, meninos clamavam atrás dele, por zombaria: "Sobe, careca! Sobe, careca!" Ele, porém, não por crueldade, mas enquanto figurava um mistério, fez com que ursos saíssem do bosque e devorassem aqueles meninos (cf 2Rs 2,23.24). Se aqueles meninos não tivessem sido devorados, acaso ainda viveriam? Ou mortais como eram, não podiam ter morrido de febre? No entanto, neste caso não apareceria neles o

mistério, para atemorizar os pósteros. Ninguém, portanto, ridicularize a cruz do Senhor. Os demônios se apoderaram dos judeus e os devoraram. Pois, eles, crucificando a Cristo no Calvário, e erguendo a cruz, como que diziam com mentalidade pueril, sem saber o que diziam: "Sobe, careca!". Como: "Sobe? Crucifica-o, crucifica-o" (Lc 23,21). Uma vez se propõe a infância como exemplo de humildade, e de outra, para nos precaver da insensatez. O Senhor propõe a infância como exemplo de humildade, ao chamar a si os pequeninos e dizer aos que queriam impedi-los: "Deixai as crianças e não as impeçais de virem a mim, pois delas é o Reino dos céus" (Mt 18,2; 19,14). O Apóstolo é que propôs a infância como modelo de insensatez a evitar: "Irmãos, quanto ao modo de julgar, não sejais como crianças". E ainda propõe o exemplo imitável: "Quanto à malícia, sim, sede crianças; mas, quanto ao modo de julgar, sede adultos" (1Cor 14,20). "Dos filhos de Coré". É cantado o salmo; para os cristãos ele é cantado. Ouçamo-lo como filhos do esposo, que os meninos insensatos crucificaram no Calvário. Eles mereceram ser devorados pelas feras; nós, porém, merecemos ser coroados pelos anjos. Pois, reconhecemos a humildade de nosso Senhor, e não nos coramos dela. Não nos envergonhamos dele, chamado misticamente de calvo, devido ao Calvário. A própria cruz, na qual ele foi insultado, não permitiu que seja calva a nossa fronte, porque nela temos o seu sinal. Finalmente para compreenderdes que tudo isto se diz por nossa causa, vede como reza o salmo.

3 [2] "Nações todas, batei palmas". Por acaso, o povo judaico constituía todas as nações? Mas a cegueira tomou parte de Israel, de sorte que os meninos insensatos gritavam: "Careca, careca!" O Senhor foi crucificado no Calvário, para remir os povos com seu sangue derramado, e assim se cumprisse o que disse o Apóstolo: "O endurecimento atingiu uma parte de Israel até que chegue a plenitude dos gentios" (Rm 11,25). Insultem, portanto, os levianos, néscios e insensatos, dizendo: "Careca, careca!" Vós, porém, redimidos em seu sangue, derramado no Calvário, reconhecei que a graça de Deus vos atingiu e dizei: "Nações todas, batei palmas". O que significa: "batei palmas"? Alegrai-vos. Mas por que batei "com as mãos"? Por se tratar das boas obras. Não vos alegreis só de boca, com as mãos inertes. Se vos alegrais, "batei palmas". Veja se movimentarem as mãos dos povos aquele que se dignou dar-lhes a alegria. Quais são essas mãos? As ações boas. "Nações todas, batei palmas: aclamai a Deus com vozes de alegria". Com a voz, com as mãos. Se somente com a voz, não fica bem, porque as mãos ficam inertes; se somente com as mãos, também não, pois a língua fica muda. Concordem as mãos e a língua; esta confesse, aquelas operem. "Aclamai a Deus com vozes de alegria".

4 [3] "Porque o Senhor é excelso, terrível". Deus que é excelso, ao descer à terra é escarnecido, mas tornou-se terrível ao subir. "Grande rei sobre toda a terra". Não apenas sobre os judeus; pois também sobre eles é rei. Eram deste povo os apóstolos que acreditaram, dele igualmente os milhares de homens que venderam seus bens e depositaram seu preço aos pés dos apóstolos (cf At 4,34). Cumpriu-se para eles o título da cruz: "Rei dos judeus" (Mt 28,37). Pois, ele é rei dos judeus. Mas não basta. "Nações todas, batei palmas, porque Deus é o grande rei sobre toda a terra". Não lhe é suficiente

ter um só povo sob seu domínio. O sangue que lhe saiu do lado é tão grande preço que comprou toda a terra. “Grande rei sobre toda a terra”.

5 [4] “Submeteu os povos ao nosso jugo e pôs as nações sob nossos pés”. Quais as nações sujeitas e a quem? Quais são estes que falam? Acaso os judeus? Certamente são os apóstolos, certamente os santos. A eles Deus submeteu povos e nações, e assim hoje são honrados no meio dos gentios aqueles que foram mortos por seus concidadãos. Aconteceu o mesmo que ao Senhor que foi morto por seus conterrâneos, e é honrado pelas nações, foi crucificado pelos seus e é adorado pelos estrangeiros; mas tornou-os seus pelo preço que pagou. Comprou-nos a fim de que não lhe fôssemos estranhos. Pensas que os apóstolos tenham declarado: “Submeteu os povos ao nosso jugo e pôs as nações sob nossos pés”? Não sei. Seria de admirar que os apóstolos assim falassem, com soberba, alegrando-se de que os povos estivessem a seus pés, isto é, os cristãos sob seus pés. Efetivamente eles se regozijam por estarmos com eles aos pés daquele que morreu por nós. Pois, corriam para ficar aos pés de Paulo os que queriam ser dele. O Apóstolo os interrogava: “Paulo terá sido crucificado em vosso favor?” (1Cor 1,13). O que significa então esta palavra? Como a tomaremos? “Submeteu os povos ao nosso jugo e pôs as nações sob nossos pés”. Os que têm parte na herança de Cristo pertencem a todas as nações, e os que não têm igualmente vêm de todas as nações. Vedes que de tal modo é exaltada a Igreja em nome de Cristo que todos os que ainda não acreditam em Cristo, estão sob os pés dos cristãos. Atualmente, quantos que ainda não são cristãos correm à Igreja e pedem-lhe auxílio; querem ser socorridos materialmente, embora ainda não desejem reinar conosco eternamente. Se todos buscam socorro na Igreja, mesmo os que ainda não lhe pertencem, não é por que ele “submeteu povos e gentes sob nossos pés”?

6 [5] “Escolheu-nos para sua herança, beleza de Jacó por ele amada”. Escolheu para nós a beleza de Jacó, a sua herança. Esaú e Jacó eram irmãos gêmeos. Eles lutavam no seio materno, que se ressentia deste conflito. E ali foi escolhido o menor e preferido ao mais velho, conforme está escrito: “Há duas nações em teu seio. O mais velho servirá ao menor” (Gn 25,23). Em todas as nações encontra-se o maior, e em todas elas o menor. Constituem o menor os bons cristãos, escolhidos, piedosos, fiéis. O maior é formado pelos soberbos, indignos, pecadores, contumazes, os que mais defendem os próprios pecados que os confessam, qual foi o próprio povo judaico que ignorou a justiça de Deus, querendo estabelecer a sua (cf Rm 10,3). Mas como foi dito: “O mais velho servirá ao menor”, torna-se manifesto que os ímpios se submeterão aos pios, e os soberbos estarão sujeitos aos humildes. Esaú nasceu primeiro e em seguida Jacó; mas o que nasceu em segundo lugar foi preferido ao primeiro, que perdeu o direito a sua primogenitura, por causa da gula. Assim está escrito: “Desejou a lentilha, e seu irmão lhe propôs: Se queres que te dê, vende-me o direito de primogenitura” (cf Gn 25,30-34). Esaú preferiu satisfazer seu desejo carnal a manter seu direito que tinha espiritualmente por nascimento. Desfez-se de sua primogenitura, para comer lentilha. Sabemos que a lentilha é uma comida egípcia, pois dá com abundância no Egito. É famosa a lentilha de Alexandria, e é exportada até para nossa terra, como se aqui não nascesse lentilha. Esaú,

pois, cobiçando a comida egípcia, perdeu a precedência. De igual modo o povo judaico, do qual foi dito: "Voltaram de coração para o Egito" (At 7,39). De certa maneira cobiçou lentilhas e perdeu a primazia. "Escolheu-nos para sua herança, beleza de Jacó por ele amada".

7 [6] "Deus subiu entre aclamações jubilosas". Nosso Deus o Senhor Jesus Cristo "subiu entre aclamações jubilosas. O Senhor subiu ao som da trombeta. Subiu". Para onde, a não ser para onde sabemos? Os judeus não o seguiram, nem com os olhos. Zombaram dele na cruz, e não o viram subir ao céu. "Subiu Deus entre aclamações jubilosas". Que é júbilo senão alegre admiração, inex-plicável por palavras? Assim se admiraram os discípulos, cheios de alegria ao contemplarem subindo ao céu aquele que haviam chorado por ocasião de sua morte. De fato, as palavras não eram suficientes para manifestar tal alegria; restava o júbilo, que é inexplicável. Na ascensão houve também som de trombeta, isto é, a palavra dos anjos. Pois, foi dito: "Levanta a tua voz como uma trombeta" (cf At 1,9; Is 58,1). Os anjos anunciaram a ascensão do Senhor. Os discípulos assistiram à subida do Senhor, com íntima participação, cheios de admiração, espanto, calados, com corações jubilosos. E o som da trombeta foi a palavra bem clara dos anjos: "Homens da Galileia, porque estais aí? Esse é Jesus". Como se eles não soubessem que ele era Jesus. Não o haviam visto pouco antes? Não o ouviram, dirigindo-se a eles? Verdadeiramente, não só o viram pessoalmente presente, mas até tocaram seus membros (cf Lc 24,39). Então, não sabiam que ele era Jesus? Mas, devido à própria admiração, por causa da alegria jubilosa, como que fora de si, falaram os anjos: "Ele é Jesus". Seria: Se acreditais nele, é o mesmo que ao ser crucificado deixou-vos com os pés vacilantes, e ao ser morto e sepultado, ficastes pensando que toda esperança estava perdida. E no entanto, este é o próprio Jesus. Subiu antes de vós. "Virá do mesmo modo que para o céu o vistes partir" (At 1,11). Corporalmente é arrebatado de vossos olhos, mas enquanto Deus não se separa de vossos corações. Vede-o a subir, acreditai no ausente, esperai o que há de voltar; por sua misericórdia oculta, contudo, percebei sua presença. Aquele que subiu ao céu, furtando-se a vossos olhares, prometeu-vos: "Eis que estou convosco até a consumação dos séculos" (Mt 28,20). Foi com razão que o Apóstolo nos dizia: "O Senhor está próximo! Não vos inquieteis" (Fl 4,5.6). Cristo está sentado acima dos céus e estes estão longe: contudo aquele que está sentado lá, está próximo de nós. "Subiu o Senhor ao som de trombeta". Vós, portanto, filhos de Coré, se entendestes o que sois, e aqui vos vistes, alegrai-vos por estar aqui.

8 [7] "Salmodiai ao nosso Deus, salmodiai". Cantai salmos a nosso Deus, de quem zombaram, como se fosse apenas homem, os que dele se afastaram. Pois, ele não é homem somente; é igualmente Deus. Homem da descendência de Davi (cf Rm 1,3), Deus Senhor de Davi, assumindo a carne proveniente dos povos dos judeus, "aos quais pertencem os patriarcas", como diz o Apóstolo, "e dos quais descende o Cristo, segundo a carne" (Rm 9,5). Dos judeus, portanto, vem o Cristo, mas segundo a carne. Quem é, todavia, este Cristo, descendente dos judeus, segundo a carne? "Ele é, acima de tudo, Deus bendito pelos séculos". Deus, anterior à carne, Deus na carne, Deus encarnado.

Não existia apenas anteriormente à carne, mas Deus antes da terra, de onde foi tirada a carne. Não apenas Deus antes da terra, de onde foi feita a carne, mas igualmente Deus anterior ao céu, que foi feito antes da terra. Deus também antes de haver dia, que foi o primeiro a ser criado. Deus antes de todos os anjos, o próprio Cristo porque "no princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. Tudo foi feito por meio dele, e sem ele nada foi feito" (Jo 1,1-3). Ele por meio de quem tudo foi feito, existia antes de todas as coisas. "Salmodiai, portanto, ao nosso Deus, salmodiai".

9 [8] "Porque Deus é o rei de toda a terra". Como, então? E anteriormente, não era Deus de toda a terra? Por acaso não era Deus do céu e da terra, pois, de fato, por ele foram feitas todas as coisas? Quem poderia dizer que ele não é seu Deus? Não obstante, nem todos os homens reconheceram seu Deus; e quase se poderia dizer que era Deus onde era conhecido. Deus era conhecido na Judeia (cf Sl 75,2). Ainda não fora dito aos filhos de Coré: "Nações todas, batei palmas". Aquele Deus, conhecido na Judeia, é o Deus, rei de toda a terra. Já é conhecido por todos, porque se cumpriu a palavra de Isaías: "O Santo de Israel é teu redentor. Ele se chama o Deus de toda a terra" (Is 54,5). "Porque Deus é o rei de toda a terra. Cantai com sabedoria". Ensina-nos, admoesta-nos a cantar com sabedoria. Não procuremos sons agradáveis aos ouvidos e sim luz para o coração. "Cantai com sabedoria". Os gentios, de entre os quais fostes chamados para vos tornardes cristãos, adoravam os ídolos, e cantavam para eles; mas não com sabedoria. Se cantassem com sabedoria, não adorariam pedras. Se um homem sensato canta diante de uma pedra insensível, por acaso canta com sabedoria? Agora, porém, irmãos, não vemos com nossos olhos aquele a quem adoramos, e no entanto adoramos de maneira correta. A consideração que temos para com Deus é tanto maior quanto não o vemos com nossos olhos. Se o víssemos com nossos olhos, talvez o desprezássemos. Pois, também a Cristo os judeus que o viram o desprezaram, e os gentios que não o viram o adoraram. A estes últimos foi dito: "Cantai com sabedoria". "Não sejais como o cavalo e o mulo, sem inteligência" (Sl 31,9).

10 [9] "Deus reinará sobre todas as nações". Ele reinava sobre uma nação, e agora "reinará sobre todas as nações". Deus reinava sobre uma só nação, quando isto era dito; era profecia, ainda não a realidade presente. Graças a Deus por vermos cumprir-se a anterior profecia. Deus nos deu um quirógrafo escrito, para pagar-nos uma vez chegada a época do vencimento. "Deus reinará sobre todas as nações" — é a promessa "Deus está sentado em seu trono santo". Foi então prometido para o futuro; agora vemos cumprido e o temos. "Deus está sentado em seu trono santo". Qual? Talvez os céus; é uma boa explicação. Cristo subiu, conforme sabemos, com o mesmo corpo com que foi crucificado, e está sentado à direita do Pai; de lá há de vir, como esperamos, a julgar os vivos e os mortos (cf At 1,2; 1 Tm 4,1). "Está sentado em seu trono santo". Os céus são o seu trono santo? Queres também tu ser o trono de Deus? Não julgues que não o podes. Prepara para ele um lugar em teu coração; ele virá, e com gosto aí se sentará. Ele certamente é a virtude de Deus e a sabedoria de Deus (cf 1Cor 1,14; Sb 7). E o que diz a Escritura da sabedoria? A alma do justo é a sede da sabedoria. Se, portanto, a alma do

justo é a sede da sabedoria, seja justa a tua alma, e serás o trono real da sabedoria. E, de fato, irmãos, em todos os homens que vivem honestamente, que agem bem, vivem segundo a caridade e a piedade, acaso Deus não tem neles seu trono e de lá dá ordens? A alma que tem Deus estabelecido em si obedece-lhe, e dá ordens a seus membros. Tua alma ordena a teus membros: como se deve mover o pé, a mão, o olho, o ouvido e manda em seus membros, como se fossem seus servos; mas ela mesma interiormente serve a seu Senhor, nela sediado. Não pode bem ordenar a seus inferiores, se não se dignar servir a seu superior. “Deus está sentado em seu trono santo”.

11 [10] “Os princípes dos povos uniram-se ao Deus de Abraão”. Deus de Abraão, Deus de Isaac e Deus de Jacó. É verdade que Deus afirmou isto. E os judeus se ensoberbeceram, dizendo: “Somos a posteridade de Abraão” (cf Ex 3,6; Jo 8,33). Soberbos por causa do nome paterno, sendo de sua carne, mas não mantendo a sua fé; eram de sua descendência, mas de costumes degenerados. Finalmente, o que disse o Senhor àqueles orgulhosos? “Se sois filhos de Abraão, praticai as obras de Abraão” (Jo 8,39). E ainda como interpelou João a alguns deles que o procuraram tremendo, desejosos de se corrigirem pela penitência? “Raça de víboras”. Eram iníquos, eram perdidos, eram pecadores, eram ímpios e vieram procurar o batismo de João; e este, o que lhes diz? “Raça de víboras”. Eles afirmavam que eram filhos de Abraão e João os denominava: raça de víboras. Por acaso Abraão era víbora? Não; mas eles, com uma vida má, imitavam os demônios, e se tornaram filhos daqueles que imitavam, vivendo pessimamente. “Raça de víboras”, disse João, “quem vos ensinou a fugir da ira que está para vir? Produzi, então, fruto que prove a vossa conversão e não penseis que basta dizer: Temos por pai a Abraão”, orgulhando-vos de ser da raça de Abraão, “pois eu vos digo que mesmo destas pedras Deus pode suscitar filhos a Abraão” (Mt 3,7-9). Abraão não ficará privado de filhos, se Deus vos condenar; ele pode condenar os que odeia, e restituir-lhe os que prometeu. E de onde tirará os filhos para restituir, se condena os hebreus, provenientes de sua carne? “Destas pedras”. João mostrava-lhes as pedras no deserto. Que eram essas pedras senão os gentios, que adoravam pedras? Porque pedras? Adorando os ídolos de pedra, foram denominados pedras também eles, pois predissera o salmo: “Semelhantes a eles sejam os que os fazem, e todos os que neles confiam” (Sl 113,8). Todavia, destas pedras tirou Deus os filhos para restituir a Abraão. Agora, todos nós que adorávamos as pedras, convertidos ao Senhor, tornamo-nos de Abraão, não segundo a carne, mas por imitação de sua fé. “Os príncipes dos povos”, os príncipes das nações, não os príncipes de um só povo, mas de todos os povos, “uniram-se ao Deus de Abraão”.

12 Destes príncipes era também o centurião, mencionado na leitura do evangelho que acabais de ouvir. O centurião gozava de honras e de poder no meio dos homens, era príncipe entre os príncipes dos povos. Enviou seus amigos ao encontro de Cristo que se aproximava dele, ou antes, que ia passar por ali; e pediu que curasse seu servo, gravemente enfermo; e como o Senhor quisesse ir, ele próprio, mandou-lhe o seguinte recado: “Não sou digno de que entres em minha casa. Dize, porém uma palavra, para

que o meu criado seja curado. Pois, também eu estou sob uma autoridade, e tenho soldados às minhas ordens". Vede como mantém a ordem: lembra em primeiro lugar que ele é subordinado, e depois que há outros às suas ordens. Estou sob uma autoridade, e sou constituído em autoridade. Estou abaixo de alguns e sou superior de outros. "E a um digo: 'Vai!' e ele vai; e a outro: 'Vem!' e ele vem; e a meu servo: 'Faze isto! e ele o faz' ". Parece declarar: Se eu, que estou sob uma autoridade, dou ordens aos meus subordinados, tu que não estás às ordens de ninguém, não podes dar ordens a tua criatura, se tudo foi feito por ti, e sem ti nada foi feito? "Dize, porém, uma palavra, para que o meu criado seja curado". Mas, "não sou digno de que entres em minha casa". Hesitou em receber a Cristo dentro de sua casa, e no entanto, Cristo já estava em seu coração. Sua alma já era trono de Cristo, que ali se sentava, pois procurava os humildes. Cristo, então, "ficou admirado e, voltando-se para a multidão que o seguia, disse: Eu vos digo que nem mesmo em Israel encontrei tamanha fé" (Lc 7,6-9). E conforme a narração de outro evangelista sobre o mesmo fato, o Senhor prossegue: "Mas eu vos digo que virão muitos do oriente e do ocidente e se assentarão à mesa no Reino dos céus, com Abraão, Isaac e Jacó" (Mt 8,11). Pois, este centurião não pertencia ao povo de israel. No povo de israel havia soberbos que repeliam a Deus; entre os príncipes dos gentios encontrou-se um humilde, que convidou a Deus a se aproximar. Jesus, admirando sua fé, reprova a infidelidade dos judeus. Consideravam-se sadios, enquanto estavam gravemente doentes, e mataram o médico que não quiseram reconhecer. Reprovando e repudiando sua soberba, como se exprime? "Mas eu vos digo que virão muitos do oriente e do ocidente", que não pertencem à progênie de Israel; virão muitos, aos quais disse o salmista: "Nações todas, batei palmas. E se assentarão à mesa no reino dos céus com Abraão". Abraão não os gerou carnalmente; mas virão e se assentarão à mesa do reino dos céus com ele, e serão seus filhos. Por que razão serão seus filhos? Não nasceram de sua carne, mas seguiram sua fé. "Enquanto os filhos do reino", a saber, os judeus, "serão postos para fora, nas trevas, onde haverá choro e ranger de dentes" (Mt 8,12). Serão condenados às trevas exteriores os descendentes de Abraão segundo a carne, e se assentarão à mesa com ele no reino dos céus os que imitaram a fé de Abraão. Com toda razão, portanto, também aqui os "príncipes dos povos uniram-se ao Deus de Abraão".

13 O que acontecerá aos que pertenciam ao Deus de Abraão? "Porque os deuses poderosos da terra sobremaneira se exaltaram". Quais eram esses deuses, o povo de Deus, a vinha de Deus, da qual está escrito: "Servi de juízes entre mim e a minha vinha" (Is 5,3)? Eles irão para as trevas exteriores e não estarão à mesa com Abraão, Isaac e Jacó; não se unirão ao Deus de Abraão. Por quê? Porque "são os deuses poderosos da terra". Eram deuses poderosos da terra, e presumiam da terra. De qual? De si mesmos, pois todo homem é terra. Foi dito ao homem: "Tu és pó e ao pó tornarás" (Gn 3,19). O homem deve presumir de Deus, e dele esperar auxílio, não de si mesmo. A terra não faz chover para si, nem se ilumina a si mesma. Como a terra aguarda do céu a chuva e a luz, assim deve o homem esperar de Deus a misericórdia e a verdade. Eles, portanto, "os deuses poderosos da terra sobremaneira se exaltaram". Não pensaram que precisavam de médico, e por isso permaneceram com a doença, que os levou à morte. Os ramos

naturais foram cortados para ser enxertado o da humilde oliveira silvestre (cf Rm 11,17). “Porque os deuses poderosos da terra sobremaneira se exaltaram”. Mantenhamo-nos, portanto, irmãos, na humildade, caridade, piedade, porque fomos chamados, enquanto eles foram reprovados. Ao menos sirva-nos de exemplo sua sorte, que nos incuta medo do orgulho.

SALMO 47

SERMÃO AO POVO

1 [1] O salmo tem por título: “Cântico de louvor, aos filhos de Coré, segunda-feira”. Acolhei as dádivas que o Senhor se dignar nos conceder, como sendo filhos do firmamento. No segundo dia da semana, isto é, no dia seguinte ao domingo, chamado segunda-feira, foi feito o firmamento do céu, ou antes o firmamento chamado céu. Pois Deus denominou o firmamento de céu (cf Gn 1,3-8). No primeiro dia criara a luz e a separara das trevas; e chamara a luz de dia, e as trevas de noite. Mas, conforme indica o contexto do salmo, Deus havia em sua obra proferido anteriormente algo que haveria de se cumprir em nós; e os séculos passaram de acordo com esta condição da criação. Não foi inutilmente que o Senhor disse de Moisés: “Foi a meu respeito que ele escreveu” (Jo 5,46). Tudo o que foi escrito, mesmo sobre a criação, pode ser interpretado com um sentido futuro. É possível referir a criação da luz à ressurreição de Cristo dentre os mortos. Então, de fato, a luz se separou das trevas, pois a imortalidade se distinguiu da mortalidade. Qual a consequência? Que ao corpo, à Igreja, se fizesse o mesmo que à Cabeça. Enfim, num salmo que trata do primeiro dia da semana, claramente se alude à ressurreição do Senhor, com as palavras: “Suspendei, ó príncipes, as vossas portas. Elevai-vos, portas eternas, e entrará o rei da glória” (Sl 23,7.9). É evidente que Cristo é o rei da glória. Dele foi dito: “Se tivessem conhecido, não teriam crucificado o Senhor da glória” (1Cor 2,8). Por segundo dia devemos entender a Igreja de Cristo, mas Igreja de Cristo, que abrange santos, daqueles que estão inscritos no céu, os que não cedem às tentações deste mundo. Eles merecem o nome de firmamento. Por conseguinte, Igreja de Cristo, os que nela estão firmes. Destes disse o Apóstolo: “Nós, os fortes, devemos carregar as debilidades dos fracos” (Rm 15,1). Esta Igreja tem o nome de firmamento. O salmo a canta. Ouçamos, reconheçamos, associemo-nos, gloriemo-nos, reinemos. Ouve como a epístola do Apóstolo a denomina firmamento, e reconhece-a: “Que é a Igreja do Deus vivo: coluna e sustentáculo da verdade” (1Tm 3,15). Deste sustentáculo se canta aos filhos de Coré, que, como sabeis, são os filhos do esposo, crucificado no Calvário. Coré, de fato, se traduz por Calvo. Continua o salmo que traz no título: “na segunda-feira”.

2 [2] “Grande é o Senhor e muito digno de louvor”. Eis que “o Senhor é grande e muito digno de louvor”; mas acaso os infiéis louvam o Senhor? Louvam o Senhor os fiéis que vivem mal, fazendo com que seja blasfemado no meio dos gentios o nome de Deus? Eles louvam o Senhor? E se louvarem, será aceitável seu louvor, uma vez que está escrito: “O louvor não é belo na boca do pecador” (cf Rm 2,24; Eclo 15,9)? Pois havias dito: “Grande é o Senhor e muito digno de louvor”. Mas, onde? “Na cidade de nosso Deus, em seu monte santo”. Deste monte foi dito em outra passagem: “Quem subirá ao monte

do Senhor? Quem possui mãos inocentes e coração puro" (Sl 23,3.4). Neles "grande é o Senhor e muito digno de louvor", a saber, "na cidade de nosso Deus, em seu monte santo". Situada numa montanha, esta cidade não pode ficar escondida. É como a lâmpada que não se esconde debaixo do alqueire, mas de todos é conhecida; é afamada (cf Mt 5,14.15). Nem todos são cidadãos daquela cidade, e sim aqueles para os quais "o Senhor é grande e muito digno de louvor". Vejamos que cidade é esta, a fim de que não suceda ao ouvirmos: "na cidade de nosso Deus, em seu monte santo", fiquemos à procura do monte onde seremos atendidos. Não é ociosa a palavra de outro salmo: "Elevei ao Senhor a minha voz e ele me ouviu de seu monte santo" (Sl 3,5). Sirva-te de auxílio estar neste monte, a fim de seres ouvido. Pois, se não o galgares, podes clamar de baixo, mas não serás ouvido. Que monte é esse, irmãos? Há de ser procurado com grande cuidado, investigado com maior solicitude, ocupado e galgado com esforço. Mas, como agir se está em alguma parte da terra? Sairemos de nossa terra, no intuito de o alcançarmos? Ao invés, somos peregrinos se não estamos nele. Ali está nossa cidade, se somos membros do rei, Cabeça daquela cidade. Onde, então, se localiza este monte? Se ocupa alguma região, como disse, temos de nos esforçar para lá chegar. Por que te empenhas? É desejável que não tenhas preguiça de subir o monte, da mesma forma que o monte veio sem tardança para junto de quem dormia. Houve uma vez certa pedra angular de aspecto desprezível, que serviu de tropeço para os judeus. Destacou-se de um monte, sem intervenção de mão alguma, isto é, procedeu sem tal intervenção do reino dos judeus, porque não houve intervenção humana em Maria, da qual nasceu o Cristo (cf Rm 9,32; Mt 1,16). Mas se esta pedra, tropeço para os judeus, ficasse assim, não terias aonde subir. O que aconteceu? Como fala o profeta Daniel? Não diz que esta pedra foi aumentando, e se tornou um grande monte? De que tamanho? Encheu a terra inteira (cf Dn 2,34-35). Por conseguinte, o monte crescendo e enchendo a terra inteira, chegou até nós. Por que motivo, então, haveríamos de procurar o monte como distante, e não o subimos, uma vez que está perto de nós, de sorte "que seja para nós o Senhor grande e muito digno de louvor"?

3 [3] Enfim, vê a continuação do salmo, para conheceres o monte a que ele alude, e não o procures em outra parte da terra. Tendo dito: "Na cidade de nosso Deus, em seu monte santo", que acréscimo aduz? "Com exultação de toda a terra elevam-se os montes de Sião". Sião é um só monte. Por que, então: "montes"? Seria porque a Sião passaram a pertencer os que vieram de lugares diversos, juntando-se à pedra angular, de sorte a se formarem duas paredes (como se fossem montes), uma da circuncisão e outra dos gentios; uma dos judeus e outra dos pagãos? Não mais como adversários, apesar de diversos; de diversa proveniência, mas iguais, no ângulo. "Ele é nossa paz: de ambos os povos fez um só" (Ef 2,14). Ele é a pedra angular. "A pedra que os construtores rejeitaram tornou-se a pedra angular" (Sl 117,22). De dois montes fez-se um só. Uma só casa, duas casas: duas porque provenientes de lados diferentes, uma por causa da pedra angular, na qual ambas se unem. Ouve também o seguinte: "Montes de Sião; nos confins do Aquilão, a cidade do grande rei". Consideravas Sião como um só lugar, onde foi

fundada Jerusalém, e nela só te lembravas do povo oriundo da circuncisão. Cristo recolheu um resto deste povo; a maioria foi ventilada como palha. Pois, está escrito: "O resto é que será salvo" (Rm 9,27). Mas, dá atenção também aos gentios; vê a oliveira silvestre ser enxertada na oliveira genuína (cf Rm 11,17). Eis os gentios: "confins do Aquilão". Os confins do Aquilão foram agregados à cidade do grande rei. Costuma-se dizer que o Aquilão é o oposto de Sião. Sião situa-se no sul, e o aquilão é no ponto contrário. Quem é este aquilão, senão aquele que disse: "No aquilão colocarei o meu trono, e tornar-me-ei semelhante ao Altíssimo" (Is 14,13.14)? O diabo se apossara do reino dos ímpios, e dominava sobre os povos que serviam aos ídolos, e adoravam os demônios; e todos os do gênero humano que do mundo inteiro aderiram a ele se tornaram o aquilão. Mas aquele que liga o forte, e tira-lhe os vasos para fazê-los seus, libertou os homens da infidelidade e da superstição dos demônios. Depois, acreditando em Cristo, aliaram-se àquela cidade. No ângulo juntaram-se à parede da circuncisão, e os que eram dos confins do aquilão vieram integrar-se na cidade do grande rei. Por isso, diz igualmente outra passagem da Escritura: "Do norte chega a nuvem dourada: nela se mostra a grande glória e honra do Onipotente" (Jó 37,22). Constitui grande glória para o médico a convalescença de um doente que não dava mais esperança de cura. Do aquilão chegam as nuvens, não escuras, tenebrosas, tétricas, mas douradas. Donde provêm senão da graça que ilumina, através de Cristo? Eis: "Os confins do Aquilão, a cidade do grande rei". Confins do aquilão que aderiram ao diabo. Quem adere a outro chama-se aderente. Pois, costumamos falar de certos homens: É correto, mas tem maus a seu lado. Isto é, ele se destaca pela probidade, mas são malvados seus adjuntos. Dos confins do aquilão que aderiram ao diabo proveio também aquele filho, do qual acabamos de ouvir que estivera morto e reviveu; perecera e foi reencontrado. Partira para uma região longínqua, chegara ao aquilão, e lá, como ouvistes, aderiu ao príncipe daquela região; mas como a cidade do grande rei se constitui também daqueles que vêm dos confins do aquilão, ele voltou a si e disse: Vou-me embora, procurar o meu pai. E correu ao seu encontro o pai que dissera a seu respeito: Estava morto e tornou a viver; estava perdido e foi reencontrado. O novilho cevado figura o mesmo que a pedra angular. Finalmente, o filho mais velho que não queria participar da festa, exortado pelo pai entrou (Lc 15,11-32); e as duas paredes integraram a cidade do grande rei, da mesma forma que os dois filhos aproximaram-se da mesma refeição.

4 [4] Continua, pois, o nosso salmo: "Deus se manifestará em suas casas". Refere-se a casas, por causa dos montes, das duas paredes, dos dois filhos. "Deus se manifestará em suas casas". Mas, relembrando a graça, acrescenta: "Quando as defender". Pois, o que seria da mesma cidade, se Deus não a defendesse? Sem tal fundamento, não cairia imediatamente? Quanto ao fundamento, ninguém pode colocar outro diverso do que foi posto: Jesus Cristo. Ninguém, portanto, se glorie de seus méritos; mas aquele que se gloria, se glorie no Senhor (cf 1Cor 3,11; 1,31). Aquela cidade será grande, nela se manifestará o Senhor, quando a defender; da mesma maneira acolhe o médico ao doente para curá-lo, e não para amá-lo como ele é, porquanto o médico odeia a febre. O médico

não gosta do doente enquanto tal, mas o ama. Se gostasse do doente enquanto tal, desejaria que ficasse sempre doente. Ao invés, se não gostasse dele, não o iria visitar. Ele ama o doente para curá-lo. O Senhor igualmente acolheu esta cidade e nela se revelou, isto é, sua graça foi conhecida nela. Tudo o que aquela cidade possui, não vem de si mesma e por isso ela se gloria no Senhor. Tal o motivo de perguntar o Apóstolo: "Que é que possuis que não tenhas recebido? E se o recebeste, porque haverias de te ensoberbecer como se não o tivesses recebido?" (1Cor 4,7). "Deus se manifestará em suas casas, quando as defender".

5 5.7 "Pois eis que os reis da terra se reuniram". Vede como se aproximam os confins do aquilão, vede como dizem: "Vinde, subamos ao monte do Senhor; para que ele nos instrua a respeito dos seus caminhos e assim andemos nas suas veredas" (Is 2,3). "Pois eis que os reis da terra se reuniram e se confederaram unânimes". Como unânimes, senão unindo-se àquela pedra angular (cf Ef 2,20)? "Ao vê-la assim, eles se admiraram". Qual a consequência da admiração pelos milagres e pela glória de Cristo? "Conturbaram-se, estremeceram, tomou-os o terror"; qual o temor que os acometeu, senão a consciência de seus delitos? Os reis, pois, acorram ao rei, reconheçam-no. Daí dizer em outra passagem o salmista: "Eu, porém, fui por ele constituído rei em Sião, sua montanha santa, para pregar o mandamento do Senhor. Disse-me o Senhor: Tu és meu filho, eu hoje te gerei. Pede-me e dar-te-ei as nações por herança, e como propriedade os confins da terra. Hás de governá-las com cetro de ferro, e esmigalhá-las qual vaso de argila" (Sl 2,6-9). Foi, portanto, ouvido o rei estabelecido em Sião, e foi-lhe entregue o domínio até os confins da terra. Os reis devem temer a perda do reino, que este lhes seja retirado, como receou o infeliz Herodes, que matou os inocentes em lugar do Menino. Receoso de perder o reino, não mereceu ver o rei. Oxalá ele tivesse, com os magos, adorado o rei, e não procurasse perversamente reinar, nem matasse os inocentes, praticando o crime e se perdendo. Pois, ele de seu lado matou os inocentes; quanto a Cristo, porém, ainda pequenino, coroou as crianças que morreram por sua causa. Por conseguinte, deviam os reis temer uma vez que foi dito: "Eu, porém, fui por ele constituído rei", e ele que me constituiu rei, dar-me-á a herança até os confins da terra. Mas, por que me invejais, ó reis? Vede, não invejeis. É um rei inteiramente diferente aquele que disse: "Meu reino não é deste mundo" (Jo 18,36). Não receeis, portanto, vos seja tirado o reino deste mundo; ao contrário, ser-vos-á dado o reino, o reino dos céus, onde ele reina. Como prossegue o salmo? "Agora, ó reis, entendei". Estáveis dispostos à inveja: "entendei"; tratava-se de outro rei, cujo reino não é deste mundo. Com razão, portanto, "os reis se reuniram, unânimes, conturbaram-se, tomou-os o terror". Por este motivo, igualmente se lhes diz: "Agora, ó reis, entendei. Instruí-vos, ó juízes da terra. Servi ao Senhor com temor. E exultai diante dele com tremor" (Sl 2,10.11). E o que fizeram eles? Acometeu-os "dores como as da parturiente". Quais são essas "dores como as da parturiente", a não ser as dores de um penitente? Vede qual é a concepção e o parto da dor: "Por temor de ti", diz Isaías, "concebemos e tivemos as dores de parto. Demos à luz o espírito de salvação" (Is 26,18). Assim, por causa do temor de Cristo os reis conceberam, de sorte

que deram à luz a salvação, acreditando naquele que haviam temido. “Dores como as da parturiente”. Quem fala de parturiente, fala de filho. Gerou o homem velho, mas nasce o novo. “Dores como as da parturiente”.

6 [8] “Com vento impetuoso despedaçarás as naus de Társis”. Logo se entende: derrubas a soberba das nações. Mas, como desta história se depreende tratar-se da queda da soberba das nações? Por causa da expressão: “naves de Társis”. Os doutos pesquisaram acerca da cidade de Tarsis, isto é, qual a cidade significada por este nome. A alguns pareceu ser a Cilícia, porque sua capítal se chama Tarso. Desta cidade era originário o apóstolo Paulo, nascido em Tarso, na Cilícia (At 21,39). Outros opinaram que era Cartago; pode ser que outrora fosse assim denominada, ou designada de outra forma. Pois, no profeta Isaías, assim se encontra: “Uivai, navios de Cartago” (Is 23,1, sg LXX). Em Ezequiel (cf Ez 38,13 sg LXX) segundo vários intérpretes, é chamada Cartago por uns, e Társis por outros; e esta diversidade nos tradutores pode levar a se pensar que se chama aqui de Tarso a que tem o nome de Cartago. É claro que nos primórdios do reino cartaginês existia nele abundância de navios, e a tal ponto que superava todos os povos no comércio e na navegação. Pois, quando Dido, fugindo do irmão, chegou às terras da África, onde fundou Cartago, havia tomado para a fuga navios preparados para o comércio, em sua região. Os príncipes de lá consentiram nisso. E estes navios não desistiram do comércio, depois de fundada Cartago. Daí se originou a grande soberba da cidade, de forma que suas naves podem representar o orgulho dos povos, a presumirem do futuro incerto, como ventos que sopram. Deixemos de presumir da navegação, da prosperidade neste mundo, que é um oceano. Estejam nossos fundamentos em Sião. Ali nos firmemos, e não sejamos levados por qualquer vento de doutrina (cf Ef 4,14). Todo aquele que se orgulhar nas incertezas desta vida, é derrubado. Submeta-se a Cristo a soberba dos povos. Ele “com vento impetuoso despedaça as naves de Társis”; não as de qualquer cidade, mas as de “Társis”. Que “vento impetuoso” é esse? Um fortíssimo temor. Foi assim que tremeu todo orgulho diante daquele que há de julgar; os soberbos acreditaram nele quando humilde, para não terem de sentir pavor dele, quando se apresentar como o Altíssimo.

7 [9] “Como ouvimos, assim vimos”. Ó Igreja feliz! Ouviu em determinada ocasião, e em outra viu. Ouviu em promessa, vê na realidade; ouviu em profecia, vê no evangelho. Agora cumpre-se tudo o que foi profetizado. Ergue os olhos, portanto, percorre o mundo com o olhar; vê o povo herdeiro, até nos confins da terra; vê o cumprimento da palavra: “Adorá-lo-ão todos os reis da terra, todas as nações o servirão” (Sl 71,11). Vê já realizado o que foi dito: “Eleva-te, ó Deus, acima dos céus, e tua glória domine toda a terra” (Sl 107,6). Vê aquele cujos pés e mãos foram traspassados pelos cravos, cujos ossos, pendentes da cruz, foram contados, sobre cujas vestes foram lançadas sortes (cf Mt 27,35). Contempla como rei o que foi crucificado; vê sentado no céu aquele que fora desprezado ao andar sobre a terra. Verifica como se realizou a palavra: “Haverão de se lembrar e de se converter ao Senhor todos os confins da terra. E adorarão em sua presença todas as famílias das nações” (Sl 21,28). Ouvindo isto, exclama com alegria:

“Como ouvimos, assim vimos”. É justo que assim se chame a Igreja proveniente das nações: “Ouve, filha, vê e esquece o teu povo e a casa de teu pai” (Sl 44,11). Teu pai foi aquilão. Vem para o monte de Sião. Ouve e vê; vê e ouve. O salmista diz: Ouve e vê. Antes ouve, depois vê. Em primeiro lugar ouves o que não vês e em seguida verás o que ouviste. Encontra-se em outro salmo: “Um povo que eu não conhecia pôs-se a meu serviço. Logo que ouviu, obedeceu-me” (Sl 17,45). Se logo que ouviu, obedeceu, então não viu. E o que quer dizer: “Verão coisas que não lhes haviam sido contadas e tomarão consciência de coisas que não tinham ouvido” (Is 52,15)? Aqueles aos quais não tinham sido enviados os profetas foram os primeiros a ouvi-los e entendê-los; os que primeiro não tinham ouvido, depois de ouvir ficaram admirados. Aqueles aos quais haviam sido enviados continuaram a guardar os códices, sem entender a verdade. Conservavam as tábuas do Testamento, mas perderam a herança. Nós, porém, “como ouvimos, assim vimos, na cidade do Senhor dos exércitos, na cidade de nosso Deus”. Aí ouvimos e vimos. Quem ficar de fora, não ouve, nem vê. Ao invés, quem nela se acha não é surdo, nem cego. “Como ouvimos, assim vimos”. E onde ouves, onde vês? “Na cidade do Senhor dos exércitos, na cidade de nosso Deus. Para sempre Deus a consolidou”. Não nos insultem os hereges separados por partes. Não se exaltem os que dizem: “Olha o Messias aqui! ou: ali!” Quem diz: Está aqui, ou: ali (cf Mt 24,23), leva a uma parte. Deus prometeu unidade. Os reis se uniram, unânimes; não se dividiram em cismas. Mas talvez a cidade que o mundo prendeu um dia seja arruinada. De forma nenhuma: “Deus a consolidou para sempre”. Se, pois, Deus a consolidou para sempre, receias que caia o firmamento?

8 [10] “Recebemos a tua misericórdia, ó Deus, no meio de teu povo”. Quais os receptores? E onde? Não foi o teu próprio povo que recebeu a tua misericórdia? Se teu povo recebeu tua misericórdia, como é que “recebemos nós a tua misericórdia”, e isto, “no meio de teu povo”? Parece que uns são os que receberam, e outros os que no meio deste povo receberam. Grande mistério, no entanto, bem conhecido. Quando daqui, isto é, destes versículos for extraído e retirado o que sabeis, não será mais duro, e sim mais suave. Agora, efetivamente, são contados no povo de Deus todos os que receberam seus sacramentos, mas nem todos são alvo da misericórdia de Deus. Em verdade, todos os que recebem o sacramento do batismo são chamados cristãos. Mas, nem todos vivem de maneira digna do sacramento. Há alguns que são conforme ao que descreve o Apóstolo: “Guardarão as aparências da piedade, negando-lhe, entretanto, o poder” (2 Tm 3,5). Todavia, por causa desta aparência de piedade, são enumerados entre o povo de Deus, como na eira está, enquanto se tritura, não somente o trigo, mas ainda a palha. Por acaso, ela irá também para o celeiro? No meio deste povo malvado, porém, acha-se o povo bom, que recebeu a misericórdia de Deus. Vive de maneira digna desta misericórdia de Deus quem ouve, guarda e observa o que disse o Apóstolo: “Exortamo-vos ainda a que não recebais a graça de Deus em vão” (2Cor 6,1). Quem não recebe em vão a graça de Deus, recebe tanto o sacramento quanto a misericórdia de Deus. Em que fica prejudicado por estar no meio de um povo desobediente, até que a eira seja ventilada, até

que os bons sejam separados dos maus? Que prejuízo lhe advém por habitar no meio deste povo? Seja daqueles que são denominados firmamentos, e que recebem a misericórdia de Deus. Seja um lírio no meio dos espinhos. Pois, queres ouvir como também os espinhos pertencem ao povo de Deus? É feita a seguinte comparação: "Como lírio entre espinhos é minha amada entre as donzelas" (Ct 2,2). Acaso disse: no meio de estranhas? Não; mas disse: "no meio das filhas". Existem, portanto, filhas más, e no meio delas encontra-se o "lírio entre espinhos". Por conseguinte, os que recebem os sacramentos, mas não têm bons costumes, são de Deus e não são. São denominados também estranhos. São de Deus por causa dos sacramento; alheios devido a seu próprio vício. Assim também há filhas estranhas. Filhas, por causa da aparência de piedade; estranhas, por terem perdido a sua virtude. Haja, portanto, ali, um lírio, que receba a misericórdia de Deus, tenha o bulbo da flor, não seja ingrato à suave chuva que cai do céu. Ingratos sejam os espinhos, que cresçam por causa das chuvas, mas para serem lançados ao fogo e não guardados no celeiro. "Recebemos, ó Deus, a tua misericórdia, no meio de teu povo". No meio de teu povo que rejeita a tua misericórdia, nós a recebemos. Ele veio para o que era seu, mas os seus não o receberam (cf Jo 1,11.12). Aos que estão no meio dos que o receberam, ele deu o poder de se tornarem filhos de Deus.

9 Pode então ocorrer a alguém que reflete: E então? Qual o número dos que no meio do povo de Deus recebem a sua misericórdia? Como são poucos! Mal se encontra um ou outro. Deus se contentará com eles, e deixará perder-se tamanha multidão? Falam assim os que prometem a si mesmos o que não ouviram Deus prometer. E, de fato, se vivemos mal, se gozamos dos deleites deste mundo, se servimos as nossas concupiscências, Deus haverá de nos perder? Quantos são os que parecem observar os mandamentos de Deus? Mal se encontra um ou dois, ou mesmo pouquíssimos; Deus haverá de libertar a estes somente e condenar os outros? Respondem: De modo algum; quando ele vier e vir tão grande multidão à esquerda, se compadecerá e dará o perdão. Em verdade, isto também prometeu a serpente ao primeiro homem; pois Deus o ameaçara de morte, se provasse do fruto, mas a serpente disse: "Não, não morrereis" (cf Gn 2,17; 3,4). Acreditaram na serpente, e descobriram que era verdade o que Deus ameaçara, e falso o que prometera o diabo. Assim também agora, irmãos, ponde a Igreja diante de vossos olhos, à semelhança de um paraíso. A serpente não cessa de sugerir o mesmo que então sugeriu. Mas a queda do primeiro homem deve valer-nos de exemplo para nos precavermos, e não para imitarmos o pecado. Por conseguinte, ele caiu para que nós nos levantemos. Respondamos a tais sugestões o mesmo que Jó (Cf Jó 2,8-10). Pois, também a ele o demônio tentou através da mulher, como outra Eva; e o homem venceu, estando no monturo, ele que fora vencido no paraíso. Em consequência disso, não ouçamos estas palavras, nem julguemos que são poucos os justos; são muitos, mas estão escondidos entre os demais. Não podemos, verdadeiramente, negar que os maus são em maior número e de tal modo que entre eles os bons quase não aparecem, assim como os grãos não aparecem na eira. Pois, quem olha a eira, pode imaginar que ali só existe palha. Imagina um homem que não é perito no assunto; ele pensa que é inútil empregar ali bois,

e os homens suportarem o calor e suarem para esmagar a palha. Mas ali se encontra também a massa que deve ser separada pela ventilação. Então sairá o trigo que estava escondido sob aquela quantidade de palha. Então, queres encontrar os bons? Sê um deles, e encontrarás.

10 [11] Contra tal falta de esperança vê como continua o salmo. Tendo dito: "Recebemos a tua misericórdia, ó Deus, no meio de teu povo", alude a um povo que não aceita a misericórdia de Deus, mas que tem em seu meio alguns que a acolhem. E no intuito de que não se pense serem estes tão poucos que cheguem a ser quase nada, como consola o salmista, na continuação do salmo? "Como o teu nome, ó Deus, assim o teu louvor chega aos confins da terra". Qual é este louvor? "Grande é o Senhor e muito digno de louvor, na cidade de nosso Deus, em seu monte santo". Encontra-se seu louvor apenas em seus santos. Pois, os que vivem mal não o louvam; apesar de louvarem com a boca, blasfemam com a vida. Visto que seu louvor só existe entre seus santos, não digam os hereges a si mesmos: Seu louvor permanece entre nós, porque somos poucos, separados da multidão. Nós vivemos com justiça, louvamos a Deus, não somente em palavras, mas realmente na vida. O salmo lhes replica: Como dizeis que uma parte da terra louva, se foi dito: "Como o teu nome, ó Deus, assim o teu louvor chega aos confins da terra"? Com isto quer dizer, como és conhecido por todas as terras, assim também em todas elas és louvado; não faltam os que te louvem por toda a terra. Mas louvam os que vivem honestamente. "Como o teu nome, ó Deus, assim o teu louvor chega", não a uma só parte, mas "aos confins da terra; a tua destra está cheia de justiça", quer dizer, são muitos igualmente os que estarão à direita. Não serão muitos apenas os da esquerda, mas também haverá a plenitude da massa, colocada à direita: "A tua destra está cheia de justiça".

11 [12] "Alegre-se o monte Sião e exultem as filhas de Judá, por causa de teus juízos, ó Senhor". Ó monte de Sião, ó filhas de Judá, lutais agora no meio da cizânia, entre as palhas, entre os espinhos; mas exultai por causa dos juízos de Deus. Deus não erra ao julgar. Vivei separadamente, embora nascestes no meio deles. Não é ociosa a palavra de vossa boca, de vosso coração: "Não arruínes com os ímpios a minha alma. Nem a minha vida com os homens sanguinários" (Sl 25,9). O grande artífice ventilará, trará na mão a pá, de sorte que nenhum grão de trigo cairá no acervo de palha para ser queimado e nem um argueiro de palha restará na massa a ser recolhida no celeiro (cf Mt 3,12).
Exultem as filhas de Judá porque os juízos de Deus não erram; então, agora não julgueis temerariamente. Cabe-vos recolher, a ele compete separar. "Alegre-se o monte de Sião e exultem as filhas de Judá por causa de teus juízos, ó Senhor". Não penseis que filhas de Judá sejam os judeus. Judá significa confissão. Todos os filhos que confessam são filhos de Judá, porque a expressão: "A salvação vem dos judeus" (Jo 4,22), não tem outro sentido senão Cristo provém dos judeus. O Apóstolo tem idêntica afirmação: "Pois o verdadeiro judeu não é aquele que como tal aparece externamente, nem é verdadeira circuncisão a que é visível na carne; mas é judeu aquele que o é no interior e a verdadeira circuncisão é a do coração, segundo o espírito e não segundo a letra: aí está

quem recebe louvor, não dos homens, mas de Deus" (Rm 2,28.29). Sê judeu desta forma; gloria-te da circuncisão do coração, embora não tenhas a da carne. "Exultem as filhas de Judá por causa de teus juízos, ó Senhor".

12 [13] "Andai em redor de Sião, percorrei-a". Seja dito aos que vivem mal e que têm em seu meio aquele povo que recebeu a misericórdia de Deus: No meio de vós acha-se um povo que vive retamente. "Andai em redor de Sião". Mas como? "Percorrei-a". Não vos acerqueis dos escândalos, mas andai ao redor com caridade, de sorte a imitardes os que vivem segundo o bem entre vós e por esta imitação sejais incorporados a Cristo, de quem eles são membros. "Andai em redor de Sião, percorrei-a. Narrai, de suas torres". Das alturas de suas fortalezas, apregoai seus louvores.

13 [14] "Considerai em vosso coração os seus baluartes". Não procureis a aparência de piedade (cf 2Tm 3,5), renunciando a sua virtude; mas "considerai em vossos corações a sua virtude". Quem quiser entender qual a força desta cidade, pense na força de sua caridade. Esta é a força invencível. Nem os vagalhões do século, nem os rios das tentações podem extinguir tal fogo. Daí a palavra: "O amor é forte como a morte" (Ct 8,6). É impossível resistir à morte, por mais recursos e medicamentos que se empregue. Quem nasceu mortal não pode evitar a violência da morte. Assim contra a violência da caridade o mundo nada pode. A semelhança com a morte é por oposição. Como a morte é violentíssima para tirar, assim é violentíssima a caridade para salvar. Pela caridade, de fato, muitos morreram para o mundo, a fim de viverem para Deus. Esta caridade inflamou os mártires, genuínos, sem vanglória e que não eram do número daqueles dos quais disse o Apóstolo: "Ainda que entregasse meu corpo às chamas, se não tivesse a caridade, isso nada me adiantaria" (1Cor 13,3), e sim dos que, efetivamente, o amor de Cristo e da verdade levou à paixão. Que mal lhe fizeram as perseguições dos inimigos encarniçados? Os olhos lacrimejantes dos seus atacavam-nos com maior violência do que as perseguições dos adversários. Quantos não eram agarrados pelos filhos, pedindo que não se submetessem aos tormentos! Quantas esposas não caíam aos pés de muitos, não querendo ficar viúvas! Quantos filhos não queriam que os pais morressem, como sabemos e lemos nas Atas do martírio de Santa Pérpetua! (cf Passio 5,3). Tudo isso aconteceu. Mas as lágrimas por mais que fossem, por mais que jorrassem impetuosas, quando extinguiram o ardor da caridade? Esta é a força de Sião, à qual se diz em outra passagem: "Haja paz em tua fortaleza, e abundância em tuas torres" (Sl 121,7). "Considerai em vosso coração os seus baluartes e distribuí as suas casas".

14 Como entender a expressão: "Considerai em vosso coração os seus baluartes e distribuí as suas casas"? Quer dizer: Distingui casa de casa. Não sejam confundidas. Uma casa tem aparência de piedade e não a possui; outra tem a aparência e também a possui. "Distribuí", não confundais. Distribuis sem confusão quando considerais em vossos corações seus baluartes, isto é, ao vos tornardes espirituais por meio da caridade. Então não julgareis temerariamente; então vereis que os maus em nada prejudicam os bons, enquanto estamos nesta eira: "Distribuí as suas casas". É possível ainda outra

interpretação. Foi dito aos apóstolos que distribuíssem aquelas duas casas, uma da circuncisão e outra dos gentios. Quando foi chamado Saulo, que se tornou o apóstolo Paulo, ele aderiu à unidade dos co-apóstolos. Combinaram entre si que eles se encarregariam dos circuncisos e Paulo dos pagãos (cf Gl 2,9). Com tal distribuição de seu apostolado dividiram entre si as casas da cidade do grande rei. Reunindo-se no ângulo das paredes, dividiram o ministério do evangelho, mas unidos na caridade. Isto deve ser explicado melhor. Pois, o salmo continua, e mostra que foi dito aos pregadores: "E distribuí as suas casas, para narrardes à geração vindoura", isto é, para chegar até nós a dispen-sação do evangelho, a nós que viríamos depois deles. Não trabalharam apenas para os seus coetâneos; nem mesmo Senhor operou somente em favor dos apóstolos, aos quais se dignou aparecer ressuscitado, mas também por nós. Pois, dirigia-se a eles, mas eles nos representavam, quando o Senhor lhes dizia: "Eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos" (Mt 28,20). Mas, eles haveriam de permanecer na terra até a consumação dos séculos? E ainda diz: "Não rogo somente por eles, mas pelos que, por meio de sua palavra, crerão em mim" (Jo 17,20). Por conseguinte, leva-nos em consideração, porque sofreu por nós. É com razão, pois, que diz o salmo: "Para narrardes à geração vindoura".

15 [15] Qual o conteúdo da narração? "Que este é o nosso Deus". Via-se a terra, mas não se via o criador da terra. Assumira a carne, mas não era reconhecido o Deus encarnado. Paravam no conhecimento da carne aqueles dentre os quais fora assumida a própria carne, pois a virgem Maria era da descendência de Abraão; pararam na carne e não entenderam a divindade. Ó apóstolos, ó grande cidade! prega em tuas torres, e dize: "Este é o nosso Deus". Assim da maneira, como foi desprezado, como a pedra ficou diante dos pés que tropeçaram, a fim de humilhar os corações dos que confessavam, assim "este é o nosso Deus". Certamente foi visto, conforme está escrito: "Depois disso ele apareceu sobre a terra e no meio dos homens conviveu" (Br 3,38). "Este é o nosso Deus". É também homem, e quem é que o conhecerá? "Este é o nosso Deus". Mas, será talvez só por algum tempo como os falsos deuses? Os deuses de nome, que não podem ser deuses, por algum tempo ao menos são chamados de deuses. O que lhes diz o profeta, ou como exorta a lhes dizer? Assim lhes falareis. Como? "Os deuses que não criaram o céu e a terra desapareçam da terra e de debaixo dos céus" (Jr 10,11). Nosso Deus não é desses tais, porque ele é acima de todos os deuses. Quais são todos esses deuses? "Porque os deuses das nações são demônios. Mas o Senhor fez os céus" (Sl 95,5). Ele mesmo é nosso Deus, "este é o nosso Deus". Até quando? "Eternamente e pelos séculos dos séculos. Ele há de ser o nosso guia". Se é nosso Deus, também é nosso rei; protege-nos, porque é Deus, a fim de não morrermos; guia-nos para não caírmos, porque é nosso rei. Ao reinar sobre nós, não nos quebra; ao invés, ele esmaga aqueles sobre os quais não reina. "Hás de governá-los com cetro de ferro, e esmigalhá-los qual vaso de argila" (Sl 2,9). São aqueles que não estão sob seu governo; não os poupa, mas esmigalha-os qual vaso de argila. Optemos, portanto, ser por ele guiados e libertados, porque "este é o nosso Deus eternamente e pelos séculos dos séculos. Ele há de ser o

nosso guia” pelos séculos.

SALMO 48

SERMÃO I

1 Todas as palavras divinas são salutares para os que as entendem corretamente, mas perigosas para os que tentam torcê-las segundo a perversidade de seu coração, ao invés de corrigir o próprio coração de acordo com a retidão dessas palavras. Tal perversidade é grande e muito comum entre os homens. Deviam eles viver segundo a vontade de Deus, mas ao contrário querem que Deus viva segundo sua vontade. E como não querem se corrigir, pensam que podem depravá-lo, julgando que não é reto o que ele quer, e sim o que eles desejam. Costumamos ouvir os homens a murmurar contra Deus, porque os maus estão bem nesta vida e os bons vivem a pelejar. Parece-lhes que Deus não está certo e não sabe o que faz, ou então absolutamente desvia os olhos das coisas humanas. Ou então não quer perturbar sua tranquilidade, de forma que Deus não dá atenção a estas coisas, para não ter o trabalho de vê-las e corrigi-las. Murmuram, portanto, os homens. Não querem adorar a Deus para que tudo lhes corra bem, porque verificam que aqueles que não cultuam a Deus vão para a frente e gozam de felicidade terrena, enquanto eles, que adoram a Deus passam por angústias, necessidades, tribulações e outras dificuldades inerentes à mortalidade humana. Contra estas palavras e estas blasfêmias dos que murmuram, a palavra de Deus sempre age como encantador que cura da mordida da serpente. Este ferimento provém de um coração envenenado, de onde sai contra Deus o pus da blasfêmia, e o que é pior, o ferido repele a mão do médico, mas não se protege da mordida da serpente. Quero dizer, repele do coração a austeridade da palavra divina e admite os atrativos da serpente a sugerir o mal. Contra estes canta a palavra de Deus; e até se dirige a nós neste salmo. Desejaria tornar atenta V. Santidade a este salmo, se ele mesmo não nos tornasse a todos bem atentos; mas não só a nós, e sim a toda a terra. Ouvi, portanto, como começa.

2 [2] "Escutai isto, povos todos". Por conseguinte, não apenas vós que estais presentes. Pois, que força é esta que teria nossa voz para clamarmos de sorte que ouçam todos os povos? Nosso Senhor Jesus Cristo clamou através dos apóstolos, e isto em tantas línguas quantas foram as dos enviados; e vejamos relativamente a este salmo, que anteriormente era recitado só por um povo, na sinagoga dos judeus, e agora é recitado em todo o orbe, em todas as igrejas, como se cumpre o que diz este versículo: "Escutai isto, povos todos". Apenas para este ponto chama a vossa atenção, a fim de que não a desvieis por medo do cansaço e assustados com o tamanho do salmo. Se for possível, terminaremos hoje; se não, fica o restante para amanhã; no entanto, prestai sempre atenção. Ouvireis, se Deus quiser, numa medida que não vos pese; ao invés, vos alivie. "Escutai isto, povos todos". Sois um deles. "Prestai ouvidos, habitantes todos do orbe". Parece que quis repetir, como se fosse pouco dizer: "Ouvi". Insiste o salmista: "Ouvi, prestai ouvidos", a saber, não deveis escutar só de passagem o que estou dizendo. Qual o sentido de:

"Prestai ouvidos"? É o mesmo das palavras do Senhor: "Quem tem ouvidos, ouça!" (Mt 11,15). Visto que todos os seus ouvintes tinham ouvidos, quais os ouvidos que procurava senão os do coração, ao declarar: "Quem tem ouvidos, ouça"? São estes os ouvidos que o salmo atinge. "Prestai ouvidos, habitantes todos do orbe". Talvez haja aqui alguma distinção a fazer. Nós, contudo, não devemos insistir demais; mas não há mal em explicar também esta opinião. É possível que haja alguma diferença entre: "todos os povos e habitantes todos do orbe". Talvez tenha mais sentido a expressão: "habitantes". Entenderíamos, então, por povos, todos os iníquos, enquanto habitantes representariam todos os justos. É habitante aquele que não está preso; pois quem está preso é habitado, não habita. De igual modo, possui quem tem alguma coisa, quem é senhor de seus bens; é senhor porque não está enredado na cupidez; mas, quem está cativo da cupidez torna-se posse dela, não possuidor. Temos na Escritura divina uma palavra referente à habitação: "Prefiro estar no limiar da casa do Senhor a habitar nas tendas dos pecadores" (Sl 83,11). Mas, se ficas no limiar da casa do Senhor, não habitas nela? O salmista atribui a habitação apenas aos que a dirigem, retém, dominam, governam; os que nela são menosprezados, de certa maneira não a habitam, mas são sujeitos. Por isso disse: Quero ser súdito na casa de Deus; prefiro-o a reinar nas tendas dos pecados. Por conseguinte se existe distinção entre "povos todos e habitantes todos do orbe", do mesmo modo como há entre "escutai e prestai ouvidos", parece, no entanto, repetição; todavia o salmista quis tratar de coisa diferente, porque estas palavras seriam ouvidas não só por pecadores e ímpios, mas também por justos. Agora ouvem todos sem distinção; mas ao chegar a prestação de contas, serão separados os que ouviram sem resultado dos que ouviram atentamente. Ouçam, portanto, igualmente os pecadores: "Escutai isto, povos todos". E escutem os justos, que ouvem com atenção, e governam a terra mais do que são dominados por ela: "Prestai ouvidos, habitantes todos do orbe".

3 [3] Prossegue: "Filhos do povo e filhos dos homens. Filhos do povo", os pecadores. "Filhos dos homens", os fiéis e justos. Cuidai, pois, de guardar esta distinção. Quem são os filhos do povo? Os filhos da terra. Quais os filhos da terra? Os que procuram obter heranças terrenas. Quais os filhos dos homens? Os pertencentes ao filho do homem. De outra vez, já fizemos esta distinção diante de vós[1], e vimos que Adão era homem, mas não filho do homem. Cristo, porém, era filho do homem, e era Deus. Os que pertencem a Adão, são "filhos da terra"; os que pertencem a Cristo, "filhos do homem". Entretanto, ouçam todos. Minha palavra não se furta a nenhum deles. Se é filho da terra, ouça por causa do juízo; se é filho do homem, ouça por causa do reino. "Todos igualmente ricos e pobres". Novas repetições. "Ricos", referem-se a filhos do povo; "pobres", a filhos dos homens. Entende por ricos os soberbos e por pobres os humildes. Tenha alguém muitas riquezas em dinheiro; se não se orgulha por causa disso é pobre. Não tenha outro coisa alguma, mas ambiciona e se orgulha, Deus o coloca entre os ricos e os réprobos. Deus interroga o coração de ricos e dos pobres, e não seu tesouro e sua casa. Não seriam pobres os que aceitam bem o preceito do Apóstolo a Timóteo: "Aos ricos deste mundo, exorta-os a que não sejam orgulhosos"? Como transformou em pobres os que eram

ricos? Tirou-lhes o motivo por que as riquezas são ambicionadas. Ninguém procura ser rico, a não ser que se orgulhe no meio em que vive, e queira parecer superior aos outros. Ao dizer o Apóstolo: "não sejam orgulhosos", igualou-os aos que não possuem bens. Pode acontecer que um mendigo, com algumas moedinhas, mais se exalte do que o rico que atende ao preceito do Apóstolo: "Aos ricos deste mundo, exorta-os a que não sejam orgulhosos". Como não serão orgulhosos? Se fizerem como se segue: "Nem ponha sua esperança na instabilidade da riqueza, mas em Deus vivo, que nos provê de tudo com abundância, para que nos alegremos" (1Tm 6,17). Não disse: os prôve; mas: "nos provê". Então, o próprio Paulo não tinha riquezas? Sim; tinha. Quais? As mencionadas pela Escritura em outro lugar: "Ao fiel, um mundo todo de riquezas" (Pr 17,6, sg. LXX). Ouve também sua declaração: "Como nada tendo, embora tudo possuamos" (2Cor 6,10). Quem quiser, portanto ser rico, não adira a uma parte, e possuirá tudo. Una-se àquele que tudo criou. "Todos igualmente, ricos, e pobres". Afirma outro salmo: "Os pobres hão de comer e saciar-se". Como recomendou os pobres? "Os pobres hão de comer e saciar-se". O que hão de comer? Aquilo que os fiéis conhecem. Como serão saciados? Imitando a paixão de seu Senhor, e não recebendo em vão o preço pago por eles. "Os pobres hão de comer e saciar-se. Louvarão o Senhor aqueles que o procuram" (Sl 21,27-30). E os ricos? Também eles comem. Mas como? "Comeram e adoraram todos os poderosos da terra". O salmista não disse: Comeram e ficaram saciados, mas: "Comeram e adoraram" (Sl 21,30). Efetivamente, adoram a Deus, mas não querem mostrar-se fraternos. Comem, adoram eles; os outros comem, e se saciam; todos comem. Exige-se daquele que come aquilo que ele come. Não se proíbe que coma o dispensador, mas se exorta que ele tema o cobrador. Ouçam, portanto, os pecadores e os justos, os povos e os habitantes da terra, "filhos do povo e filhos dos homens. Todos igualmente, ricos e pobres", não, porém, divididos, não separados. Assim sucederá no tempo da messe, a mão do que ventila pode fazê-lo. Agora todos igualmente ouçam, ricos e pobres; simultaneamente se apascentem bodes e carneiros, até que venha o Senhor e separe, uns à direita e outros à esquerda. Juntamente ouçam o mestre, para não ouvirem separados uns dos outros o juiz.

4 [4] O que hão de ouvir agora? "Meus lábios hão de proferir palavras de sabedoria e as cogitações de meu coração ditam-me a prudência". Parece que usou de repetição a fim de que tendo dito "meus lábios", compreendesses que te fala quem não tem só nos lábios a sabedoria. Muitos a possuem nos lábios e não a têm no coração. Deles assevera a Escritura: "Este povo me glorifica com os lábios, mas o seu coração está longe de mim" (Is 29,13). O que quer aquele que te fala? Tendo declarado: "Meus lábios hão de proferir palavras de sabedoria", a fim de saberes que emana do fundo do coração o que a boca profere, acrescenta: "E as cogitações de meu coração ditam-me a prudência".

5 [5] "Inclinarei meus ouvidos a uma parábola, e explicarei, ao som do saltério, a minha proposição". Quem é este cujas cogitações do coração lhe ditam prudência, de sorte que a possua o íntimo do homem e não esteja somente na superfície dos lábios? Pois, muitos não falam o que não ouvem? Quais são os que falam o que não ouvem? Os que não

fazem o que dizem, como os fariseus que o Senhor declara sentarem-se na cátedra de Moisés. O Senhor deixa que te falem da cátedra de Moisés, os que dizem e não fazem; mas deu-te uma garantia. Não temais, disse ele, "fazei tudo quanto vos disserem. Mas não imiteis as suas ações, pois dizem mas não fazem" (Mt 23,2.3). Não ouvem o que eles mesmos dizem. Aqueles que praticam o que dizem, ouvem o que dizem, e portanto dizem de maneira útil, porque ouvem. Quem só fala e não ouve, é útil aos outros, não a si. O salmista, por conseguinte, que queria ser ouvinte e locutor, ao se dirigir a ti, antes de dizer: "Explicarei, ao som do saltério, a minha proposição", isto é, falar por meio do corpo (pois a alma emprega o corpo como o salmista usa o saltério), disse: "Inclinarei meus ouvidos a uma parábola". Antes de te falar, por meio do corpo, antes que soe o saltério, "inclinarei meus ouvidos a uma parábola", isto é, ouvirei o que vou te dizer. Mas por que razão: "uma parábola"? Porque, segundo explica o Apóstolo, "agora vemos em espelho e de maneira confusa" (1Cor 13,12). "Enquanto estamos nesse corpo, estamos longe do Senhor" (2Cor 5,6). Ainda não temos a visão face a face; então não haverá mais parábolas, nem enigmas e comparações. Agora só entendemos de modo obscuro. Enigma é uma parábola obscura, de difícil interpretação. Por mais que o homem cultive sua mente e entre no seu íntimo para entender, enquanto tiver a carne corruptível, verá parcialmente. Quando vier, porém, a incorrupção, por ocasião da ressurreição dos mortos, e o Filho do homem aparecer a julgar os vivos e os mortos, então se verá o Filho do homem, que anteriormente foi julgado, a julgar, a separar os maus dos bons, pondo os maus à esquerda e os bons à direita. Vê-lo-ão os bons e os maus; mas aos maus ele dirá: "Ide para o fogo eterno"; e aos bons: "Vinde, benditos de meu Pai, recebei o reino". Irão os maus para o fogo eterno, enquanto os justos irão para a vida eterna (Mt 25,33.34. 41.46); estes terão a visão face a face, da qual os maus não são dignos. Atenção ao que vou falar. Os maus e os bons viram o Filho do homem quando estava na terra para ser julgado; pois, viram-no os apóstolos que o seguiram e viram-no os judeus que o crucificaram. Assim também, quando vier para julgar, vê-lo-ão bons e maus; os bons para receberem a recompensa de o haverem seguido, e os maus para serem punidos de o terem crucificado. Mas, somente serão condenados os que o crucificaram? Ouso dizer que somente eles. Então nós, replicam os pecadores de hoje, estamos garantidos. Se Deus não examina a alma, estais seguros. O que quero dizer com isto? Entenda bem, V. Caridade, para não dizer no juízo de Deus que não entendeu. Os judeus viram a Cristo e o crucificaram; tu não o vês, e resistes a sua palavra. Se resistes à sua palavra, não crucificarias o corpo que visses? O judeu o desprezou suspenso na cruz, e tu o desprezas sentado no céu. Ambos, portanto, o viram aqui na terra; ambos o verão ao voltar. Pois, o Filho do homem virá para julgar, assim como veio para ser julgado. O Pai não se encarnou, nem padeceu, por isso julga por meio do Filho do homem, conforme ele próprio disse no evangelho: "O Pai a ninguém julga, mas confiou ao Filho todo julgamento"; e prossegue pouco adiante: "E lhe deu o poder de julgar, porque é Filho do homem" (Jo 5,22.27). Enquanto Filho de Deus o Verbo está sempre junto do Pai; e como está sempre com o Pai, sempre julga com ele. Como Filho do homem, foi julgado e há de julgar. Como foi visto pelos que acreditaram e por aqueles que o crucificaram, ao

ser julgado, assim há de ser visto, ao começar a função de juiz, por aqueles que haverá de condenar ou coroar. Mas, os ímpios não terão aquela visão da divindade prometida aos que o amam: "Quem tem meus mandamentos e os observa é que me ama; e quem me ama será amado por meu Pai. Eu o amarei e a ele me manifestarei" (Jo 14,21). Reserva para os seus essa aparição um tanto familiar; ao invés, não se mostra aos ímpios. Que visão é esta? Que Cristo? Igual ao Pai. Como é Cristo? "No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus" (Jo 1,1). Por esta visão agora suspiramos, e gememos enquanto somos peregrinos. Nós a receberemos no fim. Hoje a temos de modo obscuro, se vemos como enigma, se inclinamos os ouvidos a uma parábola, se explicamos, ao som do saltério, a nossa proposição. Ouçamos aquilo que proferimos e façamos o que ordenamos.

6 [6] E o que diz o salmista? "Por que hei de temer no infortúnio? A iniquidade de meu calcanhar me rodeará". Começa um trecho obscuro: "Por que hei de temer no infortúnio? A iniquidade de meu calcanhar me rodeará". O temor deve ser maior se a iniquidade de seu calcanhar o cercar. Não receie o homem aquilo que é impossível evitar. Por exemplo, quem tem medo da morte, o que pode fazer para evitá-la? Responda-me de que modo escapará ao que deve a Adão quem dele nasceu. Mas pondere o seguinte: nasceu de Adão e seguiu a Cristo; terá de pagar o que deve Adão e obter o que Cristo prometeu. Quem, portanto, teme a morte, não tem como dela escapar; mas, ao contrário, quem tem medo da condenação que atingirá os ímpios: "Ide para o fogo eterno", encontrará como dela fugir. Então, não precisa ter medo? De que deve ter receio? A iniquidade de seu calcanhar o rodeará? Porquanto, se evitar a iniquidade de seu calcanhar, se seguir os caminhos de Deus, não chegará a dias de infortúnio; dias maus, que serão os derradeios, para ele não serão de infortúnio. De fato, o último dia será mau para alguns e bom para outros. Poderá ser mau para aqueles aos quais se dirá: "Vinde, benditos de meu Pai"? Mas será mau para os que ouvirem a sentença: "Ide para o fogo eterno" (Mt 25,34.41). Se a iniquidade de seu calcanhar o cercar, deve temer um dia de infortúnio? Todos os que ainda vivem aqui tenham precaução, tirem a iniquidade de seu calcanhar, andem no bom caminho, naquele a que se referiu o Senhor: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida" (Jo 14,6); e não temam no infortúnio, porquanto lhes dá segurança aquele que se tornou o caminho. "Por que hei de temer no infortúnio? A iniquidade de meu calcanhar me rodeará". Evitem, por conseguinte, a iniquidade de seu calcanhar. Pelo calcanhar pode-se escorregar. Atenção. Como falou Deus à serpente? "Ela espiará tua cabeça e tu lhe espiarás o calcanhar" (Gn 3,15). O diabo espia teu calcanhar, e se resvalas, para te derrubar. Ele espia teu calcanhar; e tu, observa-lhe a cabeça. Qual é a sua cabeça? O início da má sugestão. Repele o começo da má sugestão, antes que surja o deleite e siga-se o consentimento. Assim, evitarás a sua cabeça, e ele não morderá o teu calcanhar. Por que disse Deus isso a Eva? Porque o homem cai por meio da carne. Eva, em nosso interior, é nossa carne. "Quem ama a sua mulher ama-se a si mesmo" (Ef 5,28.29), diz o Apóstolo. Por que: "a si mesmo"? Ele continua: "Pois ninguém jamais quis mal à sua própria carne". Como o diabo suplantou aquele homem,

Adão, por meio de Eva (cf Gn 3,6), assim quer nos suplantar por meio da carne. Foi ordenado a Eva que observe a cabeça do diabo, porque o diabo espia-lhe o calcanhar. Se, pois, a iniquidade de nosso calcanhar nos rodear, por que haveremos de temer no infortúnio, uma vez que voltados para Cristo temos o poder de evitar o mal? E não haverá o que nos cerque; alegrar-nos-emos no último dia. Não choraremos.

1 Cf Comentário ao Sl 8, n. 10.

7 [7] Quais são aqueles cujo calcanhar os cerca? "Aqueles que confiam em sua força e se gloriam da abundância de suas riquezas". Uma vez que evito isto, a iniquidade de meu calcanhar não me rodeará. Como posso evitá-lo? Não confiemos em nossa força, não nos gloriemos da abundância de nossas riquezas; mas gloriemo-nos naquele que nos prometeu a elevação que cabe aos humildes e ameaçou os orgulhosos de condenação. Desta forma, a iniquidade de nosso calcanhar não nos cercará. "Aqueles que confiam em sua força e se gloriam da abundância de suas riquezas".

8 [8] Existem alguns que presumem de seus amigos; outros de seu poder, e outros ainda das riquezas. Tal é a presunção do gênero humano, que não põe sua confiança em Deus. Falava-se de poder, riquezas, amigos: "O irmão não resgata, quem resgatará?" Esperas que alguém te livre da ira que há de vir? Se o irmão não te resgata, quem resgatará? Quem é este irmão que, se não resgatar, ninguém resgatará? Aquele que disse, depois da ressurreição: "Ide anunciar a meus irmãos" (Mt 28,10). Ele quis ser nosso irmão; e quando rezamos: Pai nosso, isso se manifesta. Quem diz a Deus: Pai nosso, denomina a Cristo Irmão. Por conseguinte, quem possui a Deus por pai e a Cristo por irmão, não deve recear no infortúnio. Não o cercará a iniquidade de seu calcanhar, visto que não presume de sua força, nem se gloria da abundância de suas riquezas, nem se gaba de seus poderosos amigos. Deposite confiança naquele que morreu por causa dele, a fim de que não morresse eternamente. Por ele humilhou-se, para exaltá-lo. Procurou o ímpio, a fim de que, depois de se tornar fiel, o procurasse. Se ele, portanto, não resgata, quem resgatará? Alguém pode resgatar, se o Filho do homem não resgata? Se Cristo não redime, Adão há de redimir? "O irmão não resgata, quem resgatará?"

9 [8.9] "Não dará a Deus expiação, nem o valor de seu resgate". Confiou em sua força, e na abundância de suas riqueza se gloria quem "não dá a Deus expiação", a saber, não o aplaca por causa de seus pecados; "nem paga o valor de seu resgate", pois presume de sua força, de seus amigos, de suas riquezas. Quais são os que dão o valor de seu resgate? Aqueles aos quais o Senhor disse: "Fazei amigos com o dinheiro da iniquidade, a fim de que eles vos recebam nos tabernáculos eternos" (Lc 16,9). Pagam o preço de seu resgate os que não cessam de dar esmolas. Principalmente aqueles que foram admoestados pelo Apóstolo, através de Timóteo, a que não fossem soberbos, nem confiassem na abundância de suas riquezas; enfim, o Apóstolo não quis que estas se estragassem no poder deles, mas que eles as empregassem em algo que lhes servisse de valor de resgate por suas almas. Assim se exprime: "Aos ricos deste mundo, exorta-os a que não sejam orgulhosos, nem deponham sua esperança na instabilidade da riqueza, mas em Deus vivo

que nos provê de tudo com abundância, para que nos alegremos". Supõe-se a pergunta: Que faremos, então, de nossas riquezas? E o Apóstolo responde: "Enriqueçam-se com boas obras, sejam pródigos, capazes de partilhar", e não perderão seus bens. Como podemos sabê-lo? Ouve a continuação: "Estarão assim acumulando para si mesmos um belo tesouro para o futuro, a fim de obterem a verdeira vida" (1Tm 6,17-19). É desta maneira que pagarão o resgate de sua alma. E nosso Senhor assim admoesta: "Fazei bolsas que não fiquem velhas, um tesouro inesgotável nos céus, onde o ladrão não chega nem a traça rói" (Lc 12,33). Deus não quer que percas tuas riquezas, mas deu-te o conselho de as guardares em outro lugar. Compreendei bem. Se neste momento um amigo entrasse em tua casa, e te encontrasse colocando o trigo num lugar úmido (e ele fosse bom conhecedor da natureza corruptível do trigo, e tu não) dar-te-ia o seguinte conselho: Irmão, estragas o que colheste com tanto trabalho; tu o depositaste num lugar úmido e em poucos dias apodrecerá. Então, o que devo fazer, irmão? Coloca-o num lugar mais alto. Ouvirias a sugestão do amigo de carregares o trigo de baixo para cima, e não ouves a admoestação de Cristo de que carregues teu tesouro da terra ao céu, onde não te será devolvido o mesmo que guardas, mas pões em reserva terra e receberás o céu, guardas bens perecíveis e receberás eternos! Empresta a Cristo; ele aceita pouco na terra para te devolver muito no céu. Na verdade, porém, aqueles que estão cercados da iniquidade de seu calcanhar, como confiam em suas forças e gloriam-se da abundância de suas riquezas, presumindo também de amigos entre os homens, que nada podem prestar, não darão "a Deus expiação, nem o valor de seu resgate".

10 [9.10] E o que diz o salmista de tal homem? "Labutará eternamente e viverá até o fim". Sua labuta será sem fim, mas a vida terminará. Por que diz o salmo: "viverá até o fim"? A vida para eles está nos deleites cotidianos. Até mesmo nossos pobres e indigentes, pouco firmes, sem olhar para as promessas de Deus relativas a nossos trabalhos, se virem os ricos em seus banquetes diários, cercados do brilho do ouro e da prata, como se exprimem? Somente eles é que vivem, de fato. Diz-se assim, mas que não se diga mais, conforme exortamos. E se houver de se dizer, sejam bem menos os que o dizem do que se nós não falássemos. Pois, de fato, não presumimos que se deixará de falar assim, devido a nosso aviso, mas ao menos que diminua o número deles; porque efetivamente assim se falará até o fim dos séculos. Ainda é pouco quando se diz que só esses ricos vivem; acrescenta-se: ele grita. Julgas que só ele vive. Que viva. Sua vida terminará. Uma vez que não paga o valor de seu resgate, a vida acabará, mas a pena não. "Labutará eternamente e viverá até o fim". De que modo "viverá até o fim"? Como vivia aquele rico que se vestia de linho fino e púrpura, e se banqueteava diariamente com requinte; e desprezava, soberbo, orgulhoso, o pobre que jazia à sua porta, coberto de úlceras. Até os cães vinham lamber-lhe as úlceras. Desejava saciar-se do que caía da mesa do rico. Mas, que adiantaram as riquezas ao rico? Mudou-se a sorte de ambos. O pobre, da porta do rico, foi levado ao seio de Abraão; o rico, dos banquetes esplêndidos foi lançado ao fogo. O primeiro descansava, e o segundo ardia nas chamas; aquele era saciado, e este estava sedento; o pobre sofrera até o fim e vivia eternamente; o rico vivera até o fim e era

eternamente castigado. Que serviu ao rico, no inferno, em meio aos tormentos, pedir que Lázaro molhasse a ponta do dedo para refrescar-lhe a língua, dizendo: “Pois estou torturado nesta chama” (Lc 16,19-26), e não obteve? Ele o desejou uma gota d’água na ponta do dedo, como o pobre desejava as migalhas da mesa do rico; mas o sofrimento do pobre terminou, como terminou a vida do rico; o sofrimento deste é eterno como eterna a vida do pobre. Nós que talvez padecemos na terra, não temos aqui a nossa vida, e não estaremos assim depois. Nossa vida será Cristo, eternamente. Os outros, porém, que optam por ter aqui a sua vida, sofrerão eternamente e viverão até o fim.

11 [11] “Não verá a morte, embora veja morrerem os próprios sábios”. Aquele que sofrerá eternamente e viverá sem fim, “não verá a morte, embora veja morrerem os próprios sábios”. O que significa isto? Não entenderá o que é a morte, embora veja morrerem os próprios sábios. Diz a si mesmo: Aquele homem que era sábio, versado na sabedoria, piedoso no culto a Deus, não morreu? Procurarei, portanto, o bem-estar, enquanto vivo; pois se adiantasse pensar de outro modo eles não morreriam. Constata a morte deles, mas não sabe qual é. “Não verá a morte, embora veja morrerem os próprios sábios”. Igualmente os judeus viram o Cristo crucificado, e desprezaram-no, dizendo: Se ele fosse Filho de Deus, descesse da cruz (cf Mt 27,42), não sabendo o que é a morte. Se soubessem o que é a morte, se soubessem! Cristo morria no tempo, para reviver eternamente, enquanto eles viviam por algum tempo, para morrerem eternamente. Mas como viam-no morrer, não viam a morte, isto é, não entendiam qual a verdadeira morte. O que dizem os insensatos como consta no livro da Sabedoria? “Condenemo-lo a uma morte vergonhosa, pois diz que há quem atenda a suas palavras. Se é verdadeiramente filho de Deus, ele o libertará das mãos de seus adversários” (Sb 2,20.18). Se é, de fato, seu Filho, não permitirá que morra. Mas, ao vê-lo na cruz, e que, apesar de insultarem-no, ele não desceu dela, disseram: Em verdade, era um homem. Assim foi dito. De fato, ele podia descer da cruz, uma vez que pôde ressuscitar do sepulcro; mas ensinou-nos a suportar os que nos injuriam, ter paciência diante das más línguas dos homens, beber agora o cálice da amargura, e depois receber a salvação eterna. Bebe, ó doente, o cálice amargo, para te curares, pois tuas vísceras não estão sadias. Não hesites, porque o médico bebeu primeiro a fim de não duvidares; isto é, o Senhor tomou primeiro a amargura da paixão. Bebeu aquele que não tinha pecado, que não precisava de tratamento. Bebe até que passe a amargura deste século, e venha o século futuro onde não haverá escândalo, ira, moléstia, amargura, febre, dolo, inimizade, velhice, morte, dissensão. Trabalha aqui na terra, e chegarás ao termo; trabalha, a fim de não acontecer que não querendo aqui labutar, chegues ao fim da vida e jamais alcances o fim dos trabalhos. “Não verá a morte, embora veja morrerem os próprios sábios”.

12 “O imprudente e o néscio simultaneamente perecerão”. Quem é “imprudente”? Quem não prevê o futuro. Quem é “néscio”? Quem não entende os males de que sofre. Tu, porém, reconhece os males entre os quais vives agora e prevê os bens futuros. Compreendendo os males presentes, não serás néscio e prevendo o futuro não serás imprudente. Quem foi previdente para seu próprio bem? Aquele servo, ao qual seu

senhor confiara a administração de seus bens, e depois lhe disse: “Presta contas de tua administração, pois já não podes ser administrador”. E ele refletiu: “Que farei? Cavar? Não posso. Mendigar? Tenho vergonha”. Então, com os bens de seu Senhor adquiriu amigos, que o recebessem quando ele fosse, de fato, afastado. Defraudou seu senhor, para adquirir amigos que o recebessem; tu, porém, não tenhas medo de agir fraudulentamente; o próprio Senhor te exorta a agir, quando diz: “Fazei amigos com o dinheiro da iniquidade” (Lc 16,1-9). Talvez o que adquiriste, tu o obtiveste por meio da iniquidade; pode ser também que a iniquidade consista em que possuas e outro não, tenhas em abundância, enquanto outro passa necessidade. Deste dinheiro da iniquidade, destas riquezas, que são as únicas que os iníquos assim denominam, faze amigos e serás prudente; tu os adquires, sem sofreres alguma fraude. Agora, contudo, pareces perder. Por acaso é perdido o que guardas no tesouro? Os meninos, irmãos, quando querem comprar não sei bem o quê, ajuntam as moedas e as jogam no cofre, para abrir somente depois. Se não veem o que ajuntam, eles o perderam? Não tenhas medo. Os meninos guardam no cofre e ficam tranquilos; tu pões nas mãos de Cristo, e tens receio! Sê prudente, e guarda para o futuro, no céu. Por conseguinte, sê prudente, imita a formiga, como diz a Escritura; armazena no verão, para não passares fome no inverno (cf Pr 6,6; 30,25). Inverno é o último dia, o dia da tribulação. Inverno é o dia dos escândalos e da amargura. Guarda para teres no futuro; se não o fizeres, sendo a um só tempo imprudente e néscio, perecerás.

13 Mas, aquele rico morreu, e teve um grandioso funeral! Aí está o que preocupa os homens; não olham que vida péssima teve, e sim que pompa no enterro. Ó como é feliz quem é tão chorado! Outro viveu de tal maneira que poucos o lastimam. Mas, todos deviam lastimar quem viveu tão mal. No entanto, seu funeral é cercado de pompa, é enterrado num túmulo precioso, envolvido em vestes valiosas, sepultado com unguentos e aromas. Em seguida, que monumento! Todo de mármore! Talvez ele está vivo no monumento? Ali está morto. Os homens, considerando bens tais coisas, afastaram-se de Deus, não procuraram a verdade, e enganaram-se com falsidades; entretanto, vê a continuação do salmo. Quem não deu o valor de seu resgate, não entendeu o que é a morte e viu os sábios morrerem, tornou-se imprudente e néscio, para de modo igual morrer. E como hão de perecer os que “deixam suas riquezas aos estranhos? Simultaneamente perecerão o imprudente e o néscio”.

14 Atenção, irmãos. “E deixarão suas riquezas aos estranhos”. Constitui uma espécie de maldição possuírem os estranhos os seus bens, depois que eles morreram. Por conseguinte, felizes os que deixam os filhos de posse delas, como seus sucessores. Se teve filhos, não morreu. E como agem os filhos? Guardam a herança de seus pais. E não basta. Eles a aumentam. Mas, para quem a conservam? Para seus filhos, e estes para os netos, que a conservam para os bisnetos. O que dão ao Cristo? O que reservam para sua alma? Tudo para os filhos. Entre os filhos que têm na terra, incluam um irmão que possuem no céu, ao qual tudo deveriam dar, ou com ele dividir. Ao invés, pode dizer-me alguém: Eis que a Escritura chama de malditos os que morrem e deixam sua riquezas a

estranhos, e felizes os que as legam aos seus. Discuto esta opinião, porque inclino meus ouvidos a uma parábola, e vejo que a Escritura não se exprime assim inutilmente. Constato que muitos iníquos morrem e deixam os filhos por sucessores. A Escritura não falaria assim, isentando da infelicidade aqueles cuja vida reprova. Sei, irmãos; o que podeis pensar? Todos eles deixam suas riquezas a estranhos? Como os filhos seriam estranhos? Os filhos dos maus são estranhos para eles. Podemos descobrir um ou outro estranho que se torne da família, porque lhe é útil. Se algum dos teus em nada te ajuda, é um estranho. Onde encontramos certo estrangeiro que se tornou próximo de outro, porque o acudiu? No evangelho. Jazia alguém, ferido por ladrões. O Senhor havia dito a um mestre da lei: "Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Ele, porém, respondera: E quem é o meu próximo? E o Senhor narrou o seguinte: "Um homem descia de Jerusalém a Jericó, e caiu no meio de assaltantes que, após havê-lo espancado, foram-se, deixando-o semimorto". Passaram por ali conterrâneos seus. Ele era judeu, e descia de Jerusalém a Jericó. "Descia um sacerdote, e passou adiante; um levita atravessou o lugar e prosseguiu, igualmente; certo samaritano, porém", samaritano desconhecido, estrangeiro, "chegou junto dele, viu-o e moveu-se de compaixão. Cuidou de suas chagas, colocou-o em seu próprio animal, conduziu-o à hospedaria, e recomendou-o ao hospedeiro". Parece-me que tudo isto, que foi dito como um mistério, é longo demais para ser explicado agora; no entanto, está de acordo com o nosso assunto a pergunta do Senhor: "Qual dos três foi o próximo do homem ferido? Ele respondeu: Creio que aquele que usou de misericórdia para com ele. Jesus então lhe disse: Vai, e também faze tu o mesmo" (Lc 10,27-37). Aquele de quem te compadeces, torna-se teu próximo. Se, portanto, o samaritano estrangeiro, praticando a misericórdia e socorrendo o ferido, foi seu próximo, aqueles que não podem te acudir na tribulação tornaram-se estranhos para ti. Agora, voltemos a atenção para os ricos que viveram mal, que agiram com orgulho; morreram e deixaram aos filhos, já não digo aos estranhos, as suas riquezas, e seus filhos seguem as pegadas dos pais. Pais soberbos e filhos soberbos; ladrões os primeiros, e também os segundos; avaros os pais, e igualmente os filhos, que se tornaram estranhos para eles. E para verificares que são estranhos, por acaso àquele rico que ardia nas chamas socorreram os sucessores de suas riquezas? Observamos no envagelho, que ele os tinha, porque declara: "Tenho cinco irmãos" (Lc 16,28). Os irmãos não puderam socorrê-lo quando ardia nas chamas. O que te diria o rico? Tenho cinco irmãos; de um único irmão não fiz meu amigo, aquele que jazia diante de minha porta. Os outros, que estão de posse de minhas riquezas não podem me socorrer; tornaram-se-me estranhos. Vedes aí que todos os que levam vida má, deixam a estranhos as suas riquezas.

15 [12] Mas, certamente, os ajudam esses estranhos, que são chamados seus? Ouvi de que adiantam eles, observai como zombam deles: "O imprudente e o néscio simultaneamente perecerão, e deixarão suas riquezas aos estranhos". Por que razão "estranhos"? Porque em nada lhes são de proveito. Entretanto, em alguma coisa parecem ser úteis: "E os seus sepulcros serão as suas casas eternamente". Visto que se constroem os sepulcros, são uma espécie de casas. Pois, não raro ouvis um rico dizer: Tenho uma

casa de mármore que deixarei, e não penso na casa eterna onde ficarei para sempre. Quando decide fazer um mausoléu de mármore ou esculpido, parece-lhes fazer uma casa eterna, como se aquele rico do evangelho permanecesse em seu sepulcro. Se nele ficasse, não arderia no inferno. Importa cogitar aonde irá a alma de quem age mal, e não cuidar onde depositar o corpo mortal. "Os seus sepulcros serão as suas casas para sempre. Suas tendas, de geração em geração". "Tendas", que habitaram transitoriamente; "casas", onde permanecerão quase para sempre, isto é, os sepulcros. Deixam, portanto, suas tendas, onde ficavam enquanto viviam, e transferem-se para os sepulcros, como se fossem casas eternas. O que lhes aproveitam "suas tendas, de geração em geração"? Geração e geração, ou seja, filhos, netos e bisnetos. Para que servem, que aproveitam suas tendas? O quê? Escuta: "E invocarão o nome deles em suas terras". Levarão pão e vinho aos sepulcros, e ali invocarão o nome dos mortos. Imagina quanto foi invocado depois da morte o nome daquele rico, quando os homens se embriagavam em memória dele, enquanto nem uma gota chegava à sua língua a arder de sede! Os homens cuidam de seu estômago, não das almas dos seus. Às almas dos mortos chega apenas o que eles obtiveram em vida; se em vida nada obtiveram, nada chega até eles, depois de mortos. Então, o que fazem os outros? Somente "invocarão o nome deles em suas terras".

16 [13] "Mas o homem, entre honrarias, não entendeu. Foi comparado aos jumentos irracionais e se lhes fez semelhante". Assim são insultados os homens, que não entenderam como agir relativamente a suas riquezas durante a vida, e tinham a opinião de que seriam felizes se tivessem um mausoléu de mármore, qual habitação eterna, e se os seus, aos quais deixariam suas posses, invocassem seus nomes em suas terras. Deviam, ao contrário, preparar para si uma casa eterna, por meio de boas obras, obter a vida imortal, depositar de antemão o seu custo e acompanhá-lo com as obras, prestar atenção ao companheiro de viagem necessitado, dar àquele com o qual caminhava, não desprezar o Cristo coberto de úlceras à sua porta, e que disse: "Cada vez que o fizestes a um desses mais pequeninos, que são meus, a mim o fizestes" (Mt 25,40). Por conseguinte, o homem entre honrarias não entendeu. O que significa: entre honrarias? Feito à imagem e semelhança de Deus, (cf Gn 1,26), o homem está acima dos animais. Deus não fez o homem do mesmo modo como criou os animais, mas fez os animais para servirem o homem. Mas, para servirem às suas forças e não a sua inteligência? O homem, porém, "não entendeu", e feito à imagem de Deus, "foi comparado aos jumentos irracionais e se lhes fez semelhante". Por este motivo, se disse em outra parte: "Não sejais como o cavalo e o mulo, sem inteligência" (Sl 31,9).

17 [14] "Seu caminho lhes serve de tropeço". A eles, não a ti. Quando será também a ti? Se pensares que eles são felizes. Se compreendes que não são felizes, a eles seu caminho serve de tropeço; não a Cristo, não a seu corpo, não a seus membros. "Depois, louvarão com sua boca". O que significa: "Depois, louvarão com sua boca"? Quando se tornarem tais que só procuram bens temporais, fazem-se hipócritas; e se bendizem a Deus, fazem-no com os lábios, não com o coração. Esses, ao se tornarem cristãos, quando se louva diante deles a vida eterna, e se declara que devem desprezar as riquezas, em nome de

Cristo, torcem os lábios interiormente. Se não ousam desprezar exteriormente, para não se envergonharem ou serem corrigidos pelos outros, fazem-no no coração; têm, então a bênção nos lábios, e a maldição no coração. “Depois, louvarão com sua boca”. Seria muito longo ainda se quiséssemos terminar o salmo. Baste para hoje o que ouvistes; amanhã ouvireis quanto Deus quiser.

SERMÃO II

1 [14] Ontem devíamos terminar o salmo que começamos a comentar, conforme se lembra V. Caridade. Havíamos chegado ao versículo onde o Espírito de Deus assinala homens que só cuidam das coisas seculares e terrenas, e de nada da vida futura, nem consideram haver outra felicidade senão as riquezas e honras deste mundo, e o poder transitório. Quanto ao que vem depois da morte, só atendem a garantir para si um funeral cheio de pompa, a serem sepultados em mausoléus construídos de maneira admirável, a serem invocados seus nomes em suas terras. Não procuram obter habitação para a alma após esta vida. São estultos, que não tremem diante da palavra de Cristo: “Insensato, nesta mesma noite ser-te-á reclamada a alma. E as coisas que acumulaste, de quem serão?” (Lc 12,20). Nem consideram que depois dos lautos banquetes cotidianos, da púrpura e do linho fino, o rico é condenado aos tormentos no inferno, enquanto o pobre, após os trabalhos, as úlceras e a fome, repousa no seio de Abraão (cf Lc 16,19). Disso não cuidam, mas atendem ao presente, descuidados do que vem depois da morte, a não ser de que seus nomes reprovados no céu, sejam lembrados na terra. O Espírito Santo os descreve da seguinte maneira: “Seu caminho lhes serve de tropeço. Depois, louvarão com sua boca”. Está de acordo com o que nosso Senhor Jesus Cristo declara de alguns, que primeiro têm acesso à fé, são purificados pela palavra de Deus e pelos exorcismos em nome de Cristo para receberem a graça de Deus e serem batizados, e depois retornam a males piores do que aqueles pecados que antes cometiam. Diz o Apóstolo Pedro: “O seu último estado se torna pior do que o primeiro” (2Pd 2,20). E o Senhor: “A condição final daquele homem torna-se pior do que antes” (Lc 11,26). Qual a razão disso? Porque antes, ao menos era abertamente pagão; agora, disfarça-se sob o nome de cristão, e é um malvado oculto debaixo do véu da religião. Será pior, porque oculto, segundo a palavra do salmo: “Depois, louvarão com sua boca”, isto é, ouvem-se o nome de Deus e o nome de Cristo em seus lábios, mas não se encontram em seus corações. Aplica-se a eles a expressão: “Este povo me glorifica com os lábios, mas o seu coração está longe de mim” (Is 29,13). Até aqui expliquei o salmo.

2 [15] Em seguida, assim começam os versículos que hoje devemos discutir e tratar: “São lançados no inferno, como ovelhas. A morte é seu pastor”. De quem? Daqueles cujo caminho lhes serve de tropeço. De quem? Dos que só dão atenção aos bens presentes, sem pensar nos futuros; dos que não consideram vida senão a que devia ser denominada morte. Não é, portanto, sem razão que, estando no inferno quais ovelhas, tenham a morte por pastor. Qual o sentido da frase: Têm a morte por pastor? A morte é

efetivamente alguma coisa, um poder? De fato, a morte é separação entre alma e corpo; a que é temida pelos homens é a separação entre alma e corpo. Mas, a morte verdadeira, que os homens não receiam, é a da alma separada de Deus. Muitas vezes, os homens têm medo da morte que separa a alma do corpo, e por causa disso incorrem naquela que separa a alma de Deus. Isto é que é morte. Como, então, "a morte é seu pastor"? Se Cristo é a vida, o diabo é a morte. Temos em muitos lugares da Escritura a afirmação de que Cristo é a vida. A morte, porém, é o diabo; não que ele próprio seja a morte, mas porque a morte vem por meio dele. Quer se trate da morte em que incorreu Adão, pois foi pela persuasão do diabo que o homem a sorveu, quer seja a da separação entre alma e corpo, é seu autor aquele que primeiro caiu pela soberba e invejou o homem que estava de pé. Derrubou-o pela morte invisível de tal modo que também ficasse sujeito à morte visível. Têm a morte por pastor os que dele dependem; nós, porém, que consideramos a futura imortalidade, e com razão trazemos na fronte o sinal da cruz de Cristo, temos por pastor somente a vida. A morte é pastor dos infiéis, a vida pastoreia os fiéis. Se, portanto, acham-se no inferno as ovelhas que têm a morte por pastor, no céu estão aquelas cujo pastor é a vida. O que dizer, então? Já estamos no céu? No céu, segundo a fé. Se ainda não estamos no céu, para onde vamos quando ouvimos: Corações ao alto? Se não estamos no céu, onde, então, quando o Apóstolo declara: "Mas a nossa cidade está nos céus" (Fl 3,20)? Segundo o corpo, andamos na terra, mas de coração habitamos no céu. Lá está nossa habitação, se para lá enviamos algo que ali nos prenda. Pois, ninguém habita de coração senão no lugar em que pensa; onde está seu pensamento, está seu tesouro. Se entesoura na terra, o coração não se aparta da terra; se entesoura no céu, seu coração não desce do céu. O Senhor o afirma claramente: "Onde está o teu tesouro aí estará também teu coração" (Mt 6,21).

3 Aparentemente estão em franco progresso durante algum tempo aqueles cujo pastor é a morte, enquanto os justos estão em trabalhos. Por que isso? Porque ainda é noite. O que significa: é noite? Não aparecem os méritos dos justos, e a felicidade dos ímpios é afamada. No inverno a erva parece mais verde do que a árvore. A erva no inverno está verdejante, e a árvore parece seca. Ao sair o sol, com maior ardor no verão, a árvore que parecia seca no inverno, enche-se de folhas, produz frutos; ao contrário, a erva seca. Verás a árvore frondosa e a erva murcha. Assim também agora os justos pelejam, antes que venha o verão. A vida está na raiz e ainda não aparece nos ramos. Nossa raiz é a caridade. E o que diz o Apóstolo? Que tenhamos a raiz no alto, que a vida seja nosso pastor. Nossa habitação não deve estar fora do céu. Na terra vivamos como se estivéssemos mortos. Vivendo no alto, sejamos mortos aqui em baixo e não, ao invés, mortos em cima, vivos em baixo. Nossa vida e nosso coração não se afastem do alto. Como se exprime o Apóstolo? "Pois morrestes"; mas não tenhais medo: "A vossa vida está escondida com Cristo em Deus. Eis onde se acha nossa raiz". Quando a nossa honra aparecer, como se fossem folhas e frutos, conclui ele: "Quando Cristo, que é a nossa vida, se manifestar, então vós também com ele sereis manifestados em glória" (Cl 3,3.4). Será a manhã. Efetivamente, agora não é a manhã. Inchem-se agora os soberbos e ricos deste mundo, os ímpios injuriem, os bons, os infiéis aos fiéis, dizendo: Que proveito

tirastes em acreditar? O que possuís a mais por possuírem a Cristo? Respondam os fiéis, se o são de fato: Agora é noite. Ainda não se vê o que possuímos. As mãos não se cansem de praticar boas obras. Por isso, diz outra passagem dos salmos: “No dia de minha tribulação procurei a Deus, com minhas mãos, de noite, diante dele, e não fiquei decepcionado” (Sl 76,3). De manhã, nosso labor aparecerá e frutificará. Os que agora trabalham, depois dominarão; ao invés, os que agora se gabam e se orgulham, depois estarão sujeitos. Pois, como continua o salmo? “São lançados no inferno como ovelhas. A morte é seu pastor. E ao amanhecer os retos dominarão”.

4 Penso que este versículo já está bem claro, porque antes o explicamos: “Ao amanhecer os retos os dominarão”. Tolera a noite. Deseja a manhã. Não penses que à noite há vida, e de manhã não. Por acaso vive quem está dormindo, e quem acorda não vive? Não é o que dorme que se assemelha mais ao morto? Quais são os que dormem? Aqueles que o apóstolo Paulo desperta, se é que querem estar despertos. Porquanto ele interpela a alguns: “Ó tu, que dormes, desperta e levanta-te de entre os mortos, que Cristo te iluminará” (Ef 5,14). Quem é iluminado por Cristo fica vigilante, mas ainda não se manifesta o fruto de suas vigílias; ao amanhecer aparecerá, isto é, quando houverem passado as incertezas deste mundo. É noite. Não aparecem trevas? Alguém pratica o mal; vive, progride, causa terror, é honrado. Outro pratica o bem; é censurado, amaldiçoado, acusado, labuta, atemoriza-se. São trevas. Na raiz, contudo, acham-se vigor, frutos, opulência. A vida ainda não alcançou os ramos, mas a raiz não secou. Parece seca. Mas virá a época oportuna. Reveste-se de sua fronde, produz seus frutos. Como se exprime outro salmo a respeito daqueles aos quais não devemos invejar? “Bem cedo hão de secar como o feno e murchar qual erva do campo” (Sl 36,1.2). Cairão ao verem os santos à direita. Eles os insultavam. Mas falarão arrependidos, com inúteis e tardios remorsos. Recusam-se a fazer penitência proveitosa; então a farão em vão. Como se exprimirão, com seus remorsos? “São aqueles de quem outrora nos ríamos, de quem fizemos alvo de ultraje”. Refiro termos do livro da Sabedoria. Conhecem-nos os que costumam ouvi-los. Essas palavras serão proferidas pelos malvados quando virem o juiz e os fiéis à sua direita, e todos os santos a julgarem com ele. Deverão exprimir-se assim. A Escritura registra suas palavras: “São aqueles de quem outrora nos ríamos, de quem fizemos alvo de ultraje, nós insensatos! Considerávamos a sua vida uma loucura” (Sb 5,3-4). Quando alguém começar a viver para Deus, a desprezar o mundo, a não vingar-se das injúrias recebidas, a não querer possuir riquezas na terra, nem procurar felicidade terrena, e desprezar tudo, a só pensar no Senhor, a não abandonar o caminho de Cristo, não são somente os pagãos que dizem: Está louco. Mais lamentável é que também dentro da Igreja muitos dormem e não querem despertar, de sorte que é dos seus, dos cristãos que aquele fiel escuta: Por que sofres? Meus irmãos quem é que pergunta ao homem que vive segundo o caminho de Cristo: Por que sofres? Quem é que pensamos que assim pergunta? Ficamos horrorizados porque os judeus disseram a nosso Senhor Jesus Cristo: “Tens um demônio” (Jo 8,48); e ao ouvirmos a leitura deste trecho do evangelho batemos no peito. Os judeus proferiram a respeito de Cristo detestável blasfêmia: “Tens um demônio”. E tu, cristão, se vires que um demônio foi expulso do coração de um

homem, onde Cristo começa a habitar, e perguntas: Por que sofres? Não te parece que tem um demônio? Os judeus afirmavam que o próprio Senhor estava louco, quando proferia palavras que eles não entendiam. Disseram: “Ele tem um demônio! Está louco!” (Jo 10,20.21). Ao invés, outros despertavam do sono e afirmavam: “Não são de um possesso estas palavras”. De igual maneira, irmãos, ao ouvirem estas palavras as gentes, os habitantes da terra, os filhos do povo e os filhos dos homens, os ricos e os pobres, a saber, os que pertencem a Adão e os que pertencem a Cristo, uns declaram: “Tem um demônio”, e outros asseguram: “Não são de um possesso estas palavras”. Uns seguem os caminhos do mundo, e ouvem estas palavras por pouco tempo; outros não escutam em vão, mas atendem à palavra: “Prestai ouvidos, habitantes todos do orbe”. Enquanto assim agem, o fruto é incerto. Mas os que agem mal, e escolhem os caminhos do mundo, têm a morte por pastor; os que preferem o caminho de Deus, a vida é seu pastor. A própria Vida há de vir para julgar e condenar com seu pastor aqueles aos quais será dito: “Ide para o fogo eterno preparado para o diabo e para os seus anjos”. Os que foram injuriados e escarnecidos por sua fé, ouvirão da própria Vida, seu pastor: “Vinde, benditos de meu Pai, recebei por herança o reino preparado para vós desde a criação do mundo” (Mt 25,41.34). “Os retos”, portanto, “os dominarão”, não agora, mas “ao amanhecer”. Ninguém diga: Para que sou cristão? Não mando em ninguém. Se ao menos desse ordens aos iníquos! Não te apresses. Hás de dominar, mas ao amanhecer. “Os auxílios, de que se gloriam, no inferno perderão o viço”. Agora têm a glória; mas no inferno perderão o viço. Quais “os seus auxílios”? Auxílio proveniente do dinheiro, dos amigos, de seu poder. Mas, no dia em que morrer, perecerão todas as suas cogitações (cf Sl 145,4). Quanto maior for a glória que parecer possuir entre os homens, em vida, maior terá o envelhecimento e a corrupção inerentes aos suplícios, no inferno, quando morrer.

5 [16] “Entretanto Deus livrará a minha alma”. Palavra de esperança, para o futuro: “Entretanto Deus livrará a minha alma”. Pode ser também palavra de quem procura livrar-se das angústias. De um encarcerado que afirma: Deus há de livrar a minha alma; de um prisioneiro: Deus livrará a minha alma. Alguém em perigo no mar, sacudido pelas ondas e no furor da tempestade, o que diz? Deus há de livrar a minha alma. Querem salvar a vida. Diferente é o versículo do salmo. Ouve como prossegue: “Deus livrará a minha alma do poder do inferno, tomando-me consigo”: Refere-se à redenção que Cristo já demonstrou em si. Ele desceu aos infernos, e subiu ao céu. Descobrimos no corpo o que vimos na Cabeça. Testemunhas oculares nos anunciaram aquilo que acreditamos realizado na Cabeça; vimos através deles, porque somos um só corpo. (cf 1Cor 12,12; Rm 12,5). Mas, seriam melhores os que viram do que nós que recebemos a mensagem? Não é isso que assevera a própria Vida, nosso pastor. Pois, censura determinado discípulo com dúvidas, e desejoso de apalpar as suas cicatrizes; e após ter ele tocado as chagas e exclamado: “Meu Senhor e meu Deus!” o Senhor o viu, com suas dúvidas, e considerando toda a terra que haveria de crer, disse: “Porque viste, creste. Felizes os que não viram e creram!” (Jo 20,28.29). “Entretanto Deus livrará a minha alma do poder do

inferno, tomando-me consigo”. Aqui, na terra, com que contamos? Com trabalho, angústias, tribulação, tentação; não esperes outra coisa. Onde haverá alegria? Na esperança dos bens futuros, porquanto ordena o Apóstolo: “Sempre alegres”. Em meio a tantas tribulações, sempre alegres, sempre tristes; sempre alegres, porque ele mesmo declara: “Como tristes e, não obstante, sempre alegres”. Nossa tristeza vem acompanhada de um “quase”, como se; nossa alegria não tem um “quase”, porque na esperança ela é segura. Por que motivo nossa tristeza tem antes um “como se”? Porque há de passar como um sonho, e “ao amanhecer os retos dominarão”. Sabe V. Caridade que alguém, ao contar um sonho, acrescenta: “como que”. Como que estava sentado, como que falava, tomava uma refeição, montava o cavalo, discutia. Tudo isso: “como que”. Ao acordar, não encontra o que via. Um mendigo narra: Como que encontrei um tesouro. Não seria mais mendigo, se não fosse aquele “quase”, mas como foi “quase”, continua mendigo. De igual maneira, os que têm olhos abertos para as alegrias deste mundo e o coração fechado, passa o “como que” e vem a realidade. O “quase” é a felicidade neste século, e a realidade é o castigo. Para nós, porém, a tristeza é “como que”, mas a alegria não é “como que”. Pois, o Apóstolo não diz: como que alegres, mas sempre tristes; ou: Como tristes e como alegres; e sim: “Como tristes, e não obstante, sempre alegres; como indigentes” (e aqui disse: assim como, “sicut” em vez de quase “quasi”) “e, não obstante, enriquecendo a muitos”. Quando o Apóstolo assim se expressava, nada possuía; havia renunciado a tudo e nada tinha. E como prossegue? “Como nada tendo, embora tudo possuamos” (2Cor 6,10). Nada ter era o “quase” do Apóstolo; e o possuir não era “quase”. Como necessitado, enriquecia de fato a muitos, e não: quase. Como nada tendo; não obstante, tudo efetivamente possuía, e não quase. Por que em verdade possuía tudo? Porque se unia ao criador de tudo. “Entretanto, Deus livrará a minha alma do poder do inferno, tomando-me consigo”.

6 [17] O que sucede aos que querem prosperar na terra? Vês um homem malvado progredindo em tudo, e talvez teus pés vacilem, enquanto dizes a ti mesmo: Ó Deus, conheço bem as ações deste homem, os crimes que praticou, e no entanto progride, causa terror, domina, orgulha-se, não tem dor de cabeça, não sofre perdas em casa; e terás medo de ter acreditado e provavelmente sugere-te o coração: Ai de mim! Nada me adianta ter acreditado, pois Deus não cuida das coisas humanas. Deus, entretanto, nos desperta. Como? “Não temas quando um homem se enriquece”. Por que recear se um homem se enriquece? Tinhas medo de ter acreditado em vão, de perder o trabalho de tua fé e a esperança de tua conversão. Talvez te tenha apresentado oportunidade de um lucro fraudulento, e poderias, se o obtivesses com dolo, estar rico e não trabalhar; mas ponderando nas ameaças de Deus, tu evitaste a fraude e desprezaste o lucro. Vês que outro obteve lucro fraudulento, e nada sofreu; e tens medo de ser bom. “Não temas”, diz o Espírito de Deus, “quando um homem se enriquece”. Queres ter olhos só para as coisas presentes? O ressuscitado prometeu bens futuros; quanto à paz nesta terra e ao repouso nesta vida, não há promessa. Cada um procura ter repouso; é boa coisa o que deseja, mas não a procura onde se encontra. Não existe paz nesta vida. Foi-nos

prometido alcançarmos no céu aquilo por que anelamos na terra. Há promessa de termos no século futuro o que queríamos ter aqui.

7 17.18 "Não temas quando um homem se enriquece, e avulta o esplendor de sua casa". Por que motivo: "Não temas? Pois ao morrer nada levará consigo". Olhas um ser vivo; pensa que há de morrer. Presta atenção ao que tem aqui; observa o que leva consigo. Que bens leva consigo? Tem aqui muito ouro, muita prata, muitos prédios, escravos. Morre. Fica tudo isso e ele não sabe para quem. Pois, embora deixe para quem quiser, não conserva para quem quiser, porquanto muitos adquiriram aquilo que não lhes foi legado, e muitos perderam o que herdaram. Por conseguinte, fica tudo aqui, e o que leva consigo? Talvez responda alguém: Leva consigo as vestes com que está recoberto, e o que é gasto num sepulcro precioso e invertido de mármore, para manter sua memória; isto é o que leva consigo. Respondo: Nem isso. São empregados em favor de um insensível. Se colocas ornamentos em alguém que dorme, que não está desperto, ele os tem consigo no leito; talvez está bem vestido o corpo inerte, enquanto em sonhos ele se vê em farrapos. É mais importante para ele o que sente do que o que não sente. Embora não o seja quando acordar, no entanto, enquanto dormia, importava-lhe mais o que via em sonhos do que aquilo que não percebia. Então, irmãos (apesar de dizerem os homens: Façam-se despesas com a minha morte; porque hei de deixar ricos os meus herdeiros? Herdarão muito do que é meu. Receba eu também um pouco do que é meu, em meu corpo), o que receberá o cadáver? O que terá a carne em putrefação? O que receberá o corpo insensível? Se aquele rico (cf Lc 16,24), cuja língua estava ressequida, recebeu alguma coisa, então esses outros terão algo do que era seu. Irmãos, por acaso lemos no evangelho que aquele rico aparecia no meio do fogo com vestes inteiramente de seda e linho fino? Era tal no inferno qual se apresentava à mesa dos banquetes? Se tinha sede e desejava uma gota de água, não tinha ali todas essas coisas. Em consequência, o homem não leva consigo tudo, nem carrega consigo o morto aquilo que a sepultura recebe. O homem se acha onde está sua sensibilidade; se está insensível, já não é homem. Está prostrado o vaso que continha o homem, a casa que o abrigava. Digamos que o corpo é a casa e o espírito o seu habitante. O espírito estava atormentado no inferno; de que lhe servia ter o corpo a jazer entre cinamono e aromas, envolvido em preciosa mortalha? Assemelha-se ao seguinte: o dono da casa é exilado, e tu ornamentas as paredes da casa. Ele vive no exílio em necessidade, faminto, mal encontra uma cela para dormir, e dizes: Ele é feliz, pois sua casa está ornamentada. Quem não pensaria numa pilhéria, ou que estás louco? Enfeitas o corpo e o espírito é torturado. Dá alguma coisa à alma, e deste ao morto. Mas o que podes lhe dar, se desejou uma gota de água e não recebeu? Aqui na terra ele descuidou de enviar algo a sua frente. Por que desprezou fazê-lo? Porque o caminho do pecador serve de tropeço. Considerava como vida só a presente, e providenciou apenas ser sepultado com roupas preciosas. Sua alma lhe foi pedida, conforme diz o Senhor: "Insensato, nessa mesma noite ser-te-á reclamada a alma. E as coisas que acumulaste, de quem serão" (Lc 12,20)? E cumpriu-se a palavra deste salmo: "Não temas quando um homem se enriquece, e avulta o esplendor de sua casa. Pois, ao

morrer nada levará consigo, nem descerá ao sepulcro com ele a sua glória".

8 [19] "Porque durante a vida bendisse a si mesmo". Prestai atenção. "Porque durante a vida bendisse a si mesmo". Enquanto vivia, cuidou de seu bem-estar. Assim opinam todos, mas é falso. A bênção provém do ânimo de quem bendiz, e não da realidade em si. O que estás dizendo? Uma vez que ele comeu e bebeu, fez tudo o que quis, banqueteou-se fartamente, fez o bem a si mesmo? A meu ver ele praticou o mal para si. Pois, aquele rico quando diariamente se banqueteava com requinte, pensava que procurava o bem para si; ao começar a arder no inferno, então verificou que era um mal o que ele julgava um bem. Comera na terra e digeria nos infernos. Quero dizer, irmãos, a iniquidade com que se fartava. Ingeria alimentos caríssimos com a boca carnal, e a boca do coração alimentava-se de iniquidade. O que na terra, o coração ingeria, nos infernos digeria entre suplícios. Efetivamente, comera por algum tempo e eternamente digeria o mal. Então se come a iniquidade? Talvez pergunte alguém: O que é que dizes? Come-se a iniquidade? Não sou eu que digo. Escuta como se exprime a Escritura: "Vinagre nos dentes, fumaça nos olhos, tal é a iniquidade para quem a emprega" (Pr 10,26). Quem ingerir a iniquidade, isto é, quem a praticar voluntariamente, não poderá assimilar a justiça. Pois, a justiça é pão. Quem é pão? "Eu sou o pão vivo descido do céu" (Jo 6,51), diz o Senhor: Ele é o pão de nosso coração. Quem ingerir pela boca uvas ácidas fica com os dentes sem corte, embotados, e torna-se-lhe difícil até comer pão; resta-lhe elogiar o que vê, sem poder comer. Assim também, quem praticou a iniquidade e com o coração se alimentou de pecados, começa a ser incapaz de comer pão; louva a palavra de Deus e não a pratica. Por que não a pratica? Porque ao começar a praticá-la, sente dificuldade, como sentimos que é difícil para os dentes, depois das uvas azedas, comer pão. Mas o que fazem os que ficaram com os dentes embotados? Abstêm-se um pouco das uvas ácidas, e os dentes recuperam sua força e mastigam o pão. Igualmente nós louvamos a justiça; se queremos ingerir a justiça, abstenhamo-nos das iniquidades; e nascerá no coração não apenas o gosto de louvar a justiça, mas ainda a facilidade de a assimilar. Pois, se declara cristão: Deus sabe que me agrada, mas não posso praticá-la, ele tem os dentes quebrados, porque longamente se alimentou da iniquidade. Então, também se come a justiça? Se não se comesse, o Senhor não teria dito: "Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça" (Mt 5,6). "Durante a vida bendisse a si mesmo". Durante a vida bendisse, na morte será atormentado.

9 "Confessar-te-á quando lhe fizeres o bem". Atendei. Alimentai-vos. Adira a vossos corações. Comei. Observai tais homens e não sejais de seu número. Precavei-vos de tais palavras. "Confessar-te-á quando lhe fizeres o bem". Quantos, irmãos, são os cristãos que agradecem a Deus quando obtêm algum lucro! É o que significa: "Confessar-te-á quando lhe fizeres o bem". Louvará e dirá: Em verdade, tu és o meu Deus. Livrou-me do cárcere, eu o confessarei. Veio um lucro, louva; veio uma herança, louva; sofre um revés, blasfema. Que espécie de filho és tu; se o pai te corrige, te desagrada? Corrigiria, se não lhe desagradasses? Ou se desagradasses a tal ponto que te odiasse, procurarias te emendar? Agradece àquele que te corrige a fim de receberes a herança da parte de Deus

que te emenda. Estás sendo educado ao seres corrigido. Se corrige muito é por ser grande o que deves receber. Pois, se pesares a correção, tendo por contrapeso a recompensa, verás que nada é o castigo presente. O apóstolo Paulo o assegura: "Pois nossas tribulações momentâneas são leves em relação ao peso eterno de glória que elas nos preparam. Mas quando? Não olhamos para as coisas que se veem: pois o que se vê é transitório, mas o que não se vê é eterno". E ainda: "Os sofrimentos do tempo presente não têm proporção com a glória que deverá revelar-se em nós" (2Cor 4,17.18; Rm 8,18). Por conseguinte, que importância tem o que sofres? Mas, sofres continuamente. Concedo. Desde que nasceste, em todas as idades até a velhice, até a morte, imaginemos que sofreste o que padeceu Jó. O que ele sofreu em alguns dias, sofre alguém desde a infância. Todavia, passa o que sofres; o que hás de receber não terá fim. Não proponho que iguales a pena ao prêmio. Se puderes, iguala o tempo à eternidade.

10 "Confessar-te-á quando lhe fizeres o bem". Não sejais destes homens, irmãos. O motivo de dizermos estas coisas, de as cantarmos, de explicarmos, de suarmos é este: Não procureis agir assim. Vossos negócios vos experimentam. Algumas vezes, em vosso negócio ouvis a verdade e blasfemais, blasfemais contra a Igreja. Por quê? Porque sois cristãos. Se assim é, dizes, passo para o partido de Donato; quero ser pagão. Qual a razão? Porque mordeste o pão e doem-te os dentes. Ao vires o pão, louvavas; começaste a comer e os dentes doem; isto é, ouvias a palavra de Deus e louvavas com os outros; mas se te é dito: Age desta maneira, blasfemas. Não faças isto. Dize: O pão é bom, mas eu não posso comê-lo. Pois, se o vês com os olhos, elogias; ao começares a mastigar, dizes: Este pão é ruim. Quem é que o fez? Acontece, então, que confessas a Deus, quando ele te faz o bem. E mentes, ao cantares: "Bendirei o Senhor em todo o tempo; seu louvor estará sempre em minha boca" (Sl 33,2). Exige-se que teu coração esteja de acordo com o cântico de teus lábios. Cantaste na Igreja: "Bendirei o Senhor em todo o tempo"; como "em todo o tempo"? Se obténs lucro em todo o tempo, em todo o tempo bendizes; se vem algum prejuízo, não bendizes, mas blasfemas. Certamente bendizes em todo o tempo, com certeza seu louvor estará sempre em tua boca? Ou serás tal como aqui é descrito: "Confessar-te-á quando lhe fizeres o bem"?

11 20.21 "Entrará na linhagem de seus pais", isto é, imitará os seus pais. Os iníquos de hoje têm irmãos e pais. Os iníquos de outrora são os pais dos iníquos atuais; e os do presente são pais dos iníquos do futuro, assim como pais dos justos são os antigos justos, que são os pais dos justos atuais como estes o serão dos futuros justos. O Espírito Santo quis mostrar que a justiça não é um mal, mesmo quando se murmura contra ela; mas estes murmuradores, desde a sua origem até à linhagem de seus pais, têm seu próprio pai. Adão gerou dois filhos. Num existia a iniquidade e em outro a jutiça: a iniquidade em Caim, a justiça em Abel (cf Gn 4,8). Na aparência, a iniquidade prevaleceu sobre a justiça, porque o injusto Caim matou o justo Abel, à noite. E de manhã? Ao contrário, "ao amanhecer os justos os dominarão". Virá a manhã, e ver-se-á onde está Abel, e onde Caim. O mesmo acontece aos que vivem de acordo com Caim, e aos que vivem de acordo com Abel, até o fim do mundo. "Entrará na linhagem de seus pais e jamais verá a

luz". O injusto enquanto estava aqui, estava nas trevas, gozando de bens falsos e desprezando os verdadeiros e por este motivo daqui irá para o tártaro; saindo das trevas dos sonhos, recebem-no as trevas dos tormentos. Por conseguinte, "jamais verá a luz". Mas, por que isto? O salmista repete no fim o que escreveu no meio do salmo: "O homem, entre honrarias, não entendeu. Foi comparado aos jumentos irracionais e se lhes fez semelhante". Vós, porém, irmãos, considerai-vos como homens feitos à imagem e semelhança de Deus (cf Gn 1,26). A imagem de Deus acha-se no íntimo, não no corpo. Não se acha nos ouvidos que vês, nem nos olhos, no nariz, no paladar, nas mãos, nos pés. No entanto, foi feita. Onde se encontra o intelecto, a mente, a razão que investiga a verdade, a fé, a vossa esperança, a vossa caridade, lá tem Deus a sua imagem. Com estes meios, entendeis e vedes as coisas transitórias, conforme se exprime outro salmo: "Passa o homem como em imagem, e no entanto, é em vão que ele se atormenta: Acumula tesouros e não sabe para quem ajuntará" (Sl 38,7). Não vos perturbeis, porque esses bens, sejam quais forem, são passageiros; contanto que sejais homens entre honrarias, mas que entendeis. Pois, se sois homens, entre honrarias, que não entendeis, sereis comparados aos jumentos irracionais, e a eles vos assemelhareis.

SALMO 49

SERMÃO AO POVO

1 [1] Pondere cada um quanto vale para nós a palavra de Deus, quando temos em vista a correção de nossa vida, os prêmios esperados, os castigos ameaçadores. Ponha diante dos olhos a própria consciência, sem disfarces, sem complacências diante de tão grande perigo, uma vez que nem o próprio Senhor a ninguém acaricia. Se ele consola, prometendo-nos seus bens, confirmando nossa esperança, não poupa de modo algum os que vivem mal e desprezam sua palavra. Examine-se, pois, cada um, enquanto é tempo, e verifique onde se encontra. Persevere no bem, ou converta-se do mal. Conforme se exprime o presente salmo, não fala um homem qualquer, nem qualquer anjo, mas "falou o Senhor, Deus dos deuses". Que realizou com sua palavra? "Convocou a terra do oriente ao ocaso". Jesus Cristo é nosso Senhor e Salvador, que convocou a terra do oriente ao ocaso. Verbo que se fez carne para habitar entre nós. Nosso Senhor Jesus Cristo é, portanto, o Deus dos deuses; por ele tudo foi feito e sem ele nada se fez. Verbo de Deus, se é Deus, efetivamente é o Deus dos deuses. O evangelho responde que ele é Deus: "No príncipio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus" (Jo 1,1). E se tudo foi feito por ele, como está escrito em seguida, também os deuses que foram feitos, foram feitos por ele. De fato, há um só Deus, não criado, e em verdade só ele é Deus. Somente ele é Deus, Pai e Filho e Espírito Santo, um só Deus.

2 Quais são, ou onde estão os deuses, portanto, dos quais Deus é o verdadeiro Deus? Declara outro salmo: "Deus está de pé na assembleia dos deuses e no meio deles instituiu seu julgamento" (Sl 81,1). Ainda não sabemos se alguns deuses se reuniram no céu, e se em sua sinagoga, isto é, na assembleia, Deus está presente para julgá-los. Vede o que afirma o mesmo salmo: "Eu disse: Vós sois deuses e sois todos filhos do Altíssimo. Morrereis todavia como homens e caireis como um príncipe qualquer" (ib, 6.7). É evidente, portanto, que chama os homens de deuses, deificados por sua graça, não nascidos de sua substância. Santifica aquele, pois, que por si mesmo é justo, não por meio de outro; e diviniza quem é Deus por si mesmo, não por participação. Quem justifica diviniza, porque justificando faz filhos de Deus. "Deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus" (Jo 1,12). Se nos tornamos filhos de Deus, também nos tornamos deuses; mas pela graça da adoção, não por geração natural. Pois, o único Deus Filho de Deus e com o Pai um só Deus, nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo, no princípio era o Verbo e o Verbo junto de Deus, e o Verbo era Deus. Os demais, que se tornam deuses, é pela graça; não nascem de sua substância, de sorte a se tornarem iguais a ele, mas para que por benefício se aproximem dele, e sejam co-herdeiros de Cristo, porquanto tamanha é a caridade deste herdeiro que quis ter co-herdeiros. Qual o avaro que queira ter co-herdeiros? Mas se houver algum, terá de dividir com eles a herança,

ficando com menos aquele que divide do que se a possuísse sozinho. A herança, porém, da qual somos co-herdeiros com Cristo, não diminui pelo número dos seus possuidores, nem fica menor pela quantidade dos co-herdeiros; mas é tão grande para muitos como para poucos, do mesmo tamanho para cada um quanto para todos. Observa o apóstolo João: "Vede que prova de amor nos deu o Pai: que sejamos chamados filhos de Deus. E nós o somos". E em seguida: "Caríssimos, desde já somos filhos de Deus, mas o que nós seremos ainda não se manifestou". Por conseguinte, nós o somos em esperança, ainda não na realidade. "Sabemos que por ocasião desta manifestação seremos semelhantes a ele, porque o veremos tal como ele é" (1Jo 3,1.2). Ele é o único semelhante por nascimento; nós somos semelhantes, vendo-o. Não somos semelhantes como ele, que é um só com seu genitor; nós porém somos semelhantes, não iguais; ele como é igual, é também semelhante. Ouvimos quais são os que se tornaram deuses pela justificação, e são chamados filhos de Deus; e os deuses que não são deuses, para os quais aquele Deus dos deuses é temível. Pois, diz outro salmo: "É temível sobre todos os deuses" (Sl 95,4.5). E se perguntares: Quais? "Porque os deuses das nações são demônios". Ele é terrível para os deuses das nações, os demônios; para os deuses que ele fez seus filhos, é amável. Entretanto, descubro que ambos confessam a majestade de Deus. Os demônios confessaram a Cristo, e os fiéis também o confessaram. Disse Pedro: "Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo" (Mt 16,16). E os demônios: "Sabemos quem és: Tu és Filho de Deus" (cf Mc 5,7). Escuto igual confissão, mas descubro amor desigual; ou melhor, no primeiro vejo amor, e nos outros, temor. Os que amam a Cristo são filhos; os que o temem, não o são. Fez deuses daqueles que o amam. Convenceu de não serem deuses aqueles que o temem. Os primeiros tornam-se deuses, os outros são apenas tidos por tais. A verdade fez deuses, o erro produz apenas esta fama.

3 "Falou, portanto, o Senhor, Deus dos deuses". Falou de muitas maneiras. Falou pelos anjos, falou pelos profetas, falou por própria boca, falou pelos apóstolos, fala por seus fiéis; por nós, apesar de nossa condição humilde, quando falamos a verdade, é ele quem fala. Vede-o, em verdade, a falar muitas vezes, de muitos modos, por muitos instrumentos, por muitos órgãos; é ele, contudo, que sempre fala, tocando, modificando, inspirando. Vede o que fez. Pois, "falou, e convocou a terra". Que terra? Talvez a África? Digo isto, por causa daqueles que afirmam: A Igreja de Cristo é o partido de Donato. Efetivamente, ele não chamou somente a África, mas também não a excluiu. Aquele que "convocou a terra do oriente ao ocaso", não deixou parte da terra que não chamasse e no seu chamado incluiu a África. Alegre-se, portanto, a África na unidade, mas não se orgulhe na divisão. Asseguramos com razão que a voz do Deus dos deuses chegou também à África, mas nela não parou. Pois, "convocou a terra do oriente ao ocaso". Não há esconderijo para as insídias dos hereges, não existe sombra de falsidade onde se ocultem; nada se oculta a seu calor (cf Sl 18,7). Quem convocou a terra, chamou a terra inteira; quem a convocou, chamou-a em toda a extensão em que a criou. Por que me hão de surgir falsos cristos e falsos profetas? Por que razão se empenham em me apanhar por palavras capciosas, dizendo: "Olha o Messias aqui! ou ali!" (Mt 24,23)? Não o ouço a designar partes. O Deus dos deuses mostrou-me o todo. Ele

redimiu o todo, ele que “convocou a terra do oriente ao ocaso”; condenou, todavia, as partes caluniadoras.

4 [2] Mas, ouvimos que a terra inteira foi convocada, do oriente ao ocidente. De onde começou o chamado de quem convoca? Escutai. “De Sião, imagem de sua beleza”. Certamente o salmo concorda com o evangelho: “A todas as nações, a começar por Jerusalém” (Lc 24,47). Escuta: “A todas as nações: Convocou a terra do oriente ao ocaso”. Escuta: “A começar por Jerusalém: De Sião, imagem de sua beleza”. Portanto: “Convocou a terra do oriente ao ocaso”, concorda com as palavras do Senhor: “O Cristo devia sofrer e ressuscitar dos mortos ao terceiro dia, e que, em seu nome, fosse proclamada a conversão para a remissão dos pecados a todas as nações”. Todas as nações se encontram entre o oriente e o ocaso. Concorda com as palavras do Senhor: “A começar por Jerusalém”, o seguinte: “De Sião, imagem de sua beleza”, começou a formosura de seu evangelho, e de lá começou a ser anunciado aquele que é muito belo, acima dos filhos dos homens (cf Sl 44,3). As realidades novas são consoantes às antigas, e as antigas às novas. Os dois serafins clamam um ao outro: “Santo, santo, santo é o Senhor Deus dos exércitos” (Is 6,3). Os dois Testamentos são concordes, têm uma só voz. Que se ouça a voz uníssona dos Testamentos e não a dos deserdados detratores. Por conseguinte, assim agiu o Deus dos deuses: “Convocou a terra do oriente ao ocaso”, e de Sião procede a sua beleza. Lá se encontravam os discípulos, que receberam o Espírito Santo no quinquagésimo dia após a sua ressurreição, enviado por ele do céu (cf At 2,4). De lá provém o evangelho, de lá a pregação, de lá encheu-se toda a terra, pela graça da fé.

5 O Senhor, em sua vinda, como viera para sofrer, veio ocultamente. Sendo forte em si mesmo, apareceu fraco na carne. Era preciso que o vissem sem o entenderem, que fosse desprezado para ser morto. Sua condição gloriosa estava na divindade; mas escondia-se na carne. Se o tivessem conhecido, jamais teriam crucificado o Senhor da glória (cf 1Cor 2,8). Desta forma, portanto, entre os judeus, no meio dos inimigos, ele andava oculto, fazendo milagres, sofrendo males, até que fosse suspenso no madeiro. Os judeus, vendo-o crucificado ainda mais o desprezaram, e meneando a cabeça diante da cruz, diziam: “Se és Filho de Deus, desce da cruz” (Mt 27,38.39). Por conseguinte, o Deus dos deuses estava oculto, e emitia palavras mais adequadas aos nossos padecimentos do que a sua majestade. De onde provêm as palavras seguintes, a não ser da natureza que assumiu igual à nossa: “Deus, meu Deus, por que me desamparaste?” (Sl 21,2; Mt 27,46). Mas, quando foi que o Pai abandonou o Filho, ou o Filho ao Pai? Não são um só Deus, o Filho e o Pai? Não é inteiramente verdade a afirmação: “Eu e o Pai somos um” (Jo 10,30)? De onde provém, então, a pergunta: “Deus, meu Deus, por que me desamparaste”, a não ser que na fraqueza da carne se mostrava a voz dos pecadores? Quem aceitou a semelhança da carne de pecado (cf Rm 8,3), por que não tomaria a semelhança da voz do pecado? De fato, estava escondido o Deus dos deuses quando andava no meio dos homens, quando tinha fome e sede, quando se assentou cansado, quando dormiu fatigado, quando foi preso, flagelado, compareceu diante do juiz e

respondeu a seu orgulho: "Não terias poder algum sobre mim, se não te houvesse sido dado do alto" (Jo 19,11); e ainda ao ser conduzido como um cordeiro ao matadouro, como uma ovelha que permanece muda na presença dos tosquiadores (cf Is 53,7), esteve sempre oculto o Deus dos deuses. E o que aconteceu depois na ressurreição? Os discípulos se admiraram, e primeiro não acreditaram, até que o tocassem e apalpassem. A carne ressuscitara, porque ela havia morrido; a divindade que não podia morrer, ainda mesmo na carne do ressuscitado se escondia. Foi possível ver-se sua figura, segurar os membros, tocar as chagas. Quem vê o Verbo, pelo qual foram feitas todas as coisas? Quem o segura? Quem o toca? E, no entanto, "o Verbo se fez carne e habitou entre nós" (Jo 1,14). E Tomé entendia na medida que podia ser Deus aquele homem que ele segurava. Tendo tocado as chagas, exclamou: "Meu Senhor e meu Deus!" (Jo 20,28). O Senhor, no entanto, mostrava aquele aspecto, a mesma carne que se via na cruz, que fora depositada no sepulcro. Esteve com eles quarenta dias. Não apareceu aos ímpios judeus; mostrou-se aos que nele haviam acreditado antes que fosse crucificado, a fim de tornar fortes após a ressurreição aqueles que, crucificado, deixara titubeantes. Em seguida, no quadragésimo dia, recomendando sua Igreja, isto é, a que convocara da terra inteira, do oriente ao ocidente, para que não tivessem escusas os que querem perecer no cisma, subiu ao céu, ordenando-lhes: "Sereis, então, minhas testemunhas em Jerusalém" (de onde vem a "imagem de sua beleza), em toda a Judeia e Samaria, e até os confins da terra". Tendo dito isso, uma nuvem o ocultou a seus olhos. Os discípulos olhavam aquele que haviam conhecido; todavia, o conheceram na humildade, ainda não na glória. E enquanto ele se afastava para o céu, um anjo os admoestou: "Homens da Galileia, que estais aí a contemplar o céu? Esse Jesus, que vos foi arrebatado, virá do mesmo modo que para o céu o vistes partir" (At 1,3-12). Subiu, portanto; os discípulos voltaram cheios de alegria, permaneceram na cidade, segundo o preceito do Senhor, até que ficassem cheios do Espírito Santo. O que fora dito a Tomé, que tocava o Senhor? "Porque viste, creste. Felizes os que não viram e creram" (Jo 20,29). Refere-se a nós esta predição. Aquela terra convocada do oriente ao ocaso não vê, mas crê. Está oculto, por conseguinte, o Deus dos deuses para aqueles entre os quais andou, para os que o crucificaram, para aqueles que o viram ressuscitado, e para nós que acreditamos estar sentado no céu aquele que não vimos a andar na terra. E se o tivéssemos visto, não veríamos como viram os judeus que o crucificaram? É melhor não ver a Cristo e acreditar que é Deus do que vê-lo e pensar que é apenas homem. Os judeus, finalmente, opinando erroneamente o mataram, e nós acreditando, com razão, somos vivificados.

6 [3] Como será, então, irmãos? Aquele Deus dos deuses, outrora oculto e agora oculto, será sempre escondido? Certamente não; ouve a continuação do salmo: "Deus virá manifestamente". Veio de maneira oculta, e virá manifestamente; veio escondido para ser julgado, virá manifestamente para julgar; veio oculto para comparecer diante do juiz, virá manifestamente a julgar também os juízes: "Virá manifestamente e não se calará". Como? Agora se cala? E de onde vêm as palavras que proferimos? Donde os preceitos? Donde os avisos? Donde esta trombeta terrível? Não se cala e cala-se. Não silencia os

avisos, cala a vingança; não omite o mandamento, mas abstém-se do juízo. Pois, suporta os pecadores que praticam o mal cotidianamente, descuidando-se de Deus, em sua consciência, no céu, na terra. A Deus nada disso escapa, e admoesta a todos universalmente. Se castiga a alguns na terra trata-se de um aviso, mas não ainda de uma condenação. Abstém-se de julgar, oculto no céu, onde ainda intercede por nós. É longânime para com os pecadores; não exerce a ira, mas espera a penitência. Em outra passagem, ele assim se exprime: "Guardei silêncio, mas sempre me calarei?" (Is 42,14). Quando não se calar mais, "Deus virá manifestamente". Qual? "Nosso Deus". O próprio Deus, que é nosso Deus. Não há outro Deus além de nosso Deus. Os deuses das nações são demônios. O Deus dos cristãos é o verdadeiro Deus. Ele virá, mas manifestamente, não mais para ser escarnecido, esbofeteado e flagelado; virá, mas manifestamente, não mais para que lhe batam os soldados com a cana na cabeça, seja crucificado, seja morto e sepultado. Essas coisas quis sofrer o Deus escondido. "Virá manifestamente e não se calará".

7 Os versículos seguintes ensinam que ele virá a julgar. "Um fogo o precederá". Vamos ter medo? Transformemo-nos e não teremos o que recear. A palha tem medo do fogo; mas, ao ouro que pode fazer? Agora, está em teu poder o que deves fazer, a fim de não experimentares a correção daquele que há de vir, mesmo contra tua vontade. Se pudéssemos impedir, irmãos, a chegada do dia do juízo, acho que nem assim devíamos viver mal. Se não houvesse o fogo do dia do juízo, se aos pecadores ameaçasse somente a separação da face de Deus, mesmo que estivessem numa afluência de delícias, o fato de não contemplarem o criador e de longe da suavidade inefável da visão de seu rosto, ainda que numa eternidade onde o pecado ficasse impune, seria lamentável. Mas, o que digo? E a quem? Isto é castigo para os que amam, não para os que desprezam. Aqueles que começaram a perceber um pouquinho a suavidade da sabedoria e da verdade, conhecem o que digo, quão grande pena consiste só em estar separado da face de Deus. Os que não provaram aquela suavidade, se ainda não desejam a face de Deus, ao menos temam o fogo; atemorizem os suplícios aqueles a quem os prêmios não estimulam. Se fazes pouco do que Deus te promete, treme diante de suas ameaças. Sentes a doçura de sua presença, e não mudas, não te animas, não suspiras, não desejas. Abraças teus pecados, os deleites carnais, ajuntas matéria para o fogo que virá. "Um fogo arderá a sua frente" (Sl 96,3). Este fogo não será como o de teu fogo. No entanto, se fores forçado a pôr a mão lá dentro, farás tudo o que quiser quem te ameaça disso. Se alguém te disser: Escreve contra teu pai, escreve contra teus filhos, pois se não o fizeres meto tua mão em teu fogão, tu o farás para não queimar a tua mão, para não arder por algum tempo teu membro, embora não seja dor que perdure. O inimigo te ameaça com mal tão leve, e praticas o mal; Deus te ameaça com um mal eterno, e não fazes o bem! Nem as ameaças deviam te obrigar a fazer o mal; nem as ameaças deviam te impedir de praticar o bem. Pois, as ameaças de Deus, as ameaças com o fogo eterno te proíbem fazer o mal, e te convidam ao bem. De onde vem que não te animas, senão porque não acreditas? Examine, portanto, cada um o seu coração, e verifique o grau de sua fé. Se cremos no juízo futuro, irmãos, vivamos bem. Agora é o tempo da misericórdia; depois, será o do

juízo. Ninguém poderá dizer então: Transfere-me para os anos passados. Então, se arrependerá, mas inutilmente; arrependa-se agora, enquanto a penitência é frutuosa. Coloque-se agora à raiz da árvore um cesto de esterco, o luto do coração e das lágrimas, a fim de que não venha o agricultor e a arranque. Uma vez arrancada, o fogo a espera. Agora, embora os ramos estejam quebrados, podem de novo ser enxertados; então, toda árvore que não der bons frutos será arrancada, e lançada ao fogo (cf Lc 13,8; Mt 3,10). "Um fogo abrasador o precederá".

8 "Ao seu redor, furiosa tempestade". Tempestade tão furiosa varrerá a extensa eira. Desta tempestade virá o vento que há de separar dos santos todos os impuros, dos fiéis todos os fingidos, dos piedosos e tementes a palavra de Deus todos os desprezadores e soberbos. No presente existe certa mistura, desde o oriente até o ocidente. Vejamos, pois, como agirá aquele que há de vir, o que fará daquela tempestade, uma vez que "ao seu redor sopra furiosa tempestade". Indubitavelmente esta tempestade ocasionará certa separação. Separação que não quiseram esperar os que antes de chegarem à praia, romperam as redes. Naquela separação, de fato, haverá certa distinção entre maus e bons. Existem alguns que agora seguem a Cristo, com os ombros livres, sem o peso dos cuidados mundanos e que não ouviram em vão: "Se queres ser perfeito, vai, vende os teus bens e dá aos pobres, e terás um tesouro nos céus. Depois, vem e segue-me". A eles foi dito: "Sentar-vos-eis em doze tronos para julgar as doze tribos de Israel" (Mt 19,21.28). Uns, pois, julgarão com o Senhor; outros, de fato, serão julgados, mas colocados à direita. Temos um testemunho muito claro de que alguns estarão julgando em companhia do Senhor, nas palavras que citei há pouco: "Sentar-vos-eis em doze tronos para julgar as doze tribos de Israel".

9 Mas, replica alguém: Ali estarão sentados doze apóstolos, não mais. Onde, então, ficará o apóstolo Paulo? Porventura estará separado deles? Longe de nós afirmar isto, nem de longe pensemos em tal coisa. E se ele ocupar o lugar de Judas? Mas a Escritura divina conta quem foi colocado em substituição a Judas. Matias foi expressamente nomeado nos Atos dos Apóstolos, para que não pudéssemos duvidar a este respeito. Judas caiu, mas o número duodenário foi preenchido (cf At 1,26). Tendo os doze ocupado os doze tronos, o apóstolo Paulo não julgará? Será que vai julgar de pé? Não será assim; o Senhor que retribui com justiça não fará tal coisa: não estará a julgar de pé aquele que trabalhou mais do que todos (cf 1Cor 15,10). Certamente, ao menos este apóstolo Paulo nos obriga a pensar e perscrutar com maior cuidado qual a razão de se falar em doze tronos. Encontramos nas Escrituras outros números que significam multidão. Cinco virgens são admitidas e cinco excluídas (cf Mt 25,10.12). Pensa nas virgens, onde quer que se encontrem: seja na castidade e integridade do coração, como deve ser virgem toda a Igreja, à qual se diz: "Desposei-vos a um esposo único, a Cristo, a quem devo apresentar-vos como virgem pura" (2Cor 11,2); seja nas mulheres consagradas a Deus também pela integridade corporal; por acaso, são somente cinco tantos milhares? Mas, pelo número cinco figura-se a continência dos cinco sentidos corporais. Efetivamente, para muitos a corrupção veio pelos olhos, a muitos pelos ouvidos, a muitos pelo olfato

ilícito, a muitos pelo gosto perverso, a muitos pelo adultério. Qualquer que domine estas cinco janelas da corrupção, e se contenha de sorte que tenha em sua consciência a glória, sem esperar o louvor dos homens, pertence ao número das cinco virgens prudentes, que trazem o óleo consigo. O que significa: ter o óleo consigo? Nossa glória é esta, o testemunho de nossa consciência (cf 2Cor 1,12). Disse também aquele que era atormentado nos infernos: “Tenho cinco irmãos” (cf Lc 16,28). Isso refere-se ao povo judaico, sujeito à Lei, porque Moisés, o legislador, escreveu cinco livros. Ainda o Senhor, após a ressurreição, ordenou aos apóstolos lançarem as redes à direita e apanharam cento e cinquenta e três peixes. E sendo em tão grande número, diz o evangelista, as redes não se romperam (Jo 21,6.11). Igualmente antes da paixão mandou que eles lançassem as redes, sem determinar se à direita ou à esquerda, porque se falasse em direita, representaria apenas os bons; se à esquerda, somente os maus. Quando se calam direita e esquerda, apanham-se misturados bons e maus. Foram apanhados então, conforme atesta a verdade do evangelho, em tão grande quantidade que as redes se rompiam (cf Lc 5,6). Aquela pesca representava o tempo presente; as redes rompidas figuravam as cisões e rupturas dos hereges e cismáticos. Os feitos do Senhor após a ressurreição significavam o que acontecerá depois da nossa ressurreição, no número daqueles que pertencerão ao reino dos céus, onde não haverá mau algum. O fato de serem lançadas as redes à direita era uma figura dos que estarão à direita, os bons, depois de afastados os da esquerda. Porventura os justos seriam apenas aqueles cento e cinquenta e três peixes, apanhados do lado direito? A Escritura se refere a milhares de milhares (cf Dn 7,10). Lede o Apocalipse. Conforme lá se refere, só do povo judaico serão talvez cento e quarenta e quatro mil (cf Ap 7,4). Considerai o grande número de mártires. Somente mais perto de nós, os denominados Massa Cândida[1], abrangem mais do que cento e cinquenta e três mártires. Enfim, superam de longe este número de peixes, aqueles sete mil mencionados na resposta dada a Elias: “Pouparei sete mil homens, que não dobraram os joelhos diante de Baal” (1Rs 19,18). Aqueles cento e cinquenta e três peixes não significam exatamente o número dos santos; mas a Escritura, com este número, quer representar o total dos santos e justos, por certo motivo, a fim de que todos entendam que os cento e cinquenta e três abrangem todos os que terão a ressurreição para a vida eterna. Efetivamente a lei tem dez preceitos. Lê-se que o Espírito da graça, pelo qual somente se pode cumprir a Lei, é septiforme (cf Jo 11,2-3). Vamos explicar o que significam os números dez e sete: dez são os preceitos, sete a graça do Espírito Santo; por esta graça cumprem-se os preceitos. Possuem o dez e o sete os que pertencem à ressurreição, à direita, ao reino dos céus, à vida eterna, a saber, os que cumprem a lei pela graça do Espírito, e não por suas obras ou por seus méritos. Quanto ao dez e ao sete, se contares de um até dezessete, acrescentando todos os números gradualmente, de forma que ao um acrescentes o dois, ajuntes o três, acrescentes o quatro, a soma dá dez; somando mais cinco, têm-se quinze, mais seis a soma será vinte e um, acrescentando sete têm-se vinte e oito, somando oito chega-se a trinta e seis, acrescentando nove, ficam quarenta e cinco, mais dez são cinquenta e cinco, mais onze chega-se a sessenta e seis, somando mais doze têm-se setenta e oito, mais treze chega-se a noventa e um, mais catorze são cento e

cinco, mais quinze têm-se cento e vinte, acrescentando-se dezesseis temos cento e trinta e seis, somando mais dezessete completam-se os cento e cinquenta e três. Descobrirás que o imenso número dos santos relaciona-se com este número de poucos peixes. Assim como nas cinco virgens temos as inumeráveis virgens, como nos cinco irmãos daquele que era atormanetado nos infernos vemos os milhares do povo dos judeus, como no número de cento e cinquenta e três peixes os milhares e milhares de santos, assim nos doze tronos não há referência apenas a doze homens, mas é grande o número dos perfeitos.

10 Mas, vejo o que em consequência se nos pergunta: Como nos foi explicado: a razão de se falar em cinco virgens e de que as cinco se referem a muitas; porque aqueles cinco figuram muitos judeus; e ainda qual o motivo de cento e cinquenta e três representarem muitos perfeitos; mostra-nos por que e como os doze tronos não pertencem só a doze, mas a muitos. Qual o sentido dos doze tronos, que significariam todos os perfeitos vindos de todas as partes, comparáveis àqueles aos quais foi dito: "Sentar-vos-eis em doze tronos para julgar as doze tribos de Israel"? E por que todos, de toda parte, pertencem ao número doze? Porque dizemos: de toda a parte, referindo-nos a todo o mundo. O orbe da terra contém quatro partes: oriente, poente, sul e norte. Os que foram chamados de todas essas partes em nome da Trindade, perfeitos através da fé e dos preceitos da Trindade (uma vez que três vezes quatro são doze), dão a conhecer que pertencem a toda a terra os santos, que se sentarão sobre doze tronos a julgar as doze tribos de Israel. Doze tribos de Israel, porque Israel todo consta de doze tribos. Assim como os que hão de julgar vêm de todo o mundo, também os julgados provêm de todo o mundo. O Apóstolo Paulo, ao censurar os fiéis leigos, que não levavam à Igreja suas causas, mas faziam comparecer diante do tribunal civil aqueles com os quais tinham rixas, disse: "Não sabeis que julgaremos os anjos?" (1Cor 6,3). Vede como se declara juiz; e não somente ele, mas todos os que julgam segundo o direito na Igreja.

11 [4] Sendo, portanto, evidente que muitos hão de julgar com o Senhor, e outros hão de ser julgados, não de modo igual, mas segundo os próprios méritos e que o Senhor virá com seus anjos (cf Mt 25,31.32), quando diante dele se reunirem todas as gentes, também serão computados entre os anjos aqueles que forem tão perfeitos que, sentados em doze tronos, julgarão as doze tribos de Israel. Efetivamente, alguns homens receberam a denominação de anjos. O Apóstolo diz de si mesmo: "Recebestes-me como um anjo de Deus" (Gl 4,14). A respeito de João Batista foi dito: "Eis que envio o meu anjo a tua frente; ele preparará o teu caminho diante de ti" (Ml 3,1; Mt 11,10). Por conseguinte, quando vier com todos os anjos, terá consigo também os santos. Claramente o declara Isaías: "O Senhor entra em julgamento com os anciãos do seu povo" (Is 3,14). Estes anciaõs do povo, portanto, estes já denominados anjos, estes milhares de muitos perfeitos, vindos de toda a terra, chamam-se também céu. Os outros chamam-se terra, mas fértil. Por quê? Porque há de ser colocada à direita; são aqueles aos quais se dirá: "Tive fome e me destes de comer" (Mt 25,35). Na verdade, terra fértil, com a qual se alegra o Apóstolo, aquela que lhe enviou com que acudir às suas

necessidades: “Não que eu busque presentes; o que busco é o fruto que se credite em vossa conta” (Fl 4,17). E agradece, dizendo: “Finalmente, vi reflorescer o vosso interesse por mim” (ib 10). “Reflorescer” é um termo que se diz das árvores, que estavam estéreis, quase secas. O Senhor quando vier para julgar (ouçamos, irmãos, o salmo), que há de fazer? “Para o alto ele convocará o céu”. Céus, todos os santos perfeitos que hão de julgar. O Senhor do alto os convocará, para seus assessores no julgamento das doze tribos de Israel. Como os chamará para cima, se os céus estão sempre nas alturas? Os que aqui denomina céu, em outras passagens chama de céus. Quais? Os que narram a glória de Deus: “Narram os céus a glória de Deus”; deles afirma o salmista: “Seu som repercutiu por toda a terra e em todo o orbe as suas palavras” (Sl 18,2.5). Vede o Senhor a discernir no julgamento: “Para o alto convocará o céu e a terra para discernir o seu povo”. De quem? Senão dos maus? Deles no salmo não se faz menção em seguida, porque já foram julgados e condenados ao castigo. Vê estes bons, e distingue. “Para o alto convocará o céu e a terra, para discernir o seu povo”. Chama também a terra, no entanto, não para ser misturada, mas separada. Primeiro chamou a todos, sem distinção, quando “falou o Senhor, Deus dos deuses, e convocou a terra do oriente ao ocaso”. Ainda não houvera separação. Aqueles servos que foram enviados a convidar para as núpcias, reuniram bons e maus (cf Mt 22,10). Quando, porém o Deus dos deuses “vier manifestamente, e não se calar”, então “convocará o céu” para cima, a fim de julgar com ele. Céu e céus se identificam, como terra e terras, Igreja e Igrejas. “Para o alto ele convocará o céu e a terra, para discernir o seu povo”. Com o céu ele discerne a terra, isto é, o céu com ele julga a terra. Como julga a terra? Coloca uns à direita e outros à esquerda. À terra já julgada, o que diz? “Vinde, benditos de meu Pai, recebei por herança o reino preparado para vós desde a criação do mundo. Pois tive fome e me destes de comer”, etc. Então os justos responderão: “Quando foi que te vimos com fome?” Ao que lhes replicará: “Toda vez que o fizestes a um desses mais pequeninos, que são meus, a mim o fizestes” (Mt 25,34-40). O céu mostra à terra os seus pequeninos já chamados para o alto, e exaltados por causa de sua humildade: “Toda vez que o fizestes a um desses pequeninos, que são meus, a mim o fizestes. Para o alto convocará o céu e a terra, para discernir o seu povo”.

12 [5] “Reuni junto dele os seus justos”. Palavra divina e profética, que prêve o futuro como presente, e exorta os anjos a congregarem. Pois, o Senhor enviará os seus anjos, e diante dele se reunirão todas as gentes (cf Mt 25,52). “Reuni junto dele os seus justos”. Quais, senão os que vivem da fé, praticando obras de misercórdia? De fato, aquelas obras são obras de justiça, conforme o evangelho: “Guardai-vos de praticar a vossa justiça diante dos homens para serdes vistos por eles” (Mt 6,1.2). Responde, como se alguém perguntasse: Que justiça? “Quando deres uma esmola”. Indicou, portanto, que as esmolas são obras de justiça. Reuni os seus próprios justos; reuni os compadecidos do indigente, que entenderam o necessitado e o pobre (cf Sl 40,2.3). Reuni-os. O Senhor os conservará e vivificará. “Reuni junto dele os seus justos, os que colocam a aliança acima dos sacrifícios”, quer dizer, que julgam suas promessas acima das obras que praticam.

Pois, estas constituem sacrifícios, segundo a palavra de Deus: “É a misericórdia que eu quero mais que o sacrifício” (Os 6,6; Mt 9,13). “Os que colocam a aliança acima dos sacrifícios”.

13 [6] “E os céus proclamarão a sua justiça”. Verdadeiramente os céus nos anunciaram esta justiça de Deus e os evangelistas as predisseram. Ouvimos deles que o pai de família há de declarar aos da direita: “Vinde, benditos de meu Pai, recebei”. O quê? “O reino”. Qual a razão disso? “Tive fome e me destes de comer”. Que há de mais banal, de terreno do que partir o pão com o faminto? É tanto que vale o reino dos céus. “Reparte o teu pão com o faminto e recolhe em tua casa os pobres desabrigados; veste aquele que vês nu” (Is 58,7). Se não tens possibilidade de repartir o pão, nem casa para abrigar, nem veste para revestir, dá um copo de água fria, lança duas moedinhas no tesouro (cf Mt 10,42; Mc 12,41). A viúva com duas moedinhas comprou tanto quanto Pedro, ao deixar as redes, quanto adquiriu Zaqueu dando metade de seus bens (cf Mt 4,20; Lc 19,8). O reino vale tanto quanto tiveres. “E os céus proclamarão a sua justiça, porque é o próprio Deus quem vai julgar”. Efetivamente, ele é juiz, que não mistura, mas distingue. O Senhor conhece os que são dele (cf 2Tm 2,19). São conhecidos pelo agricultor os grãos, mesmo se escondidos no meio da palha. Ninguém tenha receios de ser um grão no meio da palha; os olhos de nosso agricultor, ao limpar a eira, não se enganam. Não temas que a tempestade que o envolverá te confunda com a palha. Certamente, será furiosa a tempestade; no entanto, nenhum grão há de retirar com a palha, pois o juiz não é um camponês com o tridente, mas Deus, a Santíssima Trindade. “E os céus proclamarão sua justiça, porque é o próprio Deus quem vai julgar”. Partam os céus, anunciem, ressoe sua voz por toda a terra, e suas palavras até os confins do orbe (cf Sl 18,5), e diga o corpo de Cristo: “Dos confins da terra clamei a ti, quando o meu coração se angustiava” (Sl 60,13). Agora misturado geme, quando for separado há de se alegrar. Clame, portanto, e diga: “Não arruínes com os ímpios a minha alma. Nem a minha vida com os homens sanguinários” (Sl 25,9). Não arruína, porque Deus é juiz. Clame para ele, e peça: “Julga-me, ó Deus, e distingue da causa de uma gente ímpia a minha causa” (Sl 42,1). Peça que ele atenderá; reunirá junto de si os seus justos. Convocou a terra, para julgar o seu povo.

14 [7] “Escuta, povo meu, que vou te falar”. Aquele que há de vir e não se calará, vede que também agora, se ouvis, não se calará. “Escuta, povo meu, que vou te falar”. Se não escutas, não te falarei. “Escuta e te falarei”. Pois se não ouves, mesmo que eu fale, não será para ti. Quando, portanto, vou falar-te? Se ouvires. Quando ouves? Se és meu povo. “Escuta, pois, povo meu”. Não ouves, se és um povo estrangeiro. “Escuta, povo meu, que vou te falar. Israel, vou testificar contra ti”. Israel, escuta; povo meu, escuta. Israel é o nome dado por ocasião de sua eleição a Jacó. Disse Deus: “Não te chamarás mais Jacó, mas Israel” (Gn 32,28). Escuta, portanto, enquanto Israel, como aquele que vê a Deus, apesar se ser somente na fé, não ainda na realidade. Este é o significado do nome Israel: Aquele que vê a Deus. Quem tem ouvidos, ouça (cf Mt 11,15), e quem tem olhos para ver, veja. “Escuta, Israel, vou testificar contra ti”. Acima disse: “povo meu”, e em seguida: “Israel”. E declarou supra: “vou te falar” enquanto afirma aqui: “vou

testificar contra ti". A seu povo o que há de falar o Senhor nosso Deus? O que vai testificar contra Israel, que é dele? Ouçamos: "Deus, o teu Deus sou eu". Eu sou Deus, e sou o teu Deus. Como "sou eu o teu Deus"? Conforme foi assegurado a Moisés: "Eu sou aquele que é" (Êx 3,14). Como "sou eu o teu Deus"? Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaac, o Deus de Jacó. Sou Deus e sou o teu Deus; e se não fosse teu Deus, sou Deus. Sou Deus para meu bem, para teu infortúnio não sou o teu Deus. De fato, "teu Deus" propriamente refere-se a quem Deus tem por familiar, a seu serviço, como propriedade sua. "Deus, o teu Deus sou eu". Que desejas mais? Ambicionas receber de Deus um prêmio, que Deus te conceda alguma coisa, de forma que seja teu o que ele te der? Eis que é teu o próprio Deus, o doador. Que pode haver de mais rico do que ele? Querias seus dons e tens o próprio doador. "Deus, o teu Deus sou eu".

15 [8] Vejamos o que ele quer do homem. Nosso Deus, nosso imperador, nosso rei que imposto exige, uma vez que quis ser nosso rei e que fôssemos seu domínio? Ouçamos suas exigências. Não hesite o pobre diante das exigências de Deus. Ele dá o que exige e dá primeiro o que indica. Basta que sejais dedicados. Deus não exige aquilo que ele não deu, e é a todos que dá. Que é que exige? Ouçamos: "Não te repreendo por teus sacrifícios". Não direi: Por que não me mataste o touro cevado? Por que não escolheste de teu rebanho o melhor cabrito? Por que aquele carneiro entre as tuas ovelhas, que não pões sobre o meu altar? Não direi: Examina teus campos e teu curral, teus muros, à busca do que me oferecer. "Não te reprendo por teus sacrifícios". Como, então? Não aceitas os meus sacrifícios? "Na minha presença estão sempre os teus holocaustos". Outro salmo se refere a tais holocaustos: "Pois, se quisesses um sacrifício, de certo eu o ofereceria. Não te comprazes em holocaustos". E novamente volta-se para si: "Sacrifício a Deus é o espírito contrito, o coração arrependido e humilhado Deus não despreza". Quais são os holocaustos que ele não despreza? Quais os que estão sempre em sua presença? "Senhor, em tua bondade, derrama sobre Sião teus benefícios; reedifica os muros de Jerusalém. Aceitarás então os sacrifícios de justiça, as oblações e os holocaustos" (Sl 50,18-21). Diz o salmista que Deus aceita determinados holocaustos. O que é, porém, um holocausto? Um sacrifício em que a vítima é toda consumida pelo fogo; *katois* é o ato de queimar, *olav* é: todo; holocausto, portanto, significa totalmente consumido pelo fogo. Existe o fogo da caridade muito ardente. Que a alma se inflame de caridade, e ela arrebatará os membros de seu uso ordinário e não permitirá que satisfaçam às concupiscências, de tal sorte que arda inteiramente no fogo do amor divino aquele que quer oferecer a Deus um holocausto. "Tais holocaustos teus estão sempre na minha presença".

16 [9] Provavelmente este Israel ainda não entende quais holocaustos ele tem sempre em sua presença e cogita de bois, ovelhas, cabritos. Não penses nisso: "Não tomarei de tua casa novilhos". Eu nomeara holocaustos; já corrias de ânimo e pensamento aos rebanhos terrenos, e do meio deles escolhias um animal cevado. "Não tomarei de tua casa novilhos". Anuncia o Novo Testamento, onde cessaram todos aqueles antigos sacrifícios, que prenunciavam um sacrifício futuro, cujo sangue nos purificaria. "Não tomarei de tua

casa novilhos, nem cabritos de teus rebanhos”.

17 [10] “A mim pertencem todas as feras da selva”. Por que hei de te pedir aquilo que eu mesmo criei? Os bens que te dei para possuíres, seriam mais teus do que meus, se os criei? “A mim pertencem todas as feras da selva”. É possível que replique Israel: As feras são de Deus, aqueles animais ferozes que não guardo no meu curral, que não prendo em minha estrebaria; quanto aos bois, ovelhas e cabritos, são meus. “Os animais dos montes e os bois”. São meus os animais que não possuis, são meus os que tens. Se és meu servo, todo o teu pecúlio é meu. Se é pecúlio do Senhor o que o escravo adquiriu para si, não o seria aquilo que o Senhor criou para o escravo? São, portanto, minhas as feras da floresta que tu não apanhaste; e são meus os animais nos montes que são teus, e os bois de tua manjedoura. Tudo é meu, porque fui eu quem o criou.

18 [11] “Conheço todos os pássaros do céu”. De que modo os conhece? Pesou-os, contou-os. Quem de nós conhece todos os pássaros do céu? Mesmo que Deus desse a alguém o conhecimento de todas as aves do céu, não lhe daria a conhecer da mesma forma que ele as conhece. Uma coisa é o conhecimento que Deus tem, e outra o do homem. Igualmente, difere o modo de Deus possuir e o do homem; isto é, uma coisa é quando Deus possui, e outra quando se trata de um homem. Não tens totalmente em teu poder as tuas posses. Não está em teu poder quanto tempo há de viver o teu boi, ou que não morra, ou que não se apascente. Aquele que tem o poder supremo possui também sumo e secreto conhecimento. Atribuamo-lo a Deus, com louvores. Não ousemos dizer: Como é que Deus conhece? Não aconteça, meus irmãos, que estejais na expectativa de que vos explique como é que Deus conhece. Digo apenas isto: Ele não conhece como o homem, nem como o anjo; mas não ouso dizer como conhece, porque também não o posso saber. Sei apenas uma coisa: Antes que existissem as aves do céu, Deus já sabia o que haveria de criar. Como era este conhecimento? Ó homem, começaste a ver as aves depois que foste plasmado e recebeste o sentido da vista. As aves nasceram da água, pela palavra de Deus: “As águas produzam as aves” (cf Gn 1,20). Como conhecia Deus as aves que ele mandava as águas produzirem? Certamente já conhecia o que criara, e antes mesmo de criar. Tão grande é o conhecimento de Deus que no seu intelecto existiam as criaturas de modo inefável antes de serem criadas. Então haverá de receber de ti o que possuía antes de ser criado? “Conheço todos os pássaros do céu”, que não me podes dar. Conheci todos os seres que me haverias de imolar. Não os conheci por ter feito, mas por que haveria de fazer. “E a beleza dos campos está comigo”. A beleza dos campos, a fertilidade do que brota da terra, “está comigo”, diz o Senhor. Como está com ele? Porventura antes de ser feita? Com ele, de fato, estavam todas as coisas futuras, e com ele estão todas as passadas. As futuras estão, sem que lhe sejam tiradas as passadas. Com ele estão todas, por certo conhecimento da inefável sabedoria de Deus, estabelecida no Verbo, que é o própio Verbo. Ou estará com ele de outro modo a beleza do campo, porque Deus está em toda a parte, ele que disse: “Não sou eu que encho o céu e a terra?” (Jr 23,24). Pode alguma coisa não estar com aquele de quem se diz: “Se subir até o céu, lá estás, se descer aos abismos está presente” (Sl 138,8)? Todas as coisas se

acham com ele. Mas, não se acham com ele, porque precisa do contacto de uma criatura, ou sofre necessidade dela. Pois, talvez estejas de pé junto de uma coluna e quando te sentes cansado, apoias-te nela. Precisas daquilo que está perto de ti, mas Deus não necessita do campo que está perto dele. O campo está com ele, a beleza da terra está com ele, a formosura do céu está com ele, todas as aves estão com ele, porque ele está em toda parte. E por que todas as coisas estão junto dele? Porque antes que fossem, que fossem criadas, todas elas lhe eram conhecidas.

19 [12] Quem pode explicar, expor a afirmação de outro salmo: "Não precisas de meus bens" (Sl 15,2)? Deus aqui declara que não necessita de nós. "Se eu tivesse fome, não iria dizer-te". O guarda de Israel não passará fome, nem sede, nem trabalhos, nem dormirá (cf Sl 120,4). Mas falo segundo teu senso carnal; pois sentes fome quando não comes, e pensas talvez que Deus tem fome e come. Mesmo que tivesse fome, não iria dizer-te; tudo está diante dele, e tiraria de onde quisesse o que lhe fosse necessário. Isto, para que se convença quem tiver uma noção mesquinha, e não que Deus tenha confessado ter fome. Embora, por nossa causa, o Deus dos deuses se dignou ter fome. Veio à terra para ter fome e alimentar, veio ter sede e dar de beber, veio revestir-se de nossa mortalidade e revestir da imortalidade, veio pobre para enriquecer a muitos. Efetivamente não perdeu suas riquezas ao assumir nossa pobreza, porque nele se encontram escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência (cf Cl 2,3). "Se eu tivesse fome, não iria dizer-te, porque minha é a terra e quanto nela se encerra". Não te empenhas por obter o que me hás de dar, porque sem trabalho consigo o que quero.

20 [13] Por que, então, ficas cogitando de teus rebanhos? "Irei comer, acaso, carnes de touros, ou beber sangue dos cabritos?" Ouvistes o que não nos pede aquele que reclama de nós não sei bem o quê. Se pensáveis em tais coisas, afastai vosso pensamento disso. Nada disso deveis pensar em oferecer a Deus. Se tens um touro cevado, mata-o para os pobres. Comam eles as carnes dos touros, mesmo se não beberem o sangue dos cabritos. Se o fizeres, levará em conta a teu favor aquele que disse: "Se eu tivesse fome, não iria dizer-te", e haverá de te declarar: "Tive fome e me deste de comer" (Mt 25,35). "Irei comer, porventura, carnes de touros, ou beber sangue de cabritos?"

21 [14] Por conseguinte, formula esta pergunta: Senhor, nosso Deus, o que exiges de teu povo, de Israel que é teu? "Oferece a Deus um sacrifício de louvor". Digamos-lhe também nós: "Em mim, ó Deus, estão os votos de louvor, que cumprirei" (Sl 55,12). Estava assustado por recear que reclamasses alguma coisa de exterior, que eu contasse haver no meu curral, mas talvez já tivesse sido roubado por um ladrão. Que exiges de mim? "Oferece a Deus um sacrifício de louvor". Volto-me para mim mesmo, procurando encontrar matéria para o sacrifício; volto-me para mim mesmo para encontrar o sacrifício de louvor. Seja minha consciência o teu altar. "Oferece a Deus um sacrifício de louvor". Estamos tranquilos. Não é preciso ir à Árabia buscar incenso, não examinamos os fardos de um comerciante avaro. Deus nos pede um sacrifício de louvor. Zaqueu tinha este sacrifício de louvor em seu patrimônio, a viúva em sua bolsinha, não sei qual pobre

hospedeiro em sua almotolia; outro nada possuía nem em patrimônio, nem em bolsinha, nem em almotolia, mas guardava todas as suas posses em sua alma. Salvação para a casa de Zaqueu; e a viúva deu mais do que aqueles ricos. Alguém que dá um copo de água fria, não perde sua recompensa. Mas também paz na terra aos homens de boa vontade (cf Lc 19,8; Mc 12,42; Mt 10,42; Lc 2,14). “Oferece a Deus um sacrifício de louvor”. Oh sacrifício gratuito, dom da graça! De fato, não comprei o que oferecer; tu o deste, pois eu não tinha nem isso. “Oferece a Deus um sacrifício de louvor”. E esta é a imolação de um sacrifício de louvor: dar graças ao Senhor de quem recebes tudo o que tens de bom, e cuja misericórdia perdoa tudo o que há de mal em ti. “Oferece a Deus um sacrifício de louvor, e cumpre os teus votos ao Altíssimo”. O Senhor se compraz neste bom odor. “Cumpre os teus votos ao Altíssimo”.

1 Cf Serm. 306,2; serm. p. Maur. repert. Morin XIV, p. 644ss.

22 [15] “E invoca-me nos dias de tribulação. Eu te livrarei e tu me glorificarás”. Não presumas de tuas forças. Todos os teus auxílios são enganosos. “E invoca-me nos dias de tribulação. Eu te livrarei e tu me glorificarás”. Foi para isso que permiti viessem os dias de tribulação. Talvez não me invocasses se não estivesses aflito. Mas, ao te afligires, tu me invocas. Ao invocares, eu te livrarei. Libertado, tu me glorificarás e não te apartarás mais de mim. Certo homem entibiara-se e esfriara o fervor de sua oração; disse então: “Encontrei a tribulação e a dor e invoquei o nome do Senhor” (Sl 114,3.4). Encontrou a tribulação como sendo algo de útil. Estava infeccionado devido a seus pecados, perdera os sentidos. Veio a tribulação, qual cauterização e amputação. Diz o salmista: “Encontrei a tribulação e a dor e invoquei o nome do Senhor”. Em verdade, irmãos, existem tribulações que todos experimentam. São superabundantes no gênero humano: alguém se queixa de um prejuízo; outro chora devido a um luto; outro entristece-se no exílio e suspira pela volta à pátria, considerando intolerável viver como peregrino; outro teve a vinha atingida por granizo, considera seus esforços e como se inutilizou todo o seu trabalho. Quando pode o homem evitar a tristeza? Vem a sofrer de um amigo transformado em inimigo. Que miséria maior existe no gênero humano? Todos se lamentam, se queixam. São tribulações todas elas, e nelas envolvidos os homens invocam o Senhor, com razão. Invoquem a Deus. Ele pode ensinar a suportar, ou remediar o mal tolerado. Ele sabe não nos deixar tentação acima de nossas forças (cf 1Cor 10,13). Invoquemos a Deus também nestas tribulações. Mas estas tribulações vêm ao nosso encontro, conforme está escrito em outro salmo: Deus é nosso “auxílio nas tribulações que nos cercaram em demasia” (Sl 45,2). Mas, existe outra que nós devemos encontrar. Encontrem-nos aquelas tribulações; mas existe uma que devemos procurar e encontrar. Qual é? A felicidade neste mundo, a afluência dos bens temporais. Em si não são tribulações; são alívios em nossa tribulação. De qual? A da nossa peregrinação. Pelo fato mesmo de ainda não estarmos com Deus, de vivermos no meio de tentações e incomodidades, de não estarmos isentos de temor, sofremos tribulação. Não temos a segurança que nos foi prometida. Quem não descobrir esta tribulação inerente a sua peregrinação, não cogita de voltar à pátria. Isto é tribulação, irmãos. Certamente agora

praticamos boas obras, ao partirmos o pão com o faminto, abrigarmos em casa o peregrino, etc.; isto igualmente é tribulação. Encontramos infelizes e exercemos a misericórdia para com eles; a miséria destes infelizes nos faz compadecidos. Como não estarias em melhores condições lá onde não encontrarás faminto a alimentar, peregrino a acolher, nu a vestir, doente a visitar, adversário a apaziguar! Ali tudo é excelente, verdadeiro, santo, eterno. Ali nosso pão é a justiça, nossa bebida a sabedoria, nossa veste a imortalidade, nossa eterna morada os céus, nossa firmeza a imortalidade. Por acaso ali se introduz a doença? O cansaço conduz ao sono? Não há absolutamente morte, nem contendas. Ali há paz, repouso, alegria, justiça. Não penetra inimigo algum, nenhum amigo abandona. Que repouso! Se ponderarmos, se notarmos onde nos encontramos e onde aquele que não mente prometeu que haveríamos de estar, só o fato da promessa nos mostra a tribulação em que nos achamos. Só encontra esta tribulação quem a procura. Estás são. Vê se és infeliz, porque é mais fácil a quem adoecer perceber que é infeliz. Quando estás com saúde, examina se és infeliz, porque ainda não estás junto de Deus. "Encontrei a tribulação e a dor e invoquei o nome do Senhor" (Sl 114,3). "Oferece a Deus um sacrifício de louvor". Louva o Senhor que promete, louva o que chama, que exorta, que ajuda; e entende em que tribulação te encontras. Invoca e serás libertado, glorificarás, permanecerá

23 [16] Ve a continuação, meus irmãos. Como Deus havia dito: "Oferece a Deus um sacrifício de louvor", e o ordenara qual tributo, alguém refletiu e declarou: Cada dia vou levantar-me, dirigir-me à igreja, cantar um hino matutino, outro vespertino, um terceiro e um quarto em minha casa. Assim diariamente ofereço um sacrifício de louvor, e imolo uma vítima a meu Deus. Fazes bem, na verdade, se assim ages; mas examina se já te sentes seguro por agir assim; talvez tua língua bendiz a Deus, e tua vida o maldiz. Ó meu povo, o Deus dos deuses que falou, convocando a terra do oriente ao ocaso, dirige-se a ti, apesar de ainda estares no meio do joio, com as palavras: "Oferece um sacrifício de louvor" a teu Deus, e "cumpre os teus votos"; cuidado, porém, de não viveres mal, enquanto cantas bem. E por que isto? "Ao pecador", porém, "Deus diz: Por que enumeras as minhas justiças e tens na boca a minha aliança?" Vede, irmãos, com que tremor proferimos estas palavras. Temos na boca a aliança de Deus, e vos pregamos a doutrina e as justiças de Deus. E o que diz Deus ao pecador? "Por que tu?" Proíbe, então, que os pecadores sejam pregadores? E o que fazer da palavra: "Fazei tudo quanto vos disserem. Mas não imiteis as suas ações" (Mt 23,3)? E a outra palavra: "Com segundas intenções ou sinceramente — Cristo é proclamado" (Fl 1,18)? Mas, se estas palavras foram proferidas, não tenham medo os ouvintes de quem quer que seja, de que se sintam seguros os que falam o que é bom e praticam o mal. Por conseguinte, irmãos, ficai tranquilos; se ouvis coisas boas, é a Deus que ouvis, seja de quem for que ouvis. Deus, porém, não quis deixar sem correção os pregadores, para que não se sintam seguros apenas pelo que dizem, e cochilem numa vida malvada, dizendo a si mesmos: Deus não há de condenar, ele que quis proferíssemos tantas palavras boas diante de seu povo. Muito ao contrário. Ouve o que estás dizendo, quem quer que sejas, e se queres

ser ouvido, primeiro escuta. E repete o que diz alguém em outro salmo: “Ouvirei o que falar em mim o Senhor Deus, porque falará de paz a seu povo” (Sl 84,9). Quem sou eu que não ouço o que o Senhor me fala e quero que os outros escutem o que é proferido por meu intermédio? Que eu ouça primeiro, ouça, principalmente ouça o que falar em mim o Senhor Deus, porque falará de paz a seu povo. Ouça, e castigue o meu corpo e o reduza à servidão, a fim de que não aconteça que, tendo proclamado a mensagem aos outros, venha eu mesmo a ser reprovado (cf 1Cor 9,27). “Por que enumeras as minhas justiças?” Por que enumeras o que não te aproveita? O Senhor admoesta a ouvir, não para que pares de pregar, mas para que comeces a obedecer. Tu, porém, “tens na boca a minha aliança”. Para quê?

24 [17] “Pois, tu detestas a disciplina”. Detestas a disciplina. Quando eu poupo, cantas e louvas; quando castigo, murmuras. Parece que sou o teu Deus quando poupo, e não sou quando castigo. Arguo e castigo aqueles que amo (cf Ap 3,19). “Pois, tu detestas a disciplina e atiraste para trás as minhas palavras”. Atiras para trás o que dizes por tua boca. “Atiraste para trás as minhas palavras”, onde não vês, mas elas te oneram. “E atiraste para trás as minhas palavras”.

25 [18] “Se vias ladrão, corrias com ele e aos adúlteros te associavas”. Não digas: Não roubei, não cometi adultério. Mas, se te agrada quem o cometeu? Não colaboraste por tua aprovação? Não te associaste a ele, elogiando-o? Correr com um ladrão e associar-se aos adúlteros é isso, irmãos. Mesmo que não cometas, se louvas aquele que o comete, apoias o fato. Porque o pecador se gloria nos desejos de sua alma e o iníquo se bendiz (Sl 9,24). Não praticas o mal, mas louvas quem o faz. Seria isto um mal insignificante? “E aos adúlteros te associavas”.

26 [19] “De tua boca transbordou a malícia e tua língua abraçou o dolo”. O salmista, irmãos, refere-se à malevolência e ao dolo de certos homens que por adulação, apesar de saberem que é mal o que escutam, a fim de não ofenderem os outros ouvintes consentem, não somente por não censurarem, mas também por calarem. Não basta não dizerem: Fizeste mal. Mas afirmam: Fizeste bem, embora saibam que é mal. De sua boca transborda a malícia e sua língua trama enganos. O dolo consiste em uma espécie de fraude nas palavras: dizer uma coisa e pensar outra. O salmista não diz: Tua língua admitiu o dolo, ou: perpetrou o dolo, mas para mostrar que houve certo deleite no próprio ato mau, disse: “abraçou”. Não foi bastante o ato, mas acrescentas o deleite: louvas no momento e ris por dentro. Precipitas no abismo aquele que incautamente manifesta seus vícios, sem saber que é um mal. Tu que sabes que é um vício, não dizes: Onde te jogas? Se o visses andando sem cuidados na escuridão, num lugar onde sabes que existe um poço e calasses, que espécie de gente tu serias? Não serias tido por seu inimigo? E no entanto se caísse no poço, morreria o corpo, não a alma. Ele se precipita em seus vícios, gaba-se junto de ti de seus malvados atos; tu sabes que são pecados, e elogias, rindo por dentro. Oh! Se um dia Deus converter aquele de quem zombas, e que não quiseste corrigir, e ele te disser: Corem de vergonha os que me dizem: Bem feito,

bem feito! (cf Sl 39,16). “E tua língua abraçou o dolo”.

27 [20] “Tu te assentavas para falar contra teu irmão”. “Assentava” relaciona-se com o que foi dito acima: “abraçou”. Quem pratica de pé, ou de passagem, não o faz com prazer; quem, porém, se assenta, procura um lazer para praticar melhor! “Tu te assentavas para falar contra teu irmão”. Praticavas com cuidado a detração, estando sentado; querias ocupar-te com ela, abraçavas o mal, osculavas o dolo. “Tu te assentavas para falar contra teu irmão, e para pôr um tropeço ao filho de tua mãe”. Quem é “o filho de tua mãe”? Não é teu irmão? Quis, portanto, repetir o que dissera acima: “teu irmão”. Ou insinuou alguma distinção para procurarmos entender? Efetivamente, irmãos, acho que devemos distinguir. Um irmão fala contra outro irmão. Por exemplo: Alguém que parece seguro, de alguma projeção, instruído, douto, fala mal de um irmão, que talvez seja bom mestre e de vida honesta. Quem o ouve é fraco, e fica escandalizado com a detração. De fato, quando um homem que parece importante e douto fala mal dos bons, escandalizam-se os fracos, que não sabem julgar. Um desses fracos é denominado “filho de sua mãe”, não de seu pai, porque ainda necessita de leite, ainda mama. Ainda é carregado no colo da Igreja, sua mãe, pois não pode tomar alimento sólido à mesa de seu pai, mas se nutre do leite materno; é incapaz de julgar, por ser apenas animal e carnal. “O homem espiritual julga a respeito de tudo; o homem carnal, porém, não aceita o que vem do espírito de Deus. É loucura para ele”. A esses tais diz o Apóstolo: “Não vos pude falar como a homens espirituais, mas tão-somente como a homens carnais, como a crianças em Cristo. Dei-vos a beber leite, não alimento sólido, pois não o podíeis suportar. Mas nem mesmo agora podeis. Fui mãe para vós, conforme está dito em outra passagem: Fizemo-nos pequenos no meio de vós, como mãe que acaricia os seus filhinhos” (1Cor 2,15.14; 3,1.2; 1Ts 2,7). Não foi qual ama a alimentar filhos alheios, e sim mãe que nutre os próprios filhos. Existem mães que entregam a amas os filhos que deram à luz; as que os geraram não acariciam seus filhos, porque os entregam a amas que os nutram. As amas acariciam os filhos de outras mães, que não são seus. Paulo, porém, gerara e acariciava. Não entregava os filhos a nutrícios. Pois, havia dito: “Meus filhos, por quem sofro de novo as dores do parto, até que Cristo seja formado em vós” (Gl 4,19). Acariciava, portanto, e aleitava. Havia, contudo, alguns, que pareciam doutos e espirituais, que falavam contra Paulo: “Pois as cartas, dizem, são severas e enérgicas, mas, uma vez presente, é um homem fraco e a sua linguagem é desprezível” (2Cor 10,10). É ele mesmo que em sua carta conta terem dito isto alguns detratores, a seu respeito. Assentavam-se, e falavam contra seu irmão e punham tropeço diante do filho de sua mãe. Por conseguinte, eles fizeram com que sua mãe de novo tivesse de dar à luz. “Para pôr tropeço ao filho de tua mãe”.

28 [21] “Fizeste isto e calei”. Por isso, o Senhor nosso Deus virá e não calará. Agora, porém: “Fizeste isto e calei”. O que significa: “Calei”? Retive a vingança, adiei minha severidade, prolonguei em teu favor a minha paciência, esperei longamente por tua penitência[1]. “Fizeste isto e calei”. Se eu esperei que te arrependesses, conforme diz o

Apóstolo: “Ora, com tua obstinação e com teu coração impenitente, estás acumulando ira para o dia da ira e da revelação da justa sentença de Deus” (Rm 2,5). “Suspeitaste, devido a tua iniquidade que sou semelhante a ti”. Não te basta agradarem-te os teus maus atos, e por cima ainda julgas que me aprazem. Não me suportas enquanto Deus vingador, e queres ter-me por partícipe, juiz corrupto e sócio dos teus despojos. “Suspeitaste, devido a tua iniquidade, que sou semelhante a ti”, e no entanto não queres ser semelhante a mim. “Portanto, deveis ser perfeitos como o vosso Pai celeste é perfeito. Ele faz nascer o seu sol igualmente sobre bons e maus” (Mt 5,48.45). Não quiseste imitar aquele que dá bens até aos maus, de tal modo que, ao invés sentado falas mal até contra os bons. “Suspeitaste, devido a tua iniquidade, que sou semelhante a ti. Censurar-te-ei”. Quando vier “manifestamente Deus, nosso Deus, e não se calar, censurar-te-ei”. E o que te farei ao te censurar? O que hei de fazer? Agora não vês; farei com que vejas a ti mesmo. Se te vires, e o resultado te desagradar, haverás de me agradar. Mas, como, ao contrário, não te vias e te comprazias em ti mesmo, desagradarás a mim e a ti. A mim, ao julgar. A ti, ao arderes no fogo. O que te hei de fazer? “Manifestarei a ti mesmo diante de teus olhos”. Por que motivo queres esconder-te de ti mesmo? Puseste a ti mesmo nas costas, e não te vês. Farei com que vejas. Porei diante de teu olhos o que puseste às costas. Verás tua fealdade, não mais para te corrigires, mas para te envergonhares. Uma vez que Deus assim fala, irmãos, deve desesperar aquele ao qual ele se dirigiu? Porventura aquela cidade, da qual se disse: “Ainda três dias, e Nínive será destruída”, não foi capaz de converter-se, orar, chorar, merecer perdão do castigo iminente, em três dias? (Jo 2,4-10). Ouçam os que são tão culpados, enquanto é possível ouvir do Deus que se cala. Pois, ele virá, e não calará, e arguirá, quando não houver mais possibilidade de correção. “Manifestarei a ti mesmo diante de teus olhos”, diz o Senhor. Agora, pois, faze tu, que és dos tais, o que Deus ameaça te fazer. Tira-te das costas, onde não queres te ver, dissimulando tuas ações, e coloca-te diante de ti mesmo. Comparece ao tribunal de tua mente, sê teu próprio juiz, sente o tormento do temor, prorrompa a confissão e declara a teu Deus: “Reconheço a minha iniquidade e o meu pecado está sempre diante de mim” (Sl 50,5). Esteja diante de ti o que estava atrás, a fim de não suceder depois que venhas a tua frente, perante Deus, como juiz, e não encontras meios de fugir.

29 [22] “Compreendei isto, vós que esqueceis a Deus”. Vede que ele clama; não cala, não poupa. Havias te esquecido do Senhor e não pensavas em tua péssima vida. Entende que havias te esquecido do Senhor. “Não suceda que vos arrebate como um leão e não haja quem vos livre”. O que quer dizer: “como leão”? Como forte, poderoso, como alguém ao qual não é possível resistir. Refere-se a isto o termo “leão”. Pode servir de louvor, e pode ser injúria. O diabo recebeu o nome de leão: “O vosso adversário, o diabo, vos rodeia como um leão a rugir, procurando quem devorar” (1Pd 5,8). Se ele é denominado leão por causa de sua cruel ferocidade, Cristo não é figurado pelo leão, por causa de sua imensa força? Donde provém a palavra: “Venceu o leão da tribo de Judá” (Ap 5,5)? V. Caridade preste atenção ainda um pouquinho. Falta muito pouco. Exorto-vos a sacudir o

cansaço; estará junto de vós aquele que até agora vos deu forças. O salmista dissera pouco acima, como que nos impondo o tributo de louvor e ouvistes: “Oferece a Deus um sacrifício de louvor e cumpre os votos ao Altíssimo”. Mais abaixo, porém: “Ao pecador, porém, Deus diz: ‘Por que enumeras as minhas justiças e tens na boca a minha aliança’ ”? Parece dizer ao pecador: Nada te serve louvar-me. Impus o sacrifício de louvor aos que vivem retamente, àqueles, portanto, que ganham em louvor; tu, porém, se louvas, nada te adianta. Por que me louvas? “O louvor não é belo na boca do pecador” (Ecl 15,9). Em seguida, conclui de certo modo para ambos e arguindo os maus que se esquecem de Deus, diz: “Compreendei isso, vós que esqueceis a Deus. Não suceda vos arrebate como um leão e não haja quem vos livre”.

30 [23] “O sacrifício de louvor me glorificará”. Como é que “o sacrifício de louvor me glorificará”? Certamente nada aproveita aos maus o sacrifício de louvor, porque têm o teu Testamento em sua boca, e praticam atos condenáveis, odiosos a teus olhos. Todavia, diz o Senhor, também a estes eu digo: “O sacrifício de louvor me glorificará”. Já adotaras o parecer de que o louvor não te aproveitaria. Louva. Ser-te-à útil. Pois, se vives mal e proferes palavras boas, ainda não estás louvando. Mas, ainda se começares a viver bem, e o atribuíres a teus méritos ainda não estás louvando. Não quero que sejas como o ladrão que injuriava o Senhor na cruz; mas também não quero que sejas aquele que no templo se gabava de seus méritos, ocultando suas feridas (cf Lc 23,39; 15,11). Se fores iníquo e perseverares naquela iniquidade, não te direi: O louvor não te será proveitoso. Mas direi: Não me louvas. Não considero isso um louvor. Novamente, se fores quase justo (pois ninguém é justo se não for humilde e piedoso), e se estiveres orgulhoso de tua justiça, desprezares os outros comparando-os a ti e excessivamente te exaltares, gloriando-te de teus méritos, não me louvas. Também não me louva aquele que vive mal; nem me louva o que vive bem como se isto proviesse de si mesmo. Por acaso aquele fariseu era dos tais, que pensam que viver bem provém de si mesmo, quando dizia: “Ó Deus, eu te dou graças porque não sou como o resto dos homens”. Dava graças a Deus por possuir bens em si. Apesar de haver em ti algum bem, apesar de já entenderes que o bem que há em ti de ti não deriva, mas o recebeste de Deus, todavia porque te exaltas acima de outro que não o tem, és invejoso, e ainda não me estás louvando. Primeiro, portanto, corrige-te do teu péssimo caminho e começa a viver bem; entende que só te corrigirás por um dom de Deus. Pois, “o Senhor dirigirá os passos do homem” (Sl 36,23). Ao entenderes isso, sê favorável também aos outros, a fim de se tornarem aquilo que tu és; pois eras também tu o que eles são agora. Favorece quanto puderes e não percas a esperança; Deus não limita sua riqueza a ti. Por conseguinte não louva aquele que ofende o Senhor, vivendo mal. Não louva quem ao começar a viver bem, julga que tira de si mesmo a possibilidade de viver bem e não a recebe de Deus. Nem louva quem sabendo que recebeu de Deus o dom de viver bem, no entanto, quer limitar a si a riqueza do dom de Deus. Aquele, portanto, que dizia: “Ó Deus, eu te dou graças porque não sou como o resto dos homens, injustos, ladrões, adúlteros, e nem como este publicano”, não tinha motivos suficientes para dizer: Dá também a este

publicano o que me deste, e completa o que ainda não me deste? Mas ele parecia arrotar, saciado. Não dizia: Eu sou necessitado e pobre (cf. 69,6), consoante o que declarava aquele publicano: “Senhor, tem piedade de mim, pecador!” Por isso o publicano desceu para casa justificado, mais do que o fariseu (Lc 18,11-14). Por esta razão, ouvi vós que viveis bem, ouvi vós que viveis mal: “O sacrifício de louvor me glorificará”. Ninguém me oferece este sacrifício de louvor, e continua malvado. Não digo: Que o mau não mo ofereça, mas: Ninguém oferece este sacrifício sendo mau. Quem louva é bom, porque se louva, também vive bem. Se louva, não louva apenas com a língua, mas vida e língua concordam entre si.

31 “O sacrifício de louvor me glorificará, e ali está o caminho em que lhe mostrarei a salvação de Deus”. No sacrifício de louvor acha-se “o caminho em que lhe mostrarei a salvação de Deus”. Qual é a “salvação de Deus”? É o Cristo Jesus. E como no sacrifício de louvor Cristo se nos manifesta! Porque Cristo vem a nós com sua graça. O Apóstolo afirma o seguinte: “Eu vivo, mas já não sou eu que vivo, pois é Cristo que vive em mim. Minha vida presente na carne, eu a vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou a si mesmo por mim” (Gl 2,20). Reconheçam, portanto, os pecadores, que não precisariam de médico se estivessem com saúde (cf Mt 9,12). Pois, Cristo morreu pelos ímpios (cf Rm 5,6). Quando, portanto, reconhecem suas impiedades, imitam primeiro aquele publicano que dizia: “Senhor, tem piedade de mim, pecador!” Mostram as feridas, imploram o médico. Como não se louvam a si mesmos, mas se acusam, de sorte que aquele que se gloria, não se glorie em si, mas no Senhor (1Cor 1,31), entendem o motivo da vinda de Cristo, porque ele veio salvar os pecadores: “Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o primeiro” (1Tm 1,15). Por isto, declara o Apóstolo aos judeus, que se gloriavam de suas obras, que eles não pertenciam ao regime da graça, pois pensavam que o prêmio era de seus méritos e de suas obras (Gl 5,4). Quem, portanto, reconhece depender do regime da graça, que é Cristo e que é de Cristo, sabe que necessita da graça. Se tem o nome de graça é porque é dada gratuitamente; se é concedida gratuitamente, não houve méritos precedentes. Pois, se teus méritos precederam, a recompensa não é imputada segundo a graça, mas é devida (cf Rm 4,4). Se, pois, afirmas que teus méritos precederam, queres que tu sejas louvado e não Deus. Por conseguinte, não reconheces a Cristo, que veio trazendo a graça de Deus. Volta-te então para teus méritos e vê que foram maus, de sorte que não merecias prêmio mas suplício. E ao verificares que não tinhas mérito, reconheces o que a graça te dá. E louvas a Deus, com um sacrifício de louvor. Este é o caminho, no qual hás de conhecer a Cristo, salvação de Deus.

1 Cf Cesario de Arles. S. 133, cc. 103, p. 545ss.

SALMO 50

SERMÃO[2]

1 Não nos podemos furtar a tão numerosa multidão, mas também não devemos onerar sua fraqueza. Pedimos silêncio e tranquilidade, para que nossa voz, depois do esforço de ontem, encontre forças para ir até o fim. Acredito que V. Caridade hoje compareceu em maior número apenas no intuito de rezar pelos que se ausentam devido a sentimentos alheios e maus. Pois, não falamos de pagãos, nem de judeus, mas de cristãos; nem se trata de catecúmenos, mas de muitos já batizados, de quem não vos diferenciais pelo batismo, mas pelo coração. Pensamos em quantos são hoje nossos irmãos, e contudo lastimamos que procurem vaidades e loucas mentiras, negligenciando sua vocação! Se, por acaso, no circo eles se horrorizam por alguma coisa, logo fazem o sinal da cruz, mas permanecem de pé, trazendo-o na fronte, num lugar de onde deviam se afastar se o trouxessem no coração. Seria mister suplicar a misericórdia de Deus que lhes desse entendimento para condenar estas coisas, sentimento para delas fugir, e misericórdia para perdoar. Oportunamente o salmo que hoje foi cantado é penitencial. Dirigimo-nos também aos ausentes. Vossa memória fará junto deles o papel de nossa voz. Não negligencieis os feridos e debilitados, mas para mais facilmente curá-los, deveis manter-vos com saúde. Corrigi arguindo, consolai discorrendo, oferecei um exemplo vivendo honestamente. Assista-os quem vos assistiu. Pelo fato de que já atravessastes estes perigos, não foi cortada a ponte da misericórdia de Deus. Eles chegarão ao ponto a que chegastes, e passarão por onde passates. Certamente é molesto, sumamente perigoso, ou antes, pernicioso, sem dúvida mortal, pecar conscientemente. Uma coisa é alguém que despreza a voz de Cristo correr para estas vaidades, e outra alguém não saber o que deve evitar. Mas o presente salmo mostra que nem destes se deve desesperar.

2 [1.2] Este é o teor do título: “Salmo de Davi. Quando veio ter com ele o profeta Natan, depois que se unira com Bersabeia”. Era mulher casada. Devemos falar com dor e tremor; todavia, Deus não quis se calasse o que fez ser escrito. Direi, portanto, não o que quero, mas o que sou impelido a dizer. Proferirei, não exortando à imitação, mas instruindo para incutir temor. O rei e profeta Davi, a cuja estirpe, segundo a carne, pertenceria o Senhor, seduzido pela beleza dessa mulher, desposada a outro, com ela cometeu adultério. Este salmo não o narra, mas alude a isto o título. No livro dos Reis, porém, conta-se tudo por extenso. Ambas as Escrituras são canônicas, ambas sem dúvida alguma devem ser utilizadas pelos fiéis. O pecado foi cometido e isso está escrito. Davi mandou matar o marido de Bersabeia na guerra. Acrescentou um homicídio ao adultério. Depois de cometer este pecado foi-lhe enviado o profeta Natan, da parte de Deus, que o arguiu de tão grande crime.

3 Declaramos o que devem os homens evitar. Ouçamos a quem hão de imitar se tiverem

caído. Muitos querem cair com Davi, mas não querem se levantar com ele. Não é exemplo de queda que te é proposto, e sim de como te reerguer se tiveres caído. Cuidado para não cair. A queda dos grandes não deve dar prazer aos menores, mas sirva a sua queda para incutir temor aos que estão abaixo. Foi para isto que foi proposto, que foi escrito, para isto na Igreja frequentemente é lido e cantado. Escutem os que não caíram, a fim de evitar a queda, ouçam os que caíram para se levantarem. Não se calou o pecado de tão grande varão. É anunciado na igreja. Os maus ouvintes escutam e procuram nisso uma defesa de seus pecados. Prestam atenção no modo de defender o pecado que decidiram cometer, ao invés de se precaverem do que não cometeram, e dizem a si mesmos: Se Davi assim agiu, por que não posso também eu? Por esta razão, a alma se torna pior do que Davi, querendo agir assim visto que Davi o fez; seu pecado é pior do que o de Davi. Vou explicar melhor, se puder. Davi não tomara a outro por exemplo, como tu. Caíra por ceder à concupiscência, e não por pretexto de não ser pecado; tu, porém, o propões a ti mesmo como exemplo, porque ele é santo, mas a fim de pecares. Não imitas a sua santidade, mas imitas sua queda. Amas em Davi o que ele mesmo odiou em si. Preparas-te para pecar, decides pecar. Examinas o Livro de Deus para pecar; ouves as Sagradas Escrituras a fim de praticar aquilo que desagrada a Deus. Não foi assim que agiu Davi. Foi repreendido pelo profeta, mas não caiu como profeta. Alguns, contudo, escutam de modo salutar, e vendo a queda de um forte medem melhor a sua fraqueza; desejosos de evitar o que Deus condena, com segurança moderam seus olhares. Não fixam os olhos na beleza carnal, imaginando por perversa simplicidade que estão firmes. Não dizem: Olhei com boa intenção, olhei por amizade, com benevolência olhei longamente. Pensam na queda de Davi. Reconhecendo que são pequenos não querem ver o que pode fazê-los cair, pois veem que o grande caiu. Reprimem os olhos da insolência, não se reúnem facilmente com as mulheres dos outros, não se detêm no meio delas, não dirigem os olhos para as sacadas e terraços vizinhos. Pois, Davi viu de longe aquela que o prendeu. A mulher estava longe, mas a concupiscência estava perto. Fora dele estava o que ele via, mas dentro de si tinha o que o faria cair. Faz-se mister precaver-se desta fraqueza da carne, recordando-se do que disse o Apóstolo: "O pecado não impere mais em vosso corpo mortal" (Rm 6,12). Não disse: Não exista, mas: "não impere". O pecado está aí, quando sentes; mas só impera se consentires. Há de ser refreada e não seguida a deleitação carnal, principalmente quando se estender a objetos ilícitos e alheios. Deve ser domada pela vontade, e não se tornar voluntária. Olha sem receio, se não atinge teus sentimentos. Mas, podes replicar: Fico firme. Acaso és mais forte do que Davi?

4 Tal exemplo serve de aviso, para que ninguém se orgulhe na prosperidade. Muitos receiam a adversidade, mas não temem a prosperidade. No entanto, a prosperidade é mais perigosa para a alma do que a adversidade para o corpo. A prosperidade primeiro corrompe a alma, e depois a adversidade a encontra num estado de fragilidade. Meus irmãos, vigiai atentamente contra a felicidade. Por isso, vede como a palavra de Deus nos previne contra a segurança em nossa felicidade: "Servi ao Senhor com temor e exultai diante dele com tremor" (Sl 2,11). Com exultação, demos graças; com temor de

cair. Davi não pecou enquanto sofria a perseguição de Saul. Quando o santo profeta Davi sofria a inimizade de Saul, quando estava angustiado por suas perseguições, quando fugia por diversas regiões para não cair nas mãos do rei, não desejou a mulher do próximo, nem matou o marido depois de ter cometido adultério com a mulher (cf 1Rs 24,5; 26,9). Na fraqueza de sua tribulação estava tanto mais atento ao que Deus manda quanto mais infeliz se via. Determinadas tribulações são úteis. É útil a ferramenta do médico. Muito mais do que a tentação do diabo. Davi se tornou seguro de si depois de vencer os inimigos; a angústia passou e o orgulho cresceu. Valha-nos, pois, este exemplo para termos receio da felicidade. Diz o salmista: "Encontrei a tribulação e a dor e invoquei o nome do Senhor" (Sl 114,3.4).

5 Mas isto sucedeu. Diria tais coisas aos que não cometeram tal pecado para que guardem vigilantes sua integridade e vendo a queda de um grande, os pequenos sintam medo. Todavia, se alguém houver caído e ouve estas coisas, tendo na consciência uma culpa, preste atenção às palavras deste salmo: verifique o tamanho da ferida, mas não perca a esperança no poder do médico. Cair no desespero por causa do pecado é morte certa. Por conseguinte, ninguém diga: Se cometi algum mal já estou condenado. Deus não perdoa esta espécie de pecados; porque não continuarei a pecar? Gozarei com delícia neste mundo, com lascívia, com desejos impuros; tendo já perdido a esperança de conversão, tenha ao menos o que vejo, uma vez que não poderei ter o que creio. Este salmo, no entanto, como previne os que não caíram, igualmente não quer que desesperem os que pecaram. Quem quer que sejas que pecaste, e hesitas em fazer penitência por teu pecado, desanimado relativamente a tua salvação, escuta Davi a gemer. Não te foi enviado o profeta Natan, mas o próprio Davi. Escuta-o a clamar, e clama com ele; escuta-o a gemer, e geme simultaneamente; escuta-o a chorar, e une as tuas lágrimas às dele; escuta-o emendado, e alegra-te com ele. Se não impediste o pecado, não se encerre para ti a esperança do perdão. A Davi foi enviado o profeta Natan. Observa a humildade do rei. Não repeliu as palavras de ordem; não repeliu: Como ousas falar assim ao rei, que sou? Rei sublime, que ouviu o profeta; o povo humilde ouça a Cristo.

2 Cf. Cesario de Arles Sermo. 155-CC 103, p. 550ss e Pl 47, 1196ss.

6 [3] Escuta, portanto, estas palavras, e repete com ele: "Piedade de mim, ó Deus, segundo a tua grande misericórdia". Quem suplica grande misericórdia confessa sua enorme miséria. Procurem menor misericórdia os que pecaram por ignorância. "Piedade de mim, ó Deus, segundo a tua grande misericórdia". Socorre ao gravemente ferido, com teus enérgicos medicamentos. Grave é minha doença, mas refugio-me no Onipotente. Perderia a esperança por causa de meu ferimento mortal se não encontrasse tão grande médico. "Piedade de mim, ó Deus, segundo a tua grande misericórdia; e com a abundância de tuas comiserações apaga a minha iniquidade. Apaga a minha inquidade" corresponde a "Piedade de mim, ó Deus". E "a abundância de tuas comiserações" equivale a "segundo a tua grande misericórdia". Muitas misericórdias porque é grande a misericórdia; e desta grande misericórdia derivam as muitas comiserações. Olhas os que

desprezam para corrigi-los, voltas-te para os ignorantes para ensinar-lhes, atendes os pecadores para perdoá-los. Cometeu pecados por ignorância? Alguém os cometera, praticando muitos males: “Mas obtive misericórdia, porque agi por ignorância” (1Tm 1,13). Davi não pôde dizer: “Agi por ignorância”. Não ignorava que grande pecado era tocar na mulher do próximo, e ainda matar o marido que desconhecia o fato, e por isso nem podia se encolerizar. Mas, conseguem a misericórdia do Senhor os que agem por ignorância, enquanto os que pecam conscientemente obtêm não qualquer uma, mas uma grande misericórdia.

7 [4] “Lava-me cada vez mais de minha injustiça”. Por que razão: “cada vez mais”? Porque estava muito manchado. Cada vez mais lava os pecados de quem está ciente, enquanto lavas os pecados de quem está na ignorância. Nem assim deve-se desesperar de tua misericórdia. “E purifica-me de meu pecado”. Por mérito de quem? Ele é médico e oferece a graça; é Deus, oferece o sacrifício. O que darás para seres purificado? Vê a quem hás de invocar. Invocas o justo, que odeia o pecado, pelo fato mesmo de ser justo. Pune o pecado, se é justo. Não podes subtrair de Deus a sua justiça. Implora a misericórdia, mas espera a justiça. É próprio da misericórdia perdoar o pecador e peculiar à justiça castigar o pecado. E então? Buscas a misericórdia e o pecado ficará impune? Responderá Davi, responderão os decaídos, responderão com Davi para merecerem a mesma misericórdia que ele, e digam: Não, Senhor, meu pecado não ficará impune. Conheço a justiça daquele cuja misericórdia procuro. Não ficará impune, mas não quero que tu me castigues, porque me arrependo de meu pecado. Peço que perdoes, porque reconheço meu pecado.

8 [5] “Reconheço a minha iniquidade e o meu pecado está sempre diante de mim”. Não deixei para trás o que fiz, não olho os outros, esquecido de mim mesmo, não tento retirar o argueiro do olho de meu irmão, quando tenho uma trave nos meus (cf Mt 7,3). Meu pecado está a minha frente, não nas costas. Estava atrás de mim quando me foi enviado o profeta, e me propôs a parábola da ovelha do pobre. Disse o profeta Natan a Davi: “Um homem rico possuía ovelhas em grande número. Um pobre, seu vizinho, tinha só uma pequena ovelha. Ele a criara junto de si e a alimentava com a sua comida. Um hóspede veio à casa do homem rico, que nada quis tirar de seu rebanho. Tomou a ovelhinha do pobre e a preparou para sua visita. De que é digno?” Davi, então, irado proferiu a sentença. De fato, o rei sem saber em que laço caíra, proferiu sentença de morte para o rico, que devia devolver a ovelha ao quádruplo (cf 2Rs 12,2-6). Sentença muito severa, no entanto, justíssima. Mas seu pecado ainda não estava diante dele. Achava-se atrás dele o que cometera. Ainda não reconhecia sua iniquidade, e por isto não perdoava a alheia. O profeta, contudo, que para tal fora enviado, tirou o pecado de suas costas, e colocou-o diante de seus olhos, para que visse que proferia sentença tão severa contra si mesmo. Transformou a língua dele num bisturi para cortar e curar a ferida que ele tinha no coração. Igualmente, assim agiu o Senhor para com os judeus, quando lhe apresentaram a mulher adúltera, propondo-lhe uma cilada, mas quem nela caiu foram eles mesmos. Disseram: “Esta mulher foi surpreendida em adútério. Moisés

nos ordena apedrejar tais mulheres. Tu, porém, que dizes?" Eles tentavam apanhar a Sabedoria de Deus numa cilada ambivalente. Se o Senhor mandasse matá-la, perderia a fama de mansidão; se ordenasse que a despedissem livre, incorreria na calúnia de ser censor da lei. Sua resposta foi a seguinte: Não disse: Matai; não disse: Soltai, mas: "Quem dentre vós não tem pecado, seja o primeiro a lhe atirar uma pedra". É justa a lei que ordena se mate uma adúltera; mas esta lei justa pede ministros inocentes. Ponderai quem é que apresentais, mas atendei também no que sois. "Eles, porém, ouvindo isso, saíram um após outro. Ficaram a adúltera e o Senhor", restaram a mulher ferida e o médico, a grande miséria e a grande misericórdia. Os que a apresentaram encheram-se de vergonha, mas não pediram perdão; a que fora levada perante o Senhor confundiu-se e foi curada. Disse-lhe o Senhor: "Mulher, ninguém te condenou? Disse ela: Ninguém, Senhor. Disse, então Jesus: Nem eu te condeno. Vai, e de agora em diante não peques mais" (Jo 8,4-11). Por acaso, Cristo agiu contra a sua Lei? Pois, o Pai não dera a Lei sem o Filho. Se por ele foram feitos o céu, a terra e tudo o que eles contêm, como a Lei seria promulgada sem o Verbo de Deus? Nem Deus, nem o imperador agem contra as suas próprias leis quando dão perdão aos faltosos que confessarem. Moisés é ministro da Lei, mas Cristo é promulgador da Lei. Moisés manda apedrejar, enquanto é juiz, ao invés, Cristo, como rei, dá o perdão. Deus, portanto, dela se compadeceu em sua grande misericórdia, conforme ela aqui roga, pede, exclama, lamenta. Isto não quiseram fazer os que apresentaram a adúltera. Reconheceram o médico, porque lhe mostraram o ferimento, mas não procuraram dele o remédio. Desta maneira agem muitos que não se envergonham de pecar, mas têm vergonha de fazer penitência. Oh! Incrível loucura! Não te coras da ferida, e tens vergonha das faixas? Porventura não é mais fétida e pútrida quando está descoberta? Refugia-te, portanto, junto do médico, faze penitência, dizendo: "Reconheço a minha iniquidade e o meu pecado está sempre diante de mim".

9 [6] "Só contra ti pequei e fiz o mal diante de ti". Qual o sentido desta palavra? Não fora diante dos homens que Davi cometeu adultério e matou o marido desta mulher? Todos não souberam do ato de Davi? Por que então: "Só contra ti pequei e fiz o mal diante de ti"? Porque és o único sem pecado. Só é justo para punir aquele que em nada merece ser castigado; é justo censor pois não tem em si algo de repreensível. "Só contra ti pequei e fiz o mal diante de ti; para que te justifiques em tuas palavras e venças ao seres julgado". É difícil, irmãos, saber a quem são dirigidas estas palavras. O salmista fala, em verdade, a Deus, e é claro que Deus Pai não foi julgado. O que significa: "Só contra ti pequei e fiz o mal diante de ti; para que te justifiques em tuas palavras e venças ao seres julgado"? Ele vê que o futuro juiz deve ser primeiro julgado, o justo julgado pelos pecadores, e nisto mesmo seria vencedor, porque não havia nele o que julgar. Somente entre os homens pôde dizer com verdade o homem Deus: Se encontraste pecado em mim, declarai-o (cf Jo 8,46). Mas existiria algo de oculto aos homens, e estes não descobriam o que de fato havia, porque não era evidente? Em outra passagem afirma o perspicaz examinador de todos os pecados: "O príncipe do mundo vem". Declara: "O príncipe do mundo vem", o príncipe da morte, a infligir a morte aos pecadores, pois, a morte entrou

no mundo pela inveja do diabo (cf Sb 2,24). “O príncipe do mundo vem” (disse o Senhor, quando a paixão estava próxima); “contra mim ele nada pode”, não encontrará pecado algum, nada que mereça a morte, nem condenação. Seria como se lhe dissesse alguém: Então, por que hás de morrer? Prossegue: “Mas o mundo saberá que faço como o Pai me ordenou. Levantai-vos! Partamos daqui!” (Jo 14,30.31). Sofro, diz ele, sem merecer pelos que merecem a morte, para torná-los dignos de minha vida, pois indignamente sofro a morte em seu favor. O profeta Davi diz então a este que não tem pecado algum: “Só contra ti pequei e fiz o mal diante de ti; para que te justifiques em tuas palavras e venças ao seres julgado”. Superas todos os homens, todos os juízes, e quem se reputa por justo, diante de ti é injusto. Tu somente julgas com justiça, tu que foste injustamente julgado, que tens o poder de entregar a tua vida e poder de novamente retomá-la (cf Jo 10,18). Vences, portanto, ao seres julgado. Superas a todos os homens; és mais do que todos eles, que por ti foram feitos.

10 [7] “Só contra ti pequei e fiz o mal diante de ti; para que te justifiques em tuas palavras e venças ao seres julgado. Eis que fui concebido em iniquidade”. Seria como se dissesse: São vencidos os que fizeram como tu, Davi. Não é pequeno mal, pequeno pecado, cometer adúltério com homicídio. Que acontece aos que desde o nascimento, desde que saíram do seio de sua mãe, nada fizeram de semelhante? Também a estes imputas alguns pecados, de sorte que o Senhor supere a todos, ao começar a ser julgado? Davi faz o papel de todo o gênero humano, pondera os vínculos de todos, considera a propagação da morte, nota a origem da iniquidade, e diz: “Eis que fui concebido em iniquidade”. Por acaso nascera Davi de um adultério? Nascera de Jessé, homem justo e de sua esposa (1Rs 16,18). Por que razão diz que foi concebido em iniquidade, senão porque contraiu o pecado original de Adão? A própria necessidade da morte liga-se ao pecado. Ninguém nasce sem contrair a culpa, a pena. Diz em outra passagem o profeta: “Ninguém é puro em tua presença, nem a criança de um dia de vida sobre a terra” (Jó 14,4 sg. LXX). Mas, sabemos que no batismo de Cristo os pecados são perdoados, e que este batismo vale para a remissão dos pecados. Se as crianças são inteiramente inocentes, porque as mães correm para a igreja quando elas adoecem? Que pecado apaga aquele batismo, a que se refere aquele perdão? Vejo a criança inocente a chorar, não a se encolerizar. Que lava o batismo? Que dívida se paga com aquela graça? Apaga-se a propagação do pecado. Se aquela criança pudesse falar, te diria, e se já tivesse o entendimento que possuía Davi, te responderia: O que observas em mim, que sou uma criança? É verdade que não vês pecados que tenha cometido, mas fui concebido em iniquidade e “em pecado me gerou minha mãe”. Isento deste vínculo da concupiscência carnal, nasceu Cristo não de um varão, mas de uma virgem que concebeu por obra do Espírito Santo. Dele não se pode dizer que foi concebido em iniquidade; não se pode dizer: Sua mãe o gerou em pecado. A ela foi dito: “O Espírito Santo virá sobre ti, e o poder do Altíssimo vai te cobrir com a sua sombra” (Lc 1,35). Por conseguinte, não se diz que os homens são concebidos em iniquidades e em pecado são gerados pelas mães porque seria pecado a união dos cônjuges, mas porque a geração se produz numa carne sujeita à pena devida

ao pecado. O castigo da carne é a morte, e de fato nela é inerente a própria mortalidade. Daí decorre que o Apóstolo não afirma que o corpo há de morrer, mas que está morto. Diz ele: "O corpo está morto, pelo pecado, mas o espírito é vida, pela justiça" (Rm 8,10). Como, então, nasceria sem o vínculo do pecado quem é concebido e gerado de um corpo morto pelo pecado? A casta união conjugal não é culpada, mas o pecado original acarreta a merecida pena. O marido não é mortal enquanto tal, mas devido ao pecado. O Senhor também era mortal, mas não por causa de algum pecado. Aceitou a pena que merecíamos, e assim apagou a nossa culpa. Com razão, portanto, todos morrem em Adão, mas em Cristo todos são vivificados (cf 1Cor 15,22). "Eis porque", diz o Apóstolo, "por meio de um só homem o pecado entrou no mundo, e pelo pecado a morte, e assim a morte passou a todos os homens, porque nele todos pecaram" (Rm 5,12). Está bem delimitada a questão: Em Adão todos pecaram. Excetua-se apenas a criança inocente que não nasceu com o pecado de Adão.

11 [8] "Eis que amaste a verdade. Tu me revelaste as coisas incertas e recônditas de tua sabedoria. Amaste a verdade", isto é, não deixaste impunes os pecados, nem mesmo daqueles a quem perdoaste. "Amaste a verdade". Concedeste misericórdia, contudo conservaste a verdade. Perdoas àquele que confessa; perdoas, mas ao penitente. Assim se preserva a misericórdia unida à verdade. Misericórdia porque o homem é libertado; verdade porque o pecado é punido. "Eis que amaste a verdade. Tu me revelaste as coisas incertas e recônditas de tua sabedoria". Por que motivo "recônditas"? Por que "incertas"? Porque até a estes Deus perdoa. Nada de tão oculto, nada de tão incerto. Diante desta incerteza, os ninivitas fizeram penitência. Declararam, disseram a si mesmos que deviam pedir misericórdia, apesar das ameaças do profeta, apesar de seu aviso: "Ainda três dias, e Nínive será destruída". Perguntaram-se uns aos outros: "Quem sabe? Talvez Deus volte atrás, arrependa-se e se compadeça". Estavam na incerteza, pois diziam: "Quem sabe?" Na dúvida, fizeram penitência e mereceram misericórdia segura. Prostraram-se com lágrimas, jejuns, cilício e cinza, gemeram, choraram e Deus os poupou (Jn 3,4-10). Nínive ficou de pé, ou foi destruída? Os homens veem de um modo e Deus de outro. Penso que se cumpriu o que o profeta predissera. Pondera o que foi Nínive, e vê que foi destruída, derrubada relativamente ao mal, edificada no tocante ao bem, assim como Saulo, o perseguidor, foi derrubado e ergueu-se Paulo, o pregador (cf At 9,4). Quem não diria que à nossa cidade seria uma felicidade ser destruída de sorte que todos os insensatos deixassem suas futilidades, e acorressem à igreja contritos, pedindo a misericórdia de Deus em relação a seus pecados passados? Não diríamos: Onde está aquela Cartago? Como não é mais o que fora, foi destruída; mas se ela se tornou o que não era, foi edificada. Por esta razão é que foi dito a Jeremias: "Eu te constituo para arrancar e para destruir, para exterminar e para demolir, para construir e para plantar" (Jr 1,10). Daí também aquela palavra do Senhor: "Sou eu quem fere e torno a curar" (Dt 32,39). Fere, extrai a podridão do crime, cura a dor da ferida. Assim fazem os médicos, que cortam, extraem, curam. Armam-se para ferir, usam o bisturi para curar. Mas como os pecados dos ninivitas eram grandes, eles disseram: "Quem

sabe?" Essa incerteza Deus tirara de seu servo Davi. Ao responder ele, ao profeta que estava em sua presença e o arguía: "Pequei", logo ouviu do profeta, isto é, do Espírito de Deus que estava no profeta: "O Senhor perdoa a tua falta" (2Rs 12,13). Ele lhe revelou as coisas incertas e recônditas de sua sabedoria.

12 [9] "Aspergir-me-ás com o hissopo e serei purificado". Sabemos que o hissopo é uma erva insignificante, mas medicinal; suas raízes aderem às pedras. Daí se tirou a comparação, o símbolo da purificação do coração. Também tu firma-te na raiz do amor, a tua pedra. Sê humilde, unida a teu Deus humilde, para que sejas sublime em teu Deus glorificado. Serás aspergido com o hissopo; a humildade de Cristo te purificará. Não desprezes a erva; ao invés, atende à virtude do medicamento. Direi ainda alguma coisa que costumamos ouvir dos médicos, ou experimentar nos doentes. Diz-se que o hissopo é apto a purificar os pulmões. Os pulmões costumam assinalar a soberba. Dali parte o inchaço, o hálito. Foi dito de Saulo, o perseguidor, como sendo Saulo soberbo, que partira para prender os cristãos, respirando morticínio (cf At 9,1). Respirava morticínio, desejava derramar sangue, tinha os pulmões não purificados. Escuta-o agora, humilde porque foi purificado por meio do hissopo: "Aspergir-me-ás com o hissopo e serei purificado: lavar-me-ás e ficarei mais alvo do que a neve", isto é, purificar-me-ás. Diz o profeta: "Mesmo que os vossos pecados sejam como escarlate, tornar-se-ão alvos como a neve" (Is 1,18). É destes fiéis que Cristo tece a veste sem mancha nem ruga (cf Ef 5,27). Por este motivo, a sua veste no monte, que brilhou ficando alva como a neve (cf Mt 17,2), representava a Igreja purificada de toda mácula de pecado.

13 [10] Mas por que o hissopo figura a humildade? Ouve o versículo seguinte: "Far-me-ás ouvir o júbilo e a alegria e exultarão os ossos humilhados. Far-me-ás ouvir o júbilo e a alegria". Alegrar-me-ei ao ouvir-te. Não falarei contra ti. Pecaste. Por que te defendes? Queres falar. Sofre, ouve, atende à voz divina, não te perturbes, não te firas mais ainda. Cometeste pecado. Não te defendas, mas procura a confissão, não a defesa. Se te apresentas como defensor de teu pecado, serás vencido. Não patrocinaste um inocente. Não te será útil tua defesa. Quem és tu para te defenderes? És apto para te acusares. Não digas: Nada fiz. Ou: Que grande pecado cometi? Ou: Os outros fizeram o mesmo. Se ao pecares dizes que nada cometeste, nada serás, nada receberás. Deus está disposto a dar-te o perdão. Tu te fechas para teu prejuízo. Ele está pronto a dar. Não oponhas o obstáculo da defesa, mas abre o peito para a confissão. "Far-me-ás ouvir o júbilo e a alegria". O Senhor me dê a possibilidade de dizer o que penso. São mais felizes os que ouvem do que os que falam. Quem está aprendendo faz-se humilde; o mestre deve se esforçar para não se tornar soberbo, para não deixar que se insinue o desejo de agradar como não deve, a fim de que não desagrade a Deus, quem quer agradar aos homens. Grande tremor sente quem ensina, meus irmãos, grande é o tremor que temos enquanto falamos. Crede no que há em nosso coração, que não podeis ver. Conhece-o aquele que pode se aplacar. Seja-nos ele propício, pois é com grande temor que vos falamos. Quando o ouvimos interiormente sugerindo e ensinando, sentimo-nos seguros, alegramo-nos tranquilos. Estamos subordinados ao mestre, procuramos sua glória, louvamo-lo

enquanto ensina. Sua verdade deleita-nos interiormente, onde ninguém faz ou ouve ruído. Ali disse o salmista estar sua alegria e sua exultação. "Far-me-ás ouvir o júbilo e a alegria". Ouve pois é humilde. Quem ouve, quem ouve de verdade, quem ouve bem, ouve humildemente. A glória pertence àquele a quem o ouvinte escuta. Após haver dito: "Far-me-ás ouvir o júbilo e a alegria", mostra imediatamente o efeito desta audição: "E exultarão os ossos humilhados". Os ossos foram humilhados. Os ossos do ouvinte não demonstram orgulho, nem inchaço, o qual é vencido apenas por aquele que fala. Por conseguinte, João Batista, o varão humilde e grande, em comparação do qual não houve maior entre os nascidos de mulher, de tal forma se humilhou que se declarou indigno de desatar as correias das sandálias de seu Senhor (cf Mt 11,11; Mc 1,7); deu glória a seu mestre e com isto se tornou seu amigo. Quando era considerado como sendo o Cristo (cf Sl 3,15) e poderia por isso encher-se de soberba e se projetar, disse: "Quem tem a esposa é o esposo, mas o amigo do esposo, que está presente o ouve" (Jo 3,29). Não foi ele que disse ser o Cristo, mas poderia ter aceitado o erro dos homens que assim pensavam, e além disso, queriam prestar-lhe esta honra; mas ele rejeitou a falsa honra para encontrar a verdadeira glória. Vê a humildade que obteve ao ouvir o esposo: "Ficou de pé a ouvir"; não caiu e falou. Está de pé e ouve que ele prestou à palavra de onde lhe veio o júbilo e a alegria? "Está de pé e ouve, e é tomado de alegria à voz do esposo. Far-me-ás ouvir o júbilo e a alegria e exultarão os ossos humilhados".

14 [11] "Desvia a tua face de meu pecado e apaga todas as minhas iniquidades". Os ossos humilhados já exultam, já fui purificado com o hissopo, e tornei-me humilde. "Desvia a tua face", não de mim, mas "de meus pecados". Em outra passagem, efetivamente, diz: "Não desvies de mim a tua face" (Sl 26,9). Quem não quer que a face de Deus se desvie de si procura que ele a desvie de seus pecados. Dá atenção ao pecado do qual Deus não aparta sua face; se ele observa, condena. "Desvia a tua face de meus pecados e apaga todas as minhas iniquídades". Preocupa-se com aquele grande pecado; mas presume ainda mais sejam apagadas todas as suas iniquidades. Presume da mão do médico, daquela grande misericórdia de que tratou no princípio do salmo: "Apaga a minha iniquidade". Deus desvia a sua face e assim apaga; desviando a face, apaga os pecados, dando atenção anota. Ouviste que ele apaga, desviando a face, ouve agora o que há de fazer quando presta atenção. "Mas a face do Senhor volta-se contra os malfeitores, para apagar da terra a memória deles" e não os pecados. Aqui, porém, como roga o salmista? "Desvia a tua face de meus pecados". É bom rezar assim. O próprio salmista, porém, não desvia a face de seus pecados, pois afirma: "Reconheço a minha iniquidade". Com justeza rezas, e rezas bem para que Deus desvie a sua face de teu pecado, se tu mesmo não apartas a tua: se, porém, pões os teus pecados nas costas, Deus volta para eles a sua face. Tu deves colocar teu pecado em tua presença, se queres que Deus dele aparte a sua face. E assim rezarás com segurança porque ele há de ouvir.

15 [12] "Cria em mim, ó Deus, um coração puro". Cria, não quer dizer, faze algo de novo. Mas orava como um penitente que cometera algo que diminuíra sua inocência; por isso diz: "Cria, e renova em minhas entranhas um espírito reto". Minha ação debilitara e

curvara a retidão de meu espírito. Foi dito em outro salmo: “Mantiveram curva a minha alma” (Sl 56,7). Quando o homem se torna propenso às concupiscências terrenas, curva-se de certa maneira; quando se ergue para as coisas do alto, seu coração se torna reto e passa a considerar a bondade de Deus. Como é bom o Deus de Israel para os retos de coração (cf Sl 72,1). Em consequência disso, irmãos, ouvi. Às vezes, Deus repreende por causa do pecado aquele a quem há de perdoar no século futuro. Pois, ao próprio Davi, ao qual fora dito pelo profeta: “O Senhor perdoou a tua falta” (2Rs 12,13), sobrevieram alguns castigos de que Deus o ameaçara, por causa do pecado. Seu filho Absalão fez-lhe cruenta guerra e humilhou muito o pai (cf 2Rs 12,13). Davi passou os dias na dor, na tribulação de sua humilhação, de tal modo submisso a Deus que confessava serem justos os castigos e que ainda nada do que sofria era imerecido. Já possuía um coração reto e agradava-lhe Deus. Ouvia com paciência um homem a injuriá-lo e a lançar pesadas maldições contra ele; era dos adversários, um soldado que apoiava seu filho impiedoso. Enquanto ele lançava maldições contra o rei, um dos companheiros de Davi, encolerizado, quis feri-lo, mas Davi o impediu. Como o fez? Dizendo: “Amaldiçoe, se o Senhor lhe ordenou que o fizesse” (2Rs 16,5.10). Reconhecendo a sua culpa, aceitou o castigo, sem procurar a própria glória. Louvava o Senhor por causa do bem que possuía, louvava-o devido ao que sofria, bendizia-o em todo tempo, tendo sempre seu louvor nos lábios (cf Sl 33,2). Assim agem os que são retos de coração, mas não os perversos, que se consideram certos e que Deus está errado. Se praticam o mal alegram-se; se sofrem algum mal blasfemam. Além disso, se passam por tribulação e suportam um castigo, dizem em seu coração perverso: Ó Deus, que te fiz? De fato, a Deus nada fizeram; tudo foi contra eles mesmos. “E renova em minhas entranhas um espírito reto”.

16 [13] “Não me expulses de tua presença. Desvia a tua face de meus pecados; e não me expulses de tua presença”. Teme a sua face, contudo a invoca. “Não me expulses de tua presença, nem me retires o teu santo espírito”. Pois, o Espírito Santo está naquele que confessa. Já é um dos dons do Espírito Santo desagradar-te o que fizeste. Os pecados agradam ao espírito imundo, mas causam desprazer ao Santo. Portanto, embora ainda peças perdão, de outro lado, por te desagradar o mal que cometeste, te unes a Deus. Então, desagrada-te o mesmo que a ele. Já são dois para acabar com tua febre: tu e o médico. Uma vez que não é possível haver confissão e castigo do pecado no homem, provenientes de si mesmo, vem de um dom do Espírito alguém se penitenciar e ter horror do pecado. O salmo não diz: Dá-me teu santo espírito, mas: “não retires de mim. Nem me retires o teu santo espírito”.

17 [14] “Restitui-me a alegria de tua salvação”. Restitui a alegria que eu tinha e perdera com o pecado. “Restitui-me a alegria de tua salvação”, a saber, de teu Cristo. Pois, quem ficou curado sem seu auxílio? Mesmo antes de nascer de Maria, no princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus (cf Jo 1,1). Os santos pais acreditavam na futura encarnação do mesmo modo que nós nela acreditamos, depois de realizada.

Variaram os tempos, não a fé. “Restitui-me, depois de tua salvação e sustenta-me com o espírito principal”. Alguns viram neste trecho uma referência a Deus Trino, executando-se a encarnação; pois está escrito: “Deus é espírito” (Jo 4,24). Parece que a um ser que não é corpo só lhe resta ser espírito. Alguns, portanto, são de opinião de que aqui se trata da Trindade[1]: “espírito reto” aludiria ao Filho, “espírito santo” seria o Espírito Santo, e “espírito principal” seria o Pai. Quer se adote este parecer, quer se aplique a expressão: “Espírito reto” ao próprio homem dizendo: “Renova em minhas entranhas um espírito reto” (pois o pecado o curvou e distorceu; enquanto “espírito principal” seria o Espírito Santo, que o homem pede não se retire, mas ao invés, o confirme) nem uma nem outra dessas opiniões é herética.

18 15 Mas, vede o acréscimo: “Sustenta-me com o espírito principal”. Em que tu “me sustentas”? Uma vez que me perdoaste, que estou certo de que não são atribuídos a mim mesmo os teus dons, por isto fico tranquilo; e por esta graça confirmado, não serei ingrato. Que farei, então? “Ensinarei aos maus os teus caminhos”. Eu, um ex-malvado, ensinarei aos malvados; quero dizer, fui também eu iníquo, mas já não o sou, nem o Espírito Santo de mim se retirou, e fui sustentado pelo espírito principal, por isso, “ensinarei aos maus os teus caminhos”. Quais ensinarás? “E a ti se converterão os ímpios”. Se o pecado de Davi for atribuído à impiedade, os ímpios não percam a esperança, porque Deus perdoou ao ímpio; contanto que se convertam, que aprendam os seus caminhos. Se, porém, não for atribuído à impiedade o pecado de Davi, mas propriamente for denominada impiedade a apostasia, o fato de deixar de adorar o único Deus (nunca ter adorado, ou ter deixado de fazê-lo), refere-se ao cúmulo dos pecados a frase: “E a ti se converterão os ímpios”. Deus é de tal maneira cheio de misericórdia que não se deve perder a esperança a respeito de nenhum pecador, nem mesmo dos ímpios que a ele se convertem. “E a ti se converterão os ímpios”. De que forma? Que seja reputada como justiça a fé dos que creem naquele que justifica o ímpio (cf Rm 4,5).

19 16 “Livra-me da mancha dos sangues, ó Deus, Deus de minha salvação”. O tradutor latino verteu literalmente do grego. Todos sabemos que em latim não se emprega a palavra sangue no plural. No entanto em grego verteram no plural, não por acaso, mas porque assim se acha no original hebraico. O piedoso tradutor preferiu empregar uma palavra menos latina do que menos literal. Por que foi dito no plural: “dos sangues”? Com a expressão: sangues, como na origem da carne de pecado, quis o salmista dar a entender muitos pecados. O Apóstolo, considerando os pecados provenientes da corrupção da carne e do sangue, disse: “A carne e o sangue não podem herdar o reino de Deus” (1Cor 15,50). Efetivamente, segundo a fé verdadeira professada pelo mesmo Apóstolo, a carne ressurgirá e receberá a incorruptibilidade, conforme ele diz: “É necessário que este ser corruptível revista a incorruptibilidade e que este ser mortal revista a imortalidade” (1Cor 15,53). Como a corrupção origina-se do pecado, com este mesmo nome se designa o pecado, da mesma forma que se chama língua aquele pedaço de carne, aquele membro que se move dentro da boca, ao proferirmos as palavras, e

também língua a locução que precisa da língua para se exercer, por exemplo, a língua grega, a língua latina. A carne é igual, o som é diferente. Por conseguinte, como se chama língua aquilo que se fala empregando a língua, assim se chama sangue a iniquidade que se faz por meio do sangue. O salmista, portanto, atendendo as suas muitas iniquidades, disse mais acima: “Apaga a minha iniquidade”; e atribuindo-a à corrupção da carne e do sangue, pede: “Livra-me da mancha dos sangues”, a saber, livra-me das iniquidades, purifica-me de toda corrupção. Anela pela incorruptibilidade aquele que diz: “Livra-me da mancha dos sangues, porque a carne e o sangue não podem herdar o reino de Deus, nem a corrupção a incorruptibilidade. Livra-me da mancha dos sangues, ó Deus, Deus de minha salvação”. Mostra que, quando a salvação for perfeita no corpo, não haverá mais corrupção, significada pelos nomes de carne e sangue; será a perfeita saúde do corpo. Pois, agora como pode ser sadio o que deslisa, sofre necessidades, sente uma espécie de doença contínua com a fome e a sede? Tudo isso, então, não existirá mais. Os alimentos são para o ventre e o ventre para os alimentos. Deus, porém, destruirá estes e aqueles (cf 1Cor 6,13). Deus dará ao corpo uma forma acabada, quando a morte for absorvida pela vitória (cf 1Cor 15,54), e não restar mais corrupção, nem defeito, nem mudança de idade, nem cansaço de trabalho que exige reforço de alimento, ou refeição. Mas não estaremos sem alimento ou bebida, pois o próprio Deus será nosso alimento, nossa bebida. Somente este alimento nos refaz, sem se consumir. “Livra-me da mancha dos sangues, ó Deus, Deus de minha salvação”. Agora já estamos num regime de salvação. Ouve o que diz o Apóstolo: “Somos salvos em esperança”. Vê que ele tratava da salvação do corpo: “Gememos interiormente, suspirando pela redenção do nosso corpo. Pois fomos salvos em esperança; e ver o que se espera, não é esperar. Acaso alguém espera o que vê? E se esperamos o que não vemos é na perseverança que o aguardamos” (Rm 8,23.25). Aquele que perseverar até o fim — trata-se da paciência — esse será salvo — a salvação que ainda não temos, mas haveremos de ter. Ainda não veio a realidade, mas a esperança é segura (cf Mt 10,22; 24,13). “E minha língua celebrará com exultação a tua justiça”.

20 [17] “Abrirás, ó Senhor, os meus lábios, e a minha boca anunciará o teu louvor”. “Teu louvor”, porque fui criado; “teu louvor”, porque não fui abandonado quando pequei; “teu louvor”, porque fui admoestado a que confessasse; “teu louvor”, porque fui purificado para estar em segurança. “Abrirás os meus lábios, e a minha boca anunciará o teu louvor”

21 [18.19] “Pois se quisesses um sacrifício, de certo eu o ofereceria”. Davi vivia no tempo em que se ofereciam a Deus sacrifícios de animais, mas ele via o futuro. Não nos reconhecemos nestas palavras? Aqueles sacrifícios eram figurados e prenunciavam o único sacrifício salutar. No entanto, não ficamos sem vítima a oferecer a Deus. Ouve o que diz o salmista, preocupado com o seu pecado, e querendo ser perdoado do mal que fez: “Pois se quisesses um sacrifício, de certo eu o ofereceria. Não te comprazes em holocaustos”. Então nada ofereceremos? E assim nos apresentaremos diante de Deus? E como o aplacaremos? Oferece; pois, de fato, tens em ti o que oferecer. Não é preciso

adquirir incenso fora, mas dize: “Em mim, ó Deus, estão os votos de louvor que cumprirei”. Não procures exteriormente um animal para imolares, porque tens dentro de ti o que imolar. “Sacrifício a Deus é o espírito contrito; ao coração arrependido e humilhado Deus não despreza”. Certamente despreza um touro, um cabrito, um carneiro; em nossa época não devem mais ser oferecidos. Eram apresentados quando indicavam ou prometiam algo; mas a realidade prometida já chegou, e as promessas acabaram. “Ao coração contrito e humilhado Deus não despreza”. Como sabeis, Deus é altíssimo; se te exaltares, afastar-se-á de ti; se te humilhares, aproximar-se-á de ti.

22 [20] Vede quem pronuncia estas palavras. Parecia que era apenas Davi a rezar. Vede aí nossa imagem e o tipo da Igreja. “Senhor, em tua bondade, derrama sobre Sião teus benefícios”. Derrama teus benefícios sobre esta Sião. Qual? A cidade santa. Qual é? A que não pode ficar escondida, porque situada sobre um monte (cf Mt 5,14). Sião, como posto de observação, porque vê algo do que espera. Sião se interpreta: observação, e Jerusalém: visão de paz. Reconheceis que vos achais em Sião e em Jerusalém, se esperais com segurança o objeto futuro de vossa esperança, e se tendes paz com Deus. “E reedifica os muros de Jerusalém. Senhor, em tua bondade, derrama sobre Sião teus benefícios; reedifica os muros de Jerusalém”. Não pense Sião que tem merecimentos por si mesma; tu, Senhor, derrama sobre ela teus benefícios. “Reedifica os muros de Jerusalém”. Construam-se as defesas de nossa imortalidade, na fé, esperança e caridade.

23 [21] “Aceitarás então o sacrifício de justiça”. Agora, porém, o sacrifício é por causa da iniquidade, isto é, o de um coração contrito e humilhado. Então, será o sacrifício de justiça, somente o louvor. Felizes os que habitam em tua casa. Louvar-te-ão pelos séculos dos séculos — eis o sacrifício de justiça (Sl 83,5). “As oblações e os holocaustos”. Que são holocaustos? São os sacrifícios inteiramente consumidos pelo fogo. Chamava-se holocausto o sacrifício em que todo o animal era colocado sobre o altar para ser consumido pelo fogo. Que o fogo divino nos consuma inteiramente, e aquele calor nos abrase. Qual? “Ninguém se subtrai a seu calor” (Sl 18,7). Qual calor? Aquele a que se refere o Apóstolo: “Fervorosos de espírito” (Rm 12,11). Não somente a nossa alma seja consumida por aquele fogo divino da sabedoria, mas também o nosso corpo a fim de merecer a imortalidade. O holocausto vá a tal ponto que a morte seja absorvida pela vitória. “As oblações e os holocaustos. Então se oferecerão novilhos sobre teu altar”. De onde “os novilhos”? Qual a opção? A inocência da nova idade, ou o pescoço livre do jugo da Lei?

24 Em nome de Cristo, terminamos o salmo, talvez não como o desejaríamos, mas conforme pudemos. Pouco resta a vos dizer, irmãos, por causa dos males entre os quais vivemos. Estando no meio das vicissitudes humanas, não podemos nos alhear das coisas humanas. Temos de viver com tolerância no meio dos maus, pois quando éramos maus, os bons nos suportaram. Se não olvidarmos o que fomos, não perderemos a esperança acerca daqueles que agora são o que nós fomos. Todavia, caríssimos, sendo tão grande a diversidade dos costumes e tão detestável a corrupção, governai bem a vossa casa,

orientai vossos filhos, vossa família. Como nos compete falar-vos na Igreja, assim tendes o dever de fazer o mesmo em vossas casas, para poderdes prestar contas exatas dos que vos estão sujeitos. Deus ama a disciplina. É perversa e falsa inocência relaxar as rédeas dos pecados. É muito inútil, muito perniciosa a mansidão do pai para com o filho, que depois há de sentir a severidade de Deus; e isto, não ele sozinho, mas com o pai negligente. E então? Se o próprio pai não peca e não age como o filho, nem por isso há de proibir a maldade do filho? Acaso não pensará o filho que o pai faria de igual modo que ele, se não fosse velho? O pecado do filho que não te desagrada, te deleita; portanto, foi a idade e não o desejo que abandonou o pecado. Principalmente, meus irmãos, cuidai dos filhos que se tornaram fiéis, pelos quais respondestes para que fossem batizados. Mas se, por acaso, o filho malvado não atender aos avisos do pai, ou às censuras, ou à severidade? Faze a tua parte. Dele há de exigir Deus a sua.

1 Cf Jerôn. Comentário à carta aos Gálatas, 4,6 - P. L. 26, 399 c.

Coleção **PATRÍSTICA**

1. Padres Apostólicos, Clemente Romano – Inácio de Antioquia – Policarpo de Esmirna – Pseudo-Barnabé – Hermas – Pápias – Didaqué

2. Padres Apologistas, Carta a Diogneto – Aristides – Taciano – Atenágoras – Teófilo – Hérmias

3. Apologias e Diálogo com Trifão, Justino de Roma

4. Contra as heresias, Ireneu de Lião

5. Explicação dos símbolos (da fé) – Sobre os sacramentos – Sobre os mistérios – Sobre a penitência, Ambrósio de Milão

6. Sermões, Leão Magno

7. A Trindade, S. Agostinho

8. O livre-arbítrio, S. Agostinho

9/1. Comentário aos Salmos (Salmos 1-50), S. Agostinho

9/2. Comentário aos Salmos (Salmos 51-100), S. Agostinho

9/3. Comentário aos Salmos (Salmos 101-150), S. Agostinho

10. Confissões, S. Agostinho

11. Solilóquios – A vida feliz, S. Agostinho

12. A Graça (I), S. Agostinho

13. A Graça (II), S. Agostinho

14. Homilia sobre Lucas 12 – Homilias sobre a imagem do homem – Tratado sobre o Espírito Santo, Basílio de Cesareia

15. História eclesiástica, Eusébio de Cesareia

16. Os bens do matrimônio – A santa virgindade consagrada – Os bens da viuvez: Cartas a Proba e a Juliana, S. Agostinho

17. A doutrina cristã, S. Agostinho

18. Contra os pagãos – A encarnação do Verbo – Apologia ao imperador Constâncio – Apologia de sua fuga – Vida e conduta de S. Antão, S. Atanásio

19. A verdadeira religião – O cuidado devido aos mortos, S. Agostinho

20. Contra Celso, Orígenes

21. Comentário ao Gênesis, S. Agostinho

22. Tratado sobre a Santíssima Trindade, S. Hilário de Poitiers

23. Da incompreensibilidade de Deus – Da Providência de Deus – Cartas a Olímpia, S. João Crisóstomo

24. Contra os Acadêmicos – A Ordem – A grandeza da Alma – O Mestre, S. Agostinho

25. Explicação de algumas proposições da Carta aos Romanos / Explicação da Carta aos Gálatas / Explicação incoada da Carta aos Romanos, S. Agostinho

26. Examerão – os seis dias da criação, S. Ambrósio

27/1. Comentário às Cartas de São Paulo/1 – Homilias sobre a Carta aos Romanos – Comentário sobre a Carta aos Gálatas – Homilias sobre a Carta aos Efésios, S. João Crisóstomo

27/2. Comentário às Cartas de São Paulo/2 – Homilias sobre a Primeira Carta aos Coríntios – Homilias sobre a Segunda Carta aos Coríntios, S. João Crisóstomo

27/3. Comentário às Cartas de São Paulo/3 – Homilias sobre as cartas: Primeira e Segunda a Timóteo, a Tito, aos Filipenses, aos Colossenses, Primeira e Segunda aos Tessalonicenses, a Filemon, aos Hebreus, S. João Crisóstomo

28. Regra Pastoral, S. Gregório Magno

29. A criação do homem / A alma e a ressurreição / A grande catequese, S. Gregório de Nissa

30. Tratado sobre os Princípios, Orígenes

31. Apologia contra os livros de Rufino, S. Jerônimo

32. A fé e o símbolo / Primeira catequese aos não cristãos / A disciplina cristã / A continência, S. Agostinho

Direção Editorial
Claudiano Avelino dos Santos

Coordenação de desenvolvimento digital
Erivaldo Dantas

Título original
Enarrationes in psalmos

Tradução
Monjas beneditinas
Mosteiro de Maria Mãe do Cristo - Caxambu (MG)

Introdução
Roque Frangiotti

Os manuscritos, mesmo os mais antigos, usam diversos títulos. Encontram-se, quase sem diferença: exposição, sermão, tratado, além de, algumas vezes, comentários e explanação. Contudo, tratado se reserva de ordinário a verdadeiros sermões, e é esta a verdadeira tradição, atestada por Possídio.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)
Agostinho, Santo, Bispo de Hipona, 354-430.
Comentário aos Salmos / Santo Agostinho; revisão de H. Dalbosco. — São Paulo: Paulus, 1997. (Patrística).

Título original
Enarrationes in psalmos.

Contéudo
Salmos 1-50.

eISBN 9788534938839

1. Agostinho, Santo, Bispo de Hipona, 354-430 2. Bíblia. A.T. Salmos — Comentários I. Dalbosco, Honório, II. Série.
96-1495 CDD-223.207

Índices para catálogo sistemático
1. Salmos : Comentários : Antigo Testamento 223.207

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 • São Paulo (Brasil)

Hildegarda de Bingen
Scivias
(Scito Vias Domini)
Conhece os caminhos do Senhor
PAULUS

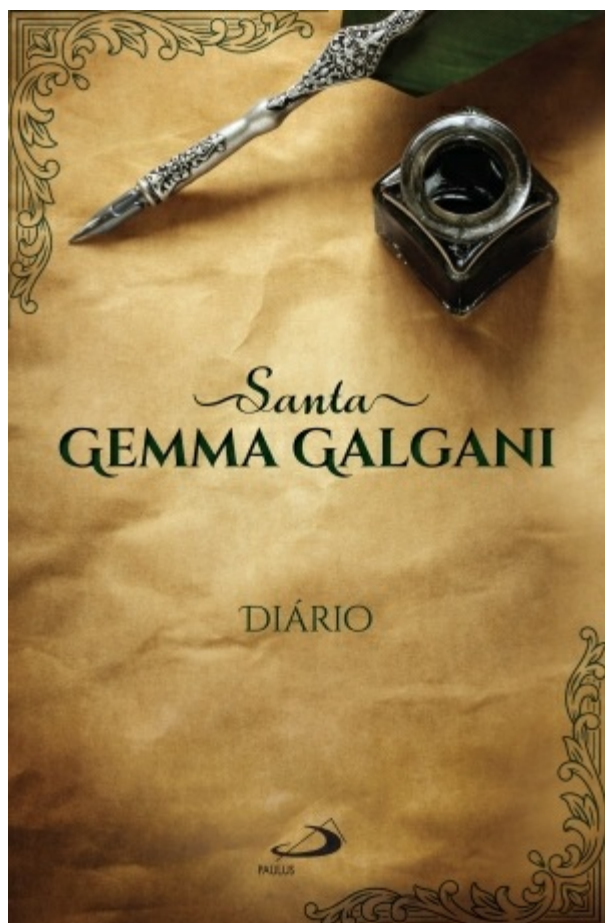
Scivias

de Bingen, Hildegarda
9788534946025
776 páginas

Compre agora e leia

Scivias, a obra religiosa mais importante da santa e doutora da Igreja Hildegarda de Bingen, compõe-se de vinte e seis visões, que são primeiramente escritas de maneira literal, tal como ela as teve, sendo, a seguir, explicadas exegeticamente. Alguns dos tópicos presentes nas visões são a caridade de Cristo, a natureza do universo, o reino de Deus, a queda do ser humano, a santifi cação e o fi m do mundo. Ênfase especial é dada aos sacramentos do matrimônio e da eucaristia, em resposta à heresia cátara. Como grupo, as visões formam uma summa teológica da doutrina cristã. No fi nal de Scivias, encontram-se hinos de louvor e uma peça curta, provavelmente um rascunho primitivo de Ordo virtutum, a primeira obra de moral conhecida. Hildegarda é notável por ser capaz de unir "visão com doutrina, religião com ciência, júbilo carismático com indignação profética, e anseio por ordem social com a busca por justiça social". Este livro é especialmente significativo para historiadores e teólogas feministas. Elucida a vida das mulheres medievais, e é um exemplo impressionante de certa forma especial de espiritualidade cristã.

Compre agora e leia

Santa
GEMMA GALGANI
DIÁRIO
PAULUS

Santa Gemma Galgani - Diário

Galgani, Gemma

9788534945714

248 páginas

Primeiro, ao vê-la, causou-me um pouco de medo; fiz de tudo para me assegurar de que era verdadeiramente a Mãe de Jesus: deu-me sinal para me orientar. Depois de um momento, fiquei toda contente; mas foi tamanha a comoção que me senti muito pequena diante dela, e tamanho o contentamento que não pude pronunciar palavra, senão dizer, repetidamente, o nome de 'Mãe'. [...] Enquanto juntas conversávamos, e me tinha sempre pela mão, deixou-me; eu não queria que fosse, estava quase chorando, e então me disse: 'Minha filha, agora basta; Jesus pede-lhe este sacrifício, por ora convém que a deixe'. A sua palavra deixou-me em paz; repousei tranquilamente: 'Pois bem, o sacrifício foi feito'. Deixou-me. Quem poderia descrever em detalhes quão bela, quão querida é a Mãe celeste? Não, certamente não existe comparação. Quando terei a felicidade de vê-la novamente?

Compre agora e leia

DOCAT
Como agir?

DOCAT

Vv.Aa.

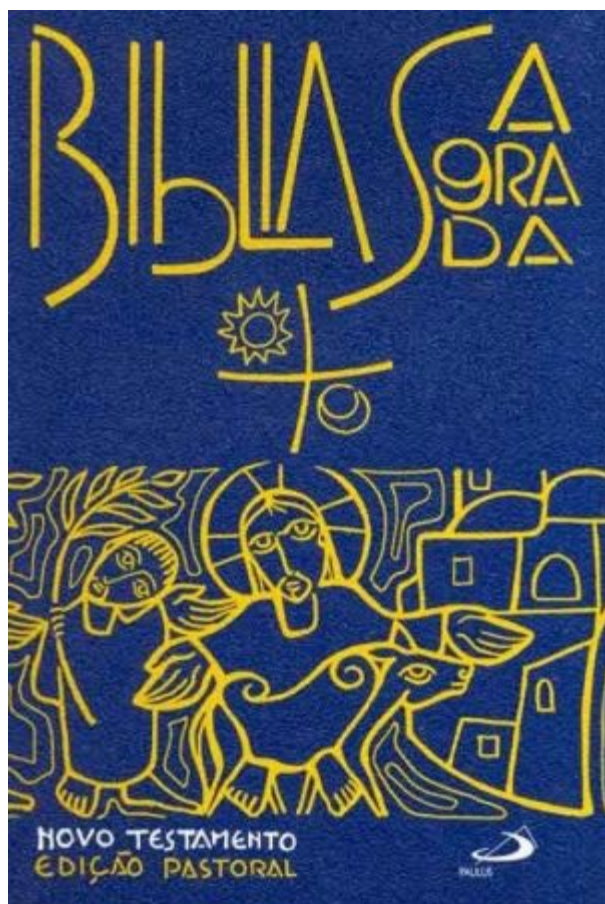
9788534945059

320 páginas

Compre agora e leia

Dando continuidade ao projeto do YOUCAT, o presente livro apresenta a Doutrina Social da Igreja numa linguagem jovem. Esta obra conta ainda com prefácio do Papa Francisco, que manifesta o sonho de ter um milhão de jovens leitores da Doutrina Social da Igreja, convidando-os a ser Doutrina Social em movimento.

Compre agora e leia

BIBLIA SAGRADA
NOVO TESTAMENTO
EDIÇÃO PASTORAL

Bíblia Sagrada: Novo Testamento - Edição Pastoral

Vv.Aa.

9788534945226

576 páginas

Compre agora e leia

A Bíblia Sagrada: Novo Testamento - Edição Pastoral oferece um texto acessível, principalmente às comunidades de base, círculos bíblicos, catequese e celebrações. Com introdução para cada livro e notas explicativas, a proposta desta edição é renovar a vida cristã à luz da Palavra de Deus.

Compre agora e leia

LEE MARTIN MCDONALD
A origem da Bíblia
Um guia para os perplexos
PAULUS

A origem da Bíblia

McDonald, Lee Martin

9788534936583

264 páginas

Compre agora e leia

Este é um grandioso trabalho que oferece respostas e explica os caminhos percorridos pela Bíblia até os dias atuais. Em estilo acessível, o autor descreve como a Bíblia cristã teve seu início, desenvolveu-se e por fim, se fixou. Lee Martin McDonald analisa textos desde a Bíblia hebraica até a literatura patrística.

Compre agora e leia

Índice